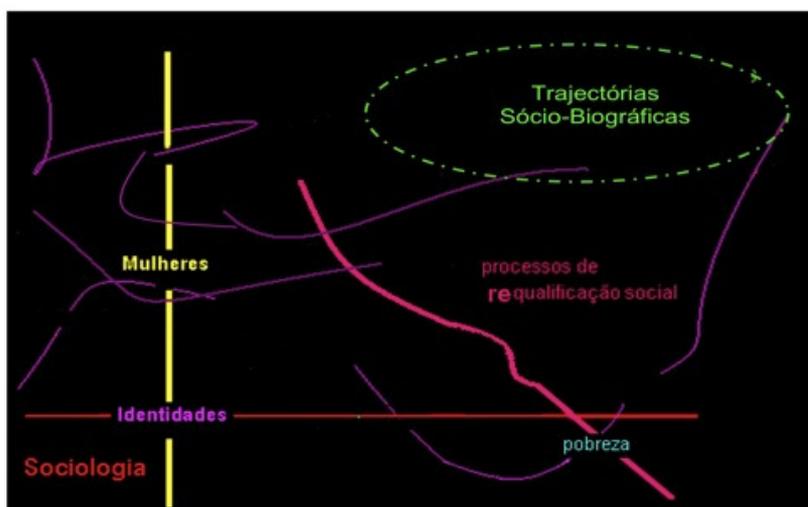


INSTITUTO SUPERIOR DE CIENCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

SOCIOLOGIA DAS IDENTIDADES, OFÍCIO DE *REVELAÇÃO*:

**EXEMPLARES FORMAS DE VIDA — TESTEMUNHOS DE MULHERES
EM LUTA PELA REQUALIFICAÇÃO SOCIAL**



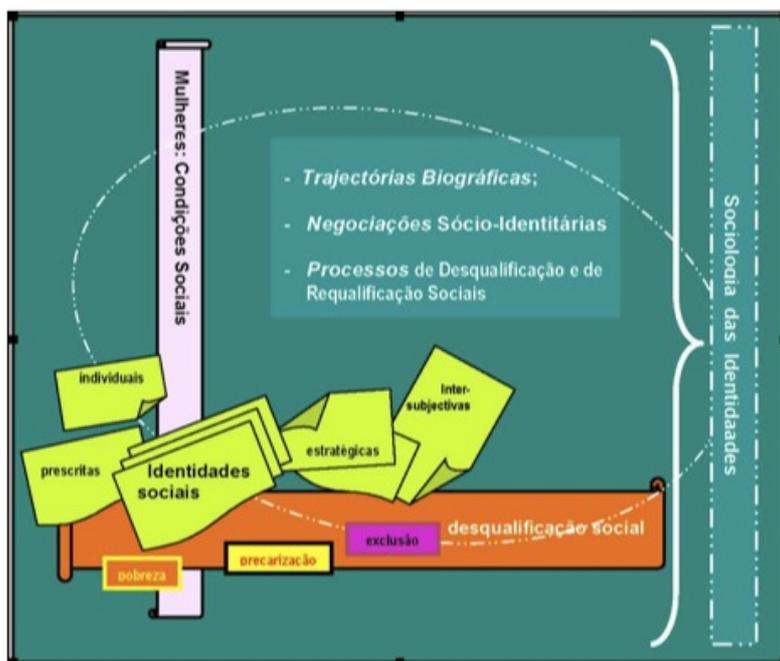
Maria de Fátima Toscano

ISCTE

1.^a impressão: Julho, 2008; re-impressão: Junho 2010

Todos os direitos reservados a maria toscano – figuras - e - Impressão e Acabamento - a **Bookpaperdesign.**

FIGURA 1 – GRELHA ANALÍTICA DA PESQUISA



“Enquanto se aguarda por teorizações mais avançadas na explicitação desta relação entre o sistema e os actores (...), vamos desenvolvendo formas de investigação que procuram o sentido da acção colectiva, isto é, conhecer os sentidos e as racionalidades que fazem cada um agir e, por via disso, produzir a sociedade onde todos vivemos. É o aprofundamento dessa racionalidade cultural que permitirá conhecer as formas de produção da sociedade e os contornos da mudança social. Esse conhecimento daria ao cientista social um enorme campo de intervenção e de interacção com os actores sociais.”

Isabel Carvalho Guerra 2006.

Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso.
Estoril: Principia Editora [formatação nossa].

*Às Mulheres cujas vidas foram e são lições de luta
pela subjectivação implicada
na requalificação social,
dedico o trabalho de campo desta pesquisa*

*Aos Homens cujas vidas foram e são lições de luta
pela construção reflexiva
da requalificação pela social,
dedico o trabalho de gabinete desta pesquisa.*

*Às/Aos Mestres que me ensinaram
e ensinam
a ser caminhante
de um caminho que apenas se faz, caminhando,
dedico a semente de maturação que plantei com esta pesquisa.*

Aos que Têm Sabido Amar-me.

*E
a todos e todas os que vivem conformados, silenciosos ou ensimesmados
ante a mentira e
o baço brilho
da “integração” e do “sucesso” que desqualificam,
dedico
a Radical Alegria
a Íntima Serenidade e
a Inserenável Força Identitária
com as quais,
sei bem,
me cumpre prosseguir neste Ofício,
de Revelação.*

Coimbra, em Casa, a 5 de Janeiro de 2008

Todas as teses – sabêmo-lo – têm uma história; inscrevem-se na história particular de seus autores, radicada, por sua vez, numa História mais ampla; e deram azo a, inúmeras, pequeníssimas *historietas*.

Por isso não posso deixar de **agradecer em primeiro lugar**, e *muito reconhecidamente*, à “*minha*” *Orientadora* de Trabalhos da Disciplina de Sociologia Urbana, em 1985/86, na Licenciatura do ISCTE; e da Dissertação de Mestrado em *Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa* na Universidade Nova de Lisboa (FCSH - Dep. de Sociologia: 1993); e “*minha*” *Supervisora* no início do percurso profissional (Curso de Formação Profissional da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1987/88; Projecto nº 92 do IIº Programa Europeu de Luta Contra a Pobreza, 1988/89); a Professora Doutora Isabel Guerra.

Seguidamente, agradeço a meus familiares, formais e informais, pois todos foram um apoio indizível a vários níveis: tempo de escuta, refeições, boleias, tempo de escuta, trabalho de *tarefeiro*, tempo de escuta, afectos... Uma palavra especial a quem me ensinou a ler a palavra: minha mãe.

E, em terceiro lugar, agradeço às quatro dezenas de mulheres que contactei para o *Processo Biográfico* desta pesquisa, e a todos os Profissionais-Mediadores do mesmo.

Agradeço também:

À minha primeira Professora da Escola Primária, sempre motivadora; e à segunda que me obrigou a treinar competências cada vez mais úteis na actualidade quando, em pleno Estado Novo, a meio do ano lectivo em que mudei de terra e de escola, no 1º dia de aulas dia me recambiou para a fila de carteiras dos “alunos burros” porque na fila dos “bons” estava a sua filha e, logo atrás, a filha do médico lá do sítio (embora depressa me tivesse que me mudar de fila, coitada!).

A todas/os as/os Autoras/es Clássicas/os e Contemporâneas/os que me ensinam a observar, contextualizar, relacionar, interpretar, agir, sentir, sonhar, imaginar, desejar e perguntar.

Aos Conselhos Directivo, Científico e Pedagógico do Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra, pela solidariedade institucional que me manifestaram, especificamente nas Pessoas dos Professores Doutores Carlos Amaral Dias e Amadeu Carvalho Homem, e do Mestre Brito Xavier.

A todos/as os/as fabulosos/as Professores/as que tive o privilégio de ter – em especial aos da casa-mãe ISCTE – pelo Saber, pelo Método, pelo Saber, pela Criatividade, pela sua Exigência e o seu Modelo e o seu Saber; e pelo Estímulo que **todos/as sempre** me deram. Aos meus colegas do ISMT (e de todos os meus outros múltiplos empregos, desde os 17 anos), principalmente aos que mais de perto me acompanharam neste processo: é que esta tese não foi *um parto difícil*, teve, sim uma *dolorosa gestação* – que o parto, esse, foi um alívio! Aos meus alunos, em especial àqueles que discorda(v)am e discute(ia)m os conteúdos em leccionação, numa afirmação de cidadania activa e aprendizagem (em rarefacção?) tão gratificantes para o trabalho de Docente. Às *Seis Magníficas* Investigadoras que comigo trabalharam (1997/98), sobretudo à Dr^ª. e Amiga M^ª. João Raposo de Sousa (incontáveis e impagáveis amizade e jantares, e gargalhadas, e telefonemas, e estadas da Bruna, e estadas da dona, e...); e ao profissionalismo e assertividade da Mestre Mónica Pimentel.

Aos/às meus/minhas Amigos/os do PSR, do PCP e do PS; e aos outros do *outro lado da bancada* também – os vivos e os que já nos deixaram. Aos Colegas de Ciclo e Liceu (o pessoal do 12º que anualmente almoça em Julho ‘tá incluído!), e do ISCTE que perderam como Amigos. Também aos meus Amores. E às/ aos minhas/meus Amigas/os do País Basco e da Argentina.

À *Mãe Natureza* – em especial, nas criaturas da *Bel-Chiora*, do *Bem-Jasmim*, e da *Bruna Bronca Duracell Marquesa-do-Rego-do-Bonfim*; mas também em todas as plantas cá de casa; e em todas as folhas e todos os troncos de árvores e todas as bolhas de água: no ar, nos céus ou nos mares; em todas as flamas: desde as da minha lareira, até ao *fogo que arde* se não vê mas se sente; e no Sol-Reconfortante e Luminoso; e na Lua-Companheira e Inspiradora; e nas Estrelas e nos Astros que nem imagino que existem.

À *Obra Humana*, nomeadamente pela Invenção-criatividade e fabrico-Habilidade ecológicos (passe a publicidade) das bolachas *Cereal*, dos sumos *Ceres*, dos flocos *Alpen* e do leite ultra-pasteurizado! E da Sojaaa! Da Sojaaa! e do não ecológico tabaco *Karelia Slims* (pub à parte); e dos *clips* e canetinhas, lápis, marcadores de leitura, cademinhos, afiadeiras e material de escritório: liliindos! e da cadeira ergonómica que *me custou os olhos da cara*, e do *rato* de *designer*, multi-funções, que me evitou entorses nos pulsos; e dos CDs! e d’A Música, Sublime Arte! E d’A Poesia, Indizível Arte! Aos/às meus/ minhas leitores/leitoras e editores/ras de Poesia, e a todos os conhecidos nesse âmbito, ou nos das cantigas (ao Mascarenhas!) ou teatro – que muito me motivaram para a produção desta tese. E a todos os proprietários e funcionários dos múltiplos cafés, em Coimbra e na Tocha, por onde fui *pousando* nos *tempos* laborais da «revisão do feito em casa ao computador».

Àqueles/as que, por cansaço ou despiste, não referi mas tenham estado implicados neste processo de pesquisa. Ao-Que-Não-Conheço – pelo que Não Posso nomear. Ao-Que-Conheço mas Não Sei Nomear. E, sem pretensões, nem vaidades, serenamente, agradeço-Me também; porque, na Vida, temos de reavaliar-nos e corrigir-nos, mas temos também de premiar-nos e gratificar-nos.

O/A leitor/a encontrará, no texto que se segue, uma Dissertação Académica. Agradeço pois, ainda, ao/à leitor/a, por acolher este **outro tipo de escrita-conteúdo**, *afectivo* e *expressivo* que também visa – sinceramente e sem qualquer fito manipulatório – enquadrar a pessoa-autora das próximas páginas; e, claro, **desabafar-fechar** a etapa que agora concluo. **A todos, o meu Bem-Haja!**

Todo o trabalho de campo a que se reporta esta dissertação só foi possível porque contou com a atribuição, pelo serviço de bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, de uma Bolsa de Investigação no Estrangeiro de Outubro de 1997 a Março de 1998, período da realização do processo das narrativas em Donosti / País Basco (zona de San Sebastián).

Para a mesma pesquisa concorreram as medidas do PRODEP – facultando a dispensa de trabalho docente da investigadora no ISMT em Coimbra - bem como uma Bolsa de Curta Duração para pesquisa e actualização bibliográfica e documental em Madrid (Espanha), facultada por 3 semanas, em Julho de 1996, pelo serviço de bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian.

RESUMO

Analisa-se *trajectos exemplares* de desqualificação-requalificação social de mulheres seguindo três *perspectivas sociológicas* – *desqualificação social, identidades sociais, lógicas de acção* (integração, interacção, conhecimento-comunicação, utilidade-racionalidade limitadas, negociação-actualização). Discute-se, na tradição dos estudos sobre “pobreza”, a persistência de sete obstáculos epistemológicos e a formulação do problema *pela negativa*.

Problematizando as dicotomias “*identidades prescritas-exteriores-objectivas/assumidas-interiores-subjectivas*” (Marx, Durkheim, Parsons e Bourdieu) e “*pessoal/social*” (Psicologia Social), identificam-se *três problemáticas fundadoras* da *Sociologia das Identidades*: abordagens dicotómicas; interesse pelas lógicas-competências dos actores ante potencialidades/condicionalismos (*situações, relações, interacção, contextos*) sociais; identidades como processos, objectivos e inter-subjectivos, de circunstancialização e temporalização sócio-identitários.

Pelas *biografias* co-construídas – guiadas pela *grounded theory*, através do *método qualitativo da escrita como praxis analítica* e concebendo a Oralidade como “*condição da co-construção da experiência social*” –, identificam-se várias *lógicas de acção* e múltiplos *territórios* sócio-identitários nas *fases de reacção, pela positiva*, à desqualificação, realçando-se as estratégias de *Risco, de Optimismo Realista e Sacrifício Estratégico*.

Conclui-se que os *processos de requalificação sócio-identitária* se processam pela negociação e mobilização de quatro *recursos-capitais: situacionais, disposicionais, contextuais-sociais e de subjectivação*. Conclui-se que as *identidades sociais* são o modo de construção do actor em sujeito, mediante três componentes: interacção (não mero estado/cenário mas modo objectivo, interior e exterior, de negociação); negociação (modo objectivo, interior e exterior, de mobilização identitária); subjectivação (modo inter-subjectivo de construção do sistema de acção). Portanto, e finalmente, conclui-se que na *modernidade tardia* – *sistema de acção intersubjectivo*, co-construído pela “*actualização das Memórias Colectivas*” ou Oralidade – apenas um conhecimento *incorporado, implicado e subjectivado* permite interpretar, sociologicamente, as desigualdades.

PALAVRAS-CHAVE: Pobreza-exclusão, Processos de Desqualificação-Requalificação Social, Sociologia das Identidades, Identidades Sociais, Mulheres, Grounded Theory (análise em emergência), Histórias de Vida, Metodologias Qualitativas, Oralidade, Escrita Analítica, Positivismo, Obstáculos Epistemológicos

ABSTRACT

By the qualitative analysis of desqualification-requalification women live's – guided by the *grounded theory* through the “*writing as an analytical praxis qualitative-method's*” – I follow three sociological *perspectives*: *social desqualification*, *social identities*, *meanings of the social action* (integration, interaction, limited utility-rationality, negotiation, etc). I argue that the “poverty studies tradition's” carry on seven epistemological and positivistic obstacles as well the problem formulation's *on negative terms*. Discussing the oppositions “*determined-external-objectives identities/assumed-internal-subjectives identities*” (Marx, Durkheim, Parsons e Bourdieu) and “*personal/ social*” (Social Psychology), I identify *three theoretical contributors to the Sociology of the Identities*.

Defining that ‘oral discourses’ are “the condition to co-construct the social experience” I identify, through the co-created biographies, several *meanings of the social action* and *social-identities territory's* implicated on the desqualification reaction fase's – *on positiv terms* – and highlight same identity-strategies (*Risc*, *Optimistic-Realism*, *Strategic-Sacrifice*).

Finally, I underline as central conclusions: i) *the processes of the social-identities requalification's* are improved by the negotiation and the mobilization of four *identity resources-capitals*: the *situational's* one, the *disposicional's*, the *contextual's-societal's*, and the *resource-capitals of subjectivation*; ii) the *social identities* are the way how the social actors becomes a social ‘*sujet*’, considering three components: the interaction (the objectiv way, internal-external, of the negotiation); negotiation (the objectiv way, internal-external, of the identity-mobilization); subjectivation (the inter-subjectiv way of the construction of the action system); iii) at the “later modernity” – conceived as an intersubjectiv action system, also co-created by Orality-Oral Discourses – only one grounded, implicated-engaged and inter-reflexive knowledge may help the sociologists to interpretate the social inequalities.

KEY-WORDS: Poverty-social exclusion, Social Desqualification-Requalification Processes, Sociology of the Identities, Social Identities, Women, Live Storie's, Grounded Theory, Qualitative Methodologies, Oral Data, Analitical Wrighting, Positivism, Epistemologic Problems.

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

1. RELATIVAMENTE A ELEMENTOS GRÁFICOS E DE ORGANIZAÇÃO DESTA TESE

Por razões de clareza e de rigor metodológicos apresentam-se aqui, de forma abreviada, os *critérios específicos e pontuais* adoptados na edição e na apresentação gráficas, como na organização formal da presente dissertação, uma vez que as *normas gerais* se encontram estipuladas na directiva do ISCTE «*Normas de apresentação e de harmonização gráfica para dissertações (...) aprovadas pelo Conselho Científico (em 06 de Fevereiro de 2007), em vigor a partir de 01 de Setembro de 2007*».

Também se assinalam as adequações gráficas decorrentes da re-impressão de 2010.

1.1. EDIÇÃO E APRESENTAÇÃO GRÁFICAS

No que respeita à *dimensão* do texto, e devido à centralidade da Análise Documental das, algo extensas, *entrevistas* realizadas no âmbito da Metodologia Qualitativa da presente Pesquisa Sociológica – a qual obriga a *transcrever completamente* as mesmas, e a *apresentar esta transcrição apenas ao corpo do texto* (de modo a permitir a aferição do trabalho analítico-interpretativo desenvolvido) –, adoptou-se a orientação para dispor de um *número máximo de páginas não superior «a 350 páginas nos doutoramentos, excluindo bibliografia e anexos.»* («*Normas...*», p. 2).

Nesta sequência, fizeram-se duas *opções de formatação*:

1^a - na *formatação da letra* do *texto* e das *notas de pé-de-página* optou-se, predominantemente, pelo clássico *sublinhado* (restringindo-se o recurso ao “**bold**”) para salientar *expressões* ou *afirmações*:

2^a - na *formatação da letra* de *citações* usou-se o “*itálico*” – sendo a *transcrição* das referidas citações predominantemente «*feita como se apresenta no documento*» («*Normas...*», p. 4), do mesmo modo que os casos excepcionais das *citações traduzidas*, por motivos de clareza *expositiva*, são claramente anotados pela devida abreviatura (trad. n.);

Quanto à *edição* de todo o *texto* – quer no *corpo de texto* e respectivas *notas-de-pé-página*, quer nos outros componentes da dissertação – optou-se *i*) pela *hifenização* das palavras; *ii*) pelo recurso a *dois estilos de parágrafo* apenas no que refere ao *avanço das linhas*, a saber: o parágrafo com *menor* avanço das linhas, corresponde à *exposição* e/ou *descrição* de conteúdos; o parágrafo com *maior* avanço de linhas, destaca e/ou sistematiza e/ou estabelece “o ponto-da-situação” dos argumentos em exposição; como também permite articular pontos e capítulos.

1.2. ORGANIZAÇÃO FORMAL

De acordo com a *regra geral de impressão da dissertação* que contempla a divisão do texto «*em capítulos/ secções com numeração árabe*» – In «*Normas...*», p. 3 (iii) – a estrutura inicial do texto (três *Partes* internamente subdivididas em Capítulos – cf. Sousa, 1998, 64; Azevedo e Azevedo, 1998, 64) foi reformulada naqueles termos. Portanto, a tese apresenta-se organizada em três grandes Capítulos (CAPÍTULO UM, DOIS e CAPÍTULO TRÊS) com respectivas secções e pontos, também naqueles termos numerados. Porém, devido à lógica analítica e expositiva de toda a pesquisa e do presente texto que a relata, não podiam nivelar-se com o mesmo estatuto (secções e pontos) conteúdos de cada Capítulo que se configuram como grandes sub-Capítulos. Pelo que se optou por distinguir *Partes* no interior de cada CAPÍTULO, em numeração árabe (1.^a, 2.^a, etc. . .), resultando assim a *organização geral do corpo do texto*:

- INTRODUÇÃO GERAL da dissertação;

- CAPÍTULOS UM e DOIS: compostos por uma INTRODUÇÃO; uma 1.^a Parte (e respectivas secções e pontos); uma 2.^a

Parte (e respectivas secções e pontos); e uma CONCLUSÃO;

- CAPÍTULO TRÊS: também composto por uma INTRODUÇÃO por 5 Partes (e respectivas secções e pontos) e por uma CONCLUSÃO;

- CONCLUSÃO FINAL da dissertação.

A já referida especificidade metodológica da presente pesquisa ainda nos colocou ante a *distinção metodológica* (Sousa 1998, 66-67; Azevedo e Azevedo 1998, 87) entre *Anexos* e *Apêndices*:

i) «*Anexos*»: compilação de elementos que não são da responsabilidade do autor da obra – no presente caso, a investigadora que redigiu esta dissertação; e

ii) «*Apêndices*»: elementos construídos e/ou re-elaborados (*p.ex.*: comentados) pelo autor da obra – no presente caso, a investigadora que redigiu esta dissertação.

Constatando que todos os elementos que não integram o corpo do texto desta dissertação apresentam e cum-prem, exclusivamente, os requisitos de *ii*), optou-se por englobá-los numa única *parte* da dissertação titulada como *Anexo* (conforme previsto nas «*Normas...*» supra-citadas).

O leitor encontrará, então, um único *Anexo Metodológico* que se compõe, internamente, pelos diferenciados *Apêndices*, devidamente listados no respectivo *Índice* e paginados em numeração árabe e autonomamente, de forma a agilizar a sua citação (e, como acima se expôs, a permitir a aferição do trabalho analítico-interpretativo desenvolvido).

Resta acrescentar que, para solucionar outras situações pontuais, se recorreu à bibliografia metodológica supra-citada (Sousa 1998; Azevedo e Azevedo 1998).

2. RELATIVAMENTE À RE-IMPRESSÃO DE JUNHO DE 2010

A re-impressão de Junho de 2010 — na sequência da solicitação, pelo Júri, de esclarecimento dos objectivos da pesquisa até um total de 10 páginas (reunião do Júri de Janeiro de 2010, formalmente comunicada por carta de Fevereiro do mesmo ano) — não abrangendo o Anexo Metodológico, repercutiu-se, sim, nas seguintes adequações gráficas do volume da dissertação, de modo a não ultrapassar o número limite de páginas:

- i) alargamento e extensão da Introdução Geral (de 3) a 7 páginas;
- ii) no Capítulo DOIS: a) alteração e redução da extensão e paginação da respectiva Introdução (agora, das pp. 8 a 12);
b) alteração e redução da extensão e paginação do início da respectiva Primeira Parte (iniciada, agora, na página 13);
- iii) mudança da localização das Figuras 1 e 2;
- iv) mudança do logótipo utilizado há dois anos, nas capas dos volumes agora re-impresos, por alteração e desaparecimento desse logótipo inerente às alterações de estatuto do ISCTE;
- v) actualização do Índice Geral da dissertação;
- vi) actualização desta mesma “Advertência ao Leitor”.

Dedicatória, *i-ii*
Agradecimentos, *iii*
Referência a financiamentos, *iv*
Resumo/Abstract, *v-vi*
Advertência ao Leitor, *vii-viii*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL: O FAZER DESTA TESE,1-7

CAPÍTULO UM - CONSTRUÇÃO DE UMA PROBLEMÁTICA-UTENSÍLIO : IDENTIDADES PRESCRITAS, SINGULARES OU TRANSACÇÕES RELACIONAIS ?,8-102

INTRODUÇÃO: ANDROCENTRISMO E DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL, 8

1. ANDROCENTRISMO— AS DIFERENTES, 8
2. D'«A POBREZA" AOS PROCESSOS DE DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL, 8
 - 2.1. — A tradição é a da visão dicotómica, 9
 - 2.2. — A tradição é a do viés sociocêntrico, 10
 - 2.3. — A tradição já não é o que era?, 12

1.ª PARTE: A TRADIÇÃO DA DICOTOMIA INDÍDUO/SOCIEDADE, 13

1. IDENTIDADES SOCIAIS: VOCAÇÕES DE UM CONCEITO ENTRE MARGENS E CUMPLICIDADES, 13
 - 1.1. — Os Estudos da Identidade na Tradição Reflexiva Ocidental, 13
 - 1.2. — A Identidade—pela relação Indivíduo / Sociedade—já no período formativo da Sociologia, 17
 - 1.2.1. Pela mão da filosofia moderna, distintas leituras da identidade, 17
 - 1.2.2. Ciências Sociais, e Sociologia Positivista, 18
 - 1.2.3. Ciência Sociais, Positivismo e Romantismo, 19
 - 1.2.4. Ciências Sociais e Obstáculos Epistemológicos, 20
2. SOCIOLOGIA, DICOTOMIA INDÍDUO/SOCIEDADE: IDENTIDADES PRESCRITAS?, 21
3. ÉMILE DURKHEIM E A IDENTIDADE MORAL DA POBREZA, 24
 - 3.1. — Anomia, Sanções, Solidariedade e Coesão Sociais, 25
 - 3.2. — Socialização-condicionamento e individualização crescente, 27
4. IDENTIDADES EM PARSONS: DA POBREZA VOLUNTÁRIA À POBREZA HIPER-SOCIALIZADA?, 29
 - 4.1. — Identidades sociais, racionais e voluntárias: gerir a *tensão* herdado/desejado, 30
 - 4.2. — Hiper-socialização culturalista ?, 31
5. K. MARX E P. BOURDIEU : CLASSES, PODER E POSIÇÕES DESIGUALMENTE DOMINADAS, 36
 - 5.1. — Marx: indicador político e sociologismo estrutural das (identidades de) classes, 36
 - 5.2. — *Habitus* e mais-valia simbólica: incorporar, com sentido, a dominação identitária de classe, 42
 - 5.2.1. Socialização em Bourdieu: o simbólico (em última instância?), 43
 - 5.2.2. Ethos de classe e inconsciente individual do *habitus*, 44
6. PSICOLOGIA SOCIAL, SENTIMENTO INDIVIDUAL DE IDENTIDADE E PESSOAL/SOCIAL, 47
 - 6.1. — Do Sentimento Individual de Identidade..., 48
 - 6.2. — ... ao Continuum Dicotómico, 50
 - 6.2.1. Conformismo Identitário, Vazio Social e Identidade Inter-grupal, 50
 - 6.2.2. O modelo da Escola de Bristol, 51

- 1) Conflito, Competição, Identidade e Conduta Inter-grupal: Tajfel e Turner, 51
- 2) Teoria da Categorização do EU, 56

2.ª PARTE: A REQUALIFICAÇÃO DE AGENTE E ACTOREM SUJEITO DE ACÇÃO, 59

1. DO *CONTINUUM* DICOTÓMICO À ORTOGONALIZAÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL-SOCIAL, 59
2. DISPERSÃO DAS LÓGICAS DE ACÇÃO: INTERACÇÃO, 62
 - 2.1. – O Construtivismo Sociológico de G. Simmel e M. Weber, 62
 - 2.1.1. George Simmel: implicação e distanciação sociais, 63
 - 2.1.2. Weber: interpretação subjectiva e acção relacional, 64
 - 2.1.3. Transversalidade da lógica da interacção: em ambos, 65
 - 2.2. – Interacção, Lógica Meadeana da Acção, 65
 - 2.3. – Interacção, Lógica Dramática da Acção face-a-face, 68
3. DISPERSÃO DAS LÓGICAS DE ACÇÃO: CONHECIMENTO E COMUNICAÇÃO, 72
 - 3.1. – Etnometodologia: Comunicação, Intersubjectividade e Inteligibilidade Recíproca, 72
 - 3.2. – Construtivismo Sociológico de Berger e Luckman, 75
4. DISPERSÃO DAS LÓGICAS DE ACÇÃO – UTILIDADE E RACIONALIDADE LIMITADA:
A LÓGICA ESTRATÉGICA DA ACÇÃO?, 78
 - 4.1. – Sistemas de Interacção e *Jogo Racional*: *agregação de acções individuais e efeitos laterais*, 79
 - 4.2. – Actor-Sujeito em Interdependência Colectiva e Interacção: *Incerteza e Racionalidade Limitada*, 81
 - 4.3. – *Racionalidade Limitada e Concorrencial*, Lógica Estratégica do Jogo-Acção, 83
5. O TRABALHO DO SUJEITO: TECER AS LÓGICAS DA ACÇÃO, 86
 - 5.1. – A relação Dominante-Individualista / dominado-colectivista, 86
 - 5.2. – Identidades dominadas: *negativas* e *alterocêntricas*, 88
 - 5.3. – Transacções, Estratégias e Finalidades Identitárias, 89
 - 5.3.1. Processos de prescrição-actualização das identidades sociais, 90
 - 5.3.2. *As finalidades* das identidades estratégicas, 92
6. IDENTIDADES COM CONTORNOS DE MODERNIDADE TARDIA, 96
 - 6.1. – Modernidade Tardia e Sujeito Social, 96
 - 6.2. – Identidade: Experiência Social, 97

CONCLUSÃO: IDENTIDADES, NEGOCIAÇÕES MULTIDIMENSIONAIS, 100

1. VISÃO DICOTÓMICA E VISÃO A-IDENTITÁRIA: CO-RESPONSABILIDADE DA SOCIOLOGIA NAS DUAS LINHAS DE VICIAÇÃO DA ANÁLISE, 100
2. IMAGINAÇÃO E ANÁLISE SOCIOLÓGICAS: MULTIPLICIDADE DO TRABALHO SÓCIO-IDENTITÁRIO DOS SUJEITOS, 101

CAPÍTULO DOIS - O PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA : ORALITURAS E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS EXEMPLARES, 103-142

INTRODUÇÃO – “NO PRINCÍPIO ERA O VERBO”, 104

1. AS RAÍZES DA PRESENTE PRÁTICA DE PESQUISA, 104
 - 1.1. – Interpretação fenomenológica e *observação implicada*, 105
 - 1.2. – *Oralitura*: co-construção e análise sociológica de discursos sociais, 106
 - 1.3. – Analisar o social, *subjectivado* pelas oralidades reflexivas, 107

1.ª PARTE: FUNDAMENTAÇÃO DO PROCESSO DA PESQUISA QUALITATIVA, 110

1. *ESQUELETO* METODOLÓGICO DA PESQUISA, 111
2. MÉTODOS E MÉTODO ESPECÍFICO ADOPTADO: A ESCRITA, PRAXIS ANALÍTICA, 113

2.ª PARTE: PÔR "A SOCIOLOGIA EM ACÇÃO": O PROCESSO BIOGRÁFICO, 117

1. QUE TIPO BIOGRÁFICO? (2º ACTO, PASSO 3), 117
2. CRITÉRIOS-UTENSÍLIO: PRÉVIOS? (2º ACTO, PASSO 3), 119
3. GUIÃO-LEMBRETE, NÚCLEOS CONVERSACIONAIS E TRABALHO DE CAMPO (2º ACTO, PASSO 3), 120
4. PLANIFICAR A CO-CONSTRUÇÃO DOS RELATOS (2º ACTO, PASSO 4a) – 1ª a 5ª ETAPAS, 121

5. CO-CONSTRUÇÃO: ESCUTA ACTIVA E EXAME FENOMENOLÓGICO (2º ACTO, *PASSO 4b*) – 6ª ETAPA, 123
6. DESCRIÇÃO ANALÍTICA E INTERPRETATIVA (3º ACTO, *PASSOS 5 A 7*), 123
 - 6.1. – Transcrição-Tradução da Oralidade (3º ACTO, *PASSO 5*) – 7ª e 8ª ETAPAS, 124
 - 6.2. – Transposição-Rearranjo (3º ACTO, *PASSO 6*), 124
 - 6.2.1. Unidades de Análise e Anotações do *corpus*, 124
 - 1) Princípios da Análise e Unidades (Registo e Contexto), 124
 - 2) Anotação do *corpus*: Regras e Tipos, 128
 - 6.2.2. Procedimentos de Tematização e Categorização, 130
 - 1) Tematização: tipos e operações, 130
 - 2) *Categorização em Emergência*: utensílio da conceptualização, 132
 - 6.2.3. Descrição Analítica: O *Primeiro* Enunciado, *Provisório* (3º ACTO, *PASSO 6a*), 133
 - 6.2.4. Descrição Analítica: A seguir, depurar “o” *Corpus* (3º ACTO, *PASSO 6b*), 135
 - 6.2.5. Descrição Analítica: Constituir definitivamente o *Corpus* (3º ACTO, *PASSO 6c*), 136
 - 6.2.6. Descrição Interpretativa do *corpus* de 11 Relatos (3º ACTO, *PASSO 7*), 136
 7. RECONSTITUIÇÃO-NARRAÇÃO OU CONSTRUÇÃO TEORIZANTE EM EMERGÊNCIA, 4º ACTO, 137
 - 7.1. – Reconfiguração do *Corpus* (4º ACTO, *PASSO 8*) – 13ª Etapa, 138
 - 7.2. – Interpretação Teorizante (4º ACTO, *PASSO 9*) – 14ª Etapa, 138
 - 7.3. – Inquirição a Profissionais de Intervenção Social (4º ACTO, *PASSO 10*) – 15ª Etapa, 138

CONCLUSÃO: DO “FALAR” À FALA, 140

1. PROCESSO BIOGRÁFICO: UMA CONSTRUÇÃO ENTRE 3 ACTORES, 140
2. CONDICIONAMENTOS SÓCIO-CULTURAIS: DOMINAÇÃO INTERIORIZADA E ESTILOS DE VIDA DE TRANSIÇÃO, 140
3. ORALITURA E ABORDAGEM QUALITATIVA, 141

CAPÍTULO TRÊS - ANÁLISE SOCIOLÓGICA EM EMERGÊNCIA DE RELATOS BIOGRÁFICOS EXEMPLARES:

A EXPERIÊNCIA SÓCIO-IDENTITÁRIA DE PROCESSOS DE REQUALIFICAÇÃO SOCIAL, 143-312

INTRODUÇÃO – DA “FALA” AO *SENTIDO EMERGENTE*, 144

- 1.ª PARTE – SARA, *TRÊS EM UM: FÉ NA PRECE E NA SORTE*, SUPORTES DO RISCO ESTRATÉGICO, 145
 1. APRESENTAÇÃO DE SARA, 145
 2. MOMENTO 1 (1954-76): MISÉRIA – ALCOOLISMO, VIOLÊNCIA FAMILIAR E DEPENDÊNCIAS, 146
 - 2.1. – 1.ª Etapa-Ruptura (1962-68): abandono escolar para trabalhar – o *fim* da infância aos 8 anos, 147
 - 2.2. – 2.ª Etapa-Ruptura (1968-76, dos 14 aos 22 anos): Trabalho infantil, *biscates*, esmola e *Risco*, 147
 3. MOMENTO 2 (1976-1980) AOS 22 ANOS: CASAMENTO E RUPTURA ESPACIAL, 149
 - 3.1. – Casamento que leva a Trajecto Migratório, 149
 - 3.2. – 3.ª Etapa-Ruptura (Nov. 1976 - 1980): Melhoria relativa, mobilidade espaço-residencial e conflitualidades, 150
 4. MOMENTO 3 (1980-92), DOS 26 AOS 38 ANOS: DESEMPREGO DO MARIDO, PSD FAMILIAR, 151
 - 4.1. – Dependência, Rupturas Relacionais e Instabilidade, 151
 - 4.2. – 4.ª Etapa-Ruptura Espacial (1980: 6 meses): Galiza, refúgio infernal e separação involuntária do casal, 151
 - 4.3. – 5.ª Etapa-Ruptura (1981-1992): Recomposição Familiar, *Fuga*-Retorno ao PB, 152
 5. MOMENTO 4 (1992-93): COMO O DESALOJAMENTO VEM “A DESGRAÇA” E O 2.º PSD FAMILIAR, 154
 - 5.1. – 6.ª Etapa (1992) aos 38 anos: Ruptura Espaço-Habitacional, 2.º Factor de PSD, 154
 - 5.2. – 7.ª Etapa (1992-1993), aos 38 anos: *sobre-endividamento*, *desnorte* e sacrifício familiares, 155
 - 5.3. – 8.ª Etapa (1993-1996): Doenças e um ano de Baixa do marido – outro *Factor* de PSD familiar, 156
 6. MOMENTO 5 (1993-1996), REINCLUSÃO-REQUALIFICAÇÃO APÓS *PROVAÇÃO DIVINA*, 158
 - 6.1. – 9ª Etapa: Eficácia da *Prece/Fé-Sorte* ou Direitos Sociais?, 158
 - 6.2. – 10ª Etapa (1996): Eficácia da *Prece/Fé*, a *Sorte*-Lotaria, 158
 7. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO E AUTO-CLASSIFICAÇÃO POR SARA, 159
 - 7.1. – Comparação e Classificação Social, 159
 - 7.1.1. Comparação Inter-geracional, 160
 - 1) País natal «*bastante atrasadinho*», 160
 - 2) Trajectória dela face à Família Ascendente, 160

- 7.1.2. Comparação Intra-geracional, 160
 - 7.2. – Auto-Classificação e Auto-Posição Social, 161
 - 7.2.1. Auto-Afirmação Identitária de Sara no Presente, 162
 - 1) Território Identitário Sociabilidades - nível Afectivo-Relacional: Inserção social, 162
 - 2) Território Identitário Sociabilidades - nível Psicológico-Emocional: Perfil Identitário Paradoxal, 163
 - 3) Vector-Enunciado recorrente: a Defesa da Cultura de Origem, 164
 - 8. CATEGORIZAÇÕES DE POBREZA : FACTORES, TIPOS E «LUTAR CONTRA», 164
 - 8.1. – Tipologias de Pobreza, 164
 - 8.2. – Factores de PSD, 165
 - 8.3. – Factores e Medidas de Requalificação, 166
 - 9. CATEGORIZAÇÕES DE *GÉNERO*, 167
 - 9.1. – Factores de Construção dos *Géneros*, 167
 - 9.2. – Comparação Social: Portugueses e Bascos, diferentes *estilos de vida* de *género*, 169
 - 9.3. – Figurino Ideal de Mulher, 170
 - 10. SARA: O FUTURO? NA *SUA* TERRA!, 170
 - 11. SARA: PERFIL E TRANSACÇÕES IDENTITÁRIAS *PARADOXAIS*, 171
- 2.^a PARTE – MONOMARENTALIDADE, ESTRATÉGIA DE REQUALIFICAÇÃO DA CIGANA ESMERALDA, 173**
- 1. APRESENTAÇÃO DE ESMERALDA, 173
 - 2. MOMENTO 1: DE CIDADÃ-INEXISTENTE A SUJEITO SOCIAL – RAÍZES ÉTNICO-CULTURAIS, 173
 - 3. MOMENTO 2 (1990 A MEADOS DE 1991): ESMERALDA, ESPOSA CIGANA, 174
 - 4. MOMENTO 3: O PSD DE ESMERALDA E FASES DE REACÇÃO, 176
 - 4.1. – PSD: 1.^a e 2.^a Etapas (de meados/1991 a Maio/1995) e 1.^a Fase de Reacção, 176
 - 4.2. – O PSD: 3.^a Etapa (Maio a Agosto/1995), 178
 - 4.2.1. Estilo de vida de *Enrância Familiar* e de *Absoluta Destituição*, 178
 - 4.2.2. 2.^a Fase de Reacção ao PSD: *Esmeralda-em reconstrução*, do *Sacrifício Estratégico* à *Consciencialização*, 179
 - 5. MOMENTO 4 (22/AGOSTO/1995 A 1998): DE ACTOR-NÃO CIDADÃ A SUJEITO SOCIAL-MÃE, 181
 - 5.1. – Monomarentalidade, *lógica-estratégica* da *Autonomia* pela *Dependência Institucional*, 181
 - 6. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO E AUTO-CLASSIFICAÇÃO POR ESMERALDA, 183
 - 6.1. – Comparação e Classificação Sociais, 183
 - 6.1.1. Comparação Inter-geracional - vida dela e dos irmãos, 183
 - 6.1.2. Comparação Intra-geracional - Re-Avaliação do PSD/R e da Trajectória: A Requalificação Conquistada após a separação, 184
 - 7. CATEGORIZAÇÕES DE POBREZA: FACTORES, TIPOS E «LUTAR CONTRA», 184
 - 7.1. – Factores de Pobreza, 184
 - 7.2. – Factores e Medidas de Requalificação Social, 185
 - 8. CATEGORIZAÇÕES DE *GÉNERO*, 185
 - 8.1. – Comparação entre estilos de vida das mulheres: *Esmeralda* e a *mãe*, 185
 - 8.2. – *A Mulher Ideal – Figurino* da “*Mulher de Proveito*” – Marcos Identitários, 186
 - 9. ESMERALDA: O FUTURO, 186
 - 10. CONCLUSÃO: MOVIMENTO DE SUBJECTIVAÇÃO E RACIONALIDADES COMPLEXAS: CONSTRUÇÃO DA SUJEITO SOCIAL-ESMERALDA-MÃE MONOMARENTAL, 188
- 3.^a PARTE – MAFALDA, SACRIFÍCIO ESTRATÉGICO E REALISMO OPTIMISTA:
LUTAS IDENTITÁRIAS DA MULHER-SUPORTE CONTRA A MULHER-FLOREIRO, 189**
- 1. APRESENTAÇÃO DE MAFALDA, 189
 - 2. MOMENTO 1: NO ALENTEJO DOS ANOS 60, EXEMPLO, ATÍPICO – POBRES QUE NÃO EMIGRAM, 191
 - 2.1. – Família Alargada e Meio Social de Origem: *subsistência multidimensional*, 192
 - 2.2. – *Estratégica luta pela sobrevivência emancipada* e “*mulher-mãe-suporte*”, 193
 - 3. MOMENTO 2 (JUNHO/1975-1981) – MAFALDA, O ASSUMIR DE DOIS DESTINOS: CASAMENTO-RUPTURA E MULHER-E/IMIGRANTE, 196
 - 3.1. – Momento 2 – *Mafalda*, de *filha-suporte* a *esposa-suporte*: *noivo-marido* e *casamento endopobre*, 196
 - 3.1.1. *Casamento endopobre*: *factore(s)* do PSD (Junho 1975/ Fev-Mar 1976), 197
 - 3.1.2. *Face ao PSD*, a *Ruptura Organizada*, 199

4. MOMENTO 3 (1980-1981/1986): TRAMAS DA CONJUGALIDADE, 203
 - 4.1. – Momento 3 (1980-82 a 1986): da solidão e culpa de *Mafalda-não-mãe*, ao casal de *pais adoptivos*, 203
 - 4.2. – Momento 3 (1986: até Setembro): O casal assume a *maternidade social* - adopção, 206
5. MOMENTO 4 (1986 A 1994): MULHER-SUPORTE RENEGA MULHER-FLOREIRO, 207
 - 5.1. – O Contexto Social Problemático do PSD: *esposos, imigrantes e pais*, 210
6. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO E AUTO-CLASSIFICAÇÃO POR MAFALDA, 221
 - 6.1. – Comparação e Classificação Social, 221
 - 6.1.1. Comparação Inter-geracional, 221
 - 1) Família(s) de origem, 221
 - 2) Vida dela e dos irmãos, 221
 - 6.1.2. Comparação Intra-geracional, 222
 - 1) Avaliação da Trajectória Migratória Familiar por M, 222
 - 2) Trajectória do Casal, 223
 - 3) Mafalda: Reavaliação dos PSD/R, 223
 - 6.2. – Auto-Classificação e Auto-Posição Social de Mafalda, 224
7. CATEGORIZAÇÕES DE POBREZA, RESPONSABILIDADES-FACTORES E «LUTAR CONTRA», 224
 - 7.1. – Factores de Pobreza, 224
 - 7.2. – Tipologias de Pobreza, 225
 - 7.3. – Factores e Medidas de Requalificação Social, 226
 - 7.4. – Tendências do Fenómeno Social «Pobreza» no Futuro, 228
8. CATEGORIZAÇÕES DE GÉNERO, 228
 - 8.1. – Comparação entre Práticas de *Lá* e de *Aqui*, 228
 - 8.2. – Figurino Ideal de Mulher, 229
9. MAFALDA E O FUTURO, 231
 - 9.1. – Trajectória Vivida Gratificante, Futuro Promocional, 232
 - 9.2. – O Sonho do *Não-Retorno*, 232
 - 9.2.1. Desenraizada *lá*, Imigrante Feliz *aqui*, 232
 - 9.2.2. Feliz como Imigrante, 233
10. REALISMO OPTIMISTA E REFLEXIVIDADE, 234
 - 10.1. Reciclar as *Lógicas-Capital* em *Lógicas-Mais-Valia* da acção identitária, 234
 - 10.2. A Tríade Sócio-Simbólica da Fala de M: Temporalidades, Estilos de Vida, Modelos de Sociedade, 235

4.ª PARTE – PALOMA, JOGADORA ATÉ À REQUALIFICAÇÃO

MONOMARENTAL : DESTINO PROSCRITO, RISCO, ORGULHO E ERRÂNCIA, 236

1. APRESENTAÇÃO DE PALOMA, 236
2. MOMENTO 1 – MEIO SÓCIO-FAMILIAR: FRAGILIDADES RECRIADAS EM MARCOS IDENTITÁRIOS, 237
 - 2.1. – mãe e Pai: (Re-)construção do PAI-Ausente-*Viajeiro* em referência identitária, 238
 - 2.2. – A Morte-Ruptura do PAI, factor do PSD/R familiar, 240
 - 2.2.1. PSD/R familiar: Impactos e Reacções-Estratégias, 240
 - 1) Estratégias e reacções familiares ao PSD, 241
 - 2) Estratégias e reacções maternas ao PSD, 241
 - 2.2.2. PSD/R familiar: irmãos mais velhos – Impactos e Reacções, 242
 - 1) a tropa: opção-única saída dos mais velhos, 242
 - 2) PSD familiar, tropa: a sorte dos mais velhos, 243
 - 2.3. – Paloma, adolescente rebelde em finais do Estado Novo, 245
3. MOMENTO 2 – REBELDIA E DESVIO SOCIAL VOLUNTÁRIOS, 248
 - 3.1. – Da autonomia à ruptura familiar, 248
 - 3.1.1. Momento 2 (1977-1983) – 1.ª Fase, autonomização familiar: “*viver a lo loco, un desmadre*”, 248
 - 3.1.2. Momento 2 (1983-94) – 2.ª Fase, Emigração: ruptura / banicção familiar e *errância* rebelde, 249
 - 3.2. – Contomos (re)contados da *errância* rebelde, 252
4. MOMENTO 3 – O PSD: DO “VIVIENDO BIEN” À “MALA RACHA”, 258
 - 4.1. – Factores do PSD, 258
 - 4.1.1. Contexto problemático, posição social do casal, 258
 - 4.1.2. O processo da gravidez-maternidade, outro factor do PSD, 259
 - 4.2. – O Processo Social da *Queda* de Paloma - Etapas e Sequências, 260

- 4.2.2. Reacção(ões) ao PSD: reciclar capitais e tempos identitários, 263
 1) reconversão do tempo identitário, 263
 2) reciclagem dos capitais identitários, 263
5. MOMENTO 4 – A REQUALIFICAÇÃO SENTIDA: “*AQUÍ TENGO UN LUGAR*”, 265
 5.1. – Etapas do Processo de Requalificação Social (PR), 265
 5.1.1. 1.ª Fase: Luta *contra* a Ilegalidade e a Exclusão sociais (1994 a 1997), 265
 5.1.2. 2.ª FASE: Luta pela promoção da família monomarental (1997 a 1998), 270
6. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO E AUTO-CLASSIFICAÇÃO POR PALOMA, 273
 6.1. – Comparação e Classificação Social, 273
 6.1.1. Comparação Intergeracional, 274
 1) Família de Origem - Irmãos, 274
 2) Vida dela e vida dos irmãos-mais-velhos, 275
 3) Vida dela e vida do irmão-mais-novo, 275
 4) Trajectória Escolar - avós e pais / geração de P / geração do filho, 275
 6.1.2. Comparação Intra-geracional, 275
 1) Avaliação da Trajectória Migratória por Paloma, 275
 2) Trajectória do Casal (P e o pai do filho), 276
 3) Paloma: Reavaliação do PSD/R, 276
 4) Paloma e a Identidade Nacional Portuguesa, 276
 6.2. – Auto-Classificação e Auto-Posição Social, 277
 6.2.1. Paloma: Auto-Classificação como Pessoa no Passado e no Presente, 277
7. CATEGORIZAÇÕES DE POBREZA: FACTORES, TIPOS E «LUTAR CONTRA», 278
 7.1. – Factores de Pobreza, 278
 7.2. – Tipologias de Pobreza, 279
 7.3. – Factores e Medidas de Requalificação Social, 279
 7.4. – Tendências do Fenómeno Social «Pobreza» no Futuro, 281
8. CATEGORIZAÇÕES DE GÉNERO, 281
 8.1. – Condição Social da Mulher é Obstáculo à Promoção Social, 281
 8.2. – Comparação e diferenças entre *estilos de vida* de género, 282
 8.2.1. Práticas de “*allá*” e de “*aquí*”: diferença cultural, 282
 8.2.2. Práticas do Passado e do Presente, 283
 8.2.3. Práticas de P e de outras mulheres, 283
 8.3. – Figurino Ideal de Mulher, 284
9. PALOMA: CONFIANÇA E OPTIMISMO FACE AO FUTURO, 284
 9.1. – Carreira do filho e não desperdiçar oportunidades, 284
 9.2. – O Sonho do *Não-Retorno*, 285
10. CONCLUSÃO: OS ARGUMENTOS NOBRES E PARADOXAIS DA FALA DE PALOMA, 285
 10.1. – Magia Optimista de um Destino com Sorte, 285
 1.ª Conclusão: A apresentação identitária de Paloma é jogada a seis mãos, 285
 2.ª Conclusão: Quando P fala de P1, a narradora é P1 e P2; mas só P2 fala de P2, através de P, 288
 3.ª Conclusão: P-não-mãe centra a acção identitária no pólo actor responsável: P-culpada;
 P-mãe subalterniza a sua acção através da P-vítima (trajectória dependente do pólo sistema), 288
 10.2. – Do Destino Proscrito à Experiência da Exclusão-Sorte: 13 Núcleos de Operação Simbólica), 289
- 5.ª PARTE – AMÉLIA, REBELDE-ARREPENDIDA: LÓGICA DA RACIONALIZAÇÃO DA ACCÇÃO, 292**
1. APRESENTAÇÃO DE AMÉLIA, 292
2. MOMENTO 1 (1956/69-70): CRIANÇA FELIZ ATÉ IR À ESCOLA, 293
 2.1. – Típica família do *Continente* que migra para o *Ultramar*, 293
 2.2. – Dinâmica Familiar, Factores emocionais e relacionais: contexto socializador *invertido* e *ambivalente*, 295
 2.2.1. A *Mãe-Controladora*: modelo socializador *socialmente invertido*, 296
 2.2.2. Modelo Socializador ambivalente, 297
 2.3. – Os *quatro estilos identitários* com que Amélia faz a sua TI, 298
3. MOMENTO 2 (1970/1977): MOBILIDADE ESPACIAL, DEMANDA IDENTITÁRIA, 299
 3.1. – Momento 2, 1.ª Etapa: Residência com familiares e Emprego no Porto (1970/1975), 299
 3.2. – Momento 2, 2.ª Etapa (1975-1977): Autonomia-*Escolha Afectiva*, 300
 3.3. – Momento 2, 3.ª Etapa (1977-1980): Contexto afectivo informal, ruptura com expectativas familiares 300

4. MOMENTO 3 (1977-1979), O 1.º PSD: CONFLITO IDENTITÁRIO – *ACTOR-ADEQUADA? SUJEITO-REBELDE?*, 301
 - 4.1. – PSD, 1.ª Etapa: Assumir ser *Mãe-inesperada*, 301
 - 4.2. – PSD, 2.ª Etapa: Dependência Familiar ou *O Inevitável-Temporário*, 302
 - 4.3. – PSD/R, 3.ª Etapa: Emigração Solitária, Orgulhosa e Requalificadora, 302
5. MOMENTO 4 (1980-1992): O *RETORNO DE AMÉLIA-SUJEITO-REBELDE*, 303
 - 5.1. – *Amélias 1 e 2* - mas sobretudo *Amélia 3* - legitimam *Amélia 4*, 303
6. MOMENTO 5 (DESDE 92): A MORTE-RUPTURA DO MARIDO, FACTOR DO 2.º PSD, 305
 - 6.1. – 2.º PSD, 1.ª Etapa (1992/94): Encadeamento de Rupturas, 305
 - 6.2. – 2.º PSD, 2.ª Etapa (1994/96): Dependência Institucional Instalada — a luta *contra* a sub-vivência, 305
 - 6.3. – 2.º PSD, 3.ª Etapa (desde 1995): Reflexividade, Reavaliação, Reconstrução Identitária, 306
7. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO SOCIAL E AUTOCLASSIFICAÇÃO POR AMÉLIA, 306
 - 7.1. – Comparação e Classificação Intra-geracional: Família de Origem e Trajectória Migratória dos Pais, 306
 - 7.2. – Auto-Classificação e Auto-Posição Social: *Amélia*, Pessoa no Presente, 307
8. CATEGORIZAÇÕES DE *GÉNERO*, 307
 - 8.1. – Factores das Construções de *Género*, 307
 - 8.2. – Comparação Social (Modelos Socializadores), 307
 - 8.2.1. Modelos Portugueses, no Passado e no Presente, 307
 - 8.2.2. Entre Modelos Portugueses e Bascos, no Presente, 307
9. CONCLUSÃO: AUTORITARISMO ≠ AFFECTOS: ACUMULAÇÃO DE RUPTURAS-CARÊNCIAS, 308

CONCLUSÃO: DA POSTURA ANALÍTICA

À CATEGORIZAÇÃO SOCIOLÓGICA: POSTULADOS E HIPÓTESE ANALÍTICA, 310

1. PRIMEIRO EIXO DE INTERPRETAÇÃO – CATEGORIZAÇÕES COMUNS E NORMATIVAS, 310
2. SEGUNDO EIXO DE INTERPRETAÇÃO – CATEGORIZAÇÕES COMUNS E SÁBIAS, 311
3. POSTULADOS E HIPÓTESE, ANALÍTICOS, 311

CONCLUSÃO FINAL:

EO VERBODA ACCÇÃO REVELOU O SUJEITO SOCIOLÓGICO, 313-333

1.ª CONCLUSÃO - UM CONHECIMENTO *INCORPORADO*.

EXEMPLARIDADE DESTA PESQUISA: CONTRIBUTOS METODOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS, 313

- 1.1. – Processo de construção do conhecimento social:
interdependência entre sujeito-investigadora, “objecto” e *domínios* de conhecimento, 315
- 1.2. – Plano dos Obstáculos Epistemológicos, 316
- 1.3. – Plano da Transição Paradigmática, 317

2.ª CONCLUSÃO - UM CONHECIMENTO *IMPLICADO*.

EXEMPLARIDADE DESTA PESQUISA: CONTRIBUTOS PARA A ANÁLISE DA REQUALIFICAÇÃO SOCIAL, 321

- 2.1. – Requalificação Sócio-Identitária: Capitais-recursos Contextuais-Sociais, 322
 - 1) Crise-Declínio do Modelo Providência da Integração Social, 322
 - 2) Contornos da Modernidade Tardia, 322
 - 3) Androcentrismo Globalizado, 325
- 2.2. – Requalificação Sócio-Identitária: Capitais-recursos Situacionais, 326
- 2.3. – Requalificação Sócio-Identitária: Capitais-recursos Disposicionais e de Subjectivação, 327

3.ª CONCLUSÃO - UM CONHECIMENTO *SUBJECTIVADO*.

EXEMPLARIDADE DESTA PESQUISA: CONTRIBUTOS PARA UMA SOCIOLOGIA DAS IDENTIDADES, 328

BIBLIOGRAFIA, 334-349

Índice de Apêndices, *xvii-xviii*

Índice de Figuras e Tabelas, *xix-xx*

Lista de Abreviaturas, Siglas e Sinais, *xxi-xxvii*

VOLUME II

ANEXO METODOLÓGICO

APÊNDICES DA INTRODUÇÃO GERAL

APÊNDICE 1 – MATRIZ TEÓRICA, PROBLEMÁTICA E NÍVEIS ANALÍTICOS, 1-4

APÊNDICES DO CAPÍTULO DOIS

APÊNDICE 2 – LINGUAGEM, POSTURAS SOCIOLÓGICAS E PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS, 1-7

APÊNDICE 3 – FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA DO PROCESSO BIOGRÁFICO E GUIÃO, 1-7

APÊNDICE 4 – CRITÉRIOS-FACTORES-*GUIA*, p. 1

APÊNDICE 5 – ENTIDADES E PROFISSIONAIS *MEDIADORES DO PROCESSO BIOGRÁFICO*, p. 1

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, 1.^a PARTE – SARA: APÊNDICES 6

APÊNDICE 6 – BREVE ANÁLISE DO RELATO SOBRE AS IRMÃS DE SARA, 1-4

APÊNDICE 6, CAIXA 1 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE SARA – 5 MOMENTOS, p. 5

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, 2.^a PARTE – ESMERALDA: APÊNDICES 7

CAIXA 2 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA, MOMENTO 1, p. 1

CAIXA 3 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA, MOMENTO 2, p. 2

CAIXA 3.1. - ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA – MOMENTOS 1 E 2, p. 3

CAIXA 4 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA – MOMENTO 3, p. 4

CAIXA 4.1. - ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA – MOMENTO 3, 1.^a FASE DE REACÇÃO, p. 5

CAIXA 4.2. - ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA – MOMENTO 3, 2.^a FASE DE REACÇÃO, p. 6

CAIXA 4.3. - ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA – MOMENTO 3, 3.^a FASE DE REACÇÃO, p. 7

CAIXA 5 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA – MOMENTO 4, p. 8

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, 3.^a PARTE – MAFALDA: APÊNDICES 8

TABELAS

TABELA 1 – MAFALDA E O MARIDO: TRAJECTÓRIAS LABORAIS, 1-2

CAIXAS

CAIXA 6 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 1, p. 3

CAIXA 6.1 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 1 – FAMÍLIA E MEIO DE ORIGEM, p. 4

CAIXA 6.2. – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 1 – FAMÍLIA E ESTRATÉGIA DE RUPTURA ESPACIAL, p. 5

CAIXA 7 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 2 – CASAMENTO-RUPTURA E PSD/R, p. 7

CAIXA 8 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 4, p. 9

CAIXA 8.1. – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 4: 3.^a ETAPA DO PSD/R, 4.^a FASE DE REACÇÃO, p. 10

FIGURAS

FIGURA 1 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 2: 1.^o PSD/R, 4 ETAPAS DE REACÇÃO, p. 6

FIGURA 2. – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 3: 2.^o PSD/R, p. 8

FIGURA 3 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA : OS 3 PSD/R, p. 11

FIGURA 4 – MAFALDA E O MARIDO: REDES DE SOCIABILIDADES, p. 12

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, 4.^a PARTE – PALOMA: APÊNDICES 9

APÊNDICE 9 – CAIXA 9- TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE PALOMA – MOMENTO 1, p. 1

APÊNDICE 9 – CAIXA 10- PALOMA – MOMENTO 1, O PSD/R DA FAMÍLIA DE ORIGEM, p. 2

APÊNDICE 9 – CAIXA 11- PALOMA – MOMENTO 1, O PSD FAMILIAR: AZAR-SORTE DOS *MAIS VELHOS*, p. 3

APÊNDICE 9 – CAIXA 12- TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE PALOMA – MOMENTO 2, p. 4

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, ENTREVISTAS: APÊNDICES 10

APÊNDICE 10-1. – ENTREVISTA DE SARA (CAPÍTULO TRÊS, 1.^a PARTE), 1-69

APÊNDICE 10-2. – ENTREVISTA DE ESMERALDA (CAPÍTULO TRÊS, 2.^a PARTE), 1-12

APÊNDICE 10-3. – ENTREVISTA DE MAFALDA (CAPÍTULO TRÊS, 3.^a PARTE), 1-51

APÊNDICE 10-4. – ENTREVISTA DE PALOMA (CAPÍTULO TRÊS, 4.^a PARTE), 1-35

APÊNDICE 10-5. – ENTREVISTA DE AMÉLIA (CAPÍTULO TRÊS, 5.^a PARTE), 1-69

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS NO CORPO DO TEXTO

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – GRELHA ANALÍTICA DA PESQUISA, p. e

FIGURA 2 – *PROBLEMÁTICA-UTENSÍLIO* DA PESQUISA (CAP. UM), p. 7

FIGURA 3 – MAPA DO PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA: UM *CASO EXEMPLAR* DE ABORDAGEM QUALITATIVA SOCIOLÓGICA – 4 ACTOS; 10 *PASSOS* (CAP. DOIS), p. 103

FIGURA 4 – A INTERACÇÃO *ESTÁ* PARA O SISTEMA DE ACÇÃO COMO AS NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS *ESTÃO* PARA O SUJEITO (CAP. TRÊS), p. 143

FIGURA 5 – HIPÓTESE ANALÍTICA:
DIFERENCIADOS RELATOS TESTEMUNHAIS E ARGUMENTATIVO-DISCURSIVOS (CONCLUSÃO DO CAP. TRÊS), p. 312

FIGURA 6 – “MODERNIDADE TARDIA” COMO *SISTEMA DE ACÇÃO INTERSUBJECTIVO* (CONCLUSÃO GERAL), p. 314

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – NÍVEIS DE COMPARAÇÃO SOCIAL E CATEGORIZAÇÃO DOS EMIGRANTES PORTUGUESES NO PB, POR MAFALDA (CAP. TRES, 3.^a PARTE), p. 222

TABELA 2 – AMÉLIA: 4 ESTILOS DA *VIVÊNCIA «RUPTURA-REBELDE»* (CAP. TRES, 5.^a PARTE), p. 292

LISTA de BREVIATURAS, SIGLAS e SINAIS

1. - ABREVIATURAS E SINAIS ADOPTADOS¹

- APEM – Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres
- APLE – *Asociación Portuguesa Luso-Euskaldun* de Astigarrada
- Cap. – Capítulo
- CAV – Comunidade Autónoma Basca (abreviatura comum no Estado Espanhol)
- CEPOG – *Centro de Emigrantes Portugueses de Guipuzcoa* - Urbieta
- CFFS – Centro de Formación Familiar y Social
- Cf./ cf.* – confira, conferir
- CIDM – Comissão para a Igualdade de Direitos e Oportunidades das Mulheres
- CITE – Comissão Trabalho e Emprego
- CML – Câmara Municipal de Lisboa
- Dout. – Doutoramento
- et al. (et alii)* – e outros
- Fig. – Figura
- i.e. (istu est)* – isto é
- Lx – Lisboa
- op. cit. (opere citato)* – obra citada
- p. – página
- p.ex. – por exemplo
- p./ pp. – página/ páginas
- PAFAC – Projecto de Apoio à Família e à Criança
- sn – sublinhado nosso
- séc. – século, séculos
- s. l. (*sine loco*) – sem local
- s.n. (*sine nomine*) – sem editor
- SnSn – San Sebastian (abreviatura comum na CAV)
- ss. – seguinte e/ou seguintes

¹ Para organizar este elenco de Abreviaturas, Siglas e Sinais baseámo-nos nas seguintes fontes: Sousa 1998; Azevedo e Azevedo 1998; e ainda na consulta «on line» de: <http://www.delfim.info/documentologia/monog.htm>.

Tir. / tir. – tiragem (de edição de livro)

Trad. n. / trad. n. – tradução nossa

† – data de morte

2. - ABREVIATURAS CONSTRUÍDAS

Cx – Caixa (Quadro Síntese de Informações Qualitativas da Pesquisa)

EI – Equipa de Intervenção (ou de Técnicos de Intervenção) Social

HAB – Residência ou Habitação

NA – Níveis Analíticos

PB – País Basco

PR – Processo(s) Social(ais) de Requalificação Social(ais)

PSD – Processo(s) Social(ais) de Desqualificação

PSD/R, Psd/R, psd/r – Processo(s) Social(ais) de Desqualificação e de Requalificação Sociais

Sb. / sb. – Sobre/sobre

Tb / tb – Também / também

TCEu – Teoria da Categorização do Eu (de John Turner)

TE – Trajectória ou percurso Escolar

TEIS – Territórios Sócio-Identitários

T Hab – Trajectória ou percurso Habitacional

TI – Trajectória Identitária

TL – Trajectória ou percurso Laboral

TSS – Teoria do Sistema Social (de Talcott Parsons)

TVA – Teoria Voluntarista da Acção (de Talcott Parsons)

INTRODUÇÃO GERAL

O FAZER DESTA TESE

«quel que soit le type de recherche:

à l'origine est la signification

et à la fin est le sens»

(Paillé e Mucchielli 2003, 21).

INTRODUÇÃO GERAL – O FAZER DESTA TESE

Objecto e questionamentos teóricos da pesquisa: na encruzilhada disciplinar

O objectivo central desta pesquisa foi concebido como um contributo para o conhecimento sociológico de processos sociais complexos que podem resumir-se à seguinte interrogação pouco precisa: «De que modo ‘saem’ as mulheres da pobreza?». Na busca da sua clarificação formulou-se, como objectivo da pesquisa, estudar a condição social de mulheres designadas como pobres que tenham saído dessa condição, atentando nos seus percursos e *experiências sócio-identitárias*.

Do objectivo enunciado decorre que a problemática central da pesquisa seja transversal a vários ramos das Ciências Sociais (Fig. 2) os quais, como os estudos sobre a pobreza, têm vindo a constituir-se em problemáticas algo originais pela sua relativa autonomia disciplinar. Esta problemática cruza o campo de «estudos sobre a pobreza» com o dos «estudos sobre as mulheres» e com o dos estudos sobre a «identidade social». Porém, na presente pesquisa, a tradição dos estudos sobre a pobreza é tomada de um ponto de vista analítico crítico, por três ordens de argumentos:

1.º argumento: entende-se que aqueles estudos assentam na *pré-noção* de pobreza;

2.º argumento: justifica-se-se que ‘pobreza’ seja uma *pré-noção* por aqueles estudos serem atravessados por 7 vectores dicotómicos, emergentes desde a formação da modernidade (Toscano 1993b, 1993c, 1994), a saber (pp. 7-11): *i*) oposição entre atributos materiais ou não materiais das condições pobres *ii*) concepções diferenciadas de pobreza material ou espiritual; *iii*) oposição entre pobres (actores sociais) dignos e pobres (actores sociais) indignos; *iv*) distinção sociocêntrica entre pobres, sobrevalorizando os ‘nossos’ pobres em detrimento e, até, excluindo os pobres de outros contextos, por não serem reconhecidos como modos de vida pobres, ou, pelo menos, como ‘tão’ pobres; *v*) oposição dicotómica entre atributos singulares, individuais / atributos colectivos e sociais; *vi*) oposição entre, por um lado, causas ou factores e, mesmo, responsabilidades subjectivas dos actores e, por outro, responsabilidades dos seus meios de proximidade e do sistema social (Monreal, 1996); e, por fim, *vii*) androcentrismo, obstáculo que tende a esquecer a desigualdade entre as condições de mulheres e homens, por delimitar ‘a pobreza’ a condições sócio-familiares no seu todo;

3.º argumento: considera-se que aquela tradição de estudos se acantonou à formulação do problema social *pela negativa*, dificultando a análise e observação *pela positiva*: a “saída da pobreza”.

Assim, esta pesquisa assentou na releitura de três perspectivas sociológicas recentes: uma, na linha de Georges Simmel, a perspectiva tornada visível por S. Paugam (1991;1994) sob a designação de desqualificação social; outra, na esteira de F. Dubet (1996), entre outros, aprofunda, na análise sociológica da experiência social, a coexistência de lógicas de acção, destacando-se: a da integração; a da interacção; a lógica de conhecimento-comunicação; e ainda as da utilidade e racionalidade limi-

tadas e negociação; e, por fim, a perspectiva emergente da Sociologia das Identidades que, sobretudo desde os anos 80 do século XX, tece as identidades sociais em torno de 3 eixos: 1.º) o das abordagens dicotómicas quer na Sociologia, pela oposição entre as identidades ‘prescritas-exteriores-objectivas’ e as identidades ‘assumidas-interiores-subjectivas’ (Cap.UM); como, na Psicologia Social, pela difícil relação entre as componentes identitárias ‘pessoal/social’; 2.º) o eixo guiado pelo interesse em conhecer as lógicas e as competências dos actores ante potencialidades *versus* condicionalismos, nos diversos situações, relações, interacções e contextos sociais; e 3.º) o eixo analítico que foca as identidades como processos objectivos e inter-subjectivos, contextualizados nos espaços e nos tempos sociais.

Se se partiu do questionamento das categorizações de «pobreza» socialmente dominantes ou cientificamente disponíveis; e se, como exposto, se abriu a discussão conceptual à construção social das identidades — em particular, das identidades de mulheres designadas como pobres — então, impôs-se explicitar dois temas, transversais a esta tese porque fundadores da Sociologia: o binómio indivíduo-sociedade e a construção das identidades sociais (ver Fig. 1 e Apêndice 1).

Assim, no 1.º nível analítico, defende-se que as formulações radicais do sociologismo clássico são paralelas à perspectiva psicológica individualista e ao destaque do pólo dominação-prescrição da identidade. Isso acontece por não se centrarem nem nas respostas, nem nas escolhas dos actores sociais, sobrevalorizando uma visão da identidade dominada que redundava numa visão, latente, de *não-identidade* (Capítulo UM, 1.ª Parte). No 2.º nível analítico postula-se que as características, os atributos e os territórios identitários tecidos pelas relações sociais permitem designar sujeitos sociais como *inferiores-porque diferentes socialmente* e, especificamente, como “pobres”. Em suma, nesta discussão buscam-se alternativas à visão dicotómica clássica da análise social. Elas existem na psicologia, p.ex.º, com Doise ou Lipiansky; mas, as centrais para esta pesquisa, advêm dos sociólogos contemporâneos como Dubar, Taboada-Léonetti ou Lorenzi-Cioldi; e Paugam, Touraine, Morin e Giddens (Capítulo UM, 2.ª Parte). Esta posição teórico-epistemológica ajudou na formulação, ‘pela positiva’, do objecto de pesquisa: estudar vivências exemplares de desqualificação e requalificação.

Opções metodológicas e processo de pesquisa

Ao fundamentar e delimitar a pesquisa, identificaram-se vários objectivos específicos. Por um lado, havia que identificar, descrever, caracterizar e interpretar as trajetórias sócio-identitárias das mulheres a investigar; para tal, importava captar as lógicas de acção, bem como as finalidades, estratégias e tácticas identitárias desses percursos. Por outro lado, focalizar-se-ia a análise nos capitais sócio-identitários construídos ou mobilizados face à experiência da desqualificação, para conhecer as vivências da sua requalificação social. Mas também havia que considerar os factores (de desqualificação/requalificação sociais) presentes no meio social e na realidade envolvente desses percursos.

Finalmente, atentava-se nos projectos, aspirações e sentimentos sociais relativos a tais processos. Dada a multiplicidade dos níveis a analisar, condensou-se o fio condutor da pesquisa na questão de partida: «Face à experiência social de trajectórias de desqualificação, que lógicas de acção, tipos de estratégias e recursos sócio-identitários emergem no meio envolvente, ou são construídos pelas mulheres, para a sua implicação na requalificação social?».

Para o cumprimento do objectivo de pesquisa e a concretização do conhecimento almejado optou-se pela construção de narrativas (Capítulo DOIS). Só pelas biografias co-construídas se viabilizava a interpretação dos projectos e lógicas sociais; só pelas biografias — através do método da escrita como *praxis* analítica (Paillé e Mucchielli 2003) — se podia atentar nas estratégias-tácticas, nas práticas e nos sentimentos vividos por quem superara a desqualificação. Deste modo, orientava-se esta pesquisa sociológica para o estatuto exploratório, pela análise qualitativa de casos exemplares, elegendo como fonte documental a oralidade; e, ainda se tomava a *grounded theory* como a grande plataforma de partida, pelo seu vínculo às Abordagens de Análise em Emergência, Qualitativas.

Então, o processo da pesquisa organizou-se em 4 actos metodológicos (através de 7 passos metodológicos - Capítulo DOIS), a saber: 1- exame do problema; 2- co-construção dos relatos; 3- descrição analítica e interpretativa; 4- teorização em emergência (Fig. 3). Implementou-se, pois, a metodologia da co-construção de relatos de vida, através do contrato comunicacional entre a investigadora e as mulheres-casos exemplares. As mesmas narrativas, guiadas pela análise sociológica dos momentos marcantes da desqualificação e da requalificação em cada percurso, foram trabalhadas em torno dos três tempos vivenciais (passado, presente e futuro) e dos 3 tipos de categorização (vulgar, oficial e sábia). São estes os argumentos e fundamentos pelos quais, na presente pesquisa, se concebe a Oralidade como a “*condição da co-construção da experiência social*”.

Ainda na procura da clareza e da formulação ‘pela positiva’, estipulou-se privilegiar as experiências sociais, por mulheres, de *Requalificação Sócio-Identitária* (‘saída’ de *situações e/ou condições* ditas «*de pobreza*»), sem descuidar os processos de “*entrada*” nas *situações e/ou condições* ditas «*de pobreza*» — a Desqualificação. De modo mais sistemático emergia, pois, o objectivo de estudar mulheres *exemplares* da vivência da desqualificação-requalificação sócio-identitária. E, para delimitar e seleccionar sócio-geograficamente as *mulheres exemplares* assumiu-se, como critério: serem de origem ou ascendência portuguesas, imigrantes na região de San Sebastián; e serem reconhecidas como protagonistas de processos de desqualificação e de requalificação, por profissionais vinculados à luta contra a pobreza na Província Autónoma Basca (anos 80-90).

Na planificação da pesquisa de campo, o objectivo-estruturador da pesquisa — captar e interpretar lógicas e estratégias sócio-identitárias de mulheres em processos de desqualificação e requalificação social — levou à operacionalização da Problemática (desqualificação/requalificação social)

em critérios de observação e análise. Visava-se, deste modo, poder dispor-se de um conjunto coerente de critérios-**factores** e de critérios-**condições** dos percursos das mulheres que favorecessem a observação e/ou revisão empíricas (Capítulo DOIS, 2.^a Parte). Para *sinalização* dos casos consideraram-se, pois, 5 hipotéticos *critérios-condições* dos trajectos de desqualificação/requalificação pelas mulheres a investigar, aos quais se deram o estatuto de critérios-*utensílio*: *i*) Monomarentalidade; *ii*) Morte de figuras afectivamente significativas; *iii*) afirmação social pela Liderança; *iv*) Maus Tratos; e *v*) diferença fisiológica ou motora (‘Handicaps’). Consequentemente, os *critérios-factores* e os *critérios-condições* apoiaram, logo, a *sinalização* de um total global de 46 *casos exemplares*, por 13 Entidades mediadoras; e dinamizariam toda a *análise* que, contudo, não se restringiu àqueles.

Partindo dos *critérios-utensílio* *prévios*, formulou-se o *Guião-lembrete* (Apêndice 3), fulcral para a investigadora clarificar os objectivos dos *relatos biográficos* às entrevistadas e, antes, aos parceiros institucionais que mediarão o *processo narrativo*. As entrevistas decorreram na cidade e em 12 zonas vizinhas de San Sebastián, dada a experiência continuada da medida ‘rendimento mínimo garantido’, confirmada pelos contactos da investigadora (Missão Erasmus em 1994).

A partir dos 46 casos sinalizados (46 entrevistas iniciais), por impossibilidade de cumprir as regras metodológicas estipuladas, fez-se uma gradual selecção a 41, a 31, a 13 e, por fim, a 11 casos. O trabalho analítico levou à re-categorização do *Corpus*: 6 relatos foram assumidos como *casos-de-contextualização* da *Problemática* da pesquisa; os outros 5, como os *casos exemplares* desta tese.

Sinopses dos Casos

O triângulo que legitima o sofrimento, em Sara: FÉ na Prece e na Sorte

Sara, com 43 anos ilustra, em dois sentidos opostos, um trajecto familiar típico do *miserável* estilo de *pescadores* do Norte: o *percurso manifesto* de quem nasce em tal meio (pluridimensionalidade da carência absoluta ao nível da subsistência) vai desaguar num estilo de vida familiar que *melhora até à pobreza relativa*; e, inversamente, a introdução do relato no *percurso latente* de reprodução das condições de carência social de irmãs e sobrinhas, ao longo das respectivas trajectórias dependentes do domínio masculino. A estas raízes sócio-identitárias pertencem também o alcoolismo, a fatal violência familiar e a discriminação e dor femininos. Pelo que a sua vida instável decorre em 5 momentos densos de rupturas sócio-espácio-relacionais, mediante práticas de risco *estratégico* e legitimados por Sara como *exemplos* da FÉ na Prece e na Sorte. E Sara é-o: um *caso social exemplar* da FÉ na Prece e na Sorte como *suportes do Risco Estratégico*, num contexto social-limite do *modelo da integração social*, às portas da *flexisegurança*.

Esmeralda: cigana que se assume como cidadã

Os 4 momentos da experiência social vivenciada pela jovem mãe cigana Esmeralda revelam distintas, e aparentemente paradoxais, lógicas e estratégias de acção, relacionados aos factores e territórios sócio-iden-

titários mobilizados. Da subsistência à requalificação, passando pela breve mas brutal exclusão social e existencial, este testemunho converge com percursos de outras mulheres nos anos 90 (em estudos isolados orientados pela investigadora) — no quadro do rendimento mínimo garantido/rendimento social de inserção em Portugal: o percurso de Esmeralda é tão paradigmático do etnocentrismo como do facto de que assumir a condição ‘monomarental’ pode ser uma estratégia de luta pela requalificação.

Mafalda: a recusa de ser “bibelot”

Em Mafalda é lapidar o *jogo identitário* entre a herança de dois modelos da condição feminina: a *mulher-floreiro* (com que ela entra em ruptura) ao actualizar a incorporação da *mulher-suporte*. Salientam-se, nas famílias de origem e constituída, a mobilidade geo-social, o *sacrifício estratégico* e o investimento nos filhos. Ela mesma teve de abandonar a escolarização para engrossar os restritos recursos familiares através de um precoce e precário percurso laboral. Logo, preocupada em dar um futuro melhor à filha adoptiva, o casal cuida da continuidade escolar da filha, ao mesmo tempo que é a *justificação nobre* para a estratégia formativa do marido. Do 1.º para o 2.º grupo familiar, o território identitário ‘trajectória laboral’ reconverte-se num *recurso* da promoção sócio-familiar e pessoal. E, com o processo de promoção do marido, a *mulher-suporte e mãe-trabalhadora* - ao invés de concretizar o sonho da enfermagem -, protagoniza uma profunda *reorganização* de papéis, pela sua reconversão identitária em Sujeito Social Mulher.

Fruicção e borguismo rebeldes (Paloma1) até se assumir como mãe (Paloma2)

Esta trajetória também é exemplar de como a monomarentalidade pode ser uma estratégia de luta pela requalificação. Construída ao longo de 4 *momentos*, tem a dupla marca da *estratégia* do Risco e do *sentimento* de Orgulho que se constituem em factores da sua exclusão e requalificação - quer na emancipação familiar e desqualificação identitária (Paloma 1); quer na reciclagem dos recursos *capitais* em recursos *mais-valia*, pela requalificação social (Paloma 2). Se o seu estilo identitário rebelde e presentista emerge na juventude púbere, ela vai assumi-los até aos 33 anos quando foge com o filho de 5 meses, abandona o pai deste e entra num, inédito para ela, processo subjectivo e objectivo de *desqualificação*. A ruptura afectiva desencadeia a difícil reconstrução identitária de Paloma como *mulher emancipada-responsável familiar*.

Amélia, a rebelde arrependida

O percurso de Amélia é globalmente dinamitado pelo seu macro-recurso-capital identitário dos Afectos/vazio-afectivo-emocional: sendo legitimado pelo conflitualismo das Transacções Identitárias Interiores, convive, por sua vez, com outro conflito — o das Transacções Identitárias Exteriores de Ruptura. A família de origem Mirandense é sócio-historicamente exemplar do país de então no estilo de vida pobre e na estratégia promocional da migração para *o ultramar*. Os estudos arrastados — recusando o sonho familiar do emprego seguro na função pública como professora — fá-los já no ‘continente’ onde, jovem,

Amélia fruirá o 25 de Abril. Assim *que se apanha com* 18 anos inicia o seu período de *arranque* e busca *identitários*: sai de casa dos pais; formaliza a condição laboral; relaciona-se com um exilado político por quem nem estava apaixonada mas de quem assume a gravidez inesperada; retorna à casa e às pressões familiares. A identidade de mulher-mãe associa-se, na jovem Amélia, à sua vertiginosa *desqualificação social*. O esvair da sua autonomia e o sentimento de total dependência da família de origem impulsionam-na a projectar o futuro, retomando a rebeldia inconformada. E, ante as dificuldades de encontrar trabalho, nos fins de 70 e com o acrescido *obstáculo* de *ser mãe*, Amélia emigra para o País Basco, num dos seus típicos “*arrebatos*”. Face à profunda degradação do último ano, para ela, a emigração — com recomposição e estabilização residencial da família nuclear; retorno ao trabalho e duas fontes de recursos na família; adaptação relacional da *estrangeira-emigrante* às novas sociabilidades e com fácil inserção da filha, hoje no ensino superior público e integrada nos espaços juvenis — significa a requalificação. E terá sido o melhor período da sua vida pois, a partir da morte do marido, entra numa repentina desqualificação *a pique* — de que ainda se não libertou totalmente — reforçada pela ausência de formação profissional.

Sucessivas crises encadeiam as *sociabilidades*, o *trabalho* e a irreversível *ruptura global* do estilo de vida familiar; e até a saúde e resistência física, debilitadas pelo lúpus, objectivam a dolorosa incorporação da *perca*. Amélia reage pela não-reacção: sente, pela primeira vez na vida, o peso da *impotência* e decide solicitar o RSI. A *Amélia-arrependida* assume, hoje, a sua desqualificação *enquanto Mulher-Sujeito Social*: avalia como negativos o seu *carácter* (lógica de acção) *autónomo-rebelde*; o *abandono escolar* e o não ter investido nas competências profissionais; a decisão de emigrar; e toda a trajectória sócio-identitária.

As principais conclusões

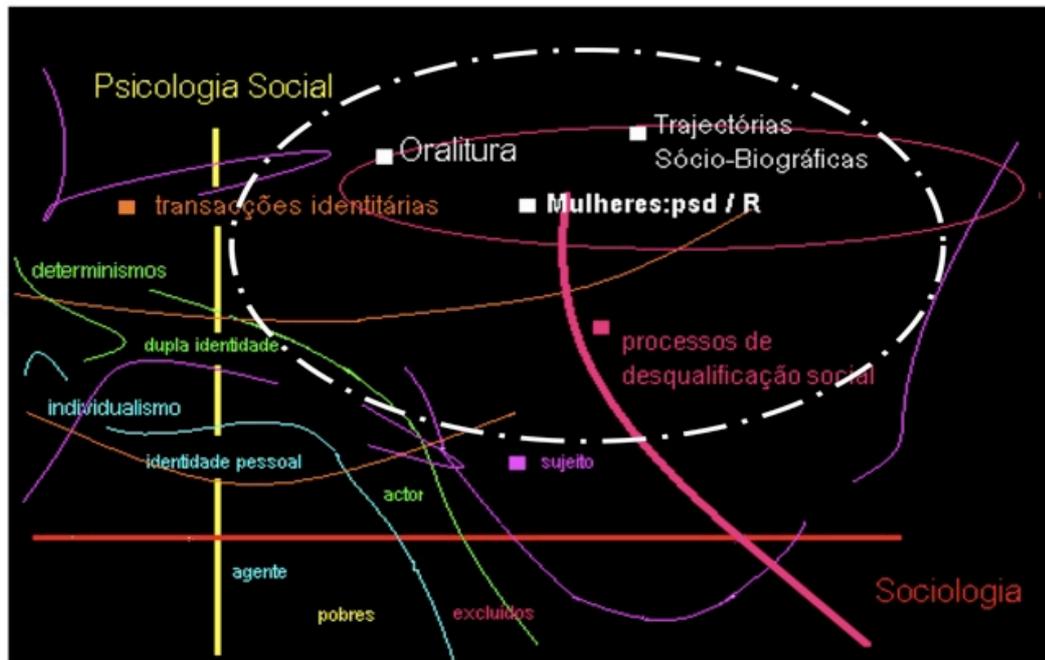
Pode responder-se à questão «haverá lógicas e estratégias identitárias de requalificação social salientes nos casos investigados?» desvelando os argumentos relatados pelas mulheres para a sua requalificação, bem como os componentes sócio-identitários emergentes ao longo deste texto. Na pesquisa identificam-se quer vários motivos e argumentos accionados pelas mulheres reconhecidas como requalificadas; quer várias lógicas de acção e múltiplos territórios sócio-identitários nas fases de reacção, pela positiva, à desqualificação. O trabalho de indução analítica dessas reacções realçou também variadas estratégias, destacando-se as de ‘risco’, ‘optimismo realista’ e de ‘sacrifício estratégico’.

Conclui-se também que as identidades sociais são o modo de construção do actor em sujeito, mediante três componentes: a) interacção: não um mero estado/cenário mas um modo objectivo, interior e exterior, de negociação do seu lugar no mundo e da identidade própria; b) negociação: modo objectivo, interior e exterior, de mobilização identitária com vista a concretizar a acção social; c) subjectivação: modo inter-subjectivo de construção do sistema de acção. Por sua vez — mediante uma busca de gradual abstracção, num plano mais complexo e abrangente, induz-se que os processos de

requalificação sócio-identitária se processam pela negociação e mobilização de quatro recursos-capitais: *i)* os situacionais; *ii)* os disposicionais; *iii)* os contextuais-sociais; e *iv)* os de subjectivação.

Finalmente, desde as preocupações epistemológicas que cruzam a pesquisa e num plano macro-sociológico, concebe-se a modernidade tardia como um sistema de acção intersubjectivo, co-construído pela ‘actualização das memórias colectivas’ ou oralidade. E defende-se que só um conhecimento incorporado, implicado e subjectivado permite interpretar, sociologicamente, as desigualdades. Tais ilações alertam para a subscrição da ‘racionalidade complexa’ (Toscano 1989) nesta pesquisa sociológica que evidencia como os sujeitos sociais estão, à semelhança do operário na poesia de Chico Buarque, em construção; exemplares casos reais do sujeito social em construção, que cabe à sociologia qualitativa *dar a ver*, enquanto ofício “de revelação” (Paillé e Mucchielli 2003, 178).

FIGURA 2 – PROBLEMÁTICA-UTENSÍLIO DA PESQUISA



LEGENDA:

A Amarelo: Psicologia Social; **A vermelho:** Sociologia;

Cruzando os eixos amarelo e vermelho:

A Verde: determinismos, dupla identidade, actor social, exclusão

A Azul: individualismos, identidade pessoal, agente social, pobreza

A laranja: transacções identitárias

A rosa: sujeito social

A roxo: processos de desqualificação social

A branco (“O” objecto da tese): Trajectórias Sócio-Biográficas

CAPÍTULO UM

CONSTRUÇÃO DE UMA PROBLEMÁTICA-UTENSÍLIO:

IDENTIDADES PRESCRITAS, SINGULARES OU TRANSACÇÕES RELACIONAIS?

«Nous ne les voyons pas, nous ne les entendons pas, nous ne leur parlons pas.

Ce sont les vieux aux yeux de beaucoup de jeunes,

les pauvres aux yeux des riches,

les noirs pour les blancs,

les sauvages pour les civilisés,

les débutants pour les scientifiques

ou les artistes bien en place (...).

Quel que soit le sacrifice, leur premier souci est en fait de devenir visibles,

donc d'obtenir la pleine reconnaissance de leur existence

aux yeux de la majorité et dans l'esprit de ceux qui la composent.»

(Moscovici 1979, cit. in Kastersztein 1990, 38, sn).

INTRODUÇÃO: ANDROCENTRISMO E DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL

A formulação da *questão de partida* e toda a Introdução Geral abriram a discussão teórica aos *processos de requalificação sócio-identitária*, já que a linha de trabalho delineou a caracterização das trajetórias de mulheres que superaram a *desqualificação social*. Assim, procurou dar-se visibilidade a práticas, aspirações, projectos e sentimentos sociais presentes naqueles *processos*

1. ANDROCENTRISMO – AS DIFERENTES

O trabalho científico tem contribuído para a preocupação e consciência sociais quanto à discriminação social das mulheres e respectivas reacções, contributos devidos a 3 grandes tarefas: 1) desmistificar diferenças *aparentemente* naturais, de *sexo (naturalismo)*; 2) revelar que, aquelas diferenças, entroncam na *construção* de atributos e expectativas sociais face a práticas de homens e mulheres; e 3) desconstruir a ideia — *inevitável, fatalista e androcêntrica* — da construção social da diferença homem/mulher como desigualdade social.

A *Problemática da "construção social da diferença"* tem vindo a destacar como se inventam e emitem critérios e atributos que deturpam a apreensão da complexidade social. Na verdade, as pesquisas têm vindo a centrar-se em temas, atributos e factores tão variados como cor de pele, nacionalidade e etnia; a classe social; ou as comunidades culturais e religiosas – sejam de origem, de pertença ou de destino. A diversidade das pesquisas abrange também a análise dos percursos de vida em vertentes como a escolar, a sócio-profissional, a familiar, a sócio-geográfica, a residencial, a residencial ou outros percursos institucionais; os modelos e tipos de família; a construção social da dupla moral da sedução, da sexualidade e da violência; e a orientação sexual. E tem igualmente sido valorizado o uso social dos tempos quotidianos, nomeadamente, no que respeita às diferenças entre *i)* tempos privado e público; tempos doméstico, familiar, profissional e de lazer; *ii)* tempos geracionais (da infância à idade avançada); e *iii)* espaços sociais associados a dita construção dos tempos. A mesma linha ainda pesquisa os condicionamentos mítico-simbólicos de percepção-construção do corpo: dimensões sócio-culturais da saúde e doença, da deficiência e da invalidez (acidentais e fisiológicas). Portanto, é ainda premente continuar o trabalho de *desconstrução do androcentrismo das identidades socialmente desqualificadas*, para o qual este estudo pretende contribuir.

2. D' «A POBREZA» AOS PROCESSOS DE DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL

A história da *pré-noção «pobreza»* caracteriza-se por *abordagens dicotómicas* de muito difícil conciliação, como os seus *três* clássicos *grupos analíticos* evidenciam. Trata-se das análises de Pobreza Objectiva e Subjectiva, das noções de Pobreza Material e Não Material e dos critérios Absoluto e Relativo – estes dois últimos de abordagem objectiva. Contudo, de forma mais grave, os estudos assim possibilitados viriam a *reproduzir 7 obstáculos epistemológicos* ao conhecimento social.

2.1. A tradição é a da visão dicotómica

Ao caracterizar-se a *tradição* dos estudos da «Pobreza»³ por uma dupla abordagem que não articula análises predominantemente económico-sociais⁴ e culturalistas⁵, impõe-se a sua crítica.⁶ A multiplicidade de leituras conceptuais corresponde à característica *Mutável* e *Mutante* das realidades categorizadas como «*pobres*» (Toscano 1993c). Tais pluridimensionalidade e interdependência conjuntural e estrutural das formas de pobreza, são confirmadas pelas investigações nacionais.⁷ Estudos efectuados revelam também que, em situações de intervenção social, à diversidade das manifestações empíricas ligam-se múltiplos entendimentos dos objectivos e das opções metodológicas da intervenção⁸.

Efectivamente, desde os primórdios da Assistência/Filantropia⁹ – Individual ou Colectiva, Laica ou Religiosa, Particular, Municipal, Monárquica ou Burguesa e Republicana – que a atenção à «pobreza» como condição social está documentada.¹⁰ Desde o período da Revolução Industrial mas, principalmente no contexto da consolidação dos anos 60-70 do século XX, assiste-se a uma diversificação das práticas profissionais do *trabalho social* e de diferentes profissionais da Intervenção Social, para além de Sociólogos e Assistentes Sociais, nomeadamente, os Animadores Sociais, Terapeutas, Conselheiros Familiares e Sociais, entre outros. Saliente-se também que, desde a abordagem da *Pobreza Absoluta* fundada por Seebomh Rowntree¹¹, que se tem procurado adequar melhor os *diversos conceitos e tipologias* à pluralidade das condições («pobreza», «nova pobreza» e «exclusão social»).

Ora, às diferentes formulações dos objectivos da intervenção social corresponde a ausência de consenso sobre as próprias noções de «Pobreza», de *Precariedade*¹², de *Marginalidade*¹³ e de *Exclusão*¹⁴. De entre todas elas, as noções de «pobreza», em particular, surgem como imagens rotuladas ou como *componentes mítico-simbólicas* do imaginário ocidental (Toscano 1993c) – construções sociais relativas a fenómenos de *desqualificação*.

Integram a mesma tradição analítica várias dicotomias, tais como a oposição entre conceitos

³ Para uma introdução ao tema cf. Bruto da Costa 1984, Fernandes 1991, Hobsbawm 1974, Geremek 1980 e Toscano 1993b.

⁴ Para a crítica a estas veja-se, entre diversos títulos disponíveis, Romão 1982, e Vincent 1983. Numa linha de abertura a vertentes e critérios não apenas económicos, cf. Marselli 1984; e os trabalhos colectivos sobre Portugal – Almeida *et al.* 1992 – e sobre Espanha – Botella (Dir.) 1984.

⁵ Richard Hoggart é um dos pioneiros com Oscar Lewis (1961, 1979). Sobre esta: cf. Herpin 1993; Lion e Meca (ed.) 1988; e a Dissertação de Mestrado de Capucha 1992. Pilar Monreal (1996) destaca 3 perspectivas teóricas no debate sobre a *pobreza*: a perspectiva marxista, a da cultura da pobreza (idealista), e a perspectiva ecológica (anos 20-40 da Escola de Chicago).

⁶ Cf. Labbens 1978 e Casado 1978. Quanto à reconceptualização de *pobreza* e *exclusão* cf. Paugam (1991, 1994); e Xiberras (1994).

⁷ Cf. abordagem pioneira de Costa *et al.* 1985; e a reflexão sobre as práticas e estilos de vida dos pobres em Almeida *et al.* 1992.

⁸ Sobre este debate em Portugal, cf. Torres *et al.* 1994. Para a realidade francesa cf. Ray *et al.* 1988; e Bouget e Nogues 1994.

⁹ Temáticas que foram objecto de estudo por reconhecidos autores nacionais, de que se especificam, como clássicos: Andrade (Dir.) 1979; Fortunato de Almeida (Dir.) 1970, e, do mesmo autor, *a História das Instituições em Portugal*; como os *Estudos...* de Silva Correia 1944.

¹⁰ Da análise Histórico-Social portuguesa cf. obras de M.^o do Carmo Neto, Ruy d'Abreu Torres e Oliveira Marques; indispensáveis, são M.^o José Tavares 1989 e Humberto B. Moreno 1985. Cf. tb Toscano 1992a, 1993a, 1993c, 1995; Mollat (1970, 1978); Chartier 1985; e Geremek 1987.

¹¹ Noção de 1901 que o autor alargaria a outras necessidades elementares 3 décadas mais tarde. Cf. Costa 1984 e Almeida *et al.* 1992.

¹² Gaviria, Lapara e Aguilar 1995 apresentam 'a integração', 'a precarização' e 'a exclusão' como 3 *circulos* de gradual desinserção social.

¹³ Sobre a relação pobreza-marginalidade como territórios confluentes, ver Pilar Lorente 1989.

¹⁴ Cf. Ray 1988, 340; Bouget e Nogues 1994, 70; e o livro de 1988 de A. Bruto da Costa.

de «pobreza» objectiva ou subjectiva; ou a que, para a sua definição, opõe critérios absolutos (perspectiva da subsistência) a relativos (perspectivas da privação, da desigualdade e da exclusão sociais); e, ainda, a própria oposição entre quatro tipologias de «pobreza».¹⁵ Quanto a esta oposição refira-se o debate que, opondo pobreza *primária* a *secundária*, e baseando-se na avaliação social das necessidades, passa da centralidade do indicador ‘rendimento’ para o indicador ‘recursos’. Lembre-se a distinção entre pobreza *material* e *não material*; aquela, evolui desde o enfoque biológico, passa pelo das necessidades básicas e o dos salários mínimos, até chegar ao enfoque dos recursos familiares; a *pobreza não material* é concebida através do enfoque da sobrevivência decente ou do da carência no acesso aos recursos. Mencionem-se as tipologias de pobreza *total* a *parcial*, consoante a avaliação da amplitude e da profundidade de dimensões afectadas. E citem-se ainda as tipologias que remetem para problemas como ‘mobilidade social’ e ‘ciclo vicioso da pobreza’, reconhecidas como «pobrezas» *temporária-circunstancial-conjuntural* e *duradoura-persistente-estrutural*.

Constata-se, enfim, que a *visão e lógica dicotómicas* desta tradição de estudos assenta na sua permeabilidade a diversos *obstáculos epistemológicos* ao conhecimento social. Razões para aqui se questionar a abordagem d'«A Pobreza».

2.2. A tradição é a do viés sociocêntrico

Pela linha de pesquisa adoptada considera-se que são **sete** os grandes vectors sociocêntricos que enviesam a observação e a análise das condições de desqualificação social, a saber:

1. vector moralista: é o vector fundador, presente desde as primeiras reflexões e preocupações sócio-políticas quanto à *condição digna ou indigna* dos pobres. A este respeito discorda-se de Pilar Monreal (1996) pois, se é desde o séc. XVIII que este vector emerge nas teorias sociais, que só então se autonomizam na sociedade ocidental, a sua configuração no quadro civilizacional reporta-se, quer à literatura sócio-religiosa dominante na Baixa Idade Média, quer, paradoxalmente, à própria ideologia da burguesia e dos poderes administrativos (locais-municipais) então nascentes. Isto mesmo pode confirmar-se em estudos sobre o espaço social da actual “Europa” e pela análise dos estudos disponíveis sobre a realidade portuguesa (Toscano 1993c).

2. vector individualista: patente nas polémicas relativas à *condição pessoal ou social* da pobreza, é ilustrado bem cedo, no contexto ocidental, pela evolução da expressão medieval “*pauper*”. Com efeito, a palavra “*pauper*” passa, de adjectivo, a substantivo identificador de uma categorização social, acompanhando o movimento que, desde o século XII, tenderá a reconhecer «a pobreza» como uma condição social (substituindo, gradualmente, a visão anterior da pobreza como condição de fraqueza ou culpa individuais). Mas o reconhecimento da «pobreza» como fenómeno colectivo, não

¹⁵ Ver outra proposta de classificação das situações de pobreza *In* Lorente 1989.

mitigará o viés individualista, como adiante se refere.

3. vector utilitário: sendo iniciado pela dicotomia entre pobreza *material* ou *não material*, desde o século XII que é um vector fortíssimo na construção ocidental da relação social com os pobres; e corporiza-se em paradoxais discussões religiosas e morais de que se realçam duas linhas de tensão: 1) as predominantemente preocupadas em distinguir entre *pobreza útil / inútil*; 2) e as que evoluem, desde fins do séc. XIV, no sentido depurador e, depois, repressivo. No primeiro caso, diferenciava-se entre *i*) por um lado, a *utilidade e o valor da «pobreza espiritual»* reconhecida como nobre, verdadeira, honesta e, nalguns casos, voluntária – portanto, útil; assim se origina a categorização social dos “*pobres com direito a serem pobres*” no processo em curso de codificação das Doações e da Filantropia Social («*economia da salvação*» - Geremek, 1980); e *ii*) por outro lado, a inutilidade e desvalorização social da pobreza material dos “*pobres-de-facto*” – também objectivamente “*pobres*” mas *sem direito social a sê-lo*. O segundo grupo refere-se à mutante classificação social da pobreza material: primeiro, como *condição ociosa*; depois, como *potencialmente criminosa*; a seguir, como *ameaça e perigo* para a *higiene e a vida da urbe*; por fim, com a Revolução Industrial, sendo reconvertida numa *condição social não produtiva*. Lapidariamente, Geremek designa este processo pela «*passagem do pobre a proletário*»; ao que se acrescentou que o mesmo ainda se prolonga até aos séc. XIX e XX, com a «*passagem do pobre a objecto de estudo e de intervenção*» (Toscano, 1993c).

4. vector positivista: evidencia a projecção de binómios fundadores da epistemologia positivista em discussões como a que opõe pobreza *objectiva e subjectiva*; e afigura-se como o herdeiro do *vector utilitário* com roupagens, e em território, científicos.

5. vector miserabilista-populista: também emergente no campo dos saberes sociais, reporta-se aos dois grandes grupos teóricos dominantes na explicação da «pobreza»: um, reenvia-a para ‘o sistema social’, apresentando-a como «*efeitos das estruturas sociais*»; outro, nos antípodas, circunscreve-a às «*estratégias individuais dos actores*» (Paugam 1994; Monreal 1996). No primeiro, encontram-se as abordagens vocacionadas para os factores ‘externos’ e os ‘determinismos sociais’ da “pobreza”. É assim que, segundo as Teorias da Legitimação apoiadas na leitura moral do *miserabilismo*, a «pobreza» é retratada pela ideologia das identidades ‘*prescritas*’, quer dizer: é uma consequência e determinação do ‘sistema’. No outro grupo teórico, situam-se as abordagens centradas nos factores ‘internos’, com realce para análises psicológicas e das (sub-)culturas da «pobreza». O vector individualista reaparece, assim, por efeito perverso dos objectivos de relativismo cultural, contribuindo para a intrusão do resistente *argumento populista* e do pressuposto da tendencial perpetuação dos “*ciclos de pobreza*”. De facto, esta tradição acaba por explicar «a pobreza» como a identidade construída pelos «pobres». Ao tomar a cultura da pobreza como ‘a causa’ dessas condições sociais, fecha a socialização no circuito da reprodução ‘interna’ do empobrecimento-pauperização.

6. vector etnocêntrico: neste caso, é-se confrontado com a ausência de objectividade étnico-cultural nas pesquisas fundadoras em torno do fenómeno (Monreal 1996). É que, quer na abordagem dos guetos de Chicago pelos sociólogos dos anos 20-40; quer nos estudos de O. Lewis de famílias mexicanas; quer, ainda, nas pesquisas centradas nos bairros operários ingleses por R. Hoggart, o primeiro rosto cultural dos pobres é, nas Ciências Sociais, o das minorias sócio-culturais. Ao sublinhar este viés, não se tem em mente contornar a realidade da desqualificação social dessas minorias – realidade que justificou, por si, o fôlego dos exemplares estudos citados, bem como dos seus sucedaneos, até hoje. Trata-se, sim, de tornar consciente um preconceito-denegação que seria evidenciado desde meados dos anos 50. Com efeito foi necessário, então, construir instrumentos e análises sociais adequados à caracterização e compreensão da ‘pobreza relativa’, a pobreza visível no seio das complexas sociedades ocidentais. A mesma denegação é drasticamente expressa desde os anos 80, face à coabitação de ‘integrados’ com ‘novos pobres’¹⁶, ‘precarizados’ e ‘excluídos’.

7. vector androcêntrico: finalmente, a prolongada omissão ou esquecimento do *rostro feminino* da pobreza, enviesou tais estudos de dois modos: a) generalizando as condições de pobreza a agregados familiares supostamente homogêneos; e b) ocultando, na luta familiar contra a pobreza, os investimentos e implicação socialmente diferenciados de mulheres e homens (p. ex.^o: nos usos do tempo de trabalho, lazer e repouso; na divisão de tarefas; na invenção de estratégias quanto a cuidados, alimentação e vestuário de familiares; e nas próprias redes sociais de suporte e solidariedade).

Crê-se ficar agora clara a opção de estudar *mulheres-socialmente desqualificadas*, na senda de Paugam e dos sociólogos informados por Simmel, que propõem o abandono da *pré-noção* de «pobreza» (cf. Messu 1987; 1989).

2.3. A tradição já não é o que era?

Na sequência desta breve revisão crítica dos marcos centrais da *Problemática* «pobreza», a presente pesquisa firma-se numa dupla constatação: a) os estudos assentes nessa *pré-noção* veiculam uma visão do mundo dicotómica; e b) os mesmos são atravessados pelos 7 vectores sóciocêntricos.

Adoptar-se-á, pois, a perspectiva de *análise sociológica* dos *Processos de Desqualificação Social*, atentando nas dimensões material, simbólica e relacional das *Lógicas e Estratégias Identitárias*, e das *Reacções* às *Etapas de Experiências* de desqualificação e de requalificação social *vividas* pelas mulheres *exemplares* (Paugam 1994; Gualejac e Taboada-Léonetti 1994). Na fundamentação e na operacionalização metodológicas, como na reflexão analítica, procurar-se-á desconstruir os vectores e dicotomias assinalados.

O objectivo do CAPÍTULO UM, aqui iniciado, é explicitar tais *utensílios* teórico-conceptuais.

¹⁶ García-Neto (1990) ilustra como não é pacífica a distinção entre ‘nova’ e pobreza ‘tradicional’, pois defini-a como falsa e perigosa.

1.^a PARTE: A TRADIÇÃO DA DICOTOMIA INDIVÍDUO / SOCIEDADE ²³

«L'accès à un terrain est tout sauf naïf et accidentel. Il est armé de questions, de connaissances préalables, de familiarités avec le champ, mais aussi de doutes sur les prénotions le concernant, bref, de ce que les auteurs appellent un projet théorique.» (Dubar et Demazière 1997, 54).

1. IDENTIDADES SOCIAIS : VOCAÇÕES DE UM CONCEITO ENTRE *MARGENS* E *CUMPLICIDADES*

Guiada a pesquisa para a análise de trajetórias de Desqualificação Social de mulheres, de modo a conhecer os factores, as reacções e negociações identitárias que dinamizam os seus Processos de Requalificação Social, o conceito de Identidade Social era incontornável nesta Problemática.

A Problemática da Identidade Social filia-se na Sociologia e noutros constituintes das Ciências Sociais e Humanas como a Psicologia Social e a Psicanálise, a Antropologia, a História e a Filosofia. Quer enquanto *noção emergente* quer, actualmente, enquanto *conceito*, a identidade social tem sido *condicionada* como *cúmplice*. *Cúmplice* de tensões sócio-histórico-paradigmáticas, propulsoras dos *avanços* e conseqüente *riqueza* daqueles saberes sociais. *Condicionada*, porque os domínios impulsionadores do conceito têm-se convertido, de forma paradoxal, em *espartilhos disciplinares e paradigmáticos*, patentes nos debates epistemológico-conceptuais e metodológicos. O percurso deste conceito é, pois, paradigmático de como a construção e a conceptualização científicas se alimentam das *margens* e do *fluxo* de diferentes *galerias de conhecimentos* (Santos 1988, 47).

1.1. Os Estudos da Identidade na Tradição Reflexiva Ocidental

Tem sido notado o cariz dicotómico dos conceitos de identidade, pela oposição entre componentes pessoais e sociais, cuja raiz mergulharia em trabalhos da Psicologia Social. Contudo, esta tradição dicotómica nem é invenção desse Domínio, nem dos produzidos no último século. Aliás, não é pacífico nem legítimo definir *a Identidade* como uma noção “da” Psicologia Social. De facto, de entre as problemáticas transversais a diversos domínios, a das questões identitárias é, justamente, uma das multiplamente comprometidas. Recorra-se a algumas formulações dessa visão dicotómica:

- desde *o espanto face à existência*, base da indagação filosófica (Sledziewski 19991; Gallissot 1991): Que é a pessoa humana? Que é o saber? Quais os sentidos da realidade e do devir da vida? Como se demonstra – ou se infirma – a hipótese da marca divina na obra natural e humana? Como negar que a acção sobre a natureza e a humanidade se funda nos valores do humanismo? Quais os limites do duvidoso conhecimento humano e quais os elementos diferenciadores das naturezas divina, humana e natural? Quais as possibilidades (e a verdade) da distinção entre o real-externo-tempo e

²³ Este Capítulo visa *expor analiticamente e problematizar* as perspectivas de *identidade* e de *actor-sujeito sociais* que se afiguram pertinentes para fundamentar, conceptualmente, o actual objecto de estudo. Sem a pretensão de realizar uma síntese de todas as abordagens, também a *retórica* do discurso se afasta da desvalorização de *toda* a obra dos autores em análise: *não deitar fora o menino com a água do banho...*

o vivido-interno-espaco? Como acreditar numa humanidade sem sentido nem futuro? Como mobilizar as consciências e os conflitos humanos (na história objectiva) para a magnífica obra colectiva e material (objectiva) da igualdade? Como é que conhecimento e acção técnica sobre a natureza garantem a vitória do Progresso representado pela explicação-controle humanos? Como conciliar o sem-sentido do quotidiano com a esperança, a justiça e as energias criativas duma existência humana concreta? Como ter a consciência de si, senão pela criação de laços e olhares interactivos com o “OUTRO”? Quais as marcas ideológicas e epistemológicas (estruturais, espontâneas, subterrâneas, simbólicas) das categorias mentais e dos princípios de cientificidade, e sua inerente relatividade e fragmentação? Qual, enfim, o significado da noção totalitária de «existência humana» num mundo individualista, massificado, esvaziado de significados e de «humanidade»? Eis alguns exemplos (entre outros possíveis) de interrogações fundadoras de correntes tão diversas como, respectivamente: pensamentos Socrático, Platónico e Aristotélico; reflexão dominante da medievalidade; Renascentistas; leitura de Descartes; os, marcantes desde o século passado, Kantianismo, Nihilismos, Marxismo, Positivismo e Fenomenologia; o Existencialismo (retoma da problemática hegeliana); as propostas de Wittgenstein e colaboradores; como, ainda, as abordagens pós-modernas e suas críticas;

- passando, do ponto de vista jurídico, por delimitar *critérios* para os direitos humanos e os *campos de conformidade e de desvio social às normas* instituídas – podendo tomar-se o ex.^o da definição internacional da categoria *refugiado* por perseguição política, militar, cultural ou calamidade; a mais recente oposição entre *cidadão e residente europeu*; ou, desde fins da Idade Média, a gradual instituição da categoria *pobre* a partir dos critérios mutáveis de humildade-piedade, improdutividade orgulhosa, privação ou exclusão (Toscano 1993c);

- até ao percurso da Etnologia e da Antropologia – que é a longa discussão em torno do etnocentrismo senão uma profunda análise da relação entre *diferentes* identidades culturais?;

- e, especificamente para o presente objecto de pesquisa, a Sociologia: quer as tradições, clássicas ou actualizadas, «*macro*» –Estruturalistas e Funcionalistas– e «*micro*» –Fenomenológicas e Interaccionistas; quer escolas críticas como as do Sistema Mundo, do Individualismo Metodológico, dos Estilos de Vida, dos Novos Movimentos Sociais, das Relações Interculturais e da Cidadania Activa.

Mas, a mencionada dicotomia não é só *herdeira* da tradição filosófico-científica ocidental; ainda é *aliada* de outros modos de reflectir sobre a pessoa humana e os meios envolventes (natural, social, ecológico e cósmico)²⁴. Krewer (1994) alerta para os *estilos reflexivos* centrais desta tradição:

²⁴ Para Cazeneuve (1995, 13 e ss.), a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia *interessar-se-iam* pela relação “EU”-“OUTRO” segundo 3 modos diferentes e complementares: Antropologia: o “EU” semelhante a “TODOS OS OUTROS” (membro da espécie humana); Sociologia: o “EU” apenas semelhante a “ALGUNS OUTROS” (família, grupo profissional. . .); e o “EU” não semelhante a nenhum “OUTRO”, orientação da Psicologia (aplicando ainda, simultaneamente, o primeiro enfoque—membro da espécie humana).

- concepção substancialista da alma humana – oposta à divindade e à animalidade na Antiguidade e Idade Média – viabiliza os atributos de *consciência* e *capacidade de acção* do “EU” (*SELF*);
- ruptura entre razão e corpo no Renascimento e no Iluminismo, institui a distinção entre um “EU” dotado de reflexividade interna (subjectividade-*res cogitans*) e outro “EU” observável e cognoscível pela razão, mediante regras e princípios de observação precisas (objectividade-*res extensa*);
- complexificação do estilo dicotómico do “EU”-OBJECTO/“EU”-sujeito devida aos impactos dos movimentos empiricistas (“EU” empírico) e racionalistas (“EU” inato-substancial), e da formulação Kantiana do “EU” transcendental (a condição prévia da possibilidade de conhecimento);
- introdução, pelo romantismo, do estilo dicotómico “EU”/ “NÃO-EU” e de noções inovadoras — como a de desenvolvimento sócio-histórico de um “EU” composto por elementos inconscientes e holísticos; ou a da valorização do desenvolvimento do “EU” na relação com o “OUTRO”;
- definição, pela biologia evolucionista, da organização sistémica estrutura/função como modelo da tendencial evolução do “EU” para a adaptação (bio-fisiológica) e o equilíbrio (orgânico);
- centralidade do “EU” social, no paradigma materialista, fundado na consciência e nas relações de tipo conflitual – interclasses – como de tipo cooperador – intra-classe. E, ainda, o postulado da inerente consciência de classe em relação às actividades produtivas vistas como os modos de hierarquizar-legitimar e transformar, pelo trabalho, as actividades humanas de superação da natureza;
- renovação da concepção sistémica, nomeadamente por Edgar Morin, reintegrando a complexidade da actividade racional limitada e errónea (se racionalizadora) do *homo sapiens*, e a condição relacional de *homo demens*, num sistema antro-po-bio-cósmico; e
- investigação sobre os tipos inteligência – *racional, cognitiva, emocional, clonada e artificial*.

Neste percurso, os critérios dos estilos reflexivos sobre o “EU” enunciados, a par de outros componentes dessa mesma reflexividade, fundamentariam distintos paradigmas de análise do “EU”.

Para Krewer a tradição ocidental da reflexão sobre o “EU” constrói-se, gradualmente, através de *quatro direcções*: *Conhecimento* do “EU”; *Subjectividade*, externa e interna, e *Intersubjectividade*. A orientação das duas primeiras funda-se no eixo “EU”-OBJECTO, e será território lavrado por correntes como o empirismo lógico; o estruturalismo, o funcionalismo e o construtivismo. É já no eixo “EU”-SUJEITO que eclode o interesse pela Inter-subjectividade e pela vertente interna da Subjectividade. Tomem-se, a título de exemplo, os objectos do Historicismo, do Pragmatismo ou – dos fortemente influenciados por este – sociólogos da 1ª Geração da Escola de Chicago, como os posteriores Interaccionistas; e a proposta Fenomenológica, presente na fundação da sociologia compreensiva.

Ora, às 4 *direcções* referidas estão subjacentes *distintas concepções de “EU”*. Assim, ao 1.º VECTOR CONHECIMENTO DO “EU” subjaz a perspectiva do “EU” como estrutura passiva de dados e

abriga as noções centrais de *auto-conceito* e de *auto-estima*. A viragem cognitivista abre uma versão oposta do “EU”, enquanto estrutura activa que trata as informações. Ao 2.^o VECTOR SUBJECTIVIDADE EXTERIOR é central a «*relação “EU”-“OUTRO”*». Como protótipo do VECTOR SUBJECTIVIDADE INTERIOR tome-se o entendimento do “EU” como a experiência privada e fenomenológica do sujeito, contemplada no conceito de «*proprium*» por Allport, mas algum tempo negligenciada pela Psicologia (Amâncio 1988a; 1993a). Enfim, ao 4.^o VECTOR INTER-SUBJECTIVIDADE DO “EU”, cabe a proposta das noções de “EU” público/“EU” privado, *apresentação de si*, e *Identidade*. E tomam-se, como dimensões do “EU”, «*l'importance de l'Autre, des relations interpersonnelles, des coordinations sociales ainsi que l'importance du monde des significations intersubjectives*» (Krewer 1994,169).

A organização destes 4 vectores evidencia dimensões fundamentais para o olhar sociológico; como revela que tais orientações analíticas espantam a multiplicidade de componentes do “EU”. A par disto, verifica-se ainda que tal reflexão tem sido comum a grandes paradigmas teóricos *coexistentes*, mas nem sempre *comunicantes*. Procurando evidenciar melhor a dicotomia dos critérios e estilos reflexivos sobre o “EU” chega-se, pelos enunciados de Krewer, às 3 seguintes linhas de recorrência:

- ◆ consciência: alma humana; “EU” condição de conhecimento; razão; “EU” conhecedor-subjectividade-reflexividade interna/ “EU” cultural (“EU” cognoscível-objectividade-reflexividade externa);
- ◆ acção: “EU” humano, “EU” sujeito de conhecimento; “EU” construído na História e na relação com o OUTRO: “EU” conflitual/cooperante; “EU” conhecedor da natureza; “EU” produtor/transformador da natureza; “EU” cultural;
- ◆ relação: “EU”-humano/“OUTRO”-divindade, “OUTRO”-natureza; “EU”-sujeito/“OUTRO” – NATUREZA-objecto; “EU”/“OUTRO”-NATUREZA: determinação, organismo, estrutura, função-adaptação; equilíbrio-cooperação; corpo, trabalho, conflito-superação; “EU”/“OUTRO”-CULTURA-HISTÓRIA: “EU” construído na História, na relação com o “OUTRO”, em espaços-tempos de criação de regras colectivas; “EU” cultural;²⁵ “EU”-consciente-razão/“OUTRO”- “Não-EU”-inconsciente-emoção.

Consciência, Acção e Relação perpassam as diversas reflexões sobre as identidades, vindo a *Sociologia* a *herdar* estilos reflexivos dicotómicos aqui enunciados, e a *trabalhar a partir deles* com o impulso e no contexto da *modernidade*. Na análise das noções de identidade contidas nas propostas sociológicas deve ter-se presente que começam a ser sinalizadas no seu *período formativo*. Instituindo-se a Sociologia como o novo saber que propõe um *outro* olhar sobre a relação indivíduo-sociedade – sem conseguir imediatamente a superação de tal dicotomia – ao pensar a problemática identitária os sociólogos vão relacionar-se (consciente ou inconscientemente, voluntariamente ou não) com a *noção moderna de pessoa humana*.

²⁵ Cf: a discussão construtivista da identidade feminina de Carmo d’Orey In Ferreira 2001 (Org); cf: tb Toscano 2002.

1.2. A *Identidade* – pela relação *Indivíduo / Sociedade* – já no *período formativo da Sociologia*

No seu período formativo a Sociologia *herda* a dicotomia *Indivíduo/Sociedade*³¹, herança que vai agregar-se a novas concepções dicotómicas decorrentes quer do esfumar da sociedade medieval, quer do emergir e consolidar da sociedade industrial.³² Não admira, pois, que a moderna concepção filosófica da identidade *natural* da pessoa humana, nitidamente marcada pelo Iluminismo, dê ênfase às dimensões individualista, empreendedora e competitiva do ser humano, a par da valorização da racionalidade laica.

A noção *moderna* de *identidade* defende que a *mobilidade social ascendente* e o Progresso são expoentes do *desenvolvimento civilizado*. A mesma noção representa, no plano filosófico, uma das *condições intelectuais* mais determinantes do discurso sociológico, a par do desenvolvimento das *teorias evolucionistas e organicistas* do século XIX (Lallement 1993, I; Bottomore 1970).

Assim, a primeira versão da *nova ideia de identidade do homem moderno*³³ é simultaneamente o *produto* e o *contexto* das condições da divisão moderna (Técnica e Social) do trabalho, bem como a *emanação* da visão do mundo que valoriza, desde então, a circulação de força de trabalho, pessoas, bens e ideias.

Das diversas *visões pré-sociológicas* marcantes do entendimento sociológico (subjacente ou explícito) da *Identidade* – e das abordagens da «*pobreza*» veiculadas pelos fundadores da Sociologia – salientam-se duas: a da *Ordem ou Sistema Sociais*, e a da *Ação ou Controle Sociais*. Atente-se nos seus 3 componentes centrais, as *pré-noções* sociológicas de *pessoa*, de *sociedade*, e da relação *indivíduo-sociedade*.

1.2.1. Pela mão da Filosofia Moderna, distintas leituras da *Identidade*

A *pré-noção moderna de identidade*, ao manifestar a reconfiguração social da nascente sociedade moderna³⁴, alberga diversidade de *posicionamentos*.

Por um lado, destaca-se a dimensão positiva-optimista dos seus *defensores, entusiastas*; por outro, a dimensão negativa-pessimista dos *saudosistas e resistentes* à perda da proximidade e familia-

³¹ A par de outras dicotomias inerentes à racionalidade da civilização ocidental (visíveis, já, desde o Renascimento até ao Antigo Regime), *p. ex.* Pessoa Humana-Civilização/Selvagem-Natureza, Sagrado/Profano, Razão-Ciência/Emoção-Fé-Estética-Especulação-Senso Comum, Quantitativo/Qualitativo, Homem/Mulher (*cf.*: Santos, 1988, 1989, 1991 e 2000; e Amâncio, 1994).

³² Nomeadamente, a pujança da Burguesia e da sua obra tecnológico-social – o desenvolvimento urbano-industrial – são inseparáveis da divulgação dos ideais democráticos, dos valores *justiça* e *igualdade* associados ao *progresso* e à centralidade iluminista da *razão*. *Cf.*: Simon (s/d, 145 e ss. e 161 e ss.) para compreensão, respectivamente, das linhas-força da Filosofia (laica) da História, e da figura «vanguardista» de Montesquieu como racionalista enciclopédico. *Cf.* tb Lallement 1993, I, 35 e ss.

³³ *Cf.*: Dawe 1980. Incontornáveis, para este debate, são as produções de Touraine e Dubet, de Giddens e de B. de Sousa Santos.

³⁴ Isto é, está-se face à consagração de um mundo social que deixou de estar assente na visibilidade, universalidade e previsibilidade – à medida que o modo de vida se individualizava, em detrimento da densa comunicalidade medieval – para reforçarem-se valores socialmente estruturadores como a contingência, a situacionalidade e a imprevisibilidade total (Dawe 1980, 495 e ss.; *cf.* as reflexões de Giner, e de Sousa Santos. Sobre a abordagem da noção de *Comunidade* *cf.* Regina Campos (Org.) 2000 – os seus textos e os de Bader B. Sawaia. Em relação aos discursos antropológico e sociológico ver a abordagem do *ciclo de ideias utópicas* entre o Renascimento e a Revolução Francesa (Simon s/d, 87 e ss.).

ridade sociais, e da organização comunitária tradicional – reacção de diferentes amplitudes e especificidades, consoante as posições sociais dos autores; e, finalmente, refiram-se os sem-partido ou desfigurados sócio-ideologicamente pela mudança em curso. Os mesmos posicionamentos contêm duas leituras moralistas informadoras da reflexão sociológica sobre a identidade, e da leitura – e vivência – dos sentimentos sociais: *moralismo pessimista* em Hobbes (1578†1679), e *moralismo optimista* em Rousseau (1712†1778), ambas pela mão das Teorias do Contrato Social.

Ao passo que, nas tendências actuais, a identidade social envolve *tendências* íntimas e *pessoais*, e *influências globalizadoras* (Giddens 1994, 1), a visão moderna divorcia-as, litigiosamente.

Na verdade, as interpretações da pré-noção moderna de identidade racional e do Contrato Social³⁵ bifurcam-se. Com efeito, a versão da *Sociedade contratual coerciva* que ordena os Indivíduos amorais, entende a *identidade racional, auto-destrutiva, e socialmente destrutiva* (perspectiva Hobbeseana da *Ordem*). Trata-se de uma acepção da *figura individual* como *racionalmente egoísta, amoral, insensível aos outros e ambiciosa de poder* mas que, dada a sua fragilidade, vive aterrorizada pela morte. Para fazer face aos seus limites, o Indivíduo recorre a todo o género de expedientes fraudulentos, na tentativa de sublimar essas *fraquezas naturais*. Tamanha *insegurança*, aliada à *amoralidade corruptiva*, caracterizam um *estádio natural individualista e anárquico* face ao qual só a imposição, pelo *Leviatã* – sistema exterior e ordenador das regras sociais (*pessoa artificial*) – pode coagir esses *maus selvagens* à sociabilidade humana. Trata-se, pois, da posição hierárquica da *Sociedade-dominância* face aos agentes sociais. Transpondo para o nosso objecto de estudo, a *pré-noção pessimista de identidade* permanece nas formulações dos *agentes sociais* como *identidades negativas* em termos sócio-morais; e tem persistido em todas aquelas que desvirtuam «os pobres» de qualquer atributo ou competência construtiva e/ou de mudança.

Por sua vez, a versão da *Sociedade contratual, racional e justa, porque moral*, é a visão Rousseauiana³⁶ do Indivíduo *livre e racional na acção* – porque *ser moral na sua acção* como na sua *razão* (*auto-construtivo* e *socialmente construtivo*). Pelo que a vida social é o resultado das várias e negociações entre indivíduos que estabelecem *diálogos contratuais* entre si e com a colectividade. Esta Teoria optimista do Contrato Social é característica do impacto positivo do Iluminismo.

Seja qual for a leitura moral da *moderna concepção da pessoa humana*, a ambas é comum um atributo e condição: a liberdade. Na concepção moderna, este *homem novo* – dotado da *razão instrumental* que organiza os modos económicos, técnicos, sociais e políticos da vida moderna – é um

³⁵ Para familiarização com as *Perspectivas do Contrato* cf: Simon s/d, 116-134; Lallement 1993, I, 33 e 45 e ss; e Ayala 1994, 179 e ss. Têm de situar-se ambas as perspectivas no seu contexto de produção, especificamente as manifestações saudosistas do mundo medieval e a *desorganização-reorganização* social a que Hobbes assiste – guerra civil inglesa (cf. Dawe 1980, 495 e ss.; e crítica a Hobbes In Touraine 1992, 28 e ss.).

³⁶ Cf: a leitura do Rousseau modernista por Touraine (1992, 24 e 28 e ss.) e do Rousseau crítico modernista da modernidade (1992, 34 e ss.); e tb Boudon e Bouricaud 1994, 510 e ss. Sobre a interpretação do individualismo, em ambos, cf. Dumont 1992, 85 e ss., e 81 e ss.

individuo liberto. Tal liberdade significa que a razão é o motor da *acção* e da *consciência*; que estes não decorrem de mecanismos estranhos à dimensão humana nem de «*une pensée sans garant transcendent*»: «*L'être humain n'est plus une créature faite par Dieu à son image mais un acteur social défini par des rôles (...), par les conduites attachées à des status et qui doivent contribuer au bon fonctionnement du système social. (...) l'être humain est ce qu'il fait (...) il doit chercher la définition du bien et du mal dans ce qui est utile ou nuisible à la survie et au fonctionnement du corps social.*» (Touraine 1992, 32).

As vastas obras dos sociólogos fundadores contêm, de forma patente e dominante, ou latente, elementos analíticos embebidos nessas duas tradições do pensamento social.³⁷

1.2.2. Ciências Sociais, e Sociologia Positivista

Se a reconstrução dos *saberes sociais* em *ciências do social* é iniciada com o Humanismo³⁸, os sécs. XVII e XVIII protagonizam o equacionar e problematizar da *natureza* humana e da sociedade *natural*.

A moderna industrialização urbanizadora dos séculos XVIII-XIX e as inerentes condições sociais – categorizadas pelos três sociólogos fundadores como *anómicas*, *burocratizantes*, ou *alienadas* – convertem-se no objecto da sociologia nascente³⁹ e da formação do discurso *científico* do social. Uma vez criadas as condições sociais e teórico-epistemológicas para o encorpamento daqueles domínios, a *encomenda* da investigação sociológica situa-se nesses contextos das Revoluções Industrial, Demográfica, Urbana e Democrática (Inglesas e Francesas, principalmente).⁴⁰

Com a Sociologia, a natureza *individual natural* devém *social* pela *interiorização cultural e normativa*, porque o indivíduo passa a ser entendido como *agente-interiorizador da sociedade* (Dubet 1996, 22-23). Thomas Scheff (1990) anotou esta dominância da *concepção individualista e cognitivizante* da teoria social. Acontece que se o *sujeito livre* é central nos pensadores modernos do século XVII, a *outra* modernidade – desde as Revoluções Francesa e Americana, e a Industrialização Inglesa – institui a *separação entre o sujeito e a sociedade* (Touraine 1992).

³⁷ Cf. Toscano, 1993c, Capítulo I I-A. De entre tais dicotomias salienta-se a oposição de *sentimento-moral* a *razão-interesse*. Cf. formulação filosófica desta por Pascal (coração/ razão) e Bergson (instinto/inteligência). Cf. tb. Cazeneuve 1995, 16 e ss; e as formalizações sociológicas de Tönnies: a) vontade *instintiva/orgânica*, na origem da comunidade e característica do indivíduo *uno-natural* – logo, *própria* das mulheres e dos inferiores: jovens, crianças, povo e arte; b) vontade *reflectida/instrumental*, na origem da sociedade e característica do indivíduo *artificial* que desempenha múltiplos papéis – e *própria* de homens, dos mais velhos, das classes cultas e ciência (Ferreira *et al.* 1995, 115 e ss.; Lallement 1993, I, 130 e ss.). Sobre tais pólos analíticos na sociologia italiana do seu contemporâneo Pareto (acção social como manifestação de *sentimentos*; *razões-derivações* e *resíduos-acções* observáveis) cf. Ferreira *et al.* 1995, 106 e ss.; e Lallement 1993, I, 138 e ss.

³⁸ Possível, pelo *trabalho de guarda dos saberes* clássicos durante o período medieval.

³⁹ Nomeadamente, a revolução tecnológica da industrialização, as migrações de trabalhadores, o desenvolvimento urbano, os grupos familiares, e a afirmação da 1ª. Cidadania.

⁴⁰ Sobre o nascimento da Sociologia cf.: Ferreira *et al.* 1995, Caps. 3 e 4; Durand *et al.* 1993, 15-45; Giddens 1976, 16 e ss.; Akoun 1977; Duvignaud 1982; e 1966, *cit In* Simon s/d, 180; Lima 1987; Martindale 1979, 34-56; Rocher 1981; Santos 1988 e 1989; e Bottomore 1970, 13 e ss. Sobre as tendências sociais desse contexto de formação, e especificamente da Antropologia e da Sociologia, cf. Toscano 1989.

Neste percurso, as várias aproximações ao discurso sociológico – nomeadamente as perspectivas *naturalistas*, *organicistas* ou *psicologistas*⁴¹ – cedem gradualmente o lugar à *especificidade* das leis e *lógica organizacional da sociedade*, até desembocarem nas propostas, dominantes, do *determinismo sociológico*. A Sociologia, fortemente *enciclopedista* no início, vai desenhar o social enquanto realidade autónoma, com Comte e, principalmente, Durkheim. Este, fundamenta as *regras* do estudo do *facto (coisa) social*, o qual implica a construção de métodos e a elaboração de uma linguagem disciplinar científica, também específicos (Santos 1989).

Correlativa do sucesso promocional da Burguesia nesse século XIX, a *ideia do mundo-máquina* afirma-se também através das categorias do novo conhecimento (Santos 1988). O *agente* não é agora definido-construído «*por relações, por ligações com os outros, por posições de poder, por objectivos autónomos prosseguidos, pela procura racional dos meios*». Logo, a sua subjectividade-individualidade, o «*Ego autónomo do indivíduo*», bem como o princípio da sua acção, encontram-se «*nas regras sociais que ele tornou suas ao interiorizá-las, ao percebê-las como obra propriamente sua.*» (1996, 37).

Esta sociedade interiorizada – a *obra natural* – é agora passível de um conhecimento *positivo* e *objectivo*. E a causalidade que articula e institui aquele *indivíduo* em *agente* social é a *acção integradora* do indivíduo no todo coeso social, de que são expoentes a *socialização* e a *educação*: «*Foi a divisão do trabalho social e a formação do Estado moderno, que possui o monopólio da legitimidade e da força, que promoveram o indivíduo, súbdito do rei ou cidadão, cuja socialização garante a coordenação do sistema e dele resulta ao mesmo tempo.*» (1996, 37; Touraine 1992).

O questionar desta proposta de *ciência positivista* contou com o contributo do movimento intelectual do Romantismo para complexificar e dilatar o campo e o olhar sociológicos.

1.2.3. Ciência Sociais, Positivismo e Romantismo

Situado no contexto alemão e emergindo dos princípios epistemológicos positivistas, o Romantismo revelou ser mais do que uma resistência àquela visão da *ciência-nova religião da humanidade*. Tendo impactos diversificados – na *filosofia*, *história*, *literatura* e na *arte* em geral – a sua *proposta intelectual* marca também a abertura sociológica ao «*argumento*» da «*acção humana*» como «*radicalmente subjectiva*». (Santos 1988 e 2000; Ferreira *et al.* 1995, 69 e ss, 91 e ss.).

O Romantismo viabiliza a abordagem interpretativa das Ciências Sociais que «*Como resultado se expresa no en leyes como la de Boyle, o en fuerzas como la de Volta, o mecanismos como el de Darwin, sino en construcciones como las de Burkhardt, Weber o Freud: aperturas siste-*

⁴¹ Para possível aprofundamento desta *problemática*, cf. Cuvillier 1960, 8 e ss. e ainda a obra de Martindale 1979.

máticas del mundo conceptual en que los condottiere, los calvinistas o los paranoide viven.» (Geertz 1992, 65). Portanto, podem assentar-se **três** níveis do impacto do Romantismo na ciência do social.

Ao *nível conceptual*, sistematiza a noção de subjectividade e subsequentes critérios e dimensões analíticos que se plasmam no pluralismo metodológico, na análise tipológica, no enfoque historicista, e no interesse pelo burlesco-grotesco (no próprio sentido moderno de minoritário ou *desviante*). Consequentemente, ao *nível metodológico*, resiste e contrapõe-se aos estudos *quantitativo-objectivos*, valorizando a compreensão interpretativa em detrimento da explicação causal; implicando ainda um terceiro *nível: epistemológico*. Desenvolvido este pela Sociologia do Conhecimento e pela Epistemologia das Ciências Sociais, o Romantismo concebe, inovando, as *fontes* e a *natureza* das informações científicas, ao recusar a eventualidade da ruptura entre discurso e olhar do observador e observado, e ao rejeitar, desse modo, a possibilidade da objectividade *pura*.

A *resistência fenomenológica* ao objectivismo da razão iluminista e positivista, divulgada por autores tão diversamente posicionados como os saint-simonianos *revolucionários* ou os comtianos *conservadores*, viria a redundar num dos níveis dicotómicos da (di)visão fragmentária que tem caracterizado a racionalidade ocidental: a *pretensa* dicotomia entre *ciência positiva* e *ciência romântica*⁴². Esta é transponível, no nosso objecto, para a visão da ruptura – definida ou desejada como se fosse possível e inevitável – entre os *sentimentos subjectivos* de desqualificação e requalificação sociais e a leitura *distanciada* dos mesmos processos.

1.2.4. Ciências Sociais e Obstáculos Epistemológicos

A sociologia nascente ainda vai lidar com outras *heranças-obstáculos* culturais da racionalidade ocidental, dicotómica e fragmentária.

Dessas *heranças-obstáculos* salientam-se: *o individualismo*; *a familiaridade com/a transparência do social*, *o naturalismo* e *o androcentrismo*. Sendo obstáculos à observação e à interpretação analítica dos fenómenos sociais, também o são no estudo particular da Identidade, de que se considera que o *obstáculo gerador* é a dicotomia *objectividade/subjectividade*. Portanto, as *heranças-obstáculos* vão, por um lado, dificultar a análise e compreensão das componentes individual e social da identidade; por outro, vão legitimar a tradição, duradoura, de opor as conceptualizações da identidade *objectiva-externa-prescrita*, às da identidade *subjectiva-interna-assumida*.

Contudo, a herança positivista-objectivista nem se restringe às fragmentações analítico-metodológicas, nem à conceptualização das identidades sociais e, na presente pesquisa, das identidades das *mulheres em PSD/R*, dado que a mesma ainda

⁴² Cf. Gouldner s/d; Lima 1987, 101 ess.; Cu villier 1960, 91 e Cap. VI; e Durand *et al.* 1993, 58 ess.

- i. vai embeber as representações sociais quotidianas face aos actores designados como «pobres» – representações ‘marcadoras’ de noções disciplinares, como de visões do mundo, sentimentos, e práticas colectivos;
- ii. vai influenciar a própria produção social, quotidiana e histórica, das identidades desses actores designados como «pobres» – reflexão-base de todas as etapas da presente pesquisa; e, o que é mais gravoso,
- iii. vai provocar uma continuada abordagem da realidade social baseada nestes critérios fragmentários. Daí que tal abordagem vá treinar e disseminar uma visão fragmentária fatalizante já não apenas do conhecimento sobre o social, mas dos próprios modos de viver no social.

Re-situadas as formulações binárias, o olhar sociológico passa a ver-se a si próprio como fragmentado desde a sua constituição. Nesse *discurso fundador* é clara a separação entre as Sociologias *Objectiva* (sociologismos) e *Subjectiva* (Romântica; Fenomenológica); paradoxo que corresponde, por sua vez, à mútua *rivalidade metodológica* entre *explicação* e *compreensão* sociológicas. Nesta sequência, constata-se que as dicotomias analíticas da *problemática ‘Identities’* não decorrem de meros preciosismos abstracto-teóricos, nem são um *limite identitário exclusivo* de um único *Domínio* do conhecimento; mas são, sim, constituintes da racionalidade moderna ocidental. Identidade e Sujeitos *Sociais*: conceptualizações entre *margens* e *cumplicidades* – de que se procurarão as mais férteis para o actual objecto em estudo.

2. SOCIOLOGIA, DICOTOMIA INDIVÍDUO/SOCIEDADE: IDENTIDADES *PRESCRITAS*?

A discussão sociológica das últimas décadas, incluindo a portuguesa⁴³, situa a *Problemática Identitária* na intersecção de diferentes teorias sociológicas. Defende-se que, tradicionalmente, esse conceito opôs o Interaccionismo e o Marxismo, desenrolando-se a *Problemática* na busca de uma «*síntese entre os níveis mais interaccionistas, etnometodológicos e praxeológicos*» da acção social (Guerra 1991, 404). Também o debate provocado pela emergência dos *Novos Movimentos Sociais* (nos EUA como no contexto europeu)⁴⁴ contrapõe o enfoque da *construção social* dos movimentos sociais às anteriores *Teoria das Ideologias* e *Teoria da Mobilização dos Recursos*.

⁴³ Ver as pioneiras dissertações de doutoramento, nos anos 90, de Isabel de Guerra e de Ana de Saint-Maurice; e Mendes 2001.

⁴⁴ Nos quais distintos autores englobam desde os movimentos de estudantes de 60, até às mais recentes causas ambientalistas, anti-nucleares, ecológicas e de defesa do património (histórico-cultural, arquitectónico, etc); aos movimentos pelos Direitos das crianças e dos animais; aos movimentos de mulheres e de homossexuais (masculinos e femininos); aos movimentos de medicinas alternativas e/ou de orientação naturalista; às lutas e campanhas anti-tabágicas, anti-álcool e genericamente contra todo o tipo de drogas; aos movimentos da Nova Era e outros de orientação espiritualista; até aos movimentos nacionalistas, étnicos e de afirmação de identidades culturais no quadro das relações multi e interculturais, entre outros (cf. Johnston *et al.* 1994).

Parece, assim, que *velhas heranças* e *novas abordagens* sociológicas encontram acolhimento nos *debates identitários*. Veja-se como.

As re-configurações dos *Movimentos Sociais* reforçam a visibilidade da problemática identitária na Sociologia devido à complexificante configuração daqueles, na medida em que deixam de poder ser exclusivamente entendidos *i)* quer à luz das abordagens Marxistas e Weberianas, centradas na coerência ideológica entre grupos, pela afinidade de posições sociais de classe ou de estatutos sociais – Teorias das Ideologias; *ii)* quer a partir da lógica da acção orientada pelo outro móbil explicativo: o custo-benefício. A mais recente orientação para os *aspectos políticos e estratégicos*⁴⁵ questiona o fechamento dessas perspectivas, e propõe-se analisar os *recursos* organizativos e as *oportunidades* para a acção colectiva.

Presentemente tende, portanto, a contrapor-se a valorização dos *componentes simbólico-culturais*, do *desenvolvimento pessoal*, e das transformações nas *formas de interacção*, à anterior focalização na *ideologia* e na *organização* da acção.

Para a consecução deste objectivo salientem-se – de tais leituras com implicações sócio-políticas e *conotações ideológicas* distintas – duas conceptualizações das identidades sociais designadas por «Pobreza»:

- «*pobres*» são os inevitavelmente resultantes do desenvolvimento das formas de produção e divisão do trabalho capitalistas, pois a mobilidade ascendente só será possível mediante uma revolução social (político-económica) – posição característica do pensamento marxista.
- «*pobres*» são os assalariados (ou desempregados) do processo de produção capitalista, os cultural e moralmente desenraizados devido à decadência dos valores tradicionais e à ainda não eficaz coesão social dos novos valores do Progresso – de que a leitura funcionalista é típica.

No primeiro caso, *os pobres* são todos os que são *limitados* e *oprimidos* pelo modelo burguês de produção e divisão do trabalho, e pela correspondente distribuição dos papéis e lugares na escala social; no segundo, *os pobres* são os que *ainda não se enquadraram* totalmente naquele modelo.

A apresentação destas extremadas e opostas noções sociológicas de *identidade dos «pobres»* – latentes, ou nem sempre explícitas, na obra dos autores em análise – visa evidenciar e denunciar os finalismos evolucionistas e as pré-noções etnocêntricas e androcêntricas que, postula-se aqui, lhes subjazem. Ainda se têm presentes três argumentos sociológicos da leitura do processo de industrialização oportunamente fundamentados (Toscano 1993). Um primeiro argumento é o da não homoge-

⁴⁵ Cf. o Prefácio da obra coordenada por Loraña e Gusfield 1994, 3.

neidade do processo de industrialização; este, abre-se ao segundo: à diversidade das formas de desenvolvimento do industrialismo corresponde a não homogeneidade dos grupos sociais *desqualificados*, logo, a não homogeneidade de *UM* (único) tipo «*pobre*»; o terceiro argumento salienta os distintos posicionamentos, reacções (práticas estratégicas) desses actores sociais *inferiormente* situados.

Neste sentido, a nossa linha analítica – contribuir para desconstruir a *concepção homogénea das identidades sociais*, especificamente as designadas por «*pobreza*» – é elucidada por duas ordens de razões, que podem ajudar à compreensão da própria perspectiva da “Sociedade Dual”: i) a *concepção moderna de pobreza* decorre de uma visão que hegemoniza a complexidade e as diversidades sociais; e ii) a mesma concepção é **dicotómica**, pelo que, se levada às últimas consequências, reduz as práticas, as posições e as dinâmicas sociais a dois *estádios estereotipados*: os *desqualificados*, «*pobres*»-*dominados*, *socialmente negativos*, e os «*não pobres*»-*dominantes*, *positivamente reconhecidos* no tecido social.

Na mesma ordem de ideias, as leituras clássicas de Durkheim e de Marx revelam-se exemplos teóricos paradigmáticos, simultaneamente imbuídos e potenciadores daquela racionalidade – leituras a que se associam aqui as obras dos sociólogos contemporâneos T. Parsons e P. Bourdieu.

Adaptação, Interiorização, Anomia e Alienação

O vector de análise das vastas obras de Émile Durkheim, Talcott Parsons, Karl Marx e Pierre Bourdieu focaliza-se, especificamente, nas suas conceptualizações da relação actor-sociedade.

Para tal, seguir-se-á uma dupla orientação: **1)** ilustrar como estas propostas⁴⁶ vinculam a Sociologia à concepção estática e homogénea das identidades (concepção também duradoura noutras Ciências Sociais); **2)** captar como perspectivam (de forma directa ou indirecta, explícita ou implícita) as específicas identidades sociais «*pobres*»-*dominadas-não integradas*). Subjacente, está um pressuposto: as *visões sobre «as pobreza»*, decorrentes das obras em análise, têm legitimado o sociocentrismo das conceptualizações ocidentais da *problemática*⁴⁷. Para concretizar esta orientação analítica consideraram-se as *noções* de Indivíduo-Agente-Actor Social; a noção de Sociedade; o entendimento da relação Indivíduo-Sociedade; e ainda as perspectivas identitárias (inerentes, latentes) dos «*pobres*» e das mulheres «*pobres*».

Terá oportunidade de ver-se como as 4 propostas sociológicas caracterizam a identidade do actor pela *dupla natureza* histórica e social resultante do processo socializador do indivíduo na relação com o meio envolvente. Distintos, porém, são os modos explicativos da relação indivíduo-sociedade em cada uma delas: 1 - a lógica durkheimiana firma-se na determinação – normativa, ob-

⁴⁶ Ainda que formuladas de modo antinómico pelos dois primeiros fundadores, e na posterior tentativa crítica de Parsons.

⁴⁷ Consideramos que Durkheim e Marx foram os *mais negativamente apropriados* na leitura dicotómica e sócio-androcêntrica da «*pobreza*».

jectiva e externa (Scheff 1990) – dos padrões como garantia funcional da integração social; 2 - a proposta parsoniana fecha-se na interiorização moral dos modelos normativos de participação social; 3 - a perspectiva estrutural e materialista – questionando o postulado *ingénuo* da integração social pela interiorização das normas funcionais – contrapõe que desiguais e hierarquizadas relações sociais socializam indivíduos em desiguais e hierarquizadas posições sociais; pelo que, a produção de posições de classe desiguais é coerente com os conflitos materiais e ideológicos que as mesmas protagonizam; 4 - no «*estruturalismo genético*» (Ansart 1990) de Bourdieu já são introduzidos componentes geracionais e sincrónicos no processo socializador; todavia, este vai resultar na *naturalização* das *disposições* inerentes à sua *posição de classe* (de origem, e sincrónica).

O argumento da transversalidade da perspectiva da prescrição identitária *latus senso* é central para a presente pesquisa, e sobretudo a sua manifestação no *campo analítico* das identidades categorizadas pela «*pobreza*». Conforme se analisa, em Durkheim o indicador de pobreza é moral: anomia, a ausência de normas e de coesão sociais⁴⁸. Em Marx identifica-se um indicador político, tomando a *alienação* como o obstáculo, oriundo das condições sociais capitalistas (económicas, políticas, ideológicas), ao exercício da criatividade humana. No caso de Parsons, a funcionalidade da estratificação da sociedade liberal justifica, estruturo-funcionalmente, as desiguais socializações e interiorizações culturais, de que são o expoente os papéis-estatutos da classe média americana (Dubet 1996, 31 e ss.). A perspectiva bourdieuniana da incorporação do *habitus* vai sublinhar a componente simbólica da dominação. Está ainda subjacente a estas leituras uma visão sociocêntrica do Sistema Social, se bem que com argumentos distintos. Concretizem-se estas afirmações.

3. ÉMILE DURKHEIM E A IDENTIDADE *MORAL* DA «*POBREZA*»

Defensor do novo modelo sociedade, da inerente divisão técnica e social do trabalho, e das novas formas de solidariedade social, Durkheim (1858 †1917) filia-se na *perspectiva do sistema social*.⁴⁹ Quatro peças-chave compõem o objecto durkheimiano⁵⁰: ciência positiva do social não especulativa, baseada no estudo empírico dos factos morais⁵¹; solidariedade social enquanto fonte destes factos morais que se erigem, por sua vez, em regras cristalizadas da conduta. Segundo o autor, o reforço da coesão social e a integração moral da mão-de-obra assalariada permitem a superação do estado de anomia. A solução que identifica é, então, a moralização das condições

⁴⁸ Cf. Durkheim 1977, vol. II, 206-207. Sobre a abordagem da obra de Durkheim, cf.: Martindale 1979; Giddens 1976; Dubet, 1996. Cf. história do conceito de anomia in Durand et al. 1993, nota In p. 74. Veja-se ainda como a «*noção de anomia corresponde a um ninho de conceitos*», segundo a explicação de Boudon e Bouricaud 1994, 27 e ss.

⁴⁹ Cf. Durkheim 1973, 469; e tb Dawe 1980, 475-546; Dubet 1996, 22 e ss. e Toscano 1993c, Cap.IA. Veja-se ainda a leitura de Durkheim por Boudon e Bouricaud 1994, 200 e ss.; por Simon s/d, 303 e ss. (especificamente, 320 e ss.); e por Thomas Scheff 1990, 20 e ss., e 71 e ss..

⁵⁰ Conforme sistematização in Durand et al. 1993, 73; cf. Lallement 1993, I, 152 e ss.

⁵¹ Sobre a *moral* como *dever e bem* em Durkheim, cf. o seu texto *inédito* (1992).

novas da vida industrial⁵² pela divisão do trabalho que «*pressupõe que o trabalhador, bem longe de permanecer curvado sob a sua tarefa, não perca de vista os seus colaboradores, aja sobre eles e receba a sua influência.*» (Durkheim 1977, vol. II, 167). Logo, o problema central em Durkheim é o da moralização da divisão social do trabalho.

3.1. Anomia, Sanções, Solidariedade e Coesão Sociais

Recorrendo a paralelismos com as relações de amizade ou a vida familiar⁵³, o autor conclui que «o mais saliente efeito da divisão do trabalho não (...) [é] que ela aumenta o rendimento das funções divididas, mas que as torna solidárias.». E generaliza esta afirmação a todas as formas sociais suas contemporâneas, segundo o princípio de que «é dela [divisão do trabalho] que deriva fundamentalmente a solidariedade social.» (1977, vol. I, 76 e 79).

Que é então a solidariedade social? Émile Durkheim responde definindo-a como o molde e, simultaneamente, o negativo das formas sociais: «*O que dá as suas características específicas é a natureza do grupo de que ela assegura a unidade, é por isso que ela varia consoante os tipos sociais.*» (1977, vol. I, 82).

Numa constatação histórico-social o autor aponta novas formas de solidariedade – orgânica⁵⁴ – em progressão, à medida que regridem o direito penal («*elemento representativo da consciência comum*» – lei), e a religião ou «*elemento afectivo*»: «*a solidariedade mecânica não liga os homens com a mesma força que a divisão do trabalho, e (...), de resto, deixa fora da sua acção a maior parte dos fenómenos sociais actuais (...) [sendo] evidente que a solidariedade social tende a tornar-se exclusivamente orgânica*» (1977, Vol. I, 201; cf. Cap. V). A estas novas formas sociais e de *solidariedade* correspondem novas *normas* e *sentimentos*. Novos sentimentos: já não os sentimentos colectivos ou a consciência colectiva, mas «*aqueles que têm por objecto não as coisas sociais, mas o indivíduo*»; novas normas: já não a dominância das normas de *sanção repressiva* (difusa ou organizada), passando-se às de *sanção restitutiva*.⁵⁵

A posição de Durkheim é muito clara: não imputa a instabilidade social do desenvolvimento capitalista às novas formas económico-sociais mas, sim, às *anomalias* que a sua *implementação* conteve. Dito de outro modo, *não está em causa a Divisão Social do Trabalho*, pois pensa o processo social de forma *unidireccional* – evolucionista – das sociedades artesãs para as do trabalho industrial.

⁵² A contextualização de tal interesse no seu objectivo mais amplo é sintetizada por Durand e Weil (1993, 73): «*dès ses premiers travaux, Durkheim se situe dans le cadre intellectuel des nombreux essais pour constituer une "morale scientifique"*».

⁵³ Cf. 1977, vol. I, cap. I. Cf. abordagem destes contributos. In Durand et al. 1993, 72-77. Cf. ainda Ferreira et al. 1995, 122 e ss.

⁵⁴ Durkheim 1977, vol. I, 211; cf. Durand et al. 1993, 75-77.

⁵⁵ Durkheim 1977, vol. I, 195; cf. 200 e 221 e ss; ainda no vol. I, ver Caps. III; V-P; VII-IV^o; e, no vol. II, ver a Conclusão. Sobre a diacronia da obra de Durkheim, cf. Aron 1974.

Que interpela então o sociólogo? São três as tendências sociais que põe em causa: a) a *divisão anómica do trabalho*: existência ou ausência de normas que possam gerir os corpos sociais; b) a *divisão forçada do trabalho*: imposição exterior da divisão do trabalho; c) a *actividade funcional das partes especializadas*: insuficiência do trabalho prestado pelos trabalhadores *individualizados*.⁵⁶

Consequentemente, se a divisão do trabalho exhibe «*formas disfuncionais mais gerais e mais graves*» de não-integração social, convêm-lhe medidas moralizadoras (1977, Vol. II, 146):

A) no caso da *Divisão Anómica do Trabalho*⁵⁷, a solução é moral, apenas estando o Governo apto a exercer a acção necessária para repor o sentimento de solidariedade comum. Como? Ao garantir a informação das finalidade e relação (função social) de cada trabalhador no contexto das funções.

Uma vez que ao órgão central do poder compete zelar pela *massa anómica*, a solução é *simultaneamente moral e ordenadora-normativa*. A crise da moral decorrente da divisão forçada do trabalho manifesta-se pela imposição de funções determinadas, ou por obstáculos «*de qualquer natureza (...) [que impeçam os trabalhadores] de ocupar, nos quadros sociais, o lugar adequado às suas faculdades.*»; sendo, pois, necessária, uma divisão espontânea do trabalho (1977, Vol. II, 172; 183). Nesta linha de raciocínio, o social resulta de uma espécie de ascensão da moral face à natureza que coloca, *naturalmente*, os *homens como desiguais*.

Fica assim claro o *fatalismo moral Durkheimiano*, quando o autor reconhece que «*mesmo esta última desigualdade, que consiste em que haja ricos e pobres por nascimento, sem desaparecer completamente, é, pelo menos, um pouco atenuada*»; e, principalmente, quando assume que «*esta espontaneidade perfeita se não encontra em nenhum lado como facto realizado.*» (1977, Vol. II, 174).

B) numa *visão utilitarista*, Durkheim remete o nivelamento das *condições exteriores* para um contrato consensual, que regularize as diferentes funções e posições sociais a partir de diferenças, já não exteriores, mas *interiores*. O autor considera que tais diferenças de mérito social legitimam, por serviços prestados e sacrifícios tidos, *os valores das coisas* com um *valor objectivo* – valor em que assenta a força coerciva do mesmo contrato.

C) por último, Durkheim alia a *variação da solidariedade* à *funcionalidade das tarefas especializadas* (1977, Vol. II, 207) considerando que o «*primeiro dever é actualmente elaborarmos-nos uma moral*»; *i.e.*, a divisão do trabalho só contribui *eficazmente* para a coesão social se, ao delimitar-se a actividade de cada um se garantir, também, a mútua adequação das suas funções profissionais.

Afinal, o autor não atribui só ao Governo as *funções de moralização da vida social* mas, também, e em última instância, às *Corporações* do trabalho.

⁵⁶ Cf. 1977, vol. II, Livro 3º, Cap. III. Para desenvolvimentos de **A)**, ver o Cap. I; ver o Cap. II para **B)**; e, para **C)**, cf. o vol. II, 146.

⁵⁷ Quer esta decorra ou se manifeste nas crises industriais e comerciais (fálências), ou na oposição do trabalho ao capital (tensão das relações sociais como formas concretas da diversidade de funções na sociedade capitalista).

Reorganizadas, as Corporações são as alternativas às *instituições religiosas* que haviam garantido a *regulamentação do passado*: «é mesmo a ineficácia actual desta regulamentação que é a causa do mal que nos afecta.» (1973, 460). As Corporações reorganizadas, para além de instituições alternativas, são o próprio contraponto do egoísmo individual subjacente à decadência das velhas instituições (1973, 458). Razão para o sociólogo lhes conferir uma *dupla natureza* – «*poder moral capaz de impor a lei aos homens*»; e participação «*em grau suficiente nas coisas deste mundo*» (1973, 460). Portanto, as Corporações, espécie de estado providência⁵⁸, são o eufemismo da perspectiva do Sistema por Durkheim (Dawe 1980). É que, se as funções do Estado se sobrepõem «*ao particularismo de cada corporação*» aquele garante supra e super funcional da *coesão-ordem social* depende, nos seus resultados, da existência de «*um sistema de órgãos secundários que a diversifiquem.*» (1973, 460, sn).

Está-se em plena perspectiva ordenadora do *Sistema Social* – a mesma perspectiva positivista que subjaz às noções Durkheimianas de *liberdade, socialização e actor social*.

3.2. Socialização-condicionamento⁵⁹ e Individualização crescente

«O indivíduo submete-se à sociedade, e essa submissão é a condição da sua libertação.(...) Colocando-se sob a protecção da sociedade, torna-se também ele, até certo ponto, dependente dela. Mas esta dependência é libertadora.»⁶⁰.

De que libertação fala o autor? A concepção durkheimiana do indivíduo como *homo duplex*⁶¹ informa-nos que a *individualização* das práticas sociais vai a par da emergência da nova solidariedade; na mesma concepção espregueada – com *roupagens sociológicas* – o problema filosófico hobbesiano do individualismo e da conseqüente necessidade social da cooperação.

O processo da individualização crescente cifra-se pelo assumir dos egoísmos particulares dos actores sociais; pelo que o autor distingue entre a consciência *individual-egoísta* e a consciência *colectiva-moral*. *Conflictualizadas e inconciliáveis* entre si, a *identidade colectiva*, sociológica, opõe-se e deve sobrepor-se à *identidade individual*, psicológica. Ou, segundo a gloriosa leitura de Durkheim, a *identidade individual* só seria socialmente funcional e reconhecida quando fundida no todo colectivo e, desse modo, liberta dos contornos individualistas. Então, ao falar de *libertação*, o que o autor sustenta é o imperativo da *superação funcional* dos constrangimentos egoístico-psicológicos pelos *indivíduos*, através da submissão aos constrangimentos sociais. Ou seja: como os organis-

⁵⁸ Durkheim confere-lhes variadas funções: aposentações; condições contratuais; resolução de conflitos, direitos e deveres profissionais; e direcção da *previdência* e da assistência da época. (1977, vol. I, 256).

⁵⁹ Os grandes paradigmas sociológicos da socialização – do condicionamento e da interacção – são claramente sistematizados *In* Boudon e Boumcaud 1994, 527-534; cf. Coiffier et al. 1990, 117-126.

⁶⁰ Durkheim 1925, *Sociology and Philosophy*, cit. *In* Giddens 1976, 198-199.

⁶¹ Veja-se Dawe 1980; e a apresentação de Durkheim por Giddens (1976).

mos moralizadores do Progresso gerem *disfunções*, *desigualdades* e *tensões* sociais, a *integração* dos grupos socialmente *anómicos* – que são, por isso, os *inferiores* na escala social – faz-se pela via moral sob a forma da aprendizagem. Assim, os que desempenham uma função (*inferior*) devem aprender os valores e o *nobre* sentido social que aquela tem para a *ordem* na sociedade. Porque a *socialização*, em Durkheim, é um constrangimento externo – *coerção* – moralizador da cooperação *voluntária*⁶².

É mais uma hábil e imaginativa interpretação sociológica sua: pela *fórmula* da *interiorização*, o autor *traduz a coerção social em obrigação moral*, e introduz as *categorias subjectivas* na interpretação científica da acção social. Mediante a *interiorização da moralidade* os fins da acção podem ser explicados e vivenciados como *colectivamente normalizados* (Almaraz 1981, 133)⁶³. E, deste modo, o sociólogo ultrapassa a leitura das práticas sociais enquanto *o fruto de uma causalidade espontânea*.

Sabe-se que com esta perspectiva sociologista das identidades Durkheim queria denunciar e rebater as visões individualistas *para-psicologizantes* da sua época; como se escreveu acima, o seu sociologismo enraíza-se também na noção histórico-social do indivíduo que rebate a oposição pré-sociológica *pessoa natural/social*. Todavia, convenhamos que tal empenho o destacou como padrinho do baptismo sociológico da dicotomia analítica das identidades sociais e individuais, a qual tem catequizado as tradições holista e individualista e, ambas, têm honrado o viés analítico das Identidades, quer ao re-apadrinharem aqueles pólos, quer ao afirmá-los não *ortogonalizáveis*.

Da leitura de Durkheim decorre que as identidades sociais *em processos de desqualificação e requalificação social* sejam vislumbradas como *não-identidades*, por não se adequarem aos valores e práticas, colectivos.

A via da *redenção identitária* das *mulheres socialmente desqualificadas* será a aprendizagem da cultura dos *outros*. Como só os informados, os construtores da Lógica e da Sociedade do Progresso, sabem e podem socializar todos os *outros*, aqueles cujas práticas sociais sejam *distintas* acabam homogeneizados num grupo social único. Os não detentores do sentido moral da sociedade industrial são, pois, apelidados de *anómicos* e de *inferiores*, *inferioridade* confirmada pelas suas práticas socialmente dissonantes. Logo, as *mulheres socialmente desqualificadas*, que são *Culturalmente Inferiores porque Socialmente Diferentes-Dissonantes*, só serão Livres – ou só serão *mulheres-socialmente requalificadas* – quando acatarem ser *guiadas-moralizadas* pela Sociedade do Progresso.

⁶² Ao invés de Durkheim, na proposta *constitutivista e relacional* de Piaget a *socialização* é um *processo de construção descontínuo e colectivo* das identidades e condutas sociais, em torno de 3 dimensões complementares: *cognitiva; afectiva; expressiva* (Dubar 1991, 14 e ss).

⁶³ Almaraz também afirma tratar-se de uma *«interpretação em termos da aceitação voluntária das normas colectivas pelo sujeito como obrigação moral»*. Cf. de Durkheim, *Representações Sociais e Representações Colectivas* (1898), *A Educação Moral* (1902-3), e *A determinação do facto moral* (1907).

Uma dúvida não resiste ao silêncio: Permanecerá o lugar social das sujeitos-mulheres-em processos de desqualificação e requalificação sociais um lugar «pobre»-desqualificado por serem portadoras de diferente (= menor) mérito social nas suas diferenças interiores, e porque, no fundo, na sua natureza intrínseca o são: Moralmente «Pobres»-desqualificadas?

Mais próxima de nós no tempo, a curiosíssima e dupla proposta parsoniana vai comungar de similares determinismos normativos-prescritivos das identidades, com o *volte-face* de Parsons – ao abandonar a Teoria Voluntarista pela do Sistema da Acção, como se escreve já a seguir.

4. IDENTIDADES EM PARSONS: DA «POBREZA» VOLUNTÁRIA À HIPERSOCIALIZADA?

O legado de Talcott Parsons (1902 †1980) é considerado como a obra do último dos clássicos. Americano entusiasta do modelo liberal americano, deu um valioso contributo na aplicação da Análise Sistémica à sociedade e às Ciências Sociais⁶⁴; foi expoente e criador da grande corrente estruturo-funcionalista⁶⁵ na Sociologia; e, com obra extensíssima, produziu duas complexas Teorias da Acção Social (Dawe, 1980): a *Teoria Voluntarista da Acção*⁶⁶, e a posterior *Teoria do Sistema Social*⁶⁷.

Partindo de uma revisão crítica de autores anteriores – em particular, de Weber, Marshal, Pareto e de Durkheim – Parsons começa por salientar a tradição sociológica de analisar a acção social segundo um esquema dicotómico que baptiza de *dualismo positivista-idealista*: a) por um lado, sociólogos que sobrevalorizam os elementos normativos e a *acção humana como um processo adaptativo*, e defendem que o actor devia adequar-se de modo passivo à realidade social e aos padrões pré-existentes; b) por outro lado, os idealistas que, ao sobrevalorizar os componentes ideais da acção, rebatiam os postulados dos primeiros. Mas ao longo do seu percurso reforça a *perspectiva exterior-coerciva da socialização e prescrição identitárias*. Motivo para se abordarem ambas as teses.

4.1. Identidades Sociais, Racionais e Voluntárias: gerir a *Tensão* Herdado/Desejado

A TVA visa re-situar a relação meio-fim e a racionalidade no comportamento social (Almaraz 1981; Dubet 1996, 31).

De forma global, defende que a acção social não é *exclusivamente* i) nem a adaptação a acções objectivas e exteriormente delineáveis; ii) nem a manifestação de ideais, intenções, valores, e

⁶⁴ Cf. Durand e Weil 1993, 83 e ss. Da vasta bibliografia analítica de Parsons, cf. as sistematizações de Ferreira, *et al.* 1995, Capítulo 7.

⁶⁵ O funcionalismo absoluto (radical) foi formulado pela antropologia cultural anglo-saxónica de Malinowski (escrito em 1884; ed.: 1942) e Radcliffe-Brown (escrito em 1881; ed.: 1955). Sobre o *funcionalismo mitigado* de Merton, cf. Almaraz 1981; Martindale 1979; Durand e Weil 1993, 88 e ss.; Ferreira, *et al.* 1995, 237-29; Dubar 1991, 56 e ss. e Dawe 1980, 523-546.

⁶⁶ Futuramente abreviada por TVA e formulada na sua obra de 1937, *The Structure of Social Action*.

⁶⁷ Abreviada por TSS, é saliente na sua obra *The Social System* (1951); e nas conjuntas com Bales e Shils (1953); e Shils e Kluchohn (1957).

sentido subjectivo dos actores sociais. Quanto à visão de actor social da TVA, revela afinidades genéricas com a abordagem do Controle Social, especificamente ao sublinhar a *racionalidade* e o *voluntarismo* do indivíduo social, como se analisa a seguir.

Com efeito, Parsons valoriza a capacidade do actor – optimista, racional e criativo-constutivo – transformar a vida social pela sua acção (Martindale 1979). Para o sociólogo o comportamento social é simultaneamente *condicionado* e *orientado para fins*; mas estes só são atingidos quando o actor *escolhe* os meios mais *adequados*. É que a acção humana relaciona os *condicionantes* da acção – a realidade, os elementos objectivos – e a *intencionalidade* do actor na sua relação com outros e com o meio. Assim, a *realidade* engloba as *condições* nas quais agimos, o *contexto* – os nossos papéis, intenções e orientações.

Seguindo o propósito de evidenciar a *criatividade do actor*, o sociólogo salienta a capacidade do mesmo se *adequar de forma dinâmica* às *condições*: embora estas sejam previamente dadas, o actor é capaz de as transformar quando se orienta pelos seus valores e pela sua atribuição de significados. Como tal, na TVA só há acção social porque o actor confere significados a determinada realidade objectiva.

Actor, situação, condições e intencionalidade da *acção* são, assim, ingredientes basilares da *proposta parsoniana das identidades* voluntariamente afirmadas na realidade social. Face a tal concepção de actor fundada na *aliança* da subjectividade com a racionalidade, como operacionaliza Parsons tal *aliança*?

Na *Teoria Voluntarista da Acção*, interroga-se quanto aos elementos presentes em todos os comportamentos sociais e elege a «*mínima unidade fenomenológica da acção*» (Almaraz 1981, 561). O propósito é identificar nos «*unict act*» – o mais elementar comportamento social – os elementos presentes *que possam ser generalizados a todos os comportamentos sociais*.

Tais *elementos do novo sistema generalizado da acção* são *quatro* – herança-meio ambiente, meios-fins, valores últimos e esforço⁶⁸ – e englobam, em profunda inter-relação sistémica, *i)* quer os elementos condicionais: objectivos, ou condições últimas da acção (herança e meio-ambiente); *ii)* quer os elementos normativos, ou fins últimos que presidem à acção mas não se realizam de modo automático. Pelo que a *acção social é um estado de tensão relacional* entre aqueles. Ao defender que os elementos normativos só se realizam *em virtude da actividade do actor* a sociologia voluntarista apenas examina aqueles elementos *nas suas relações com a acção*, pois não os considera elementos normativos *em si mesmos*. (1981, 153 e 161).

⁶⁸ Ver paralelismo desta análise com a doutrina aristotélica das quatro causas – *substância, matéria, fonte da matéria e finalidade/bem* – por Martindale (1979, 496); e tb para Nicolas Herpin, num outro contexto (1982, 48).

Os *condicionamentos* da acção e as *intenções* do actor (sector intermédio *meio-fim*) são articuladas pelo seu voluntarismo, ou *esforço*. Tal actor criativo não é estritamente adaptativo pois consegue gerir a *tensão* existente entre as situações previamente dadas, e as suas intenções de transformar ou superar esses condicionalismos. E consegue-o porque o actor da TVA é capaz de recriar as situações iniciais, por ser dotado de *racionalidade* para *escolher* os *meios adequados* aos *fins visados*.

Fica claro que, segundo o sociólogo Parsons da TVA, a *racionalidade* é intrínseca à acção social porque o actor tem *competências* para, perante situações previamente dadas, escolher os meios adequados para realizar os fins. Pode extrapolar-se para a nossa *Problemática* que as *identidades-em processos de desqualificação e requalificação sociais* seriam entendidas, pela TVA, como a constante *gestão*, pelos sujeitos *i*) dos componentes desqualificadores anteriores-exteriores e histórico-envolventes, e *ii*) das suas volições, desejos e necessidades de requalificação social.

Enraizando Talcott Parsons o carácter criativo da acção no elemento *esforço* que o actor orienta criativamente para as normas comuns, ainda pode supôr-se: *as sujeitos-mulheres-em processos de desqualificação e requalificação sociais* seriam, para a TVA, actores *exemplares*?

Na continuação do seu trabalho, Parsons confronta-se com *dois pré-requisitos funcionais* ao nível social: ordem social, e adequação entre motivação e optimização da satisfação. E, nessa análise, vai abandonar definitivamente a concepção de acção social como «*una clase de unidad atómica, de la que las sociedades están compuestas*», passando a tratar «*la acción misma como sistema*.» (Martindale 1979, 569).

4.2. Hiper-socialização culturalista ?

Na sequência do trabalho com Shils, Bales e outros colaboradores, Parsons reformula as perspectiva e noção de *Acção Social em Sistema de Acção Social*.⁶⁹

O *Sistema*, definido pela pluralidade de pessoas em interacção, necessita que uma *proporção suficiente dos seus membros* desempenhe os papéis *essenciais*, com um nível *adequado de eficácia*⁷⁰. Aprofundando os *problemas funcionais* de Bales⁷¹, evidencia que a organização do *Sistema de Acção* tende para a *satisfação óptima*, a qual pressupõe renunciar a outras satisfações. Em colaboração com Shils, Parsons ainda selecciona as *variáveis-modelo ou padrão*, *i.e.*, os *dilemas* que caracterizam a orientação valorativa da acção: afectividade/neutralidade afectiva; auto-orientação/orientação colectiva; universalismo/particularismo; adscrição/desempenho e especificidade/difusão. Destes adquiridos resulta a concepção parsoniana do espaço da acção que fundamentará uma teoria sobre a motivação

⁶⁹ Para desenvolvimentos, cf. Ferreira *et al.* 1995, 226 e ss.; Durand *et al.* 1993, 96 e ss. e Martindale 1979, 572 e ss.; e Touraine 1992, 33.

⁷⁰ Parsons *Cit. In* Martindale 1979, 368. Cf. tb a crítica de Dubet (1996, 31 e ss.).

⁷¹ Cf. Martindale 1979, 582 e ss.

e problemas concernentes⁷². Não cabe aqui aprofundá-la. Mas repare-se que as «*pattern variables*» denotam que o autor passa a interessar-se pela relação real entre o indivíduo (psicológico) e o (condicionamento) social⁷³ para fundamentar o seu modelo estruturo-funcional; como também passa a considerar que a acção social, para além de integrar *i) desejos* (símbolos expressivos; satisfação), também abrange *ii) ideias* (conhecimento; orientação cognitiva da acção); e *iii) valores ou normas* (orientação avaliativa-valorativa da acção) que viabilizam a apreciação, a interpretação e a hierarquização dos objectos de desejo.

Deste modo, o Sistema de Acção caracteriza-se por «*integrar os elementos motivadores e simbólicos num sistema instrumental, estruturado*» e, obviamente, normativo (Dubet 1996, 43).

Este é o testemunho da *convergência* do autor – e da sua *dívida* para – com a linha da sociologia durkheimiana (Durand 1993). Daqui, até à concepção hiper-socializadora, vai um pequeno passo.⁷⁴ Na TSS o fulcro da dinâmica dos sistemas sociais é a *ordenação normativa da satisfação de necessidades*. Então, a capacidade de *adequação normativa* dos actores – a ideias e crenças (e, necessariamente, aos papéis) socialmente esperados – é agora decisiva na estruturação funcional desses sistemas. Como funcionam, nesta Teoria do Sistema, os mecanismos de adaptação-integração dos actores às expectativas sociais? E como se processa a estabilização dos padrões sociais num sistema que é, por *definição sistémica*, dinâmico?

Da Adaptação Socializada à Socialização precoce da Adaptação

Para responder a tais problemas, Parsons centra-se primeiro na concepção dos 4 Sub-sistemas de um *Sistema Geral da Acção* que, depois, transpõe para o estudo daqueles no *macro* sistema social. Esses *Sub-sistemas*, articulados de modo funcional e hierárquico, são a Moral, o Direito, a Política e a Economia. Quando os transpõe para a *sociedade-objecto sociológico*, designa-os, respectivamente, por Sub-sistema Cultural, Sub-sistema Social, Sub-sistema Psíquico ou da Personalidade e Sub-sistema Biológico.⁷⁵

O Sub-sistema Cultural (a Moral do *Sistema Geral da Acção*) é relativo aos sistemas simbólicos, e à produção dos valores, dos conhecimentos e das ideologias; é, por isso, o Sub-sistema mais rico em informação no *Sistema geral*. Corresponde, nos Sistemas Sociais, ao Sub-sistema determinante da acção porque regula a *manutenção* dos modelos culturais ao desenhar, de modo prescritivo,

⁷² Ver Martindale 1979, 582-586.

⁷³ F. Borricaud critica Parsons por privilegiar uma análise do indivíduo-pessoa singular no meio social, em detrimento do estudo sociológico da relação actor-sociedade – do que discordam Durand *et al.* 1993, 104-105. Já para Almaraz (1981, 562) nas obras de Parsons de 1951 há um «*predomínio do psicológico na fundamentação do modelo*»; mas, globalmente, considera o esquema (AGIL) da acção como «*despojado de subjectivismo e psicologismo e concebido como instrumento objectivo de decomposição e ordenação do real*» (1981, 563).

⁷⁴ Classificação por Dennis Wrong 1961, *cit. in* Dubet 1996, 63; Ferreira *et al.* 1995, 231; e Dubar 1991, 53 e ss.

⁷⁵ Cf. Almaraz 1981, 561 e ss.; Martindale 1979, 569 e ss.; Dubar 1991, 46 e ss.; Ferreira *et al.* 1995, 227-230 e Durand e Weil 1993, 97 e ss.

o quadro normativo integrador de uma sociedade. Em consequência, este quadro normativo estrutura e confere a *identidade social* aos actores sociais, uma vez que é o Sub-sistema Cultural que configura o *quadro de formação e desempenho* dos papéis sociais, ao balizar os comportamentos esperados e tidos como correctos socialmente.

A *função de integração interna* do *Sistema Geral* é garantida, ao nível da *organização social*, pelo sub-sistema da diferenciação dos *estatutos-papéis* ou Sub-sistema Social da interacção entre os actores (transposição do Direito do *Sistema Geral da Acção*).

Para o sociólogo, quanto mais claros, coesos e coerentes entre si estiverem os grandes orientadores normativos numa *organização social* (Sub-sistema Cultural), mais clara é a prescrição social de papéis e trajectórias sociais; logo, mais facilmente os actores *interiorizam* e se orientam para essas expectativas sociais, tendendo a adequar-se aos papéis institucionalizados. Nesta ordem de ideias, quanto mais se adequar o desempenho dos actores aos papéis previstos-prescritos, maiores serão os seus estatuto e prestígio sociais – o seu reconhecimento social. Esse Sub-sistema Social consagra (pelo Direito⁷⁶) as normas da *participação* do actor, pois «o sistema é superior às suas unidades». O que significa que, ao postular na TSS que «a colectividade» (unidade composta) «se sobrepõe ao actor individual», Parsons constitui a *adequação normativa de ideias e crenças* como o aspecto *decisivo* dos *estatutos-papéis* (Martindale 1979, 571).

Corolário deste enfoque? Só mesmo a re-definição do lugar do actor no *Sistema de Acção*: «*la unidad propia del sistema social es el estatuto-papel más que el actor o la acción*» (1979, 570).

Em consequência, os *actores-participantes-constitutivos* nas expectativas sociais – *actores-adequados-estatuto-papel* – porque são reconhecidos socialmente, também são mais gratificados psicologicamente (gratificação individual-particular). E a gratificação proporciona a consecução dos fins definidores dos objectivos colectivos e particulares da acção – a função específica do Sub-sistema Psíquico ou da Personalidade. Para Parsons, esta terceira *função* do *Sistema Geral da Acção* opera na *organização social* ao nível da Política⁷⁷.

Com maior *gratificação social* e *melhor bem-estar do indivíduo* no *Sistema Social*, a acção humana tende, ao nível da conduta, para a *adaptação*. Trata-se da última transposição da (quarta) *função do Sistema Geral da Acção* (Economia) – a melhoria adaptativa às condicionantes externas, não sociais – garantida pelo Sub-sistema do Organismo da conduta ou neuro-fisiológico. Sub-sistema mais pobre em informação é, em contrapartida, o produtor e garante da *energia* específica para a acção. Daí que, segundo o autor, o Sub-sistema do Organismo da conduta seja mediado por relações

⁷⁶ Neste Sub-sistema é o Direito que afiança a lealdade das comunidades e a atribuição de prestígio e influência sociais.

⁷⁷ Entendida esta, por Parsons, como os constrangimentos e coerção necessários à ordenação de uma sociedade diferenciada.

económicas específicas⁷⁸ e manifesta-se *no Sistema Social sistémico*, através da Economia. Pelo que esta consiste na *relação* entre maior gratificação e condicionamento que *garante*, assim, a gestão adaptativa dos recursos.

Em síntese, obtém-se: a manutenção **L**atente dos padrões (por coesão dos padrões sociais) condiciona a **I**ntegração social (adequação dos actores aos estatutos-papéis prescritos). Esta, permitirá a **G**ratificação (estabilidade psicológica e satisfação individual) que é, por seu turno, a base da **A**daptação (comportamento adequado e ordeiro). Por sua vez, e por efeito de *feed-back*, o comportamento adaptativo reforça a manutenção **L**atente dos padrões sociais. Eis como os quatro Sub-sistemas do **sistema AGIL** de Parsons são estruturo-funcionalmente interdependentes⁷⁹.

O “sistema AGIL” ainda congrega 4 funções estruturais da socialização e da construção da identidade dos sujeitos sociais.⁸⁰ Com efeito, para dar conta «*des conditions dans lesquelles l’individu peut être “requis, induit, contraint ou motivé à participer à la vie sociale”*»⁸¹, Parsons define o processo socializador ao longo de 4 fases que correspondem às funções assinaladas no sistema AGIL, e são fortemente inspiradas na teoria genética de Freud. Explicando essas 4 fases, considere-se:

1. fase da crise oral (primeira crise da biografia individual – identificação primária⁸² e diferenciação filho-bébé/mãe: *mother-child-identity*): consiste no período em que a estabilidade normativa (**L**) é determinante para superar a crise da adolescência e para a adaptação adulta, pela *socialização precoce* (Dubar 1991, 55);

2. fase edipiana (primeiro alargamento do mundo social, a par da diferenciação por sexo: *sex-role identification*): nesta fase previne-se a integração (**I**) do indivíduo, enquanto ser sexuado, no sistema social e, especificamente, na divisão sexual dos papéis sociais;

3. fase da latência (reconhecimento da família como primeiro sistema social global consolidando, na personalidade social do jovem, os 4 papéis sociais familiares: mãe, pai, rapaz e rapariga: *latency-child society*): caracteriza-se pela primeira passagem à categoria *universalista* e pela adesão a normas imparciais mais gerais, a par da interiorização de outros papéis sociais. Complexifica-se o jogo da gratificação imediata (**G**) própria dos papéis familiares, a que agora se juntam

⁷⁸ Tais relações podem ser, segundo Parsons: contratuais, de troca, de repartição, e de diferenciação social dos papéis profissionais.

⁷⁹ O esquema AGIL (LIGA para não anglófonos) é considerado pelos analistas de Parsons um salto considerável da sua produção. Para o próprio Martindale, o esquema «*assume formalmente*» a relação meio-fim, o vector temporal e a hierarquia de controle. E o mesmo considera que Parsons assume estes componentes i) inicialmente, por dedução fenomenológica; ii) por os retraduzir psicossociologicamente, mais tarde; e iii) por culminar, «*definitivamente, e de modo naturalista*», nesta formulação do esquema AGIL. Cf. a convergência dos conteúdos deste esquema AGIL com os da biologia, da genética, da cibemética e da teorias da informação (1979, 563).

⁸⁰ Referimo-nos à obra conjunta de Parsons com Bales, entre outros colaboradores, *Family, Socialization and Interaction Process...*

⁸¹ *Cit. In* Dubar 1991, 54. Cf. ainda Dubet 1996, 35; e Martindale 1979, 580 e ss.

⁸² Salientando a centralidade do papel socializador da mãe, tb considera como modelos de socialização o pai e os outros actores sociais que possibilitam que o bebé aprenda o *permitted* e o *interdito*, mediante sanções e permissões orientadas como resposta aos actos daquele.

os escolares e os de amizade-companheirismo – que se orientam pela lógica da *gratificação pelo desinteresse*. Finalmente,

4. fase da maturidade em que desemboca a resolução da crise da adolescência (reconhecimento e afirmação da pertença adulta a grupos *universalistas*, superando o *particularismo* do quadro familiar): trata-se do termo do processo socializador, o momento em que o indivíduo atinge a plena capacidade de reconstruir a sua adaptação social (A). Ou seja, a fase em que o indivíduo concretiza as suas *competências* de adaptação institucional e de manipulação das sanções e das normas sociais aos móveis, socialmente legítimos, da sua acção.

No modelo parsoniano da TSS evidencia-se a sobrevalorização dos *elementos institucionais*⁸³ e *socializadores-interiorizadores* (lembre-se: «*a unidade do próprio sistema social é o estatuto-papel*»). O percurso do autor culmina quando resume à Ordem Social os *pré-requisitos funcionais* do Sistema. Mas como a institucionalização (estatuto-papel) consiste na «*integração de elementos da personalidade e do sistema cultural*» Parsons não define *explicitamente* a Ordem Social – a socialização dos comportamentos funcionais – como a causa da vida colectiva (Almaraz 1981, 562).⁸⁴ Contudo, a nosso ver, a ausência de uma explícita *propriedade causal*⁸⁵ não defende Parsons de duas justas críticas: 1.^a - de formular um modelo de *normatividade moral*; 2.^a - de conceptualizar «*a mudança social (...) como inevitavelmente patológica*».

Fiel ao problema hobbesiano (coesão e competição sociais são conciliáveis?), parece que Parsons resolve o *paradoxo social* pela lei do “se não os vences, junta-te a eles” – como corrobora Dubar: «*Le paradoxe de Hobbes (...) est ainsi résolu: on ne fait pas la guerre à ses semblables, on s’identifie à eux*». (1991, 55).

Transladando esta solução para as *sujeitos-mulheres-em processos de desqualificação e requalificação sociais*, dir-se-ia que o sistema social não deve apenas empenhar-se em *minorar a distância* entre «*pobres*» e «*não-pobres*» – deve sim, sobretudo, promover processos de “re-inclusão” ou padronização social dos actores *diferentes*. Exemplo desses actores *diferentes* podem ser os-ditos-pobres, as *mulheres*, ou as *mulheres-ditas-pobres*.

Indesejado nesta formulação, o conflito de interesses e poderes é central nas propostas seguintes.

⁸³ Sobre os tipos de diferenciação dos papéis sociais e de institucionalização (relacional, reguladora e cultural) cf. Martindale 1979, 571-572.

⁸⁴ Relacionada com esta temática, veja-se a reflexão de Dubet (1996), quanto à necessidade de conciliar M. Weber e E. Durkheim.

⁸⁵ Cf. a referência a estas considerações de Guy Rocher *In Durand et al.* 1993, 102-103.

5. K. MARX E P. BOURDIEU : CLASSES, PODER E POSIÇÕES DESIGUALMENTE DOMINADAS

Na presente dissertação reconhece-se que a obra de Karl Marx (1818 †1883)⁸⁶, de tradição jacobina, se enraiza na *visão optimista* do social, de que é exemplar a sua noção de *Homem Total*. Considera-se, porém, que a mesma leitura não supera – pela concepção das *identidades alienadas* – a perspectiva do Sistema. Aborda-se ainda neste ponto, de entre várias linhas fecundadas pela perspectiva marxista, como Bourdieu (1930†2002) se propõe superar o mecanicismo da articulação infra/super-estrutural (Durand *et al.* 1995). Analisem-se ambos os percursos.

5.1. Marx: Indicador Político e Sociologismo Estrutural das (identidades de) Classes

«A Economia Política (...) não reconhece o trabalhador desocupado, o homem capaz de trabalhar, uma vez colocado fora dessa relação de trabalho. Vigaristas, ladrões, mendigos, os desempregados, o trabalhador faminto indigente e criminoso são figuras (...) existentes (...) apenas para os olhos de outros: médicos, juizes, coveiros, burocratas, etc.» (Marx 1971, 50).

A partir d(est)a crítica⁸⁷ às teorias económicas anteriores, Marx faz uma referência, *pela positiva*⁸⁸, às condições sociais situadas na base da pirâmide social. Pela análise da passagem de uma produção de artesanato à produção manufacturada e à, posterior, indústria moderna, formula que o desenvolvimento capitalista se enraiza num processo histórico-social diversificado em distintas *formações sociais*, e concretizado nesses diferentes *modos de produção* (Engels 1976). E, como em Durkheim, o processo central do *modo de produção capitalista* é a divisão do trabalho mas, agora, concebida no seu processo de constituição, desde a inicial separação Cidade-Campo, até à oposição Trabalho-Capital (Marx 1974b).

A afirmação central do Marx sociólogo – carácter contraditório do capitalismo – remete para três grandes e conhecidos argumentos analíticos: *oposição entre forças produtivas e relações de produção*⁸⁹; *oposição e subordinação do trabalho ao capital*⁹⁰; *luta de classes*⁹¹. Tal afirmação central está, assim, ligada à sua visão de uma futura sociedade de homens não alienados, socialista. Como ensina Giddens «A análise que Marx faz da alienação no modo de produção capitalista parte de um

⁸⁶ Sobre a obra de Marx, cf: Ferreira *et al.* 1995, 155-165; Boudon e Bourricaud 1994, 353 e ss.; Durand *et al.* 1993, 47-57. Martindale 1979, 174-187; Giddens 1976, 25-122; e 1993, e 1995; Aron 1974.

⁸⁷ Crítica a que corresponderiam as propostas do autor de reconstrução de: 1) pensamento filosófico (cf. Marx e Engels 1980 e Marx 1974a; sobre a filosofia de Marx cf. Durand *et al.* 1993, 49-51; cf. tb Lallement 1993, I, 83 e ss.); 2) do desenvolvimento histórico-social; e, concretamente, 3) do processo de constituição da sociedade capitalista industrial (Marx 1974a; 1975a).

⁸⁸ Referência designada *pela positiva* por contrapor-se às abordagens económicas anteriores a que o mesmo alude, como se se tratassem de referências *pela negativa* (1971, 50). Esta classificação *pela positiva* corresponde à expressão gêmea que considera toda a obra de Marx uma refutação dos idealismos filosóficos vigentes (os conservadores e os utópicos socialistas) e uma definição do materialismo histórico como paradigma da ciência social. Cf. Marx 1974b *cit. in* Marx 1976, 66; e Giddens 1976, 27-31; 301-308; 331-344; 348-357. Cf. tb Bouthoul 1968, 1-18; Martindale 1979, 183-188 e 202-204; e Lefébvre s/d, 17-41; e sobre Economia Política liberal, cf. Simon s/d, 135-144.

⁸⁹ Cf. Marx e Engels s/d; e Marx 1974b e 1975b.

⁹⁰ Cf. Marx 1975b e 1975a: vol. I, pp. 102 e ss.

⁹¹ Cf. Marx 1975b e Marx e Engels s/d; sobre a ausência de uma definição sistemática do conceito de classes, cf. Simon s/d, 233 e ss. Klaus Eder 1991 assinala *o fim* da classe como actor colectivo. Gallissot 1991 critica *classes* e *proletariado* como sujeitos históricos.

«*facto económico contemporâneo*», que constitui (...) uma primeira formulação de um tema (...) mais tarde pormenorizadamente desenvolvido em *O Capital*: o facto de que quanto mais o capitalismo progride, mais pobres se tornam os trabalhadores.». (1976, 41). E embora Marx, para Raymond Aron, «*não [seja] (...), como outros pensam, o filósofo da alienação*», aqui defende-se a centralidade deste conceito na sua obra (1974, 143).⁹²

É a partir do eixo «*carácter contraditório do capitalismo*» que se vai reflectir especificamente sobre a tese Marxista da pauperização – incontornável para o nosso objecto: «*O carácter contraditório do capitalismo (...) em vez de se traduzir pela melhoria do nível de vida dos operários, traduz-se por um duplo processo de proletarização e pauperização*» (1974, 150).⁹³

Falar na *tese da pauperização* implica, desde logo, recuperar 2 vectores analíticos do autor:

◆ *processo histórico do desenvolvimento capitalista*: realça a *bipolarização* de classes sociais (capitalista e proletária) e a inerente inversão proporcional do poder económico.⁹⁴ Neste sentido, o crescimento económico – explicado pelo desenvolvimento das Relações de Produção Capitalistas – assenta na *contradição* entre as *relações de propriedade e a repartição dos rendimentos*;

◆ *carácter contraditório do capitalismo*: considera que este modo de produção não é o fim estático da economia mundial e que antes contém, em si mesmo, os elementos da (tida como) inevitável auto-destruição da própria sociedade capitalista. Prevê também que tal auto-destruição decorrerá de um processo revolucionário distinto dos anteriores: a única revolução feita por um grupo não minoritário (maioritário), que visaria e garantiria os interesses da (mesma) maioria (Giddens 1976).

Pode assim ver-se que a *superação* da sociedade capitalista e do seu conflito constituinte (Proletariado/Burguesia) passa pela *abolição da Divisão Social do Trabalho* tal qual existe no capitalismo. E porquê? Porque das sociedades tradicionais às industriais dá-se a gradual desumanização do trabalho e do trabalhador que o executa: «*Instrumentos de trabalho simples, acumulação de instrumentos, instrumentos compostos, movimentação de um instrumento composto por um só motor manual, pelo homem, movimentação desses instrumentos pelas forças naturais, máquina, sistema de máquinas com um só motor, sistema de máquinas com um autómato por motor – é esse o caminho das máquinas.*» (Marx 1974b, 109-110).

⁹² Opção que não ignora que Marx exclui o termo *alienação* das obras posteriores a 1844, o que parece dever-se mais à sua preocupação em explicitar a recusa de uma filosofia idealista, e não ao abandono da *perspectiva do trabalho alienado-objectivação* – como analistas confirmam (Giddens 1976); e a sua própria produção central – *O Capital* – concretamente, o Capítulo, dito, *Inédito*. Sobre alienação na obra sociológica do autor, cf. Durand et al. 1993, 54-56; Ferreira et al. 1995, 155 e ss.; Lallemet 1993, I, 88 e ss.; Horton 1984; Lefebvre s/d.; Dawe 1980. Sobre a multiplicidade de sentidos de “alienação” na *modernidade*, desde Rousseau, cf. Boudon e Bourmcaud, 1994, 23 e ss.

⁹³ Cf. tb a obra de Marx de 1849: *Trabalho, Salário e Capital*. Sobre a análise marxista do capitalismo, cf. Durand et al. 1993, 51-54.

⁹⁴ Leia-se 1976, 207. Embora sendo uma análise dicotómica (classes dominante/dominada), o autor admite a existência de sectores intermédios, mas não centrais naquela. Alegava Marx que tais sectores sociais não desenvolviam iniciativas ou dinâmicas de organização como classe social, ao mesmo tempo que o desenvolvimento capitalista adensaria o conflito central. Cf. Aron 1974, 150 e Simon s/d, 242.

Então, o desenvolvimento capitalista decorre das graduais *concentração* e *centralização* do capital, que potenciam unidades produtivas cada vez maiores. Tal mudança organizacional do trabalho impele à *maior implantação da divisão do trabalho* e em moldes cada vez mais alienantes. É, pois, a dupla contradição entre forças e relações de produção, e a progressão inversamente proporcional de riqueza e pobreza que fazem do conceito de *alienação* o nó górdio da análise Marxista da industrialização pauperizante.⁹⁵

Actor Alienado e confinado à ruptura política futura

As várias dimensões do conceito de alienação – alienação *tecnológica* e *de mercado* (Giddens 1976) – abarcam *i*) o trabalho mecanizado; e as consequentes *ii*) independência do produto relativamente ao trabalhador (*objectivação* do trabalho); *iii*) distância do trabalhador face à planificação e/ao ciclo produtivo; e *iv*) *estado adaptativo do homem alienado* – individual e como ser social: *vida da espécie* (Marx 1975b, 136).

É tomando o conceito de alienação como o *pivot* da tese Marxista da objectivação-pauperização que podem captar-se as relações entre o trabalho manual, a figura da propriedade – modo de produção e meios de trabalho –, e a estrutura-suporte que é a divisão (técnica e social) do trabalho: «*A propriedade privada deriva-se (...) da análise do conceito de trabalho alienado, ou seja, do homem alienado, do trabalho alienado, da vida alienada, do homem estranho a si próprio.*» (Marx 1975c, 133 e 140; *cf.* 1971, 32 e 42).

Chega-se, assim, a um dos grandes argumentos da tese marxista: a realização de *trabalho* resulta na «*desrealização do trabalhador*» (1975c, 131). Nele resume Marx a redução da condição do trabalhador-operário a uma *coisa servil*, ao ser-lhe amputada a criatividade humana em favor da escravidão aos objectos. A servilização do trabalhador ocorre «*de tal modo (...) que o trabalhador se invalida até à morte pela fome*» pois, paradoxalmente ele «*torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão.*» (1975c, 131; 1971, 29-30). Na mesma ordem de ideias Marx propõe, em *O Capítulo Inédito d'O Capital*⁹⁶, a noção de trabalho objectivado – antítese de trabalho vivo – mediante o conceito de mais-valia: «*O produto do processo de produção capitalista não é mero produto (valor de uso), nem uma mera mercadoria (...), um produto que tem valor de troca; o seu produto específico é a mais-valia.*» (1975b, 55). Esta construção assenta em noções marxistas centrais como (Toscano 1993c):

⁹⁵ *Cf.*, das múltiplas obras que reforçam esta análise da obra de Marx, Horton 1984; Giddens 1976, 40-48 e 359-366; e Lefebvre s/d.

⁹⁶ Só o teria sido para as culturas não germanófilas, uma vez que fora redigido na década de 60 do séc. XIX (como *O Capital* 1867; *cf.* Godelier 1975, 72), mas só publicado em 1933 pelo *Instituto Marx-Engels-Lenine* de Moscovo (*cf.* Marx 1975b, 21, *Int. à ed. Italiana* por Bruno Maffi, 5-8). Assim, este *Capítulo...* teria sido tão inédito quanto os *Manuscritos Económico-Filosóficos* que, redigidos em 1844, só seriam divulgados no início do séc. XX (Godelier 1975, 20). Sobre a diacronia da obra de Marx *cf.* tb Aron 1974.

- a) mercadoria enquanto valor de troca e não valor de uso;
- b) preço da mercadoria enquanto moeda imaginária não coincidente com o valor real de uso;
- c) preço da mercadoria como último reduto de consolidação do trabalho objectivado-alienado, ao transpor, para dinheiro, a cadeia de subordinação do trabalho ao capital;
- d) reificação⁹⁷ da *força de trabalho* em troca da remuneração; e
- e) preço(s) e *dinheiro* como moeda imaginária e, como tal, realidades também autónomas e reificadoras.

Assim, a hierarquização social das necessidades⁹⁸ faz-se a partir, e em função, dessa coisa-valor-preço-dinheiro⁹⁹: «*O dinheiro é o bem supremo, e deste modo também o seu possuidor é bom.*». Pelo que «*constitui o meio externo, universal, e o poder não derivado do homem enquanto homem nem da sociedade humana enquanto sociedade para mudar a representação em realidade e a realidade em mera representação. Transforma (...) as faculdades reais humanas e naturais em simples representações abstractas (...), em imperfeições, em quimeras atormentadoras; e, por outro lado (...) as imperfeições e fantasias reais, as faculdades realmente impotentes, que só existem na imaginação do indivíduo, em faculdades e poderes reais.*» (1975c, 193 e 195, sn).¹⁰⁰

Marx insurge-se contra o modelo capitalista da produção, a dois níveis: 1) implicações e componentes económico-tecnológicas; e 2) relações sociais: a alienação individual no acto do trabalho reproduz-se na alienação do grupo que vende a força de trabalho e na alienação da sociedade-espécie humana. Mas, como se disse, a leitura Marxista das formações sociais industriais não se limita à constatação crítica daqueles mecanismos, pois propõe um modelo alternativo de sociedade¹⁰¹. Esse projecto social do futuro assentava na *perspectiva socialista*, uma nova visão da «*riqueza das necessidades humanas e, por consequência, [de um] (...) novo modo de produção e (...) um novo ob-*

⁹⁷ Saliente-se a importância da obra de Lukács (1974, 97-231) para o desenvolvimento da problemática da reificação. A discussão e a reorganização Lukácsianas das propostas de Marx não se restringiram à mesma, pois afirmou-se como dos mais importantes marxistas críticos contemporâneos, ao mesmo tempo que originou a proliferação de outras abordagens – continuadoras, ou críticas, ou radicais.

⁹⁸ Cf. Marx 1975c, 173-196 e 1971: 89-122; sobre a *questão das necessidades* em Marx, cf. tb, entre vastíssima bibliografia: Sousa 1981, 91-93; cf. tb a abordagem global das necessidades pelo clássico Bouthoul (1968, Tomo II, 5.^a Parte, Caps. 5 e 6). Importa também a *revisão da teoria das necessidades* pela mão da húngara e discípula de Gyorgy Lukács, Agnes Heller, em publicações já de finais dos anos 80 e da década seguinte; a edição de 1996 em Barcelona, que aqui se recomenda, permite recuperar o percurso e evolução da perspectiva das necessidades da mesma autora.

⁹⁹ Cf. Marx: 1975a, vol. I: 1.^a, 3.^a, 5.^a e 6.^a Secções e, fundamentalmente, o Cap. XXXVII da 9.^a Secção; 1974a, Cap. II- I - B c); 1974b, Cap. I; 1975c: 191-196. Quanto à análise desta cf. Giddens 1976, 95 e ss.; Lukács 1974, 97-125; Sousa 1981, 264-266; e Aron 1974.

¹⁰⁰ Ou: «*A necessidade do dinheiro constitui, portanto, a verdadeira necessidade criada pelo moderno sistema económico e é a única necessidade que ele produz. (...) Não bastou que o homem tenha perdido as necessidades humanas; também as necessidades animais desapareceram. (...) A simplificação da maquinaria e do trabalho utiliza-se para transformar em trabalhador o homem que ainda está a crescer, totalmente imaturo – a criança – da mesma maneira que o trabalhador se tornou uma criança desprovida de todos os cuidados. A máquina adapta-se à fraqueza do homem para do ser humano fraco fazer uma máquina.*» (Marx 1975c, 173, 174-175; cf. tb 1971, 89, 91-92, 118 e 120.)

¹⁰¹ Neste, lugar do produtor, distribuição da propriedade, divisão de poderes (e do trabalho) sociais, criatividade humana, e o padrão universal de vida (Giddens 1976, 116 e ss.) não se limitam ao padrão mais pobre possível, o qual «*faz do trabalhador um ser desprovido de sentidos e de necessidades (...)[e] transforma a sua actividade em simples abstracções de toda a actividade.*» (Marx 1975c, 175; 1971, 92).

jecto da produção.» como explicita nos *Manuscritos* de 1844 (1975c, 173; 1971, 89).¹⁰² Aliás, na 2.ª fase de produção pós-1848, Marx consolida a ideia-mestra do «*homem produtivo, em contraste com o homem aquisitivo*» (1975c, 14)¹⁰³.

Deve ainda recordar-se o outro vector enunciado: é na própria *contradição interna* que Marx fundamenta a revolução¹⁰⁴. Pode dizer-se que a contradição interna impulsiona, como que por *implosão*, a desestruturação da sociedade de classes antagónicas: para a *tese marxista da pauperização*, o processo capitalista depende da proliferação da massa multiforme¹⁰⁵, *exército de reserva da indústria*, que geraria as convulsões anti-capitalistas.

Na presente leitura da proposta de Marx, é nítida a *permanência de elementos de análise evolucionistas*: o *processo social tem um sentido*, o único sentido justo do *Progresso*; logo, a *Revolução Proletária* é a *orientação unidireccional da dinâmica social*.

Porém, como se disse, a adopção por Marx de uma explícita visão histórico-social do homem¹⁰⁶ e dos fenómenos sociais – visão patente na *Noção do Homem Total* subjacente a toda a sua produção teórica – não se aplicava exclusivamente aos processos seus contemporâneos: previa a *mundialização* da economia e a *diversificação da proletarização* – contexto favorável à consciencialização para uma *Revolução Total*¹⁰⁷ pela massa *maioritariamente empobrecida e revoltada*.

Por isso, o conceito Marxista de *Homem Total* é indissociável do de *Praxis* (Sousa 1981): a do Proletariado – *praxis* revolucionária legítima, ou de *carácter instrumental*. Esta última leitura da análise de Marx sublinha a lacuna do autor quanto ao esclarecimento «*de que modo os interesses particulares de classe*» do proletariado se transformavam numa «*acção moral definitiva da comunidade moral que ele, supostamente, [viria] (...) a criar*» (Dawe 1980, 511). Ora, como Giddens argumentou, tal lacuna não pode ser pretexto para alcunhar o enfoque Marxista como utilitarista (1976, 363).

Parece, sim, ser de relevar uma *ambiguidade* no texto Marxista: embora assente nos pressupostos da *visão optimista da acção social* (homem construtivo, moral, racional e em interacção com o todo social); e segundo uma argumentação inscrita numa perspectiva de transformação social, Marx continua a pensar tal mudança em função de outro quadro mental *latente e simbólico*.

¹⁰² A directriz da obra do autor está patente nas críticas de 1847 à concepção de Proudhon da Divisão do Trabalho e parágrafos relativos à organização operária (Marx 1974b, 101 e ss.); é permanente ao longo da obra conjunta com Engels sobre a ideologia alemã redigida entre 1845 e 1848; encontra-se nitidamente presente na proposta materialista da história (Marx 1980, 47 e ss.); e é flagrante, até pelos títulos de cada um dos textos, no *Manifesto do Partido Comunista* (1848) e em *Trabalho Assalariado e Capital* de 1849 (cf. 1976, 201-209).

¹⁰³ Todas convergentes às ciências política, económica ou sociais em geral, quer nos centremos em obras circunscritas como *O 18 de Brumário...* de 1852 (1975c) e *As Lutas de Classes...* de 1850, ou n' *O Capital* (1975a); ou na *Contribuição...* de 1859 (1974a).

¹⁰⁴ Cf. o pensamento sociológico de Marx. In Sousa 1977, 99 e ss.; e 1981, 178-189.

¹⁰⁵ Sobre as formas *flutuante, latente e estagnante* deste exército industrial de reserva, cf. exposição crítica In Labbens 1978, 29 e ss.

¹⁰⁶ Do «*homem*», dado Marx submergir a condição social da mulher na respectiva classe social de pertença. Cf. Ferreira 1981.

¹⁰⁷ Daí a célebre afirmação dos Escritos da Juventude (1975c): «*Assim como a filosofia encontra no Proletariado a sua arma material, o Proletariado encontra na filosofia a sua arma intelectual*» (cit. in 1976, 38). Cf. Martindale (1979, 202-203); sobre Marxismo e Darwinismo, cf. pp. 186-188; e sobre relação entre evolucionistas precursores da antropologia e Marxismo, cf. Bernardi (1978, 180-181).

Explicita-se: *i)* quer na análise do desenvolvimento do processo capitalista; *ii)* quer na análise da socialização reprodutora das desigualdades de classes; *iii)* quer na formulação da sociedade sem classes, vislumbra-se a mesma *lógica dicotómica* – o estruturador analítico do *Sistema Social*, como Touraine sistematiza: «*La pensée des XVII^e et XVIII^e siècles était dominée par le face-à-face de la raison et du Sujet, de l'utilitarisme et du droit naturel; l'historicisme du XIX^e siècle absorbe le Sujet dans la raison, la liberté dans la nécessité historique, la société dans l'État.*» (1992, 106, sn).

De que *Sistema* se fala? De Um Sistema bipolar: antes, repressor; depois, libertador. Um Sistema que se contrapõe aos actores: antes, actores-explorados em maioria; depois, actores-minorias vencidas pelo Proletariado-maioria. Um Sistema que, apesar de ser apresentado como resultante da vida social imanente é transferido, ao nível simbólico, para um *plano transcendente*. Um Sistema, bipolar, que distingue sempre – e em última instância – os-com-poder **de** os-sem-poder.

Conclui-se, pois, que a solução marxista para a pauperização é uma solução de poder social¹⁰⁸, e não meramente uma capitalização economicista de poderes económico-materiais.

Porque a solução marxista para a pauperização não é estritamente económica, antes é uma solução decorrente da posse/não posse de: meios de produção, força de trabalho, posições sociais, ideologias e práticas sociais *correspondentes*. Porque esta visão redonda na legitimação dos modelos sociais onde os actores se inserem (Guerra 1991, 404): as classes sociais constituem-se, material e ideologicamente, como práticas sociais *coerentes*, organizadas em torno de ideologias (representações, normas e valores) que enquadram o que os actores devem ser e/ou fazer. Portanto, a concepção marxista é paradigmática «*da visão exterior e prescrita das identidades sociais*».

Retira-se como contributo específico para o nosso objecto o delineamento que Marx faz das *identidades pobres* enquanto identidades dominadas, submissas-dependentes, e alienadas-inconscientes da própria dominação. Portanto, sendo *dominadas-alienadas*, são *não-identidades* que se transmutarão em *identidades*, se e só pela sua revolucionária passagem a *identidades-conscientes e legitimamente-dominadoras*.

Quanto à **condição feminina**, ela é *subsumida na classe social*: não se justifica, veicula Marx, reflectir *especificamente* sobre a condição das mulheres, na medida em que a **classe** a que pertencem *lhes confere a posição social* de «*pobres*» ou de «*não pobres*».

Em suma, a proposta Marxista da solução política para «*a pobreza*» inverte, sem superar, o anterior quadro analítico. Nela, a *análise das identidades sociais das sujeitos-mulheres-em processos de desqualificação e requalificação sociais* é a análise dos uns-face aos outros. E, sendo

¹⁰⁸ Cf. Giddens (1976, 366 ess.) sobre *soluções* para problemas da sociedade industrial em Durkheim, *moral*; em Marx, *política*.

dialéctica, é uma análise simultaneamente dicotómica e triangular, dado ser a análise dos **uns-identidades sociais consciencializadas**, divorciados dos **uns-ainda-não identidades sociais-alienados** e, ambos, em relação conflitual com os **outros-identidades sociais dominantes**.

Supera Bourdieu o sociologismo estrutural das identidades de classe, reciclando a abordagem de Marx?

5.2. *Habitus* e Mais-Valia Simbólica: incorporar, com sentido, a dominação identitária de classe

Entende-se como abusivo e reducionista confinar o *habitus* sociológico de Pierre Bourdieu a uma actualização da proposta marxista, uma vez que as condições teóricas da sua produção¹⁰⁹ são mais ricas: vão desde as influências da filosofia existencialista, e passam pelo estruturalismo e pela fenomenologia, até ao marxismo e às orientações dos estudos sociais sobre a arte e a cultura. Aliás, ao rotular Bourdieu como «*o último dos marxistas*» desrespeitam-se obras como a de Poulantzas, a do Marxismo Analítico de Elster e a de O. Wright¹¹⁰.

Ora, do trabalho de P. Bourdieu que veio a impor-se desde meados do século XX a partir da Sociologia francófona, ressaltam duas Teorias de releitura das *identidades sociais dominadas*: a dos *Campos* e a da Dinâmica do *Habitus*, legitimando a sua presença neste ponto.

Lembre-se que se reservou a 1.ª PARTE deste CAPÍTULO para fundamentar o Nível Analítico que argumenta a prescrição *identitária* (visão sociologista da socialização e da relação indivíduo-sociedade) na tradição negativa, sociocêntrica e androcêntrica de analisar a «*pobreza*». Lembre-se também que se avançou, como contraponto, outro NA focalizado na orientação das pesquisas para componentes biográficas e relacionais da identidade. Reconhecendo que alguns destes componentes identitários são introduzidos e trabalhados por Bourdieu, considera-se que este é um autor de transição. O que seguramente não pode dizer-se, a nosso ver, é que Bourdieu *está para* Parsons como Marx *está para* Durkheim; embora deva reconhecer-se que partilha a intenção parsoniana, *mutatis mutandis*, de superar a dicotomia objectivista-subjectivista (Durand *et al.* 1993; Casanova 1995a).

Pelos seus propósitos *reconciliadores* das visões *pessimista* e *optimista* das identidades sociais; e, também, pela sua grande afinidade crítica com aspectos centrais das leituras marxista e weberiana dedica-se, neste sub-ponto, a merecida atenção aos conteúdos de Bourdieu mais pertinentes para a presente investigação.

¹⁰⁹ Cf. Durand *et al.* 1993, 185 *ess.*; e Casanova 1995a, 68 *ess.*

¹¹⁰ Para familiarização, cf. a exposição sistemática In Ferreira *et al.* 1995, 281 e *ss.*

5.2.1. Socialização em Bourdieu: o Simbólico (*em última instância?*)

A *Teoria dos Campos* de Bourdieu funda-se na concepção do *espaço social* enquanto *campo de forças*. Este sistema multidimensional é onde os *actores*, institucionais ou não, com interesses específicos, *trocam* e lutam por quatro tipos de capitais¹¹¹: económico, cultural, social e simbólico. *Investimentos e benefícios de capitais*, num *sistema desigual de troca*, são, assim, noções básicas para compreender esta Teoria.

Para Bourdieu há *regras* específicas para o funcionamento dos domínios especializados e segmentarizadores do *espaço social capitalista*. Explica a diversidade assimétrica e dissimétrica dos *campos sociais* pela desigualdade dos bens-capitais aí investidos, e considera que a *desigualdade de capitais* se manifesta a três níveis: *i*) na variabilidade do volume de cada *tipo de capital* (*p ex.*: económico, simbólico) disponível pelos actores em cada um dos campos da acção; *ii*) na variabilidade do peso relativo de cada tipo específico de capital, *i.e.*, da estrutura relativa no *volume global de capitais* de que os agentes são portadores; e *iii*) na variabilidade da herança social, pois é diferenciada – e diferenciadora – a *inter-reconversão* e a “*transmissibilidade*”, *geracionais*, dos diversos capitais dos actores. Por isso a *assimetria* e *dissimetria* do espaço social corresponde à *diversidade* dos inerentes benefícios.

O autor ainda explica as práticas sociais como práticas económicas «*orientées vers la maximisation du profit, matériel ou symbolique*» (Durand *et al.* 1995, 196). Assim, em cada campo da acção, as práticas sociais são *relações objectivas* dos actores sociais, guiadas pela *concorrência* e pela *apropriação* dos bens-capitais mais raros, num dado campo de acção. Portanto, diferenças no *volume* e na *estrutura relativa* dos capitais instituem posições relativas de classe – socialmente dominantes, dominadas ou subordinadas – em cada campo da acção.

Nesta vertente estrutural a análise de Bourdieu recupera o critério weberiano de classe social, e as condições objectivas do conceito de classe marxista¹¹² – apesar de romper com o clássico conceito marxista de classe, a dois níveis: 1º- recusa da definição realista, nomeadamente, por homogeneizar as definições objectivas e a auto-classificação dos agentes sociais; 2º- recusa da problemática da consciência de classe derivada da oposição trabalho-capital, particularmente, por fazer depender as bases da consciência da classe operária da consciência de classe dos intelectuais *militantes*. Na verdade, o autor alarga o enfoque de K. Marx ao afirmar que o campo de atribuição social de poder das classes sociais é *condicionado objectivamente* pelas respectivas *vantagens ou desvantagens relativas* que caracterizem aquelas quanto à posse das *quatro formas de capital* enunciadas. São as vantagem/

¹¹¹ Afastamo-nos neste ponto de Ferreira *et al.* (1995, 358), para nos aproximarmos da classificação de Durand *et al.* 1993, 193 e ss.

¹¹² Sobre a recuperação dos critérios marxistas e weberianos de definição das classes sociais, *cf.* Bourdieu 1995, 358 e ss.; e tb Casanova 1995a.

desvantagem relativas que designam o *jogo* particular de cada campo de acção, e se os actores e relações *em jogo*, potenciarem o conhecimento/reconhecimento dos valores mobilizadores de luta e jogo.

A que valores de mobilização do jogo se reporta o sociólogo? Bourdieu considera que a *propriedade* de capitais se traduz *simbolicamente* por *poderes legítimos*, porque explícitos, públicos e reconhecidos.

5.2.2. *Ethos* de classe e inconsciente individual do *habitus*

No quadro da *Teoria da Incorporação Dinâmica do Habitus*¹¹³ alia-se a concepção do *espaço social* ao entendimento da *relação* actores sociais–espaço social.

Conhecido conceito sociológico, o *habitus* designa o princípio estruturador das práticas sociais e o próprio sistema de classificação social: «*sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de acções*»¹¹⁴. Com este conceito de 1972, Bourdieu procura dar conta dos dois mecanismos que estariam «*na origem das acções do sujeito*» (Guerra 1991, 403), os dois mecanismos resumidos na tão divulgada expressão: *interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade*.

E como nos explica tal interpretação da acção social? Ou seja: como se processa a socialização, essa interiorização–exteriorização?

O *habitus* congrega as disposições subjectivas que orientam a acção do sujeito. Tais subjectividades são duráveis, e resultam da interiorização das condições objectivas duradouras; ou seja, resultam de um processo histórico de incorporação de toda uma «*séquence nécessairement hétérogène de conditions objectives, celle qui définit la trajectoire des individus comme mouvement unique à travers des champs sociaux*» (Dubar 1991, 74).

Daqui advém a complexidade da noção: simultaneamente, o *habitus* é produto, produtor, reproduz e singularizador das práticas sociais. Expliquem-se estas inferências.

Enquanto subjectividade que *resulta* da objectividade interiorizada, o *habitus* é produto; enquanto subjectividade que *se orienta* para as práticas sociais, o *habitus* é produtor destas práticas; mas quando as mesmas práticas *se repercutem*, também de modo objectivo, no espaço social, o *habitus* reproduz a estrutura social (*o ponto de partida da socialização*); ao mesmo tempo, o *habitus* garante a continuidade do destino particular do actor socializado (ou *habitus* individual). Esmiuçando melhor: a objectividade interiorizada concerne às posições e trajectórias do grupo social de origem

¹¹³ Para além de obras fundadoras como *Les Héritiers... La Reproduction... e La Distinction...* saliente-se a diversidade de toda a sua produção posterior e vasta. Para uma história do conceito, cf. Casanova 1995b, 45-48.

¹¹⁴ Cf. Costa 1984; Durand *et al.* 1993, 188 e ss.; Dubar 1991, 65 e ss. Mauger (1990) compara teorias das gerações de Bourdieu e Mannheim.

dos actores-socializando; por sua vez, os *efeitos objectivos das práticas produzidas pelo habitus* ressentem-se na posição do grupo de pertença daqueles.

Portanto, enquanto *princípios incorporados* ao longo da aprendizagem – familiarização, experiências corporais fundamentais, e transmissão explícita pelo sistema de ensino – o *habitus* é “a dobradiça” entre as estruturas e as práticas sociais.

Tal *carácter mediador* informa as *estratégias* e os *jogos* socialmente racionalizados dos actores sociais, os quais, na interpretação de Bourdieu, nem são meramente passivos, nem absolutamente calculistas. Para o autor, a *socialização (incorporação do habitus)* visa *naturalizar* as estruturas objectivas em um *conhecimento comum, prático*. Então, se as estruturas objectivas produzem os *habitus* individual e de classe, o mesmo *habitus* transmuta aquelas estruturas objectivas em afinidades entre práticas e sistemas de classificação sociais: «*La socialisation (...), en assurant l’incorporation des habitus de classe, produit l’appartenance de classe des individus tout en reproduisant la classe en tant que groupe partageant le même habitus.*» (Dubar 1991, 71).

Assim, as afinidades elaboradas são constituintes das *identidades colectivas* – esses desiguais *estilos de vida* em dado espaço social¹¹⁵ – resultando da relação actores-espaço social segundo dois vectores¹¹⁶: o da *trajectória sócio-temporal-geracional*; e o nível *sincrónico-individual*. O nível da *trajectória* refere-se às posições *objectivas, desiguais e determinísticas*, das classes sociais – o *ethos* dos grupos-classes sociais de origem – e corresponde à incorporação da herança social na personalidade individual, incorporação realizada de modo durável pela socialização primária. O segundo nível diz respeito à tomada de posição *relativa e subjectiva* dos sujeitos nesse espaço social, a qual, segundo Bourdieu, tende para a reprodução e perpetuação das condições objectivas e históricas *de partida*. Por isso a tomada de posição é uma reprodução *inconsciente* da herança socializada, ao consistir na incorporação das atitudes e dos *sistemas de disposições*, de forma *durável*¹¹⁷ e *inconsciente*.

Eis os mais significativos argumentos do sociólogo francês que levam a uma análise crítica da sua perspectiva das identidades sociais.

Procurando fazer justiça aos contributos de Bourdieu, assumo-se a sua tripla importância:

1- para articular práticas «micro»/«macro» sociais (Ferreira *et al.* 1995, 359);

2- para mediar «*entre estrutura e aparência nas práticas e nas representações sociais*»

(Casanova 1995b, 63); e

¹¹⁵ Conteúdos de Bourdieu nomeadamente em *Esquisse...; La Distinction; e Le sens pratique*. Cf. Durand *et al.* 1993, 188 e ss.

¹¹⁶ Cf. Durand *et al.* 1993, 188; e Dubar 1991, 67 e ss.; e exposição mais optimista de Casanova: 1995a, 70; 1995b, 49-58.

¹¹⁷ Sobre a durabilidade das disposições incorporadas cf. Casanova 1995b, 58 e ss. Também a sua sistemática e crítica discussão da riqueza dos conteúdos *matriz de disposições*, a páginas 58-64, ajudará o leitor na sua leitura-aproximação a Bourdieu.

3- para reintegrar os «*agents sociaux éliminés par les structuralistes*» (Durand *et al.* 1993, 191).

Reconhece-se também que o autor valoriza: a) a relação entre a vertente histórica, a trajectória objectivamente herdada e sincrónica, e a subjectividade na posição social; b) o simbolismo na economia das práticas sociais; e c) os modos de socialização da dominação.

E consagra-se ainda que, para o autor, a “socialização primária” nas sociedades ocidentais visa a mutação da herança colectiva «*en inconscient individuel et comun*» (1993, 189).

Mas cumpre também reconhecer que a sua análise acaba por incorrer no que Dubar apelida de *dupla redução da objectividade e da subjectividade* (1991, 74 e ss.).

Na verdade, Bourdieu diz-nos que as desiguais posições sociais ocorrem num espaço multi-dimensional sincrónico que é, ao mesmo tempo, um campo de poder simbólico consolidador da história geracional dos diferentes grupos-classes de um dado espaço de acção social.¹¹⁸ Ao circunscrever a *objectividade* às desiguais posições sociais, a *subjectividade* é reduzida à avaliação-propensão para perpetuar ou tornar duradoiras as desiguais heranças sociais: «*C’est cette double réduction (...) qui permet d’assurer la permanence des identités individuelles et la reproduction des structures sociales (...) à travers toutes les formes de changement qui ne constituent jamais que des reconversions de stratégies objectives ne modifiant pas la structuration de l’espace social.*» (1991,75). Ou seja: a socialização primária investe na produção da identidade subjectiva de «classe» (Ferreira *et al.* 1995, 359).

Desta explicação pode inferir-se para a actual pesquisa que, em Bourdieu, as *desigualdades sociais* são *legitimadas* pelas *diferenças de posição* dos actores dominantes e dominados. Desta explicação pode inferir-se também que as *trajectórias* colectiva-individual *se fecham* na *reprodução das desigualdades entre grupos*. Pelo que se converge com outras leituras que assinalam que a proposta de Pierre Bourdieu «*não oferece a dinâmica que a recomposição sociológica do conceito de identidade poderá permitir*» (Guerra 1991, 403).

De facto, na análise de Bourdieu, Herdado e Desejado, História, Trajectória e Quotidiano, Objectivo e Subjectivo, Colectivo-Social e Pessoal-Individual são componentes da construção identitária. Mas, embora integrando-os, não supera, contudo, algum *automatismo* na interpretação das práticas das classes sociais – como claramente expressou Ferreira de Almeida (1981, 239). O mesmo automatismo confina as identidades pessoais à reprodução das condições de socialização.

¹¹⁸Subscrevemos a interpretação por Casanova (1995a, 68) da fórmula de Bourdieu (1979, 112): «*(Habitus) (capital) + campo = prática*».

Dar-se-á conta na 2.^a PARTE do CAPÍTULO que o *automatismo analítico* da leitura das identidades sociais por Bourdieu não significa que a Sociologia esquecesse a centralidade de conceitos queridos ao autor: *heranças*, *posições de classe* (relacionais) e suas representações simbólicas; *trajetórias* sociais e biográficas; *capitais-poderes* e estilos de vida. Antes, no ponto 6, repare-se como a herança ocidental da dicotomia pessoal-social também socializou o *habitus* científico dos estudos das *identidades prescritas* na Psicologia Social.

6. PSICOLOGIA SOCIAL, SENTIMENTO INDIVIDUAL DE IDENTIDADE E PESSOAL / SOCIAL

Os primeiros estudos da Psicologia Social sobre a identidade sobrevalorizam a estabilidade, a permanência e a totalidade. Institui-se, assim, a *moda* da *identidade-estado* pessoal ou de grupo, convertível em *estado-de-referência* para a *explicação* de comportamentos, individuais ou coletivos (Kastersztejn 1990; Camilleri *et al.* 1990).

Mais tarde, verifica-se a reorientação para as dimensões da construção identitária: *relatividade* e *dinâmicas relacionais*.

A bem ver, as análises da Psicologia Social que começam a orientar-se para noções identitárias partilham com a abordagem clínica psicanalítica o entendimento da *identidade social* como um *processo de construção*, em que o funcionamento mental do indivíduo interage, ao longo da socialização, com os modelos culturais do meio. Erikson em particular, preocupou-se com a dinâmica da construção identitária e a interação ‘EU’-Contexto Social – se bem que os seus contributos fossem sacrificados durante bastante tempo. Emergindo a discussão identitária com as tendências *clínica* e *genética* dos estudos do comportamento individual, dominantes até aos anos 60, tal discussão descentra-se e pulveriza-se nas duas décadas seguintes, num panorama paralelo ao de outras problemáticas nas Ciências Sociais. Por isso se afirma aqui que a Psicologia Social revela um fechamento de análise – *psicologismo* – simétrico aos *sociologismos* atrás anotados.

Amiudem-se os principais ângulos deste percurso.

6.1. Do Sentimento Individual de Identidade...

Nos anos 60, Erik Erikson afina um conceito sistemático de identidade¹¹⁹, matriz de diversas pistas para as pesquisas que se lhe seguiram.

Partindo da sua experiência pessoal de emigrante, Erikson procura os elementos patológicos – *confusões identitárias* – e *crísicos* de formação da identidade. Será uma linha profundamente marcante do conceito em causa, pois, desde então, investigam-se prioritariamente as dimensões pato-

¹¹⁹ Na sua obra de 1972; cf. Lipiansky *et al.* 1990, 9 e ss.; Lipiansky 1992, 12.

lógicas da identidade¹²⁰ – prioridade hoje criticada (Lipiansky *et al.* 1990; Montero 1996) como obstáculo ao global desenvolvimento do conceito. Interessado inicialmente nas perturbações dos veteranos da Segunda Guerra Mundial, Erikson reorienta-se depois para condições sociais como a adolescência – seu tema mais conhecido – e as minorias de origem estrangeira.

Erik Erikson e a Formação da Identidade: Crise e Desenvolvimento do Indivíduo social

Num contexto teórico de Antropologia Psicanalítica (Lipiansky *et al.* 1990, 8), Erikson propõe a concepção de *sentimento de identidade individual* formado ao longo das crises, rupturas e maturações – biológicas, psicológicas e sociais – gradualmente vivenciadas pelo indivíduo.

No estudo do antropo-psicólogo relativo à construção da personalidade, é central a noção de *identificação* bebida em Freud: em Erikson, a identificação passa pela *criação de laços afectivos* e pela *relação com modelos* identificadores-integradores do ‘EU’. Da confiança/desconfiança do 1º ano de vida, até à integridade/desespero da velhice, o autor considera ainda outros 6 estados de crise psicossocial na vida do indivíduo, que caracteriza por sentimentos dicotómicos que permitirão a estruturação identitária da pessoa, quando resolvidas as crises.¹²¹

Colocando a tónica na *singularidade* e na *continuidade* do carácter individual, Erikson vê a *unidade de si* do indivíduo no quadro da *função* essencialmente *integradora do EU na relação com a cultura* do meio envolvente. A abordagem pauta-se, portanto, pela referência implícita aos padrões sociais da própria cultura do autor¹²², condicionamento sócio-cultural reflectido no seu entendimento de que a identidade psicossocial contém «*une hiérarchie d' éléments positifs et négatifs, ces derniers résultant du fait que, durant son enfance, l'être humain a été mis en présence de prototypes idéaux.*» (Lipiansky *et al.* 1990, 11). À *função integradora do EU* corresponde, pois, o *sentimento de identidade individual* – sendo ambos percebidos como uma construção para a qual concorrem, por um lado, a *adesão* aos valores e ideais do contexto social e, por outro, a interiorização das respectivas normas, através dos *processos de identificação* realizados durante a trajectória individual.

Mas se Erikson continua a entender a *identificação*, como Freud, sob a forma de *processo*, vai afastar-se daquele quanto à noção de *identidade*: para o autor a identidade *não é um produto*, visto que não a entende como a mera soma das variadas identificações do sujeito (Lipiansky 1992, 11).

Para além do sentimento consciente da especificidade individual do sujeito, e do seu esforço inconsciente para garantir a continuidade da (sua) experiência vivida, a identidade em Erikson remete, ao mesmo tempo, para a *inserção cultural*: «*participation de l'individu aux idéaux et aux mo-*

¹²⁰ O tema da crise da identidade cultural é retomado e actualizado por Ana Vasquez (1987) e, nos estudos portugueses *cf. p.ex.*, Antunes 1981; Pereira 1992.

¹²¹ Para mais desenvolvimentos, para além da produção do autor, *cf.* o capítulo 16 da ed. canadiana de *Psychologie* (de 1979).

¹²² A concepção de *feminilidade* de Erikson – criticada por Devereux *In* Lipiansky *et al.* (1990, 11-13) – tb ilustra este condicionamento.

dèles culturels du groupe, conçus comme "positifs".» (1990, 11). Identificam-se, assim, os dois elementos da identidade: continuidade e diferença¹²³: o *sentimento subjectivo* resulta do duplo processo individual e cultural que garante a *unidade* da pessoa e a sua *continuidade no tempo* – ou *continuidade progressiva*, segundo o autor (*cit. in* Lipiansky 1992, 11).

Assim, pode sistematizar-se o conceito de identidade de Erikson em quatro dimensões centrais: auto-confiança; carácter estável dos elementos individuais; integração do ‘EU’; e adesão aos valores e identidade de um grupo (Fisher 1987; Guerra 1991). Esta noção-charneira do autor deixará marcas – a *cumplicidade* – nos futuros debates epistemo-disciplinares em torno da identidade.¹²⁴ É que o seu entendimento da relação indivíduo-contexto¹²⁵ irá marcar posteriores linhas de discussão e contradição, como as que vão considerar o contexto como não estruturado e a-histórico na formação da identidade individual; e as que vão conceber o indivíduo como uma construção autónoma do ‘EU’ e, simultaneamente, sempre dependente do “OUTRO”.

Até aqui anotaram-se as questões que se afiguram *exemplares* desta *transversalidade* às Ciências Sociais: a autonomia/determinação das estruturas inconscientes face às estruturas conscientes da personalidade; a autonomia/determinação de ambas as estruturas, face às estruturas sociais; a sobredeterminação sócio-estrutural dos comportamentos individuais;¹²⁶ a visibilidade da identidade apenas em situações de crise, *versus*, a sua soberana importância social e psicológica; a durabilidade e/ou a transformação da identidade; a neutralidade/ implicação axiológica do investigador.

Todavia, às mencionadas *cumplicidades* articulam-se fortes *condicionantes* epistemo-disciplinares. Trata-se, quer da recuperação das componentes cognitiva, afectiva e expressiva-simbólica – em embrião no conceito de Erikson, e que foi um dos filões de análise dos anos 90; quer das componentes conformista, voluntário-estratégica e relacional (Pinto 1991; Gallissot 1987) – perspectivas, estas, que viriam a degladiar-se, intra e inter-disciplinarmente, até hoje.

6.2. ... ao *Continuum* Dicotómico

O actual consenso quanto à noção de *identidade sincrética* concebe a «*função identitária central*» como estratégias dos actores orientadas para a «*adaptação criativa e crítica*» às situações relacionais e dinâmicas (Camilleri *et al.*, 1990).

Contudo, como se alertou, as tendências analíticas da Psicologia Social começam por *herdar* da proposta de Erikson a tónica na *função integradora da identidade*. Esta função é inerente à noção de *identidade sintética*, ou seja, a acção do actor para preservar o seu ‘EU’ enquanto uni-

¹²³ In Soest e Verdonk 1984. J. Guillaumin (1980, 8) sistematiza as dimensões identitárias singularidade espacial e continuidade temporal.

¹²⁴ Sobre as ressonâncias da abordagem de Erikson na corrente psicanalítica e na perspectiva genética, *cf.* Lipiansky 1992, 15 e ss.

¹²⁵ *Cf.* crítica de Tajfel (1982, vol. I, 25) ao trabalho do seu colega Eysenckewilson, sobre a falta de atenção à relação indivíduo-contexto.

¹²⁶ Tajfel funda o debate e na tradição da Psicologia Social trabalhar com «*noções de natureza pré-social ou a-social*» (1982 vol. I, 34 e ss.).

dade integrada (*SELF*). A mesma função perduraria, até nas propostas dos anos 70 e 80, de que se salienta o “modelo de Bristol”.

6.2.1. Conformismo Identitário, *Vazio Social* e Identidade Intergrupar: Sherif

Embora se revele complexo e variado o modo de «estabelece[r] uma ligação entre o psicológico e o sociológico», realçam-se como pioneiros os estudos de Shérif nos anos 50/60 e, na década posterior, os de Marisa Zavalloni, e os de Tajfel e Turner, ao relacionarem a *dimensão social* da identidade com a *pertença a grupos* (Amâncio 1993a, 290; cf. Kastarsztein 1981; Guerra 1991). Na verdade, aquela «ligação» não era contemplada pelas anteriores *Teorias Psicológicas do Papel*, fechadas que estavam na *perspectiva situacional* da identidade (1993a, 291).

Neste quadro, a *Teoria Realista do Conflito Intergrupar* de Sherif¹²⁷ é inovadora para os estudos sobre as relações inter-grupos na Psicologia Social dos anos 60. A partir de situações experimentais de competição e de cooperação entre dois grupos (Monteiro 1993) puderam elaborar-se noções como *moral*, *solidariedade* e *coesão grupais* ou *clima de grupo* (1996, 397). O mesmo modelo, que veio a ser criticado pela atenção exclusiva ao *conflito de interesses* inter-grupais, protagoniza uma viragem (Amâncio 1993a, 290). Consiste esta no abandono da explicação dos comportamentos, juízos e avaliações entre grupos baseada nas *características individuais* dos membros do grupo, ou na *estrutura interna* do grupo – explicação, até aí, dominante na Psicologia Social¹²⁸, em prol da *centralidade da vinculação positiva* e da *identificação pela pertença ao grupo* (Hogg 1992). De forma sucinta, recorde-se a contribuição desta teoria para a análise da identidade social através da sua conclusão: a oposição entre grupos gera processos de categorização que marcam *i)* quer a definição negativa do grupo rival; *ii)* quer a definição positiva do grupo de pertença.

Mas a Escola de Bristol, ao questionar a análise de Sherif das relações inter-grupos, iria inverter essa conclusão.

6.2.2. O modelo da *Escola de Bristol*

Maritza Montero (1996) organiza a diversidade destes estudos em três grupos: a *Teoria do Conflito Inter-grupal* de Tajfel e Turner; a *Teoria da Identidade Social da Conduta Intergrupar* (TIS) do primeiro – sendo, ambas, dos anos 70; e a *Teoria da Categorização do EU*, posteriormente aprofundada por Turner e seus colaboradores.

Orientação conformista-optimista da acção social; explicação motivacional-cognitiva; e focalização das relações inter-grupais a partir do indivíduo – são os limites apontados a estes estudos.

¹²⁷ Estudos seus e com cols. de 1961, 1967 e 1979. Para aprofundar, cf.: Amâncio 1993a, 290 e ss.; Montero 1996, 397; Morales 1994, 297 e ss.

¹²⁸ Tendência contra a qual combateu o próprio Henri Tajfel (1982, vol. I, 37).

Atente-se nas suas problematizações mais pertinentes para a presente pesquisa.

1) Conflito, Competição, Identidade e Conduta Inter-grupal: Tajfel e Turner¹²⁹

A Teoria do Conflito Intergrupal de Henry Tajfel e de John Turner integra-se no conjunto mais amplo de análises orientadas, desde os anos 70, para a relação entre identidade social, comparação social, e respectivos impactos nos comportamentos intergrupais. Globalmente, tais análises questionam a noção do conflito inter-grupal «*enquanto determinante da discriminação entre grupos sociais (...) salientada pelos estudos de Sherif.*» (Morales *et al.* 1994, 297 e ss.).

Quanto à TIS, como boa parte da produção teórico-metodológica da Psicologia Social dos anos 70, ainda é influenciada pelas *Teorias do Equilíbrio*, paradigma dominante da década anterior. O *pressuposto* central destas *Teorias* é o de que a procura de equilíbrio individual é uma necessidade pessoal fundamental; e que a mesma é *incompatível* com informações e estímulos contraditórios ou *estranhos* ao contexto de inserção da pessoa. Face a *paradoxos informativos*, as *Teorias do Equilíbrio* apontavam três saídas possíveis para reconquistar o equilíbrio: 1- recusar essas informações; 2- alterar (o conteúdo) das atitudes de recepção das mesmas, enquanto *estratégia* para as *reler como pacíficas*; ou 3- familiarizar-se com tais informações, *naturalizando-as* para as *enquadrar* no já conhecido.

A influência das *Teorias do Equilíbrio* é notória na *hipótese-suporte motivacional e cognitiva* dos estudos sobre Identidade Social de Tajfel e Turner. Postula aquela que os indivíduos procuram um nível óptimo de *funcionamento* ou desempenho individual e social – objectivo para que se orientam hedonicamente. Por isso, aqueles manifestam a *tendência racional para construir identidades sociais positivas* e, simetricamente, a *tendência para evitar, transformar, ou abandonar*¹³⁰ situações ou grupos socialmente avaliados como *negativos*. A bem ver, esta hipótese não tem só influência do *postulado de orientação conformista-optimista da acção*; comporta ainda uma concepção centrada no ‘EU’ individual, «*una teoría del funcionamiento del auto-concepto en su contacto con la dinámica de los grupos de pertenencia y de las relaciones intergrupales.*» (1996, 402).

Quatro outras noções estão subjacentes à mesma linha de estudo: os três *processos* sociais de *comparação*, de *categorização*, de *estereotipização*¹³¹; e o *processo de discriminação intergrupal*: «*S’il est vrai, comme l’affirme Festinger, que la comparaison sociale au niveau individuel consiste à (...) s’associer avec ceux qui nous ressemblent, les comparaisons sociales entre groupes sont, par contre, centrées sur l’établissement de distinctions entre son propre groupe et les autres groupes.*» (Tajfel 1972, 296).

¹²⁹ Das obras da década de 70 dos dois autores, a referência mais forte é a do artigo de Tajfel e Turner 1979 *In* W. G. Austin e S. Worchel (Eds.), *cit. In* Montero 1996.

¹³⁰ *Cf.* Hinkle e Taylor (1996); Hogg e Abrams, 1988; Abrams e Hogg 1990 (Eds.); e Tajfel e Turner 1986 *In* Worchel e Austin (Eds.) 7 e ss.

¹³¹ *Cf.* «*Introduction*», por Turner e H. Giles, *In* obra de sua edição (1981), *cit. In* Lorenzi-Cioldi, 15.

A *categorização*¹³² decorre do pressuposto da *claridade cognitiva*; e, ao simplificar a realidade, tem várias funções, destacando-se que, por um lado, estrutura e sistematiza o meio; e, por outro, provoca *efeitos de percepção acentuada*, e de fundação da identidade do endogrupo (Tajfel 1972; Deschamps e Devos 1996).

Teoricamente, a acção social desenha-se entre os extremos de dois *continua*: um, ao *opor* as relações *interpessoais* às relações *intergrupais*, pressupõe a *crecente complexificação da interacção social* – desde a baseada única e exclusivamente nos atributos individuais dos actores, até à interacção baseada nas características dos grupos; o outro, que contrapõe *mobilidade social* a *mudança social*, refere-se aos sistemas de crenças individuais – quer aos elaborados sobre a estrutura do sistema social de inserção; quer aos relativos à natureza (legitimidade/ilegitimidade) das relações entre os grupos e da posição relativa do endo-grupo.¹³³ Observa-se, pois, uma relação entre os *pólos* inter-grupal e mudança social, a uniformidade de comportamentos, e a estereotipização da percepção.

Assim, da comparação entre os atributos do *seu* grupo (NÓS) e os atributos dos *exo-grupos* (ELES-OS OUTROS), tiram-se duas ilações: *i) a pertença grupal favorece os atributos do endo-grupo; ii) a endo-sobrevalorização é simultânea à exo-subvalorização*. Por outras palavras: a *identidade social* é produto da *pertença grupal* e da *categorização social* associada à *comparação inter-grupos*.

Note-se que nesta abordagem o conflito intergrupar *de per se* não é o cerne da identidade social. É a relação dos sujeitos-posição de membros de determinado grupo (endo-grupo) com *outros* (exo-grupos), que provoca e mobiliza os juízos e comportamentos da *diferenciação perceptiva e avaliativa* – *discriminação* do exo-grupo e *favoritismo* do endo-grupo. «*Un groupe devient un groupe en ce sens qu'il est perçu comme ayant des caractéristiques communes ou un devenir commun, que si d'autres groupes sont présents dans l'environnement.*» (Tajfel 1972, 296; cf. Montero 1996, 399; Amâncio 1993, 296).

Na *Teoria da Identidade Social da Conduta Intergrupar*, Tajfel desenha claramente a *Identidade Social* como um conceito sócio-cognitivo e emotivo.

É o que se depreende da fórmula Tajfeliana que associa a identidade social «*ao conhecimento da pertença aos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo dessa pertença.*» (1972, 292). E, na TIS, conclui que a expressão da identidade social decorre do processo de comparação, sendo mediada pelo processo da categorização social, o que leva o próprio Tajfel a dizer: «*O*

¹³² Tajfel 1982, 67 e ss.; 1983, vol. II, 289.

¹³³ Cf. Tajfel e Turner 1979. Desde 1974 (cit. In Deschamps e Devos 1996), Tajfel distinguia *a priori*, 2 pólos opostos do comportamento social: o *dos comportamentos inter-pessoais*, extremo meramente teórico para o autor; e o *dos comportamentos inter-grupais*. Cf. Amâncio 1993a, 295 e ss.; Montero 1996, 398; e Serino 1996, 168 e ss.

processo de categorização é o molde que dá forma às atitudes inter-grupais».¹³⁴ Deste modo é preterida a formulação da «*necessidade social positiva*» como fundamento da avaliação assimétrica; para passar a centrar-se «*no desejo de auto-estima, no desejo de auto-avaliação positiva (...) [e na] necessidade de positividade individual*», associados à *procura da coerência* (Deschamps e Devos 1996, 45 e ss.; Serino 1996, 167). Esta procura da coerência consiste na capacidade da pessoa fazer frente a (e compreender as) novas situações sociais da vida social sem, contudo, *desintegrar* nem pôr em risco «*tanto quanto possível, a imagem de si próprio ou a sua integridade.*» (Tajfel 1982, Vol. I, 154).

Então, cada um de nós procura estabilizar a sua acção social *fixando* a sua *inserção social* através da *pertença a grupos sociais relevantes* porque tal pertença grupal *garante-nos* a identidade social e *protege-nos* no presente e face ao futuro: *i) no presente*, ao conferir-nos padrões de opinião, de julgamento e de comportamento *estáveis internamente* (ao EU-NÓS), e *discriminatórios face aos estranhos meios* exo-grupais (1972, 286); e *ii) face ao futuro – i.e.:* face à mudança social – ao preservar *a nossa* identidade individual, pois pressupõe-se que as bases avaliativas e comportamentais constituem *equipamentos de segurança* face ao imprevisível.

Parecem aclaradas as repetidas críticas de *tautologia* e de *individualismo*, pois esta abordagem não ultrapassa a anterior, nem do ponto de vista do *olhar* nem do *objecto*. De acordo com Montero¹³⁵: «*la teoria se basa en un modelo de un observador mucho más solitário, restringido a la evidencia de sus sentidos y atrapado dentro de un marco más perceptual que social.*» (1996, 402)¹³⁶.

Então, se ***o molde*** das relações sociais são os processos de categorização nas pertenças grupais; e se as categorizações permitem ao indivíduo preservar a sua positividade nas mutáveis relações sociais, urge perguntar: a partir de que *massa* emergem tais *molde*s perceptivos e avaliativos, garantias da *procura da coerência*?

Em Tajfel, o *conteúdo das atitudes intergrupais* consiste na *assimilação dos valores e das normas sociais* (1982, 153);¹³⁷ o que leva a que o *molde* das categorizações *trabalhe* para a assimilação de conteúdos dos padrões socialmente dominantes. Por isso, «*no caso dos estereótipos sociais, o "contexto social" significa que os estereótipos comuns a um grande número de pessoas provêm de, e são estruturados pelas relações sociais, entre grupos sociais e entidades em larga escala. O funcionamento e utilização dos estereótipos resulta duma profunda interacção entre esta estruturação contextual e o seu papel na adaptação dos indivíduos ao meio social em que estão inseridos.*» (1982, 163, sn).

¹³⁴ Tajfel 1982, Vol. I, 153; e 1972, 297. Ver todo o Capítulo 8.

¹³⁵ Se bem que a mesma autora (1996, 402) não escamoteie a menção de Turner à construção social dos grupos. (A fonte citada por Montero refere-se à edição madrilena da obra de Turner, Hogg, Oakes, Reicher e Wetherell).

¹³⁶ Esta crítica da autora converge com a sua citação de Wetherell Y Potter 1992, 48.

¹³⁷ Para aprofundamentos, ver a obra do autor de 1982, Cap. 6, 145-160.

Ora, a explicação dos componentes sociais da identidade dos indivíduos, e da categorização de atributos perceptivos-avaliativos enquanto processo identitário social, não pode resumir-se ao tecer das relações sociais num contexto *estruturado* e emissor de normas sociais; normas assimiladas, por sua vez, para reforçar-garantir a continuidade da auto-estima individual e da identidade social positiva. O raciocínio tautológico, defensivo, deixa-nos insatisfeitos de novo. Se, como se sublinhou, advém uma importante inovação da defesa de associar o psicológico ao sociológico na identidade social, os modos de entender esta associação permanecem menos associativos do que dicotómicos.

Na actual terminologia sociológica dir-se-ia que, *através da socialização conformista dos actores sociais, as relações sociais garantem a prescrição de identidades socialmente adaptadas*. Daqui infere-se que *o socialmente negativo é percebido-categorizado como o-em vias de-reajustamento social*. E daqui decorre, ainda, considerar-se *transitória* a negatividade social uma vez que, pela pertença-identificação grupal, a identidade social permite a mobilidade individual, e a competição e a criatividade sociais. Desta forma, a negatividade social apenas significa *a possibilidade de re-categorização positiva*, pelo que nem sequer chega a constituir, nem a ser modelo de tipos de identidade social: *«le fait qu'un individu désire que son propre groupe ressemble à un autre groupe (...) signifie, pour ce point de vue, que son propre groupe n'a pu remplir sa fonction: contribuer à l'identité sociale positivement valorisée.»* (Tajfel 1972, 296).

Porquê? Porque *a negatividade social não é “social”*. Porque apenas são (coercivamente?) sociais, os padrões socialmente categorizados como positivos; e porque o que motiva o indivíduo é a necessidade de obter uma auto-imagem positiva. E, afinal, *identidade pessoal* ou *social*, são unicamente os *garantes da positividade*; logo são *pólos* não complementares, mas *exclusores*, produtores de um(a noção de) social enviezad(a) pelo *obstáculo individualista*: *«a partir de esta dicotomia (...) entre comportamiento interindividual e intergrupal, se llega a decir que cuanto más fuerte es la identidad social, menos importante es la identidad personal y cuanto más saliente es la identidad personal menos necesidad tiene el individuo de una identidad social»* (Deschamps e Devos 1996, 46).

A *limitação individualista* convive assim com a involuntária-latente leitura *abstracta* da sobredeterminação dos padrões sociais face aos processos de categorização, assimilação e procura da coerência.

Abstracta determinação dos padrões sociais, porque os *três processos* em causa são *genericamente postulados e universalizados* como base de todas as relações intergrupos; *i.e.*: pressupõe-se uma relação de *exterioridade* entre o contexto social mais abrangente e os actores (individuais ou grupais). *Sobredeterminação* dos padrões sociais porque, ao *postular a assimilação socializada dos padrões sociais de positividade social*, desvalorizam-se os padrões não aceites socialmente.

Aplicada a mesma linha de análise ao actual objecto de estudo obtém-se que, durante os *processos de desqualificação social*, as sujeitos-mulheres são *negatividades sociais-transitórias* se, pelos *processos de requalificação sociais* forem positivamente re-categorizadas.

Mas a mesma leitura crítica conduz também a 4 preciosas *linhas de configuração da identidade social*:

1.^a - a *pertença* e a *identificação* grupais, que instituem as *posições relativas dos actores nas relações sociais*, são *marcadores* dos processos de *categorização e representação simbólica* e, consequentemente, marcam também a *orientação das práticas quotidianas* da acção (individual e/ou colectiva);

2.^a - as relações sociais partem de, e assentam em, conteúdos conferidos a *experiências sociais* que *i)* nem são *necessariamente concretizados-objectivados* pelos sujeitos sociais – os desejos, os sonhos, os projectos, as expectativas, as crenças, os sentimentos afectivo-emocionais, as intuições, as sensibilidades estética ou performativa, e o imaginário em termos latos; *ii)* nem são *necessariamente consciencializados* – como é o caso, entre componentes já identificadas pela ciência, dos processos inconscientes ou subconscientes.

3.^a - o *processo de socialização*, ou outros *modos de mediar a experiência* (Giddens 1994), são basilares na *construção da memória das relações sociais*;

4.^a - a *memória das relações sociais* é um dos componentes da categorização social, da representação simbólica, e da orientação da acção.

Dos elementos da *Teoria da Categorização do EU*¹³⁸ de John Turner vejam-se os mais significativos para o objectivo da presente pesquisa.

2) Teoria da Categorização do EU¹³⁹

A *Teoria da Categorização do EU* de Turner – modelo mais perceptivo-cognitivo do que social – não supera a *dominante individualista* na compreensão dos elementos da identidade social, como dá *continuidade* e *reforça* a visão dicotómica do *continuum individual-social*. Parecerá paradoxal a proposta de um *continuum* redundar numa *dicotomia*; mas ver-se-á que esta reinterpretação do modelo de Tajfel resulta na sua *«radicalização psicológica»* (Amâncio 1993, 298).

Carmencita Serino salienta que *«A pesar de que hay una continuidad»* entre a TIS e a TCEu, *«también se introducen algunas novedades»*, a saber: *a)* descentrar da (anterior) importância dos

¹³⁸ Futuramente abreviada por TCEu.

¹³⁹ Cf. Turner (1987) com Hogg, Oakes, Reicher e Wetherell. Sobre a mesma, cf. Deschamps e Devos 1996; Amâncio 1993a; Montero 1996; Serino 1996; e Hogg 1992. Brewer, Fiske e Neuberg constatam que a TCEu não se restringiu à missão explicativa (inicial) das bases psicológicas dos grupos, tendo contribuído para a análise dos *«processos de categorização na percepção social e na interacção»*.

componentes motivacionais; b) aprofundar, por explicitações das condições contextuais da categorização, o processo de categorização; e c) complexificar a leitura da comparação e da categorização (inter e intra-categoriais), a partir da noção de continuum de Tajfel (1996, 177 e ss.).

John Turner aprofunda o *continuum interpessoal/intergrupar*¹⁴⁰ da análise da acção social por Tajfel para, posteriormente, estabelecer correspondências: *i) entre o pólo dos comportamentos interpessoais e diferenciação entre Si mesmo-OUTROS, e a identidade pessoal, o SELF; e ii) entre o pólo dos comportamentos intergrupais e diferenciação entre grupos NÓS-ELES, e a identidade social.* A distinção entre os dois modos identitários é supostamente clara: a identidade *pessoal* refere-se às características de personalidade, intelectuais, físicas e singulares; os componentes da identidade *social* são, como ensina Lígia Amâncio, restringidos ao «conjunto das auto-definições em termos de categorias de pertença». Portanto, Turner talha a fissura entre as identidades *social e pessoal*.

Em boa verdade, a hipótese do *continuum* conduz a um verdadeiro *impasse teórico*: se a competição social distancia o indivíduo do pólo pessoal, contraditoriamente, neste modelo «*l'identité personnelle peut s'acquérir (...) en dehors du champ des relations sociales, et cette forme d'identité remplace l'identité sociale elle-même.*» (Lorenzi-Cioldi 1988,17).

Ao procurar *dar conta das componentes psicológica e sociológica da identidade* Turner distingue três «*níveis da definição de si mesmo*» quanto ao grau de abstracção:

1.º *nível superior* (muito abstracto): *definição de si próprio* como EU-SER HUMANO, subjacente à comparação entre espécies;

2.º *nível de categorização intermédio*: descrição do EU como *membro de um grupo* (EU-GRUPO DE PERTENÇA), fundando a comparação (intra-espécie) inter-grupal;

3.º *nível subordinado* de categorização: diferenciação EU INDIVIDUAL/OUTROS pela *personalidade* ou características *singulares individuais*, baseando-se na comparação inter-pessoal.

Mas o centro da atenção do autor e colaboradores é o nível intermédio (EU-GRUPO DE PERTENÇA), resultando a categorização ternária num «*antagonismo funcional*», sobretudo entre os segundo e terceiro níveis «*en el sentido de que la emergencia de uno impide la emergencia del otro, y que el grupo no puede producirlos simultaneamente.*»¹⁴¹ No limite, tal relação significa que a identidade *social* implica uma espécie de *recomposição que dilui a identidade pessoal* – a **despersonalização**: «*Los cambios hacia la identidad social producen la despersonalización de la percepción y del comportamiento del yo*» (Oakes, Haslam e Turner 1996, 114). Serino assinala que tal complexificação da relação entre as categorizações inter-categorial –*diferença*– e intra-categorial –*semelhança*– é uma

¹⁴⁰ Em Tajfel estes extremos apriorísticos não eram definidos como reais mas como «*continuum teórico/hipotético*».

¹⁴¹ Lorenzi-Cioldi e Dafflon 1996, 444; cf. Deschamps e Devos 1996, 48.

das novidades da TCEU porque, agora, a *diferença* e a *semelhança* são concebidas de modo mais relacionado e interdependente. Contudo, a *dominante psicológica* vai a par do extremar da *explicação dicotómica* pois a *interdependência* entre semelhança e diferença é de modo invertido (1996, 181). Afinal, como diz Amâncio, a TCEU acaba por reforçar a dicotomia individual/colectivo: «*O continuum interpessoal-intergrupo transforma-se numa oposição entre o self e o grupo (...) à qual corresponde uma oposição entre uma identidade pessoal (...) e uma identidade social*» (1993, 298).

Da elaboração de Turner resulta, pois, «*que nos encontramos prisioneros de uma lógica dicotómica que hace de la semejanza y de la diferencia, de la identidad social y de la identidad personal, dos polos que son dependientes negativamente*» (Deschamps e Devos 1996, 48). E fica a impressão de a pessoa não ser um actor social porque, quando se torna social fica a perder a sua individualidade pessoal: os grupos são, apenas, o meio de obter a positividade individual; e a relação inter-grupos pressupõe homogeneidade (perceptiva e comportamental) e despersonalização.

Procurando *reciclar* estes conteúdos para a Problemática da presente pesquisa, deduz-se que a TCEU tende a subscrever uma *visão singular* dos fenómenos designados por «pobreza» – EU-INDIVIDUAL/ OUTROS. No caso de uma eventual leitura social dos, ditos, «*pobres*», a TCEU arrumá-los-ia aqueles numa categoria homogénea e geral – EU-GRUPO DE PERTENÇA.

Mas há mais. Aplicando o *princípio do metacontraste*, a *categorização subjectiva* transforma a *distância* entre os «*pobres-individuais*» e os «*Outros-indivíduos-não pobres*» – EU INDIVIDUAL-E-GRUPO DE PERTENÇA/ OUTROS – em *percepções* e relações de *diferença social*. Neste sentido, a *relação de diferença social* «*pobres*»/ «*não pobres*» caracterizar-se-á (ao que parece, legitimamente para Turner), pela aversão, o desacordo e o conflito. Daí que esta teoria não avance pistas *i)* nem para a *diversidade das experiências* sociais (de *desqualificação*, ou não); *ii)* nem para o entendimento – subjectivo e colectivo – da aceitação relacional, e da própria transformação social, dessas *condições-Outras-de-não-pertença*.

Parece que, à percepção-avaliação-configuradora de práticas *individualistas-homogeneizadoras*, se alia uma percepção-avaliação configuradora de práticas de *indesejabilidade-evitamento* e, até, de *exclusão* sociais.

A finalizar esta 1.^a PARTE, fica-se com um duplo *reforço reafirmativo*: quer o da distinção clássica entre os componentes pessoais e colectivos da identidade, quer o do princípio da mútua exclusão desses componentes, *ou* pessoais, *ou* sociais. E, subjacente àquela distinção e a este princípio, assoma a *visão* do social exterior e coercivo face aos sonhos, desejos, sentimentos, necessidades, razões e práticas pessoais – solução redutora, ao esquematizar a construção relacional dos sujeitos sociais em dois *pólos*, sobrevalorizando um deles.

2.^a PARTE: A REQUALIFICAÇÃO DE AGENTE E ACTOR EM SUJEITO DE ACÇÃO

«Vivemos no seio de fenómenos vagos, de coisas imprecisas e situações perpetuamente variáveis nas quais nos é necessário **decidir, reagir ou agir, tomar posição**. No entanto, por mais vagas que elas sejam, todas essas coisas surgem à nossa consciência como objectos conceptuais, damos-lhes nomes, e efectuamos sobre elas **operações, mentais primeiro, práticas em seguida**, à nossa conta e risco.(...) O mundo não é um laboratório onde os fenómenos se encontram decantados, isolados, controlados a bel-prazer do experimentador que com eles joga para descobrir uma verdade transcendente, incontestável, pois que depurada sob a forma de correlações fortes entre variáveis evidentes. Falamos de temperatura e julgamos o nosso bem-estar, falamos de justiça e julgamos dos nossos interesses, falamos do Bem e do Mal e pensamos em investimentos.»(Moles e Rohmer 1995, 9, sn).

Se a Teia do Pessoal e do Social parece ter sido esventrada pelas análises sociológicas e psicológicas que ocuparam a 1.^a PARTE deste CAPÍTULO, a perspectiva sociológica da construção social das identidades conta com vários críticos continuadores. Portanto, esta 2.^a PARTE dedica-se à perspectiva sociológica, *relacional e transaccional* das identidades sociais. Para tal, seguir-se-á a reflexão relativa à *modernidade tardia* e à *requalificação conceptual* do Actor e do Agente sociais em Sujeito da Acção, com uma breve menção a estudos Psicossociais.

Na verdade, actualmente dispõe-se de formulações alternativas às duas críticas antes apontadas quer ao modelo psicológico-social da Identidade Social – *esvaziamento social* da própria noção, e dicotomia *pessoal/ social* – quer à *visão sociologista* das identidades. Tais formulações têm vindo a superar estes três limites, bem como outros dois obstáculos transversais às abordagens até aqui analisadas, e fulcrais para a presente pesquisa: a *conceptualização das identidades sociais negativas* e a *concepção androcêntrica* das identidades.

De entre as explicações alternativas, menciona-se, no ponto 1, como a *hipótese da co-variância* ilustra que o sujeito *não escapa* ao social. Nos pontos 2 a 6 detemo-nos na análise sociológica e aprofundada das variadas *lógicas accionadas* pelos Sujeitos sociais. Duas focalizações invocadas que convergem para a *requalificação científica* da compreensão – formas de pensar – dos sujeitos-cidadãos, investigadores ou não. Compreensão que pode, por seu turno, verter para a *requalificação social das identidades construídas pela experiência da desqualificação relacional*: ‘certas’ identidades, formas de ser, agir, sentir e sonhar na *cultura contemporânea do risco e das oportunidades*.

1. DO CONTINUUM DICOTÓMICO À ORTOGONALIZAÇÃO¹⁴² DA IDENTIDADE PESSOAL-SOCIAL

Pela mão da Psicologia Social, a *discriminação assimétrica* dependeria da comparação NÓS/ ELES-OS OUTROS e, no *processo de comparação*, o grupo de pertença seria mais homogeneamente percebido do que o ‘out-grup’.

¹⁴² Expressão originária de Deschamps e Devos 1996.

Resultados de diversas pesquisas críticas destronam «*esta certeza según la cual la diferencia entre grupos se acompaña necesariamente de una convergencia en el interior de los grupos*»: «*desde ya más de diez años (...) ya no se considera que sea la norma.*» (Deschamps e Devos 1996, 48-49).

São vários esses estudos. Carmencita Serino (1996, 170) refere que nem sempre se confirma uma relação (necessária e) positiva entre a assimilação intra-categorial e a diferenciação inter-categorial, apoiando-se nos estudos de Tajfel e Wilkes (1963) e de Eiser (1983). Também para Mariza Zavalloni e cols. (1973 e 1983) a *pertença grupal* e consequente *posição social* dos indivíduos se articulam às *representações* dos respectivos *papéis e grupos de pertença* enquanto «*elementos de ligação do psicológico ao sociológico*» no conceito de identidade¹⁴³. Esses estudos davam conta quer da formação de estereótipos negativos relativos ao endo-grupo; quer de situações onde, sendo saliente a pertença grupal, ou não conduziam *necessariamente* à assimilação intra-categorial, ou nem esta tendência se manifestava. A mesma evidência já tinha observada em trabalhos de J. P. Codol e de origem à designação *conformidade superior do Eu* ou *efeito primus inter pares*¹⁴⁴. No mesmo sentido, Deschamps e Devos (1996, 49 e ss.) divulgavam, desde a década de 70, resultados de pesquisas suas em que a acentuação da semelhança no endo-grupo não era obrigatoriamente acompanhada de correlativa acentuação das diferenças percebidas inter-grupos. E em 1988 o sociólogo Lorenzi-Cioldi chamava a atenção para os resultados de investigações de Doise¹⁴⁵: «*dans certaines situations (...). L'appartenance catégorielle n'induit pas nécessairement la dépersonnalisation et l'uniformisation des membres du groupe; elle semble même, en fonction de certaines variables, favoriser l'affirmation de leurs spécificités individuelles.*» (1988, 19).

O problema é bem formulado pela questão: «*Cómo es posible que se pueda ser similar y diferente al mismo tiempo?*» (Morales, et al. 1996, 107). Procurem-se as respostas que originou.

Modelo de Diferenciação Categorial e Co-variação

Para o modelo da diferenciação categorial, nos processos de categorização «*os conteúdos das categorias não podem ser separados dos seus conteúdos classificatórios*» (Amâncio 1993a, 299), provocando o abandono da «*conception univoque de la catégorisation sociale*» (Lorenzi-Cioldi 1988,16) subjacente ao *continuum* pessoal-social. Resultados de outras pesquisas confirmam a hipótese da co-variação¹⁴⁶.

¹⁴³ Remete-se para o texto de Zavalloni *cit.* In Amâncio 1993a, 291; *cf.* tb Guerra, 1991.

¹⁴⁴ Ver breve definição deste por Pérez *et al.* (1996, 223). *Cf.* tb Codol 1975, e a sua tese *Semblables et différents. Recherche sur la quête de la similitude et de la différentiation sociale* - ambos *cit.* In Deschamps e Devos 1996.

¹⁴⁵ O autor cita a edição de 1976, em Bruxelas, pela ed. A. de Boeck.

¹⁴⁶ Da Escola de Genebra, pelos trabalhos de Deschamps e cols. desde meados dos anos 70 (Amâncio 1993a, 299 e ss.; Serino 1996). Sobre

A favor das «*referências a normas e valores colectivos que a categorização inter-grupos torna significantes*» (1993a, 303) nova perspectiva estipula duas mudanças: *i)* quanto à explicação dicotómica anterior – ou se é *semelhante* ou se é *diferente*; *ii)* quanto ao fundamento motivacional-universalizante da acção social – o pressuposto de que a necessidade de positividade universal é comum a toda a pessoa humana (Lorenzi-Cioldi 1988).

Da proposição central dos estudos da *co-variação*¹⁴⁷ salientam-se dois resultados globais: *1)* as diferenciações intra e inter-grupais podem ser (significativamente) simultâneas, ou seja, pode ser-se semelhante e diferente ao mesmo tempo; *2)* a *variação concomitante* das ditas diferenciações parece depender do *estatuto relativo dos grupos em presença*. É que a categorização produzida em relações inter-grupais torna significantes os padrões (valores e normas) colectivos – dos quais se salientam *as ideologias de estratificação dos grupos sociais numa escala de poder* (Amâncio 1993a, 303).

O facto de os *traços de diferenciação* inter-grupal não serem os mesmos em todas as interacções, nem serem necessariamente negativos, leva a compreender que a diferenciação nem é «*universal na sua extensão, nem simétrica na sua expressão*». Assim, nas relações inter-grupos, às funções selectiva e justificativa das representações sociais liga-se a função antecipatória pela qual «*os indivíduos constroem, no plano cognitivo, a situação em que estão inseridos, reproduzindo-a ou antecipando-a*» (1993a, 301).

Porquanto se considera que, face a dada situação de relação social os sujeitos accionam, sócio-cognitivamente, os traços e os conteúdos mais pertinentes para a diferenciação inter-grupal.

Encontramo-nos face a *respostas superadoras* dos três limites do modelo psicológico anterior, pois ultrapassar a *dicotomia pessoal-social* conduz a formular uma noção não vazia socialmente de *identidades socialmente diferenciadas* como positivas, como negativas e, quiçá como neutras, indiferentes ou “invisíveis”. Ao captar-se que *a categorização toma como referência a posição relativa de todos os grupos, e a sua interdependência comparativa*, passa a ser necessário que também as relações sociais – especificamente, a acção social entre grupos – sejam conceptualizadas como *verdadeiramente sociais*. Tal é possível porque se reconhece que as relações sociais são estrutural e hierarquicamente *condicionadas pela interdependência sócio-simbólica*, que é o quadro da *definição*, da *diferenciação* e da *discriminação* grupais.

Obviamente, não é legítimo extrapolar destes resultados uma conclusão fixista, por tal relação depender de condições situacionais e contextuais. Apenas pode afirmar-se a não universalidade da polarização simétrica-exclusiva (Serino 1996, 170-171), de onde decorrem duas mudanças signifi-

este modelo são referidos como «clássicos» os trabalhos de Deschamps de 1980 e de 1982.

¹⁴⁷ Deschamps e Devos (1996, 50). Para mais desenvolvimentos, cf.: Amâncio 1993a, 299 e ss.; Lorenzi-Cioldi 1988; e Serino 1996.

cativas: 1.^a o *pessoal* e o *social* passam a ser consideradas como **duas dimensões, ortogona-lizáveis**¹⁴⁸; 2.^a as condições sociais passam a ser concebidas como **marcadores** das «*formas de iden-tificação dos indivíduos com e pelo seu grupo de pertença*» (1993a, 303;1996, 172).

Desta abordagem, podem discorrer-se *dois planos de abertura* na análise das identidades sociais: a) abertura para uma concepção sócio-relacional da acção social; b) abertura para a obser-vação-percepção e compreensão das diversas *modalidades de identidade social* – socialmente desqualificadas, ou não – e das suas dinâmicas relacionais interiores e exteriores. Tais *planos* de análise psico-social da Identidade Social são coroadas pelas propostas sociológicas do *Sujeito* e das *Biografias* enquanto trajectos transaccionais de construção sócio-identitária, pois a experiência inter-subjectiva, relacional e desigual da construção identitária **pressupõe o sujeito**.

Ora, só a Sociologia das Identidades pode formular *o sujeito*: esse *actor estratégico* (oposi-ção-finalidades identitárias), simultaneamente *distanciado-reflexivo* (subjectividade-historicidade identitárias) e *empenhado* na participação social (cidadania activa-reconhecimento identitário).

2. DISPERSÃO DAS LÓGICAS DE ACÇÃO: INTERACÇÃO

«...une conversation téléphonique entre deux fous: “Monsieur, demande le premier, voulez-vous avoir l’obli-gance de m’indiquer mon numéro spécial?”. “Je regrette infiniment, lui est-il répondu, mais ici nous n’avons pas le téléphone”».¹⁴⁹

A lógica da acção *integradora* suporta a definição da identidade como a «*vertente subjectiva da integração do sistema*» (Dubet 1996, 114-121). No entanto, na experiência social do sujeito investem-se ainda outras duas grandes lógicas de acção: a *estratégica* e a *de subjectivação*. Num caso, remete-se para a racionalidade utilitarista do actor; no outro, para a capacidade comunicacio-nal-cognitiva.

Sendo tais *lógicas* de acção *negociadas* no quotidiano, começaram por ser conceptualmente defendidas como distintas pelas respectivas sociologias. Por certo que a ambas convirá a lucidez dos saberes interaccionistas, ao valorizarem as especificidades das *situações sociais*, simbólica e relacionalmente vividas. Porém, hoje em dia, nenhuma é *suficiente*.

2.1. - O *Construtivismo* Sociológico de G. Simmel e M. Weber

A racionalização da modernidade triunfante, a *colisão* simmeleana do indivíduo com a socie-

¹⁴⁸ Estas expressões são, respectivamente, de Doise (1998, 105 - *cit. In* Serino 1996, 172); e de Deschamps e Devos (1996, 53).

¹⁴⁹ «*Cette histoire absurde traduit pour une large part les interrogations actuelles portant sur l’identité. Nous nous tournons vers autrui dans l’espoir d’apprendre qui nous sommes ou du moins quelle désignation s’applique à nous. Et en réponse, notre interlocuteur nous fait savoir que nous ne lui avons rien dit. La frustration qui nous est ainsi infligée ne tient pas seulement au refus de reconnaissance mais à l’absence de toute réponse significative. Notre revendication d’être compris et accepté tel que nous sommes repose de ce fait sur une profonde incertitude de notre être et de notre avenir.*» *In* SOCIUS, «Le besoin d’être soi-même», *Service Social dans le Monde*, n.º. 1/1980, 1.

dade fragmentada, e os consequentes desencantamento e *alienação*, legitimam que a *pessoa moderna* se encerre na *subjectividade*.¹⁵⁰

Uma das leituras da transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna chama a atenção para os modos sociais de organizar a acção, através da *compreensão* dos valores dos actores – o sentido da acção¹⁵¹ – ou das formas sociais da sociabilidade¹⁵². Traços, largos, da afinidade entre Max Weber (1864†1920) e Georg Simmel (1858†1918)¹⁵³, sociólogos intermediamente críticos e sintetizadores do (neo-)kantianismo, e da hermenêutica compreensiva e neo-idealista de Dilthey¹⁵⁴. Um, está fortemente implantado na sociologia europeia do seu tempo; o outro, é mais influente da sociologia americana, sendo já uma marca clara na 1.^a Escola de Chicago. Entre ambos, há afinidades, como o combate¹⁵⁵ das *visões* sociológicas *totalizantes*, e a consequente negação epistemo-metodológica da visão positivista do *sociólogo-rei*. Assim, plasmam-se em ambos os *gérmenes da Sociologia da Acção* em sentido lato ou delimitada ao princípio individualista metodológico (Boudon 1995).

2.1.1. Georg Simmel: Implicação e Distanciação sociais

Em Simmel, a centralidade das *acções recíprocas* (Lallement 1993, I, 132-5) e do conflito, permitem situá-lo na «3.^a *via da análise genética*» da relação indivíduo-sociedade (Durand *et al.* 1993, 34).

De facto, as suas propostas sociológicas – a das *formas* de sociabilidade e a dos *sentidos*¹⁵⁶ – batalharão por várias desconstruções conceptuais (Simon s/d), das quais se salientam quatro:

- colisão do indivíduo com a sociedade moderna¹⁵⁷ e conflito social: com a noção, clássicamente informada, da relação actor-sociedade, Simmel apresenta o conflito como um traço constante do espírito humano e das relações e acções recíprocas, só solucionável pelo *compromisso* (recorde-se, a este propósito, a bela imagem de Simmel da *ponte* e da *porta* – Simon s/d, 355); fenómeno normal e não harmonizável da vida social, o conflito social é, pois, um significativo impulso fundador das relações sociais e da própria socialização;

¹⁵⁰ Cf. Ferreira *et al.* 1995, 131 e ss. sobre as interpretações, diversas mas convergentes, da alienação em Weber e Simmel.

¹⁵¹ Para além da obra de Max Weber, cf. Simmel 1981b e 1981g; ver tb Ferreira *et al.* 1995, 99 e ss.; e Durand *et al.* 1993, 65 e ss.

¹⁵² Simmel 1981a e 1981h; Durand *et al.* 1993, 249 e ss..

¹⁵³ Podem fundamentar-se estas sumaríssimas contextualizações de Weber e Simmel, bem como a generalidade das afirmações que se seguem (entre tão vasta bibliografia), em: Parkin 1996; Durand *et al.* 1993, 32 e ss. e 59 e ss.; 1-22; Giddens 1976, 223-240; Boudon e Bourricaud 1994, 522 e ss. e 680 e ss.; Simon s/d, 333 e ss.; Boudon, 1995, 7 e ss.; 50-52. Cf. a análise de Weber *In* Martindale 1979, 440-460; e Lallement 1993, I, 198 e ss.; e tb Scheff 1990, 35-51.

¹⁵⁴ Sobre a hermenêutica das ciências humanas pode consultar-se a exposição de Freund 1977, 31-72, e o seu aprofundamento da perspectiva de Dilthey (pp. 87-101); e, ainda, a exposição sobre o naturalismo e o historicismo, na linha da oposição Kantiana e de Dilthey (1977, 103 e ss.). Para desenvolvimentos sobre a sociologia alemã ao tempo de Max Weber, cf. Freund 1988.

¹⁵⁵ Boudon 1995, 9; Simon s/d, 359-360 e 387 e ss.; e Le Breton 1987.

¹⁵⁶ Sobre as *formas de sociabilidade* cf. Simmel 1981a e h.; sobre a abordagem dos '*sentidos*' pelo autor, cf. 1981d; sobre o duplo sentido da noção de *forma*, transversal à sua obra, recomenda-se a breve explicação de Boudon e Bourricaud 1994, 522-524.

¹⁵⁷ Sobre as diferenças entre o individual e o colectivo, nomeadamente o "estado de bebedeira sociológica" característico do comportamento colectivo – considerado inferior relativamente ao comportamento individual – cf. Simmel 1981f.

- **socialização**: entende-a como uma acção não exterior aos indivíduos e não acabada, pois a sociedade constitui-se por acções inter-individuais e recíprocas que podem ser *duráveis* – cristalizadas, institucionalizadas – ou não duráveis – quotidianas, micro-sociológicas (Simmel 1981).

Da reconversão destas três noções decorre uma quarta:

- **acção social**: formula-a como a constituinte da sociedade, mediante o *duplo movimento de implicação e distanciação* dos indivíduos face ao meio.

Da complexidade destas formulações sublinhem-se a noção da *socialização* como acções recíprocas não definitivas e a concepção de *implicação* e *distanciação* na construção da acção social.

2.1.2. Weber: Interpretação Subjectiva e Acção Relacional

Considera-se que a inovação e a proeminência do *sociólogo das sínteses* (Ferreira *et al.* 1995, 90) está patente em 5 níveis: 1º - *interpretação subjectiva da acção*;¹⁵⁸ 2º - *sociologia compreensiva e objectiva*, mediante a *explicação* – interpretativa e causal – *do sentido* que os próprios actores conferem à acção¹⁵⁹; 3º - análise sociológica por *tipologias*, *p ex.*: *i*) orientadores valorativos da acção; *ii*) legitimação das relações sociais por uso, tradição ou interesse mútuo; e *iii*) tipos de poder – legal, tradicional ou carismático; 4º - noção da *acção social* como relações sempre contextuais, dinâmicas, e orientadas subjectiva e valorativamente; e 5º - concepção da *socialização* como um processo sempre *em relação* com as actividades humanas (económica, cultural e política).

Weber *reconhece* que a tendência dominante da modernidade racionalizadora é a progressiva ‘*societarização*’ da vida que caracteriza pela fragmentação e burocratização do social, e pelo desenvolvimento das ciências, da moderna tecnologia e da burocracia (Giddens 1994b). A *societarização* manifesta-se nos mecanismos da «*socialização societária*», os quais também são orientados *dominantemente* (mas não de modo exclusivo) pela motivação racional dos interesses-fins (Dubar 1991, 89 e ss.). Segundo Weber, a orientação valorativa funda as regras partilhadas da modernidade, embora possa coabitar ou coabitar com as orientações afectivas *comunitárias* – afastando-se, portanto, da formulação dos 2 estados estáticos por Ferdinand Tönnies.

Da reflexão Weberiana pode inferir-se que as *identidades sociais* são processos voluntários e tendencialmente *estabilizadores*, mas que não se constituem de modo hegemónico, nem sem crises ou linearmente: «*La socialisation sociétaire (...) est (...) une modalité d’entrée volontaire dans des relations de “type sociétaire”*». A mesma inferência propicia a concepção da *diferenciação identitária* no reverso do «*type d’individualité unique et stéréotypé*» (Dubar 1991, 92 e 95).

¹⁵⁸ Expressão de Parkin 1996, 1; *cf.* Giddens 1972, 241 e ss;

¹⁵⁹ Citação de Weber 1971 *In* Durand *et al.* 1993, 67. *Cf.* tb Freund 1977, 135 e ss.

2.1.3. Transversalidade da *Lógica da Interação* em ambos

Comuns aos dois sociólogos são o *método dos modelos*, e a inerente concepção de que o trabalho sociológico só se pode fazer pela procura de comportamentos *tipificáveis* – ainda que difiram nas respectivas derivações, pois a proposta de Simmel é mais psicologizante e menos objectiva¹⁶⁰.

Contudo, o que constitui o nó-górdio da análise de ambos é a *lógica da interação*. Assim, para Simmel, o fenómeno social é um efeito ou resultado da *agregação* de atitudes, acções ou comportamentos individuais (Boudon 1995), desenvolvidos *de modo recíproco*. Uma vez que o conhecimento que temos dos outros é limitado (Simmel 1981d) – por escapar à consciência, mas também por ser um conhecimento sensitivo – a confiança no OUTRO, ou «*a fé na honestidade do outro*», funciona como «*um estado intermediário entre o saber e o não saber*»¹⁶¹. Por sua vez, para Weber, a *acção* só se configura como *social* quando se processa numa *interacção* entre, pelo menos, dois actores; se for *significativa e simbólica*, e da qual resulte a *influência* ou a mudança desse quadro interactivo.

Pelas perspectivas assinaladas compreende-se a proeminência dos dois sociólogos na produção posterior. É assim que Simmel vai influenciar a sociologia da *lógica da interação*¹⁶² da 2.^a Geração de Chicago, formulação que será renovada pela Etnometodologia¹⁶³. Weber, também contribuindo para a renovação Etnometodológica,¹⁶⁴ será fortemente influente na abordagem Fenomenológica, e proporciona algumas problemáticas do Interaccionismo Simbólico.

Como é actualizada esta *sociologia da interação significativa*?

2.2. *Interação, Lógica Meadeana da Acção*

Sendo a *lógica da acção como interação* tributária de vários pré-interaccionistas,¹⁶⁵ saliente-se a *noção geradora* de George Herbert Mead (1863†1931)¹⁶⁶: *o indivíduo é uma consciência reflexiva*. Inventada a expressão *interacção simbólica*, desde 1937, pelo psicossociólogo Harold Blumer, a sociologia interaccionista nasce na Universidade de Chicago nos anos 50, encontrando-se, na década seguinte, consolidada e diversificada nas principais universidades da Califórnia¹⁶⁷.

¹⁶⁰ Cf. Durand *et al.* 1993, 32-35 e 66; Boudon 1995, 9 e 51. Martindale (1960, 451 e ss.) vê Weber como «behaviorista» - do que discordamos.

¹⁶¹ G. Simmel 1991, *Secret et société secrètes*. Strasbourg; Circé, 22 - cit. In Henck 1995, 225.

¹⁶² Por *Teorias da Interação* designam-se o *Interaccionismo Simbólico*, a *Etnometodologia*, a *Sociologia do Quotidiano* – para que contribui a reflexão filosófica americana do *Pragmatismo*, na segunda metade do séc. XIX (Ferreira 1995, 289-297; Simon s/d, 403 e ss.) – e a *Fenomenologia* alemã do período intermédio às duas guerras mundiais. Cf. Boudon e Bouricaud 1994, «*Action*»: 1-7; sobre o «fermento» de Simmel para a análise microssociológica e interaccional, cf. Simon s/d, 357 e ss.. Sobre a *Sociologia do Quotidiano* é incontornável, no caso da produção portuguesa, a obra especializada de Machado Pais; cf. tb. análise de Isabel Guerra (1991).

¹⁶³ Termo divulgado a partir de 1965.

¹⁶⁴ Guerra 1991; Giddens 1994, 717; Durand *et al.* 1993, 167 e ss.

¹⁶⁵ Cf. Ferreira *et al.* 1995, 289 e ss. e Durand *et al.* 1993, 167 e ss. Sobre Mead no interaccionismo simbólico, cf. Fisher e Strauss 1988, 551 e ss. Sobre as formulações de H. Blumer, cf. Juárez 1993.

¹⁶⁶ Formulada em *Mind, Self & Society* (1934). Para desenvolvimentos, cf., entre outros: Ferreira, *et al.* 1995, 297-303; Giddens 1994b, 71-72, 710 e 715; Durand *et al.* 1993, 168 e ss.; Dubar 1991, 95-105; Simon s/d, 403 e 414-417; e Scheff 1990, 39 e ss.

¹⁶⁷ Durand *et al.* 1993, 167. A nossa referência circunscreve-se, portanto, ao sector da Escola de Chicago (fortemente representado por H.

A Experiência da *tensão herdado-escolhido*

«C'est sans doute George Herbert Mead (...) qui a le premier décrit (...) la socialisation comme construction d'une identité sociale (un *self* dans le vocabulaire meadian) dans et par l'interaction – ou la communication – avec les autres.». (Dubar 1991, 95).

Inspirado, entre outros, por Charles Horton Cooley (1869 †1939)¹⁶⁸, Mead – o filósofo dos sociólogos (Cosser 1988, 351), o co-fundador da Filosofia Pragmática, juntamente com John Dewey (1859†1952), e o professor de Chicago – converge com os ensinamentos Weberianos¹⁶⁹ da orientação valorativa da acção.

O indivíduo meadiano é definido pela *consciência reflexiva*, competência expressa pela *linguagem* e gradualmente adquirida ao longo de *três fases de socialização*: a preparatória ou do *jogo livre*; a do *jogo regrado*; e a da *representação*¹⁷⁰. O indivíduo é erigido em pessoa pela emergência do *SELF*, mediante a *conversação gestual* significativa, *i.e.*, através de interações e de pensamentos simbólicos. Este *EGO* *construído* pela socialização, constitui-se pelo *MIM* (“ME”) e o *EU* (“I”). O *MIM* é o *EU* *socializado* que liga o indivíduo à sociedade; o *EU* é a reacção do organismo às atitudes dos outros. Enquanto *consciência reflexiva*, o *SELF* exprime a liberdade individual e consolida-garante a personalidade pessoal. Portanto, como sintetiza Claude Dubar, a socialização é um *processo progressivo e gradual de participação* do indivíduo na comunicação simbólica da sua comunidade e não se restringe a meras *reacções adaptativas*.

Em que consiste então, para Mead, a participação socializante? Consiste, por um lado, na antecipação dos resultados dos outros e, por outro, na vinculação do *indivíduo-consciência reflexiva* à própria mudança social: «*Ce qui importe dans se processus c'est le double mouvement par lequel les individus s'approprient subjectivement un “monde social”, c'est-à-dire “l'esprit” (Mind) de la communauté à laquelle ils appartiennent et, en même temps, s'identifient à des rôles en apprenant à les jouer de manière personnelle et efficace.*» (Dubar 1991, 97, sn).

Deriva-se destas asserções que, para Mead, a sociedade «*não é mais do que um processo comunicacional desenvolvido pela interacção simbólica dos seus participantes, agrupados em instituições*». Porém, ele mesmo esclarece que a interiorização das (instituições) depende do *outro generalizado*: «*a universalidade e a concretização da experiência humana só são possíveis pela existência de um outro generalizado, que exprima a comunidade de significados entre os membros de*

Blumer), e não às produções do outro sector do Interaccionismo Simbólico, o da Escola de Iowa (de que M. Kuhn é paradigmático). Sobre estas duas tendências, e outras teorias «aparentadas» com o Interaccionismo Simbólico, cf. a fundamentação de Juárez 1993.

¹⁶⁸ Nomeadamente por duas noções: *looking-glass self* (Simon s/d, 415-416; cf. Lallement 1993, I, 144-145 e Scheff 1990); e *papel social* (cf. Durand *et al.* 1993, 168; e tb Cosser 1988, 347 e ss.). Sobre a centralidade das noções de *papel* e *estatuto* em Robert E. Park (1864-1944), sociólogo da 1.^a geração de Chicago, cf. Simon s/d, 454 e ss.

¹⁶⁹ Divulgados na América pela sociologia compreensiva de A. Schutz (1899†1959); ver Durand *et al.* 1993, 172.

¹⁷⁰ Para mais desenvolvimentos, cf. Ferreira *et al.* 1995, 209 e ss. e 298 e ss.; Giddens 1994b, 71-72, 715; Dubar 1991, 95 e ss.

uma sociedade e que, ao mesmo tempo, preserve a singularidade individual, condição da própria democracia.» (Ferreira et al. 1995, 303).

Tal concepção valeu-lhe críticas de Touraine, nomeadamente por excluir o sujeito da análise da acção ao conceber a personalidade como interiorização dos padrões: «*Cette correspondance du I et du Me (...) est insuffisante, et c'est précisément à partir de la non-correspondance des rôles sociaux, des images de moi que me donne ou m'impose la société, et de mon affirmation de moi comme sujet créateur de sa propre existence, que repose le problème central de la sociologie, celui de l'opposition entre déterminisme et liberté.(...).* Ce que je nomme *Sujet* est une réflexion de l'individu sur sa propre identité» (1992, 351; 343).

De novo está-se face às tradicionais problemáticas da relação indivíduo/sociedade, comunidade/sociedade e consenso/conflito sociais (Dubet 1991). Com imaginação sociológica, Mead propõe resolvê-las sob a forma de *tensões explícitas e constituintes* do *SELF*. Ou seja: a *identidade social* constrói-se, simultaneamente, com o *herdado* da *comunidade de pertença* e com o *escolhido* – os papéis socialmente legítimos-significativos na *sociedade*. Para o sociólogo, é esta *tensão* que *funda* e *caracteriza* a sociedade, definindo esta, por sua vez, como uma *actividade dinâmica, cooperativa* e, simultaneamente, como uma realidade *estável e conflitual*. Daí que a mesma *tensão* caracterize o processo socializador; e, também por isso, o *sujeito-consciência reflexiva* corra *riscos de dissociação* entre as componentes pessoal e social da sua identidade.

Do exposto percebe-se que a resolução dos *riscos* da *modernidade industrial e democrática* não implica, para Mead, o seu descrédito, nem a sua dicotomização face às vantagens comunitárias: «*En se socialisant, les individus créent de la société autant qu'ils reproduisent de la communauté.»* (1991, 98).

Ao colocar a *experiência social*, comunitária e societária, no centro da construção social da identidade, Mead vincula a mudança social à *recriação* dos padrões socialmente interiorizados.

A acuidade e a inovação da perspectiva de Mead enriquece a Sociologia das Identidades em várias vertentes: 1 - na abordagem do *processo identitário* como *construção social* dinâmica e mutável; 2 - no entendimento do *processo identitário* como uma *tensão vivida entre o herdado e o escolhido*; portanto, uma *tensão criada-criadora* pelo *actor-consciência reflexiva*, impossível de captar por uma “*sociologia do galinheiro*” (Cooley in Simon s/d, 417); 3 - na valorização da *comunicação simbólica* (língua) para as *lógicas da acção* identitária; e 4 - no reconhecimento da *complexidade identitária*: simultaneamente, social e individual, passada e presente, contínua e mutável-recriável.

As pertinentes objecções da *sociologia do sujeito* aos contributos de H. Mead, podem revelar-se *limitadoras* do nosso particular objecto. Ao afirmá-lo, não se pretende um afastamento da

perspectiva Touraineana do *sujeito*: na medida em que nos interrogámos – com as *mulheres-narradoras* – sobre os factores, recursos e estratégias identitárias implicados nos processos de requalificação social, a *perspectiva do sujeito* ajudar-nos-á a desconstruir os estereótipos-base da *prescrição* identitária e de outras concepções subjacentes àquelas narrativas. No entanto, para a interpretação das biografias de *sujeitos-mulheres-em processos de desqualificação e de requalificação sociais*, não podem dispensar-se os legados meadiano e interaccionista dos componentes sociais da identidade – em particular, os respeitantes à *comunicação simbólica*, às *lógicas de acção* e à *complexidade identitária*.

Tem-se vindo a indiciar como a observação empírica levada a cabo permitiu interpretar a experiência social das *sujeitos-mulheres-em processos de desqualificação e de requalificação sociais*. Para tal, impôs-se a abertura analítica da *Problemática* da presente pesquisa a *outras* lógicas sociais – como a da perspectiva *dramática* da identidade estigmatizada e desacreditada.

2.3. *Interacção, Lógica Dramática da Acção face-a-face*

O legado de Erving Goffman (1922 †1982) é fundamental para a análise sociológica das identidades.

Filiado na *lógica da acção como interacção* – sua unidade de análise –, valoriza os estudos de terreno centrados na estruturação das *interacções face-a-face*¹⁷¹. E ainda introduz na Sociologia um vocabulário original que articula *três tipos discursivos*: o sociológico, o do quotidiano e o dramático (Herpin 1982).

O próprio Goffman reconhece que a leitura da vida social como espectáculo não é original, mas a sua *estratégia dramática* tem uma significativa especificidade: «*o que interessa Goffman, no teatro, não é tanto a distribuição pré-determinada dos papéis, mas sobretudo a representação.*» (1982, 78)¹⁷². Em boa verdade, esta originalidade expressa uma relação paradoxal do autor com a abordagem de H. Mead:

- i) *radicaliza a tensão* Meadeana entre subjectividade individual e objectividade social;
- e
- ii) *afasta-se da pessoa unitária* meadeana.

Comece-se pela inscrição, por E. Goffman, da *tensão meadeana* na própria vida social. Não apresentando uma perspectiva pacífica nem meramente adaptativa-cooperativa da *interacção*,

¹⁷¹ Especificidade metodológica dos interaccionistas no particular contexto da sociologia americana. Atente-se tb nas críticas e «indiferenças» ao Interaccionismo Simbólico, analisadas por Herpin (1982, 75-76); e por Fisher e Strauss (1988, 554 e ss). Para incursão na polémica da influência da etologia na (re)formulação Goffmaniana de conceitos como o de *ritualização*, cf. Conein, 1992. Recordando que o autor sempre rejeitou auto-classificar-se como um *interaccionista simbólico*, veja-se Ferreira *et al.* 1995, 303; Fisher e Strauss 1988, 548.

¹⁷² O que J-P Durand e R. Weil (1993, 174) tb subscrevem.

Goffman toma a *tensão* como «o núcleo central da interacção social, particularmente visível nas situações de face-a-face» (Ferreira *et al.* 1995, 304). Assim, a *interacção* revela-se a portadora-constructora de *riscos* a que os indivíduos se expõem; e o Ego (*SELF*), ao desdobrar-se e multiplicar-se em diferentes Egos ('*selves*'), deixa de ser confundido com os papéis sociais (Durand *et al.* 1993).

Explique-se esta diversificação dos '*selves*'. Ao mesmo tempo que Erving Goffman radicaliza os contributos meadeanos, afasta-se da *perspectiva unitária de pessoa* daquela abordagem quando formula as duas vertentes da identidade social. São elas: a *identidade real* – atributos, *reais*, da singularização do indivíduo; e a *identidade virtual* – atributos *efectivamente* conferidos como *naturais* e *comuns*, ou expectativas normativas projectadas no indivíduo (1982, 11 e ss.). É que o *SELF* já não é o mero *resultado meadeano da socialização* (Dubet 1996, 82).

Que é, afinal, o *SELF* para Goffman? o *SELF* emana do processo de interacção, que «é, sobretudo, uma gestão da identidade social.» (1995, 307). Goffman explica: é no decurso das *interacções entre indivíduos em situação de co-presença física* que se reconhece a (maior ou menor) discrepância (*desvio*) entre as identidades virtual e real do indivíduo. Quando se verifica a discrepância-*desvio*, esta contraria os estereótipos de normalidade e, por isso, é relacionalmente lida como *estigma*.

Como? Segundo Erving Goffman os actores sociais fazem tal leitura em função do seu conhecimento (*cultura*) da normalidade, o qual consiste 1) quer nas *perspectivas* da vida social, apreendidas pelo actor a partir das posições que vai ocupando; 2) quer nas *mensagens-códigos* recebidas pela interacção social. É que o conhecimento (público, privado...) não é igualmente distribuído pelos actores, porque resulta do jogo social; e, por seu turno, «*The rules of the (social) game are themselves generated and changed by the patterns of play they guide, in a continuing dialectic.*»¹⁷³.

Então, se *conhecimento-cultura* são *perspectivas* e *códigos* da vida social, os problemas sociais da desqualificação social podem passar a ser olhados de modo mais dinâmico (Lithman 1984, 227 e ss.): a integração não é um *dado*, mas um *processo interactivo* e, como tal, *variável*.

Na verdade, assinalando a *relação face-a-face* como um processo de acção comunicativa e simbólica, por um lado, Goffman revela que a estigmatização é um processo relacional-interactivo, fundador de uma trajectória e de uma *carreira moral*; e, por outro lado, denuncia que não há UNS-indivíduos-estigmatizados-desviantes e OUTROS-indivíduos-normais, como «*um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas*», mas tão-só «*um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida*» (Herpin 1982, 148)¹⁷⁴.

¹⁷³ Keesing 1974, «Theories of culture», *Annual Review of Anthropology*, vol. 3 (73-97): 91, *cit.* In Lithman 1984, 225; *cf.*, na mesma publicação, a abordagem de U. Hannerz.

¹⁷⁴ *Cf.* a acuidade desta abordagem na análise da construção social da identidade dominada dos caboverdeanos por Walter Rodrigues. Atente-se

Para a *montagem* da perspectiva da interacção como *gestora da identidade social* Goffman adopta expressões centrais nesta nova *retórica sociológica*: *representação, palco, cenário, adereços, e bastidores*.

De forma sumária, expliquem-se os conceitos-expressões dramaturgicos mais significativos: as *representações* – o uso de várias *máscaras* pelos actores – decorrem num *palco* que envolve a *fachada* (*adereços pessoais* = *aparência-estatuto social* + *modos-tipo de papel*); os *settings*-cenário físico; como ainda os *bastidores* (situação ou espaço onde os actores podem abandonar as *máscaras*)¹⁷⁵.

No sentido goffmaniano, a *gestão* da identidade social expressa-se em diversas estratégias, observadas e analisadas em *situações de face-a-face* pelo sociólogo e que o próprio tipifica como, *p. ex.* *estratégias de manipulação do estigma*; os diversos *alinhamentos* dos indivíduos face aos grupos; *estratégias de evitamento*¹⁷⁶ e de *civilidade*; ou, ainda, *estratégias de encobrimento negativo* ou *desacreditação*. Estas últimas são accionadas quando os actores reconhecem uma nítida discrepância entre os estereótipos de normalidade e os seus atributos reais (Herpin 1982).

Assim, o actor de Goffman, portador de capacidades criativas – a *interpretativa* e a *estratégica* – é definido *pela interacção* mediante a qual procura realizar o seu objectivo: atingir o sucesso que lhe permita o reconhecimento social (Dubet 1996, 83). Mas este *actor criativo e estratégico* é ainda *racional e afectivo*, dado que, ao tecer estratégias, experiencia sentimentos pessoais, e vivencia o seu mal-estar e o dos outros. Tais sentimentos do EU – em relação ao EU, ao OUTRO, e à relação EU-OUTRO – são característicos das *situações face-a-face* (Scheff 1990, 3 e ss.).

A *gestão identitária* passa, pois, por 4 grandes noções goffmanianas: representação; comunicação simbólica, diversidade de *selves* e processo de estigmatização. Nas *representações* quotidianas o actor é tão consciente dos seus atributos como da respectiva leitura social. Porque, em Goffman, é a *consciência do actor* que o impele à manipulação estratégica para preservar a identidade social – *salvar a face*¹⁷⁷ – na tentativa de «*adequar a sua imagem virtual à sua imagem real*» (Ferreira et al. 1995, 307; 310-311).

Portanto, a prioridade desta abordagem nem é a *acção*, nem o *indivíduo*.

O indivíduo pulveriza-se nos ‘*selves*’ ou, como exemplarmente designa Dubet, é um emprego de papéis.

Ora, uma vez que «*O Eu não é a permanência do ego, sempre intacto através das peripécias*

na sua expressão *efeito de projector* para qualificar as operações de redução e destaque dos atributos virtuais dos cabo-verdeanos pelo «*discurso da maioria*» (1989, 100).

¹⁷⁵ Noções de Goffman em Ferreira et al. 1995, 305 e ss.; e Herpin (1982, 73 e ss.), sobre a obra *A Representação do Eu...* de 1959.

¹⁷⁶ Cf. Vasquez 1987 sobre a selectividade e a função de papel unificador da identidade dos exilados, e suas conotações dramáticas (colectivas).

¹⁷⁷ Neste sentido Goffman aprofunda os *rituais de interacção* na sua obra de 1974 assim intitulada.

da história pessoal dum indivíduo.» (Herpin 1982, 80), a pessoa não pode ocultar-se por detrás da personagem, pois, diz François Dubet, «*não há pessoa por detrás da personagem*».

A acção, «*também não é a unidade primeira, porque ela só existe na interacção que lhe fixa os limites e aquilo que está em jogo*.» (1996, 83-84). Logo, como continua Dubet, o sucesso almejado não se baseia em critérios objectivos globais – normas ou valores sociais últimos. O *sucesso* só se vincula à *capacidade de manter a interacção e de fazer com que seja nela aceite com proveito seu* (Juárez 1993). Nesta linha de pensamento pode concluir-se com Nicolas Herpin que, na perspectiva de Goffman, «*no centro do processo de individualização está a colectividade*.» (1982, 80).

Para Dubet, a produção de Erving Goffman *peca* fundamentalmente pela total separação que estabelece entre o *Actor* – sobrevalorizando-o – e o *Sistema*¹⁷⁸. Outras críticas *cobram-lhe* a noção de um *actor racional-que representa*¹⁷⁹, esse actor que se move num palco jogando os seus múltiplos papéis e deitando mão às diversas estratégias que lhe garantam o reconhecimento social.

Efectivamente, o actor de Goffman *aparece em cena* com a *máscara* mais adequada, a escolher papéis e a dissimular os atributos socialmente designados como diferentes(-inferiores-negativos) – o que o identifica, analiticamente, a um *actor-jogador*.

Porém, o mesmo actor também se caracteriza, como se viu, pela (meadeana) capacidade reflexiva: interpreta os códigos e rituais sociais, em função da informação-conhecimento social de que dispõe sobre a vida. Razões e atributos pelos quais o actor de Goffman *diversifica* as suas práticas-estratégicas relacionais: pode *manter uma aparência* apenas convencional (adesão superficial); pode *distanciar-se*, ou recusar o papel ou a categorização¹⁸⁰. O actor goffmaniano, mesmo ao ser *estigmatizado* é consciente das suas identidades (consciência talvez exagerada pelo optimismo de Goffman...), e pode *jogar* com elas, porque «*in interactionist terms, culture to the actor would have the form of “I know that You know that I know”*.» (Lithman 1984, 224).

É sabido que o olhar de Goffman pretendia captar, sobretudo, os modos estratégicos da procura da liberdade. É, pois, pelo interesse numa acção criativa e na busca contínua da liberdade de acção (Fisher e Strauss 1988, 548) que esta proposta seduz a Sociologia das Identidades.

A *liberdade de acção* expressa-se na procura do *reconhecimento social*, e decorre da *concepção optimista* de um actor que, só relacionamente, constrói a sua identidade pessoal e social. Para mais, as componentes identitárias (pessoal e social, real e virtual) são *paralelamente* construídas e geridas, mediante a interacção simbólica. Mas a interacção só é *simbólica* porque se organiza a partir da

¹⁷⁸ Devorah Kalekin-Fishman 1988 considera que Goffman abandona o projecto sociológico de articular os *níveis macro-micro*, restringindo-se aos «*faits divers*» (na acepção de Barthes). Similar crítica é assinada por Thomas Scheff (1990, 20 e ss.).

¹⁷⁹ Cf. a relação do modelo racional dos interaccionistas com a *teoria dos jogos* por Herpin 1982, 93 e ss.

¹⁸⁰ Conforme análises de Herpin (1982, 79 e ss.) e Dubet (1996, 84), este é o tema de Goffman nos seus livros *Asylums* e *Estigma*.

informação-conhecimento que os mesmos actores dispõem sobre a vivência em sociedade. Enfim, a *interacção simbólica* é a *tensão social* – entre o socialmente *exigido* e o *realizável* socialmente – tensão dinamizadora das negociações identitárias e, por isso, dinamizadora da continuidade e da descontinuidade sociais.

Ao *perspectivar o actor e a identidade social* Goffman reconhece, claramente, o *empenhamento* e a *distanciação da identidade* – elementos que, na análise da modernidade *tardia* por Giddens, são irreconciliáveis.

O interesse pela comunicação e pela informação-conhecimento nas interacções sociais¹⁸¹ ainda é mais nítido nas duas abordagens seguintes.

3. DISPERSÃO DAS LÓGICAS DE ACÇÃO: CONHECIMENTO E COMUNICAÇÃO

A sociologia fenomenológica aborda o conhecimento e a comunicação – a linguagem, em particular – enquanto componentes da construção social das identidades. Vão, pois, tomar a nossa atenção, a Etnometodologia e o Construtivismo Sociológico de Berger e Luckman.¹⁸²

Considera-se aqui que a Etnometodologia, situando-se na linha de estudos do Interaccionismo Simbólico, não é uma mera variação radical deste, como defende Lallement (1993, I, 29). A Etnometodologia também flui de outras fontes tais como a Fenomenologia (e não tanto da tradição do Pragmatismo que fundamenta os Interaccionistas) e as perspectivas pós-Wittgenstein sobre linguagem e conduta quotidiana¹⁸³.

E considera-se também que a Fenomenologia¹⁸⁴ de Alfred Schutz (1899†1959) fortalece as *«teses construtivistas do mundo social»* na obra de Berger e Luckman (Ferreira *et al.* 1995, 312). Converte-se, porém, com Dubet quanto à constatação de que a abordagem fenomenológica é *«mais claramente afirmada»* e está mais *«presente»* na Etnometodologia do que na obra conjunta daqueles dois sociólogos (1996, 84).

3.1. Etnometodologia: Comunicação, Intersubjectividade e Inteligibilidade Recíproca

A irreverente abordagem sociológica da Etnometodologia germina na Califórnia, ao longo dos anos 50 do séc. XX, e consolida-se na década seguinte em torno do trabalho de alunos de Harold Garfinkel e Aaron Cicourel, suas figuras fundadoras.

¹⁸¹ Rom Harré (1993) trata da pertinência destes conteúdos para a Psicologia da Acção Social.

¹⁸² Sobre a *Sociologia do Conhecimento* de Max Scheler e Karl Mannheim, e a *sociologia da consciência* (conhecimento e comunicação) de Ernst Mannheim, cf. Schrader 1991; e tb a reflexão sobre a sociologia do conhecimento e da ciência nos trabalhos anglo-saxónicos *In Orel* 1984.

¹⁸³ Cf. Ferreira *et al.* 1995, 312; Guerra 1991, 406 e ss.; e Durand *et al.* 1993, 176.

¹⁸⁴ Para aprofundar abordagem de Schutz - na linha da filosofia fenomenológica não existencialista de Husserl – cf. Kurt Wolff 1988; sobre as relações entre fenomenologia e sociologia, cf. tb Scheff 1990, 36 e ss.

Enquanto *sociologia do saber comum* – ou saber imanente às práticas dos actores sociais¹⁸⁵ – a Etnometodologia adopta duas *estratégias*: *i) continuidade crítica* de alguns contributos weberianos tais como a construção de um novo vocabulário e a desvalorização das metodologias quantitativas, sendo esta paralela ao privilégio da observação das práticas quotidianas; *b) inversão de princípios da sociologia clássica* criticando formulações como a versão parsoniana da acção e da ordem, versão que será invertida pelos etnometodólogos (1996, 84 e ss; Ferreira *et al.* 1995, 312 e ss.); e, entre os contributos *mais* clássicos¹⁸⁶, criticando Durkheim de *sociologismo* e de *concepções objectivistas*¹⁸⁷.

De entre os contributos deste projecto revolucionário¹⁸⁸ salientam-se três princípios-pilares: o da bi-direccionalidade da socialização; o da centralidade do actor e da fragilidade da vida social interactiva e, ainda, o da reflexividade da vida social. Vejam-se mais de perto:

1. bidireccionalidade da socialização: para os etnometodólogos, a produção e a expressão-recepção normativa são *igualmente significativas*. O que quer dizer que a nossa socialização, do mesmo modo que o nosso conhecimento do mundo, não resultam de adaptação-interiorização-incorporação – vistos, agora, como sociologismos clássicos. Os indivíduos não são *determinados* normativamente, até porque as próprias normas não são *cristalizações herdadas*¹⁸⁹, antes «*são aproximativas e diferenciadas*» (Dubet 1996, 85). Deste modo, a criança *absorve* o mundo no processo socializador, partindo desse *saber de base* que lhe permite, entre outras capacidades, organizar os esquemas de percepção do mundo e expressar e objectivar, pela linguagem¹⁹⁰, esse mundo (*interior-exterior*¹⁹¹). Deste princípio decorre:

2. centralidade dos actores sociais e da vida social interactiva: segundo este postulado o actor é portador de *repertórios e capacidades interpretativas* que usa para «*fazer sentido do mundo para o qual contribui (...) activamente*». A centralidade conferida aos actores (*membros*) legitima a noção etnometodológica do interaccionismo da realidade social. Com efeito, a Etnometodologia parte da interpretação do mundo por Schutz – «*el correlato intencional de mi vida consciente, pero sólo en tanto lo es.*» (Wolff 1988, 575) – para explicar que a vida social não pode existir independentemente

¹⁸⁵ Ou seja, a aceitação tácita dos «*princípios elementares que facilitam a comunicação e o entendimento entre os membros de diferentes grupos sociais*» (Ferreira *et al.* 1995, 313). Cf. tb Durand *et al.* 1993, 177; e Giddens 1994b, 753.

¹⁸⁶ Com efeito, a sociologia etnometodológica americana concretiza uma ruptura «*mais radical*» com a sociologia clássica (Dubet 1996, 84; Gresle *et al.* 1990, 113).

¹⁸⁷ Ferreira *et al.* 1995, 312 e 317; Scheff 1990, 113.

¹⁸⁸ Cf. a exposição sumária de Jules-Rosette 1987 e *Op. Cit.* 1995, 313 e 317-318.

¹⁸⁹ Sobre a *reflexividade* e a *indexabilidade*, entre outros atributos das práticas sociais, cf. Durand *et al.* 1993, 177-178; e 1995, 320-321.

¹⁹⁰ Não se aprofundam aqui as especificidades da proposta etnometodológica da *lógica da acção como linguagem*. Estas orientações – multiplicadas pelos trabalhos de Garfinkel, pelas leituras cognitivistas da *análise conversacional* de A. Cicourel, ou pela análise da *linguagem como interacção* de outros etnometodólogos – são introduzidas de forma sintética por Durand *et al.* (1993, 176-180); cf. tb a especificidade dos estudos de Garfinkel. In Giddens 1994, 94 e ss.

¹⁹¹ Contudo, é mais complexa e menos linear a concepção do mundo segundo Schutz. Para mais aprofundamentos, cf. Wolff 1988; e Dubar 1991, 98-99.

«da interação e da construção da realidade recíprocas por parte dos participantes» (Ferreira *et al.* 1995, 318). Desse ponto de vista, as representações e percepções do mundo estão constitutivamente associadas às práticas sociais (Guerra 1991) – o que nos coloca ante uma *concepção materialista*¹⁹² da *intersubjectividade* (Durand *et al.*, 1993, 175).

Ao fundar a vida social na intersubjectividade (Gallissot 1991, 6) – nos «*mecanismos que cada um dispõe para a conhecer, moldar e sentir*» (1995, 315-316) – advoga-se uma leitura *interpretativa* das clássicas problemáticas da *Ordem social* e da *Socialização*, leitura que nos conduz até à

3. actividade reflexiva da vida social: postula-se que os actores (*membros*) são os criadores da realidade social através da coerência dos seus *conhecimentos*, ainda que se reconheça que os mesmos poucas vezes agem conscientemente. O mesmo princípio contém o entendimento de que a reflexividade dos actores radica na linguagem – *gramática cultural*¹⁹³ ou *procedimentos de descrição* – que aqueles mobilizam (1996, 85). Portanto, a vida social é como um corpo coerente de conhecimentos.

Este terceiro princípio-pilar conduz à crítica etnometodológica da clássica «*diferenciação estatutária entre sociólogos leigos e cientistas*». Considerando-a uma distinção *paralisante* da capacidade crítica dos cientistas, tal distinção propiciaria a *naturalização* de processos sociais (*p. ex.*: a mudança ou a socialização). É que, segundo este *princípio da indiferença metodológica* influenciado pela ‘*costela fenomenológica*’, os conhecimentos vulgares mobilizados pelos actores só podem ser analisados pelos sociólogos porque estes, sendo também actores sociais, também são portadores de um saber *competente*¹⁹⁴.

A *centralidade das práticas reflexivas constituintes da vida social* pressupõe também a crítica à noção de *papel social* da sociologia clássica. O contraponto etnometodológico defende que as acções são, simultaneamente, «*expressões simbólicas e construções da realidade*», o que significa que «*A acção é tão-só a realização da própria actividade*» (Dubet 1996, 85).

Tal *centralidade das práticas reflexivas* ainda se alia, especificamente, ao realce etnometodológico da fragilidade e permeabilidade da vida social, ou seja, o entendimento de que as pessoas, para além de se deslocarem e participarem em diversos mundos sociais, são as suas co-autoras. Portanto, os indivíduos não são estritos agentes determinados pelas *estruturas* sociais, uma vez que a ordem social «*depende de um quadro de interpretações e de premissas tidas como um dado pelos participantes de determinados grupos sociais*» (Ferreira *et al.* 1995, 313).

¹⁹² Opondo-se à concepção idealista de Husserl, a Etnometodologia revela afinidade com a concepção de Habermas (*cf.* Wolff 1988, 594 e ss.).

¹⁹³ Ingeve Lithman, antropólogo social, alerta (1984) para as duas concepções da cultura: como *gramática*, perspectiva estruturalista (Lévi-Strauss); e como concepção *semiótica* (C. Geertz).

¹⁹⁴ Sobre as noções de *membro*, *competência* e a *actividade compreensiva das ciências sociais* *cf.* Durand *et al.* 1993, 175 e ss.. Quanto à recusa da separação entre os saberes sociológicos académicos e os quotidianos (*princípio da indiferença metodológica*), *cf.* Ferreira *et al.* 1995, 316 e ss.; Dubet 1996, 86. Sb. o ponto de partida weberiano de Schutz, ver Wolff 1988.

Assim, para a Etnometodologia – numa formulação de inspiração Fenomenológica – a relação entre as *estruturas* sociais e o conhecimento do quotidiano desenrola-se ao longo das diversas interacções entre actores-sujeitos e mundos sociais (Guerra 1991, 409).

Nesta abordagem, está de todo ausente a – proclamada por Touraine – *distância* entre o real social e a reflexividade do sujeito¹⁹⁵. Mas o legado central da Etnometodologia – a *construção social da experiência-realidade* e das *identidades sociais* – é, deveras, importante pois, entre o *objectivismo* e o *subjectivismo* clássicos, também esta corrente parece introduzir uma 3.^a *via*, ao apelar para a simultaneidade objectiva e subjectiva da vida e das identidades sociais.

Do exposto, pode concluir-se que as identidades dos sujeitos resultam de uma interacção dialecticamente socializadora (Gallissot 1991, 7).

Ora, para o presente objecto de estudo importa ainda a versão fenomenológica da Sociologia segundo Peter Berger e Thomas Luckman: a perspectiva da Construção Social da Realidade¹⁹⁶.

3.2. Construtivismo Sociológico de Berger e Luckman: Conhecimento, Socialização Secundária, Construção Social das Identidades

«Berger et (...) Luckman (...) poussent jusqu'au bout l'idée d'un rapport complet individusociété avec le concept de construction sociale de la réalité.» (Durand et al. 1993, 251).

Fundamentados na sociologia da «*experiência subjectiva da vida*» de Schutz (Dubet 1996, 81-82), Berger e Luckman cruzam a problemática dos *saberes e da linguagem comuns*, com o interesse meadeano pela *socialização*. Em *A Construção Social da Realidade*, introduzem a conhecida distinção entre as *fases primária e secundária da socialização*. É por este processo socializador que i) o *sentido* devém objectividade; e que ii), a facticidade social é subjectivamente percebida-construída (Guerra 1991; Henck 1995). Cuide-se destes conteúdos.

Para Berger e Luckman, a fase *primária* da socialização é a da aprendizagem-incorporação dos *saberes de base*. Esta apreensão da *realidade* – aos níveis cognitivo, normativo-valorativo e afectivo¹⁹⁷ – realiza-se de dois modos: 1) *pela linguagem*, incorporando os *campos semânticos* que viabilizam a categorização das situações sociais; e 2) *pelos papéis sociais*, incorporando os códigos e modelos das condutas socialmente objectivadas ou os «*programas de iniciação formalizados*» (Dubar 1991, 99). Estes papéis sociais têm uma *função mediadora* entre os indivíduos e a realidade, dado que é pela *interacção* – enquanto quadro das relações da criança com a família, a escola e com os outros (adultos) socializadores – que a/o socializanda/o antecipa e consolida os modelos sociais de

¹⁹⁵ «A orientação etnometodológica (...) recusa a dualidade do actor e do sistema» (1996, 85).

¹⁹⁶ Noutro contexto (ensino pluridisciplinar e formação intercultural) Daniel Decotterd (1994) repesca a noção *construção social da realidade* como mecanismo para captar-explorar a dimensão *oculta*-escondida das culturas, fundamento da (flexível) solidez das mentalidades colectivas.

¹⁹⁷ Durand et al. 1993, 251. Para a concepção de cultura como conhecimento «*as ideas, perceptions, ideals, expectations, values*», na linha de R. M. Keesing, cf. o 'paper' de Lithman 1984.

conduta previamente definidos. Portanto, é pelo *jogo* das expectativas sociais vinculadas à *interacção face-a-face* que se produz a *tipificação das formas da acção*, essa «*construction d'une attitude et d'un comportement qui sont supposés attendus par l'autre*» (Durand et al. 1993, 251).

A socialização primária é, então, o momento da formação da identidade *global*, pessoal e social. A fase secundária orienta a incorporação de saberes já especializados e de papéis relativos a mundos particulares: «*Ce sont des machineries conceptuelles comprenant un vocabulaire, des recettes (...), un programme formalisé et un véritable "univers symbolique" véhiculant une conception du monde*» (1991, 100).

Pensando no actual objecto de estudo dir-se-á que, desde a fase primária, a criança-socializanda começa a aperceber-se e a aprender que é mulher ou homem, e se pertence aos contextos socialmente esperados e reconhecidos, ou aos contextos desqualificados socialmente.

Os autores admitem toda uma diversidade de trajectórias entre ambas as fases da socialização: entre o clássico prolongamento-continuidade do processo, e a *ruptura biográfica* desestruturadora da identidade, vários são os *destinos* sociais do indivíduo, as configurações das *identidades especializadas* (*profissionais, culturais, políticas* – Dubar 1991, 103). Em consequência, os diversos sentidos-destinos da socialização interdependem do grau de ruptura da socialização secundária face à realidade subjectiva que foi construída durante a fase primária.

Não se emiuçam aqui outros conteúdos inerentes a esta proposta, nem as críticas de que é alvo, especificamente as relativas ao sucesso da socialização secundária, e à relação desta com as condições e resultados da fase primária (1991, 102). Discutam-se antes, *duas consequências* interpretativas da obra dos autores:

- *Uma*, de raiz fenomenológica, radica a sociedade interactiva na consciência que os actores sociais têm dela: «*Os agentes (...) "são sábios que se desconhecem" e que constroem a realidade na pragmática das interacções e das situações quotidianas por meio de uma actividade de "tipificação"*» (Dubet 1996, 81). Logo, a questão central é o saber comum ou «*stock commun de connaissance*».

- *A outra*, leva-nos ao campo oposto: à determinação social da consciência individual, realçando a caracterização da sociedade pela total institucionalização: «*tous les problèmes sont communs, toutes les solutions à ceux-ci socialement objectivées, toutes les actions sociales institutionnalisées.*» (Durand et al. 1993, 252).

Desliza a perspectiva da construção social para uma visão da vida social que sobredetermina o indivíduo?

Para esta abordagem, há uma *dupla determinação* dos actores: a *determinação social*, e a *determinação quotidiana, situacional* – essas «*deux grandes forces qui agissent sur la connaissance du monde social*» (Guerra 1991, 409). Deste modo, para o constructivismo de Berger e Luckman, a

maior ou menor descontinuidade entre *interacções do sujeito* e *estruturas sociais* depende da capacidade reflexiva daquele: a subjectivação.

Não haverá grandes dúvidas de que, nesta proposta sociológica:

1.º - a *versão subjectivista* das problemáticas clássicas (1996, 81-82) dá predomínio às práticas sociais na *formação* e na *mudança* sociais, como Dubar sublinha: «*En reliant la question de la différenciation du social en “sphères” spécialisées ayant une autonomie de plus en plus grande au constat de la généralisation de la formation à l’ensemble de l’existence biographique, cette théorie ouvre la possibilité de définir le changement social comme un processus conjoint de “construction d’un monde spécifique” et de “transformation d’une identité spécialisée” et donc de socialisation secondaire en rupture avec la socialisation primaire.*» (1991, 103);

2.º - não se subscreve a visão institucionalista da vida social. De novo, é-nos franqueada uma lição interaccionista: «*les appareils de socialisation primaire (...) entrent en interaction avec les appareils de socialisation secondaires (...) provoquant des crises de légitimité des divers savoirs et des transformations possibles des “mondes légitimes”.*» (1991, 103).

Com o construtivismo de Berger e Luckman cimenta-se a abertura da *lógica da integração* às lógicas *comunicativa* e *interaccionista* da identidade. E o destaque que concedem à *interacção*, ao *conhecimento* e à *comunicação*, como lógicas sociológicas da acção, abeira-nos da identificação de dois dos factores constituintes da identidade¹⁹⁸: o *práxico*, e o da *construção social da realidade*. Posteriormente, os trabalhos de Grauman¹⁹⁹ vão fortificar os adquiridos sociológicos das lógicas de *conhecimento* e de *comunicação*, designadamente quando se debruça sobre a *complexidade* dos 3 níveis de representações que a identidade recobre: a) *representação de si*, enquanto *sujeito participante*; b) *representação do seu papel ou pertença sociais*, como membro de categorias, e como sujeito activo em diversos mundos sociais; e c) *representação auto-avaliativa da sua autonomia como sujeito*.

Não obstante, esta perspectiva suscita uma questão global: Como explicam os autores que haja *rupturas biográficas* não por ruptura entre as duas fases, mas porque a própria socialização – a contínua, e segundo padrões categorizadores e códigos modelares coerentes – está em ruptura global com as balizas socialmente padronizadas de normalidade e de integração? Tratar-se-á de rupturas biográficas pela socialização *na* e *pela diferença*?

¹⁹⁸ Segundo a sistematização de Isabel Guerra (1991, 406 ess.), o 3.º factor é *adimensão imaginária* de reconstrução da realidade.

¹⁹⁹ Baseamo-nos na menção ao seu artigo de 1983 *In* Guerra 1991, 408.

O inventário sistemático do *conhecimento* e da *comunicação* como orientadores da acção destaca um actor participativo e reflexivo, um sujeito que aprecia, avalia e escolhe as *possibilidades-capacidades* para a *sua* acção, face aos *contextos* sócio-situacionais. Pela via mais radical das sociologias da racionalidade da Acção, desemboca-se na leitura *exclusivamente* estratégica.

4. DISPERSÃO DAS LÓGICAS DE ACÇÃO:

UTILIDADE E RACIONALIDADE LIMITADA: A LÓGICA ESTRATÉGICA DA ACÇÃO?

A superação da *clássica homologia actor-sociedade* impulsiona, desde os anos 70, abordagens²⁰⁰ vocacionadas para a análise do *actor racional*: a sociologia de Crozier e Friedberg; e o *Individualismo Metodológico*, desenvolvido quer por autores predominantemente francófonos como Boudon e Padiou, quer por autores anglo-saxónicos no âmbito mais vasto da *Racional Choice Theory*²⁰¹.

Sendo ambas *herdeiras* de Weber e do estruturo-funcionalismo de Parsons, estas abordagens também apresentam *influências particulares*. O *Individualismo Metodológico* é marcado pelo utilitarismo económico clássico e as teorias contratualistas; pela sociologia de Merton; e pelos contributos de Pareto tais como as noções de acção não lógica e de efeitos perversos. Por seu turno, para a *Análise Estratégica da Acção*, originariamente centrada nos fenómenos burocráticos, ainda contribuiu a sociologia americana das organizações. Ambas as perspectivas apresentam ainda *proximidades* ao delimitar o *actor* como *definidor de interesses*, e *portador de motivações* e de uma *racionalidade limitada* – 3 orientadores da sua *acção* que é sempre *contextualmente condicionada* (Dubet 1996, 88).

Paradoxalmente, as duas abordagens que aparentam bifurcar-se enquanto sociologias do actor racional, não convergir.

Quanto às **críticas** de que têm sido alvo, a leitura da *lógica estratégica da acção* é acusada de *esquecer* a história ou *constituição* dos indivíduos; isto, porque coloca a tónica nas relações de poder, e no *jogo* entre os desiguais poderes de que cada actor é portador; e ainda por recusar qualquer tendência de determinismo social ou estrutural. Por sua vez, o modelo do «*individualismo racionalista*» (1996, 87) também é acusado²⁰² de *reduccionismo* por vezes tautológico, propenso a *legitimar teses conservadoras das desigualdades sociais*. Uma mesma acusação partilham: a de servirem uma *sociologia sem sujeito* (Gallissot 1991, 9).

²⁰⁰ Ferreira *et al.* 1995, 244 *ess.*; Durand *et al.* 1993, 107 *ess.* e 127 *ess.*

²⁰¹ Ver postulados centrais (*Utilitarismo e individualismo, estrutura de constrangimentos e níveis de escolha*) In Ferreira *et al.* 1995, 246-251.

²⁰² Por abusar do recurso aos determinismos sociais, e por ignorar os processos socializadores – *cf.* Durand *et al.* (1993, 121-122 e 141); Ferreira *et al.* (1995, 245-246; 263 *ess.*; 284 *ess.*)

4.1. Sistemas de Interação e *Jogo Racional*: *agregação de acções individuais e efeitos laterais*

O *Individualismo Metodológico* aspira «a construir uma nova tarefa para a sociologia», embora se auto-formule como uma *modesta* proposta epistémica e metodológica (Ferreira *et al.* 1995, 316). Tem como objectivo inverter os postulados de autonomia da disciplina, o que se reflecte no seu afastamento da procura de formulações teóricas abrangentes. Dois conceitos o dinamizam: *Racionalidade e Acção*.

O projecto da *sociologia dos paradoxos* de Raymond Boudon – seu reconhecido fundador no contexto francófono²⁰³ – é constituir uma *teoria das acções complexas*. A sua ideia de partida estipula que, sendo *estratégico*, o *comportamento* dos diferentes actores vai desenrolar-se através de *jogos (estratégicos)* entre aqueles, e em *contextos de incerteza* que são o garante da sua *autonomia*.

O Individualismo Metodológico considera que qualquer fenómeno social resulta da agregação dos comportamentos individuais. Por este motivo estipula que o estudo do social se centre no agente singular para procurar as motivações individuais – as menos óbvias ou ocultas – orientadoras da acção. Tais *motivações da acção*, os fenómenos-objecto da Sociologia, são pensadas como motivações-geradoras de decisões *não racionais* geradas pela *estrutura do sistema de interação*.

Pelos postulados de Boudon reconhece-se que a acção social é enquadrada e condicionada por constrangimentos *dados*, classificando os *sistemas de interação* sob a forma de *tipos-ideais*, como os sistemas *funcionais* e *de interdependência* (Durand *et al.* 1993, 108-117).

Os sistemas funcionais (espécie de *contexto-contrato social*) são sistemas em que a acção e a decisão do actor individual pressupõem a *troca* ou interação social. À compreensão desta noção de *troca social* é central a definição – exógena ou endógena – dos *papéis sociais* que, para Boudon, são variáveis, múltiplos, e se subdividem para cada indivíduo em sub-papéis. Entende ainda que a *prescrição* dos papéis nunca é total porque as normas que os fundamentam são passíveis de *interpretações amplas e ambíguas*. Estas mesmas *ambiguidade* e *amplitude das interpretações* sociais são duas ordens de factores que dificultam o *cumprimento* das prescrições normativas e, como tal, possibilitam a autonomia dos actores. *As estratégias* e *as falhas de informação* dos outros actores em interação também contribuem para a *incerteza* dos contextos de acção estratégica.

Então, os comportamentos dos actores individuais são *actos intencionais* informados pela sua própria racionalidade calculadora, actos pelos quais os mesmos apenas visam atingir os seus *interesses*, *maximizando-os*.

Os sistemas de interdependência (espécie de *estado de natureza*), são sistemas de interação nos quais os indivíduos se encontram social e situacionalmente *colocados* em posições conferidas de

²⁰³ Sobre o percurso da obra deste autor, cf. a exposição *In Ferreira et al.* 1995, 253 e ss.

modo institucional. Mas, nos mesmos sistemas de interacção, a explicação das acções individuais não é necessariamente reportada aos papéis sociais; antes é reenviada para os *jogos* entre os indivíduos, directa ou indirectamente relacionados em situações de *ajustamento estratégico*.

Portanto, as *posições* dos actores nos *sistemas de interdependência* são *independentes* da sua interacção directa. Aliás, Boudon sublinha que mesmo da acção dos actores podem resultar *efeitos não esperados* – *neutros, de esforço* ou *perversos* – pois os actores produzem *efeitos laterais* aos seus próprios fins e interesses visados²⁰⁴.

Assim, esta abordagem permite transitar da *interacção* até à *agregação* dos comportamentos individuais e, desta, à produção de *efeitos não esperados*.

Vê-se também que a originalidade do paradigma individualista não reside na defesa do *actor-agente*. Como ensina François Dubet, a marca indelével deste paradigma consiste na «*reconstrução da ideia de sistema como efeito emergente das acções individuais*»; a originalidade deste projecto é, portanto, a *disjunção sociedade-actor*, agora radicalizada e invertida: «*a acção já não tem “centro”*» (1996, 88-89).

E a racionalidade? Não fica ela reduzida a uma finalidade retrospectiva (1996, 147)?

De entre tantas questões que se impõem, algumas são inadiáveis: Como *nasce* esta *racionalidade limitada*? Como se explica a condição social de um actor-identidade estratégica e racional que, sendo *condicionada* sem ser *determinada* nas interacções é, contudo, previamente *situada* em relações de interdependência ?

E, se das estatísticas da desigualdade de oportunidades escolares Boudon discorre que «*As correlações observadas entre as situações e as acções não resultam das socializações diferenciais, mas das escolhas individuais ligadas a essas situações.*» (1996, 145), numa translação para a presente pesquisa, inquiram-se: **a)** as identidades *desqualificadas* apenas são *sociais* porque a *opção* individual pela *desqualificação* se realiza no (mero?) contexto das situações sociais?; **b)** as *identidades das mulheres apenas são sociais* – *i.e.*, diferenciadas por discriminação, por submissão ou por *questionação-luta* – porque aquelas optam, individualmente, por tais estatutos, consoante o quadro das situações sociais? **c)** *as sujeitos-mulheres-em PSD/R escolheram* a *desqualificação* num contexto situacional anterior-outro, ao passo que num contexto situacional posterior *escolheram* deixar de ser *desqualificadas*? **d)** enfim, qual das identidades se defende: a do actor-afinal-agente – *condicionada* sem ser *determinada*, mas previamente *situada*; ou a do actor-sujeito – estratégica e racionalmente interactiva e interdependente ?

²⁰⁴ Para Boudon, os efeitos não esperados não são exclusivos destes sistemas (Ferreira *et al.* 1995, 262 e ss.; Durand *et al.* 1993, 113 e ss.).

Que fique claro: não se cobra a Boudon a componente da escolha individual. Polémico, num quadro de análise sociológica, é reduzir a acção social a uma relação individual-situacional *sem vestígios* nem do contexto global, nem da pertença colectiva – história, trajecto, memória e projecto. Em suma, nenhuns vestígios das configurações da *experiência social* dos sujeitos: *projecto-continuidade/ruptura* ou *utopia*; *projecto-adiado-desconhecido* ou *ainda não incorporado*.

4.2. Actor-Sujeito em Interdependência Colectiva e Interacção: *Incerteza e Racionalidade Limitada*

Assinala Isabel Guerra que a reflexão de J. G. Padioleau já permite *articular* a problemática das *identidades sociais* quer com o processo de *socialização*, quer com os *dois contextos-tipos de acção*: interacção e interdependência colectiva (1991, 411 e ss.).

Padioleau recupera a linha analítica de Schutz e os contributos de Boudon ao formular os «4 elementos em jogo no sistema de acção»: actores, fins, recursos e comportamentos (Durand *et al.* 1993, 110 e ss.). Especifiquem-se.

Os actores, individuais ou colectivos, têm de *manipular* os recursos adequados-disponíveis para a concretização dos seus fins particulares – *as boas razões* de Boudon. A *relação actor-recursos* repercute-se na capacidade dos actores desempenharem comportamentos *significativos*.

Como Boudon, Padioleau questiona as concepções hipersocializadas da acção; mas, ao invés daquele, os limites e os constrangimentos da acção não reenviam para a perspectiva de indivíduos *desincarnados (abstractos)*, *idênticos* ou de tipo *médio* (1993, 121). Na verdade, o entendimento da racionalidade intencional das acções individuais dos actores funda a mesma racionalidade nos específicos universos cognitivos e representacionais, ou seja, em códigos elaborados pela cultura e pelos saberes colectivos. Uma vez que o actor social também sabe *estabelecer finalidades*, emerge, sobretudo, como um ser *actuante*: «*l'univers de l'action est fondamentalement de l'ordre des représentations (...) et (...), l'individu, quand bien même n'assumerait-il que des activités à première vue routinière, y apparaît toujours sous le visage d'un être agissant*» (Padioleau 1986, 48)²⁰⁵.

Portanto, o actor-ser-actuante e a sua *racionalidade limitada*, são explicados pelos saberes colectivos socializadores desses indivíduos.

Por sua vez, a *socialização* é um processo dinâmico de relação EU-OUTRO segundo por 4 dimensões: a) *elaboração dos conceitos-definições* de *si próprio* e do OUTRO, nos quais engloba atitudes, comportamentos, recursos e fins; b) *influência* dos condicionamentos exteriores-colectivos nas *definições-conceitos subjectivos*;²⁰⁶ c) *harmonização* das *definições subjectivas* e dos *elementos colectivos*, pelo processo da interacção social; d) *adaptação dos desempenhos* dos actores, quando *as*

²⁰⁵ As afirmações de Padioleau são *cit. in* Durand *et al.* 1993 ou Guerra 1991, e respeitam os sublinhados desses autores sempre que existam.

²⁰⁶ Sobre como Padioleau retoma os postulados meadeanos dos papéis sociais e do 'Outro-generalizado', ver Durand *et al.* 1993, 112.

definições subjectivas e os elementos colectivos são descoincidentes.

Das quatro dimensões da socialização resulta a mutação em permanência da identidade do sujeito: «*Cette alternance symbolique [ego-alter] maintient l'identité de l'individu, esquisse une identité collective et constitue un apprentissage de la structure des relations d'interdépendance.*» (Durand *et al.* 1993, 112).

Explicada a *construção-em-mudança-identitária do sujeito*, e fundamentada a sua *racionalidade limitada*, percebe-se melhor a acepção, em Padioleau, dos *contextos-tipo* de interacção e de interdependência como *balizas* da acção.

A interacção, além de ser o *contexto das contradições* – pois é como *os actores medem as suas acções* e respectivas *consequências* face aos outros – funciona, também e por isso mesmo, como *a cena de reforço da identidade individual e colectiva* (Guerra 1991, 412). Já o contexto da interdependência colectiva permite que o actor reconheça a *dupla informação da acção*, quer pelas *estratégias individuais*, quer pelas *situações de constrangimento-interdependência elaboradas por terceiros*. Os actores avaliam, assim, *os custos e benefícios* das práticas dos seus parceiros.

Afirma-se aqui a perspectiva Padioleana das situações da acção enquanto *situações constrangedoras de modo indeterminado ou incerto*.

Devido à concepção desta *incerteza* Padioleau expõe-nos a racionalidade do sujeito como conscientemente *limitada* mas *não determinada*, porque *consciência e racionalidade* são aprendidas, aprendidas e ensaiadas pelo processo relacional da socialização. Para o autor, *o jogo socializador é o da aprendizagem das diversidades* – a dos sujeitos e a das situações sociais: «*L'incertitude n'est réduite et la stabilité des systèmes sociaux maintenue que parce que fonctionnent un certain nombre d'attentes réciproques: respect des normes et plus encore rôles définis dans les limites que l'on sait (...) par rapport aux status des individus en interaction.*» (1993, 112).

Nesta formulação, a identidade é o quadro global de referência para as condutas-acção pelo que, concomitantemente, a identidade é objectiva e subjectiva, singular e colectiva (Guerra 1991, 412) – como converge Véronique Henck (1995, 226).

Segundo o utilitarismo cognitivista de Padioleau a identidade é um processo relacionalmente aprendido-construído e incertamente condicionado pelos *laços da interdependência social* e pelo *sistema de expectativas*. E este, enquanto sistema de expectativas, é um significativo enquadramento social *i)* quer do *limitado conhecimento* racional e afectivo-sensitivo; *ii)* quer da *atribuição* de características e da formação de atitudes e sentimentos face aos papéis e estatutos dos outros com quem se interage.

Em consequência, *o sistema* só existe sob a forma da *relativa e limitada apropriação* que o actor realiza ao longo das suas interdependentes interacções sociais.

Daí que o Actor de Padioleau não seja um mero agente do utilitarismo radical mas seja, sim, Sujeito, pois é distanciando-empenhado, intencional e emocional: «*considère des alternatives, formule des préférences et choisit des opinions grâce aux processus cognitifs qui les définissent ou les rendent significatifs*»²⁰⁷.

Portanto, pela concepção do sujeito de racionalidade limitada, Padioleau converte a *relação* EU-OUTRO na *matriz de todas as experiências humanas* (Guerra 1991, 414). Nesta sequência, pode deduzir-se que o *sistema* de expectativas sociais multi-recíprocas (*Ego-Alter-“Alteres”*) enquadra a avaliação subjectiva-utilitária da acção.

Dedução e lição a ter em conta na análise das identidades sociais das *mulheres-em processos de desqualificação e requalificação social*, a que se juntam outros dois adquiridos da abordagem do autor:

1.º- a designação social da «pobreza»-desqualificação pode representar um limitado(r) e intencional apelo a certos saberes colectivos, *socializados utilitariamente pelas interdependências sociais*, mas *desprovidos de realidade intersubjectiva-interactiva-relacional*.

2.º- quando intencionalidade e racionalidade se orientam para designar identidades sociais como *diferentes-«pobres»-desqualificadas*, urge *avaliar os custos e benefícios* inerentes àquelas designações – custos e benefícios sociais, como individuais e colectivos: subjectivos, vivenciais, relacionais, materiais e simbólicos.

Padioleau consegue mitigar o radicalismo do *Individualismo Metodológico* de Boudon. Já na sociologia herdeira de Crozier, sendo centrais a autonomia e a racionalidade *limitadas* dos actores, a acção é uma relação estratégica de *poderes* (Sainsaulieu 1988, 352 e ss.), como se vai analisar.

4.3. Racionalidade Limitada e Concorrencial, Lógica Estratégica do Jogo-Acção

A *sociologia da estratégia* partilha alguns pressupostos com o *Individualismo Metodológico*, nomeadamente a noção de *racionalidade limitada*²⁰⁸; a de *liberdade* dos actores (Durand *et al.* 1993, 140); e a noção de um *sistema* derivado das acções individuais por *efeito de composição* (Dubet 1996, 145).

De modo coerente para esta sociologia, os verdadeiros actores são «*os grupos de interesses, as organizações e as minorias activas.*» (1996, 162)²⁰⁹. O mesmo programa ainda se irmana –

²⁰⁷ Padioleau 1986, 99 *cit.* In Durand *et al.* 1993, 112. Cf. tb a questionação, In Zavalloni 1974, do conceito *abstracto* de identidade *médica*, e o contra-proposto conceito de *identidade social subjectiva*.

²⁰⁸ Os actores agem *por apalpadelas* sucessivas para obviar os obstáculos dos seus projectos, pois não dominam totalmente os objectivos, as oportunidades, as alternativas e as situações da acção. Cf. Guerra 1991, 414; Dubet 1996, 86; e Ferreira *et al.* 1995, 261.

²⁰⁹ A propósito, veja-se o estudo sobre *'lobbies'* de Offerlé 1994.

sem se geminar – com o *Individualismo Metodológico*, pela importância conferida à *indeterminação* ou *contingência*²¹⁰ das situações resultantes de acções individuais-rationais.

Esta corrente sociológica tem sido fortemente atacada por omitir os contextos das relações de poder entre actores e a própria *história* da constituição dos indivíduos-actores – a conhecida crítica de veicular uma *concepção desincarnada dos actores* (1993, 141).

A sociologia de tradição crozieriana conjuga as explicações estratégica e sistémica²¹¹ para contrapor, à noção de papel, o *modelo do jogo*. Este *jogo* é definido como o mecanismo de articulação e combinação das lógicas estratégica e sistémica «*grâce auquel les hommes structurent leurs relations de pouvoir et les régularisent tout en leur laissant – en se laissant – leur liberté.*» (Crozier e Friedberg (1977) 1981, 97).

A acção dos actores-jogadores desenrola-se no contexto dos constrangimentos do jogo, contexto *estruturado num mundo organizado* em que *cada um dispõe de um poder que depende da sua capacidade de negociação* (87 e 86)²¹². Por isso, interacções e construções sociais são marcadas pela *contingência*, a qual abarca a *indeterminação* e a *não naturalidade* das práticas sociais; também por isso desemboca-se, em última análise, no «*caractère socialement construit de toute structure d'action collective*» (1993, 133 e 132).

Na mesma ordem de ideias, as relações sociais são *incertamente estratégicas*, pois os actores estruturam-nas como um jogo regulador das *melhores* escolhas, de entre as escolhas *possíveis* no quadro dos constrangimentos (1996, 124 e ss.). Logo, as relações sociais são, como sintetiza Dubet, relações de aliança e rivalidade com os outros, porque o poder dos actores reside na capacidade de *negociarem* face às estratégias *disponíveis* – as possíveis e as ambicionadas. Em tal quadro relacional, os *OUTROS-aliados* são os dotados de recursos estratégicos que nos motivam a ser camaradas; ao passo que os *OUTROS* são *rivais* sempre que numa relação social obstaculizam a concretização da estratégia legitimadora do nosso *egoísmo* (1996, 86; 127 e ss.).

Mas o *jogo estratégico* em que as relações de poder se revelam não conduz a sociologia crozieriana à ruptura cabal com a *lógica da hipo-socialização*.

Na abordagem estratégica, a sociedade é um «*sistema de trocas concorrenciais na competição para se obterem bens raros*», e não se funde com os actores, singulares ou não, que definem subjectivamente «*os objectivos que têm em vista, os bens visados (...) como aquilo que lhes é “útil”*» (Dubet 1996, 124 e 127).

²¹⁰ Sobre a noção de *contingência* na Abordagem Estratégica-Sistémica cf. Durand et al. 1993, 129 e 131 e ss; e sobre as afinidades e divergências entre o *Individualismo Metodológico* e a *Abordagem Estratégica Sistémica*, cf. 1993, 140-141.

²¹¹ Não se tem aqui o propósito de esmiuçar todos os seus conteúdos. Para aprofundamentos, ver Durand et al. 1993, 128-138.

²¹² Sobre a cultura como *capacidade* em Crozier, cf. o combate às abordagens organizacionais que excluem qualquer componente *cultural*, In d'Iribarne 1991, 613.

Neste sentido, a identidade é construída pelos actores sociais enquanto um recurso mobilizável para as relações sociais-concorrenciais: «*La stratégie est ainsi l'occasion d'un fréquent renouvellement, d'une science personnelle de l'attaque et de la défense car, à bien mesurer les erreurs, on peut prendre le risque de plus nombreux essais. L'univers des échanges devient un lieu d'expérimentation sur soi et sur les autres.*» (Sainsaulieu 1988, 259). Porém, alerta Dubet, esta *identidade-recurso-acção estratégica finalizada*²¹³ só é realizável com o apoio de uma integração mínima: «*Da mesma forma que numa conversa os interlocutores estabelecem constantemente as próprias condições da troca de palavras para permitir que ela prossiga, assim estão os jogadores obrigados a terem a garantia da manutenção das regras que tornam o jogo possível, assegurando assim uma integração mínima.*» (1996, 124).

O cerne da problemática identitária parece estar exactamente na concomitância das várias lógicas de acção. Porque, no seu "conteúdo", a *identidade-recurso estratégico* realiza a *identidade integradora*, realiza «*a herança e o "ser", do ponto de vista dos recursos numa relação de concorrência*» (1996, 121). Assim, e embora os processos de definição e de construção identitárias (integração-utilidade concorrencial) sejam distintos, ambos são accionados pelos actores em função da lógica de acção na qual se situam²¹⁴.

Se o jogo supõe que a integração social dos papéis esteja já realizada, a integração também ocorre sempre em contextos sociais manipuláveis e susceptíveis de distanciação e empenhamento pelos actores agentes-recursos: «*Le concept d'identité désigne donc à la fois la permanence des moyens sociaux de la reconnaissance et la capacité pour le sujet à conférer un sens durable à son expérience. Désireux d'être, le sujet ne trouve cette plénitude que dans les moyens sociaux de codifier son expérience.*» (1988, 333; cf. Dubet 1996, 124).

Na apresentação feita das *lógicas da acção* procuraram evidenciar-se as proximidades e clivagens entre diversas propostas que clamam por uma *Sociologia das Identidades*. Contudo, não se pretende extrapolar que *integração, comunicação-linguagem, conhecimento, racionalidade, interacção e estratégia* (individualizante ou sistémica); e *subjectivação* sejam específicas ou exclusivas de certos processos identitários – como, aliás, argumenta Dubet: «*Alternadamente, os actores adoptam todos os pontos de vista (...). Quanto mais se afasta a figura clássica da acção, mais os actores estão empenhados em experiências e mais "activos" eles são, devendo percorrer um espaço de lógicas cada vez mais afastadas, vendo-se confrontados com identidades e com relações sociais cada vez mais diversificadas.*» (1996, 137).

²¹³ Cf. a análise das *teorias de acção finalizada-sistémica*, e a sua crítica de *fixação* na acção individualizada, In Eder 1991.

²¹⁴ Das múltiplas ilustrações de Dubet, veja-se o exemplo dos jovens imigrados (1996, 122).

O interesse sociológico da construção social das identidades não poderia fundamentar-se sem procurar *dar a ver* a sua acuidade na Sociologia contemporânea. Mas estas linhas de focagem não garantem *descobertas* conceptuais claras nem pacíficas em torno da riqueza identitária dos *socialmente desqualificados/requalificados*. Uma ilação global é certa: a análise da reconstrução sócio-identitária em processos de desqualificação e requalificação social terá de acolher as estratégias-recursos identitários de *integração*, de *utilidade* e de *subjectivação* aí accionados.

Imperativo para que se reflecta sobre o *trabalho sócio-identitário* do sujeito reflexivo.

5. O TRABALHO DO SUJEITO: TECER AS LÓGICAS DA ACÇÃO

«Com excepção do santo ou do herói, que são menos personagens que símbolos culturais, ninguém vive como sujeito mas, ao mesmo tempo, nenhum actor se reduz a ser apenas o seu Ego ou os seus interesses, nem que seja na actividade crítica que exige a referência cultural à ideia de sujeito.» (Dubet 1996, 132).

A Sociologia contribui para o enriquecimento da problemática “relação identitária”, ao implicar-se na crítica de abordagens individualistas e na reconversão das teorias interaccionistas e fenomenológicas.²¹⁵

Apure-se qual o *molde* actual dos «*duplo estatuto teórico e existencial*» e dupla experiência pessoal-social das identidades – a relação criativa de/entre sujeitos, meios (contextuais, situacionais, temporais), memórias e sentimentos sociais. Parta-se da seguinte plataforma: porque os processos de comparação, as representações de si e as posições sociais são interdependentes, as identidades sociais diversificam-se em função dos diversos capitais (simbólicos, materiais e situacionais-interactivos) a que os sujeitos acedem.

Estas, são conclusões de diversas pesquisas dos anos 80, de que são exemplificativos²¹⁶ os trabalhos de J.-C. Deschamps (1980 e 1982) ou de Zavalloni (1983). Utilizando diferentes metodologias, e partindo de preocupações distintas, tais pesquisas sugerem que a diferença identitária é fortemente dependente do estatuto associado às posições sociais; e evidenciam a tradição de duas linhas analíticas na análise das identidades sociais: a relação Dominante-dominado, e o paradigma dos grupos Semelhantes-Diferentes.

5.1. A relação Dominante-Individualista / dominado-colectivista²¹⁷

Para Marisa Zavalloni, as identidades de género são as condições identitárias básicas na hierarquização social, culturalmente codificada. Nos seus estudos, procura compreender esse *modelo*

²¹⁵ Como confirma Marisa Zavalloni (1974, 146) para a análise da componente subjectiva da identidade social.

²¹⁶ Segue-se de perto a análise de Serino 1996, 171 e ss.

²¹⁷ Entende-se por *cultura colectivista* a relação sujeito-grupos de pertença estável, em que os interesses individuais se subordinam aos colectivos; *cultura individualista* é aquela em que há predominio dos objectivos individuais sobre os grupais (Morales, López-Saéz e Vega 1996a).

assimétrico, pois constata uma *desigual conotação nos componentes do conceito de humanidade*, na medida em que as categorias associadas positivamente são as masculinas, em detrimento da negatividade das categorias femininas do conceito.

Por seu turno, Willem Doise centra-se nas relações entre grupos Dominantes e dominados. Ao estudar grupos com desiguais estatuto-posição sociais apura que os membros dos grupos *Dominantes* têm maior propensão para se definirem *individualizada e diferenciadamente*, ao mesmo tempo que os membros das categorias *dominadas* mostram maior tendência para se perceberem enquanto partes (como que) *indiferenciadas* de um conjunto colectivo.

Para direcção similar se encaminharam trabalhos empíricos (ambos de 1984) de J.-P. Codol e G. Lemaire²¹⁸: concluindo haver um condicionamento da cultura ocidental individualista na valorização dos componentes de distintividade social, os autores verificavam que a mesma distintividade emerge enquanto representação dominante da identidade individual.

Num artigo posterior Darío Páez e seus colaboradores analisam as *investigações transculturais* da relação entre identidade social e conduta (1996, 236 e ss.). Através da revisão deste campo de pesquisa salientam três tipos de factores que interferem na regulação da conduta: a) factores situacionais ou externos; b) tendências disposicionais ou internas (saliência da identidade grupal e atenção face aos aspectos da identidade colectiva); c) factores macro-sociais (dominantes nas orientações culturais de tipo colectivista ou individualista)²¹⁹. Os mesmos autores concluem também que a valorização da identidade social «*es mucho mayor en las culturas colectivistas y sociocéntricas que en las individualistas y egocéntricas*» (1996, 223-224).

Hinkle, Brown e Ely já tinham registado em 1992²²⁰ que a discriminação/identificação social e o favoritismo endogrupal/regulação social da conduta se associam ao aumento da auto-estima; como também tinham concluído sobre a maior associação nos sujeitos/culturas colectivistas – alocêntricos, ou sujeitos *altos* na escala de valor de colectivismo – face a sujeitos/culturas ideocêntricos e individualistas. Paralelamente observaram ainda que, de entre as relações de associação recenseadas, a maior associação era específica dos grupos Dominantes, ao passo que os sujeitos de grupos dominados (menor estatuto-prestígio social), «*presentarían esta tendencia de forma invertida en su relación con grupos "superiores".*» (1996, 238).

²¹⁸ Cf. também Nakbi 1995.

²¹⁹ Segundo Páez *et al.* 1996, 236 e ss. O condicionamento das dominantes individualista/colectivista das culturas na avaliação social dos comportamentos e nas identidades sociais foi aprofundado, entre outros, por Gudykunst (1988 *In* M. Bond ed.); e, mais recentemente, por Smith e Bond 1993. Esta linha das investigações transculturais considera que a *oposição individualista/colectivista* se manifesta a nível *cultural, sub-cultural* e também ao nível *individual* – designando-se a oposição, neste último caso, por *ideocentrismo/alocentrismo*. Cf. ainda a referência no mesmo manual a H. Triandis 1992.

²²⁰ Falamos do seu artigo *In Revista de Psicología Social*, Monográfico, pp. 73-86, *ib. cit.* *In* Páez *et al.* 1996.

5.2. Identidades dominadas: *negativas* e *altercêntricas*

A Sociologia tem-se debruçado de forma explícita sobre a identidade social (cultural²²¹, étnica²²², nacional e religiosa). Referimo-nos a estudos sobre realidades *semi-periféricas* (latino-americanos, negros ou índios); como os relativos a realidades centrais ditas *desenvolvidas* – Europa e EUA – enquanto contextos de destino de migrantes com origem terceiro-mundista²²³.

A este respeito, Maritza Montero (1996) faz uma importante revisão crítica dos estudos latino-americanos sobre identidade nacional²²⁴, apontando pistas promissoras para a análise das identidades dominadas socialmente negativas: os processos de comparação e categorização entre grupos Dominantes/dominados são socialmente condicionados aos níveis «*histórico, cultural, político, económico, religioso, y en general, sujeto a influencias externas a los procesos intergrupales, que les imponen limitaciones y posibilidades*». (1996, 402). Tais processos podem ‘resolver-se’ mediante a partilha, no endogrupo-dominado, de um sentimento auto-desqualificador, sentimento simultâneo à afirmação do carácter positivo do exogrupo-Dominante. Desde aqui, a autora induz que as identidades sociais negativas se pautam pelo Altercentrismo: «*Los grupos externos relevantes (...), se constituyen en un Alter que se opone con ventaja, fuerte y positivo, a un Nos en desventaja, fuerte y negativo.*» (1996, 403).

Deste conjunto de vários estudos pode concluir-se que: 1.^o- os sujeitos sociais Dominantes distinguem-se dos sujeitos sociais dominados; 2.^o- tal distinção consiste na representação, pelos Dominantes, de uma auto-estima individualizada, enquanto os dominados se auto-indiferenciam, massificando-se e projectando-se num colectivo genérico; 3.^o- a condição Dominante funciona, simultaneamente, como pólo de atracção identitário e como modelo desagregador das identidades negativas.

Maritza Montero (1996, 406 e ss.) caracteriza o fenómeno do Altercentrismo através dos 10 traços seguintes: 1) *ambivalência* das auto-imagens e das auto-representações colectivas; 2) *auto-desqualificação* do endo-grupo, mediada pela relação com o exogrupo; 3) *auto-imputação* de características estereotipadas, pseudo-positivas, explicitamente negativas; 4) *hipervalorização dos ‘out-grupos’* – mais *forte*, se os grupos estão historicamente vinculados por laços de dependência – simultânea à *desvalorização do grupo de pertença*; 5) justificação da dominação; 6) aceitação da dominação e dos comportamentos prescritos; 7) vigência de um *modelo (internacional)* de comparação,

²²¹ Há grande diversidade de estudos, não explicitamente interculturais, centrados nos *localismos* colectivos/identitários. Cf., como ex.: Beringuier 1980; Soulet 1980; Pedro-Rêgo 1993; e ainda Gallissot 1987a.

²²² Giraud (1987) refuta o conceito de *dúpla identidade* étnica ou cultural ao que contrapõe o de *diversidade e multiplicidade* identitária.

²²³ Cf. Abordagens como a da antropologia do movimento (Tarnus, 1992); a da identidade étnica como ideologia (Soest e Verdonk, 1984); e a da identidade generalizada de imigrante (migrantes de segunda geração), *In* Lithman 1984.

²²⁴ Cf. Schlesinger 1990. Cf. tb os estudos da identidade francesa *In* Lipiansky 1991; e sobre *identidade regional In Actes...* n.º 35.

descrição e de explicação do sistema mundo que fundamenta, *i*) por um lado, uma avaliação superficialmente positiva dos países periféricos; e, *ii*) por outro, uma avaliação solidamente positiva dos países vistos como centro de poder e desenvolvimento; 8) *fatalismo* e *presentismo* face aos objectivos colectivos; 9) ritualização, *mitificação* ou percepção distanciada-inacessível dos elementos centrais na *construção de uma identidade colectiva positiva* (p.ex.: território, acontecimentos históricos); 10) *coincidência* entre auto-avaliação *pessoal positiva* (EU) e *desvalorização colectiva* (Nós).

A autora conclui desta revisão que, embora esses processos de comparação possam ser despersonalizadores, não originam nem competição social, nem alteração da identidade.

Fica por apreciar a crítica construtiva de Montero ao modelo de identidade social de Tajfel e Turner (1996, 401 e ss.). Mas não pode deixar de sublinhar-se a anotação da mesma autora quanto à incapacidade desse modelo analisar as identidades sociais por não contemplar as quatro condições marcantes da construção identitária, a saber: caracteres histórico e cultural; mediação afectiva e ideologia (1996, 404-405).

Das várias linhas de reflexão expostas, é de reter que:

i) as identidades Dominantes – identidades *brilhantes*– exibem forte apelo e poder identificador junto das identidades dominadas – identidades *baças* (Roca *et al.* 1996);

ii) a identificação das identidades dominadas às Dominantes pode significar o desenho de *processos identitários paradoxais*, a que não são estranhas as vivências de vários sentimentos cujos extremos serão a vergonha e o medo (Roca *et al.* 1996);

iii) os processos identitários paradoxais vivenciados pelos dominados que se identificam aos Dominantes, colocam um obstáculo acrescido aos processos de desqualificação e requalificação social, pois o *trabalho de implicação* na construção de um *projecto* de requalificação sócio-identitária assenta no auto-reconhecimento da leitura social de uma posição desqualificada.

Constata-se ainda que os esforços bem sucedidos da Psicologia Social²²⁵ convergem com os percursos de saberes como a Antropologia e a Sociologia: é caso para dizer que a Identidade tem vindo a ganhar a batalha da *racionalidade complexa* (Toscano 1989), de que passam a sistematizar-se os eixos centrais das mais recentes abordagens sociológicas de Identidade Social.

5.3. Transacções, Estratégias e Finalidades Identitárias

A análise das *condições de construção das identidades* (histórico-culturais, afectivas e ideológicas) por Maritza Montero apresenta afinidades com a anterior identificação, por Barbara Lloyd (1994) das *três características fulcrais da identidade social*: que são a parcialidade iden-

²²⁵ Sb a proximidade das abordagens psicossociológicas, cf. o n.º 41 de *Sociétés*.

titária e a dependência do indivíduo dos seus contextos de pertença, à qual se associam ainda as vertentes emocionais e valorativas. Quanto às duas últimas características assinaladas por Lloyd, crê-se que o percurso analítico feito até aqui as enquadrou suficientemente na problemática identitária. Assim, neste ponto, vai sobretudo atentar-se no carácter *parcial* das dinâmicas e estratégias identitárias, seguindo o que aqui se designa como *paradigma biográfico-relacional*.

5.3.1. Processos de prescrição-actualização das identidades sociais

Hoje, concebem-se as identidades sociais como «*processos estruturantes não definitivos*», sempre que se aliam as «*componentes dinâmicas*» de formação e vivência das identidades ao carácter estável ou *núcleo duro* das características identitárias (Kastersztein 1990, 30; Dubar 1991).

Para o *paradigma biográfico-relacional* o processo identitário desenrola-se em contextos histórico-culturais coerentes, relativamente duradouros, e capazes de preservar valores, padrões, símbolos e saberes, através das memórias sociais relacionalmente construídas e transmitidas pelos sujeitos sociais. Assim, a par da *estruturacção* identitária, ressalta-se que a identidade vai sendo *actualizada* e reorientada nas *temporalidades* ou espaços-tempos da trajectória social dos indivíduos. Tal processo, que aqui se resume por *prescrição-actualização das identidades*, decompõe-se em diferentes fases²²⁶, emergindo a prescrição identitária num primeiro momento de *construção* da identidade, e sendo actualizada ao longo de *temporalidades identitárias* subsequentes – a da sua *consolidação*, a do *reconhecimento* e a do *envelhecimento* identitário (Fig 6).

Portanto, este enfoque reinterpreta a parcialidade identitária, contra-propondo a perspectiva das diversas configurações das identidades sociais.

Para Dubar, as configurações identitárias resultam de dois tipos de *transacções* ou *negociações identitárias*: as *negociações exteriores* são as elaboradas entre as identidades atribuídas pelos outros e as incorporadas-assumidas pelo indivíduo (1991, 258 e ss.). É através destas negociações ou *transacções exteriores* que se alcança o reconhecimento/não reconhecimento social da configuração identitária resultante. Consequentemente, extrapolando para a problemática da presente pesquisa, os processos de desqualificação e requalificação social configuram-se como *transacções objectivas exteriores, não reconhecidas socialmente*. E não será transcendente afirmar que a avaliação social da *desqualificação no feminino* se prende, quer às configurações estereotipadas do feminino, quer aos desempenhos e *jogos* (escolhas de posição, construção de personagens?) de adequação ou manipulação de atributos indesejáveis-negativos (montagem, adereços, palco e bastidores?) que as mesmas se dêem ao *trabalho* estratégico-identitário-de-fazer.

²²⁶ São pertinentes para o nosso debate, por não se nos afigurarem como fases exclusivas das identidades profissionais no trabalho – objecto particular de Dubar (1995; 1991, 200 e ss). Cf. ainda, entre outros, De Courpasson 1994; e a obra-chave de Sainsaulieu 1988.

Mas as configurações identitárias não advêm só da sua actualização ‘indefinitiva’ nos espaços-tempos das trajetórias, porque a actualização identitária também é circunstancializada.

As *identidades* são sincréticas, sublinha Carmel Camilleri (1990b); são circunstanciais às interacções situacionais e diversificadas ao longo de cada uma das suas *temporalidades* (Kastersztein 1990, 29). Este traço da identidade como uma *forma-de-vida-social-em-actualização* – num contexto histórico-societal, em situações relacionais condicionantes, e ao longo das espaço-temporalidades da trajetória dos indivíduos sociais – é a *dobradiça* que permite configurar os indivíduos-actores sociais em autênticos sujeitos sociais²²⁷.

Trata-se de perceber que os processos da *prescrição-actualização* identitária são, concomitantemente, condicionados e selectivos; são processos racionais e criativos-emocionais, de continuidade e de mudança social, tão *exteriores* como *interiores* e, em relação aos actores sociais, tanto são *subjectivos* quanto são *objectivos*.

Por isso, no vector objectivo de transacção identitária, os elementos estáveis – os ditos elementos *prescritos* – caracterizam-se por uma estabilidade instável, por serem ajustáveis ou superáveis. E os elementos identitários *prescritos* só são *exteriormente negociáveis* porque os indivíduos são efectivos *sujeitos* sociais; *i.e.*, elaboram racionalidades, sentimentos, valores e projectos com os quais, e face aos quais, constroem a sua *insatisfação exteriormente socializada*.

É atendendo à coerência da *reflexividade exteriormente incoerente* dos actores – reflexividade incoerente, apenas, porque exteriormente insatisfeita – que poderá aceder-se às *auto-representações das identidades sociais dominadas*. E, de entre estas, refiram-se em particular as identidades *dominadas* que, embora se identifiquem com actores-identidades Dominantes, não iludem a negatividade da sua condição – nem que, para isso, seja preciso construírem símbolos *legitimadores* da dominação, conforme se abordou acima.

Neste momento da reflexão acabou de introduzir-se o outro *vector da negociação identitária* que Dubar designa por *transacções objectivas interiores*, e de que salienta os *compromissos «interiores» dos actores* entre, por um lado, as modalidades de identidades *herdadas* e as configurações identitárias por si mesmos desejadas – identidades *visadas-projectadas*. Do rumo desses compromissos interiores face às identidades socialmente herdadas, tanto pode resultar a *consolidação-continuidade*, quanto a *mudança-ruptura*.

Traduzindo para o presente objecto de pesquisa, é de considerar que as *condições sociais das mulheres em processos de desqualificação e requalificação social* não resultam sempre da ruptura com as heranças identitárias. Portanto, as condições desqualificadas podem emergir como consoli-

²²⁷ Sobre a perspectiva relacional das identidades cf. Pinto 1991; e Gallissot 1987a.

dação identitária das *transacções interiores, e objectivas*, ou como a mudança ou ruptura identitárias, se as mesmas negociações resultam na ruptura entre identidades herdadas e identidades projectadas.

Contudo, estas negociações objectivas de ruptura só configuram condições socialmente desqualificadas quando se situam no cruzamento com as *transacções exteriores* e, assim, configuram-se como trajectos de *ruptura socialmente desvalorizada*, logo, *identidades reconhecidas como socialmente negativas*. Pelo que as *sujeitos-mulheres em processos de desqualificação e de requalificação social*, ainda que colectiva-subjectivamente sejam *negativas, não chegam a ser reconhecidas socialmente como negativas*, não se configuram como identidades sociais *negativas* mas, tão só como *não-identidades*, porque as identidades sociais se constituem na transversalidade de ambas as transacções.

Outro vértice da *parcialidade* das identidades emerge da paradoxal lucidez de ser-se dominado por identidades superiores e *vantajosas*, a qual contém dois níveis de implicação: i) o auto-reconhecer-se socialmente *inferior* como indivíduo e como colectivo; e ii) o não abdicar da real pertença negativa. Em consequência, mesmo quando os actores têm consciência de que a sua *negatividade* ‘apenas’ existe como *leitura social*, a própria pertença-identificação negativa dos actores é indicadora da existência de tal negatividade enquanto legitimadora da relação Dominante / dominado.

Pela centralidade das noções sujeito social e dinâmicas identitárias, vê-se quão indispensável é a focalização sociológica na análise das identidades sociais. Transacções exteriores e interiores; actualização-continuista ou superadora do *prescrito-esperado* socialmente; projectos e rupturas identitárias – foram os vectores realçados, aos quais se articulam as *finalidades estratégicas da dinâmica identitária*, que há que explicitar.

5.3.2. As *Finalidades* das identidades estratégicas

«*Nous ne les voyons pas, nous ne les entendons pas, nous ne leur parlons pas. Ce sont les vieux aux yeux de beaucoup de jeunes, les pauvres aux yeux des riches, les noirs pour les blancs, les sauvages pour les civilisés, les débutants pour les scientifiques ou les artistes bien en place (...). Quel que soit le sacrifice, leur premier souci est en fait de devenir visibles, donc d'obtenir la pleine reconnaissance de leur existence aux yeux de la majorité et dans l'esprit de ceux qui la composent.*» (Moscovici 1979, cit. In Kastersztein 1990, 38)

Na abordagem das *finalidades identitárias*, das mais promissoras conceptualizações da identidade social em Ciências Sociais, conjugam-se as tensões conformistas e superadoras dos processos identitários – tensões vistas como o nó-górdio da acção que vincula actores e meio social.

Kastersztein ilustra a visibilidade social como uma das três *finalidades* que os indivíduos procuram atingir sempre que avaliam como monótonas, insatisfatórias e mecanizadas as suas condutas sociais (Moscovici 1979, cit. In Kastersztein 1990, 38). Face a esta avaliação, o mesmo impulso psicológico pode instigar ainda, segundo o autor, à procura de outras duas finalidades: diferenciação ou singularização/individualização e reconhecimento social (1990, 36 e ss. e 32). Esta terceira ten-

dência revela uma das finalidades estratégicas essenciais do actor – demonstrar a sua pertença ou intenção de pertença social – e pode delinear-se de três modos: a) pelo conformismo do actor às expectativas sociais, ajudado pela *pressão social*; b) pela assimilação ou procura de atingir o mais forte grau de similitude com o meio; e c) pela *diluição da responsabilidade do actor*, patente numa inserção anonimante: «*L'être considéré comme les autres au risque d'atteindre le point extrême de la desindividuation*» (1990, 34).

Embora estes *objectivos ou finalidades identitários* pareçam adequar-se mais aos comportamentos individuais, têm sido reequacionados para a construção de identidades colectivas minoritárias ou para a construção das identidades socialmente desvalorizadas – como são *os casos* em análise nesta pesquisa²²⁸. Vê-se também, pelo exposto, que à abordagem das *finalidades identitárias* subjaz uma concepção da identidade-estratégica.

Na verdade, a abordagem das finalidades identitárias entende as *estratégias identitárias* como processos interactivos que os actores, individuais e colectivos, desenvolvem consciente ou inconscientemente de modo a fazerem reconhecer, aceitar e valorizar socialmente a estrutura da sua identidade ou os seus recursos identitários. Reportando-se Kastersztein à conotação militar do termo *estratégia* – «*conjunto de acções coordenadas, de manobras, com vista a uma vitória face a um dado adversário*»²²⁹ – as *finalidades identitárias* aparecem como as vitórias identitárias dos actores, individuais ou colectivos, contra o/os adversário/os que podem ser «*soi-même, les autres en interaction concrète (famille, amis, collègues), ou le système social.*» (1990, 31).

Também a socióloga Isabel Taboada-Léonetti (1990, 46) partilha este ponto de vista, apoiando-se na re-leitura da identidade como uma *caixa de ferramentas* por G. Devereux²³⁰. Assim, a autora subscreve a perspectiva de que o «*núcleo duro*» *identitário*, composto pelos *marcadores* mais estruturados da identidade – nas suas palavras, «*pólo de cristalização da identidade*» – é dinamizado pelos elementos *secundários* ou periféricos; e que aquele núcleo cristalizador e estes elementos periféricos são transformados e transformáveis no tempo.

Neste sentido, os actores desenvolvem um conjunto de opções estratégicas face às situações que vão atravessando e pelas quais se vão orientando e posicionando. Tal *orientação criativa* está sempre vinculada aos *jogos sociais* e aos capitais-recursos, quer os disponíveis pelos actores, quer os desencadeados na/pela interacção-situação social.

Para a concretização das *estratégias identitárias*, a socióloga avança, pois, um terceiro

²²⁸ Cf. Taboada-Léonetti 1990; e Mubikangiey 1980. E, de entre os trabalhos de Malewska-Peyre, cf. o de 1988; e o de 1980 com Zaleska.

²²⁹ Noção adaptada por Kastersztein (1990, 30) da definição do *Dictionário Petit Robert*.

²³⁰ Trata-se do livro de Devereux de 1972, *Ethnopsychanalyse complémentaire, cit. In* Taboada-Léonetti 1990, 46. Cf. a viva crítica às noções essencialistas de identidade (*stock de qualités; opération d'imputation*, etc) por Sledziewski 1991, e por Gallissot 1987a.

elemento, e alia a actores e finalidades identitárias ou componentes da definição das estratégias, à situação relacional (1990, 50 e ss.).

Portanto, a identidade é um processo eminentemente relacional no qual confluem os dois fluxos pessoal e social. A identidade-processo desenvolve-se pela *interacção social* e é condicionado pelos desiguais estatutos-poderes dos actores sociais em presença. E o processo identitário alimenta-se das representações, categorizações e atribuições sociais daí decorrentes. Ou seja: *as dinâmicas identitárias são contextos de confirmação-continuidade e/ou de contradição-adequação-mudança* dos condicionalismos e das potencialidades dos actores, como os relatos biográficos desta pesquisa ilustram.

Repare-se como a mesma socióloga, concordando com a análise de Kastersztein, desloca o seu campo de visão para o horizonte ou fluxo social das *finalidades estratégicas* – também do nosso interesse. Nas suas investigações sociológicas, Isabel Taboada-Léonetti observou que os actores cruzam ou acumulam outros tipos de *finalidades* na organização estratégica da acção. Alargando as já anotadas por Kastersztein (*visibilidade, assimilação, reconhecimento social e diferenciação*), a autora sinaliza quatro finalidades, a saber:

- 1- *valorização ou revalorização*, não explicitamente formulada pelos actores, como motor de mobilização psicológica e consciencialização de grupos dominados;
- 2- *temporalidade*, ou seja, a necessidade de construir uma memória colectiva, passada e projectiva;
- 3- *interesses sociais* específicos (económicos, políticos, étnicos,...), como possíveis orientadores de certas estratégias; e
- 4- *benefícios psicológicos* propriamente ditos, *i.e.*, fins individuais implícitos que, influenciando certas estratégias colectivas, podem provocar efeitos ‘disfuncionais’ ou até a ruptura nos contextos colectivos.

Interessa focar ainda a tipologia proposta pela mesma socióloga para os *níveis de expressão das respostas estratégicas* – as táticas²³¹, em Kastersztein – respostas estas de *grupos dominados* face à categorização ou prescrição social dos seus inferiores estatuto e poder. Para Taboada-Léonetti as *táticas identitárias* têm três níveis de expressão: cultural, institucional e de acção política. A autora aponta ainda a possibilidade de os actores sociais fazerem *opções estratégicas simultâneas*, bem como destaca a *diversidade tipológica de respostas* (1990, 62 e ss.). De facto, as respostas identitárias específicas à opção tomada contêm diferentes potencialidades, como revelam *distintos graus de*

²³¹ Também Michel de Certeau (*Art de faire*, Vol. I) distingue entre *estratégias* e *táticas*. Cf. estas noções na análise da sociabilidade de jovens de meios desfavorecidos. In Beyner e Le Gall 1992.

consciência da posição dominada (1990, 64 e ss.). Tal diversidade de respostas é aqui reinterpretada nos cinco seguintes estilos de táticas identitárias:

- ◆ respostas de aceitação da dominação: abarcam dois tipos: *a)* práticas de *interiorização e de auto-sobrestigmatização* (sobretudo individual), passivas, do lugar de dominado; *b)* práticas de *aceitação* não passiva da dominação: *conversão semântica* da negatividade em positividade e instrumentalização da identidade;
- ◆ respostas de assimilação ao padrão maioritário: consistem em respostas de tipo individual, reveladoras da consciência da dominação e da vontade de mudar a identidade negativa, por des-solidarização com o endo-grupo e pelo ingresso no exo-grupo dominante;
- ◆ respostas de denegação: trata-se da recusa em admitir a prescrição do lugar dominado, estando ausente a vontade de mudança;
- ◆ respostas de contorno: identificam-se quando os constrangimentos da dominação prescrita são menos coercivos, e em contextos de *fortes* recursos-capitais colectivos;
- ◆ respostas de recomposição identitária e movimentos colectivos: fundam-se no desejo de construção de novas identidades, embora constituam dois tipos de respostas distintas: *a)* a *recomposição* desenha-se em quadros de descontextualização das identidades (territorial, cultural...) que são o palco da recriação de identidades colectivas alargadas; tal recriação, valorizadora da identidade de origem, trabalha de três grandes formas as categorizações da comunidade de destino: i) por integração²³²; ii) por reorientação dos conteúdos; ou iii) por reelaboração, nem sempre de modo conflitual, das categorizações de origem²³³; *b)* os *movimentos sociais* são protagonistas, por excelência, da acção colectiva racional, conflitalmente orientada, e conducente à modificação das relações sociais de partida (Touraine, 1983).

Crê-se que nesta 2.ª PARTE se ilustraram folgadoamente as múltiplas *lógicas* vinculadas à *experiência social* como re-conceptualização dos binários componentes identitários apresentados na 1.ª PARTE. É, porém, indispensável, situar as identidades com *contornos da modernidade tardia* (Giddens 1994a, 9) – mesmo sem se detalhar a reconversão do modelo industrial-capitalista²³⁴

²³² Taboada-Léonetti (1990, 72) analisa os *'Black British'* da Grã-Bretanha e os *'Boeurs'* franceses.

²³³ Exemplo, para a autora, são as alianças dos *'Black British'* com a população branca inglesa.

²³⁴ Giner (1994, 135 e ss.) defende o *modelo neo-corporativo da sociedade industrial* – em contraponto às designações-análises de *pós-industrial, pós-moderna, pós-capitalista, ou de massas*. Para a história do termo «pós-modernidade», ver Reynoso 1992a.

6. IDENTIDADES COM CONTORNOS DE *MODERNIDADE TARDIA*

6.1. Modernidade *Tardia* e Sujeito Social

São três os grandes contornos da dinâmica das instituições na *modernidade tardia*, enquanto contexto pós-tradicional (Giddens 1994a, 1996a):

a) a *globalização* possibilitada, segundo Giddens, pela separação do tempo e do espaço na articulação das relações sociais;

b) a *remoção das relações sociais dos ambientes locais*, através de sistemas periciais e garantias simbólicas – os dois mecanismos de descontextualização focados pelo mesmo autor; e

c) a *reflexividade* – institucional, do *SELF* e da intimidade – pelo uso e pela aplicação do conhecimento na constituição (organização e transformação) da vida social²³⁵.

Por sua vez, os mesmos contornos reconfiguram *sentimentos*, social e individualmente experienciados²³⁶: para a) e b) têm sido destacados a *fé*, a *confiança* e a *segurança psicológica* (individual e grupal), como sentimentos balizados pela *cultura do risco* (Giddens 1994a, 3 e 16 e ss.); para c) – a reflexividade – tem vindo a salientar-se o *pragmatismo*, associado ainda a: i) sentimentos de *dúvida* radical, de quebra da confiança na certeza absoluta do conhecimento, e de desqualificação de múltiplos aspectos do quotidiano; ii) *persistência*, face ao conhecimento pericial, de elementos *esotéricos* (p. ex.: o fatalismo); e iii) o *treino prolongado*, a *especialização* e o *saber* dos actores leigos, resultantes da combinação de i) com ii).

A raiz destes sentimentos mergulha na vontade de *avaliar-prever-saber lidar* com o *risco*; e os mesmos sentimentos também destapam *zonas de risco* não filtradas, ou mesmo «*activamente produzidas*» pelas esferas periciais de acção²³⁷.

Em tal ambiente de *acaso* e de *risco* passam a ser centrais, ao *nível pessoal*, as *questões existenciais*, ou seja, os parâmetros mínimos e básicos da vida do dia-a-dia, concernentes a três níveis da experiência social: 1.^o - à *experiência* de si, dos objectos, dos eventos e da natureza; 2.^o - à *experiência* de si enquanto *natureza reflexiva*; e 3.^o - à *experiência de si-na-relação-com-os-OUTROS*, a qual consiste na possibilidade e na capacidade de observar e interpretar as práticas, as características e as intenções-comunicações dos OUTROS (Giddens 1994a, 42 e ss.)²³⁸.

Num quadro social que criou descontinuidades entre o espaço e o tempo, a *experiência de si como pessoa* só persiste se o indivíduo se reconhecer e *sentir como um EU (SELF) em duração*; quer

²³⁵ Para A. Giddens, 4 vertentes concorrem para a integração da modernidade: o industrialismo; o capitalismo; a industrialização da guerra; e a vigilância de todos os aspectos da vida social. Veja-se também Touraine 1992, 44 e ss.

²³⁶ Sobre a *vergonha* e o *orgulho* como *sentimentos sociais*, e não como as meras *categorias residuais* das abordagens sociológicas (das quais apenas exclui Cooley e Goffman), cf. Scheff 1990, 10 e ss. e 71 e ss. Giddens afasta-se de alguns argumentos deste autor (1994, 56 e ss.).

²³⁷ Cf. Giddens, 1991, 18-19; 25 e ss.; e 97 e ss. Sobre o *risco* e a *imprevisibilidade* da modernidade *avanzada* cf. Rudolf 1995.

²³⁸ Lipiansky (1992) aborda múltiplos componentes destas interacção e dinâmica identitárias da *experiência de si*, em situação de terapia experimental. Também, entre outros, Merlant aborda a situação de grupo como «*lieu d'expérience d'identité*» (1980, 4).

dizer: como uma *identidade histórica e reflexiva, continuada pelo corpo existencial-vivido*, ao longo de uma *trajectória sócio-temporal*²³⁹. Como refere Elisabeth Sledziewski, «*le sujet se structure dans cette incertitude fondamentale, dans cette béance du toujours autre. Etre sujet, ou plutôt le devenir, est partir à la recherche d'un soi qui manque, ou qui ne suffit plus*» (Dubar 1991, 43, sn). A reflexividade do *SELF*, socialmente situada e condicionada, afecta e abrange, pois, corpo, processos psíquicos e comportamento social (1994a, 88 e ss., 97 e ss. e 163 e ss.).

6.2. Identidade: Experiência Social

O indivíduo da *modernidade tardia* não se confina ao modelo da *lógica da integração* da Sociologia clássica – o que implica a *reciclagem* das concepções de *identidade*, de *reflexividade* e de *trajectória*.

Em boa verdade, na abordagem da *modernidade tardia* assomam, desde logo, a responsabilidade e o empenhamento da auto-identidade: «*O self é visto como um projecto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável*» (Giddens 1994a, 67). Ou, segundo Dubet: «*À falta de melhor, poderíamos definir a identidade do sujeito como um empenhamento (...) em modelos culturais que constroem a representação do sujeito*» (1996, 131).

Segundo esta concepção, a identidade forma-se numa trajectória «*de desenvolvimento do passado para o futuro antecipado*», sendo, pois, uma identidade responsável, e simultaneamente *empenhada e distanciada* das participações sociais (Touraine 1992, 361 e ss.). Trata-se de uma *trajectória coerente*, pois decorre da consciência reflexiva que o sujeito tem das fases e do seu tempo de vida, controlados de modo pessoal²⁴⁰. Associado ao conceito de *trajectória coerente* está o de *narrativa e biografia pessoal* como o expoente da efectiva, contínua e penetrante reflexividade do sujeito.

A reflexividade deixa de ser concebida como a mera «*monitorização reflexiva da acção*», ou um mecanismo de «*dissolução do ego*»; ela prolonga-se na consciência corporal e converte-se, deste modo, no «*meio de construir um self diferenciado*» (Giddens 1994a, 69). É que «*Nos ambientes (...) da modernidade tardia, nem a aparência nem a postura podem ser organizadas como dados adquiridos; o corpo participa de um modo muito directo no princípio de que o self tem de ser construído. Os regimes corporais, que também dizem directamente respeito aos padrões da sensualidade, são os principais meios através dos quais a reflexividade institucional da vida social moderna é direccionada para o cultivo do corpo – se não mesmo para a sua criação.*» (1994a, 90).

²³⁹Ver Giddens 1991, 130 e ss. Com outro intuito, mas convergente com Giddens (corpo não é uma mera entidade mas algo que é «*experimentado como um modo prático de lidar com situações e acontecimentos externos*») é a análise de Connerton (1993) sobre a incorporação e a inscrição da memória social.

²⁴⁰Irene Taviss (1969) já reflectira sobre o problema da futurologia – previsão e controle do futuro – e sobre o papel dos valores sociais.

Quanto à *trajectória*, desenha-se na busca da auto-realização ou «*de um equilíbrio entre oportunidades e risco*», moralmente informada pela autenticidade e honestidade do actor para consigo mesmo. E defende-se que a procura dessa auto-realização como autenticidade moral – ainda que o que se busque seja «*uma sensação de que se é “bom”, uma “pessoa de valor”*» (1994a, 71) – leva à *revisão*, pelo actor, da experiência interior. A mesma reavaliação possibilita o confronto do actor com os possíveis perigos e desafios que advenham da distância dos padrões sociais: «*O trabalho reflexivo é tanto mais intenso quanto os indivíduos se acham em situações que não são inteiramente codificadas e previsíveis*» (Dubet 1996, 196). E o autor deduz: «*Ao passo que o actor da integração é um indivíduo moral, que identifica o bem com o interesse colectivo e com a utilidade de cada um, o sujeito é um actor ético porque não aceita esta identificação, porque sabe que o culpado é uma vítima, que o bode expiatório está inocente, que a razão instrumental não é a Razão.*» (1996, 131).

Constata-se que a proposta de Giddens para a *identidade do sujeito* contorna critérios morais universais, incluindo as referências aos outros que participam da esfera da sua intimidade. Logo, a *identidade do sujeito* elabora-se na *trajectória* das «*passagens da vida*», mediante um jogo de risco-oportunidade, de ganhos, de perdas e de lutos. A identidade é a «*linha de desenvolvimento do Self (...) internamente referencial*», construída «*a partir de dentro*», i.e., da subjectividade (1994a, 70-72). E, segundo Dubet, a mesma subjectividade é a «*actividade social gerada pela perda de adesão à ordem do mundo, ao logos*». (1996, 101).

Por isso, a reflexividade expressa – pela *negativa* – a subjectividade e o sentimento de liberdade dos sujeitos. O que, para este estudo das *mulheres-sujeitos em processos de desqualificação e requalificação social*, leva a considerar-se que: «*Ao contrário da imagem heróica de um sentido de liberdade conquistadora, os actores sentem antes esta liberdade em forma de angústia, de incapacidade de escolher, de inquietação quanto às consequências das opções. (...) exprimem-na (...) “negativamente”, denunciando os constrangimentos e os obstáculos (...) aos seus projectos. De modo geral, os actores vivem mais naturalmente a sua actividade na dor que na felicidade, e o desejo de ser autor da sua própria vida é mais um projecto ético que uma realização.*» (1996, 101, sn).

Só que a perspectiva da *reflexividade crítica* não se restringe à fundação da *estrita* identidade como indivíduo.

A *identidade do sujeito* – mulher ou homem; em processos de desqualificação e requalificação social, ou não – sendo individual é social; sendo vivida pessoalmente é sempre uma teia de tomada de posições e o sonhar de projectos sempre relacionalmente enquadrados, i.e., situacionalmente, como sócio-cultural, e historicamente balizados (1996, 130-136). Gallissot reafirma-o, «*l’identité est donc renvoyé à l’interrelation qui désigne et exhibe, valorise ou discrimine, assigne un*

statut et énonce des différences; l'identité n'est pas seulement relative, elle est fondamentalement relationnelle.» (1987a, 7, sn).²⁴¹

A *identidade do sujeito* é, assim, o seu *trabalho-actividade* de organizar e vivenciar a *experiência social*, mesmo quando esta é a *experiência social* da desqualificação (Dubet 1996, 16; 183 e ss.). Isto porque, por *experiência social* entendem-se «*as condutas individuais e colectivas dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos, e pela actividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no próprio seio desta heterogeneidade*». (1996, 15, sn).

Compreende-se deste modo que, em Dubet, a distância subjectiva do sujeito seja a condição para os sujeitos tecerem *Lógicas da Acção* heterógeneas na experiência identitária. Ao articular e conjugar a *lógica da subjectivação* com as clássicas *lógicas* da *integração* e do *conflito*, perde sentido a concepção da acção social como a «*versão subjectiva do sistema*» (1996, 95). E menos cabimento tem falar-se do actor «*totalmente socializado*», porque se entende que a acção dita não-socializada também é «*socialmente definida e construída*».

Em consequência, a *abordagem do sujeito* supera, por extravasão, as dos *actores hiper e hipo-socializado*²⁴², com implicações significativas para a presente análise das *sujeitos-mulheres em processos de desqualificação e requalificação social*. Afirmar que a socialização não é total – distinto de subscrever a ideia de o indivíduo *escapar* ao social – significa perceber que é «*a consequência do dualismo moderno que introduz uma separação do sujeito, do indivíduo e das leis da natureza, criando deste modo o espaço de uma subjectividade*» (1996, 102). E significa, afinal, que a *consciência discursiva e prática* é a *consciência incorporada na continuidade das actividades quotidianas* (Giddens 1994a, 31 e ss.).

Portanto, a subjectividade é a consciência – discursiva e prática – experienciada por *todos* os actores sociais.

Crê-se que todo este CAPÍTULO UM legitima o *olhar* do “*como requalificar?*” nas pesquisas sobre o *trabalho identitário* de sujeitos sociais em processos de desqualificação e de requalificação social, como passa a concluir-se.

²⁴¹ Para Granger (1980, 15) a identidade dos jovens delinquentes afirma-se como *identidade bipolarizada* (simultaneamente negativa e positiva).

²⁴² Boudon e Bouricaud (1994, 527 e ss.) sistematizam a *socialização* nos *paradigmas da interacção e da socialização-condicionamento*.

CAPÍTULO UM – CONCLUSÃO:

IDENTIDADES, NEGOCIAÇÕES MULTIDIMENSIONAIS

Pela análise realizada identificaram-se *três núcleos problemáticos fundadores* da *Sociologia das Identidades*. O do predomínio das abordagens dualistas e dicotómicas, até meados dos anos 50 do séc. XX; o do crescente *interesse* – revisitado nos anos 60, e reforçado desde os anos 80 – pelas diversas lógicas, e pelas competências reflexivas, expressivas, de negociação, decisórias e criativas dos actores sociais face às potencialidades das *situações de relação e interacção* sociais, e face aos condicionalismos dos *contextos sociais* envolventes. E, na sequência deste, o do gradual reconhecimento das competências de subjectivação e inter-subjectivas dos próprios actores, orientadas segundo as várias *lógicas e estratégias de acção*.

1. VISÃO DICOTÓMICA E VISÃO A-IDENTITÁRIA:

CO-RESPONSABILIDADE DA SOCIOLOGIA NAS DUAS LINHAS DE VICIAÇÃO DA ANÁLISE:

Herdeira da reflexão ocidental, a Sociologia introduziu e reproduziu alguns obstáculos à Análise Social – de que se destacou a clássica focalização na *socialização* enquanto *processo de prescrição identitária*²⁴³ como a perspectiva geradora da tradição de visões duais da identidade: i) visão sociologista ou *identidade prescrita* pelos condicionamentos *super-estruturais* e *estruturais* que reduzem os indivíduos a meros *agentes determinados*; ii) visão individualista da *identidade assumida* por actores considerados como *produtores* ou *estrategas racionais da identidade-jogo*, ou da *identidade-encenada* ou, ainda, da *identidade-competição*.

A par da *leitura sociológica dual e dicotómica* constata-se ainda a *dicotomia pessoal/social das análises psicológicas* de forte pendor cognitivista. Ilustrou-se este pelas pesquisas “em vazio social”, veiculadoras da concepção do meio envolvente sem crises nem alterações – a que correspondia uma visão de *pessoa* que tenderia a integrar-se pelo *conformismo* ou pela *criatividade adaptativa* às normas vigentes. É assim que, dos estudos marcados pela convicção positivista da ligação causal entre, por um lado, os mecanismos e o processo de socialização e, por outro, as relações sociais ‘actor-meio’, se ressaltam duas grandes *linhas de viciação da análise*: 1) abordagem dicotómica da identidade, pela oposição indivíduo-sociedade – sobrevalorizando: 1a) quer o *pólo-sistema social*; 1b) quer o *pólo-actor social*; 2) abordagem negativa das identidades socialmente diferentes ou dissonantes – designada aqui como “*visão a-identitária*” das identidades socialmente desqualificadas.

Após a exposição destas duas grandes linhas de viciação da análise, o contributo sociológico

²⁴³ Ver Coiffier *et al.* 1990, 117 e ss.

para o percurso do conceito de identidade – e concretamente para esta pesquisa sobre as *identidades em processos de desqualificação e requalificação social* – poderia acantonar a *postura* da investigadora à atitude fatalista da impossível evasão aos esquemas dicotómicos de análise.

Nada mais restaria senão *gerir o dilema*, podendo ainda, no que respeita às duas vertentes analíticas do primeiro pólo de 1), *sistema social*, desdobrar-se este entre *i*) a análise estrutural e institucional da acção social, mediada pelo processo socializador da integração social dos indivíduos-agentes-actores sociais; e *ii*) a análise conflitual de relações sociais estruturalmente determinadas.

Quanto ao segundo pólo de 1), *actor social*, o *dilema* resultaria também na manutenção da perspectiva do ‘indivíduo’-actor social pois se, no primeiro caso, se trata dos convenientemente sujeitados à socialização *integradora*, na segunda hipótese, os actores são *naturezas* históricas (*ser total*), são a racionalidade colectiva e posicional de classe-em-acção. Portanto, o *indivíduo* não chegaria a ser *sujeito*, antes se restringindo, em alternância, a ser um *indivíduo ora pessoal, ora social*; ou a ficar confinado à *identidade situacional-estratégica*.

Em *última instância*, a abordagem das identidades sociais quedar-se-ia ou por uma opção *objectiva-externa-sociologizante*, ou pela antagónica concepção *subjectiva-interna-singularizante*. Contudo, porque comum a ambas, sobreviveria o *dilema* entre a *visão desvalorizadora* das identidades sociais *dominadas* – em particular, as das mulheres socialmente desqualificadas – ou a *total omissão* das mesmas.

2. IMAGINAÇÃO E ANÁLISE SOCIOLÓGICAS:

MULTIPLICIDADE DO TRABALHO SÓCIO-IDENTITÁRIO DOS SUJEITOS

Tudo isto seria verdade, se: 1.^o se fizessem *orelhas moucas* às contemporâneas práticas – às sociais, como às sociológicas, e 2.^o se aqui não se defendesse que *a ciência* visa superar lógicas e grelhas estéreis.

Qualquer dicotomia – quando formulada a partir de pólos mutuamente exclusivos não apenas por serem reconhecidamente *diferentes*, mas porque *avaliados* como *desiguais entre si* – impossibilita apreender e reflectir sobre os *fenómenos sociais* que são *multidimensionais, complexos* (não necessariamente «complicados»), e *trabalhados sócio-historicamente pelas experiências sociais dos sujeitos reflexivos*. Repita-se: a construção do conceito de identidade, emanando de diversas Ciências Sociais e da inerente transversalidade paradigmática, evidenciou a impossibilidade de uma *herança unidisciplinar*. E, como oportunamente se salientou, desde os anos 80 – a par de simplificações redutoras da identidade a um conjunto *estrito* de traços motivacionais-afectivos, cognitivos, ou culturais – tem-se afirmado a re-conceptualização da identidade em vários domínios das Ciências Sociais.

Neste *terceiro núcleo problemático* destaca-se o trabalho da Sociologia na reciclagem e na actualização das perspectivas Marxista e Compreensiva.

O *duplo estatuto*²⁴⁴ teórico-conceptual e existencial-vivencial da identidade, transborda, pela discussão neste CAPÍTULO UM da multiplicidade de abordagens, num *estatuto múltiplo* teórico-conceptual e, por isso, numa *condição pessoal, subjectiva*, e também *interactiva, intersubjectiva – social*. É que se, hoje, os postulados clássicos da análise sociológica se revelam fragmentados e esvaziados de sentido em alguns dos seus conteúdos, os mesmos também têm sido reabilitados por uma *revisitação crítica*. «*De siècle en siècle, les modernes ont cherché un modèle “naturel” de connaissance scientifique de la société et de la personnalité, que ce modèle soit mécaniste, organiciste, cybernétique où qu’il repose sur une théorie générale des systèmes. Et ces tentatives ont constamment été soutenues par la conviction qu’en faisant du passé table rase on libère les êtres humains des inégalités transmises, des peurs irrationnelles et de l’ignorance.*» (Touraine 1992, 24, sn). Pela mesma *revisitação crítica* tem sido possível revalorizar os contributos que se têm revelado mais pertinentes para a análise sociológica das complexas sociedades contemporâneas.

Na verdade, foram *o olhar e a análise sociológicos* que permitiram esclarecer a indispensável especificidade dos componentes sociais da identidade, mediante reorientações das suas perspectivas em *olhares sociológicos também diversificados*, como se defendeu. Destas orientações resultam como adquiridos para a *Sociologia das Identidades* que

A) as identidades, sendo *dinâmicas* são, incontornavelmente, as *histórias* sociais e pessoais *em construção*;

B) as identidades *permitem a continuidade dos sujeitos individuais e colectivos* – através de aspirações, de práticas, de sentimentos, de ideologias e de categorizações presentificados em vários sentidos, como imaginados e desejados;

C) as identidades *são a produção da vida social*. Ora, a continuidade da produção do social, não se situa *entre* o herdado e o desejado, nem *entre* o social e o subjectivo; nem, muito menos, *entre* o prescrito e o escolhido-desejado. A continuidade identitária não se situa *entre* nenhum desses *marcos* porque as identidades *não são estados*;

D) as identidades *são as teias dos processos relacionais que fundam o paradoxo do ser humano* – apenas *ser e reconhecer-se em, na e pela relação* que é pessoal, relacional e intersubjectivamente *vivida* com o OUTRO; com todo AQUELE-OUTRO que simboliza e afirma os SIMILARES-e-DIFERENTES-OUTROS e participa, de modos diversos, da identidade de todos os seres reflexivos que, só assim, se convertem em SUJEITOS SOCIAIS - como elucidam os 5 seguintes *testemunhos exemplares*.

²⁴⁴ Cf. Taboada-Leonetti 1990, 43.

CAPÍTULO DOIS

O PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA:

ORALITURA E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS EXEMPLARES

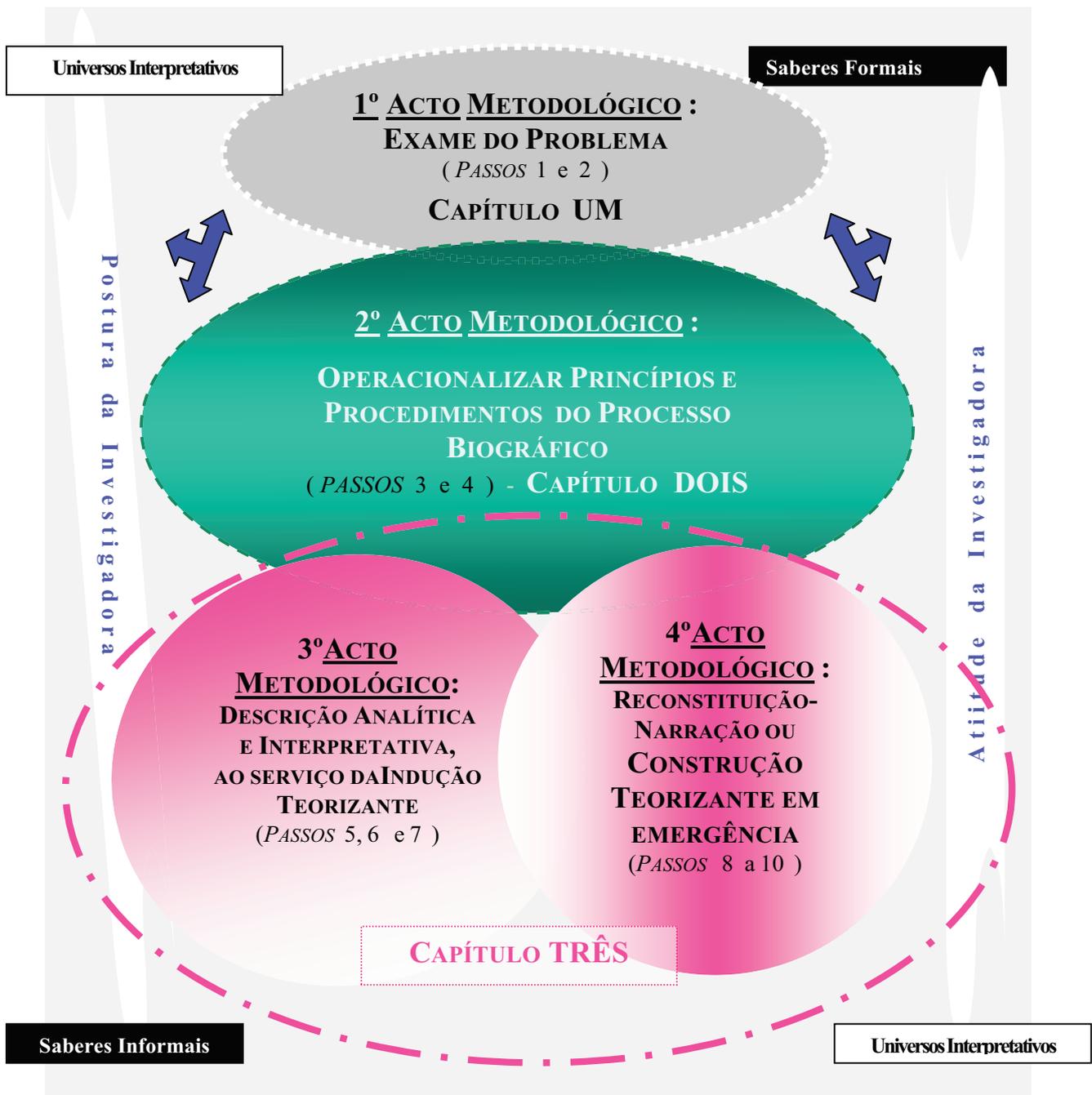


FIGURA 3: MAPA DO PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA:
um caso exemplar de Abordagem Qualitativa Sociológica – 4 ACTOS; 10 Passos

CAPÍTULO DOIS – INTRODUÇÃO: “NO PRINCÍPIO ERA O VERBO”

«Relativiser conceptuellement les éléments d'ordre quantitatifs et qualitatifs (...) ne veut pas dire qu'il y a indifférenciation et interchangeabilité des méthodes quantitatives et qualitatives. (...) Il n'y a pas unité du dispositif méthodologique, dans le sens où la méthode serait «la» méthode, sans plus, pas plus d'ailleurs qu'il n'y a unité de la science. Le rapprochement, voire la confusion entre qualitatif et quantitatif sert parfois malheureusement à cautionner le discours selon lequel la méthode n'entreprendrait qu'un rapport technique avec l'objet de recherche, à savoir que le choix de la méthode ne serait rien d'autre qu'un choix pratique raisonné. (...) proclamer que le choix de la méthode est lié uniquement à l'objet de recherche, c'est ramener les méthodes qualitatives, qui réapparaissent en force depuis plusieurs années, à un dispositif indifférencié à l'intérieur d'une science non problématique et d'un champ non antagoniste. Or si l'analyste en sciences humaines et sociales doit pouvoir demeurer libre de travailler avec des outils les plus utiles pour lui, quantitatifs comme qualitatifs, il doit également savoir que ces outils ne sont pas nécessairement équivalents socialement, indistincts épistémologiquement ou neutres politiquement.» (Paillé e Mucchielli 2003, 22, sn.)

Neste CAPÍTULO DOIS explicitam-se os (7) Passos da *linha metodológica* que compõem os 4 Actos Metodológicos da presente pesquisa²⁴⁵ – Exame do *Problema*, Co-Construção dos *Relatos*, Descrição Analítica e Interpretativa, e Teorização em *Emergência* (Fig. 3). Para tal, organizou-se a sua estrutura em *duas PARTES*. Na 1.^a PARTE – “*Fundamentação do Processo da Pesquisa Qualitativa*”, relativa ao 2.^o Acto – apresenta-se globalmente todo o *processo* da pesquisa (1) e justificam-se os *Métodos* adoptados (2). Ao longo dos sete pontos da 2.^a PARTE – “*Pôr A Sociologia em Acção*” – fundamentam-se as operações metodológicas relativas à *planificação*, *co-construção* dos *Relatos* e sua *Análise* (Passos 2 a 4).

Antes, porém, mencionem-se os *princípios metodológicos* adoptados (Passo 2, 1.^o Acto).

1. AS RAÍZES DA PRESENTE PRÁTICA DE PESQUISA

De que modo a problematização «*dos referentes interpretativos iniciais*» suportou a *Abordagem Qualitativa* realizada (Passo 2 do 1.^o Acto Metodológico)?²⁴⁶

Construída ao longo de 5 contextos Sócio-Teórico-Epistemológicos²⁴⁷, a tradição de dicoto-

²⁴⁵ Recomendam-se os didáctico trabalhos de Quivy e Campenhoudt 1998; Guerra 2006; e de Sampieri, Collado e Lucio 2006.

²⁴⁶ Relativo ao *Passo 1* do 1.^o Acto Metodológico – Exame do *Problema* – cf. Fig. 3; e Paillé e Mucchielli 2003, 45.

²⁴⁷ A saber: 1) de finais do séc. XIV até à Revolução Científica dos séc. XVI-XVII; 2) estes mesmos dois séculos de geminação da *ciência moderna*; 3) o período Positivista até meados do séc. XX, com a afirmação das respectivas correntes e/ou *disciplinas*; 4) desde meados do séc. XIX o *Historicismo*, antecessor da Fenomenologia – centrais na formação da «*corrente epistemológica da abordagem compreensiva*» onde se *enraiza* a *Análise Qualitativa*, e contributos da Etnografia e do Interaccionismo Sim-bólico (Escola de Chicago); e 5) na actualidade, a perspectiva da «*transição paradigmática*» (Santos, 2000) após os debates de finais do séc. XX sobre a “*pós-modernidade*”. Realce-se ainda que, desde meados do séc. XIX, se verifica o protagonismo da *abordagem compreensiva*. o *método compreensivo*, formulado desde 1850 pelo historiador Droysen, seria desenvolvido por historiadores, filósofos e sociólogos (Paillé e Mucchielli 2003, 13 e ss). Sobre as formulações críticas desse *paradigma da ciência moderna* ver as investigações de Boaventura de Sousa Santos desde finais dos anos 80 e as obras de Giddens desde os anos 90. Cf. tb: Wrong 1961; Schrader 1991; Reynoso 1992b; Bergalli e Casado (Coords.) 1994; Gorz 1997; Lipovetski 1994; Rocaet *alli*. 1996. Quanto ao mesmo debate na sociologia francesa, para além das obras de F. Lyotard, cf. ainda Touraine 1992; e Domenach 1995. Sintomáticas da sua importância são algumas edições de divulgação: *p.ex.*, a versão portuguesa de 1997 do livro de Appignanesi e Garratt; e a trad. para português, no ano da edição original, da polémica dinamizada por Sokal e Bricmont 1999. Ver Turato 2003, 149-194; Taylor e Bogdan 1998, 15-27 e 133-187; cf. tb Chizzotti 1991, 7-21 e 75-106; Gutiérrez e Delgado 1994, 41-50; e, ainda, Conde 1994; Ortí 1994; e, por fim, Davila 1994.

mizar o conhecimento em abordagens qualitativas e quantitativas é paralela a outras dicotomias inerentes – nomeadamente a oposição natural/social, ou ciência/senso comum ou, até, ciência/humanidades. Tal dicotomia, postulando que as abordagens quantitativas e qualitativas são irreconciliáveis, recobre a discussão em torno da *neutralidade axiológica*.²⁴⁸

1.1. Interpretação fenomenológica e observação implicada

Na fundamentação da perspectiva compreensiva-qualitativa destacam-se as acusações ao Positivismo, sistematizadas pelo Historicismo, mais propriamente pelo filósofo e historiador alemão Wilhelm Dilthey (1833 † 1911)²⁴⁹. Aquelas levariam à defesa da diferenciação radical entre as *realidades humana e natural*²⁵⁰, baseada na distinção entre os respectivos fenómenos caracterizados por *indicadores, atributos e peculiaridades* exclusivos a cada uma das componentes natural e social e, como tal, concebidos como fenómenos de tipos *opostos*. Daqui, o Historicismo iria derivar um lugar autónomo para as Ciências Sociais (as «*ciências do espírito*» para Dilthey), distinto também quanto ao *método* de estudo – *compreensivo* – que permitiria produzir um conhecimento *analítico* e *discursivo* através da *experiência vivida* do investigador. Induzia-se, assim a «*impossibilidade de uma síntese de todo o conhecimento*» por as correntes de pensamento serem historicamente condicionadas e relativas aos valores e aos sistemas ideológicos, como às próprias formas da existência humana. Consequentemente, sistematizavam-se, ainda, os argumentos centrais da concepção do *investigador* enquanto *sujeito epistémico e social*.

Na sequência da proposta historicista, o Checo radicado na Alemanha, Edmond Husserl (1859†1938) parte do princípio fundador da “*époké*” para gizar a principal base filosófica e teórico-epistemológica²⁵¹ das Metodologias Qualitativas actuais – de que se salienta a noção fenomenológica da “*percepção como fundamento da significação*”: «*Nous devons en effet, pense Husserl, chercher le sens et non pas l’explication, car l’explication cache le sens*» (Paillé e Mucchielli 2003, 14). Posterior contribuinte incontornável é Martin Heidegger (1889 †1976), ao desenvolver o «*método fenomenológico de pesquisa*». Definindo-o enquanto a acção de «*dar a ver*» o “SER” dos fenómenos, aperfeiçoa esta visão radical em torno dos 3 conceitos centrais de “*fenómeno*”, “*logos*”²⁵² e “*cons-*

²⁴⁸ Taylore e Bogdan 1998, Cap. 5, 6; e Lessard-Hebert, Goyette e Boutin 1990 e 1994.

²⁴⁹ Estas quatro acusações, são: 1.^a- de reducionismo da consciência humana, do acto de pensar e das formas de interacção social a processos neuro-químicos do cérebro; 2.^a- de funcionalismo, por sobrevalorizar o funcionamento (forma) dos fenómenos e desvalorizar o sentido (conteúdo) dos mesmos; 3.^a- de empiricismo, por conceber a ciência como causalismo quantitativo; e 4.^a- de evitamentos da subjectivação, da historicização, da *significação*, da simbolização e, portanto, da concepção da *ciência* como *processo imaginativo* – recusada, em absoluto, pelo Positivismo Social de Auguste Comte (1798 † 1857).

²⁵⁰ Blaise Pascal (1954) formulara em 1670 esta concepção dicotómica, mas não hierarquizada como o Positivismo posteriormente define. Este Filósofo, Matemático e Escritor defendia dois métodos distintos e exclusivos para cada realidade: *espírito de fineza* e *espírito geométrico*.

²⁵¹ Salienta-se a sua obra de 1913: As ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica

²⁵² Com a distinção entre *logos* ‘verdadeiro’ e *logos* ‘falso’, Husserl chega à centralidade da Linguagem e da Comunicação.

*ciência imaginativa*²⁵³. E, embora de passagem, há ainda que sublinhar os fundamentos do trabalho etnográfico²⁵⁴ de Bronislaw K. Malinowski (1884 †1942) e de Margaret Mead (1901 †1978) quanto a práticas de pesquisa extremamente valiosas como a *Observação Participante* (nas duas vertentes consagradas pela Metodologia – *Observação-Participação* ou *Participação-Observação*); e do *Diário de Campo*. Estas práticas valorizam o registo metódico das observações, a serem interpretadas na relação com o respectivo contexto.

Os contributos ressaltados vão legitimar a vocação da *abordagem qualitativa* no estudo da *exemplaridade social* (*Métodos Intensivos* e *de Estudo de Casos*), contraposta às orientações dos *estudos representativos* guiados pelo objectivo da *explicação* que, por sua vez, se baseia em indicadores estatísticos, segundo a *lógica causal* de definição e observação dos fenómenos. De tal vocação qualitativa diversificada em diferentes linhas metodológicas destacam-se, por um lado, os *Métodos* assentes na *Observação-Participante* que privilegiam a *vinculação-vivência* do observador ao/ no *contexto* de observação; por outro lado, e directamente útil à presente pesquisa, a *Co-construção de informações* em alternativa aos instrumentos clássicos de *Inquirição*²⁵⁵.

1.2. *Oralitura*: co-construção e análise sociológica de discursos sociais

“*Tout travail de recherche en sociologie est confronté au discours des femmes et des hommes, tout sociologue est confronté à la parole des gens.*” (Dubar e Demazière 1997, 15).

Com efeito, o presente processo propunha-se realizar uma investigação cuja especificidade se afigurava, não tanto pela exclusiva atenção aos discursos orais mas, sobretudo, pelo *modo* de os conceber e abordar. Para tal, era central o campo de estudos da *Oralitura*, construído a partir da especificidade das concepções e formas de abordagem da Linguagem e da Palavra dos sujeitos.

Nas pesquisas sociológicas há diversas concepções de Linguagem e da Palavra expressando, por consequência, distintas perspectivas da acção social, como distintos entendimentos do trabalho de categorização e do lugar da teoria no processo da teorização sociológica. Adoptou-se, no presente processo de pesquisa (Apêndice 2), a sistematização de Demazière e Dubar quanto aos três grandes modos de trabalhar sociologicamente a Linguagem e a Palavra dos sujeitos – as *Posturas de Ilustração*, de *Restituição* e de *Análise* (1997, 15 e ss.).

Trabalhando a *Postura Ilustrativa* pela *descontextualização das informações orais* através da análise transversal dos temas das entrevistas individuais (*p.ex.*: procedimentos fundadores da Análise de Conteúdo); e partilhando, com os protocolos do Questionário Sociológico, a *lógica causal* do

²⁵³ Para o autor, *Consciência Imaginativa* é o que orienta o Sujeito na busca das *significações* e do *sentido*, sempre *no contexto*.

²⁵⁴ *Cf.*, entre outros, Breakwell e Wood 2001; Wilkinson 2001; Taylor e Bogdan 1998, 15 e ss.

²⁵⁵ Adopta-se a *Classificação* dos Métodos e Técnicas por Almeida e Pinto 1995; pelo que, quanto às *Narrativas*, discorda-se da sua classificação como um Método, como se expõe mais à frente neste CAPÍTULO DOIS.

conhecimento e a concepção dos sujeitos sociais como «*actores-depósitos de informação*» (1997, 17 e ss; Poirier *et al.* 1995), não se podia optar, aqui, pela inquirição directiva, dada a sua concepção da linguagem e do trabalho sociológico.

Também três ordens de razões justificam que a presente investigação se tenha distanciado da *Postura de Restituição*: 1.^a - por aqui se recusar a concepção da *transparência* social da linguagem; 2.^a - por aqui se considerar incontornável a justificação dos critérios de categorização para análise das entrevistas de *mulheres-em processos de desqualificação e requalificação social*; 3.^a - por aqui se conceberem estas mulheres como *sujeitos socialmente exemplares*, procurando não incorrer no *obstáculo individualista*.²⁵⁶

Consequentemente, optou-se pela *Postura Analítica* (Apêndice 2), após ajuizar da sua adequação ao presente processo de pesquisa vinculado à Abordagem Qualitativa Biográfica.

1.3. Analisar o social *subjectivado* pelas oralidades reflexivas

Uma vez que a reflexão sociológica reconhece a interdependência entre os pontos de vista teóricos, os processos de levantamento, de tratamento e de análise das informações, e «*as palavras das pessoas*», interessa destacar ainda a leitura que Didier Demazedière e Claude Dubar fazem da *Grounded Theory* como uma “*Sociologie en Acte*” (1997, 48 e ss.).

Da discussão sobre os contributos e lacunas da “*Grounded Theory*”²⁵⁷, reconhece-se a centralidade dos processos indutivos para a teorização sociológica, embora, segundo Glaser e Strauss, tal teorização tanto possa desenvolver-se a partir de ideias (as “*Logico-Deductive-Theories*”) quanto a partir de informações e conteúdos *captados-emergentes* (a *Grounded Theory*). São os procedimentos de investigação que, na busca da “*Grounded Theory*”, possibilitam a passagem da “Teoria Local” (“*Substantive Theories*”) à “*Formal Theory*”, porque não há “uma” teoria pré-concebida (1997, 51). Também nesta dissertação, mais do que em “Teorias”, fala-se em *Problemáticas* como *perspectiva* ou *sensibilidade teóricas*, ou como ‘Quadro’ ou ‘Matriz’ Teóricos «*não colete de forças*»: «*On ne commence pas avec une théorie pour la prouver par la suite. On commence plutôt avec un domaine d’étude et on cherche à faire émerger ce qui est pertinent pour ce domaine.*».²⁵⁸

Seguindo a mesma interpretação de Glaser e Strauss, e por não haver “uma” teoria preconcebida, o trabalho sociológico consiste em identificar e re-categorizar as *categorias não formais* em *categorias formais*. Por isso, o sentido que aqueles autores conferem às *Teorias Emergentes* (“*Generative Theory*”) contempla sempre a sua interacção efectiva com os dados-“*fit*”, de modo a traba-

²⁵⁶ Cf. críticas de *déficit metodológico* aos manuais tecnicistas de metodologia qualitativa, por Demazedière e Dubar (1997, 15 e 67).

²⁵⁷ A linha de raciocínio dos autores expressa-se em 3 argumentos-chave: 1º. - A Teoria é a meta das investigações empíricas (pp. 49-51); 2º. - A Teoria é produzida por indução (pp. 51-53); 3º. - A Teoria resulta da Análise Comparativa dos dados empíricos (pp. 53-60).

²⁵⁸ Corbin e Strauss 1990, 23 *cit.* In Demazedière e Dubar 1997, 49.

lhá-los fecundamente -“work”: «*La Théorie n'est donc ni une simple “mise en forme” des données, ni une entité extérieure et “surplombante”. Elle est le produit des transformations successives des données par le travail de recherche.*» (1997, 50).

Adequando ao presente processo de pesquisa a explicação por Demazière e Dubar do percurso da descoberta de *homologias estruturais*, considera-se que o conhecimento sociológico é conduzido por procedimentos indutivos (como *procedimentos de teorização*). Estes, permitem passar, primeiro, das categorias *emergentes* (os “*dados*” - 1997, 8) às categorias *conceptuais* (as “*categorias*” - 1997, 8) – i.e.: *da linguagem quotidiana-vulgar até à linguagem do investigador*; e posteriormente, destas, até culminar o processo de conceptualização e abstracção nas categorias (*abstractas*) ou “*propriedades formais*” (1997, 8). A teorização sociológica desenrola-se então, e necessariamente, através de um *processo sistemático e contínuo de análise comparativa* das informações; este, ao abranger as 3 operações básicas de levantamento das informações, sua codificação e/ou categorização e sua análise (1997, 54), contempla as relações entre linguagem e simbolização. Mas, acrescentam os autores, é imprescindível que os investigadores explicitem que *Postura* adoptam, na sua *análise comparativa*²⁵⁹, quanto às relações “*entre la catégorisation des gens qu'ils interrogent et la catégorisation sociologique.*” (1997, 67).

Também a presente pesquisa se vincula a este entendimento do lugar da teoria no processo de construção do conhecimento, assim como à reformulação que a *Abordagem Qualitativa* tem trazido para o *tópico* ‘categorização e linguagem’.

Com efeito, ao longo da atenta análise das tradições *ilustrativa* e *de restituição* (e respectivos procedimentos de categorização e teorização), concluiu-se que só a *Postura Analítica* permite solucionar três problemas inventariados por Demazière e Dubar (1997, 80 e ss.) como “heranças” da *ilustração-restituição* e que formulam na interrogativa:

1.^o – Como se faz “a passagem” das categorias *naturais* às categorias *teóricas*?

2.^o – Como “se separam” estes tipos de categorias, para poder confrontá-las comparativamente? e, finalmente,

3.^o – Como “se comparam” tais tipos de categorias para se aceder à interpretação sociológica?

Através da Teoria da Linguagem que Ernest Cassirer nos legou; através da concepção *dos processos inferenciais de categorização* (1997, 73); assim como da revisão crítica pelos sociólogos

²⁵⁹ Demazière e Dubar apontam como grande lacuna do trabalho dos sociólogos em geral, extensível a Glaser e Strauss, a não explicitação da *Postura* adoptada. Depois (1997, 68 e ss.) abordam as duas tradições filosóficas da categorização – a paradigmática, concepção Kantiana; e a da função representativa, Aristotélica – e evidenciam a oposição estruturalistas/etnometodólogos, desde os anos 60-70.

da tipologia das 3 categorias, obtém-se o seguinte *esclarecimento*: a categorização da realidade é um «*processo interno à linguagem*» pela qual construímos o mundo quando o expressamos (1997, 81). Logo, os 3 problemas acima formulados não podem derivar-se deste *esclarecimento*, porque decorrem de *outra lógica* segundo a qual *linguagem*, ‘*realidade*’- ‘*mundo*’ e *categorias* são, em si mesmas, *realidades distintas que obrigam à ruptura epistemológica* (diferentemente justificada em cada uma das três *Posturas* em causa).

Ora, o *esclarecimento* segundo o qual a categorização da realidade é um «*processo interno à linguagem*» pela qual construímos o mundo quando o expressamos (1997, 81), provoca a Demazière e Dubar uma questão que seria inadmissível, porque inconcebível, para as outras *Posturas*: Porque é que “*tem que haver*” ruptura epistemológica?

Ou seja, Demazière e Dubar, *dão-nos a ver* (no sentido fenomenológico da expressão) que o trabalho de análise e interpretação sociológicas *não tem* que operar por ruptura epistemológica²⁶⁰, desde que sejam tomados em consideração os seguintes princípios (1997, 80 e ss.; e 325 e ss.): *A) a categorização dos sujeitos sociais* – por constituir “*um mundo simbólico estruturado*” (1997, 181) – *é para “ser levada a sério”* pelos sociólogos, e não para servir de *ilustração* ou *substituição* das suas tarefas; *B) o trabalho sociológico é analítico*, pois só pela análise se obtém quer “*a*” *compreensão*, quer “*a*” *explicação*. Como tal, é uma tarefa que visa “*pôr em relação*” as diferentes ordens categoriais – relacionar as categorias entre si, e relacionar aquelas com os respectivos contextos; e, isto, independentemente de as categorias visarem resultados *representativos* (abordagens não qualitativas) ou *significativos* (abordagens qualitativas). Portanto, o trabalho sociológico (1997, 82) é uma tarefa de *transformação progressiva* de (um tipo de) categorias (noutro tipo) – é um ofício “*de revelação*” (Paillé e Mucchielli 2003, 178); *C) o trabalho sociológico deve (continuar a) precaver-se da invasão de categorias*: quer da invasão das categorias “*oficiais*” pelas “*naturais*”, quer da invasão das suas próprias categorias (“*sábias*”) pelas “*oficiais*”. Este princípio faz um profundo eco e tem sintonia plena com o argumento em que atrás se fundou o abandono da “*pré-noção pobreza*” pela *Problemática* dos processos de desqualificação e requalificação sócio-identitária.

Deste modo, procurou aplicar-se à própria componente metodológica desta pesquisa, os ensinamentos formulados por Paillé e Mucchielli para a construção de uma *Problemática* de pesquisa (2003, 17). Nestes princípios fundou-se a busca da coerência metodológica – quer na escolha dos Métodos e Técnicas, quer na operacionalização dos procedimentos metodológicos – que há que fundamentar.

²⁶⁰ Afirmção não consensual pois que Sousa Santos (1988), entre outros autores, defendem a «*dupla ruptura epistemológica*».

1.^a PARTE: FUNDAMENTAÇÃO DO PROCESSO DA PESQUISA QUALITATIVA

“En physique des particules comme en phénoménologie de la connaissance, on a montré qu’il est impossible d’isoler une entité en dehors de son champ interactionnel ou expérientiel, dont fait évidemment partie l’observateur lui-même. On ne peut appréhender un objet qu’à travers son rapport à d’autres objets et sa saisie dans l’acte de conscience d’un sujet. L’observation est par définition une interaction avec un objet qui se présente lui-même à l’intérieur d’un rapport interactionnel. Bien qu’il ne soit pas toujours possible d’identifier la nature des relations entre certaines entités, il semble que le lien soit toujours là d’une certaine façon. Le lien, il faut le découvrir, l’exploiter, éventuellement le généraliser et mettre en place un travail de théorisation.» (Paillé e Mucchielli 2003, 181, sn.)

No CAPÍTULO UM da dissertação – inerente ao *Passo 1* do 1.^o Acto Metodológico – por um lado, especificaram-se as *raízes teórico-conceituais*, a *perspectiva* da pesquisa, e as respectivas *implicações epistemológicas*; por outro lado, através da articulação de tais componentes da pesquisa, fundamentou-se a opção pela *abordagem qualitativa* – *Passo 2* do 1.^o Acto Metodológico; e, por último, elucidou-se que a mesma opção levou a focalizar este estudo na *exemplaridade* de casos sociais, através de *discursos orais*. Pelo que é dos conteúdos relativos aos outros três Actos Metodológicos (Fig. 3) que trata, agora, este texto.

Os dois Métodos²⁶¹ em que assenta a presente pesquisa são o *Método da Escrita como Prática Analítica*, e o *Método de Estudos Intensivos* eleito como o *Método Geral* do processo. A análise qualitativa foi concretizada através dos três grandes níveis de realização do *Método da Escrita como Prática Analítica*, principalmente nos dois últimos Actos Metodológicos (Paillé e Mucchielli 2003, 103 e ss.). Os mesmos níveis de trabalho, respeitando às operações mais complexas de entre todas as realizadas, representam as que ocuparam mais tempo do trabalho da investigação.

Nesta *pesquisa intensiva*, também se pôs em prática o instrumento de levantamento das informações empíricas designado tradicionalmente por *Inquirição Sociológica*²⁶². Mas, em consonância com os fundamentos teórico-epistemológicos expostos, trabalhou-se a técnica (conjunto de procedimentos e operações de construção das informações orais) da *Entrevista Aberta e em Profundidade*, seguindo os procedimentos da *Biografia Indirecta Cruzada* (Poirier *et al.* 1995, 91 e ss.).

Essas Entrevistas foram Não-Estruturadas, quanto aos critérios de abordagem e aos itens e, quanto ao estilo do contrato comunicacional e da relação entrevistadora-entrevistada²⁶³, adoptou-se a Não-Directividade e a Semi-Directividade (em função das competências discursivas daquelas).

Deste modo, procedeu-se à co-construção de Testemunhos de Vida dos processos de desqualificação e requalificação social de 31 Mulheres.

²⁶¹ De forma global, distingue-se aqui Método(s) de Técnica(s), de entre as várias definições por Lakatos e Marconi (1995, 39).

²⁶² Sobre a especificidade-autonomização dos instrumentos qualitativos de ‘co-construção’ (e não, ‘de recolha’) das informações *cf.*: Breakwell 2001, 238 e ss.; Delgado e Gutiérrez (Coords.) 1994; Marconi e Lakatos 1990; Grawitz 1990; Ghiglione e Matalon 1993; e Foddy 1996.

²⁶³ Sobre a relação entrevistador-entrevistado, e a ambiguidade do critério de não-directividade das entrevistas, *cf.*, entre vários: Foddy 1996; Ghiglione e Matalon 1993; Grawitz 1990; Poirier *et al.* 1995; Haguette 1990, 75 e ss.; e Demazière e Dubar 1997, 87.

Para a concretização do *estudo exploratório*²⁶⁴ *intensivo*, recorreu-se ainda à *tematização* e à *categorização* – segundo um ponto de vista crítico da Análise de Conteúdo²⁶⁵ – entendendo-as como instrumentos (técnicas); com efeito, consistem em conjuntos de procedimentos para identificar, seleccionar, classificar e, desse modo, permitirem a análise e interpretação das Unidades de Análise do *corpus*, sempre vocacionadas “por” ou “para as” *Problemáticas* de pesquisa. (Guerra 2006). Tal classificação não dispensou de fundamentar as escolhas metodológicas buscando o rigor e a coerência em 3 níveis: i) relação entre a escolha dos Instrumentos e a focalização possibilitada pelos Métodos eleitos; ii) relação entre escolhas Metodológicas e *Problematização-utensílio* da pesquisa; iii) relações entre princípios epistemológicos subjacentes – internamente e na articulação Problema/ Metodologia.

Por razões de clareza expositiva, esta 1.^a PARTE é subdividida em dois pontos. Começa-se por expor genericamente todo o processo (1.), explicitando-se ainda os 4 Actos Metodológicos (1.1.) cuja sistematização permite expor e identificar as sucessivas fases da dinâmica analítica e reflexiva, bem como a sua interligação. Depois (2.), aprofundam-se os modos de aplicação da *Escrita como Praxis Analítica*. Para já, atente-se no esquema geral, ou *esqueleto*, da pesquisa.

1. ESQUELETO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A apresentação deste *esqueleto* visa expor o processo metodológico segundo os critérios seguintes: 1.º- que os Actos, os *Passos*, os procedimentos e as “Etapas” referidos, embora correspondam a graduais progressões na diacronia de construção da pesquisa, foram realizados mediante vaivéns: retrocessos e avanços reformuladores; 2.º- que, tratando-se do esqueleto de um *processo de análise qualitativa em emergência*, este não foi linearmente desenrolado, nem planificado de modo *exógeno* ao seu próprio desenvolvimento; e 3.º- que as tarefas relatadas se reportam ao trabalho relativo aos 2.º, 3.º e 4.º Actos Metodológicos (Fig. 3).

Ao partir dos fundamentos Weberianos e Fenomenológicos da *abordagem qualitativa* para *analisar e interpretar* as informações e a comunicação relacional tinha de vincular estas ao *contexto* onde fazem sentido: o «*sentido da acção é impensável fora de uma expressão linguística coerente ou conceptual, que se manifesta com a sua atribuição semântica*» (Le Huu Khoa 2000, 108). Como tal, enveredou-se por dois Métodos de Pesquisa Qualitativa: um, genérico, clássico – Método Intensivo

²⁶⁴ Para distinção entre estatutos de pesquisa *exploratório*, *descritivo* e *analítico*, cf. Triviños 1990, 109 e ss.; e Chizzotti 1991, 27.

²⁶⁵ Ao aplicarem-se, fenomenologicamente, estas técnicas (Paillé e Mucchielli 2003, 129 e ss.), a presente pesquisa «*contextualista*» (2003, 25-26; 45) afasta-se, entre outras, da Análise Temática pela Análise de Conteúdo, e da Análise Estrutural, de modo a não reproduzir procedimentos que se afiguram mais reducionistas (2003, 98), porque «*textualistas*» (Alonso 1994). Da Análise Estrutural (Demazière e Dubar 1997) refira-se que foi fundada pelos linguistas estruturalistas, em particular: Ferdinand de Saussure (iniciador da Linguística e pioneiro da Semiologia); Roman Jakobson (o ‘poeta da linguística’, criador da Teoria das Funções da Linguagem); e Charles Sanders Peirce (inventor da Semiótica ou Teoria Geral dos Signos); ainda são marcantes as aplicações dos princípios destes autores aos fenómenos culturais pela obra de Lévi-Strauss; como os contributos da análise de textos literários por A. J. Greimas e por Roland Barthes (1997).

de Estudo de Casos²⁶⁶; outro, complementar, específico, o Método da Escrita como Praxis Analítica, que se confirmou ser «*une avenue intéressante d'analyse et intervention*» qualitativa (2003,101).

Também quanto à sucessão das fases da *análise qualitativa* consideraram-se criticamente alguns conteúdos da bibliografia metodológica.²⁶⁷ Tendo que construir a *categorização processual* desta pesquisa, revelaram-se úteis os entendimentos, por Paillé e Mucchielli (2003, 83) e por Bardin (1991), do processo de constituição do *corpus de análise* na própria dinâmica metodológica. Mas, ao invés de Bardin²⁶⁸ e de Demazière e Dubar²⁶⁹, não se entendeu aqui essa tarefa como “Pré-Analítica”.

Porquê? Porque se todo o conhecimento científico é construído e planificado, as tarefas de planificação e organização de *qualquer* pesquisa afiguram-se aqui como momentos metodológicos fundamentais, independentemente do estilo da pesquisa (“qualitativa”, “quantitativa”...) e do seu *estatuto* ou alcance. Com efeito, a constituição do *corpus* de análise consiste num dos processos-chave para o investigador delimitar o seu campo de observação-e-análise, pela selecção empírica de informações profundas dos fenómenos sociais. No caso da *abordagem qualitativa* considera-se que a delimitação do *corpus* é, assumidamente, uma das actividades centrais de *busca de sentido* (o sentido da investigação) *no contexto*; pelo que não se considera “prévia” à análise, como se evidencia pela apresentação dos Actos e Passos metodológicos.

Actos, Passos e Procedimentos

Operacionalizou-se o processo analítico do 2.º até ao 4.º Acto Metodológicos, através dos Passos e procedimentos que se passam a examinar.

2.º Acto Metodológico – Operacionalizar Princípios e Procedimentos do Processo Biográfico²⁷⁰ (Fig. 3): reportou-se quer ao *Passo 3* de selecção de critérios e princípios metodológicos para a elaboração do *Guião-lembrete*; quer ao *Passo 4a* (1.ª a 5.ª Etapas); e ao *Passo 4b* (6.ª Etapa) de Construção dos Relatos Biográficos.

3.º Acto Metodológico – Descrição Analítica e Interpretativa, ao serviço da Indução Teori-

²⁶⁶ Sobre este Método, cf., entre a vasta bibliografia especializada: Deshaies 1997; Esteves 1998; Taylor e Bogdan 1998; Feneira *et al.* 1995; Giddens 1994b; Guerra 1991; Lewis 1971 e 1979; Hoggart 1975; Geertz 1978; Grawitz, 1990; Lakatos e Marconi 1991; Chizzotti 1991; Quivy e Campenhoudt 1998; Bravo 1988; Oliveira *et al.* 1992.; e as importantes obras de Camilleri *et al.* 199b; e de Delgado e Gutiérrez (Coord.) 1994.

²⁶⁷ Para organizar este Capítulo foram muito elucidativas as obras de Paillé e Mucchielli, 2003; e de Demazière e Dubar, 1997. Quanto ao processo da pesquisa, saliente-se o didactismo do manual de Quivy e Campenhoudt 1998.

²⁶⁸ Para Bardin (1991) há 3 momentos na organização da análise: 1.º - Pré-Análise e Preparação do Material (pp. 95-103); 2.º - Exploração do material (Unidades de Registo e de Contexto) através de operações de recorte; de enumeração; e de (classificação-agregação para) categorização - pp. 103-133); 3.º - Inferência (pp. 133-143). E, para a autora, a Pré-Análise supõe «*três missões*» (pp. 96 e ss.): da leitura flutuante dos documentos decorre i) a escolha do género de documentos (*universo*) e ii) a posterior delimitação do *corpus* específico a analisar, em consonância com iii) a formulação de Objectivos e Hipóteses de Exploração, Análise do material, e construção de indicadores e índices. Cf. ainda a sua abordagem de 6 Técnicas específicas de Análise de Conteúdo (pp. 153 e ss.).

²⁶⁹ Cf. diferenças nas apresentações da Análise Estrutural por Paillé e Mucchielli (2003, 83) e por Demazière e Dubar (1997, 128 e ss.).

²⁷⁰ Sobre as Narrativas, para além da Obra de Pierre Bourdieu, salientam-se os trabalhos de Poirier *et al.* 1995; Esteves e Azevedo (Eds.) 1998; Santamarina e Marinas 1994; Guth (Dir.) 1994; Lyons 2001; Wilson e Hammond Sean 2001; e Chizzotti 1991.

zante: consistiu na realização das primeiras abordagens do *material oral* – sua passagem à forma escrita e primeiras análises verticais – desdobrando-se nos *Passos 5 a 7*²⁷¹. O *Passo 5*, de Transcrição-Tradução das gravações das entrevistas, abrangeu as 7.^a e 8.^a Etapas, operações metodológicas centrais para elaborar o 1.º Texto Escrito de cada uma das 31 entrevistas. No *Passo 6* - Transposição-Rearranjo – iniciaram-se os procedimentos analíticos em torno dos 1.^{os} Textos Escritos: *Leituras Atentas* e *Anotações* para viabilizar o trabalho em três frentes: *descrições analíticas* daqueles documentos (*Passos 6a e 6b*); *delimitações do material* para a constituição do *corpus*²⁷²; e operações propedêuticas da *construção teorizante* (*Passo 6c*). Para estas intervenções no *material* o Método da Escrita como Praxis Analítica já começou a revelar-se muito operativo. Nesta fase do trabalho constatou-se ter em mãos *relatos* cujas potencialidades discursivas apelavam a distintas *estratégias interpretativas*, face ao que foram tomadas algumas decisões e se orientou o trabalho analítico.

4.º. Acto Metodológico – Reconstituição-Narração: a *Construção Teorizante em Emergência* (2003, 35) congregou tarefas e operações vocacionadas para a gradual tradução das categorias “comuns” e “oficiais” em categorias “sociológicas”. Correspondendo aos *Passos 8 e 9*, desenrolou-se através de 7 operações de indução analítica que culminaram na escrita dos *Enunciados Fenomenológicos Finais* e na construção dos *Esquemas Interpretativos aprofundados*.

Após esta visão global do *processo*, há que explicitar os Métodos que o dinamizaram.

2. MÉTODOS E MÉTODO ESPECÍFICO ADOPTADO: A ESCRITA, PRAXIS ANALÍTICA

De entre os diversos *Métodos de Análise Interpretativa-Compreensiva*²⁷³, optou-se pelos *Métodos de Análise Qualitativa por Contextualização*²⁷⁴ e, de entre estes, foi basilar na orientação desta pesquisa o *trabalho de escrita enquanto modo de análise qualitativa em emergência*.

Escrita: *trabalho* e *actividade relacionais*

Todos os que escrevem, por razões de pesquisa ou por outras, sabem, por experiência, que a prática de exteriorizar pensamentos, raciocínios, hipóteses, pistas, ou até ideias sem aparente nexos – no papel ou no ecrã do computador –, é uma *actividade relacional a vários níveis*.

Trata-se, antes de mais, da relação de *quem* escreve consigo mesmo (elaboração, reelabora-

²⁷¹ A diferenciação e designação destes *Passos* baseia-se na perspectiva e na terminologia de Paillé e Mucchielli 2003, 103 e ss.

²⁷² Em consonância com os motivos e argumentos já expostos, quanto ao ‘lugar’ da constituição do *corpus* nas etapas não prévias do processo de pesquisa, neste 3.º Acto reconfiguram-se três grandes momentos da Análise Estrutural segundo Demazière e Dubar, e reclassificam-se as tarefas que estes consideram preparatórias e que, em Bardin (1991), são pré-analíticas.

²⁷³ Paillé e Mucchielli (2003, 54 e ss.) classificam cinco Processos Compreensivos: Investigação das Formas; Processos de Contextualização; Processos de Reconhecimento do todo pela parte; Processos de Tipificação; e Investigação (por busca) das Analogias.

²⁷⁴ Cf. desenvolvimentos In Paillé e Mucchielli *Op. Cit.*, Cap. 5, 79 e ss.

ção dos conteúdos), e com o meio pelo qual exterioriza a escrita.²⁷⁵ Mas como *quem escreve* se constrói por transacções sócio-identitárias – e, como tal, está focalizado em determinados registos de escrita – *o que* se escreve varia consoante o conteúdo em questão, os destinatários e o objectivo *por que* se escreve. Também interferem os *domínios éticos, normativos e de saberes* envolvidos, pois remetem para diversos *níveis de linguagem e “pacotes” vocabulares*, ao implicarem diversas *redes de conhecimento e informação*. Por outro lado, todos estes ingredientes obrigam a distintas *estratégias retóricas e discursivas* decorrentes de variadas *operações cognitivas, afectivas e expressivas*, de diferentes *competências*, e de distintos *saberes e processos lógicos* e de conhecimento. Assim, e pensando só nos territórios da investigação e do ensino, é muito diferente escrever um artigo, um *poster* ou um relatório, científicos; um plano ou sumário de aula; um esquema sistemático de leccionação de conteúdos – acetato ou *power-point*; ou um texto que se destine a uma dissertação académica.

Todas estas (e outras) formas de escrita estão subjacentes às práticas de quem ensina e investiga. Pelo que pode parecer aceitável, se não óbvio, afirmar-se que **a escrita é uma praxis de análise**; mas já será mais difícil reconhecer-se e fundamentar-se – como fazem Paillé e Mucchielli – que, enquanto prática de análise, a *escrita* seja um **método** e, especificamente, um método **da análise fenomenológica qualitativa**: «*L’analyse à travers l’écriture directe, quelle que soit la modalité, correspond en fait à la logique d’analyse réelle de plusieurs chercheurs, laquelle est malheureusement tue ou occultée au profit d’une logique reconstruite pour le bénéfice des revues scientifiques ou des ouvrages académiques.*» (2003, 101).

Na sistematização dos mesmos autores (2003, 103 e ss.), a escrita é o *caminho* pelo qual se *transcrevem* informações (orais) dos actores sociais para, posteriormente, serem *apropriadas, desconstruídas e reconstruídas* pelos investigadores – as 3 tarefas delicadas da transposição dos discursos –; e para, finalmente, serem *reconstituídas* sob a forma de categorias conceptualizadoras.

Portanto, para além de um meio de comunicação, concebe-se a escrita enquanto *acto criativo* apresentando, a mesma, vantagens específicas quando se trata de pesquisas qualitativas. De facto, pela «*fluidez e flexibilidade*» da escrita, esta orienta-se para uma «*análise viva*» que possibilita «*estabelece[r] com os dados uma relação marcada pela homologia*» (2003, 104 e 105, trad. n.).

Ora, só se assume que um tal trabalho pode ser organizado como uma prática de *análise em emergência* – ou seja, só se reconhece que a escrita não espontânea, *i.e.*, a que respeita uma plêiade de imperativos, é um método de trabalho – se o problema da *validade* do mesmo for formulado de um ponto de vista “outro”. O que significa entender *a)* que o trabalho analítico não tem menor validade

²⁷⁵ Outros factores são, *p.ex.*: condições de luz, temperatura, ruído, e ambiente em geral; atitude face à escrita (voluntariamente, por prazer/ por coerção?); disposição psicológica (escrever ‘pesa’ e ‘bloqueia’, ou ‘alivia’, descomprime e liberta)? relação a fontes, dicionários e enciclopédias? relação a autores (conhecem-se?) citados ou conhecidos? etc.

por ser gerado pela escrita, já que todos os outros modos de trabalho «*mais clássicos e aparentemente mais sistemáticos de codificação, classificação e denotação*» garantem a sua validade não “pelo” código, “a” tabela ou “a” rubrica *em si*, mas pelo respectivo valor hermenêutico; e b) que o valor dos mesmos procedimentos advém igualmente da escrita, mesmo que ela esteja em segundo plano: «*la validité quelle que soit l’approche retenue, dépend plus du travail de nature discursive et textuelle que du travail de classement, mise en colonne ou rubriquage.*» (2003, 102, trad. n, sn.).²⁷⁶

Pela argumentação aventada, não se encontraram impedimentos metodológicos para, na presente pesquisa, tornar este método na “lanterna” da análise, em articulação com outros procedimentos (2003, 108) facilitadores da transposição das informações. O caminho que possibilitou a emergência de temas, rubricas e categorias, e que também permitiu *identificar, abandonar ou rever critérios-utensílio* prévios – pois não se assumiu a *Postura Ilustrativa* – esse caminho-método foi o da escrita como *prática de análise qualitativa*.

Fez-se este caminho, recorrendo a *duas formas da escrita como prática de análise* – escrita *descritiva* e escrita *analítica* – como passa a justificar-se:

1 - a escrita *descritiva* «sert de support à la reconstitution plus ou moins détaillée des actes, événements et expériences rapportés à l’intérieur du corpus à l’étude.» (2003, 105). Esta primeira forma guiou e gerou, predominantemente, as operações dos *Passos Metodológicos 6*, no 3.^o Acto, que evoluíram *i)* desde interrogações, e correlativos procedimentos da investigadora, orientados para destacar os aspectos significativos da *diacronia da acção relatada*; e para evidenciar os *intervenientes e factores* relatados; *ii)* até interrogações, e correlativos procedimentos da investigadora, problematizadores das *relações* entre esses *dois eixos discursivos*.

2 - a escrita *analítica* caracteriza o salto qualitativo da pesquisa pois «*déborde de la stricte description pour prendre la forme d’essais plus conceptuels, se situant à una certaine distance du corpus analysé (...) pour une recherche par récit de vie (...) étant entendu (...), que l’écriture analytique s’élabore normalement à la suite d’un examen descriptif des données*» (2003, 106). Esta segunda forma guiou e gerou as operações do 4.^o Acto Metodológico (*Passos 8 a 9*) para *i)* a interpretação transversal do *corpus*, e *ii)* a inerente teorização da problemática observada. Mas a mesma já tinha sido *significativamente* fértil nos anteriores *Passos 6c e 7*, do 3.^o Acto, como cumpre reconhecer: «*L’accent est ainsi mis au départ sur l’examen attentif des données initiales, mais à mesure que l’analyse progresse, l’écriture traite de plus en plus des ressemblances, des recurrences, des processus transversaux, de la logique d’ensemble.*» (2003, 108).

²⁷⁶ Destacam-se 6 imperativos: enraizamento, exaustividade, justiça, comunicabilidade, conservação e trabalho relacional (Paillé e Mucchielli 2003, 28 ess). Cf. tb a distinção entre *análise em emergência/análise de reconhecimento* (2003, 156)

Resta notar que, ao percorrer este caminho pela *escrita* como *método de análise*²⁷⁷, se procurou sempre garantir o rigor metodológico, fazendo apelo ao *bom senso* em todos os momentos do processo, ou seja: 1) na leitura e interpretação do *sentido* dos discursos *relatados*; 2) na passagem à forma escrita do *sentido interpretado*; 3) na *reformulação* dos sucessivos enunciados e textos redigidos; e 4) na articulação e exposição dos *textos analíticos* finais.

Tal atitude advém da consciência de que «notre rayon d'action conceptuel propre (...) est forcément limité. Le doute, l'humilité et le réel sentiment de la relativité des choses sont les caractéristiques les plus importantes à cette étape, et elles valent bien tout l'arsenal des 'critères de scientificité', sous la protection desquels se réfugie, parfois, une analyse manquant de solidité.» (2003, 198).

Recomendando a sistematização de Paillé e Mucchielli (2003) – pela dignificação do valor heurístico da actividade da *escrita analítica* que, sendo certamente comum a muitos investigadores, não tem sido convenientemente fundamentada e, muito menos, justamente reconhecida – passa-se a clarificar o modo como se operacionalizaram os princípios e escolhas metodológicos específicos.

²⁷⁷ Partindo da tripla classificação da escrita - *descritiva*, *avaliativa* e *analítica* - de Paillé e Mucchielli (2003, 105 ess.).

2.^a PARTE: PÔR "A SOCIOLOGIA EM ACÇÃO": O PROCESSO BIOGRÁFICO

«Nous devons apprendre, en tant que collectivité de recherche en sciences humaines et sociales, à mieux travailler avec les matériaux qualitatifs, à envisager même sans compromis (...) l'analyse qualitative. Il ne s'agit pas d'adhérer à une nouvelle mode, mais de faire l'expérience en profondeur d'un type de démarche qui obéit à ses lois propres, évolue à l'intérieur d'une logique qui lui est particulière et réalise un rapport à l'objet et au sujet qui la marque jusque dans ses moindres gestes.» (Paillé e Mucchielli 2003, 23).

Após apresentar o *esqueleto* do processo, ao longo desta 2.^a PARTE vão pormenorizar-se os procedimentos e operações metodológicos centrais, tais como: Tipo de abordagem biográfica (1.); elaboração do Guião de entrevista (2. e 3.); planificação e Co-Construção dos Relatos (4. e 5.); fundamentos dos tipos de Manipulações e Anotações do *Corpus*; operações de Tematização e Categorização (6. – 3.^o Acto); indo culminar no trabalho de Construção Teorizante (7. - 4.^o Acto).

1. QUE TIPO BIOGRÁFICO ? (2.^o ACTO, PASSO 3)

Para a *Abordagem Biográfica*²⁷⁸ foram determinantes as pesquisas sobre migrantes, quer em contexto americano (anos 20 do séc. XX), quer em contextos tradicionais das sociedades europeias (anos 50). Esta linha de trabalho originaria a autonomização de Psico-Biografias e Etno-Biografias, a par da Problemática abrangente da *Orality* (Alonso 1994; Santamarina e Marinas 1994). Face a esta tradição, ponderou-se que os relatos a construir não se incluíam exclusivamente em nenhum desses dois tipos.

A *Abordagem Biográfica* visada devia centrar-se na “pessoa” – orientação epistemológica partilhada pelas Psico-Biografias e Etno-Biografias (Poirier *et al.* 1995: 29). Contudo, a) por um lado, “a pessoa” era concebida nesta pesquisa, como *sujeito social do género feminino* – por argumentação crítica às abordagens vazias e neutras socialmente e, em particular, quanto ao género; b) por outro, concebia-se “a pessoa” segundo o critério de *exemplaridade social* dos processos de desqualificação e requalificação social – aproximando-nos, pois, das Etno-Biografias.

O objectivo visado também nos afastava das Psico-Biografias – não se pretendia analisar nem estudar a *personalidade* das entrevistadas – para nos aproximar do interesse Etno-Biográfico em captar os conteúdos sociais emergentes do discurso singular de sujeitos sociais não concebidos como *espelho* do contexto sócio-histórico da sua vida (1995, 29). Ao mesmo tempo, não era descartável para esta pesquisa a atenção aos conteúdos individuais do discurso, elementos da orientação Psico-Biográfica. Assim, a identificação e caracterização das *Lógicas e Estratégias* de Requalificação dependia de uma relação de entrevista que estimulasse a explicitação desses conteúdos pelos discursos.

²⁷⁸ Cf: Sampieri *et al.* 2006; Turato 2003, 149 e ss.; Khoa 2000; Taylor e Bogdan 1998; Poirier *et al.* 1995; Gutiérrez e Delgado 1994; Poirier *et al.* 1995; Chizzotti 1991; Haguette 1990.

Outro nível de decisão prendeu-se com a abrangência dos discursos. Não se seguiria aqui a abordagem da História de Vida *Única* (Poirier *et al.* 1995, 29) porque queria vir a dispor-se de vários *discursos exemplares* para pudessem ser lidos e analisados autónoma e internamente – leitura e análise *verticais* – e comparativamente – leitura e análise *horizontais e transversais*.

Pretendia também vir a dispor-se de discursos re-avaliativos dos trajectos relatados, pelo que teriam de estimular-se as narradoras para considerarem os *Momentos Significativos* de 3 eixos temporais: o “Passado” e o “Presente”, essenciais para conhecer o *processo de requalificação* e a leitura subjectiva do mesmo; os elementos projectados no “Futuro” – determinantes para identificar ou descobrir contornos do *imaginário social*, das *expectativas* e dos *projectos* de vida daquelas. Só que, o objectivo de captar discursos re-avaliativos exemplares quanto aos PSD/R dessas mulheres-sujeito – reenviando para a referida delimitação da *exemplaridade*, e para a focalização da relação de entrevista na *Problemática* da pesquisa – obrigava a que o trabalho de co-construção seguisse os protocolos metodológicos dos *Relatos de Vida*.²⁷⁹

Estabilizou-se, então, o âmbito da Abordagem Biográfica da pesquisa: Co-construção de Relatos de Vida exemplares delimitados à experiência social (*Momentos Marcantes*) de mulheres-em processos de desqualificação e requalificação social

Também se assumiu definitivamente o critério para delimitação-selecção sócio-geográfica dos *casos exemplares*: mulheres de origem ou ascendência portuguesas, imigrantes apenas na região de San Sebastián/Donostia (SnSn); e reconhecidas como protagonistas de PSD/R, pelos profissionais envolvidos na “luta contra a pobreza-exclusão” na Província Autónoma Basca, nos anos 80-90.

Enfim, ficava também esclarecido o cenário da Abordagem Biográfica: relação comunicativa para co-construção de *relatos orais da actualização identitária* (Dubar 2001 e 2004) das mulheres-sujeito. Ou seja, um cenário-contexto da *emergência da oralidade* focalizada nos da *temporalização identitária*²⁸⁰ e de *circunstancialização* das *transacções objectivas* das sujeitos-narradoras.

Os *Momentos Significativos* a relatar deveriam seguir o entendimento dos 3 eixos temporais:

I – Cenário do Passado Social das Narradoras – filtrado pela memória social das mulheres-sujeito, este cenário recobre descrições, avaliações e sentimentos da experiência social de mobilidade (lateral e vertical) / mudança sociais, e das lógicas de acção, vinculados a PSD/R;

II – Cenário do Presente Social das Narradoras – construído igualmente com o concurso da memória do Passado, desenrola-se em torno de comparações e categorizações sociais (geracionais e de género) que conduzem à auto-classificação das transacções identitárias dos PSD/R das mulheres;

²⁷⁹ «Récits de Vie» e «Récits de la Pratique» conforme a formulação original de Pierre Bourdieu.

²⁸⁰ Estes conteúdos (construção, consolidação, reconhecimento e envelhecimento sociais - Dubar 1991, *cf.* CAP. UM) foram decisivos para o trabalho analítico e de teorização; contudo, para estímulo da oralidade, adoptou-se o critério da tripartição temporal dos percursos de vida.

III – Cenário do Futuro Social das Narradoras – orientando-se o *relato* para que as entrevistadas falem do Passado e do Presente Sociais, capta-se este cenário através de expressões re-avaliativas e projectivas.

Pelo exposto perceber-se-á que deveriam também estimular-se os testemunhos orais de modo a recorrerem a diferentes modos de expressão discursiva que se categoriza aqui em dois tipos:

1- por expressão reavaliativa denominou-se aqui a qualidade discursiva, sempre na relação com a *Problemática (PSD/R)*, e caracterizada por: a) *re-avaliação das componentes individuais* das trajectórias – componentes de *implicação* (indutoras de práticas sociais) e de *definição* (indutoras de categorizações) sociais; b) *reavaliação das componentes sociais das trajectórias* – meios familiar e social de origem; condições de vida; representações, categorias, práticas e medidas sociais; c) *reavaliação dos Momentos Marcantes de PSD/R*, em particular: Cronologia; Intervenientes; Impactos; e Formas de Reacção – *Lógicas; Estratégias-Finalidades e Táticas; Recursos-Capitais*.

2- por expressão projectiva designou-se aqui a vocação dos discursos que, para além de contarem-descrevendo, se abrem à *confidência-confissão* e à comunicação de expectativas, sonhos-projectos e categorias ideais e utópicas (Futuro e Imaginário).

Dois tipos não exclusivos da busca de expressões passíveis de comparabilidade, pois a diversidade e a singularidade dos *Relatos* devia garantir e recobrir a transversalidade dos conteúdos, para possibilitar a análise teorizante do *corpus*. Explicitado o tipo de *Biografias*, passa-se agora aos critérios-utensílio prévios.

2. CRITÉRIOS-UTENSÍLIO: PRÉVIOS ? (2.º ACTO, PASSO 3)

A elaboração fundamentada do *Guião-lembrete* (Apêndice 3) foi fulcral para a investigadora clarificar os objectivos dos *relatos biográficos* às entrevistadas e, antes, aos parceiros institucionais que mediarão o *processo narrativo* (Paillé e Mucchielli 2003, 45 e ss.).

O Objectivo-Estruturador – captar e interpretar Lógicas e Estratégias Sócio-Identitárias de mulheres-em processos de desqualificação e requalificação social – levou à operacionalização da Problemática da desqualificação e requalificação social em critérios de observação e análise. Tratava-se de, através de critérios com o estatuto exploratório de *utensílio-guia*²⁸¹, elencar os utensílios conceptuais que pudessem tomar-se como critérios-**factores** e critérios-**condições** dos PSDs. Ou seja: tratava-se de poder dispor de um conjunto coerente de critérios-**factores** e de critérios-**condições** dos PSD/R das sujeito-mulheres favorecedores da observação (ou revisão) empíricas. A partir da *Problemática* foram considerados pertinentes cinco critérios-factores-guia: económico-materiais; relacio-

²⁸¹ Terminologia que aqui se construiu na busca da coerência com a concepção adoptada de *Problemática-utensílio*.

nais e afectivo-emocionais; simbólico-culturais e de poder; e disposicionais (Apêndice 4). Era ainda transversal a todas essas experiências sociais a condição para *sinalização* das possíveis entrevistadas e critério de ancoragem da pesquisa – *reconhecimento social da vivência da desqualificação e da requalificação social das mulheres* – que não podia restringir-se a um ponto de partida da pesquisa nem, muito menos, ficar oculto (Quivy e Campenhoudt 1999, 49 e ss.).

Aquando da planificação do processo biográfico (Passo 4a), e com o início da *sinalização* dos casos, discorreram-se 5 hipotéticos *critérios-condições* da vivência da desqualificação e da requalificação social pelas mulheres a entrevistar, aos quais se deram o estatuto de *utensílio*: *i)* Trajectórias de vivência em famílias mono-familiares: Monomarentalidade; *ii)* Trajectórias marcadas pela Morte de figuras afectivamente significativas; *iii)* Trajectórias de afirmação social pelo(s) poder(es): Liderança; *iv)* Trajectórias de vivência de Maus Tratos; e *v)* Trajectórias de vivência da diferença fisiológica ou motora: “Handicaps”. Consequentemente, os *critérios-factores* e os *critérios-condições* ajudaram logo na *sinalização* dos 46 *Casos exemplares* a entrevistar; e dinamizaram toda a *análise qualitativa em emergência* – embora não como indicadores rígidos “a medir”, pois a análise não se restringiu aos mesmos. Partindo dos *critérios-utensílio prévios*, podia formular-se o *Guião-lembrete*.

3. GUIÃO-LEMBRETE, NÚCLEOS CONVERSACIONAIS E TRABALHO DE CAMPO (2.^o ACTO, PASSO 3)

O Guião nunca foi apresentado às entrevistadas para evitar a transformação da relação entrevistadora-entrevistada num «*acto policial*», embora tenha sido sempre objecto de leitura atenta pela entrevistadora antes de todas as sessões de entrevista levadas a cabo.

Seleccionando as *dimensões-lembrete* e os *ítems-lembrete* mais pertinentes, identificaram-se os seguintes 9 *Núcleos Conversacionais* (Apêndice 3): A – Actores, Socialização e «destino social»; B – Mobilidade Social; C – Processos Sociais de Desqualificação/Requalificação; D – Actualização Identitária; E – Transacções Objectivas; F – Lógicas de Acção; G – Auto-Classificação e Comparação Social; H – Mulher: Sujeito Social e Trajectórias Identitárias; I – Imaginário, Sonhos, Projectos, Utopias e Reflexividade.

Uma vez decompostos os 9 *Núcleos Conversacionais* em *grandes dimensões de análise* e, estas, em *indicadores-ítems* para a *observação* e a *escuta atenta*, construiu-se o *Guião* propriamente dito em torno desses “*clusters*” *conversacionais*. (Apêndice 3). Estes estímulos à oralidade foram de extrema pertinência no trabalho preparatório e no trabalho intercalar das entrevistas.

Fundamentado o *Processo de Co-Construção dos Relatos*, deu-se então início à sua *plani-ficação* (Passo 4a) e à posterior *operacionalização* (Passo 4b) – trabalho das 1.^a a 6.^a Etapas.²⁸²

²⁸² Os procedimentos metodológicos mais específicos passam a designar-se por ‘Etapas’.

4. PLANIFICAR A CO-CONSTRUÇÃO DOS RELATOS (2.^o ACTO, PASSO 4A) – 1.^a a 5.^a ETAPAS

Vai agora demarcar-se o estatuto dos vários *Passos* Metodológicos Qualitativos; como também se evidencia a *interdependência efectiva* do total das (15) *Etapas do Processo Biográfico* segundo a *ordem da sua realização, por entrevistada*, embora nem todas as mulheres sinalizadas fossem seleccionadas como *Casos* para a *co-construção de Relatos* e para a constituição definitiva do *Corpus-Relatos de Vida*.

As primeiras oito Etapas recobriram 31 entrevistadas iniciais. O *processo das entrevistas* desenrolou-se, para cada mulher, da 1.^a à 8.^a Etapas, se bem que as 1.^{as} Etapas (como as 2.^{as} Etapas, as 3.^{as}, e assim sucessivamente) não se tenham realizado em simultâneo para todos os *Casos*. Tal diferença no tempo das oito Etapas que recobrem *todos* os casos deveu-se a que a marcação das entrevistas obedeceu ao ritmo e disponibilidade das entrevistadas (após contactada a Entidade-mediadora e sinalizados e contactados os casos sociais passíveis de entrevistar). Ora, não podiam marcar-se as sessões de entrevista para datas muito afastadas do 1.^o contacto com as mulheres-sujeitos, de modo a não bloquear ou reduzir as sua motivação e expectativas em colaborar na pesquisa.

Quanto ao *cronograma* do *processo*, das 8 Etapas comuns às 31 inquiridas, 5 foram realizadas (embora não simultaneamente) entre Outubro de 1997²⁸³ e Janeiro de 1998 – momento em que se iniciou a 6.^a Etapa para cerca de metade dos casos sinalizados. A conclusão da 6.^a e as restantes Etapas resultaram do *trabalho de campo* reiniciado no País Basco em Janeiro de 1998; aí continuado até meados de Março; e concluído, já em Portugal, até final do ano. Das Entrevistas a Profissionais de Intervenção Social – duas individuais e duas colectivas (*Passo 10, 15.^a Etapa*) – também se apresentam mais adiante os respectivos critérios metodológicos e cronograma.

Reparar-se-á, na continuação do texto, que a *constituição do corpus* obrigou a um longo trajecto de “11 Etapas”, numeradas de modo contínuo e crescente, e internamente ao 2.^o Acto. Já no 3.^o Acto (*Passo 5*) transcreveram-se e descreveram-se as entrevistas para, até ao 4.^o Acto, inclusivé, se trabalhar na sua *reconstrução pela escrita analítica* e pelo incremento da *análise em emergência*.

Reportando as Etapas da Planificação do Processo Biográfico, obtém-se:

1.^a Etapa: Delimitação das Entidades Mediadoras - Etapa orientada pela Directora da *Escuela Universitária de Trabajo Social de San Sebastián/Donostia*, em função do seu conhecimento da realidade Basca, como da posição privilegiada que detinha no vector da Formação para a Intervenção Social – e na sequência de uma Missão *Erasmus* (1994) da investigadora. Após selecção criteriosa de Instituições de Intervenção Social e de alguns Particulares, envolveram-se como *mediadoras* no tra-

²⁸³ Realizou-se o *trabalho de campo* de 1 de Outubro/1997 a 1 Março/1998, possibilitado pela Bolsa e Investigação no Estrangeiro atribuída pelo Serviço de Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian a qual, anteriormente, já tinha atribuído uma Bolsa de curta Duração (3 semanas) para pesquisa bibliográfica e tarefas relativas à *elaboração do projecto*, em Madrid - em Centros de Pesquisa e Bibliotecas.

balho preparatório um conjunto de 13 Entidades, incluindo aquela *Escola*, a saber (Apêndice 5): 1- *Ayuntamiento* de SnSn, Departamento da Mulher – Directora; 2- *Ayuntamiento* de Lasarte – Direcção do Departamento de Bem-Estar; 3- Centro de Formação Familiar e Social de Lasarte – Directora; 4- Centro de Formação Familiar e Social de Bidebieta – Directora; 5- Centro de Formação Familiar e Social de Egia – Directora; 6- XERA – Equipa de 5 Profissionais de Intervenção Directa; 7- Cáritas Diocesana de SnSn, Departamento de Migrantes Estrangeiros – Coordenadora; 8- CEPOG, Associação de Imigrantes Portugueses) – Direcção; 9- Associação Portuguesa Luso-Euskalduna, Associação de Imigrantes Portugueses) – Presidente e Vice-Presidente; 10- ONCE – Funcionários em SnSn; 11- Associação de Mulheres Separadas (SnSn); e 12- Consulado de Portugal em Bilbao.

O estatuto de *entidade mediadora* consistiu na sua *colaboração implicada na pesquisa*, através da *senalização* – e motivação para o *processo biográfico* – de *clientes* da acção de cada Entidade: mulheres imigrantes no País Basco com origem ou ascendência portuguesa).

2.^a Etapa: Apresentação aos Responsáveis das Entidades - Etapa também realizada pela, e/ou sob orientação, daquela Directora da *Escuela Universitaria de Trabajo Social*, consistiu no *primeiro contacto* entre a investigadora e os responsáveis das Entidades Mediadoras, para exposição dos *objectivos* de pesquisa e do *teor da colaboração* solicitada.

3.^a Etapa: Identificação dos Técnicos Possibilitadores e Mediadores - Etapa levada a cabo pelos responsáveis das instituições-mediadoras, em articulação com os seus profissionais, envolveu um total de 18 Profissionais-Peritos de Intervenção Social melhor posicionados para sinalizar os *Casos Sociais*, e que se assumiram como *Possibilitadores* das entrevistas, e como *Mediadores* entre os 13 actores institucionais e os *Casos sinalizados*. Na sequência das 2.^a e 3.^a Etapas, dispôs-se de contactos significativos e personalizados com os Técnicos Mediadores – nem sempre coincidentes com os Técnicos Possibilitadores – nas 13 entidades (Apêndice 5).

4.^a Etapa: Selecção Prévia de Casos - Realizado em conjunto pelos Técnicos Possibilitadores e a investigadora, no seguimento da apresentação genérica do conjunto de *casos sociais sinalizados* por Entidade Mediadora, este trabalho desembocou na selecção prévia de 46 possíveis entrevistadas, tendo em conta os *5 critérios-condições-guia* acima expostos.

5.^a Etapa: Triangulação da Mediação - A mediação entre os Técnicos de cada entidade, a investigadora e as 46 mulheres previamente seleccionadas visou apresentar a investigadora e explicitar os *objectivos* da pesquisa e do tipo de *colaboração* solicitado; como aferir a disponibilidade daquelas mulheres, e os respectivos acordo e autorização quanto às exigências metodológicas gerais.

As modalidades da mediação foram duas: a) indirecta: realizada pelos Técnicos Peritos em contexto de *atendimento*, de *formação profissional* ou de *visita domiciliária*, seguida de posterior informação à investigadora das coordenadas relativas à reacção de *colaboração/não colaboração* na

pesquisa e, em caso afirmativo, do local e da hora definidos para o 1.º contacto entre a investigadora e as mulheres; b) directa: realizada por *contacto presencial* dos próprios Técnicos em reunião, antes agendada, com as três partes do processo.

A apresentação da investigadora e, sobretudo, a sua exposição dos requisitos metodológicos da entrevista consistiram num determinante *momento zero* do *Contrato Comunicacional* que permitiu abordar os 6 temas mais significativos do mesmo: i) garantia do anonimato sob a forma de escolha de pseudónimo pela entrevistada; ii) explicação genérica da temática e da dinâmica da entrevista; iii) condições do local para realizar a entrevista: escolhido pela entrevistada; o mais sossegado possível; e sem a intromissão de outras pessoas na relação entrevistada-entrevistadora; iv) gravação ‘audio’ das entrevistas, e motivos desta condição incontornável; v) previsão da possível repetição das sessões; vi) compromisso da entrega de cópia de todas as gravações de entrevistas (cumprido em Maio de 1998 aquando da Missão pessoal da investigadora ao País Basco).

Após esta planificação podia dar-se início à Co-Construção das narrativas.

5. CO-CONSTRUÇÃO: ESCUTA ACTIVA E EXAME FENOMENOLÓGICO (2.º ACTO, PASSO 4b) - 6.ª ETAPA

6.ª Etapa: Circunscrição do Processo Biográfico - Delimitou-se o processo a um total de 31 mulheres-*casos-sociais exemplares* (de entre os 46 sinalizados), por impossibilidade do cumprimento das condições metodológicas estipuladas. As primeiras 31 entrevistas tiveram lugar quer na cidade de San Sebastián, quer em 12 zonas sócio-geográficas (Lasarte, Pasajes, Urnieta, Amara, Altza, Hernâni, Rentería, Martutene, Astigarraga, Andoain, Pasajes - San Juan e San Pedro - e Aiete). É de referir que a circunscrição das entrevistas a 31 mulheres não interrompeu o contacto da investigadora com as restantes 15 (46 – 31 = 15). Na verdade, aprofundou-se o conhecimento das condições de vida de 5 destas 15 mulheres através da Observação, planificada, das suas vidas familiares, pois a investigadora acompanhou os Técnicos em vários contextos de trabalho: *etnográfico*, de *educação social* e de *visita familiar*. Esta Observação não só permitiu completar, confirmar ou cruzar informações das entrevistadas com as dos Técnicos; como facultou, sobretudo, aprendizagens pelas situações de interacção e contacto empírico com aquela realidade. Cumpre agora aprofundar o 3.º Acto Metodológico.

6. DESCRIÇÃO ANALÍTICA E INTERPRETATIVA (3.º ACTO, PASSOS 5 a 7)

Veja-se em detalhe como a *Descrição Analítica e Interpretativa* percorreu a *Transcrição-Tradução* e a *Transposição-Rearranjo*, duas das 3 grandes *vertentes*²⁸⁴ do *Método da Escrita*...

²⁸⁴ A terceira vertente – *Reconstituição-Narração* (2003, 103 ess.) – já respeitou ao 4.º Acto Metodológico.

6.1. Transcrição-Tradução da Oralidade (3.^o ACTO, PASSO 5) – 7.^a E 8.^a ETAPAS

7.^a Etapa: Transcrição das Entrevistas; e 8.^a Etapa: Primeiras Anotações - Fez-se a transcrição completa, de cassette audio para computador, do *teor oral* do conjunto das 31 entrevistas realizadas (Guerra 2006; Paillé e Muchielli, 2003; Poirier *et al.* 1995). Em relação ao *teor informativo*, realizou-se um cuidadoso trabalho de dois tipos: 1) compreensão linguística, quer porque algumas das entrevistadas falaram em espanhol (pelo que foi feita uma aferição linguística por um especialista espanhol); quer porque outras empregaram expressões (espanholas e portuguesas) com significados claramente contextuais (Santamarina e Marinas 1994; Alonso 1994); 2) registo dos sinais de comunicação afectiva, expressiva e relacional: inscreveram-se, no texto da transcrição, os ritmos, pausas, hesitações e silêncios; tonalidades, entoações e omissões da oralidade; bem como os gestos, sinais, expressões, posições e outras reacções ou atitudes. (Le Huu Khoa, 2000).

Procurou-se que as *transcrições* das primeiras entrevistas fossem realizadas nas horas seguintes à sua realização. Com efeito, para as primeiras entrevistadas começou-se a *transcrição* dos relatos, e a *tradução* da relação comunicativa, imediatamente após a primeira sessão. Desta forma podia reorientar a condução da sessão seguinte ou – nas situações em que se evidenciou necessário – ponderar a continuidade ou interrupção das sessões de entrevista. Depois, à medida que o processo se complexificou – com o aumento do número de entrevistadas e do tempo que a investigadora tinha de dedicar à deslocação para o local da entrevista, e à respectiva realização – procurou fazer-se a *transcrição* no momento o mais próximo possível ao da sessão de entrevista, quando foi impossível fazê-la no próprio dia. E, sempre que não foi possível transcrever a gravação de uma sessão de entrevista antes da sessão seguinte, preparava-se a sua orientação *anotando* fichas de trabalho durante a *audição atenta* de toda a gravação.

6.2. Transposição-Rearranjo (3.^o ACTO, PASSO 6)

Quanto à *transposição* e à globalidade da análise qualitativa dos relatos pelas *manipulações e anotações* do *corpus*, subscreve-se o comentário de Paillé e Muchielli realizado noutro contexto, sobre a busca de analogias, formas, estruturas, ou sistemas pela Análise Estrutural: «*Évidemment de telles démarches émergentes peuvent être détournées et donner lieu à des méthodologies réductionnistes. (...) car le travail de l'analyse se ramène (est réduit) à la reconnaissance, à tout prix, d'une analogie, d'une forme, d'une structure ou d'un système donné au départ.*» (2003, 98).

6.2.1. Unidades de Análise e Anotações do Corpus

1) Princípios da Análise e Unidades (Registo e Contexto)

De uma leitura bastante atenta das várias aplicações da Análise Estrutural esperava-se que o

trabalho analítico desenvolvido²⁸⁵ fosse predominantemente aberto, por ser um trabalho enraizado no quadrado semiótico da análise Greimaseana, análise situada, por sua vez, entre as «*méthodologies semi-ouvertes d'interprétation*» (2003, 98). Contudo, não nos revemos no tipo de *exploração-recorte* de entrevistas que aqueles investigadores realizam, nem se considera aqui a *categorização* como «*análise de tipo demonstrativo*» (1997, 128). Na verdade, a exploração aprofundada, e o tipo de ‘recortes’ a que sujeitam *o material* de pesquisa – em vez da sua *decomposição* – leva a aplicar as lúcidas palavras com que os mesmos Demazière e Dubar denunciam os procedimentos da *Postura Ilustrativa*: «*L’entretien est passé dans une moulinette et en ressort en morceaux ventilés dans une multitude de rubriques.*» (1997, 18).

Na abordagem em causa, Demazière e Dubar articulam o trabalho de construção das homologias estruturais – a «*estruturação do universo semântico*» dos discursos das entrevistas (1997, 134 e ss.) – com a descoberta da *lógica social dos mesmos discursos* (1997, 137 e ss.). Operações de que não se pretende pôr-se em causa o respectivo rigor. Quer dizer: quando a aplicação dos princípios da Análise Estrutural se faz pelo ‘recorte’ e codificação de cada frase e/ou segmento discursivo de todo o *corpus*²⁸⁶, terá de proceder-se à classificação-codificação de tais unidades segundo o princípio (1997, 128 e ss.) da disjunção-significante/conjunção-significado. A mesma codificação, segundo os fundamentos da Linguística Estrutural²⁸⁷, tem de ser feita para cada um dos três níveis do discurso: funções, acções e argumentos. Mas este modo de análise afigurou-se “*directivo*” e “*textualista*”, *i.e.*: «*part d’un idée générale: l’idée que tout récit s’organise par rapport à une structure canonique sous-jacente (le carré des oppositions).*» (2003, 98). Pelo que nesta pesquisa não se tomaram como *Unidades do corpus* a frase, nem o segmento da frase.

Com efeito, pelas investigações baseadas na prática analítica de documentos escritos conhecem-se, e dispõem-se de, vários modos de definir e seleccionar as *unidades de análise*. Foi assim que se afirmou a possibilidade de eleger as *unidades de registo* a partir de um leque de 6 tipos (1991, 104 e ss.): palavra, tema, objecto ou referente, personagem, acontecimento e documento.

Portanto – ainda que não escolhendo a frase nem o segmento da frase – para a identificação das *unidades de sentido no material*, tanto se consideraram os 3 níveis discursivos centrais na Análise Estrutural (1997, 113 e ss.), quanto as operações, elementares para a mesma – de disjunção-oposição e conjunção-relação (1997, 128 e ss, 137 e ss.). Contudo, entendeu-se que quer a disjunção quer a conjunção, são modos de relação – *relação por conjunção* e *relação por oposição* –, ao mesmo tem-

²⁸⁵ *P.ex.*, por Demazière e Dubar (1997, 128 e ss.).

²⁸⁶ Os autores realizam por duas vezes este *recorte* do *corpus* para identificar *sequências e personagens*; (1997, 113 e ss.), após o que se centram na identificação dos argumentos da narrativa. *Cf.* afinidade destes procedimentos com a Análise da Enunciação para Bardin (1991, 169-184).

²⁸⁷ Referem-se (1997, 128 e ss.) os princípios de Saussure e Jakobson; os trabalhos de Análise Estrutural de Barthes; a Teoria dos Níveis da Linguagem de Benveniste (1997, 114 e ss.; 122 e ss.); e a aplicação posterior destes princípios, entre outros, por Jean-Pierre Hiemaux.

po que se incluía a *relação por paradoxo discurso*, emergente ao longo da análise do material.

E quanto ao modo de operar? Não podia adoptar-se a *codificação estrutural*. Como se expôs, o Método da Escrita como Praxis Analítica possibilitou as *análises*, temática e categorial, *em emergência*, como a própria escolha das *unidades de análise*, que não se considerou problemática. Retomando a exposição de Bardin procurou-se que a escolha das unidades (de registo e de contexto²⁸⁸) para *decomposição e análise do corpus*, fosse coerente com os objectivos da pesquisa e com as características do *material* (1991, 104).

Neste sentido, e no que respeita aos *3 níveis discursivos* – funções, acções e argumentos – atentou-se nos *dois eixos* de cada relato²⁸⁹, para interpretar e destacar a) quer os «episódios» significativos das «funções» do relato – eixo sintagmático ou «*O que o enunciado quer dizer*»; b) quer o eixo paradigmático – relativo aos «actuantes» ou «*sistemas de personagens*» e também ao «*que é dito de cada actuante*» de forma a caracterizar «*perspectivas sobre a acção*» (1997, 113 e ss.).

Na análise do eixo sintagmático, três *temas* foram centrais: Momentos da Trajectória Sócio-Identitária; Fases e Etapas dos processos de desqualificação e requalificação social de cada mulher. Para a definição dos «*intervenientes*» (eixo paradigmático) considerou-se – em função dos objectivos de pesquisa e da *Problemática-utensílio*:

- i) os Intervenientes-Actores Sociais, singulares ou não (institucionais e outras redes sociais); e
- ii) três outros tipos de Intervenientes - Vectores Sociais: Factores de desqualificação e de requalificação social; Territórios Sócio-Identitários afectados pelos PSD/R; e Capitais-Recursos (existentes, ou não; revitalizados, reorientados, abandonados ou criados pelas mulheres-sujeitos).

O *terceiro nível discursivo* – Argumentos da Narrativa – resultou das sucessivas tematizações mas, sobretudo, das categorizações gradualmente mais conceptualizadoras dos trajectos.

Assim, do leque de possibilidades mencionado, elegeram-se (*Passos 6a e 6b*) quatro *unidades de registo*:

- i) “a acção” – Momentos, eventos ou acontecimentos significativas com o objectivo de captar descrições e avaliações dos processos de desqualificação e requalificação social ;
- ii) “os intervenientes” – pessoas e factores sociais intervenientes nos processos de desqualificação e requalificação social , confluindo também com o objectivo anterior;

²⁸⁸ Bardin (1991, 103-116) situa as *unidades de recorte* na 1.^a operação de codificação do material; as outras duas são as regras de *enumeração* e de *classificação-agregação* das unidades recortadas. Mantemos a distinção (1991, 104, 17-108) unidades de registo (p. 104) – no nosso caso, exclusivamente de tipo semântico – e unidades de contexto (p. 107).

²⁸⁹ É o suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) que formula os 2 eixos dos elementos da Língua – *paradigmático*: relações de substituição entre elementos; e *sintagmático*: relações associativas, combinatórias. In *Cours de Linguistique Générale* (que ministrou de 1907 a 1911, e que seus alunos publicaram, postumamente: 1913), explicita-se a original ênfase dos seus estudos na linguística sincrónica, retomada pelos seus sucessores. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_de_Saussure; e http://blog.cybershark.net/letras/categorylist_html?cat_id=3.

iii) “o tema-emergente” – possibilitando a interpretação do sentido subjectivo (superficial ou manifesto) e consequentes categorizações sociológicas em emergência quanto aos PSD/R;

iv) “a palavra-a expressão” – unidade de registo (inicialmente não prevista) emergente em situações específicas, impôs-se como elemento de seriação e análise de estilos e forças discursivos.

Então, se não pareceu problemática a escolha das quatro unidades de registo, porque se justifica um ponto para explicitar as *anotações* e *categorização* realizadas? Justifica-se com argumentos de 2 níveis: a) porque a escolha das *unidades de análise*, o trabalho de categorização e os decorrentes procedimentos de *anotação do corpus* só estão claros quando se explicitam as unidades de contexto e as *regras de enumeração-anotação*²⁹⁰ para análise e *decomposição* daquele; b) porque é comum ler-se nos manuais de metodologia que as pesquisas qualitativas devem explicitar todos os procedimentos técnico-processuais e, paradoxalmente, verifica-se que os relatórios ou dissertações apenas os enunciam sem que o/a leitor/a perceba como e porquê “se chegou aí”. Aliás, este mesmo “vazio” de alguns processos metodológicos qualitativos tem sido um dos factores de reprodução do desconhecimento da Abordagem Qualitativa. E se o desconhecimento é bom fermento para visões estereotipadas, no caso específico das pesquisas qualitativas tais visões giram à volta dos preconceitos de “não fundamentação”, de “menor validade” e, inclusivé, da sua “raridade” como estudos “esquitos”, similares a «*um acto de adivinhação*» (Paillé e Mucchielli 2003, 37).

São bastante diversos os pontos de vista e trabalho analíticos que definem como *unidade de contexto* as frases ou segmentos de frase, daqueles que, como aqui adoptado, tomam *o relato* como as unidades de contexto onde “o acontecimento” e “os intervenientes” ganham sentido, e onde pode encontrar-se, gradualmente, o sentido, sobretudo o das categorias de conceptualização, *emergentes*.

Diferença decorrente de distintos entendimentos e concepções quer da acção social, quer da linguagem quer, ainda, da abordagem qualitativa, e não do facto de a *decomposição* ser mais ou menos minuciosa ou abrangente, rigorosa ou fluida: «*Le contexte pertinent est celui qui compte du point de vue auquel un Analyste veut se placer pour faire émerger le sens d'un phénomène (...). Le contexte d'interprétation est pertinent lorsqu'il est en accord avec sa problématique, ses orientations de recherche et sa sensibilité théorique, et qu'il est en prise directe avec le matériau analysé. Le contexte pertinent d'une analyse est donc un système de pertinence et d'actions en cours.*».²⁹¹

²⁹⁰ Com este termo conciliam-se aqui as expressões *regras de enumeração* (Bardin 1991, 108 e ss.) e *tipos de anotações* (Paillé e Mucchielli 2003, 52 e ss.) para especificar os *critérios* de análise do *corpus*. Bardin sistematiza 6 regras de enumeração: presença (e ausência); frequência (simples, ponderada); direcção (frequência ponderada qualitativa); intensidade (frequência ponderada quantitativa); ordem de ocorrência; e co-ocorrência. As regras da direcção e da intensidade – comuns em análises que procedem pela contagem das unidades de registo classificadas em escalas bipolares, mediante outros procedimentos particulares – são a base da técnica *Análise da Avaliação* (1991, 155-168).

²⁹¹ Paillé e Mucchielli 2003, 163-164. Cf. na sequência do mesmo texto, o exemplo da analogia entre *o processo de categorização* e *uma sessão de fotografias*.

Como tal, considerou-se que assumir como *unidade de contexto* “a frase” ou “o segmento da frase” tem ainda subjacente a visão mecanicista e demonstrativa do trabalho analítico que assenta no “recorte” do *corpus*. Essa é a concepção do conhecimento como um conjunto de procedimentos que devem aproximar-se do padrão legalista e causalista – patente na, tão bem criticada por Demazière e Dubar, *Postura Ilustrativa*.

Por outro lado, o objectivo da presente pesquisa não passa pela análise sócio-linguística dos discursos mas, sim, por uma *análise sociológica* daqueles considerados como *discursos sociais*. Pelo que toda a atenção a elementos “semânticos” foi suportada e guiada pela *Problemática-utensílio*, e não pelas formalizações da Linguística.

Ao procurar respeitar os princípios da abordagem qualitativa e da *Postura Analítica*, consideraram-se *duas unidades de contexto*, como passa a justificar-se: *i) o discurso (do relato)*: conjunto discursivo ‘de partida’ de cada caso exemplar, em relação ao qual todos os procedimentos e operações teriam de procurar profunda coerência, por mais específicos que aqueles fossem – atentando, pois, na *exemplaridade* de cada *discurso social* através das *4 unidades de registo*; *ii) o tema, unidade de contexto das unidades de registo* ‘acção’ e ‘intervenientes’ (os dois eixos dos discursos), e ‘palavra’, por duas ordens de razões: 1.^a – porque não se assumiu a *Postura Ilustrativa*, e a co-construção dos relatos partiu de delimitações e critérios-guia prévios enraizados na *Problemática-utensílio*; 2.^a – porque se procurou concretizar a *Postura Analítica* ao longo de todo o processo, sob a forma de *análise em emergência*; isso implicou atentar nos conteúdos (episódios-acontecimentos, intervenientes-pessoas e intervenientes-factores sociais) que os relatos enunciavam. Esta mesma perspectiva, e a atenção tida para com os *conteúdos emergentes* confirmariam a legitimidade quer da designação e das delimitações “prévias” como “utensílio”, quer do trabalho de sua deconstrução-reconstrução.

2) Anotação do *Corpus*: Regras e Tipos

Mas não bastavam estas opções metodológicas, pois se *o que* se selecciona-decompõe num *corpus*, varia consoante o contexto onde vai ser procurado e observado, ainda depende do *modo* de o seleccionar.

Na presente pesquisa, pelas questões de princípio enunciadas, as *regras de enumeração-anotação* adoptadas não visaram servir *a medida* das *unidades de análise*. Com efeito, só excepcionalmente se procedeu à frequência (simples, não ponderada – Bardin 1991, 109) de vocábulos ou expressões sócio-discursivamente significativos: quando se afigurou pertinente para a análise sociológica dos estilos e forças discursivos. O que significa que se fez *contagem* quando esse *modo* facilitou a análise qualitativa do *corpus*.

Sem se aderir à *contagem*-“*passe-vite*” das *unidades de registo*, tão-pouco se procedeu à *codificação*²⁹² das *unidades de análise*, como se expôs. Na mesma linha – no momento da escolha das regras de selecção dos elementos do *corpus* – também a *direcção e co-ocorrência* (ordem, associação, equivalência, oposição – 1991, 112 e ss.) não foram considerados como critérios para contagem de unidades de registo; o que não significa que não se tenha avaliado a pertinência dos mesmos para a análise qualitativa a realizar.

À semelhança do que ocorreu com outras operações, também foi através do Método da Escrita Analítica que se seleccionaram as *unidades de registo emergentes*. Desse modo, atentou-se – para todas as *unidades de registo* (acção; intervenientes; tema; e, excepcionalmente, palavras e expressões) – na *direcção, associação, equivalência e oposições significativas*, de modo a induzir os argumentos e lógicas narrativos dos discursos relatados. Destas regras, as mais heurísticas para a realização da análise foram as convergentes com a análise do *quadro greimaseano*, tendo incluído, como acima se expôs, as “relações por paradoxo discurso”.

Resumindo, o grande critério para seleccionar as *Unidades de Registo* – e o orientador das operações «*técnicas*» e «*intelectuais*» de manipulação e de *decomposição* do *corpus* (Paillé e Mucchielli 2003, 51 e ss.) – foi a procura de relações mediante as referidas 3 regras de enumeração-anotação: relações por associação, por oposição e por paradoxo.

Do exposto compreender-se-á que, quanto aos tipos de anotação, se recorresse à *rubrica*, ao *tema*, ao *enunciado* e à *categoria*.

Porque também foi muito útil a sistematização por Paillé e Mucchielli (2003, 54) dos seguintes cinco tipos de manipulações do corpus, passa-se a elucidá-los: 1- marcas: através de sublinhados e do emprego de cores (na escrita, no sublinhado ou nos títulos-temas); 2- notas analíticas: consistiram nos inúmeros comentários e interrogações que os vários textos escritos iam sugerindo ou impondo; 3- anotações: múltiplas vezes feitas (inclusivé, re-anotando as anotações anteriores), revelaram-se muito férteis para destacar rubricas, temas e enunciados conducentes à indução de categorias; 4- inventários: permitiram seleccionar extractos dos relatos (*p.ex.*: as citações de entrevistas na análise dos casos), e elaborar as várias listagens pré-categoriais e categorias, em todos os *Passos* da escrita analítica; 5- esquemas: de que nos servimos nas suas 3 formas (grelhas, mapas e esquemas).

Explicitado o *modo de manipulação do corpus*, como se recorreu à *Tematização* e à *Categorização*?

²⁹² Não se seguiu a formulação de Bardin (1991, 103) mas, sim, o entendimento de que codificar é um *tipo de anotação* – alfa-numérica – passível de inscrever no *corpus* em análise (Paillé e Mucchielli 2003, 53).

6.2.2. Procedimentos de Tematização e Categorização²⁹³

Neste ponto começa-se pelas operações preliminares e funções da tematização; a seguir, mencionam-se as duas *formas de inscrição dos temas* e os dois *tipos de procedimentos tematizadores* praticados e, por fim, os *procedimentos de categorização* realizados.

1) Tematização: tipos e operações

Conforme exposto, fez-se o levantamento das 4 *unidades de registo* através do Método da Escrita Analítica. As unidades “acontecimento-acção” e “interveniente” foram objecto do 1.^o nível de análise – *Descrição Analítica e Interpretativa* no 3.^o Acto Metodológico – embora já então se prestasse atenção às *unidades* “tema” e “palavra” *significativamente emergentes*.

Tal *nível de análise* iniciou-se, no *Passo Metodológico 6*, pela anotação por rubricas e temas de cada 1.^o *Texto Escrito* dos relatos.²⁹⁴

A atenção às *unidades de análise* foi orientada pelas *regras de enumeração-anotação* adoptadas. Ou seja: para além de se procurarem e sinalizarem *acções-acontecimentos*, intervenientes relatados, e *temas* ou palavras emergentes como significativos na entrevista; também se procuraram *acções*, *intervenientes* e *palavras* significativos nos temas emergentes; como ainda se atentou, nas mesmas, de modo a identificar-se:

a) o favoritismo, não-favoritismo ou neutralidade face aos processos de desqualificação e requalificação social, expresso no conteúdo dos discursos quanto a *acções-acontecimentos* e *intervenientes* relatados, e quanto aos *temas* e *palavras emergentes*;

b) o tipo de relações expresso pelo conteúdo dos discursos, decorrente de séries de interrogações colocadas pela investigadora aos *relatos*, de que se dão alguns exemplos (2003, 129):

i) os “acontecimentos” são associados entre si pela narradora? E como? Há “acontecimentos-acções” que sejam relatados como equivalentes e/ou antagónicos? Qual o seu relevo ou interferência nos processos de desqualificação e requalificação social? Como é relatada a vivência deles e a/s reacção/ões da narradora face a eles? Que sentimentos são expressos (e omitidos mas captados)? Que fins visados e princípios de acção são relatados através dessas reacções? Há descoincidência entre estes (fins visados e princípios?) Há descoincidência entre os fins visados e o relato das consequências dessas reacções? Há mudança ou contradições quanto a estes (acontecimentos, vivência, reacções, sentimentos e consequências) em todo o relato? Que expressam (ou omitem ou resguardam)? Que impactos têm na trajectória (segundo o relato, e segundo a interpretação)?

²⁹³ Cf. diferenças entre *tematização* e *categorização* (2003, 162 e ss.; 139 e ss.).

²⁹⁴ Corresponde à operação preliminar da “Análise Temática” para Paillé e Mucchielli (2003, 123-124.) Sobre as funções da tematização, cf. pp. 124-125; e repare-se tb nos 5 problemas que a análise temática coloca: temas pertinentes, objectivos e orientação da pesquisa (pp.128 e ss.); bons níveis de generalidade (pp.132 e ss.) e de inferência dos temas (pp. 136 e ss.).

ii) os “intervenientes” (pessoas e vectores sociais) são associados entre si nos relatos? De que formas? E os relatos informam da sua intervenção nos processos de desqualificação e requalificação social? Como se apresenta essa intervenção: equivalendo-se (contributos de concurso semelhante) ou opondo-se (contributos divergentes)?

iii) os “temas” emergentes permitem enriquecer ou complexificar a compreensão dos processos de desqualificação e requalificação social relatados? São “temas” que podem reverter-se sob uma mesma categoria (falsos temas)? Há relação entre eles? De que tipos são essas relações (são autonomizáveis? podem integrar-se, articular-se, associar-se)? Configuram discursos equivalentes? Ou introduzem antes níveis de *contraste* ou mesmo de *paradoxo* discursivos?

Através destas e de outras questões colocadas aos relatos pode chegar-se ainda à sinalização de algumas “palavras” significativas – *força discursiva* de cada relato. De algumas dessas palavras fez-se análise de frequência simples para aferir da sua efectiva repetição, de modo a, interpretando o seu estatuto discursivo, poderem evidenciar-se as relações (equivalências, oposições ou paradoxos) nos relatos.

Confirma-se, portanto, que não foi pela *codificação* e *contagem*, mas pela *tematização* que se identificaram as (4) *unidades de registo*, sob o prisma das 2 *regras de enumeração-anotação*.

Ou seja, para as duas funções principais da *Tematização – sinalização-identificação* e *documentação* – não se utilizaram programas informáticos (Paillé e Mucchielli 2003, 124-125). Foi após a *Transcrição-Tradução* para papel das entrevistas (*Passo 5*) que manipulámos e anotámos esses documentos-papel. Apesar de mais exaustivo e moroso, considera-se que este o procedimento foi o que melhor permitiu desenvolver uma relação crescentemente aprofundada com os discursos – profundidade e intensidade também reforçadas pelo contacto físico com o papel (2003, 126). Ao mesmo tempo, a «*flexibilidade do suporte*» também garantia a concretização do *Método da Escrita Analítica* pelas duas *formas* utilizadas para *inscrição dos temas* (2003, 126-127): na margem do papel de cada *1.º Texto Escrito* (já formatado para o efeito); e, quando pertinente²⁹⁵, através de sublinhados e escrita, coloridos, no próprio corpo do texto.

É ainda de referir que se conciliaram os 2 tipos de *tematização*: contínua e sequenciada²⁹⁶.

O tipo de tematização contínua – «*démarche ininterrompue d’attribution de thèmes et, simultanément, de construction de l’arbre thématique*» – foi o mais adequado para a prática do *Método de Escrita Analítica*, por possibilitar a identificação de temas emergentes (Paillé e Mucchielli

²⁹⁵ Adoptam-se aqui três justificações desta dupla forma de inscrição, todas elas deontológicas de dúvidas inerentes ao processo de análise: 1) estatuto: é tema? rubrica? categoria?; 2) singularidade-isolamento do tema: sim? não?; e 3) paradoxos temáticos.

²⁹⁶ *Idem*, 2003, 127-128. Para analogias entre *tematização contínua/sequenciada* e, respectivamente, *categorização por milha/por caixa*, cf. Bardin (1991, 98 e ss.).

2003, 127 e 156). Não se visou, porém, a elaboração da árvore temática do corpus – destino e resultado comuns desta técnica de análise quando o objectivo e o alcance da pesquisa consistem em «*documenter les recurrences thématiques, de façon à pouvoir cerner les thèmes communs*» (2003, 139). O facto de não ter sido este ‘o’ objectivo último da análise realizada e embora sem formalização esquemática, foram-se identificando e fundido os temas quando, desse modo, se geravam temas mais abrangentes com a delimitação de temas centrais e secundários.

A par da tematização contínua, também se realizou o tipo de *tematização sequenciada*: tinham-se definido previamente (*Passo 2*) alguns *critérios-utensílio* para análise. Neste tipo de *tematização*, destaca-se uma especificidade dos procedimentos adoptados: a seriação prévia ou «*ficha temática*» (2003, 127) que se aplicou a todo o *corpus* não decorreu da *leitura flutuante* nem da *selecção aleatória* de partes (*amostra*) do *corpus*; antes emanou da fundamentação metodológica – realizada no *Passo 2* e a partir do Exame do Problema e construção da *Problemática-utensílio* (1.º Acto).

A articulação destes 2 procedimentos de tematização confirmou os dois níveis de alerta por Paillé e Mucchielli (2003, 128): 1.º- quanto às vantagens e aos limites de cada tipo: a tematização contínua possibilita, de facto, uma análise «*vraiment fine et riche du corpus*», mais aprofundada e personalizada do que a tematização sequenciada; embora esta garanta melhor a «*analyse efficace et uniforme du corpus*»; 2.º- quanto à inevitável demora temporal destas tarefas: «*On peut penser à une forme hybride de démarche, mais, ici comme ailleurs, si l'on adopte deux démarches, on double presque le temps d'analyse.*».

Porque a pesquisa se vinculava a superar a «*dedução interpretativa*» orientada para a «*indução teorizante*», recorreu-se a procedimentos de *categorização* que, pela *Escrita Analítica*, focalizaram de outra forma os discursos (inclusivé os *conteúdos paradoxais* aí *emergentes* 2003, 158 e ss.).

2) Categorização em Emergência: utensílio da conceptualização

O trabalho de *tematização* funcionou nesta pesquisa como um todo de *operações preliminares* à categorização teorizante: «*De façon différente de la description phénoménologique, la catégorie relève donc moins de la transcription quasi littérale d'une expérience que de l'acte de donation de sens d'un analyste positionné comme témoin, traducteur et interprète.*» (2003, 168; 123).

Tratando-se a *tematização* e a *categorização* de distintos modos de análise, face aos quais também há controvérsia metodológica, na presente pesquisa assumiu-se a *tematização* como *procedimentos da lógica e da prática interpretativas*: «*Il ne s'agit plus seulement de relever des thèmes, mais de les examiner, de les interroger, de les confronter les uns avec les autres de manière à dé-*

*boucher sur l'exercice discursif appeler*²⁹⁷ *traditionnellement "discussion". Les résultats sont donc à ce moment «discutés», on cherche à les «faire parler», ils sont parfois mis en lien avec des référents théoriques, puis comparés, relativisés ou corroborés.»* (2003, 145). A tal posicionamento corresponde a procura de distanciamento face à lógica da *Análise de Conteúdo*; especificamente quanto à categorização como uma *prática instrumental de classificação ou indexação* através de *rubricas*, de *classes de rubricas* ou *objectos*, ou de *classes*, sem remeter para a teorização, nem a tocar²⁹⁸. Não obstante, a sistematização de Bardin (1991) permitiu reconhecer que os critérios de categorização semântica e expressiva ajudariam a analisar, não o “conteúdo”, mas o significado-sentido: *«nommer la logique sous-jacente, le phénomène traversant l'expérience ou le comportement des acteurs»* (2003, 162) relatados oralmente²⁹⁹.

Ao partilhar-se aqui a perspectiva crítica da *Análise de Conteúdo* – concretamente agora, subscrevendo a *categorização como utensílio de conceptualização* – procurou manter-se a coerência interna da pesquisa, pois pensa-se a interpretação científica como um construir de significações ou do sentido resultantes *«de la confrontation de ce que nous appelons la “réalité” avec un certain nombre de références servant de projet de décodage.»* (2003, 154 e 161).³⁰⁰

Construindo-se este *processo* de pesquisa como *Análise em Emergência* – nos antípodas da *Análise de Reconhecimento* (2003, 154-158) – todos os prévios *critérios-utensílio*, e as operações de *tematização*, suportaram o trabalho analítico: i) quer nas *tarefas exploratórias da teorização* – 1.º e 2.º Actos (*Passos 1 a 4; 1.ª a 6.ª Etapas*); ii) quer nas *tarefas de descrição analítica* no 3.º Acto (*Passos 5 e 6; Etapas 7.ª a 11.ª*), que visaram *«cerner les phénomènes au milieu des événements, des expériences et de trajectoires.»* (2003, 184; e 158 e ss.). Atente-se, pois, nessas tarefas de *Descrição Analítica* e *Interpretativa*.

6.2.3. Descrição Analítica: O Primeiro Enunciado, Provisório (3.º ACTO, PASSO 6A)

9.ª Etapa: Selecção de 15 Casos para Construir Relatos de Vida - Sabe-se como a fluência vocabular e outras competências sócio-comunicacionais são determinantes para concretizar testemunhos orais. Esta selecção foi motivada logo no decurso das sessões de entrevista, e assentou numa *leitura atenta* das informações para avaliar as competências discursivas e reflexivas das inquiridas.

²⁹⁷ *Ipsis verbis* no original, gralha que cremos referir-se à palavra «appelé».

²⁹⁸ Cf. Paillé e Mucchielli (2003, 152 e ss.). Ver tb definição de categoria (p. 147); e 5 características da categoria conceptualizadora (pp. 149 e ss.).

²⁹⁹ Os quatro pólos de análise salientados pela mesma autora são: emissor, receptor, mensagem e *emedium*.

³⁰⁰ A complexidade e os dilemas inerentes a este trabalho interpretativo-analítico suportado pela *categorização em emergência* são salientados pelos autores (2003, 174-179) através da sua análise de 3 *grandes pólos de tensão* entre: i) explicações «comuns»/«sábias» (problemática “émic”/“étic”; ii) singularidade das categorias/generalidade das categorias; iii) “o fenómeno”/“o contexto”.

Assim, na sequência da *transcrição-tradução* das primeiras 31 sessões de entrevista, e mediante várias *Leituras Atentas* dos 1.^{os} *Textos Escritos*, seleccionaram-se, de entre aquelas, 15 entrevistas para análise. Depois, através de novas séries de *leituras, anotações e comentários*, identificaram-se primeiras tematizações e pré-categorias das 15 entrevistas a que se reduziu o *material*.

Este momento da Análise Qualitativa concretizou a 9.^a Etapa, de escrita dos 1.^{os} *Textos de Descrição Analítica* – ou 1.^{os} *Enunciados Provisórios*³⁰¹ – tendo implicado, através de várias leituras de análise vertical³⁰², as 5 operações que se passam a caracterizar:

1.^a – classificação, dos elementos análogos de cada relato, em rubricas³⁰³ elaboradas em função do *eixo sintagmático* dos discursos.

2.^a – agrupamento e ordenação cronológica das rubricas de cada relato, uma vez que os discursos obtidos apresentavam *saltos temporais*, como é característico da oralidade. Deste modo puderam *reorganizar-se diacronicamente* os *Momentos* da Trajectória Sócio-Identitária (Passado --> Presente --> Futuro), e as próprias *Fases* e *Etapas* dos processos de desqualificação e requalificação social relatados por cada entrevistada.

3.^a – redacção posterior de pequenos enunciados-resumo de cada relato.

4.^a – reorganização e agrupamento das rubricas em temas³⁰⁴ ainda com *títulos provisórios*, só possível de realizar à medida que os *enunciados-resumo* se iam autonomizando; *i.e.*: em função da saturação das informações e da sua qualidade para a *descrição analítica* do respectivo conteúdo (Paillé e Mucchielli 2003; Demazière e Dubar 1997).

5.^a – redacção de um novo documento – 1.^o *Enunciado Provisório de Descrição Analítica* de cada relato – na sequência dos *ordenamentos* e sucessivos *reagrupamentos* dos *enunciados-resumo*.

No final desta Etapa, os 15 casos distribuíam-se assim pelos 5 *critérios-condições-guia* prévios que, agora, se afiguravam como categorias genéricas provisórias: *Monomarentalidade, Morte e Maus tratos* (3 casos em cada): 9 casos; *Liderança* e “Handicaps” (2 casos em cada): 4 casos. Os 2 casos restantes (15- (9+4 =) 13=2) que não se adequavam àquele arrolamento prévio, foram integrados numa nova categoria genérica provisória: (*designação social de*) *Origem Pobre*. Lembre-se que, inicialmente, esta condição social comum a todos os casos constava dos *critérios-factores-guia*. A sua autonomização como categoria genérica provisória justificava-se por 3 razões: 1.^a- embora todas

³⁰¹ Por *enunciado* (Paillé e Mucchielli 2003, 52) designam-se aqui os textos sistemáticos do conteúdo de cada discurso oral transcrito, redigidos pela investigadora, e ilustrados ou articulados por afirmações das entrevistadas. Estes, começaram por ser redigidos para cada *rubrica*, vindo a originar a primeira organização da sequência de enunciados por entrevista ou *Enunciado-Provisório*.

³⁰² Face ao desacordo da bibliografia metodológica quanto às expressões *análise vertical, horizontal e transversal* de entrevistas, designamos o *trabalho interno a cada relato* como *análise vertical*; e o que se reporte a diferentes (ou a todos) os relatos, como *análise horizontal ou transversal*.

³⁰³ Cf. Demazière e Dubar (1997, 113 e ss.). Seguimos a definição de *rubrica* por Paillé e Mucchielli (2003, 52): anotação que permite indicar o *assunto*, mas que em nada informa quanto ao *modo e conteúdo* específico do discurso sobre tal assunto.

³⁰⁴ Por *tema* entende-se uma expressão que funciona como título-resumo e etiqueta, e que denota um extracto do *corpus* (2003, 133; 53 e 162).

as (13) trajectórias também se reportassem a condições designadas como ‘pobres’, aquelas duas, pelo teor dos *relatos* obtidos até esse momento, diferenciavam-se e dificilmente se enquadravam nos 5 *critérios-condições-guia* – originando, assim, *categorias genéricas provisórias*; 2.ª- a reflexividade e a criatividade sócio-identitárias dos conteúdos disponíveis desses 2 relatos, revelando-se material extremamente rico para a pesquisa, impedia a sua exclusão; 3.ª- finalmente, sendo *relatos exemplares de trajectórias exemplares*, o rigor metodológico alertava para o respeito da sua significação, ao mesmo tempo que impedia de os categorizar “à força”. (Paillé e Mucchielli 2003).

6.2.4. Descrição Analítica: A seguir, depurar “o” *Corpus* (3.º ACTO, PASSO 6B)

10.ª Etapa: Delimitação Provisória do *Corpus* - Na continuidade da *Descrição Analítica e Interpretativa* revelou-se outra descoincidência, entre os (2) relatos categorizados em “Handicaps” e os restantes 11. Referia-se aos tipos de factores patentes nos discursos uma vez que, ao intensificar as entrevistas, aqueles 2 discursos reforçaram e sublinharam os condicionamentos fisiológicos e biológicos. De início, compreenderam-se tais *vectores discursivos* na relação com a temporalização e a circunstancialização identitárias (Dubar 1991) das entrevistadas; porém, com o avanço do processo e pelas leituras do *corpus*, os vectores discursivos não eram *vectores-contraste* – o que inicialmente se supusera – mas, tão-só vectores *estranhos* à Problemática da pesquisa em curso. Logo, os discursos obtidos nem sequer podiam levar a desconstruir o *obstáculo naturalista* na análise da desqualificação e requalificação social porque não se pautavam por uma *naturalização* dos factores sociais; apenas se fechavam, exclusivamente, nos factores fisiológicos-biológicos das dolorosas vivências, não contribuindo para o objectivo de identificar as Estratégias de Requalificação Social.

Neste sentido, abdicou-se da categoria “Handicaps”, restringindo o *corpus* a 13 *relatos exemplares* e intensificando, a partir daí, o processo biográfico, através de 3 intervenções metodológicas: 1.ª – identificação dos «Intervenientes» mencionados nos 1.ª *Enunciados Provisórios* de cada um dos 13 relatos (*eixo paradigmático dos discursos*); 2.ª – trabalho de «construção/reconstrução e descontextualização/recontextualização que provocou a re-classificação e o reagrupamento dos extractos dos relatos num 2.º *Enunciado Provisório de Descrição Analítica*.³⁰⁵ Ao mesmo tempo, foram-se demarcando «*pré-unidades de sentido*» em função da coerência entre os episódios-acção relatados e os intervenientes identificados; 3.ª – reorganização dos agrupamentos realizados, de modo a elaborar a 1.ª *Grelha Analítica Provisória* de cada um dos 13 relatos, a partir do 2.º *Enunciado Provisório*...

³⁰⁵ R. Tesch 1990, cit. In Paillé e Mucchielli (2003, 3031 e 103-104).

6.2.5. Descrição Analítica: Constituir definitivamente o *Corpus* (3.^o ACTO, PASSO 6C)

As anteriores tarefas de «*construção/reconstrução e descontextualização/recontextualização*» fundaram a decisão de constituir definitivamente o *corpus* – 11.^a Etapa – pela sua redução a 11 *relatos*.

11.^a Etapa: Constituição do *Corpus*: O encontro de vários critérios metodológicos reverteu na constituição de um *corpus* de 11 casos: i) critério formal e critério de análise vertical – exaustividade e saturação das informações relatadas; ii) critério de conteúdo e de análise cruzada (ou transversal) dos relatos – exemplaridade, reflexividade e criatividade das Estratégias e Lógicas Sócio-Identitárias expressas nos discursos.

Pela dinâmica dos procedimentos já exposta, a análise e conseqüente re-classificação dos 11 casos confirmavam os restantes 4 *critérios-condições-guia* – Monomarentalidade, Morte, Maus Tratos e Liderança – ao mesmo tempo que era reforçada a pertinência da *categoria genérica provisória* “origem pobre”. Como tal, dispunha-se então de 5 *categorias genéricas*: Monomarentalidade: 3 casos; Morte: 2 casos; Maus tratos: 2 casos; Liderança: 2 casos; Origem pobre: 2 casos. No final deste *Passo 6c* consolidou-se o *corpus* da pesquisa, pela articulação de 3 práticas metodológicas: *Guião-lembrete*, exame e tradução fenomenológicos e formulação das informações e prática de escrita analítica. Podia, enfim, intensificar-se a construção de *categorias*³⁰⁶ e respectivas *significações*³⁰⁷.

6.2.6. Descrição Interpretativa do *corpus* de 11 Relatos (3.^o ACTO, PASSO 7)

Constate-se como as exigências da Análise Qualitativa desestabilizaram a categorização feita até esta Etapa, indo reflectir-se na autonomização de 6 casos face aos outros 5.

12.^a Etapa: Enunciados de Descrição Interpretativa: realizaram-se análises horizontais-transversais ao *corpus* que despoletaram vários questionamentos e novas perspectivas de interpretação dos casos. Efectivamente, neste ponto da pesquisa afirmou-se de forma definitiva a fertilidade heurística do *Método da Escrita...* de tipo Fenomenológico, para identificar *elementos disjuntivos e conjuntivos* do discurso de cada relato – determinantes para elaborar os 1.^{os} *Textos de Descrição Interpretativa*.

Várias foram as *descontextualizações* de informações, e das respectivas pistas que se iam *recontextualizando*, pois a dinâmica interpretativa, estimulada pela escrita analítica, conduzia a desconstruir categorizações anteriores (que só então se percebia que eram provisórias), e a construir novas. Nessa dinâmica, teve de laborar nas re-construções interpretativas que, por sua vez, provocariam reconfigurações do *corpus* na Etapa seguinte.

³⁰⁶ Adota-se a distinção entre *Categoria Genérica* e *Categoria Específica* (Paillé e Mucchielli 2003, 52).

³⁰⁷ Para Demazière e Dubar (1997, 113 e ss.) já é uma operação específica da Análise Estrutural.

Com efeito, e ainda no que se refere a este 1.^o nível de teorização, foi o recurso à *categorização em emergência* que permitiu realizar, neste *Passo 7*, a *descrição interpretativa*, e não se ficar pela mera reprodução ou acumulação de categorias. É que só nesta procura de *relacionar e contrapor as categorias, emergentes, entre si* (2003, 186 e ss.), pode almejar-se a *documentação das relações entre* experiência e trajectos das mulheres-narradoras, e os respectivos contextos – relações que viabilizaram a categorização, provisória, dos relatos: «*le travail de mise en relation va viser, à partir de maintenant, à documenter les liens (...) à déceler, dégager, expliciter le motif derrière la forme, bref à reconstruire l'événement, l'expérience, la trajectoire.*» (2003, 184). Três tarefas foram realizadas: 1.^a – *anotação dos pró-Argumentos Narrativos emergentes* quanto à condição social das entrevistadas enquanto mulheres-em-PSD/R, a saber: Lógicas de Acção; e Estratégias e Finalidades Sócio-Identitárias identificáveis nos discursos; 2.^a – *reescrita e re-classificação dos onze 2.^{os} Enunciados Provisórios de Descrição Analítica*, em função das *categorias emergentes*, de modo a ultrapassar a *mera cronologia* dos discursos daqueles 2.^{os} Enunciados... Foi um trabalho preparatório que permitiu redigir os 1.^{os} *Textos de Indução Teorizante* (2003, 106 e ss.); 3.^a – elaboração da 2.^a *Grelha Analítica Provisória* de cada um dos 11 relatos, a partir da reformulação da 1.^a *Grelha*...

Categorias fenomenológicas emergentes – *categorias específicas*, *categorias teorizantes* – foram-se revelando a partir da compreensão do *sentido* e da *significação* contidos nas narrativas de Lógicas e de Estratégias Sócio-Identitárias implicadas, pelas mulheres-sujeito, nos processos de desqualificação e requalificação social. Significações e sentido(s) só possíveis de «dar a ver», através desta análise qualitativa que, crê-se, para além de aprofundada é inovadora – atributos que competem aos processos de pesquisa. Mas, na busca da «*intégration argumentative de l'ensemble*» (2003, 189) só se conseguiu intuir e explicitar o *sentido* dos processos de desqualificação e requalificação social pela análise transversal do *corpus*, mediante um vaivém entre dedução e indução inerente à tarefa do 2.^o *Nível de teorização* – Indução Conceptualizadora e Teorizante (4.^o Acto).

7. RECONSTITUIÇÃO-NARRAÇÃO OU CONSTRUÇÃO TEORIZANTE EM EMERGÊNCIA, 4.^o ACTO

Neste 2.^o nível da análise (*Passo 8* – 13.^a Etapa) o fulcro da atenção foi a compreensão integrada e global do fenómeno significativo revelado (2003, 187) pelos 11 relatos: «*le niveau de difficulté du travail de théorisation est encore plus élevé, puisque la figure précise que va reconstituer le puzzle n'est pas connue d'avance! (...) Le chercheur, l'expert, l'intellectuel, qui s'étaient relativement tus en présence d'un matériau dont ils escomptaient apprendre, doivent à présent se prononcer, choisir, juger, affirmer, s'exposer.*» (2003, 193).

7.1. Reconfiguração do *Corpus* (4.^o ACTO, PASSO 8) – 13.^a ETAPA

13.^a Etapa: Categorização Teorizante e Reconfiguração do *Corpus* – A categorização teorizante do *corpus* passou por 4 operações:

1.^a operação – análise comparativa dos 1.^{os} Textos de Indução Teorizante; anotação de ítems da *interpretação transversal do corpus*, como de outros conteúdos emergentes que se revelaram significativos, de forma crescente, ao ponto de justificar a recategorização dos 11 casos do *corpus*.

2.^a operação – elaboração da 3.^a Grelha Analítica Provisória de cada relato, tomando como base as anotações anteriores.

3.^a operação – primeira formulação da *narrativa* («*argumentação lógica*» - 1997): mediante o aprofundamento da *escrita analítica-comparativa*, reformularam-se os 1.^{os} Textos de Indução Teorizante, dando origem aos 11 extensos, e primeiros, *Enunciados Fenomenológicos*.

4.^a operação – re-categorização dos 11 casos do *corpus*: em função das *afinidades homológicas de Argumentos das Narrativas*. A mesma *reconfiguração do corpus* seguiu dois preceitos: 1.^o - re-categorizar o conjunto dos 11 relatos de vida que compõem o *corpus* de análise, em duas grandes categorias: 6 relatos foram re-categorizados como *casos-de-contextualização* da *Problemática* da pesquisa e outros 5 foram destacados como *casos exemplares*; 2.^o - re-categorizar, e sub-categorizar internamente, os 6 casos-de-contextualização.

Nesta fase do processo, optou-se por restringir a interpretação teorizante àqueles 5 *relatos exemplares*, pela sua complexidade e riqueza sociológicas.

7.2. Interpretação Teorizante (4.^o ACTO, PASSO 9) – 14.^a ETAPA

14.^a Etapa: interpretação teorizante: realizaram-se 3 operações fundamentais: 1.^a – escrita analítica de 5 *Enunciados Fenomenológicos Finais* para cada um dos 5 casos; 2.^a – elaboração de *Esquemas Transversais Interpretativos*: uma Grelha Específica a cada relato e Esquemas referentes aos Momentos Marcantes de cada um dos 5 *casos*; 3.^a – elaboração das *Conclusões da Análise Qualitativa* a partir da articulação entre as teorizações de cada *Enunciado Fenomenológico Final*, e as conclusões emergentes aquando da construção quer das categorias, quer dos *Esquemas*.

7.3. Inquirição a Profissionais de Intervenção Social (4.^o ACTO, PASSO 10) – 15.^a ETAPA

15.^a Etapa: Entrevistas a Profissionais: após a 9.^a Etapa estava-se em condições de preparar as Entrevistas aos Profissionais de Intervenção Social. Com estas, visou-se obter perspectivas *i)* quer de Técnicos interventores na zona de inserção das mulheres-sujeitos; *ii)* quer de Técnicos não vinculados àquela zona mas cujo modelo de intervenção fosse similar ao de *i)*.

Foi, pois, por questões interpretativas que as entrevistas aos profissionais se realizaram antes da *Descrição Interpretativa do corpus*, como estratégia para enriquecer ambos os processos – o de inquirição dos profissionais e, no retorno, fundamentar a teorização do *corpus* de narrativas.

Com efeito, a formulação do *guião-lembrete* de entrevista aos profissionais resultou, em parte, da *Descrição Analítica* dos 15 trajectos de requalificação social; como também se baseou nas temáticas teórico-conceituais-*utensílio* da pesquisa, e em problemáticas detectadas aquando da realização das entrevistas às mulheres-sujeito. Depois de pesar vários condicionalismos, optou-se por realizar 4 entrevistas – duas individuais e duas colectivas – como se segue:

a) em San Sebastián/Donostia, cumprindo o requisito *i)*: realizaram-se duas entrevistas individuais a 2 Profissionais Bascos – a Directora e Formadora da Escuela Universitaria de Trabajo Social (Assistente Social); e, do mesmo estabelecimento de ensino superior, uma Formadora, Investigadora e Técnica de Intervenção (Assistente Social e Psicóloga de Formação Sistemática). Também uma das entrevistas colectivas foi feita aos 5 Técnicos de uma equipa de intervenção-educação social basca (Entidade-Mediadora do *trabalho de campo*);

b) em Portugal, cumprindo o requisito *ii)*: decidi fazer-se a outra entrevista colectiva aos técnicos de uma equipa portuguesa de intervenção em redes sociais de Coimbra.

Esta inquirição dos profissionais obedeceu ao seguinte cronograma:

Entrevista à Equipa de Intervenção Basca: duas fases: 1.ª - em Portugal (Abril/1998), aquando da deslocação aí, em trabalho, da EI Basca (para conhecer as condições de origem dos ascendentes das famílias-alvo da intervenção no País Basco; e também para intercâmbio e partilha de trabalho com a EI de Coimbra); 2.ª - no País Basco (Maio/1998³⁰⁸), para complementar e aprofundar temas;

Entrevista à Equipa de Intervenção Portuguesa – em Coimbra (22/Julho/1998);

Entrevistas Individuais aos dois Profissionais Bascos – no País Basco (Maio/1998).

Pelos mesmos motivos atrás registados – **riqueza e volume** do *material biográfico* – optou-se por excluir desta dissertação a *apresentação directa* do material decorrente desta Etapa que, como referiu, nos apoiou na análise do *Corpus* (e que se relegou para o fim deste Capítulo de modo a não perturbar a exposição dos outros procedimentos metodológicos).

Fundamentados princípios e procedimentos, chegou o momento de *dar voz* às *Narradoras* para interpretar o sentido dos seus *Relatos*.

³⁰⁸ A missão da investigadora ao País Basco, por 4 dias, em Maio/1998, deveu-se expressamente à realização destas entrevistas.

CAPÍTULO DOIS – CONCLUSÃO: DO ‘FALAR’ À FALA

Da exposição da componente metodológica desta pesquisa destacam-se três campos de reflexão final: processo biográfico, seus condicionamentos sócio-culturais, *oralitura* e abordagem qualitativa em geral.

1- PROCESSO BIOGRÁFICO: UMA CONSTRUÇÃO ENTRE 3 ACTORES

O balanço final deste *processo* é positivo, quer pela excelente colaboração institucional que as *Entidades* e os *Técnicos mediadores* mantiveram com a investigadora, a qual foi determinante para a viabilização, criteriosa, do mesmo processo; quer pela receptividade das 46 *sujeitos-mulheres sinalizadas*; quer pelo aprofundamento do contrato comunicacional com as 31 *entrevistadas*. Quando, no termo do processo, se entregou a cópia da gravação de todas as entrevistas realizadas – quer às mulheres-casos, quer aos técnicos – aos sentimentos de satisfação da investigadora por honrar o compromisso assumido, somaram-se as reacções daqueles actores de gratidão e de cumplicidade, vivenciada desde o início até esse último momento.

O facto de avaliar positivamente o *processo biográfico* não impede que, globalmente, se identifiquem *dois estilos* na sua própria realização (negociação e realização): o das 16 entrevistas que *não alcançaram a profundidade* dos relatos biográficos; e o das 15 entrevistas que evoluíram para a co-construção de relatos.

Como se pormenorizou, tal distinção decorre da determinação do factor ‘competências linguísticas’ na co-construção de *Narrativas*. Este tópico, como já se expôs, tem merecido e continua a merecer a atenção dos metodólogos, em particular dos que procuram melhorar a investigação social assente no discurso dos actores sociais, ao ponto de dispor-se, actualmente, de várias perspectivas quanto ao lugar e à atitude do/ investigador/a face à linguagem dos mesmos.

2- CONDICIONAMENTOS SÓCIO-CULTURAIS:

DOMINAÇÃO INTERIORIZADA E ESTILOS DE VIDA DE TRANSIÇÃO

Cientes de que, por não ser o nosso objectivo, não cabe aqui aprofundar este problema social nem, muito menos, a sua problematização científica, entenda-se esta reflexão como o fio de uma meada a desenrolar. O que se quer sublinhar é, acima de tudo, a constatação imposta pelo trabalho de campo: ante a dominância actual da cultura da imagem, o *problema social* com que a investigação sociológica se confronta ultrapassa a discussão metodológica centrada na desvalorização cultural das competências *orais* em prol das *escritas*. No presente quadro civilizacional assistimos à mudança mais complexa do próprio modo da comunicação humana, com o forte mediatismo das informações,

facilitado pelas tecnologias de comunicação imediata, reais e virtuais.

Claro é que as entrevistadas cujo discurso não atingiu a profundidade dos relatos biográficos nem são *as protagonistas*, nem ‘o resultado’ dessa transformação comunicacional que já se objectiva em meio urbano, nas gerações de jovens adultos e, sobretudo, de adolescentes.

Distanciadas da lógica da subjectivação, numa sociedade que afirma a tendência (Roca 1996) de associar o *sucesso social* às competências do “*management*”, da imagem e do desempenho “*brilhantes*”, essas mulheres são, sim, *casos exemplares* de um estilo de vida de transição. Como tal, situam-se entre esse modelo (futuro?) em construção, e o modelo da integração social que elas próprias já têm dificuldade em acompanhar – por isso, são socialmente sinalizadas como desqualificadas.

Casos exemplares, pois, da complexificação dos obstáculos à requalificação social.

As referidas situações em que não foi viável a colaboração de (41-31=) 10 mulheres sinalizadas podem também relacionar-se com o facto de a mediação ter sido feita por Técnicos. Esta mediação pode ter tido efeitos indesejados, tais como o condicionamento e o impacto normativo (involuntários), nomeadamente

i) por insegurança face aos objectivos do contacto. Com efeito, e apesar das garantias de autonomia da investigadora face às instituições locais, não é descartável a hipótese de as mulheres terem sentido medo de *perder* o direito a respostas sociais;

ii) pelo envolvimento do trabalho implicado dos Técnicos, considerando tratar-se de situações cujos processos de autonomização se encontravam ainda em curso, pelo que a própria autonomia em relação aos Técnicos ainda não estava a ser trabalhada (*desmame*). A bem ver, pode admitir-se que a vivência da promoção por essas mulheres, e a gratidão daí decorrente, alimentava uma espécie de relação de veneração ou de fidelidade pessoal que teria sido ultrapassada nos restantes *casos*.

Considera-se, pois, que estes elementos de avaliação processual reforçam a pertinência da *Problemática-Utensílio* desta pesquisa, como confirmam os pressupostos da Abordagem Qualitativa.

3 - ORALITURA E ABORDAGEM QUALITATIVA

Na verdade, ao partir da perspectiva de base Simmeliana e do trabalho de Paugam – que ensinam que a Observação Sociológica do problema socialmente designado como «pobreza» deve orientar-se para os sujeitos socialmente assim designados e destinatários de medidas sociais (reparadoras ou superadoras) – procurou cruzar-se os critérios-indicadores das noções vigentes de «pobreza» com os critérios institucionais do reconhecimento daqueles sujeitos, como da consequente intervenção junto dos mesmos.

Contudo, não se puderam controlar *os efeitos perversos dos próprios processos de requalificação social*, que, embora visando a autonomia, passam em muitas situações pela *dependência*

intermédia dos actores face aos mediadores (*salvadores*) da mesma. Como também não se contornaram decisões que apontam para a dupla categorização, ou para o *duplo estatuto dos discursos obtidos*. É que tais decisões não foram – porque na perspectiva de ciência adoptada não o são – exclusivamente ‘metodológicas’. A concepção de sujeito e de acção social é que informou e permitiu acolher e desenvolver as significações sociológicas dos *5 relatos* seleccionados como *exemplares*, provocando a reinvenção de procedimentos analíticos.

Ainda no que se refere à Abordagem Qualitativa tem de expressar-se uma última reflexão: sem dúvida que, como os especialistas têm reflectido, o processo da co-construção de biografias é impressionantemente provocador e implicador dos/as investigadores/as que por ele enveredam, do mesmo modo que lhes impõe mudanças, não reversíveis. Pelo que se considera que também se tem de dar testemunho – neste caso, não o das mulheres-sujeitos, mas o testemunho de investigadora.

Então, no que compete aos factores que dependeram da investigadora – sob pena de as narrativas não serem co-construídas e se ficar apenas pela «obtenção» de um conjunto de afirmações não subjectivadas pelas narradoras – vivenciou-se a incontornável *implicação*, a vários níveis. Desde logo pela exigência da prática **efectiva** da *relação e interacção empáticas* e da *atitude de escuta activa*. Mas também porque estas relação-interacção e atitude nunca estão garantidas, quer dizer: são construídas de raiz para cada sujeito, pois os tons e estilos intersubjectivos são/foram, de facto, co-construídos **em e com cada narradora**. E ainda porque, quando as mesmas relação-interacção e atitude se desenrolam como desejado e devido, a *confiança* das narradoras é *absoluta*, pelo que a *intimidade* das mesmas é partilhada com intensidade também absoluta.

Para efeitos de pesquisa, é importante poder testemunhar-se esta vivência pois considera-se que traduz o melhor indicador de ter sido conseguida e concretizada a metodologia projectada.

Para efeitos de pesquisa futura ou de reflexão do leitor, e ainda que o mesmo objectivo contenha os mais éticos e sérios contornos, não pode deixar de expressar-se este alerta: qual *a legitimidade* e, sobretudo, quais *os limites éticos* para a investigação social realizar tão profundo mergulho (devassa?) da intimidade dos actores sociais? Uma pista temos, e chama-se requalificação social.

Está-se agora em condições de revelar que o caso **mais exemplar** da presente pesquisa é aquele que *não originou nenhuma narrativa*, é o da única mulher que não concordou em gravar as sessões de entrevista. Na verdade, durante a longa negociação na tarde em que a investigadora apresentou os objectivos da abordagem biográfica e da pesquisa, tal sujeito-mulher-sinalizada – cigana assumida, divorciada e, agora, respeitada na sua comunidade e no contexto social basco, socialmente requalificada, com complexas transacções identitárias (exteriores e interiores) re-construídas – aquela sujeito-mulher ainda reivindicou assumir e aplicar os mesmos critérios e condições da actual pesquisa, propondo-se fazer, ela a sujeito-mulher-investigadora, uma *entrevista-espelho*.

CAPÍTULO TRÊS

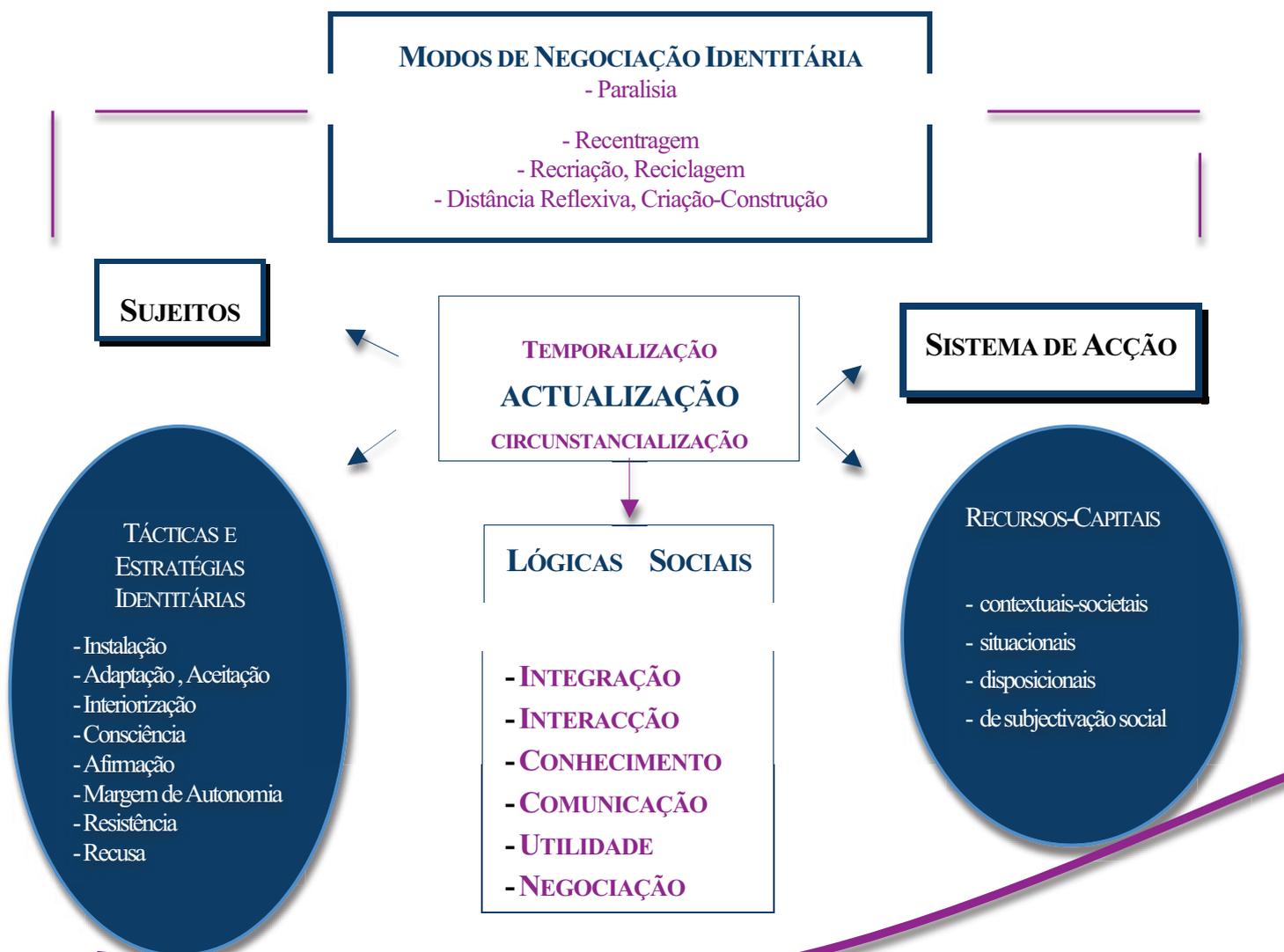
ANÁLISE SOCIOLÓGICA EM EMERGÊNCIA DE RELATOS

BIOGRÁFICOS EXEMPLARES:

A EXPERIÊNCIA SÓCIO-IDENTITÁRIA DE PROCESSOS DE REQUALIFICAÇÃO

FIGURA 4:

A INTERACÇÃO *ESTÁ* PARA O SISTEMA DE ACÇÃO
COMO AS NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS *ESTÃO* PARA O SUJEITO



INTERACÇÃO

DINÂMICA DA MOBILIZAÇÃO DOS RECURSOS-CAPITAIS NOS PROCESSOS SOCIAIS
(ESTILOS DE ALIENAÇÃO, REPRODUÇÃO OU IMPLICAÇÃO E SUBJECTIVAÇÃO)

CAPÍTULO TRÊS – INTRODUÇÃO : DA “FALA” AO SENTIDO EMERGENTE

“Mais comment analyser pour comprendre? (...) Il s’agit moins de détailler les procédures de traitement de la parole des gens que d’explicitier les théories de la production du sens qui s’y rattachent et les implications théoriques qu’elles incorporent.” (Demazedière e Dubar 1997, 38)

Sem mais delongas, passa a apresentar-se a análise sociológica *em emergência* dos 5 *Casos Exemplares* seleccionados, correspondendo cada *Caso* a uma das cinco PARTES em que se organizou este CAPÍTULO TRÊS.

Assim, a primeira análise é do *relato* de Sara; na 2.^a PARTE, cruzamo-nos com Esmeralda; Mafalda tem a atenção da 3.^a PARTE. Já na 4.^a PARTE é Paloma quem nos aguarda e, a última análise, centra-se em Amélia.

Para além da *organização interna* esclareça-se que, por razões de facilidade de leitura do texto, optou-se por integrar nos *Apêndices* (6 a 10) a maior parte das esquematizações (Caixas, Mapas, Esquemas e Figuras) que, como se expôs no CAPÍTULO DOIS, foram sendo elaboradas ao longo da análise de cada *caso*.

Cumpre também referir que os *nomes* pelos quais identificamos cada uma das *mulheres-casos-exemplares* são *pseudónimos* escolhidos pelas próprias no início do *contrato comunicacional*, de forma a garantir o seu anonimato; pelo que também são esses *nomes-pseudónimos* que guiaram o processo das entrevistas e, como tal, constam das gravações e das transcrições das mesmas – como pode aferir-se no Apêndice 11, também relativo ao presente CAPÍTULO, e no qual se incluíram todas as transcrições de entrevistas, devidamente assinalados para cada *caso*. Ao logo do texto, esses *nomes-pseudónimos*, como todos as menções comprometedoras do anonimato – *p. ex:* a locais – são abreviados pela primeira letra (maiúscula).

A terminar, na Conclusão deste CAPÍTULO TRÊS, serão tecidas algumas considerações sobre o conjunto da análise, sem prejuízo das reflexões mais profundas na CONCLUSÃO GERAL da dissertação.

1.^a PARTE – SARA, TRÊS EM UM:

FÉ NA PRECE E NA SORTE, SUPORTES DO RISCO ESTRATÉGICO

As saudades são caras mas “*em cima Dios*”; “*Graças a Deus, Deus aperta mas não ahoga!*”; “*eu penso que Deus às vezes (...) Faz-nos provas, manda-nos exemplos.*” (pp. 14, 28, 16).

Pelo processo social de narração biográfica de Sara não só se acede à sua atribulada trajectória, como somos também apresentados às trajectórias identitárias (TI) das irmãs com quem a sua *fala-memória reconstruída* interage (Apêndice 6).

Da demorada relação entrevistadora/entrevistada ressalta o seu grande prazer de falar e de contar histórias recheadas de exemplos de que frisa, repetidamente, serem verdadeiros: “*não é mentira*”.³⁰⁹ À nossa frente, de gargalhada fácil, faladora, agitada pela ansiedade e pela imaginação fértil, de rosto e mãos enrugados, Sara expressa os *cinco enunciados-narrativos* que caracterizam o seu relato: **i)** recorrente *auto-afirmação sócio-identitária* – convergente quer com a **ii)** *defesa* insistente e *pró-encapsuladora* da *cultura de origem*, quer com as **iii)** *etnocêntricas comparação* e *classificação* sociais; **iv)** remissão frequente para explicações e justificações do foro da *fé*; e **v)** *paradoxo identitário* entre a visão do mundo de *abertura relacional e cultural defendida* pela narradora, e a *prática narrada* de *sucessivas rupturas sócio-relacionais*.

A trajectória familiar decorrerá em dois sentidos opostos. O *percurso manifesto* de Sara, nascida num meio de origem *miserável* de *pescadores* muito pobres, desagua num estilo de vida familiar que *melhora até à pobreza relativa*; inversamente, com o aumento da intimidade, o relato introduz-nos ao *percurso latente* de reprodução (viciosa?) das condições de carência social das irmãs e sobrinhas, ao longo das respectivas trajectórias dependentes do domínio masculino.

Destas raízes sócio-identitárias também não podem esquecer-se outras convivências como a do alcoolismo, a da violência familiar – fatal na família (30, 42 e ss., 56-57) – e, ambos, aliados da discriminação e do sofrimento femininos.

1. APRESENTAÇÃO DE SARA

Sara, com 43 anos, imigrante no País Basco (PB) desde os 22, vem de uma família extensa – 15 filhos, dos quais 7 estão vivos – da carenciada *zona piscatória* nortenha de C.: “*Eu na minha casa só vi pobreza!*” (p. 30).

Esta família de origem é característica do *miserável* estilo português de vida do mar: todos os homens da rede familiar são *homens do mar* – o pai e um irmão de Sara; o marido Galego, 7 anos mais

³⁰⁹ Ver no relato transcrito, pp. 4-5, 8-10, 18-19, 22, 27-28, 30, 35-36, 46-47, 52, 63, 69.

velho que ela; dois cunhados; e o irmão da companheira actual de um ex-cunhado³¹⁰.

A tipicidade do mesmo meio de origem revela-se na pluridimensionalidade da carência absoluta ao nível da subsistência: *i*) habitacionais – “*casa pequenina, muito limpinha*” (p. 39) mas sem condições (“*dormíamos, igual*”³¹¹, *cinco*” na mesma divisão - p. 30); *ii*) carências alimentares; *iii*) recursos económico-materiais; *iv*) códigos relacionais de violência familiar e “*Humilhações*” (p. 30); e *v*) tipologia familiar (p. 30).

A instabilidade da TI de Sara decorre ao longo dos seguintes *cinco Momentos Marcantes* e densos, de rupturas sócio-espácio-relacionais, regidos por diferentes práticas de risco estratégico.

2. MOMENTO 1 (1954-76): MISÉRIA – ALCOOLISMO, VIOLÊNCIA FAMILIAR E DEPENDÊNCIAS

Ao estilo de vida de origem familiar típica de pescadores do Norte do País associam-se duas práticas: alcoolismo e maus tratos dos homens às mulheres e crianças dos agregados. A propósito do primeiro, Sara menciona as dependências do pai (p. 30); de um cunhado, o marido da irmã falecida (pp. 42, 47; Apêndice 6, Caixa 1); e de dois irmãos – o mais velho, e o emigrado consigo em SnSn (p. 48).

Todos os (sub-)temas discursivos se organizam e estruturam a partir da afirmação, pela narradora, da experiência sócio-identitária, desde os relativos a representações da *pobreza*, até aos centrados nos *modelos socializadores* e nos *papéis parentais* – sendo, neste sub-tema, especificamente nítida a marca do seu trajecto biográfico.

À violência familiar (pp. 30, 42 e ss.) acede-se por duas formas de enunciação: *directa* e *insinuada*. Na verdade, ficamos a saber a gravidade dos maus tratos de forma *clara e directa*, ao sermos informados que *i*) causaram duas mortes na família de origem de Sara – a da própria mãe, quando tinha 53 anos (pp. 30-31); e a da irmã mais nova, aos 36 anos (p. 42; Apêndice 6); *ii*) se perpetuam no comportamento do cunhado viúvo para com as filhas (pp. 42-47); e que *iii*) se converteram no objecto da violência paterna, quando S e os irmãos ficaram órfãos da mãe.

De forma mais *insinuada*, as agressões domésticas emergem no *tom* das considerações sobre a irmã viúva (a que, “*com quinze anos teve que casar*” - p. 33). De facto, Sara sugere: “*passou-as, passou duras*” (p. 39), adiantando que a “*vida triste*” e “*mala*” daquela irmã se deveu a que “*nunca teve um marido que a ajudasse!*” (p. 40; Apêndice 6); – sem que contudo, a narradora, tão fluente e ansiosa, concretize qual(quais) o(s) tipo(s) de ajuda que tem em mente.

A desvalorização opressiva e o sofrimento das mulheres da família são ilustrados de dois modos: ao relatar a trajectória de prostituição de uma sobrinha que dá, assim, continuidade aos papéis social-

³¹⁰ Este ex-cunhado é o ex-companheiro da irmã mais nova de S, falecida há 3 anos.

³¹¹ Leia-se: «às tantas», «pr’á!»:

mente desvalorizados das mulheres da rede familiar; e ao construir uma *representação discriminatória da condição de pai*: numa família, é pior perder a mãe do que perder o pai (p. 42) – dita a *Sara-narradora* ouvindo, por certo, a *Sara-filha*.

Na verdade, o modelo socializador de Sara é a *mãe-bondade* (p. 56), pessoa muito católica (p. 27) enquadrada, por palavras suas, no modelo da «*mãe-galinha*»: a que “*agasalha*” e “*encobre*” (p. 42). É interessante a memória avaliativa de S quanto ao pai; sublinhe-se, globalmente – apesar dos relatos maus tratos a filhos e do assassinio (dramatizado pela narradora?) da mãe (p. 56; “*O meu pai foi muito mau*”, p. 37) Com efeito, afirma que o pai foi bom para os filhos (p. 35), e um “*muito bom homem*” (p. 30) de carácter forte e afirmativo, o qual ela própria viria a herdar (p. 56).

A *carência pluridimensional do estilo de vida* é o argumento legitimador de dois marcos da infância: 1) *precoce inserção laboral* aos 8 anos, juntamente com a irmã hoje viúva (Apêndice 6), numa fábrica de conserva onde trabalhavam por turnos, e muitas vezes no turno da noite (p. 34); 2) *absentismo e abandono escolar* no fim da 3.^a Classe quando S já tinha mais de 10 anos (pp. 32-33).

2.1. – 1.^a Etapa-Ruptura (1962-68): abandono escolar para trabalhar – o fim da infância aos 8 anos

A instável e precária Trajectória Laboral (TL) de Sara caracteriza-se pela mobilidade geográfica e por rupturas relacionais (Apêndice 6, Caixa 1).

Na verdade, aos 10 anos deixa a fábrica e inicia o segundo emprego, que marca a sua primeira migração para a cidade de P e onde Sara fica 4 anos (pp. 32-33). Desta ocupação sabemos que foi para casa de um casal sem filhos para “*trabalhar como criada a servir*” para ir aos recados e fazer companhia a uma senhora cujo marido era taxista; a mesma senhora que educou aquele que viria a ser o primeiro namorado de Sara. Depois, num estilo mais romanceado, recorda: “*me acolheram como a uma filha!*”, “*era uma família!*” e explica, deste modo como o emprego resultara da estratégia materna de colocar Sara naquela família para facultar-lhe melhor criação e educação – “*o trato que a (...) mãe não podia [dar-lhe] , claro!*”. Revelando-se estas práticas coincidentes com as *estratégias de sobrevivência* das camadas sociais pobres mais desprovidas, no Portugal do Estado Novo, vimos a saber que o mesmo casal apadrinharia o seu casamento e que, mais tarde, a esposa também será madrinha da filha de Sara (hoje, com 21 anos). Foi nessa fase em P. que Sara completou a 3.^a Classe, contando com a motivação e o empenhamento da professora, e da patroa e futura madrinha.

2. 2. – 2.^a Etapa-Ruptura (1968-76, dos 14 aos 22 anos): Trabalho infantil, *biscates*, esmola e *Risco*

Já com 14 anos, Sara retorna à casa familiar por um período de 9 anos, vindo a trabalhar na fábrica finlandesa de costura onde também trabalhavam a mãe e a irmã mais velha (pp. 33 e ss.).

Aí, conta, foi castigada durante 8 dias (“*porque me ri duma moça que tinha um piolho aqui na frente*”, p. 34), na sequência do que viria a recusar-se a regressar: Sara conta que se despediu – naquele que emerge como o seu 1.º comportamento de risco – e regressou à fábrica do peixe, tanto mais que em “*casa fazia falta dinheiro*” porque a irmã “*teve que casar*” (p. 33; Apêndice 6). S caracteriza este 4.º emprego pelas precárias e difíceis condições de trabalho – turnos duros, trabalho ao serão, frio e pés descalços no chão húmido das caixas de peixe – e pela instabilidade sazonal: no Inverno, por não haver sardinha “*ficava sem trabalho*” (p. 34).

Segundo ela, foi devido a estas condições que sossegou a mãe procurando outro trabalho.

Muda então para casa de “*gente rica*”, “*gente de dinheiro*”, de onde terá fugido ao fim de apenas 15 dias “*a servir*” (como interna?). Na justificação para a fuga – 2.º comportamento de risco – e, de novo, para recusar voltar ao local de trabalho para receber o ordenado dessa quinzena, S mistura vários argumentos: *i*) a imagem de uma patroa muito rígida e temperamental – embora ausente da residência; *ii*) os regulamentos e regras de higiene e de apresentação laboral (*p.ex.*: cabelo apanhado, unhas cortadas – p. 35); e *iii*) o afastamento doloroso da casa familiar. Alude ainda à curiosa figura de uma das funcionárias, pacificadora e conselheira do seu comportamento, relato que confirma o choque cultural e as dificuldades de adaptação da *S-adolescente*. Na verdade, esse estilo de vida sócio-simbolicamente distante do seu habitat social habitual exigia-lhe um conjunto de competências pessoais que não tinha desenvolvido e, antes de mais, estranhava (problemas de integração ausentes no relato da estada em P).

Do emprego seguinte (o 6.º) apenas diz que era uma “*fábrica de peixe*” onde trabalhou na “*soldagem de tornos*” (p. 36), de que avalia positivamente os horários de trabalho – incluíam pausa para a merenda – e a remuneração: “*já era outros ordenados*”. No resumo conclusivo que faz deste Momento 1 da sua vida, S inclui que realizou outras actividades-*biscates*: “*andar ao mexilhão, andar nas feiras aos carretos*” (p. 36); e, no decurso da entrevista, assume ter *pedido esmola*: “*que eu já andei a pedir!...eu realmente pedia com fome!*” (p. 49).

As adversidades e dificuldades das miseráveis infância e juventude de S manifestam-se ainda nas condições de saúde. Por um lado, faz várias alusões à *fragilidade* dos seus ossos e dos da irmã mais velha (Apêndice 6), atribuindo-a às insalubres condições de trabalho, principalmente nas fábricas de peixe onde trabalhava descalça porque a “*mãe não tinha p’ra comprar-me socos*” (p. 31); por outro, frisa carências drásticas na alimentação familiar: “*Leite? (...) nunca soube o que foi leite na minha casa; era café preto*” (p. 49).

Globalmente, do Momento 1 da sua “*vida triste (...) de menina*”, Sara destaca a época em P como “*a vida que tive muy bonita!, muy alegre, muy... !tch!, com boa alimentação, e tudo*” (p. 36).

Neste 1.º Momento da TI domina a lógica de destino social reproduzida pelo *sacrifício estratégico*, a par da *emergência* da lógica de risco social. Perante esse *destino social*, Sara *reage* pela

interiorização e a *Adaptação-Resistente*, firmando ambas as reacções no *Sacrifício* e no (emergente) *Risco*, que são as duas grandes estratégias identitárias da *Sara-adolescente-jovem*.

3. – MOMENTO 2 (1976-1980) AOS 22 ANOS: CASAMENTO E RUPTURA ESPACIAL

3. 1. Casamento que leva a Trajecto Migratório

Após um namoro de 4 anos com o seu “*primeiro amor*” (p. 36) – e com casamento marcado para Dezembro – os noivos zangam-se em Outubro “*por invejas, por amigas*” (p. 36). Na sua família actual, todos – filhos e marido – têm conhecimento desta paixão que ela mantém até hoje; Sara guarda fotografias dele; e, quando se encontram em Portugal, onde está casado e tem filhos, conversam sem que o marido se importe nem oponha (pp. 36-37; Apêndice 6, Caixa 1).

Quanto ao namoro³¹² – 3.º comportamento de risco? – começou por carta e por brincadeira (pp. 15 e ss.). O marido, um Galego, trabalhador da terra (embora S também nos diga que tinha como profissão a de empregado da construção civil), migra no fim da tropa para o PB, aos 21 anos. Esse era o remetente das cartas de Sara e viria a ser a sua nova morada quando, em Novembro de 1976, vai viver com ele ao fim de um mês de casada: “*Eu quando me casei sabia que vinha p’ra Espanha (...) Claro!, tinha que seguir-lo*” (p. 16).

A cerimónia realizou-se em Portugal, em Outubro, com a presença de ambas as famílias ascendentes, tendo-lhe o noivo pago o vestido de noiva (p. 40). Sara considera que teve “*muita sorte, graças a Deus*” por ter este homem como marido: “*a sorte que eu tive, não de riqueza, mas (...) nunca, nunca soube o que foi uma bofetada na cara*” (p. 16). Avalia-o muito positivamente como pessoa, trabalhador, marido e pai (pp. 15-16, 24, 37, 42, 54, 57-58): ele é caseiro e tímido (p. 20), é “*uma pessoa muito agradável*” – em suma, ele “*é um senhor*” (p. 16).

Na época, casada aos 21-22 anos, deixa a fábrica (é despedida/despede-se?: “*me deram um «despido» e tal*” - p. 36) e, uma vez imigrante no PB, só 17 anos mais tarde (1993) volta ao mercado laboral em Espanha (p. 23).

No relato, a emigração é apresentada como uma estratégia comum a vários outros actores sociais, e não como específica de Sara e do marido. Para o ilustrar menciona a sua família e outros portugueses imigrantes: a) familiares de Sara: os seus *irmãos-homens*, à excepção de um (pp. 23, 28, 33, 48) e a irmã *mais velha* (pp. 37-41); um *sobrinho* (filho desta irmã – pp. 37-38 e ss; Apêndice 6); *outros parentes* e o irmão da actual companheira do cunhado de S (marido da irmã falecida - pp. 26, 42 e ss.); b) portugueses, que S conhece já em Espanha de Sara pois “*em Portugal não conhecia ninguém (...) Praticamente, fui criada em P e fora e assim, mas não.*” (p. 21).

³¹² Da análise da 1.ª Etapa conclui-se que este namoro decorreu ou, pelo menos, ter-se-á iniciado, quando Sara vivia em P, i.e.: nos finais dos anos 60.

Quanto à experiência de emigração de Sara pode concluir-se, deste último enunciado, que: por um lado, lhe faculta a abertura ou aproximação a redes de sociabilidade a que na terra não acedia – por distância cultural ou social? devido ao seu estatuto jovem?; por outro lado, a emigração não representa um isolamento familiar pois S emigra acompanhada da irmã mais novinha (p. 5), como também outros familiares emigram, paralela ou posteriormente, consolidando o reagrupamento familiar.

Contudo, a TM reconstituída pelo relato, configura-se em sequências de conflitos e rupturas relacionais, descontinuidades e rupturas espaciais, e práticas de risco – *recursos identitários disposicionais* já antes indiciados.

Assim, neste início do 2.º Momento do seu percurso, destacam-se as lógicas estratégicas do realismo e da utilidade uma vez que o seu casamento é a possibilidade de melhoria das condições de vida; o mesmo, ao manifestar uma *estratégia de luta-adaptativa*, projecta a *reacção fulcral de luta pela ruptura sócio-espacial*.

3.2. – 3.ª Etapa-Ruptura (Nov. 1976 - 1980):

Melhoria relativa, mobilidade espaço-residencial e conflitualidades

Estar fora da terra para aforrar (p. 15) é o móbil das emigração/migração interna de S e do marido, no contexto (1976) em que o PB, zona de destino migratório, era conhecido como “*terra do dólar*” (p. 14; Apêndice 6, Caixa 1).

Sara vai morar com o marido nos arredores de SnSn, em Rentería, no espaço onde este vivia anteriormente com outro casal português (1.ª residência no PB), mantendo-se essa coabitação. Mas este período, estável quanto à trajectória laboral do marido – continuidade no primeiro barco de pesca, desde que emigrara – será, para a jovem família, uma fase de mobilidade espaço-residencial por 3 residências.

Na verdade, se a primeira filha ainda nasce aí, o casal alugará outra casa (2.ª residência) com um casal andaluz do qual, afirma S, continuam amigos até ao presente. Sara justifica a saída da primeira casa pelos *desentendimentos* que havia entre os dois casais – situação que imputa a um traço da sociabilidade dos portugueses: “*Entre Portu... dois Portugueses sempre hay raiva, sempre hay problemas...*” (p. 17). A segunda mudança de casa dá-se quando S está grávida da filha mais nova, e sob dois argumentos: 1) a 2.ª residência era pequena para o casal e as duas filhas; 2) o marido preferia uma casa exclusiva para a sua família (3.ª residência do agregado – p. 17).

Apesar da instabilidade e da mobilidade espaço-residencial, Sara recorda este período como de melhoria da sua vida pessoal e familiar, o que confirma pela informação de, nessa mesma fase, terem começado a *construir a casa familiar na Galiza*.

Ora, é neste contexto que se dá o *1.º Factor do PSD familiar*, no quadro da crise laboral do PB.

Com o desemprego do marido – pois o barco onde trabalhava desde solteiro deixa de ir ao mar durante quase 1 ano – suspende-se a única fonte de rendimento, provocando alterações temporárias na vida da família, classificadas por Sara como *provação divina*: “há vezes que Deus nos, eu penso que Deus às vezes prova com, com nós. (...) Faz-nos provas, manda-nos exemplos.”. (pp. 16 e ss.).

4. – MOMENTO 3 (1980-92), DOS 26 AOS 38 ANOS: DESEMPREGO DO MARIDO, PSD FAMILIAR

4.1. – Dependência, Rupturas Relacionais e Instabilidade

Pai desempregado, com esposa-mãe e duas filhas pequenas a cargo são, para Sara, os *pretextos* usados pela sogra para tentar *convencer* o filho a regressar à Galiza, acenando-lhe com uma perspectiva de segundo emprego num barco que partia para as Canárias (pp. 18-19; Apêndice 6, Caixa 1).

É deste modo que a família se muda para a terra do marido.

Porém, a reinserção laboral dele acabaria por implicar só o *retorno* dele a SnSn, na sequência de uma chamada telefónica a avisá-lo “*que o barco [onde sempre trabalhara no PB] iba otra vez pró mar*” (p. 18). Após diálogo do casal quanto à escolha entre Canárias ou SnSn, o marido decide-se pelo regresso ao PB. Ao descrever a conversa conjugal, Sara foca a atitude que adoptou: intervir, indirectamente, apenas pela *oração*, omitindo a sua opinião ao marido. Efectivamente, ainda que preferisse e rezasse para que ele escolhesse SnSn (“*Eu pensando, eu por mim, rezando por dentro : “Deus meu, vou “p’a” San Sebastian, prefiro que vá “p’a” San Sebastian.*” – p. 18), sublinha que, devido aos factores superstição e desculpabilização (para evitar futuras responsabilizações dele), não quis opinar quanto à decisão do marido: “*porque se te vou a dizer que não vás (...) tch, se sai mal em Canárias me dizes: «se não fosse por ti!» E se eu te digo: «Vais “p’a” San Sebastian», dizes-me: : «Se não fosse...”* (p. 18).

4.2. – 4.^a Etapa-Ruptura Espacial (1980: 6 meses):

Galiza, refúgio infernal e separação involuntária do casal

Esta etapa da TI de Sara caracteriza-se pela dominância de *reações conflitualistas de resistência*, enquadradas pela lógica da irreverência face ao destino social. Essas *reações* desembocam numa *estratégia* assumida de *resposta individual de risco* (Apêndice 6, Caixa 1).

Sara evoca três grandes ordens de razões (pp. 18 e ss.) abonatórias do penoso ano e meio que esteve com as filhas em casa da sogra na Galiza – “*Chorei muito (...) me custou muito! Me custou muito!*” (p. 18): **1) separação familiar e coabitação na casa da sogra**: se não estava “*habituada a estar separada dele*” (p. 18) e a viver só com as filhas, muito menos estava a viver com a sogra; **2) desconhecer-estranhar e não gostar das actividades agrícolas** que passou a ter que desempenhar: criar frangos, pegar numa enxada para plantar batatas (p. 19); **3) relação conflitual com a sogra**, sendo o relato, a este respeito, claramente ambivalente. Se no início é de forma insinuadora (latente) que critica a relação com a

sogra; já no discurso manifesto procura não personalizar esta relação difícil, remetendo-a para um conflito cultural tendo como base a diferença de nacionalidade: “*naquela altura [a sogra] não me queria, somente por eu ser Portuguesa*” (p. 18). Mas o relato acaba por evidenciar diferendos pessoais, também eles claramente enquadrados em distintos estilos sócio-identitários. Nomeadamente, salientam-se a *não-vontade (preguiça, para a sogra?)* e o *não-gosto (luxos ou manhas, para a sogra?)* em desempenhar as ditas tarefas doméstico-familiares a que a sogra, segundo Sara, a compelia: *fez-me*”; “*eu tinha*”; “*me mandava*”.

A involuntária e dolorosa separação conjugal, a mudança para o detestado estilo de vida rural; e a conflitualidade da dependência (nora face à sogra) – amplificadora das saudades – levam-na a *arriscar*, fugindo para o PB.

4.3. – 5.^a Etapa-Ruptura (1981-1992): *Recomposição Familiar, Fuga-Retorno ao PB*

Sara conta-nos que *aproveita uma consulta no hospital de SnSn*, da filha mais velha (“*miúda muito delicada de saúde (...) dava-lhe muitas convulsões febriles (...) ataques epilétricos*”) para decidir fugir da Galiza e regressar com as duas filhas: “*Eu não me importava de deixar batatas, batatas plantadas, os frangos criados, não me importava!, eu se viesse já não tornava!*”. E decide trazer a filha a uma consulta como pretexto para regressar no dia em que o marido “*chegava do mar*” (p. 19).

Na narrativa paradoxal Sara assegura desconhecer que o marido regressava do mar, e tenta convencer-nos de que encontrou à saída do médico e *por casualidade*, a portuguesa com quem coabitara (1.^a residência), de quem o marido era hóspede há 6 meses (pp. 19-20), e que foi esta que lhe deu a notícia da chegada dele. Relata-nos esse passo arriscado – 4.º comportamento de risco? – como tendo sido vivido também com *medos*; o *medo da reacção dele* ao vê-la; e o *medo* de que, inclusivamente, *ele não quisesse que a família ficasse em SnSn*. Só que o encontro romântico do casal saudoso resulta, segundo a narrativa, no pedido que o marido faz, na intimidade, para Sara procurar casa “*como seja, porque não posso estar separado de vós*” (p. 20).

Eis a *Sara-estratega* em acção, a reciclar a *recusa interiorizada do estilo de vivência em sacrificio*, numa *reacção identitária* – interna e externa – arditosamente *negociada*. Assim, a lógica do risco – a fuga – é legitimada (encapotada?) em lógica de salvação da *qualidade da vida afectiva familiar*; e as ostentadas como *estratégias arriscadas da luta de Sara pela família* dignificam a *irresponsabilidade familiar* dessa sua opção que agravará a dependência sócio-relacional do agregado.

O retorno ao PB, pelos enunciados paradoxais citados é, então, apresentado como tendo sido *engendrado e*, simultaneamente, como *não tendo sido programado* por S (*inesperado*). Deste modo, o retorno – e a decisão de fixação residencial em SnSn – são avaliados positivamente no relato. Mas estas mesmas práticas colocaram a família numa situação de instabilidade que se degrada gradualmente até à

total dependência de *solidariedade* e *ajuda* exteriores, sobretudo de *emigrantes portuguesas* (Apêndice 6, Caixa 1).

Vejam os dependência familiar das redes de interconhecimento e a paralela privação de bens primários.

Tal *solidariedade* começa pela ajuda ao procurar casa e para obter o equipamento básico da instalação inicial da 5.ª residência familiar³¹³, desde roupas de cama a móveis (“*não tinha nada! (...) tinha tudo lá, lá em Galícia [pelo que] assim foi, com uns cobertores no chão, e tal, e foi onde dormiram os miúdos e nós todos, e nós também.*” (p. 20). A mesma *solidariedade* continua, ao fim dos apenas 6 meses morando ali, com ajuda na mudança de casa para a 6.ª residência do agregado (pp. 20 e ss.). Esta mudança foi necessária porque, segundo o relato de S, para além de a (5.ª) casa não ser equipada, também era muito cara devido ao montante da renda (15 000 Pesetas), acrescido das elevadas despesas com as partes comuns (elevador e electricidade). A *solidariedade* das redes de proximidade reforça-se com o ‘empréstimo’-oferta³¹⁴, pela senhoria galega, das mobílias da casa alugada³¹⁵: “*Então, a mim me veio muito bem. (...) mobilámos a casinha assim, com os móveis que me tinha dado a senhora essa (...) que o dia que eu saísse, claro. Aquilo ficava p’ a senhora, essa casa dela.*” (p. 20).

A mudança habitacional parece *estabilizar a situação familiar em diversos territórios sócio-identitários*: a) gestão mais equilibrada dos *recursos económico-materiais* – a renda agora é de 10 000 Pesetas, aumentando para 12 mil quando a senhoria morre (p. 21); e as despesas comuns são menores; b) espécie de *aconchego das sociabilidades*, ao nível *psicológico-emocional*, já que o casal e as duas filhas passam a coabitar com o filho rapaz, o mais novinho, e ainda com o irmão mais novo de Sara; c) e, ao próprio nível *afectivo-relacional*, o relato também valoriza as sociabilidades: menciona o início da amizade – duradoura até ao presente (p. 21) – entre S e a *portuguesa-mediadora* da mudança que a tinha informado da vaga do andar; e sublinha a excelente relação da senhoria com os inquilinos-S e marido. Sara explica que sendo a senhoria Galega, o marido dela “*caíu [-lhe] muito bem*” como, reciprocamente, ele ofereceu-lhe (oferecia-lhe?) algum peixe, de entre a quantidade que sempre trazia do barco (p. 21).

Porém, o território relacional-sociabilidades é efectivamente o mais fragilizado aquando da vinda da família para a 6.ª residência, uma vez que S a assinala como de ruptura relacional com as emigrantes que tinham apoiado a instalação familiar em SnSn. Aliás, pela narrativa, não se percebe se a *mudança* é a *causa* (elas ainda ajudaram na mudança familiar?) ou a *consequência* desse corte: 1.º- Sara é

³¹³ Considerando que, nesta trajectória familiar, os *espaços-habitacionais* identificáveis como «4ª residência» são a família (embora vivendo separada), como a casa da sogra de Sara – no caso dela e das filhas – e o quarto alugado do marido.

³¹⁴ Usa-se este binómio porque esta explicação de Sara é contraditória com as páginas 22 e 29 do conteúdo da sua narrativa. Optouse por adoptar esta versão, por se intuir, pelo contexto relacional e enunciativo, como a mais provável – embora, obviamente, o material importante para o ceme deste estudo não seja o *enunciado verdadeiro*, mas o *enunciado relatado como verdadeiro*. Acresce que, nesta fase da apresentação da TI de Sara, o leitor já terá *entrado* na discursividade paradoxal e trapaceira, por auto-afirmação sócio-identitária, característica desta mulher.

³¹⁵ Sara explica que lhas dispensou porque eram velhas e a dita senhoria estava a modernizar o mobiliário da habitação onde vivia.

explícita ao dizer que desconhece “*o motivo porque deixaram de falar*” (p. 20); 2.º – contudo, ao avançar no assunto, insinua, no seu estilo subreptício, acusações que se configuram em sequências paradoxais do discurso, face aos anteriores relatos de solidariedade. Trata-se de insinuações de dois tipos: *egoísmo* e *favores cobrados*. De *egoísmo*, quando afirma “*são pessoas que gostam, tudo p’ra elas*” (p. 20); de *chantagens*, quando (apesar de repetir terem sido elas que a apoiaram), S. postula: “*Trouxeram e tudo, mas depois*” (p. 20). Do discurso, fica a sensação de Sara ter *sentido* que *as outras* esperavam algumas contrapartidas pelas ajudas prestadas, e não apenas o seu reconhecimento e agradecimento: “*se portaram, bem, eu lhes dei tudo o que pude e fiz o que, lhes agradei tudo o que pude, mas segundo as pessoas, não é suficiente o que fazes, às vezes. Mas não importa!*” (p. 20, sn).

O agravamento da *dependência relacional* do agregado é claramente associado por S à *reação de conflito relacional*, vinculando-se ambos à sua *lógica de estratégia pura da acção* e ao *risco*.

Neste 3.º Momento de ambivalência relacional, e de aparente redução da instabilidade das *condições habitacionais* e dos *recursos* da família, inscreve-se o 2.º *Factor* de PSD. Na verdade, se Sara conota positivamente a permanência da família durante 12 anos nesta 6.ª residência – “*Eu estava bem!*” (p. 21) –, é também ela que revela as *condições*, afinal *precárias*, de habitação: o andar, não legalizado, era *clandestino*; e a família é desalojada.

5. – MOMENTO 4 (1992-93):

COM O DESALOJAMENTO VEM “A DESGRAÇA” E O 2.º PSD FAMILIAR

Face ao contexto basco de regularização das contribuições prediais, o herdeiro da falecida *senhoria-clandestina-galega-amiga* requer o andar que era a 6.ª residência familiar (pp. 21 e ss.). Sara ainda terá consultado um advogado que, todavia, não pode interferir no processo legal em curso no PB, impossibilidade traduzida por ela na desqualificação pessoal do dito advogado: “*vendeu-se*” (p. 22; Apêndice 6, Caixa 1). A família é desalojada, tendo-lhe sido dado um prazo de apenas “*oito dias para sair*” (p. 22).

5.1. – 6.ª Etapa (1992): aos 38 anos: Ruptura Espaço-Habitacional, Factor de PSD

O desalojamento é um nítido (2.º) *Factor de PSD*, pois desencadeou a *múltipla fragilização da trajectória familiar* em três territórios sócio-identitários: *espácio-habitacional*, *sociabilidades* e *recursos* familiares.

Nesta etapa da TI de Sara identificam-se duas *lógicas de acção*: a lógica do *risco* associada à lógica do *destino social*, com a especificidade de, no seu caso, se estar ante uma *fatalidade mística-sobrenatural*. Este é também o período de *reações de resistência-luta* predominantemente apoiadas na *estratégia do risco*.

Quanto ao território identitário espaço-habitacional, era premente encontrar rapidamente uma casa para os, agora, 6 elementos do agregado: Sara, o marido, as duas filhas, o filho de “*cinco, seis aninhos*” (p. 22), e o irmão mais novo dela, de 24 anos, parentificado nas suas palavras: “*é meu filho mais velho*” (p. 22). O drama de encontrar casa é expresso de duas formas descoincidentes: “*Tch!, então, claro, passámos, vivimos na rua (...). Me vi na rua...*” (pp. 22-23, sn); e “*Yo por pouco me vi na rua...*” (p. 22). Simultaneamente, viviam ainda a degradação de parte do equipamento da casa: “*estraguei muito a minha mobília* (p. 42). O total despojamento de meios financeiros para alugar outra casa é também afirmado pelas palavras de Sara: “*Me vi sem dinheiro!*” (p. 22).

No que se refere ao território psicológico-emocional, Sara faz uma forte depressão, reforçada pela necessidade de ter de decidir tudo sozinha (p. 41), ao mesmo tempo que o agregado se vê na necessidade de voltar a recorrer ao apoio de familiares. Desta vez, como estratégia *afectivo-relacional* ao nível das *sociabilidades*, não recorre à sogra, nem a emigrantes portugueses pois, de acordo com a narrativa, Sara pede a familiares seus, afastados “*mas como se fossemos irmãos*” (p. 22), para desmontarem e guardarem entre si o mobiliário.

Na procura de casa e de soluções alternativas – de que uma das consideradas foi o regresso de S com os filhos à Galiza –, Sara mantém a *estratégia do risco*: “*meter-me de cabeça*” (p. 23).

Nesta linha de raciocínio conta que, por informação de uma conhecida, vai ver um andar vago por morte da última residente; apesar de ser de dimensões mais reduzidas do que as da última habitação familiar, Sara afirma (p. 23) que decidiu comprar a casa – 5.º comportamento de risco?

Se esta decisão se evidencia paradoxal face à, referida como, total ausência de meios financeiros, a compra da 7.^a e actual residência do agregado provoca a *invenção* de *estratégias familiares superadoras*.

5. 2. – 7.^a Etapa (1992-3), aos 38 anos: sobre-endividamento, desnorte e sacrifício familiares

Nesta etapa da TI assistimos à organização de respostas familiares e relacionais.

Apesar da continuidade laboral do marido, o agregado vê agora agravada a carência de recursos pois, devido às más condições da habitação, Sara decide fazer obras no andar, seguindo conselhos de conhecidos: “*fizemos tudo novo!*” (p. 23). Também para a recuperação da casa Sara solicita empréstimos nas redes relacionais, que lhe proporcionam facilidades nos modos de pagamento: “*Tu tranquila!, nos vais pagando pouquinho a pouco...*” (p. 23; Apêndice 6, Caixa 1).

Face à sobrecarga de despesas-dívidas, desenvolvem-se dois tipos de *respostas familiares*: *esforço laboral* e *endividamento bancário*, embora Sara faça uma avaliação global positiva desta etapa.

Quanto ao investimento no trabalho – *estratégia de luta-resistência* – a família passa a ter mais duas fontes de rendimento – para além do marido e do irmão mais velho de S, a filha mais velha também

passa a trabalhar, cuidando de crianças (p. 23); e a própria Sara retoma a actividade laboral, o 7.º emprego onde ainda hoje permanece (p. 23). O *endividamento bancário* – 6.º comportamento de risco – revelando-se uma *estratégia de contorno familiar* perante a gravidade das condições de vida, reforça ainda mais a dependência relacional, agora de modo formal.

Neste contexto familiar de grande desnorte, Sara relata sucessivos problemas de saúde do marido devidos a acidentes de trabalho (pp. 23 e ss.): primeiro, devido à mordidela de um peixe, tem de amputar o dedo infectado; depois, sofre uma pancada na cabeça, também em acidente de trabalho; a seguir, é operado ao joelho; sofre ainda uma embolia pulmonar. Será praticamente um ano de baixa médica, em que não trabalha, e que provoca a situação de *desgraça* familiar.

5. 3. – 8.ª Etapa (1993-96):

Doenças e um ano de Baixa do marido – outro *Factor* de PSD familiar

A família *cai* até ao patamar da *subsistência absoluta* formulado em termos clássicos por Rowntree: não dispunha de dinheiro para comprar bens alimentares ou Cola-Cao nem para S pagar o autocarro para ir trabalhar (p. 24 e ss.). Etapa de *dependência instalada* e *desgraça social*, é lida pela narradora como *provação divina* (Apêndice 6, Caixa 1).

Na verdade, a avaliação de S ressalta que a união do casal foi reforçada, ao mesmo tempo que classifica este como o pior período na vida do casal, que durará 3 anos: “*foi o ano mais, mais, vamos, o ano, foram uns anos, esse ano foi o ano que teve o meu marido o acidente, “depois” estivemos uns três anos...*” (p. 24).

São de *cinco tipos* as *reações sócio-identitárias* relatadas: inicialmente, a *i) a instalação na situação*, é associada por S à *ii) vergonha* de ter que vender o andar (p. 27) – fortemente características do início desta Etapa – e ao *medo* de sair à rua por causa das dívidas (p. 24). A *vergonha* vai accionar *iii)* as tentativas de *encobrimento* dos outros e dos filhos; os *iv) conflitos relacionais* e o *isolamento social* do casal devido às dívidas; como *v)* a própria *fragilidade emocional e da saúde* de Sara – depressão.

O *isolamento social* é expresso por Sara como o abandono e a crítica de que terá sido alvo por parte das outras emigrantes portuguesas – “*me enterraram*” (p. 24). Sara afirma que apenas teve o apoio de uma de elas e de um parente (p. 48); e acrescenta que, apesar dessa restrição das redes de sociabilidade, foi ainda apoiada por uma Espanhola, e uma Galega; e, ainda, pela patroa que lhe dava a comida, que sobrava no restaurante de que era proprietária, para S levar para a família, e também lhe pagava o ordenado antecipadamente, a meio do mês (pp. 24 e ss.).

Em total *desgraça*, vivendo na *desgraça* e *consciente* da *desgraça*, o casal repensa saídas, que passam por S ir viver para a Galiza como os filhos e o marido ficar em SnSn. Neste desespero, ela reza (pp. 26-27).

A *Oração* e a *Fé* são os *recursos mais-valia* de Sara, sendo dois os apelos da sua *Prece*: por um lado, comida (*pão*) e *abrigo*; por outro, não passar a *vergonha* de ter de vender o andar, a *vergonha* da avaliação negativa do seu 5.º comportamento de risco: “*que no mundo há muita gente, gente boa, gente má, e claro, essa gente má dirá: «Pois comprou o piso sem...» Eu então que pensava: «Eu agora tenho que vender.» «– Não me deixes passar por essa vergonha, meu Jesus!».*” (p. 27).

Deste modo, face à avaliação social negativa – Transacções Objectivas Exteriores de **avaliação social do fracasso** – a *vergonha* e o correlativo *orgulho* aliam-se às *necessidades de subsistência*, e quase parecem suplantá-las.

É que tal *afirmação do orgulho identitário* consiste no modo de Sara reagir à sua auto-avaliação, também negativa, das Transacções Objectivas Interiores. Esse *orgulho* consiste em Sara *não ter de pedir nada a ninguém*: “*Eu nunca de mim, passei muito mal!, vivi mal!, e não estou a falar muito longe, há uns cinco anos! (...) mas eu nunca fui a pedir nada disto, nem à Cáritas, nem à assistente social, nada, eu pouco a pouco, como pude, eu fui saindo a diante, com a graça de Deus!, mas a mim nunca, nem uma cama, nem nada, es que a mim nunca!, tenho, tenho a alegria e o gosto de dizer que a mim nunca ninguém me deu nada!*” (p. 14).

Este orgulho de não ter de pedir nada a ninguém deve ser enquadrado numa trajectória em que anteriormente, S aceita apoios da senhoria e de emigrantes portugueses e em que, posteriormente i) S entra em ruptura relacional com as conterrâneas, ao mesmo tempo que ii) são também pessoas conhecidas que a motivam para fazer as obras no andar.

Portanto, Sara **mudou de atitude em relação à sua abertura aos apoios exteriores**: enquanto que, em situação *desesperada*, começa por aceitar a solidariedade das redes de proximidade, agora, numa situação pior, de *desgraça*, relata que não quer aceitar. Dois motivos podem explicar esta mudança:

1.º- **ruptura relacional** em relação aos que a tinham apoiado – *restrição redes sociabilidades* ao ponto de já não ter quem se solidarize com ela;

2.º- **sentimento de vitimização**, de ter sido abusada ao deixar-se influenciar pelos conselhos dos que, agora, a criticam e abandonam, agora que ela seguiu os seus conselhos. Ou seja: Sara **perde totalmente a confiança** naqueles que a motivaram a fazer as obras na casa.

Daí que o *encobrimento* e o *isolamento* sejam *reações aliadas* e fundadas quer na *estratégia* (elemento disposicional?) do *risco*, quer em múltiplas Estratégias de *Defesa* e *Contorno identitários*.

Sara *agarra-se* ao orgulho para legitimar o isolamento pessoal-familiar. Mas destes dois motivos discorre-se uma leitura dos *outros* como portadores de uma *maldade natural das pessoas*. O *orgulho* é ainda o suporte da legitimação do *isolamento* como resultante de *conflitos relacionais justos*.

Num **discurso defensivo** e de *contorno* do *risco*, a **solução** só pode vir de uma **entidade superior e sancionadora da justiça: Deus, que lhe dá Sorte**.

Assim, a *requalificação* é vivida como o *resultado da Eficácia das suas Fé e Preces*, numa exacerbação de *fatalidade místico-sobrenatural*, aliada ao *Sacrifício Estratégico* e a componentes de Realismo *Tardio*. Razões para aceitarmos que, para S, a melhoria da situação se tenha dado “*em questão de um dia p’ó outro*” (p. 28).

6. – MOMENTO 5 (1993-96), **REINCLUSÃO-REQUALIFICAÇÃO APÓS PROVAÇÃO DIVINA**

6. 1. – 9.ª Etapa: **Eficácia da Prece/Fé-Sorte ou Direitos Sociais?**

Afinal, apesar da exacerbação da Lógica da fatalidade místico-sobrenatural pelo discurso de S, a requalificação sócio-familiar decorre de um conjunto de direitos sociais (Apêndice 6, Caixa 1).

Vejamos: Sara recebe: *i)* 5700 pesetas de indemnização pelo acidente do marido; *ii)* 32 1000 pesetas do seguro, a fundo perdido, pela baixa do marido; e *iii)* atrasos de pagamento do armador: “*oitenta e seis mil pesetas mais “p’ó” monte*” (p. 28).

Face a essa entrada de numerário, é a Lógica do Realismo Pragmático que se impõe: Sara paga os 3 meses atrasados da prestação ao banco, ao mesmo tempo que salda todos os empréstimos na totalidade, e paga às pessoas que tinham trabalhado na obra: “*p’ó” meu marido, ficaremos sem um, sem um tost..., sem uma peseta!, mas eu o préstimo personal já vou, já vou liquidar! Fomos ao banco mais contente! (...) terminar o que temos. E depois o piso, ao dia que é hoje, graças a Deus!, que graças ao Pai Divino, nunca me faltou o pão p’ra comer! (...) Pus tudo novo, agora há pouco tempo (...) paguei às pessoas que me tinham feito a obra (...) graças a Deus não me faltou o pão, em cima Dios*” (p. 28).

Sara avalia positivamente esse percurso. Com efeito, considera que a família concretiza a reacção de superação da desgraça, evoluindo para uma situação de contenção de recursos, mas não carência absoluta: “*mas andava, pois, que não te sobrava, mas tão pouco, não andavas, tão pouco, esquentada!, entendes?*” (p. 28). Assim, o trajecto desemboca na superação precária da desgraça, marcada pelas *estratégias do pragmatismo* e do *sacrifício estratégico*.

6. 2. – 10.ª Etapa (1996): **Eficácia da Prece/Fé, a Sorte-Lotaria**

Neste tempo de viver “*apertado*” – “*Graças a Deus, Deus aperta mas não ahoga!*” – e face ao sucesso de ter a casa toda arranjada, outras aspirações se desenhavam: mobilar, instalar a cozinha, e renovar a casa toda para ficar “*Um pouco decente!*” (pp. 28, 29; Apêndice 6, Caixa 1).

Também estas foram aspirações concretizadas: “– *Deus me concedeu esse gosto!*”, já que um *novo factor de promoção social sairá*, literalmente, a Sara: a Lotaria (pp. 29-30).

De novo, crê Sara, Deus lhe abre a porta da Sorte: sai-lhe a Lotaria, em conjunto com uma amiga que “tava” a passar mal!” (p. 53). Segundo o relato, o prémio de dois milhões de pesetas permiti-lhe concretizar as remodelações da casa, como alegrar-se com a melhoria da situação da amiga e eu disse: “– Me alegro por mim, mas mais me alegro ... por ti! Porque estavas a passar mal, e eu não te podia ajudar, pero...” E eu andava también, também andava, hombre! (...) mas andava, pois, que não te sobrava, mas tão pouco, não andavas, tão pouco, esquentada!, entendes?” (p. 28).

A sua avaliação é de que conseguiu estabilizar o nível de vida pessoal-familiar, superando essa fase de *desgraça*. Vitória pessoal-familiar que ainda saboreia mais por representar uma *vitória em relação às outras portuguesas* que mostraram “raiva” e “inveja” da sua melhoria e vida. Mais uma vez, o encobrimento – do sucesso, neste caso – foi a prática pela qual Sara concretizou a *reacção de evitamento* das tais invejas; como foi, igualmente, prática reveladora da *desconfiança* e da Lógica de Confito Social, essa matriz do relacionamento de S com as outras imigrantes: “Pois quando me viram a botar os móveis, Portuguesas (...) como me puseram! Não me importou!, porque há havido amigas minhas: “– Ai!, tocou-te a lotaria e não me disseste nada!” “– Eu não tenho que ir com a campainha na mão a dizer!, porque vós!, quando vos passa qualquer coisa que tienes, não andas a dizer a ninguém! E porque hei-de ir eu com a campainha na mão a dizer? É meu, não foi roubado a ninguém!” (p. 29).

7.– POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO E AUTO-CLASSIFICAÇÃO POR SARA

Etno-sociocêntrica – assim se configuram a comparação e o posicionamento, socialmente discriminatórios e dicotómicos, de *Eu-Sara* face ao *Outro-todos os outros*, com excepção dos bascos e dos andaluzes.

7.1. – Comparação e Classificação Social

Sara diferencia-se positivamente de *todos os outros inter-objectivos*. *Melhor* e/ou *mais sofredora* – são estes os *argumentos fortes* da sua comparação social.

E tanto assim é que, na sua narrativa, os elementos de tal *desvalorização da alteridade*, podem ser a superioridade estrita claramente assumida como objectiva; ou a distanciação sentida, ancorada no maior sofrimento experienciado pela narradora. Quem constitui então essa *alteridade, todos esses outros* de que Sara narra a inferioridade, relativamente à sua TI de raízes e movimentos tão profundamente frágeis e carenciados?

Os diversos *outros inter-objectivos* são, para Sara: *i)* os/as portuguesas/as emigrantes como ela, mediante comparações intra-geracional e inter-geracional, face aos mais velhos (pp. 1-2, 11 e ss); *ii)* os pobres (pp. 49 e ss.); *iii)* os Galegos (pp. 1, 5, 19, 21, 24, 38); e *iv)* a sua família: a *ascendente* (pp. 30 e ss, 37, 40, 48 e ss.) e a *colateral* (Apêndice 6) – a irmã falecida e filhas; a irmã mais velha; e o irmão

emigrante. Como se referiu, Sara também faz avaliações positivas ao nível das sociabilidades: os bascos e os andaluzes.

7.1.1. Comparação Intergeracional

1) País natal «*bastante atrasadinho*»

Comparando as actuais condições de vida em Portugal com as do passado S considera que o país, e vida dos seus familiares aí, melhoraram (p. 47). Mas da comparação daquelas condições com a vida em Espanha já conclui que houve pioria das condições de vida. De facto, da avaliação comparativa das condições de vida nos dois países, para Sara, actualmente, Portugal está pior que Espanha – nomeadamente no que respeita a instituições como as da *Justiça e Policiais* (pp. 42 e ss, 51 e ss, 67), ou os *Serviços de Saúde e Hospitalares* (pp. 19, 63 e ss.) – considerações bem resumidas pela sua afirmação quanto ao país natal: “*bastante atrasadinho*” (p. 67).

Sara revela ainda consciência das desiguais posições relativas não só destes dois países, como da própria Espanha especificamente em relação aos Estados Unidos da América (p. 67); na sua reflexão, o topo do tipo de nível cabe aos EUA, vindo a Espanha a seguir e Portugal no fim.

2) Trajectória dela face à Família Ascendente

A saliência da promoção do seu nível de vida ainda é mais clara quando S o compara com o estilo de vida dos pais e o da sua própria infância simbolizada, na ilustração a que recorre, pelas imagens do trabalho infantil das “*criancinhas*” de hoje no México (p. 31).

Sara afirma que, então, vivia pobre porque “*não tínhamos nada*”, embora acrescente que, na mesma época, havia “*gente que tinha dinheiro*” (p. 49); ao passo que “*os filhos, hoje, têm muito vício*”, são mimados e egoístas (pp. 40, 49). Esse *viver pobre* recobria condições de habitação e carências alimentares (pp. 30 e ss., 49), a extensão da família e a ausência de recursos económicos, bem como o ambiente familiar de maus tratos.

7.1.2. Comparação Intra-geracional

Avaliação da Trajectória Migratória por Sara

Ao reflectir sobre a sua emigração Sara esclarece-nos que os *emigrantes não são todos iguais* e, acima de tudo, que ela própria *é melhor-superior* do que os *outros imigrantes*. Os *alvos* da sua sobrevalorização são os emigrantes galegos como os próprios emigrantes portugueses.

Também comparativamente ao estilo de vida dos irmãos, Sara avalia o seu estilo e nível de vida como *diferente* porque *melhor* (p. 37). Lamenta ainda a diferença no “*trato*” aos emigrantes no país de origem e no de destino; segundo ela, os Portugueses recebem e acolhem melhor os emigrantes espanhóis do que os Espanhóis tratam os emigrantes portugueses, como ela (pp. 10-11).

Globalmente, a sua *desqualificação dos Galegos* vincula-se ao facto de considerar que a *migração* interna Galiza-País Basco é menos custosa nem difícil do que a *emigração* (mobilidade para um país estrangeiro - p. 11). Mas tal leitura de Sara vincula-se também aos riscos identitários do *confronto cultural e inter-pessoal* anteriormente socializados e interiorizados por ela em *contextos de carência absoluta*; riscos identitários reconstruídos agora por ela, em *contextos de luta pelo reconhecimento social*: agora, onde Galegos e Portugueses são actores vistos como competidores puros e só os Bascos e os Andaluzes são positivamente categorizados.

Tudo começa por S ter sido *criada fora* (p. 21) e educada de *diferente-melhor* forma, ao mesmo tempo que o seu percurso foi mais difícil do que o daqueles que migraram internamente ao Estado Espanhol, como os Galegos (pp. 1, 11). Por outra parte, ela é *protegida* (p. 27 e ss.) e tem *sorte* (pp. 16, 40) pois *reza*, e *Deus ouve-a* (pp. 27 e ss.)

Não obstante essa protecção, Sara aplica-se na diferenciação entre os emigrantes portugueses e os galegos, desqualificando estes. Sofrendo menos e não sabendo o que é ter saudades da terra (pp. 1 e ss, 13-14, etc) como os portugueses têm, Sara considera-os portadores de *vários atributos negativos*, especificamente no que respeita à leitura negativa que fazem dos emigrantes de Portugal, tais como:

- a) consideram que lhes tiram os lugares de trabalho (pp. 1, 10 e ss.);
- b) consideram que são mais ajudados e apoiados pelas instituições (pp. 13-14);
- c) classificam todos os emigrantes portugueses como pobres, aplicando-lhes o estereótipo da carência absoluta (pp. 11 e ss.);
- d) desvalorizam a Língua Portuguesa (pp. 1 e ss, 9 e ss.); em suma:
- e) hostilizam os portugueses e relacionam-se com estes de forma conflitual – como a sogra fazia no início de casada (p. 18) – sendo raras as *expeções* nas sociabilidades de S, para além do marido.

Quanto aos *outros emigrantes portugueses*, Sara vaticina que são mais ajudados do que ela e a sua família, até porque *ela* não tem ajudas de nenhum tipo e, como tal, não depende das mesmas (comparando-se com a irmã viúva - Apêndice 6). S tem o sofrimento e o esforço para superar as dificuldades o que, do seu ponto de vista, tem mais valor, pois reconverte-se nas *provações* que *ela* vence (p. 16, 27) porque tem *sorte*: Deus está do seu lado.

7.2. – Auto-Classificação e Auto-Posição Social

O discurso de Sara constrói-se através de dois grandes vectores de enunciação: *auto-afirmação* sócio-identitária e afirmação positiva da *cultura de origem* – em consonância com o acima abordado *etno-sociocentrismo*.

Simbolicamente, no discurso de S, os Bascos são *os integrados*.

Pelo que os modelos de redução do risco social, que delinea mais à frente, devem aproximar-se

desse padrão social mais estável e mais duradouro: o original-*nativo*. Também por isso a nacionalidade espanhola e a *fluência* no falar espanhol são vivenciados e utilizados por Sara com uma função instrumental (pp. 1-2, 5 e ss.), tanto mais que o seu contexto de chegada e a sua actual situação de imigrante são o presente vivencial no qual “*estamos tambaleando todos, porque, claro, ‘tamos com medo do dia de amanhã.*” (p. 22), o presente no qual se sentem abandonados e utilizados pelo Governo e/ou o Consulado Português (pp. 43, 64 e ss.).

Estes vectores-enunciados que analisamos já seguir evidenciam, por sua vez, o paradoxo identitário de S entre as Transacções Objectivas Exteriores – já paradoxais em si, como se referiu – e a continuidade das Transacções Interiores.

Quanto à auto-classificação social de Sara, é coerente com a avaliação positiva que faz da sua situação laboral e dos empregadores (pp. 2, 19, 24, 54), na sequência do balanço da sua *emigração* como a propiciadora de ascensão social, também reflectida na infância e juventude que deu aos filhos (pp. 31, 48-49).

Por isso, Sara auto-posiciona-se na classe média: “*eu não me considero pobre, eu me considero m... média*” (p. 49), sem deixar de indicar algumas limitações no *seu estilo de vida*, que equipara ao de outros emigrantes, a saber: *a*) ter limitação de recursos: seja para pagar uma liteira/cama para todos os membros da família na viagem de férias à terra (p. 67); seja para ir passar lá o Natal e a Páscoa, como desejaria (p. 60), pelo que vai apenas uma vez por ano (p. 55); *b*) temer o futuro: tem “*medo do dia de amanhã*” e de ter de regressar compulsivamente a Portugal pois, decorrente da Legislação Europeia das Pescas, o marido vive uma fase de instabilidade laboral: “*estamos tambaleando todos*” (p. 22).

7.2.1. – Auto-Afirmação Identitária de Sara no Presente

O Vector-Enunciado da Auto-Afirmação Sócio-Identitária de Sara decorre, de forma flagrante, do Território Identitário Sociabilidades.

Como se depreende da análise, tal vector recobre várias práticas e comportamentos seus de *risco social*, bem como diversos capitais-*recurso* e *suporte*, e distintos movimentos identitários, nos dois níveis deste TI, ou seja: *a*) no nível *afectivo-relacional* – inserção social; relações de sociabilidade (público, local ou na terra; quotidiano, privado); e competências relacionais; e *b*) no nível *psicológico-emocional* – perfil identitário. Ao mesmo vector, articula-se ainda outro: o da defesa da cultura de origem.

1) Território Identitário Sociabilidades – nível Afectivo-Relacional: Inserção social

Sara auto-define-se como uma pessoa inserida – tanto na zona actual de residência no PB, como na terra – através de dois argumentos centrais: é socialmente conhecida, e mobiliza as pessoas (pp. 3 e ss, 6 e ss, 29, 42 e ss, 49 e ss, 57, 61, 62 e ss).

Portanto, na avaliação positiva da sua Trajectória Migratória quanto às suas sociabilidades, sobrevaloriza o impacto de várias competências-capitais, em dois âmbitos relacionais, a saber:

Numa escala pública – cá e lá – a auto-construção da *Sara-líder* é balizada por três atributos, por três capitais-recurso e suporte:

i) S age: é solidária: tem amigos portugueses a quem também ajuda (p. 29); é activa e eficaz: lidera apoios a (ou soluções de) problemas de amigos e familiares junto de instituições como a Cáritas ou os Hospitais, junto das Assistentes Sociais (pp. 44 e ss, 62 e ss) e é o próprio suporte da sobrinha prostituta, embora lamente que, agora não tem condições para a apoiar como devia (p. 47). Portanto,

ii) S é ponderada: é o bom senso e a razão em pessoa e, inclusivamente, substitui a justiça (“*Eu vou, vou tomar a lei e a justiça pelas minhas mãos*” - p. 44)³¹⁶; e só o é, ponderada, porque está informada e é conhecedora dos mecanismos legais-institucionais: como demonstra o episódio do 13 de Maio em SnSn (pp. 3 e ss, 66);

iii) S participa socialmente, não se restringindo aos eventos que dinamiza: ela colabora na organização, na realização e na divulgação (pp. 3 e ss, 30); logo, ela é tão conhecida e popular cá (SnSn) como lá (Portugal).

No universo micro-social da família constituída – o marido, as duas filhas e o filho mais novo, considera-se uma esposa-mãe competente. Induz-se, das suas palavras, que S se avalia como a melhor mãe e esposa, entre todas as mulheres com que se compara, até porque, por destino divino, ela tem o melhor marido de todos (*p.ex.*: pp. 15-16), em relação ao qual também exerce a função moralizadora da linguagem do marido (palavrões, invocações indevidas de termos religiosos – p. 9).

2) Território Identitário Sociabilidades – nível Psicológico-Emocional: Perfil Identitário Paradoxal

Em termos genéricos, Sara considera-se uma pessoa sociável – alegre e aberta-dialogante (pp. 6, 20, 24, 59 e ss.) – de bom senso e, como se acabou de referir, com sentido de justiça: “*sempre me tratei bem com todo o mundo*” (p. 19).

Esta “*pessoa muito dada, p’rá frente*” (p. 23) e corajosa narra-se como sendo, ao mesmo tempo, teimosa, frontal e conflitual devido à sua grande parecença com o pai.

E este é o paradoxo identitário da narração de Sara: enquanto sujeito reconstructor da sua trajectória de vida, pela fala-discurso desenha a des-coincidência entre a sua visão do mundo e a sua prática sócio-identitária.

³¹⁶ Ver este argumento nas seguintes páginas do relato: 5, 7 e ss, 19-20, 29, 38 e ss, 40-41, 49 e ss, 53 e ss. e 57.

3) Vector-Enunciado recorrente: a Defesa da Cultura de Origem

O discurso de Sara caracteriza-se pela referência sistemática e enfática aos elementos culturais de origem. Na sua defesa da cultura portuguesa (pp. 1-10, 60 e ss.), são *elementos paradigmáticos*: 1) a língua; 2) a nacionalidade; 3) a música – em primeiríssimo lugar, os *fados*, mas também a música ‘pimba’; e 4) o culto à Virgem de Fátima.

Face à grande conflitualidade com os seus pares portugueses, será legítimo perguntarmo-nos até que ponto estes argumentos emanam da má-consciência da *S-narradora* que confronta a *S-personagem* por ter optado pela nacionalidade espanhola (pp. 6 e ss.).

8. CATEGORIZAÇÕES DE POBREZA : FACTORES, TIPOS E «LUTAR CONTRA»

8.1. Tipologias de Pobreza

Empobrecimento-pobreza e *sorte* são entendidos por Sara como *provação* e *benção* divinas, respectivamente – argumentos tecidos pelo seu Imaginário Místico-Supersticioso.

Estabelece também uma distinção clara entre *pobreza* e *miséria*, através da prática da esmola “*Sermos pobres, ou emigrantes, não quer dizer que sejamos miserables!*” (p. 13).

E como “*há muita classe de pobres*”, constrói uma tipologia dicotómica que remete para a clássica diferenciação entre Verdadeira Pobreza “*com fome*” e Falsa Pobreza (p. 49).

Na *falsa pobreza* – a pobreza que não é pobreza, a *pobreza com vício* (p. 49 e ss.) – congrega os que pedem esmola sem necessidades outras que os consumos como o do álcool (p. 96), ou para aplicar a esmola ganha em bens dispensáveis (“*anéis de fantasia*” – p. 49); como tal, são *pobres* orgulhosos e mal agradecidos. Esta falsa pobreza identifica-a com os que *os outros consideram ciganos* (pp. 8, 10-12, 67) mas que são os emigrantes portugueses da geração anterior à sua (anos 50/60); com os que *dizem ser espanhóis* mas por vergonha de se assumirem como portugueses (pp. 2-11); e com a *pobreza subjectiva*.

Deduz-se, pois, do seu discurso que, para se ser pobre, não só não basta o sentimento de carência, como as carências efectivas têm de ser manifestas e honestas.

Na verdade, os *outros*, os *pobres verdadeiros* não são orgulhosos pois são *pobres* “*por fome*” (p. 50): são humildes, são gratos e reconhecidos a quem lhes dá esmola e até têm vergonha da sua condição, a qual S subdivide em *pobreza envergonhada* e *assumida*.

Pode ainda interpretar-se que, para S, a Verdadeira Pobreza decorre das *carências Materiais*, distinguindo os que procuram esconder tais carências – na sua opinião, a maioria dos emigrantes – e os *emigrantes* que, *como ela*, têm uma vida de sofrimento e esforço, igual à da que levariam na sua terra natal mas que, como são *protegidos por Deus* que “*não dorme*” (p. 47), ou seja, têm *sorte* para seguir e progredir. Quanto a esta *pobreza material*, os 3 níveis de carência que identifica remetem-nos para as

noções de *pobreza total e absoluta*; *pobreza parcial* e na relação ao contexto envolvente (*pobreza relativa*); e para carências de *precariedade* ou carência temporária, não tão drástica como as outras duas.

Relativamente ao modo de lidar com “(d)essas pessoas”, com os pobres, Sara auto-diferencia-se e auto-distingue-se dos seus conhecidos: estes, têm medo e afastam-se; Sara, ao contrário, não tem medo dos pobres, até porque ela própria experienciou, no passado, o que é ter fome. Portanto, Sara ajuda-os, independentemente de serem “*Portugueses*” ou “*Espanholes*”, de serem *falsos* pobres, e de serem ou estarem bêbedos, sujos ou drogados (pp. 50 e ss.).

Segundo o relato, a ajuda de S pode passar 1) por dar uma esmola em dinheiro aos pedintes de Domingo junto da Igreja (p. 49); 2) por dar esmola em comida e géneros aos pedintes, alguns habituais, que lhe batem à porta (p. 50); ou 3) por pagar uma merenda num café a um jovem que ela observa e a choca, mas que não mendiga (apenas constatava com o amigo que só tinha dinheiro para uma bebida porque o dinheiro que lhe restava era à justa para o bilhete de autocarro (pp. 98-99). Porque é que Sara ajuda os pobres? Avaliando a pobreza e o acto de esmolar como *triste e uma injustiça* (p. 101), é o sentimento de *pena* que a move: “*tenho mucha pena, tenho mucha pena da pobreza!*” (p. 97).

A tipologia de pobreza construída por Sara é coerente com a TI de uma *Sara-criança* que *esmolou por ser pobre* (pp. 49), de quem, enquanto adulta, “*queria “p’a” comprar uma barra de pão e não tinha*” (pp. 24 e ss, 54), mas quem acaba por fazer um balanço dourado do seu percurso, ao dizer que na sua casa *nunca faltou o pão* (pp. 28 e ss.) nem *nunca andou a pedir* (p. 14).

Por outro lado, colocando-se de fora das condições pobres, S afirma-se como não pobre e como aquela que – não sendo pobre e tendo meios “*eu não me considero pobre, eu me considero m... média...*” (p. 49) – gosta de dar uma esmola: “*não nego o pão*” (p. 52). Uma mais clara auto-avaliação promocional das Trajectórias Migratória, Sócio-Identitária e Familiar, será difícil de encontrar.

8.2. Factores de PSD

Do exposto pode compreender-se que, face aos factores de desqualificação, Sara associe sentimentos como:

a) a vergonha – associada à *inutilidade* (p. 55) – plasma-se em comportamentos de evitamento e isolamento sociais e de *encobrimento* (p. 24 e ss.) quer da sua vida de emigrante (em relação aos filhos e a outras emigrantes), quer da própria pobreza em Portugal (aos espanhóis – p. 38);

b) o orgulho-dignidade³¹⁷ – associados à vergonha e, pelo menos, ao *encobrimento* – regulam:
i) as práticas de *insubmissão à dependência*, ilustradas de várias formas pelo seu relato: o não pedir nada; e ii) a eleição do esforço e do risco como as *táticas estratégicas* mais dignas.

³¹⁷ Sobre “a vergonha”, ver as páginas 13, 24, 27, 36, 39, 52 e 65 do relato; e, sobre “o orgulho”, as pp. 7-8, 12 e ss, 24 e ss, 35-36, 51 e ss.

O esforço é o do investimento (familiar) no trabalho; o risco – porque as sociabilidades de suporte são restritas e alvo de rupturas sucessivas – desdobra-se no *endividamento bancário* e nos *jogos de sorte*. E as dificuldades – factores de *desqualificação* até à *desgraça* – são **provações divinas** que Sara vai vencendo.

8.3. Factores e Medidas de Requalificação

Aferrar; não pedir nada a ninguém, preferindo arriscar no endividamento bancário e nos jogos de sorte; esforço laboral; afirmação positiva das identidade e pertença culturais (de origem); e atitude global de dignidade-orgulho: estes são os 6 argumentos que definem a atitude necessária, segundo Sara, para lutar face ao empobrecimento-pobreza.

Sem hesitar, Sara aponta o Governo como o responsável pela existência de pobres (pp. 52-53, 55), e aponta duas medidas mestras na Luta Contra a Pobreza: 1.ª- criar centros de acolhimento para ajudar os alcoólicos e tóxicodependentes (p. 52); 2.ª- criar postos de trabalho para aqueles que não sejam *pobres por vícios*: “*todo mundo a trabalhar*” porque “*Se há trabalho, não hay vícios*” (p. 52).

Mas S reconhece que não basta “*ajudar à gente pobre*”, e dá dois exemplos paradigmáticos que ela mesma gostaria de seguir se não tivesse família constituída – “*se eu ‘tivesse sozinha, como hay tanta gente que está sozinha, aborrecida, eu ia cuidar gente por aí fora, fazer o bem!*” (p. 55). Tais exemplos, são a Madre Teresa de Calcutá e a Lady Di, mulheres que não só ajudavam mas tinham “*poder*” e, sobretudo no segundo caso, “*dinheiro*” para insistir, persistentemente, junto dos Governos.

À visão assistencialista de Sara junta-se uma concepção da requalificação social como processo de empowerment dos carenciados, mediante *i)* a intervenção dos órgãos governativos; *ii)* a pressão continuada dos cidadãos cuja posição social lhes permite serem eficazmente “ouvidos”; e o alargamento *iii)* do mercado de trabalho e *iv)* das respostas institucionais de reinserção.

Pelo que não se estranhará que, embora Sara mencione a humildade e a honestidade como atributos individuais dos pobres *verdadeiros* – atributos-qualidades que lhes possibilita serem mais ajudados do que os *falsos* pobres – as mudanças que S prescreve como necessárias para a requalificação social (pp. 52 e ss.) são, predominantemente, condições exteriores aos indivíduos em PSD, a saber:

1.ª medida: acabar com a Alta Corrupção, que exemplifica com o *caso Banesto* de Mário Conde (pp. 52-53);

2.ª medida: reformar a Justiça: para ela, actualmente, a Justiça não funciona, é injusta, pois prendem os pobres verdadeiros e em vez dos corruptos (pp. 52-53);

3.ª medida: melhorar os montantes das Reformas que são, para S, “*uma miséria!*” (p. 53);

4.ª medida: reduzir a grande desigualdade salarial entre profissões (pp. 53-55); a que se articulam as duas medidas seguintes:

5.^a medida: valorizar as profissões manuais face às intelectuais.

6.^a medida: estabilizar os empregos mais precários e incertos – como é o trabalho no mar – e reduzir as diferenças face aos empregos mais estáveis – como o dos professores. Com efeito, se bem que S reconheça que às diferenças de escolarização e preparação devam corresponder diferenças salariais, considera que a assimetria é injusta.

Por um lado, precariedade, valorização diferenciada e injustiça relativa no sector laboral; por outro, uma justiça punitiva – estes são os dois vectores da Requalificação Social segundo Sara.

Portanto, a requalificação passa por factores externos – políticos, económico-financeiros, e legais. Mas o sucesso destas medidas depende de atributos: factores disposicionais. Mas, estes, são *instrumentos divinos de um Deus que dá Sorte*. E a *Sorte* é necessária: *i)* para a vida, dura e imprevisível, do marido no mar – em que a visão mística de S tem particular força (pp.18, 26-27); *ii)* para o percurso amoroso dela; *iii)* para a saída da situação de *desgraça* que viveu há 6 anos; e *iv)* para lhe sair a Lotaria, dinheiro com que saldou dívidas (bancárias, a conhecidos e aos operários das obras da casa) e com que ainda mobilou e renovou a habitação.

9. – CATEGORIZAÇÕES DE GÉNERO

9.1. – Factores de Construção dos Géneros

Sara identifica perfis masculinos e femininos com atributos desiguais, conferindo superioridade à mulher: “*A mulher, somos mais bem, mais fortes!*” (p. 55). Pontuando que homens e mulheres não são todos iguais (*p. ex.* a madrasta, pp. 81-87), S encadeia 5 argumentos (pp. 55 e ss.) para explicar a *superioridade da mulher* pois esta:

- 1) está mais habituada a confrontar-se com as dificuldades da vida;
- 2) é mais forte, “*talvez porque Deus nos fez assim p’ a podermos suportar cargas...*”;
- 3) é mais resistente – como se vê em situações de doença e na vivência da maternidade;
- 4) sofre mais os problemas – “*somos mais sensíveis*”;
- 5) é lutadora: “*intenta sempre sobreviver, ela luta, trabalha!, busca donde seja*”.

Ao explanar os atributos diferenciadores da maior força feminina, Sara parece acabar por reconhecer o condicionamento do género – masculino – nas trajectórias de desqualificação e empobrecimento social: “*sabemos superar mais*”; “*semos mais duras*” (p. 56) porque, por diferenciação, o homem

- 1) tem mais dificuldade em mostrar a sensibilidade, “*ainque o homem [seja] (...) sensível*” (p. 57) e ‘queixinhas’ (p. 58);
- 2) fecha-se mais nele próprio (p. 55);

3) “*enterra-se*” mais na vida e conforma-se mais – Sara exemplifica com o que se passa actualmente: o desemprego conduz à *falta de dinheiro* na família e, ambos, ao divórcio;

4) face às dificuldades, sente-se inútil e vive isso como uma vergonha, embora S realce que há “*há homens que superam: «-Bem, eu... se não há aqui, vou aunque seja ao estrangeiro, aunque seja trabalhar!»*” (p. 56).

O seu reconhecimento da especificidade de estilos de vida de género também está patente na afirmação de que a vida das mulheres está a melhorar pois que “*aí, agora, temos direito!... à igualdade ao homem*” (p. 57). E focando o anúncio televisivo de um chocolate (p. 58) como paradigmático da desigualdade homem/mulher, Sara sublinha a resistência dos homens à superação desta desigualdade. A possibilidade da mesma superação é ilustrada pelo seu recurso a três situações e papéis sociais (pp. 57-58): a) a possibilidade e as competências da mulher para desenvolver trabalhos iguais aos que tradicionalmente são desempenhados por homens (p.ex., trabalhar no mar, conduzir automóveis), pelo que S discorda que a mulher seja remetida para tarefas e para o espaço domésticos (p. ex. “*lavar pratos*”); b) a tendência actual para a igualdade salarial entre os que desempenham trabalhos iguais, seja numa fábrica ou no professorado; c) a partilha de tarefas na família, que S defende ao ponto de, segundo o relato, a praticar com o seu marido (p. 58).

Assim, identificando especificidades nos estilos de vida de género, Sara afirma que se tivesse nascido homem seria semelhante aos seus irmãos e ao marido (pp. 30, 109) – carinhosos, lutadores “*p’a tirar a família p’a diante*” e amigos das mulheres, adequando-se, pois, à herança familiar da socialização materna (pp. 67, 107) – e diferente do seu pai (pp. 57, 70, 107-108), ainda que reconheça que ela tem o carácter dele.

Referindo-se também ao pai como anti-modelo argumenta que, apesar de ela e 3 irmãos terem sido socializados em ambiente “*de gritos, de palavrões, de, de, de, de pan... de pancada (...)* nenhum” deles deu continuidade às práticas de maus tratos e dependência alcoólica do pai; e o mesmo se passou com o quarto irmão, o mais novo, se bem que para ela este já “*levou outra educação*” (pp. 56-57). Curiosamente, é por se identificar com os irmãos que justifica não ter tido problemas específicos, derivados ou relativos à sua condição de mulher.

Partindo da superioridade feminina mas constatando que a desigualdade social de género está em transformação, Sara acaba por subscrever o estereótipo dominante pois explica-nos que na sua vida *não vivenciou* a discriminação social enquanto mulher porque se identificou aos modelos familiares masculinos.

9.2. – Comparação Social: Portugueses e Bascos, diferentes *estilos de vida de género*

Sara avalia positivamente o impacto da emigração na mudança dos comportamentos e da socialização *de género* (pp. 40 e ss., 58 e ss.) dos homens portugueses, ao nível da construção do corpo, da apropriação de espaços públicos, e da autonomia social.

Práticas diferentes, diferença cultural

Sara destaca *a)* a proibição de as mulheres se maquilharem (pintar os lábios); *b)* a proibição das mulheres saírem de casa para tomar café – dando o exemplo do pai, que confrontava devido às ideias machistas dele, e do falecido marido da irmã viúva (Apêndice 6); *c)* a proibição de as mulheres saírem sozinhas sem os maridos, nomeadamente em excursões; *d)* a proibição de as mulheres fumarem; como ainda *e)* a legitimidade de os maridos esbofetear e insultarem as mulheres, e de o fazerem em público (pp. 58 e ss.).

Com efeito, se para ela o homem português emigrante é muito machista, comparativamente ao homem espanhol (basco), por outro lado, as mudanças que anota são reais e duradouras dado que observa a continuidade de comportamentos quando vão de férias a Portugal (pp. 40-41, 58-59).

A mesma constatação fá-la reafirmar a avaliação negativa do homem português residente na sua zona de origem que Sara

- i)* projecta na aspiração de maridos não portugueses para as filhas (p. 59);
- ii)* ilustra com a opção da irmã viúva de não se voltar a casar com portugueses (p. 41; Apêndice 6); e
- iii)* relaciona com a dupla moral sexual actualmente vigente.

Neste campo, Sara expressa o seu desacordo da representação negativa que a mulher viúva tem em Portugal, ao contrário do homem viúvo: “*Uma mulher viúva em Portugal está muito mal vista! (...) Não pode ir a nenhum sítio (...) [sem que pensem que vai] a buscar um homem!*” (pp. 41-42).

Reforçando a sua percepção avaliativa, Sara ressalva as tendências de mudança de alguns rapazes portugueses, mais jovens e também emigrantes pelo “*habitamento com o ar daqui! Isso já é distinto!*” (p. 59).

Certeiramente, não deixa de captar que o machismo em Portugal se reflecte na aparência e na apresentação das mulheres portuguesas: “*na minha zona, tenho amigas minhas, com a mesma idade... que parecem umas velhas de 57 e 60 anos!*” (p. 59).

Fina observação das marcas sócio-culturais e das trajectórias nas próprias formas identitárias de apresentação na vida quotidiana. Na verdade, induzimos da leitura de Sara que as mulheres portuguesas das classes populares da sua zona de origem se afiguram mais como mulheres-mães-dos

maridos do que como mulheres-esposas-mães de família, mediante a incorporação física das relações construídas sobre estereótipos de género socialmente desiguais e, em consequência, factores de desequilíbrio e de bloqueio da autonomia dos actores sociais mulheres e homens.

9.3. – Figurino Idade Mulher

Do discurso de Sara – assumindo que na sua construção identitária o valor fundamental é a família “*si es que realmente amas a la familia*” (p. 56) – podem induzir-se alguns atributos ideais da mulher que demarcam quatro espaços sociais da construção identitária no feminino – a) família; b) redes de sociabilidade; c) face às dificuldades e a PSDs; e, com afinidades com estes três, d) cidadania:

a) família: ser *boa esposa e mãe*, o que na suas palavras passa por agasalhar e acolher;

b) redes de sociabilidade e relações sociais: ser frontal, aberta, directa, ou seja: auto-afirmativa;

c) face às dificuldades e a PSDs: “*ter arranque*”, i.e.: ser lutadora, destemida e corajosa para arriscar: “*meter[-se] de cabeça*” (pp. 57, 23); ter fé e, por isso mesmo, ser optimista; ser tenaz para enfrentar os problemas; ter espírito de sacrifício;

d) cidadania: ser amiga de ajudar os outros (pobres e não pobres); ser rebelde, não evitar os conflitos; liderar e dinamizar actividades sociais; ser orgulhosa, quer dizer: assumir as suas origens e pertença culturais.

10. – SARA: O FUTURO? NA SUA TERRA!

O cenário do futuro desejado por Sara abrange a sua qualificação escolar – “*tirar o graduado escolar*” (p. 30) – e culmina no retorno a Portugal: construir aí uma casa “*unque fosse um apartamento*” não só por ser a sua terra, mas para “*ter onde meter-me*” e não precisar de pedir dormida a familiares e amigas quando vai de férias (p. 60). Porque, para ela, Portugal são os fados, a música e os tunos de Coimbra (p. 61); são as recordações dos pais que lhe chegam através da música que a comove muito; e são ainda *a Virgem de Fátima* e *a Expo* (pp. 61-62) e as saudades (pp. 14, 37). As saudades também alimentam o “sonho” de ir passar o Natal e a Páscoa a Portugal.

Este futuro desejado não coincide com o retorno, ansiado pelo marido, à Galiza: “*Então, eu digo p’a meu marido: «— A minha ilusão (...) vendemos a casa de Galicia e compramos em Portugal!».* Diz ele: «— Que dizes!?!». Eu disse: «— Nada!».” (p. 60).

E, talvez como *mecanismo de defesa*, mas também *por confrontar-se com a realidade*, Sara impõe-se uma terceira abordagem dos seus sonhos de retorno a Portugal, de construir aí a casa familiar, como de passar aí os períodos festivos, sem abdicar dos mesmos: “*mas não pode ser. (...) já sei que... não chegarei a isso, pode ser (...) com o «Eco [euro]»...*” (pp. 59-60).

Apesar de avaliar como ascendente, a mobilidade que a emigração trouxe aos filhos (pp. 48-49) – concretamente: o acesso da filha ao Curso de Hotelaria e Turismo (p. 54) – Sara perspectiva-lhes um futuro “*muito preto!, muito mal!*” (p. 48). Contudo, S considera que não é um drama exclusivo da sua família, antes decorre da crise no sector laboral, tendência dos tempos presentes que afecta muito toda a realidade espanhola. Hoje, explica-nos ela, a falta ou dificuldade de encontrar emprego reduz ou limita a autonomia dos jovens, o que lhes dificulta a constituição e organização familiares, como sucede à sua filha e ao namorado, que estão desempregados: “*como vão a casar?*” (p. 48). Portanto, hoje passa-se assim, ao passo que “*antes, com 20 ou 21 anos, ou 18, casávamos! E pouco a pouco tinhas trabalho e todo o mundo ia, ia saindo*” de casa dos pais e assumindo a vida autónoma. Para S, a mesma crise provoca ainda a consequência da desqualificação do emprego dos jovens que têm de trabalhar “*no que aparece*”, o que também se traduz na não rentabilização das suas próprias habilitações (p. 54).

11. – SARA: PERFIL E TRANSACÇÕES IDENTITÁRIAS *PARADOXAIS*

O relato de Sara é um exemplo paradigmático de uma narrativa paradoxal.

Observámos como as suas *vivências* e o seu *percurso*, paradoxais, conduzem à requalificação, graças à “*sorte*” de Sara ao jogo (lotaria) mas, sobretudo, graças à *concretização* dos, ainda, *efectivos direitos sociais inerentes à condição laboral do marido*.

Esta não é a interpretação da narradora. Desde logo, mencionámos o seu *paradoxo identitário* de não concordância entre as suas visão do mundo e prática sócio-identitária.

a) a visão de abertura cultural que Sara constrói está patente quando defende a necessidade da estratégia defensiva de coesão, por parte das mulheres emigrantes, no país de destino – “[devem estar] *todas unidas como uma pinha*” (p. 29); e capta-se também através da concepção não-etnocêntrica da natureza humana, pois, para ela, não é a religião nem a terra-país de origem que define o “*seres boa pessoa (...). E nesta vida há de tudo!*” (pp. 31- 32).

b) contudo, a prática relatada, expõe-nos uma trajectória caracterizada por sucessivas rupturas relacionais e das sociabilidades, e por conflitualidades, fundamentadas na maioria dos casos pela diferença de origem e/ou de estatuto: como no episódio em que, segundo conta, ao corrigir um galego, foi provocada por se assumir como portuguesa (pp. 9-10); ou nas situações em que confrontou os polícias, em SnSn (p. 53) e em Portugal (pp. 42 e ss.).

E notámos que a apresentação deste percurso conflitual é sempre feita através de um relato vivo de exemplos da sua interacção com os outros, e orientado para a defesa da razão-justeza de Sara, exclusiva e repetida, nessas rupturas (pp. 17, 24 e ss, 50, 53). Todavia, os grandes *momentos marcantes* da sua vida reenviam-nos, ostensivamente e como que em *voo picado*, para a sua desorganização familiar, associada às muito deficitárias competências da *S-esposa*, da *S-mãe*, da *S-trabalhadora* e da *S-cidadã*.

Ora, este *perfil sócio-identitário* ainda é tecido pelas *Transacções Objectivas – Exteriores e Interiores* – também *paradoxais*.

Tal *visão do mundo*, a sua *experiência*, o seu *perfil*, assim como as *transacções – sócio-identitários* – levam Sara a imputar a *requalificação* às soluções e a *factores materiais*, mas entendidos como *os instrumentos divinos* de um *Deus que dá Sorte*.

Por isso, **o risco** de Sara é **o salto do desesperado ancorado na Fé**. É que *Deus ouve-a* (pp. 16, 18, 22 e ss.).

Mas não só a ela: o *Deus que dá Sorte* – essa *Justiça* que está *acima* das meras pessoas – também aliviou a irmã mais velha através da morte do marido (p. 37) também está atento à madrasta das sobrinhas e ao cunhado (pp. 42 e ss.) – respectivamente: as filhas e o marido da falecida irmã (Apêndice 6).

E a mesma *visão do mundo*, assim como a mesma *experiência*, e os mesmos *perfil* e *transacções sócio-identitários* facultam-lhe o entendimento das desigualdades sociais: é que nem todos progridem como ela.

Sara partilha connosco esse saber: *os outros* que *têm raiva* e/ou *inveja* da estabilização e melhoria da sua vida, e são *"egoístas (...) maus uns para os outros"*, são *castigados*, i.e.: nem são abençoados, nem bafejados pela Sorte, como Sara tem sido ao longo da sua experiência de vida (pp. 1, 5, 17, 29). Experiência esta, aliás, que, segundo nos diz, ela tem tentado construir ajudando, sendo o suporte, dando o apoio a esses *outros*, apesar de esses *outros* – inclusivé, os que a ajudaram nalgum momento – não a ajudarem mais e até deixarem de lhe falar ou de se relacionar com ela (pp. 24-25).

Egoístas, invejosos e oportunistas (p. 5) – porque descrentes, porque sem Fé – *têm que ser denunciados ou banidos*, separando as águas *dos bons* e *dos maus*. *Razão nobre* porque as *sociabilidades* de Sara se alimentam de *rupturas conflituais*, que mais não são do que o *preço* a pagar por pôr em prática a frontalidade, por fazer justiça por suas mãos, em suma: por marcar a *sua diferença-bondade face aos outros-maldade*.

Sara auto-define-se, pois, como um *exemplo* da *FÉ* na *Prece* e na *Sorte*.

E Sara é-o: um *caso social exemplar* da *FÉ* na *Prece* e na *Sorte* como *suportes do Risco Estratégico*, num contexto social-limite do *modelo da integração social*; que o mesmo é dizer: às portas da *modernidade tardia* e da *flexisegurança*.

2.ª PARTE – MONOMARENTALIDADE,

ESTRATÉGIA DE REQUALIFICAÇÃO DA CIGANA ESMERALDA

“...hasta que llegué a un punto que dije: bueno, ¡aquí he llegado, y ya no aguanto más!» (p. 3)

1. APRESENTAÇÃO DE ESMERALDA

Da análise do testemunho da Trajectória Identitária (TI) da cigana Esmeralda (E) ressaltam quatro Momentos Marcantes: primeiro, o da vida nómada de cigana, solteira, até aos 14 anos (1976/90); o segundo, relativo ao primeiro ano de casada; entre 1991/95, o do processo de desqualificação; e o quarto Momento, o da requalificação.

Os 4 Momentos da *experiência social* (Dubet, 1996) vivenciada por E – e a interpretação do seu discurso – revelam distintas, e aparentemente paradoxais, Lógicas e Estratégias de Acção, que se apresentam em relação com os Factores e Territórios Sócio-Identitários mobilizados.

Da *subsistência à requalificação*, passando pela breve mas brutal *exclusão social-existencial* – neste *testemunho paradigmático do etnocentrismo* ainda ecoa a voz (ora alegre, ora amargurada) de E, feliz por poder contar-se; perpassa ainda o olhar vivo e a expressividade do belíssimo rosto cigano. Agitando-se na cadeira e nos *jeans* conquistados, também ainda brilham aqui os seus brincos e anéis *payos*; mas seguramente que, com o que nos interpela a todos, é com as *ricas* memórias de uma *muito jovem*, e tão desqualificada quão corajosa experiência de Requalificação Social.

2. - MOMENTO 1:

DE CIDADÃ-INEXISTENTE A SUJEITO SOCIAL - RAÍZES ÉTNICO-CULTURAI

A TI de Esmeralda é marcada pelo *estatuto* socialmente desvalorizado da sua pertença cigana. De 1976 até 1990 – desde o nomadismo cigano, até à fixação no bairro de lata, período em que também morre a mãe – as condições de origem situam-se ao *nível da subsistência* (Apêndice 7, Caixas 2 e 3.1.). Passamos a caracterizá-lo, evidenciando oito *Territórios Sócio-Identitários* desqualificados: Étnico-Cultural, Sócio-Espacial, Laboral, Escolar, Estilo de Vida, Sociabilidades, Societal e Simbólico-Representacional.

Subsistência e Ilegalidade de vivências paralelas

Nascida em SnSn, Esmeralda descende de um extenso agregado cigano de origem portuguesa, sendo, pois, socializada pelos *traços e práticas culturais ciganos*.

Assim, sobressaem: 1- a presença da Festa (reuniões e celebrações entre famílias alargadas); 2- a *construção do Corpo* (vestes, adornos, penteados-cabelos, linguajares, posturas, e porte); 3- o *androcen-*

trismo, patente na centralidade dos papéis tradicionais femininos, em particular: sobre-trabalho; exclusiva responsabilidade pela subsistência familiar, pelas tarefas domésticas e de educação dos membros mais novos; associação desta responsabilidade a um forte simbolismo das figuras femininas mais velhas; e um denso controlo social decorrente do forte inter-conhecimento, acentuados pelo estilo de vida nómada da sua família.

Esta é a vivência – segundo o relato, gratificante – de *grande mobilidade geográfica* que Esmeralda partilha, em Portugal e Espanha, até à fixação familiar no Bairro de Lata e ao projecto posterior realojamento.

Características centrais são as *condições de habitação precárias*; a precariedade e a clandestinidade das *actividades laborais – subterrâneas ou desprestigiadas*, de inserção precoce e *infantil* – e a *ausência de relação com o sistema escolar*, de Esmeralda como de todas as crianças da sua rede familiar. Marcos evidentes do *estilo de vida de subsistência* da condição de origem, ainda timbrado pela *restrição* dos recursos e rendimentos *económico-materiais*; pela carente e não diversificada *dieta* alimentar; e pela projecção em E (nascida em Espanha) da *ilegalidade* da condição imigrante da família de origem.

Tais *cidadãos inexistentes* e socialmente *desvalorizados, estigmatizados* como «os ciganos», ‘desenrascam’ a *subsistência* mediante *vivências paralelas* ao tecido social envolvente.

Uma experiência identitária assim *endo-coesa* – embora *intimamente* vivida com *fragilidades*, e *socialmente indesejada* – é cumulada, em Esmeralda, pela morte da mãe por volta dos 12 anos de idade.

Contudo, no 2.º Momento da TI, Esmeralda conhece o *reverso* da coesa comunidade de origem, aquando da dura reprovação familiar do noivo – que ela avalia de modo *ambivalente*.

3. – MOMENTO 2 (1990 A MEADOS DE 1991): ESMERALDA, ESPOSA CIGANA

Do *Momento 1* para o *Momento 2* há continuidade global da anterior vivência de *cidadã inexistente*. Identificam-se, porém, alguns vectores de autonomização relativa (Apêndice 7, Caixas 3 e 3.1.), sobretudo em quatro Territórios Sócio-Identitários: Sociabilidades; Societal; Sócio-Espacial e Estilo de Vida – pela autonomização do jovem casal face à família extensa em barraca independente.

Ao casar com um noivo não aprovado pelos pai e irmãos, Esmeralda inicia, aos 14 anos, a segunda etapa da TI (cerca de ano e meio desde 90 a meados de 91). A oposição familiar elucida que a união fosse concretizada após a, *culturalmente consentida* nas comunidades ciganas, *fuga* conjunta dos noivos durante 2 meses.

Esmeralda avalia paradoxalmente este 1.º ano de casada. Não contém, em si, nada de estranho, que ela sobrevalorize a alteração do estatuto familiar. Curioso, é sim, que ela identifique tal transição com uma promoção global da experiência identitária – ofuscando, ou mesmo ocultando, o lado sombrio desse segundo período.

Assim, indicadores *objectivos* fundamentam a nossa constatação de *continuidade objectiva i)* da posição social de E, culturalmente desvalorizada e com carências de subsistência; e *ii)* da condição ilegal de *E-cidadã inexistente* – reforçada, no Momento 2, pela legalidade *dele*: cidadão espanhol, beneficiário do RSI.³¹⁹

Na verdade, o *estilo de vida do casal* mantém-se *globalmente precário*, não só ao nível *habitacional* – embora ela sublinhe a conquista de barraca autónoma pelo casal – como em outros Territórios Sócio-Identitários:

- laboral: as *tarefas* ocupacionais *subterrâneas*, partilhadas pelo casal e realizadas em conjunto com outro jovem casal cigano (cunhado do marido), consistiam na limpeza de carros parados nos semáforos vermelhos;
- recursos e rendimentos económico-materiais: mantêm-se a restrição global destes, e as *carências* de hábitos e consumos alimentares – que E não avalia negativamente;
- sociabilidades: ao *nível afectivo-relacional* Esmeralda valoriza a *autonomia* do casal, e a que ela obtém quer na gestão dos recursos comuns enquanto *mulher-do-casal*, quer ao assumir papéis de *adulterez*; ao *nível psicológico-emocional* as informações são paradoxais: i) *harmonia* e *serenidade* conjugais; ii) *conflitualidade* na mesma relação íntima: indícios de maus tratos a E, ainda controlados pela inserção do casal no acampamento cigano; e iii) *sociabilidade conflitual* de todo o acampamento cigano com o casal. Com efeito, o *reforço da desaprovação familiar* resulta, primeiro, na *rejeição* do marido – ilustrada por conselhos e avisos dos irmãos de E sobre o mau carácter dele –, e evolui até à *banição* daquele pelo próprio pai e pelas cunhadas de Esmeralda.

A narradora parece tentar convencer-nos de que a ruptura com o marido se confinava, só e apenas, à relação da família *com ela* – alegando ser a responsável pela escolha do marido: “*porque mis padres y mi familia no querían a ese chico...*” (p. 1). Porém, do conjunto discursivo interpretamos que, quando casa, o que ela *formaliza* e passa a viver, é acima de tudo, *a ruptura com a família*.

Este é, sem dúvida, o tema de *avaliação* mais paradoxal e de *argumentação* mais descoincidente para E – aliás, compreensível, se não tivermos uma visão linear dos territórios afectivo-emocionais dos actores sociais. Esmeralda tanto afirma haver diálogo e boa relação entre a sua família e o marido, como conta cenas de violência física entre marido e pai, ao ponto de uma vez ter sido hospitalizado depois de levar uma sova do genro; e tanto refere que nem as cunhadas falavam com ela, como relata as visitas e estadas mútuas nas respectivas residências-barracas, às escondidas e na ausência dos irmãos e do marido.

Portanto, a par dos indicadores *objectivos* da *continuidade* objectiva enquanto *cidadã ilegal-inexistente em condições de subsistência*, a mudança do Momento 1 ao 2 é *subjectivamente* avaliada

³¹⁹ No Estado Espanhol: I(ngreso)M(ínimo)(de) Inserción.

como *promoção identitária* da globalidade do *estilo de vida*. Na base desta avaliação estão as *mudanças objectivas* na sua experiência social e a própria *narrativa de auto-reconstrução da vida vivida*.

Esmeralda vive estes *Momentos* iniciais segundo a *lógica de Integração-Adaptação* ao «destino social prescrito», expressa no seu relato i) pelo *sentimento de continuidade* que confere às *Transacções Objectivas Interiores*; e ii) pela preocupação em sublinhar o *reconhecimento do seu estilo de vida (Transacções Objectivas Exteriores)* – preocupação nítida na avaliação paradoxal da problemática e conflitual relação marido-família ascendente.

Mas, de meados de 1991 até 22 de Agosto de 95, abre-se a grande brecha deste percurso: o processo de desqualificação – “*Y a partir del año [de casados], ya pues, empezó con la droga...*” (p. 6).

4. - MOMENTO 3:

O PSD DE ESMERALDA E FASES DE REACÇÃO

Os quatro anos (1991/1995) do processo de desqualificação de Esmeralda são precipitados pela *tripla carreira desviante-delinquente* do marido: toxicod dependência – e, em consequência – *carreiras* presidiária e de agente de maus tratos. O testemunho desenha a *sucessão de 3 Etapas de crescente desqualificação da condição de partida de subsistência*: primeiro, para um nível de carência absoluta e, posteriormente, para a condição de exclusão. A mesma desqualificação vai provocar em Esmeralda *duas Fases de Reacção* – como se passa a especificar.

4.1. – O PSD:

1.^a e 2.^a Etapas (de meados /1991 a Maio/1995) e 1.^a Fase de Reacção

As 1.^a e 2.^a *etapas* do processo de desqualificação da vida de Esmeralda (Apêndice 7, Caixas 4, 4.1.) são de *gradual desqualificação* de 4 grandes territórios, e de metamorfose sócio-identitária de E – pela sucessiva *passagem* da condição de *cidadã-inexistente à de cidadã-utente* e, desta, à de *cidadã-clandestina*; ao que ela *resiste* pelo *sacrifício estratégico*.

Com efeito, o relato da degradação menciona a) *maus tratos físicos e psicológicos a E*, praticados pelo marido na presença das filhas, e que progridem em *frequência e grau de violência*; b) *distúrbios domésticos* e consequente desorganização da vida familiar (*p. ex.^o*: ausência de horários para dormir ou para refeições); c) *isolamento social* dela; e d) *dependência* dela dos imperativos e exigências do marido para o sustentar e lhe garantir a droga, *dependência* que vai ser extremada até à condição de *E-pedinte*.

Nesta 1.^a *Fase de Reacção* (Apêndice 7, Caixas 4 e 4.1.) a atitude dela podia ser superficialmente confundida com a *submissão* ou a *adaptação passiva* ao desmoronar do primeiro ano de *casada-feliz*; só que uma *escuta-leitura activa* dos vectores do discurso revela que tal *passividade* é apenas *superficial e relativa*.

De facto, esta mulher *trabalha* a sua *persistência sofrida* através de *estratégias* e de *táticas identitárias* de resistência clandestina, como mostram as contínuas tentativas e práticas de *contorno* das *restrições* do marido, gradualmente *proibitivas* das suas *sociabilidades*: *p. ex.*, quando ainda residia no bairro de lata, E interagia com a família na ausência do marido, apesar da proibição conjugal de conversar até com os Educadores Sociais³²⁰.

O realojamento (HAB. 2) propiciará uma fugaz promoção habitacional do jovem casal, pois só dura 4 meses – até à 3.ª detenção do marido. Contudo, apesar de promocional, o mesmo realojamento inicia a 2.ª Etapa da desqualificação de E, por vários condicionalismos, de que são ilustrativos:

a) isolamento social: o afastamento de todos os familiares é reforçado pelo total desconhecimento dos vizinhos no prédio da nova casa-apartamento – isolamento que E tenta romper às escondidas dele;

b) degradação e agravamento das toxicodependência-delinquência do marido.

Destes sentimentos e vivências resultariam ainda:

c) agudização e aumento dos maus tratos à jovem esposa; e

d) aceleração da degradação de E-mulher-esposa-pessoa, ao ser obrigada a *i)* levantar-se de noite e de madrugada para ir a bares comprar comida para o marido; *ii)* esmolar e dar-lhe todo o dinheiro para, com o montante do RSI, ele custear o consumo da droga; *iii)* esconder dinheiro para a carenciada alimentação: a sua, mas sobretudo a das filhas; e, em geral *iv)* ceder às chantagens psicológicas dele: ameaças de perder a custódia da filha devido à ilegalidade dela.

Na 2.ª Etapa do processo de desqualificação (Apêndice 7, Caixas 4 e 4.1.) Esmeralda experienciava dois tipos novos de humilhação: a *condição de pedinte*, pela 1.ª vez; e o *reforço da condição de cidadã-inexistente-ilegal*, dado que esmolava para o marido, um utente, legal, dos serviços sociais básicos, aos quais ela (ainda) não podia aceder.

Novo, é também o *estilo* de carência absoluta em que a *mãe-cigana* passa a viver, como também é novo o drástico isolamento relacional: “*Lo que pasaba en las chabolas lo pasaba igual en el piso de Loiola (...) porque en las chabolas cuando me pegaba, si alguien estaba ahí, me podía oír llorar y podían venir a ayudarme. Pero en el piso de Loiola no. Estaba sola y me las tenía que aguantar.*” (p. 7).

Perante tal desqualificação existencial E passa, crescentemente, a confiar, a desabafar, e a escutar as informações e conselhos dos Educadores Sociais – com realce para a Educadora Social com intervenção directa no realojamento familiar, a quem E. confere e reconhece o elucidativo estatuto afectivo de *confidente-mãe-irmã*.

³²⁰ A proibição visava, sobretudo, a Educadora que tinha a cargo a intervenção na família de E - no quadro do Projecto de Inserção Social da comunidade de ciganos portugueses residente no bairro de lata – pois aquela já se revelava para Esmeralda como *a sua interlocutora privilegiada*, vindo a ser, com efeito, o elemento central na sua autonomização.

O marido, no lastro da reincidente delinquência, é preso de novo. De imediato, o agregado perde direito ao andar, entrando Esmeralda na 3.ª Etapa do processo de desqualificação (Maio a Agosto /95 - Apêndice 7, Caixas 4 e 4.2.).

4.2. O PSD: 3.ª Etapa (Maio a Agosto/1995)

O escasso *tempo real* (menos de 4 meses) de duração da 3.ª Etapa do processo de desqualificação, transmuta-se na *profunda densidade psicológica do discurso*, à medida que E recorda e reelabora a memória intensamente dolorosa. O trabalhar da memória por E mais não é do que a *presentificação de um passado que ainda não deixou completamente de o ser* – enquanto *vivência experienciada*, é uma *ameaça constante* do, ainda instável, presente (Apêndice 7, Caixas 4 e 4.2.).

Em função da metodologia de pesquisa adoptada, a *presentificação* é simultânea à *distanciação* pedida à sujeito social Esmeralda – “presentificar” para “se distanciar de”; recordar para re-situar uma trajectória que culminou na *vivência*, e no *auto-reconhecimento* de um estatuto especial: *o estatuto dos não-estatutos*.

Trata-se, pois, da passagem da condição social de cidadã-inexistente à de cidadã clandestina, não-cidadã; e da posterior passagem desta vivência da exclusão à consciencialização.

4.2.1. Estilo de vida de Errância Familiar e de Absoluta Destituição

A família monomarental desalojada é prontamente acolhida numa instituição especializada para famílias e mulheres-vítimas de maus tratos (HAB. 3), onde, segundo Esmeralda, estavam *muito bem*. Porém, o marido-pai é rapidamente libertado – na última tentativa judicial de encaminhá-lo para a desintoxicação, sob o argumento-atenuante de ter uma jovem família constituída –, e dá-se nova mudança, a dois níveis: 1- recomposição familiar *forçada*; 2- (outro) desalojamento de mãe e filhas da instituição de acolhimento.

Segundo o relato, assim que o marido sai da prisão vem procurar a família à casa de acolhimento; aí, encontra-se com familiares de Esmeralda, e suspeita de que aqueles instigavam a esposa à separação – suspeita infundada, segundo E, mas suficiente para uma nova cena de grande violência física que a deixa desmaiada.

Forçada, deste modo, a *recomposição familiar*, o marido obriga E, a filha pequena e a filha bebé a passarem a viver juntos numa furgoneta (HAB. 4), decisão triplamente vantajosa para aquele: 1.º- maior facilidade em deslocar-se para negócios de tráfico-consumo ou acções de roubo; 2.º- maior margem de manobra e fuga face às autoridades; 3.º- afastamento definitivo das redes de suporte, familiar ou institucional, de E para, assim, lhe controlar cabalmente os movimentos: «*Cuando salió él, pues claro, tuve que recoger todo y irme (...) con la furgoneta. Estuve así dos meses. Sufriendo. Igual, no paraba con la*

furgoneta, andaba para atrás y para adelante (...) a por la droga, si no tenía en un sitio, tenía que ir para otro.(...) iba incluso para Bilbao, que fuimos unas cuantas veces a las cuatro y cinco de la mañana.» (p. 3).

Na 3.ª Etapa do processo de desqualificação dá-se a *queda, profunda e objectiva*, da família na mais *absoluta destituição*.

Girando a vida familiar em torno da furgoneta, o agregado atinge assim a máxima degradação das condições habitacionais, com total inexistência de *condições de higiene*, sobretudo para as *crianças*: a furgoneta, enquanto local de residência, era onde confeccionavam as refeições, onde dormiam, enfim: onde *viviam*. Com o *culminar* da *carreira toxicodependente* do marido – consumos cada vez mais frequentes de doses crescentes – *agravam-se*, ao mesmo tempo, a restrição dos *recursos* familiares e as *práticas delinquentes e chantagistas* dele. Ela é de novo compelida a *esmolar e entregar-lhe todo o dinheiro* conseguido – embora reservasse alguma parte para alimentar as filhas. A verba, que ele acumulava com o RSI, era gerida, por ele, para consumo de droga.

O arrastamento da família para um *estilo de vida de errância* associa-se ao exacerbar da agressividade do marido, numa tentativa desesperada de reter a família e no rescaldo da própria degradação física e psicológica de toxicodependente: multiplicam-se as chantagens a E. sobre a custódia das filhas, e os maus-tratos físicos a elas.

Instalada a fase de *errância familiar*, a *Esmeralda-cidadã-inexistente* degrada-se, vertiginosamente, até se restringir à *Esmeralda-clandestina* – a *Esmeralda-não-cidadã* com o *estatuto social de «não-estatuto»*. E na 2.ª Fase de Reacção ao processo de desqualificação (Apêndice 7, Caixas 4 e 4.2.) ela cons-ciencializa-se da sua condição.

4.2.2. – 2.ª Fase de Reacção ao PSD:

Esmeralda–em reconstrução, do Sacrifício Estratégico à Cons-ciencialização

O trabalho dos Educadores Sociais foi determinante na tomada de consciência dos seus direitos como mãe, e dos das filhas, em situação de separação conjugal; e na própria motivação e conselhos do irmão dela que disponibilizou para acolher a irmã *separada*.

Período de *decisão e prática da ruptura* com o processo de desqualificação, a 2.ª Fase da Reacção (Apêndice 7, Caixas 4 e 4.2.) decorre em dois tempos: 1.º- a cons-ciencialização da dominação norteia-a para o objectivo de *pedir acolhimento e orientação institucionais*; 2.º- após a cons-ciencialização, ganha forças, auto-confiança, e confiança social para “*A Fuga*”.

O reconhecimento da sua desqualificação começa com o *sentimento* da necessidade de abertura relacional e a *procura* activa de outras redes de sociabilidade. Desde que decide romper com o isolamento social a *não-cidadã-E* procura informação e, de forma gradual, toma consciência dos seus direitos.

No momento em que atinge os limites da sua resistência psicológica, física e moral – “*He llegado a pesar 37 Kilos...*” (p. 3) –, com o accionar e o assumir quer dos sentimentos de autoconfiança, quer da sua confiança face aos apoios familiar e institucional, o contexto é propício à auto-reavaliação da sua vida e, em consequência, à tomada de decisão da Ruptura: “*hasta que llegué a un punto que dije: «bueno, aquí he llegado, y ya no aguanto más!».* (...) ... *y pensé: bueno, aunque no sea por mí, pero para mis hijas, yo no quiero esto. ¡Yo no quiero este ejemplo para mis hijas!*.” (p. 3).

Ora, a *vivência* da exclusão, e o facto de E a *reconhecer* e a *recusar*, permitem captar as mutações centrais das negociações identitárias desta mulher.

Agora, as *Transacções Objectivas Exteriores* desenham o *não reconhecimento social* de Esmeralda: sente-se humilhada, isolada, reprovada pela família e aconselhada a “libertar-se” pelos profissionais do social. Portanto, atinge o ponto máximo da *tensão* entre a *atribuição da condição de excluída* e a *resistência clandestina à incorporação* da mesma.

Por sua vez, o *culminar* da *desconstrução-degradação identitária*, e o carácter *insuportável* dessa desconstrução, sinalizam a *dupla mudança das Transacções Objectivas Interiores* de E.

No seu discurso esta etapa parece acumular ou concentrar todo o sofrimento vivenciado ao longo de 4 anos enquanto *não cidadã-mulher-esposa-mãe*. Só que é sobretudo enquanto *mulher-mãe*, que fundamenta a opção da Ruptura na 2.ª Fase de Reacção ao processo de desqualificação. Através da sua fala expressiva e emotiva os quatro anos são condensados ou compactados nestes quatro meses. Ganha, assim, (ainda) mais significado a *maior recorrência discursiva* de E: as menções à data do abandono do marido e da fuga, com as filhas, escondida no banco traseiro de um táxi: “*nunca se me olvida del 22 de agosto de 1995 a las siete de la mañana cuando me levanté decidida y dije: «pues hasta aquí he llegado y voy a dar el paso adelante, no atrás».* *Y mi vida cambió a partir del 22 de agosto de 1995 a las siete de la mañana.*” (p. 7)

Afinal, o que Esmeralda nos diz, pela reconstrução da sua biografia, é que

a) a requalificação social – a (as possibilidades de) ruptura com situações de dominação e de desqualificação-pobreza/exclusão – passam

i) pela (possibilidade de) não aceitação, pelos actores sociais, dos estatutos socialmente degradados, e dos papéis e práticas concordantes com tais estatutos impostos-conferidos;

ii) pela (possibilidade de) implicação dos actores sociais no sonhar e no concretizar projectos identitários com futuro – o que impõe uma *luta contra o presentismo*;

b) a implicação na construção de projectos futuros (luta contra o presentismo) – é catalizada pela reconstrução sócio-identitária dos sujeitos, que por sua vez, reformula a *consciência da alteridade* e da *interacção* Eu-Outro: manifesta, neste caso, nos laços Esmeralda-mãe e Outras-filhas;

c) a (possibilidade de) reinclusão não se restringe aos factores materiais-económicos nem aos

laços sociais; abarcando-os, tem de ser trabalhada, também, nos planos simbólico-representacionais (Xiberras, 1994) e afectivo-emocionais.

Mesmo sabendo (De Gaulejac e Taboada-Léonetti, 1994) que *não há «o desinserido» típico*, o caso de E é *exemplar* de quanto o *isolamento relacional* e o *sofrimento*, simbolizado pelo *sentimento de humilhação*, são detonadores de *rupturas identitárias de requalificação*. É também *exemplar* de como a *reconstrução identitária* de uma *jovem em mulher-mãe*, constitui um *recurso-capital identitário* particularmente potenciador do sucesso da intervenção social *pela* reinclusão requalificadora. Na inflexão do processo de desqualificação o processo sócio-identitário de Esmeralda formata a 3.ª Fase de Reacção pela *Autonomização-Requalificação*.

5. – MOMENTO 4 (22/AGOSTO/ 1995 A 1998): DE ACTOR-NÃO CIDADÃ A SUJEITO SOCIAL-MÃE

O último Momento da Trajectória passada³²¹ coincide com a 4.ª etapa do processo de desqualificação (Apêndice 7, Caixas 4, 4.3. e 5), a da a sua reconstrução sócio-identitária orientada pela 3.ª Fase de Reacção – o investimento na autonomia e na requalificação, possíveis pelo seu pedido de apoio institucional: “*Desde entonces mi vida ha mejorado mucho (...) sí ha cambiado mucho, mucho ¿no?. La mía y la de mis hijas. Lo importante son mis hijas.*” (p. 7).

A *estratégia de Autonomização* de Esmeralda enquanto mãe-educadora leva-a a recorrer à *dependência institucional* para a sua reinclusão, reivindicando várias respostas, e uma intervenção social continuada.

5.1. Monomarentalidade, lógica-estratégica da Autonomia pela Dependência Institucional

Globalmente, é pelo acolhimento e pelo suporte institucionais que E accede ao direito de receber o RSI, e aos vários direitos inerentes, com implicações significativas nas suas sociabilidades, na inserção laboral, na promoção habitacional, e no sistemático apoio sócio-psicológico. Portanto, identificam-se, seis *Factores* de Requalificação de Territórios Sócio-Identitários da experiência social da cigana Esmeralda, conforme se expõe (Apêndice 7, Caixas 2 e 5):

- Estabilização-melhoria das condições de habitação: realojamento da família monomarental num apartamento (HAB. 5).
- Estabilização psicológico-emocional de mãe e filhas com múltiplos impactos: a) reorganização da dinâmica familiar numa rede gradualmente funcional; b) revitalização das Sociabilidades i) mo-

³²¹ Dado que as entrevistas a Esmeralda decorreram entre Novembro de 1997 e Março de 1998, e tendo em conta os imperativos desta pesquisa, considera-se o ano de 1998 como o marco cronológico da *passagem do Passado para o Presente* desta trajectória.

bilizando as redes familiares de origem (de que o irmão gémeo foi a ponte fulcral); *ii*) reforçando as redes institucionais e formais; e *iii*) criando novas redes (relações de vizinhança não conflituais; instalação de telefone em casa).

- Gradual participação de E no mercado de trabalho: inserção laboral legal-formal de E (serviços de limpeza); avaliação positiva pelos empregadores; e início da Formação Profissional de E (cursos breves).

- Acesso das filhas ao sistema de ensino: integração e sucesso escolar de ambas no sistema de ensino basco oficial – após problemas de integração da filha mais velha, por rejeição da figura masculina do professor (parentificação projectiva da imagem paterna).

- Afirmação identitária de E enquanto Sujeito-Mulher: consciencialização da maior autonomia e do efectivo poder de decisão-acção sobre a sua vida, relatada com entusiasmo e patente, nomeadamente, em:

- autonomia na gestão do restrito orçamento familiar, que ela exemplifica no poder decidir e assumir práticas de poupança, como de consumo de bens não essenciais (*p.ex.*: tinha o sonho de comprar um anel, que, mediante planificação dos seus recursos mensais, passou a projecto da compra, à decisão e ao próprio acto, como nos confirmou, mostrando-nos o dito anel); outras situações – impensáveis, quando vivia com o marido – são, o poder tomar um simples café, com quem, onde, e quando quiser; ou o poder comprar livremente tabaco, um par de collants;

- assumir os cuidados maternos: patente, *p. ex.*, na prática de uma alimentação equilibrada e variada, tendo em conta a sua preocupação com a saúde e o crescimento saudável das filhas;

- traços de interculturalidade quer pela sua valorização pessoal quer pelos cuidados com o corpo: novamente radiante, E relata o facto de, agora, já poder pintar as unhas; usar adornos (brincos, anéis, etc...); vestir (finalmente) calças ou saias mais curtas; prender o cabelo e variar penteados; e de, também, poder fumar ou escolher os programas para ver TV.

- Investimento na auto-valorização e na afirmação identitárias em função do Futuro: aposta no desenvolvimento de competências pessoais para concretizar projectos que tem para o futuro, para além da fruição do presente; *p. ex.*: tirar a carta de condução a *curto prazo*; melhorar o emprego a *médio prazo*, passando a ser cozinheira; e, numa *dimensão temporal mais ampla*, continuar a propiciar às filhas um percurso de mobilidade ascendente (pp. 7 e ss.). Daqui discorre-se que, por comparação com a sua própria trajectória, e com o estilo de vida dos familiares de gerações mais velhas, Esmeralda já avalia positivamente as vidas das filhas, como ainda as projecta no futuro com percursos de continuidade, ou mesmo progressão, promocionais.

6. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO E AUTO-CLASSIFICAÇÃO POR ESMERALDA

Sem hesitações, Esmeralda considera-se cigana.³²² Ambivalente parece a sua auto-posição social numa estrutura social que reconhece ser diferenciada e não igualitária: se, por um lado, *reconhece* que, no passado, *viveu na miséria*, embora, como vimos, se considerasse *não rica mas feliz*, durante o 1.º ano de casada; por outro lado, presentemente, *não se define como pobre*: “*aunque no sea tampoco rica, rica*” (p. 6). “*No, no aunque no sea tampoco rica, rica pero no soy pobre, pobre.*” (p. 11).

6.1. Comparação e Classificação Sociais

6.1.1. Comparação Intergeracional - vida dela e dos irmãos

Território Económico-Material: melhor que os irmãos

E considera que, ao nível económico-material vive melhor do que os irmãos “*por una parte vivo mejor porque yo no es que cobre mucho por ir a trabajar, pero me defiendo y pues algunos de mis hermanas necesitan más que yo.*” (p. 10). Relaciona essas *maiores dificuldades dos irmãos* com o maior número de filhos, e com o facto de serem, ao contrário dela, proprietários de automóveis – “*pues tienen que poner gasolina, tienen pues la mujer tienen más lujos y en nuestra costumbre pues los hombres pues mandan ellos y el dinero son de ellos y yo pues en ese sentido vivo mejor yo que ellos*” (p. 10). Agrupando no mesmo argumento, tipo de família e bem de consumo, E não reflecte sequer sobre a gestão dos recursos dos irmãos. Contudo, é bastante interessante que não tenha como objectivo, para si própria, a aquisição de automóvel: padrões assimétricos de comparação? Fundados em quê? Em construções de género? no realismo contido das suas aspirações? em algum sentimento de culpa ou vergonha pelo desvio da sua TI face às expectativas familiares?

Território Relacional: Monomarentalidade, Preconceitos e Solidão

Ser mãe monomarental reflecte-se num quotidiano pior que o dos seus irmãos, por não poder partilhar com um cônjuge as preocupações e responsabilidades do cuidado das filhas; e dá como exemplo uma situação de doença: ter ir de madrugada ao hospital com uma menina e não ter com quem deixar a outra (p. 10).

Mas a monomarentalidade também é vivenciada por E. como um obstáculo etnocêntrico à sua relação com a família cigana, pois ao relatar essa mesma ida de urgência lamenta que, apesar de a Educadora ter informado os seus familiares, não recebeu ao hospital as tradicionais visitas ciganas: “*Y luego pues al día siguiente le llamé a la educadora (...) y le dije lo que pasó y hasta el día siguiente que la educadora, que me lo dijo luego, que lo había dicho en general a todos lo que había pasado, y hasta el día siguiente yo no vi a nadie allí!*” (p. 10).

³²² Como se captou pelas conversas informais, não gravadas, e pela página 8 da transcrição da entrevista.

E o mesmo obstáculo cultural reflecte-se na sua solidão e isolamento, ao que ela procura reagir. De facto, recentemente constatámos que decidiu colocar telefone em casa para, como ela mesma explica, facilitar os contactos com os familiares, com os Educadores e também com outros serviços, como os de saúde (Urgências).

6.1.2. Comparação Intrageracional

Re-Avaliação do PSD/R e da Trajectória: A Requalificação Conquistada após a separação

Reavaliando o seu passado, e se pudesse voltar atrás, faria 3 alterações: *i*) Subjectivação prudente: ponderar decisões e actos (“*Lo primero es que pensaría un poco una cosa antes de hacerla*” - p.9). É uma ideia-conteúdo que E repete: explicitamente, nesta mesma passagem e, implicitamente, ao longo de toda a sua narração-reconstrução; e Amadurecimento Afectivo-Emocional: *ii*) não se casar tão jovem; e *iii*) privilegiar, ou melhorar, a sociabilidade com a família ascendente e colateral.

Agora que a sua *vida melhorou*, E. identifica como *dificuldades* já superadas (pp. 11 e ss.) factores emocionais e relacionais das sociabilidade familiares – a *falta de confiança* da família nela; e factores materiais e do estilo de vida: a fome, o frio e todas as carências sentidas por ela e pelas filhas: “*Yo sé lo que es pasar miséria pasar hambre y pasar frío!*” (p. 11). Ao explicar a superação dessas dificuldades, recorre ao factor fatalista-optimista *mucha suerte* como *facilitador* da sucessão de outros dois factores: *i*) primeiro, os factores societais-estruturais e relacionais – conhecer os Educadores Sociais que asseguraram tecnicamente o processo de realojamento (salientando sempre, na equipa técnica dos 6 Técnicos, a Educadora mais directamente implicada em todas as etapas do seu processo de desqualificação (pp. 10-13); *ii*) posteriormente, os factores disposicionais: a sua opção, e o momento de separação, desde o qual a sua *vida* tem vindo *sempre a melhorar*, referindo-se ao período anterior como algo que “*no lo desearía a nadie nel mundo*” (p. 7).

Resultantes dessa ruptura, pudemos identificar (Apêndice 7, Caixa 5) 6 Territórios de Reconstrução Identitária: habitação; sociabilidades e estabilização psicológica e familiar; inserção laboral dela e autonomia na gestão do orçamento familiar; seu investimento nas competências e formação pessoais e laborais; inserção escolar das filhas; e afirmação enquanto mulher intercultural, em diversos planos: vivência do quotidiano; a identidade feminina e construção do corpo.

7. CATEGORIZAÇÕES DE POBREZA: FACTORES, TIPOS E «LUTAR CONTRA»

7.1. Factores de Pobreza

Para E, os pobres não são os que residem em bairros de lata ou em condições degradadas, como as que ela viveu, mas sim os sem abrigo “*que están en la calle, que no tengan dos paredes pa ellos y pa sus lujos. En mi opinión esas son las personas pobres, pobres.*” (p. 11).

7. 2. Factores e Medidas de Requalificação Social

Nítida é a concepção externa-objectiva que subjaz ao entendimento que esta mulher tem sobre as responsabilidades e as medidas na Luta Contra a Pobreza.

Responsáveis pela pobreza são, segundo Esmeralda, os políticos e técnicos em posição de alta chefia – “*los altos por ejemplo pues yo no pienso en general pienso en los altos los que tienen un poco de culpa los altos*” – exemplificados como: “*el concejal (...) el Gobernador.*” (p. 11); e esclarece ainda que não confere responsabilidade ao cidadão comum.

Para a Requalificação (Luta Contra a Pobreza) – num parecer coincidente com a sua visão objectiva e exterior de pobreza – E. remete para medidas estruturais a 3 níveis: Habitação, Subsistência Alimentar e Ajuda/ Intervenção Social. Os dois primeiros factores associam-se às duas necessidades de sobrevivência que identifica, num acordo claro com a sua TI: “*hay muchas personas que están en la calle y que pasan mucha hambre, lo que yo intentaría hacer por todos los medios, no tampoco darles un chalet a todos, pero bueno, intentar ayudarlos a todos, que no pasaran hambre, que no pasaran frío y ponerles dos paredes para que no pasaran tanta miseria, porque yo se lo que es pasar miseria, pasar hambre y pasar frío. Lo intentaría por todos los medios..*” (p. 11). O 3.º factor, igualmente integrante da sua própria experiência identitária, é também valorizado na requalificação dos *outros*.

Finalmente, da avaliação comparativa entre as épocas da sua infância e a actual, E conclui firmemente que hoje em dia há menos pessoas pobres (p. 11).

8. CATEGORIZAÇÕES DE GÉNERO

8.1. Comparação entre estilos de vida das mulheres: Esmeralda e a mãe

Afirma E que as formas de vida das mulheres de hoje, comparativamente às da geração de sua mãe, mutaram “*!para mejor!*” sobretudo em 4 campos, (pp 11 e ss.):

1.º – sobre-trabalho: para E, as mulheres de hoje não trabalham tanto nem têm um trabalho tão duro como as da geração materna, de que toma os exemplos de trabalhadoras agrícolas e artesanais, e de empregos precários ou informais;

2.º – reconhecimento/gratificação laboral: E considera que o trabalho feminino da geração materna apenas garantia níveis estritos de sobrevivência o que já não se verifica na actualidade: “*por lo que me acuerdo de lo que me decía mi madre (...) las mujeres antes tenían que trabajar mucho, mucho, ir a la vendimia, a la patata, a la cebolla si querían que comiesen los hijos un trozo de pan duro (...). Y antes si las mujeres querían que tuvieran dos patatas tenían que trabajar muy mucho, iban con las carrozas, pues a hacer cestos, a hacer un poco de todo para poder comer dos patatas y ahora por ejemplo, antes no había tantas cosas como ahora.*” (pp. 11-12);

3.º – nível e hábitos alimentares: segundo E, desde o tempo da sua mãe até hoje, melhoraram as

condições e hábitos alimentares das mulheres e descendentes: “*porque antes eso era lo que había y dos patatas cocidas con un poquito de aceite.*” (pp. 11-12);

4.º – planeamento familiar: associando-o ao poder da mulher decidir o número de filhos que quer ter, E sublinha os avanços, face ao passado, em relação à informação sexual e ao planeamento familiar: “*mi madre tuvo 9 hijos ahora una mujer solo tiene hijos si quiere ahora hay remedio y antes no, antes no había conceptivos no había inyecciones no había el diu no había nada y mi madre tuvo 9 hijos, antes las mujeres, las mujeres de ahora son muy distintas a las mujeres de antes yo creo que la diferencia es mucha, es mucha!*” (p. 12).

8.2. A Mulher Ideal – Figurino da “Mulher de Proveito” – Marcos Identitários

A partir dos sonhos-aspirações para as filhas e dos 4 campos a que reportou as mudanças da vida das mulheres, induzimos os marcos identitários do seu *figurino* de mulher, *a mulher de proveito*:

- 1- escolarização (que permita 2);
- 2- inserção laboral (que permita 3 e 4);
- 3- constituição de família por opção – poder decidir a escolha do companheiro e o número de filhos;
- 4- espírito e exercício de autonomia pessoal – poder de decisão face a toda a trajectória pessoal;
- 5 - espírito de solidariedade.

Assim, e buscando as raízes experienciais de Esmeralda, inferimos ainda que

- ◆ os marcos 1 e 3, antagónicos à sua experiência social, são a *lição* que E. retirou da mesma;
- ◆ o marco 5 parece convergir com a vivência, institucionalmente enquadrada, do seu processo de desqualificação; e
- ◆ os marcos 2 e 4 reportar-se-ão ao trabalho de reconstrução identitária de E, ainda em curso.

9. ESMERALDA: O FUTURO

Esmeralda acredita que o futuro será melhor. Esta atitude optimista, após a experiência identitária de ruptura com as desqualificação e destituição absolutas, não apresenta marcas de autopiedade, de comiseração, nem de despeito ou inveja na relação de E. com o mundo.

A atitude optimista, da jovem resistente e lutadora, levam-na a acreditar que viverá a promoção social aos *níveis pessoal e familiar*; e mesmo ao *nível colectivo*:

i) mobilidade ascendente ao nível pessoal: a maior aspiração de Esmeralda para o futuro é melhorar a sua inserção laboral, alargando a actual actividade de 1 dia por semana para um emprego em que passe a “*trabajar toda la semana, toda la semana...*” (p. 12). Esta aspiração prende-se com a preo-

cupação da E-mãe “*poder darle [às filhas] un ejemplo y que mi hijas vieran pues lo que su madre hace y que vieran el ejemplo y que mañana o pasao puedan hacer ellas lo mismo. Eso es lo que pienso yo para mi futuro.*” (p. 12).

ii) mobilidade ascendente ao nível familiar: remete para dois campos: **a)** futuro de E com as filhas; **b)** aspirações dela para o futuro das filhas:

a) no futuro, espera continuar a viver com as filhas, reforçando a gratificação que para si é ser responsável monofamiliar. Prevê a continuidade da harmonia e da estabilidade económica que, considera, presentemente vivenciam. Aliás, pode mesmo concluir-se que há alguma *contenção* ou *modéstia* – informadas pela sua TI – nesta formulação de expectativas, ilustrada pela afirmação: “*Y que nunca nos falte falte el cariño que tenemos ahora y tener siempre 2 duros para comer un trozo de pan.*” (p. 12).

b) os seus sonhos – “*!sueños, tengo muchos!*” – focalizam-se nas filhas. Tem consciência de que a educação delas é um investimento, presente e a longo prazo – “*!Oie!, yo creo que sí!, las voy a educar lo mejor posible, y que no cometan el mismo error que yo he cometido y que piensen mejor, antes de hacer una cosa que lo piensen dos veces, van a tener mejor vida que la mia.*” –, para que possam ser “*!mujeres de provecho!*”, expressão que repete (p. 12). Para tal, E. explicita essas aspirações face ao futuro das filhas em 6 vectores identitários (p. 12): 1 - saúde; 2 - trajectória escolar; 3 - maturidade emocional – “*que tengan cabeza (...).que piensen bien las cosas*” – de modo a serem dignas e a evitarem serem humilhadas como ela foi: “*Y que nadie se ría de ellas como se reían de mi.*”; 4 - inserção laboral e autonomia: “*Lo que si he pensado es que mañana o pasado cuando crezcan escogan una profesión.*”; 5 - matrimónio não precoce: “*que no se casen jovencitas*”; 6 - espírito de solidariedade: “*lo que quiero es que intenten ayudar, si las piden ayuda a ellas intenten ayudar lo mejor posible a esas personas*”.

É como se, para ela, não fosse possível voltar a sofrer as provações, e só pudesse conceber um horizonte de melhoria para a (sua) vida, pois nem sequer pensa na eventualidade de precarização – talvez pela marca, assaz dolorosa, que a sua TI deixa na memória e no relato. A sua projecção do tempo futuro é ainda fortemente informada pelo *desejo de dignidade* que formula como um direito universal.

10. CONCLUSÃO - MOVIMENTO DE SUBJECTIVAÇÃO E RACIONALIDADES COMPLEXAS³²³:

CONSTRUÇÃO DA SUJEITO SOCIAL-ESMERALDA-MÃE MONOMARENTAL

Segundo os 7 tipos de vivências dos processos de desqualificação social (Paugam, 1994), a *Dependência da Assistência Reivindicada* é a condição intermédia entre a *marginalidade-ruptura sociais* e a *fragilidade social*; logo, sinaliza a um movimento ascendente ou a um *vector positivo* num percurso de requalificação. Nós pensamos ainda que a *dependência institucional*, podendo revelar tal *vector positivo* também comporta, para a análise das relações sociais, o *vector negativo* da *entrega da gestão da vida pessoal* a entidades exteriores – instituições, redes de sociabilidade – interpretável como *desistência* de lutar ou de resistir. A estratégia de Esmeralda contém ambos os vectores.

O facto de *confiar a gestão da sua vida* às instituições – não totalmente estranhas para si, pois vinha tecendo *clandestinamente* redes de informação e garantias de suporte –, não se restringe a um deixar de resistir-lutar – *vector negativo*; e delimita igualmente a inflexão de orientação da sua *resistência-luta* identitária, agora reforçada – *vector positivo*.

Agora, Esmeralda *já não luta contra a dominação-desqualificação; luta pela requalificação pessoal e das filhas, reconstrói* a sua posição na vida e no mundo e, de pessoa-mulher-cigana-singular-e-comum *reclassifica-se* em sujeito social-mulher-mãe-desqualificada-com direitos sociais específicos. Simultaneamente, quando ela *reivindica a Dependência Assistida*, reforça o tal *vector positivo* ao *implicar-se na Requalificação*, assumindo o seu *projecto* sócio-identitário como família monomarental. Por isso, interpretamos que a lógica estratégica de autonomização familiar-pessoal é suportada, em simultâneo, pelas três estratégias de

1. Romper com a *Dominação-Dependência* da *condição de mulher-esposa-mãe-vítima de maus tratos*
2. Assumir a *monomarentalidade* como *Autonomização* da *condição de desqualificada-excluída*
3. Assumir a *Dependência Institucional* enquanto *mulher-responsável familiar* com direitos sociais

Esta TI converge com percursos de outras mulheres nos anos 90, analisados em estudos isolados – no quadro do rendimento mínimo garantido/rendimento social de inserção em Portugal e no âmbito de formação pós-graduada em Serviço Social³²⁴ – cujos resultados reforçam a nossa conclusão: assumir a condição da monomarentalidade *também* pode ser uma estratégia de *Luta pela Requalificação*.

³²³ Designação anteriormente proposta (Toscano, 1989) para caracterizar o necessário olhar relacional e «sistémico» dos profissionais do social, contraposta à racionalidade hegemónica (Santos, 1988) do paradigma positivista. *Racionalidade Complexa*, neste texto, reintegra essa abordagem anterior; como designação abrangente refere-se, aqui, à consideração da multiplicidade e simultaneidade das lógicas e estratégias dos sujeitos – pressupondo o re-desenho de categorias e critérios teórico-epistemológicas e de regras e amplitudes metodológicas. Sobre o uso da mesma expressão para designar a problemática lógica e epistemológica da relação Sujeito/Objecto/Domínios Disciplinares e Saberes Sociais, cf. Deshaies, 1997 (trad. portuguesa da ed. original de 1992).

³²⁴ Mencionam-se trabalhos finais de algumas Licenciadas em Serviço Social, de módulos da disciplina *Diagnóstico Social e Transformação do Tecido Comunitário* leccionados pela investigadora nos 1.º e 2.º Cursos de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Desenvolvimento Social - Instituto Superior Miguel Torga (Coimbra), anos lectivos de 1999/2000 e 2000/2001.

3.^a PARTE – MAFALDA,³²⁵ SACRIFÍCIO ESTRATÉGICO E REALISMO OPTIMISTA:**LUTAS IDENTITÁRIAS DA MULHER-SUPORTE CONTRA A MULHER-FLOREIRO**

«Então isso a mim fazia muito... ainda que eu não dizia nada, doía-me muito. E então eu, cheguei a um ponto que disse: “– No! Até aqui cheguei! (...) Se há que esfregar a louça, amanhã!; eu deixo tudo mas eu quero estar aqui e quero falar com eles.” Porque à hora do café, claro, enquanto eles tomavam café eu ia para a cozinha... ... a esfregar. E... claro, o melhor da festa, como quem diz, era a hora do café, que é já quando estão todos a falar, pois isto: então eu comecei-me a meter, também. Comecei-me a meter, comecei a ler, comecei a... a “tar” mais atenta a... às notícias que há, porque era do que falavam também, daí eu creio que cresci um pouquinho. Fiz-me mais valente assim e... (Risos) ...e, e já, já não..., já não me senti... que há momentos que dizes: “Pois sim, ele tem um nível cultural que tu não tens, nem nunca tenderás, não?” Mas tão pouco já me importa, porque já superei essa coisa de dizer: “não eu até aqui posso e aqui não! Esse medo não.” (...) Eu calaria e, e ponto. (...) E agora não; agora eu posso dizer que (...) não estou de acordo (...) A querer-me superar. A querer superar porque se não eu tinha, pois acabado... isso: ser a mulher submissa(...) ... a mulher-floreiro (...) (Sorriso) Pois, uma mulher que “tá” aí, que é muito bonita, que é muito...pero que é tão tonta que não vale mais que para estar aí, para fazer... (...) eu encontrava-me já nessa situação: de uma mulher que estava aqui, que fazia a comida para os amigos do marido e pouco mais. (...)E então eu não queria ser (...) Não podia ser mulher-floreiro, entences digo: hasta aqui, começa a pensares: como é que o podes fazer sem ir à universidade, em cima, não? (...) Pores-te ao dia de tudo o que... um pouco de cultura general, não? (...) Coger, assim, pois, um pouco de cultura general. (...) E... logo pensar que tens ideias próprias, que não hace falta que um senhor venha, ou uma senhora, dizer: “Tu tens que pensar assim.” Não, não. Eu penso como eu penso e ponto!».» (p. 15-16).

1. - APRESENTAÇÃO DE MAFALDA

A Trajectória de Mafalda (M) é exemplar do *jogo identitário* entre a herança de dois modelos da condição feminina: a *mulher-suporte* e a *mulher-floreiro*. No seu caso particular entra em ruptura com a *mulher-floreiro* ao actualizar a incorporação da *mulher-suporte*.

Mobilidade geo-social, *sacrifício estratégico* e investimento nos filhos – são vectores de análise salientes nos seus agregados familiares – de origem, e constituído.

As *estratégias de mobilidade geográfica e social* – tanto a *migração interna* da família de origem como a *emigração* de M após o casamento –, são protagonizadas por rupturas espaciais associadas à instabilidade ou precariedade laborais. A ambos os quadros familiares é também comum a centralidade do *sacrifício estratégico* patente na luta pela inclusão social, quer na *força identitária das figuras maternas* – inclusivamente como fontes exclusivas da estabilidade do rendimento familiar –; quer na carreira habitacional, mais assumida pela família de origem.

Distinto é, em ambas as famílias, o *investimento nos filhos*: no agregado de origem, são os (3) filhos mais velhos que abandonam a escolarização para engrossarem os restritos recursos familiares, através de um precoce, precário e instável percurso laboral; na família constituída por M., a preocupação de dar um futuro melhor à filha adoptiva, estudante, leva o casal a criar condições para a continuidade da

³²⁵ Mafalda é o pseudónimo escolhido por esta mulher para garantir o seu anonimato, em conformidade com o contrato comunicacional subjacente à metodologia de investigação aplicada (Poirier *et al.* 1995; Foddy 1996; Demazière e Dubar 1997).

sua carreira escolar. Tal objectivo funcionará como *justificação nobre* para a *estratégia formativa do marido* de M (pp. 31 e ss.): do primeiro para o segundo grupo familiar, o território identitário trajectória laboral reconverte-se num *recurso da promoção sócio-familiar e pessoal*.

Neste quadro, a *M-mulher-suporte*, a *mãe-trabalhadora-M*, não concretiza as suas aspirações profissionais – ser enfermeira. Pelo contrário: com o processo de promoção do marido, Mafalda protagonizará uma profunda *reorganização dos papéis parentais e sociais*, mediante a sua reconversão identitária em Sujeito Social Mulher.

A instabilidade laboral, associada às estratégias rupturas sócio-espaciais – mobilidade geográfico-social e vertical – caracterizam o curso da sua vida, desde a breve permanência na casa familiar até aos anos 80 (Apêndice 8: Tabela 1).

É ainda estruturante da acção identitária de M. a lógica de luta-resistência, consentânea com o seu *sentimento de continuidade identitária* – transacções objectivas interiores (Dubar 1991) – enquanto *mulher-esposa-mãe-suporte familiar*. Ambos os traços identitários – já característicos da figura materna – estão presentes desde os começos da vida de casada de M; são reforçados desde início da década 90; passam a ser claramente assumidos por M desde 1994 até hoje; e são reconhecidos – transacções objectivas exteriores – pelo marido e pelas redes de sociabilidade.

Ao longo do relato desta alentejana nascida em 1959 em PS, ressaltam os 3 últimos momentos das quatro etapas constituintes da sua TI (Apêndice 8: Caixa 6; Figuras 1, 2 e 3).

A fase da infância e da curta adolescência vividas entre 1959 e Junho de 1975, pontua quatro grandes Territórios Identitários de M - meio de origem; escolar; laboral e sociabilidades (Apêndice 8: Caixa 6; pp. 1-6):

O Território Identitário Trajectória Escolar caracteriza-se pelo abandono escolar de M para se empregar, após conclusão da escolaridade obrigatória – 6.^a classe – aos 12 anos (pp. 12; 18-19).

O Território Identitário Trajectória Laboral protagoniza uma inserção laboral precoce e precária, uma vez que ela começa a trabalhar como *interna* de serviços domésticos, aos 12 anos (pp. 2; 4 e ss.). Tal trajecto de instabilidade dos locais de trabalho, associa-se à grande mobilidade geográfica: entre os 12 e os 16 anos M. terá mais de 7 empregos, e percorrerá um amplo trajecto geográfico (Apêndice 8, Tabela 1):

1) em TN: 3 locais de trabalho – 2 mediados por *engajadoras* (trabalho informal); o 3.^o é o

³²⁶ Constatção resultante quer da Observação Social realizada, quer das informações prévias, relativas a *Mafalda*, prestadas pela trabalhadora social que, enquanto informante privilegiada, identificou-sinalizou esta mulher e possibilitou a sua inquirição por entrevista. A identificação dos traços identitários referidos no trajecto de M pode ser recuperada com a leitura das seguintes páginas da transcrição da entrevista: 6 e ss, 17-18; 11 e ss, 31 e ss, 47; e ainda na p. 49.

único que não se situou em residências familiares, pois M trabalha no Hospital (sala de operações e lavandaria) durante aproximadamente dois anos³²⁷.

2) em PN : 4.º local de trabalho temporário;

3) TN: regressa à casa familiar por doença e tem um breve período de instabilidade laboral em “várias casas”.

4) parte para S, onde permanece cerca de um ano no mesmo (6.º) local de trabalho.

5) a Capital (e o Estoril e a G): trata-se do 7.º local de trabalho, repartido pelas três residências da mesma família, tendo ela que acompanhar os patrões nas deslocações de férias ou de fins-de-semana. Por insatisfação sua (avaliação negativa) e também pela proposta de casamento, M abandona-o;

6) retorna a TN, e encerra-se também a 1.^a Fase da sua trajectória laboral.

Além da centralidade do território identitário laboral, este percurso é ainda enquadrado pelo estilo de vida pobre e pela fragilidade das sociabilidades, como se clarifica a seguir.

No que se refere às etapas da TI, verifica-se que a 2.^a e a 4.^a São objecto de avaliações paradoxais por M. Mas é a última a mais marcante e significativa. Como veremos, provocará uma profunda reconstrução identitária sendo o culminar da implicação de M na lógica de acção identitária de luta-resistência pela promoção social emancipada. E, como também iremos reparar, ao longo dos momentos 2 e 3, esta mesma lógica já se substitui à lógica de luta contra a desqualificação.

Na verdade, a desqualificação sócio-identitária é vivenciada ao longo de processos onde se manifestam factores não desencadeados por M, mas em cuja reconstrução intervém, sempre, a *M-lutadora*, a *M-mediadora*, a *M-suporte*. Porém, no último momento da trajectória relatada, é Mafalda quem desencadeia um processo de Consciencialização-Requalificação daquele estilo de participação sócio-familiar: *M-suporte*. A vivência mais humilhante desta mulher – que, sem romper com a condição de mulher-suporte, a reconfigura globalmente – reporta-se a um contexto que, como se analisa, só para ela foi problemático, pois só a ela terá provocado uma profunda fragilização identitária.

2. – MOMENTO 1

NO ALENTEJO DOS ANOS 60: EXEMPLO, ATÍPICO – POBRES QUE NÃO EMIGRAM

«muitas vezes era... só o dinheiro da minha mãe (...) são as circunstâncias da vida q' há que aceitá-las!» (p. 49)

O relato de vida (re)construído por Mafalda expressa claramente a condição social da sua família de origem: alentejanos pobres ao nível da subsistência, no Portugal dos anos 50 a 70.

³²⁷ Na sequência de contacto feito pelo pai quando aí internado – mediação paterna que converge com o *sonho* dela: *ser enfermeira* (p. 19).

Estilo de vida de pobreza de subsistência do meio de origem: a família onde M nasce, incrustada no Alto Alentejo do Portugal salazarista, ministra-lhe uma educação crente, católica, se bem que anti-clerical (pp. 2-3). Também as sociabilidades são fragilizadas, devido quer à sua separação precoce da família; quer à insatisfação que ela confere no relato a sua trajectória laboral. Olhemos com mais atenção aquele meio sócio-familiar de origem.

2.1. Família Alargada e Meio Social de Origem: subsistência multidimensional

Segunda filha – a rapariga mais velha – de uma prole de seis, Mafalda é a última a nascer (1959) em P, pois em 1966 a família migrará para TN (pp. 1, 21).

No seu discurso é forte a presença das figuras parentais emergindo, aqui e ali, componentes *psicológicas* e *afectivo-emocionais* de um ambiente familiar não pacífico, embora recordado, agora, como afectuoso. Nessa pintura, a figura do *pai fragilizado pela dependência do álcool* vai ganhando protagonismo, ao mesmo tempo que a descrição da *mãe* é nitidamente a do *suporte familiar*. A felicidade e o amor familiares, que hoje recorda, projectam-se diversamente nos *perfis parentais* e na *herança familiar*:

- nos perfis que compõe dos pais, o Pai é frágil, carinhoso (pp. 2, 5); a Mãe é amargada, mãe-sêca – no passado como no presente (p. 20) –, e é a mãe-suporte da subsistência familiar (pp. 1-3, 5, 19-21, 23, 49);
- na herança-socialização incorporada, i) quanto à Mãe, M considera-se “*muito parecida [a ela]*” (p. 20): “*A minha mãe costumava dizer que eu nasci para ama de casa.*” (p. 14); ii) quanto ao Pai, se, por um lado assume abertamente o alcoolismo e menciona alguns dos impactos dessa dependência – o abatimento físico e psicológico; a tentativa de suicídio (por enforcamento) de que M foi testemunha (p. 23); e a incapacidade dele continuar a trabalhar justamente no ano em M inicia a sua carreira laboral precária (p. 3) –; por outro lado, Mafalda (re)desenha, pelo trabalho da memória (reforçado pela sua morte?), a figura de um *pai-referência*. Apresenta-nos uma *figura mediadora*³²⁸ na/da sua infância; um *pai-presente e participante na dinâmica familiar*, e ao próprio nível das tarefas domésticas (p. 45); em suma: uma figura próxima e cúmplice de Mafalda: “*E lembro-me quando fomos ver essa casa, fui eu e o meu pai (...). E fui eu com o meu pai ver a casa e eu gostei muito da casa e... e queria mais dinheiro do que ao que o meu pai podia pagar. E diz o meu pai: “– Quê gostas da casa?” Eu assim:(em tom conformado) “– Mas como tu não podes pagar pois já... outra vez!... ficamos sem casa!” E o homem alugou a casa ao meu pai por o dinheiro que o meu pai queria e... e nada!*” (p. 23).

A dependência paterna do consumo de álcool poderia ser “indicador”, “sintoma”, “causa”, ou “reacção” ao estilo de vida da família. Ao atentar-se noutros indicadores é notória a sua subsistência mul-

³²⁸ Aranja-lhe o 3.^o. Emprego, no Hospital, após ser operado ao estômago (p. 3).

tidimensional, não apenas no Território Identitário Sociabilidades, nas dimensões *afectivo-relacionais* e *psicológico-emocionais*, como também noutros dois Territórios Identitários: Materiais e Sócio-Espaciais e Trajectória Laboral. Este, demarcado pelo sobre-trabalho materno e pelo trabalho infantil, associa-se à adultez precoce dos filhos por separação familiar, sobre-responsabilização e fragilidades emocionais; relacionando-se ainda ambos os vectores com a *instabilidade-fragilidade laboral paterna*. O outro evidencia restrição dos recursos económico-materiais e das condições habitacionais ao nível do equipamento doméstico do mobiliário restritos – não tinham TV nem electrodomésticos – e do sincretismo na apropriação e funções da casa: “ *a minha mãe não tinha (...) uma máquina de lavar roupa e se agarrava ao tanque a lavar (...) com seis hijos. E lembro-me que eu cheguei a ir ao, ao rio com ela lavar roupa e (...) levar o alguidar em cima da cabeça (...) em casa não havia um frigorífico, em casa não... a televisão (...) veio muito mais tarde*” (pp. 19-20).

A família de origem, societalmente contextualizada e em interdependência de factores relacionais particulares, também reage aos mesmos factores (Apêndice 8: Caixa 6.1).

2.2. Estratégica luta pela sobrevivência emancipada e “*mulher-mãe-suporte*”

A dimensão *fragilidade psicológico-emocional do pai alcoólico* repercute-se no seu abandono laboral e no ambiente familiar.

Quanto ao ambiente familiar pode ler-se nas palavras de M que a harmonia do lar era maculada, mas não dominada, por brigas e conflitos entre os pais (p. 2); ao mesmo tempo, sublinha a formação crente anticlerical, que o pai (militante da Acção Católica?) lhe deu: “*Ele dizia, dizia que creia em Deus mas não nos curas; porque houve uma vez, parece que ele esteve sem trabalho (...) E parece que havia um cura que tinha um trabalho que se não era por esse cura ninguém podia correr esse trabalho... (...) Um das famosas “jocos”³²⁹ ou algo assim, que havia em Portugal. (...) E (...) ele com quatro filhos, e o Sacerdote não o meteu a trabalhar, quando o meu pai trabalhava (...) sempre com essa famosa associação(...) então o meu pai cortou. Mas sempre me lembro que ele ainda que tivesse “bêbado”, quando se ia para a cama sempre se “santiquava”. Sempre assim. Sempre pedia pelos filhos e pela mulher. E isso marca a pessoa, pelo menos quando uma pessoa não está formada... (...) e pouco a pouco vai vendo em casa sempre, no? Lembro-me que a minha primeira comunhão “fize-a”, mas... a minha mãe não assistiu à missa nem nada. Fui eu com o meu pai, só”.* (pp. 2-3).

Quanto à descontinuidade-instabilidade e abandono do desempenho laboral do pai, esta é apresentada por motivos de saúde que não são claramente explicados, ao longo de várias sequências:

³²⁹ Leia-se: JOC = Juventude Operária Católica.

Sequência 1 - o pai foi o jardineiro, um competente trabalhador: Câmara Municipal de TN, ao mesmo tempo que fazia biscates (pp. 2-3; 6);

Sequência 2 - o pai era um trabalhador instável, doente, em gradual processo de degradação profissional tendo sido operado ao estômago (p. 3);

Sequência 3 - o pai ficou incapacitado de continuar a trabalhar – incapacidade relatada pela filha como decorrente de problemas de coluna e/ou mãos trementes (p. 2);

Sequência 4 - finalmente, refere a tentativa de suicídio dele em TN (HAB 4 *In* Caixa 6.2 do Apêndice 8; p. 23).

Mas, a multidimensionalidade desta *condição familiar pobre* não abafa nem entorpece as *energias de mudança promocional*.

Na verdade, a *luta-resistência pela sobrevivência emancipada* não deixa de ser também uma *luta-resistência contra a subsistência*; mas a primeira lógica de acção domina as práticas familiares pois, simultaneamente, tal *restrição e vida* vai potenciar e gerar quatro tácticas familiares de luta pela sobrevivência emancipada: recurso a *sociabilidades providência* para a educação dos filhos; *sacrifício da trajectória escolar* destes para sua inserção trabalho; *rupturas sócio-espaciais e sobre-trabalho materno*. Apreciemos cada uma.

Tácticas familiares de «luta pela sobrevivência emancipada»

Território Identitário Sociabilidades

A dimensão afectivo-relacional caracteriza-se pelas *sociabilidades providência* quanto à partilha da guarda e da educação de alguns filhos com outros familiares. Com efeito, M passa a viver com uma tia materna aos 5 anos de idade, alegadamente por doença: o médico recomenda à mãe que ela mude de ares³³⁰; a irmã mais nova, também viverá com a madrinha (p. 19).

Território Identitário Trajectória Escolar

É marcado pelo *abandono/interrupção do percurso escolar* dos 3 filhos mais velhos para *inserção laboral precoce* e, deste modo, incremento do rendimento familiar (pp. 1 e ss, 19). O irmão mais velho de M trabalha como operário. A irmã mais nova de M também interrompe os estudos primários para trabalhar (serviços domésticos) em casa da madrinha; quando posteriormente conclui a 4.^a

³³⁰ Inquirida em 2.^a Entrevista sobre os motivos desta mudança de residência, nada mais acrescenta. Algumas questões podem coloca-se quanto à mencionada mudança de “ares”, recomendada pelo médico: 1) metáfora familiar da fragilidade de recursos? – recorde-se a prática usual, nos meios carenciados, da *entrega da guarda* dos filhos a outrem, de que a irmã mais nova de M. parece ser bem exemplar. 2) solução para afastamento da menina do ambiente familiar traumatizante pelo alcoolismo do pai? – apesar de nestes meios populares carenciados não haver grande disponibilidade para reflectir sobre «traumas» considerados mais «de classe alta»; e embora, sobretudo na época em questão, a preocupação social com o alcoolismo, bem como a centralidade da intervenção nas famílias disfuncionais, não tivessem nem o valor sócio-político, nem a visibilidade actuais. 3) doença efectiva de M por mal-nutrição e/ou pelas carências habitacionais? 4) todas estas situações associadas a uma efectiva doença da criança? Foi, pois, por referência a este leque de hipóteses, que adoptámos esta linha de interpretação. (Vejam-se as pp. 1 e ss.; 21 do relato).

Classe, fá-lo para empregar-se como operária. E Mafalda, como se referiu acima, após conclusão da 6.^a Classe inicia a 1.^a Fase da sua Trajectória Laboral (Apêndice 8, Tabela 1).

Apear da similitude destes percursos registam-se descoincidências no relato entre a *auto-justificação da situação de M* e a *dos irmãos* (p. 19): i) *eles* não quiseram estudar, vindo M a contradizer-se especificamente em relação a uma irmã; ii) ao passo que, ela própria, quis e não pode estudar devido aos restritos recursos familiares (mencionados também como impeditivo da escolarização da mesma irmã).

Há, porém, que fazer justiça à globalidade do relato porque, face a esta dimensão da sua trajectória, Mafalda não é fatalista. Certo é que o seu discurso expressa a frustração da sua vida: não realizou a sua *maior ilusão – ser enfermeira* (pp. 3, 19) – ela, que tinha um sonho-projecto profissional bem claro, ao contrário, segundo indicia, dos irmãos. Contudo, em jeito de balanço entre o que *a vida lhe tirou e o que lhe deu* afirma que, actualmente, isso *não lhe amarga a existência* (p. 19), dado que tem outros contrapontos positivos – digamos que fez e tem *ganhos existenciais*.

Territórios Identitários Sócio-Espaciais

Caracterizam-se por rupturas espaciais e por carreira habitacional (pp. 20 e ss; Apêndice 8: Caixa 6.2), associadas no relato à *instabilidade laboral do pai*. Assim, destaca-se: i) migração interna P → TN (pp. 1 e ss.), com conseqüente *pioria das condições habitacionais* (p. 38), numa *continuidade da espacialização alentejana*; e ii) grande mobilidade residencial em TN: a família mudará 6 vezes de casa, numa busca da promoção habitacional, que ela avalia como um *sacrifício estratégico recompensado* (pp. 21 e ss.): “*mudámos bastante de casa, mas sempre foi bastante a melhorar, vamos.*” (p. 24); iii) para além das condições de habitação, M menciona ainda indicadores da mobilidade ascendente relativa da família de origem: o acesso a *alguns equipamentos domésticos*, e alterações do *espaço-casa* – quer na distribuição das *funções*, quer na sua *apropriação* (pp. 2 e ss, 22-23, 39).

Território Identitário Estilo de Vida de Subsistência

Desenha-se pela centralidade da mãe-suporte familiar (p. 49) e pelas diversas menções ao sobre-trabalho daquela: a) em P: serviços de limpeza: wc públicos (p. 21); b) em TN, na sequência da migração interna: reconversão da trajectória laboral para operária de indústria de tecidos e fição (p. 2).

É, pois, um complexo cenário humano de *luta pela sobrevivência emancipada* – cenário protegido pelas palavras de hoje de Mafalda, e galvanizado pela focalização do relato na figura da mãe-suporte. A mãe de quem tinha muitas saudades quando foi viver para TN com 5 anos; a mãe com quem a própria Mafalda, hoje, se parece-identifica (p. 20).

Neste mesmo cenário, não é descabida, impensável nem inesperada, a hipótese de a jovem Mafalda apostar numa mudança de vida pelo namoro-casamento, essa clássica estratégia de mobilidade apontada pelos estudos das estratégias familiares em geral, e não apenas dos agregados

em processo de desqualificação social. Todavia, foi *repentinamente, inesperadamente e impreparadamente* (p. 14) que M se casou, ao fim dos rápidos 3 meses de namoro – laço que desencadeia o *primeiro marco doloroso* na sua biografia: o Momento 2.

3. - MOMENTO 2 (JUNHO/1975-1981³³¹) – MAFALDA, O ASSUMIR DE DOIS DESTINOS:

CASAMENTO-RUPTURA E MULHER-E/IMIGRANTE

“Mudança? Hombre!, foi uma mudança muito grande quando me casei, que me casei muito jovem...(...) com dezasseis anos; sem ninguém que explicasse o que é que ia... a deparar, porque, claro!” (p. 14); *“(…)...porque era muito nova. Encontrei-me, de repente, com um homem na cama (...) parece que se levava, que ainda que sejas jovem, mas se levava igual mais tempo saindo com uma pessoa, eu levava três meses saindo com o meu marido, quando me casei com ele; de Março a Junho não há... quase não nos conhecíamos. Eu “tava” em Lisboa a trabalhar, não o via e o pouco que o via era aos fins de semana, cada quinze dias.”* (p. 16).

O Momento 2 (Apêndice 8: Caixa 7) é a Etapa identitária despoletada pelo casamento de Mafalda em Junho de 1975, que vai ser o factor do seu 1.º processo de desqualificação, vivenciado até inícios dos anos 80. Instalado o processo de desqualificação, o jovem marido opta pela *estratégia emigratória*, concretizando um projecto pessoal (pp. 6-7, 12 e ss.): emigração dele, com cerca de 18 anos, em Março/1976; emigração dela, três meses depois; assim, entram ambos na 2.^a fase das respectivas trajectórias laborais. A etapa culminará na requalificação do casal mediante a *estabilização de emprego* e a passagem às 3.^{as} fases laborais de ambos³³².

Duas questões dinamizaram a análise do discurso sobre este Momento: 1.^a - Com *quem* casa Mafalda? 2.^a - Por que é esse casamento *factor* de desqualificação ?

3.1. Momento 2 – Mafalda, de filha-suporte a esposa-suporte: noivo-marido e casamento endopobre

Também alentejano de TN, também oriundo de uma família extensa – 8 filhos – mas orfão de pai aos 12 anos, o noivo-marido de Mafalda leva como dote o *reforço de carências e fragilidades* (pp. 5 e ss; 41).

De entre as características do *estilo de vida de subsistência dele*, vejamos-se:

i) os restritos recursos económico-materiais das condições de origem – como ilustra a descrição que M faz da casa da sogra, 1.^a residência do jovem casal: *“casa (...) que tinha...dessas casas “antiguas”, sem luz, nem “água”, mas tinha dois andares. A gente ficou lá em cima, eles ficaram em baixo*

³³¹ Este limite cronológico é aproximado. Por não ter sido explicitado por M, foi deduzido do seu discurso: após cerca de 5 anos de estabilidade no mesmo local de trabalho – o seu 9.º emprego (2.^a Fase da sua trajectória laboral: cf. Tabela 1 in Apêndice 8) – a entrevistada data de 1981/1983 a sua opção de mudar de emprego por várias razões promocionais: proximidade casa-trabalho; melhores condições; horário menor e maior remuneração (pp. 18-19). O facto de ter sido uma mudança promocional e uma mudança por opção, e por a primeira e mais significativa opção ter sido tomada por volta de 1981, esta foi valorizada como marco de passagem da 2.^a para a 3.^a Fase daquela mesma TL.

³³² Sobre estas 2 fases da TL de ambos, cf. Tabela 1 in Apêndice 8; cf. também, sobre o Momento 2, as pp. do relato: 5 e ss; 14-15, 17 e ss; 36.

e já!.” (p. 6); “*eu vivi em casa da minha sogra, que era pobre mas sempre a vi limpa; era uma casa que não tinha água quente, não tinha luz, mas aquela casa “tava” sempre limpa.*” (p. 40).

ii) a trajectória laboral como padeiro, mais instável do que a dela (pp. 5 e ss.): na fase em que se conheceram-casaram ele estava *desempregado*;

iii) uma vontade de melhorar a vida: vontade de quem, sem trabalho nem recursos, decide casar e adoptar práticas menos conformistas, então comuns: fugir à tropa (p. 36) e emigrar: “...*emprego e com dezoito anos que tens, pois... inquietudes.*” (p. 13); vontade informada por múltiplos factores identitários, tais como: a provável coragem, e alguma imaturidade, inerentes à sua condição jovem; a intuição ou consciência de que essa seria a *alternativa* para uma melhor vida: “...*Mas eu creio que sempre a coisa dele sempre foi sair fora.*” (p. 13).

Visto por nós, de fora, este *casamento* só poderia resultar na *desqualificação da experiência social de M* – a qual, e discorremos das palavras dela, foi pluralmente motivada e adensada.

3.1.1. Casamento endopobre: factor(s) do PSD (Junho 1975/ Fev-Mar 1976)

1.^a Etapa de privação absoluta

O casamento foi um factor de desqualificação de quatro territórios identitários de M: afectivo-relacional e psicológico-emocional; trajectória laboral; estilo de vida e estilo da vivência identitária (Caixa 7 e Figura 1).

Ela mesma fundamenta a desqualificação identitária dos *níveis afectivo-relacional e psicológico-emocional* com três motivos de fragilização do território sociabilidades: 1.^o - a *juventude* de ambos: ela 16, ele 18 anos (pp. 14, 34); 2.^o - a rapidez e o carácter *inesperado* do namoro-casamento: inesperado (pp. 36), não planeado, também designado por fatalidade (p. 36); 3.^o - o *vácuo* e *tabu* da sua socialização: *impreparação para a vida de casada* (idílio de vida *côr-de-rosa*; não-educação sexual - pp. 14, 16).

Para o estilo de vida, M constata três factos que concorrem para a privação absoluta: a) a dupla condição de *origem pobre-subsistência de ambos*; b) a *maior instabilidade* da situação do marido; c) o *auto-reforço* da condição de subsistência quando M se desemprega.

Quanto ao território identitário da trajectória laboral, Mafalda recorre a argumentos descoincidentes perante a constatação que ela mesma faz de que só voltaria a trabalhar no estrangeiro:

i) se, por um lado, classifica o seu desemprego como voluntário – por trabalho insatisfatório e por dificuldade em conciliá-lo com o namoro;

ii) por outro, menciona que o marido insiste para se casarem pois “*havia muitos problemas*”: “*porque ele escrevia-me, as cartas tardavam em chegar porque não mas davam no dia em que recebiam. (...) por exemplo (...) uma 4.^a-feira que me tocava sair às 3 da tarde para as 7 tinha que estar em casa. (...) E... e aos três meses disse-me: “– Olha, ou nos casamos, ou eu assim não sigo.”*” (pp. 6, 18);

iii) finalmente, M afirma que o casamento não teve obstáculos-resistências das famílias ascendentes, e reconhece que o seu prévio auto-desemprego concorreu também para agravar a situação.

Em relação à perca de autonomia pessoal do seu estilo da vivência identitária, M caracteriza os primeiros 9 meses de casados pelo retorno à total dependência das respectivas famílias, especificamente quanto a: 1) alojamento: de início na casa dos pais dele; depois na dos pais de Mafalda; 2) meios de sobrevivência e recursos; gestão do quotidiano; e 3) biscates do marido proporcionados pelo pai dela.

Será ao fim de *8 meses de privação absoluta* que o marido decide e desencadeia o processo emigratório para França: fixa-se no País Basco, saindo do comboio com um amigo a meio da viagem para Paris (p. 13); e afirma-se como o *actor da reorientação da trajectória familiar* face à 1.^a fase do processo de desqualificação.

Sabemos, pelo relato de Mafalda, que emigrar era um sonho *dele*; como sabemos que, antagonicamente, não o era para *ela*.

Portanto, Casamento e Emigração são por ela vividos do mesmo modo: *inesperadamente*.

Parece, pois, que a *experiência social dela* – de menor privação se comparada à dele – mobiliza M. para uma *luta-resistência* fundada na *interiorização da fragilidade*; ao passo que a *desvinculação social dele* – o seu maior desprendimento dos anteriores e instáveis laços e marcos identitários –, ter-lhe-á possibilitado o *pensar-se* e o *projectar-se fora do contexto de continuidade social* em que vivera até aí. Desta ordem de ideias pode inferir-se que:

- quanto ao futuro, a estratégia de mobilidade – *para ela*: seria continuar a luta familiar pela sobrevivência emancipada; *para ele*: seria a ruptura com a privação absoluta instalada a nível familiar e pessoal;
- quanto ao modelo de acção – *para ela*: era a mãe-suporte; *para ele*: eram os outros – amigos, familiares, conterrâneos, em suma: os que emigravam;
- quanto ao campo da acção – *para ela*: permaneceria a casa: *casa* da breve vida em família; *casa* da separação familiar precoce; *casa(s)* da precoce inserção laboral; *casa(s)* de retorno à(s) dependência(s) familiar(es), quando casada; *para ele*: teria que ser buscado fora, num espaço exterior ao da sua experiência social actual.

Estes traços sugeridos pela fala de Mafalda mergulham-nos na estereotipada construção social das identidades masculinas e femininas. Contudo, a história recordada de/por M, apresenta singularidades: a) se por um lado é claro que M nunca chega a ser independente, enquanto vive longe da família de origem – quer por o trabalho infantil ser parte integrante da luta familiar pela sobrevivência emancipada; quer por o conteúdo do percurso laboral dela representar a *reprodução, nas casas dos outros*, do

feminino dominado, subserviente, obediente e dedicado à pressuposta *vocação feminina de cuidar-protger-servir*; b) por outro, é bem visível que M nunca terá vivido tão dependente como após o seu casamento – e dependente até das decisões do marido: casar; deixar de residir com a sogra (segundo o relato, por conflitos familiares dele); emigrar; c) como é ainda curioso constatar que o percurso de M inverte parcialmente o trajecto esperado da mulher tradicional, estereótipo-modelo informado por referentes do estilo de vida média: enquanto **Mafalda 1: menina**, vive *fora do lar* de origem; quando se torna **Mafalda 2: mulher-esposa**, tão-pouco ganha o feudo de *dona-de-casa*.

Assim, a riqueza e a complexidade destas práticas sociais, também sublinham a *não linearidade* entre as *expectativas normativas* e as *práticas reais*. Têm ainda um valor acrescido, na medida em que são práticas de sujeitos sociais *designados como pobres* (e) que *experienciam processos de desqualificação identitária* e, em simultâneo, de *classificação social negativa*. Essa mais-valia consiste, cremos, em 3 tipos de ilações a que as des-coincidências mencionadas nos conduzem:

- 1- os padrões e expectativas normativas dominantes são objecto de interpretações, de adequações e de *negociações pelos sujeitos sociais*;
- 2- as negociações identitárias são uma prática dos *sujeitos desqualificados socialmente*;
- 3- as negociações identitárias para os sujeitos socialmente desqualificados, não se restringem a uma prática relacional-situacional: constituem-se num *recurso estratégico* da lógica de luta pela reinclusão-requalificação, *i.e.*, num dos modos sociais de antecipar o futuro: viver um presente singular e provavelmente destoante; porém, racional, porque reflexivamente apropriado.

3.1.2. – Face ao PSD, a Ruptura Organizada

Da 2.^a à 4.^a Etapas (Março 1976 /1980-1981): Emigração e Luta como Imigrante

“E a vinda “p’a” Espanha, eu creio que foi muy importante.(...) Marcou bastante.” “Tive” (...) 4 ou 5 anos sem ir a Portugal, por a tropa do meu marido, que não podia ir porque ele não tinha ido à tropa e... foi bastante... porque pensas aa, vais “p’a” outra terra diferente, que não conheces nem a língua, nem nada e eu cria, cria que não havia nem cães nem nada, que era tudo muito limpo, tudo... e chegas aqui, pois a terra é como a tua, com as, outras pessoas diferentes mas pouco mais, não? Aa... mais bonita ou menos bonita, mas vamos!.” (p. 36).

O argumento exposto sobre a luta pela requalificação é igualmente pertinente para compreender a custosa Ruptura-Emigração de Mafalda. É que o *corte com Portugal*³³³, e a *passagem* de **Mafalda 2: mulher-esposa** a **Mafalda 3: mulher-esposa-e/imigrante**, abrem 3 grandes dificuldades específicas à vivência da 2.^a Etapa do processo de desqualificação: *choque cultural, desenraizamento social e pioria das condições de vida*. Três dificuldades que, de novo, se encadeiam numa ruptura plural de que a fragilização de múltiplos territórios identitários de Mafalda é informante (Apêndice 8: Fig. 1):

³³³ O casal estará sem vir a Portugal durante 4/5 anos, por fuga dele ao SMO (pp. 65-66).

Factores Societais e Simbólico-representacionais: M vive a desilusão à chegada ao PB: destruição do mito do estrangeiro como local idílico, a que se somou o desconhecimento da língua (pp. 8, 36).

Factor Estilo de Vida: M vive o sentimento de despromoção – residencial e do nível de vida – à chegada: o casal residiria, inicialmente, num quarto com serventia de cozinha, sito numa zona urbana periférica (pp. 7-8, 24).

Factor Sociabilidades (psicológico-emocional e afectivo-relacional): i) é a instabilidade, a insegurança e a conflitualidade da sua relação com o marido. Sozinha, sem suportes familiares, e não se conhecendo um ao outro, deste modo M justifica o *período difícil da vida do casal*, mencionando ainda que as *dificuldades de comunicação* eram reforçadas por *separações temporárias* (mobilidade geográfica da trajectória laboral dele – pp. 6 e ss, 9 e ss); ii) são os *conflitos relacionais* com as duas irmãs-*senhorias* (“*umas bruxas*”) que coscuvilhavam gavetas e bens do casal, ao ponto de, quando saía, M. deixar marcas que encontrava remexidas no regresso a casa (p. 8). Estes, por sua vez, aprofundavam dois sentimentos desmobilizadores: *saudades* da família e da terra e *desenraizamento social*.

Factores Laborais: a instabilidade de local de trabalho e do próprio emprego do marido, apesar da condição de trabalhador imigrante legal, reforçava em Mafalda o *sentimento de inutilidade por não estar empregada*. Conjugados e entrelaçados, estes factores de fragilização repercutem-se num outro território:

Estilo da Vivência Identitária: para M, o início da emigração é uma fase de dependência absoluta, que ela experiencia com grandes *dívidas* e forte *desconfiança*: **Mafalda 4**: *mulher-esposa-e/imigrante reticente*.

Mas ela rapidamente passaria da atitude de desconfiança externa – “*e eu calada e... a ver o que é que passava, claro! (...). Não sei se voy a aguentar muito aqui*” (p. 8) – para a dealiada do marido.

Durante o primeiro mês, perante o novo encadeamento de (novas) rupturas, sofreu todos aqueles sentimentos, avolumando-se o conflito entre *a sua aparente inactividade*³³⁴ e *o esforço do marido*. E, no fim desse 1.º mês, Mafalda passa a assumir a Emigração como uma Ruptura Organizada do casal na luta pela reinclusão: “*Ou pões-me a trabalhar, ou aqui dá-me algo!*” (p. 8); “*eu fiz amizade com uma senhora que tinha uns miúdos e tal e eu dizia-lhe: «- Põe-me a trabalhar! Busca-me trabalho e põe-me a trabalhar!» E justo ao mês de estar aqui já tinha trabalho, já estava a trabalhar.*” (p. 24).

O reemprego de M é paradigmático do seu reposicionamento como *Mulher-Esposa-Imigrante Implicada*.

³³⁴Leia-se: para além das tarefas domésticas e familiares... o que, aliás, Mafalda sublinha: “*Hombre!, os seis meses que estive em Portugal, sozinha que ele veio... vamos os, o... depois de casar, tão poucas que eu ali estava a trabalhar. (...) Não trabalhei, eu deixei de trabalhar para casar e logo esse tempo “tive” sem trabalhar, é verdade. (...) Até que vim para Espanha. (...) Voltei a começar a trabalhar e até hoje que não parei. (...) Tão pouco me sinto amargada por isso. (...) É uma circunstância de la... da vida que tens que aceitar e punto!*” (p. 18).

Por iniciativa própria, arranja o 1.^o emprego no País Basco³³⁵ e retoma as actividades – domésticas – que anteriormente desempenhara (1.^a Fase da trajectória laboral). Da (re)inserção laboral, apenas indica *dificuldades linguísticas iniciais*, sendo nítida a preocupação de vincar o *muito positivo acolhimento* tido pelos *empregadores* (pp. 8-10)³³⁶.

Pode, pois, dizer-se que com a sua 2.^a fase laboral, a **Mafalda 4**: *mulher-esposa-e/imigrante reticente* se reposiciona rapidamente (em cerca de 4 meses), adequando-se ao novo estatuto de imigrante: **Mafalda 5**: *mulher-esposa-imigrante implicada*. Novo estatuto – mas de *continuidade* nas *tarefas laborais* ditas femininas –, numa trajectória que ela cedo estabilizará.

Ora, o retorno de Mafalda ao trabalho não inicia somente a 2.^a Fase da sua trajectória laboral; ao mesmo tempo, inaugura o exercício de uma competência social-relacional que virá a desenvolver e a fortalecer. Trata-se de um duplo capital de resistência e de mediação, certamente treinado e incorporado desde o Momento 1 da sua trajectória de vida e que, enquanto *habitus* ou *predisposição identitária*, poderia ter tido múltiplas orientações-finalidades (identitárias).

Sendo as negociações identitárias de M. – como, as de todos os sujeitos sociais –, marcadas por *contextos* e assumidas em *situações particulares*, no seu caso singular e exemplar, esta mulher evoca e afina um traço experiencial bem significativo – a sua *adulter precocidade*: trabalhadora desde muito jovem; jovem esposa; jovem e/imigrante.

3.^a Etapa (Agosto 1979/ Jan. 1980) : Mafalda-esposa-imigrante e mediadora do emprego dele

A resistência da **Mafalda 5** é intensamente posta à prova na 3.^a Etapa do processo de desqualificação. Durante quase todo o segundo semestre de 1979, quando o marido fica desempregado (e beneficiário do subsídio de desemprego), o casal vê reduzido o seu rendimento global. O emprego do marido é agora mais difícil do que tinha sido, nos 4 anos anteriores, a sua instável inserção laboral (5 empregos) como imigrante legal (Apêndice 8, Tabela 1 - *Mafalda e o Marido: Trajectórias Laborais*). Por isso, na 3.^a Etapa, a vida do casal é de precariedade.

Implicando-se na busca de trabalho *para ele*, M obtém as *informações* e os *contactos sociais* necessários para desencadear a candidatura do marido ao futuro emprego³³⁷: porteiro de um grande edifício residencial localizado numa das Avenidas mais centrais e prestigiadas de SnSn. Dar-se-á, então, a entrada na 4.^a Etapa do processo de desqualificação, com a melhoria de vida no início dos anos 80.

³³⁵ Onde, por decisão sua, permanecerá pouco tempo: cf. Tabela 1 in Apêndice 8.

³³⁶ De facto, confirma-se tal apreciação pela continuidade da trajectória de Mafalda na segunda residência onde trabalhou como imigrante, desde Agosto/Setembro de 1976 até 1981.

³³⁷ Mafalda esclarece que a morosidade do processo não se deveu à resistência – nem do Administrador do prédio, nem dos Condóminos – em empregar *um português* mas, sim, à pressão da esposa de outro candidato, também desempregado (pp. 9-10).

4.^a Etapa do PSD (desde 1980/1981): Requalificação do Casal Imigrante

Já nesta etapa, a **Mafalda 6**: *mulher-resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada* continuará a melhorar as suas próprias *condições laborais* e a *distância casa-trabalho*, mudando de emprego: primeiro, por volta de 1981, decide abandonar o estável emprego que mantivera até aí para trabalhar numa residência familiar num prédio vizinho ao da sua futura habitação; posteriormente, em 1982/83 passa a trabalhar noutra residência, sita no mesmo prédio onde, desde 1981, já o casal morava (pp. 9 e ss.).

Conclui-se, deste modo, que o casal supera as condições de privação absoluta e as de subsistência, com a viragem para a 4.^a Etapa do processo de desqualificação. Para o acesso a um *estilo de vida de carência relativa*, concorreram:

- a) a global promoção do *trabalho* do marido;
- b) a, decorrente, promoção *habitacional* do casal (pp. 9 e ss.);
- c) as rápidas estabilização e melhoria de *localização* e *condições laborais de M* – paralelamente à *continuidade* (pp. 8 e ss, 31 e ss.) do seu desempenho e do seu estatuto laboral não formal, ou seja: uma *não-promoção global*;
- d) a promoção das *redes de sociabilidade*: diversificação, requalificação e sedimentação de contactos sociais e amigos – quer comuns ao casal, quer individualizados (31 e ss, 35-37, 45), e
- e) o mútuo conhecimento e a aproximação entre ambos, de que resultam a clara melhoria da vida conjugal: “*desde um princípio de “tarmos” aqui, nos agarrámos tanto um ao outro que já foi completamente diferente de... aa, do ano, pelo menos, que passámos lá casados; e “távamos” recém-casados, qu’era quando tínhamos que “tar” agarrados um ao outro, não? Esso dizem. (Risos) Pois não, a gente foi ao contrário!, nos agarrámos bem depois. (Tom de sorriso) (...) O meu pai costumava dizer: “Qu’o que m... mal começa, bem acaba.” E parece que ele desde cima, parece que sim, que... (apontando para o tecto)”*. (p. 44).

Contudo, a trajectória do jovem casal teria sido bem distinta se M i) não tivesse acatado ou não se tivesse aberto ao *desafio-risco de emigrar*, desafio que assumiu como **Mafalda 4**: *mulher-esposa-e/ imigrante reticente*; ii) não tivesse assumido a *estratégia migratória como um projecto do casal*, passando da *desconfiança externa da Mafalda 4*, à *aliança* com o marido enquanto **Mafalda 5**: *mulher-esposa-imigrante implicada*; iii) não tivesse desenvolvido as suas *competências sócio-relacionais*, amadurecendo-se como **Mafalda 6**: *mulher-resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada*.

Globalmente, são estas as *reconfigurações identitárias* desta mulher – nascida e crescida na *familiaridade* com a *luta pela sobrevivência emancipada*, e que, pelo *casamento endopobre*, se reorienta para a *luta-resistência contra as mais absolutas carências*. Reconfigurações identitárias de Mafalda-Sujeito Social em construção, exemplo paradigmático do tipo social que designámos por *mulher-*

suporte. Também menos sofrida teria sido a trajectória do casal se não se lhe deparassem dificuldades – naturais... sociais – com a reprodução familiar.

4. – MOMENTO 3 (1980-1981/1986) : TRAMAS DA CONJUGALIDADE

“eu seguia trabalhando, aqui e já no oitenta e dois, ou assim... (...) E... então começámos com isso, que queríamos ter filhos e... a verdade é que eu nunca tinha feito nada para não os ter. (...) Mas, não ficava grávida, e aí começaram outra vez os problemas. “– Que se a culpa es tua, que eu não tenho a culpa!” (...) Tem que haver sempre um culpable. (...) Eu visitava todos os médicos havidos e por haver; todos me diziam, uns diziam que eu tinha algo, outros que eu não tinha nada, hasta que, lembro-me que antes da, de um Natal, no oitenta e dois... ou no oitenta e três... fui a um (...) que me disse: “– Ao seu marido lhe ti... já o viram, também?” “– E pois não. Sempre tenho sido eu.” E disse-me: (...) “– Pois passado o Natal, você marca uma consulta no hospital (...) mas (...) com o seu marido ali.” E fomos lá os dois.”(p.11).

Com a simples frase *“e aí começaram outra vez os problemas”*, Mafalda vinca com emoção a consciência-memória actualizada de uma trajectória pejada de obstáculos e fragilidades – *consciência* a que não é estranha a *componente fatalista*. À medida que avançamos com Mafalda por dentro do relato, a objectivação deste revela-se cada vez mais fecunda para a análise sociológica das reconstruções identitárias em processos de desqualificação e de requalificação social, por duas razões:

1.^a - porque a auto-reconstrução desta vida projecta um *perfil identitário* que, à crença fundadora nos determinantes exteriores sob a forma de fatalismo contrapõe, resiste, confronta-se e responde com as *energias identitárias da luta-resistência*; e, consequentemente

2.^a - porque, posicionando-se como um sujeito reivindicativo da – e pela – sua reflexividade, M implica-se e reconstrói-se, exercendo incansavelmente a sua *relativa liberdade-autonomia*; e, assim, vai amadurecendo como *sujeito de acção realista*.

Tal riqueza –pessoal, social e sociológica– é ilustrada pela focalização no Momento 3 (Fig. 3).

4.1. - Momento 3 (1980-82 a 1986):

da solidão e culpa de Mafalda-não-mãe, ao casal de pais adoptivos

Sublinhe-se, desde já, a avaliação paradoxal do 3.^o Momento – avaliação negativa: *“a verdade é que foram, foi um, um par de anos que, que se me meteu na cabeça que tinha que... coiso e eu passava bastante mal quando...”* (p. 30); avaliação positiva: *“logo também quando nasceu a minha filha foi um momento muito... que eu passei muito bem, eu... uma coisa que esperava...”* (p. 36).

Ao longo de cinco Etapas sucessivas o casal trabalha – em 1986, e mais uma vez com o forte investimento identitário de Mafalda –, uma *crise íntima* claramente instalada em 1982, embora viesse de trás - *“a verdade é que eu nunca tinha feito nada para não os ter [aos filhos].”* (pp. 11 e ss; 27 e ss.).

Pode compreender-se que a *não-gravidez de M só agora* seja mais visível, *só agora* se configure num nítido problema conjugal: *só agora*, após o presentismo inerente à *luta contra* as carências

absolutas. Porque *só agora*, com a requalificação do 1.º processo de desqualificação, pode o casal ter a disponibilidade para pensar e re-desenhar o seu futuro conjunto – e, concretamente, a descendência.

1.ª Vivência (1980-1981/1982): Individualização do Problema: a culpa de Mafalda

O *problema* da não-gravidez de Mafalda começa por ser entendido como *individual*, de M, revelando a dificuldade do marido em se auto-questionar.

Na 1.ª Etapa, ele culpabiliza a mulher pela situação (pp. 11 e ss, 27), ao que ela, inicialmente, reage pela *dolorosa interiorização da culpa*. Diversos *territórios identitários* são atingidos e magoados por esta *culpa atribuída-interiorizada*: desde logo, o não conseguir engravidar representaria a *frustração de um desejo-projecto*, bem como uma *diminuição* enquanto *pessoa-mulher*. Esta diminuição, vivenciada por Mafalda na *vertente individual e psicológica-emocional*,

i) vai projectar-se no – e emergir simultaneamente do –, sentimento de desqualificação-inferioridade fisiológica (pp. 11, 27 e ss.);

ii) vai fragilizar M. ao nível relacional pela dificuldade conjugal de consumir a reprodução; pela conflitualidade inerente à interacção instalada: culpador/culpada; e por simbolizar um atributo socialmente desvalorizado, um desajustamento face às expectativas da sua cultura de origem. Falamos da construção tradicional do feminino assente em dois vectores simbólico-representacionais da condição da mulher: 1) definição da condição da mulher a partir do determinante *estatuto-papel de esposa*; 2) identificação do estatuto-papel de esposa à função da *maternidade*: “*Outra coisa era quando íamos a Portugal que todo o mundo: “– Quê? Quando é que vais ter filhos?” Porque ali parece que... se a mulher não tem filhos não...*”. (p. 29).

Gradualmente, a **Mafalda7**: mulher-resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada-não mãe-culpada irá adoptar uma reacção realista, já marcante, em 1982, na sua busca sistemática de diagnósticos médicos esclarecedores do seu problema e, conseqüentemente, da eventual solução.

Entra-se na 2.ª Etapa do processo, período da luta solitária de M, peregrinando por médicos e hospitais: “*Eu visitava todos os médicos havidos e por haver; todos me diziam, uns diziam que eu tinha algo, outros que eu não tinha nada*” (p. 11). No decurso dessa peregrinação - a que ainda subjaz a mencionada interiorização da culpa, mesmo que inconformada -, M volta a afirmar-se como lutadora; e quando, face aos seus exames médicos inconclusivos, um especialista coloca a hipótese do problema do marido, M reemerge como lutadora-mediadora: marca a consulta do marido e passa a acompanhá-lo.

2.^a Vivência (1982-83 a 1986): Partilha e Solução do Problema

Nesta sequência - desde o Natal³³⁸ -, o problema passa a ser partilhado, até assumirem a adoção em 1986.

A partilha do problema, na 3.^a Etapa deste processo de desqualificação, significa que o casal:

i) partilha o confronto com os problemas congénitos do marido através da peregrinação médico-hospitalar dele,³³⁹ sempre acompanhado por M.: *“e fizeram-lhe os exames lá [no Hospital de SnSn.], no mesmo dia e disseram-lhe que... que tinha algo mas que não sabia o que era. Ingressaram-no, fizeram-lhe provas aos testículos, não é? Como quem diz um... um coelho de índias, porque nessa momento andavam bastante perdidos. (...) Como agora têm filhos até os que não podem ter, naquela época não era assim e “teve” ingressado pois...”* (p. 27). *“Aí [na Clínica Catalã], ficámos pois já, pelo menos saber que não... hoje em dia que o problema que tem o meu marido posso ficar grávida! (...) Com os novi... novas técnicas que há e tal. (...) Mas naquela época (...) não se podia”*. (p. 28).

ii) partilha a aceitação da própria reconfiguração do problema.

Depois da identificação partilhada do problema dá-se, na 4.^a Etapa, o alargamento do campo de partilha com a procura de uma solução conjunta: e M devém **Mafalda 8**: *mulher-resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada-não mãe-não culpada*.

Para a escolha da solução seria importante o apoio técnico do médico árabe da Clínica Catalã. M recorda com carinho o momento em que o médico lhes refere as 3 hipóteses de terem filhos: inseminação artificial de M, fecundação natural por relações sexuais de M. com outro homem, ou adoção: *“Era um médico árabe. (...) E... e lembra-me que me disse: «- Tem três maneiras de ficar grávida, de ter um filho...» (...) E rindo-se aa... estava-se a rir e: «- ... vos digo, pois mirem: pode hum... pode ter um filho de outra pessoa, injectando por proveta.» E eu disse: «- No.» «- Pues... pode adoptar uma criança.» Eu digo: «- Ou senão por método natural ter um amigo...».* (Tom de sorriso) *Isso nos disse em la sala. (Tom de sorriso) (...) E eu digo: «- Pois de todos os métodos o melhor é o natural, desde logo!”* (Tom de riso) (...) (risos de Mafalda) *Mas não, não chegámos a tanto.”* (p. 28).

O dramatismo desta fase conjugal evidencia-se bem pelas sucessivas práticas indecisas e instáveis.

Num primeiro momento, o casal apenas coloca como hipótese de solução a via adoptiva, escolha a que não terá sido estranha a sua vinculação católica: *“Nem “probeta”, nem amigo, nada! No, no. (...) Na verdade é que não, falámos disso, não? (...) E eu entre as três opções preferia adoptar uma*

³³⁸ É a própria entrevistada a não esclarecer se se trata do ano de 1982 ou do de 1983 (p. 11).

³³⁹ A dita peregrinação levá-los-á, não só ao PB, como à Catalunha onde, em várias deslocações a uma clínica especializada, se submete aos mais avançados exames.

criança. (...) Igual, também egoistamente a, pensar nas dores que vais ter quando vais dar à luz, igual também isso... (Risos...) (...) mas não. (Risos) Tão pouco, não! Eu ter um filho de outra pessoas tan pouco. “Tou” muy unida ao meu marido “p’a”, “p’a”... “p’a” chegar a, e logo sempre me ficaria essa coisa de... quem será o pai? (...) E... e estamos m... metidos nos “Matrimónios Nuestra Senhora” (...) já “tavamos” antes e aí havia um sacerdote que essa dá a camisa por um pobre (...) E... e sempre “tava” a dizer: “Pois se Deus não quer que tenhas um filho assim, é porque quer que vayas a buscar uma criança.” E o meu marido dizia: “Que não, que se ele não tinha um filho es porque Deus não queria que ele os tivesse.”. (p. 29)

Entre argumentos pró e contra, o marido, inicialmente resistente, decide iniciar o processo: *“E um dia ele, lembro-me que n... numa manhã, estávamos aqui e disse-me: «– Prepara-te que vamos a... à diputação.» (p. 29).*

Pela morosidade das questões burocráticas, depara-se-lhes uma lista de espera muito grande. Ainda se dirigem a casas de acolhimento de crianças, chegando a encontrar um rapaz de 7 anos e a entabular o contacto inicial com ele. Mas a reprovação do sacerdote amigo – *“«– Tens vinte e dois anos e não precisas uma criança de sete anos. Tu precisas de uma criança mais pequena. Espera que já... ter-dremos oportunidade de... de outra coisa.» E... esperei...”* – reforça de novo a indecisão de ambos e a dor explícita de M.: *“ a verdade é que foram, foi um, um par de anos que, que se me meteu na cabeça que tinha que... coiso e eu passava bastante mal quando... (...) ... Faltam uns papéis e tal e ela dizia que não havia crianças, que... não nasciam, que ou nasciam e... e as abandonavam noutro lado, tudo isso e eu sofria bastante; até nesse momento que não ’tás metida nisso não pensas e...” (p. 30).*

Instalada a indecisão, acabarão – num segundo momento de reacção contorno-defesa – por abdicar da adopção: *“e um dia falámos em casa e dissemos: «– Sabes que vivemos muito bem e estamos muito bem sozinhos, para que nos vamos a complicar!?” Outra coisa era quando íamos a Portugal (...)...e um dia e lembro-me que esse ano [de 1986] quando fomos... dissemos que não queríamos ter filhos e punto!” (p. 29).*

Apesar do peso dos comentários na terra relativos à condição de casal-sem-filhos, optam por aceitá-la e adaptar-se-lhe, se bem que não suspendam a inscrição como pretensos adoptantes (pp. 29-30).

4.2. Momento 3 (1986: até Setembro): O casal assume a *maternidade social* – adopção

Longos foram os cinco/seis anos que demoraram as quatro etapas do processo em análise (de inícios dos anos 80 a meados de 86). Ao invés, a viragem-solução que o problema sofre na 5.^a e última Etapa será rápida e inesperada – à semelhança de outros marcos da trajectória de M.: *“ Depois quando viemos [das férias de 1986] a diputação andava a buscar a gente...” (p. 29).*

Por alteração na legislação de adopção – muitos dos candidatos em listas de espera foram excluídos, pela sua idade avançada – em Julho de 1986 é-lhes comunicada a possibilidade real de adoptarem uma criança prestes a nascer (pp. 29-30). Perante isso, M. e o marido rapidamente revêem a recente decisão e – ansiosos, com grande felicidade, e receosos de que se gorasse a adopção por corrupção, por influências-*cunhas* – aceitam-assumem a educação de uma rapariga: a filha adoptada, nascida em 2 de Setembro (p. 30): "*Entrevistadora: ... a vossa decisão de adoptar aa... se voltasse atrás fazia o mesmo! Mafalda – Sim! E. – Sim. M. – Sim, sim, sim! Redundamente. E que fosse essa “bruxa” mais, ainda! Ent. – (...) A bruxa é entre aspas, não é? M – (...) Sim. E. – ...Está-se a referir à dita cuja rapariga... (...) M. – Sempre, sempre*" (pp. 30-31).

No que respeita às transacções objectivas, este Momento 3 cifra-se pela mudanças identitárias de M e do marido – respectivamente, *de esposa/o a esposa-mãe e esposo-pai* – transacções internas por ela positivamente avaliadas. M devém agora **Mafalda 9: mulher-resistente-e mediadora-esposa-imi-grante implicada-mãe (adoptiva)**. No que respeita ao reconhecimento social dos esposos-pais, no seu específico quadro situacional o casal passa a corresponder aos padrões culturais de família. Ao falar-nos do reconhecimento do novo estatuto do casal, por amigos e conhecidos, M ilustra claramente as transacções objectivas exteriores.

5. – MOMENTO 4 (1986 A 1994) : MULHER – SUPORTE RENEGA MULHER – FLOREIRO

[avaliação negativa] "*E logo a mudança, quando o meu marido foi para a universidade; isso ao princípio causou-me (...). Porque veio-me essa coisa à ideia de que ele está a crescer e eu cada vez estou a ficar mais baixa (...) porque eu estava aqui na portaria todo o dia e... e de repente encontrei-me sozinha, com amigos, que tinha, mas noutra, noutra nível, não? (...) Perdi isso (...) Deixei o parque, porque ele começou a estudar (...) porque (...) enquanto ele fez o graduado e fez o acesso, eu sempre saí. (...) Foi o momento que ele entrou na universidade. (...) Logo também foi um... cinco anos que eu sempre saí sozinha com a minha filha; Sábados e Domingos, porque ele tinha de estudar. (...) E então chegaram-me a perguntar se eu me tinha separado.*" (pp. 14-15).

[avaliação positiva] "*e logo já quando... o meu marido começou a estudar, e ao final quando ele conseguiu ter a... a, a carreira terminada. (...) porque isso já foi um projecto em comum. (...) Já foi uma coisa mais... que trabalhámos os dois p'ó conseguir ainda que ele, era ele que se apresentava aos exames e tudo isso mas todo o... toda essa época de... ajudar-le, de... os maus momentos quando ele de... queria atirar tudo “p’a” borda, dizer-lhe: «– Pois não. Já cegaste até aqui podes conseguir, não o consegues em cinco anos fazes em sete, que não importa.» Esse empurro que uma dá, pois, hum senti-me muito orgulhosa quando ele terminou e aprovou e com muito boas notas.*" (p. 36).

No reverso do processo de promoção do marido com o retorno à escolarização e consequente formação universitária, os 9 longos anos deste período identitário, de 1986 a 1994³⁴⁰, são os mais

³⁴⁰ Para a definição dos limites cronológicos deste 4.^o Momento baseámo-nos na informação por M de que este momento se inicia após adopção da filha (4.^a Fase da sua TL - cf. Apêndice 8, Tabela 1.). Porém, o marco do PSD/R dela será a entrada do marido na Universidade, já a menina tinha 2 anos, ou seja, em 1988 (p. 15). Quanto ao limite final do 4.^o Momento escolheu-se 1994 por se tratar da fase de grande mudança da TL de M (6.^a Fase

significativos na sucessiva reconstrução de Mafalda em sujeito social (pp. 14, 31 e ss, 49). Dentro do quarto Momento, M isola claramente o período do terceiro e mais marcante processo de desqualificação e de requalificação por ela vivenciado: os 5 anos de frequência da universidade pelo marido, de 1988 até ao fim de 1993 (Apêndice 8: Caixa 8).

Numa linha de análise textualista, dir-se-ia que o problema estruturador desta desqualificação identitária de M é a requalificação do território identitário Trajectória Escolar do marido, e a inerente valorização sócio-simbólica. E acenar-se-ia este factor contrapondo-o ao facto de Mafalda nunca realizar o seu sonho – ser enfermeira – nem sequer investir na alteração do mesmo território vivencial.

Acontece, porém, que a linha analítica que aqui se procura seguir – o contextualismo (Alonso 1994) –, não exigindo a *desconfiança positivista* em relação aos testemunhos de vida reconstruídos pela memória social dos narradores, tão pouco prescinde do *olhar reflexivo* da investigadora. O que significa analisar a partir de uma *fala* que, para além de *co-construída* na relação social de entrevista, também é *reconstrutora* das vivências sociais relatadas.

Aliás, defendemos que esta etapa da sua trajectória não se tece à volta de um problema, como sucedeu, *p.ex.* no Momento 3; antes se trata de um contexto social problemático. Esmiucemos este debate.

No presente caso, não se identifica a frequência e conclusão da Universidade pelo marido ao *problema estruturador* das profundas e sofridas vivências de M, de desqualificação e diminuição identitárias – perspectiva que contraria a auto-avaliação dela própria. A carreira universitária do marido será o *problema sentido* por Mafalda, o seu *problema estratégico*, e não o *factor-problema*.

Poder-se-á contra-argumentar que o Momento 2 também evidencia um contexto social problemático, mais do que um problema – proposição aceitável, e coerente com o olhar que se procurou adoptar. É visível no 4.º Momento o entrecruzar dos factores do processo de desqualificação e de requalificação de M – plurais vectores constituintes do que a análise sociológica designa, na terminologia de Marcel Mauss, por fenómeno social total. Seguindo igual lógica, o Momento 4 apenas se irmanaria com o 2.º Momento e, em consequência, não representaria, como propomos, a *dobradiça* da trajectória de M – proposição que já não podemos aceitar.

Então, como validar uma abordagem que é simultaneamente convergente e divergente? Como fundamentar um trabalho sociológico não assente nos princípios binários da racionalidade positivista? Como operacionalizar uma filiação epistemológica na perspectiva da *transição paradigmática*, e a

– cf. Apêndice 8, Tabela 1): quando o seu trabalho passa a ser a fonte exclusiva do rendimento familiar; quando ela se assume, formalmente como *Mulher-Suporte familiar* (p. 49).

correlativa consciência de que há que ir descobrindo princípios e categorias de análise coerentes com *outra* lógica: a da *racionalidade complexa*?

Tal validade deriva da *abertura metodológica* da investigadora à *experiência social*, a *fenómenos des-coincidentes*, até mesmo *contraditórios*, pois que *complexos*. Não apadrinhar o relativismo pressupõe, pois, *conceber a categorização sociológica* – tarefa também sempre subjectiva – enquanto *prática do ouvir e filtrar*, *sociologicamente*, a *argumentação prático-identitária* das *narrativas* de trajectórias em estudo.

A argumentação prático-identitária da fala de Mafalda sobre o 4.^o Momento é, simultaneamente, *semelhante* e *diferente* da dos momentos anteriores:

Semelhante, por M contar esta etapa com espanto similar, com *semelhantes* entoação na voz, requebros faciais e gestualidades; E M relata que, em dado momento, se sentiu e observou numa *situação que ela não procurara criar nem desejara*, mas à qual se adaptou, como antes tinha feito: a *condição de mulher-esposa-mãe-trabalhadora-suporte-implicada*; e a *vivência dolorosa do sacrifício estratégico*.

Diferente, nos distintos *níveis da sua acção* apontados pela nossa *análise*: *objectivos* da reconstrução identitária; *lógicas* orientadoras da acção; *estratégias* e *recursos* escolhidos e mobilizados; *territórios* identitários implicados; *finalidades* da acção identitárias e seus *impactos*.

Ver-se-á nos pontos seguintes como a *prática* de M. *não* tem em mira a *ruptura* com a *condição de mulher-suporte*, nem a *interrupção* ou *confronto* do percurso formativo do marido.

Mafalda continuará a ser *mulher-suporte*: aliás, pela sua *reconversão laboral*, passa de uma vivência informal para a *formalização* desse mesma condição de suporte familiar.

Mas, paralelamente à formalização, M. **toma consciência** dos componentes, dos atributos e das expectativas da sua experiência social de mulher-suporte-**dominada** e, numa afirmação identitária **reivindicativa**, recicla-a na **vivência reflexiva** da **Mafalda-Sujeito Social Mulher-Suporte Familiar**.

Portanto, M **muda** o *estilo da vivência identitária para continuar a assumir-se como **suporte-familiar***; e fá-lo **pela reflexividade** que, até aí no seu percurso, nunca convocara de forma tão radical. A **inovação** desta prática identitária reside aí, precisamente: esta mulher, *implicando-se* e *implicando os outros*, **liderou a transformação da sua família** enquanto **sistema fechado e hierarquizado** por *poderes estereotipados*, numa **rede social aberta**, porque **complexa**, porque **co-construída pelas negociações identitárias de ambos: ele e ela**.

Mudando o *estilo da vivência*, reconfigura a sua *participação sócio-familiar*; reorganiza a *dinâmica familiar*; alarga e reconfigura o seu *território relacional*; e intervém, profundamente, no *contexto social problemático* assim transmutado numa *rede social requalificada e requalificadora*. Como tal, o princípio adoptado para análise deste contexto, pode assumir a seguinte inter-rogação: Como passa, em situação de privação relativa, o actor M-mulher-suporte a M.-**Sujeito social** Mulher-Suporte familiar?

Na introdução do seu 3.º PSD/R, há que explicitar em que consistiu esse contexto social, e problemático.

5.1. - O Contexto Social Problemático do PSD: *esposos, imigrantes e pais*

A adopção da menina, no final do Momento 2, ao concretizar o projecto familiar da descendência, impele à introdução de mudanças no quotidiano e a repensar projectos para o futuro³⁴¹. É assim que Mafalda deixa o seu emprego para cuidar da bebé e viver a maternidade a tempo inteiro: “*eu não deixei de trabalhar nunca. (...) Eu, eu os anos que “tive” sem trabalhar, entre comilhas – porque não trabalhava fora mas trabalhava aqui com ele e em casa – ...foi os dois primeiros anos que a minha filha... que nasceu a minha filha. (...) Mas o demais eu sempre trabalhei..*” (p. 18). Por seu lado, o marido “*um dia (...) disse que... tinha que começar a fazer alguma coisa porque a criança ia n... ia crescendo e... e claro aa... logo precisava de ajuda na escola e... e a ver quem la ia dar.*” – e decide voltar a estudar na Academia de um casal amigo que o instiga, o motiva e o apoiará (p. 31).

Na exploração da linha de análise adoptada destacam-se múltiplas cambiantes na condição identitária de M (Apêndice 8: Fig. 2 e Caixa 8; pp. 31 e ss.). Inicialmente, entre 1986-1988, ela passa de

Mafalda 10: mulher-resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada-mãe (adoptiva)-trabalhadora a

Mafalda 11: mulher-resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada-mãe (adoptiva)-trabalhadora- inactiva.

Neste mesmo espaço de tempo, o marido realiza, apenas num ano lectivo (1986/87), o “*graduado escolar*” (nível liceal) e, no outro ano, decide continuar os estudos e faz o exame de acesso à Universidade (Faculdade de Direito): “*Isso animou e... às tardes eu ficava aqui e... e ele ia estudar ali; logo começou a ir à noite, só. (...) Depois disse: «– Ba, só com isso não vou ficar!» E (...) CR. e FE. Disse: «– Porque é que não fazes o acesso à Universidade “p’a” maiores de vinte e cinco? A gente prepara-te!» E... começou a preparar-se, também, ali à noite, ia de 8 a 9 e meia. (...) e nesse curso de tempo, pois eu tinha a criança e “ajudava-le” e isso e... e ele tirou o acesso à Universidade, se apresentou e... também... ficou bem nos exames e isso, e depois já a ver o que é que ia fazer.*” (p. 31).

Como a Academia onde o marido estudava ficava nas imediações da residência familiar, enquanto ele faz o graduado escolar Mafalda substitui-o no emprego, à tarde, informalmente – o que resulta noutra cambiante da sua condição identitária: **Mafalda 12**: *mulher-resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada-mãe (adoptiva)-trabalhadora informal-suporte familiar*.

As reconversões identitárias abordadas até este ponto não são avaliadas por Mafalda nem de

³⁴¹ Cf. Caixas 8. e 8.1, e a Tabela 1 in Apêndice 8; cf. ainda as páginas 14 e ss; 31 e ss; e p. 49 da entrevista.

modo positivo, nem negativamente. Para mais, esta mulher cresceu e aprendeu a vida sendo trabalhadora e suporte familiar. O seu discurso informa-nos de *arranjos familiares estratégicos* e essenciais para *viablem a formação do marido*, formação, essa sim, avaliada por ela com sentimento de orgulho. Acresce ainda, que ambos tinham encontrado um ponto de equilíbrio e de maturidade na vida de casal: pela adopção da bebé, e também porque já não eram os dois estranhos do início de casados (pp. 15-16).

Na verdade, nenhuma recorrência social garante que a frequência-conclusão da Universidade por um dos cônjuges de uma família imigrante seja uma prática vivenciada e subjectivada, pelo outro cônjuge, como despromocional – sobretudo numa família tradicional, como é o caso. Na *trajectória migratória*, a *formação universitária* tende a emergir como um *factor de forte promoção familiar*, nomeadamente ao nível simbólico, informação replicada pela vasta pesquisa disponível. Que uma *pessoa estrangeira* consiga obter, *em língua estrangeira*, um nível superior de formação – grau a que nem todos os nacionais acedem –, é uma promoção vivida e reconhecida como tal, uma afirmação de *sucesso* e de *integração* sociais: esta tem sido uma das mais-valias procuradas por imigrantes ao investirem na educação de segundas e terceiras gerações. Uma das mais-valias, senão a maior, dada a prioridade das lógicas migratórias de promoção da vida familiar investindo na *trajectória laboral*. O mesmo investimento dos imigrantes é tanto mais *esforçado* quanto mais *remuneratório* e, quanto mais evidencie a *promoção* da sua *condição de partida*.

Poderia, então, questionar-se de novo a validade interna da designação contexto social problemático adoptada para esta etapa intermédia: Entre o *fim da crise do casal*, com a concretização da adopção no Momento 3, e a *mais profunda crise identitária* da *trajectória* de M no Momento 4, que *informantes*, *indicadores* de pesquisa fundamentam e legitimam essa designação? E em que *critérios de análise da fala*, da oralidade de M., se baseia tal categorização?

Os *critérios* e os *indicadores* de pesquisa, *emergentes e mobilizados*, radicam no rigor a que a leitura analítica do *discurso* desta mulher nos obriga, partindo do princípio que se pretende interpretar a sua reconstrução identitária.

Acontece que esta etapa intermédia de modo algum se inscreve num quadro de inserção cabal da família em foco. Aliás, afirmou-se que, com a reinclusão do Momento 3, o casal acede ao *estilo de privação relativa*, ilustrável por: *i) dimensões reduzidas* da *residência familiar*: habitação tradicionalmente reservada a porteiros dos prédios de zonas urbanas; *ii) centralidade*, no *tempo familiar*, do *trabalho* e de *actividades de manutenção* – associados à *contenção* de *despesas-consumos* e à *restrição radical* dos *tempos* de *lazer-férias*: “[pessoa] *que se pode dar o luxo de tirar o mês inteiro de férias e ir a tal sítio, e, e eu não posso! À parte de que eu não posso tirar férias, por exemplo, eu me gostaria ir passar o Natal a, a... a casa da minha mãe e não posso. Não (...) por o dinheiro, não; senão por o trabalho, que é quando mais trabalho, (...) eu digo [pessoas] (...) que têm um (...) bom ordenado ao fim do mês e que se*

podem dar ao luxo, pois de... tirar um mês inteiro de férias e ir... a Inglaterra, ou donde seja, não? (...) Eu quis ir à Suíça e tive que ir treze dias. (...) Porque ... não podia mais; fazes as contas do dinheiro e dizes: «– Não, até aqui podemos chegar... (...) ...e não podemos chegar mais». E... e encantada de ir treze dias, tampoco aa... me preocupo mais (...) não? (...) Dizes: “ Bueno, o melhor é treze dias que nenhum!” (Risos)”. (p. 38).

Também característica desta fase³⁴² da vida familiar é a divisão sexual das tarefas na casa, tarefas domésticas que M não desvaloriza: *“eu gosto muito da cozinha, gosto muito de (...) de meter-me um dia aí e começar a mover todos os armários e mudar tudo de sitio. Mas agora tenho o cão e não posso fazer tantas vezes isso. (Riso de M e de E.) Porque há que levar-lo à rua. (Sorriso) Mas vamos, está bem, está... compensa.”. (p. 14).*

A *acção de Mafalda*, entre a 1.^a e a 3.^a cambiantes da sua condição identitária – atendendo à *privação relativa da condição familiar* –, reveste-se de um claro realismo marcado pelo sacrifício estratégico. Quando o marido entra na Universidade, vai manter-se a sua racionalidade na acção, e vão adensar-se a implicação e o sacrifício estratégico. E é o intensificar da implicação identitária de M – num projecto de promoção familiar a longo prazo – é pela implicação, que ela **questiona** a sua *condição social de mulher*. Ou seja: no seio do mais promissor processo de promoção familiar, Mafalda *não se adapta passivamente: reivindica e assume, de modo diferente, o seu lugar*:

- a Mafalda que *precocemente* se iniciou no *trabalho*;
- a Mafalda que inesperadamente casou;
- a Mafalda que inesperadamente emigrou;
- a Mafalda que rapidamente se assumiu como Mulher-Esposa-Imigrante-Suporte familiar;
- a Mafalda que *reconverteu* a *impossibilidade* do marido ter filhos na *realidade* de serem *pai e mãe-adoptivos*, passa a afirmar-se como *construtora* do *seu* destino, ao longo das 3 Etapas do

Momento 4:

- ① a de Instalação na dominação;
- ② a de Consciencialização da dominação; e
- ③ a de Reivindicação e Luta pela Requalificação dos territórios fragilizados.

Deste modo, a complexidade da experiência vivencial do Momento 4 é mais do que o *reflexo* de um *factor* ou *problema*: é um processo gerado pelo cruzamento de duas trajectórias sócio-individuais

³⁴² Segundo M, a vivência no País Basco influenciou a gradual abertura do marido a partilhar as tarefas domésticas, prática que hoje é já é paritária lá em casa: *“(...) o meu marido também já se cos... costumou ir... ao supermercado, que ele não gostava nada e... (...) Eu hoje mesmo, o meu marido limpou-me todo o pó a isto e, e passou aspirador e passou o chão e não lhe passou nada! Eu olhei “p’as” mãos dele e ele seguia com os dez dedos, não? E... e não quer dizer que eu passado amanhã não o... faça eu; no Domingo tocou-me a mim!”.* (p. 46).

numa trajetória sócio-familiar que M, na 1.^a Etapa, começa por *assumir-reproduzir* e que, a partir da 2.^a Etapa tratará de *co-produzir*.

É assim que, na forma acima mencionada, em situação de privação relativa, o actor-mulher-M passa a ser M-Sujeito social Mulher. Adoptar este princípio analítico significou que nos focalizámos *no trabalho identitário*, protagonizado por M, de *reconversão da dinâmica familiar tradicional*. Trabalho só possível pela *consciência e recusa identitárias*, por Mafalda, de um *lugar tradicional* de um, suposto, *destino social de mulher*.

1.^a Etapa do PSD: ³⁴³ Monomarentalidade Simbólica – Isolamento Relacional e Sentimento de Solidão reais

Quando, em 1988, o marido entra na Universidade para frequentar Direito “*das carreira[s] que havia era a única que ele podia compensar só trabalhar de manhã e poder ir à Universidade à tarde...*”, Mafalda substituiu-o no trabalho da tarde (até Outubro de 1992). E retorna à condição de activa pela via do *trabalho informal* – uma vez que a actividade de M. é reconhecida pela Administração do prédio, se bem que não seja formalizada por contrato: “*Então falámos com as pessoas de... aqui para que ele pudesse ir à Universidade à tarde (...) e ficar eu aqui “p’a”... para fazer Direito. (...) E... e assim fizemos. A... a miúda “metiamos-a” na escola, com dois anos e eu ajudava-lhe e... e ele foi para a Universidade e... ali “teve” cinco anos estudando*”. (p. 31).

Desta vez, M *implicar-se-á bastante mais do que até aqui na sua vida*; investe no processo de requalificação do marido, o qual nos é apresentado como um projecto de promoção familiar. O seu *esforço identitário* neste projecto será reforçado, entre 1988 e 1993, de dois modos (pp. 19; 31 e ss; 49):

1) por sobrecarga das tarefas e responsabilidades até aí assumidas: *i) passa a trabalhar* continuada e intensivamente à tarde; *ii) passam a ser exclusivamente seus os cuidados e educação da filha* (quando esta não está na creche); e *iii) fica também exclusivamente a seu cargo as tarefas domésticas*;

2) por introdução de novas tarefas no seu quotidiano, pois passa a realizar tarefas de secretariado do estudo do marido: “*ele dedicou-se a estudar, eu ali à tarde (...) eu os apuntes que lhe podia fazer eu, ele fazia-me um esquema e depois eu ia-los fazendo; (...) eu “aquase” sabia tanto (...) que eu dizia: “- Também posso ir... à, à...” (...); logo fizeram um grupo de... na Faculdade (...) de amigos (...) logo eles repartiam su trabalho e eu encarregava-me das fotocópias. (...) Eu era a que... fazia as fotocópias, logo as separava e ten... e passavam logo por aqui a buscá-las, não? E... cada um tínhamos um trabalho já... cada um o seu trabalho feito. (...) foi uma época (...) ele dedicado aos estudos, estudava até muito tarde, às vezes dava-lhes as duas da manhã e ele seguia (...) eu li muito porque dava-me pena dormir-me e ele “tar” sozinho a estudar, então eu sentava-me a ler e... ”. (pp. 31-32).*

³⁴³ Cf. Caixa 8.

A implicação e o esforço identitários espelham-se em nova cambiante da sua condição: **Mafalda 13**: mulher-resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada-mãe (adoptiva)-trabalhadora informal-suporte familiar-secretária do estudo do marido (Apêndice 8: Caixa 8).

No reverso desse esforço identitário M vai vivenciar a profunda desqualificação da sua experiência social: quer ao consentir o amarfanhar de quase todos os seus territórios identitários; quer ao participar activamente na reorientação e na focalização da vida familiar em função da promoção dele.

A experiência de *M.-suporte familiar-secretária do estudo do marido* reconfigura vários recursos e capitais de 5 territórios identitários: materiais; sócio-espaciais sócio-temporais; sociabilidades; simbólico-representacionais e estilo da vivência identitária.

Capitais Materiais: restrição e contenção no uso

Caracteriza-se por uma nova gestão dos recursos familiares, reorientados para suportar a creche da filha e a formação do marido: uma vez que, desde a adopção, esses recursos tinham sido restringidos ao salário do marido.

Capitais Sócio-Temporais: o uso útil

A imprescindível planificação do uso dos espaços e tempos concretizou-se

a) na família: pela suspensão das vivências tempo-casal e tempo-família: “Fizemos... pois um, um parêntesis, como quem diz, na vida familiar” (p. 31);

b) por parte *dele*: pela restrição ao tempo-projecto: concentração exclusiva nas tarefas de estudo (individuais; em grupo, com colegas; com o suporte dela);

c) por parte *dela*: i) pela restrição ao tempo-suporte do projecto do marido: actividades domésticas, laborais informais, materno-educativas, e de secretariado do estudo dele (individual e em grupo). Como tal, a rentabilidade dessa *hiper-produção antroponómica* é orientada e aferida em função do contributo para a concretização do projecto dele: “e tudo porque o outro [o marido] tinha que estudar e eu tinha que trabalhar, não?”. (p. 37) “eu encontrava-me já nessa situação: de uma mulher que estava aqui, que fazia a comida para os amigos do marido e pouco mais.” (p. 16). E ainda ii) pela suspensão dos outros tempos: *privado e público, pessoal e social*.

Capitais Sócio-espaciais: Uso da Casa-Espaço-Antroponómico

A mudança reflecte-se:

a) por parte dele: i) na rentabilização do espaço casa-produção antroponómica: “Havia que estudar? A casa do X. Havia que não sei quê? A casa do X, não? E havia que comer? A casa do X., porque segundo eles, eu cozinheiro muito bem!”. (p. 15); e ii) na criação de novas redes de sociabilidade: colegas de estudo (p. 14);

b) por parte dela: i) no abandono forçado dos espaços e redes de sociabilidades pessoais e públicas: *“porque foram um par de anos que eu fiquei sem amigas, destas amigas de parque. (...) Porque não saía con, con elas, porque eu estava aqui na portaria todo o dia e... e de repente encontrei-me sozinha, com amigos, que tinha, mas noutra, noutra nível, não?”* (p. 14); ii) na restrição quase total ao espaço-casa: deixa de sair ou, quando sai, fã-lo sozinha: *“Porque Sábados e Domingos eu tinha que sair com a miúda sozinha... e... ir à praia sozinha, ir à piscina sozinha e... e tudo.”* (p. 31); e iii) na apropriação antroponómica (útil e rentabilizada) do espaço-casa.

Capitais Sociabilidades: dimensões Afectivo-Relacionais e Psicológico-Emocionais:

Abrange os paradoxos da fragilidade interiorizada, especificamente evidenciados por Mafalda através de *dois grandes tipos de sentimentos, paradoxais*, que ela vivencia: os gratificantes, e os degradantes:

1) Sentimentos Gratificantes:

- a) ser suporte de um esforço promocional do marido
- b) ser colaborante, assertiva, correspondendo com o seu próprio esforço e a sua eficácia-eficiência
- c) ser não-egoísta, pois com o seu sacrifício estratégico beneficia toda a família: *“porque isso já foi um projecto em comum. (...) Já foi uma coisa mais... que trabalhámos os dois p’o conseguir ainda que ele, era ele que se apresentava aos exames e tudo isso mas todo o... toda essa época de... ajudar-le, de... os maus momentos quando ele de... queria atirar tudo “p’a” borda, dizer-lhe: “– Pois não. Já chegaste até aqui podes conseguir, não o consegues em cinco anos fazes em sete, que não importa.” Esse empurro que uma dá, pois, hum senti-me muito orgulhosa quando ele terminou e aprovou e com muito boas notas”*. (p. 36).

- d) ser forte: encarar a situação como uma etapa transitória;

2) Sentimentos Degradantes

- a) sentir-se reduzida a esposa-criada: *“Então eu comecei-me a notar que era a... a esposa-criada. Há que hacer um jantar, pois M. faz o jantar, mas claro quem recorre é M. e eles seguiam falando. (...) Então isso a mim fazia muito... ainda que eu não dizia nada, doía-me muito!”* (pp. 15).
- b) sentir-se reduzida a mulher-floreiro; e
- c) sentir-se reduzida a mulher-submissa: *“porque se não eu tinha, pois acabado... isso: ser a mulher submissa (...) a mulher-floreiro, como eu costume dizer. (...) (Sorriso) Pois, uma mulher que “tá” aí, que é muito bonita, que é muito... pero que é tão tonta que não vale mais que para estar aí, para fazer... Não é que eu seja bonita e isso, mas...”* (pp. 16);
- d) sentir-se abandonada e incompreendida por amigas e outros; sofrer calada (pp. 14 e ss.):

“Houve um momento que eu comecei a pensar que ”táva”, pois isso a ficar sem amigas (...) e tudo porque o outro tinha que estudar e eu tinha que trabalhar, não? (...) E logo chegas à conclusão de dizer: (...) «não posso sair (...) de Lunes à 6.^a Feira, pois saio Sábado e Domingo! Se posso-me juntar com elas muito bem, se não posso, pois mal assunto, então não são amigas»; como tenho uma amiga, amiga, costuma dizer, quando eu digo: «– Oh! É que eu fiquei sem amigas, por causa de ficar aqui»; «– Então não eram tuas amigas! Porque se fossem tuas amigas vinham aqui a ver-te.» E começo a pensar assim e é verdade!” (p. 37);

e) sentir-se desprovida de autonomia: zonas de vida e campos de decisão: “Mas esses amigos de parque que te juntas porque as crianças são pequeninas (...) que não são amigas íntimas, mas necessitas disso, não? Porque é o dia-a-dia, o conviver...(...) o explicar «... que a minha filha hoje fez-me isto e a minha fez-me o outro.» As experiências essas, não? Perdi isso (...) porque entretanto, enquanto ele fez o graduado e fez o acesso, eu sempre saí. (...) Foi o momento que ele entrou na universidade.” (p. 15);

f) sentir-se degradada pessoalmente, até um limite nunca antes vivido: “veio-me essa coisa à ideia de que ele está a crescer e eu cada vez estou a ficar mais baixa...” (p. 14).

Capitais Simbólico-Representacionais: Desqualificação, Queda

Esta queda desqualificadora arrasta

1) a reconfiguração do tempo familiar em tempo de viuvez simbólica: “foi os cinco anos em que eu «tíve» viúva, como quem diz.” (p. 31);

2) a reconfiguração simbólica do *espaço-casa* em: i) casa de família monomarental; ii) espaço antroponómico da carreira do marido; iii) espaço de nenhum-lazer; iv) espaço de restrição dos afectos;

3) a reconfiguração das transacções identitárias de M. em: i) esposa separada-viúva: “E então chegaram-me a perguntar se eu me tinha separado...” (p. 15); ii) mãe-monomarental; iii) cónjuge-criada; v) mulher inculta; v) pessoa inferior-ridícula e insegura; vi) mulher-pessoa-desvalorizada: “quando ele estava a estudar e que aqui se juntavam, que eu tinha medo. Igual medo ao ridículo assim, não?” (p. 16).

4) na subversão degradante da condição de M: da tradicional tríade mãe-trabalhadora-doméstica para trabalhadora informal-doméstica-secretária-esposa-mãe.

Apesar de fragilizada e magoada, Mafalda começa por *interiorizar* e *assumir* o processo de promoção do marido; daí que encare a *desqualificação de si própria* de forma *estratégica* e *útil*.

Guiada pelas estratégias identitárias do realismo e do sacrifício estratégico, a sua vivência social da dominação na 1.^a Etapa passa, assim, da *primeira fase de reacção – adaptação* – à *segunda fase, de instalação*.

2.^a Etapa do PSD/R: Da vivência Dominada à Consciencialização³⁴⁴

Face à profundidade dos múltiplos territórios identitários abalados pela 1.^a Etapa, M *deixa de reagir abnegadamente*. O ponto de viragem da sua atitude dá-se na 2.^a Etapa, quando enceta a *terceira fase de reacção*: reflexividade, auto-crítica, reavaliação do trajecto e da posição, são os Mecanismos estratégicos que acciona. Após identificar lucidamente os territórios desqualificados, decide inverter o processo. Repare-se como o fez.

A fase de consciencialização de Mafalda ensina-nos um dos modos, em situação de *recursos restritos*, de os sujeitos sociais poderem *recriar* os dispositivos identitários de requalificação social.

Repita-se que a *conjura identitária* de M. não visou a ruptura nem com a sua condição de origem-pertença – no caso, a família constituída, vivendo carências relativas –, nem com a trajectória ascendente do marido: **continuará a ser a mulher-suporte daquele projecto promocional**.

É evidente que a 2.^a Etapa, e especificamente esta *terceira fase de reacção* do Momento 4, parte da comparação avaliativa de M com o marido (pp. 14-15); e que o saldo resultante é negativo para ela.

Contudo, a ruptura dessa mulher não coincide com uma crise conjugal.

E a mudança-ruptura de M. muito menos é singular-individual: é, sim, *exemplar*, da possibilidade de as mulheres se reconfigurarem em sujeitos sociais. Porquê? Porque **a reconstrução identitária pessoal** que ela desencadeia **emerge de um trabalho de reivindicação reflexiva face ao seu espaço relacional**: “*E logo chegas à conclusão de dizer: “ Oh! Pois, tão pouco é... questão de... levá-lo tão à tremenda! Aa... tenho um marido que “tá” a conseguir tudo o que ele quer, eu ‘tou feliz com... com o pouco que tenho, aa...”* (p. 37).

Pelo que a reconstrução identitária pessoal de M. terá de repercutir-se nas suas *redes de sociabilidade*: família, núcleo de amigos, emprego.

A *reflexividade* expressa pelo relato projecta-se em **dois campos de conjura identitária**, justamente porque M., ao definir prioridades de mudança, ainda congemina, criativamente, diversas tácticas de ruptura com a vivência dominada – já na Etapa de Requalificação do processo de desqualificação.

3.^a Etapa do PSD/R³⁴⁵: Requalificação Identitária de Mafalda

Mafalda elegeu duas prioridades centrais: a pessoal e a relacional.

A prioridade pessoal é a decisão de se auto-promover culturalmente (pp. 15 e ss.): “*uma mulher que “tá” aí, que é muito bonita, que é muito... pero que é tão tonta que não vale mais que para estar aí, para fazer (...) entonces digo: hasta aqui, começas a pensares: como é que o podes fazer sem ir à universidade, em cima, não?”* (p.16).

³⁴⁴ Cf. novamente a Caixa 8.

³⁴⁵ Cf. Caixa 8.1. e, novamente, a Caixa 8.

Mas o fulcro da sua auto-promoção seria a prioridade relacional, *motivo objectivo da sua luta reivindicativa*.

1) A Prioridade Objectiva: lutar pela requalificação relacional

O grande desafio que Mafalda se auto-propõe é o da participação no grupo de colegas de estudo do marido.

Participar, para ela, significa ultrapassar a mera dimensão antroponómica: *“Porque à hora do café, claro, enquanto eles tomavam café eu ia para a cozinha... (...) ... a esfregar. E... claro, o melhor da festa, como quem diz, era a hora do café, que é já quando estão todos a falar... (...) Não é que eu seja bonita e isso, mas eu encontrava-me já nessa situação: de uma mulher que estava aqui, que fazia a comida para os amigos do marido e pouco mais. (...) E então eu não queria ser mulher-floreiro. Não podia ser mulher-floreiro.”. Participar implicava, então, incluir-se e ser aceite em paridade e, consequentemente, em igualdade de oportunidades e de poderes, como ela diz: “A querer superar porque se não eu tinha, pois acabado... isso: ser a mulher submissa (...) a mulher-floreiro.” (pp. 15-17).*

Para conquistar o objectivo, M decide mudar em 8 grandes campos das suas práticas, e elege três vertentes de reorientação da acção identitária e do uso do tempo: gestão das práticas de suporte; luta pela dignidade identitária e afirmação da reivindicada reconstrução identitária.

A - Campo da Gestão-Suporte

Mafalda redimensiona campos e tempos utilitários:

1) reorganiza as práticas domésticas, familiares e laborais; 2) relativiza as práticas antroponómicas sem as renegar: *“«- Se há que esfregar a louça, amanhã, eu deixo tudo mas eu quero estar aqui e quero falar com eles.» (...) à hora do café...»” (p. 15); 3) abre-se ao exterior e reavalia e selecciona núcleos de sociabilidade: “Porque eu tenho amigas, amigas, que como eu não posso ir donde elas, elas vêm donde mim, entram: «- Fazes-nos um café?». Pois “tão” aqui meia hora, meia hora vão-se e tomaram um café comigo, porque sabem que eu não posso ir com elas a tomar um café fora. (...) E então é o que (...) digo, pois as amigas são essas. As amigas, e depois tenho uma, tenho uma, uma que cada... três dias se não nos vemos chama-me: «- Precisas de alguma coisa? Tás mal? Não, pois já tomarei logo um café contigo à tarde.» Pronto e... e é suficiente, não?” (p. 37).*

B - Campo da luta pela dignificação

M diversifica práticas e uso do tempo:

4) investindo em várias actividades de promoção do seu nível informativo e cultural: *“Então depois nada! Pores-te ao dia de tudo o que (...) um pouco de cultura general, não? (...) E... e o que é que se consegue” (p. 17);*

5) reconstruindo globalmente o seu quotidiano (p. 15): i) busca centros de interesse e procura fontes informativas e culturais: “*Algo que pudesse logo, quando “tivessem” eles a falar...*”; ii) retoma o gosto da infância pela leitura: “*Então eu voltei muito na, na leitura, para estar um pouco à altura dele. (...) Eu voltava-me na leitura. E... queria saber mais. (...) Eu de pequena também gostava mais de ler e isso, não?*”; iii) escolhe, entre os programas televisivos, documentários e noticiários: “*Nunca fui de televisão, no sentido das telenovelas, de ver filmes que não te dizem nada, não... nunca, nunca; nem de pequena, tão pouco. (...) Mas, muita gente eu sei que se volta logo, pois na televisão a ver novelas, ou isso. Eu voltava-me nos, nos... informativos, nos... documentales*”.

C - Campo de Afirmação Reivindicativa

Nesta reivindicação, Mafalda

6) implica-se numa presença activa nos momentos de convívio do grupo de estudo: “*então eu comecei-me a meter, também*”. (p. 16);

7) reconfigura a anterior presença antropológica em pertença relacional; e 8) afirma a sua presença-pertença relacional pela partilha dos núcleos de interacção e pela prática da argumentação: “*E... logo pensar que tens ideias próprias, que não hace falta que um senhor venha, ou uma senhora, dizer: «tu tens que pensar assim.» Não, não. Eu penso como eu penso e punto!*”. (p.16).

A diversidade das frentes de trabalho enunciadas explicita bem o esforço identitário implicado e investido por Mafalda na concretização das novas aspirações: “*E creio que isso para mim foi um... um passo para que eu também me quisesse superar...*” (p. 14). O sucesso da reconfiguração e da reconstrução identitárias de M trazem a 14.^a cambiante da sua experiência social em **Mafalda 14**: Sujeito Social Mulher (resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada-mãe (adoptiva)-trabalhadora informal-suporte familiar-secretária do estudo do marido-Sujeito Social).

Especifique-se que o período fulcral para o *trabalho de reconstrução* de Mafalda se desenrolou desde a entrada do marido na Universidade, em 1988, até finais de 1992, quando aquele vai estudar para Coimbra (ao abrigo do Programa *Erasmus* – pp. 32 e ss.). Justifica-se esta precisão pelo teor do testemunho: o relato da estada dele exprime *orgulho* mas, acima de tudo, *serenidade*. São sentimentos que nos confirmam uma *Mafalda, mulher e esposa, reconciliada*; e esses mesmos sentimentos ainda validam melhor a nossa análise: **é pela reconfiguração das transacções identitárias, mediante as reacções de luta reivindicativa, que M requalifica a condição social actor social-Mafalda-mulher dominada na condição Mafalda-Sujeito Social Mulher.**

Já reconciliada e requalificada identitariamente, a *situação laboral* de M sofrerá alterações enquanto o marido estuda em Coimbra. O seu *trabalho de porteira* passa, *temporariamente*, a ser *legal*, com a contratação por 6 meses, a tempo inteiro, entre Outubro de 1992 e Maio de 1993.

Aquando do regresso do marido (de Maio até fim de 1993), a Administração do prédio fará ao marido um contrato de 6 meses; passado este período, e já tendo concluído a Licenciatura, ele decide abandonar o emprego para se dedicar à preparação de provas para concursos a lugares públicos (pp. 32 e ss.). Neste contexto, é M que passará a assinar o contrato laboral, desde 1994, e, definitivamente, substitui o marido no emprego, formalmente e a tempo inteiro (p. 49) – iniciando a sua actual condição: **Mafalda 15:** Sujeito Social Mulher-Suporte Familiar (resistente-e mediadora-esposa-imigrante implicada-mãe adoptiva-trabalhadora-exclusiva fonte de recursos familiares-suporte familiar-secretária do estudo do marido).

Actualmente, Mafalda está activamente conformada com a sua condição de *suporte familiar* (p. 49). Fazendo o paralelo entre si própria e a mãe, ambas *mulheres-suporte*, constata a inversão dos papéis tradicionais em ambas as famílias: “*eu vejo que neste momento toca-me a mim a tirar a vida por delante e... e, e não passa nada! (...) É um..., pois num momento dado ficarei eu sem trabalho e tocará a ele e... homem!, o normal sempre é que seja o homem a levar o dinheiro a casa, sempre foi assim, não? Pois, em mi caso não. (...) Eu... desde noventa e quatro... (...) sou eu que “tou” levando o, o dinheiro a casa e tampoco passa nada! (...) Pois, eu vejo isso, que neste momento toca-me a mim; eu também vi a minha mãe tirar a família p á... “p’a” diante, muitas vezes era... só o dinheiro da minha mãe e tampoco passava nada!, são as circunstâncias da vida q’a que aceitá-las!”* (p. 49).

Quanto ao seu desempenho das tarefas laborais – tradicionalmente masculinas –, e comparativamente ao desempenho anterior do marido, avalia-o como igualmente competente: “*Normalmente é feito por um homem. (...) as feministas a dizer que eu “tou” a desempenhar um papel de homem! (...) Desempenho igual! (...) Não têm... porque desempenhá-lo pior nem melhor (...) Mal ou bem, uma se arranja! (...) Que remédio!”* (pp. 49-50).

Exprime ainda a sua *atitude optimista* ao referir que tem confiança no futuro, perspectivando a *reinserção laboral do marido*, ainda que consciente de a idade dele poder ser um obstáculo à sua selecção. No momento de realização das entrevistas, e como acima foi dito, ele preparava provas de concursos públicos para a Comunidade Autónoma de Barcelona (pp. 32-33), passando a justificação da escolha daquela região pelo maior número de vagas aí existente, e por maiores facilidades linguísticas.

Portanto, a estratégia da mobilidade social ascendente pela *mobilidade geográfica* continua a legitimar outras *rupturas espaço-laborais previstas* por M e que compõem o projecto de um futuro melhor para ela e a família.

6. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO E AUTO-CLASSIFICAÇÃO POR MAFALDA

6.1. – Comparação e Classificação Social

6.1.1. Comparação Intergeracional

É positiva a avaliação de Mafalda, quando compara o tipo de vida pessoal e da sua família com as famílias ascendentes (dela e do marido) e com as vivências de ambos.

1) Família(s) de origem

Comparativamente à vida da mãe, M avalia globalmente a sua trajectória como ascendente, para o que recorre a três termos de comparação: *a)* a promoção do tipo de vida aliada às alterações dos modelos familiares quando nota que, actualmente, as famílias têm menos filhos; *b)* a melhoria da qualidade do trabalho doméstico, quando afirma que *i)* é menor em volume, o que também relaciona com *ii)* a redução do esforço das tarefas domésticas (M já não tem de ir lavar a roupa no rio, como a mãe), facultada pelos electrodomésticos: frigorífico, máquinas de roupa e louça; e ainda *c)* as melhores condições dos equipamentos habitacionais, dispondo de água, de electricidade e de TV em casa (pp. 19-20).

No que respeita à família de origem do marido, as condições habitacionais são o indicador mais saliente no discurso: ao qualificar a casa da sogra como *pobre mas asseada* – “*não haveria para comer*” (p. 41) –, M induz-nos a perceber que também ele conseguiu uma mobilidade ascendente em relação à vida da sua juventude.

2) Vida dela e dos irmãos

Na comparação com os irmãos M distingue entre os irmãos homens e uma irmã. Considera que a promoção do seu nível de vida é semelhante ao percurso daqueles, embora contorne a diferente condição face aos meios de produção, de um deles; destaca ainda o percurso de uma irmã como de maior sucesso do que o seu.

Quanto aos irmãos homens, o argumento central refere-se à condição perante o trabalho no território identitário laboral pois, presentemente, todos eles estão empregados (pp. 19, 36): *i)* o irmão mais velho como chefe de águas no Município da terra natal, onde trabalha desde os 14 anos; *ii)* de outro irmão refere que é carpinteiro; *iii)* e ainda de outro irmão afirma que tem empresa própria (p. 19) – informação que, curiosamente, não interpreta como factor de diferenciação na fratria. A estratégia migratória de dois desses irmãos – um, na Alemanha; outro na Suíça (pp. 19, 34) – é o outro argumento a que recorre para elucidar a semelhança entre os estilos de vida dela e os dos irmãos homens.

Ao avaliar a posição de uma das irmãs como mais bem sucedida do que a sua própria, percebe-se que o faz a partir de um grande nível de distinção: a propriedade – de automóvel e de casa de habitação (p. 37). Ficamos, assim, a perceber que, para M, o poder de consumo é um indicador de sucesso social mais significativo do que a autonomia laboral (atributo de um dos irmão acima referido). A condição de género (irmãos/uma das irmãs) parece ser fortemente influente desta categorização de Mafalda.

6.1.2. Comparação Intrageracional

1) Avaliação da Trajectória Migratória Familiar por M

Estilo de vida de integração social, deste modo considera M que leva uma vida igual à da maioria das famílias (em Espanha e em Portugal). Essa comum forma de vida consiste em poder *viver o dia-a-dia* (p. 36) sem grandes luxos, nem grandes gastos, nem viagens. Mas Mafalda pensa também que evoluiu cultural e relacionalmente, em relação às “*pobres mulheres do campo*” (p. 26). Portanto, de forma abreviada, podemos dizer que Mafalda se posiciona como equiparada face ao modo de vida urbano; e como superior face ao modo de vida rural do país de origem.

Globalmente, Mafalda avalia como *positiva* a emigração, ao ponto de o *retorno* emergir no seu discurso como um *retrocesso*, ou mesmo um *empobrecimento* da trajectória sócio-pessoal-familiar.

Tabela 1 – Níveis de Comparação Social e Categorização dos Emigrantes Portugueses no PB, por Mafalda

| Distinção (Perfis Identitários) Comparação (Níveis) | Eles: <u>Ambiguidade Identitária</u> (os outros Imigrantes Portugueses no PB) | Mafalda / o Casal : <u>Coerência Identitária</u> |
|--|--|---|
| <u>Classificação</u> da condição social no PB | Consideram-se E/Imigrantes + Para M “eles são” Imigrantes | Não se considera(m) E/Imigrantes (p. 26) |
| <u>Capitais</u> <u>Herdados</u> Falar Português | Não | Sim |
| <u>Identitários</u> <u>Assumidos</u> Cumprir Compromissos | Não | Sim (pp. 11 e ss.) |
| <u>Transacções Relacionais:</u> Integração no País de Destino | não se adaptam a viver aqui: estão desejando terminar de fazer a casa para ir para Portugal” (p. 26) | “...!aqui é donde tenho a minha vida e eles não!” (p. 26) |
| <u>Estatégia Identitária Dominante</u> Prioridade como Imigrantes: Aferrar | Juntam dinheiro: estão desejando terminar de fazer a casa para ir para Portugal” (p. 26) | Não: “também será que não tenho posses e...eu também gosto de lá ir” (p. 26) |
| <u>Projectão no Futuro</u> Sonho do Retorno ao País de Origem | É o sonho deles: estão desejando terminar de fazer a casa para ir para Portugal” (p. 26) | Não: tem saudades de Portugal mas ao fim de uma semana está “desejando volver” desde que encontre os familiares bem (p. 26). |

No que respeita à comunidade portuguesa, para ilustrar o seu desconhecimento de imigrantes pobres, recorre a dois argumentos-indicadores de inserção: laboral, da 1.ª geração; e inserção escolar da

2.^a geração (pp. 43-44). Mas ao comparar a sua vida familiar com a dos outros emigrantes portugueses em Snsn (Tabela 1) M acciona a dicotomia etnocêntrica *Nós-Eu/os Outros*, que se revela eficaz a dois níveis:

1.º - ao designar diferentes condições sociais, distinção socialmente diferenciadora que enuncia assim: ela e a família (sendo efectivamente emigrantes) não é(são) emigrante(s) (M nunca se sentiu emigrante - p. 26); *versus, eles* (que também são efectivamente emigrantes) são emigrantes na sua leitura;

2.º - na projectão da mesma distinção para diferenciar os estilos de vida e respectivas expectativas futuras, sob a forma de dois perfis identitários dicotómicos: a Coerência Identitária de Mafalda e da família; e a Ambiguidade Identitária dos *outros* imigrantes portugueses. Como se observa na Tabela da página anterior, a elaboração dos *perfis* abrange 3 níveis de comparação: 1) Capitais Identitários a) herdados: relação com a Língua Materna; b) assumidos: honestidade identitária; c) e em curso: transacções relacionais; 2) Estatégia Identitária Dominante: prática de poupança associada intimamente à 3) Projectão no Futuro: ao *sonho*, comum aos imigrantes, do *Retorno* à terra e da construção da casa familiar.

2) Trajectória do Casal

O exposto converge com a avaliação, também como ascendente, da própria vida do casal. Embora M reconheça ter passado “*ao princípio bastantes*” dificuldades, “*Mas tampoco passei fome.*” (p. 44), aponta a emigração como o factor decisivo da promoção familiar, quer para a melhoria do *nível de vida* do casal: “*Completamente!*” (p. 44); quer para a *estabilização familiar* – continuidade e amadurecimento conjugais (pp. 44-45).

3) Mafalda: Reavaliação dos PSD/R

Na reflexão em torno dos vários processos de desqualificação, reafirma que as soluções encontradas para os três³⁴⁶ Momentos Marcantes foram eficazes, tanto mais que aqueles foram superados. Ao mesmo tempo, M reconhece ou insinua consequências negativas para a sua vida, inerentes a cada um desses Momentos. Da *valorização global das consequências positivas*, destacam-se:

- no 2.º Momento Marcante: a melhoria da vida do casal – é uma relação assente na “*cumplidade*” e na amizade: “*eu hoje durmo com um amigo (...)* [se ele morrer] *morre-me o carpinteiro, o electricista*” (p. 18); e a emigração, ao provocar a distância e o isolamento das famílias de origem, também condicionou e garantiu essa *estabilização-pessoal-familiar, afectiva e relacional* (pp. 44-45);
- no 3.º Momento Marcante a superação resultou na adopção da filha;
- no 4.º Momento Marcante: a reconstrução identitária de M como *sujeito social mulher-cidadã*. Como se analisou, as mudanças na sua actividade profissional e no seu papel, assumido, de suporte financeiro da família – embora enquadrando-se numa trajectória laboral que não realizou a sua

³⁴⁶ Excluído o Momento 1 da socialização primária, o da *Mafalda-solteira*.

aspiração de ser enfermeira, antes contribui para a concretização do projecto do marido –, são globalmente avaliadas como positivas por M.

Ao auto-posicionar-se na estrutura social, reconhecendo que onde vive “*há gente que «tá» muito bem*”, Mafalda delimita bem o seu núcleo de amigos, como se explana a seguir.

6. 2. Auto-Classificação e Auto-Posição Social de Mafalda

Diz-nos M que os seus amigos, e do casal, não são pobres. O critério que utiliza para tal categorização comum é a integração laboral. Nessa condição comum identifica diferenciações internas, pois sinaliza que uns vivem melhor do que outros, especificamente ao afirmar que alguns desses amigos vivem em melhores condições do que as da sua família: “*pelo menos sei que ‘tão aí e sempre é melhor amigos ricos que amigos pobres.*” (p. 36).

Quanto à sua posição social avalia-a como média, dado que não se considera, nem à sua família, *rica* nem *pobre* (pp. 38 e ss.). E ainda que recorde, como se expôs, as *bastantes* dificuldades do início da sua vida, M sublinha “*que sempre há gente pior que uma*” (p. 36) – leitura que relaciona claramente com a dimensão subjectiva da pobreza: “*também (...) há pessoas que se conformam mais fácil que outros*” (p. 37).

Caracterizada por uma lógica de acção realista, a avaliação da sua posição social também enuncia outras lógicas de acção como a interacção, a utilidade e a racionalidade limitada. O sacrifício estratégico, aliado ao realismo, é vivenciado por M como uma forma de conformação ou adaptação, não passivas, características de quem se auto-define como *muito realista* (p. 36), *optimista* (p. 42), e habituada a aceitar as circunstâncias da vida, pois *quem não se consola é porque não quer* (pp. 36 e ss.).

7. CATEGORIZAÇÕES DE POBREZA, RESPONSABILIDADES-FACTORES E «LUTAR CONTRA»

Recursos e estilo de vida, são factores presentes na sinalização por Mafalda das condições sociais *não pobres*; no que respeita às condições sociais *pobres*, a categorização que elabora é mais diversificada e específica. Por sua vez, disposições individuais – acomodação – e interioração da cultura da pobreza; e limitações da vida urbano-industrial, são os factores mais perenes ou resistentes da pobreza contemporânea, persistindo, no mesmo discurso, os atributos medievais da *dignidade* e *indignidade* das condições socialmente designadas como *pobres*.

7.1. – Factores de Pobreza

Com efeito, a sua explicitação da condição social de rico assenta em dois critérios 1) recursos económico-materiais, que ela associa a rendimentos de trabalho elevados; e 2) estilo de vida que associa, por um lado, ao desafio e à despreocupação no uso/gasto do dinheiro; e, por outro lado, a diferenças na

apropriação do tempo, especificamente, no uso do *tempo de lazer* (p. 38).

Já quanto à *pobreza*, M considera que são 4 os factores de *empobrecimento*, dois deles estruturais e os outros dois resultantes da des-coincidência, mediada pelas expectativas sociais, entre *práticas* e *padrões dominantes*. Assim:

1- factores estruturais: a) *tecnológico-laboral*: destaca a crise no trabalho, o desemprego como problema decorrente da reconversão tecnológica (pp. 41 e ss.); b) *modelo da globalização*: destaca o facto de a pobreza não ser uma realidade localizada (tal como a reconversão tecnológica): “... ’tá por todo o mundo” (p. 41);

2- factores da des-coincidência práticas/padrões sociais: a) ao nível simbólico-relacional do desvio social salienta a toxicodependência i) pela delapidação dos recursos famílias: “*ficaram sem nada! Porque os filhos roubavam (...) lhes tiravam tudo*”, referindo-se a duas famílias da sua rede de sociabilidade; mas sobretudo ii) pelas marcas psicológico-emocionais (“*nível sentimental*” - p. 39); b) ao nível do consumismo (p. 39), associa a pressão social para consumir a sentimentos e comportamentos sociais, tais como: i) a frustração dos que se sentem impotentes para corresponder ao padrão; e ii) a incapacidade de certas famílias se conformarem com um nível de vida inferior, realista e, como tal, não controlarem nem restringirem os consumos. Na perspectiva de Mafalda, trata-se de não saber ser feliz com o que se tem e com o trabalho que se tem.

Acrescenta ainda que, na sua opinião, o factor *tecnológico-laboral* não é *causa suficiente* para consumos dependentes – factor 2 a) – para o que recorrendo ao exemplo do pai-alcoólico. Considera ainda que *a pobreza por inconformismo* – factor 2 b) ii) – é, por vezes, a *pior classe* de pobreza (p. 38).

7.2. – Tipologias de Pobreza

Mafalda parte da afirmação de que *os pobres não são todos iguais*. Seguindo este raciocínio, expõe duas tipologias de pobres, numa *lógica binária e dicotómica*:

1.^a Tipologia: A - voluntária-pessoal – consiste na *pobreza da pessoa, voluntária* e, como tal, *indigna*, caracterizada por um *modo de vida* ao qual essas pessoas se acomodam e não querem sair. Marcados pelo *conformismo* estes pobres são, para ela, pessoas “moles”, sem carácter (de que dá o exemplo da dificuldade do realojamento de ciganos – pp. 39-40) – e distinguem-se dos pobres de tipo B. Esta pobreza involuntária-material é a *pobreza de recursos, involuntária e digna*, que M caracteriza pelo desemprego (*p.ex.*, dos operários) e pelas conseqüentes desqualificação social, e dependência dos subsídios (de que dá como exemplos o rendimento social de inserção e a acção social da Cáritas Diocesana). Para M estes pobres “*sigue[m] sendo pessoas com seu orgulho!*” (p. 40); pelo que são pessoas dignas e não acomodadas, pois têm vontade de mudar e de melhorar a vida – atitude que ilustra pela capacidade

destes pobres re-defenirem prioridades de consumo³⁴⁷.

2.^a Tipologia: C - rural-distante-meio de origem, é a *pobreza de “lá”*, do Portugal rural, associada por M a “*outra maneira de viver*” (p. 80). Na sua opinião, esta condição pobre possibilita a compensação do desemprego, de dois modos: pela agricultura de subsistência e pela troca de serviços e bens alimentares. Os casos a que recorre são o do cunhado (p. 36) e o de uns primos afastados do marido (p. 43). Inversamente, a *pobreza de “aqui”* – D - urbana-próxima-meio envolvente – é pior do que a rural porque, em meio urbano, um desempregado não dispõe de outros recursos nem de outros expedientes para viver além dos decorrentes do quadro laboral (p. 43).

7.3. – Factores e Medidas de Requalificação Social

A perspectiva de pobreza de Mafalda reflecte-se, de modo coerente, na selecção que faz dos factores de re-qualificação e que se informa em várias das dicotomias já expostas, e que atravessam as abordagens modernas do fenómeno: pessoal/social; dignidade/indignidade; actores: interiorização da cultura da pobreza/culpa-corresponsabilização / efeitos do sistema: vítima-desresponsabilização, campos e medidas de *empowerment*.

Pobres do Tipo A – pobreza voluntária-pessoal: segundo Mafalda, não é possível requalificar este tipo de pobres, porque já se acostumaram a viver pobremente e “*não se adaptam*” à mudança de estilo de vida. Os atributos individuais interiorizados pelo/ao longo da vida pobre – ou seja, a *cultura de pobreza* – não lhes permitem rentabilizar os apoios ou factores exteriores de mobilidade: para M, eles nem querem mudar, nem mudam a maneira de viver.

No seu discurso, a requalificação associa-se, pois, às capacidades-competências pessoais-individuais, especificamente: auto-estima, motivação e força psicológica para lutar com dignidade contra o estilo de vida pobre: “*o importante é intentar sair (...). Intentares buscar o que seja!*”. E lutar com dignidade é, em suma, trabalhar “*enquanto eu possa trabalhar*” (p. 41).

Pobres do Tipo B – involuntária-material: por seu turno, a requalificação destes pobres assenta no esforço pessoal, na sua força de vontade e na capacidade para se adaptarem à mudança do estilo de vida pobre. M considera que, uma vez portadores destes atributos individuais-pessoais, os apoios exteriores têm efeitos positivos na sua readaptação a outro modo de vida porque, como acima se apresentou, estas pessoas têm *orgulho*.

Pobres dos Tipos C e D: Mafalda fala de dois factores de condicionamento ou potenciação da requalificação de ambos: o estilo de vida e o contexto-meio envolvente. Porém, segundo ela, os pobres de tipo D (urbanos) estão *mais determinados exteriormente*, ao estarem restringidos, em sua opinião, ao

³⁴⁷ A entrevistada desenvolve este argumento na página 41, onde também se pode ver a sua menção à sogra como exemplo real.

recurso-trabalho. Acresce ainda que as competências pessoais-individuais destes pobres não são eficazes devido à desvalorização de que são alvo pelo estilo de vida e pelas sociabilidades urbanas. Ao contrário, M opina que os pobres tipo C (rurais) podem rentabilizar competências-expedientes, por disporem tanto de recursos paralelos ao trabalho, quanto de redes sociais de suporte³⁴⁸.

Em relação às medidas globais de *requalificação social*, Mafalda elege duas – repor a garantia de emprego e repensar as regalias dos Reformados – ambas convergentes com a análise que fez do problema, e não desgarradas da sua própria vivência, como se pode ver pela exposição.

1.^a medida: garantir o *Emprego* – Mafalda é bastante crítica e dura a respeito do processo contemporâneo da *reconversão tecnológica*, associada ao *aumento do desemprego* e à *precarização do trabalho* (pp. 41-42). Aliás, salienta no seu discurso o paradoxo em que este processo se converte: ao reduzir o emprego, provoca a redução das possibilidades de consumo o que, segundo ela, torna disfuncional a segunda vertente da reconversão – a melhoria e o aumento da produção: “*quem “tá” aa... a trabalhar numa fábrica, q’antes, igual, havia mil pessoas a trabalhar, agora hay dois “robots” e um director de fábrica; e, e quem pode comprar esse carro!? Eles mesmo creio que “tão” a (...) a estragar... tudo, não? Porque a coisa é reconversão e, e, mas claro reconversão, as pessoas “tão” a ir “p’á” rua, para reconvertir essa fábrica, não? (...) E... quem compra logo porque, claro, a pessoa “tá” na rua, não têm trabalho, não têm mais que “p’á” comerem, quem vai comer, bem, quem vai comprar a última televisão, último modelo? Último carro?”* (pp. 41-42).

Assim, bem claro fica o seu entendimento do trabalho como o recurso essencial para os processos de desqualificação e de requalificação social.

2.^a medida: Repensar as Regalias da condição dos *Reformados* – para M, a amplitude da protecção social aos Reformados (reduções de despesas com saúde, tempos livres, transportes – pp. 42 e ss.) é, por um lado, excessiva e, por outro, alvo de abusos. Ainda que reconheça que são direitos adquiridos no passado pela trajectória laboral daqueles cidadãos, mostra-se inquieta face à consciência das recentes alterações da segurança social, das políticas sociais em geral, e da insegurança com que os actuais trabalhadores, como ela, encaram o futuro: “*«Eh! Es que trabalharam toda a vida!» Sim, a gente também vai trabalhar toda a vida e o que é que nos espera?»* (p. 42).

A igualdade na construção de perspectivas futuras emerge como um factor promocional e de requalificação social, para esta cidadã que sempre vinculou a sua posição social de *mulher-suporte* à actividade laboral.

³⁴⁸ Cf. a ilustração dada pela entrevistada, ao comparar os diferentes impactos da crise da agricultura dos anos 80 na região de Donostia-SnSn e na sua terra em Portugal.

7.4. - Tendências do Fenómeno Social «Pobreza» no Futuro

Não considerando que *a pobreza de hoje* seja diferente das formas *do passado*, aponta como tendência ao longo do tempo o aumento desse problema: “*igual, também há mais pobreza*” (p. 39). De forma coerente com a avaliação que faz, M também crê que a pobreza tenderá a aumentar no futuro, na relação com os dois processos que mencionou (reconversão tecnológica e desemprego - p. 36).

8. CATEGORIZAÇÕES DE GÉNERO

8.1. - Comparação entre Práticas de Lá e de Aqui

Diferencia os estilos de vida das mulheres e homens portugueses da terra de origem (*Lá*), dos de residentes (*Aqui*) em SnSn (pp. 82-86). A sua categorização centra-se em quatro níveis:

- 1 – apropriação dos espaços públicos público/privado: maior igualdade *Aqui*;
- 2 – tarefas domésticas, partilha e interajuda no casal e na família (filhos): *Aqui*;
- 3 – sociabilidades e saídas de casa: muito maior abertura e menor controle *Aqui*;
- 4 – autonomia da mulher e igualdade, em geral: muito maior *Aqui*;

Deduz-se, destas categorias que a sociedade de destino da emigração é um referente modelar para as tendências de mudança que M prevê que se vão operar na zona de origem: *LÁ* “*tenderá a mudar*”; (...) “*Aqui a mulher tem mais igualdade, e, lá, não!*” (p. 45); “*Mas, hoje, por hoje 'inda... há muito... a mulher em casa e... e o homem no trabalho.*” (p. 46).

Diferenciações Sociais dos Comportamentos Masculinos e Femininos

As tradições sócio-culturais realizam, segundo M, um múltiplo condicionamento na construção diferenciada do ser-se homem ou mulher, especificando 2 campos: Campo A – hierarquização diferenciada de valores-expectativas; esta, conduz ao Campo B – organização da trajectória de vida das mulheres –, de que especifica dois planos: *i)* definição desigual das prioridades identitárias; *ii)* escolha-selecção e vivência desses mesmos percursos.

Curiosamente, quanto ao seu *próprio caso*, Mafalda *não reconhece tal tipificação social do masculino e do feminino*, nem na família ascendente, nem na constituída. Toma os exemplos da mãe e o de si própria (ambas chefes de família, *mulheres-suporte*) para qualificar o seu caso como *fora do comum*, o qual justifica pela necessidade de adaptação à vida precária: “*são as circunstâncias da vida qu'há que aceitá-las!*” (p. 49).

Daqui podia admitir-se que, está subjacente à leitura de M, a correspondência entre divisão sexual de papéis sociais e condições sócio-familiares não carenciadas. E, no limite, poderia induzir-se uma representação veiculada por Mafalda: a divisão sexual socialmente construída, emerge como um *luxo*, ao qual os pobres não se podem dar.

Ocorre, todavia, uma linha de contradição no seu discurso, que parece invalidar tal hipótese, dado que a emigração potenciou a mudança de comportamentos do marido a dois níveis:

- i) tipo de homem-companheiro: quanto a tarefas domésticas e entreajuda familiar (p. 45);
- ii) tipo de marido-pai: relação conjugal – no início de casados, ele é-nos descrito como um homem ciumento, absorvente e autoritário: “*carácter muito português*” (p. 9).

Atente-se também no facto de Mafalda não valorizar o factor geracional para a mudança no desempenho das mesmas práticas; e demonstra-o (pp. 45-46) pela comparação entre os comportamentos dos irmãos e dos cunhados, no *presente* – mais conservadores e tradicionalistas – e os do pai, no *passado* – mais paritários e de partilha de todas as tarefas domésticas. Talvez M. tenha esquecido a inactividade do pai – arguir-se-á.

Mafalda admite ainda que há problemas específicos das mulheres. Acrescenta, porém que, às vezes, “[nós, as mulheres] *os buscamos*”, aludindo assim à necessidade de a mulher saber lidar com a estratégia de dominação do homem.

Portanto, conclui-se que Mafalda identifica como construções sócio-culturais, e mutáveis, as práticas ditas *femininas* e *masculinas*. A mesma concepção permite-lhe entender o seu actual emprego (conforme acima foi exposto); como igualmente suporta a dupla interpretação que nos dá da mudança das práticas do marido: *Lá*, a mudança dele teria sido difícil, ou nem chegaria a dar-se (p. 46); *Aqui*, e Hoje, a partilha de tarefas constitui um modo de vivência e organização, tácito e pacífico, do seu ambiente familiar.

Finalmente, é de salientar que a consciência da construção social da diferença coabita, sem coincidir, com a recusa do igualitarismo total. Mafalda frisa a *defesa da igualdade* como um processo gradual e lento, numa afirmação identitária de M como *Mulher feminina não feminista*: “*eu costumo dizer que: em vez de feminismo (...) sempre é melhor ser feminina*” (p. 47).

A mesma concepção governa o seu esboço da *mulher ideal*.

8. 2. – Figurino Ideal de Mulher

O figurino da *mulher ideal* de Mafalda alicerça-se num paradoxo representacional que resumimos em dois postulados (pp. 46-47): Postulado A: a mulher “*tem... que acordar muito, a mulher, ainda...*”; Postulado B: a mulher tem de ser moderada “*Porque... às vezes a gente pede muita igualdade com o homem.*” Transversais aos dois postulados são: i) a sua defesa da diferença social homem-mulher – “*A mulher, mulher e o homem, homem.*”; e ii) o seu desacordo face ao discriminatório tratamento social da mulher – “*Que se até agora “tivemos” a sofrer...” como elas [as feministas] dizem, ou como eu, também, às vezes penso, que sim que o homem “teve” sempre por em cima da mulher, pisando a mulher, que tão pouco é... tão pouco quero isso!*” (p. 48).

Mafalda retrata o *figurino ideal* em dois contextos – a mulher na família (pp. 45 e ss.) e na sociedade (pp. 47 e ss.) – sendo a dimensão relacional a relevante. Nesta linha de pensamento, para o *retrato-figurino* M utiliza os seguintes quatro traços identitários e orientações normativas:

1- M não quer ser igual aos homens: “*Eu desde logo não gostaria de ser homem.*” (p. 48);

2- M considera que as mulheres nunca alcançarão a igualdade com os homens – “*por isso eu digo sempre: aa... igualdade, eu não quero igualdade! Aa... quero uma sociedade j... justa! (...) mas igualdade c’o homem, eu creio que nunca vamos conseguir.*” (p. 48); “*nunca vamos a ser iguais*” (p. 47) – e exemplifica com duas situações:

1.^a situação - participação em guerras: “*as mulheres, quem mais sofre? As mulheres, porque perdem os filhos e os maridos. (...) As mais fortes sempre tem que ser a mulher! (...) nesse sentido; por isso eu digo sempre: aa... igualdade, eu não quero igualdade! Aa... quero uma sociedade j... justa! (...) mas igualdade c’o homem, eu creio que nunca vamos conseguir. Porque eu, por exemplo, eu não me vejo numa guerra matando o filho de, de outra mulher, pensando (...) no? Querem igualdade? Pois também podem ir à guerra! (...) Há mulheres que vão à guerra, não? Mas eu aí não me vejo. Não me vejo porque, eu creio que se tiro um tiro a um... miúdo, por exemplo, a um chavalito de vinte anos, estoy pensando: “Estou a matar o filho de uma mulher que “tará” a sofrer agora!” (...) Como se me fizessem o mesmo a mim, por isso essas igualdades... (Sorriso).*” (pp. 48).

2.^a situação - desempenho laboral na construção civil: “*Eu não me vejo a trabalhar numas obras, porque não. Eu não me vejo com um saco de cinquenta quilos de co... (...) de... de cimento aos ombros, porque (...) não sou capaz de fazer isso. (...) E há mulheres que dizem que sim!, que querem igualdade; pois, eu não vejo, aqui ainda não vi nenhuma nas obras!*” (p. 47).

3- M elege o ser feminina como estratégia de luta das mulheres por uma sociedade mais justa que, segundo ela, é a que mantém a diferença, não discriminatória, da mulher face ao homem. Explicita o sentido de ser feminina em cinco vertentes:

a) ajudar, na sociedade, como mulher; é, pois, participar, sem pretender imitar nem substituir as práticas dos homens (p.ex.: trabalho): “*Ser feminina? O saber estar no sítio da mulher! Ajudar, na sociedade, como mulher; não como... gritar: “eu quero este posto de trabalho, porque este posto de trabalho toda a vida foi cogido por um homem.*” (...) Então, como querem a igualdade: “*pois esse posto de trabalho agora pertence-me a mim.*” Não. Nesse sentido, não!” (p. 47);

b) não pedir só mais justiça e reconhecimento, mas retribuir também “*a mulher devia ser, ou deverá começar a ser, mais constante, no sentido de... de dar, também, não ser só pedir.*” (p. 48).

c) saber ser paciente: “*Há q’ir pouco a pouco, acordando, pois pouco a pouco, ir pedindo as coisas pouco a pouco e eu creio que com o tempo se chegará a essa igualdade que elas querem, mas*

sempre a mulher, mulher e o homem, homem.” (p. 48).

d) ser simuladora: “*saber jogar um pouco, porque eles são muito orgulhosos...*” – i.e.: a mulher tem que fingir-se concordante ou concordar ainda que discorde (p. 50) – ao ponto fingir a própria submissão feminina porque “... *o homem também tem que se acostumar q’a mulher também vale p’a outras coisas, não?*” (p. 48); e

e) saber usar o seu inato 6.º sentido, que “*é como os dez anões, de resto há que sabê-los interpretar, p’a saber usar*” (p. 51).

Assim reconcilia Mafalda os *Paradoxos A e B*: acordar, significa *ir pedindo as coisas a pouco e pouco* (p. 49), e implica saber usar aptidões inatas: o *6.º Sentido-dez anõezinhos* (pp. 50-51).

4- M. expõe as características da mulher ideal: i) são adaptativo-relacionais: devem depender “*do homem que ‘teja’ ao lado*”, no sentido de o complementar: maior ou menor iniciativa e luta; função de suporte emocional ou material (pp. 46 e ss.); ii) são de sacrifício estratégico: é a mulher a que sofre sempre mais (p. 48), a que abdica mais; iii) são a marca da superioridade feminina: a mulher é sempre, e tem sempre de ser, a mais forte. Mas só são fortes as mulheres que sabem usar bem o *6.º Sentido* – o que as diferencia *das outras que o não sabem usar bem* (p. 50).

Em suma, o *figurino de mulher ideal* de Mafalda, parte de um *aparente paradoxo discursivo-representacional*, e usa uma *bitola ainda androcêntrica* das relações sociais para alinhar quatro linhas de argumentação:

a) as mulheres não são todas iguais: há dois tipos de mulheres;

b) a proximidade-afinidade ou a distância-diferenciação entre as mulheres dependem da *perícia feminina* para desenvolver e aplicar essa espécie de *capital de partida*, exclusivo delas, que é o *6.º Sentido*;

c) as práticas de diferenciação sócio-identitária – entre mulheres; e dos homens para com elas – são entendidas (como acima se referiu) enquanto construções sociais, mutáveis;

d) paradoxalmente, M não atribui a *energia dinamizadora* dessas práticas sociais a factores sociais: é a uma aptidão *natural*, a um atributo definido como *inato à natureza feminina*, que Mafalda referencia o estilo de vivência identitária de sujeitos sociais *tão específicos e singulares* porque, afinal, são mulheres.

9. – MAFALDA E O FUTURO

Do futuro de M pode dizer-se que será decorrente da sua capacidade de adaptação activa e de luta face às circunstâncias da vida, num quadro familiar em que ela tem sido a tela e a animação.

9.1. - Trajectória Vivida Gratificante, Futuro Promocional

Dedicando o tempo livre ao ponto de cruz e ao cão; ocupada 10 horas no emprego de porteira (pp. 33 e ss.), muito do seu tempo é passado no espaço-casa familiar-local de trabalho-lazer – ela que se diz *muito caseira* (p.14).

Mafalda declara que não se sente *amargada* pela vida de trabalho, desde os 12 anos (p. 19); tal como *não lhe amarga* a existência o facto de nunca “*ter seguido estudando (...) [nem] ter chegado a enfermeira*” (p. 19).

Ancorada no profundo realismo, e no sacrifício estratégico assumido (não carpido) que a alimenta na luta-resistência, é com optimismo lúcido, activamente adaptada, e através de uma racionalidade limitada, mas reflexiva, que M encara o futuro: “*Eu aceito o que tenho e penso que amanhã estarei um pouco melhor. E já ‘tá!’*” (p. 19).

Declara ainda que vive “*feliz, feliz!*” em SnSn (pp. 26, 37); realizada como mãe adoptiva (pp. 30 e ss.), como esposa, como não-mulher-floreiro (pp. 16 e ss.); e expectante face à promoção familiar, no decurso do futuro profissional que prevê para o marido (pp. 33 e ss.). A sua perspectiva do futuro, à semelhança das práticas (passada e presente), vincula-se à predisposição identitária para a adaptação ao que vai tendo: às circunstâncias da vida (p. 37): “*eu vejo que neste momento toca-me a mim a tirar a vida por diante e... e, e não passa nada!*” (p. 49).

Orgulhosa de ser o suporte familiar e, em especial da trajectória escolar do marido cujo sucesso-realização a faz também feliz a ela, Mafalda é uma mulher “*feliz com o pouco que [tem] (...) tão pouco passa nada, dou uma volta aí pelo campo de futebol com o meu cão, a minha filha, com uma bola, e sou uma mulher feliz!*” (p. 37).

9.2. - O Sonho do Não-Retorno

As suas expectativas e aspirações de mobilidade promocional no futuro não contemplam, como vimos, a estratégia do retorno a Portugal. Pelo contrário: no discurso de Mafalda, o trajecto do retorno – clássico projecto ou mito do culminar da ascensão migratória – emerge como uma *consequência de fracasso*, um *indicador de desvalorização simbólica* e de *infelicidade existencial* (pp. 26; 34 e ss.).

Saltam, com nitidez, os critérios da aferição negativa do retorno, *i.e.*, da recusa de *ruptura da condição de imigrante*, relativos aos territórios relacional, estilo de vida e simbólico-representacional.

9.2.1. - Desenraizada lá; Imigrante Feliz aqui

Dois sentimentos correspondem à diferenciação que M estabelece entre a zona de origem e a zona de destino de emigração.

O *abandono precoce da escola* (p. 35); o *ter casado jovem*, cedo – ainda que, na época, casar lhe surgisse como uma *luz aberta* (p. 18); e o *ter emigrado* e entrado noutra mundo *demasiado jovem* (p. 35), são 3 factores, sempre associados à sua adulterz precoce, com que explica o sentimento de desenraizamento social na terra. Aos factores expostos, decorrentes da sua trajectória, soma ainda o *crescimento urbano e social* de TN. O mesmo sentimento é contraposto, pela sua oralidade, ao sentimento de inserção que vive *aqui*.

Mafalda verbaliza o sentimento de desenraizamento social de vários modos (pp. 34 e ss.): i) *Lá* não tem amigos seus, ao contrário do marido, só tem a família e os amigos da mesma; ii) *Lá* não reconhece as colegas da escola (só se lembra de duas), apesar de recordar os nomes das professoras (p. 35); iii) *Lá*, já não conhece ninguém. Em SnS, Mafalda sente-se integrada, pois: *Aqui* tem pessoas que a ajudam e com quem pode contar; *Aqui* tem amigos: não muitos, mas bons, escolhidos; *Aqui* tem telefone e pode ligar a quem quiser; *Aqui* sente que ambos são embaixadores dos dois países (p. 13); *Aqui* nunca se sentiu emigrante (p. 26); aliás, diz só ter-se sentido estrangeira no Consulado de Portugal (p. 24); *Aqui* é normal e fácil que o marido, hoje, partilhe as tarefas domésticas e familiares (p. 46); em suma: *Aqui* é onde é feliz, “*feliz, feliz*” (p. 26).

A estes factores relacionais e de estilo de vida – com impactos aos *níveis afectivo e psicológico-emocional*, como no próprio território simbólico-representacional – no desenho das expectativas de mobilidade ascendente, alia-se também a esperança de M na reinclusão laboral do marido.

Ciente, como o marido, das dificuldades que ele terá para se empregar no futuro próximo, M enumera-as: a *idade* do marido; a *reconversão tecnológica* e o *desemprego*; e a *sociedade da informação* (p. 33). Contudo, e apesar de ambos vislumbrarem o futuro com apreensão, a *esperança* de M não esmorece: na sequência da estratégia sucedida de qualificação académica do marido, a sua projecção do *futuro familiar* é de melhoria e promoção ao nível dos *capitais materiais*, dos *simbólicos*, e das *competências e potencialidades*. Mafalda projecta um futuro, elaborado hoje; um projecto desejado a pensar na continuidade da educação e na consolidação do futuro da filha que, hoje, estuda em colégio privado.

9.2.2. – Feliz como Imigrante

Pelo facto de o projecto da promoção familiar no futuro não passar pelo retorno a Portugal, não significa que o mesmo aponte para a fixação sócio-geográfica: a promoção, pela reinclusão laboral do marido é, como já anotámos, mais provável na Província Autónoma de Barcelona (pp. 32 e ss.). E *ela está predisposta a sacrificar* a sua imigração estável, está predisposta a *(e)migrar de novo* se, também *nova-mente*, a situação do marido a isso a levar: “*então que... e se tenho que mudar-me p’a algum sítio, pois será Barcelona porque... com muita pena*” (p. 33).

10. REALISMO OPTIMISTA E REFLEXIVIDADE

10.1. Reciclar as *Lógicas-Capital* em *Lógicas-Mais-Valia* da acção identitária

Acabámos de defender que a conjura identitária de M (Momento 4), não é uma ruptura individual-pessoal. O mesmo trabalho identitário tão-pouco representa a *fulanização*, a auto-piedade, a chantagem emocional, nem a *invejinha* – no reverso do *poder subterrâneo* do estereótipo social da mulher dominada – a figura da *coitadinha*.

A *conjura identitária* de M. simboliza, outrossim, processos sociais de *lutas de mulheres contra* diferentes dominações.

Mafalda, ao interrogar-se quanto ao seu *EU* e à sua *condição individuais*, fá-lo socialmente – porque questiona, como ser-em-relação: a) o quotidiano antroponómico ; b) a dependência-submissão cultural-simbólica; c) a passividade relacional; d) a demissão decisória; e, inerente a estes, e) o vazio projecto identitário da desqualificação instalada. Como ser-em-relação, Mafalda quis participar e interagir: quis alargar campos identitários da sua experiência social. Como ser-em-relação, Mafalda quis poder pensar, discordar, decidir e escolher por si-própria; quis, em suma, mudar o estilo identitário da sua condição social de *Mulher-Esposa-Mãe-Suporte-Familiar*.

E **só após o seu reposicionamento** enquanto *ser-mulher-em-relação* conseguiu definir prioridades identitárias e criar tácticas estratégicas para mudar. Portanto, a mudança-ruptura de M., não é singular-individual: a acção identitária de M ilustra e concretiza mudanças sociais exemplares da reconstrução de identidades no feminino, operada pela *luta contra atributos e posições* supostamente conferidos à *mulher-mero actor social*. E ilustra as margens de manobra e os limites identitários postos à prova em transacções conflituais objectivas: externas – conflito expectativas padronizadas/práticas inovadoras; e internas – conflito expectativas pessoais ou as dos outros/face a *si-mesma*. E os estáveis e falaciosos poderes subterrâneos são trocados pelo desafio das transacções identitárias em construção.

Nesse trabalho identitário, pudémos ainda identificar o *jogo da racionalidade de M* pelo recurso – ora simultâneo, ora de substituição – a lógicas de acção distintas.

Na reconstrução requalificadora de Mafalda (Momento 4), são notórias as *lógicas iniciais*, seu *capital de partida* (presente nos Momentos 1, 2 e 3), da utilidade e da racionalidade limitada. Mas no processo de *reivindicação e luta* do Momento 4 foi determinante a reconfiguração dos recursos-capital em recursos de mais-valia, suportes da conjura identitária. Assim, vimos que a racionalidade limitada, quando reciclada pela *reflexividade* de M, converge para a ênfase nas lógicas de interacção e comunicação que Mafalda adoptou até ao presente.

A terminar a interpretação da trajectória identitária de *Mafalda-Sujeito Social Mulher-Suporte familiar* frise-se que a *experiência social* desta mulher é paradigmática de que a *implicação identitária*

dos sujeitos sociais, com estilos diferentes de vidas carenciadas e/ou dominadas, é factor determinante de requalificação social.

Um postulado suportou a nossa análise: os processos de desqualificação e de requalificação são processos de *empowerment*. Quer dizer: se as transacções identitárias mudam a acção dos sujeitos, e co-produzem o seu reconhecimento social, sem requalificação dos múltiplos poderes e recursos não há reinclusão requalificadora. Logo, perspectivar os processos de desqualificação e de requalificação social enquanto processos de *empowerment*, é perspectivar as transacções dos ditos sujeitos sociais como um *trabalho identitário de reciclagem das lógicas de acção*.

Falamos, especificamente, da reciclagem, sempre relacional, das *lógicas-capital* em *lógicas-mais-valia* de uma acção identitária; *i.e.*: de uma **acção social** que, **pela implicação identitária (sempre relacional)**, dos sujeitos sociais em causa, **co-constrói os processos do reconhecimento social dos mesmos**. Foi este o *critério* de selecção de Mafalda como *caso exemplar* do presente estudo: porque a sua trajectória, e a mudança sócio-identitária que M protagoniza, sendo um *caso social singular* não é exclusivamente individual.

10.2. – A Tríade Sócio-Simbólica da *Fala* de M:

Temporalidades, Estilos de Vida, Modelos de Sociedade

Num último olhar pela oralidade expressiva de Mafalda, os dois termos *Lá* e *Aqui* representam, mais do que a disjunção sócio-geográfica que identificámos, os dois pólos da disjunção sócio-simbólica que norteia a reflexividade e a visão do mundo de Mafalda, projectada em três grandes campos da *simbólica discursiva* do seu relato.

Desde logo, *Lá* e *Aqui* reconfiguram-se, no seu discurso, em 2 pólos simbólicos da temporalidade sócio-identitária – *Lá*, tem o sentido de “*ontem, no passado*”; *Aqui*, o de “*hoje, presentemente*”.

A esta *representação sócio-temporal* conferida aos dois pólos associam-se outras duas funções sócio-simbólicas relativas à *promoção e desqualificação sociais*, e aos *modelos societários da construção identitária*. Com efeito, *Lá* e *Aqui* são também metáforas dos padrões avaliativos do *estilo de vida*: *Lá*, condensa-se em *fracasso biográfico* (*desqualificação social*); *Aqui*, condensa-se em *sucesso* (requalificação) sócio-identitárias. Por fim, *Lá* e *Aqui*, são ainda os *referentes simbólicos de paradigmas sociais* e, necessariamente, de *legitimação* da trajectória e das vivências sócio-identitárias: *Lá*, congrega o modelo do *odiado* no meio social *abandonado*, e ao qual não se pensa regressar; *Aqui*, congrega o modelo do *desejado e amado* no meio social *apropriado* – e, por isso, utilmente erigido como o *padrão do desenvolvimento desejado* para *Lá*.

4.^a PARTE – PALOMA³⁴⁹, JOGADORA ATÉ À REQUALIFICAÇÃO MONOMARENTAL: **DESTINO PROSCRITO, RISCO, ORGULHO E ERRÂNCIA**

“y, ¡tch! (...) eso de aguantar a un matrimonio de cara a los demás, de cara los vecinos (...) ¡yo creo que la gente está demasiado hipotecada! Yo, ¡firmar un papel, un matrimonio es hipotecarte!, porque ¡claro!, te casas, firmas la hipoteca con el banco, el frigorífico, la nevera, y la cocina, la lavadora, los hijos que vienen ya sin plaza, uno... has ido a por él a enganchar al marido, otro porque vino sin contar... Eso para mí no es la vida, ¡todo lo que venga que no lo has elegido tú no te dará felicidad!, ¡siempre te trae problemas y eso! luego los niños ¡también!... (...) porque... un niño no es más feliz porque viva en su casa con su padre y con su madre viendo las discusiones, porque los niños son muy listos (...) Yo como no... soy una persona que no necesito de un hombre al lado mío para trabajar ni para sacar a mi hijo, si, yo cuando no estoy bien (...) hay que valorarse! y hasta que no te valores a ti misma él no te va a valorar (...) ¿no?, a veces... la mujer tiene tantos, tantos miedos de verse sola... (...) La gente todavía no... no lo ha superado, no se... no se sabe independizar... ¿eh?, ¿porque hay tantos malos-tratos? (...) porque la mujer todavía no es... no tiene fuerza de voluntad, tiene miedos ¿que miedos? ¡No hay que tener miedos! (...) son miedos sin fundamentos, ¿no?. (...) porque yo pienso que una relación de... cuando tú estás enamorada (...) una relación se desgasta y el sentimiento ese loco que tenemos, ese de los 18 años ¡se va!, luego hay otras cosas... y el respeto, y el sacrificio y el entender las malas rachas y saber estar ahí al pie del cañón y no dejarse hundir, y si se hunde uno el otro tiene que estar arriba porque si se hunden los dos, pues... (...) yo creo que la gente que está muy saturada, pero es eso, está todo el mundo hipotecado, y por no mover papeles, porque a lo largo salen perdiendo se acostumbran así y... ¡ya está!. Yo para estar ahí acomodada como un mueble, ¡no! (...) ¡eso no es vivir! y como una persona, un príncipe no, no existe (que eso es de cuento), pues, as veces es mejor estar sola, ¿no? (...) es mejor una buena amistad a teneres ahí un contratado (riso)” (pp. 32-33, sn).

1. APRESENTAÇÃO DE PALOMA

Toda a Tajaectória Identitária (TI) de Paloma (P), construída ao longo de 4 grandes *Momentos Sócio-Identitários*, tem a dupla marca da *estratégia* do Risco e do *sentimento* de Orgulho. Estes traços constituem-se em factores da sua exclusão e requalificação, sendo os marcadores *i*) da emancipação familiar; *ii*) da posterior desqualificação identitária, e ainda *iii*) da *reciclagem* dos recursos *capitais* em recursos *mais-valia* ao longo do processo de desqualificação e de requalificação social. Ao trajecto *rebelde* até ao processo de desqualificação designaremos por PALOMA 1 (P1); em PALOMA 2 (P2) alojámos a sua posterior reconfiguração social.

Na verdade, as *estratégias* de *risco* e *fruição-borguismo*, a par do *sentimento* de *orgulho*, definem o *estilo identitário rebelde e presentista* de P. Traços emergentes na juventude púbere, vai assumi-los até aos 33 anos (pp. 4 e ss.) quando foge com o filho de 5 meses e abandona o pai do bebé – entrando num profundo, e inédito para ela, processo subjectivo e objectivo de *desqualificação*. Com a ruptura afectiva, a P1 desencadeia uma difícil reconstrução identitária orientada, enquanto P2, a *P-mulher emancipada-responsável familiar*. Enunciemos esses três primeiros *Momentos* da existência de P enquanto P1 e, o último, da entrada em cena da P2:

³⁴⁹ Pseudónimo escolhido por esta mulher.

Momento 1: os 16 anos em que viveu sob a guarda familiar: desde que nasce (1961:V, Alentejo)³⁵⁰; passando pela morte do pai³⁵¹ e consequente processo de desqualificação e de requalificação familiar (1970); até 1977, com o início da trajectória laboral (Apêndice 9: Caixas 9, 10 e 11);

Momento 2: quando deixa de viver com a família e inicia o seu percurso laboral, abarcando duas fases distintas: 1.^a Fase – cerca de 6 anos enquanto trabalha e vive no Porto (1977-1983); 2.^a Fase – cerca de dez anos, desde que *emigra* com 22 anos (1983 - p. 2) à revelia da autoridade materna e da vontade dos irmãos, encetando a *carreira desviante de errância rebelde* (Apêndice 9: Caixa 12);

Momento 3: no ano de 1994 quando, aos 33 anos, e após três de relativa estabilidade afectivo-conjugal, engravida (pp.2 e ss.). Face à *gravidez, desejada* pelo companheiro mas *adiada* por ela segundo o relato, P avalia quer o *estilo de vida de ambos* como sendo de *privação*; quer a *atitude* dele, face à *paternidade*, como *negligente* – avaliação que a faz *optar* pela *ruptura conjugal* (Caixa 13);

Momento 4: de 1994 a 1998, os 4 anos da luta *pela* requalificação monofamiliar.

Com a trajectória de P, regida por opções de ruptura e pautada pela *lógica de luta*, aprenderemos muito sobre a problemática desta pesquisa. Ao longo da narrativa, Paloma ensina-nos de forma magistral uma lição sociológica de sapiência: a *requalificação* emancipada das mulheres é um processo social. Sendo-o, exige a *implicação identitária* – social, quotidiana e relacional – realizável por todos os sujeitos sociais (homens, mulheres e crianças; quer se tenha, ou não, família (formal ou informal); ou se seja, como P, uma *mulher-livre porque rebelde* que entra na maturidade pela opção da maternidade monomarental). É esta a opção que salvaguarda Paloma de *hipotecar* a sua autonomia identitária. Aprendamos com a sua lição.

2. MOMENTO 1 – MEIO SÓCIO-FAMILIAR: FRAGILIDADES RECRIADAS EM MARCOS IDENTITÁRIOS

“Yo fui, fíjate!”³⁵² (...) mis hermanos eran todos más obedientes (...) nunca levantaban la voz a la mamá³⁵³, y salieron de casa para casarse. Yo de aquello, bueno!, no quería hablar en casa, pero no sé. (...) y yo no quiero volver a equivocarme, a nivel (...) con mi hijo, prefiero que me vea como amiga. Y que cuente sus cosas, y que no me tenga miedo, porque no hay que tener miedo. Porque para respetar no hay que tener miedo!” (p. 19).

A Paloma *rebelde*, de olhar, tez e cabelos claros, e de estatura pequena, ágil e irrequieta, nasce em Vila Viçosa em 1961 (p. 1). É a irmã mais nova de 3 rapazes numa família humilde (pp.1, 4, 7) e *muy feliz*, com quem vive até aos 16 anos (p. 1). *“siempre he sido la niña guapa de la familia”*. (p. 3; Apêndice 9: Caixa 9).

³⁵⁰ *“Hace quince años que no vivo allí,”* (p. 4), afirma na entrevista, em 1998. A partir desta informação confirma-se a data exacta do nascimento de *Paloma* que emigra, aos 22 anos para Espanha; se há 15 anos (1998–15=1983) tinha 22 anos de idade, nasceu em 1961.

³⁵¹ A doença-morte do pai é datada do seguinte modo: 1.^o: se morte do pai quando ela 9 anos (pp. 1 e 10)= 1961 + 9 = 1970 ⇒ pai morre com (54+9)=63 anos (pp. 14-15); 2.^o: se doença do pai dura 3 anos (p. 11) começa quando ela tem 6 (1961+6=) 1967 + 3 = 1970 ⇒ morte do pai.

³⁵² Entenda-se como: «Vê lá tu que...!»; «Imagina tu que...!».

³⁵³ Mãe, em Euskera (*basco*).

P entrega-se a um testemunho muito fluente sublinhado pelas mãos expressivas, pelas diversas tonalidades afectivas – voz e palavras vivíssimas; e os olhos bailarinos por detrás das lentes dos óculos. No relato, as duas figuras parentais são pontos de partida e de retorno, são os pólos das suas referências identitárias. Mas pólos antagónicos, extremados mesmo – paradoxais.

Neta de alentejanos rurais e filha de alentejanos, P considera que a família não era carenciada por gerir os recursos próprios com autonomia: “*una familia que nunca ha pedido nada a nadie (...) siempre hemos tenido lo suficiente para salir adelante (...) pues problemas económicos no teníamos. No ganábamos en dinero, pues los abuelos eran de campo, tenía una finca y le hizo cultivar de todo, y hemos crecido con todo (...) Hemos andado siempre muy bien arreglados, muy puestos (...) así hemos crecido*”. (p. 7). Vamos esmiuçar este meio familiar.

2.1. mãe e Pai: (Re-)construção do PAI-Ausente-Viajeiro em referência identitária

A mãe, modista (p. 1) – *pretexto* e *objecto* das futuras rupturas-rebeldias de P – personaliza no relato a *banição-rejeição* desta filha (pp. 17 e ss.) tão diferente dos irmãos: a *P-pessoa rara, especial, esquisita* (p. 29); a *P-pessoa com muita personalidade* (p. 18; Apêndice 9: Caixa 9).

Do pai contrabandista, embora analfabeto, ressalta a “*persona culta porque (...) se ha procurado la vida (...) [e] viajaba mucho.*” (p. 8). Figura fortíssima do testemunho, é retratada pelo assomar da sua memória de criança e, provavelmente, pela nostalgia fantasista, uma vez que Paloma realizou o sonho do pai *tener una niña* quando ele tinha 54 anos (“*la mayor ilusión de padre era tener una niña, porque yo ya nací un poco fuera de onda, de edad.*”³⁵⁴ (...) *Pero mi padre ha puesto ese empeño por eso, por la niña, de que la única ilusión era su niña.*”) e quando ele morre com 63 anos, P terá apenas 9 de idade: “*¡fijate!, si yo ya venía para ser su nieta!*” (pp. 14; 1).

É sabido que as ausência ou perca do pai interfere no sistema familiar e, em particular, na construção dos sujeitos-crianças e no seu projectar-se no mundo e no tempo; como se sabe ainda que a mesma *interferência fragilizante* pode ser reconvertida pelos sujeitos em reforço ou *contrapontos identitários*.

O caso de P é *exemplar* de negociações identitárias que operam recriações dessa fragilidade numa referência modelar:

- rodeada pela mãe e os 3 irmãos, vive a sua “*personalidade (...) como un chico*”, como “*Maria-rapaz*” (p. 14);
- hoje, P continua “*pensando que (...) tenía que haber sido chico*”: “*yo creo que siempre he llevado un macho dentro*” (p. 14).

³⁵⁴ Apesar de o irmão mais novo ter apenas mais dois anos do que ela (p. 1).

▪ P auto-definir-se, portanto, por um *estilo de vida diferente e original*: “*No, no, no, no, es que yo tengo que ser especial en esta vida (ri-se). Yo soy única en la familia. Si no tengo...m, en casa siempre me dicen que no tenía término medio. Entonces será eso.*” (p. 29).

De que pode concluir-se que, adoptando o estilo *rebelde*, P reactualiza componentes identitários da trajectória e da figura paternas: mobilidade geográfica, sociabilidades plurais, autonomia pessoal, vivências de *fruição-borga*. Reactualização da figura paterna e reconversão, por P, do *pai-ausente* no *PAI-liberdade-felicidade*.

O PAI-liberdade-felicidade

A recordação da trajectória paterna está pejada de exemplos da grande liberdade-autonomia e felicidade pessoais, a par da dispersão geográfica e do reconhecimento social da figura paterna (Apêndice 9: Caixa 9).

O testemunho de P refere especificamente três vivências identitárias do pai, sendo que na reconstrução desta personagem central da narrativa, destacam-se três territórios sócio-identitários:

1) território trajectória laboral: i) pessoa versátil, corajosa e dedicada a actividades clandestinas e de risco relativo – o pai que, segundo P, terá tido uma vida laboral diversificada – “*fué mozo forçado (...) hizo un poco de todo*” – da qual ela salienta o contrabando³⁵⁵ como a maior fonte de (mucho) dinheiro; ii) o *pai-emigrante*: quando jovem (antes da Segunda Guerra), estivera 14 anos em Espanha, como operário numa fábrica de cerveja e, aí, ter-se-á *espabilado* muito: “*se habrá dado cuenta que el contrabando que le va a traer dinero*”; iii) o *pai-contra-bandista* calejado, cumpridor e, pela sua sabedoria, muito respeitado, bem relacionado: “*Siempre con las familias muy famosas de Portugal. (...) y esta gente como tenía el dinero (...). Siempre llevaban un chófer y entonces mi padre (...) pues estaba un poco así, no les cobraba nada, pero mientras iba y venía pues andaba gastos pagados como quien dice ¿sabes?*” (p. 8).

2) territórios sócio-espacial e sociabilidades: o *pai-experiente*, *pessoa vivida-viajada* e adaptável à mudança é igualmente visto por P como um *conhecedor de toda a Espanha* (falando correctamente a língua desde muito jovem): uma pessoa “*pues, que aprendió del mundo...*” (p. 8).

No território sociabilidades, destacam-se, assim, os factores psicológico-emocionais – pessoa de *carácter muito bom, muito boa pessoa* – e sócio-relacionais: pessoa *muito alegre, sociável e respeitada* e, conseqüentemente, *integrado* em redes de sociabilidade diversificadas.

³⁵⁵ Durante a infância de P (segundo o relato, a partir dos 54 anos dele—p. 8) *dedicou-se ao contrabando* dos mais variados produtos: café, gado (cavalos e touros de raça, para touradas), entre outras coisas. Era prática (e) característica dos contrabandistas, nesses anos 60 do Estado Novo português, não apenas a contratação de homens para passarem clandestinamente o gado ou outros produtos, mas também *os acordos* com as polícias (Guarda Fiscal, de fronteiras...) para *fecharem os olhos* ao tráfico.

A mitificação da figura paterna avoluma-se de modo tal que conduz P – na avaliação que faz da família ascendente – a suspender-denegar os princípios que mais adiante suportam o seu ponto de vista sobre as mulheres e, em especial, o casamento (pp. 28 e ss.). Esta *suspensão-denegação* dos princípios normativos de P possibilita-lhe reconverter a desigualdade discriminatória dos papéis parentais, padrão dominante da época, num ambiente harmonioso, equilibrado e respeitável: “*Yo creo que [a mãe] se acostumbró a los viajes de mi padre (...) siempre habló con mucho cariño de mi padre, siempre (...) nunca he visto a mis padres reñir delante de nosotros. Tendrían sus cosas como todos los matrimonios ¿no?, pero delante de los hijos nunca han levantado la voz, y eso de una cierta forma es positivo también, porque creces con respeto hacia la familia*” (p. 8).

Portanto, segundo a perspectiva de Paloma, a mãe, figura presente na infância da *menina-rapaz*, adequou-se às ausências e à presença intermitente do pai-ausente. Apesar de P, hoje, apelidar a passividade das mulheres de «*hipoteca acomodada*», P (através da memória verbalizada) legitima a adequação *conformista e passiva* da mulher-mãe na família de origem. E também pela sua prática discursiva, P realiza ainda a recriação simbólico-mítica do pai-ausente no Pai-modelo positivo.

Tal reconstrução do passado familiar, embora descoincidente da *rebeldia* de P, permite-lhe reintegrar coerentemente dois campos da sua TI:

1.º - o quadro familiar «mãe + três filhos + uma filha» emerge como meio de origem estável da *P-menina*, e como a referência normativa e comportamental da actual *P-mãe*;

2.º - a *sobrecarga* materna não é *lida directamente*: é *lida* através da imagem (re)criada do pai. Deste modo, o *pai-velho-ausente* revigora-se num *Pai-modelar* que P tomará como duplo modelo: *i)* modelo que ela *assume* como estilo de vivência identitária; *ii)* modelo que *não encontra* no pai do filho dela e, por isso, valida a sua ruptura conjugal enquanto *boa opção-prática maternal*.

O pai é, pois, o *estilo identitário apelativo* de Paloma: uma pessoa que, por ser *livre*, foi *feliz*. E que foi *feliz* porque foi *livre*, *i.e.* “...*porque vivió como ha querido...*” (p. 8).

A doença-morte paterna, fragiliza emocionalmente todo o agregado e precariza os recursos materiais e a vida familiar: “*Ahí vienen los problemas familiares, económicos también.*” (p. 1).

2. 2. A Morte-Ruptura do PAI, factor do PSD/R familiar

O falecimento do pai após doença prolongada, é o primeiro grande *marco identitário*: traz a ruptura afectivo-emocional e o empobrecimento do agregado familiar (Apêndice 9: Caixa 10).

2.2.1. PSD/R familiar: Impactos e Reacções-Estratégias

Entre as reacções ao processo de desqualificação destacam-se as *estratégias familiares* – de sobrevivência global da rede familiar – e as estratégias específicas *da mãe* para se readequar à *nova condição de educadora-viúva*.

1) Estratégias e reacções familiares ao PSD

As *estratégias familiares* para superar o empobrecimento são directamente orientadas para o incremento de rendimentos e de recursos materiais (Apêndice 9: Caixa 10). O seu sucesso revela-se na promoção de dois territórios identitários: *o estilo de vida pobre* e as *sociabilidades*.

A necessidade de aumentar os recursos obriga à participação dos dois filhos mais velhos na multiplicação das fontes de financiamento familiar. Esta participação leva, porém, à interrupção dos estudos e à vinculação militar de ambos, a qual será dolorosa para todos os familiares: “*Porque claro, éramos cuatro, quedamos dos en casa muy pequeños, yo con nueve, mi hermano con once. La mamá sola con los dos, los hermanos ¡eh!*”, *muchas dificultades para saber cómo se encontraban, problemas de salud también, ni habían noticias. Igual tirábamos seis meses sin saber nada de ellos*”. (p. 1).

Aprofunda-se mais à frente o posicionamento específico dos dois filhos e a interpretação de P face à vinculação militar dos rapazes. Para já, vejamos as duas grandes vantagens do alistamento voluntário: *aumento líquido e directo* de rendimentos (pp.1-2); reconfigurações na rede familiar e da relação família-instituições. Ou seja, o alistamento

- libertou a família das *despesas de coabitação, de manutenção e de escolaridade* dessas *duas bocas*
- aliviou *formalmente as responsabilidades educativas da mãe* com os dois filhos mais novos, uma vez que o filho primogénito passa a ser o tutor das duas crianças
- e facultou, ainda, o acesso do agregado, na qualidade legítima de família de militar(es) em combate, às *medidas de protecção* em vigor na época sob as formas de *financiamento directo* e de *ganhos indirectos* (pela garantia da escolaridade em colégio interno do casal de filhos, que poupa à família os custos da manutenção-coabitação das crianças durante a semana).

2) Estratégias e reacções maternas ao PSD

De modo algum estas estratégias estão desgarradas das que acabámos de enunciar; decorrem, sim, da preocupação educativa – explícita – com a *filha rebelde*. Não desgarradas, revelam também o sentido de oportunidade da mãe (Apêndice 9: Caixa 10) ao apostar conscientemente no colégio como a escola disciplinadora de P .

O objectivo de estabilizar a socialização da filha e de *compensar a ausência*, agora irreversível, *do pai*³⁵⁶, entrelaça duas vertentes: a) reorientar a *instável trajectória escolar* de P; b) controlar as *emocionalidades* e os *comportamentos* do emergente estilo identitário de P – *a rebeldia*.

³⁵⁶ Objectivo bem claro no discurso de P: a mãe empenhava-se em que ela frequentasse e *aguentasse*-suportasse o internato (pp. 14 e ss.).

Atenção particular merece a análise dos impactos da ruptura-doença-morte paternas no percurso dos dois irmãos, e da implicação destes nas estratégias-reacções *familiares*, para limar os contornos do PSD/R familiar e, ao mesmo tempo, captar a (re)colocação do problema por Paloma.

2.2.2. PSD/R familiar: irmãos mais velhos – Impactos e Reacções

1) a tropa: opção-única saída dos mais velhos

A *carreira militar* dos filhos mais velhos, escolhida contra a vontade da mãe, é-nos descrita como a *estratégia promocional* desses irmãos *muy inteligentes* e sempre bons alunos. “*Mi hermano estuvo siempre, desde pequeño, ¿no?, en el colegio de monjas. Era un niño ejemplar a nivel de estudios. Lo que no fuimos los dos pequeños, los dos mayores eran ejemplares. Y el comportamiento, el saber estar, en las clases. Nunca han dado problemas a mi madre (...) nunca han necesitado: «coge los libros!», léase...Ellos lo hicieron cuando tenía que hacerlo.*” (p. 16).

Como a mãe “*no podía hacer frente a los gastos*” relativos aos tratamentos da grave doença do pai, os dois filhos tiveram que empregar-se. É nesse *contexto coercivo* que aqueles fazem, efectivamente, uma opção: rejeitam a *carreira de funcionário* – expectativa materna para o seu futuro –, porque ambicionam ter mais formação escolar. “*Porque mis hermanos fueron con dieciocho años, voluntarios (...). han dicho que ellos que no iban a quedarse, a limitarse a quedarse en unas oficinas o en un banco trabajando, o en un despacho.(...) querían seguir carrera y la forma de conseguirlo era de ir al ejército. Pues ellos fueron*” (p. 7).

A *única saída* viabilizadora deste projecto foi, portanto, a *carreira militar*. Opção viabilizadora já que concretizam, assim que podem, as ambições de promoção escolar, aproveitando as possibilidades de estudar na instituição militar logo após o duro período da Guerra em Angola. “*Y para ellos haber dejado los estudios fue muy duro, y como fue tan duro para ellos, se han puesto de que tenía que seguir, y seguir, y han buscado los medios para conseguirlo.*” (p. 16).

A ruptura-doença-morte do pai teve, então, 3 *impactos sucessivos no trajecto dos dois irmãos*:

- 1.º – interrupção dos estudos;
- 2.º - alistamento voluntário: do mais velho (p. 1), na Força Aérea; do outro, nos Comandos (p. 15);
- 3.º - incorporação nas tropas da Guerra Colonial em Angola³⁵⁷ – fase dolorosa para toda a família: “*...y eso es muy duro para una familia. Para ellos también.*” *uno estuvo seis meses, otro*

³⁵⁷ Há contradições neste ponto do relato: a) no início, a carreira do irmão mais velho é situada na época da doença-morte paterna, aos 9 anos de P (1970); b) mais à frente, P diz: “*Mi hermano se fue con dieciocho años y yo tenía tres meses.*” (p. 22). Tal contradição reforça a hipótese da recriação fantasista do passado pelo discurso actual de Paloma.

estuvo nueve y eso fue muy duro para nosotros.” (pp. 1; 14 e ss.). Sistematizemos esta vivência da Guerra:

- o mais velho esteve 6 anos sem ver a família, embora não tenha ido para *o mato*: por ser especialista de comunicações e radar, ficou sempre na Base Militar (pp. 7, 15);
- o outro, especialista em mecânica de material aéreo, esteve *no mato* e, aí, sofreu muito: *“ha estado hasta 6 meses sin comer, a agua y miel, (...) comer cosas de la naturaleza, y bichos y todo...”* (p. 15);
- ambos terão ficado muito marcados pela experiência da guerra em particular, e, globalmente, pela filiação na instituição militar – marcas que P resume ao carácter *frio* e *calculista* do irmão mais velho: *“Y yo pienso que el ejército lo ha embrutecido mucho, que embrutece a las personas también. Porque han vivido muchas situaciones, muchos cambios y bueno!. Hay gente que igual trabaja más la sensibilidad”*(p. 16).

Vê-se bem, pelo exposto, que P começa por reconhecer os *múltiplos sacrificios* dos irmãos; e ao valorizar-lhes as capacidades, aponta a experiência da Guerra Colonial como a causa de dois marcos identitários negativos daqueles: a) o fim abrupto da juventude por *antecipação da adultez*; b) o *endurecimento relacional*: *“Dejas una juventud, porque ellos no han tenido una vida de jóvenes, de divertirse, porque económicamente no se podía, y luego porque han decidido ir para allá muy jóvenes, y con tanta responsabilidad que vas para allá. Sabes que sales, pero no sabes si vuelve.”*(p. 16).

Contudo, a evolução do discurso de Paloma *condensará* a *opção-única saída* dos irmãos num outro argumento: a *sorte* dos irmãos (Apêndice 9: Caixa 11).

2) PSD familiar, tropa: a sorte dos mais velhos

Paloma *confronta-se* com os irmãos mais velhos, seguindo dois argumentos paradoxais – o da *opção* e o da *sorte* –, que denunciam o mútuo mal-estar P/família, e a também mútua quebra relacional na sua trajectória (sentimento de ser *a ovelha ranhosa* da família?): *“Mis hermanos están ahora en la luna, bien”*(p. 17). *“están estupendamente. Viven sin problemas ninguno, de ninguna clase. Ya sabes, eso de entrar en el ejército, es trabajo para toda la vida, te da seguridad (...) si eres buen profesional, ¿qué problemas económicos tienes?, ninguno. Y viven bien.”* (p. 15).

Centremo-nos nos dois argumentos paradoxais:

- A. dada a *opção* de P pela *carreira de errância rebelde* –segundo o discurso, desvalorizada pelos irmãos –Paloma aplica o mesmo critério da opção à leitura das carreiras deles;
- B. dado que o *trajecto* dela não potenciou a *qualidade* de vida atingida pelos irmãos, P justifica a diferença de sucesso pela *sorte* deles.

O critério sorte é accionado em várias direcções, pulverizando a fala de P: a *sorte* de *serem mais velhos* permitiu-lhes:

i) a sorte de não viverem numa época tão dura como a que ela apanhou: “No saben qué es sacrificarse. Yo sé lo que es sacrificarse (...) ellos no saben, porque lo han tenido fácil, primero porque también, en la diferencia de edades que tenemos, ellos no han pillado la época mala” (p. 15);

ii) a sorte de terem regressado vivos da guerra colonial: “han tenido suerte, porque han venido con vida y sin enfermedades de ninguna clase, porque la gente que a ido con ellos, muchísima gente a caído, ha quedado sin piernas, a quedado sin brazos, ni han vuelto” (p. 15);

iii) a sorte de, após a guerra, terem tido oportunidades para, se bem que com muito esforço, realizarem os seus *objectivos de vida*;

iv) a sorte de – porque eram *militares com sorte* – terem casado com mulheres ricas que, como tal, mais os promoveram: “mis hermanos están más que acomodados. Están porque también han tenido una suerte. Mis hermanos se han casado con mujeres que eran ricas.(...) llevaban el uniforme encima y han tenido suerte, y eso ayuda mucho. Casarte con una persona pobre a casarte con un (...)” (p. 15). “Ellos se han quedado ahí, apalancados, son conservadores, la palabra.” (p. 16);

v) a sorte de se terem integrado no *estilo de vida das famílias das mulheres*: vidas *desafogadas* = vidas *acomodadas*: “todas las cuñadas (...) vienen de familias de dinero y bueno, pues ellos lo han tenido todo resuelto porque no han tenido que ahorrar para un piso (...). No saben qué es sacrificarse. Yo sé lo que es sacrificarse (...) ellos no saben, porque lo han tenido fácil” (p. 15).

A argumentação de Paloma revela-nos o axioma que lhe está subjacente e que a sua *fala* induz: a sorte dos irmãos foi, em suma, a sorte de a sua família ter empobrecido.

Na verdade, foi esta condição que lhes possibilitou a *necessidade-sorte* de terem de contribuir para os recursos familiares: “mi hermano dieciocho años mayor que yo (...) puede ser mi padre. (...) ha sido como un padre para nuestra familia: «¿Qué quieres que haga, que te lo agradezca?, pues si yo no tengo la culpa de las circunstancias en que las cosas se han desarrollado. Tú has ayudado, tu has aportado y tendré que agradecer a la amá, tu solamente has echado un cable a la ama. ¿Yo te he pedido?, ser de buen reconocido es de ser buen hijo». Yo reconozco que él a (...) luchado mucho, y todas las ayudas y (...) facilidades (...) y los caprichos que hemos tenido se los debemos a él en parte, pero, a mí no me gusta que me estén echando en cara lo que he ha hecho, ¿entiendes? (...) Siempre él ha sido de machacar, machacar, sin embargo el otro no. Pero a este le gusta mucho machacar lo que ha hecho, lo que ha dado, “porque yo he trabajado, he luchado, porque no has estudiado porque no has querido»”. (p. 16).

A dolorosa interrupção dos estudos acaba por ser apresentada por P como a sorte dos irmãos: a sorte de terem podido escolher entre dois rumos de vida – sorte que ela não teve: “justo que no han podido seguir los estudios, pero bueno, han tenido otra alternativa que han elegido ellos, que eso ayuda mucho, a que decidas tú, que tengas dos caminos. Yo sólo tenía uno, porque como no quise

estudiar sólo me quedaba un camino, pero ellos han podido decir pues, si la amá no puede hacer frente a los gastos para hacer una carrera, porque aquí era muy difícil, suponía un sacrificio (...) y mi madre podría pagar una carrera a uno, pero no, al fallar el padre, se acabaron las carreras, ni para uno ni para otro. Entonces ellos han decidido eso: «yo quiero sacar mi carrera», y lo han decidido ellos, porque mi madre no podía obligarles a un sacrificio tan grande. Ellos han tomado su decisión, y por cierto, acertada para ellos" (p. 15).

O tom sofrido, talvez mesmo despeitado, da descrição subjectiva do 1.º marco identitário adquire, gradualmente, a dureza também presente hoje no discurso de P. O que equivale a dizer: ao longo do relato ganha nitidez um sentimento de inferioridade identitária relativa de P, particularmente face aos irmãos. Contra esse *sentimento de cerco existencial* – que corresponde, paradoxalmente, a vivências de *rebeldia voluntária* – a prática discursiva de P revela uma acção identitária que *aguça o orgulho* e que se *arrisca na fuga para a frente, rebeldemente*. A própria carreira escolar de P já indicia estes traços identitários.

2.3. Paloma, adolescente rebelde em finais do Estado Novo

A partir do relato infere-se o entrelaçar do *factor de descentramento* – morte do pai –, com a *rebeldia* de P: *“Pierdes el padre, pierdes los dos hermanos también. Te descentras un poco”*(p.1).

A *menina-P* conclui os estudos primários com 11 anos, anunciando, desde o início, que tipo de relação manterá com a escola: irregular e com insucessos. Hoje, lamenta o *desperdício* das oportunidades de estudo e reconhece que, se na época e na zona de origem, estudar era um privilégio, então, no quadro da precariedade familiar o seu privilégio foi maior: *“el Gobierno nos a aportado unas ayudas, nosotros tuvimos facilidades para estudiar, que luego por cierto yo no supe aprovecharlo, porque fui muy rebelde, no, de los cambios, que me encontraron un poco.”* (p.1). *“Y en aquella época, bueno yo estudiaba pues de milagro, porque yo no me considero rica (...) Yo he tenido el privilegio de poder estudiar porque bueno, por las circunstancias de los hermanos, nada más”* (p. 20). *“porque se supone que tenías que salir de la ciudad donde vivías para ir a Lisboa a la universidad. (...) Allí sólo los señoritos, los hijos de los señores, para hacer carrera (...) era la gente rica* (p. 15).

Na mesma linha, recorda que não frequentou a pré-primária porque também só era acessível aos *ricos*; como sublinha a maior importância dada hoje ao suporte familiar: *“Sí, porque nosotros no hemos ido a guarderías. Los niños (...) la gente dice, son más listos, no somos más listos los de antes, o los de ahora. Nadie era tonto. Era inteligente el que era pobre, igual más inteligente que el que era rico, lo que pasa que él tenía más posibilidades. De tontos, nada!; nadie era tonto!”* (p. 19).

Portanto, para P, a escola do seu tempo é diferente da actual a dois níveis: sistema de ensino; e formas culturais da relação com a infância: *“... el sistema educativo sí, es mucho mejor ahora, por-*

que los niños van a la guardería y tienen a gente que está preparada, y (...) no hay violencia. Los niños van a gusto. (...) igual [yo] no tenía ni lápiz en casa. (...) Jugaba yo sola, ¿no?, que es muy distinto a que esté una persona que te enseñe a hacer puzzles, los dibujos con lápiz o con acuarelas, con plastilina. (...) que estés en un sitio donde estén los niños con los niños, de que tenga horarios para comer, para dormir. (...) yo tendría horarios como lo demás, pero funcionaríamos a otro ritmo, porque (...) La madre trabajaba, entonces no es igual. Yo no recuerdo mi madre sacándome al parque todos los días. Entonces no había ni parques. ¿sabes?(...). Salías a la calle y las aceras, allí, buscándose la vida con los amigos. Hoy en día pues las cosas son mucho (...) mejores.” (p. 19, sn).

Paloma preocupa-se em clarificar que a irregularidade da sua vida escolar pela rebeldia, base dos *muitos problemas* que deu à mãe, nada tinha a ver com as suas aptidões para o estudo: “*yo no tenía problemas de asimilar. Yo acababa de los primeros tres de la clase, pero de los buenos. Pero cuando digo yo «para aquí» y ellos dicen «para allá», mal.*” (p. 19).

Ora, como se mencionou, é precisamente para *conter e controlar* a *rebeldia emergente* em P, e para garantir que ela fizesse os estudos liceais, que a mãe aproveita as vantagens da condição militar do filho mais velho (militar e tutor dos mais novos), e acede ao financiamento dos estudos do pequeno casal de irmãos. “*en ese colegio, se pagaba, porque mi hermano mayor al estar en el ejército del aire, si tutor, para que el Gobierno nos diera una paga a cada uno. Entonces, bueno!, con eso teníamos acceso a estudiar en colegio privado (...) pero teníamos que entrar en un colegio religioso, encima con esas condiciones, de colegios religiosos y el Estado.*” (p. 14).

Assim, a mãe coloca³⁵⁸ Paloma aos 11 anos (1972) como interna no mesmo colégio de religiosas católicas onde estuda o filho mais novo: “*nosotros estábamos(...) en el mismo colegio, pero los chicos estaban en unos pabellones y nosotras estábamos en otros*” (p. 14). P permanece aí até concluir o 5.º ano antigo, aos 16 anos (1977), mas sempre contrafeita pois, na época, detestou o colégio de freiras: “*en el colegio (...) machacaban mucho a uno con el tema de la religión, la educación, las normas, eran unas normas muy rígidas. (...) y claro, yo en el colegio me costó mucho aprender a cerrar la boca, por eso, porque me han machacado mucho. Yo viví mucho, la dureza con que me trataban. (...) Misa por la mañana, misa por la tarde, rosario y ahí no podía hablar nada más alto y los fines de semana o temporada de vacaciones de excursión por Fátima, todos los grupos de jóvenes. (...). Y claro, yo fui siempre muy rebelde, y me ha costado mucho (...). Y mi madre: «ten paciencia porque si te va a venir bien. Pero es que yo no te puedo atender, porque tengo mucho trabajo y tú estás muy rebelde y no me cumples los horarios».*” (p. 14).

³⁵⁸ O regime de internato obrigava-a a estar durante a semana no colégio, podendo ir a casa aos fins-de-semana se não tivesse castigos impeditivos – o que aconteceu várias vezes. Entre outras situações, recorda os cerca de 4 meses sem *ir de fim-de-semana* por se recusar a pedir desculpa (ao contrário de algumas colegas): pois considerou o castigo colectivo injusto e não se sentia culpada (pp. 13-14).

Hoje, P olha positivamente para o tempo de internato: *“No tengo ningún trauma. Tengo hasta buenos recuerdos, porque yo, que uno está tranquilo, que ya se le ha pasado todo la locura y ya ha madurado, ve que es positivo, que en el fondo a sido positivo.”* (p. 14). Na lúidez da sua leitura P chega a contextualizar esse modelo educativo; e quando o acusa de rigidez normativa e de orientação excessivamente religiosa e púdica, é o internato católico, típico do Estado Novo, que critica directamente: *“en el colegio (...) yo viví otra época, eran otros años (...) he vivido la dictadura ¿entiendes? (...) Entonces imagínate cómo nos revolucionamos el día 25 de abril, y cómo nos empezamos a enterar lo que podíamos hacer, eso fue un desmadre! (...). Pero es que claro eso es igual que hubiera estado los toros cerrados, se abre la puerta y sale toda la manada, pues nosotros igual”*. (pp. 13-14).

No fecho do Momento 1 da trajectória identitária de Paloma, façam-se chamadas de atenção ao percurso escolar e ao estilo de vivência, e às correspondentes estratégias maternas:

- *relação instável com o sistema escolar*: a P-aluna, que levava 6 anos para fazer os 4 da primária, demorará 5 a aprovar os 3 anos do liceu³⁵⁹, e acaba por optar pela interrupção dos estudos;
- *crescendo do estilo de vivência rebelde*: testemunha-nos, pois, que esta rebeldia evolui da rejeição do modelo do internato até à decisão de parar de estudar: *“pero seguí siempre rebelde, cada vez más, y bueno!, salí con 16 años, con el graduado hecho. No quise seguir estudiando.”* (p. 1);
- *ineficácia das estratégias educativas maternas*: P, amadurecida, evolui da acusação da impotência da mãe até à justificação da mesma, ao constatar a *proporcionalidade directa* entre o crescendo repressivo das práticas maternas e o crescendo da sua rebeldia: *“Yo siempre hecho en cara a mi madre que su error fue haberme metido en un colegio de monjas, porque si yo ya venía un poco rebelde, ellas ya me han rematado. (...) no sé porqué vine atravesada. (...) me deberían de haber dejado más libertad, dejarme elegir, de ocuparse más de mi felicidad y no con los contextos de la sociedad.”* (p. 19).

Finalmente, podem inferir-se alguns *efeitos perversos da acção familiar* na própria rede familiar e nas transacções sócio-identitárias de Paloma:

- rede familiar: a acção familiar terá originado *sentimentos de frustração e de impotência* da mãe enquanto educadora, redundando nos graduais e mútuos distanciamento e conflitualidades entre filha-mãe, e entre irmã-irmãos mais velhos;
- transacções identitárias de Paloma: a acção familiar é-nos apresentada como o próprio pretexto do encapsulamento da filha na *estratégia da resistência-rebeldia* às expectativas sócio-familiares, o que por sua vez redundará na construção voluntária de uma experiência socialmente desqualificadora.

³⁵⁹ Verifica-se outra descoincidência interna, no relato sobre os estudos liceais: na pág. 14 circunscreve-os a 3 anos *“... tres años me ha costado estar allí (...)”* – força de expressão por se tratarem de 3 anos liceais: 3.º, 4.º e 5.º? Dado que no resto do discurso menciona como idades de entrada e de saída, respectivamente, os 11 e 16 anos, a temporalização adoptada para a análise situa-se entre 1972 e 77.

O abandono escolar assumido por P visa a independência da família através da sua inserção laboral em 1977. A implicação de P na autonomia é coerente com a sua rebeldia emergente; mas este estilo identitário também terá sido espreitado pelo ambiente festivo e turbulento da nascente democracia portuguesa – como a leitura do Momento 2 pretende mostrar.

3. MOMENTO 2 – REBELDIA E DESVIO SOCIAL VOLUNTÁRIOS

P passa gradualmente da rebeldia ao confronto-ruptura familiar e, deste, a uma *carreira desviante*. A mesma *carreira* – coincidente com a ruptura de P e a correspondente *banição familiar* – culmina na *queda* de Paloma na exclusão social e na inerente ausência de qualquer reconhecimento positivo (Apêndice 9: Caixa 12).

3.1. Da autonomia à ruptura familiar

“yo miro al ser humano ¿sabes?, no miro la nacionalidad, lo he aprendido así. Yo tampoco te creas que me siento de aquí, yo soy del mundo ¿sabes?, coincido aquí, pero yo soy viajera, he estado viajando mucho, aterricé aquí, pues he tenido que echar raíces aquí y no puedo seguir mi viaje, pero me siento del mundo.” (p. 13).

3.1.1. Momento 2 (1977-1983):

1.^a Fase – autonomização familiar: “*viver a lo loco, un desmadre*”

Paloma começa por relatar ter obtido o 1.^o emprego “*Através de las religiosas...*” do colégio (p. 1); trabalhava numa clínica particular no Porto, onde permaneceu até por volta dos 20 anos.³⁶⁰ A par do trabalho, de dia, inscreve-se numa escola particular para estudar à noite (pp. 1 e 17), tendo nestes 6 anos aprovado a metade das disciplinas do 6.^o ano e a três do 7.^o. Desempenho que não nos admirará, se se tiver em conta a trajectória escolar anterior e, sobretudo, que se tratava do início da tão ansiada independência familiar.

No que respeita à avaliação desta fase, a narradora tem muito boas recordações (p. 1) – “*Y muy bien, en Oporto. (...) Lo he decidido yo y no me arrepiento de lo que he hecho, bueno!, he disfrutado*” –, sobretudo pela experiência de viver “*sin normas, ni horarios*”. E resume-a a uma vida de fruição-borga “*un poco así, a lo loco*”; enfim, um período em que se haverá “*desmadrado*”.

Hoje, para além de Paloma guardar esta memória positiva – e de frisar, pelo impulso do orgulho, que *não se arrepende desse percurso* – reconhece, ao mesmo tempo que foi *mais uma oportunidade que desperdiçou*, pois se tivesse concluído o liceu poderia almejar a melhores condições de emprego: “*lo que pasa es que hoy en día maduras y hechas en falta los estudios, porque podía haber hecho una carrera y hubiera podido estar mucho mejor. (...) luego las cosas son complicadas, yo he*

³⁶⁰ Há descoincidências em algumas afirmações relativas à idade com que deixou o Porto e emigrou: maior de idade, com 20 anos (p. 2); por volta de 1984, com 22-23 anos (p. 1). Tendo em conta estas e todas as anotações que venhamos a fazer devido às des-coincidências identificadas, optou-se por assumir a informação mais recorrente e que remete para a idade aproximada de 22 anos de P.

tenido que salir adelante y bueno, con estudios es mucho más fácil, aunque el problema de un trabajo es muy amplio ¿no?” (p. 1).

Entretanto, no Porto, faz amizade com moças filhas de emigrantes em Salamanca e aceita o convite para passar férias em casa dos pais delas; e só quando aí chega informa a mãe por telefone. O modo de noticiar o passeio mostra os diferendos entre mãe e filha e é bem elucidativo de que as ditas férias também são a viagem da emigração de P, contra a opinião familiar (pp.17 e ss.).

3.1.2. Momento 2 (1983-94):

2.^a Fase, Emigração – ruptura / banição familiar e *errância* rebelde

Algumas passagens do discurso deixam no ar a ideia da maioria de P quando emigra; por isso é que, apesar do desacordo, a família teria respeitado a sua decisão de abandonar o emprego do Porto e ficar a viver em Salamanca (Apêndice 9: Caixa 12).

Contudo, a emigração de P não estará associada ao *respeito familiar*, mesmo que discordante, mas à rotura afectivo-relacional e emocional familiar, sobretudo com a mãe: “*Mi madre puso el grito en el cielo. (...) Y claro, fue duro también, porque mi madre, la única hija que tenía. Yo me fui de casa, fui la única que, fui la primera que me fui de casa, y fui la primera que emigré. (...) eso fue duro para mi madre.*” (pp. 17-18).

Paloma conta de duas maneiras a sua Emigração. Optámos por sistematizar as duas versões contraditórias entre si, mediante uma análise reconstructiva, e sem perder a riqueza paradoxal do relato. O trabalho analítico da 2.^a Fase do Momento 2 trouxe-nos até às seguintes 7 sequências:

1.^a Sequência: a família de emigrantes era vizinha e amiga da mãe de Paloma (portanto, não tinha sido conhecida por ela no Porto): “*vecina de toda la vida de al lado de la puerta (...). Las familias tenían mucha amistad*” (p. 18).

2.^a Sequência: a mãe, afinal, autorizara-a a ir 15 dias de férias com esses vizinhos: “*vine con permiso para quedarme 15 días en su casa y no para quedarme y buscarme trabajo y eso.*” (p. 17).

3.^a Sequência: quando Paloma mostra interesse em ficar em Salamanca a vizinha, começando por colocar o problema do compromisso com a mãe de P, apoia-a na procura de emprego e deixa-a ficar, transitoriamente, em sua casa: “*Me han dado la libertad de quedarme en su casa y buscar un trabajo.(...) Porque cuando yo he decidido quedarme, le he dicho, pues, «yo me quiero quedar», y ella me dijo, «que sí, ¡vengal!; que si tú te quieres quedar, yo te busco trabajo y eso. Pero yo no quiero saber nada con tu familia.». Yo he dicho: «mira, no te metas en problemas de familia.»*” (p. 18).

4.^a Sequência: a mãe, que confiara P para passar férias, desilude-se com a vizinha, com que se zanga, embora durante pouco tempo: “*Y luego mi madre estuvo una temporada que no hablaba con la señora, porque como ella me ha apoyado, aquí, mi madre no lo entendió correcto de haberme*

dado la facilidad (...) entonces mi madre le parecía muy mal que me hubieran dado permiso. (...) eso le parece muy mal a mi madre.” (p.17).

5.^a Sequência: a mãe apresenta um *ultimatum* à filha e tenta pressioná-la a regressar quer directamente, quer através da dita emigrante; Paloma passa, assim, a ter dois problemas: “*Era el problema de mi madre, y problema de ella*” (p. 18).

Só que P redobra a teimosia e obstinação e posiciona-se em relação ao duplo constrangimento, para tranquilizar a senhora e, muito provavelmente também, para salvaguardar a sua permanência lá em casa: “*Yo he dicho: «mira (...). Ella se ha enfadado contigo (...). Pues tu tranquila»*” (p. 18).

As vidas reais, sabêmo-lo, são atravessadas por distintos *humores*. O episódio em análise da vida de P exala humor negro ou, na linguagem comum, «ironias do destino».

Efectivamente, a família de origem passava por uma fase de ebulição afectiva: um irmão casara-se de imprevisto devido à indesejada gravidez da jovem namorada (com 16 anos). Fora a mãe de P quem acolhera a futura nora – na sequência da rejeição desta pelos familiares quando descobriram a gravidez –, suportando os custos do matrimónio e os próprios estudos da jovem mãe. “*Porque resulta que mi hermano, se enrolla con la que es hoy su mujer, que entonces era ya so novia, su novia ya de toda la vida, desde pequeños, y quedó la chica embarazada con dieciséis años. Y la madre la echaba de su casa y mi madre la cogió de su casa. Ya los casó a mi hermano y la chica, mi madre pagó los estudios a la chavala.*” (p. 18).

Face à convulsão da vida familiar – que provavelmente aguça os medos da mãe em relação à rebeldia e liberdade vivenciais da *única-filha-mulher* – P sente-se preterida pela cunhada.

Preterida porquê? Ela que tanto assumia o projecto de filha autónoma?

Porque na sua narrativa de hoje o argumento máximo do *ultimatum* materno é, precisamente, o pré-aviso de que não acolheria Paloma em casa se engravidasse. O argumento ressoaria de forma muito negativa em P, que se sentiu simultaneamente chocada, magoada e injustiçada.

Terá sido mesmo a PALOMA 1 quem sentiu este torvelinho de emoções na época? Ou será a PALOMA 2 o Quem que hoje transforma um *provável aviso materno* de então num *ultimatum*? Ou será a mesma P2 o Quem que hoje projecta nesse *provável aviso materno* um sinal premonitório da trajectória identitária de P1? Será que P2 auto-conferiu-se, a P1 um destino prescrito? Sigamos o testemunho.

6.^a Sequência: nesse momento, P sente-se banida da própria família, sente-se tratada como se os laços, de afinidade e de sangue, não mais a vinculassem à sua família: “*y me ha dicho que no me quiere ver, ni siquiera embarazada, que el niño se quede en casa y a mí me pone con las maletas en la calle. (...) ¡A mi me dices que si yo me quedo embarazada me hechas de casa y me quede con mi hijo, y a la otra le recibió en casa, porque está embarazada de mi hermano.!*” (p. 18).

Ao recordar hoje este período saltam os sentimentos de *tratamento discriminatório* e *desconfiança* por parte da mãe. P aparenta pensar que: i) ela, a *Paloma-em luta desenfreada pela autonomia*, sendo rebelde, é-era a P-única filha mulher; e, para mais, nunca tinha afrontado de modo tão descarado-frontal a moral sócio-familiar; ii) ao passo que a outra, a que não era da família de sangue e era mais nova do que P, «aparece» engravidada pelo irmão e é tratada como se fosse «A filha».

Como distinguir e compreender a profusão de emocionalidades em Paloma?

- Orgulho ferido da *única-filha-mulher*?
- Ciúme da *única-filha-mulher* que passa a ter na família uma «concorrente desleal» – a outra, estranha à família, que destrona P imprevistamente e quebra o pudor familiar, quiçá até o de P ?
- Despeito da *P-rebelde* ao sentir-se superada pela rebeldia da outra ?
- Revolta de *Paloma-A Filha-rebelde* por sentir-se banida ao comparar-se à outra-não filha-acolhida ?
- Mágoa, dor e desilusão por sentir a pouca (nenhuma?) confiança da sua família na sua pessoa ?

Sim. Orgulho ferido, ciúmes, despeito, revolta, desilusão e sofrimento. Paloma diz-nos ter sentido, na época, todas essas emoções.

No presente, a P2 revê a auto-avaliação apressada, pouco profunda e mesmo egoísta da jovem P, outrora ávida de viver: “*Y eso a mi en aquel momento eso no lo asimilaba.*” (p. 18).

No presente, a P2 reinterpreta, de igual modo, as reacções maternas: “*Y claro, fue duro también, porque mi madre, la única hija que tenía... yo me fui de casa, fui la única que.., fui la primera que me fui de casa, y fui la primera que emigré. Entonces claro, eso fue duro para mi madre*” (p. 18).

O quadro exposto ajuda-nos a esclarecer a conflitualidade temporária entre a mãe (os medos da mãe) e a emigrante que acolhe P Quanto à conflitualidade instalada entre mãe e filha, essa permanecerá até à morte da mãe; e a P dos sentimentos de acolhimento pela vizinha e de banição pela mãe-família, inaugurará a condição – objectiva e perene até ao presente – de banida.

7.^a Sequência: após as tentativas frustradas (da mãe e dos irmãos mais velhos) para a convencerem a regressar a Portugal, a mãe formaliza a banição familiar da filha; é o reverso da emigração rebelde de P: “*Mis hermanos (...) no me vinieron a buscar porque no les díe la dirección. Mi madre como que me cortó (...): «no te permito que estés en un país extranjero, me da igual que esté con una vecina (...) como no tienes mi permiso o obedeces y vienes a casa, porque aquí no te falta de nada, o entonces te olvidas!»*” (pp. 17-18).

Recorrências da memória verbalizada por Paloma são, portanto, o orgulho teimoso, a atração pelo risco, e a rebeldeia. Traços da sua *estratégia* para a *autonomia* que, desde esta ruptura, P acciona de forma consciente segundo uma lógica de acção a que chamaremos luta-rebelde.

A partir deste período, P assume a lógica da luta rebelde na orientação da experiência identitária. Imanente àquela lógica está uma dupla funcionalidade que P também *rentabiliza*: 1 - legitimar as transacções objectivas interiores da P-rebelde, i.e., a carreira de errância social; 2 - fundamentar a renegociação reflexiva da leitura social da própria errância rebelde, i.e.: a reconversão, por P, do sentido desqualificante do desvio no sentimento de práticas-lutas valiosas socialmente.

Ou seja: pelo trabalho identitário, implica-se na *reciclagem do* diferente-inferior-desvalorizado em diferente-superior-busca incansável da liberdade. Por tudo isto, P auto-apelida-se de original, sensível, capaz de resistir e lutar contra a submissão – “*del arranque que hay que tener en la vida para (...) que no te dejes humillar por nadie*” (p. 33).

A filha-rebelde tem de seguir o modelo-referência paternos, tem de *auto-provar(-se)* que é capaz de *lutar-vencer*, à sua maneira. E só mesmo pela *reciclagem requalificadora*, pelas transacções objectivas exteriores poderia, aos 22 anos, *arrancar* para um destino socialmente pros-crito encarado, no seu *optimismo identitário*, como a via orgulhosa para a sua libertação.

Perceber-se-á melhor, agora, como a dita *carreira de errância* é despoletada pelas sucessivas rupturas abordadas: rupturas emergentes, na *P-criança*; rupturas críticas, na *P-adolescente*; rupturas voluntárias – também críticas, certamente – e conscientes, da *P-jovem mulher*.

Até à idade de 33 anos, a *errância* de P caracteriza-se pela *estratégia do risco* experienciada através das rupturas sócio-espaciais, familiares e afectivo-emocionais. Portanto, até aos 33 anos, a *formação-consolidação identitária* de P é orientada pela lógica de luta-rebelde. De facto, a entrada na 2.^a Fase do Momento 2 tem forte impacto na pluralidade dos territórios identitários de P, sendo particularmente incisiva nos campos societal-normativo, laboral, sócio-espacial e das sociabilidades.

Importa, então, analisar o tipo de tais impactos e das eventuais respostas identitárias deste modo geradas, ensaiadas ou inibidas – interesse que nos leva ao próximo sub-ponto.

3.2. Contornos (re)contados da errância rebelde

“*Porque he sido siempre una persona muy positiva, nunca he echado culpas a nadie de lo que me ha pasado, si ha sido bueno lo he disfrutado y si me ha pasado situaciones desagradables, he intentado luchar para estar bien. Entonces nunca me he dejado hundir, soy muy, ¿cómo se dice?, optimista, lucho mucho, me gusta estar bien.(...)*”. (p. 1). “*(...) yo, igual también porque he venido a otro país, y hay otras mentalidades y te abres más, y no sé, (...) porque soy muy liberal.*”. (p. 16).

A experiência da *errância* começa por ser condicionada pela *fragilidade* da cidadania de P-imigrante-ilegal. Esse *território sócio-normativo* irregular (estatuto legal), projecta-se na precarie-

dade dos outros territórios identitários (Apêndice 9: Caixas 12 e 13). O momento em análise delinea um *triângulo precário*, cujos vértices são a ilegalidade e instabilidade da condição de *cidadania*, a *precariedade laboral* e as *rupturas sócio-espaciais*. Só que o *triângulo precário* é *arredondado* pelos 2 tons da *fala* subjectiva de P.

Primeiro tom da Narrativa:

A mobilidade sócio-espacial da vida de P ao longo desta década, liga-se intimamente à precariedade do percurso laboral. A tónica é de *auto-afirmação das competências pessoais* – implicação, vontade-força, capacidade de luta –, paralelamente à *desconfiança institucional*. Esta primeira abordagem não explicita o seu estatuto de estrangeira ilegal e desvaloriza alguns obstáculos à sua inserção decorrentes daquele (acesso a emprego; tipo de tarefas e condições de desempenho laborais): “*Y no sé, aunque no tenga trabajo siempre he sido muy agradecida: «bueno!, ya me buscaré la vida!»; y siempre me ha salido bien. (...) también tenía el apoyo de la familia [de acolhimento], me apoyaba a buscar trabajo y yo he estado aquí un mes nada más, sin trabajar. (...) Siempre he estado trabajando...*” (p. 2). “*cuando me he decidido (...), porque he tenido trabajo, y que yo he estado, nunca he tenido Seguridad Social, porque no creo eso de la Seguridad. Yo he trabajado siempre. Yo no he vivido nunca de ayudas, yo llevo quince años aquí, y de ayudas llevo dos, y no he vivido del aire. (...) yo si he tenido suerte en la vida, yo hace cinco años, no tenía Seguridad Social. No tenía nada, y estaba aquí, en Donosti*” (p. 10, sn).

A *Paloma-recém imigrante* deita mãos às várias actividades precárias que encontra em cafés, restaurantes, ou como empregada doméstica. Os dois factores-territórios *estilo de vivência identitária* e *sociabilidades* são justificativos da experiência precária de trabalho instável, insegura e ilegal: “*y siempre he estado también cambiando de ciudades porque luego haces amistades, la gente se mueve mucho de verano y te animas y yo siempre me ha gustado mucho trabajar y luego a través del Consulado,³⁶¹ también me muevo. Me gusta conocer y luego voy, me gusta, busco trabajo y allí me quedo otra vez*” (p. 2).

Na mesma linha discursiva, Paloma avalia essa época de modo muito positivo e caracteriza-a pela *continuidade laboral* – “*...Siempre he estado trabajando...(...)*” (p. 2) – e por efeitos indirectos de promoção identitária: “*...Viajar se aprende mucho. Se conoce muchísima gente y de la gente siempre se aprende, siempre encuentras alguien que te enseña algo ¿no?.*” (p. 24).

Eis como a *vivência ilegal-excluída* – externamente lida como diferente-inferior-dominada, e reciclada na *vivência errante do risco* – é retocada por Paloma num estilo de viver diferente-superior porque *livre*. A *recriação simbólica* do Momento 2, deve-se a um triplo jogo identitário:

³⁶¹ É clara a descoincidência desta afirmação de P com as suas críticas ao Consulado de Portugal espalhadas nas páginas 8 e ss.

- a. à sua postura *optimista* de *risco estratégico* e *orgulho identitário*;
- b. à *reflexividade* e selectividade da sua memória-narração;
- c. à requalificação do seu trajecto como identitariamente *útil* e *coerente*.

Não se fica por aqui a reflexividade de P. Recordar para (re)contar hoje aquele período – anterior, na sua vida, à *queda* – outorga-lhe ainda uma série de direitos conquistados no passado, inerentes à *experiência da errância-rebelde*: os *direitos-suporte* da táctica identitária paradoxal de P. Por que a adjectivei como *paradoxal*? Porque a *táctica* identitária possibilita-lhe a *re-negociação*, simultânea, da *continuidade* e da *ruptura* identitárias.

Nesse caso, como pode elucidar-se tal táctica paradoxal de Paloma? No poder assumir a própria trajectória *desfocando emotivamente* as sequências experienciadas – *assumpção*, essa, burilada por dois *expedientes identitários* contraditórios e complementares: *assumir*, *enobrecendo* e *renegando*. Ou seja:

- i. poder assumir-enobrecendo a própria TI, ao ampliar os momentos positivos e ao contornar as práticas fragilizantes dessa fase;
- ii. poder assumir-renegando a própria TI, ao «apontar-criticar» nos outros práticas similares às suas.

Atente-se nos ilustrativos argumentos que a próxima afirmação comporta: crítica de acções identitárias convergentes com as suas; e distanciamento afirmativo do seu estilo identitário por diferenciação-distinção face ao de outra gente: “*Sabes que la gente ha emigrado legal y con unas condiciones, y hay otra que ha venido con lo puesto a ver lo que pasa y no se puede ir por la vida a ver lo que pasa ¿no?. Tienes que tener una seguridad por lo menos, un sitio donde vas a vivir, y un dinero que puedas* (Imperceptível), *frente a los gastos. Yo por lo menos siempre que he viajado, si no he tenido dinero, he trabajado, nunca he andado a lo loco, ni decir, tengo cinco, me ha ido cinco. Cuando se terminen los cinco que pasa ¿no?. En la vida no se puede andar así, pero me parece que hay mucha gente que ha venido así ¿no?.*” (p. 9, sn).

Segundo tom da Narrativa:

O fluxo conversacional vem confrontar a primeira leitura da errância por P. Ficamos a saber que a grande mobilidade interna no estado espanhol, iniciada em Salamanca (pp. 1-2), a leva até Donostia onde, afinal, esteve 6 anos desempregada (desde 1988) – “...yo llevaba seis años en paro aquí en Donosti...” (p. 5). Este *dado* desmente a ideia, veiculada pela própria, da continuidade laboral em Espanha, significando que P só nos primeiros 4 anos da emigração-errância encontrou trabalho.

No cenário de *desemprego de longa duração* apaixonou-se pelo homem com quem passa a viver por volta de 1991 e com quem mudará, mais uma vez, de zona – para a Cantábria: “*Estuve vi-*

viendo con él 3 años. Que es el padre de mi hijo, que no nos hemos casado, no me arrepiento, porque en ha salido muy bien. Y nos fuimos a su pueblo a vivir. Estuvimos allá 3 años viviendo bien”. (p. 2).

Ao longo de todo o relato, Paloma resgata os momentos bons, a felicidade, a boa recordação dessa conjugalidade, dominante positiva não exclusivamente devida à maternidade. Efectivamente, ao avançar, o testemunho desvela-nos uma táctica da *Paloma-jogadora*: salvar a face.

A *Paloma-rebelde* tem de *salvar* o único período da vida em que se aproximou, ainda que temporariamente, do seu sonho de constituir família: “*porque yo he sido muy independiente, y he vivido mi juventud muy bien, me he divertido mucho, he tenido siempre un carácter muy juerguista, pero siempre viví con la ilusión de formar una familia*” (p. 4). Sonho que rejeitava certas formalidades, como verbaliza de forma franca: “*de haberme casado de blanco. (...) porque yo nunca he tenido esos sueños de vestirme de blanco, de casarme por la iglesia, esas ilusiones que suelen tener las chavalas.*” (p. 14). Sonho não completamente realizado – e descoincidente da sua acção identitária: “*no lo busco tampoco, lo que tenga que pasar pasa*” (p. 4) – o querer ter uma família ganha uma inesperada coerência na narrativa-reconstrução.

Em termos analíticos, a situação vivencial do sonho de constituir família é experienciada, na apresentação identitária de P, em 4 realidades sócio-temporais – simultâneas, contraditórias e complementares – que são: o futuro, o irreal, o real e o quase-real:

- i) é um sonho, quer dizer: uma *expectativa desejosa* de realidade futura;
- ii) é um sonho descoincidente do estilo e de toda a acção identitários de P logo, confina-se a uma *realidade utópica*, à geografia do irreal, inacessível e improvável, pois ela também não *lutou pela concretização* (p. 4);
- iii) é um sonho tornado realidade, que foi interrompido, portanto, pertence às *práticas* reais, à realidade do presente de então, e do passado de hoje; e
- iv) é um sonho não concretizado, *i.e.*, uma *vivência real* mas *incompleta* porque interrompida: *meia-experiência identitária* e, como tal, recambiada para a geografia da quase-realidade.

A acção identitária tem destes paradoxos: projecta-se o futuro; ao viver-se, no quotidiano, o projecto fica aquém do sonhado; e quando se recorda esse presente já passado, remete-se para o plano de um sonho não totalmente concretizado.

Paradoxos constituintes da experiência social que, no caso singular de Paloma, impõem uma interrogação: porquê? Por que é que *Ela* – lutadora e obstinada; *Ela*, que se confrontou com sucessivas situações reais-banais e que sempre desencadeou rupturas, e que percorreu ferozmente as vias de superação dos limites? –, por que é que *Ela* não teve poder para se confrontar com o seu sonho

irreal-real interrompido-irreal ?

Ela explica-nos: porque também neste caso, ao contrário dos irmãos mais velhos, Ela não tem sorte com o amor; e, contra a sorte (o destino prescrito pelo aviso materno premonitório?), não há contra-poderes humanos: “pues no he tenido suerte, la verdad es que en el amor no tengo mucha suerte, y no lo busco tampoco, lo que tenga que pasar pasa, porque yo pienso que forzar situaciones y buscar situaciones a lo largo no nos traen cosas buenas, entonces, pues bueno!” (p. 4).

Neste momento da análise, é possível sistematizar os *capitais-recurso* identitários da vivência de Paloma enquanto P1.

PALOMA 1: capitais-recurso da luta-rebelde

Partindo da fala de P, 6 grandes vectores sócio-identitários configuram os *capitais-recurso*: orgulho, singularidade-originalidade, luta, risco, bons princípios e sorte. No fundo, *capitais-recurso* que não são mais do que os *recursos identitários* «*de partida*», quer dizer: i) os incorporados por ela, de entre os recursos atribuídos-conferidos; e, ii) os assumidos por ela como parte integrante do seu projecto identitário de luta rebelde pela autonomia, contra e através dos capitais herdados.

Na análise seguinte cruzámos dois modos de interpretação: atentar na consonância entre a emergência e a gestão dos *capitais-recurso* de P1; e relacionar estes com os territórios identitários da sua TI.

Território Sociabilidades: nível Psicológico-Emocional

A narrativa da *jogadora-lutadora* transpira uma elevada auto-estima trabalhada pela positiva, que se manifesta no plano Psicológico-Emocional em 4 *capitais-recurso* relevantes: (1) Orgulho; (2) busca recorrente de Singularidade-Originalidade identitária; implicação numa trajectória não apenas de Luta (3), mas, sobretudo, de desafio da própria luta pelo Risco (4).

Território Sociabilidades: nível Afectivo-Relacional

Os mesmos *capitais-recurso* psicológico-emocionais articulam-se, no decorrer do relato, a *incorporações* da experiência familiar e escolar. Embora à sua maneira *rebelde*, P reconhece que teve uma educação com “*principios. Me he criado con educación, con principios y luego he. A pesar de haber sido rebelde, quizá porque como me ha tratado la familia, me he descentrado completamente, pero (...) nunca me he olvidado de lo que he recibido de pequeña, y la infancia también, siempre ha sido muy importante.*” (p. 3).

Trata-se dos poderosos *recursos-capitais* Afectivo-Relacionais. O conjunto das Predisposições-Disposições – de conhecimento, ético-normativas e relacionais – que ostentam duas especificidades:

- a) acumulação de dupla carga – positiva, e negativa quando objecto de rebeldia;

b) desempenho particular da simultaneidade de *recursos-suporte* e *recursos-investimento*. I. é: i) *capitais-recurso-suporte*, na medida em que fundamentam, alimentam, e são o objecto de ruptura da *P-lutadora*: inverte as expectativas sócio-familiares pelas práticas do *risco rebelde-borguista-presentista*, ii) *capitais-recurso-investimento* na medida em que a *P-jogadora-lutadora* os manipula sem os abandonar: rentabiliza-os, para reproduzir e aperfeiçoar essa mesma lógica de acção.

Territórios Simbólico-Representacional e Estilo de Vivência Identitária:

A Sorte que, apesar de tudo, *ela* tem³⁶², é o *capital-recurso* mais marcante das suas auto-categorizações. Dando-lhe diversos *usos identitários* ao reelaborar a memória – é visão, é representação e é vector – presta-se ainda, pela simbólica exaltação da auto-estima da *P-jogadora*, a paradoxais manipulações afectivas.

Assim, repare-se que o mesmo trabalho simbólico alarga a abrangência do *recurso Sorte*, até pulverizar todo o seu estilo identitário. Na verdade, Paloma *rentabiliza* de dois modos o *capital-recurso relacional* (psicológico-emocional), *auto-estima*:

◆ é o (*capital*-)*recurso do estilo identitário*: a Sorte funda a predisposição optimista para viver o *risco* e o reproduzir-aperfeiçoar;

◆ é transfigurado num (*capital*-)*recurso supra-social*: a Sorte condensa-se numa essência, num fatalismo optimista, logo, no *recurso* incontornável que é o seu destino.

Temos vindo a ser os espectadores da reinterpretação de componentes identitárias *herdadas*, pela *P-filha rebelde* do *Pai-referência modelar*: a *P-rebelde*: implicada na ruptura, no risco, na errância pelo desvio; a *P-rebelde*: auto-apresentada como orgulhosa; a *P-rebelde* que é a *P-jogadora*: apostada e implicada no contrabando do material identitário mais precioso – a memória-em-construção pela reflexividade.

Sem a *memória-material identitário* P não poderia ter testemunhado o processo de desqualificação no Momento 3, uma vez que só pela reflexividade podem os sujeitos sociais reposicionarem-se nos espaços-tempos da sua acção.

A multiplicidade de rupturas despoletadas quando assume a gravidez-maternidade: 1. tingem o sonho irreal-real interrompido-quase real; 2. revolvem o desejo não procurado-encontrado-frustrado no maior pesadelo da sua TI; e 3. o macro-sonho vivencial de P desagrega-se na realidade.

³⁶² A expressão ocorre 17 vezes: 14 na 1.^a Entrevista, e 3 na 2.^a. Globalmente, analisando a sua co-ocorrência na unidade de contexto (relato de P), depara-se com uma forte ambivalência no discurso de Paloma, pois a unidade de registo Sorte tanto designa uma força como uma fraqueza dela: 7 das ocorrências referem-se a P e ao sentido positivo que confere à TI, na medida em que tem Sorte; outras 7 ocorrências funcionam como comparações dela com outros (principalmente com os irmãos mais velhos), através das quais P salienta o sentido negativo da sua TI pela privação da sorte que os outros tiveram; as restantes 3 ocorrências tomam outro referente; embora fo-quem a não Sorte da TI, tal menção é duplamente mediada: pelo desperdício de oportunidades (= responsabilidade por desresponsabilização) de P; e também pela sua própria ausência de estratégia (= responsabilidade por irresponsabilização), segundo ela, “*porque (...) la suerte llama a la puerta de vez en cuando, unas veces estás en casa y otras veces no estás*” (p. 29). A presença da unidade de registo Sorte com esta minoritária significação (3 ocorrências) verifica-se nos contextos em que o discurso foca o futuro identitário.

4. MOMENTO 3 – O PSD: DO “VIVIENDO BIEN” À “MALA RACHA”³⁶³

“*Son muchos años que llegas aquí, muy buenos, porque yo (...) hasta los 33 que quedé embarazada, yo no sabía lo que eran problemas (...) de ninguna clase. Los problemas me han venido a raíz de decidir tener el niño. La separación ha sido mis problemas que yo tuve que enfrentarme en la vida, yo sola.*” (p. 4, sn).

A *P-rebelde-orgulhosa-jogadora-diferente e superior* porque livre mergulhará agora na exclusão e na dependência sociais, experienciando subjectivamente, a vivência objectiva da dominação submissa e da desqualificação identitárias. Os vários propiciadores desta aglomeram-se em 3 núcleos: traços identitários de Paloma; contexto e posição social do casal; processo da gravidez-maternidade. Tendo abordado os traços identitários, centremo-nos nos outros dois núcleos.

4.1. Factores do PSD

A *precariedade* da posição social do casal caracterizam um cenário problemático que é completamente esfrangalhado quando a *P-rebelde* se consciencializa, com o nascimento do filho, da impossibilidade de manter o mesmo estilo de vida.

4.1.1. Contexto problemático, posição social do casal

São 4 os territórios-vértices do quadro vivencial de 1991 a 1994: recursos, condições face ao trabalho e habitacionais; e estatuto irregular da *P-imigrante*.

Território Societal

A condição de imigrante irregular continua a manifestar-se na sua exclusão da cidadania plena e, em particular, na precariedade laboral, e na inerente ausência da garantia de protecção social continuada: “*cuando uno está ilusionado y está quizá también enamorado y hace las cosas a lo loco, no se preocupa de papeles, porque total, puedes estar, aunque no estés legal, ¿no?.*” (p. 2).

Território Laboral

O qualificativo aplicado por P a esta fase da conjugalidade – «vivendo bem» – parece advir do halo romântico da relação e, quiçá também, do eventual acomodamento de P ao *estilo de fruição*. Na verdade, P ter-se-á inscrito como *desempregada* na zona de SnSn entre 1988-91, enquanto manteve regularizada a autorização de residência. Com a mudança do casal para a Cantábria por volta de 1991 – em pleno período de inactividade de P (meia dúzia de anos, de 1988 a 1994) – tinham caducado a inscrição e os direitos válidos para o País Basco. Desde então, por inércia pessoal, fica *legalmente desprotegida* (p. 5).

Por seu turno, a *frágil situação económica* do companheiro³⁶⁴ era de *grande instabilidade*

³⁶³ Leia-se: «mau bocado», «as passas do Algarve».

³⁶⁴ Temática omitida voluntariamente por ela, apesar das tentativas de recentragem do relato.

laboral, embora P alegue que ele possuía alguns bens e, em particular, o andar onde residiam, adquirido através de empréstimo bancário: “*Él tenía muchos problemas profesionales, económicos. Estábamos pasando mala racha. Yo no estaba trabajando.*” (p. 2).

Territórios Económico-Materiais e Sócio-Espaciais – Condições Habitacionais:

A inatividade laboral, aliada à instabilidade e insuficiência dos recursos do casal, explicam a dívida das prestações ao banco, donde resulta o despejo familiar, por ordem judicial: “*Y lo que el banco se ha hecho con todo lo suyo!, porque una vez que no hacía frente a los gastos, el banco le ha quitado todo el patrimonio que tenía, y yo, estábamos los dos con lo puesto*” (p. 2). É nesse contexto de gradual *degradação* do estilo de vida do jovem casal, que ela engravida.

4.1.2. O processo da gravidez-maternidade, outro factor do PSD

Paloma, no momento em que fala, viaja para *dentro* deste processo. A pouca distância a que o *relato* fica do *tempo físico e cronológico* da crise (cerca de 4 anos) é bastante mais encurtada pelo *tempo psicológico*. A subjectivação desta experiência transmuta o tempo passado – o enquanto caía – num *tempo longo, demorado*; ao passo que hoje – o enquanto recorda a queda e o enquanto continua a erguer-se – exprime um *tempo de re-aceleração moderada*. Mas a operação simbólica mais significativa quanto à experiência social do tempo por P é, seguramente, a da ruptura com a anterior *vivência ciclónica*, pois toda a sua existência até agora rola ao ritmo do *tempo-fruição-borguismo*. Curiosamente, tal experiência sócio-identitária – positiva para P e marcada pelo presentismo muito evidenciado em trajectórias socialmente desqualificadas e dominadas – é, com o processo de desqualificação, desacelerada, compassada, refreada mesmo.

Portanto, embora o seu discurso nos relate *a queda*, exprime-a sob a forma original da *rarefação* das energias ou implicação identitárias. No percurso de Paloma, o processo de desqualificação, ainda que vertiginoso, é vivido como a ruptura na sua liberdade total de arriscar.

Por isto mesmo, a sua narrativa é exemplar nos planos metodológico e conceptual: a entrevista sociológica qualitativa adoptada permitiu-nos ir acedendo aos *mecanismos sócio-identitários* por ela *implicados* na sua requalificação social. E o seu testemunho é uma clara reelaboração existencial face à mobilidade descendente da carreira voluntária de *errância-desvio-fruição-presentismo* para a indesejada vivência – objectiva e subjectiva – do *isolamento relacional*, da *exclusão social* e do *tempo-suspenso-«coalhado»*. E o processo de desqualificação significa a suspensão da margem de manobra social de P, e ela sente-o como um reductor da velocidade e da intensidade da sua apropriação do tempo. Daí que as sequências da *queda*³⁶⁵ sistematizadas a seguir sejam, simultaneamente,

³⁶⁵ Curiosamente, P expõe as Sequências da sua *queda* no início do relato, logo após rápida apresentação da sua vida, numa atitude que parece

etapas conducentes ao seu assumir da monomarentalidade, e fases da sua consciencialização da imprescindível re-construção sócio-identitária. Sigamos as reconversões de *tempo* e *capitais* identitários.

4.2. O Processo Social da *Queda* de Paloma - Etapas e Sequências

São 4 as grandes Etapas do processo de desqualificação de Paloma – a gravidez *dele* e a desilusão com *ele*; as rupturas afectivo-relacional e sócio-espacial (voluntárias?); e a exclusão involuntária – as quais, por sua vez, abrangem e se desenrolam ao longo de 8 sequências vivenciais.

1.^a ETAPA do PSD: da conjugalidade à maternidade, em feliz precariedade

1.^a Sequência: Relata que não queria ter filhos; e acrescenta que ele, que queria, a convence a engravidar.

2.^a Sequência: Paloma engravidada aos 33 anos de idade, durante o 3.^o ano da vida conjugal.

2.^a ETAPA do PSD: desilusão subjectivada, companheiro negligente, precariedade relacional

3.^a Sequência: Uma vez grávida (1994), e segundo repetições no relato, P apercebe-se da falta de maturidade *dele*. A narrativa acentua essa extrañeza face ao companheiro que, antes, queria ter filhos e agora não assume a situação, nem se interessa por a solucionar ou a mudar: *“hay gente que no madura y cuando tiene un problema con los padres y yo como he sido así, entonces necesito una persona al lado muy fuerte, y siempre hasta que no conoces las personas (...) todo son alegrías y todo marcha (...) pero luego, cuando hay un problema grave y hay hijos por medio, y las cosas se han hundido por falta de su cabeza, no se, se ha ido el tema de las manos y él no lucha para salvar su familia, él no me sirve de nada, porque si es una persona débil, yo lo siento mucho por él ¿no?, pero para mí no puede seguir al lado mío, porque yo no puedo sacar adelante tres personas.”* (pp. 3-4).

4.^a Sequência: O companheiro propõe-lhe irem viver para a casa dos pais, na terra *dele*. A proposta *dele* – entendida por nós como a sua tentativa de contribuir para solver o problema – é por ela configurada como um reforço da dependência e não, a por si desejada, promoção da vida da jovem família.

5.^a Sequência: P recusa viver na casa dos sogros *“«No, digo yo, yo no voy a casa de nadie!, porque de irme me iría a mi casa y yo entiendo que una vez que busqué mi independencia, no tengo el derecho de ir a llevar problemas a casa de nadie. Entonces yo prefiero assimilar mi historia y me voy con mi hijo!». «¿Adónde vas con un niño de cinco meses?». «Tú no te preocupes, que yo me busco la vida y ya!»”*. (p. 2).

6.^a Sequência: Desiludida e muito magoada com o companheiro, P sente-se sozinha e desam-

conter dupla intenção: mostrar-se à-vontade com o seu passado; adiar/evitar (definitivamente?) o mesmo período na Entrevista.

parada: *“Fíjate la frialdad con que los problemas, lo que te resbalan de tal manera que llegas a un momento que has estado con una persona y que a sido el padre de tu hijo, y luego no sientes nada, de un momento a otro (...) Yo volví allá y ya es que no sentía nada, es que no me ha impresionado entré en casa y sacar las cosas, ni hablar con él, ni verle (...) y luego porque no le daba ninguna oportunidad, porque no ha pedido oportunidades de volver”* (p. 3). Em sofrimento, a sua reavaliação da vida conjugal leva-a à ruptura.

3.ª ETAPA do PSD: sonho suspenso e ruptura afectivo-relacional voluntária

“Yo no lucho por un hombre, yo lucho por mi hijo, porque es la única responsabilidad (...) y es lo único que yo tengo en la vida, porque la pareja está como deja de estar (...) por eso siempre me ha dado mucha fuerza para luchar.” (p. 4).

7.ª Sequência: Face ao sentimento de «solidão mal acompanhada», P decide assumir sozinha o bebé e iniciar a ruptura Relacional-Afectiva: começa por abandonar o companheiro e procurar apoios; ao fim de 5 meses passa por casa para buscar o filho e alguns haveres, sumindo de vez da vida dele, sem deixar rasto nem contacto: *“cogí mi maleta y dejé todo allá. Cuando lo fui a buscar a los 5 meses, entré en casa como si no hubiera pasado nada. (...) fue un espacio de cinco meses.”*(p.3).

4.ª ETAPA do PSD: ruptura sócio-espacial voluntária, exclusão involuntária

8.ª Sequência: É a concretização dessa dupla ruptura – afectivo-relacional e sócio-espacial – com o regresso ao País Basco. Paloma vai para Irún, deixando definitivamente a Cantábria, viagem possibilitada pelo apoio de um amigo a quem Paloma pede dinheiro (pp. 2 e ss.). Embora comece por referir que regressou logo a SnSn, na continuidade do relato esclarece ter iniciado em Irún a procura de respostas institucionais. Posteriormente, apercebemo-nos de que, afinal, P começara tal procura ainda na Cantábria, onde não obteve qualquer apoio formal por razões legais, conforme a esclareceu a trabalhadora social que a encaminhou para instituições de SnSn (pp. 2 e ss.). Explica-nos também que não gosta de pedir favores e antes prefere pedir *“a un desconocido que a la familia”* (p. 3); razão de ter solicitado as 40 mil pesetas ao dito amigo, que lhas envia para a Cantábria, e paga a viagem para Irún: *“ porque yo no puedo sacar adelante tres personas. Yo saco a mi hijo (...) yo lucho por mi hijo, porque es la única responsabilidad que tengo en esta vida”* (p. 4).

A propósito deste vector autonomia-orgulho identitários de P não pode deixar-se de sublinhar uma aparente contradição do relato.

◆ PALOMA 1+2 – quando toma a sua trajectória como referência, a relutância orgulhosa em pedir favores é uma recorrência saliente do discurso de P (pp. 2-3; 6-7, 11-12, 33);

◆ Passagem de PALOMA 1 a PALOMA 2: mas quando o relato transvasa para a comparação entre os apoios sociais a estrangeiros pelos estados Espanhol e Português, o sujeito social P metamorforseia-

se em outro narrador e frisa que toda a sua requalificação dependeu e foi possível pelas medidas sociais, e respectivo acolhimento institucional, bascos: “*A mi el Gobierno Vasco me lo está dando por la cara (...) Mira: me han dado el pasaporte y he tenido que estar en un piso de Cáritas que no tenía trabajo (...) sí tú me dices con quién debo más, posiblemente al País Vasco, porque son los que me han ayudado. (...) Cuando yo no tenía hijos, fueron, los que tiraron por mí, que me han tratado como una persona más. No han mirado de donde yo era. No han mirado mi nacionalidad.*” (pp. 9-10).

♦ A *P-orgulhosa*, que não gosta de pedir ajuda nem favores, reivindica as ajudas oficiais portuguesas que não obteve, no que fundamenta o não se sentir patriota hoje – com um sentimento de abandono, esquecimento ou de indiferença por parte do governo da sua terra natal: “*¿porqué me voy a sentir yo patriota, entiendes?. Es que no puedo sentirme (...) porque yo no debo nada a mi país. Porque el Consulado supo mi situación y en ningún momento nadie me ha dicho: «¿necesitas?».* (...) *yo no renuncio a mi tierra, pero a mi no me han hecho nada por mí. Esta gente a hecho por mí más que si yo no soy de aquí (...) tengo mi nacionalidad de mi tierra, pero claro (...) me siento de aquí, porque como estos fueron los que me salvaron. (...) me siento de aquí, y eso me duele ¿sabes? Es una de las cosas que, las veces que pienso ¡jo!, de que me siento si soy de allá o porque a veces entras en temas y me duele oír criticar a mi tierra, porque es mi tierra ¿no?. Y digo: «?pa que me va a doler? Si, es que yo soy de allí, y he nacido allí, pero !yo no tengo nada que agradecer a nadie, porque nadie me ha echado un cable cuando yo lo he necesitado!».»*” (pp. 9-10, sn).

À primeira vista, está-se face a uma argumentação contraditória; mas quando se diferenciam os dois níveis argumentativos que o discurso encerra, a mesma argumentação ganha coerência:

- nível A: a *P-lutadora-rebelde-orgulhosa* auto-afirma, ao longo de toda a entrevista, a relutância em pedir (ajuda, favores...), quando a acção identitária se reporta ao território das sociabilidades de proximidade, das relações informais e horizontais.
- nível B: a *P-lutadora-jogadora* adopta, na relação com as redes verticais e institucionalizadas, a atitude estratégia da reivindicação. Face ao Estado, e em particular face às entidades de Acção Social, inclusivé as não públicas, três considerandos parecem suportar o seu discurso: 1- que o laço social não é paritário; 2- que se encontra na condição de desprovida, desmunida, privada; 3- que a sua acção identitária nos sub-sistemas sociais formais não é pedir : é solicitar e reivindicar o acesso ou a concretização dos direitos do filho – a sua acção identitária é reivindicar os seus direitos como mãe.

Neste sentido, os 2 níveis de argumentação reafirmam a coerência complexa da acção de P e possibilitam o melhor entendimento do percurso de *busca sistemática* de respostas institucionais com que ela inicia a sua requalificação: “*a mí me han pasado situaciones duras de tener que ir a pedir, que es muy humillante, para mí lo de pedir es lo que más me cuesta, pero digo jo (...) pero mi hijo no*

tiene culpa de las cosas que a mí me hayan salido mal y el no puede ser la víctima de mis situaciones. Entonces yo digo: «bueno, es que pedir me da vergüenza, porque no vas a pedir para ti, vas a pedir para tu hijo, el no tiene la culpa de que haya echo las cosas mal. Eso vino así y ya está, y como me salieron así pues tengo que solucionar la mejor manera, siempre que él no se sienta perjudicado», ¿entiendes?.” (pp. 11-12, sn).

Antes das etapas da requalificação, detenhamo-nos nas reacções globais de P à sua queda.

4.2.2. REACÇÃO(ões) ao PSD: reciclar capitais e tempos identitários

Pode dizer-se que P, inaugura em três frentes, o *trabalho de reconstrução* da sua vivência identitária i) re-orientada, a partir de agora, da rebeldia para a selectividade, a prudência e a segurança; ii) centrada, a partir de agora, no tempo-duração do seu novo projecto identitário de mulher-mãe-educadora-emancipada; e iii) continuada, como até agora, sob o signo da luta e do risco.

1) reconversão do tempo identitário

Paloma desenvolve duas reacções para a requalificação: uma, de *esmorecimento identitário* – a desilusão de não ter uma família; outra, de «*arranque*» *identitário*, ao assumir o filho sozinha.

Provavelmente, a reacção de esmorecimento terá sido anterior à reacção de arranque, mas na análise deste caso, não defendo uma cronologia diacrónica na sucessão da primeira reacção à seguinte. Em Paloma, e noutros sujeitos sociais, a *força identitária do arranque* parece gerar-se ao mesmo tempo que se avoluma a *consciência das fragilidades e da frustração vivenciais*. Para a requalificação em sujeito social, P teria ainda de desenvolver uma competência convergente: a *reciclagem* dos capitais identitários (Apêndice 9: Caixa 13).

2) reciclagem dos capitais identitários

Procuraremos caracterizar o processo de reconfiguração dos *capitais-recurso* em *capitais-mais valia* – processo selectivo, criativo e recriativo, protagonizado por P (Apêndice 9: Caixa 13).

PALOMA 2: capitais-mais-valia da luta-realista

“cuando bajé me volví loca. Pero digo, ahora hay que sobrevivir, y para sobrevivir cuesta y tardas en llegar otra vez, y decir, bueno, ya puedo respirar por lo menos, me ha costado dos años y pico levantar cabeza. (...) Que me costaron, fueron dos años y pico duros” (p. 12).

Constata-se a reacção de sacrifício estratégico, ao mesmo tempo que P se vai reorientando para a prudência identitária. O sacrifício estratégico está patente em:

1 - luta: lutar sem se deprimir mantendo a cabeça fresca (pp. 12, 29 e ss.) e conservando a força psicológica (pp. 2 e ss, 6, 12-13, 29 e ss, 32 e ss.): *“Los problemas hay que estudiar la forma de salir de él, y con la mente cansada no puedes (...). Mira, a mí los problemas nunca me han quitado ni el hambre ni el sueño. (...) Yo creo que es saberse dominar ¿no?.”* (p. 30). *“No tuve depresiones, a de*

más no soy muy depresiva, ¿sabes?. Digo: «bueno, ¿uno para que va estar aquí volviéndose loco, si no te arreglan la situación?» (...) hay que tener la cabeza fresca para poder ver y estudiar las posibilidades.» (p. 12 sn).

2 - optimismo: retirar o positivo das situações desagradáveis (pp. 6, 8, 12 e ss, 17 e ss, 29 e ss.) sem esquecer os *maus bocados* (pp. 33-34); e

3 - gerir e planificar recursos: não fazer extras (pp. 30 e ss.).

A estratégia da prudência identitária é agenciada a partir deste momento em função do filho e manifesta-se a 4 níveis: gradual busca de segurança; selectividade e prudência da sua acção; três linhas de mudança que se associam ainda à aposta na requalificação emancipada (pp, 2, 5, 6, 17 e ss, 22, 27, 29 e ss, 31 e ss.).

Que acontece, então, aos capitais-*recurso*? Como são convertidos os capitais-*recurso* da P1 nestes capitais-*mais valia* para P2?

A “*elevada*” *auto-estima* continua a marcar a narrativa da acção de P; vejam-se, *p. ex.* os ênfases na força psicológica, na atitude optimista e na reacção de luta. O que acontece é que, sem abandonar a lógica de luta identitária, Paloma troca a rebeldia pelo pragmatismo-realista.

Representa a dita reorientação do estilo de luta de P um abandono do vector identitário do *risco*? Aparentemente, sim. Numa apreciação passageira e superficial, sim. Ou mesmo num olhar objectivo-externalista. Mas, segundo uma interpretação objectiva-intersubjectiva atenta às transacções identitárias (interiores e exteriores), P não sufoca, não abandona, nem substitui o risco, seu vector constitutivo e constituinte enquanto sujeito social P. O que, sim, observamos é que, à reconstrução *relacional* do seu projecto de luta identitária, corresponde a *renegociação*, por P, do tom ou modelo dela assumir o vector *risco*. Em consonância com as reacções a processos de desqualificação de outros sujeitos sociais, a reconstrução identitária de Paloma comporta *riscos novos e mais arriscados* a partir do momento em que decidiu deixar de viver em continuidade com a *P-rebelde-borguista-presentista*. Dos mencionados *riscos novos e mais arriscados*, os centrais são: 1.º - o assumir-se como mãe; 2.º - o assumir-se como mulher em ruptura conjugal; e, em consequência, 3.º - o assumir-se globalmente, como mãe monomarental.

Assumir a monomarentalidade é a maior ruptura da trajectória identitária de Paloma, nas vésperas do Momento 4, o da luta pela garantia da sua requalificação social. Tendo Paloma conquistado esta *garantia*, vai reorientar o seu estilo de viver orgulhosamente em e pela luta. Logo, P não abandona o risco nem o orgulho; antes circunstancializa ao inédito processo de desqualificação social estes recursos identitários, como também reorienta para a requalificação os outros capitais-*recurso* – disposicionais-predisposicionais e sorte.

Chegados aqui, é-nos revelada de forma cabal a dupla personagem continuamente representada por Paloma enquanto P1 ou P2.

A Paloma-atriz-jogadora – quer a lutadora-rebelde (PALOMA 1) quer a lutadora-pragmática (PALOMA 2) – apresenta-se-nos em representações ver-sáteis e paradoxais: tanto é a culpada-auto-responsável-optimista (pp. 11-13, 18), quanto a vítima-desresponsabilizada-predestinada (p. 22). A estratégia de P2 para a requalificação de P1 funda-menta-se nesta dupla personagem.

É também daqui que flui o modo de reacção – o Momento 4 – visível nas duas Fases da Requalificação.

5. MOMENTO 4 – A REQUALIFICAÇÃO SENTIDA: “AQUÍ TENGO UN LUGAR”

“Yo entiendo la vida como las escaleras, subir y bajar.(...) estás arriba y cuando bajé me volví loca.” (p. 12). “...he comido papas, he estado muy arriba, muy abajo, y estar tan abajo que no ves el momento de ir arriba” (p. 29). “Yo en cuanto a mi experiencia no puedo decir nada. Yo he trabajado y sigo trabajando y sigo luchando para un trabajo, para poder (Imperceptível) de las ayudas³⁶⁶, pero si que es positivo, para mí fue positivo esto. He sacado lo mejor, porque no puedes quedarte ahí apalancado, llorando en casa, ¡cómo salgo de esto!, no pues si esto no va para adelante pues buscamos otro camino, si me he equivocado por aquí, busco otro, ya saldremos. Yo pues he buscado, me ha salido bien, estoy con fuerza.” (p. 12).

Encontrando-se na mais profunda destituição, a luta de P pela família monomarental passará por 4 etapas, ao longo de duas distintas fases: a da Luta contra a ilegalidade e a exclusão sociais (desde meados de 94 até cerca de 97); e a da Monomarentalidade Requalificante, mediante a dependência das respostas sociais. A 1.ª FASE corresponde a uma atitude reactiva de P, desdobrando-se até atingir um estatuto preciso: o de ser reconhecida socialmente como tendo direito ao acolhimento e respostas institucionais; assim, decorre em 2 etapas sucessivas de crescente legalização e visibilidade da família. Já a 2.ª FASE de iniciativa implicada da P-mãe serenada configura, também em 2 etapas, a efectiva promoção do quotidiano família, e desagua na requalificação – bem visível na projecção do itinerário futuro pessoal e familiar por P. Acompanhemos o seu esforço.

5.1. Etapas do Processo de Requalificação Social (PR)

5.1.1. – 1.ª Fase: Luta *contra* a Ilegalidade e a Exclusão sociais (1994 a 97)

Decorre nos dois primeiros anos da procura de ajuda formal e informal, caracterizados pela recriação e pela construção de raiz, de redes de suporte e de sociabilidade: *i) redes de suporte informais*: refere ter recorrido a amigos e a conhecidos influentes, no País Basco; *ii) redes de suporte formais*: inicialmente, como se disse, recorre a instituições sociais na Cantábria, sendo

³⁶⁶ Com fundamento na situação de entrevista pode esclarecer-se que P refere-se aqui à aspiração de dispensar, gradualmente, as ajudas sociais e passar a gerir os recursos familiares de forma totalmente emancipada.

encaminhada, por estas, para as instituições bascas especializadas na resposta a *mães solteiras* (pp. 2, 4-5 e 6; Apêndice 9: Caixa 13).

P parte para o *jogo* não com duas mas com *três faces-personagens*: a vítima do sistema e a culpada pelo processo de desqualificação, nossas conhecidas; e a “nova” P-sortuda-acolhida e respeitada nos respectivos direitos (maternos e filiais), apesar de cidadã-ilegal-inexistente. Paloma ressalta, desde logo, a maior eficácia das respostas institucionais bascas em relação a outras províncias autónomas do Estado espanhol, de que cita a Cantábria e Madrid (pp. 2, 4-5): “*yo en Donosti no tuve ningún problema*” (p. 3). Apesar desta avaliação, permanece algo ambígua, no relato, a distinção³⁶⁷ entre a sua situação ilegal (documentação desactualizada) e a condição de estrangeira:

- por um lado, diz ter-se *sentido* estrangeira; e que, por *sê-lo* efectivamente, lhe exigiam a documentação legal;
- por outro, sublinha que o motivo da recusa de ajuda institucional nas outras províncias não foi pela nacionalidade mas por ela já ter iniciado antes, em SnSn, a legalização (pp. 8 e ss.).

Portanto, o motivo do retorno àquela cidade Basca – após as tentativas na Cantábria³⁶⁸ – é a necessidade de suporte institucional legal enquanto mãe: “*mi problema era mi hijo (...) había que comer, había que vestirle, había que pagarle una educación (...) No me preocupé de que yo estaba sola..*” (p. 3).

Que respostas encontram em SnSn? Paloma constrói a 1.^a Fase através de 2 etapas (Apêndice 9: Caixa 13).

1.^a ETAPA DO PR: acolhimento temporário e procura de suportes legais

Em SnSn, começa por pedir alojamento temporário a uma amiga³⁶⁹ que muito a apoiaria por ser basca e ter conhecimentos na cidade: “*Ella me ha ayudado mucho, ella es de aquí del País Vasco, tenía más o menos idea de cómo pedir ayuda y moverse a través de la asistente social.*” (p. 2).

Terá vivido aí, segundo o relato, durante cerca de 20 dias, período em que tem o primeiro ataque de asma, de que sublinha o bom acolhimento institucional da rede de saúde basca, e o facto de ter sido tratada embora (estivesse) ilegal³⁷⁰. Práticas exemplares da qualidade dos mesmos serviços

³⁶⁷ P mostra perceber que, embora como europeia não necessitasse da Autorização de Residência, esta era determinante por ser uma cidadã europeia *excluída* (p. 2).

³⁶⁸ “*En Irún la gente no me ha ayudado, han puesto muchas trabas, pero sin embargo, yo en Donosti no tuve ningún problema.*” (p. 3).

³⁶⁹ P diz que esta amiga “*se volvió loca (...)[consigo] porque dijo: «esta mujer, me va a volver loca, ¿qué vamos a hacer con ella?»*” (p. 2).

³⁷⁰ Aquando de uma ida à discoteca em 1994, P teve de ir ao hospital; daí decorreu a sua hospitalização, de urgência, por 20 dias. Quer o internamento, quer os tratamentos inerentes, todos foram gratuitos, o que ela friza bem no discurso. Menciona ainda: uma crise de asma em 1995 nas mesmas condições de ilegalidade, com internamento-tratamento de 15 dias (p. 11); novas crises durante 1996: “*Fui de urgencias cuatro o cinco veces (...) no me han pedido un duro (=um tostão) nunca!*” (p. 11); e 1 ano de internamento gratuito do filho, por artrite no joelho (p. 12).

são, também a solidariedade e a cumplicidade dos profissionais de saúde – que ela e o filho tiveram a Sorte de usufruir (p. 12).³⁷¹ Estimulada e orientada pela amiga, iniciam juntas a busca de acolhimento: “*Entonces cogimos y nos fuimos a la asistente social.*” (p. 2).

Da exclusão esconjurada à exclusão assumida

P começa pelo Departamento da Mulher do município onde a trabalhadora social a encaminha para a sede da Cáritas Diocesana, após informá-la de que, no momento, não dispunha de vagas no andar de acolhimento para ‘*mães solteiras*’.

Uma vez realizada a entrevista com a trabalhadora social coordenadora das casas de acolhimento de ‘*mães solteiras*’ da Caritas, inicia-se a apreciação técnica e logística do acesso de Paloma àquelas: “*El sábado [em Abril / 95] entré en el piso de madres solteras.*” (p. 3). Anote-se que esta entrevista com a técnica é agradavelmente recordada pois, na versão de P, os mesmos serviços deram-lhe «*todas las facilidades*».

2.^a ETAPA DO PR: alojamento-suporte institucional, segurança e sofrimento

O acolhimento institucional numa residência para «*mães solteiras*» dá-se em Abril de 1995 (p. 3). Esta fase – de “*1 ano*” (p. 3) ou de “*2 anos e picos*” (p. 12) – seria bastante dura para Paloma embora, actualmente, ela a reveja como *buena e positiva* (p. 3).

Solidão e vida dura: Paloma na residência para mães solteiras

Paloma foca 3 dimensões desta nova experiência: a organização doméstica e disciplinar; o aumento de responsabilidades – e perda de autonomia – pessoais; e as difíceis interacção e sociabilidades com as outras mulheres acolhidas. Na verdade, experimenta viver numa casa onde tem de manter-se, se não submissa, pelo menos assertiva: “*...tienes que oír mucho y tienes que saber callar.*” (p.12) – quer dizer: numa casa onde não tem poder – “*...no es tu casa, no mandas tú, no decides tú*”. Aí, refere, tinha quarto privado, estava tudo sempre muito limpo e nunca faltava nada: era uma casa “*super-organizada*”.

Problemáticas, sim, as sociabilidades, mais propriamente o confronto com outras mulheres e jovens muito fragilizadas, apesar de reconhecer novamente que teve Sorte: “*Yo he tenido suerte que he conseguido con muy poca gente en el piso, pero bueno, han podido estar dos como pueden estar seis, ¿no?. La convivencia es muy difícil entre personas, porque cada una tiene un mundo, con experiencias, con educación. Los principios y eso, todo influye a la hora de convivir, y bueno (...) he estado con gente en piso que me ha amargado mucho.*” (pp. 3, 7).

³⁷¹ Aponta duas situações: 1^a) tendo um salário restrito que não comportava despesas grandes com a saúde (p.ex.: aparelhos e produtos para asmáticos), os ditos profissionais ofereciam a P amostras de medicamentos; 2^a) aquando do internamento do filho, aqueles chegaram mesmo a levar de suas casas comida para as refeições da mãe.

Também lhe pesavam bastante a autoridade institucional e as responsabilidades-provas que lhe cabiam: *“la experiencia, la experiencia fue buena, positiva. Dura, porque claro, son pisos donde hay unas normas donde tienes que respetar, porque si ni somos.”* (p. 3)

O discurso remete também para duas vertentes dos capitais-recurso disposicionais que terão contribuído para a sua orientação e adequação ao novo quotidiano: i) o rígido modelo educativo do colégio de freiras que lhe ensinara a controlar e conter a sua rebeldia: *“he tenido mucho tiempo para aprender a callarme.”* (p.12); e ii) os padrões morais e princípios familiares: *“Pues yo me hice a las normas, porque bueno, yo he tenido principios. Me he criado con educación, con principios (...). A pesar de haber sido rebelde, quizá porque como me ha tratado la familia, me he descentrado completamente”* (p. 3).

Acontece que, se nunca faltava nada na casa, a Paloma faltava-lhe muita coisa nessa fase de grande sofrimento pessoal. Recordava ter sentido muito a falta da família no início do acolhimento, sobretudo da falecida mãe: *“Entonces claro, yo vivía allí pues sola, sin apoyo de nadie. Al ser extranjera, pues dices, ¡jo!, tienes apoyo sí, pero no es lo mismo que la familia, ¿sabes?, yo hecho en falta la familia, porque no se, no es lo mismo, tengo amistades, muy buenas amistades, que siempre están con nosotros, nos apoyan, pero no es lo mismo que la madre, que tengas una madre que aunque te riña, pues te abre la puerta, ¿no?. Y bueno en ese momento sentí mucha la falta de mi madre, porque mi madre se murió en el 85.”* (p. 3, sn).

Os sentimentos dominantes do discurso são a solidão e o isolamento sócio-relacional: P confessa que, para além de sentir-se “*extranjera*” e *orfan*, não tinha com quem contar.

A Paloma forte psicologicamente, e a quem os problemas não deprimem, vacila para o lado da angústia nos primeiros dias na casa – dias da questionação, de confronto, e de consciencialização e ambientação sócio-identitários. Paloma confessa-nos que chorou muitas vezes – *“¡y el primer día, pues, lloraba mucho!”* (p. 3) – e parece ser desde então que P somatiza as primeiras crises de asma.

A vivência da vertigem por Paloma corresponde a um prisma de quatro faces cortantes: É a vertigem do sofrimento pessoal: i) isolamento relacional, inerente à ii) primeira e brutal desqualificação da sua vida *“quedada”* (p.12); *“Son muchos años que llegas aquí, muy buenos, porque yo he estado hasta los 33 que quedé embarazada, yo no sabía lo que eran problemas. (...) Los problemas me han venido a raíz de decidir tener el niño. La separación ha sido mis problemas que yo tuve que enfrentarme en la vida, yo sola.”* (p. 4, sn).

E também é a vertigem do sofrimento pelo filho, o qual: iii) à semelhança, mas contra a vontade, de Paloma, tem um pai-*ausente*; e iv) ao contrário da Paloma-filha (cresceu sem pai mas guarda a boa imagem dele até hoje), não crescerá com a imagem-modelo paternos: *“pero bueno, infinidad, se repite la historia, porque mi hijo tampoco va a vivir con su padre, y eso es algo que me*

duele mucho, porque yo no creí con mi padre, pero tengo su imagen y es buena la imagen que tengo del padre, y cuando fui a vivir con este chico, pues iba toda ilusionada" (p. 4).

Este é um testemunho de *travessia do sofrimento e da dor* que, ao mesmo tempo, potencia uma grande *maturação* pessoal e um estímulo à reflexividade.

Efectivamente, Paloma procura manter-se lúcida e pragmática. Tal esforço objectiva-se na reformulação da consciência do seu lugar no mundo, ao longo das 6 seguintes sequências:

1. recorda toda a sua vida;

2. mantém-se muito atenta às mulheres com quem coabita e estabelece comparações: prudentemente, estuda-as: *“Porque bueno, digo, no me ha gustado o no ha sido bueno, pero ha sido positivo, porque he aprendido a convivir con otra gente. (...) es que yo al no haber tenido problemas, pues ni siquiera me ha pasado la cabeza que los demás han tenido problemas, hasta que no estás ahí (...) parece muy fuerte haber estado con gente pues que ha venido de la calle, que tienen unas vivencias totalmente distintas... (...) Pues piensas así un poco, analizas un poco el historial de cada uno...” (pp. 6-7, sn).*

3. relembra a vida com a família de origem;

4. elabora comparações entre o seu percurso-lugar social e o dos irmãos

5. estabelece comparações de diferenciação entre o seu estilo de emigração e o de *“outra gente”*

6. e conclui, da variada reflexão comparativa, que há quem viva pior e tenha sofrido mais do que ela: *“dices: «¡jo!, pues la mía al lado de la suya, no es nada» ¿no?. (...) gente en el piso (...) que tenía unos historiales y unas vivencias (...) parece que el mal de los demás te compensa un poco(...), aunque estemos todos en el mismo barco (...) Entonces dices: «¡jolin!, ¿cómo puede ser esta gente adelante?. Yo no creo que no voy a salir pues yo al lado de esta gente, pues yo estoy capacitada para salir adelante», ¿no (...) Y entonces lo que necesitas es ánimos para salir adelante...” (p. 7, sn).*

Aqui está, reciclado, o *capital-recurso* Optimismo, o fermento do *arranque* identitário de P.

Exclusão assumida e orgulho: reivindicação de direitos

Outra mudança fulcral foi a regularização da família na segurança social. Nascido o bebé em SnSn, foram-lhe conferidos os direitos de cidadania espanhola, excepto o da reforma – *“le han dado todo, tiene carta de Seguridad Social (...) tenemos derechos a médicos, a recepcionistas, a medicamentos, como cualquier ciudadano español.” (p. 11).*

Quanto a P, após estudo técnico do triplo estatuto de fragilidade – excluída-utente, mono-parental e asmática – também viu legalizada a sua situação na forma de dívida a repor futuramente

(pp. 4 e ss; 9 e ss, 12): “*a mí, cuando me metieron los datos en el ordenador, toda la vida que tenía con la Seguridad Social (...)! Y digo: «Pues sí, yo debo a la Seguridad Social, pero ahora yo no puedo pagar, ahora mismo estoy en un piso de Cáritas, con una mano adelante y una atrás, no tengo ni casa ni trabajo. Y tengo a un hijo aquí de cinco meses, en brazos y a ver como salimos de esto. (...) el día que pueda pagar eso, cobráis, pero hoy en día te voy a decir que no vais a cobrar nada ¿porque no tengo un duro para mí, como para pagar Seguridad Social?..». Así me dijo: «Bueno, vamos a estudiar tu caso, porque como tú eres asmática, en cualquier momento tienes que ingresar o lo que sea (...) vamos a solicitar para los dos» (...) y [quando volta a reunir] me dijo: «Mira te voy a dar la Seguridad Social a ti y al niño. Tenéis derechos a los medicamentos y a médicos y a todo». Yo más contenta (...) ya respiramos: «!Hay Señor, que hemos estado más allá que para acá!». Ese día, digo: «!Hoy es fiesta!», porque más contenta.!.” (p. 11).*

Culmina, com este passo, a luta de P contra a exclusão, estatuto dos não-estatutos, e pelo reconhecimento social da sua condição. Solidão-isolamento relacional, sofrimento, saúde fragilizada, choque identitário, saudade da mãe – nenhuma destas emocionalidades lhe minou o Optimismo e o Orgulho:

Paloma não confia, não desabafa, nem pede ajuda aos irmãos e cunhadas; continuará a busca de respostas pelas instituições e através de amizades e conhecimentos, antigos ou recentes, por ela construídos (p. 6). De aqui em diante, Paloma (e o filho) reposiciona(m)-se: 1- P escora-se na re-avaliação do vivido, 2- P assume-se como cidadã em situação de privação absoluta; 3- P joga com a duplicidade do lugar social conquistado: pobre de facto e por direito (reconhecida socialmente).

De aqui em diante, Paloma pode, então, arriscar-se de novo no dia-a-dia, enquanto lutadora activa – atitude em recuperação e crescendo ao longo da 1.ª Fase do PR; atitude instituinte do arranque da 2.ª Fase, no mesmo PR que continuamos a acompanhar. O arranque ou, também pelas palavras de Paloma, o ânimo dinamizador da requalificação, brotará da reconversão do sujeito excluído em pessoa activa: P encontra um lugar social pelo reencontro da identidade laboral.

5.1.2. – 2.ª FASE: Luta pela promoção da família monomarental (1997 a 98)

Paloma prossegue o PR a vários níveis identitários: requalificação laboral (precária), arrendamento de habitação familiar autónoma, inserção escolar do filho, e acesso a medidas sociais centradas na família (Apêndice 9: Caixa 13).

3.ª ETAPA DO PR: requalificação pelo retorno ao trabalho precário

“*esos ánimos te los da el trabajo. Si no sales con el trabajo, no puedes salir, y yo en ese aspecto pues tuve suerte, y estoy muy conforme (...) pedir, no hay que pedir ¿no?, pero es un derecho que tenemos al trabajo.*” (p. 7).

Através da mesma Trabalhadora Social da Cáritas³⁷² retoma a actividade laboral; desde 1997 P passa a trabalhar de manhã como empregada doméstica, em regime de trabalho interino que qualifica como trabalho fixo, muito bem remunerado, e num ambiente óptimo. Aliás, é pelo ambiente e pela relação com os empregadores que legitima já ter recusado propostas de contratos temporários que, a seu ver, são propostas arriscadas: “*Tengo un trabajo por las mañanas, y la gente muy maja [i.e., “fixe”]. Ella es asistenta social y el es médico, y nos cuida mucho, nos trató como uno más de la familia. No es de esta gente que «tu eres empleada, nosotros somos los señores». Una gente muy sencilla. Cuando Juan está malo no me hace ir a la guardería, es más facilitable llevar al niño a casa a trabajar que eso, hoy en día es muy difícil que te faciliten, y bueno, no tengo que decir nada de ellos, muy buena gente, he tenido suerte*” (p. 5).

4.ª ETAPA DO PR: realojamento e reivindicar o direito à dependência das ajudas sociais

O orgulho-dignidade: ter direito a direitos sociais

“*yo si estuve en el piso (...) allí salí con trabajo, con piso, alquilé un piso*” (p. 4): também através da Cáritas Diocesana de SnSn acede ao arrendamento de um andar onde viverá por pouco tempo, até conseguir arrendar um outro, encontrado por meio de uma religiosa e técnica social³⁷³.

Estabilizar o *território sócio-espacial casa* permite à família monomarental dar um decisivo passo no percurso da promoção; ao mesmo tempo, o balanço – comparativo, optimista – da estada na casa de acolhimento, encoraja-a a re-avaliar a sua situação: os *contratempos* (p.12) e a *sorte* (que apesar de tudo constata na sua vida) são os critérios que adopta para narrar-se como destituída.

Nesta 2.ª Fase do PR sempre centrada no filho, foi fulcral o acesso do mesmo ao ensino pré-escolar até aos 3 anos, num colégio de religiosas. Posteriormente, a continuidade da *trajetória escolar do filho* passa pela dispendiosa inscrição em outro colégio particular de religiosas – exemplo incontornável, quer do *sacrifício estratégico* de Paloma pela criança, quer da estratégia da *prudência* e do *pragmatismo-realista* da mãe face ao futuro do filho: “*J. ha estado en un colegio de religiosas, hasta los tres años. Ahora este curso en Septiembre, va con un colegio de religiosos también, que se llama La Salle, que es de los mejores colegios de Donosti. Siempre me preocupa, me supone un gran sacrificio que vaya a colegios privados*” (p. 4).

Mais uma operação simbólica do discurso de Paloma à volta dos *capitais-recurso* disposicionais.

³⁷² Recorrente no testemunho é também a gratidão de P para com esta instituição, sentimento fundido com o *recurso fatalista Sorte*: “*pues tuve suerte porque con Cáritas también me ha ayudado mucho.*” (p. 3, sn).

³⁷³ Trata-se de uma monitora do andar de acolhimento com quem *Paloma*, recentemente, fizera amizade -p. 5).

Na hora de explicar o *sacrifício estratégico* pelo filho, Paloma apela à sua experiência de internato, reconverte-a em padrão identitário, e transforma os *capitais-recurso suporte e investimento* da P1 num *capital-recurso-suporte* do próprio filho: “*como yo tengo buenos recuerdos del colegio donde estuve, quiero que J. siga en el colegio de religiosos, porque tienen otra preparación, otra conducta, y hay más disciplina (...) quiero que sepa aprovechar también las posibilidades que le den, las que yo no supe aprovechar en su momento. Pero con que sea bueno y honrado, pues ya estoy conforme, y si saca una carrera mejor (...) para mí sería una satisfacción (...) no quiero decir que es lo que pueda pasar, porque es él el que tiene que elegir, lo que va a hacer, pero si no quiere estudiar, pues que trabaje, porque aquí como va no e puede.*” (p. 4, sn).

Da exclusão e da privação absoluta assumidas à reinclusão precária

A estabilização dos *territórios identitários laboral e estilo de vivência precária* da família monomarental, vai ser acompanhada por várias medidas (poder basco e central de Madrid); particulares; e privadas. Diversificadas, mas convergentes entre si, as medidas de política social accionadas pelo processo de desqualificação e de requalificação social de P e do filho ilustram a possibilidade de uma intervenção técnica, não sectorizada, mesmo quando não institucionalmente subscrita como parceria formal: “*Yo ahora mismo pues estoy viviendo también con ayudas, a mi cada vez que tengo que renovar las ayudas me cuesta mucho (...) porque yo nunca he pedido y vengo de una familia que nunca ha pedido nada a nadie*” (p. 7). “*tengo unas ayudas del Gobierno Vasco de vivienda y luz. Luego Diputación también me da una ayuda familiar para el niño*” (p. 4).

Cinco *territórios identitários* foram alvo do trabalho institucional no processo de desqualificação e de requalificação social de Paloma:

1. ajudas financeiras para renda da casa e gastos de electricidade – Governo Basco;
2. ajudas financeiras destinadas à criança – “Diputación” de SnSn;
3. continuidade da assistência na saúde – Segurança Social Basca;
4. continuidade da condição legal (sendo, o filho, cidadão basco) – Serviço de Estrangeiros;
5. apoios jurídico e social – Cáritas Diocesana Basca e Políticas Sociais do Estado Espanhol.

Mobilizada e motivada pelo filho, a trajetória *desviante-rebelde* de P aporta ao cais da *prudência* e da *segurança*, onde sonha com a compra de casa e com o sucesso profissional do filho.

Em nome do filho e por causa do filho, elo e raiz identitários da *P-Maria rapaz* que nasceu “*niña, pero con la mentalidad de chico*”, e que só com “*la maternidad*” se sente “*más femenina*” (p. 14)³⁷⁴. Em nome do filho e por causa do filho, o elo e a raiz identitários de P, a justificação

³⁷⁴ Cf., na mesma página do relato, as menções à rejeição a brincar com bonecas ou com *coisas de meninas*, a vestir saias e, até, à distribuição

para o facto de ela, hoje, aplicar toda a sua disponibilidade na educação dele; justificação para o facto de ela, hoje, não poder-querer voltar a sofrer por razões afectivas-conjugais – ainda que, no seu imaginário, o Amor para toda a vida configure o futuro: “*De momento estoy de amores nada de nada, nada de nada. (...) estoy muy tranquila. No es que yo piense que los hombres son todos iguales, pero yo ya estoy un poco escaldada. No tengo ganas ahora de líos de corazón, porque nunca sabes si te va a salir bien, si te va a salir mal, y si te sale mal otra vez a las andadas, sufres otra vez, y yo no tengo ganas de sufrir, porque yo he sufrido mucho, y ahora co-mo estoy relajada, no quiero saber nada, porque me preocupan otras cosas (...) también me gustar-ía rehacer mi vida con otra persona, y bueno que fuera para toda la vida por lo menos. Pero hoy en día para toda la vida no tienes nada*” (p. 6, sn.).

Em nome do filho e por causa do filho, o elo e a raiz identitários de P, a justificação para ela, hoje, admitir o *mito do eterno retorno* à terra, mas só quando considerar que atingiu um nível de estabilidade e dignidade sociais que não a envergonharão face aos irmãos.

Em nome do filho e por causa do filho, o elo e a raiz identitários de P, o único e fiel homem de toda a sua vida de mulher, pois segundo ela hoje, se tivesse nascido homem “*sí, hubiera tenido mucho más fácil. ¡Hay!, que fácil lo hubiera tenido si hubiera sido chico!*” (p. 15).

6. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO E AUTO-CLASSIFICAÇÃO POR PALOMA

De acordo com a análise efectuada constata-se que a reconstrução sócio-identitária de P reconfigura a sua Auto-Classificação como pessoa e o seu auto-posicionamento social. Pela Comparação Social, P realiza predominantemente um trabalho simbólico de auto-distinção social face aos outros, a qual se tece através da sua Consciência das desigualdades sociais. Na verdade, P refere 5 posições sociais entre as quais os pobres que categoriza em três grupos. E, à sua auto-distinção positiva, como à sua consciência das desigualdades sociais, estão subjacentes outras representações.

6.1. Comparação e Classificação Social

A consciência da hierarquia e das desigualdades sociais está patente quer na autoclassificação de P, embora ambivalente (pp. 6-7), da origem social como pobre, humilde (pp. 1 e ss, 7, 20) e de pertença à classe operária (p. 20); quer em 5 grandes posições sociais que destaca:

1. - os ricos, os senhores: para quem prefere trabalhar como empregada doméstica, e com quem se identifica ao nível da mentalidade e das competências relacionais (p. 28);
2. - os novos ricos: (pp. 29 e ss.);

(fantasiada pela P-mãe de hoje?) pelas amigas das regulares prendas do pai-*ausente-modelar*.

- 3.- os acomodados (ou remediados, na linguagem da época do Estado Novo), onde inclui genericamente os grupos de classe média (p. 7);
4. - os pobres (pp. 27 e ss.); e
5. - os abusadores dos subsídios (p. 9).

6.1.1. Comparação Intergeracional

Ao elaborar comparações sociais Paloma desemboca em diversas distinções e diferenciações sociais positivas relativamente a 5 tipos de actores-outros (pp. 29 e ss): a) os *outros emigrantes*; b) os *outros novos ricos* que estão acima dela na hierarquia social mas não são nem sabem ser *senhores*; c) os *outros familiares*: os irmãos-mais velhos; d) os *outros* que estão abaixo dela na hierarquia social por, ao contrário dela, serem *pobres de espírito* porque i) não tiveram princípios educativos; ou ii) não tiveram a Sorte dela (pp.12, 34); e) os *outros outros*.

Analisemos a categorização de P como imigrante.

Na comparação com outros emigrantes portugueses Paloma adopta o ponto de vista da emigrante experiente e assume um *discurso legalista*, salientando-se dois argumentos: 1) crítica de acções identitárias convergentes com as suas; 2) distanciamento do seu estilo identitário por diferenciação-distinção face a essa *outra gente*: “*Sabes que la gente ha emigrado legal y con unas condiciones, y hay otra que ha venido con lo puesto a ver lo que pasa y no se puede ir por la vida a ver lo que pasa ¿no?. Tienes que tener una seguridad por lo menos, un sitio donde vas a vivir, y un dinero que puedas (...) hacer frente a los gastos. Yo por lo menos siempre que he viajado, si no he tenido dinero, he trabajado, nunca he andado a lo loco, ni decir, tengo cinco, me ha ido cinco. Cuando se terminen los cinco que pasa ¿no?. En la vida no se puede andar así, pero me parece que hay mucha gente que ha venido así ¿no?.*” (p. 9 sn).

Paloma distingue, pois, os a1) imigrantes legais, com os quais, paradoxalmente, se identifica (pp. 9-10); os a2) imigrantes ilegais, que são, segundo ela, de dois tipos: i) pessoas enganadas e iludidas com falsas promessas de trabalho e que são explorados e desrespeitados em todo os direitos – como as que ela conheceu na casa de acolhimento) (p.12); ou ii) pessoas que emigram apenas com a roupa que trazem vestida e sem saber falar a língua (e que ela também encontrou aí) (p. 9).

1) Família de Origem - Irmãos

Comparativamente ao nível de vida da família de origem, a referência sistemática de P para exemplificar uma Trajectória Ascendente ou de promoção social é a trajectória vivida pelos irmãos-mais-velhos.

Globalmente, considera que eles tiveram Sorte nas respectivas trajectórias identitárias: o processo de desqualificação da família de origem foi, como vimos, o factor despoletador da necessidade-

possibilidade de eles optarem e concretizarem os seus objectivos de vida, o que não ocorreu com ela (p. 15). Ao classificar o nível de vida dos irmãos e respectivas famílias como *mais do que acomodados*, situa-os na posição social de classe média alta.

2) Vida dela e vida dos irmãos-mais-velhos

Tem como objectivo futuro atingir um nível de bem-estar similar ao dos irmãos, pois considera, com alguma *vergonha*, que vive bastante abaixo daquele nível de vida: “*Déjalos estar ahí, que no les falta de nada, y a mí lo que me falta lo busco yo con tiempo, porque yo quiero estar con mi familia, pero yo estoy bien, porque antes no quería estar con ellos, pero ahora que tengo ya a mi hijo, y quiero mi casa (...). Porque si me ven ahora no se van a sentirse orgullosos. Yo quiero que mis hermanos me vean bien, ¿sabes?, porque ahora mismo no estoy mal, pero no es lo mismo que diga tengo, y esta es mi casa.*” (p. 17). Curiosamente, diferencia-se e distancia-se do estilo de vida conservador deles, pois considera que o seu estilo de vida lhe possibilitou maiores conhecimentos, enriquecimento relacional, pessoal e cultural, e melhores competências para preparar o filho para a vida.

3) Vida dela e vida do irmão-mais-novo

Das comparações sociais elaboradas por P ressalta também a valorização do sucesso do irmão-mais-novo: considera que têm *estilos de vida* parecidos, com afinidades (p. 16); se bem que refira que ele usufruiu de mais bem-estar e melhor qualidade de vida, e que o alcançou mais rapidamente do que ela própria.

4) Trajectória Escolar - avós e pais / geração de P / geração do filho

Para P, a escola está melhor Hoje do que no Passado em 3 grandes níveis (pp. 19-20):

a) democratização do acesso ao ensino: salienta que há mais possibilidades/maior diversidade de escolha, de realização e de saída profissionais;

b) sistema educativo: menciona a maior competência dos profissionais; o sistema educativo não repressivo; a maior vigilância das crianças; a adequação dos horários à vida dos pais; os bons materiais didáctico-pedagógicos e estimulação de capacidades cognitivas e de aprendizagem;

c) conhecimento e respeito das crianças: sublinha os espaços públicos para brincar (parques); a maior liberdade nos modos de educar e na relação com a criança em geral e o desporto.

6.1.2. Comparação Intrageracional

1) Avaliação da Trajectória Migratória por Paloma

Para P, Hoje como no Passado, vive-se melhor *aqui*-Espanha que *allá*-Portugal. Vimos que ao afirmar ter emigrado quando já estava independente da família, Paloma ofusca parcialmente a verdade, uma vez que a sua emigração inesperada provoca a banição da família de origem.

A contradição desta primeira forma de expor a vinda para o estrangeiro é reforçada quando iguala o viver *aquí* à liberdade, *i.e.*, ao não ter de dar explicações do seu comportamento à família de origem; como exemplo da maior liberdade atingida com a emigração, cita o padrão sócio-cultural espanhol *do lazer e da festa* e, concretamente no seu caso, o facto de *só ter começado a frequentar discotecas quando emigrou* (pp. 8, 10).

Como mulher-excluída, pela comparação entre o seu percurso e o das outras mulheres com quem partilhou a casa de acolhimento para «mães solteiras» conclui que a sua trajectória identitária foi e é muito melhor.

2) Trajectória do Casal (P e o pai do filho)

Avalia-a como inicialmente ascendente e estabilizada e, posteriormente, descendente, reconhecendo que foi o ponto de partida para o seu processo de desqualificação.

3) Paloma: Reavaliação do PSD/R

A avaliação global de Paloma da sua trajectória identitária é positiva: *“en cuanto a mi experiencia no puedo decir nada. (...) si que es positivo, para mí fue positivo esto. He sacado lo mejor, porque no puedes quedarte ahí apalancado, llorando en casa, ¡cómo salgo de esto!, no pues si esto no va para adelante pues buscamos otro camino, si me he equivocado por aquí, busco otro, ya saldremos. Yo pues he buscado, me ha salido bien, estoy con fuerza.”* (p. 12). Crê que se tivesse vivido o seu processo de desqualificação em Portugal não teria tido as possibilidades de que usufruiu no País Basco. Não deixa, contudo, de dosear esta crença com a prudente menção ao facto de, efectivamente, sentir que não dispõe de dados concretos para opinar, uma vez que não conhece as respostas sociais portuguesas por não ter voltado ao país desde que emigrou (pp. 4 e ss., 8 e ss.).

4) Paloma e a Identidade Nacional Portuguesa

A propósito da sua desilusão com o Estado português, comparativamente ao apoio recebido pelo País Basco na sua reinclusão social, Paloma *auto-apelida-se*, como vimos, de *não patriota*, e desenha um quadro da identidade portuguesa (pp. 9-10).

Curiosamente, no discurso da *P-não patriota* Portugal é designado pelo artigo pessoal *nós*; para ela, a nossa identidade assenta em seis argumentos: 1.º – (Portugal) nós, no passado, fomos ricos; 2.º – nós, acabámos por perder tudo o que tínhamos; 3.º – nós tivemos um tempo demasiado longo de ditadura que se reflecte na nossa ignorância política; 4.º – nós, porque ignorantes em política, não estávamos preparados para a democracia e, por isso, no pós-25 de Abril praticámos *selvagens e tonterias*; 5.º – a situação social do país terá mudado muito desde que saíu – pelo menos, ela está convencida disso, embora não tenha conhecimento directo e, como tal, não possa *hablar mucho*; 6.º – finalmente, a nossa situação estará melhorando porque *“es la generación nueva la que puede hacer algo, y estará luchando, y (...) haciendo algo más de lo que hemos hecho nosotros”* (p. 23).

Portanto, mais do que a sua própria geração, é nos jovens que P acredita, até porque *hoje, já* podemos reconhecer os erros cometidos no passado e *já* podemos falar e fazer política, porque *já* houve tempo para amadurecer. Para P, a esperança da melhoria social de Portugal são os jovens.

6.2. Auto-Classificação e Auto-Posição Social

6.2.1. Paloma: Auto-Classificação como Pessoa no Passado e no Presente

As mencionadas (auto-)distinção positiva e consciência das desigualdades sociais por P, assentam na sua representação da sociedade e da vida social como na sua hierarquização de valores.

Paloma explica-nos a sua representação da vida como uma escada onde, quando se desce, custa muito a subir ou retomar a posição inicial: “*Yo entiendo la vida como las escaleras, subir y bajar. (...) estás arriba y cuando bajé me volví loca.*” (p. 12). “*he comido papas, he estado muy arriba, muy abajo, y estar tan abajo que no ves el momento de ir arriba*” (p. 29). Mas valeu a pena tal luta pois, hoje, a sua *vida vai muito bem* (p. 34), e encara-a *com força de vontade* (pp. 33 e ss.).

Já a sua hierarquia de valorações normativas abrange diversas dimensões, a saber:

- relacional: i) pessoas inteligentes, com educação e personalidade (pp. 22 e ss, 27); ii) pessoas que trabalham *em função* dos outros, que respeitam o tempo dos outros (não se atrasam) (pp. 24-25); iii) pessoas que têm profundidade, simplicidade, paz interior – sabem organizar-se para saber estar na vida, o que é mais importante do que o dinheiro, na sua opinião (pp. 24 e ss.; 27 e ss.);
- existencial e antroponatural: i) a vida, o estar viva e grata a todos que foram solidários, “*porque estamos de paso.*” (p. 12); ii) a viagem, forma de *aprender muito* e conhecer *muitíssima gente* (pp. 24, 28 e ss.); iii) a natureza (p. 24);
- societal no quadro da globalização, a tecnologia; *p.ex.*: comunicação pela internet (p. 24).

Vimos também que Paloma recorre a múltiplos qualificativos e atributos para se classificar como um sujeito social que, simultaneamente, é:

- a portuguesa-alentejana que se rebela e convoca os valores socializadores da família e meio de origem;
- a portuguesa-emigrante-não-patriota que *exclui o retorno à terra* porque seria *andar para trás* (p. 4);
- a mulher não tradicional, não-convencional, desacomodada (pp. 31 e ss.);
- a trabalhadora
- a mulher-mãe-cidadã

Podemos agora recordar os atributos recorrentes no seu discurso para a auto-classificação como pessoa desde criança:

- filha *mais nova*, a filha *desejada* e *mimada* (pp. 3, 14);
- filha *rara, especial*; a pessoa *original* (p. 29)
- pessoa (criança, jovem, e adulta) *muito rebelde*, que *veio atravessada*; *sem meio-termo* e que *deu desgostos* à família (à mãe); a pessoa que *desperdiçou oportunidades* (p. 29);
- pessoa (criança, jovem e adulta) com *muita personalidade* (pp. 13, 18-19)
- pessoa (criança, jovem e adulta) formada *com princípios* que nunca esqueceu, que *recebeu* e aprendeu *a dar* (p. 13),
- pessoa *viajante*, a cidadã do mundo como o pai (pp. 8, 13), a pessoa aberta, *muy liberal* (pp. 16, 28) e *borguista* (pp. 1, 4);
- pessoa *optimista* (pp. 1, 12, 22, 29-30, etc);
- pessoa *lutadora*, a pessoa que sempre lutou pela independência e autonomia pessoais, a *pessoa com arranque* (pp. 1, 3, 5, 11-12, 16, 22-23, 29 e ss.);
- pessoa *orgulhosa* (pp. 2-3; 6-7, 9-12, 33, etc);
- pessoa *maria-rapaz* que só pela *maternidade* se (re)vê e sente feminina (p. 14);
- pessoa-*mãe* que luta por uma trajectória identitária em segurança; a pessoa-mãe que assume o filho sozinha, para quem o filho é a prioridade (pp. 2, 5, 6, 17 e ss, 22, 27, 29 e ss, 31 e ss.);
- pessoa *com Sorte* (pp. 3, 12, 34);
- pessoa com o *sonho* de constituir família (pp. 4, 6,) mas que (só) não tem sorte no amor.

E, na disjunção culpada/vítima, Paloma é

- a P-não-mãe: centra a acção identitária no pólo actor responsável, P-culpada-auto-responsável-optimista: “*Que conste que mis problemas me los he buscado yo por mi locura, por mi rebeldía!*” (p. 13); e

- a P-mãe: torna a sua trajectória dependente do pólo sistema, subalterniza a sua acção pela fórmula P-vítima-desresponsabilizada-predestinada. A auto-categorização como vítima do sistema é, pois, uma condição que não pode afectar o filho, uma condição pela qual o filho não pode pagar: “*mi hijo no tiene culpa de las cosas que a mí me hayan salido mal y el no puede ser la víctima de mis situaciones.*” (pp. 11-12).

7. – CATEGORIZAÇÕES DE POBREZA : FACTORES, TIPOS E «LUTAR CONTRA»

7.1. Factores de Pobreza

Paloma designa vários factores como causas da pobreza, como diversificado é o seu levantamento das medidas necessárias para a respectiva superação. Quando reflecte sobre as causas da

pobreza *desenha, de forma clara e lúcida, a relação dos “actores” ao “sistema” em “quadros situacionais”*, já que realça factores sócio-estruturais (pp. 2, 6); factores disposicionais e psicológicos – ao focar atributos como o orgulho e a acomodação; e factores relacionais-transaccionais – nomeadamente, quando menciona descoincidência entre a posição e os recursos sociais dos actores e os estilos de vivência dos mesmos.

7.2. Tipologias de Pobreza

Afirmando que há muitos portugueses pobres mendigando e frequentando os refeitórios para os «sem abrigo» da Cáritas em SnSn, no seu discurso estão presentes 3 grandes tipologias de pobres:

1.ª Tipologia: A - pobreza voluntária – pessoal, e opção de vida: *como no seu caso*, a pobreza é escolhida; B - pobreza involuntária – sócio-estrutural ou geracional: é uma espécie de destino social que identifica aos *mendigos*, aqueles que pedem ou têm *necessidades* (p. 20);

2.ª Tipologia: C - pobreza verdadeira – refere aqueles que reivindicam, por necessidade, os apoios e as ajudas aos pobres – como ela própria, mas sem se incluir na categoria; D - pobreza falsa: aponta *os abusadores*, aqueles que se aproveitam indevidamente das ajudas aos verdadeiros pobres (no País Basco) (pp. 20, 27);

3.ª Tipologia: E - pobreza espiritual – indica como pobres de espírito aqueles que são carenciados por descoincidência entre a posição social real e os estilo e vivência identitário-culturais que praticam; F - pobreza total – reconhece ser a condição dos carenciados com correlativos estilo e vivência identitário-culturais (pp. 7, 27-28).

Colocando-se na condição da *pobreza voluntária* (1.º tipo), P considera que vivem pior do que ela os outros dois tipos: os *pobres de espírito* (pp. 27 e ss.) e os *abusadores-sem princípios* (pp. 22-23, 27, 34).

7.3. Factores e Medidas de Requalificação Social

Começa por dizer que a tarefa não é fácil para ninguém – é *“un cargo con mucha responsabilidad”* – e, por isso, duvida que ela própria pudesse fazer *algo más* (p. 21). Sublinha, de seguida, que *“luchar es intentar mejorar, es de sabios”* (p. 21), para passar a enumerar uma dúzia de medidas de *luta contra a pobreza*. Destas, considera que as duas primeiras afectam muito a juventude de hoje e, portanto, são, a seu ver, prioritárias:

1.ª medida: criar postos de trabalho para reduzir o desemprego, especificando a criação de empregos viáveis, ao invés da formação profissional inútil para adultos desempregados em idade activa (pp. 21-22, 25-26); e

2.^a medida: promover a construção e acesso à habitação (pp. 21). As restantes medidas que enumera, são:

3.^a medida: controlar e alterar os contratos laborais, combatendo: *i) “contratos de basura”³⁷⁵*, precários referindo-se a trabalho não fixo e instável (p. 21); *ii) trabalho mal remunerado*; *iii) dificuldades, para os jovens, constituírem família ou comprarem casa: os jovens não podem sonhar* (p. 21);

4.^a medida: criar soluções para a crise do trabalho que está associada à reconversão tecnológica e à desadequação entre maior escolarização e menores possibilidades de emprego;

5.^a medida: criar subvenções do Estado e trabalho ocupacional para os idosos inativos e/ou desempregados, como estratégia de reduzir problemas familiares e psicológicos, nomeadamente as depressões de pessoas por inactividade (sentimento de inutilidade);

6.^a medida: antecipação da idade da reforma: forma de a: *i) libertar mais postos de trabalho para os jovens em busca de emprego*; *ii) permitir aos idosos “disfrutar un poco de su familia, de su vida”* (p. 21);

7.^a medida: controlar a atribuição dos subsídios de desemprego que tornam *la gente vaga*³⁷⁶ – acomodação reforçada pela característica laboral que identifica na 3.^a medida;

8.^a medida: organizar melhor os postos de trabalho existentes: considera que a eliminação de postos de trabalho provoca o desrespeito pelo tempo dos utentes porque, continuando as mesmas tarefas a ter que ser realizadas por menos funcionários, os utentes são sobrecarregados com tempos de espera maiores (p. 25);

9.^a medida: suspender o pagamento de horas extraordinárias de trabalho o que, dada a crise laboral, poderia significar: *i) mais empregos/postos de trabalho*; e, em consequência; *ii) mais trabalhadores a serem remunerados, logo, maior distribuição da riqueza* (p. 25);

10.^a medida: reduzir o horário laboral, relacionando-a com a 4.^a medida (pp. 25-26);

11.^a medida: adequar a formação profissional ao emprego: para P, aquela formação não tem solucionado o desemprego: *“...el saber no ocupa lugar. Si, pero el saber no me da de comer. Si yo voy a sacar un oficio y luego no tengo no tengo trabajo ¡de qué me sirve!, de depresión, me voy a deprimir.”* (p. 26);

12.^a medida: repatriamento dos imigrantes (portugueses) ilegais «sem abrigo» e/ou mendigos, enquanto medida socialmente preventiva da degradação total das condições de vida dos imigrantes. E argumenta a necessidade desta pelo facto de que, face ao desemprego, tais imigrantes tenderão a dedicar-se à prostituição, à toxicod dependência e ao tráfico de drogas (p. 9).

³⁷⁵ Quer dizer: «lixo».

³⁷⁶ Quer dizer: «desocupada/preguiçosa».

Para além desta vasta lista de medidas para a requalificação social, às quais não é alheia a sua própria TI, Paloma afirma que, actualmente, são *necessários padrinhos*: alguém influente que sirva de referente, que abra uma porta ou que escreva uma carta de recomendação. Capital-recurso relacional informal de que P observa ter tido a Sorte de dispor para a sua promoção (p. 12).

7. 4. Tendências do Fenómeno Social «Pobreza» no Futuro

Paloma reconhece que, a nível mundial, a pobreza é um problema muito grande e de muito difícil superação. Porém, face aos pobres na Europa, revela o seu *optimismo*: “*La lucha es para seguir a mejor. No quiere decir que vamos a esperar que el pobre sea rico ¡no!, porque todos tenemos nuestros limitaciones...*” (p. 22). Esta esperança na redução do fenómeno radica na sua constatação e confiança das/nas *lutas sociais* pelos direitos mínimos: “*pero por lo menos tenemos el derecho de tener un trabajo y una vivienda. Es lo mínimo que se puede pedir.*” (p. 21).

No que respeita à redução do horário de trabalho no futuro como medida para reduzir o desemprego, P contradiz-se (cf. 10.^a medida) “*trabajar menos u haber más gente, claro, eso es un ideal. En vez de trabajar siete horas, pues trabajar cinco*” (p. 26).

8. CATEGORIZAÇÕES DE GÉNERO

8.1. Condição Social da Mulher é Obstáculo à Promoção Social

É explícita a consciência de P quanto à sua condição social de mulher enquanto obstáculo à própria promoção sócio-identitária: “*si, hubiera tenido mucho más fácil. ¡Hay!, que fácil lo hubiera tenido si hubiera sido chico!*” (p. 15). De modo a ilustrar em que é que a sua vida teria sido *completamente distinta* menciona 3 territórios – profissional, escolar e estilo-nível de vida – e garante-nos que:

a) teria seguido a carreira profissional da Força Aérea (FA): “*Porque mi ilusión era haber ido al ejército (...) hoy en día es normal que una mujer esté en ejército. Yo viví siempre con esas cosas de ir al ejército. Yo si el ejército da la posibilidad de la mujer estar allí, yo hubiera ido al ejército. No sé si es porque lo he mamado de pequeña. Y fíjate, yo nunca vía mis hermanos con uniforme, eran unas personas que no han presumido de uniforme. (...) Yo siempre soñé con los aviones y siempre soñé con lo de arriba, y no se porqué*” (p. 13). Alude ainda à rivalidade entre os militares do exército de terra e os da FA: estes consideravam-se *más para arriba* em relação àqueles porque só acedia à FA quem tinha estudos (p. 13);

b) teria tido uma trajectória de realização pessoal e de sucesso económico-material, reforçando esta ideia pela recorrente comparação entre a sua trajectória identitária e a dos irmãos-mais velhos (pp. 15 e ss.).

Diferenciações Sociais dos Comportamentos Masculinos e Femininos

Em diferentes momentos do discurso P identifica *estilos de vida de género*. Por exemplo, quando discorre sobre a sua infância, afirma que “*siempre he llevado un ma-cho dentro*”; identifica as diferenças tradicionais de socialização e, simultaneamente afirma que, a sua *singularidade-rebel-dia* face aos mesmos padrões tradicionais, era socialmente lida como com-portamento masculino: “*yo nací niña, pero con la mentalidad de chico*” (p. 14).

Relata, pois, a *tensão* entre identidade conferida e assumida – a mãe chamava-lhe “*Maria rapaz*” (p. 14) – em vertentes como: 1) as brincadeiras: brincava sempre “*con las cosas de chico*”, ou seja: brincava na rua; não dava importância às bonecas nem aos brinquedos de/para menina trazidos de Espanha pelo pai; 2) o vestuário: gostava muito mais de andar de calções e de calças, o que lhe provocou “*muchos problemas, unas peleas*³⁷⁷ *en los colegios*” (onde as calças eram proibidas e tinha de vestir obrigatoriamente uniforme) (p. 14); e tanto assim era, confere, que, quando estava de férias em casa, despia logo as saias e vestia *pantalonecitos*.

8.2. Comparação e diferenças entre *estilos de vida de género*

Recorre a 3 termos de comparação para fundamentar a sua perspectiva do que é ser mulher: comparação entre cultura de origem e de destino; comparação entre as práticas vigentes no passado e as práticas de hoje; e comparação entre a sua trajetória e a de outras mulheres, no presente.

8.2.1. Práticas de “*allá*” e de “*aquí*”: diferença cultural

P diferencia os *estilos de vida de mulheres e homens portugueses* da terra de origem (*allá*), dos dos residentes (*aquí*) em Donostia/SnSn (pp. 23 e ss.), através de seis indicadores centrais:

1 – quando se trata da reivindicação de direitos sociais: *aquí* não interfere a diferença social entre os sexos; *allá* interfere;

2 – atitudes e práticas culturais face ao machismo: *aquí*: luta e contestação; *allá*: a resignação face ao machismo é o padrão dominante;

3 – independência de rapazes e de raparigas – sociabilidades e saídas de casa: *aquí* muito maior abertura e menor controle; autonomia da mulher e igualdade em geral: *aquí* muito maior em relação a *allá*;

4 – padrão de mulher: *aquí* maior afastamento e superação dos modelos tradicionais do que *allá*;

5 – padrão de mãe: *aquí* maior afastamento e superação dos modelos tradicionais do que *allá*;

³⁷⁷ Leia-se: «lutas».

6 – modelos familiares: *aquí* maior diversidade dos estilos de organização familiar e afastamento/superação do modelo tradicional do que *allá*.

8.2.2. Práticas do Passado e do Presente

Paloma reconhece como mutáveis os comportamentos e padrões sociais *de género*, o que evidencia ao avaliar positivamente transformações do Passado para o Presente (pp. 22 e ss.). Ela mesma compara os padrões da sua educação – a mulher confinada às práticas de mãe e trabalhadora doméstica – e os comportamentos actuais dela e por ela observados. Segundo P, são quatro os campos de luta pela requalificação social das mulheres contemporâneas: Trabalho e Capitais Identitários – dando o exemplo dos papéis profissionais “*que hasta ahora, hasta siempre*” foram profissões ditas masculinas (motorista de autocarro); Cargos Políticos e de Poder - de que valoriza a luta das mulheres “*La gente se ha lanzado mucho, y está luchando mucho*”; e Direitos sociais: “*igual (...) es la mujer la que más ruido mete y (...) patalea*” (p. 32).

8.2.3. Práticas de P e de outras mulheres

“*Ya se me ha pasado la tontería*” (p. 31) – é assim que Paloma assinala que já passou a *fase* de se preocupar excessivamente com a beleza (maquilhagem, cabelo, vestuário) – pois agora, depois de ter *vivido muito*, dá prioridade a outras coisas (32 e ss.). Porque *ela* – ao contrário das suas *amigas* mais jovens, mais vazias e que “*vacilan mucho*” (pp. 31) – sabe que não é a beleza nem a aparência exteriores que lhe garantem o sucesso amoroso.

Na mesma linha de raciocínio, P *critica duramente* o modelo tradicional de casamento das suas amigas – o casamento-hipoteca (pp. 32 e ss.) – por sete argumentos: 1.º – são casamentos constituídos em nome das aparências, o que exemplifica, curiosamente, com a gravidez pré-matrimonial enquanto factor de pressão, ou acelerador, do casamento; 2.º – são situações impostas, não escolhidas livremente, e viver assim nunca “*dará felicidad*”; 3.º – são formas de contratos comerciais que mantêm a dependência da mulher e dos filhos do trabalho-salário paterno e dos compromissos com a compra dos bens comuns (casa, electrodomésticos); 4.º – são situações que levam a manipular os filhos – nomeadamente ao conceber um segundo filho para prolongar ou assegurar o casamento – quando, segundo ela, as crianças são mais felizes quando vivem num ambiente sem conflitos, mesmo que com os pais separados, do que num meio familiar de conflito e constante falta de respeito; 5.º – são relações que, por todos os motivos apresentados, levam ao desrespeito entre os cônjuges e não permitem, como P considera que seria correcto, a evolução de um sentimento apaixonado para o respeito, a luta e o companheirismo entre os cônjuges: “*!el respeto es la última cosa que hay que perder!*” (p. 34); 6.º – são situações que as próprias mulheres reproduzem e mantêm, pelos motivos

acima apontados, mas ainda porque têm medo da solidão. Ora, para Paloma, este como outros medos das mulheres, “*son miedos sin fundamentos*”, são argumentos de legitimação e reprodução da dominação inerente aos papéis tradicionais da *esposa doméstica* e *não partilha de tarefas* (pp. 2, 4, 32 e ss.); 7.^o – são situações onde se revelam os dois grandes tipos de mulheres, segundo P: as mulheres lutadoras, como ela; e as mulheres acomodadas: “*ni todas tenemos la misma fuerza de voluntad, ni...ni...del arranque que hay tener en la vida para (...) no te dejes humillar por nadie*” (p. 33). E a acomodação está associada ao egoísmo dos homens na base de “*tantos malos tratos*” (p. 33).

8.3. Figurino Ideal de Mulher

Começando por explicitar que *não tem um ideal* “*como mujer, yo veo un ser humano*” (p. 34), P identifica 3 traços identitários da mulher ideal (p. 22), relativos a factores disposicionais e relacionais, a saber: 1- “*que sea inteligente*”; 2- “*tener mucha personalidad*”, ser decidida, lutadora e perseverante; 3- ser “*sensible*”, pois “*Se puede tener mucha personalidad y ser una persona muy humana y sensible, yo pienso que es importante la personalidad y ser honrado consigo mismo, para poder ser honrada con los demás.*” (p. 22).

9 - PALOMA: CONFIANÇA E OPTIMISMO FACE AO FUTURO

9.1. Carreira do filho e não desperdiçar oportunidades

Paloma aspira, confiante, à mobilidade ascendente e promoção sociais num futuro a médio prazo. Porque sente que já sofreu *mucho*, enraiza os seus projectos na actual paz que conseguiu conquistar (“*ahora como estoy relajada*”, p. 6), acrescentando que não quer confusões afectivas, nem prevê voltar a estudar: “*perdi el tren de los estudios y eso ya no tengo la hora, ni capacidad para poder estudiar, ni tiempo.*” (p. 18).

Como no presente, os seus sonhos para o futuro centram-se no filho “*Porque ahora (...) Tengo un proyecto de hombre*” (p. 18). E embora veja o futuro com alguma incerteza, não deixa de formular dois sonhos: *i*) o de vir a ter duas casas próprias: uma no País Basco e outra em Portugal (pp. 5, 29); *ii*) o de voltar a poder viajar e apreciar o mundo, que o que a faz feliz (pp. 5-6, 13, 24, 29).

A *capacidade de escolha*, factor central na avaliação que P faz de todas as trajectórias – incluindo a sua e as dos irmãos – também é determinante para que o filho possa ter uma vida melhor. Porque, para P, a vida do filho será melhor do que a sua, não só ao nível da carreira (do trabalho), mas ainda no que se refere ao *esforço* para ele *eleger* o seu caminho (pp. 4, 32).

O acompanhamento do crescimento e da escolaridade do filho obrigam-na, então, a “*procurar evolucionar con los tiempos (...) porque todo cambia, y el sistema educativo también*”. Estes são os seus projectos mais importantes: “*Mis estudios son esos*” (p. 19): “*ver a mi hijo con una carrera*”

para *comodidad* do futuro dele (pp. 19; 3-4). E como “*de sacrificios también he estado muy bien*” (p. 29), P confia, com *optimismo*, no resultado promocional da sua *capacidade de luta* —“*tengo la esperanza de que esto me va a cambiar mucho*” (p. 29) — nomeadamente no que respeita à residência em SnSn que nos diz que poderá ter garantida dentro de dois anos (pp. 5, 29). Esse sofrimento grande também ajuda a explicar a *relativa contenção dos seus projectos futuros* repetidos no *relato*, circunscritos a ter saúde para trabalhar (pp. 5, 21, 30, 34); ao seu filho *maravilloso*; e a não perder mais oportunidades na vida de forma a prevenir que o próprio filho não perca as dele (p. 29 e ss.).

9.2. O Sonho do Não-Retorno

Para Paloma, regressar definitivamente a Portugal seria *andar para trás* (p. 4), por dois grandes motivos: 1) porque Portugal em nada contribuiu para a sua requalificação, ao passo que os Bascos foram os seus salvadores; 2) porque, com a família, mantém relações conflictuais.

Recusando o retorno, P reconhece todavia que gostará de levar o filho, um dia, a conhecer a família e a terra materna e dos avós (pp. 4, 6), até porque se empenha a ensinar-lhe português.

Dada a densidade da experiência social de P, encerra-se esta análise com reflexões finais.

10. CONCLUSÃO: OS ARGUMENTOS NOBRES E PARADOXAIS DA FALA DE PALOMA

10.1. - Magia Optimista de um Destino com Sorte

Procurou realçar-se a complexidade da acção social de P, da *Paloma-sujeito social* que pratica várias *lógicas de acção*: Paloma é PALOMA 1, PALOMA 2 e PALOMA. E cada uma destas condições relacionais é, ao mesmo tempo, auto-responsável (*culpada*); desresponsabilizada (*vítima*); e sortuda. Partindo das afirmações interpretativas feitas, chegamos a quatro conclusões gerais relativas à *apresentação identitária* de Paloma; às *reações* dela face ao processo de desqualificação e de requalificação social; e, ainda, à *P-narradora*.

1.^a Conclusão: A apresentação identitária de Paloma é jogada a seis mãos

Paloma não é nem um actor social de perfil positivista, nem uma narradora homogénea.

Não é um actor social de perfil positivista, porque Paloma relata a reorganização do seu passado vivido, enquanto P1 e enquanto P2; quer dizer: P é um sujeito social em reconstrução.

Tão-pouco é uma narradora homogénea porque, para reelaborar essa memória-vivida — *i.é.*: para ela perspectivar, focalizar, realçar, ocultar, esquecer, denegar ou (re)inventar e criar a sua história de vida —, P guia-se pelos percursos, pelas intenções e predisposições, pelos motivos, e pelas emocionalidades do sujeito social reflexivo e complexo que ela, Paloma, é.

Razões analíticas que iluminam o facto de nela conviverem em simultâneo: i) a convicção de ser a culpada da sua própria desqualificação – “*Que conste que mis problemas me los he buscado yo por mi locura, por mi rebeldía!*”; ii) a auto-categorização como vítima do sistema, condição que não pode afectar o filho e pela qual o filho não pode pagar: “*mi hijo no tiene culpa de las cosas que a mí me hayan salido mal y el no puede ser la víctima de mis situaciones.*” (pp. 13, 11). Razões analíticas pelas quais estamos agora aptos a reinterpretar as duas reações de P face ao processo de desqualificação social:

A imagem da clepsidra – um recipiente identitário que se enche à medida que outro recipiente se esvazia, convergente com a visão das identidades enquanto estados – não serve para representar as reações desta mulher, e deste tipo de sujeito social, ao processo de desqualificação social. A aqui adoptada abordagem processual-transaccional, porque relacional, das negociações identitárias leva a comparar as reações de P com dois componentes, intercomunicantes sim, só que avolumando-se em simultâneo: se recorrermos à ilustração dos depósitos dos automóveis, as duas reações de P corresponderão aos diferentes vasilhames de que depende o bom desempenho do veículo – combustível, água e óleo, simultaneamente e não em alternância.

Tal comparação decorre de um resultado analítico que agora se avança: as duas reações de Paloma ao processo de desqualificação configuram identitariamente apenas uma reacção. É verdade que Paloma não construiu uma família nuclear. Todavia, o facto de decidir educar e criar o filho sozinha, mais não é do que uma decisão-reacção identitária concretizadora do seu tipo de família, monomarental: “*al ver a mi hijo, en ese momento el tema de la pareja, no me afectó para nada, porque mi problema era mi hijo, solucionarlo. Porque había que comer, había que vestirle, había que pagarle una educación, y ese era mi problema.*” (p. 3, sn).

A reacção de arranque de P não consiste em mais uma prática indiferenciada de ruptura, vulgar nela; é que, sendo uma ruptura, não rompe totalmente com o recente cenário familiar. Mais. A reacção de arranque de P parece ser, em toda a sua trajectória, a primeira reacção de consolidação, de continuidade e de fixação identitárias. Vejamos:

a) o pai-modelo-referência, já morto, permanece vivo através da reatualização dos seus mais marcantes componentes identitários pela filha P1;

b) a mãe-objecto de rebeldia, já morta, permanece viva, tanto através do traço provocatório da filha – estratégia do risco (P1); capacidade de arranque (P2) – quanto da mágoa e do arrependimento de P2: “*Mi madre estuvo enferma, murió y yo no fui al funeral tampoco.(...) murió en el 95 (...). estuvo muy mal, antes de morir, mandaron mis hermanos (...) dos o tres telegramas todos los días, pero yo no fui...(.) No sé, hay cosas que en aquel momento no asimilaba, y eso me dolió mucho y fue algo que yo no he perdonado a mi madre en ese momento que tenía que haber ido al funeral.*”

Luego pensé: «bueno, hay una distancia tan grande que para cuando llego ya no la encuentro viva, y total para verla muerta, prefiero no verla, porque por lo menos me quedo con su recuerdo en vida.», que para mí era más cómodo, que no verla ahí. Entonces..., yo cogí una borrachera e hice una cantidad de disparates, de lo aburrida que estaba ¿sabes?. Pero bueno, luego lo he superado, pero siempre se queda esa pena de no poder haber hablado, con todo lo que yo he sido para dialogar, de no poder haber ido con mi madre y haber logrado todas esas diferencias.(...) Por lo menos hubiera procurado un acercamiento, e intentar explicarle que yo soy feliz aquí, que estoy bien, y bueno. Como no ha podido ser, yo he seguido mi camino, yo siempre sigo mi camino, con contras a favor, yo siempre sigo para adelante, no quiero volver atrás.” (p. 18).

c) os irmãos mais velhos permanecem como horizonte de comparação: horizonte de confronto e despeito identitários no presente – pela P2 – como no passado, pela P1; horizonte da expectativa de que no futuro, a luta de P – i.e.: a reconstrução da P1 na P2 –, seja reconhecida por aqueles: “*Déjalos estar ahí, que no les falta de nada, y a mí lo que me falta lo busco yo con tiempo, (...) porque antes no quería estar con ellos, pero ahora que tengo ya a mi hijo, y quiero mi casa (...). si me ven ahora no se van a sentirse orgullosos. Yo quiero que mis hermanos me vean bien, ¿sabes?, porque ahora mismo no estoy mal, pero no es lo mismo que diga tengo, y esta es mi casa.*” (p. 17).

Por isso a única raiz identitária a que Paloma se agarra é, por paradoxo, a sua descendência. O filho, raiz gémea das experiências sócio-identitárias: da consolidação e validação, do reconhecimento – no presente e no futuro, da P1 – da continuidade, futura e actual, da P1 na P2. O filho com a mãe, Paloma com o filho. Eis o elo identitário – real e simbólico; já concretizado e ainda em projecto; indesejado, desejado, alcançado e assumido –, elo que salvaguarda e reorganiza as transacções objectivas de P:

Transacções Interiores

O filho ⇔ a monomarentalidade: legitima e dá sentido tanto à trajectória rebelde-fruição (continuidade identitária de P1 na P2), quanto à reorientação da lógica de luta-rebeldia da P1 para outra lógica de acção, a luta pragmática e realista da P2 (mudança identitária de P1);

Transacções Exteriores:

O filho ⇔ a monomarentalidade: justifica e objectiva a reciclagem dos recursos-capitais em recursos-mais-valia e que, um dia, os dois mais velhos reconhecerão - reconhecimento identitário da P1 (P-filha-irmã mais nova-Maria rapaz) como P2 (P-mulher-cidadã-mãe e filha-irmã).

Por tudo isto que é que as duas reacções de P face ao processo de dequalificação são apenas uma reacção global: a de assumir-se de forma implicada e emancipada, enquanto cidadã-sujeito social, na incorporação do passado no presente e, destes, no futuro – Paloma: mulher-mãe e educadora monomarental emancipada.

Em suma, a reacção global-una, experiencial, objectiva e simboliza a reconstrução do *estilo* e da *vivência identitários* da PALOMA1 em PALOMA 2:

- estilo identitário: reorientação da *rebeldia-risco-fruição-borguismo* de P1 para o *pragmatismo realista* de P2;
- vivência identitária do tempo: reconversão do *Presentismo-tempo fruição* de P1 na P2 implicada num *Projecto-tempo duração*.

2.^a Conclusão: Quando P fala de P1, a narradora é P1 e P2; mas só P2 fala de P2, através de P

Daqui passa-se a outra ilação: Paloma assume-se como *culpada-auto-responsável* da sua trajectória identitária quando o relato é narrado pela *P-orgulhosa*, pela mulher que luta pela sua autonomia de modo desenfreado – talvez, portanto, pela *P-rebelde-borguista-presentista*, a P1; Paloma joga com a auto-categorização da *vítima-desresponsabilizada* do seu trajecto quando quem narra é a *P-jogadora-lutadora prudente e pragmática* – talvez, portanto, a P2: a mãe que reformula a história passada e *limpa a face* para proteger a trajectória do filho.

O filho é confirmado (de novo) como a raiz gémea da experiência social de Paloma. Laco e elo identitário(s) tão significativo(s) que é o referente da disjunção discursiva no relato de P: por ele e em seu nome, a *Paloma-jogadora-lutadora* abdica da *carga* de autonomia rebelde identitária e assume a emancipação.

3.^a Conclusão: P-não-mãe centra a acção identitária no pólo actor responsável: P-culpada; P-mãe subalterniza a sua acção através da P-vítima (trajectória dependente do pólo sistema)

O jogo manobrado por P não é exclusivamente *subjectivo*. O seu testemunho também é exemplar dos debates sociológicos sobre a relação sistema/actores: *i)* numa primeira abordagem, é *exemplar* porque o seu relato debita, de forma estruturada e coerente, as dicotomias clássicas da racionalidade ocidental formadoras das ciências sociais; *ii)* num olhar mais inquiridor a exemplaridade não se desvanece: o sujeito social P narra-nos uma história objectiva de luta identitária pela desconstrução da ideia social de «lugares prescritos». Ela, a *P-sujeito social*, lutou contra a suposta prescrição e teceu uma vida de negociações identitárias, relacionais. Pela parte que nos compete, procurámos dar visibilidade aos mecanismos sócio-identitários da sua experiência social – indicadores sociais indispensáveis a um dos objectivos deste trabalho: a desconstrução sociológica das pré-noções que divorciam condições e situações sociais dos efeitos destas vivências no plano identitário. Quanto à *P-sujeito social-narradora* atingiu, vivamente, o objectivo-desafio proposto – ou não fosse ela uma lutadora orgulhosa: através da reflexividade da narrativa, refez os espaços-tempos da sua experiência social, iluminando exemplarmente a nossa compreensão dos psd / r.

E como se resume a pertinência sociológica deste caso em breves palavras? Pela lição de sapiência magistral ensinada por Paloma: Na luta pela requalificação emancipada, a reciclagem dos capitais identitários é fortemente potenciada e fermentada pelos laços sociais: laços vivenciais informais – o filho; laços formais – a informação, o encaminhamento, as respostas eficazes e atempadas, enfim: as medidas sociais a que P teve acesso mediante suporte técnico. Ou, de forma mais simples: A Monomarentalidade pode ser uma estratégia da requalificação sócio-identitária.

10.2. - Do Destino *Proscrito* à Experiência da *Exclusão-Sorte*: 13 Núcleos de Operação Simbólica³⁷⁸

1.º Núcleo de Operação Simbólica (NOS): Vivência da Construção Social da Identidade Sexual:

- de CARGA TURBULENTA: *Maria-rapaz*
- a CARGA POSITIVA: *mulher-feminina-mãe monomarental-não acomodada*

2.º NOS: Desigualdade e Discriminação Sociais dos Papéis Sexuais Parentais:

- de CARGA POSITIVA: mãe = adequação conformista e passiva → meio harmonioso, equilibrado, estável e respeitável ↔ família de origem = referência normativa e comportamental da P-mãe de hoje
- a CARGA NEGATIVA: P hoje, avalia as mulheres casadas como: *hipoteca acomodada*

3.º NOS (Núcleo de Operação Simbólica): O Pai

- de CARGA NEGATIVA não explicitada: *Pai-Ausente*
- a CARGA POSITIVA: *Pai Revigorado, Pai-Modelo*, a 2 níveis: 1– modelo do estilo de vivência identitária de P; 2– modelo de companheiro não cumprido pelo pai do filho → CARGA POSITIVA reforçada: P justifica a ruptura conjugal e a monomarentalidade = opção e prática materna positivas.

4.º NOS: Doença-Morte Paterna, Factor do PSD familiar

- de CARGA NEGATIVA: *Azar* familiar a CARGA POSITIVA: *Sorte* dos irmãos

5.º NOS: P e os Irmãos

- de CARGA NEGATIVA: sentimento (de P) de *inferioridade* e de *cercos existenciais*
- a CARGA POSITIVA: sentimento de *orgulho identitário* na sua *diferença superior* (P1)
- a: CARGA TURBULENTA: P atribui um *padrão de vida* e de *aprovação* que P2 pretende atingir

³⁷⁸ **LEGENDA:** em função do *tom* e do conteúdo do relato, atribuíram-se 3 qualificativos (=CARGAS) aos dois pólos extremos de cada disjunção: *CARGA NEGATIVA* = avaliação depreciativa por P; *CARGA POSITIVA* = avaliação apreciativa por P; *CARGA TURBULENTA* = avaliação paradoxal e/ou ambivalente por P; e/ou margem de incerteza e de defesa da nossa análise.

6.º NOS: Educação e Socialização

6.º-1: Internato no Colégio de Religiosas: **De** CARGA NEGATIVA: *repressão*, para P

- **A** CARGA POSITIVA: *modelar*, para filho de P

6.º-2: Educação, princípios-padrões da família de origem: **De** CARGA NEGATIVA: *repressão*, para P1

- **A** CARGA POSITIVA: *capitais-recurso suporte e investimento* para P1

7.º NOS: Estilo de Vivência Rebelde

- **de** CARGA POSITIVA: *libertação*
- **a** CARGA NEGATIVA: *desperdício* (Trajectórias Escolar e Laboral)
- **a** CARGA TURBULENTA: Trajectória da construção Afectivo-Familiar

8.º NOS (Núcleo de Operação Simbólica): Trajectória Migratória

8.º-1: Genericamente: **DE** CARGA NEGATIVA: sentimento de insatisfação

- **a** CARGA POSITIVA: fuga voluntária = *libertação*
- **a** CARGA NEGATIVA: *sentimento de banição*
- **a** CARGA NEGATIVA reforçada: *banição familiar efectiva*

8.º-2: Trajectória Laboral: **A** CARGA POSITIVA: continuidade/estabilidade = sucesso laboral

- **a** CARGA TURBULENTA: grande precariedade laboral e de cidadania

8.º-3: Trajectória Paradoxal de Emigrante (triângulo precário *arredondado*)

- **de** CARGA SOCIAL NEGATIVA: *errância-desvio social* = diferença inferior
- **a** vivência da *errância-desvio social* como diferença superior:

CARGA POSITIVA: assume-se (e à Trajectória) auto-enobrecendo-se(-a)

CARGA TURBULENTA: assume-se, distinguindo-se dos outros

CARGA POSITIVA: *utilidade identitária* a vários níveis: conhecer gente + viajar + gozar a vida = cumprir modelo paterno = busca de liberdade

9.º NOS: Capital-recurso Auto-Estima

- **de** CARGA POSITIVA: *capital-recurso relacional-social*: *Orgulho* = Atributo
- **a** CARGA POSITIVA reforçada: *capital-recurso disposicional-social*: *Optimismo* = Atitude
- **a** CARGA POSITIVA reforçada: *capital-recurso supra-social*: *Sorte* = Fatalismo favorável, fado

10.º NOS: Capital-Destino e Vivência Social do Tempo: Sorte Boa e Má

10.º - Paloma 1: CARGA POSITIVA: *Destino* de errância-desvio = sentimento identitário de rebeldia-fruição-borguismo) = *Presentismo* = *Boa Sorte* + culpa, responsabilidade

10.º - Paloma 2

- de CARGA NEGATIVA: Sorte a tudo menos no Amor → Destino Mau = Má Sorte + vítima / desresponsabilização
- a CARGA NEGATIVA reforçada: Amor+Separação → PSD → sentimento identitário: desqualificação / não reconhecimento social + suspensão margem de manobra social + redução da velocidade da vivência temporal = Tempo «Coalhado» → Exclusão Má Sorte ao Amor = vítima/ desresponsabilização
- a CARGA POSITIVA: Requalificação Sócio-identitária = Projecto = porque sortuda

10.º - Auto-avaliação da Trajectória Identitária por Paloma

- a CARGA TURBULENTA: Não Má Sorte mas *Contratempos*

11.º NOS (Núcleo de Operação Simbólica): Amor + Constituir Família

- de CARGA TURBULENTA: Sonho que não procura concretizar = não-projecto que permanece em sonho = realidade-tempo futuro
- a CARGA TURBULENTA: Paradoxo / descoincidência do estilo vida = realidade-tempo irreal
- a CARGA POSITIVA: Sonho = Realidade Construída (família monomarental) passado + presente
- a CARGA NEGATIVA: Realidade Concretizada=Não vivência da Família = realidade-tempo real
- a CARGA NEGATIVA: Sonho Não Concretizado: Amor → Não Sorte = realidade-tempo quase-real

12.º NOS: Ficar a Dever, Pedir e Reivindicar

PEDIR = CARGA NEGATIVA: à família → P Inferior = eternamente devedora = ajuda sempre cobrada

PEDIR = CARGA TURBULENTA: a amigos-conhecidos=solidariedade→futura paridade=devedora temporária

PEDIR = CARGA POSITIVA: a instituições= luta por direitos→sujeito: reivindica + produz= não devedora

13.º NOS: *Sentir-se Só* desde que passou a *Viver Acompanhada*

CARGA TURBULENTA: de P1: enfrentar a vida só = não se sentir só a P2 mãe-monomarental = sentir-se só.

5.ª PARTE – AMÉLIA, REBELDE-ARREPENDIDA:
RAZÃO RACIONALIZADORA, LÓGICA PARALELA DA ACCÃO

1. APRESENTAÇÃO DE AMÉLIA

Amélia tem 45 anos de idade³⁷⁹ e vive com a filha – estudante universitária de 18 anos³⁸⁰ – desde que enviuvou em 1992 (há 5 anos)³⁸¹. Através de 5 *Momentos Marcantes*, orienta a sua vida pela *rebeldia e contestação* face às expectativas normativas familiares, passando por dois distintos processos de desqualificação sócio-identitária.

| AMÉLIA-REBELDE — 4 Estilos da Vivência Sócio-Identitária | |
|--|---|
| Carga Negativa Expectativas Maternas e Socialização Familiar | Carga Positiva das Rupturas Rebeldes |
| AMÉLIA 1 – MODELO FAMILIAR INVERTIDO | AMÉLIA 1 – REBELDIA CONFLITUAL |
| AMÉLIA 2 – SOCIALIZAÇÃO AMBIVALENTE | AMÉLIA 2 – AUTONOMIA: RUPTURAS ESPÁCIO-GEOGRÁFICAS |
| AMÉLIA 3 – TRAJECTÓRIA ESCOLAR: MÉDIA | AMÉLIA 3 – TRAJECTÓRIA ESCOLAR: INFERIOR - INSTÁVEL + INCOMPLETA |
| AMÉLIA 4 – TRAJECTÓRIA LABORAL: FUNÇÃO PÚBLICA + PROFISSÃO FEMININA | AMÉLIA 4 – TRAJECTÓRIA LABORAL INFERIOR: EMPREGADA DE RESTAURAÇÃO SOCIAL |

TABELA 2 – AMÉLIA: 4 ESTILOS DA VIVÊNCIA «RUPTURA-REBELDE»

Do presente relato re-avaliativo recheado de *vivências paradoxais* – que designámos por *cargas negativa e positiva* (Tabela 2) – evidenciam-se 4 *estilos identitários* do seu trajecto. Tal percurso, globalmente Dinamitado por um macro-*Recurso-Capital* Identitário – Afectos/vazio-afectivo-emocional – é legitimado pelo Conflitualismo das *Transacções Identitárias Interiores*. Este, convive com outro redundante conflito face à identidade *imputada-quase-prescrita* pela família – *Transacções Identitárias Exteriores de Ruptura*.

³⁷⁹ A inquirição a Amélia decorreu em Dezembro de 1997, tendo ela nascido em 1952 (p. 12).

³⁸⁰ Há descoincidência entre entrevistas: a) a de A, que nos diz que a filha tem 18 anos; b) a da filha, que afirma ter 20 anos. Daqui decorrem como *datas possíveis* do nascimento desta última: segundo a): 1979; segundo b): 1977.

³⁸¹ Tendo o processo de inquirição a Amélia decorrido em Dezembro de 1997 (-5=), 1992 foi o ano em que ela enviuvou (cf. tb entrevista à filha).

Múltiplos são os territórios-expectativas sócio-familiares; como *duros* são os respectivos reversos conflitualistas de *Amélia* que se passam a enunciar brevemente: Trajectórias Escolar (*Momento 1*) e Laboral (desde o *Momento 2*); Modelos parentais, familiares e de identidade feminina – autonomização da casa familiar, inerentes rupturas espaciais (para o Porto e, daí, para Lisboa – *Momento 2*); Gravidez, e retorno fragilizador à casa familiar de origem que a fechará no 1.º PSD (ainda no *Momento 2*); Emigração para o País Basco (PSD/R – *Momento 3*); Morte-Ruptura do marido, factor do 2.º PSD e do encadeamento de rupturas sucessivas (*Momento 4*) que a coagiram, no presente, a reavaliar as suas trajectórias de Emigrante e de Vida, bem como a reconstruir-se na *Amélia-Sujeito-Mulher Arrependida (ex-rebelde)* (*Momento 5*).

A História de Amélia mostra como *factores relacionais, afectivo-emocionais e uma socialização autoritária* podem alimentar as *estratégias de rebeldia* e de luta *pela* autonomia. No seu caso, estas estratégias desenham uma *trajectória* cifrada pela acumulação de múltiplas carências – relacionais (reforçando as de partida); materiais e simbólicas –, que virá desembocar na *dependência institucional instalada*. História de como o sujeito não é *dono do seu destino*, mas co-constructor responsável. História, também, de uma vida conduzida por entre colinas de afectos:

- a *Amélia-filha-radical* implica-se em respostas sobressaltadas contra o *autoritarismo* materno: rebeldia-inconformista e optimismo absoluto;
- a *Amélia-sujeito-mulher-mãe-viúva(-ex-rebelde)-arrependida*, de quem, hoje, apenas restam de tais respostas, o pessimismo, os sentimentos de impotência, e o arrependimento.

2. MOMENTO 1 (1956/69-70): CRIANÇA FELIZ ATÉ IR À ESCOLA

A família de origem Mirandense é sócio-historicamente exemplar da realidade portuguesa do seu tempo. Do contexto de origem desta trajectória, sublinhem-se dois factores – tão *significativos*, quanto *singulares*: o estilo de vida pobre; e a estratégia promocional da migração interna para o *ultramar*.

2.1. Típica família do *Continente* que migra para o *Ultramar*

O pai de A herda da família transmontana a actividade laboral na construção civil – cuja remuneração era insuficiente porque “*então em Portugal se ganhava pouco dinheiro*” (p. 15). Impelido a “*fazer alguma coisa mais*” devido às carências materiais do estilo de vida familiar de *pobreza relativa*, o pai integra, em 1956, um dos fluxos migratórios nacionais dos finais dos anos 50: África, a Angola do café (pp. 14-18).

A migração para *O Ultramar*, desde 1960, envolverá toda a família de origem na mobilidade geográfica: Amélia, então com 4 anos; a irmã, com 6; o irmão, de 1 ano; a mãe; e a própria “*tia F.*”, mo-

dista, vão viver para Angola. Só que, o estalar da Guerra Colonial, provoca *quatro sucessivas alterações* (pp. 14 e ss.):

1.^a (1963-4): fuga da mãe de A com as crianças da fazenda residencial – local de trabalho do pai como capataz – para Luanda, onde a tia F. morava e se havia casado (p. 15);

2.^a (1964): retorno de toda a família a Mirandela;

3.^a (1965, 1966): regressos intercalados do pai de A à mesma fazenda onde mantinha a actividade laboral; mudança residencial de esposa e filhos para Bragança;

4.^a (1967): retorno definitivo do pai de A ao *Continente* e reagrupamento familiar em Bragança; emprego do pai como "*monitor*" de trabalhos manuais numa escola para crianças deficientes – ocupação laboral que manterá até falecer (p. 18). Vamos, pois, até à infância de *Amélia*.

Infância e Adolescência: épocas boas até começar a escola

Das recordações de menina – quando vivia quer em África, quer em Bragança – Amélia diz que era "*tudo muy bonito, muito, muito bem!*" (pp. 45 e ss.).

Nascida em 1956, A tem quatro grandes recordações de África: 1.^a três episódios da viagem de barco em 1960 (pp. 12 e ss.)³⁸²; 2.^a o pai que os aguardava à chegada, no cais, cerca de um ano depois de ele ter migrado (p. 14); 3.^a um abrangente e "*bom sentimento*" de viver com os pais na fazenda – era como "*um potro (...) selvagem (...) como livre*" (p. 46) nessa fazenda cafeeira sita a 250 Kms. a Norte de Luanda (p. 15); e 4.^a o posterior relato, pelo pai, da fuga deste aos revoltosos, pelo mato, quando a Guerra começou (pp. 15 e ss.).

"*Época má foi quando começou a escola*" (pp. 46 e ss.). Na família, os capitais culturais dos pais eram consentâneos com os padrões político-ideológicos e sócio-androcêntricos de escolarização do Portugal sob o regime de Salazar: a mãe "*não tinha estudos (...) não fez nem a 4.^a Classe!*" (p. 22); só o pai era escolarizado.

A mãe, sim, tinha *aspirações* de mobilidade ascendente e de promoção social *para os filhos*: "*sempre estava empenhada que tínhamos que ser funcionários do governo*". E por que ambicionava o funcionalismo público para os filhos? Por o considerar um emprego seguro – sem risco de desemprego e com salário certo – e pouco cansativo: "*dizia ela (...) «– Não trabalham muito! Não ganham, também, muito (...) e nunca (...) ficam sem trabalho.»*" (p. 24).

Tão clara estratégia materna para os filhos passava pela escolarização daqueles. Uma escolarização, no mínimo média, mas adequada aos padrões sexistas e salazaristas: para as raparigas, o Magisté-

³⁸² São eles: 1) as sandálias novas que lhe infectaram o pé, e de que lhe ficou uma cicatriz; 2) o quase boicote dela e dos irmãos aos exercícios de salvamento em que participavam com a mãe; e 3) a queda do irmão do beliche.

rio Primário, expectativa materna só concretizada pela irmã de Amélia; já ao irmão, concluindo a Escola Comercial (pp. 22-25) – corresponde às expectativas da mãe e, em efeito de retorno, prestigia todo o sistema familiar.

Amélia não contribui para realizar esse sonho materno de *trajectória escolar*. Iniciar a primária em Angola implicou *passar a viver* em casa da “tia F.” na cidade de Luanda, e *perder a liberdade* da vida na Fazenda que tanto adorava.

Diz-nos que até “*gostava de estar*” na escola, só frequentada por (alunos e professores) portugueses. Contudo, esta “*época má*” caracteriza-se por várias *reacções* suas de revoltada recusa face à imposição do estilo mais rígido de vida, especificamente (pp. 46 e ss.):

- a) recusava-se *i)* a comer – o que provocava castigos da tia; e *ii)* a falar: “*Estava muda*. (Risos)”; provocando *soluções* da tia “*com la mano*” – bofetadas que só há 2 anos Amélia contaria à mãe, para grande espanto desta; *iii)* a fazer os deveres com a tia, só aceitando a ajuda do tio;
- b) *pregava partidas* à tia, mas, acrescenta, *só* da parte da tarde, quando não tinha escola; e
- c) às vezes *não ia directamente da escola para casa*, deixando a tia aflita à sua procura.

O resultado da reacção rebelde foi só terminar a 4.^a Classe aos 12 anos (1964), já em Mirandela. A continuidade da *trajectória escolar* também inclui *reprovações, nunca verbalizadas* no relato, mas de que a sinalização no tempo nos informa: entra no Liceu de Bragança em 1965 – com 13 anos –, e demora mais quatro anos para completar o 5.^o ano aos 17 anos – em 1969 (pp. 21 e ss.).

A *justificação* deste percurso é *frontal* no seu discurso, pois A não só reconhece a sua desmotivação para estudar, como acrescenta que, na época, amigos/as eram mais importantes. Efectivamente, entre os 18 e os 20 anos, quando já vivia em P, matricula-se, à noite, em dois Institutos de Línguas; só que, assume, “*dos años he estado ahí y no he hecho nada.*” (p. 25). E, sorrindo, explica que *a culpa* era das amigas: como tinham aulas de manhã e as noites livres, desviavam-na das aulas nocturnas para irem *conviver* para os cafés (pp. 21 e ss.). Sem dúvida que a Amélia que abandona o plano materno da *carreira segura* para fruir a juventude é, na época, uma moça integrada, convertida à moral juvenil de fins dos anos 60/inícios dos 70. Tal opção, tem de ser compreendida no contexto de um Portugal efervescente de ideais revolucionários e vivenciados, nos meios estudantis e jovens, a um ritmo febril: “*...o 25 de Abril.*” (p. 26). Mas, a rebeldia de A não é *exclusivamente determinada* por factores sociais ou inerentes às sociabilidades envolventes; é uma reacção identitária também enraizada na sua socialização familiar.

2.2. Dinâmica Familiar, Factores emocionais e relacionais: contexto socializador *invertido e ambivalente*

Para Amélia, a família ascendente era autoritária – “*ao lado (...) do Salazar não eram nada, ãh?*” (pp. 33, 39) – ambivalente, e com uma dinâmica invertida em relação aos padrões sociais. A narra-

dora aprofunda esta constatação, concluindo pela *hipótese* de o modelo afirmativo das *mulheres da família* da geração da mãe ser a inversão dos comportamentos normativos vivenciados, por aquelas, nas respectivas socializações.³⁸³

As *mulheres mais velhas* da família, a mãe e duas tias de A, tinham tido como modelo, o Avô – que ela designa por “*el macho; era ele que mandava*” – com a correlativa *submissão da Avó*: “*a minha abuela sempre há sido la, la que... la que estava aguentando à...*” (pp. 39-40). De entre a prole, estas 3 filhas terão recusado e invertido o modelo da submissão feminina – “*logo quando de mayores han hechado al revés?*” (p. 40) – traço de rebeldia, pela forte afirmação identitária da sororidade, que parece manter-se eficaz no caso da *neta Amélia*, embora mal aceite pelas *filhas rebeldes*, agora *mãe e tias da A-rebelde*. Depreende-se, pois, que o modelo autoritário de educação de *Amélia* não abrange as duas figuras parentais: o pai “*não era autoritário (...)* *era mais (...)* *era blando*”; a mãe, sim – como as mulheres “*de la parte de la familia de mi madre*” –, era “*la que mandava en mi padre e en nosotros.*” (p. 39).

2.2.1. A Mãe-Controladora: modelo socializador socialmente invertido

Deste modo entra em cena a mãe de *Amélia*, recontada como figura fortíssima em quatro vectores vivenciais: Territórios Familiar, Laboral e Relacional; e Modelo-Perfil Identitário de Mulher.

É-nos apresentada como uma mulher com grande capacidade de trabalho, que “*Trabalhou muito*”, sempre em casa (p. 18). Desde 1965 abre, em Bragança, uma pequena Casa de Hóspedes onde acolhe estudantes oriundas das aldeias próximas: “*chamavam-lhe a casa das mulheres*” (p. 18 e ss.). À gestão da “*hospedaria*” juntavam-se as tarefas domésticas e familiares que sempre assumiu, ajudada pelas filhas (p. 21); e os papéis parentais: “*tener de hacer de madre e de padre*” (p. 39).

Para A, a mãe é uma mulher que “*Tem muita força. (...) de vontade.*” (p. 21), forte (p. 20), e independente (“*não gosta nada (...) [de] depender das (...) outras pessoas.*” - p. 21); e foi sempre autoritária em relação a tudo e a todos – se bem que menos autoritária do que a “*tia A.*” (pp. 38 e ss.). De tal fibra, o modelo identitário de referência para *Amélia* apenas apresenta uma falha – o “*factor carinho*” na dinâmica familiar – *falha* que, afinal, considera inerente e característico do autoritarismo da mãe.

Esta mãe com atributos assim fortes e paradoxais – a *mãe-independente-lutadora* é também a *mãe-controladora-autoritária* –, mantém-se, assumidamente, um *modelo* para A, o que é nítido quando verbaliza e lhe reconhece grande resistência a deixar-se abater pelas graves e várias doenças que tem tido³⁸⁴, continuando hoje, aos 74 anos, a desenvolver uma contínua actividade (pp. 19-21, 41).

³⁸³ Alerta-se o/a leitor/a para o significado da expressão citada. da situação relacional de construção da narrativa pode concluir-se que aquilo que *Amélia* queria dizer era que *Salazar*, enquanto chefe autoritário de um regime autoritário, se fosse comparado à família dela, reduzia ou deixava mesmo de ter esses atributos, tal o calibre do autoritarismo familiar para A como para o marido.

³⁸⁴ *Amélia* refere que a mãe está “*muito acabada*”, embora tenha vindo a resistir e sobreviver a artroses, à doença de Parkinson, a um derrame cerebral, e a uma angina de peito (p. 20). Quanto à atitude de A face à sua saúde pessoal, cf. pp. 2 e ss. da entrevista transcrita.

Considerando que a geração ascendente era *bastante autoritária* (pp. 39-40), A diferença de forma nítida o modelo e ambiente familiar da *sua origem*, do *padrão socialmente comum* nos anos 50-60 das suas infância e adolescência, através de dois argumentos: 1) na *sua* família, a mãe e as tias eram diferentes das outras mulheres-mães – ao que acrescenta que, para tal, também terá contribuído “*a suerte*” de terem “*encontrado maridos que se deixavam manejar*” (p. 40); 2) na *sua* família, os modelos e desempenhos da autoridade estavam “*trocados*”: “*Se en mi casa era a madre, pois en las otras (...) era el padre!*” (p. 43).

2.2.2. Modelo Socializador *ambivalente*

Entre a vantagem da educação para a autonomia, e a desvantagem da marca autoritária impressa pela mãe, Amélia desnuda-nos que toda a *sua energia de luta rebelde* mais não é do que o trabalho de reciclagem da sua fragilidade, por carências emocionais e afectivas na socialização familiar.

Ao abordar este tema, Amélia explicita não se recordar de, na época, haver diferenças entre, por um lado, ela e os irmãos; e, por outro, entre eles os três e os filhos das outras famílias. Observação a anotar, pois parece sustentar que, embora fossem diferentes os modelos e as dinâmicas organizacionais das famílias – o contexto –, o *produto* ou *resultado educativo-formativo* era similar (pp. 42-43).

De que entendimento se trata? Pode aventar-se que a narradora considere de forma latente, sem verbalizar, que havia um padrão *externo* (o meio societal envolvente à família) suficientemente forte e coactor para *garantir* a padronização dos mais jovens? Ou, será só a sua preocupação defensiva em não auto-centrar o discurso? Talvez nenhuma destas interpretações. Mais à frente percebe-se que, afinal, a memória da comparação – entre *ela-Nós-filhos jovens* e *os Outros-filhos jovens* – conserva vivos alguns vértices de *diferenciação*, vantajosa e desvantajosa.

Amélia começa por considerar desvantajosa a educação familiar, pela marca autoritária que o *modelo materno* imprimiu ao carácter dos filhos – ao da irmã mais velha mais do que a si própria ou ao irmão mais novo, com quem se sente mais parecida. Mas reconhece como positiva e vantajosa a orientação familiar para os filhos serem “*autónomos*” (pp. 41 e ss.).

Portanto, numa *comparação inter-familiar* baseada na dinâmica intra-familiar, Amélia *detecta* vertentes de diferenciação positiva e negativa na educação socializadora da família. Porém, quando no âmbito estritamente *intra-familiar*, a *comparação* passa a ter um saldo negativo. E quando se *auto-classifica* como a filha que estava “*no meio*” vem à tona a razão mais profunda da construção identitária de contestação rebelde, amplamente marcante do seu percurso de vida (pp. 27, 38, 42).

No *processo comparativo intra-fratria* caracteriza as posições relacionais de cada um dos irmãos. As afirmações sobre si situam-na como a filha a que a família se esqueceu de dar carinho – “*tão pouco (...) não foram muy carinhosos conmigo.*” (...); “*Yo creo que, que les faltou o carinho, hacia mim,*

la atención.” (p. 38) –, após ter alertado que foi, dos 3 filhos, a que teve menos atenção familiar: “*à melhor a mim no me fizeram tanto caso como a los otros [irmãos]. Deixaram-me um pouco mais da mão.*” (p. 27); “*la del médio...que nem para um lado nem para o outro hay ido.*” (p. 38). Nesta sequência, o 1.º motivo apontado para a *condição intermédia-indiferente* na rede familiar remete

i) para a fragilidade da saúde da irmã mais velha – “*era mais delicadita*” e doente (p. 27); e

ii) para a condição masculina do mais novo – “*era la ilusión da minha mãe (...) porque o meu irmão (...) veio assim (...) porque tinha que haver um menino.*”. Daqui, dá um curto passo até ao *motivo sentido* como causa da maior indiferença familiar para consigo: A baixa mais um pouco o tom da sua voz grave, e confia uma das mais profundas e tristes emoções da sua vivência – a crença de ter sido uma filha não desejada: “*eu creio que se eu fora (...) um menino que já não (...) tinham mais filhos.*” (p. 28).

A fragilidade de Amélia nasce do sentir-se carente de atenção e afecto: “*não posso dizer que me faltaram (...) ao que es manutención (...) necessitavas qualquer coisa e... e siempre tenias mais ou menos, no? Pero logo, eu creio que el factor carinho hay a... a... hay fallado. (...) Que no... mi madre no hay sido una mulher muy... muy carinhosa. Mi padre, pois, tan pouco*” (pp. 38-39). Mas não só. Não se trata apenas de um limite *emocional-afectivo*: o sentimento de carência vai habilitá-la à total fragilidade identitária, fundamentalmente por *duvidar* e *incorporar* a dúvida do próprio desejo familiar a seu respeito.

É essa fragilidade identitária que A vai *reciclar* numa energia de luta rebelde, *traço* espelhado em diversas expressões escolhidas para auto-definir-se como pessoa: “*rara*” (p. 6); “*muy (...) activa*” (p. 6); “*tirada p’adelante.*” (p. 25); “*torcida*” (p. 28): “*havia (...) la rebeldia, essa minha, também hacia mi familia, no?.*” (pp. 38, 45 e ss.); autónoma: “*desde que [os filhos todos] salimos de casa, sempre (...) hemos solucionado, nosotros mismos, los problemas nuestros; nunca recorremos à mis padres para nada; nem mi hermano, nem mi hermana, ni yo*” (p. 42); “*andava sempre (...) [em pequena] dizendo mentiras e haciendo trampas e (...) cosas, porque como los padres no dejavan fazer nada! (...) E yo siempre fui muito mala, hã?*” (p. 46); “[Sou] *uma emigrante um pouco rara!*” (p. 50).

2.3. Os quatro estilos identitários com que Amélia faz a sua TI

Ao longo de toda a sua TI, Amélia não *contesta* apenas os *sonhos maternos* de formação e carreira laboral: “*Não tínhamos herança (...) pero... tínhamos (Risos) uma formação mais ou menos*” (p. 24), pensava a mãe.

Na verdade, o que narra é a *insatisfeita e incansável luta pela autonomia face aos padrões familiares*, que a conduz, de forma gradual, à instabilidade e pioria das condições de vida, a par das mobilidade e instabilidade espaço-geográfica, e da crescente conflitualidade com as figuras parentais centrais: a mãe, e a *segunda-mãe*: a “*tia A*” (p. 34).

Amélia repudia e tenta inverter o modelo socializador, ao ponto de parecer que se *especializa* em 4 *Estilos* Sócio-Identitários de *Ruptura-Rebelde* (Tabela 2). Destes quatro estilos já conhecemos a Amélia 3, e tivemos um primeiro encontro com as Amélia 1 e 2. Maior proximidade, só é possível se passarmos ao *Momento 2*.

3. *MOMENTO 2* (1970/1977): **MOBILIDADE ESPACIAL, DEMANDA IDENTITÁRIA**

Constituído por 3 etapas guiadas pela autonomia e o distanciamento da família, será o seu período de *arranque*³⁸⁵ *identitário*, assim *que se apanha com* 18 anos. Saída de casa dos pais, início da Trajectória Laboral; formalização desta condição laboral e autonomização de residência; relação afectiva, e assumir da gravidez inesperada – são as três sequências sucessivas da *busca identitária* comandada pelas Amélia 2 e 4.

3.1. *Momento 2, 1.^a Etapa: Residência com familiares e Emprego no Porto* (1970/1975)

Com a mudança para P. e o 1.^o emprego inicia Amélia o processo rebelde de busca identitária.

Na base da mudança de residência para a cidade de P. – onde terá vivido entre 2 a 4 anos³⁸⁶, em casa da “*tia A.*”, com o tio e as primas (pp. 25-29) – está o empenhamento da jovem Amélia em começar a trabalhar para ter rendimento próprio. Assim, entra como secretária-dactilógrafa e recepcionista não qualificada, na minúscula dependência de uma empresa (pp. 25-26). Como se perceberá, a nova situação contrariou a vontade dos pais, tendo a total oposição da mãe – embora ela lhe promettesse continuar os estudos de noite (pp. 24-25).

É uma fase avaliada positivamente por A, pois marca o seu processo de gradual afastamento da família, recordado como um tempo em que conviveu, se divertiu, e gozou a sua juventude. Mas para a sua ânsia de liberdade ainda não chegava a vida que levava no Porto, onde os tios não a “*deixavam ni ir al cine por la noche!*” (p. 44): Amélia vai *em busca*. Nova mudança geográfica – para Lisboa – e consolidação da inserção laboral mediante um emprego legal: Amélia passa a ter vida autónoma.

Através do economista colega de trabalho em P, sabe do concurso para empregados de escritório numa empresa alemã de porcelanas técnicas, instalada na zona de Cascais-Estoril (pp. 30 e ss.). Concorre, é admitida, e vai viver sozinha para Lisboa, ainda com maior oposição familiar dado deixar de ter o apoio e a presença de qualquer parente (pp. 31-32, 34 e ss.).

³⁸⁵ Expressão da autoria de outra narradora: Paloma.

³⁸⁶ Ao longo das sessões de construção do testemunho, A. foi introduzindo afirmações discordantes quanto à situação temporal de alguns factos narrados, de que este *Momento 2* é exemplo. Da afecção transversal da informação recolhida, resultam os seguintes elementos: 1.^o: Amélia terá estado no Porto mais do que os 2 anos (1970-1972) referidos (pp. 22, 27, 29), pois afirma espontaneamente que quando se deu o 25 de Abril de 74 ainda se encontrava nessa cidade (p. 26); 2.^o: a filha terá nascido em 78 ou em 79 (pp. 31 e ss.; ep. 1 da entrevista à filha), o que - apesar de não resolver o *enigma* da idade da filha (mentira para protecção de algum subsídio ou direito social: RMG? abono familiar? subvenção de propinas?)-, nos leva a confirmar que o ano da mudança de A para Lisboa terá sido 1975 (p. 31).

Durante um ano, Amélia residiu a expensas da entidade empregadora (p. 32): dormida, pequeno almoço e jantar, na pensão-residencial do Estoril onde a empresa alojava os funcionários deslocados; e o almoço no local de trabalho. Da sua avaliação positiva, consta também a *condição legal* deste segundo emprego, não só no que respeita às *condições salariais*, como à *assistência na saúde* e a todos os *direitos laborais*: de que refere a não perseguição nem despedimento das funcionárias-mães (apoio à maternidade; existência de jardim de infância nas próprias instalações da empresa, p. 35) – na época, um modelo avançado de organização do trabalho.

3.2. Momento 2, 2.^a Etapa (1975/ 1977): *Autonomia-Escolha Afetiva*

Afirmando que “*não estava enamorada, enamorada*” mas que gostava dele (p. 38) o conhecimento do futuro marido concretiza mais uma recusa da identidade familiarmente *prescrita-esperada*: “*creio que também havia (...) la... la rebeldia, essa minha, também hacia mi familia, no? Que disse: «- Pois a vós outros não gusta, pois eu mais todavia.»*” (p. 38). Neste caso, a *rebeldia* de A orienta-se contra o estereótipo do *noivo estável e desejável*, figurino que implicava uma pessoa *com estudos*, com emprego e salário estáveis: “*para isso havia estado estudando eu e (...) me havia preparado ella para que agora fora a casar-me com um que não tinha nem estudos, nem... nem nada*” (p. 37).

Re-entra em cena Amélia 1, aumenta o *protagonismo* de Amélia 4, e Amélia 2 *resguarda-se*.

A relação com o Mexicano (refugiado político?), descendente de portugueses e desempregado, *não foi escolha* da voluntariosa A. Ela mesma nos explica (pp. 31 e ss.): sendo ele o único dos residentes na pensão do Estoril que falava português, proporcionou-se assim a aproximação entre ambos, que evoluiu para saídas conjuntas. Para mais, a condição de desempregado não significava que se tratasse de uma pessoa desinteressante ou sem competências: era uma “*pessoa culta*” (p. 31), com vivências diferentes – nado no México, educado nos EUA – e uma “*boa pessoa*” (p. 38) que terá sabido apoiar afetivamente a carente-rebelde A.

A *vida afectiva* de Amélia – *não escolhida* por *ela* nem aceite pelos *pais* –, vai converter-se em forte *factor de degradação* da sua trajectória quando se confirma a não planeada gravidez. Gravidez que, aliás, só terá sido factor de alegria para o pai da criança – “*La que no ficou contenta fui eu*” (p. 33) – porque, para a jovem mãe “*foi como um sopetón*³⁸⁷ (...) *como que se desarregla todo*” (p. 34).

3.3. Momento 2, 3.^a Etapa (1977 - 78):

Contexto afectivo informal, ruptura com expectativas familiares

O culminar do *Momento 2*, ao consistir no *fechamento consentido* dos vários *territórios de*

³⁸⁷ Leia-se: “bofetão, bofetada, abanão”.

autonomia identitária conquistada por A, é a antecâmara do 1.º PSD no seu trajecto de vida, com a *passagem a figurantes, dos quatro Estilos Sócio-Identitários de Ruptura-Rebelde*.

Hoje, reavalía esta etapa arrependida e identifica a componente manipulatória familiar e a sua fragilidade-incapacidade de resistir: «*foi una de las cosas (...) que logo pensas disso, pois claro foi num arrebatu desses (...) que estava eu deprimida (...) Claro, quando tu t'as deprimida, que t'as fora, não tienes a nadie que (...) que te apoie, porque então se es, não tienes a nadie e, e chega la família e te disse: «- Te venes para casa, deixa o trabalho, porque em casa estas melhor», e te montam um monton de películas (...) e te levam, porque se, entonces eu não estivera nessas condiciones aa...havia dicho: «-No. Estoy aqui e me voy a aguentar com tudo lo que venga e se me quereis hechar una mano, me hechais la mano, pero eu aqui!».*” (p. 35, sn).

Vários nós problemáticos se cruzavam:

a) o nó *laboral e estilo de vida*, em particular, os *recursos* económico-materias: *i) ele* estava desempregado; mas *ele* contribuía para a renda da casa, entretanto alugada pelo casal em Cascais e para outras despesas, pois herdara bens dos falecidos pais; *ii)* apesar dos contributos dele, só *ela* tinha um vencimento, certo mas já curto para fazer face às despesas de ambos, quanto mais com o nascimento do bebé (pp. 34 e ss.);

b) o nó *sociabilidades* (não tendo A mais ninguém próximo): *i) ela*, face ao inesperado da situação – aliás, *ela* que ainda nem pensara sequer em ter filhos (pp. 33 e ss.) – fica desorientada, e *deprime*; e *ii)* a família, assim que toma conhecimento, decide *vir libertá-la* desse companheiro desestabilizador.

c) o nó *sócio-representacional*: inicialmente, o marido de A é mal aceite e até rejeitado pela família dela, por ser estrangeiro (e exilado político?), e estar desempregado – o que equivale a dizer: por *não corresponder*, como se mostrou acima, ao *modelo esperado-sonhado para genro*.

Eram demasiados nós para Amélia *desatar* sozinha; razão porque cede à proposta familiar.

4. MOMENTO 3 (1977/1979), O 1.º PSD:

CONFLITO IDENTITÁRIO – ACTOR-ADEQUADA? SUJEITO-REBELDE?

Assumir a identidade de Mulher-Mãe associa-se, na jovem A, ao vertiginoso PSD. Esvai-se a sua autonomia em 2 *Etapas e Fases de Reacção*, até à 3.ª etapa, com a *emigração estratégica*.

4.1. PSD, 1.ª Etapa: Assumir ser Mãe-inesperada

Perante a gravidez, ao assumir a maternidade, Amélia faz uma verdadeira auto-reconstrução como mulher. Decisão difícil, emparceira-se a 4 outras *decisões-consentimentos* de degradação identitária, pela *fragilidade psicológico-emocional* em que se encontrava. Ambivalente vivência de que nos fala a narrativa do 1.º processo de desqualificação e requalificação.

Quando interrogada sobre este período Amélia diz ser o mais marcante de toda a sua vida (p. 34). É que, estando tão fragilizada, ao ser compelida pelos pais – e pela “tia A.” que propositadamente se desloca a Lisboa para a ir buscar com sucesso – cede às propostas familiares e entra no 1.^o *processo de desqualificação*, a quatro grandes níveis da sua vivência: 1.^o desfaz a *autonomia laboral*, estável e legal, despedindo-se do emprego; 2.^o desfaz a *frágil autonomia emocional e de estilo de vida*, aceitando ser apoiada pela família – durante a gravidez, e na criação de melhores condições para o nascimento e vida inicial do bebé; 3.^o desfaz a *frágil autonomia relacional* ao suspender a relação *afectiva* condenada pela família, e consentindo em separar-se do pai do bebé durante, pelo menos, gravidez e parto; 4.^o desfaz a *autonomia residencial*, retornando à casa familiar em Bragança (pp. 32 e ss.).

Tais decisões-consentimentos enraizam-se no realismo, a lógica de reacção que adopta no início deste processo: sem condições emocionais para gerir todos os territórios identitários, Amélia *adequa-se*, por necessidade.

4.2. PSD, 2.^a Etapa: Dependência Familiar ou *O Inevitável-Temporário*

O retorno à casa e às pressões familiares para a acomodação, criam-lhe *um sentimento de total dependência da família de origem* que a impulsionará a projectar o seu futuro, reanimando as Amélias 1, 2 e 4.

Após o nascimento da filha, A começa a consciencializar-se de que, desde o *retorno*, vem vivenciando de forma latente um conflito entre i) a sua componente identitária de *mulher-mãe* – pela qual optara e de que não se arrepende, tanto mais que tudo corria bem com a bebé, e que o indesejado pai seguira a respectiva família e fora viver para Bragança, embora não na casa familiar de A; e ii) a outra componente de *sujeito-produtivo e autónomo*: “*el bebé con otro conforto pero estavas também tu! Tu pessoa (...) estava em casa de meus padres logo p... dizes: «(...) à criatura não falta nada e tu quê? Tu que haces? Dependere de los padres(...)?...» E foi nessa época (...) he tenido a mi hija...e (...) digo: «- ¡Ba!! hay que me passar a trabalhar!»*” (pp. 36).

Na segunda fase de reacção ao PSD Amélia adopta a lógica da reflexividade subjectiva e consegue mudar para uma atitude de dependência não acomodada.

4.3. PSD/R, 3.^a Etapa: Emigração Solitária, Orgulhosa e Requalificadora

Perante a clareza do conflito identitário, que acentua os *sentimentos de sofrimento* e de *revolta* face à dependência familiar, A retoma a sua rebeldia-inconformada. A opção de se libertar do *centralismo* familiar, e as dificuldades, no contexto nacional de fins de 70, de encontrar trabalho – com o acrescido *obstáculo* de *ser mãe* – levam-na, num “*arrebato*” (desses que caracteriza a sua experiência identitária), a emigrar para o País Basco.

Tentativas várias que faz para encontrar emprego em Portugal, revelam-se vãs: “*E passei a buscar trabalho e entences (...) já não se encontrava trabajo assim tão fácil.*” (p. 36). E um dia, repentinamente, ouvindo uma vizinha conversar com uma moça emigrante no País Basco, pede à moça que lhe procure emprego como cozinheira: “*Foi mais ou menos (...) um arrebatado que he tenido, no?*” (p. 49). Desse contacto, nasce a trajectória migratória dela, para grande admiração familiar, e maior desagrado maternos (pp. 50 e ss.).

No início, parte só, para arranjar o emprego de cozinheira; ao fim de uns *mesitos*, vai então buscar a bebé que ainda não tinha um ano, e o pai (pp. 49, 51).

De modo a escapar à insatisfação do estilo de vida não autónomo, Amélia recicla a sua identidade social na condição social de emigrante que passa a viver, subjectivamente, como requalificação. Pela sua reação de luta imbuída da lógica de rebeldia e inconformismo, pode o agregado aceder à recomposição e estabilização familiares, como sobrevém a própria Etapa de Requalificação do 1.º processo de desqualificação e requalificação social de Amélia.

5. MOMENTO 4 (1980/1992): O RETORNO DE AMÉLIA-SUJEITO-REBELDE

O sucesso da *emigração* enquanto *estratégia promocional* pode confirmar-se na auto-avaliação de quatro Territórios Sócio-Identitários. A leitura subjectiva da mobilidade ascendente não deve, porém, ser assumida aqui de forma leviana. Se restringirmos o termo de comparação ao percurso de vida de Amélia imediatamente anterior, há uma clara requalificação. Contudo, se tivermos em mente as anteriores vivências de autonomização, o estilo de vida de imigrante contém fragilizações desse modo mais autónomo de vida, como se passa a apurar.

5.1. Amélias 1 e 2 – mas sobretudo Amélia 3 – legitimam Amélia 4

O *Momento 4* é, sem dúvida, um momento de requalificação de Amélia, face à profunda degradação sócio-identitária da sua experiência social no último ano. A requalificação de A ressalta através do retorno ao trabalho, da recomposição e estabilização residencial da família nuclear, e da adaptação relacional da *A-estrangeira-emigrante* às novas sociabilidades. Mais uma vez, também a emigração concretiza a contestação-ruptura face às expectativas da mãe: “*não vais bem p’ra Espanha! Em cima, de criada de servir (...) Para isso (...) estou eu aqui todos os anos que estubieras estudando*” (p.51).

Só que, como conclui certa anedota, «emigração não é o mesmo que turismo».

Passados os primeiros meses da emigração solitária de Amélia, a família começa por residir num apartamento em SnSn; pouco tempo depois, devido ao preço da renda, muda-se para Lasarte (p. 51), na periferia, onde A ainda hoje reside. Esta mudança de casa pode indicar a capacidade de adequação familiar ao estilo de vida da sociedade de destino, à medida que o conhecimento da mesma se consolida.

Assiste-se, portanto, a uma requalificação sócio-identitária quer ao nível *residencial-habitacional*, quer no *território identitário sociabilidades*, na dinâmica familiar, e nos níveis afectivo-relacional e psicológico-emocional. Pode inferir-se que esta mesma requalificação decorre da capacidade e da competência para adequação social à sociedade de destino da emigração. A própria narradora nos diz que sentiu o choque de ser tratada como emigrante portuguesa – “*porque... normalmente la gente aqui (...) tene um estereótipo formado (...), no?” (p. 49); mas considera que se adaptou *facilmente*: “*Na globalidade sim. Não... (...) não tive problemas de, de adaptación nem... nem nada*” (p. 52).*

Porém, no *território laboral*, emigrar consistiu numa requalificação-desqualificadora para A relativamente ao carácter formal e estável do seu emprego em Lisboa, fragilizam-se as suas condições de trabalho: de cozinheira, aos serviços domésticos, e a empregada de bar (no presente), Amélia adapta-se; e durante uns anos vive, inclusivé, numa situação nada clara do ponto de vista legal³⁸⁸. Mas ela contrabalança a despromoção laboral relativa: pelo orgulho de não pedir ajuda à família no início da adaptação – “*também tenes el factor orgulho, no? E dizes...: bueno, no he salido de casa por mis narizes. E entonces dizes: pois, bueno tampoco ahora me voy a ir “p’a” trás a pedir ayuda, no?”* (p. 52); e pela recomposição da sua família constituída.

Inverso é o percurso laboral do marido (pp. 51-52): melhora as competências – faz um curso de línguas – e mantém actividade contínua como professor de aulas particulares, ou acumulando com aulas num Colégio – a sua última ocupação antes de falecer, que já mantinha há 5 anos.

Talvez seja oportuno *chamarmos Amélia 3 à cena* para nos ajudar a perceber melhor os distintos percursos laborais dos membros do casal como as diferenças entre a *A-de Lisboa* e a *A-imigrante*.

A interrupção por Amélia do percurso escolar, reflecte-se na queda laboral (quando emigra não tem nem *competências*, nem *currículo laboral documentados*) Ao invés, o marido, para além da formação de que dispunha, investe na melhoria de competências documentáveis e documentadas.

Este terá sido o melhor período da vida de A pois, uma vez (imigrantes e trabalhadores) legalizados estabilizam a vários níveis: finalmente, coabitam os três, há duas fontes de recursos e é fácil a inserção da filha que hoje frequenta o ensino superior público, integrada nos espaços juvenis³⁸⁹.

No próximo *Momento*, a ausência de formação profissional será, uma condição-recurso-reforço do *factor* do segundo PSD: a morte do marido.

³⁸⁸ Segundo as páginas 53 e ss. do relato, sem autorização para trabalhar mas descontando para a segurança social - o que parece paradoxal.

³⁸⁹ Como é confirmado pelo testemunho da filha de Amélia.

6. MOMENTO 5 (DESDE 92): A MORTE-RUPTURA DO MARIDO, FACTOR DO 2.º PSD

Inesperada, a morte do marido e pai da filha vai colocar – gradualmente, e com o concurso de vários *propiciadores* – a família, agora monomarental, em condições sociais de *privação* e *desqualificação*. O desmoronar do estilo de vida é de tal ordem que A decide solicitar o RSI³⁹⁰. Do relato construído, destacam-se três *Etapas* no 2.º PSD, que Amélia vivencia em três sucessivas *Fases de Reacção*.

6.1. – 2.º PSD, 1.ª Etapa (1992/94): Encadeamento de Rupturas

Na 1.ª Etapa deste 2.º PSD sucessivas rupturas encadeiam as *Sociabilidades*, o *Trabalho* e o *Estilo de Vida* familiares. A saúde e resistência física de A, debilitadas, surgem como gritantes indicadores de objectivação da dolorosa incorporação da *perca*.

À grande *fragilidade psicológico-emocional* da situação de *perca* afectiva por morte, são inerentes, para além do *sentimento processual* de *luto*, outros sentires como um profundo *vazio afectivo* ou uma grande *solidão*. Estes modos de sentir, esfrangalham as *Sociabilidades* de mãe e filha, alteram a organização e a dinâmica familiares de vários modos.

Desde logo pela *restrição*, da *fonte* e do *montante* dos *recursos financeiros*, ao salário da mãe – paralelamente à sua *sobrecarga laboral*, por agora ser o único elemento activo da casa. É também correlativa a quebra dos recursos económico-materiais da família, o empobrecimento do seu estilo de vida a um nível inferior ao de subsistência. Tal restrição impõe a *alteração* de consumos e *práticas quotidianas*, habituais na família, numa contenção racionalizada de comportamentos que tem maior impacto na filha *jovem e estudante universitária*. Perante o *encadeamento de rupturas* desta 1.ª Etapa e perante a irreversível ruptura global do estilo da vivência familiar, A reage pela não-reacção: sente, pela primeira vez em toda a sua trajectória, o peso da impotência para solucionar o repentino PSD a *pique*.

6.2. – 2.º PSD, 2.ª Etapa (1994/96): Dependência Institucional Instalada — a luta contra a sub-vivência

Nunca tendo vivido antes situação parecida a tão grande destituição, a *A-impotente-que-já-foi-rebelde* toma a decisão – paradoxal face ao passado – de *solicitar o apoio dos serviços sociais*. Desdobra-se em diligências junto desses organismos de que resulta ficar dependente de respostas de inserção social, do RSI em particular.

A *fragilidade emocional* e o *peso* da condução familiar terão contribuído, desde há 2 anos, para a sintomatologia da drástica queda da produção de plaquetas sanguíneas, hesitando os médicos entre a identificação de “*lúpus*” ou de outra doença – pelo que, no momento das entrevistas, a *doença* apenas tinha um diagnóstico aproximativo e provisório. Com a gradual redução das capacidades físicas e de

³⁹⁰ IMI, no Estado Espanhol.

resistência em geral, A vê também afectada a sua *produtividade laboral* (pp. 1-11), quando precisava reforçá-la, se não mesmo dobrá-la.

6.3. – 2.^o PSD, 3.^a Etapa (desde 1995): Reflexividade, Reavaliação, Reconstrução Identitária

Nos seus 45 anos, a pessoa hábil na condução de um discurso onde ainda assoma o refinado sentido de humor, não esconde a *Amélia emotiva, nostálgica* (várias vezes as lágrimas estiveram presentes) e *arrependida* de opções e de decisões no passado, bem como da sua anterior maneira de ser.

Avaliações negativas da decisão de emigrar e da *lógica de acção rebelde* e da trajectória sócio-identitária – a *Amélia-arrependida* assume um *PSD/R enquanto Mulher-Sujeito Social*.

Há cerca de 2 anos que Amélia vem a consciencializar-se dos *erros* que cometeu no seu percurso (pp. 28 e ss; 34 e ss; 52 e ss). O arrependimento do *abandono escolar* e de não ter investido nas competências profissionais – “*desaproveitei o tempo*” (p. 21) – vem, intimamente, com o do seu carácter *autónomo-rebelde prejudicial* aos mesmos trajectos e, em especial, à vinda para o País Basco.

7. POSIÇÃO SOCIAL: COMPARAÇÃO SOCIAL E AUTO-CLASIFICAÇÃO POR AMÉLIA

7.1. Comparação e Classificação Intra-geracional: Família de Origem e Trajectória Migratória dos Pais

Ao comparar a estabilidade e as transformações no mercado de emprego actuais e no passado, *Amélia* sublinha o *erro* em que a *mãe* caiu ao pretender como marido para as filhas um indivíduo com estudos, repudiando, *p. ex.*, um empregado de balcão: “*Que hoje em dia (...) es... muito melhor que um homem seja uma pessoa que esteja empregado numa tenda de uma persona que tenha estudos.*” (p. 37)

Reconhece que o seu actual *estilo de vida* é melhor do que o da mãe, no passado, mencionando os exemplos das *tarefas domésticas* e das *maiores comodidades* de hoje. Contudo, esta *melhoria relativa não significa* que, ao falar da *vida familiar de origem* estabilizada em Bragança, a apelide de *carenciada*:

- i) autoclassifica-a de “*nível médio*” (p. 23);
- ii) tem consciência de que, embora fosse uma família *normal*, de trabalhadores (p. 24), *não correspondia ao padrão comum das famílias portuguesas*: não era comum, nessa época, que as famílias pudessem sustentar carreiras escolares-profissionais como a sua família fez (pp. 22 e ss.).

Simultaneamente, *Amélia equipara-se* às raparigas da sua *rede de sociabilidades*: de entre “*todas as amigas (...) umas fizeram (...) mais, outras (...) menos, quase todas fizeram (...) uma carreira*” escolar-profissional (p. 23).

Comparação Intra-Intergeracional: Auto-avaliação da Trajectória Migratória

Amélia assume que *hoje vive pior* do que vivia em Portugal e do que alguma vez viveu em toda a sua vida (pp. 23-24) – o que terá sido a componente reflexiva do seu discurso mais dura de exteriorizar.

7.2. Auto-Classificação e Auto-Posição Social: *Amélia*, Pessoa no Presente

Transacções Objectivas exteriores e interiores

Define-se como “*uma emigrante um pouco rara! (...) porque (...) yo no he venido (...) a Espanha porque em (...) Portugal no tenía que comer! (...) mi familia (...) me apoiava...*” (pp. 49-50).

8. – CATEGORIZAÇÕES DE GÉNERO

Amélia identifica e reconhece **padrões normativos de género** quando refere o modelo socializador dos avós (p. 40 e ss.) ou quando classifica o modelo da família ascendente como *invertido* ao padrão familiar dominante (p. 39), pela centralidade da autoridade materna.

8.1. – Factores das Construções de Género

No seu discurso destaca-se o **factor cultural** e, de forma latente, as **sociabilidades**, na diferenciação dos estilos de vida pelo *género*.

A eleição manifesta do *factor cultural* talvez se deva ao facto de ter sido num outro quadro cultural, que não o de origem, que ela encontrou modelos e relações familiares que **equilibram melhor autoridades e afectos**. Estes, por seu turno, são os tais **factores** – relacional e afectivo-emocional – que despoletaram a *estratégia* identitária de *rebeldia*, alimento de uma trajetória culminadora na reconstrução sócio-identitária de *Amélia*, hoje, não só marcada pelas percas afectivas mas também pela desqualificação material e simbólica.

8.2. – Comparação Social (Modelos Socializadores)

8.2.1. Modelos Portugueses, no Passado e no Presente

Na comparação entre os **modelos portugueses** socializadores, no passado e no presente, *Amélia* salienta **duas mudanças** – a maior proximidade na relação pais-filhos, de onde decorre a maior liberdade dada aos filhos, assente na também maior confiança que aqueles têm nos descendentes –, ao que acrescenta a **continuidade** da preocupação dos pais para que os filhos sejam “*rectos*” (pp. 44 e ss.).

8.2.2. Entre Modelos Portugueses e Bascos, no Presente

Ao comparar modelos actuais da socialização portuguesa e basca, as conclusões são:

- i) os Bascos são mais permissivos e menos autoritários com os filhos
- ii) os Bascos são mais “*carinhosos [e] afectuosos con los hijos*” (pp. 43-44)
- iii) os Bascos “*são mais abertos*” com os filhos — se bem que constate mudanças nos hábitos dos portugueses neste sentido, considera que “*não chegam a ser como los bascos, como aqui.*” (p. 44).

Ou seja, a *diferença cultural* é vista como *superior* e, a mesma superioridade é *avaliada positivamente*.

9. CONCLUSÃO: AUTORITARISMO ≠ AFECTOS: ACUMULAÇÃO DE RUPTURAS-CARÊNCIAS

A vida de *Amélia* decorreu entre as carências afectivo-relacionais iniciais e a subsequente acumulação involuntária de carências, por *efeito perverso* da sua luta-rebelde contra a falta de afectos.

Rebeldia a mais, e autonomia a menos – assim podemos sintetizar o arrependimento de uma Amélia que, pela surpresa da gravidez e conseqüente depressão, se despediu do bom emprego de Lisboa e regressou a Bragança. Hoje Amélia considera que deveria ter assumido a filha sem apoio familiar ou, pelo menos, sem admitir tal ingerência, nem o desabar da sua vida (pp. 34 e ss.).

Em tom de desabafo, salienta o duplo *impacto* negativo da *Trajectoria Migratória – empobrecimento e desprestígio social* – convicta de que se ela e o marido tivessem permanecido em Portugal hoje viveria(m) muito melhor (pp. 52 e ss.). Com efeito, Amélia acredita que após algum tempo do período muito difícil (pressão familiar dela após nascimento da bebé) acabariam por ter organizado a vida, inclusivé ao nível laboral. A esta avaliação junta o *sentimento negativo* da sua condição de mulher-emigrante-estrangeira: segundo ela, o facto de *emigrante* significar *ser de fora*, ser *inculto*, ser “*marrano*”, *inferior*, já implica o condicionamento dos emigrantes às piores e mais desprestigiadas tarefas laborais; mas, no seu caso, acumula ainda o desprestígio inerente a ser um(a) emigrante mulher. Por isso nos diz também que nunca teve uma rede de sociabilidade ampla: ela escolhe cuidadosamente os amigos (pp. 8 e ss., 48 e ss.).

Pela sua voz amadurecida, ao reavaliar o quadro situacional da família de origem no contexto societal do Portugal de 60/70, a *Amélia* vivida, magoada, nostálgica e doente confia-nos as suas *negociações identitárias*. Nostalgia, envelhecimento, arrependimento, e redução grande das suas capacidades produtivas na sequência da doença, esclarecem-nos do seu *trabalho identitário* de mudança, nas *Transacções Objectivas Interiores*. Em relação às *Transacções Exteriores*, o balanço é de não reconhecimento social: a total destituição-privação da sua família monomarental objectiva-se no seu *sentimento subjectivo* de *desqualificação social* e na *dependência, objectiva*, do RSI.

Face a esta tomada de consciência, a reavaliação da sua TI está na base da reconstrução dos dois componentes Sócio-Identitários da sua experiência social, enquanto Mulher-Sujeito Social: sentindo-se *envelhecida, doente, nostálgica, excluída e desprestigiada*, Amélia reclassifica-se numa posição de desqualificação social.

Desta TI pode discorrer-se que o empobrecimento, sendo um processo socialmente construído, é a experiência social e individualmente vivida de múltiplos e cumulativos factores (exteriores e interiores) de desqualificação sócio-identitária: factores *emocionais e relacionais; produtivos e materiais*; como de *competências, poderes, recursos simbólico-representacionais e práticos* – as lógicas, estratégias e tácticas de *gestão da acção*.

História de Vida *exemplar* dos 3 factores assinalados, por Darío Páez e cols. (1996), como marcantes das condutas dos sujeitos pessoais: factores macrosociais, “externos” – situacionais, e factores “internos” – predisposicionais.

História de Vida também *exemplar* de como estratégias similares (Migração) não potenciam os mesmos resultados porque os sujeitos sociais, sendo portadores de sentido, enraízam-se nos contextos sócio-históricos, condicionadores e dinâmicos.

Mas da TI de Amélia pode ainda dizer-se que o sentido da acção dos sujeitos sociais pode perverter ou contradizer processos colectivos: *i)* se a participação da família de origem na 1.^a Trajectória Migratória (África), converge com as práticas dos seus concidadãos – mobilidade ascendente; *ii)* na Trajectória Identitária de Amélia todos os *esforços de autonomia identitária* se vão pervertendo em factores ou mecanismos de desqualificação e exclusão sociais.

Porque *o sentido da acção* de Amélia é orientado pelo *inconformismo radical*? Talvez.

Mas, também, porque certos factores exteriores são coercivos, quer dizer: não dependem da vontade nem da acção dos sujeitos – como, *p. ex.º*, a morte do marido de Amélia.

Por seu turno, a leitura social desses factores é sempre *avaliativa* – sendo elaborada exterior e interiormente aos sujeitos em PSD. Tal leitura pode, portanto, desarmar a capacidade de resistência e de luta racional (*cf.* Morin 1981). Consequentemente, sendo *avaliativa*, a leitura social reconstrói aqueles factores coercivos conferindo-lhes uma *enormidade coerciva a-real*. Tanto mais enorme, tanto mais coerciva e tanto mais a-real quanto mais os actores trabalharem as suas transacções identitárias numa lógica paralela – a *lógica da razão racionalizadora* (1981).

Como sucedeu com a Sujeito-Mulher Amélia: rebelde e arrependida; caso exemplar do trabalho identitário guiado pela *lógica paralela* de acção social: **a racionalização**.

CAPÍTULO TRÊS – CONCLUSÃO:

DA POSTURA ANALÍTICA À CATEGORIZAÇÃO SOCIOLÓGICA – POSTULADOS E HIPÓTESE ANALÍTICA

Pela análise do Capítulo UM salientou-se o contributo da Sociologia para a análise das Identidades Sociais, em torno de 4 *Vectores - Problemáticos*:

- 1) construção social de *identidades sociais negativas*: étnico-culturais, de género;
- 2) identificação da *construção social de identidades* pelas práticas interactivas dos actores, táctica e estrategicamente co-produtores daqueles mesmos contextos de produção identitária;
- 3) *contextualização das identidades sociais* em meios (sociais) hierarquizados, perpassados por relações ideológicas, simbólicas e de poder desigual: Dominantes/dominadas; e
- 4) sistematização do paradigma biográfico-relacional.

Foi através deste último *Vector-Problemático – paradigma biográfico-relacional* – que se perspectivou e dinamizou a presente *análise sociológica em emergência*, conforme se fundamentou no Capítulo DOIS.

Neste momento conclusivo do Capítulo TRÊS, como no decurso do processo analítico, reconhece-se que alguns *nós problemáticos*, inquietantes, ainda resistem e ficam por elucidar; e parece que um, em particular, pode frutificar em vários sentidos o trabalho analítico dos *casos exemplares*. Senão, veja-se:

Se a designação e o reconhecimento sociais da desqualificação e da requalificação são accionados na relação com os *traços* e os *conteúdos identitários* negociados nas diversas *situações relacionais* que as *mulheres-casos exemplares* vivencia(ra)m, então, há que admitir dois possíveis eixos de interpretação para a grelha analítica desta pesquisa:

1. PRIMEIRO EIXO DE INTERPRETAÇÃO – CATEGORIZAÇÕES COMUNS E NORMATIVAS

◆ a leitura social enquanto *mulheres-(«diferentes-pobres»)-desqualificadas* – que designámos por experiência sócio-identitária de PSD – não se repercute, nem necessariamente, nem sempre, numa *leitura relacional (“exterior”) negativa* daquelas

◆ o reconhecimento social da trajectória promocional destas mulheres – abreviadamente designável pela experiência sócio-identitária de PR – não significa necessariamente, nem sempre, uma avaliação social de requalificação, *i.e.* uma *avaliação relacional exterior promocional*.

Deste modo, discorre-se também:

2. SEGUNDO EIXO DE INTERPRETAÇÃO – CATEGORIZAÇÕES COMUNS E SÁBIAS

- ◆ a Co-produção (desconstrução-reconstrução) das narrativas biográficas pode ser sociologicamente accionada por *traços e conteúdos des-coincidentes*; e, por sua vez
- ◆ a mesma não coincidência pode objectivar-se em *argumentos paradoxais* (não no sentido normativo), ao longo da narração da experiência sócio-identitária.

Neste sentido, os 2 eixos interpretativos despoletam uma hipotética linha interrogativa para a interpretação dos *relatos biográficos*:

- ◆ Tenderá a coincidência argumentativo-discursiva dos *relatos* a acentuar-se em (narrativas de) *sujeitos-mulheres* cujos PR estão “*consolidados*”?

Entenda-se por PR “*consolidados*” os processos face aos quais os sujeitos sociais desenvolvem 1) *distância re-avaliativa (reflexividade)* relativamente aos Momentos e Fases-Etapas de PSD; e 2) *implicação (subjectivação)* relativamente aos capitais-recursos, factores e estratégias-táticas de Mudança-Requalificação Sócio-Identitária.

Em termos metodológicos, pode formular-se esta *linha interrogativa* sob a forma dos seguintes Postulados e das consequentes Hipótese Analítica e Sub-Hipóteses:

3. POSTULADOS E HIPÓTESE, ANALÍTICOS

POSTULADO A:

As abordagens biográficas de *sujeitos-mulheres que vivenciaram PSD/R* evidenciam a construção de Diferenciados Relatos Testemunhais e Argumentativo-Discursivos ou *Oralituras Diferenciadas*.

POSTULADO B:

A *diferenciação* de *Oralituras* oscila entre a *Coincidência* e o *Paradoxo* Argumentativo-Discursivo.

Na mesma linha de raciocínio, a presente pesquisa exploratória autoriza-nos a formular:

HIPÓTESE ANALÍTICA: A *Oralitura Paradoxal* e a *Oralitura Coincidente* associam-se à relação que as narradoras estabelece(ra)m com o PSD, como à sua implicação na respectiva Mudança-Requalificação.

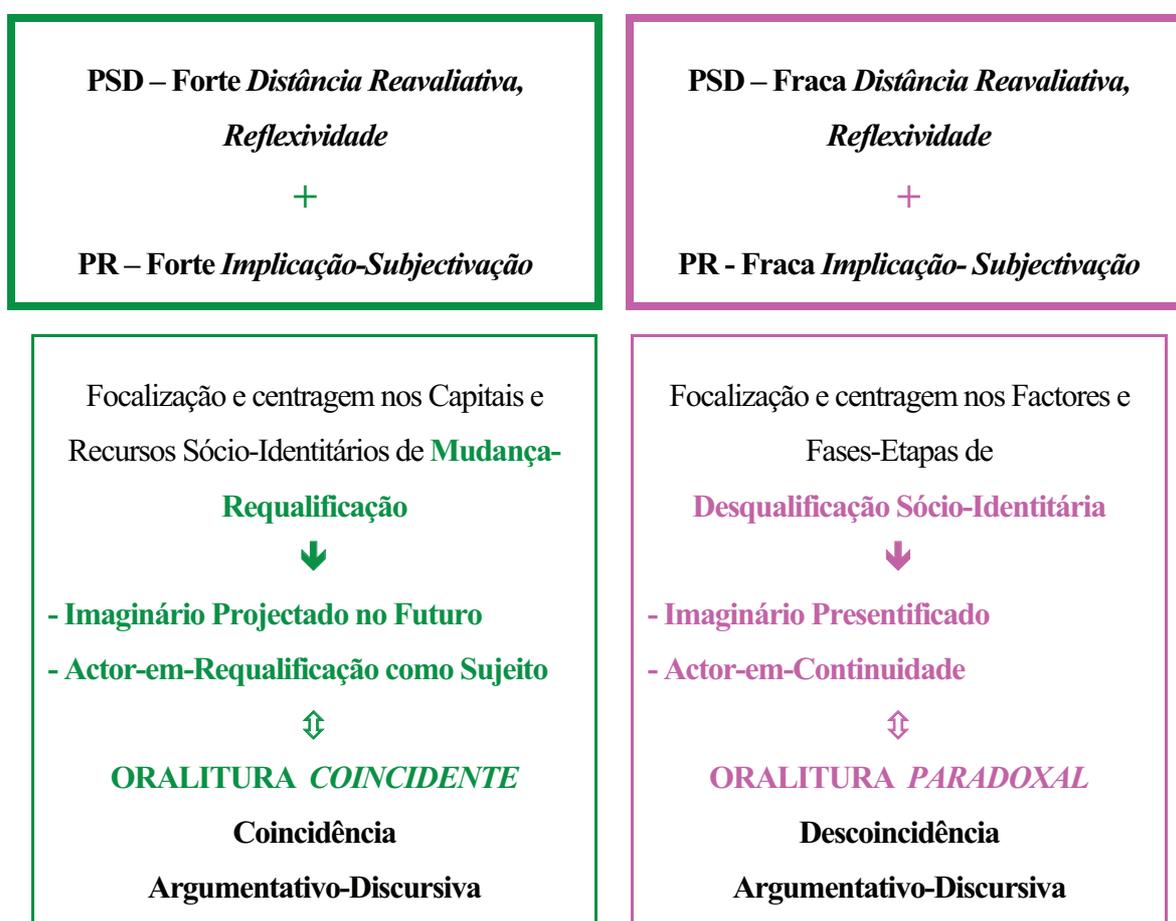
SUB-HIPÓTESE A): A *Oralitura Paradoxal* está associada a uma *Distância Fraca* dos PSD e a uma *Implicação Fraca* nos PR (focalização e centragem, das narradoras, nos Factores e Fases-Etapas da Desqualificação);

Sub-Hipótese B): A *Oralitura Coincidente* está associada a uma *Distância Forte* dos PSD e a uma *Implicação Forte* nos PR (focalização e centragem sócio-identitárias das narradoras nos Capitais e nos Recursos de Mudança-Requalificadora).

A terminar, pode converter-se esta formulação no seguinte esquema simplificador:

FIGURA 5

HIPÓTESE ANALÍTICA: DIFERENCIADOS RELATOS TESTEMUNHAIS E ARGUMENTATIVO-DISCURSIVOS



CONCLUSÃO FINAL: E O VERBO DA ACCÃO REVELOU O SUJEITO SOCIOLÓGICO

Odes de Ricardo Reis: «Para ser... »

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.*

*Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.*

*Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive*

Fonte: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpesso29.html>

Chegado o fim desta dissertação, impõem-se variadas reflexões que se agrupam em três grupos conclusivos e respectivos argumentos, procurando responder às seguintes interpelações: Traz esta pesquisa ensinamentos para os estudos sobre os Processos de Desqualificação e de Requalificação Social das mulheres? Concorre para a Análise Sociológica das Identidades e para o conhecimento sociológico contemporâneo? E contribui, a mesma, para os níveis Metodológico e Epistemológico do conhecimento social e sociológico? Como?

1.ª CONCLUSÃO - UM CONHECIMENTO *INCORPORADO*.

EXEMPLARIDADE DESTA PESQUISA: CONTRIBUTOS METODOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS

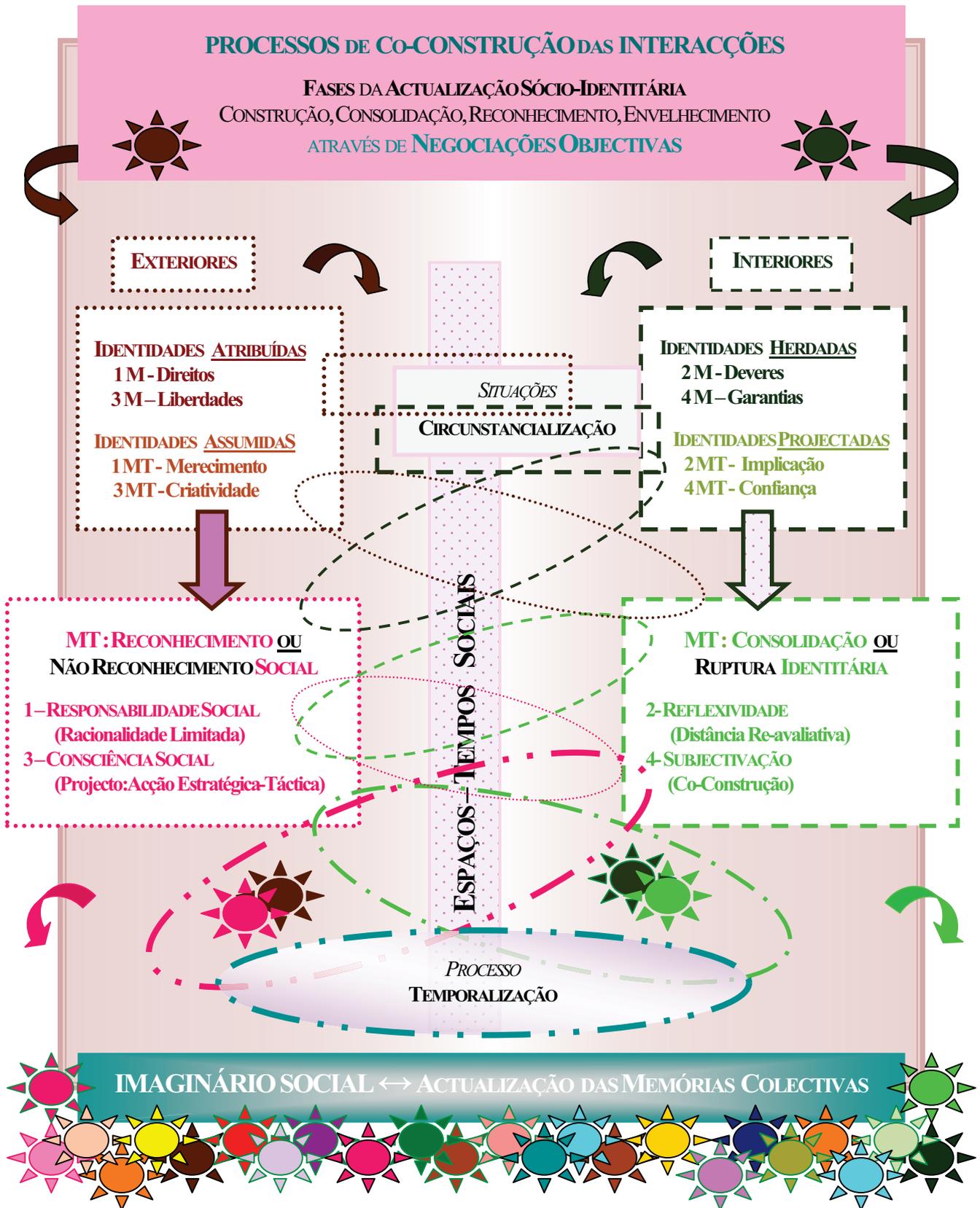
Un savoir desincarné est un savoir inutilisable (Paillé e Mucchielli 2003, 38)

Postulado: Os processos de *reconstrução biográfica* dos *cinco relatos* investigados configuram-se *paradigmáticos* e *exemplares* de vários componentes do *conhecimento do social* e, em particular, das vertentes metodológica e epistemológica do *conhecimento sociológico*.

Conclui-se que o *trilho* da presente pesquisa concretizou três grandes *tipos de procedimentos metodológicos*. Por um lado, pode falar-se de procedimentos aparentemente antinómicos dado que, uns, contribuíram para a construção continuada do património sociológico, ao passo que outros assumiram alguma “*transgressão metodológica*” (Sousa 1988) face ao mesmo património. Mas só através de ambos – procedimentos de construção e de transgressão – se viabilizou a consolidação da herança da Sociologia, através do que aqui se designa como procedimentos de consolidação metodológica.

Conclui-se também que pelo mesmo *trilho metodológico* ainda se viabilizou a exemplaridade da pesquisa em três *planos epistemológicos*, a saber: o dos *obstáculos* epistemológicos ao conhecimento

FIGURA 6 – “MODERNIDADE TARDIA”, UM SISTEMA DE ACÇÃO INTER-SUBJECTIVO



LEGENDA:
M=MODERNIDADE; MT=MODERNIDADE TARDIA

social do social, o plano lógico-epistémico de *construção do conhecimento social* e o, mais abrangente, plano da *transição paradigmática* (Santos 1991; 1988).

1. 1. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOCIAL:

INTERDEPENDÊNCIA ENTRE SUJEITO-INVESTIGADORA, “OBJECTO” E DOMÍNIOS DE CONHECIMENTO

No plano lógico-epistémico do processo de construção do conhecimento do social, a co-construção dos cinco Testemunhos de Vida exemplifica a interdependência complexa³⁹¹ entre Sujeito investigadora, «Objecto» e Domínios de Conhecimento (Deshaies 1997). Deste modo os, adoptados, procedimentos de transgressão metodológica remetem, na raiz, para os 4 componentes da relação sujeito/“objecto” de estudo: o lugar da investigadora, a sua *posição* e as respectivas *postura e atitude*.

Globalmente, nessa relação sujeito/“objecto”, assumiu-se a *não neutralidade positivista* nas cinco práticas de transgressão metodológica que se sintetizam ao longo desta 1.^a CONCLUSÃO, a saber: *transgressão* do androcentrismo metodológico e da acomodação metodológica; como ainda a *transgressão* das, supostas, *unicidades* metodológicas das ciências, das ciências sociais e da sociologia.

Prática de transgressão do androcentrismo metodológico

A opção de delimitar o campo de estudo às Trajectórias Identitárias *de mulheres* permitiu articular as estratégias e operações metodológicas com os argumentos de superação da *metodologia androcêntrica*. No âmbito desta prática de transgressão do androcentrismo metodológico destacam-se dois níveis de conclusões: as relativas à escolha do *tema da pesquisa* e as decorrentes da análise dos cinco discursos de mulheres.

No que se refere ao tema “requalificação social *das mulheres*”, confirmou-se que a *vivência* da investigadora, como o lugar e a *condição* desde os quais trabalha (formula, observa, analisa, problematiza e interpreta) são *condicionantes significativos* da vocação da ciência para *traduzir* criticamente a realidade sem dela se divorciar, com impactos irreversíveis na desconstrução dos *‘higienistas’* procedimentos metodológicos de pendor positivista.

Por sua vez, da análise realizada conclui-se que os 5 discursos expõem uma dupla orientação na configuração social da mulher: *a)* por um lado, todos os discursos apresentam elementos estereotipados e androcêntricos, os quais são fortemente característicos das narrativas de Esmeralda e Sara; *b)* por outro lado, em alguns discursos, a *visão androcêntrica* coabita com a perspectiva ou *política identitária* das identidades masculinas e femininas: veja-se a sua presença em Mafalda e Amélia, ou a sua dominância nítida em Paloma. Caracteriza-se esta perspectiva pela concepção dicotómica das identidades de “gé-

³⁹¹Trata-se da interdependência dinamizada por uma sujeito-de-investigação *de carne e osso* (Deshaies 1997) e, como tal, situada numa matriz cultural, participante dos dos saberes aceites e desvalorizados socialmente; daí que a sua prática de pesquisa consista em diversas *transacções relacionais* entre, por um lado, *domínios* do conhecimento social e, por outro, as perspectivas e protocolos de investigação *sociológicos*.

nero” de abordagens feministas características, fundamentalmente, dos anos 60/70 do século passado (Louro 2001); ao ser divulgada e vulgarizada revela a sua marca clara na construção identitária de Amélia e de Paloma e, ainda, nas respectivas reavaliações sócio-identitárias; ao contrário, em Mafalda, a sua *presença* afirma-se *pela negativa*, na medida em que esse discurso se guia pela rejeição daquela.

Consequentemente conclui-se ainda que, nos cinco discursos de mulheres analisados está de todo ausente uma visão das identidades sincréticas orientada pela “*política pós-identitária*” dos *Queer Studies*, já preocupada em desconstruir, desde finais dos anos 80, os processos sociais conducentes à “sexualização” (heterossexual e homossexual) da sociedade. Neste caso, discute-se a padronização e normalização dos poderes sociais em função dos “*géneros*” – a qual se considera ser concretizada pelas instituições e pelos direitos e territórios discursivos –, a par da reconceptualização de perspectivas e concepções contemporâneas como as de linguagem, de identidade e de sujeito, na linha das obras de Michel Foucault³⁹² e Jacques Derrida (Lipovetsky 1997; Touraine 2005).

1. 2. PLANO DOS OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS

No *plano dos obstáculos epistemológicos ao conhecimento social do social*, para além da preocupação em sinalizar os que são inerentes à tradição dos estudos sobre «a pobreza», a presente pesquisa exemplifica a implicação do trabalho científico na identificação e desconstrução de 5 grandes obstáculos, sendo 4 deles factores de bloqueio da análise sociológica – *individualismo, sociocentrismo, naturalismo e essencialismos* –, e o *androcentrismo*, já destacado como factor de bloqueio de toda a análise social.

Tais obstáculos, como se analisou, ao acantonarem a desqualificação social a *estados naturais, individuais ou homogéneos* e a condições *independentes da acção social* e dos contextos e situações de vida *dos homens e das mulheres*, têm remetido os processos de desqualificação e requalificação sociais para o território a-científico do *fatalismo*, e do *vazio* (*social e de género*) quer dos factos sociais, quer das categorias dicotómicas instaladas na *construção da ciência* e na *construção da cidadania*. Acresce ainda o concurso dos mesmos obstáculos para a cristalização dos estudos das identidades socialmente desqualificadas num *ponto de vista moralista*, afirmando-se este, desde logo, pela *formulação do problema pela negativa* – como atesta, à exaustão e há décadas, a dominância de estudos focalizados na desqualificação (causas e/ou factores «de pobreza») ignorando competências sócio-identitárias e componentes processuais da requalificação.

Prática de *transgressão da acomodação metodológica*

Pelos argumentos expostos, e em relação à formulação do *tópico* e do *problema* da pesquisa – *como se constrói a requalificação social?* – optou-se por uma prática de transgressão da acomodação

³⁹² Da vasta obra, registem-se: *L'Herméneutique du sujet. Cours...* 1981-1982; *L'Archéologie du savoir*: 1984; *Histoire de la sexualité*: 3 vol. 1986 e 1984; *L'ordre du discours*: 1986; *Histoire de la folie à l'âge classique*: 1999; e *Surveiller et punir. Naissance de la prison*: 1987.

metodológica à mencionada tradição dos estudos «da pobreza», seguindo duas ordens de razões:

1.^a porque, como se argumentou, essa tradição de estudos, sofre de múltiplas vinculações ocultas e/ou espontâneas, de tipo pragmático e utilitário, de pendor político, de cambiantes emocionais e afectivas e, ainda, de cariz simbólico;

2.^a porque as mesmas vinculações – ao invadirem os procedimentos metodológicos dessa tradição de estudos, mediante práticas mecanizadas ou encomendadas – têm, por sua vez, redundado na legitimação *fatalista e miserabilista* das condições socialmente desqualificadas.

Ao considerar acima que as referidas vinculações emergem claramente na própria formulação convencional do problema *pela negativa* (causas, factores da *queda* ou desqualificação), esta pesquisa atestou a fertilidade da formulação do problema *pela positiva*. Assim, ao investigar os processos de desqualificação e de requalificação sociais não se sublimou a importância do conhecimento dos factores da *entrada* ou *queda* (focalizado na temporalização passado-presente); pelo contrário, o horizonte de observação e análise abriu-se à complexidade sócio-identitária das *cinco mulheres-sujeito*, dado que só atendendo nas três temporalizações vivenciais de cada trajectória (passado, presente e futuro) foi e é possível identificar os potenciais ou disponíveis recursos identitários da requalificação.

1.3. PLANO DA TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA

No plano das convulsões do paradigma positivista na análise social, e na análise sociológica em particular, esta pesquisa é exemplar da *reconfiguração paradigmática*. É que, pelo ênfase na reflexividade e no discurso re-avaliativo dos cinco *Casos* (Fig. 5), embora com menor intensidade em Sara, o conhecimento produzido entronca como ecoa em algumas das propostas da transição paradigmática:

i) proposta do reconhecimento de que «*todo o conhecimento é um auto-conhecimento*» (Santos 1988, 50 e ss.): o *contrato comunicacional* entre a Sujeito-de-Investigação e as cinco Mulheres-Sujeitos-de-Reconstrução Biográfica impôs, metodologicamente, a adequação da linguagem, da atitude e da postura da investigadora nesse *face-a-face* com as narradoras (co-trabalho), pela *escuta activa* e pela desconstrução-reconstrução dos relatos. Embora se avalie esta co-construção como sendo transversal aos cinco *Casos* analisados, Mafalda e Paloma exacerbam a exemplaridade da mesma;

ii) proposta da urgência da *abertura do saber científico* à sua *constituição* em saberes *comuns* (1988, pp. 55 e ss.): a análise das cinco Trajectórias possibilitou ensinamentos fulcrais e contribuintes quer da *requalificação social*, quer da *construção identitária*, quer ainda das relações sociais e do *sistema de acção* na sua globalidade (como se sintetiza mais à frente nesta conclusão e, por isso, se evita repetir aqui). A *tradução* destes ensinamentos da investigação científica em saberes socialmente úteis, mesmo que não *utilitários*, é fulcral para promover a reflexividade requalificadora de actores em sujeitos de acção, especificamente ao nível das linhas de política social, como da formação dos profissionais e

das suas práticas de intervenção directa;

iii) proposta de considerar que «*todo o conhecimento social é simultaneamente local e total*» (1988, pp. 46 e ss.): é evidenciada pela identificação que se fez quer dos *factores* da desqualificação, quer dos *factores, respostas e estilos sócio-identitários* (lógicas de acção, estratégias e táticas) da requalificação social. Mas a análise de todos os *Casos* ainda evidenciou como aqueles *factores e respostas* – *individualmente* vivenciados e *societalmente* enquadrados

- são *circunstancializados* em diversas *situações* das trajectórias identitárias, como são *temporalizados* nos espaços-tempos dos mesmos percursos de vida³⁹³; e também
- são *actualizados* e trabalhados pelas sujeitos-mulheres, na sua *relação* com os Actuantes Sociais³⁹⁴.

É neste quadro que se entende o recurso, na actual pesquisa, às três práticas de **transgressão metodológica** face às supostas *unicidade da metodologia de pesquisa, unicidade da sociologia e unicidade das ciências sociais*.

Práticas de transgressão das três unicidades: metodológica, das ciências sociais e da sociologia

«*Il n'y a pas unité du dispositif méthodologique, dans le sens où la méthode serait «la» méthode, sans plus, pas plus d'ailleurs qu'il n'y a unité de la science.*» (Paillé e Mucchielli 2003, 22)

Na verdade, na *construção da Problemática-Utilitário* optou-se pela prática de transgressão da presumida unicidade metodológica (Paillé e Mucchielli, 2003) segundo dois argumentos: 1.º - o de que a construção do conhecimento social se deve pautar por um trabalho *transdisciplinar* similar ao que aqui se realizou, pois só ele conduz à construção de *abordagens temáticas* – como a alcançada pela presente pesquisa em torno da Identidade Social; 2.º - o de que à Análise Sociológica tanto compete a investigação e o conhecimento das *regularidades* sociais, quanto compete a investigação e o conhecimento das *exemplaridades* sociais, pois só desse modo múltiplo pode adequar-se e fertilizar a *interpretação* dos factos sociais (complexos e multidimensionais) contemporâneos.

Portanto, a *escolha* da Abordagem Qualitativa nesta pesquisa assentou no pressuposto da *não equivalência* entre, por um lado, abordagens qualitativas e interpretativas e, por outro, abordagens quantitativas e explicativas. Foi tomando essa *distinção* como *divergência* – e como *divergência produtiva* para a análise e o conhecimento sociológicos – que se adoptou a prática de transgressão das presumidas unicidade científica e unicidade das ciências sociais, explorando em intensidade as vertentes analíticas,

³⁹³ Como evidenciou a identificação e análise, em todos os casos, dos Momentos *marcantes*, como das Etapas e das Fases *de reacção*.

³⁹⁴ Como o patenteia a continuada identificação, para todos os casos, dos actores singulares, colectivos e/ou instituições marcantes quer para a sucessão de Etapas e Fases *de reacção* face à desqualificação, quer para as inerentes mudanças nas Lógicas de Acção que dinamizariam *estratégias e táticas* identitárias de requalificação.

discursivas e de interpretação qualitativas. Pelo que a presente pesquisa, reabilitando uma tradição fundadora da análise sociológica, fertiliza o *trabalho da Análise Sociológica de Casos*, libertando-o das pragmáticas casuística, estatística, ou da intervenção (clínica e social).

Por seu turno, a *operacionalização* da Análise Sociológica Qualitativa em *Emergência* realizada como prática de transgressão da unicidade científica da sociologia, permitiu fecundar a *análise sociológica qualitativa das fontes orais*, como contribuir ainda para a busca da coerência entre critérios e procedimentos metodológicos nas várias fases da pesquisa. Esta procura da coerência teve particular acuidade na fase vulgarmente designada por *tratamento* das informações, pois o processo metodológico realizado ilustra como dita fase consiste não só na *reconstrução* escrita da matéria oral mas, sobretudo, na sua *análise e interpretação-formalização* conceptuais (Guerra 2006; Paillé e Mucchielli, 2003).

Na verdade, nesta dissertação, assumiu-se e concretizou-se a *re-construção por contraste dos materiais orais*, ao mesmo tempo que se recusou a suposta “triangulação” e, sobretudo, a visão par epistemológica de “articular” *Orality* e Análise Fenomenológica com abordagens positivistas e neopositivistas. Crê-se ter deixado claro que tais *modos de trabalhar* (“por articulação”) são heranças e práticas das *Posturas Ilustrativa e de Restituição*, aqui recusadas. A *Postura Interpretativa* adoptada contribui, pois, para o entendimento de que a formulação epistemológica, conceptual e metodológica das pesquisas qualitativas problematizam os fenómenos sociais e o próprio conhecimento social de *outro* ponto de vista que não visa (nem, como tal, pode) ser *articulado* nem, muito menos, pode ser *fundido* com formulações do conhecimento que assentam em pressupostos e em procedimentos que lhe são estranhos. Trabalhando o *efeito de realidade* de cada um dos cinco discursos, pôde desembocar-se não na sua “*verdade em sentido absoluto*” mas na sua “*veracidade*”, que é o único conteúdo a que o conhecimento científico se pode alcançar, segundo o *modo de trabalhar* aqui adoptado: *a interpretação fenomenológica em emergência*.

Por fim, a análise de *recuperação* do passado das sujeitos-mulheres em processos de desqualificação e re-qualificação sócio-identitária evidenciou, através da co-construção das cinco *narrativas*, que os testemunhos de vida *organizam e representam o mundo* – quer em sentido *lato*, quer no sentido de *experiências sociais comuns*, exemplares, como estes cinco *Casos* são. Portanto, a pesquisa realizada evidencia que a Oralidade não é uma (mera?) fonte de informações relativa a fenómenos *passados*, ao invés do entendimento que foi consensual no período da afirmação metodológica da análise biográfica e que ainda vigora nas *abordagens textualistas*.

O *trilho metodológico* adoptado, ao reconhecer e conferir à Oralidade a *condição da co-construção da experiência social*, erige-a na condição privilegiada para a investigação dos conteúdos (a *matéria viva*) da *co-construção* da acção social. Por outras palavras, a Oralidade foi aqui concebida e trabalhada como a condição da co-construção da experiência social, na medida em que apenas através da empatia e

da escuta activa pode *co-construir-se a expressão da reflexividade* e porque, por sua vez, só através da *reflexividade* pode *construir-se, interpretativamente, a subjectivação* dos actores sociais. Tal reconhecimento do poder da Oralidade não pode, contudo, diluir a tentação metodológica de invasão e controle ou, pelo menos, da inevitável *devassa temporária* das vidas relatadas por parte dos investigadores que optem pela interpretação daquela (Guerra 2006); sublinha-se aqui, pois, o debate relativo quer aos limites éticos do exercício do poder pelos/dos cientistas sociais, quer às próprias competências (é suficiente a formação académica-técnica?) inerentes a metodologias empáticas e inter-subjectivas.

Retornando ao *tópico*: assume-se então que, se pretende conhecer-se a vida social para a requalificar, o conhecimento dos fenómenos sociais recomenda o aprimorar da Análise Sociológica das Identidades como formulada nesta dissertação. Desse modo, os investigadores da realidade social poderão considerar e interpretar (para além dos vectores – “*dados*” – captados ou *observáveis*) os vectores latentes, ocultados ou contidos da acção social. A bem ver, estes mesmos vectores (latentes, ocultados...) foram reafirmados nesta pesquisa como sendo os *constituintes da matéria da construção significativa da vida social*, que o mesmo é dizer, como os *constituintes da matéria* da subjectivação social.

Práticas de construção e de consolidação metodológicas

O exposto leva a querer saber que ensinamentos possibilitou, a análise realizada dos *5 testemunhos*, sobre a *construção significativa da vida social* das Mulheres-sujeito *em acção* requalificadora.

De entre tais ensinamentos mencione-se o contributo desta pesquisa para o desenho de um modelo metodológico e analítico da *Problemática* em causa (Fig. 6), modelo de análise a aprofundar conceptualmente – e, seguramente, a corrigir e aperfeiçoar metodologicamente –, mas que configura os *procedimentos de construção metodológica* do processo de pesquisa que agora termina. Por seu turno, e ainda no território da metodologia, conclua-se que foram os dois *estilos metodológicos* referidos – *transgressão* e *construção* – que possibilitaram que o actual processo participe da *consolidação metodológica*, com particular realce para o facto de os procedimentos realizados reafirmarem a pertinência e a especificidade das Narrativas Sociológicas. Com efeito, no fim deste processo pode reconhecer-se que os relatos construídos são *Narrativas Sociológicas* (e não *Narrativas Psico-Sociais* nem *Etnológicas*), devido à *Problemática-Utilisatio* (CAP. UM) e aos próprios objectivos, sociológicos (CAP. DOIS). A sua classificação como *Narrativas Sociológicas* é sobremaneira legitimada, ainda, pelas duas vertentes do *sentido revelado* pelas mesmas:

1.ª vertente: as *Narrativas* construídas revelam – como a seguir se sistematiza nesta conclusão – *estratégias sócio-identitárias* de requalificação social (categorias sábias), questionando visões normativas, convencionais ou institucionalmente reconhecidas e valorizadas (categorias comuns e formais).

2.ª vertente – as *Narrativas* construídas revelam, de forma mais sistemática e global – e como também a seguir se sistematiza nesta conclusão – que o *Sistema de Acção* continua *em construção*.

Pelo seu carácter inovador, ambas as vertentes merecem ser pormenorizadas nesta conclusão, assim como há que responder mais incisivamente à pergunta acima formulada: da análise realizada dos percursos destas mulheres, que ensinamentos retiramos quanto aos processos de requalificação social?

2.^a CONCLUSÃO – UM CONHECIMENTO *IMPLICADO*.

EXEMPLARIDADE DESTA PESQUISA: CONTRIBUTOS PARA A ANÁLISE DA REQUALIFICAÇÃO SOCIAL

«*C'est au reste cet argument du petit homme, cette reconnaissance de la naissance et de l'enfance dans la dépendance, de cette minorité qu'il importe de quitter pour agir en sujet, la réflexion donc sur l'émancipation personnelle qui permettent peut-être (...) de poser en termes autrement que formels et vains, la question du sujet de droits (au pluriel), de passer du personnel au social en cette imbrication de normes, de normes qui sont non seulement intériorisées mais sociales et culturelles.*».(Gallissot 1991, 11).

Postulado: A *Perspectiva da Requalificação Social*, aprofundada nesta pesquisa, evidencia limites na tradição das abordagens da «pobreza», nomeadamente por esta ser enviesada pelos 7 obstáculos ao conhecimento social já identificados (CAP. UM) e por formular o problema *pela negativa*.

Podem agora sintetizar-se sete grandes conclusões da *análise exploratória* dos cinco Casos:

1.^a- A configuração social dos *processos de desqualificação* e, sublinhe-se, dos *processos de requalificação social* constrói-se de forma *instável, imprevista, não linear e não continuada*. Assim, ao aprofundarem-se nesta pesquisa análises anteriores (Paugam 1994; Gaulejac e Taboada-Léonetti 1994), constatou-se – nos 5 Casos analisados e quer para a desqualificação como para a requalificação – que os Momentos e as Etapas destes processos são *trabalhados* pelos sujeitos-em-requalificação através de diferentes Fases de Reacção.

2.^a - A instabilidade dos *processos (de desqualificação e) requalificação sociais* objectiva-se em *múltiplos territórios sócio-identitários*; ou seja: não se circunscreve aos territórios económico-materiais, habitacionais, escolares e laborais-profissionais. Ao afirmar que não se circunscreve a estes territórios está-se a reafirmar o que todos os Casos aqui analisados evidenciam: que *a requalificação mobiliza os sujeitos nas sua globalidade e complexidade*, pois as reactualizações identitárias, ao implicarem negociações identitárias (interiores e exteriores), *também* envolvem os territórios das sociabilidades (afectivo-emocionais e psicológico-relacionais), os sócio-espaciais, como os simbólico-representacionais, os étnico-culturais e de estilo de vida. Com efeito, dos 5 Casos analisados – e a par da inquestionável e realista marca dos territórios materiais e profissionais em todos esses percursos – fica ainda a lição do forte e real poder dos territórios afectivo-emocionais nas requalificações de Esmeralda e de Paloma; como a lição do forte e real poder dos territórios simbólico-representacionais nas requalificações de Sara e Mafalda.

3.^a - A *leitura externa* da desqualificação não coincide com a sua *vivência* nem, muito menos, com a *consciência* nem com a *verbalização* da mesma (Fig. 5), o que se repercute na *distância* entre, por um lado, os ritmos e os tempos das instituições e técnicos implicados na requalificação e, por outro, os

ritmos e os tempos da auto-avaliação pelos sujeitos-em-requalificação. Esta conclusão pode parecer um *lugar* comum; contudo, sendo ela uma *conclusão comum* a todos os trajectos analisados – e face ao repetido desfasamento entre planificação de trabalho técnico e processos de mudança –, o registo da sua evidência impõe-se.

4.^a - À *des-coincidência entre ritmos e tempos da acção* (a dos sujeitos e a das instituições) acresce ainda a constatação de que, para reconverter as lógicas de acção e as estratégias e tácticas identitárias, os sujeitos concretizam reconversões profundas quer nos próprios *tempos* sócio-identitários, quer no uso dos *espaços* sociais – como assinalam claramente os trajectos de Mafalda e de Paloma;

5.^a - Todas as conclusões anteriores mas, com especial incidência, as 2.^a, 3.^a e 4.^a, impõem a dedução de que o trabalho *técnico* para a requalificação social tem de ser realizado de *modo continuado e duradouro* no tempo, segundo uma *abordagem* – i.e.: diagnóstico, planificação, acções, formação e avaliação – *sistémica e transdisciplinar*, e não de modo inter-interdisciplinar (como ainda vigora na, dominante, acção fragmentada inter-serviços a qual, em muitos *Casos*, de trabalho em rede apenas conhece reuniões infrutíferas e a elaboração ou as consultas de bases de dados).

6.^a - Nas reconversões sócio-identitárias dos sujeitos em requalificação interferem, de formas diversas, os *vários recursos-capitais* dos mesmos – o que nos leva ainda a concluir que

7.^a - A requalificação se processa através de quatro *tipos de recursos-capitais*: os *situacionais* e *disposicionais*³⁹⁵; os *recursos contextuais-societais*; e os *recursos-capitais de subjectivação* (Fig. 4). Tendo em conta a complexidade desta última conclusão, passam a especificar-se os seus conteúdos.

2.1. REQUALIFICAÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA: CAPITAIS-RECURSOS CONTEXTUAIS-SOCIETAIS

Nos *cinco Casos* analisados identificam-se três *capitais-recursos contextuais-societais* – i) *crise-declínio do Modelo Providência «da Integração Social»* (Roca *et al.* 1996); ii) *contornos da modernidade tardia* (Giddens 1994a); iii) *androcentrismo globalizado* – como se passa a sistematizar.

1) Crise-declínio do Modelo Providência da Integração Social

Quanto aos *capitais-recursos contextuais-societais* de *crise-declínio do Modelo da Integração Social*, conclui-se, globalmente, que são transversais à requalificação testemunhada e vivenciada pelos 5 *Casos* analisados, quer pelas respectivas *problemáticas*, quer pelos próprios *trajectos* sociais.

2) Contornos da Modernidade Tardia

Quanto aos três *contornos da modernidade tardia* delineados por Giddens – *globalização; reflexividade* institucional, do *Self* e da intimidade; *remoção das relações sociais dos ambientes locais* – conclui-se que vários destes *capitais-recursos contextuais-societais* são testemunhados pelos mesmos *Casos*.

³⁹⁵ Adequação da terminologia de Darío Páez e cols. (1996, 236 e ss.).

Considera-se que a *globalização* se manifesta, em especial

i) na multiplicação e na mundialização dos circuitos de bens ilegais (*p.ex.*: drogas) e pulverização dos núcleos de distribuição preferencialmente localizados em comunidades mais desqualificadas – nomeadamente, os habitantes de *zonas degradadas* e membros de sectores *desvalorizados e desqualificados* socialmente; esta dupla condição configura certos agrupamentos ciganos³⁹⁶ como *consumidores* de drogas quanto como *postos de venda a retalho* – de que é paradigmático o percurso de Esmeralda;

ii) na reconversão tecnológica associada à desestabilização do tradicional modelo do emprego da modernidade – de que as trajectórias de Mafalda e de Sara, na relação com os percursos laborais dos cônjuges são, entre os 5 *Casos* analisados, particularmente paradigmáticas; e no paralelo reforço da precariedade dos sectores sociais tradicionalmente desqualificados – como atestam os percursos laborais das 5 mulheres: sectores e condições de trabalho informais e frágeis ou mesmo ilegais; ausência de formação profissional; e, concretamente em Amélia e após a morte do marido, salienta-se a dependência familiar das competências profissionais e do emprego daquele.

iii) nas tradições culturais e mobilidade sócio-geográfica de “minorias” étnicas, associadas à inserção precária quer nos sectores informais (legais e ilegais) da economia, quer ao nível habitacional, com impactos específicos na desqualificação da condição das mulheres – de que também a trajectória Esmeralda é um exemplo especial, a par de todos os *Casos* analisados que evidenciam a dupla condição de *emigrante* e de *estrangeira*.

Embora os indicadores da *reflexividade institucional* não tenham sido o objectivo desta pesquisa, considera-se *que todos os Casos analisados apontam* para a busca de *diferentes* linhas legais-normativas e de intervenção³⁹⁷. Com efeito, a intervenção e reconstrução sócio-identitárias desenroladas são bons exemplos das políticas e/de Acção Social

♦ face aos *novos* problemas sociais³⁹⁸: *i*) vejam-se o reconhecimento institucional – laico não moralista – e as várias respostas promocionais ante a configuração da monomarentalidade, espelhados pelos percursos de Paloma e de Esmeralda;

♦ quer face aos problemas sociais *velhos* ou persistentes: *i*) vejam-se, em Esmeralda, as “clássicas” *questões* cultural (etnia cigana) e habitacional (realojamento); *ii*) veja-se a continuada centralidade

³⁹⁶ No País Basco como em S. João do Estoril, em Lisboa ou em Coimbra, etc.

³⁹⁷ Estas linhas articulam-se com as novas configurações de Desenvolvimento – Desenvolvimento *Económico Local*; Desenvolvimento *Económico Social*; *Nova Economia Social*; *Novos Actores Locais*. E, enquanto linhas de intervenção para a Requalificação Social também estão associadas às reconceptualizações do Desenvolvimento Social que assumem as dimensões Económica, Ambiental e Cultural, baseando-se numa Gestão Estratégica dos Territórios, e na mobilização e reconstrução das redes sociais – ver Buhning 1996; Camilleri *et al.* 1990; Clement e Tjoelker 1992; Friedmann 1996; Paugam 1994; Roca *et al.* 1996; Silva 1998; e Walker 1993.

³⁹⁸ Tais como as *medidas positivas* visando a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres (emprego, monomarentalidades, apoio a vítimas, entre outras); ou medidas como o «RMG» e «RSI»; ou, ainda, a construção, negociada, de «Projectos de Vida».

da saúde para o pleno exercício da actividade laboral mas também da cidadania que, estando patente em todos, é marcante em dois *Casos*: em Esmeralda, pelo tradicional afastamento das comunidades ciganas ou de outras minorias culturais e étnicas do sistema de saúde; e no paradoxal percurso de Amélia que, quando trabalhadora e jovem-mãe, por influências familiares deixa de usufruir da protecção mais esmerada do Estado-Providência (direitos sociais em geral e sistema de saúde materno-infantil), ao passo que, quando adulta, tem de lutar por esses mesmos direitos enquanto cliente do rendimento mínimo; *iii*) veja-se, em todos os *Casos*, o reforço da atenção às medidas promocionais, ou às de reconhecimento da condição social da mulher em territórios societais e identitários tão diversos de que podem referir-se, a título de exemplo: o laboral, nos 5 *Casos*; o familiar-reprodutivo, nas quatro mulheres *mães-naturais* como na Mafalda mãe-adoptiva; e, também em todos os *Casos*, o das competências pessoais e relacionais atribuídas aos desempenhos de “esposa” e “mãe”. Deste último território Paloma representa o sujeito em ruptura e desencantada, ao passo que Amélia evolui dessa ruptura para a recentragem no modelo tradicional pela conformidade implicada; por sua vez, Mafalda ilustra o sujeito de negociações e, Sara, o actor da reprodução formal do modelo tradicional; emergindo Esmeralda como o sujeito paradoxal da modernidade tardia, pela sobreposição de atributos de autonomia implicada aos atributos tradicionalistas.

Já a *reflexividade do «Self»* está transversalmente exposta em todos os percursos analisados, quer nas diversas Estratégias e Táticas Identitárias, como nas Lógicas de Acção; quer, ainda, nas reconversões e negociações daquelas Lógicas, Estratégias e Táticas que foram sendo sinalizadas em cada análise de caso.

Quanto à *reflexividade da intimidade*, considera-se que é fortemente testemunhada pela diversificação dos modelos de organização familiar e dos jogos identitários associados, sendo de destacar três âmbitos: tipos de família; relações e dinâmicas no espaço privado; construção social do corpo, da feminilidade e da masculinidade.

Por um lado, considere-se a configuração de famílias *monoparentais*, em especial as *assumidas pelas mulheres-mães* – de que já se salientaram como exemplares os relatos de vida de Esmeralda e Paloma; e, no pólo oposto da configuração moralista da família tradicional, salienta-se Sara.

Outro âmbito que exemplifica a *reflexividade da intimidade* destaca, no trajecto de Mafalda, os modos de solucionar – através da adopção – os problemas fisiológicos da reprodução/fertilidade, da virilidade e da fecundidade, e as, inerentes, construção social do corpo, da masculinidade e da feminilidade. Já as experiências sociais de Amélia e Paloma elucidam a construção radical de uma contra-identidade feminina característica dos anos 60 e 70, embora desemboquem em intimidades distintas: desconstrução e reposição convencional, no caso da primeira; reavaliação crítica no caso da Paloma monomarental.

Por fim, considere-se a reconfiguração de dinâmicas familiares, como de tarefas e papéis asso-

ciados ao foro privado – de que também Mafalda é exemplar e de que são *anti-exemplos* as trajectórias das irmãs de Sara; ao passo que Esmeralda, Paloma e Amélia e suas práticas de ruptura se afiguram, respectivamente, como reconfigurações paradoxais ou incompletas, inacabadas e inconsequentes.

Finalmente, do terceiro *contorno da modernidade tardia* – a *remoção das relações sociais dos ambientes locais* – não se dá conta nesta pesquisa, por aquele extrapolar e não se incluir entre os objectivos desta. Consequentemente, os critérios da selecção de *Casos* (cf. CAP. DOIS) foram estranhos à captação e análise dos dois «*mecanismos de descontextualização*» aliados àquele *terceiro contorno*, a saber: sistemas periciais e garantias simbólicas.

3) Androcentrismo Globalizado

A presente pesquisa também afirma a sua *mais-valia* no actual contexto de *androcentrismo globalizado*, ao *evidenciar* e *reforçar* que a *vivência social da diferença entre homens e mulheres* é um capital-recurso contextual-societal que potencia as *desigualdades sociais*.

Com efeito, pela análise sociológica em emergência dos *Casos exemplares de mulheres-em-processos de desqualificação e requalificação social*, confirma-se que é forte o poder de imposição dos estereótipos femininos e masculinos, através da herança e das expectativas sociais de atributos e «*papéis*» de uma famigerada identidade da mulher *definida* ou *circunscrita* à condição familiar. Os *figurinos de mulher* desenhados por todas as narradoras ostentam a clara permanência dos atributos androcêntricos, quer por reprodução – veja-se o *figurino* de Sara; ou por *enobrecimento* (vejam-se os de Mafalda e Esmeralda); ou, ainda, pela *inversão simétrica* (vejam-se o *figurino* de Paloma ou o trajecto de Amélia) a qual redundava na mesma lógica androcêntrica, porque não se supera a visão fundadora das dicotomias desqualificadoras.

O conhecimento social e as Lógicas de Acção (categorias comuns e práticas) das mulheres-sujeito analisadas combina, pois, estereótipos tradicionais com expectativas sociais paradoxais: as de reprodução e adequação aos padrões estereotipados, as de superação destes e, ainda, as de negociação entre os vectores de adequação e os de mudança. Na verdade, constatou-se que o *estereótipo* tradicional não coincide com a *diversidade dos modos de vida da condição social das mulheres*: nem quando é socialmente *adequado* – como Paloma, ou mesmo Amélia atestam –; nem quando se projecta através de diferentes modos de ser no feminino, como ilustram

- i) a monomarentalidade e os diferentes modos de organizar e, sobretudo, de reorganizar as dinâmicas familiares e a condição social da mulher-mãe e da mulher-esposa, mencionados no ponto anterior;
- ii) os 5 perfis-em-acção testemunhados, categorizados e analisados;
- iii) o próprio *manejo* dos estereótipos pelas mulheres: em Esmeralda, o amor idílico; a desconstrução da «*mulher-floreiro*» e a permanência do «*6º sentido*» em Mafalda; em Sara, a manipulação da suposta *superioridade* feminina exercida através de *poderes subterrâneos* (sedução e fé); entre tantos

exemplos de Paloma, a *reciclagem* da figura paterna; e, em Amélia, o total arrependimento do percurso antagónico às expectativas maternas.

A Teoria da Categorização do Eu de J. Turner – que se revelou desfasada na análise da observada construção de experiências de requalificação social por mulheres – pode ser bastante útil, enquanto caricatura teórica, para evidenciar a caricatura do comportamento inerente a estes estereótipos sociais; *i. e.*, permite formular que, só pelo estereótipo androcêntrico das identidades pode considerar-se que a *identidade socialmente expectável, conferida ou prescrita, é a despersonalização* das sujeitos-mulheres.

Ora, como os recursos contextuais-societais apenas integram parte da *matéria viva* da *requalificação*, veja-se como esta mesma *luta sócio-identitária* ainda se faz *com recurso* a outros *capitais sócio-identitários* como os recursos situacionais.

2.2. REQUALIFICAÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA: CAPITAIS-RECURSOS SITUACIONAIS

Com efeito, verificou-se que os processos de desqualificação e requalificação envolvem e agitam os *territórios identitários económico-materiais*, como é logo nítido pelas heranças familiares de Sara, Esmeralda, Paloma e Mafalda; e pela construção da vivência *rebelde* em Amélia. E evidenciou-se que, aqueles, são processos de desqualificação *social* porque perpassam e são accionados³⁹⁹ quer pelos *territórios das sociabilidades*, de que se distinguiram os *territórios relacionais* dos *afectivo-emocionais*; quer pelas inerentes turbulências nas *relações sociais de poder* – como exemplificam, de formas diversas, todos os *Casos* analisados.

A análise dos 5 *Casos* permitiu compreender que, quer as *aprendizagens identitárias*, quer o exercício dos continentes «*simbólicos, os mais invisíveis*» (Xiberras 1994), são sempre *circunstancializados*. No primeiro caso, refiram-se os *efeitos de imposição* dos *estatutos sociais degradados* (Paugam 1994), efeitos inerentes ao reconhecimento social de identidades desqualificadas e de que os *Momentos Marcantes* da desqualificação, sinalizados nos cinco trajectos que se analisaram, são exemplares. No segundo caso, mencionem-se as *aprendizagens* das lógicas de acção e das táticas e estratégias identitárias, quer sejam *concordantes*, de aceitação ou de interiorização (mesmo que temporária ou transitoriamente) – de que sobretudo as trajectórias de Esmeralda e de Mafalda são paradigmáticas; quer se trate da aprendizagem do reconhecimento, da consciência, da afirmação, ou até mesmo da construção da *margem de autonomia* dos actores, também sempre relativa às situações contextuais da acção (veja-se a exemplaridade dos percursos de Esmeralda e de Mafalda); quer se trate, ainda, da aprendizagem da *recusa* e de outras *negociações estratégicas* sinalizadas e que Sara, ou Paloma, ou Amélia exemplificam lapidaramente.

Mas podem retirar-se conclusões mais incisivas pois vimos – em Amélia e em Paloma, embora

³⁹⁹ Cf. Gaulejac e Taboada-Léonetti 1994; Xiberras 1994; e Friedmann 1996.

mediante *estilos identitários* distintos – como a maternidade não desejada foi assumida e dinamizou, pela vinculação aos filhos, a reorientação de *estratégias de rebeldia* para os seus percursos de *autonomia reflexiva como pessoas e como cidadãs*.

Vimos também a ineficácia (e a perversão, segundo Boudon) de um processo de realojamento na desqualificação de Esmeralda. Aquele, socialmente planificado como promoção das condições de vida familiar, concretizou-se no seu isolamento social e no reforço da degradação como pessoa-mulher-esposa, acentuando, assim, o seu *sacrifício estratégico* guiado pela preocupação de ser boa mãe – na qual se incluía proporcionar os cuidados no espaço da casa; pelo que só posteriormente, face à *desgraça e deriva* espaço-social, Esmeralda-mãe acciona a ruptura e reorienta a sua acção para a requalificação como sujeito-mulher-mãe-pessoa-cidadã. E ainda vimos que é a gradual reconversão de um sacrifício *estratégico de contenção identitária* num realismo optimista *de expansão identitária* que suporta a *consolidação, identitária*, de Mafalda.

Vimos, por fim, como o *risco estratégico*, desenfreado em Sara, pode ser o reverso da vinculação a referentes e simbolismos exo-sociais – sob a forma de crenças populares orientadas para a religião, para o destino ou, inclusivamente, para os padrões normativos mais conservadores; e, desse modo, reduzir a experiência social, o perfil e as transacções sócio-identitárias de Sara a um *trajecto desesperado e paradoxal pela integração*, embora assente na fragilização sistemática dos recursos situacionais.

No fundo, pelo *processo biográfico* e pela análise sociológica *em emergência* aprende-se que os dois tipos de recursos-capitais até aqui sistematizados – os situacionais e os contextuais-sociais – são *impotentes* ou *estéreis* para a Requalificação Social, se não forem mobilizados nem negociados de forma relacional e intersubjectiva.

2.3. REQUALIFICAÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA:

CAPITAIS-RECURSOS DISPOSICIONAIS E DE SUBJECTIVAÇÃO

A referida *impotência* dos recursos contextuais e situacionais advém das características das próprias desqualificação e requalificação. Sendo, estas, *processos*, o seu modo de construção é, não só dinâmico, como sistémico. Na verdade foi evidenciado pelos cinco *Casos* exemplares a importância dos capitais-recursos disposicionais, sobretudo na relação com os capitais-recurso de subjectivação social.

Recorde-se a reavaliação por Amélia da continuada acumulação de rupturas e carências, percurso este mediado pela conflitualidade – também por ela assumida – entre o autoritarismo e o vazio afectivo dos modelos afectivos e de socialização femininos. Recorde-se a contínua luta de Sara pelos recursos materiais, sempre sobreposta à continuidade e qualidade das suas sociabilidades; e que é ela própria quem, ao assumir que sacrificou os mesmos territórios relacionais pela prática de risco, apresenta essas rupturas como devidamente legitimadas pela Fé-Prece e pela Sorte. Ou cite-se o caso de Esmeralda

quando reconhece que a sua promoção social – a monomarentalidade – é simultaneamente vivida como um limite à cabal relação com a família cigana, por preconceitos da própria cultura. Pode também considerar-se que, em Paloma, a monomarentalidade é que funda quer as suas *continuidade* e reorientação e *mudança identitárias*; quer, ainda, o seu futuro *reconhecimento identitário*, pois os irmãos, um dia, irão apreciar a reciclagem que P fez dos recursos-capitais em recursos-mais-valia (embora ela mesma também confesse – na avaliação que lhes atribui, imaginariamente – que a monomarentalidade é, no presente, um factor de desvalorização social). E pode ainda reter-se, das quinze reconversões identitárias de Mafalda, a sua profunda consciência social das expectativas sócio-culturais (como das familiares), a par da sua constante *luta por um lugar como sujeito*, quer face aos constrangimentos do sistema de acção, quer face aos próprios condicionalismos contextuais e situacionais.

Em suma, conclui-se que sendo a *Requalificação Social* um *processo* accionado pelos Actores e Actuantes num dado *Sistema de Acção*, a mesma *Requalificação* pressupõe a mobilização dos seus 4 vectores de configuração ou 4 recursos-capitais: contextuais-societais; situacionais, disposicionais, de subjectivação social (Fig. 4).

Perguntar-se-á porque não se destaca a interacção como sendo um dos complexos tipos de recursos-capitais e, por conseguinte, como um dos vectores de configuração ou *níveis de objectivação dos processos de desqualificação e requalificação sócio-identitária*. A resposta leva a concluir quanto aos ensinamentos desta pesquisa sobre os Processos de Desqualificação e de Requalificação Sócio-Identitária na relação com o Sistema de Acção (Fig. 4).

3.ª CONCLUSÃO – UM CONHECIMENTO *SUBJECTIVADO*.

EXEMPLARIDADE DESTA PESQUISA - CONTRIBUTOS PARA UMA SOCIOLOGIA DAS IDENTIDADES

Postulado: Os *estudos* no âmbito *dos processos de desqualificação e de requalificação social* pressupõem a análise sociológica das *identidades* e do *sistema de acção*.

Conclui-se, pois, que as trajectórias sócio-identitárias interpretadas – e embora não haja o «*protótipo do desinserido*» (Gaulejac e Taboada-Léonetti 1994, 23) – são exemplares e paradigmáticas de quão vasto é o trabalho, que urge fazer, de análise, de investigação e de intervenção sociais.

Consequentemente, defende-se que a relação entre os *trajectos de desqualificação e de requalificação* como *processos sócio-identitários*, e o *sistema de acção* pressupõe a análise mediadora da *sociológica das identidades*. Ou seja: conclui-se que a análise dos cinco *Casos exemplares* consistiu na interpretação sociológica das respectivas transacções identitárias, entendidas como vínculos e relações variados – processos – de desqualificação e de requalificação no sistema de acção social.

Como se observou pela análise realizada, os *processos de desqualificação e requalificação sócio-identitária* são indissociáveis dos processos de negociação identitária, nas múltiplas transacções

objectivas sinalizadas por Claude Dubar. Na sequência dessa mesma análise discorre-se que os vários vectores – ou recursos-capitais – da configuração da Requalificação Social pressupõem (sociológica e ontologicamente) *o jogo da Interação Social*, como que foi evidenciado pelas diversas mutações dos Momentos Marcantes das cinco trajectórias.

Reafirmando-se, pois, a pertinente leitura de Isabel Guerra dos contributos de Padioleau (Cap. UM, 2.ª PARTE – 4.) sobre a *articulação* das identidades com o processo de *socialização* e com os *dois contextos-tipos de acção* – interação e interdependência colectiva – está-se em condições de traduzir-reformular essa leitura nos termos seguintes:

- i) as *negociações identitárias* encadeiam-se com os *modos de negociação e de mobilização dos capitais-recursos*: os situacionais (em vez de “interacção”) e os contextuais-sociais (em vez de “interdependência colectiva”);⁴⁰⁰
- ii) as *negociações identitárias* constroem-se enquanto *temporalizações e circunstancializações* diversas;⁴⁰¹

Com efeito, no *Sistema de Acção* revelado por esta análise sociológica, a Interação “está para além” de ser o «*contexto das contradições*» e «*a cena do reforço da identidade individual e colectiva*» (Guerra 1991, 412). A Interação, esse ***jogo da Interação***, não se afigura como uma *plataforma* nem como um *cenário* mas, antes como a dinâmica de mobilização dos recursos-capitais pelos Actuantes e Actores.

Tal como **as Identidades Sociais não são “estados”, tão-pouco a Interação é um estado ou um cenário no/do Sistema de Acção.**

Então, conclui-se que a *Interação* é o modo de construção do *Sistema de Acção*, da mesma forma que as *Transacções Identitárias* são o modo de construção dos Sujeitos (Fig. 4). Nestas, como naquela, o que *identifica* a *circunstancialização* e a *temporalização* são os **modos de negociação**, quer pela instalação, adaptação ou paralisia face aos recursos-capitais; quer pela recentragem, interiorização, recriação ou reciclagem; e até mesmo pela resistência e recusa, ou pela criação de recursos-capitais.

E induz-se que o cerne dos *Sistemas de Acção*, como o cerne das *Transacções Identitárias*, é a sua *actualização*.

Isto é: o cerne dos sistemas de acção e das identidades sociais são os modos estratégicos e tácticos, são as dinâmicas e as orientações investidas e emergentes que dinamizam a *Distância Re-avaliativa* e a *Reflexividade* dos sujeitos (Fig. 6); são as Lógicas Sociais subjacentes e decorrentes à construção identitária e do sistema de acção (Fig. 4). E nessas negociações exteriores e interiores ainda são deter-

⁴⁰⁰ Reformulação, nos termos da abordagem proposta nesta dissertação, dos dois supra-citados contextos-tipos de acção.

⁴⁰¹ Reformulação nos termos da perspectiva da *actualização identitária* de Dubar, que supera os limites da clássica noção de *socialização*.

minantes, em última instância, a *intensidade* dos Estilos de Implicação (*Subjectivação*) dos Actores Sociais (Fig. 6).

Enfim, transpondo o ensinamento de Watzlavsky, pode dizer-se que *nos Sistemas de Acção «é impossível não» interagir.*

A Análise Sociológica das Identidades aqui defendida, ao reconhecer o *Sujeito Inter-subjectivamente Reflexivo* apela à *imaginação sociológica* para que acolha os *vectores da construção significativa do social*, que são o *desejo* e a *vontade* da acção, sempre projectados do presente para o passado e, destes, para o futuro: «*Não há vontade sem objecto. (...) o objecto da vontade é precisamente que o desejo se realize. (...) o desejo é o motor da acção [que, por sua vez, é o] projecto gerado pelo desejo. (...) A utopia [objecto virtual do desejo] é a fonte onde a Acção mergulha o seu sentido. O desejo parte à conquista do tempo Futuro para dar um sentido ao vivido presente.*» Michel Godet (1991, cit. in Clément e Tjoelker 1992, 119, sn).

Tudo o que até aqui foi afirmado chegou-nos *pela mão dos gigantes* da Prática Sociológica (conteúdos teórico-conceptuais e metodológicos) e em cujos ombros nos amparamos e apoiámos ao longo desta pesquisa. Subscrevemos, pois, as palavras de Dubet (1996, 50): as leituras aqui avançadas «*são também uma espécie de homenagem, porque o aparecimento de outros paradigmas não pode levar a uma ruptura radical com um modelo cuja economia geral dá respostas essenciais aos problemas fundamentais da sociologia. (...) Se se podem formar sociologias pós-clássicas, não se pode crer hoje em sociologias anti-clássicas.*»

Com efeito, para a análise realizada muito serviram a compreensão weberiana dos componentes significativos e simbólicos da construção e da mudança sociais; como muito serviram o aprofundamento dos contributos de G. Simmel e do Pragmatismo filosófico; como muito iluminaram as reconversões da clássica análise marxista do conflito social, bem como os componentes da Teoria Voluntarista da Acção por T. Parsons, e os contributos mais recentes da sociologia, por P. Bourdieu, A. Touraine e C. Dubar. Por tais mãos, e com tais apoio e suporte, é que a pesquisa realizada teve a possibilidade de atentar nas *vocações*, entre *Margens e Cumplicidades*, do conceito de “Identidades Sociais”. E, conseqüentemente, possibilitou que se subscrevesse a Sociologia das Identidades como a reconstrução biográfica das *experiências sociais* (Dubet 1996). E pudemos, no **plano conceptual-teórico da Sociologia**, realizar uma pesquisa que é, simultaneamente, **convergente e crítica-dissidente**:

Convergente, no seu acordo com abordagens que

a) caracterizam a presente experiência (individual e colectiva) por *desmodernização*⁴⁰² – disso-

⁴⁰² Segundo análises de Alain Touraine 1992 e 1997 e 2005. Veja-se tb: Bergalli e Casado (Coords.) 1994; Giddens 1996a; 1994a; Gaulejac e

ciação entre o instrumental e o cultural (e dupla degradação destes) – reforçada por outras duas componentes: *desinstitucionalização* e *dessocialização*;

b) baseiam a reconstrução da *desmodernização* nas duas virtudes do movimento de subjectivação – coragem solitária e força da acção colectiva – bem como numa dupla reivindicação social e cultural; e

c) privilegiam, na análise da desqualificação social, a compreensão dos Factores, das Etapas e das Fases como das Lógicas de acção e de reacção àqueles, mediante a construção dos objectos de pesquisa orientados para: *i*) as múltiplas, e não necessariamente coincidentes, lógicas e estratégias dos actores (Dubet, 1996; Fig. 4); *ii*) as dimensões de negociações identitárias (Dubar, 1991 e 1994; Fig. 6); de reconstruções de *laços sociais* e dos *recursos-capitais* dos actores (recursos disponíveis, recriados ou mobilizados – Fig. 4); *iii*) as transacções identitárias, os sentimentos (sociais e subjectivos) vivenciados, e a reclassificação social (posicionada, designada e subjectivada).

Crítica-dissidente, ao contra-propor (Touraine 1997, 84-85) que a Reconstrução Biográfica alerta para as potencialidades dos processos de desqualificação e requalificação sócio-identitária gerarem práticas diversas que vão desde o “desprendimento” até à “reivindicação”, num jogo de múltiplas práticas que manifesta, simultaneamente, “*o desejo do indivíduo de ser um actor e o [seu] desejo de individualização*” (1997, 85).

Finalmente, ao adoptar o *contextualismo*, implicámo-nos no trabalho sociológico que visa superar as duas tradições, dicotómicas, nos estudos das pobreza: uma, sobrevalorizando o «pólo» dos *efeitos das estruturas sociais*; a outra, sobrevalorizando o «pólo» *das práticas dos actores*. Esta busca foi concretizada porque atentámos na *tripla componente dos 5 relatos*: desconstrução, reconstrução e construção dos recursos-capitais da Dinâmica Interactiva dos Psd/R no Sistema de Acção, Social porque Inter-subjectivo (Fig. 4). Ao perspectivar os Psd/R na construção do sistema de acção, acolhem-se nesta pesquisa os diferentes ensinamentos de Edgar Morin e Alain Touraine, reapropriando-os para a nossa proposta de reforço da requalificação conceptual do Actor Social em Sujeito de Acção no contexto da *modernidade tardia* (Fig. 6).

Desta feita, há agora condições para questionar a formulação anterior (Cap. UM, 1.ª PARTE), de modo a que a análise dos processos identitários abandone os componentes, ainda estáticos – *Consciência, Acção e Relação* –, a favor dos *componentes activos*: Interacção e Negociação visando a Subjectivação (Fig. 4).

Taboada-Léonetti 1994; Roca *et al.* 1996; e Santos 1991 e 1988.

A Interacção é o *modo objectivo*, o «*como*» o Actor se propõe à/em *Negociação*.

A Negociação (objectivamente interior e exterior) consiste nos *modos de accionar* os recursos-capitais, as estratégias e táticas, e as lógicas de acção; quando esses *modos* são *inter-subjectivos* (ou seja, para além de experienciados exterior e interiormente), emergem os *Processos Identitários de Subjectivação*.

A Subjectivação é o modo de o Sujeito se Ser, o *modo de o Actor devir Sujeito*; e, por inerência, é o modo de a *Interacção* – inter-subjectiva, e já não apenas interior e exterior – *devir social*, ou seja: o *modo inter-subjectivo de construção do Sistema de Acção*.

Ao invés das perspectivas, assumida ou subterraneamente, essencialistas não concebemos a Subjectivação como a *condição de partida* das *interacções de negociação*.

Temos claro, e reafirmado pelos *Casos* analisados que, antes de mais, os Actores estão em *interacção*; esta interacção, ao evoluir e construir-se relacionamente, converte-se em *processos de negociação*, interiores e exteriores como ensina Claude Dubar, e de complexidade variável (Fig. 6).

Contudo, para o Actor se requalificar em Sujeito de Acção, não lhe basta aprimorar as *dinâmicas negociais* – o que se repercute na insuficiência das perspectivas do atomismo individualista ou do racionalismo calculista, subjacentes à concepção do actor exclusivamente estratégico na acção.

Isto está patente nos *Casos* analisados, mas não só. Tem vindo a ser confirmado pela dificuldade de reconhecimento (*positivo*) e de poder de acção, na sociedade actual, de tais *práticas reactivas*, persistentes em vários sectores sociais (estudantis, sindicais...). Como ainda é alertado pela globalização das *dinâmicas negociais* do que pode designar-se por “Actor-Cyborg”⁴⁰³.

O “Actor-Cyborg”, **limitado** a ser o *Actor-perito de*, é sempre o *executante* ou *agente* daquilo que os Sujeitos-que-criam – os Sujeitos de Acção – produzem socialmente.

Portanto, só quando as dinâmicas negociais se orientam pela *distância re-avaliativa* – que o mesmo é dizer: só quando os Actores investem na *Reflexividade* ou a mobilizam – é possível o trabalho da Co-construção Implicada do Actor, a *Subjectivação* (Fig. 6).

Porque, afinal, esta Co-construção Implicada, *reflexiva* e *subjectivada*, mais não é do que a **Co-construção Inter-subjectiva do Sistema de Acção pela Actualização das Memórias Colectivas**, as quais só se projectam (temporalização) no futuro se se ancorarem (temporalização) nos passados significativos, agora, na temporalização presente.

⁴⁰³ Trata-se da idealização de um actor amplamente competente para desempenhar e até accionar relações sociais, tecnológicas, tecnocráticas, ou de gestão da imagem ou da informação. No fundo, é um Actor-perito mas que é totalmente desprovido da *intimidade* e da *profundidade reflexivas*, como da *inter-subjectividade*. (Pense-se, p.ex.: perito em sistemas informáticos ou códigos de investigação genética; na condução assertiva de reuniões ao serviço de determinada entidade patronal; na gestão de tarefas ou no seu processamento; na apresentação de concursos e programas televisivos; na *performance* de um *clip* video, etc).

No fundo, trata-se de evidenciar que **o conhecimento não tem de divorciar-se das experiências sociais**: tal como a *abordagem biográfica* pressupõe que o relator se distancie e desdobre, reflexivamente (em *Narrador*, em *Actor* e em *Personagem*) para a Narrativa ser subjectivada e inter-subjectivamente co-construída na relação comunicacional empática; também a *requalificação social* exige que o actor se distancie de forma re-avaliativa – *Actor Reflexivo* – e se erija, ainda, em sujeito *subjectivante*, não de uma narrativa relatada mas, agora, da sua *experiência social* e vivida de desqualificação.

Nesta mesma linha, pode finalmente concluir-se que, tal como a *Interacção* é o modo de construção do *Sistema de Acção*, e as *Transacções Identitárias* são o modo de construção dos *Sujeitos*, é pela Subjectivação que podem despoletar-se os Psd/R. Pelo que a *racionalidade limitada*, a *reflexividade* e a *margem de autonomia* dos Actores socialmente desqualificados só se orientam para a requalificação social pela construção, activação e mobilização dos recursos-capitais de subjectivação (Fig. 4).

Desta evidência, derivam inúmeras consequências que não se aprofundam aqui, com acutilância especial para os sectores legais-normativos e profissionais, responsabilmente vocacionados para as Políticas e Práticas de intervenção e promoção sociais, de que as práticas educativas e as dinâmicas familiares não podem ser *dispensadas* e, entre estas, as práticas das mulheres e as práticas orientadas para as mulheres.

“*Estranhas formas de vida*”, ecoa um poema de Amália bem popular; ao que acrescentamos: estranhas formas de vidas sociais, sociologicamente *exemplares*, porque *comuns*. São os ensinamentos das 5 trajectórias e Psd/R, sempre negociadas entre *margens* e *cumplicidades sócio-identitárias*, quer dizer: 5 exemplos paradigmáticos de identidades-em-construção pela requalificação social.

Se as reacções que Giddens (1996a, 85 e ss.) tipifica como adaptativas ao *perfil de risco* da modernidade são a *aceitação pragmática*, o *optimismo persistente*, o *pessimismo cínico* e o *activismo radical*; também deve a Sociologia reconhecer as outras reacções, exemplificadas pelos 5 *Casos Exemplares* analisados, de que o *Risco*, o *Optimismo Realista* e o *Sacrifício Estratégico* evidenciam *reacções não meramente adaptativas*, pois que alimentam a reflexividade e subjectivação sociais – traços também incontornáveis da *modernidade tardia*.

Mesmo a terminar, que o valor relativo desta pesquisa abarque ainda – para além da devida homenagem aos sociólogos clássicos – o repto aos artesãos/ãs da Sociologia contemporânea: possam os processos de desqualificação social ser interpretados – através de um conhecimento *incorporado*, *implicado* e *subjectivado* – como *factos* sociais característicos da *modernidade tardia*. Factos sociais que são “*estranhas formas de vida*” nas sociedades do risco e das oportunidades pois que, pelo que esta pesquisa evidenciou, são ‘formas’ de vida reconhecidas socialmente – em termos comuns, normativos e sábios – como *desigualdades*.

BIBLIOGRAFIA - FONTES DIRECTAS³⁹⁵

- AAVV 1995. *Desigualdad y pobreza hoy*. Madrid: Talasa Ediciones.
- AAVV 1990. *Dictionnaire Des Sciences Humaines. Sociologie. Psychologie sociale. Anthropologie*. Paris: Nathan éditeurs.
- AAVV 1988. *Indivíduo e Poder*. Lx: Ed. 70.
- AAVV 1986. *A Mulher na Sociedade Portuguesa*. Coimbra: IHES - FLUC. vol. I.
- AAVV 1992. *La sociedad de la desigualdad: Pobreza y Marginación a Debate*. Donostia: Tercera Prensa.
- ABBAGNANO, Nicola 1976. *História da Filosofia*. 2.^a ed. Lx: Presença. Vol. I.
- AKOUN, André 1977 [1972]. «A Sociologia». In François Châtelet (Dir.) *A Filosofia Das Ciências Sociais – de 1860 aos nossos dias*. Lx: D. Quixote. VII.º Vol: 91-94.
- AKRICH, Madeleine; CHABAUD-RYCHTER, Danielle; GARDEY, Delphine (Coords.) 2005. «Introduction». *Cahiers du Genre. Politiques de la représentation et de l'identité. Recherches en gender. Cultural. Queer studies*. n.º 38.
- ALBEE, G. et al. 1981. *Prevention through political action and social change*. Hannover: Univ. Press of New England.
- ALEXANDER, Jeffrey C. 1987. «The Centrality of the Classics». In Giddens e Turner (Eds.): 11-57.
- ALIX, Christian 1994. «Chronocentrisme. ethnocentrisme: même combat? Réflexions sur une nouvelle alliance». In Blomart e Krewer (Textes réunis par): 82-89.
- ALMARAIZ, José 1981. *La Teoría Sociológica de Talcott Parsons*. Madrid: Centro de Inv. Sociológicas.
- ALMEIDA, Ana Nunes de 1987. *Bibliografia Sobre a Família e a Mulher no Portugal do Século XX*. Lx: ICS.
- 1984. *Do campo à Cidade. O impacto do processo de migração na organização interna da família*. Lx: CCF.
- 1993. *A Fábrica e a Família: famílias operárias no Barreiro*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro.
- 1986a. «A fábrica e a família tópicos para uma reflexão». *Análise Social*. vol. XXII 91: 279-312.
- 1992. «Meio social. família e classe operárias». *Sociologia – Problemas e Práticas*. n.º 11: 27-41.
- 1986b. «As mulheres e as ciências sociais os sujeitos e os objectos de investigação». *Análise Social*. vol. XXII 94: 979-985.
- ALMEIDA, Fortunato de. (Dir.) 1970. *História da Igreja em Portugal*. Porto/Lx: Civilização Ed. 4 Tomos.
- (s.d). *História das Instituições em Portugal*. 3.^a ed. Coimbra: Imprensa Académica.
- ALMEIDA, João Ferreira et al. 1992. *Exclusão Social. Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*. Oeiras: Celta.
- e PINTO, José Madureira 1995. *A Investigação nas Ciências Sociais*. 5.^a ed. Lx: Presença.
- ALONSO, Luis Enrique 1994. «Sujeto y Discurso: el lugar de la Entrevista Abierta en las Prácticas de la Sociología Qualitativa». In Delgado y Gutiérrez (Coords.): 225-255.
- AMÂNCIO, Lígia 1988a. «Dimensões de Comparação e Discriminação Intergrupos – Uma abordagem Psicossociológica das Relações entre Grupos “Dominantes” e “Dominados”». *Análise Psicológica*. vol. VI. n.º 3-4: 307-319.
- 1989a. *Factores psicossociológicos da discriminação da mulher no trabalho*. Lx: ISCTE (Tese de Dout.).
- 1993 «Identidade Social e relações intergrupais». In Jorge Vala e Maria Benedita Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. Lx: Fundação Calouste Gulbenkian: Cap. XI: 287-307.
- 1995. *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto: Afrontamento.
- e SCOZKA, Luis 1988b. «Social identity and implicit theories about sex discrimination at work». In D. Canter, J. Jesuíno, L. Scozka, G. M. Stephenson (Orgs.). *Environmental Social Psychology*. 19,1: 1-10.
- ANDRADE, A. A. Banha de (Dir.) 1979. *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lx: Resistência.
- ANDRÉ, João Maria 1999. *Pensamento e Afectividade. Sobre a paixão da razão e as razões da paixão*. Coimbra: Quarteto.
- ANSART, Pierre 1990. *Les Sociologies Contemporaines*. Paris: Ed. du Seuil.

³⁹⁵ As datas que se apresentam entre parêntesis rectos, imediatamente a seguir à data da edição trabalhada, são relativas à primeira edição. Como consta da Lista de Abreviaturas, utilizou-se “Lx” para abreviar “Lisboa” quando local de edição; e “Dout.” para abreviar “Doutoramento”.

- ANTUNES, Manuel Luís Marinho 1981. «Migrações. mobilidade social e identidade cultural: factos e hipóteses sobre o caso português». *Análise Social*. vol. XVII (65). 1981 -1º:17-27.
- AROCENA, José 1986. *Le Développement par l'initiative locale. Le cas français*. Paris: Éd. de L'Harmattan.
- ARON, Raymond 1974 [1967]. *Les Etapes de la Pensée Sociologique: Montesquieu. Comte. Marx. Tocqueville. Durkheim. Pareto. Weber*. Paris: Gallimard.
- ASOCIACIÓN NAVARRA PARA EL PROGRESO DEL BIENESTAR SOCIAL 1989/1990. *Identificación Cualitativa Y Cuantitativa de la Pobreza Femenina en el estado Español*. Instituto de la Mujer: s.l.: Ministerio de Asuntos Sociales. Documento 1: 1989; Documento 2: 1990.
- ASUNCIÓN, Rosa de la 1992. «Las Mujeres y la Pobreza». In AAVV: 87-99.
- AUSLOOS, Guy 1996. «Caos e Complexidade». *A Competência das famílias. Tempo. Caos. Processo*. Lx: CLIMEPSI Editores: 99-119.
- AYALA, Francisco 1994. *Introducción a las Ciencias Sociales*. 2ª ed. Madrid: Ed. Cátedra S.A.
- AZEVEDO, Mário de 1991. «A Orientação de Papéis Sexuais e sua medida: Inventários de Feminidade. Masculinidade e Androginia». *Revista de Educação*. n.º 1. Maio: 16-33.
- BADEN, Sally e MILLWARD, Kirsty 1995. *Gender and Poverty*. Brighton: Institute of Development Studies. University of Sussex.
- BADINTER, Elisabeth 1993. [1992]. *XY – A Identidade Masculina*. Lx: Asa.
- BAPTISTA, Isabel; PERISTA, Heloísa; REIS, Ana Luzia 1995. «A pobreza no Porto: representações sociais e práticas institucionais». *Sociologia...* n.º 17: 35-60.
- BARDIN, Laurence 1991 [1977]. *Análise de Conteúdo*. Lx: Edições 70.
- BAREEL, Julien 1985. «La Pauvreté Intolérable. Biographie sociale d'une famille assistée». *Service Social dans le monde*. n.º1: 41-47.
- BARTAL, Daniel 1996. «Las creencias grupales como expresión de la identidad social». In Morales et al: 254-285.
- BERGALLI, Roberto; CASADO, Demetrio (Coords.) 1994. *Frente a la sociedad dual. Jornadas sobre Pobreza e Inmigración. (Debate de actores y analistas con Alain Touraine)*. Barcelona: Editorial Hacer.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas 1978 [1966]. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes.
- BERINGUIER, Christian 1980. «Identité collective et le quartier en ville». *Service Social...* n.º 1: 17-21.
- BERNARDI, Bernardo 1978 [1974]. *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Lx: Ed. 70.
- BERTAUX, Daniel 1978 [1977]. *Destinos Pessoais e Estrutura de Classe*. Lx: Moraes.
- BERTHO, Catherine 1980. «L'invention de la Bretagne. Génèse social d'un stéréotype». *Actes de la Recherche en Sciences Sociales - L'Identité*. n.º 35: 45-62.
- BEYNIER, Dominique e LE GALL, Didier 1992. «Le retour de la sociabilité: une démarche pour l'insertion des jeunes». *Les Sciences de l'Éducation pour l'Ère Nouvelle*. 3-4: 121-141.
- BIERSTEDT, Robert 1980. «O Pensamento Sociológico no séc. XVIII». In Bottomore e Nisbet (Comp.): 19-64.
- BISQUERT, Adriana (Ed.) 1995. *Ciudad Y Mujer. Actas del Curso: Urbanismo Y Mujer. Nuevas Visiones del Espacio Público Y Privado. Málaga, 1993 / Toledo, 1994*. Madrid: Seminario Permanente «Ciudad y Mujer».
- BLOMART, Jeannine e KREWER, Bernd (Textes réunis par) 1994a. *Perspectives de l'Interculturel*. Paris: L'Harmattan.
- 1994b. «Préface: La recherche interculturelle... quo vadis?». In Blomart e Krewer (réunis par): 9-12.
- BOTELLA, Francisco J. Navarro et al. (Dir. e Coord.) 1984. *Pobreza y Marginación. Documentación Social - Revista de Estudios Sociales y de Sociología Aplicada*. n.ºs 56-57.
- BOTTOMORE, Tom 1970 [1962]. *Introdução à Sociologia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar ed.
- e NISBET, Robert (Comp.) 1988 [1978]. *Historia del análisis sociológico*. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- BOUCHER, Nicole et al. 1994. «L'étude des relations interculturelles et les projections socioculturelles. Ou quand l'interculturel commence par nous-mêmes...». In Blomart e Krewer (Textes réunis par): 55-66.
- BOUDON, Raymond (sob a direcção de) 1995 [1992]. *Tratado de Sociologia*. Lx: Ed. Asa.
- e BOURRICAUD, François 1994 [1982]. *Dictionnaire Critique de la Sociologie*. 4ª ed. Paris: PUF.

- BOUGET, Denis; NOGUES, Herbert 1994 «Evaluation des politiques de lutte contre les exclusions sociales». *Revue Française des Affaires Sociales* 48.^e année, n.º 2: 69-87.
- BOURDIEU, Pierre 1979. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Les éditions de Minuit.
- 1972. *Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Droz.
- 1980a. «L'identité et la représentation. Elements pour une réflexion critique sur l'idée de région». *Actes...* n.º 35: 63-72.
- 1993. *La Misère du monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- 1980b. «Le Nord et le Midi. Contribution à une analyse de l'effet Montesquieu». *Actes...* n.º 35: 21-25.
- 1970. *La Reproduction*. Paris: Minuit.
- 1980c. *Le sens pratique*. Paris: Minuit.
- e BOLTANSKI, Luc; CASTEL, Robert; CHAMBODERON, Jean-Claude 1965. *Un art moyen. Les usages sociaux de la photographie*. Paris: Minuit.
- e CHAMBODERON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude 1968. *Le métier de sociologue*. Paris: Mouton-Bordas. Co-Autores :
- e DARBEL, Alain 1966. *L'Amour de l'art*. Paris: Minuit
- e PASSERON, Jean-Claude 1964. *Les Héritiers*. Paris: Minuit.
- BOURHIS, Richard I; SACHDEV, Itesh e GAGNON, André 1996. «Las Matrices de Tajfel como un instrumento para realizar investigación intergrupala». In Morales et al: 61-102.
- BOUTHOU, Gaston 1968. *Traité de Sociologie*. Paris: Payot. 2 vols.
- BREAKWELL, Glynis M.; HAMMOND, Sean; FIFE-SCHAW, Chris (Eds.) 2001 [1959]. *Research Methods in Psychology*. 2.^a ed. London: Sage.
- BUHRIG, Martine 1996. *Réussir l'insertion. Accompagner la reconnaissance sociale*. Lyon: Chronique Sociale.
- CABRAL, João de Pina 1991. *Os Contextos da Antropologia*. Lx: Difel.
- CALVEZ, Jean-Yves 1975 [1959]. 3.^a ed. *O Pensamento de Karl Marx*. Porto: Liv. Tavares Martins. 2 vols.
- CAMILLERI, Carmel, et al. 1990a. «Conclusion». In Camilleri et al. 1990b: 213-218.
- 1990b. *Stratégies Identitaires*. Paris: PUF.
- CAMPBELL, D. 1967. «Stereotypes and perception of group differences». *American Psychologist*. 22: 817-829.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.) 2000. *Psicologia Social Comunitária. Da solidariedade à autonomia*. 4.^a ed. Petropolis: Ed. Vozes.
- CAPUCHA, Luis 2005. *Desafios da pobreza*. Oeiras: Celta Editora, 365 p.
- 1992 *PROBLEMAS DA POBREZA: Conceitos, Contextos e Modos de Vida*. Lx: ISCTE (Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural e Urbana), 2 vols.
- CARDOSO, Ana e PERISTA, Heloísa 1994. «A Cidade Esquecida Pobreza em Bairros Degradados de Lisboa». *Sociologia...* n.º 15: 99-111.
- CASADO, Demetrio 1978. *Introducción a la Sociologia de la Pobreza*. Madrid: Euramerica/Fund. FOESSA.
- CASANOVA, José Luis 1995a. «A “Teoria da Prática” – uma prática menos teorizada?». *Sociologia...* n.º 17: 61-73.
- 1995b. «Uma avaliação conceptual do habitus». *Sociologia...* n.º 18: 45-68.
- CAZENEUVE, Jean 1995. *La Personne et la Société*. Paris: PUF.
- e VICTOROFF, David (Dir.) 1972 [1970]. *La Sociologie*. Les Dictionnaires Marabout Univ. Paris: Gérard et C.^a Tomo II: 235-478.
- CERCLÉ, Alain e SOMAT, Alain 2001 [1999]. *Manuel de Psicologia Social*. Lx: Instituto Piaget.
- CHARLE, Christophe 1980. «Régions et conscience régionale en France. Questions à propos d'un colloque». *Actes...* n.º 35: 37-43.
- CHARTIER, Roger 1985. «La Pauvreté à l'âge moderne XVI.^e – XVIII.^e siècles. Définitions. Représentations. Institutions». In A. Fracassi et al. (Dir.). *La Pauvreté une approche plurielle*. Paris. les éd. ESF: 25-43.
- 1980. «Science sociale et découpage régional. Note sur deux débats (1820-1920)». *Actes...* n.º 35: 27-36.
- CHIZZOTTI, António 1991. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. S. Paulo: Cortez.
- CHRONIQUE FÉMINISTE/RED EUROPEA DE MUJERES 1990. *Tribunal Sobre Mujeres y Pobreza en la*

- Comunidad Europea*. Países da União Europeia Versão Espanhola.
- CHURCHMAN, Arza 1992. «As mulheres e a qualidade de vida urbana». *Journal de Psicologia*. vol.10/n.º 3: 3-9.
- CODOL, Jean-Paul 1981. «Une approche cognitive du sentiment d'identité». *Informations sur les Sciences Sociales*. 20 (1): 111-136.
- COIFFIER, Éliane *et al.* 1990. *Sociologie basique*. Pref. de Jacques Lautman. Paris: Nathan.
- COLECTIVO IOÉ (s.d.). *Dossier 'Pobreza. hoy'*. Madrid: Colectivo IOÉ, 211 pp. (doc. polic.).
- COMISSÃO CALOUSTE GULBENKIAN Sobre a reestruturação das Ciências Sociais 1996. *Para Abrir as Ciências Sociais*. Lx: Europa-América.
- CONDE, Fernando 1994. «Las Perspectivas Metodológicas Cualitativa y Cuantitativa en el contexto de la Historia de las Ciencias». In Delgado y Gutiérrez (Coords.), Cap. 1: 53-68.
- CONEIN, Bernard 1992. «Ethologie et Sociologie. Contribution de l'Éthologie à la théorie de l'interaction sociale». *Revue Française de Sociologie*. vol. XXXIII: 87-104.
- CONNERTON, Paul 1993. [1989]. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta.
- CORREIA, Fernando da Silva 1944. *Estudos sobre a História da Assistência – Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*. Lx: Henrique Torres.
- COSER, Lewis A. 1980. «Tendências Americanas». In Bottomore e Nisbet (Comp.): 379-420.
- COSTA, A. Bruto da 1984. «Conceito de Pobreza». *Estudos de Economia*. vol. IV. n.º 3. Abr-Jun.: 275-294.
- 1998. *Exclusões*. Lx: Gradiva.
- *et al.* 1985. *A Pobreza em Portugal*. Lx: Cáritas Portuguesa.
- 2008. *Um Olhar Sobre a Pobreza. Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lx: Gradiva («trajectos»).
- COSTA, António Firmino da 1999. *Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Lisboa: ISCTE (Tese de Dout. em Sociologia), 629 p.
- COURPASSON, David 1994. «Marché concret et identité professionnelle locale. La construction de l'identité par rapport au marché». *Rev. Fran. de Sociologie*. XXXV. 2/1994: 197-229.
- DALY, John A. e WIEMANN, John M. (Ed by) 1994 [1993]. *Strategic Inter-personal Communication*. Hillsdale. New Jersey/Hove. UK: Lawrence ERLBAUM Associates Publishers.
- DAMÁSIO, António R. 2003. *Ao Encontro de Espinosa. As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. 3.^a ed. Lx: Europa-América.
- 1996. [1994]. *O Erro de Descartes. Emoção. Razão e Cérebro Humano*. 16.^a ed. Lx: Europa-América.
- 2001. [1999]. *O Sentimento de Si. O Corpo. a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. 12.^a ed. Lx: Europa-América.
- DAVILA, Andrés 1994. «Las Perspectivas Metodológicas Cualitativa Y Cuantitativa en las Ciencias Sociales: Debate Teórico e Implicaciones Praxeológicas». In Delgado y Gutiérrez (Coords.), Cap. 2: 69-83.
- DAWE, Alan 1980. «Teorias de Acção Social» In Bottomore e Nisbet (Comp.): 475-546.
- DEAUX, Kay *et al.* 1993 [1972]. *Social Psychology in the '90s*. 6.^a ed., California: Brooks/Cole Pub. Company.
- DECOTTERD, Daniel 1994. «Le concept de la construction sociale de la réalité. instrument d'exploration de la dimension cachée». *Sociétés. Revue des Sciences Humaines et Sociales*. n.º 44. 175-180.
- DELGADO, Juan Manuel e Juan Gutiérrez (Coords. - Eds.) 1994. *Métodos y Técnicas Cualitativas de Investigación en Ciencias Sociales*. Madrid: Editorial Síntesis.
- DEMAZIERE, Didier 1999. «Les logiques de recherche d'emploi entre activités professionnelles et activités domestiques». *Cahiers du Genre - Un continent noir : le travail féminin*. Coordiné par Jacqueline Heinen et Danièle Kergoat. n.º 26.
- e DUBAR, Claude 1997. *Analyser les Entretiens Biographiques. L'exemple des récits d'insertion*. Paris: Nathan.
- DESCHAMPS, Jean-Claude e DEVOS. Thierry 1996. «Relaciones entre identidad social e identidad personal». In Morales *et al.*: 39-55.
- D'ESPAGNAT, Bernard e KLEIN, Étienne 1994 [1993]. *Olhares sobre a Matéria. Dos Quanta e das coisas*. Lx: Instituto Piaget.
- DENOUX, Patrick 1994. «Pour une nouvelle définition de l'interculturalisation». In Blomart e Krewer (Textes réunis

- par): 67-81.
- DIAS, Carlos Amaral 2001. *A propósito do genoma humano: ilusões e realidade. Oração de Sapiência*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga - Abertura Solene das Aulas 2001/2002.
- DÍEZ, Silvia Quesada 1998. «La acción social en la Unión Europea: evolución histórica». *Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social*. n.º 6: 221-232.
- DOISE, Willem 1996. «Representaciones Sociales en la Identidad Personal». In Morales *et al.*: 17-37.
- DOMENACH, Jean-Marie 1997 [1995]. *Abordagens à Modernidade*. Lx: Instituto Piaget.
- DONZELOT, Jacques 1994. *L'état Animateur – Essai sur la politique de la ville*. Paris: Éditions Esprit.
- DUBAR, Claude 2006. *A Crise das Identidades. A Interpretação de uma Mutação*. Porto: Afrontamento.
- 1995 [1984]. *La Formation professionnelle continue*. Paris: La Découverte.
- 1992. «Formes identitaires et socialisation professionnelle». *Rev. Fran. de Sociologie*. XXXIII. n.º 4: 505-529.
- 1991. *La socialisation. Construction des identités sociales et professionnelles*. Paris: Armand Colin.
- 1994. «Une Sociologie (Empirique) de l'Identité est-elle possible?». In Guth (Dir.). Tome III: 24-31.
- DUBET, François 1996 [1994]. *Sociologia da Experiência*. Lx: Instituto Piaget.
- DUMONT, Louis 1992 [1986]. *Essais on individualism. Modern Ideology in Anthropological Perspective*. Chicago: The University of Chicago Press Ltd.
- DURAND, Jean-Pierre et WEIL, Robert (Dir.) 1993. *Sociologie contemporaine*. Paris: Éd. Vigot.
- DURKHEIM, Émile 1977 [1893]. *A Divisão do Trabalho Social*. Lx: Presença/Livraria Martins Fontes. vol. I: 270 pp ; vol. II: 214 pp.
- 1992. «L'enseignement de la morale à l'école primaire. Inédit». *Rev. Fran. de Sociologie*. XXXIII/4: 609-623.
- 1973 [1897]. *O Suicídio – Estudo de Sociologia*. Lx: Presença.
- DUVIGNAUD, Jean 1982. *Durkheim*. Lx: Ed. 70.
- EAGLY, A. H. e STEFFEN, V. J. 1984. «Gender Stereotypes stem from the distribution of women and men into social roles». *Journal of Personality and Social Psychology*. 46: 735-754.
- EDER, Klaus 1991. «Au-delà du sujet historique: ver une construction théorique des acteurs collectifs». *L'Homme et la Société - Théorie du sujet et théorie sociale*. n.º 101. XXV.^c - 1991/3: 121-140.
- ENGELS, Friedrich 1980 [1884]. *A Origem da Família, da Propriedade e do Estado*. 4.^a ed. Lx: Presença.
- 1975 [1845]. *A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra*. Lx: Presença.
- 1976. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. 5.^a ed. Lx: Estampa.
- ERIKSON, Erik H. 1976 [1968]. *Identidade. Juventude e Crise*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Zahar ed.
- 1972 [1968]. «Identity Psychosocial». In David L. Sills (Ed.). *International Encyclopedie of the Social Sciences*. New-York/London: The Macmillan Company & The Free Press/Collier - Macmillan Publishers. vol. 7-8: 61-65.
- ESTANQUE, Elísio; MENDES, José Manuel 1997. *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal. Um estudo comparativo*. Porto: Afrontamento.
- ESTEVEZ, António e AZEVEDO, José (Eds.). 1998. *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*. Porto: FLUP - Instituto de Sociologia.
- FERNANDES, António Teixeira 1991. «Formas e mecanismos de exclusão social». *Sociologia*. n.º 1: 9-66.
- FERRAND, Michèle 1990. «Les femmes dans les relations intergénérationnelles». *Service Social...* n.º 12: 27-34.
- FERREIRA, J. M. Carvalho *et al.* 1995. «As Desigualdades nas Sociedades Contemporâneas». In *Sociologia*. Lx: Editora McGrawHill de Portugal. Cap. 13: 387-404.
- FERREIRA, Maria Luisa Ribeiro (Org.) 2001. *Também Há Mulheres Filósofas*. Lx. Caminho.
- FERREIRA, Virgínia 1984. «O Feminismo na PósModernidade». *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 24: 93-106.
- 1981. «Mulheres. Família e Trabalho Doméstico no Capitalismo». *Rev. Crítica...* 6: 47-86.
- 1990. «Valores nos anos 90: Romantismo ou Pragmatismo?». *Sociologia...* n.º 8: 181-183.
- FISHER, B. M. e STRAUSS. A. L. 1980. «El interaccionismo». In Bottomore e Nisbet (Comp.) 522-569.
- FODDY, William 1996 [1993]. *Como Perguntar: Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*. Oeiras: Celta.

- FREUND, Julien 1991. «Introduction». In Simmel 1991: 7-78.
- 1988. «La sociología alemana en la época de Max Weber». In Bottomore e Nisbet (Comp.): 178-217.
- 1977. *A Teoria das Ciências Humanas*. Lx: Sodicultur.
- FRIEDMANN, John 1996. *Empowerment. Uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Celta.
- FUNDACIÓN IESA 1990. *Biografía Social de la Mujer en España*. Madrid: Instituto de la Mujer/MAS.
- GALLISSOT, René 1991. «Au-delà du sujet philosophique et psychanalytique. au-delà du sujet historique: sujet, sujet collectif et théorie sociale». *L'Homme et la Société*... n.º 101. XXV. ^c - 1991/3: 5-16.
- 1987a. «Présentation. Au-delà de la mode identitaire». *L'Homme et la Société – La mode des identités*. n.º 83 - Nouvelle série. 1.^{er} trimestre: 7-11.
- 1987b. «Sous l'identité. le procès d'identification». *L'Homme et la Société*... n.º 83: 12-27.
- GÁLVEZ, Alvaro e QUINTANILLA, Ismael 1997. *Pobreza y Desigualdad*. Valencia: Promolibro.
- GARCÍA-NETO, Juan N. 1990. «Nueva pobreza en España. La lucha contra la marginación». *Revista de Fomento Social*. n.º 179. Vol. XLV. Julio-Septiembre: 229-246.
- GARNIER, Jean-Pierre 1982. «"Localiser" le social ou "socialiser" le local». *Espaces et Sociétés*. n.º 40: 3-14.
- GAULEJAC, Vincent De (s. d.). «Le Manager et le RMiste». *POUR*. s. n.º : 167-178.
- e TABOADA-LEONETTI, Isabel 1994. *La lutte des places*. Marseille: Hommes et Perspectives.
- e AUBERT, N. 1990. *Femmes au singulier ou la parentalité solitaire*. Paris: Klincksieck.
- GAVIRIA, Mario; LAPARRA, Miguel e AGUILAR, Manuel 1995. «Aproximación teórica al concepto de exclusión». In AAVV: 133-200.
- GEERTZ, Clifford 1992. «Géneros confusos. La refiguración del pensamiento social». In Reynoso (1992a): 63-77.
- 1978 [1973]. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar ed.
- GELPI, Barbara et al. (Ed. by) 1986. *Women and Poverty*. Chicago: The University of Chicago Press.
- GEREMEK, Bronislaw 1987. *La Potence ou la Pitié*. Paris: Gallimard.
- 1980. «Povertá». *Enciclopédia EINAUDI*. Turim. vol. X: 1054-1082.
- GIDDENS, Anthony 1976 [1972]. *Capitalismo e Moderna Teoria Social. Uma Análise das Obras de Marx. Durkheim e Max Weber*. Lx: Presença/Livraria Martins Fontes.
- 1996a [1990]. *Consequências da Modernidade*. 3.^a ed. port.^a Oeiras: Celta.
- 1994a [1991]. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta.
- 1994b. *Sociology*. 2nd ed. revised & updated. Cambridge/Oxford: Polity Press e Blackwell Publishers.
- 1996b [1992]. *Transformações da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2.^a ed. Oeiras: Celta.
- e TURNER, Jonathan (Eds.) 1987. *Social Theory Today*. Cambridge/Oxford: Polity Press/Basil Blackwell.
- GHIGLIONE, Rodolphe et al. 1980. *Manuel D'analyse De Contenu*. Paris: Armand Colin.
- e MATALON, Benjamin 1997 [1978]. *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.
- GINER, Salvador 1994. «Classe. Poder y Privilegio». In Valcárcel (Comp.): 113-171.
- GIRAUD, Michel 1987. «Mythes et stratégies de la "double identité"». *L'Homme et la Société*... n.º 83 : 59- 67.
- GLENDINNING, Caroline e MILLAR, Jane 1987. *Women and Poverty in Britain*. Brighton: Wheatsheaf Books Ltd.
- GODELIER, Maurice (Pref. e Selec.) 1975. *Sur les Sociétés Précapitalistes: textes choisis de Marx. Engels. Lenine*. Paris: Ed. Sociales.
- GOFFMAN, Erving 1982 [1963]. *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- 1975 [1959]. *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- 1987. «L'ordre de l'interaction». *Sociétés*. n.º 14: 8-16.
- GOLDBERG, Gertrude S. e KREMEN, Eleanor (Ed. by) 1990. *The Feminization of Poverty: Only in America?*. Westport/Connecticut: Greenwood Press.
- GOLDEN, Stephanie 1992. *The Women Outside: Meanings and Myths of Homelessness*. s.l.: University of California Press.

- GONÇALVES, Raquel 1989. «Ética. Um novo espaço epistemológico». *Revista de Ciência Tecnologia e Sociedade*. Lx. CTS-ACTD. n.º 10. Out.-Dez.: 58-64.
- 1991. *Ciência. Pós-Ciências. Meta-Ciência. Tradição. Inovação e Renovação*. Lx: Discórdia Editores.
- GORZ, André 1997. *Misères du présent. Richesse du possible*. Paris: Galilée.
- GOULDNER, Alvin (s. d.) [1962]. *El AntiMinotauro*. s. l. [ed. Espanhola]: s. n.
- GRACIA, Tomás Ibáñez 1988. «Representaciones Sociales. teoría y método». In Tomás Ibáñez Gracia (Coord.). *Ideologías de la Vida Cotidiana*. Barcelona. Sendai ediciones. Cap. I: 13-90.
- GRÁCIO, Rui A. e GIRÃO, José M. 1998. *Razões em Jogo – Introdução à Filosofia – 11.º Ano*. Lx: Texto Editora.
- GRANGER, Robert 1980. «Eléments d'identité chez de jeunes délinquants». *Service Social...* n.º 1: 14-16.
- GUERRA, Isabel 1994. *A Avaliação de Projectos e a Avaliação dos Impactos Sociais (AIS)*. Lx. Centro de Estudos Territoriais, ISCTE. 35 pp. (doc. polic.).
- 1991. *Changements Urbains et Modes de Vie dans la Peninsule de Setúbal*. Dissertação de Doutoramento. França. s. l.: s. n. 2 vols. (doc. polic.).
- 1991. *Estratégias e Metodologias de Inovação em Acção Social*. Acção de Formação: Estratégias e Metodologias de Inovação em Acção Social. Lx: DGORH (doc. polic.).
- 2000a. *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção - O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia - Publicações Universitárias e Científicas.
- 2000b. «Investigação-Acção – Para pensar o mundo temos de nos distanciar ou de mergulhar nele?». In Guerra 2000a: Capítulo 3: 51-75.
- 2006. *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*. Cascais: Principia - Publicações Universitárias e Científicas.
- 1992. *Populações e Serviços na Luta Contra a Pobreza: a Procura do Desenvolvimento Social. Encontro para Avaliação de Projectos de LCP numa Perspectiva de Mudança/Desenvolvimento*. s. l.; s. n. (doc. polic.).
- GUILLAUMIN, Jean 1980. «L'identité et l'agressivité». *Service Social...* n.º 1: 8-13.
- GUTIÉRREZ, Juan e DELGADO, J. Manuel 1994a. «Introducción». In Delgado y Gutiérrez (Coords.): 25-50.
- 1994b. «Teoría de la Observación Social». In Delgado y Gutiérrez (Coords.), Cap. 6: 141-173.
- GUTH, Suzie (Dir.) 1994. *Une Sociologie des Identités est-elle possible? – Actes du Colloque Sociologies IV*. Paris: L'Harmattan. Tome III.
- HALMAN, Lock 1995. «Y a-t-il un déclin moral? Enquête transnationale sur la moralité dans la société contemporaine». *Revue Internationale des Sciences Sociales*. n.º 145. Sept.: 477-499.
- HARRÉ, Rom 1993 [1979]. *Social being*. 2.^a ed. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell.
- HELLER, Agnes 1996. *Una revisión de la teoría de las necesidades. Introducción de Ángel Rivero*. 1.^a ed. Barcelona: Ed Paidós.
- HENCK, Véronique 1995. «La perception de l'altérité». *Sociétés*. n.º 48: 219-228.
- HENRIQUES, Fernanda 2004. «Género e Desejo. Da biologia à cultura» *Encontro de Bio-ética*. Universidade de Évora: s. n. In <http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/> acedido em 12/ Fevereiro/2008. acedível em <http://emedeamar.blogspot.com/2008/04/gnero-e-desejo-da-biologia-cultura.html> e www.doutamente.blogspot.com.
- HERPIN, Nicolas 1982 [1973]. *A Sociologia Americana. Escolas. Problemáticas e Práticas*. Porto: Afrontamento.
- 1993 «L'urban underclass chez les sociologues américains: exclusion sociale et pauvreté». *Rev. Fran. de Sociologie*. XXXIV : 421-439.
- HERZLICH, Claudine 1972. «La représentation social». In Moscovici (Dir.) Cap. 9: 303-323.
- HESS, Rémi 1983. *Sociologia de Intervenção*. Porto: Rés ed.
- HIERNAUX, Jean-Pierre e BODSON, Daniel 1981. *La Face Cachée. Pauvreté. Politique Sociale. Action Urbaine*. Bruxelles: Les éd. Vie Ouvrière.
- HINKLE, Steve W.; BROWN, Ely e TAYLOR, Laurie A. 1996. «Identidad social y aspectos de la creatividad social: cambios a nuevas dimensiones de comparación intergrupala». In Morales et al. :199-219.
- HOBSBAWM, E. J. 1978 [1962]. *A Era das Revoluções – 1789-1848*. Lx: Presença.
- 1974. «Pobreza». *Enciclopédia Internacional de las Ciencias Sociales*. Madrid: Aguilar: 288-293.

- 1978. «Sexe, symboles, vêtements et socialisme». *Actes...* n.º 23: 218.
- HOFFMANN, Delly Salazar (Coord.) 1992. *II Congreso Venezolano de la Mujer: Mujer Y Poder. Desarrollo en Democracia con Justicia*. 2, 1991. Caracas: Comisión Femenina Asesora de la Presidencia de la Republica/ Despacho de la Ministra de Estado para la Promoción de la Mujer. Tomo I, 564 p; Tomo II, 501 pp.
- HOGG, Michael A. 1992. *The Social Psychology of Group Cohesiveness. From Attraction to Social Identity*. 1ª ed. Great Britain: Harvester / Wheat Sheaf.
- HOGGART, Richard 1975. *As Utilizações Da Cultura. Aspectos da Vida Cultural da Classe Trabalhadora*. Lx: Presença. 2 vols.
- HORTON, John 1984. «The Dehumanization of Anomie and Alienation: a Problem in the Ideology of Sociology». *The British Journal of Sociology*. vol. XV. n.º 4: 283-300.
- HUICI, Carmen e MOYA, Miguel 1994. «Estereotipos». In Morales (Coord.). Capítulo 11: 285-322.
- IMAZ, Kamele Iraola 1990. *Estudio Sociológico sobre la Situación de la Mujer en Rentería*. Rentería: Servicio de Archivo, Biblioteca y Documentación - Ayuntamiento de Rentería.
- INSTITUTO DE PROMOCION ECONOMICO SOCIAL 1994. *Seminario Internacional «La Feminización de la Pobreza» Junio/1994*. Montevideo - Uruguay: IPES. 1 capa com 40 folhetos.
- d' IRIBARNE, Philippe 1991. «Culture et "effet sociétal"». *Rev. Fran. de Sociologie*. vol. XXXII n.º 4: 599-614.
- ITURRA, Raul 1988. *Antropología Económica de la Galicia Rural*. Galiza: Xunta de Galicia – Con-sellería da Presidencia e Administración Pública.
- IZQUIERDO, M. J. 1994. «La situación de las mujeres en las periferias urbanas. El caso del Besòs». In *El futur de las perifèries urbanes*. Barcelona: Departament de Benestar Social - Generalitat de Catalunya: 123-126.
- JARYMOWICZ, Maria (1996). «Distintividad de los esquemas del yo-nosotros-otros e identificaciones sociales». In Morales et al. : 141-165.
- JOHNSTON, Hank; LARAÑA, Enrique e GUSFIELD, Joseph 1994. «Identidades, ideologías y vida cotidiana en los movimientos sociales». In Enrique Laraña e Joseph Gusfield (edición a cargo de). *Los Movimientos Sociales*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas: 3-42.
- JUÁREZ, Octavio Uña 1993. «Yo-otro. Comunicación, interacción, inter-cambio. Notas sobre la herencia de Mead». *Sociedad y Utopía. Revista de Ciencias Sociales*. n.º 1. Marzo: 43-57.
- JULES-ROSETTE, Bennetta 1987. «L'Ethnométhodologie en Perspective». *Sociétés*. n.º 14: 5-7.
- KALEKIN-FISHMAN, Devorah 1988. «Jeux. Rituels et Théâtre: éléments de la grammaire d'action sociale de Goffman». *Cahiers de Sociologie Economique et Sociale*. Le Havre. 10: 81-94.
- KASTERSZTEIN, Joseph 1981. «Aspects psychosociaux de l'identité». *Informations sur les Sciences Sociales*. 20 (1): 95-109.
- 1990. «Les Stratégies identitaires des acteurs sociaux: approche dynamique des finalités». In Camilleri et al. : 27-41.
- KRECH, David; CRUTCHFIELD, Richard S. e BALLACHEY, Egerton 1975 [1962]. *O indivíduo na Sociedade – um manual de psicologia social*. 3.ª ed. S. Paulo: Livraria Pioneira ed. 1.º vol.
- et al. (Orgs.) 1979 [1958]. *Psychologie*. Montréal - Québec: éd. du Renouveau Pédagogique.
- KREWER, Bernd 1994. «Soi et culture: des rencontres empiriques, scientifiques et épistémologiques». In Blomart e Krewer (Textes Réunis par): 162-189.
- LABBENS, Jean 1978. *Sociologie de la Pauvreté*. Paris: Gallimard.
- LAKATOS, Eva M. e MARCONI, Marina de A. 1991. *Metodologia Científica*. 2.ª ed. rev. São Paulo: Atlas SA.
- LALLEMENT, Michel 1993. *Histoire des idées sociologiques*. Paris: Nathan. II Tomes.
- LAMPSA, Rena 1993. «Women of peripheral countries». In AAVV. *Construir a Igualdade. Actas do Seminário*. Lx: CIDM: 89-95.
- LAPASSADE, Georges 1963. *L'Entrée dans la vie*. Paris: Minuit.
- LEACH, Edmund 1985. «Etnocentrismos». *Enciclopédia EINAUDI*. Vol. 5 - Anthropos Homem. Ed. port. Coord. por Fernando GIL. Lx: Imprensa Nacional Casa da Moeda: 136-151.
- LE BRETON, David 1987. «Réflexions autour de la "connaissance ordinaire"». *Sociétés*. n.º 14: 27-28.
- LE, Huu Khoa 2000. *Liens méthodologiques et parenté épistémologique entre les sciences sociales*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.

- LEE, Raymond M. 2002 [2000]. *Métodos não interferentes em pesquisa social*. Lx: Gradiva.
- LEFEBVRE, Henri 1975 [1963]. *O Marxismo*. 3.^a ed. Lx: Bertrand.
- (s. d.). *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro/São Paulo: Comp. ed. Forense.
- LESSELIER, Claudie 1991. «De la Vierge Marie à Jeanne d'Arc: images de femmes à l'extrême droite». *L'Homme et la Société. Femmes et sociétés*. n.º 99-100. XXV.^o 1991/12: 99-113.
- LÉVIS-STRAUSS, Claude (Séminaire Dirigé par) 1997 [1995]. *L'Identité*. 3.^a ed. Paris: PUF.
- 1980 [1952]. *Raça e História*. 3.^a ed. Lx: Presença.
- LEWICKI, R. et al. 1994. *Negotiation*. USA, s. l.: Richard D. Irwin. Inc.
- LEWIS, Oscar 1961. *Antropologia de la Pobreza*. México: Fondo de Cultura Económica.
- 1979. *Os filhos de Sánchez*. Lx: Moraes editores.
- LICERAS, Dolores e MURILLO, Soledad 1991. *La Mujer Asalariada ante la Negociación colectiva*. Madrid: Fundación 1.^o de Mayo.
- LIMA, M. Pedroso de; ARNAUT, Luis G. 1988. *A Via Inter-cultural Para o Desenvolvimento*. 1.^a ed. Lx: ed. SEDES (Concurso sobre Atitudes. Valores Culturais e Desenvolvimento, 2.^o Prémio Ex-equu): 111-153.
- LIMA, Mesquitela (Coord.) 1987. *Introdução à Sociologia*. 2.^a ed. Lx: Presença.
- LION, Antoine e MECA, Pedro de (Orgs.) 1988. *Culture et Pauvretés*. Actes du Colloque tenu à la Tourette L'Arbresle. 13-15 décembre/1985. Paris: La Documentation Française.
- LIPIANSKY, Edmond Marc 1992. *Identité et communication. L'expérience groupale*. 1.^a ed. Paris: PUF.
- 1991. *L'Identité Française. Représentations. Mythes. Idéologies*. 1.^a ed. La Garenne-Colombes: Éd. de l'Espace Européen.
- e TABOADA-LEONETTI, Isabelle; VASQUEZ, Ana 1990. «Introduction à la problématique de l'identité». *In Camilleri et al.*: 7-26.
- LIPOVESTSKI, Gilles 1994 [1992]. *O Crepúsculo do Dever. A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lx: D. Quixote.
- 2000 [1997]. *A Terceira Mulher. Permanência e Revolução do Feminino*. Lx: Instituto Piaget.
- LITHMAN, Ingeve Georg 1984. «On Culture and Identity». *In European Science Foundation. Cultural Identity and the Second Generation. A collection of working papers. Analytical and Methodological Seminar*. Sophia-Antipolis: 218-230.
- LLOYD, Barbara 1994. «Différences entre sexes». *In Serge Moscovici (Dir.). Psychologie Sociale des Relations à Autrui*. Paris: Nathan. Cap. 12: 280-299.
- LORENTE, Mari Pilar 1989. «Marginación en la ciudad». *Revista de Fomento Social*. n.º 173. XLIV:101-110.
- LORENZI-CIOLDI, Fabio 1988. *Individus Dominants et Groupes Dominés. Images masculines et féminines*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- e DAFFLON, Anne-Claude 1996. «Identidad (Colectiva o Personal) y estatus». *In Morales et al.* : 437-459.
- LOURO, Guacira Lopes 2001. *Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação*. *In http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012* &lng=pt&nrm=iso acessado a 14 de Maio/2008. versão on line da Revista Estudos Feministas. ISSN 0104-026X. versão impressa. Rev. Estud. Fem. v.9 n.2 Florianópolis 2001. doi: 10.1590/S0104-026X2001000200012.
- LUKÁCS, Georg 1974. *História e Consciência de Classe. Estudos de Dialéctica Marxista*. s. l.: Escorpião.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro 1995. *O sexo dos textos e outras leituras*. 1.^a ed. Lx: Caminho.
- MAGDA, Rosa M.^a Rodríguez 1994. «Las Filosofías de la Diferencia». *In Varcácel (Comp.)*: 95-112.
- MALEWSKA-PEYRE, Hanna 1988. «Les stratégies identitaires des jeunes». *In AAVV. Le Travail Social et les Enfants de Migrants. Racisme et identité. Recherche-Action*. Paris: L'Harmattan/CIEMI: 203-222.
- e ZALESKA, Marie 1980. «Problèmes d'identité. Conflit de valeurs et déviance chez les enfants de travailleurs immigrés». *Service social*. n.º 1: 22-25.
- MARANHÃO, Maria José; DUARTE, Maria Isabel 1991. «Contribuição para o estudo das mulheres sós em Portugal». *Sociologia...* n.º 9: 89-107.
- MARCONI, Marina de A. e LAKATOS, Eva M. 1990. *Técnicas de Pesquisa*. 2.^a ed. ampl. São Paulo: Atlas SA.
- MARQUES, José M. e PÁEZ, Darío 1996. «Identidad social y diferenciación intergrupala: el "efecto oveja negra"»

- como una función y un antecedente del control social subjetivo». In Morales *et al.* : 323-354.
- MARSELLI, G.A. 1984. «Le concept de Pauvreté optique dynamique». *Service Social...* n.º 4:35-42.
- MARTÍN, Teresa Torns (Dir.); CARRASQUER, Pilar; ROMERO, Alfonso 1995. *El Perfil Socio-Laboral del Paro Femenino en España*. Madrid: Instituto de la Mujer/Ministerio de Asuntos Sociales.
- MARTINDALE, Don 1979 [1960]. *La Teoría Sociológica – Naturaleza y Escuelas*. Madrid: Aguilar.
- MARX, Karl 1975a. *O Capital: versão integral*. Pref. de F. Engels. Lix: Delfos. 2 vols.
- 1975b. *Capítulo Inédito d' "O Capital": Resultados do Processo de Produção Imediata* s. l.: Escorpião.
- 1974a [1859]. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. 3.^a ed. Lx: Estampa.
- (T. B. Bottomore: Ed.) 1975c [1844]. *Escritos de Juventude*. Lx: Ed. 70.
- 1971 [1844]. *Os manuscritos Económico-Filosóficos: a construção Hegeliana da Fenomenologia*. Porto: Brasília ed.
- (Int. e Ed. de Smelser) 1974b [1847]. *Miséria da Filosofia: Resposta à Filosofia da Miséria do Senhor Proudhon*. s. l.: pub. Escorpião.
- 1976. *Sociedade e Mudança Social*. Lx: Ed. 70.
- e ENGELS, F. 1980 [1845/6]. *A Ideologia Alemã – Crítica da Filosofia Alemã Mais Recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus profetas*. 4.^a ed. Lx: Presença/Livraria Martins Fontes. vol. I, 312 pp; vol. II, 460 pp.
- (s. d. a). *O Manifesto do Partido Comunista*. Porto: ed. H. A. Carneiro.
- (s. d. b). *A Revolução em Espanha*. Porto: Sementes.
- 1974 [1845]. *A Sagrada Família: ou crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e Consortes*. Lx: Presença.
- MATOS, Ana Maria de Saint-Maurice C. de 1994. *Reconstrução das identidades no processo de emigração: a população caboverdiana residente em Portugal*. Lx: ISCTE (Tese de Dout. em Sociologia), 440 p.
- MAUGER, Gérard 1990. «Postface». In Karl Mannheim. *Le Problème des Générations*. Paris: Nathan: 83-123.
- MENCHER, Joan P; OKONGWU, Anne (Ed. by) 1993. *Where did all the men go? Female Headed / Female Supported Households in Cross Cultural Perspective*. EUA / United King: Westview Press. Inc.
- MENDES, José Manuel Oliveira 2001. «O Desafio das Identidades». In Santos (Dir.). Vol. 1. Cap. 13: 489-523.
- MENGIN, Jacqueline (e coll. de Gérard Masson) 1989. *Guide du développement local et du développement social*. Paris: L' Harmattan.
- MERCIER, Paul 1986 [1966]. *História da Antropologia*. Lx: Teorema.
- MERLANT, B. 1980. «Processus d'élaboration de l'identité dans une expérience de formation de groupe». *Service Social dans le monde*. n.º 1: 4-7.
- MESSU, Michel 1987. *Le statut social d'assisté*. Paris: Université de Paris V. Thèse de doctorat d'Etat.
- 1989 «L'utilisation des services sociaux: de l'exclusion à la conquête d'un statut». *Rev. Fran. de Sociologie*. XXX : 41-55.
- MÍNGUEZ, César González (Ed.) 1993. *La Otra Historia: Sociedad, Cultura Y Mentalidades*. Bilbao: Servicio Editorial Universidade del Pais Vasco/Argitarapen Zerbitzua Euskal Herriko Unibertsitatea.
- MINISTÉRIO de SAÚDE e ASSISTÊNCIA 1965. *Desenvolvimento Comunitário. Seminário de estudo sobre desenvolvimento comunitário e técnicas auxiliares de promoção comunitária*. Lx: Inst. Assistência à Família.
- MOLES, Abraham (em col. com Elisabeth Rohmer) 1995 [1990]. *As Ciências do Impreciso*. Porto: Afrontamento.
- MOLLAT, Michel 1978. *Les Pauvres au Moyen Âge*. Paris: Hachette.
- 1970. *Les Pauvres et la Société médiévale*. Moscou: ed. Naouka.
- MONGARDINI, Carlo 1994. «Naissance d'une Sociologie Européenne». In Guth (Dir.). Tome III: 17-24.
- MONREAL, Pilar 1996. *Antropología y pobreza urbana*. Madrid: Los Libros de la Catarata.
- MONTERO, Maritza 1996. «Identidad social negativa: un concepto en busca de teoría». In Morales *et al.*: 395-415.
- MORALES, J. Francisco (Coord.) 1994a. *Psicología social*. Madrid: McGrawHill/ Interamericana de España.
- e HUICI, Carmen 1994b. «Las Relaciones entre Grupos». In Morales (Coord.). Cap. 28: 717-745.
- e LÓPEZ-SÁEZ, Mercedes; VEGA, Laura 1996a. «Discriminación y creencias sobre la discriminación en

- individualistas y colectivistas». In Morales *et al.* : 379-394.
- e PÁEZ, Darío; DESCHAMPS, J. C; WORCHEL, S. 1996b. *Identidad Social. Aproximaciones psico-sociales a los grupos y a las relaciones entre grupos*. Valencia: Promolibro.
- e REBOLLOSO, Enrique; MOYA, Miguel 1994c. «Actitudes». In Morales (Coord.). Cap. 18: 495-524.
- MORENO, Humberto Baquero 1985. *Marginalidade e Conflitos Sociais em Portugal nos séculos XIV e XV*. Lx: Presença.
- MORIN, Edgar 1999 [1997]. *Amor. Poesia. Sabedoria*. Lx: Instituto Piaget.
- (s. d.) [1982]. *Ciência com Consciência*. Lx. Europa-América.
- 1995 [1990]. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lx: Instituto Piaget.
- 1981. *Pour sortir du XXe siècle*. Paris: Nathan.
- MOROKVASIC, Mirjana 1993. «'In and out' of the labour market: Immigrant and minority women in Europe». *New community*. 19 (3): 459-483.
- MOSCOVICI, Serge (Dir.) 1972. *Introduction à la Psychologie Sociale*. Paris : Librairie Larousse. vol I.
- 1979. *Psychologie des minorités actives*. Paris: PUF.
- e DOISE, Willem 1992. *Dissensions et Consensus*. Paris: PUF.
- MOURA, Mireille de (Dir.) 1990. *Psychologie Sociale – Travaux Dirigés*. 1^a ed. Paris: Eyrolles Université.
- MOUTINHO, Mário C. 1980. *Introdução à Etnologia*. Lx: ed. Estampa.
- MOYA, Carlos 1982 [1971]. *Teoría Sociológica: una introducción crítica*. 2.^a ed. Madrid: Taurus ediciones.
- MUBIKANGIEY, L. 1980. «L'identité et l'acculturation de l'étudiant africain». *Service Social...* n.º 1: 26-30.
- NAKBI, Jean-Louis 1995. «Processus de stabilisation de l'image de soi – une approche cognitive d'un sentiment d'identité». *Les Sciences de l'Education pour l'Ere Nouvelle*. n.º 4 : 51-80.
- NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia 1992. «Comparação Social. Identidade Grupal e Identidade Profissional: um Estudo com Bancários». *Psicologia*. VIII. n.º 3: 375-384.
- NAVARRO, Pablo e DÍAZ, Capitolina 1994. «Análisis de Contenido». In Delgado y Gutiérrez (Coords.), Cap. 7; 177-233.
- NETO, Maria de Lurdes do Carmo 1963, “Assistência Pública”. In Joel Serrão (Dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Lx: Iniciativas ed. vol. I: 234-236.
- NETO, Félix e Neto, Lurdes 1990. «Conhecimento dos Estereótipos Sexuais: efeitos do sexo e do nível sócio-cultural em crianças portuguesas dos jardins de infância». *Revista Portuguesa de Pedagogia*. n.º 24: 123-141.
- NUNES, Adérito Sedas 1992. *História Dos Factos e Das DouTrinas Sociais – da Formação Histórica do Capitalismo ao Marxismo*. 1^a ed. Lx. Presença.
- 1982 [1963]. *Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais*. 7.^a ed. Lx. Presença/GIS.
- NUTTING Jr, Josef M. 1972. «Changement d'attitude et roleplaying». In Moscovici (Dir.) I, Chap. I: 13-58.
- OAKES, Penelope; HASLAM, S. Alexander; TURNER, John C. 1996. «Un análisis de la prototipicidad desde la perspectiva de la categorización del yo». In Morales *et al.* : 111-139.
- OFFERLÉ, Michel 1994. *Sociologie des Groupes d'intérêt*. Paris : Mont-chrestien.
- OREL, Tufan 1984. «Sociologie de la connaissance et de la science». *Sociétés*. n.º 2 (1/1984): 22-24.
- ORTEGA, Ramón Vargas-Machuca 1994. «Democracia e Igualdad». In Varcácel (Comp.): 49-63.
- ORTÍ, Alfonso 1994. «La Confrontación de Modelos y Niveles Epistemológicos en la Génesis e Historia de la Investigación Social». In Delgado y Gutiérrez (Coords.), Cap. 3: 85-95.
- OZAWA, Martha N. (Ed. By) 1989. *Women's life cycle & economic insecurity: problems and proposals*. New York: Praeger Publishers.
- PÁEZ, Darío; MARQUES, José e INSÚA, Patricia 1994. «Características de la información social». In Morales (Coord.). Cap. 7: 213-235.
- *et al.* 1996. «Identidad, autoconciencia colectiva, valores individualistas-colectivistas y regulación de la conducta». In Morales *et al.*: 221-246.
- PAILLÉ, Pierre e MUCCHIELLI, Alex 2003. *L'analyse qualitative en sciences humaines et sociales*. Paris: Armand Colin.
- PARKIN, Frank 1996 [1982]. *Max Weber*. Oeiras: Celta.

- PARSONS, T; BALES, R. F. (em col. com Zelditch, M, Olds, J. e Slater, P.) 1955. *Family. Socialization and Interaction Process*. Glencoe: The Free Press.
- PASCAL, Blaise 1954 [1670]. «Pensées». (Textos estabelecidos e anotados por Jacques Chevalier. Paris: Gallimard. «Bibliothèque de la Pléiade. Œuvres complètes»: 1091-1093). In Bruno Deshaies 1997. *Metodologias de Investigação em Ciências Humanas*. Lx: Instituto Piaget: 77-79.
- MACHADO, Patrícia e CEIA, Carlos 2008. *Estudos Sobre As Mulheres*. In http://www.fesh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estudos_mulheres.htm acessado a 27 Fev/2008.
- PATTON, Michael Quinn 1987. *How to Use Qualitative Methods in Evaluation*. 2.^a ed. Londres: Sage.
- PAUGAM, Serge 1994. [1991]. *La disqualification sociale. Essai sur la nouvelle pauvreté*. 3.^a ed. rev. Paris: PUF.
- 1991. «Les Statuts de la pauvreté assistée». *Rev. Fran. de sociologie*. XXXII : 75-101.
- PAULUS, P. (Ed.) 1989. *Psychology of group influence*. New Jersey: Lawrence E. Associates.
- PEDRO-RÊGO, Patrícia 1993. «O Associativismo e a Identidade Cultural: Uma Perspectiva Localista». *Economia e Sociologia*. n.^a 55. Évora: 177-194.
- PEQUINOT, Bruno 1991. «Les femmes dans le roman sentimental moderne». *L' Homme et la Société. Femmes et sociétés*. n.^o 99/100. XXV.^e 1991/12: 115-125.
- PERALES, Cesar A. e YOUNG, Lauren S. (Guest Eds.) (199?) «Women. Health and Poverty». *Women & Health*. vol. 12. n.^os: 3/4.
- PEREIRA, Amando J. A. 1992. «A Identidade (Uma Abordagem Dinâmica)». *Infância e Juventude*. 2: 71-79.
- PEREIRA, Marcos Emanuel 2002. *Psicologia Social dos Esterótipos*. S. Paulo: E.P.U.
- PERISTA, Heloísa 1994. «A Mulher e a Imagem da Cidade/Abordagem Histórica». In DAGAI/CML (Org.) *Forum. As Mulheres e a Cidade. Intervenções*. Lx: CML - DAGAI/Dep. de Acção Social: 115-121.
- e GOMES, M.^a Emília; SILVA, Manuela 1992. *A Pobreza no Feminino na Cidade de Lisboa*. Lx: CIDM.
- PERNAT, Annemie 1990. «Les Femmes Rentrantes: un groupe à risque comme nul autre». *Service Social...* n.^o 12: 67-70.
- PINTO, Amâncio da Costa 1992. «Medidas de Categorização de Produção e de Tipicidade». *Jornal de Psicologia*. vol. 10. n.^o 3: 10-15.
- PINTO, José Madureira 1991. «Considerações sobre a produção social de identidade». *Revista Crítica de Ciências Sociais* (Comunicações ao 1.^o Congresso Luso-Afro-Brasileiro) n.^o 32. Junho: 217-231.
- 1978. *Ideologias: Inventário crítico de um conceito*. Lx: Presença/ICS.
- 1993. *Propostas para o Ensino das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone e RAYBAUT, Paul 1995 [1983]. *Histórias de Vida. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.
- PONS, Birules 1993. «Genere I Pobreza». *Duoda. Revista D'Estudis Feministes*. n.^o 5: 21-50.
- POPPER, Karl R. 1991. *Um Mundo de Propensões*. Lx: Editorial Fragmentos.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van 1999 [1988]. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2.^a ed. Lx: Gradiva.
- RAMALHO, M. Irene 2001. «A sogra de Rute ou intersexualidades?». In Santos (Dir.). Vol. 1. Cap.14: 525-555.
- RAY, Jean Claude *et al.* 1988. «Les politiques de lutte contre la pauvreté». In Jean Claude Ray *et al.* *Analyse des politiques sociales*. Paris: PUF: 329-369.
- REBOLLOSO, Enrique 1994. «Conducta Colectivaa y Movimientos Colectivos». In Morales (Coord.). Cap. 30: 763-800.
- REIMÃO, Cassiano; MADUREIRA, Virgílio e MUÑOZ, M. Luísa 1980 [1971]. *Dicionário de Psicologia*. (versão portuguesa). Lx/São Paulo: Verbo.
- REVEYRAND, Coulon Odile 1994. «Esquisse pour un éloge des marges, là où les disciplines se rencontrent». In Blomart e Krewer (Testes réunis par): 90-100.
- REYNOSO, Carlos 1992a. «Presentación». In Reynoso (Comp. de): 11-60.
- (Comp. de) 1992b. *El surgimiento de la Antropologia Posmoderna por G. Geertz, J. Clifford y otros*. Barcelona: ed. Gedisa SA.
- REZSOHAZY, Rudolf 1988 [1985]. *El Desarrollo Comunitario. Participar, programar, innovar*. Madrid: NAR

- CEA. SA. de Ediciones.
- RICH, Adrienne 1983. *Sobre mentiras, secretos y silencios*. Barcelona: Ed. Icaria. Citações acessíveis in <http://doutamente.blogspot.com/2008/05/mulher-um-mal-necessario-relegado-pa-ra.html> e <http://emedeamar.blogspot.com/2007/04/sobre-mentiras-segredos-e-silencios.html>
- RICOEUR, Paul 1988. «Indivíduo e identidade Pessoal». In AAVV 1988: 65-85.
- RIECHMANN, Jorge e BUEY, Francisco Fernández 1995 [1994]. *Redes que dan libertad. Introducción a los nuevos movimientos sociales*. 2.^a ed. Barcelona: Paidós Ibérica. SA.
- ROCA, J. García 1994. *Solidariedad y voluntariado*. Maliaño, Cantabria: Editorial Sal Terrae.
- et al. 1996. *Exclusión Social y Cristianismo*. Madrid: Editorial Nueva Utopía.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz 1990. «Migrants et espaces de migration: cadres conceptuelles de référence culturelle». *Sociétés*. n.º 29: 37-44.
- RODGERS, Harrell R. Jr. 1986. *Poor women, poor families. The economic plight of America's female-headed households*. New York/London: M. E. Sharpe. Inc.
- RODRIGUES, Eduardo Ferro 1998. «Integração e Exclusão Social: Portugal e as Duas Europas da Europa». In AAVV. *Colóquio Internacional - Portugal na Transição do Milénio*. Lx: Fim de Século Edições: 289-299.
- RODRIGUES, Luísa Machado 1990. «Problemática da identidade: perspectivas psicológicas: identidade e adolescência». *Saúde e Escola*, 7. Dez.: 8-10.
- RODRIGUES, Walter 1989. «Comunidade Caboverdeana: marginalização e identidade». *Sociedade e Território - Revista de Estudos Urbanos e Regionais*. Porto. 3 (8). Fev: 96-103.
- ROMÃO, Maurício E. C. 1982. «Considerações sobre o conceito de pobreza». *Revista Brasileira de Economia*. vol. 36 (4): 355-370.
- ROWLAND, Robert 1987. *Antropologia. História e Diferença*. 1.^a ed. Porto: Afrontamento.
- RUDOLF, Florence 1995. «Le risque comme métaphore de la modernité avancée». *Sociétés*. n.º 48: 163-176.
- SAINSAULIEU, Renaud 1988 [1977]. *L'identité au travail - Les effets culturels de l'organisation*. 3.^a ed. Paris : Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques.
- SALAZAR, José Miguel 1996. «Identidad social e identidad nacional». In Morales et al. : 495-515.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. 2006. *Metodologia De Pesquisa*. S. Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil
- SANTAMARINA, Cristina e MARINAS, José Miguel 1994. «Histórias de Vida e Historia Oral». In Delgado y Gutiérrez (Coords.), Cap. 10: 257-285.
- SANTOS, A. M. Nunes dos (Trad. e Notas) 1990. *Werner Heinsenberg*. Lx. Gradiva.
- SANTOS, Boaventura de Sousa 1991. «Ciência». In Manuel Maria Carrilho (Dir.). *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*. Lx: Dom Quixote: 23-43.
- 2000. *A Crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da experiência*. Porto: Afrontamento.
- 1988. *Um Discurso sobre as Ciências*. 2.^a ed. Porto: Afrontamento.
- 1989. *Introdução a uma ciência pós-Moderna*. Porto: Afrontamento.
- 1994. *Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 2.^a ed. Porto: Afrontamento.
- (Dir.) 2001. *A Sociedade Portuguesa perante os desafios da Globalização*. Porto: Afrontamento. 7 vols.
- SARACENO, Chiara 1993. «The feminization of poverty as an outcome of the gender division of labour». In AAVV. *Construir a Igualdade. Actas...* Lx: CIDM: 97-122.
- SCHEFF, Thomas J. 1990. *Microsociology. Discourse, Emotion and Social Structure*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- SCHLESINGER, Philip 1990. «L'identité Nationale. De l'incantation à l'analyse». *Hermès*. 8-9: 201-239.
- SCHOLEM, Gershom 1980. «L'identité juive». *Actes...* n.º 35: 3-19.
- SCHRADER, Fred 1991. «La constitution sociale du sujet et la sociabilité moderne. Un questionnement historique de la sociologie de la connaissance». *L'Homme et la Société...* n.º 101: 69-77.
- SEIXAS, Maria José Mettelo de 1995. «A reconstrução identitária do professor português na Suíça». *Educação. Sociedade & Culturas*. Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação. n.º 3: 73-95.
- SELIM, Monique 1987. «La famille interdite». *L'Homme et la Société...* n.º 83: 68-77.
- SERINO, Carmencita 1996. «Identidad social y comparación Yo/Otros: puntos de vista integradores sobre el

- continuo personal-social». *In Morales et al.*: 167-198.
- SERVICIO NACIONAL DE LA MUJER/CHILE 1993. «Mujeres Pobres: entre los mas vulnerables». *Mujer*. n.º 6: 10-12.
- SILVA, Augusto Santos 1988. *Entre A Razão E O Sentido – Durkheim, Weber e a Teoria das Ciências Sociais*. 1.^a ed. Porto: Afrontamento.
- 1990. «A ruptura com o senso comum nas ciências sociais». *In Silva e Pinto (Orgs.)*: 29-53.
- e PINTO, J. Madureira (Orgs.) 1990a [1986]. *Metodologia das Ciências Sociais*. 4.^a ed. Porto: Afrontamento.
- 1990b. «Uma Visão Global Sobre as Ciências Sociais - Introdução». *In Silva e Pinto (Orgs.)*: 9-27.
- SILVA, M.^a Manuela da 1962. *Desenvolvimento Comunitário. uma técnica de progresso social*. Lx: AIP.
- 1998. «Integração e Exclusão Social: Portugal e as Duas Europas da Europa». *In AAVV. Colóquio Internacional - Portugal na Transição do Milénio*: 273-287.
- e COSTA, A. Bruto da (Coords.) 1989. *Pobreza Urbana Em Portugal – Um inquérito a famílias em habitat degradado, nas cidades de Lisboa, Porto e Setúbal*. Lx: CRC / Cáritas Portuguesa.
- e RASGADO, Sofia 1999. *Pobreza e Exclusão Social – a Investigação em Portugal (1975-1999). Inventário Bibliográfico*. Lx: CCEsis.
- SIMON, Pierre-Jean (s. d.). *História da Sociologia*. Porto: Rés editora.
- SIMMEL, Georg 1991a. «Comment les formes sociales se maintiennent». *In Georg Simmel (1991) [1981]. Sociologie et épistémologie*. (Introd. de Julien Freund) 2.^a ed. Paris: PUF: 171-206.
- 1991b. «La différenciation sociale». *In Simmel (1991)*: 207-222.
- 1991c. «Le domaine de la sociologie». *In Simmel (1991)*: 83-105.
- 1991d. «Essai sur la sociologie du sens». *In Simmel (1991)*: 223-238.
- 1991e. «L'individu et la société dans certaines conceptions de l'existence du XVIII.^e et XIX.^e siècle. Exemple de sociologie philosophique». *In Simmel (1991)*: 137-160.
- 1991f. «de niveau social et le niveau individuel. Exemple de sociologie générale». *In Simmel (1991)*: 107-119.
- 1991g. «Le problème de la sociologie». *In Simmel (1991)*: 163-170.
- 1991h. «La sociabilité. Exemple de sociologie pure et formale». *In Simmel (1991)*: 121-136.
- SINGLY, François de 1995. «Introduction: la tension entre le populisme et le misérabilisme dans les recherches sur les genres». *In EPHESIA CONSEIL SCIENTIFIQUE, La Place des Femmes. Les enjeux de l'identité et de l'égalité au regard des sciences sociales* 115-120. Paris: Éditions La Découverte: I. De L'identité – 1. Construction des Identités Féminines et Masculines.
- SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. 1991. «Sujet et identité». *L'Homme et la Société...* n.º 101: 41-47.
- SOCIUS 1980. «Le besoin d'être soi-même». *Service Social...* n.º 1: 1-2.
- SOEST, Ruud van; e VERDONK, Broos 1984. *Ethnic Identity. A study of the concept and some theories of ethnicity*. Rotterdam: Institut voor Preventieve en Social Psychiatrie. Erasmus Inversiteit.
- SOKAL, Alan e BRICMONT, Jean 1999 [1999]. *Imposturas Intelectuais*. Lx: Gradiva.
- SOTO, Esperanza S. e VILLENA, Manuela P. 1993. «El Cliente en el Trabajo Social. Cuestiones conceptuales y análisis tipológico». *Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social*. n.º 2: 101-117.
- SOULET, Marc-Henry 1980. «Identité collective et résistance au changement dans les sociétés rurales». *Service Social...* n.º 1: 31-34.
- SOUSA, Daniel de 1977. *Introdução à Sociologia*. Lx: Livros Horizonte.
- 1981. *Sociologia Contemporânea – Uma Análise Crítica*. Lx: Livros Horizonte.
- STEINER, George 2002 [2001]. *Gramáticas da Criação*. Lx: Relógio D'Água.
- STOETZEL, Jean 1963. *La psychologie sociale*. Paris: Flammarion.
- TABOADA-LEONETTI, Isabel 1990. «Stratégies identitaires et minorités: le point de vue du sociologue». *In Camilleri et al.*: 43-83.
- TAJFEL, Henri 1972. «La catégorisation sociale». *In Moscovici (Dir.)*. vol 1. Cap. 8: 272-302.
- 1982 [1981]. *Grupos Humanos e categorias sociais*. Lx: Livros Horizonte. 2 vols.
- TARRIUS, Alain 1992. *Les Fourmis D'Europe. Migrants riches. Migrants pauvres et nouvelles villes internationales*. 1.^a ed. Paris: L'Harmattan.

- TAVARES, M.^a José P. Ferro 1989. *Pobreza e Morte em Portugal na Idade Média*. Lx: Presença.
- TAVISS, Irene 1969. «La Futurologie et le problème des valeurs». *Revue Internationale des Sciences Sociales*. vol. XXI. n.º 4: 618-629.
- TAYLOR, S. J; BOGDAN, R. 1998 [1984]. *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona: Paidós.
- THOMAS, Louis Vincent 1977. «A Etnologia. Mistificações e Desmistificações». In François Châtelet (Dir.) *A Filosofia Das Ciências Sociais – de 1860 aos nossos dias*. Lx: D. Quixote. VII.º Vol: 113-170.
- TORNS, T; ARTILES, A. Martín 1994. «La tolérance sociale du chômage des femmes». *Actes de la rencontre/ Femmes. Trajectoires d'Emploi*. Debat Européenne: 85-89.
- TORRES, Anália 1987. «Mulheres. Divórcio e Mudança Social». *Sociologia...* n.º 2: 117-156.
- e GUERRA, Isabel; QUINTELA, João; CAPUCHA, Luís 1994. «Dinâmica dos Projectos de Luta Contra a Pobreza: problemas e percursos da intervenção». In APS. *Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do IIº Congresso de Sociologia*. Lx: ed. Fragmentos: 695-709.
- TOSCANO, M.^a de Fátima 1992a. «Os conceitos de Pobreza como categorias de análise sociocêntrica uma leitura das abordagens sociocêntricas do industrialismo». *Forum Sociológico*. n.º 1: 121-155.
- 1993a. «A Constituição dos Pobres como Grupo Social na Idade Média: a linguagem quotidiana como indicador». *Forum Sociológico*. n.º 3: 213-221.
- 1990. «Descobertos. Mas Não «Descobridos»: mecanismos de (des)-integração dos imigrantes africanos em diáspora em Lisboa - leitura sociológica de um caso de intervenção». *Comunicações ao Colóquio Viver (N) A Cidade*. Lx: LNEC/NEUT 18 a 20 Out.: 73-90.
- 1994. «Destinos Fatais e Utilidade Social». *Dinâmicas Multi-culturais: novas faces. outros olhares. Actas das sessões temáticas do IIIº Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Lx: ICS, Vol. II: 325-342.
- 1993b. «Dimensões Sociocêntricas dos Estudos Sociais em tomo dos “Grupos Pobres”». In APS. *Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia*. Lx: Fragmentos. vol. II: 303-319.
- 1995a. «O Direito a ser pobre: A construção social do direito a ser pobre é uma herança medieval - I.^a parte». *Forum Sociológico*. n.º 6: 141-153.
- 1989a. «A Guerrilha e o Guerrilheiro - problemas reais e simbólicos dos técnicos de intervenção no real». *Revista de Ciência, Tecnologia e Sociedade*. Lx. ACTD/CTS: 6-74.
- 1989b. «Memórias de uma carta adiada - anacronismo ou actualidade da V. L. a propósito dos estereótipos sociais sobre a condição da mulher». *Revista Académica Via Latina - Suplemento*. Coimbra: 12-15.
- 1993c. *Pobres: Destinos Fatais E Utilidade Social – por uma Sociologia da Acção Histórica*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa. Lx: Universidade Nova de Lisboa. Dep. de Sociologia da FCSH. 546 pp. + Bibliog. 81 pp. + Índ. de Temáticas, 12 pp. + Índ. de Autores, 13 pp. + Índ. Geral, 10 pp. + Anexos a, b, c, 54 pp. + Anexo d, 10 ilustr. (doc. polic.).
- 2002a. «Racionalidades Complexas. Trajectórias. Reinclusão Social: Esmeralda - um Processo Social de Reconstrução Identitária». *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*. Lx: Associação Portuguesa de Sociologia. Versão em CD (disponível também on line no sítio da APS), 23 pp.
- 1995b. [1990] «A Sociologia. Prática de Investigação e de acção». *Experiências e Papéis Profissionais de Sociólogos*. 2.^a ed. Lx: Associação Portuguesa de Sociologia: 101-125.
- 2002b. «Maria Luisa Ribeiro Ferreira (Org.). 2001. “Também Há Mulheres Filósofas. Resenha”». *Interações*. n.º 2 Abril 2002: 154-157.
- TOURAINÉ, Alain 1987. *Actions et Recherches Sociales. Réseau Inter-universitaire de Formation de Formateurs “Travailleurs Sociaux”*. Univ. Paris Val-de-Marne. Décembre. n.º 4.
- 1992. *Critique de la Modernité*. Paris: Fayard.
- 1976. *Em defesa da Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar ed.
- 1998 [1978]. *Iguais e Diferentes. Poderemos viver juntos?* Lisboa: Instituto Piaget.
- 2005. *Un nouveau paradigme. Pour comprendre le monde d'aujourd'hui*. Paris: Fayard.
- 1984. *Le retour de l'Acteur - Essai de Sociologie*. Paris : Fayard.
- 1965. *Sociologie de l'Action*. Paris: Ed. du Seuil.

- 1978. *La Voix et le Regard*. Paris: Ed. du Seuil.
- TOWNSEND, Peter 1979. *Poverty in the United Kingdom A survey of household Resources and standards of living*. New York: Penguin Books.
- TRIPODI, Tony; FELLIN, Phillip e MEYER, Henry 1981. *Análise da Pesquisa Social. Diretrizes para o uso de Pesquisa em serviço social e Ciências Sociais*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed. SA.
- TURATO, Egberto Ribeiro 2003. *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa. Construção teórico-epistemológica. discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- UNIFEM 1995. *¿Cuanto cuesta la Pobreza de las Mujeres?: una Perspectiva de America Latina Y el Caribe*. Mexico: UNIFEM.
- VALA, Jorge 1990. «A Análise de Conteúdo». In Silva e Pinto (Orgs.). Capítulo IV: 101-128.
- VARCÁCEL, Amelia (Comp.) 1994. *El Concepto de Igualdad*. Madrid: Editorial Pablo Iglesias.
- VASQUEZ, Ana 1987. «Les avatars de l' "identité culturelle" étudiée chez des exilés politiques». *L' Homme et la Société – La mode des identités*. n.º 83 - Nouvelle série. 1.^{er} trimestre: 28-40.
- VATTIMO Gianni, et al. 1994. *En torno a la posmodernidad*. Barcelona: Anthropos.
- VERDÈS-LEROUX, Jeannine 1991 [1978]. *Le Travail Social* Paris. Paris: Minuit.
- VIEGAS, José M. Leite e COSTA, A. Firmino da (Orgs.) 1998. *Portugal, que modernidade?*. Oeiras: Celta.
- VIEIRA, Ricardo 1996. *Educação, tradição e mudança: histórias de vida, práticas e representações sociais*. Lx: ISCTE (Tese de Dout. em Antropologia Social), 2 vol.
- VIGUERA, Blanca Fernandez 1992. «Feminización de la Pobreza». In AA VV: 77-86.
- 1995. «Género Social y procesos de empobrecimiento». In AAVV: 73-89.
- 1991. «Pobreza Femenina Y Estructura Social». In CARITAS. *Dossier Pobreza y Desarrollo*. Madrid: Caritas Española: 51-66.
- VINCENT, Gilbert 1983. «Épistémologie et symbolique: la pauvreté et la théorie économique». *Actions et Recherches Sociales*. Every. 4: 67-83.
- XIBERRAS, Martine (Préf. de Julien Freund) 1994 [1993]. *Les Théories de L'Exclusion. Pour une construction de l'imaginaire de la déviance*. 3.^a ed. Paris: Méridiens Klincksieck.
- WAGNER, Wolfgang e ELEJABARRIETA, Fran 1994. «Representaciones Sociales». In Morales (Coord.). 32: 815-842.
- WALL, Karin 1992. «Pour une Sociologie des formes familiales dans la société rurale». *Familles et Contextes Sociaux: Les Espaces et les Temps de la Diversité*. Actes du Colloque de Lisbonne. 10-12 Avril (1991). Lx: GREF/CIES AISLF: 163-182.
- WALKER, Carol 1993. *Managing poverty. The limits of social assistance*. Londres e NY: Routledge.
- WEBER, Max 1990. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 3.^a ed. Lx: Presença.
- 1979. *O Político e o Cientista*. 3.^a ed. Lx: Presença.
- WIGNARAJA, Ponna 1990. *Women. Poverty and Resources*. Londres: Sage.
- WOLFF, Kurt 1988. «Fenomenología y sociología». In Bottomore e Nisbet (Comp.): 570-634.
- WORCHEL, Stephen 1996. «Las estaciones de la vida grupal. . . y su impacto en la conducta intergrupala». In Morales et al. : 287-321.
- ZAVALLONI, Marisa 1973. «L'identité psychosociale. un concept a la recheche d'une science». In Serge Moscovici (Ed.). *Introduction à la Psychologie Sociale*. Paris: Larousse. Tome II.
- 1974. «L'identité social subjective et l'étude du caractère national». *Etho-Psychologie*. II/III: 145-154.

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA



SOCIOLOGIA DAS IDENTIDADES, OFÍCIO DE *REVELAÇÃO*

Anexo Metodológico

Maria de Fátima Toscano

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutor em Sociologia

(regime especial de Apresentação ao abrigo do Art. 33.º do DL 74/2006 – DR 60 de Março 2006)

Julho, 2008

APÊNDICES DA INTRODUÇÃO GERAL

APÊNDICE 1 – MATRIZ TEÓRICA, PROBLEMÁTICA E NÍVEIS ANALÍTICOS, 1-4

APÊNDICE DA INTRODUÇÃO

APÊNDICE 1 – MATRIZ TEÓRICA, PROBLEMÁTICA E NÍVEIS ANALÍTICOS

1. DA MATRIZ TEÓRICA-UTENSÍLIO À PROBLEMÁTICA-UTENSÍLIO

Para além de *vasta*, sendo tal *Matriz Teórica complexa*, a conceptualização do objecto, ao longo de todo o CAPÍTULO UM, implicou um trabalho de escolhas e de opções para elaborar um *Quadro Teórico-Não Colete de Forças* (Paillé e Mucchielli 2003), ou seja, uma fundamentação o mais coerente e articulada possível, mas também problematizadora e inovadora. Assim, fizeram-se 3 grandes opções:

A 1ª opção, *selectiva*, consistiu em não autonomizar a exposição da *Problemática* "estudos sobre as mulheres". Considera-se suficientemente *explícita* a escolha das *sujeitos-mulheres* para este estudo, sendo a respectiva *Problemática invocada* ao longo das várias componentes do mesmo.

Paradoxalmente, a 2ª opção, por questões de coerência interna da pesquisa, foi *de abertura*. Com efeito, se a *questão de partida* conduz à *compreensão* das trajetórias sócio-identitárias de mulheres em PSD/R, pareceria inevitável que a fundamentação teórico-conceptual dialogasse e discutisse as mais pertinentes perspectivas da «pobreza». Porém, decidiu-se que nesse diálogo e nessa discussão não se autonomizaria a *Temática «pobreza»*, por se visar a experiência identitária da desqualificação social, focalizada em trajetórias identitárias exemplares.

Simultaneamente, não se esqueceram as leituras tendencialmente científicas das condições ditas *de pobreza* – e esta foi a 3ª opção, *selectiva*. De facto, toda a discussão do CAPÍTULO UM se fez, sempre, e só, a partir da selecção de *contributos* para a compreensão das identidades, ditas “*pobres*” e *no feminino*. A vinculação à *abordagem qualitativa sociológica* supunha que se desenvolvesse um olhar interpretativo desde o início da pesquisa. Deste modo, fez-se a *perspectivação conceptual* do objecto tomando as discussões sobre «pobreza» e *Desqualificação Social* como eixos orientadores da selecção e da discussão dos conceitos centrais. Opção que não nos coíbiu de problematizar, ainda na Introdução do CAPÍTULO UM, os nós centrais dos estudos sobre «a pobreza», subjacentes à construção e à exposição da nossa *Problemática*.

Para iluminar o caminho da fundamentação do *problema* e o modo de circunscrição lata do estudo – *mulheres-em PSD/R* – afiguram-se como os Níveis Analíticos desta pesquisa dois grandes enfoques das Ciências Sociais relativos aos *percursos conducentes à leitura científica da identidade social* (pessoal, colectiva, social) e da relação indivíduo-sociedade (agente, actor, sujeito). Das propostas seleccionadas por marcarem os grandes momentos da reflexão sobre identidade social e sujeito social, fazemos uma análise crítica dos conjuntos conceptuais coerentes e gradualmente complexificadores desses dois Níveis Analíticos; daí que se respeite a diacronia da respectiva produção, quando pertinente para a problematização. Apresentem-se, então, esses Níveis Analíticos.

2. PROBLEMÁTICA-UTENSÍLIO E NÍVEIS DE ANÁLISE

Nível Analítico A) Determinismos – sociais e psicológicos – d' A Identidade

Pretendemos “dar a ver”, no sentido heideggeriano, que a interpretação sociológica dos *modos de socializar* os indivíduos foi dicotomizada pelas perspectivas objectivista e subjectivista dos clássicos. As quais, por seu turno, se manifestam na (mais recente) *dicotómica visão sociológica das identidade sociais*, a saber: sobredeterminação das componentes de *prescrição* identitária (identidade *externa*), *versus* sobrevalorização da racionalidade dos sujeitos sociais (identidade *subjectiva*).

Com efeito, se a perspectiva da *prescrição exterior* entende a produção-mediação de códigos-critérios diferenciadores e designadores das condições sociais, o vector analítico A) discute tal prescrição (*exterior, objectiva e estática*), no caso em estudo, de *mulheres-em PSD/R*, e prepara terreno para o aprofundamento, no vector analítico B), das perspectivas da *construção social dos processos identitários*.

Visando delinear com honestidade intelectual a *Problemática* fundamentadora da pesquisa, invocámos o, ainda em aberto, debate conceptual dos processos de classificação individuais, inter-individuais e sociais, pois teve de reconhecer-se neste NA o lugar dos estudos da Psicologia Social: quer o do inovador Erik Erikson; quer os posteriores contributos das Teorias Psicológicas da Identidade Social, sobretudo os da Escola de Bristol (1^a PARTE, 6). Desse modo, veremos que na Psicologia Social foram inicialmente relegadas para 2.^o plano promissoras abordagens da *Identidade* como uma *gradual construção em ambientes sociais*: a) pela restrição ao quadro inter-grupal na análise das relações entre componentes sociais e pessoais da Identidade; e, paradoxalmente b) pelo fechamento cognitivista. Esta será a discussão da 1.^a PARTE do CAPÍTULO UM.

Nível Analítico B) As identidades no plural como Processos Transaccionais

Postula-se que a *construção social das identidades sociais ditas pobres* é um processo vivido (pensado, sentido, co-construído, consentido e/ou recusado, desejado-sonhado) no quotidiano, por indivíduos-sujeitos-sociais; processo que não é *reflexo* ou *determinação* de *um padrão dominante*, como não é a mera *soma*, nem *imitação*, nem *invenção isolada* de diferentes práticas *individuais*.

A esboçada concepção do trabalho científico leva-nos ainda a ter em conta o manancial de estereótipos que são socialmente veiculados em torno dos “*pobres*” e das *mulheres*. Sendo as *Trajectórias Sócio-Identitárias* o fulcro da nossa análise; e se, enquanto socióloga, não saberia assumir os debates psicológicos *em si*, a investigadora também não podia alhear-se, de todo, da difícil articulação entre *processos psicológicos* (motivacionais, afectivos, expressivos e cognitivos) e *processos sociais*. Atentar nessa interacção e na compreensão da discriminação psico-social, pode converter as perspectivas sobre estereótipos e preconceitos sociais em nossos instrumentos conceptuais de *alcance*

médio¹ ou num componente da nossa “*theoretical sensitivity*” – seguindo a interpretação dos contributos de Glaser e Strauss por Demazière e Dubar (1997, 51).

E se eleger o enfoque da construção das identidades sociais significa que não pode conceber-se a identidade como *estritamente pessoal* então, o privilegiar nas *Narrativas Biográficas* da *auto-atribuição* e da *auto-clas-sificação sociais*, fez-se enquanto *relatos* de *trajectos sociais exemplares*.

Assim, aprofundando a concepção das identidades como construções sociais, também realçamos neste NA abordagens interdisciplinares e inter-culturais centradas na *construção relacional-estratégica* das identidades. Re-situando a análise em particulares contextos e relações socialmente hierarquizados, os processos identitários podem passar a ser entendidos como dinâmicos, relacionalmente construídos, e desiguais:

- *Dinâmicos* pois, sendo condicionados e vivenciados social, colectiva e individualmente, e em diversos sentidos (*p. ex.*: reprodução, silenciosa legitimação, ruptura, mudança), passam a ser entendidos como *construções*. E considera-se que tais *construções sócio-identitárias* ocorrem ao longo de trajectórias espaço-temporais, em contextos e situações de dominação/subordinação, conformidade, contestação, ou denegação.
- *Desiguais*, porque são processos tecidos **com** distintos *recursos* estrategicamente accionados pelos actores com desiguais poderes, nesses contextos sociais e nas situações de interacção e construção sócio-identitária.

Ora, ao dizermos que a construção identitária² mergulha na dimensão sócio-relacional, remetemos para uma construção social complexa de características e atributos, simultaneamente «mental» e «material» já que, tais traços, são poderosos *pretextos de arrumação e diferenciação* sócio-quotidianas, sendo também vivenciados interna e externamente (de forma consciente ou inconsciente). Deste modo, a perspectiva da construção identitária enquanto *transacções* sócio-identitárias permite reequacionar algumas propostas clássicas. Permite, até, ultrapassar o paradigma dicotómico indivíduo-pessoal / sociedade-social discutido no NA A), mediante a *dupla recentragem* na reflexividade dos sujeitos – recentragem quer no *debate sociológico*, quer na *construção da vida social contemporânea*.

3. QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS SUBJACENTES

Dos debates epistemológicos referir-nos-emos, principalmente, a

a) *transposição* espontânea, ou *persistência*, de noções do saber prático para as perspectivas em análise – afigurando-se a naturalização, a individualização, a par do sócio-(etno-)centrismo e do androcentrismo, como os

¹ A *abertura* a algumas noções da Psicologia – por motivos objectivo-realistas (“*elas*” *existem* e são contributos marcantes para a nossa *Problemática*); e por razões deontológico-epistemológicas (há que as considerar, “*não devem*” *ser denegadas*) – não pode ter um estatuto central nesta dissertação, por duas razões de força maior: 1.^ª- a formação da autora é em Sociologia embora, em disciplinas que vem leccionando desde 2000, trabalhe as mais básicas noções da Psicologia Social; resultando de uma tarefa intelectual, a abordagem aqui feita, não tem fitos exaustivos, e é de tipo secundário, *i.e.*: fundamenta-se nos especialistas nas *Problemáticas*, e só pontualmente se trabalharam os autores originais; 2.^ª- a presente dissertação é em Sociologia.

² Para Dubar, a análise da construção identitária deve atentar nas suas formação e permanência — durabilidade, e/ou transformação.

obstáculos mais complexos de superar na análise do problema social das *mulheres-em PSD/R*;

b) antinomia entre dois enfoques: *i) exterioridade*: análise das estruturas, da produção, da estabilidade e mobilidade sociais; *ii) subjectividade*: análise das práticas, dos sentimentos e consciência colectivos, dos estilos de vida e da mudança social;

c) permanência de **b)**, na Sociologia (como nas outras Ciências Sociais), sob a forma de dois campos e pólos dicotómicos e *desequilibradores* da sua relação interna; exemplos destas *visões-limite radicais* são a sobre-valorização do campo *bi)* em detrimento de alegadas «menoridade», «singularidade» ou «carácter não concreto» das segundas vertentes; ou a simétrica alegação da supremacia do campo *bii)* na compreensão do primeiro.

Entendemos, pois, que à Sociologia não cabe só elucidar sobre os modos e os conteúdos do *ser, pensar, agir*, sentir e sonhar histórico-colectivos, como ainda lhe compete re-categorizar (desmontar, desconstruir e reconstruir) as mesmas *experiências sociais*. E tão mais forte é esta última responsabilidade, quanto mais certas representações sejam socorridas por falsos argumentos como o da *naturalidade determinística e insolucionável*; como o das competências exclusivamente *singulares*; ou o da *ocasionalidade inexplicável*.

Desvelando que os factos sociais são *obra humana*, a actividade sociológica empenha-se, paralelamente, em desvelar a sua *relatividade*. E é aí que a Sociologia reforça a sua pertinência, ao desvelar ainda que tais práticas sociais são, não só *construídas*, como também *mutáveis* – porque, se são relativas aos espaços-tempos sociais, podem, deste modo, *interpretar-se* (*contextualização, desconstrução e reconstrução*). Adequando esta opção epistemológica ao presente «objecto», obtém-se: *Se* os fenómenos sociais, entre os quais os PSD/R, são o *trabalho relacional* da acção social; *e se*, por isso mesmo, os fenómenos sociais são passíveis de ser transformados e reorganizados em diversos *sentidos*; *então*, também o fenómeno PSD/R pode ser re-categorizado e reorientado no sentido de uma *vida social decente* (Santos 1988, 37 e ss.).

A compreensão das *mulheres-em PSD/R* remete-nos para uma *leitura identificadora e desmistificadora dos preconceitos* – repita-se: não apenas oriundos nem veiculados pelo senso comum³ – que nos afastem do crítico *conhecimento profundo* da sociedade. Afastamento que, em consequência, dificulta a *aceitação* e a *convivência* entre actores diferentes num mesmo tecido social, como dificulta a *procura de soluções* que possibilitem a promoção de uma sociedade inclusora dos seus sectores mais fragilizados, todos os/as que continuam a ser *desqualificados/as* por serem *diferentes*.

Tenham os investigadores sociais *oportunidade, condições e lúcida imaginação sociológica* para poderem inovar os pontos de focagem, e, cremos, a Sociologia continuará a mostrar que *é todo o tecido social que está vivo e em projecto* – o que é exemplificado pelos *Casos* investigados. Precisam-se, sim, de novas configurações de *requilibrização* e, não mais, de *padrões de inclusão exclusivos e exclusivos* quer dos sujeitos no quotidiano complexo, quer das próprias abordagens sociais.

³ Trata-se de atentar nas categorias *vulgares, oficiais e sábias*, centrais na abordagem qualitativa adoptada (*cf.* CAPÍTULO DOIS).

APÊNDICES DO CAPÍTULO DOIS

APÊNDICE 2 - LINGUAGEM, POSTURAS SOCIOLOGICAS E PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS, 1-7

APÊNDICE 3 – FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA DO PROCESSO BIOGRÁFICO E GUIÃO, 1-7

APÊNDICE 4 – CRITÉRIOS-FACTORES-*GUIA*, p. 1

APÊNDICE 5 – ENTIDADES E PROFISSIONAIS *MEDIADORES* DO PROCESSO BIOGRÁFICO, p. 1

APÊNDICE DO CAPÍTULO DOIS, INTRODUÇÃO

APÊNDICE 2 – LINGUAGEM, POSTURAS SOCIOLÓGICAS E PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS

1. LINGUAGEM E CATEGORIZAÇÃO SOCIOLÓGICA

A *Postura Ilustrativa*, nas duas modalidades do “comentário” ou da “confirmação”, parte do entendimento da Palavra (e da acção social) como *reflexo* das *determinações* sociais (Dubar e Demazière 1997, 19 e ss.). Ao considerar que a linguagem dos inquiridos é vulgar-espontânea-impura-inferior e «*profana*» – ou seja, um «*instrumento de ilusão*»¹ – defende-se que só pode ser trabalhada através de uma leitura *objectiva*. Assim, subjaz a esta *Postura racionalista* um entendimento absolutamente *assimétrico* da relação entre investigador e sujeitos sociais: o investigador “*purifica*” as categorias *enviesadas* (por desconhecimento, ou por estratégia) dos inquiridos (1997, 81). O trabalho sociológico – por questionário e entrevista estruturada – é, portanto, entendida como uma tarefa de recorte, fragmentação ou decomposição das informações “vulgares” para as reorganizar em torno dos temas emergentes-endógenos ou prévios-exógenos. Esses temas constituirão uma grelha de análise *estável* para *todas* as entrevistas. Ao não admitir que cada discurso tenha *coerência singular* – pois recusa-se a análise das “razões” e dos mobilizadores da acção –, a mesma *Postura* considera estéril a actividade de atentar nas *lógicas* dos inquiridos, por entender que não permite que se aceda a algum *sentido* social.

Portanto, esta *Postura* trabalha pela *descontextualização das informações orais* através da análise transversal dos temas das entrevistas individuais (*p.ex.*: procedimentos fundadores da Análise de Conteúdo); e partilha, com os protocolos do Questionário Sociológico, a *lógica causal* do conhecimento e a concepção dos sujeitos sociais como «*actores-depósitos de informação*» (1997, 17 e ss; Poirier *et al.* 1995).

Por esta súpula da *Postura Ilustrativa* percebe-se que não se podia optar, aqui, pela inquirição directiva, dada a sua concepção da linguagem e do trabalho sociológico.

Havia, então, que deter a atenção nas outras duas *Posturas*: a de *Restituição*, postura empirista na vertente ‘etnometodológica’ e na «*dos documentos brutos*» (1997, 24 e ss.); e a *Postura Analítica*. Em ambas se reconhece a *consistência* das competências linguísticas das pessoas, se bem que de modos diferentes pois na *Postura de Restituição* as pessoas são concebidas como «*sujeitos individuais*», ao passo que são entendidas como «*sujeitos sociais*» na *Postura Analítica* (1997, 33 e ss.).

Com efeito, à partida, pareceram viáveis os três grandes argumentos de explicitação da *Postura de Restituição*, por Pierre Bourdieu². Porém, seguindo atentamente a discussão dos metodólogos implicados nos processos biográficos não poderia aderir-se a dois dos fundamentos da *Postura da Restituição*.³ São eles:

1) conceber a Palavra como *transparente*, segundo a subjacente *lógica comunicacional e estratégica* da Lin-

¹ Cf. Demazière et Dubar 1997, 23 e 75.

² Cf. Bourdieu 1993, 10- *Cit. In* Dubar e Demazière 1997, 30; (ainda nesta obra, ver as páginas seguintes).

³ Ver Dubar e Demazière 1997, 31 e ss; Poirier *et al.* 1995; e Paillé e Mucchielli 2003.

guagem. Sendo um argumento transversal às duas vertentes desta *Postura realista-objectivista* (1997, 80), ao inverter totalmente (1997, 24) a concepção da Linguagem-Palavra da *Postura Ilustrativa*⁴, incorre no obstáculo *Familiaridade e Transparência do Social* denunciado por Émile Durkheim e, curiosamente, assim renomeado por Pierre Bourdieu *et cols.* em “*Le métier de Sociologue*” (1968);

2) abdicar, aparentemente, «*du travail d’analyse, de comparaison et de synthèse des traits pertinents et caractéristiques du corpus.*» (1997, 31). Referiu-se como “aparente” a recusa da análise sociológica porque se constata que há uma efectiva elaboração por parte do investigador (1997, 32-33), nomeadamente: *i*) por um lado, porque advoga que a *mudez* (1997, 32) do sociólogo não é efectiva pois, à custa de considerar o trabalho analítico como *deformação e caricatura*, negam-se as operações centrais da pesquisa social – comparação, agregação, categorização – embora se utilizem critérios não explícitos para a escrita e transcrição (selectivas) dos discursos orais; *ii*) por outro porque, ao advogar tal *mudez* dos sociólogos, reproduz-se a visão populista da acção social (Monreal 1996; Paugam 1994); *iii*) finalmente, porque o trabalho de destrinçar «*la parole des gens*» da palavra do sociólogo devém ambíguo, incorrendo no perigo de diluir aquela e, conseqüentemente, confinar a sociologia à literatura (1997, 32-33).

Assim, três ordens de razões justificam a distância desta *Postura*: 1.^a- recusar a concepção da *transparência social da linguagem*; 2.^a- considerar incontornável a justificação dos critérios de categorização para análise das entrevistas de *mulheres-em PSD/R*; 3.^a- conceber estas como *sujeitos socialmente exemplares*, procurando não incorrer no *obstáculo individualista*.⁵

Conseqüentemente, só restava ajuizar quanto à adequação da *Postura Analítica* ao nosso processo de pesquisa.

A *Postura Analítica* atribui ao trabalho sociológico as tarefas de *contextualização* dos discursos para proceder à sua análise, pois considera que o *sentido subjectivo* daqueles se distingue da *mera significação linguística*. Como o mote para o trabalho analítico dos discursos orais é a centralidade da *análise da palavra no contexto*⁶ – «*La parole ne véhicule pas seulement des significations mais aussi des sens qui échappent à la seule analyse linguistique*» – a *Postura Analítica* tanto rejeita as perspectivas «*objectivistas do social*» quanto as perspectivas da inutilidade desse trabalho de análise⁷. Pelo contrário, aposta-se na análise sociológica como a reconstrução dos *mecanismos de produção* do sentido dos discursos e do seu próprio *sentido*, tendo em conta três tipos de categorias: *naturais, oficiais e sábias*⁸. Deste modo, a *Postura racionalista-estruturalista* (1997, 80) recusa a *transparência* da palavra dos sujeitos sociais e vincula-se à concepção de acção social adoptada na discussão do *Problema* de pesquisa (CAP. UM); ou seja: considera que os sujeitos accionam diversas lógicas de acção nas *situações de circunstancialização identitária*,

⁴ Pierre Bourdieu in *La Misère du monde* (1993, 8) não entende os actores sociais como «*uma curiosidade etnológica*» (cit. In Demazière e Dubar 1997, 31).

⁵ Cf. críticas de *déficit metodológico* aos manuais tecnicistas de metodologia qualitativa, por Demazière e Dubar (1997, 15 e 67).

⁶ A reflexão de Dubar e Demazière (1997, 34 e ss.) desenvolve e aprofunda as propostas de O. Ducrot (1972).

⁷ *Op. Cit.* 1997, 34-35. Englobam-se aqui os argumentos da *inacessibilidade* do sentido dos discursos e da *transparência* da palavra.

⁸ Demazière e Dubar (1997, 80) adoptam, criticamente, a tipologia «*de la démarche inductive formalisé par Glaser et Strauss*», a saber: a) categorias “*naturais*”; b) categorias “*oficiais*”; e c) categorias “*sábias*”. Cf., na mesma obra, pp. 54 e ss.; 76 e ss. e 307 e ss.

enquadradas por outros vectores macro-sociais e temporais. A afinidade da presente *linha de pesquisa* com as perspectivas de acção social e concepção da linguagem inerentes à apresentação da *Postura Analítica* por Demazière e Dubar («*Le langage ne décrit pas les phénomènes, il les constitue.*»)⁹, estabilizou a linha de coerência metodológica da pesquisa em mãos. Ao enveredar por uma *entrevista qualitativa* não directiva¹⁰, assente numa *relação de confiança*, possibilitaria que as entrevistadas construíssem o *relato (biografia)* dos *Momentos significativos* e da(s) posição(ões) social(ais) ao longo do tempo biográfico (*sentido subjectivo manifesto*). É que «*c'est par la catégorisation sociale mise en oeuvre dans un récit biographique que le sujet structure le sens de "son monde social", le produit et rend possible son appropriation par le sujet et son interprétation méthodique par le chercheur*» (1997, 37).

Face a esses *relatos*, o trabalho deveria destacar o sentido objectivo mediante procedimentos de *categorização «por contraste»* pois, seguindo a leitura de Feyerabend por Paillé e Mucchielli¹¹, «*les préjugés sont mis en évidence par contraste et non par analyse*» porque esta está sempre vinculada à visão do mundo, intocada, do/a investigador/a. Os procedimentos de categorização permitem aceder ao almejado *sentido subjectivo objectivado* que «*n'est donc rien d'autre que la structure de l'ordre catégorielle qui organise la production de son récit et la dynamique de son inscription dans cet ordre.*» (1997, 37). No fundo, ao procurar trabalhar com “dados” qualitativos entendiam-se estes como as informações «*de signification immédiate revêtant une forme discursive*», i.e.: os *discursivos significantes* na definição hermenêutica (Paillé e Mucchielli 2003, 19).

2. ORALITURAE ABORDAGEM QUALITATIVA

Ao salientar o contributo da Sociologia para a formulação da *Abordagem Biográfica-Oralitura* não deve esquecer-se que confluem, para esta, prestações de distintos Domínios, ao mesmo tempo que ela própria serve, fecundamente, a investigação em diversas *áreas* ou *domínios do conhecimento*. Refiram-se

- a) as *áreas sócio-culturais*, p.ex., contributos das vertentes qualitativas da Sociologia, da Antropologia e da História);
- b) os *domínios terapêuticos* – o *Método Psicanalítico* e seus desenvolvimentos (ortodoxos ou reflexivos, incluindo os feministas¹² – a *Terapia Familiar* de base *Sistémica*, ou as *Terapias Breves*;
- c) as *áreas da Comunicação e Linguagem*; e
- d) os *domínios Epistemológicos e Filosóficos*, incluindo debates Éticos e Ideológicos.

⁹ Noção de Ernst Cassirer datada de 1923 - *La Philosophie des formes symboliques. I. Le Langage*. (trad. Francesa de 1972. Paris: Éd. de Minuit 258, cit. In Demazière e Dubar 1997, 73).

¹⁰ Sobre os limites da Entrevista Directiva (*policia-inquisidora*) pode ver-se, entre outros: Esteves e Azevedo (Eds.) 1998; Santamarina e Marinas 1994; Poirier et al. 1995; Foddy 1996; Ghiglione e Matalon 1993; e Demazière e Dubar 1997, 7.

¹¹ P. Feyerabend 1979, 29, cit. In Paillé e Mucchielli 2003, 17-18; cf. tb aí a sistematização da noção de *visão do mundo* daquele autor.

¹² Ver a polémica de F. Belo (2001) sobre a discussão de Freud pela psicanalista e filósofa Luce Irigaray, e a sua interpretação da composição de *A República* de Platão (pp.193-199) e reclassificação do platonismo (pp.199 e ss.), como o primeiro pensamento feminista, há 24 séculos. Sobre a reflexão filosófica e epistemológica feminista ver Camo d'Orey (2001) sobre a “*re-concepção feminista da epistemologia analítica*”; e, sobre Mary Wollstonecraft e a “*educação da humanidade pelas mulheres*”, cf. Ferreira (2001), que tb aborda aí as duas posições da filosofia feminista: a igualitária e a radical. Cf. tb “Introdução” IN *Cahiers du Genre*, n.º 38 de 2005, por M. Akrich, D. Chabaud-Rychter e D. Gardey.

Não é por acaso que as “*áreas de destino*” da *Abordagem Biográfica* estão em *relação sistémica* com a sua autonomização; na verdade, constata-se uma dinâmica de *alimentação* e *rectro-alimentação* entre aqueles campos. Vejam-se algumas fontes de alimentação centrais da Abordagem Qualitativa Biográfica:

1- à partida, das *áreas da Comunicação e Linguagem* ressaltam *fluxos* de reflexão sobre

a. as funções da Linguagem, desde Yacobson e Berelson; passando por Blanchet, Durkheim e Lévi-Strauss, até R. Barthes;

b. os processos sócio-cognitivos, de que o contributo de Piaget é incontornável; e

c. os processos comunicacionais, com vínculo forte aos legados de Watzlavsky («*É impossível não comunicar*»);

2 - a *corrente* Psicanalítica (vertentes clássicas e críticas) *arrasta* consigo as dimensões pré-conscientes, conscientes e inconscientes do trabalho da complexa mente humana, desde então abrangendo a relação entre aquelas (Id, Ego e Super-Ego). Esta *corrente* ainda contribuiria para a articulação entre os vectores *simbólicos* e *imaginários*, na apreensão, na construção e na intervenção no *real*. Sendo estes conteúdos actualmente incontornáveis para as investigações orientadas para o *sujeito* e para a própria relação entre sujeitos, a sua importância tem também vindo a afirmar-se, de forma crescente, para a interpretação de fenómenos que, embora se manifestem a níveis mais latos, podem ser interpretados “em profundidade” pelos *testemunhos* (*orais*, ou não). Recordem-se, a título ilustrativo, os estudos do Psiquiatra Carl Jung sobre as religiões, as mitologias, e os arquétipos colectivos; ou, mais recentemente, as obras de sociólogos como a de Pierre Bourdieu (consumos culturais, trajectórias escolares ou percursos de exclusão); e de A. Touraine, sociólogo de filiação Lacaniana.

3 - ambos os tipos de *fontes* abordados em *i*) e *ii*) contribuíram para caracterizar o *Processo de Entrevista Qualitativa pela Abordagem Biográfica*, como se aqueles tipos de *fontes* tivessem sido sujeitos a uma espécie de *drenagem* pelas Metodologias da Investigação Social, da Sociologia em particular. Falamos de importantes protocolos como: *contrato comunicacional*; *posição* não inquisidora do *entrevistador*; *interacção* que deve ser não hierarquizada nem normativa (afinidades do *contexto de entrevista qualitativa* com o da “*entrevista clínica*”) e mediante uma *relação empática* e de confiança (afinidades do *contexto de entrevista qualitativa* com o da “*confissão*” religiosa); *dinâmica* da entrevista centrada na *oralidade*, e recurso, pelo *entrevistador*, aos 6 procedimentos ou “*Actos da Fala*”¹³;

4 - a *frescura* das *áreas sócio-culturais* marcou a preocupação da Investigação de *Problemáticas* como desigualdade, diferença, dominação e discriminação sociais, ainda estimulando o interesse pelas vertentes subjectivas daquelas, de que as obras de O. Lewis e R. Hoggart são paradigmáticas. Por fim, refiram-se

5 - os, aparentemente menos visíveis, *caudais subterrâneos* ou *implícitos* da *Epistemologia*, da *Filosofia* e das

¹³ Conceção iniciada pelo filósofo inglês John Austin (1911 – 1960) e desenvolvida por John Searle (1932-), que pode ser aprofundada in Alonso 1994. Consiste em identificar os três principais actos da fala do *entrevistador* (*declarações*, *perguntas* e *reiteraões*) em função dos dois *tipos de registo discursivos*: *referencial* e *modal*. Do cruzamento entre estes decorrem 6 *tipos de intervenção verbal* do *entrevistador*, a saber: Declarações-Complemento (*referencial*) ou Declarações-Interpretação (*modal*); Interrogações sobre o conteúdo (*referencial*) ou sobre a atitude (*modal*); e Reiteraões *referenciais* ou ‘efeito de eco’ do relato, e Reiteraões *modais* ou ‘efeito de reflexo’ do relato.

reflexões *Éticas*. Situam-se aqui contribuições nucleares para o reconhecimento de racionalidades, visões do mundo, constelações ideológicas, construções simbólicas e mitológicas para aceder

- a. à concepção da *reflexividade do sujeito social* – apropriada pela *Abordagem Qualitativa Biográfica* com a formulação de “sujeito-não-depósito de informações”;
- b. à concepção da própria *acção social* – na *Abordagem Qualitativa Biográfica*, sempre contextual e parcial, independentemente do âmbito transaccional;
- c. à concepção do *lugar* e da *posição relativa do investigador*, sujeito social e epistémico – pela *Abordagem Qualitativa Biográfica* sempre pensada na interacção dinâmica entre saberes formais e informais;
- d. às concepções ideológicas mais amplas, de que a discussão sobre *sistema mundo e globalizações* são, actualmente, ‘a questão’ mais evidente e complexa – e à qual também a *Abordagem Qualitativa Biográfica* tem trazido nítidos contributos (Santos (Org) 2001).

No seguimento desta argumentação entende-se que, embora nascida de um vasto trabalho empírico (talvez o limite mais vincado do seu processo de afirmação), a *Abordagem Qualitativa* já superou este limite. De facto, o esforço significativo das últimas décadas tem vindo a dar resultados notórios no que se respeita à coerência da sua fundamentação teórica e epistemológica – devendo salientar-se os contributos e a implicação da Sociologia. Reconhecida, hoje, como uma abordagem *útil e transversal* às práticas de *vários domínios* – da Sociologia à História, da Psicologia Social à Psicanálise, ou da Antropologia Social e Cultural à Ecologia Social – este filão do conhecimento afirma-se, actualmente, pela *linha de coerência* existente entre as *componentes conceptuais* e a *diversidade metodológica* das investigações por si dinamizadas. Pode mesmo dizer-se que ultrapassou o período da ‘adolescência’, durante o qual vigorou a – herdada da modernidade positivista – visão competitiva e discriminatória face a abordagens diferentes, e face a práticas preferencialmente estatísticas. De forma amadurecida, o trabalho da *Abordagem Qualitativa* contribui, a 3 níveis, para a problematização teórica, epistemológica e ética: *i)* quanto a âmbito, limites e objectivos do conhecimento científico; *ii)* quanto a lugar e práticas do sujeito, investigador reflexivo, na relação com as realidades sociais que interpreta; *iii)* e quanto a processos de construção social do conhecimento (formal e informal).

Por tudo isto, a nossa pesquisa vincula-se à *Abordagem Qualitativa Biográfica*.

3. RECONSTRUIR SENTIDOS SOCIAIS, (RE-)CATEGORIZANDO DISCURSOS ORAIS

Esta dissertação filia-se ainda no reconhecimento de que toda a actividade social e humana, porque relacional e contextualizada, assenta na busca e na construção de sentido. É, pois, a *actividade interpretativa* que guia, estrutura e potencia os modos sociais de *ser*, sentir, *pensar*, desejar, imaginar, sonhar e *agir*.

Considera-se aqui que as Ciências Sociais e Humanas se afirmam pela *tarefa intelectual* e pela *responsabilidade ética* de elaborar aproximações sucessivas à complexa realidade social, através do aperfeiçoamento e, se

necessário, da invenção de *perspectivas de leitura conceptual*, de *estilos* e de *instrumentos* para aceder às informações e as tratar com fins analíticos. Cabe-lhes pois, a *atenta e rigorosa observação* das práticas (em sentido lato) humanas e sociais, para melhorar a sua compreensão.

Observar e escutar-ler para traduzir conceptualmente implica trabalhar reflexivamente na sistematização de perspectivas científicas; estas, por sua vez, são provocadoras de novas linhas de interrogação ou de guiões exploratórios para pesquisas e análises futuras. Pelo que, a transposição impositiva de categorias dogmáticas do observador – sejam elas as de um «*quadro teórico-colete de forças*» e não um guia de observação rigorosa (Paillé e Mucchielli 2003, 25 e ss.); sejam as não assumidas, implícitas ou latentes, por inerência da vivência situacional e sócio-histórica do mesmo observador – tal transposição de categorias perverte a actividade das Ciências Sociais e Humanas como, de resto, a de todas as áreas científicas.

É esta consciência que permite reconhecer *duas características* da actividade científica: *i)* assenta na (e visa a) construção e re-adequação de mapas de leitura e de tradução do real (segundo K. Popper) – *mapas de interpretação do mundo*, para as abordagens qualitativas; *ii)* desenvolve-se a partir de guias científicos de observação dinâmica, sempre situados e sempre relativos a contextos, sócio-temporais, situacionais e civilizacionais, de investigadores e de observadores.

Chega-se, assim, a uma aparente encruzilhada de noções:

i) como não há actividade humana e social sem interpretação, as *Ciências* – incluindo as que estudam essas actividades¹⁴ – são, enquanto práticas humana e social, *actividades interpretativas*;

ii) como toda a actividade interpretativa é contextualizada, as *Ciências* – incluindo as que tomam como campo de estudo a realidade humana e social – desenvolvem um trabalho interpretativo e contextualizado *pelo menos* a 4 níveis¹⁵: 1- o dos critérios e escolhas do *contexto de partida* da observação (investigador-observador); 2- o do *contexto de observação* (critérios e categorias do investigador-observador face aos *observados*); 3- o do *contexto de chegada* (interpretação do sentido captado pelo investigador-observador); 4- e o do *contexto de divulgação-recepção* (critérios e interpretação do sentido da pesquisa pelos leitores, leigos ou não);

iii) como não há actividade humana e social sem interpretação, e sendo as Ciências Sociais e Humanas actividades *interpretativas contextualizadas*, o Conhecimento, para ser Científico, tem de considerar e atentar não só nos *contextos sociais de emergência e transformação da acção social*, como nos próprios *processos de atribuição-e-a-propriação*, como de *elaboração-e-reelaboração*, do *sentido*¹⁶, sem os quais a própria acção social não se realiza.

Podem parecer que, levando este raciocínio até às suas últimas consequências, seria inevitável optar nesta pesquisa pelo *pólo compreensivo-qualitativo* da *tradição dicotómica* das Ciências Sociais. Existe, contudo, como

¹⁴ Para aprofundamentos, cf. Santos (1988, 1989, 1991 e 2000); ver tb o desacordo argumentativo entre este autor e Paillé e Mucchielli, 2003.

¹⁵ Paillé e Mucchielli 2003, 37 e ss; Poirier *et. al.* 1995; W. Foddy 1996, e Le Huu Khoa 2000.

¹⁶ Argumento decorrente da aplicação que aqui se faz da perspectiva Biográfico-Relacional (Dubar 1991) às Ciências Sociais, as quais são, assim, entendidas como *Transacções Relacionais*.

se enunciou, uma “*outra*” posição com a qual se tentou aprender à medida que se elaborou a presente pesquisa, não apenas lendo e interiorizando a reflexão dos seus proponentes como também – e sobretudo – ensaiando o percurso para que apontam.

Essa “outra” posição – a, acima exposta, Postura Analítica – pareceu ser viável porque a sua fertilidade também é visível nos resultados dos estudos que tem originado, e os quais, enquanto investigações sociológicas, problematizaram, articuladamente, as componentes conceptuais e metodológicas da abordagem empírica realizada. Todavia, essa posição só pode tomar-se ou adoptar-se se conseguir perspectivar-se e olhar a realidade (social) de “outro” ponto de vista, que, por ser “outro”, nos parece “melhor” ao nível dos “resultados” e do rigor da análise sociológica. Enfim, “outro” ponto de vista porque, efectivamente, trata-se de refutar a lógica da prova (e a da falsificabilidade Popperiana), e a subjacente visão dicotómica (positivista) – lógica e visão que têm vindo a traduzir-se em vários obstáculos ao conhecimento social do social, como se argumentou no Capítulo UM.

APÊNDICES DO CAPÍTULO DOIS – APÊNDICE 3

FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA DO PROCESSO BIOGRÁFICO E GUIÃO

1. GUIÃO-LEMBRETE DA ENTREVISTA: QUESTÕES METODOLÓGICAS

1.1. Objectivos do Processo Biográfico e Sujeitos a investigar (amostra)

1) Objectivos

Os objectivos do Processo Biográfico consistiram em obter relatos de mulheres sobre ‘recortes’ de trajetórias de vida (*Récits de la Pratique*), de modo a caracterizar a experiência sócio-identitária dos sujeitos-mulheres que vivenciaram Processos Sociais de Desqualificação e Requalificação (sociais).

2) Sujeitos-Narradoras:

As sujeitos-narradoras a entrevistar foram sinalizadas e seleccionadas de entre mulheres portuguesas emigrantes em Espanha (País Basco) com percurso social de Desqualificação e de Requalificação Sociais, percurso esse reconhecido pelos profissionais da Administração e Instituições Sociais Bascas (Estado Espanhol), directamente interventores na ‘Luta Contra a Pobreza e Exclusão Sociais’ nos anos 80-90 (do séc. XX).

1.2. A Oralidade e seus Cenários (de temporalização e circunstancialização identitárias)

O Cenário para a co-construção dos relatos consistiu num contexto interactivo e relacional possibilitador da actualização identitária das Sujeitos-Narradoras; esta actualização identitária foi elaborada mediante um relato oral a partir dos quatro contextos da *temporalização* sócio-identitária (Dubar 1994), a saber: 1) construção (identitária); 2) consolidação (identitária); 3) reconhecimento (identitário); e 4) envelhecimento (identitário).

Sendo, estes, contextos de actualização identitária, também foram, simultaneamente, quatro contextos de *circunstancialização* (situações e contextos sociais) das transacções objectivas (‘exteriores’ e ‘interiores’) das sujeitos-mulheres, as quais se pretendia que viessem a desdobrar-se, enquanto *entrevistadas*, em *actoras*, *espectadoras* e *narradoras*, mediante um discurso que recobrisse os 3 tempos vivenciais, como se passa a sistematizar:

I – Cenário do Passado Social das Narradoras – filtrado pela memória social das mulheres-sujeito e verbalizado no presente, pretendeu-se que este cenário recobrisse descrições, avaliações e sentimentos dos momentos significativos da sua experiência social dos psd/r - sempre relacional e historicamente vivenciada – especificamente em torno a mobilidade (lateral e vertical)/mudança sociais; aos agentes socializadores; às lógicas de acção; como às estratégias, reacções e tácticas sócio-identitárias;

II – Cenário do Presente Social das Narradoras – construído igualmente com o concurso da memória do Passado, desenrolou-se em torno de comparações e categorizações sociais (geracionais e das relações sociais entre homens e mulheres) que conduziram à auto-classificação das transacções identitárias dos psd/r das mulheres;

III – Cenário do Futuro Social das Narradoras – orientando-se o *relato* para que as entrevistadas falassem do Passado e do Presente Sociais, este cenário foi informado pela memória social do sujeito e pela experiência (passada e presente) das suas trajectórias identitárias, sendo verbalizado no presente. Assim, neste cenário do presente-passado confluíram o vivido sentido (emoções, sentimentos); o vivido pensado (reflexividade, racionalidades, estratégias-tácticas e reacções, re-avaliações) e o vivido agido (atitudes, comportamentos, acções, observações da alteridade, constrangimentos exteriores assumidos, contornados ou evitados, actos criativos e inovadores). Desta confluência, ou melhor, transversal a esta teia existencial e social estão os vectores de um imaginário colectivo apropriado na e pela singularidade da experiência identitária do sujeito que, enquanto vectores do imaginário, catapultam as aspirações, ambições, o desenho de necessidades, o configurar de sonhos e de imagens ideais.

A relação comunicativa procurou estimular o relato destes conteúdos sempre presentes na construção identitária, mediante a verbalização das aspirações e configurações do sujeito em relação à mobilidade lateral (pessoal, familiar); à mobilidade vertical (pessoal, familiar colateral e de descendência); e à projecção de percursos identitários para a sua e as futuras gerações, sempre considerando a construção social das relações sociais de homens e mulheres. Foi igualmente estimulada uma abertura a configurações sociais mais amplas ou macro-sociais (*pobres no mundo; mulher ideal*).

3. GUIÃO-LEMBRETE : 9 núcleos ou “clusters” conversacionais

3.1. 9 núcleos ou “clusters” conversacionais

Para a co-construção dos relatos consideraram-se os seguintes 9 núcleos conversacionais:

- A – Actores, Socialização e «destino social»;
- B – Mobilidade Social;
- C – Processos Sociais de Desqualificação/Requalificação;
- D – Actualização Identitária;
- E – Transacções Objectivas;
- F – Lógicas de Acção;
- G – Auto-Classificação e Comparação Social;
- H – Mulher: Sujeito Social e Trajectórias Identitárias;
- I – Imaginário, Sonhos, Projectos, Utopias e Reflexividade.

PROCESSO BIOGRÁFICO: *GUIÃO- LEMBRETE:*

“...a vida é como os interruptores: umas vezes está para cima, outras vezes está para baixo...”

| NÚCLEOS OU CLUSTERS CONVERSACIONAIS | DIMENSÕES- UTENSÍLIO E CENÁRIOS | DIMENSÕES- UTENSÍLIO | DECOMPOSIÇÃO DAS DIMENSÕES-UTENSÍLIO EM ÍTEMS |
|-------------------------------------|---|--|---|
| | A. Actores, socialização e “destino social” | <p>(PAS, PRE) - família/residência</p> <p>(PAS, PRE) - escola/formação profissional</p> <p>(PAS, PRE) - trabalho/ocupações</p> <p>(PAS, PRE) - laços sociais: tipos</p> <p>(PAS, PRE) - laços sociais: formalização</p> <p>(FUT) - perspectivação futura</p> | <p>(PAS) Composição etária e por sexos Habilitações, ocupações, actividades laborais e não laborais Recursos (fontes e avaliação subjectiva) Tarefas/papéis (parentais; de género)</p> <p>(PAS) Frequências – Causas; Abandono – Causas; Tarefas/papéis(sociais, avaliação pessoal de género); Qualificação</p> <p>(PAS) Qualificação / Sector / Ramo / Actividade / Local (doméstico, exterior) Condições Contractuais/ Remuneração Tarefas (profissionais e de género) Relações/colegas – familiares; Percurso (continuidade/não continuidade)</p> <p>(PAS) Grupos: de pares/amigos/escola/ extra-escola/ trabalho/ extra-trabalho Vizinhos; Parentela alargada: visitas, viagens, estadias Namoro; Descendência; Espaços de encontro/sociabilidade</p> <p>(PAS) Instituições, Associações; O casamento; o baptizado</p> <p>(FUT) Tendências futuras dos elementos avaliados ou identificados</p> |
| B. Mobilidade Social | <p>(PAS, PRE) - mobilidade social lateral</p> <p>(PAS, PRE) - mobilidade social vertical</p> <p>(FUT) - continuidade/ mudança sócio-identitária</p> | <p>(PAS, PRE) Espacialização geográfico-social Migração - contexto, causas, reacções, sentimentos, avaliação pessoal</p> <p>(PAS, PRE) Intra e inter-geracional – ascendentes, colaterais, companheiro-marido, descendentes Profissional / Residencial / Espacial / Habitacional / Familiar- Afectiva-Parentalidade Recursos (de formação; financeiros-investimentos-poupança; materiais e simbólicos; outras competências)</p> <p>(FUT) Vectores fortes Expectativas; aspirações Retorno (fecho ciclo migratório) / Continuidade migratória (continuidade espacial - desespacialização) Cidadania / imigração / como mulher / como futuros homens e mulheres (filhos, marido-companheiro) Possíveis itinerários (individuais, familiares, colectivos)</p> | |

| | | |
|--|--|--|
| <p>C. Psd/R</p> | <p>(PAS, PRE) - factores</p> <hr/> <p>(PAS, PRE) - etapas</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) - reavaliação das soluções escolhidas</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) - reavaliação da superação da situação</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) - reavaliação das consequências da situação no percurso de vida</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) - reavaliação das mudanças e seus tipos, no ciclo de vida, posteriores à situação</p> <hr/> <p>(FUT) - processo</p> | <p>(PAS, PRE) Económico-materiais /recursos; laços sociais; políticos; "físicos" (racismo...); Étnico-culturais; geográficos espaciais/territoriais; simbólico-representacionais; Afectivo-emocionais; psicológicos;</p> <hr/> <p>(PAS, PRE) Fragilidade (interiorizada/ negociada / diferida) Dependência (instalada / reivindicada) Ruptura (conjurada / organizada) Encadeamento de rupturas (rupturas espaciais; desinserção/desgraça) Reinserção</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) Soluções (manter/alterar); Justificações</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) Situação(ões) superada(s) - resolvida(s)/não superada(s)-resolvida(s); Justificações</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) Positivas, Negativas, Neutras (níveis pessoal, familiar, social, o mundo em geral)</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) Residencial, Espacial, Habitacional, Territorial, Pessoal, Familiar, Trajectória Escolar/Formativa, Sociabilidades (pertença, inter-ajuda, suporte ou resposta institucional) - aspectos positivos e negativos</p> <hr/> <p>(FUT) Possíveis itinerários (individuais, familiares, colectivos) Tendência social em relação às desigualdades e diferenças sociais</p> |
| <p>D. Actualização identitária</p> | <p>(PAS, PRE) - fases sucessivas de reacção aos psd/r</p> <hr/> <p>(PAS, PRE) - estratégias e táticas identitárias face aos psd/r</p> | <p>(PAS, PRE) Resistência; Interiorização; Negociação; Adaptação; Projecção/Diferimento; Instalação; Reivindicação; Anti-Instalação Desorganizada; Contra-Instalação Organizada; Superação</p> <hr/> <p>(PAS, PRE) Respostas Individuais-Individualismo-Ideocentrismo; Contorno; Defesa; Isolamento; Distanciação; Resistência; Reivindicação; Adaptação Respostas Colectivas Organizadas-Alocentrismo; Respostas Pontuais de Grupo Não Organizadas</p> |
| <p>E. Transacções Objectivas</p> | <p>(PAS, PRE) - exteriores</p> <hr/> <p>(PAS, PRE) - interiores</p> <hr/> <p>(FUT) - perspectivação futura</p> | <p>(PAS, PRE) Reconhecimento Social / Não Reconhecimento Social da identidade</p> <hr/> <p>(PAS, PRE) Continuidade / Mudança identitárias</p> <hr/> <p>(FUT) Tendências futuras dos elementos avaliados ou identificados</p> |
| <p>F. Lógicas de Acção</p> | <p>(PAS, PRE) - tipos de lógicas</p> | <p>(PAS, PRE) Interacção / Dramaticidade / Saber-conhecimento / Comunicação / Utilidade estratégia "pura"/ Racionalidade limitada / Determinação estrutural = destino social / Fatalidade mística</p> |
| <p>G. Auto-Classificação e Comparação Sociais</p> | <p>(PAS, PRE, FUT) - comparação social - auto-classificação social</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) - reconhecimento do(s) Psd/R: definição, causas, factores, competências, atributos, imagens</p> | <p>(PAS, PRE, FUT) Comparação inter-geracional e intra-geracional - com familiares e com outros não-familiares Autoposição e auto-identificação na/face à estrutura social das desigualdades</p> <hr/> <p>(PAS, PRE, FUT) Atributos da <i>queda</i> (pessoal, colectiva; pobreza/desinserção/exclusão): atributos, qualidades, defeitos, necessidades, valores morais, capacidades, vantagens, desvantagens, hábitos, vícios, competências, "truques", expedientes Interacção com sujeitos em Psd/R: interacção ou conhecimento; afastamento, distanciação/repulsa Imagens-espelho mútuas: desinserção / inserção; pobres/excluídos e não pobres/não excluídos/inseridos (pensamentos, atitudes, reacções...)</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | | <p>A <i>queda</i>: causas, razões; capacidades/competências/qualidades, características necessárias para as pessoas “caírem” (psd) e para “saírem” (requalificação); responsabilidades-responsáveis; soluções</p> <p>A requalificação - factores: esforço-força de vontade exclusivamente individual / medidas/condições/respostas exteriores aos indivíduos e grupos/ outros (FUT)</p> <p>Tendências futuras dos elementos avaliados ou identificados (pessoal, familiar, social, o mundo em geral)</p> |
| | (PAS, PRE) - comparação (passado/ presente) face a situação e Psd | (PAS, PRE) Comparação (passado/ presente) face a situação e Psd: diferenças e semelhanças entre Psd/R e situações de desinserção/reinserção e pobreza-exclusão hoje, comparativamente ao passado |
| | (FUT) - perspectivação dos trajectos sócio-identitários | (FUT) Tendências futuras: territórios, estratégias e táticas sócio-identitários; lógicas de acção; |
| H. Mulher: Sujeito Social e Trajectórias Identitárias | (PAS, PRE, FUT) - <i>estilo de vida</i> das mulheres | (PAS, PRE) Especificidade de problemas / valores / opções: específicos- exclusivos / não específicos-não exclusivos; comuns/não comuns Avaliação pessoal Comparação intergeracional com família ascendente, descendente e colaterais (FUT) Tendências futuras dos elementos avaliados ou identificados (pessoal, familiar, social, o mundo em geral) |
| | (PAS, PRE) - condição social da mulher | (PAS, PRE) Vantagens/desvantagens: capitais, direitos, deveres, atributos Relação: condição social da mulher / trajectória pessoal (passada e presente) / Psd/R - em termos genéricos/globais e em termos pessoais - necessidades, causas, recursos, obstáculos, responsabilidades, tarefas Condicionamento-importância / não relevância para: hierarquização de valores, definição de prioridades, selecção e escolhas de itinerários/percursos no ciclo de vida Avaliação (leitura) social (pessoas e instituições da(s) sua(s) situação(ões) (PRE) O olhar dos outros, da TV, dos filmes e da publicidade (FUT) Tendências futuras dos elementos avaliados ou identificados (pessoal, familiar, social, o mundo em geral) |
| | (FUT) - perspectivação dos trajectos sócio-identitários | (FUT) Tendências futuras (pessoal, filhas, o mundo em geral): territórios, estratégias-táticas sócio-identitárias/ lógicas de acção; Comparação projectos pessoais de futuro com projectos . de outras mulheres (presente, passado e futuro) . de outras gerações: ascendentes (avós, pais); descendentes (jovens, filhos) Factores-condições necessárias para alterar a condição social da mulher/ impossibilidade de mutações: implicação pessoal/ descrédito/ impotência/ identificação de condicionamentos- influência Relação condição social da mulher /elaboração ou desenho de sonhos e projectos . pessoais . por parte das mulheres (projectos/sonhos específicos de mulheres) de gerações anteriores (mãe, avós) e posteriores (jovens, filhas) Modelo “ideal” de mulher: figurino, tarefas e responsabilidades, direitos e deveres, família, sentimentos, trabalho e outras actividades, educação (própria e filhos); formação |
| I. Imaginário, Sonhos, Projectos, Utopias e Reflexividade | (FUT) - mudanças desejadas - mudança/continuidade social | (FUT) Vectores fortes (pessoal, familiar, social, o mundo em geral) / territórios, estratégias-táticas sócio-identitárias / lógicas de acção; Itinerários, percursos, actividades interrompidas ou por começar ou adiadas Lazer: férias, viagens, tempos livres Bem-estar: acumulação material, recursos, outros, actividades-tarefas, quotidiano, sentimentos, apresentação pessoal, profissão, opções de residência; |

| | | |
|--|--|---|
| | | orientações na educação dos filhos, reivindicações, direitos; Sociabilidades, estatuto, reconhecimento social, parentalidade, afectos Participação comunitária e social, envolvimento em projectos colectivos Modelo “ideal” de sociedade desejada |
|--|--|---|

LEGENDA DE ABREVIATURAS

CENÁRIOS: (PAS) = Passado; (PRE) = Presente; (FUT) = Futuro; Psd/R = Processos de Desqualificação e Requalificação Sócio-Identitária

3.2. Guião-*Lembrete* e Contrato de Comunicação

Os 9 *núcleos conversacionais* foram sendo avaliados ao longo do Processo Biográfico – quer para orientar a sessão de entrevista seguinte, de cada caso; quer para decidir do termo das sessões de entrevistas (conclusão do relato) para cada caso – considerando a cobertura que os discursos atingiam das *dimensões-utensílio* de análise. Para facilitar a visualização das grandes *dimensões-utensílio* de análise, bem como dos respectivos itens, optou-se por expô-las acima de forma esquemática.

Acresce ainda referir que o Processo Biográfico se iniciou, para cada um dos *casos*, pela breve *apresentação* do mesmo; também o momento da *passagem* do discurso da entrevistadora para cada uma das entrevistadas foi planificado de forma semelhante – componentes que a seguir se apresentam.

1) Contrato Comunicacional: Apresentação

A *Apresentação* do Processo Biográfico englobou quatro partes

- Apresentação dos objectivos da pesquisa
- Apresentação dos objectivos da entrevista e dos vários passos do Processo Biográfico
- Solicitação da autorização para gravar a entrevista
- Construção, pela entrevistada, de um pseudónimo

2) Início dos Relatos e “questão de partida”

No que respeita à estimulação inicial das entrevistadas, a entrevistadora proferiu os seguintes conteúdos e afirmações:

“Um humorista do nosso país – Herman José – disse uma vez a seguinte piada: *‘A vida é como os interruptores: umas vezes está para cima, outra vezes está para baixo’*.

De facto, ao longo da nossa vida, todos nós passamos por fases importantes, umas mais marcantes do que outras. Essas fases ou situações podem ter sido importantes para nós por nos terem trazido alegrias, felicidade - momentos bons - ou por terem sido fases em que vivemos problemas - momentos difíceis.

Nas conversas que a senhora vai ter comigo, gostaria que me falasse sobre esses momentos da sua vida que pensa terem sido os mais marcantes, os mais importantes para si. Gostava que recordasse quando e como viveu essas fases ou momentos mais importantes - os bons e os difíceis -, que me contasse mais os sentimentos e as sensações que essas fases ou situações lhe provocaram. E, no caso dos momentos difíceis, gostaria que recordasse com quem pode contar e de que modo procurou resolver ou encarar as dificuldades ou os problemas que viveu.

Penso que, para facilitar a sua conversa, é mais fácil começar pelo princípio: que tal começar pelos seus tempos de criança, quando vivia com os seus pais: *'Era uma vez uma menina...'* ?”

APÊNDICE 4 – CRITÉRIOS-FACTORES-GUIA

Assim, considerou-se:

- económico-materiais – considerámos: recursos ou capitais financeiros, laborais, habitacionais e educacionais (critérios-factores-guia decorrentes da problematização das noções de pobreza objectiva e material);
- relacionais e afectivo-emocionais – considerámos: tipos de laços sociais; crise ou desestruturação familiar por abandono ou morte do cônjuge; maus tratos; solidão ou isolamento (critérios-factores-guia decorrentes da problematização das noções de pobreza objectiva e subjectiva);
- simbólico-culturais e de poder considerámos: o reconhecimento social positivo, p.ex.: por estatuto de liderança, por sucesso-enriquecimento ou outro tipo de prestígio (critérios-factores-guia decorrentes da problematização das perspectivas de “exclusão social” e “empowerment”);
- disposições individuais desqualificadoras - considerámos factores acidentais ou congénitos (critérios-factores-guia decorrentes da problematização de formulações psico-médicas).

APÊNDICE 5- ENTIDADES E PROFISSIONAIS MEDIADORES DO PROCESSO BIOGRÁFICO

| Nome | Localidade | Função-Cargo | Nome |
|---|---------------------------|--|--|
| <i>APLE</i> [∇] | Astigarraga | Presidente | Teresa dos Anjos |
| <i>Ayuntamiento: Departamento del Bien- Estar</i> | Lasarte | Directora | Elisabet Manero |
| <i>Ayuntamiento: Departamento de la Mujer</i> | San Sebastián | Directora | Arantza Arrizabalaga |
| <i>Cáritas Diocesana: Departamento de Migrantes Extranjeros</i> | San Sebastián | Directora | Begoña Arroyo |
| <i>CFFS</i> [♦] | de Bidebieta e de Egia | Coordenadoras* | Caserio Moneda e Itziar Igartua |
| <i>CFFS</i> | Lasarte | Coordenadora | Marisa Martín |
| <i>CFFS</i> | Rentería | Coordenadora | Elena Rosales |
| <i>CFFS</i> | San Sebastián | Coordenadora | Lurdes Guruceta |
| <i>Asociación de Mujeres Separadas de Donostia</i> | San Sebastián | Assistente Social | Maria Iriarte |
| <i>CEPOG</i> [◇] | Urnieta | Presidente e (esposa) Vice- Presidente | Adriano Augusto Ramos e Deolinda dos Anjos |
| <i>Consulado de Portugal</i> | Bilbau | Funcionário (desde 1987) | Fernando Caldeira |
| <i>XERA S.L. -Empresa de Técnicos de Intervenção Social</i> | Lasarte | Educadores e Assistentes Sociais | Mari Carmen Pérez (y Eva Belaez, Alvaro, Jesus y José) |

[∇] *Asociación Portuguesa Luso-Euskaldun*; [♦] Centro de Formación Familiar y Social; * Mediadoras do Contacto com Associação de Mulheres Separadas; [◇] *Centro de Emigrantes Portugueses de Guipuzcoa*

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, 1.^ª PARTE – SARA: APÊNDICES 6

APÊNDICE 6 – BREVE ANÁLISE DO RELATO SOBRE AS IRMÃS DE SARA, 1-4

APÊNDICE 6, CAIXA 1 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE SARA – 5 MOMENTOS, p. 5

APÊNDICES 6 - BREVE ANÁLISE DO RELATO SOBRE AS IRMÃS DE SARA

Se a irmã viúva de Sara se desenha como a **mulher sofredora, estóica e libertada**, a irmã falecida tem outro esboço: **jovem maltratada-mártir** que, após a sua morte (p. 89), há 3 anos, deixa “*na miséria*” o marido e duas filhas – uma com 15 anos e outra mais velha.

Comum a estas duas mulheres, para além do estoicismo – levado até à morte da irmã mais jovem, por maus tratos ocultados (pp. 80-81) – é a força identitária de mulheres que são pilares dos núcleos familiares, confirmando as **identidades sociais e parentais** características das **mulheres de homens do mar** (p. 11): mulheres sozinhas com a família, em terra, a quem compete o duplo papel de mãe e de pai.

1. A IRMÃ VIÚVA DE SARA

A **irmã viúva de Sara** (com 44 anos de idade) é apresentada como “*a que mais mala vida teve*” (p. 76), a que “*foi sempre muito pobrezinha*” (p. 77), a que, como a mãe de ambas, teve uma “*vida muito triste, muito triste! (...) vida esclava!*” (p. 71) – ao ponto de dizer “*que a minha mãe morreu e levou-a traçada*” (p. 75).

Da relação que Sara estabelece entre a *vida pobre* e a *avaliação negativa do marido* da irmã viúva da irmã viúva podemos perceber que a viuvez daquela foi o factor de melhoria relativa face ao casamento-desqualificação:

1) o casamento da irmã foi um factor de deterioração e discriminação identitárias, porque:

a) casou muito jovem aos 15 anos por ter “*problemas com o namorado*” (pp. 64, 75), problemas esses que não são nunca explicitados por Sara apesar de deixar induzir uma hipotética gravidez,

b) o marido não a ajudava – posicionando a irmã como suporte financeiro e material da família (p. 76);

c) teve uma vida de sofrimento – “*passou-as, passou duras*” (p. 75) – e de maus tratos pelo marido; associados à submissão ao padrão tradicional dos comportamentos de género, o que S relata colocando-se no lugar da irmã: “*E eu que não tenho um marido assim < como os homens não portugueses, como o marido de S > que nunca me leva a tomar um café, nunca me leva a dar um passeio!*” (p. 78);

d) teve uma “*vida de trabalhar muito*” (p. 71, sn, p. 76) e de procurar “*trabalho debaixo das pedras*” (p. 76) – *p ex.* venda de bebidas e sandes nas corridas de VC; não esquecendo que já aos 15-16 anos trabalhava na fábrica finlandesa de costura com S e a mãe, trajectória de operária que interrompe para casar (p. 64);

e) teve uma vida de grandes carências: alimentares (p. 71); de vestuário – é Sara quem promete uma camisa, ao sobrinho de 21 anos de idade, como prenda de aniversário no ano em que realizamos a entrevista, por-que a irmã “*agora anda bastante mal*” (p. 73); habitacionais: “*sempre viveu (...) en chabolas!*” (p. 73); global-mente, condições muito deficitárias de inserção: “*Dormir ao ar livre, com a cabeça numa pedra, para ganhar uma miséria!*” (p. 76).

2) a viuvez da irmã, por atropelamento de mota (p. 75), foi um factor de promoção relativa do seu nível de vida: à constatação de que a irmã *anda mal agora* (p. 73) junta-se esta avaliação de Sara: “*Deus o levou < ao marido da irmã > ... agora ela vive um pouco melhor*” (p. 71).

Fazendo uma avaliação muito negativa do que é viver em bairro de lata – i) “*es inhumano*” (p. 73); ii) é sentido pelo sobrinho como uma vergonha (p. 74); iii) “*Nesta época, é raro!*” (p. 74); iv) é viver pior do que vivem alguns animais (p. 75) – Sara enuncia como factores da promoção relativa do tipo de vida da irmã: 1- relações de solidariedade-suporte (p. 73): um amigo galego cedeu a água e construiu uma banca de cozinha na barraca da irmã; 2- sistema de segurança e protecção social (pp. 74-75): a irmã foi abrangida pelo Programa de Realojamento do Governo, o que se repercutiu na compra de um andar e em outras ajudas governamentais.

Sara reconhece a continuidade da instabilidade do modo de vida de irmã, o que reforça ao informar-nos que o salário do sobrinho, que é homem do mar, depende da existência de pescado (pp. 73-74). Mas o mesmo discurso também é claro quanto à viuvez da irmã lhe ter permitido uma melhor organização e gestão dos recursos materiais, e da vida, familiares, para além da estabilização emocional-afectiva; como ainda sublinha i) a representação negativa que, em Portugal, a condição social de mulher viúva carrega (p. 79); ii) a atitude da irmã face a uma futura vida conjugal – “*yo agora sou viúva... levo muitos anos viúva. (...) mas (...) eu não me tornaria a casar com nenhum Português!*” – afirmação traumática e consciente da reconstrução identitária que está a operar aos níveis material, relacional, simbólico e de afirmação como mulher que pode escolher-decidir.

2. A IRMÃ FALECIDA DE SARA E OS DESCENDENTES

Começando por afirmar que a morte da irmã provocou transformações no comportamento do cunhado – que, segundo Sara, “*era o típico homem*” que “*se ‘desvivia’ pelas filhas*” (p. 80) e, por conseguinte, assemelha-o ao marido na relação com as filhas – o relato de S evolui, informando-nos que são as sobrinhas que desvelam os maus-tratos à irmã: “*nunca soubemos (...) porque era uma pessoa que lhe batia na cama, de noite*” (p. 81). Deste modo, aquela **morte** re-desenha-se como o **factor**, não da transformação, mas **da visibilidade** do real comportamento do cunhado.

O relato diz-nos que, das 3 irmãs, era Sara a pretendida pelo cunhado para casar; só que, dado que esta nunca o aceitou, ele acabaria por casar com a mais nova, sabendo Sara que “*ele nunca amou a minha irmã!*” (p. 90).

A falta do carinho materno, aliada ao abandono das filhas pelo pai (p. 80) são relatados por S com um misto de revolta e de (des)culpabilização – “*É uma responsabilidade minha*” (p. 89) – pois, de forma dramática Sara enfatiza que terá jurado à irmã, já no caixão, que ela cuidaria pelo menos da sua afilhada, a sobrinha mais nova. S diz-nos que chegou mesmo a trazê-la consigo para passar esse Natal, há 3 anos; mas como o cunhado terá insistido na recusa dessa mudança na guarda da filha, “*hoje em dia*”, justifica Sara, “*não a posso trazer.*” (p. 89).

À juventude e falta de apoio afectivo-familiar das sobrinhas, soma-se a solidão do cunhado que, primeiro, procura a irmã viúva de S para casar, a quem esta dá um parecer desfavorável do cunhado; e, passado pouco tempo da morte da mulher, junta-se àquela com quem, e na casa onde, agora vive (p. 90).

Homem do mar que bebe e bate nas filhas e na actual mulher, reproduzindo o tradicional comportamento que tivera no 1º casamento (pp. 85, 90) – é o perfil que Sara constrói do cunhado. Mas, curiosamente, é também o efeito negativo (demoníaco?) da actual mulher que, segundo S, o influencia, como ilustram os seguintes argumentos moralistas e na-drocêntricos: 1) mãe é diferente de madrasta, “*deste veneno, desta peste*” (p. 90) que difama as sobrinhas – e *esta* mulher é separada, tem dois filhos e não tem autoridade na casa da irmã (p. 86); 2) ser filha é diferente de ser enteada (p. 84); e 3) a madrasta manipula o pai contra as filhas aproveitando-se da ausência dele no mar (p. 85). E, segundo S (p. 80), todas estas condições adversas, são factores propiciadores das práticas desviantes (prostituição) da afilhada que, por ter ficado “*com quinze anos (...) abandonada*”, hoje anda “*pelo mundo (...). Com uns e com outros.*”.

Pelo que, embora avalie negativamente a actividade de prostituta da sobrinha-afilhada (pp. 82, 87), Sara revolta-se contra as acusações difamatórias (não filtradas afectivamente?) – “*nós somos quem p’a criticar aos demais?*” (p. 86) – e desculpa (desculpabilizando-se?) o comportamento da jovem:

a) é o trabalho da sobrinha (pp. 86-89);

b) é a sobrinha quem sustenta a irmã mais nova, o companheiro desta, e a filha de ambos, uma bebé de dois meses (pp. 88-89); e até o próprio pai, agora, só visita a casa das filhas quando precisa de dinheiro, “*quando faz falta p’algum, p’algum copo de vinho*” (p. 90) – motivo que, para S, explica que o cunhado não quisesse ficar afastado da filha: “*Claro, fazia falta, que V. trabalhasse!*” (p. 82);

c) é uma escolha da sobrinha: solteira (p. 87), “*guapíssima (,,) muito boa rapariga, muito popular*” (p. 88) – *i. e.*: é livre e não prejudica ninguém (“*paga com o corpo dela!, mas não pôs los cornos a nadie, a ninguém!*” – p. 87); assume o que faz; e é humana e responsável porque se preocupa mais com a irmã e a sobrinha, de quem “*agora vai ser madrinha dela, da, do bebé... se preocupa*” (p. 89).

O grande afecto que Sara afirma nutrir por esta sobrinha acentua o seu “desgosto” ao vê-la difamada pelas outras pessoas (pp. 87, 88) e que S aproveita para explicar que é um dos motivos que, às vezes, a leva a evitar ir a Portugal, do mesmo modo que a sobrinha evita Sara quando esta lá vai/está (p. 82).

Portanto, da miséria em que a família ficou após a morte da mãe (irmã de S), a filha mais nova assume a estratégia de sobrevivência característica da zona de residência, onde pululam graves situações de prostituição sustentadas pelo dinheiro da construção civil, e com que os profissionais de intervenção social trabalham.

Através desta estratégia e reacção de instalação na sobrevivência advém ainda que, a inserção pela desqualificação social, como a globalidade da trajectória identitária da sobrinha-afilhada, se constroem mediante transacções objectivas paradoxais:

- i) por um lado, sendo o suporte da sua própria sobrevivência e da família-parasita, é objecto da descarga social: difamada, sovada (abusada pelo pai?), prostituída e evitada pela família e meio social envolvente);
- ii) por outro lado, é objecto de desculpabilização: amada, objecto de pena como de valorização (desculpabilizadora) da sua autonomia, e da sua responsabilidade pessoal-familiar por ser o suporte da sobrevivência familiar; e, como tal, é evitada.

Ou seja, a sobrinha-afilhada-prostituta é, simultaneamente, alvo de:

- ◆ reconhecimento social – enquanto amante paga, e enquanto (for) jovem; e por ser honesta, preocupada com a família-parasita, muito simpática, bonita e boa pessoa;
- ◆ não reconhecimento social por ser designada como “puta p’arriba” (p. 86), “bêbeda, perdida” (p. 88); ou por ser – embora honesta, preocupada com a família-parasita, muito simpática, bonita e boa pessoa – uma “viciada” (toxicodependente?).

E nem o afecto de Sara supera o medo que tem (do risco) de arrancar a sobrinha da terra: “‘tá ali, como tens, tene la vid, eu não posso! Arriesgame, porque se ela anda nessa vida, tem esse vício já, já! e que vou fazer eu?” (p. 89).

Neste tema do relato, Sara já não recorre à *Fé* nem à (falta de) *Sorte* da jovem: **é o argumento naturalista que legitima a reprodução consentida da desqualificação social.**

Pela nossa parte, alvitramos que **muitos factores sociais perturbam a hipótese naturalista-genética** de Sara para o percurso sócio-identitário da sobrinha-afilhada-prostituta que tece a reinserção precária dos outros-parasitas, à custa da sua *desgraça*, à custa da sua assumida *inserção pela desqualificação social*, e mediante a sua adaptação-instalação ao/no *estilo de vida* socialmente desvalorizado e socialmente constituente do meio envolvente.

E suspeitamos que também Sara perceba a *força* de tais factores, já que se trata da *sua* terra e do *seu* meio social de origem: Que outro sentido latente pode ter a (dramatização da?) sua culpa por não ter desterrado a sobrinha-afilhada, como (relata que) jurou à irmã que faria?

CAIXA 1 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE SARA – 5 MOMENTOS

MOMENTO 1 (1954-76):

MISÉRIA - ALCOOLISMO, VIOLÊNCIA FAMILIAR E DEPENDÊNCIAS

ORIGEM FAMILIAR típica de pescadores do Norte:

Condições Alimentares e Habitacionais + Recursos Económico-Materiais +
Alcoolismo + Violência Familiar (Maus-Tratos a mulheres e crianças)

1ª. Etapa-Ruptura (1962-68) - **o fim da infância aos 8 anos**

precoce inserção laboral + absentismo e abandono escolar no fim da 3ª. Classe

2ª. Etapa-Ruptura (1968-76) **dos 14 aos 22 anos**

Trabalho infantil, *biscates* e esmola – emergência do *Risco* + condições de saúde

1º comportamento de risco: abandono laboral (serviços domésticos)

2º comportamento de risco: abandono laboral (serviços domésticos)

LÓGICAS DE ACÇÃO: *Destino social* + emergência do *Risco Social* ⇔ **ESTRATÉGIAS** *S-adolescente-jovem:*
Sacrifício Estratégico + *Risco*

REACÇÕES: *Interiorização* + *Adaptação-Resistente*

MOMENTO 2 (1976-80) - **aos 22 anos: CASAMENTO E RUPTURA ESPACIAL**

3º comportamento de risco: casamento-namoro

3ª. Etapa-Ruptura Melhoria relativa + mobilidade espaço-residencial + conflitualidades

LÓGICAS DE ACÇÃO: *Realismo* + *Utilidade* ⇔ **ESTRATÉGIAS** *de luta-adaptativa*

REACÇÃO: *luta pela ruptura sócio-espacial*

MOMENTO 3 (1980-92) – **dos 26 aos 38 anos: DESEMPREGO DO MARIDO → 1º PSD FAMILIAR**

4ª. Etapa-Ruptura Espacial (1980: 6 meses)

Galiza, refúgio infernal + separação involuntária do casal

5ª. Etapa-Ruptura (1981-92): *Recomposição Familiar* + *Fuga*-Retorno a PB

4º comportamento de risco: *Fuga*-Retorno ao PB

LÓGICAS DE ACÇÃO: *irreverência face ao destino social* ⇔ **ESTRATÉGIA:** *resposta individual (risco)*

REACÇÕES: *conflitualistas de resistência estratégia assumida*

MOMENTO 4 (1992-93) - **DESALOJAMENTO FAMILIAR → “A DESGRAÇA” + 2º PSD FAMILIAR**

6ª. Etapa (1992) - **aos 38 anos:** Ruptura Espaço-Habitacional, **Factor de PSD**

TERRITÓRIOS SÓCIO-IDENTITÁRIOS DA DESQUALIFICAÇÃO FAMILIAR

Espácio-habitacional

Sociabilidades

Recursos familiares

Psicológico-emocional + Saúde: Depressão de Sara

LÓGICAS DE ACÇÃO: *Risco* + *Destino social (fatalidade mística-sobrenatural)*

5º comportamento de risco: S decide comprar casa

6º comportamento de risco: *endividamento bancário*

7ª. Etapa (1992-3) - *Sobre-endividamento* + *desnorte e sacrifício* familiares

8ª. Etapa (1993...): Doenças + marido: um ano de Baixa Médica

TRANSACÇÕES OBJECTIVAS EXTERIORES NEGATIVAS: *fracasso*

TRANSACÇÕES OBJECTIVAS INTERIORES NEGATIVAS: *vergonha* + *orgulho*

REACÇÕES: *resistência-luta* predominantemente apoiadas na **ESTRATÉGIA** *do Risco*
instalação na situação + **vergonha** + medo de sair à rua por causa das dívidas → encobrimento + conflitos
relacionais + isolamento social do casal + depressão de S

Dependência Instalada ⇔ **Desgraça Social (provação divina)** → **Subsistência Absoluta**

MOMENTO 5 (1993-96) - **REINCLUSÃO-REQUALIFICAÇÃO APÓS PROVAÇÃO DIVINA**

9ª Etapa: Eficácia da *Prece/Fé-Sorte* ou Direitos Sociais?

10ª Etapa (1996): Eficácia da *Prece/Fé*, a *Sorte-Lotaria*

ESTRATÉGIAS: Pragmatismo + *Sacrifício Estratégico* ⇔ **SUPERACÇÃO PRECÁRIA DA DESGRAÇA**

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, 2.^a PARTE – ESMERALDA: APÊNDICES 7

CAIXA 2 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA, MOMENTO 1, p. 1

CAIXA 3 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA, MOMENTO 2, p. 2

CAIXA 3.1. - ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA – MOMENTOS 1 E 2, p. 3

CAIXA 4 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA – MOMENTO 3, p. 4

CAIXA 4.1. - ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA – MOMENTO 3, 1.^a FASE DE REACÇÃO, p. 5

CAIXA 4.2. - ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA – MOMENTO 3, 2.^a FASE DE REACÇÃO, p. 6

CAIXA 4.3. - ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA – MOMENTO 3, 3.^a FASE DE REACÇÃO, p. 7

CAIXA 5 - TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA – MOMENTO 4, p. 8

CAIXA 2 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA

MOMENTO 1 (1976 → → 1990)

NÍVEL DE SUBSISTÊNCIA (*cidadã-inexistente*)

“... *consejos que no tuve de mi madre. (...)*” (p. 6)

Território Étnico-Cultural

- família *extensa* de origem *cigana-portuguesa*;
- condições habitacionais precárias: nomadismo → bairro de lata (HAB. 1);
- androcentrismo (sobre-trabalho dos *papéis femininos*: subsistência e tarefas familiares), associado à forte simbologia da mulher-mais-velha-anciã

Território Sócio-Espacial

- mobilidade geográfica/nomadismo: Port. e Espanha → estabilização: HAB. 1

Território Laboral

- participação laboral precoce-infantil
- precariedade das actividades laborais subterrâneas

Território Escolar

- ausência de relação com o sistema escolar

Território *Estilo de Vida de subsistência* socialmente desvalorizado:

- precariedade de HAB. 1
- restrição dos recursos e rendimentos económicos e materiais
- carência e não diversidade da dieta alimentar

Território Sociabilidades

Psicológico-Emocional:

- orfandade de mãe (aos 11 ou 13 anos)

Afectivo-Relacional:

- sociabilidades ciganas: fortes interconhecimento e controle social
- vivência gratificante para *E.*
- namoro endogâmico reprovado familiarmente

Território Societal

- ilegalidade da condição imigrante da família de origem, projectada em *E.*, já nascida em San Sebastian: *cidadãos inexistentes*
- androcentrismo

Território Simbólico-Representacional

- estigma social de cigana;
- desvalorização externa de *traços* e práticas culturais ciganos: Festa, Construção do Corpo
- vivência *paralela* ao tecido social envolvente

CAIXA 3 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA

MOMENTO 2 (1990/ meados1991)

NÍVEL DE SUBSISTÊNCIA: **continuidade**

“(…) *En el primero año sí, que muy bien.*”... (p. 2)

(…) ... *no éramos ricos, ricos, pero éramos felices. Estábamos en una chabola.*” (p. 9)

Território Étnico-Cultural — **continuidade**:

- cultura de pertença e de referência: casamento cigano com cigano

Território Sócio-Espacial — **continuidade** e **mudança**:

- **precaridade das condições habitacionais**
- **sedentarização relativa: estabilidade residencial no mesmo bairro de lata**

Território Laboral — **continuidade**:

- precaridade das actividades laborais subterrâneas desenvolvidas em conjunto pelo jovem casal e outro casal de ciganos jovens (cunhado do marido)
- restrição dos recursos e rendimentos económicos e materiais;
- carência e não diversidade da dieta alimentar, não avaliada negativamente por *E*.

Território Estilo de Vida — **continuidade** e **mudança**:

- **precárias condições (HAB. 1=bairro de lata)**
- **barraca independente;**
- **partilha e autonomia na gestão dos recursos comuns**

Território Sociabilidades — **continuidade** e **mudança**

Psicológico-Emocional:

- **reforço da desaprovação familiar (pai, irmãos e cunhadas) do marido de *E*;**
avaliação paradoxal e argumentação descoincidente de *E*.
- **harmonia e serenidade na vida do jovem casal**

Afectivo-Relacional:

- **maior autonomia do casal**
- **avaliação paradoxal e argumentação descoincidente de *E*.** :
i) afirma que a ruptura familiar apenas se dá com ela (por ser responsável pela escolha do marido)
ii) afirma haver diálogo e boa relação entre a sua família e o marido

Território Societal — **continuidade** e **mudança**

- **androcentrismo / tarefas domésticas;**
- **condição ilegal de *E*-cidadã inexistente, face à legalidade *dele*: cidadã espanhol, beneficiário do RMG**
- **partilha das actividades laborais de subsistência e gestão dos rendimentos; autonomia *dela* na gestão dos recursos comuns**

Território Simbólico-Representacional: **continuidade**:

- Avaliação social negativa
- Auto-avaliação de *E*.: não valorização da leitura social social negativa da sua cultura

| CAIXA 3.1. — ESMERALDA: TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA, MOMENTOS 1 E 2 | |
|--|--|
| <p>Momento 1 (1976 → → 1990) Nível de Subsistência</p> <p><i>“(…)… consejos que no tuve de mi madre…” (…)</i> (p. 6)</p> <p>▸ <u>Factores / Origem étnico-cultural cigana</u></p> <p>▸ <u>Estilo de vida</u> de subsistência socialmente desvalorizado: <i>cidadãos inexistentes</i></p> <p>▸ <u>Factores afectivo-emocionais</u></p> <p><i>de solteira a casada</i></p> | <p>Momento 2 (1990 → → meados 1991) Nível de Subsistência (continuidade)</p> <p><i>“(…) En el primero año sí, que muy bien.”… (…)</i> (p. 2)</p> <p>▸ <u>Factores / Origem étnico-cultural cigana</u>: continuidade + estabilização residencial</p> <p>▸ <u>Estilo de vida</u> de subsistência socialmente desvalorizado: continuidade (<i>ciudadã inexistente</i>) + desvantagem relativa de <i>E.</i> face a «ele»</p> <p>▸ <u>Factores afectivo-emocionais</u>: auto-avaliação positiva do 1.^o Ano de casada + avaliação paradoxal da oposição familiar ao marido</p> <p><i>o 1.^o Ano de casada: “felicidade”</i></p> |

CAIXA 4 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA

MOMENTO 3: **PSD / R** de *Esmeralda* (3 ETAPAS, 2 FASES de REACÇÃO)

1.^a ETAPA do PSD (meados de 1991 → finais de 1994)

FACTORES

Tripla carreira delinquente dele:

- Toxicodependente
- Presidiário (pelo consumo de drogas *duras*)
- Agente de Maus Tratos: Materiais, Físicos, Psicológicos e Simbólicos

TERRITÓRIOS de DESQUALIFICAÇÃO da EXPERIÊNCIA SOCIAL de E.

Psicológicos, Sociabilidades e Habitacionais:

- Total dependência do marido / proibição da gestão dos recursos familiares
- Vítima de Maus Tratos/Chantagens sobre custódia das filhas; distúrbios domésticos
- Total isolamento relacional

de cidadã-inexistente a vítima de maus tratos e humilhações



2.^a ETAPA do PSD (Janeiro a Maio de 1995)

FACTORES

Isolamento social de *E.* após o Realojamento

Reincidência *dele*

Desalojamento da família monomarental (após detenção do marido):

Acolhimento institucional temporário

Abandono da instituição de acolhimento (por *E.* e duas filhas, após libertação do marido)

Forte agressão de *E.* + Imposição, pelo marido, de passarem a viver numa furgoneta

TERRITÓRIOS de DESQUALIFICAÇÃO da EXPERIÊNCIA SOCIAL de E.

Instabilidade da Carreira Espaço-Residencial: sucessão Realojamento-Desalojamento

Isolamento social + Degradação da condição social de *E.*

de cidadã-inexistente- vítima de maus tratos a mulher-esposa-mãe-pedinte

cidadã-inexistente → cidadã-clandestina: CARÊNCIA ABSOLUTA



1.^a FASE de REACÇÃO de E.: Sacrifício Estratégico: Submissão + Resistência sofrida



3.^a ETAPA do PSD (Maio a Agosto de 1995)

FACTORES

Desalojamento familiar → errância familiar

Intervenção dos Educadores Sociais

TERRITÓRIOS de DESQUALIFICAÇÃO da EXPERIÊNCIA SOCIAL de E.

Sociabilidades e Limites da resistência psicológica, moral e física de *E.*

cidadã-clandestina → não-cidadã, estatuto-de-não-estatuto : EXCLUSÃO



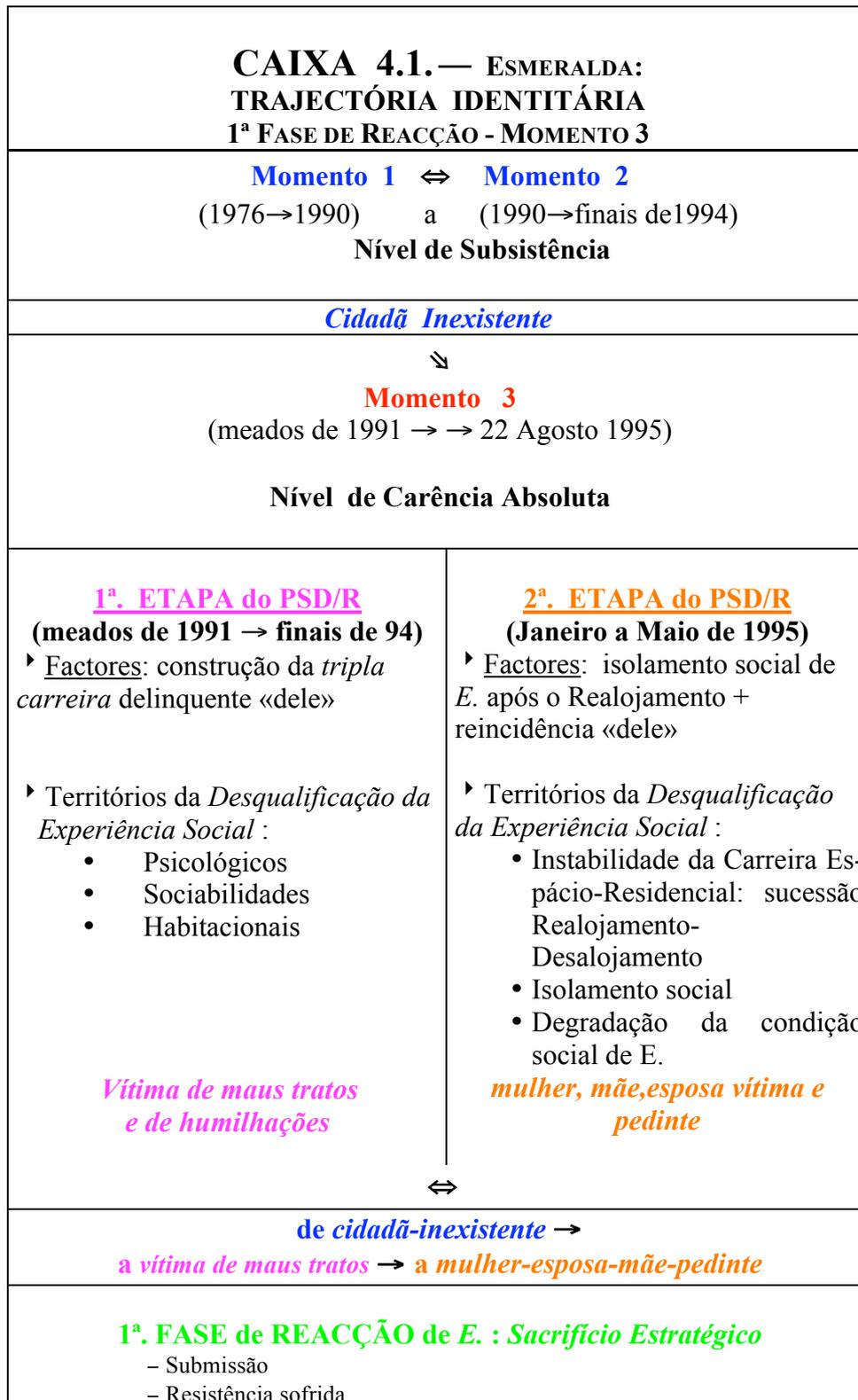
2.^a FASE de REACÇÃO de E. : Decisão + Prática da Ruptura :

Consciencialização da Dominação + procura informação → **gradual consciência dos direitos**

Sentimento de autoconfiança de *E.* face aos apoios familiar e institucional

Fuga + Pedido de acolhimento institucional

Cidadã-mãe-monomarental-utente RSI



CAIXA 4.2. — ESMERALDA:
TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA
2ª FASE DE REACÇÃO - MOMENTO 3

Momento 1 ↔ Momento 2

(1976→1990) a (1990→finais de 1994)

Nível de Subsistência (*cidadã-inexistente*)



Momento 3

Etapas (meados de 1991 → → 22 Agosto 1995)

Nível de Carência Absoluta

(*cidadã-inexistente-vítima de maus tratos a mulher-esposa-mãe-pedinte*)



Momento 3

3ª. ETAPA do PSD/R (Maio a 22 de Agosto de 1995)

Nível de Exclusão

▸ Factores: Desalojamento → Errância familiar +

Intervenção dos Educadores Sociais

▸ Territórios: Sociabilidades +

Limites da resistência psicológica, moral e física de *E*.

cidadã-clandestina + não-cidadã, estatuto-de-não-estatuto:

Cidadã-clandestina ↔ a não-cidadã - EXCLUSÃO

2ª. FASE de REACÇÃO de *E*. — Decisão e Prática da Ruptura :

– **Consciencialização da Desqualificação da Experiência Social:**

- Decisão de romper o isolamento
- limites da resistência de *E*.
- reavaliação da vida por *E*. → balanço negativo
- decisão da fuga

– **Fuga**

– **Pedido de acolhimento institucional**

**CAIXA 4.3. — ESMERALDA:
TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA
3.^a FASE DE REACÇÃO - MOMENTO 3**



CAIXA 5 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE ESMERALDA

MOMENTO 4 (22 Agosto 1995 → → Dezembro 1998)

4.^a. ETAPA do PSD/R :

Processos de Reconstrução Identitária e de Reinclusão de E.

*“ (...) Desde entonces mi vida ha mejorado mucho (...)
sí ha cambiado mucho, mucho ¿no?..
La mía y la de mis hijas. Lo importante son mis hijas. (...) ”*

6 FACTORES DE REQUALIFICAÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA
6 TERRITÓRIOS DA RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA:

- Estabilização-melhoria das condições de habitação
- Estabilização psicológico-emocional de mãe e filhas
- Gradual participação de E. no mercado de trabalho
- Acesso das filhas ao sistema de ensino
- Afirmação identitária de E enquanto Sujeito-Mulher
- Investimento na auto-valorização e na afirmação identitárias
em função do Futuro

3.^a. FASE de REACÇÃO de E. ao PSD: Ruptura e Autonomização: Esmeralda
sujeito-social mãe

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, 3.^a PARTE – MAFALDA: APÊNDICES 8

TABELAS

TABELA 1 – MAFALDA E O MARIDO: TRAJECTÓRIAS LABORAIS, p. 1-2

CAIXAS

CAIXA 6 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 1, p. 3

CAIXA 6.1 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 1 – FAMÍLIA E MEIO DE ORIGEM, p. 4

CAIXA 6.2. – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 1 – FAMÍLIA E ESTRATÉGIA DE RUPTURA ESPACIAL, p. 5

CAIXA 7 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 2 – CASAMENTO-RUPTURA E PSD/R, p. 7

CAIXA 8 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 4, p. 9

CAIXA 8.1. – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 4: 3^a ETAPA DO PSD/R, 4^a FASE DE REACÇÃO, p. 10

FIGURAS

FIGURA 1 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 2: 1^o PSD/R, 4 ETAPAS DE REACÇÃO, p. 6

FIGURA 2. – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA, MOMENTO 3: 2^o PSD/R, p. 8

FIGURA 3 – TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA : OS 3 PSD/R, p. 11

FIGURA 4 – MAFALDA E O MARIDO: REDES DE SOCIABILIDADES, p. 12

TABELA 1. - MAFALDA e o MARIDO: trajectórias laborais

| Fases das TL | até Março de 1976 | Mar.1976/1980-81 ¹ | 1981/1988 | 1988-89 | 1990-91 | 1991/1994 | desde 1994 |
|-------------------------|---|--|--|---|---|---|------------|
| Sujeitos sociais | | | | | | | |
| T. Laboral Dela | 1.^a FASE² j) TL precoce, instável, precária (1971 a Jun/75); • Desenraizamento familiar, abandono escolar, mobilidade geo.: + de 7 ws ↔ 4 locais ³ • Tarefas L: cuidados pessoais + serv. domésticos • Não requisito: habilitação/formação profissional j) abandona 7. ^o W ← casamento (Jun/75) → 9 meses sem trabalhar | 2.^a FASE⁴ j) 1. ^o Mês ⁵ desocupada; residência do casal: quarto, periferia de SnSn j) Reinserção L.: 8. ^o W: 1/2 tempo (Jul/76) • Continuidade Tarefas L. • Dificuldades iniciais língua j) desemprega-se: visita da irmã ↔ tempo p ^a a receber j) Estabilização Laboral 9. ^o W (Ago ⁶ /76 a 1981); • Continuidade: Tarefas L. e residência • Mediadora do 6. ^o W dele | 3.^a FASE⁷ • 1981: Muda de local de trabalho por opção: 10. ^o W; • Continuidade Tarefas L. • Melhoria de condições, salário, horário e localização (SnSn: centro) • Mobilidade casa-w enquanto o casal não fixa residência (Cf. 3. ^a Fase dele) • Promoção, Fixação e Estabilidade Residencial (Cf. 3. ^a Fase dele) | 4.^a FASE⁸ • Desemprego voluntário de 2 anos, após adopção da filha - Mãe: cuidados à bebé - Trabalhadora: apoio ao marido (↔ porteiro) para ele ir às aulas e poder estudar - Doméstica: tarefas da casa (Cf. 3. ^a Fase dele) | 5.^a FASE⁹ Transição gradual da condição de Mãe-Trabalhadora-Doméstica — trabalho invisível de suporte familiar — à condição formal de Mulher-Suporte-Familiar • Substituição, informal, do marido no trabalho: j) da parte da tarde (1990/91); j) a tempo inteiro (1992/93); (Cf. 3. ^a e 4. ^a Fases dele). | 6.^a FASE¹⁰ Formalização da condição de Mulher-Suporte-Familiar • Reemprego: substituição do marido no trabalho: 11. ^o W j) contrato de trabalho a tempo inteiro por 6 meses (1994); j) contrato de trabalho fixo (de meados de 1994 até 1998) | |
| T. Laboral Dele | 1.^a FASE¹¹ j) TL instável como padeiro em Lisboa (?? até Jun/75) j) alternância entre instabilidade / desemprego (Jun/75 a Fev/76) j) decisão individual (Fev) → emigração: (a caminho de França) Espanha (Mar) | 2.^a FASE¹² Imigrante: j) Inserção L. Instável, legal, sectores precários: minas, construção civil pública; 5 ws • Mobilidade geo. (em Esp ^a) j) Desemprego (e subsídio) (Ago-Dez 79) j) Reemprego (informação – pelo 9. ^o W - e diligências dela): 6. ^o W: porteiro (1980) | 3.^a FASE¹³ j) 1981-1988: 6. ^o W: • Promoção e Estabilização Laboral • Promoção, Fixação e Estabilização Residencial j) desde 1988 a 1990/91: • Voluntária e gradual redução da actividade laboral disponibiliza tempo para investir na formação escolar ↔ estratégia de promoção social (Cf. 3. ^a , 4. ^a e 5. ^a Fases dele). | 4.^a FASE¹⁴ Continuidade: • da gradual redução da actividade laboral • da progressão na escolarização → acesso / preparação de provas de ingresso na Universidade frequenta o Curso Superior de Direito (Licenciatura) (Cf. 4. ^a e 5. ^a Fases dele). | 5.^a FASE¹⁵ Abandono da actividade laboral → conclusão da Licenciatura com boas notas → acesso / preparação de provas de ingresso na carreira jurista pública (Cf. 6. ^a Fase dele). | | |

¹ O marido deixa o desemprego em 1980 (porteiro em San Sebastian: SnSn), mas o casal apenas em 1981 estabiliza aí a residência, por motivos de pequenas obras de melhoria-conservação (pp. 19).

² Cf. pp. da Entrevista: 2-11; 33-34.

³ Cf. Caixa A.

⁴ Cf. pp. da Entrevista: 14-16; 18-20; 59 e ss..

⁵ M. refere ter voltado a trabalhar ao fim de um mês de emigrado. Como ela própria rectifica as datas da emigração de ambos — ele em Março; ela em Junho (p. 12) —, logo, o retorno ao trabalho ter-se-à em Julho desse ano.

⁶ “ (...) A minha irmã foi-se embora, “teve” aqui um mês com a gente, muito bem. Passou aqui o mês de Julho e quando ela se foi embora pois eu... pensei em buscar trabalho outra vez e vim trabalhar aqui... (...)” (p. 15).

⁷ Cf. pp. da Entrevista: 19-20.

⁸ Cf. pp. da Entrevista: 33.

⁹ Cf. pp. da Entrevista: 27, 33, 57, 61; 90-91.

¹⁰ Cf. pp. da Entrevista: 36, 59-63, 67 e ss., 90.

¹¹ Cf. pp. da Entrevista: 10-11, 23.

¹² Cf. pp. da Entrevista: 12, 16-17, 24, 44-45;

¹³ Cf. pp. da Entrevista: 19-20, 57-60, 67.

¹⁴ Cf. pp. da Entrevista: 57-60, 67.

¹⁵ Cf. pp. da Entrevista: 23-24, 59 e 61.

CAIXA 6 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA MOMENTO 1 (1959 → → Junho/1975)

FACTORES DO NÍVEL DE SUBSISTÊNCIA: a herança do destino pobre

“(…) Eu sei que os meus pais nesse momento necessitavam de um... pouco mais de dinheiro em casa e eu fui a trabalhar... (…) Eu... a minha ilusão era, pois, ter seguido estudando e ter chegado a enfermeira! Mas tão pouco isso agora, quando olho para trás vejo e...e não me amarga a existência. (...)” (p. 35)

MAFALDA 1

Societais: Família e Contexto de Origem *Pobres* (cf. Caixa A -1.): nasce (1959) em P;

Trajectória Escolar: abandono/interrupção:

- M., após frequência e conclusão da escolaridade obrigatória (6.^a Classe), abandona o sonho de ser enfermeira pelo trabalho;

Trajectória Laboral: precária e precoce:

- 1.^o trabalho aos 12 anos — serviços domésticos como *interna*: guarda de crianças, limpeza doméstica, ajudante de cozinha, compras de manutenção, cuidados de saúde a idosos... ;
- + de 7 locais de trabalho (W): instabilidade/mobilidade geográfica dos 12 aos 16 anos: TN, 3 W; P, 4^o W; TN, «5^o» W (“*várias casas*”); S, 6^o W; L [→Estoril →Golegã] 7^o W: avaliação negativa → abandono TN.

Sociabilidades: Afectivo-Relacionais e Psicológico-Emocionais:

- separação precoce da família: M, em P.: doença *desconhecida* → médico aconselha a mãe para que M. «*mude de ares*» → vai viver para casa de tia ma-terna dos 5 aos 7 anos em Torres Novas (T.N.);
- insatisfação laboral: 7^o w: avaliação negativa: padrões: tratamento «*racista*»; w: tarefas excessivas-requintadas; condições: poucas remuneração + folgas; dificuldades no namoro: cartas, distância, *saídas*;
- imaturidade emocional + namoro de 3 meses + insatisfação laboral 7^o w: → → decisão de M. : “...*deixei tudo aquilo para casar.*” →→
- abandono do trabalho para casar;

CAIXA 6.1. — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA

MOMENTO 1 (1959 →→ Junho/1975)

MAFALDA 1: FAMÍLIA E MEIO DE ORIGEM:

a luta pela sobrevivência emancipada

“... porque tão pouco naquela época as pessoas de, do nível dos meus pais tinham possibilidades de outra coisa, não?(...)havia, duas ou três que poderiam ter seguido estudando. (...) pois a minha irmã es 2 anos mais jovem que eu, eu quando saí de casa a minha irmã ainda estava a estudar, logo foi para casa de uma madrinha voltou para casa e a minha irmã fez a quarta classe já de mayor (...) Já para entrar na fábrica fez a quarta classe.(...) E os outros nenhum quis estudar. Todos trabalham, todos...” (p. 35-36)

FACTORES

SOCIABILIDADES: Contexto de Origem

- Alto Alentejo no período salazarista: dualização social
- Contexto de fluxos emigratórios (França, Luxemburgo...) e migratórios (Grande Lisboa, Beiras...)
- Contexto de recorrentes práticas de suicídio por enforcamento ou por ingestão de veneno (para ratos/plantas/pragas agrícolas...)

ESTILO DE VIDA: Pobre — *Nível de Subsistência* :

- ⇒ pai alcoólico → degradação inserção laboral → abandono laboral ⇔ mãe-suporte familiar ⇔
 - ⇔ *sociabilidades providência* - partilha da educação dos filhos com familiares: tia, madrinha, patrões
 - ⇔ filhos: trabalho infantil + *adulterz* precoce
 - ⇔ restrição + precaridade: recursos / rendimentos económico-materiais + condições habitacionais

SOCIABILIDADES: Afectivo-Relacionais e Psicológico-Emocionais:

- ⇔ ambiente familiar: pai alcoólico-frágil + felicidade + amor + *brigas* entre os pais;
- ⇔ pai — descontinuidade-instabilidade-abandono laboral + tentativa de suicídio

SÓCIO-ESPACIAIS: Rupturas Espaciais, *Carreira Habitacional* (cf Caixa A2):

- migração interna no Alentejo (P. → T.N.);
- mobilidade residencial: em T.N. (6 locais);

4 ESTRATÉGIAS FAMILIARES DE LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA EMANCIPADA:

- ⇒ *sociabilidades providência*
- ⇒ abandono / interrupção do percurso escolar dos 3 filhos mais velhos → inserção laboral precoce
- ⇒ rupturas espaciais: migração interna da família → *carreira* habitacional desqualificadora +
- ⇒ mobilidade residencial → gradual promoção habitacional
- ⇒ reconversão da trajectória laboral da mãe-suporte-familiar: de P, empregada de limpeza → a TN, operária (tecidos e fiação)

CAIXA 6.2. — Trajectória Identitária de Mafalda

Momento 1 (1966 →→ 1975)

FAMÍLIA E ESTRATÉGIA DE RUPTURA ESPACIAL: **CARREIRA E PROMOÇÃO HABITACIONAIS**

MAFALDA 1

HAB 1: “...um rés-do-chão... (...) dois quartos e uma cozinha, grande, nada mais; não tínhamos água, tínhamos que ir buscar a água fora; havia que ir lavar fora...”;

Auto-avaliação da mudança P → TN:

pioria das condições habitacionais

HAB 2: “...donde já havia água, já havia tanque para lavar a roupa, tudo isso.”;

HAB 3: “...Logo outra vez mudámos, porque fomos assim como para as aforas a... da, do, da terra?...”;

Auto-avaliação da mudança HAB 2 → HAB 3 :

melhoria das condições habitacionais

pioria da localização residencial: arredores

HAB 4: “... E logo já voltámos outra vez para TN (...) para outra casa pior (...) uma casa de madeir... como de aa... por dentro tudo de madeira, com as divisões de madeira e tal. (...) a minha mãe saía às onze da noite e... costumávamos estar na rua até que a minha mãe viesse. (...) não tínhamos televisão em casa íamos a... ao café ver a televisão e... vivia com, estava vivendo com a gente uma tia minha. (...) Bom, estava a trabalhar, uma tia minha cerca da gente, uma irmã, meia irmã do meu pai porque era filha só do meu avô.”

Auto-avaliação da mudança HAB 3 → HAB 4 :

melhoria da localização residencial: retorno ao centro da povoação

pioria das condições habitacionais

HAB 5: “...E... e logo já fomos para outra casa, que essa gostava, gostava muito porque tinha terreno com árvores, era um... um andar e detrás do andar tínhamos até uma cerejeira, que era tão amarga que não havia quem comece as cerejas, não?(...) Por ter uma cerejeira em casa era uma maravilha. Aí começou o meu irmão maior a... a ter pombos aa... (...) Pombos correios! (...) Aí começamos a ter, tínhamos um... um quintal e muitas coisas...”;

HAB. 6: “... e logo daí já fomos para a casa d’onde agora vive a minha mãe e donde nasceu o meu irmão pequeno e aí leva, pois, bastante tempo; eu já estou aqui há... (...) e já vivíamos nessa casa. (...) e ali seguimos, ali sigue a minha mãe, claro que muda tudo porque... (...)Tinha três quartos, um salão, a cozinha e uma entrada grande e o banho e logo já... um pouco de quintal e... (...) e estava a explicar à minha filha donde é que dormíamos e que... disse-lhe: “– Pois, donde a avó tem agora a casa da costura, pois aí dormia o tio R. com o tio... F. e tal. Donde é agora a sala eu dormia com a minha irmã e noutra quarto dormia os avós e na entrada dormia fulano e tal” (...) porque incluso a sala grande logo já a minha mãe fez um quarto para os dois miúdos que não queriam dormir na mesma cama. (...) A gente dantes tinha de se aguentar e dormir na mesma cama, no?”.

Auto-avaliação global da carreira habitacional: **promoção habitacional**

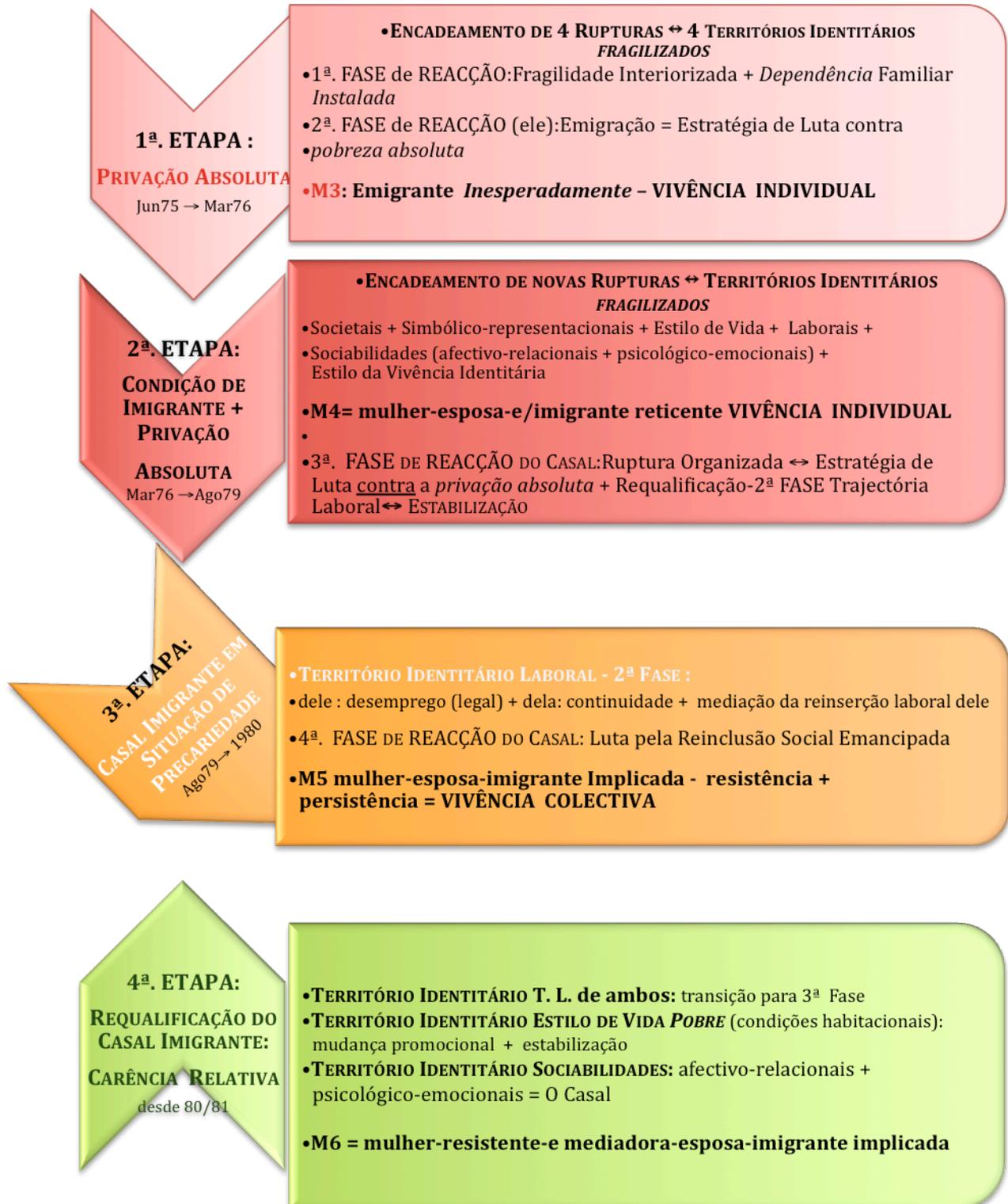
FIGURA 1 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA

MOMENTO 2 (Junho/1975 → 1981)

1.^o PSD / R : 4 ETAPAS — 4 FASES de REACÇÃO

FACTORES: Condição de Origem *Nível de Subsistência* + Casamento-Ruptura

M: ESPOSA *REPENTINAMENTE* = M1 + M2



CAIXA 7 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA

MOMENTO 2 (Junho 1975 →→ 1981/2)

CASAMENTO-RUPTURA E PSD/R

“ (...) ...os momentos importantes... (...) pues... quando conheci o meu marido...
que não esperava que em três meses (...) estivéssemos casados.
Que agora olhas p’ra trás e dizes: “– Porque o fizeste?” Pois porque tinha que passar assim eu...aa...tenho a
conclusão essa que, que tinha que ser assim e... e passou.
“Táva”... (...) escrito, não?” (...) Costuma-se dizer: “– Ah! É o destino, está escrito.
Mas eu também, isso creio que sim. (...)” (p. 66)

MAFALDA 2

CASAMENTO-RUPTURA: quádruplo factor de *desqualificação identitária*

TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS desqualificados:

TERRITÓRIO SOCIABILIDADES: níveis afectivo-relacional e psicológico-emocional:

- idade; - acontecimento rápido e não planeado; - socialização omissa,

TERRITÓRIO TRAJECTÓRIA LABORAL :

- ele: desemprego; - ela: *auto*-desemprego ↔ insistência dele p.^a casar

TERRITÓRIO ESTILO DE VIDA POBRE :

empobrecimento do estilo de vida de *subsistência* : ambos: condição de origem pobre; ele:
condição mais instável; ela: reforço ← desemprego

TERRITÓRIO ESTILO DA VIVÊNCIA IDENTITÁRIA:

nível da perda de autonomia pessoal ← retorno à dependência familiar:

- alojamento; - sobrevivência/recursos; - gestão do quotidiano; - mediação de *biscates* (dele)



ENCADEAMENTO de RUPTURAS:

Casamento-Ruptura - sociabilidades fragilizadoras

Casamento-Ruptura - suspensão laboral

Casamento-Ruptura - empobrecimento: *privação absoluta*

Casamento-Ruptura - dependência identitária



PSD : da *subsistência* à *privação absoluta*

1.^a ETAPA do PSD/R do Casal :

1.^a FASE de REACÇÃO (9 meses) : INCAPACIDADE de SOBREVIVÊNCIA do CASAL
Fragilidade Interiorizada , Dependência Instalada ,

2.^a FASE de REACÇÃO — EMIGRAÇÃO (Mar/1976) :

Luta-Resistência contra a Privação Absoluta

Ruptura Espacial: Estratégia de Reinclusão

MAFALDA 3

FIGURA 2. — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA
MOMENTO 3 (1980→1986) - 2.º. PSD / R : 5 ETAPAS — 6 FASES DE REACÇÃO
MAFALDA 7, DA NÃO-GRAVIDEZ A MAFALDA 9, MATERNIDADE SOCIAL – ADOPÇÃO

“Pois começámos (...) vivíamos ainda em Rentería aa...foi (...) pouco tempo antes de entrarmos aqui a trabalhar.
(...) Depois começamos (...)a pensar em ter filhos... (...) ...eu queria ficar grávida e não havia maneira.(...)
Então fui aos médicos, claro! Aa, porque a culpa sempre é d’uma e... (...) médicos p’ráqui, médicos p’ráli,
creio que não houve médico em San Sebastian que eu não conhecesse (...)
e até que um médico me disse que, que fosse também com o meu marido(...)”. (p.50)

Até 1982: **FACTOR SAÚDE DELE: IMPOSSIBILIDADE DE TER FILHOS**

TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS DESQUALIFICADOS

Fisiológicos - Saúde + Sociabilidades: afectivo-relacionais e psicológico-emocionais + Societais: Cultura de referência/ de pertença + Simbólico-Representacionais + Estilo de Vivência Identitária

1ª Vivência: INDIVIDUALIZAÇÃO do Problema Comum

ETAPA 1: a culpa de M antes da peregrinação hospitalar

1ª REACÇÃO: ADAPTAÇÃO-INSTALAÇÃO: ele culpabiliza-a; ela interioriza a culpa

M7 mulher-resistente e mediadora-esposa-imigrante implicada-não mãe culpada

em 1982: Fragilidade + Sofrimento Calado

ETAPA 2: a luta solitária de M: peregrinação médico-hospitalar: exames negativos

2ª REACÇÃO: LUTA CONTRA A INSTALAÇÃO:

M-Lutadora por informações e diagnósticos + Sofrimento + Inconformismo

Natal de 1982 ou 83:

2ª Vivência: PARTILHA do Problema pelo Casal

ETAPA 3: ele aceita ser examinado: peregrinação médico-hospitalar: exames positivos;

M8 = mulher-resistente e mediadora-esposa-imigrante implicada-não mãe não-culpada

3ª. REACÇÃO: LUTA PELA EMANCIPAÇÃO: Casal -Confronto + Aceitação da Reconfiguração

ETAPA 4: Procura de soluções para o Problema - 3 vias: mediação + Médico + Sacerdote amigo

4ª. REACÇÃO: LUTA PELA EMANCIPAÇÃO: Casal - Negociação+ Opção: Adopção (processo) + Luta

Inícios de 1986 até ao Verão:

5ª. REACÇÃO: CONTORNO-DEFESA → ADAPTAÇÃO-INSTALAÇÃO: demora do processo + diálogo conjugal → Conformismo do Casal = Adaptação à condição de Casal s/ filhos → Desistência de Lutar



Desde Junho/Julho de 1986:

ETAPA 5: Assumir Desafio /Mudança de tornar-se Pai e Mãe adoptivos

6ª. REACÇÃO: LUTA PELA SOLUÇÃO REQUALIFICADORA : Resposta Organizada do Casal - Revisão da Decisão → Superação do Problema – Adopção de uma bebé

•M9 = mulher-resistente e mediadora-esposa-imigrante implicada-mãe adoptiva

CAIXA 8. — Trajectória Identitária de *Mafalda*

Momento 4 (1988 /1994)

3º. Processo de Desqualificação / Requalificação Identitárias

“...daí eu creio que cresci um pouquinho. Fiz-me mais valente assim...” (p. 29)

CONTEXTO SOCIAL PROBLEMÁTICO

Mafalda 11 Mulher ⇔ Esposa ⇔ Trabalhadora + Ele 1 - Homem ⇔ Esposo ⇔ Trabalhador

⇓

Adopção = Mafalda 12 ⇒ abandona trabalho formal

Ele 2 graduado, acesso Univ. + W ⇒ substituição por Mafalda 10 ⇒ Mafalda 11 ⇒
⇒ Esposa ⇔ Mãe adoptiva ⇔ Trabalh.^{ota} Informal ⇔ Suporte Familiar ⇒ Mafalda 12 ⇒
⇒ Ele 3 1988, Lic. em Direito + conciliação com trabalho ⇒ substituição por M. ⇒ Ele 4

⇓ ⇓

⇓ ⇓

⇓ ⇓

1ª ETAPA — VIVÊNCIA da DOMINAÇÃO: INDIVIDUAL e INSTALADA

FASE de Reacção 1: ADAPTAÇÃO: *Secretária de Estudo* = Mafalda 13

ESTILO da VIVÊNCIA IDENTITÁRIA: Esforço-sacrifício estratégico e Implicação:

i) **sobrecarga** das tarefas-responsabilidades até aí assumidas:

trabalho *sistemático informal* em casa i) todos os *cuidados-educação da filha* + ii) *tarefas domésticas*;

ii) **desempenho de novas tarefas**: *secretariado* do estudo do marido;

⇓ ⇓ ⇓

⇓ ⇓ ⇓

⇓ ⇓ ⇓

Desqualificação de 6 TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS :

MATERIAIS: restrição e contenção

SÓCIO-ESPACIAIS: uso do espaço-*casa antroponómica*

SÓCIO-TEMPORAIS: uso útil do *tempo-suporte* do **projecto**

SOCIABILIDADES **afectivo-relacionais, psicológico-emocionais**:

isolamento + solidão + sentimentos paradoxais (fragilidade interiorizada)

SIMBÓLICO-REPRESENTACIONAIS : *queda* ⇐ desvalorização: *viuvez simbólica*

ESTILO da VIVÊNCIA IDENTITÁRIA:

dependência + humilhação-vergonha + inferiorização + **dor**

⇓ ⇓ ⇓

⇓ ⇓ ⇓

⇓ ⇓ ⇓

⇓ ⇓ ⇓

FASE de Reacção 2 : INSTALAÇÃO – FRAGILIDADE INTERIORIZADA

⇓ ⇓

⇓ ⇓

⇓ ⇓

⇓ ⇓

⇓ ⇓

⇓ ⇓

⇓ ⇓

⇓ ⇓

↩ 2ª ETAPA — VIVÊNCIA SOCIAL: A DOMINAÇÃO CONJURADA ↪

FASE de Reacção 3 : CONSCIENCIALIZAÇÃO : *Mulher-floreiro* + *Esposa-criada*

↩

↪

↩ 3ª ETAPA — REQUALIFICAÇÃO SOCIAL IDENTITÁRIA ↪

FASE de Reacção 4 : LUTA-REIVINDICAÇÃO pela REQUALIFICAÇÃO Relacional

FASE de Reacção 5 : LUTA-IMPLICAÇÃO na RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Campos: **Gestão-Suporte** + **Luta pela Dignificação** + **Afirmação Reivindicativa** (Caixa 3.1.)

Mafalda 14 ⇒ Mafalda 15 Sujeito Social Suporte-familiar

CAIXA 8.1. — Trajectória Identitária de *Mafalda*

Momento 4 - Processo de Requalificação Identitária
3ª ETAPA do PSD / R — FASE de Reacção 4: RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA
ESTRATÉGIAS de REIVINDICAÇÃO e de LUTA
3 Campos de Reorientação do ESTILO da VIVÊNCIA IDENTITÁRIA

1– CAMPO DA VIVÊNCIA-GESTÃO-SUPORTE:

ultrapassar a acção antroponómica → **Construção da VIVÊNCIA-SUPORTE-EMANCIPADA**

TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS

reorganização das práticas domésticas, familiares e laborais: partilha, distribuição e prioridades

TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS

reavaliação selectiva dos núcleos de sociabilidade anteriores; abertura ao *exterior*; acção reflexiva

2– CAMPO DA LUTA PELA DIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA

TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS

identificação de centros de interesse; acção de reforço identitário

retorno à leitura: acção reflexiva e selectiva

selecção de noticiários e documentários da TV; acção reflexiva

↓↓ ↓ ↓

auto-promoção informativo-cultural → reconstrução global do quotidiano →
→ auto-reposicionamento pela *presença-pertença relacional*

↓↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓

3- CAMPO DA AFIRMAÇÃO REIVINDICATIVA DA RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

do quotidiano e dos Territórios Simbólico-Representacionais

pela *reconfiguração* da anterior *presença antroponómica* no grupo de estudo

pela *presença activa* nos tempos de convívio daquele

pela *prática da argumentação*

pela *partilha dos núcleos de interacção* com aquele

↓↓ ↓ ↓

↓↓ ↓ ↓

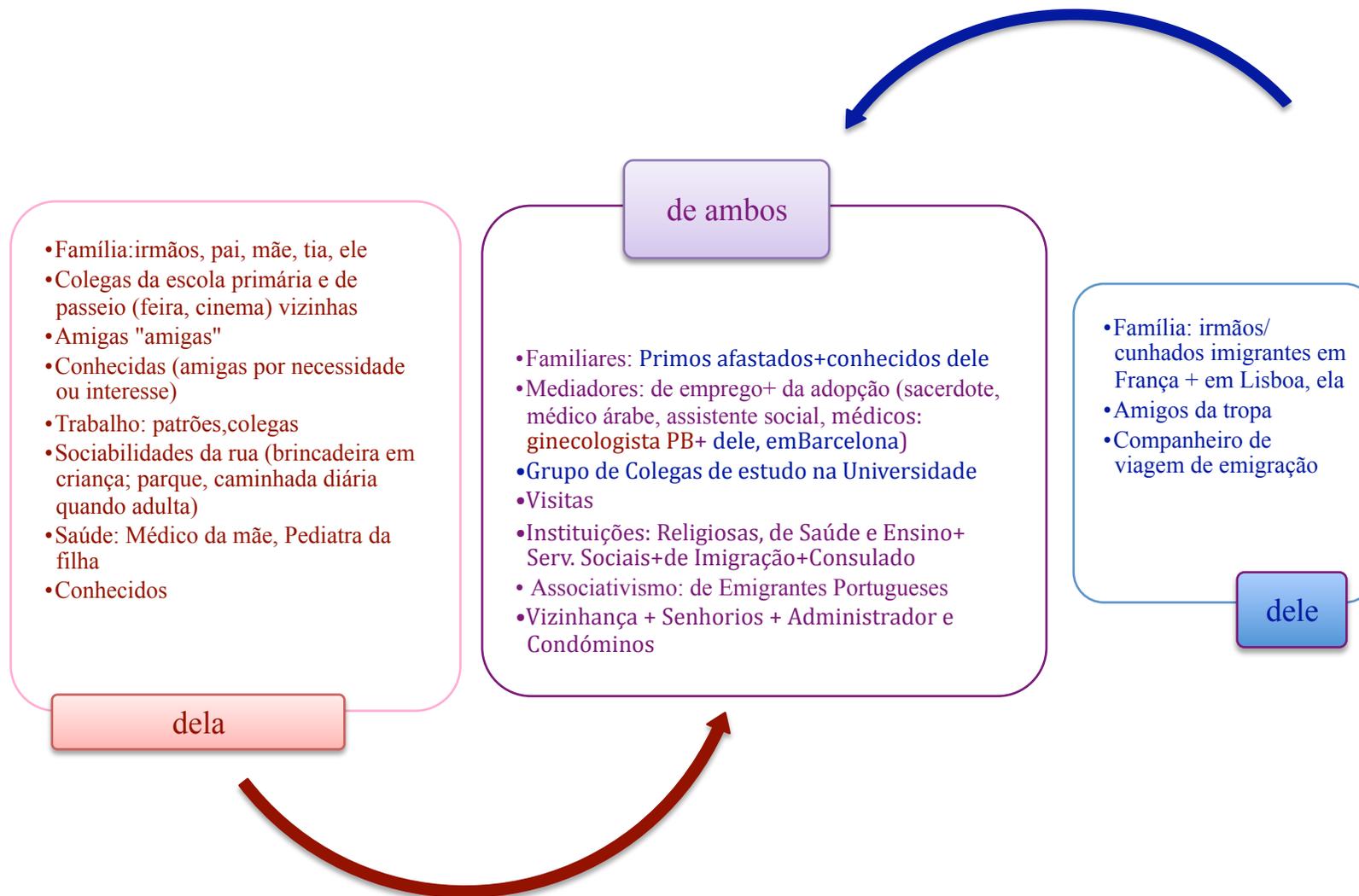
↓↓ ↓ ↓

Mafalda–Sujeito Social Mulher

FIGURA 3. — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE MAFALDA: Os 3 PSD/R



FIGURA 4 – MAFALDA E O MARIDO: REDES DE SOCIABILIDADES



APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, 4.^a PARTE – PALOMA: APÊNDICES 9

APÊNDICE 9 – CAIXA 9-TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE PALOMA – MOMENTO 1, p. 1

APÊNDICE 9 – CAIXA 10-PALOMA – MOMENTO 1, O PSD/R DA FAMÍLIA DE ORIGEM, p. 2

APÊNDICE 9 – CAIXA 11-PALOMA – MOMENTO 1, O PSD FAMILIAR: AZAR-SORTE DOS *MAIS VELHOS*, p. 3

APÊNDICE 9 – CAIXA 12-TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE PALOMA – MOMENTO 2, p. 4

CAIXA 9 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE *PALOMA*

MOMENTO 1 (1961 → → 1970)

MEIO SÓCIO-FAMILIAR DE ORIGEM: *FAMÍLIA SIMPLES, HUMILDE E MUY FELIZ*

(...) vengo de una familia que nunca ha pedido nada a nadie, porque siempre hemos tenido lo suficiente para salir adelante y digo, va, pues problemas económicos no teníamos. (...) Hemos andado siempre muy bien arreglados, muy puestos, y claro, así hemos crecido...” (p. 9)

TERRITÓRIOS SOCIETAIS

Família alentejana, finais do Estado Novo: anos 60: nasce (1961) em Vila Viçosa

TRAJECTÓRIA LABORAL

AVÓS agricultores

MÃE - T. estável e legal: modista;

PAI: diversidade ocupacional + T. clandestina e de risco relativo: contrabandista;

Estilo de Vida: não carenciado ⇐ RECURSOS: gestão autónoma

TERRITÓRIOS: ESTILO DA VIVÊNCIA IDENTITÁRIA E SÓCIO-ESPACIAIS

PAI: mobilidade geográfica ⇒ pai-viajante + fruição-*borga* = PAI-AUSENTE

MÃE: fixação geográfica = MÃE-PRESENTE ⇒ MÃE - Objecto da Rebelião de P.

TERRITÓRIOS SÓCIO-TEMPORAIS: MÃE-Duração; PAI-FRUIÇÃO

DINÂMICA FAMILIAR: ESTABILIDADE + HARMONIA

Papéis Parentais

MÃE: adequação conformista à ausência do pai ⇒ MÃE - Objecto da Rebelião de P.

PAI: ausente ⇒ PAI-REFERÊNCIA modelar de P.

TERRITÓRIO SOCIABILIDADES

PAI: ⇐ PAI-REFERÊNCIA - sociabilidades plurais-diversificadas (psicológico-emocional + afectivo-relacional)

TERRITÓRIO ESCOLAR DOS FILHOS: REGULAR + IRREGULAR

2 rapazes mais velhos: regular ⇐ contínua + sucesso = Trajectória Exemplar

casal de filhos mais novos: irregular ⇐ insucessos + instabilidade + problemas comportamentais



(1967-...) DOENÇA-MORTE PATERNA ⇔⇔⇔ RUPTURA ⇐ ⇔ PSD FAMILIAR



MOMENTO 2

Caixa 10 — Trajectória Identitária de *Paloma*

Momento 1 (1967 → 1977)

O PSD/R da família de origem

“(…) *la amá no puede hacer frente a los gastos para hacer una carrera*
(…) *al fallar el padre, se acabaron las carreras, ni para uno ni para otro* (…)” (p. 21, s n.).

1.º marco identitário: DOENÇA-MORTE PATERNA (1967-70)



IMPACTOS

TERRITÓRIO SOCIABILIDADES: 1.^a **Ruptura afectivo-emocional** de *Paloma* +

+ fragilização afectivo-relacional e psicológico-emocional de toda a família

TRAJECTÓRIA LABORAL: **pai:** suspensão; **mãe:** continuidade ⇒ rendimentos insuficientes

ESTILO de VIDA + RECURSOS: restrição aos rendimentos maternos ⇒

⇒ empobrecimento ⇔ carências/privações relativas



NECESSIDADE: multiplicar e diversificar fontes do financiamento familiar



ESTRATÉGIAS: REACÇÕES – RESPOSTAS (LC PSD)

ESTRATÉGIAS FAMILIARES:

Interrupção da Trajectória Escolar dos 2 filhos mais velhos para:

Inserção Laboral dos 2 filhos mais velhos ⇔ **rejeição** do *destino profissional* prescrito ⇒

⇒ **opção-única saída:** alistamento voluntário ⇒ **Guerra Colonial**

Reorientação e abertura da família a redes institucionais: Dependência + *Rentabilização*

IMPACTOS das estratégias familiares:

libertação: familiar e materna:

- acesso familiar a direitos sociais e ajudas financeiras às famílias de militares em combate:

- financiamento da escolarização do casal de filhos *mais novos:* internato católico

- libertação familiar dos custos de manutenção semanal dos *2 mais novos*

ESTRATÉGIAS MATERNAS:

Dupla expectativa-rentabilidade do Internato de *Paloma:*

inversão da instabilidade da Trajectória Escolar de *P.*

controle do *Estilo de Rebeldia Identitária* de *P.*

IMPACTOS das estratégias maternas:

P. conclui os 3.º, 4.º e 5.º. ano liceais ao fim de 5 anos de internato

continuidade do *estilo* da Trajectória Escolar: **instabilidade** + **indisciplina-rebeldia**

crescendo do *estilo identitário rebelde* de *P.* ⇒ **opção = abandono dos estudos para trabalhar**

↖ **IMPACTO GLOBAL das Estratégias de LCP** ↗

↖ MELHORIA GLOBAL dos RECURSOS FAMILIARES ↗

↖ empobrecimento familiar-Tropa=SORTE dos *2 mais velhos* ↗

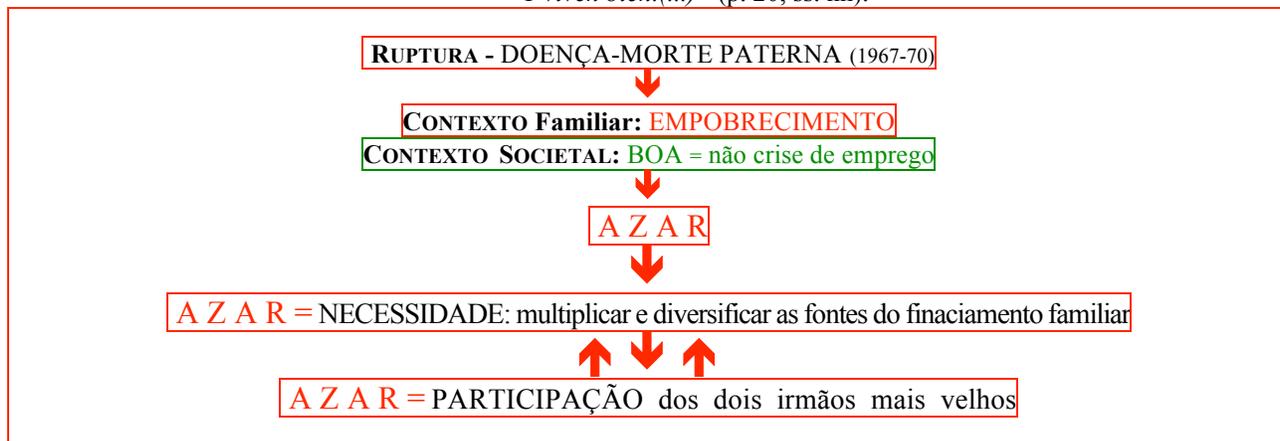
↖↖ *2 mais velhos:* carreiras de sucesso = acomodados ↗↗

Caixa 11 — TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA DE PALOMA —

MOMENTO 1 (1967 → 1977)

O PSD FAMILIAR: AZAR-SORTE DOS MAIS VELHOS

“(…) Mis hermanos están estupendamente.
Viven sin problemas ninguno, de ninguna clase.
Ya sabes, eso de entrar en el ejército, es trabajo para toda la vida, te da seguridad (...)
si eres buen profesional, ¿qué problemas económicos tienes?, ninguno.
Y viven bien.(...)” (p. 20, ss. nn).



Interrupção da Trajectória Escolar = azar ↗ = SORTE



Possibilidade de **construir e escolher** projectos pessoais de vida = SORTE



Inserção Laboral: alistamento *voluntário* na **Instituição Militar** = azar ↗ = SORTE



↘ ↙ Guerra Colonial = azar ↗ = SORTE

↘ ↙ sofrimento + sacrifício + risco de vida = azar ↗ são e salvos = SORTE

↘ ↙ Concetização-Realização da T. E. = SORTE

↘ ↙ Concetização-Realização dos projectos pessoais de vida = SORTE



Casamentos ricos = SORTE



CARREIRAS de SUCESSO = VIDAS ACOMODADAS

SORTE

APÊNDICES DO CAPÍTULO TRÊS, ENTREVISTAS: APÊNDICES 10

APÊNDICE 10-1. – ENTREVISTA DE SARA (CAPÍTULO TRÊS, 1.^a PARTE)

APÊNDICE 10-2. – ENTREVISTA DE ESMERALDA (CAPÍTULO TRÊS, 2.^a PARTE)

APÊNDICE 10-3. – ENTREVISTA DE MAFALDA (CAPÍTULO TRÊS, 3.^a PARTE)

APÊNDICE 10-4. – ENTREVISTA DE PALOMA (CAPÍTULO TRÊS, 4.^a PARTE)

APÊNDICE 10-5. – ENTREVISTA DE AMÉLIA (CAPÍTULO TRÊS, 5.^a PARTE)

APÊNDICE 10-1 – ENTREVISTA DE SARA (CAPÍTULO TRÊS, 1.^a PARTE)

Entrevistadora- (...) Estava-me a dizer, aa... antes de, das outras coisas que, que vamos conversar, mas isso que me estava a dizer, de... de aqui aa... de gostar de ser Portuguesa!?

Sara- Estou encantada de ser Portuguesa, em primeiro lugar, moro há aqui vinte e dois anos, o meu marido é Espanhol, tenho três filhos, soy encantada de ser Portuguesa, gosto muito de cá estar em San Sebastian, porque es uma terra muito encantadora, mas Portugal em primeiro lugar!, isso é até à morte, Portugal em primeiro lugar! Os meus filhos também gostam muito de Portugal; y, claro!, quando viemos de, de Portugal chorei muito. Foi triste, claro, deixei os meus pais, tinha vinte e um ano.

E- Hum, hum.

S- Não gosto de falar muito disso, porque me... me emociona muito!, vamos!, deixei os meus pais ali, vim p'ra cá, claro!, tinha que seguir o meu marido, vinha "p'ráqui" a trabalhar, pois, lo segui. Passamos muito mal porque, claro, chegares aqui a uma terra que não é tua, fora de uma, de umas...! Vamos!, não sei como dizer?, una, unas, distinto!, vamos!, um ambiente distinto, totalmente distinto a nós em Portugal...

E- Pois.

S- ... hoje em dia está, mais ou menos, igual, mas então naquele tempo, não entendiam os Portugueses!

E- Hum, hum.

S- Claro, vais a una tienda, vais a um... a comprar qualquer coisa e não entiendes, não sabes o que pedir!

E- Hum, hum.

S- Então passei mal; eu muitas vezes ia, iba à compra, com a bolsa como iba vinha com ela vazia, que não entendia. E lembro uma vez que queria comprar ovos...

E- Hum, hum.

S- ... e não sabia pedir ovos!...

E- Hum, hum.

S- ... e yo com as mãos simulava que partia e "botava" na sertã, yo fazia de tudo e a senhora não me entendia, porque eram Bascos, claro!, em Rentería!

E- Hum, hum.

S- E ao final, viram o último recurso, claro!, como me faziam falta os ovos, eu comecei a cacarear como uma galinha.

E- Hum, hum.

S- E a senhora me entendió e me deu; mas, mas pessoas que sempre me trataram, e nunca!, isto vai, está gravando, y no me importa, porque eu sempre com las pessoas Bascas, o que são as pessoas Bascas, aqui no País Basco sempre me trataram de maravilha!, nunca tuve, vamos, uma percalço con alguién!

E- Hum, hum.

S- Sin embargo com Portuguesas, e com pessoas de Galicia, aunque me marido é Galego, já tive! Já tive...

E- Hum, hum.

S- ... porque, uma, os Gallegos diziam que os Portugueses vinham "p'ráqui" a tirar o trabalho aos Espanhóis, e eu, claro, eu les cantava, porque lhes dizia: quando uma pessoa emigra do seu país, p'ra fora, busca o pão dos filhos!, senão não saía da sua terra! "P'a" passar fome e "p'a" passar miséria, pois estou na terra que estou!, na minha terra!, vamos! Então eu vim "p'ráqui", pois, yo não foi o meu caso, que o meu marido era Espanhol e trabalhava, tinha trabalho, pero os nossos, os Portugueses que vinham, pois, se igual, a uma pessoa Espanhola, daqui, pediam cinquenta mil pesetas a soldo p'ra ir a la mar, pois, um Português, pois, a lo mejor iba por vinte e cinco ou trinta; porque os Portugueses são muito, são muito valorados aqui, porque são muito trabalhadores!

E- Hum, hum.

S- Querem muito, porque, são muito trabalhadores, os Portugueses. Bem, há de tudo, hay bons, hay maus, há pessoas que, bem, mas, a maioria...

E- Sim.

S- ... gente muito valorada! Então, claro, com pessoas Portuguesas, isso era com os Espanhóis por o tema do trabalho, e tal. Com pessoas Portuguesas o problema que tinha eram, porque muitas Portuguesas, quando estiviemos a

Portugal, todas nos conhecíamos, mas depois de levarmos uns aninhos aqui em... San Sebastian, pois, já queremos ser Espanholas.

E- Sim.

S- Já queremos aparentar, não é ser Portugueses, aparentar ser Espanholas.

E- Sim. E não concorda com isso!?

S- E não estou de acordo!

E- Hum, hum.

S- Porque yo posso falar muito bem o Castelhana, ‘p’a’ defender-me donde estou, lo vejo fenomenal.

E- Hum.

S- Mas, com isso no quer dizer que eu renegue a minha língua Portuguesa.

E- Hum, hum.

S- Para nada!, já disse ao princípio, para mim Portugal é até à morte! E no dia que me morra, a Portugal me têm que levar, isso tenho, tanto que tenho uma apólice de seguros... .

E- Hum, hum.

S- ... a minha família, mi marido quer ir ‘p’a’ Galicia, ‘p’a’ terra dele, claro!, aí está!

E- Hum, hum.

S- ... el vá a su tierra y yo: “no si vos ocurreis... es que ni pensais em enterrar-me aqui na Galicia, a mi, a Portugal!” Eu quero ir ‘p’a’ Portugal, donde, onde eu nasci, terminarei. Então, com as pessoas Portuguesas, pois, não querem falar Português. Querem, falamos entre Portugueses, falamos entre Portuguesas, porque temos que falar entre nós... .

E- Hum, hum.

S- ... a lingua Espanhola?

E- Hum, hum.

S- Quando as pessoas Bascas, daqui, são Espanholas e Bascas... .

E- Hum, hum.

S- ... entre eles falam Basco!

E- Pois.

S- ‘P’a’ não olvidar, ‘p’a’ não esquecer as l... a lingua deles, e a mim parece fenomenal!

E- Pois.

S- Eu também quando estou com amigas Portuguesas, pois, falo Português! Vou numa excursão, pois, a minha música é Portuguesa!, ‘tou’ na minha casa, pois é música Portuguesa! Que... eu já lhe mostrei logo, no?, toda, toda a música tenho Portuguesa, e quando vou a Portugal, tudo lo que posso de Portugal, trago!

E- Hum, hum.

S- Que incluso!, onde trabalho eu, os meus chefes puseram lá uma nova... não sei, um aparatito que le põem umas antenas... .

E- Sim.

S- ... e apanham todos os canais: e o outro dia me deram surpresa, a mim, estavam a comer e... (os senhores, os, os patrões, muito boas pessoas, levo seis anos, são umas pessoas como se fora minha família)...

E- Hum, hum.

S- ... e puseram a, a, a mudar as, os canais na televisão... .

E- Sim, sim.

S- ... e nisto o que eu vejo ali!?, “Radiotelevisão Portuguesa”, digo: “– Olha Portugal!..”. (Risos de E..) Chorei! Chorei emocionada... .

E- Claro.

S- ... porque, parece que quando vê!, a bandeira Portuguesa, ou ouves qualquer coisa Portuguesa, a mim me choca muito! Então, estavam a dar, que isto, eu não sei esse tema, de um moço que matou não sei quantas pessoas, lá em Portugal, em Pe... .

E- Hum.

S- ... que... estava a ser o juiz, e tal, que era o... tribunal, estavam a sair, digo: “- Ai!, por favor, Rafael, deixa-me ficar aí, quero vêr Portugal!” E disse: “- Olha, em Portugal, quando era rapariga, eu não sabia o que, o que significava Rádio... era la R. la T. e la P. e sabes o que inventei eu?, ratos, toupeiras, pardais! Quando era miúda.

E- Sim. (Tom de riso)

S- Diz ele: “- Como eu, como eu digo: ratos, toupeiras, pardais. Radiotelevisão Portuguesa.

E- Sim.

S- E yo, mas, o que eu ouvi, vamos!, o que era falar de Portugal!

E- Claro.

S- A tradição Portuguesa. E como essas coisas, muitas coisas, histórias, que não são histórias que foram realidades...

E- Pois.

S- ...que às vezes, às vezes, por exemplo, o dia 13 de Maio, não temos ajuda nenhuma!, nós mesmas, umas quantas Portuguesas...

E- Hum, hum.

S- ...-que logo já lhe “amostrarei”, que tenho aí os folhetos-...

E- Hum, hum.

S- ... então nós, vários Portugueses, pensámos: porque não fazemos o dia 13 de Maio?, já que não podemos ir a Portugal?

E- Hum, hum.

S- Porque não fazemos aqui, na nossa igreja?...

E- Hum, hum.

S- ... uma Nossa Senhora de Fátima, trazer de Portugal...

E- Hum, hum.

S- ... e fazer o dia 13 de Maio, como se fosse em Portugal? Pois, o conseguimos!

Entre várias, muitas não quiseram colaborar, as que quisemos colaborar, colaborámos, demos um tanto de dinheiro...

E- Hum, hum.

S- ... uma pessoa foi a Portugal, trouxe uma Nossa Senhora de Fátima quase do tamanho da Virgem de Fátima que temos em Portugal...

E- Hum, hum.

S- ... nos trouxeram; falámos com o padre, nosso, da igreja, que eu tenho muita confiança e isso (imperceptível)...

E- Hum, hum.

S- ... e comentei, e ele disse: “- Pois sim.” Temos a Nossa Senhora de Fátima, todas as semanas mandamos-lhe flores!

E- Hum, hum.

S- Quando vamos a limpar a igreja, siempre estamos com a Nossa Senhora de Fátima, siempre! Aí a temos na igreja! E o dia treze de Maio...

E- Da igreja daqui?

S- Da igreja daqui!, de Trintxerpe, a igreja, é a igreja de Nossa Senhora do Carmen, a temos ali. E o dia treze de Maio é muito bonito!, e, e este ano já vem no rádio em San Sebastian, que eu já falei, igual, vem... rádio San Sebastian vai vir o dia 13 de Maio, estou a fazer tudo isso, porque, claro, é uma coisa nossa, então, nesse momento, pois, intentamos fazer com a associação de Portu... Portuguesa de Astigarraga.

E- Hum.

S- Mas não quis.

E- Hum, hum.

S- O primeiro ano fizemos.

E- Hum, hum.

S- Mas o segundo ano já vimos que aí havia uma, um... era um sistema, era um sistema de ganância.

E- Hum.

S- E a mim não me gusta, eu por dinheiro num, num gosto de fazer, gosto de fazer coisas com vontade.

E- Hum, hum.

S- Então, fazemos, lhe pomos um altar muito bonito, pedimos às Portuguesas e às pessoas Espanholas, que queiram colaborar, quinhentas pesetas cada pessoa, nesse mês de Maio, dia 13 de Maio, “p’a” fazermos a missa, porque, claro!, temos a missa não nos, não nos, não, casi não pagamos nada, porque o padre é muito nosso amigo; mas, claro, chamamos um pianista, não somos, não somos artistas de cantar, nem somos de coros, nem nada, mas fazemos um sacrificio, que o dia que gravemos, que saia tudo bem, vou mandar gravar este ano. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e já –com a direcção podemos mandar a cassette p’ra ver que isto que estou a dizer que é ver. . ., es, é verdade, não é mentira nenhuma!– . . .

E- Sim, sim. Claro.

S- . . . temos um pianista, pagamos ao moço de, dar-nos de, claro!, ele com o, com o pouco que ele sabe, que ele é músico, mas, ele tem que nos preparar!

E- Claro.

S- E, começamos os ensaios, por exemplo, começamos hoje os ensaios. . .

E- Hum, hum.

S- . . . até Maio, a cantar, os cânticos de Nossa Senhora de Fátima. Lhe pomos as flores, falamos com as freiras, e pomos as flores, e que tal, to. . . todo esse dinheiro que nos pedimos, temos fotocópias, ponemos por todo o lado, por toda a rua, ponemos cartazes da Nossa Senhora de Fátima, por todo, por todos sítios! E muita gente vem, a igreja. . . é só visto!

E- E também Espanhóis?

S- Gente Espanhola, repartimos lenços, “p’a” dizerem adeus no último cântico, o adeus à Nossa Senhora, muita gente Espanhola não entende, mas a emoção que lhes entra, choram!

E- Hum, hum.

S- Encantados! Houve um ano que fizemos, quizás o primeiro, ou o segundo ano? . . .

E- Hum, hum.

S- . . . segundo ano, parece que foi, que fizemos, típico Português, “despois” da missa um pequeno, um pequeno lunch. . .

E- Sim.

S- . . . no salão; fomos criticadas!, pelas Portuguesas.

E- Hum.

S- É triste! É triste. Então, fizemos, estivemos três dias seguidos, umas cinco ou seis, não havia mais. . .

E- Hum, hum.

S- . . . fazer o típico bolinhos de bacalhau, mandaram vir pão de, de milho de Portugal, vinho Gatão de Portugal, que mandámos vir, fizemos tremoços, azeitonas, mandámos vir coisas nossas de Portugal, p’ra fazer um pequeno lunch.

E- E vocês cozinham tudo?

S- Cozinhámos, até, tivemos, tivemos que cantar na missa, era um Domingo, coincidia, cantar no Domingo p’la manhã, na missa. Estivemos até às três da tarde, até às três da manhã na noite de vispera. . .

E- Pois.

S- . . . umas quantas, a X e eu, umas quantas, bueno, umas quantas.

E- Eu não revelo os nomes.

S- Então, na hora de comer, na hora que terminou a missa, porque somos tantos Portugueses!, tantos Portugueses!, que somos aqui, não me refiro nem a San Sebastian, nem na. . .

E- Sim, sim, sim. Sim, aqui na zona, sim.

S- . . . me refiro aqui! Para trabalhar não veio ninguém, ninguém!

E- Hum.

S- Mas “p’a” hora de comer. . . e logo, claro, botámos música Portuguesa e vai logo todo o mundo ali, pois, o que era típico nosso Português uma, uma alegria, uma festa nossa, Portuguesa, pois, não fizemos mais. Não fizemos mais, porque não podíamos. . .

E- Pois.

S- ... porque foram muitas críticas. Gente Espanhola ficou encantada, mas os nossos Portugueses, parece mentira, que somos Portuguesas, mas é a verdade, somos... (suspiro) não sei, como... assim (me foge a palavra), maus, uns “p’ós” outros.

E- Hum, hum.

S- Se vimos uma pessoa Portuguesa, nossa, enterrada na lama. ...

E- Hum, hum.

S- ... em lugar de ajudar-la a levantar, enterramos mais.

E- E entre os Galegos?, em geral, que, que emigraram “p’áqui”?

S- Entre os...

E- Também acha que têm...

S- Sim.

E- ... essa relação?

S- Sim. Yo não sei porquê, se é pela, pela raiva!, ou... inveja, eu não sei o que, o que pode passar, em lugar da gente, pessoas emigrantes, ajudarem-se uns aos outros, pois estamos fora das nossas terras...

E- Claro.

S- ... não! Entre os Gallegos passa o mesmo.

E- E entre os Bascos?

S- Os Bascos são muito unidos, porque hay muitos Bascos em... América...

E- Ham, ham.

S- ... nas Américas, em Texas, hay muitos Bascos, porque todos Domingos na televisão dá.

E- Hum, hum.

S- No canal Basco, no canal Gallego...

E- Sim.

S- ... dá aqui. Então, claro, dá o que, pois, as pessoas Bascas que emigraram “p’a” Argentina, Texas...

E- Hum, hum.

S- ... esto... Ama... Amazonas, tudo por aí...

E- Sim.

S- ... tiene muitos, muita gente Basca, e estão unidos!, quando isso, é ao que me refiro, quando hay una, vamos, uma cena, por exemplo, o dia de San Sebastian...

E- Sim.

S- ... os Bascos aí se juntam todos e fazem umas festas que es, vamos, es emocionante a festa que fazem todos os Bascos; porque motivo, nós os Portugueses não fazemos? Yo há pouco tubo um problema com uma Portuguesa.

E- Hum.

S- Yo chamei um rádio e, falei...

E- Sim.

S- ... porque sou emigrante, e me fizeram uma classe de perguntas, esse tal senhor no rádio.

E- Portanto, é um programa que fala sobre os emigrantes?

S- É um programa que falam sobre os emigrantes...

E- Hum, hum.

S- ... é um programa feito “p’ráqui” “p’a” Espanha, mas claro!, se chamam uma pessoa Portuguesa pelo acento que temos, notamos que somos Portugueses.

E- Pois.

S- Esse senhor me fez uma pergunta: “– De donde és?” Esto foi um programa da noite, eu disse: “– Soy de Portu... soy Portuguesa.” Eu não tenho por que encobrir que sou Portuguesa, sou Portuguesa. “– E de que parte?” “– Eu, bueno, eu pertenco, pertenco, pois, de P, pois, a vinte e tal quilómetros de Porto, pois, PV e tal.” Bueno, e bem, entonces, esse senhor me disse: “– Então, que tal?, quando... vir de uma terra p’ra outros costumes, “p’ráqui” “p’rá” Espanha?” Como foi, eu contei o passado, como já contei que vou muitas vezes à compra e que... eram umas costumadas distintas e que passei muy mal, chorei muito, admirava muito a minha terra, os meus pais, a minha família, as minhas tradições, echaba de menos, não tinha nenhum filho, tinha apenas a minha irmã que trouxe “p’ráqui” pequenina, pequenina

E- Hum, hum.

S- Echaba muito de menos, a minha terra, claro! Mas, ao vir “p’ráqui” e estar aqui, pois, passar os anos, nascer os filhos, já me fui habituando. Falo Castelhana, porque me faz falta, “p’a” estar aqui, claro, “p’a” viver tenho de estar aqui “p’a” falar o Castelhana.

E- Hum, hum.

S- Mas, isso, o que disse antes não renego! Então, esse programa, esse senhor do programa disse-me p’ra mim: “– Pois a, a ver se, se cha. . . se dizes a algumas companheiras mais, paisanas tuas. . .

E- Hum, hum.

S- . . . que chamem, mulheres dos marinheiros. . .

E- Hum, hum.

S- . . . porque estais sós. . . sabes?, a vida de um marinheiro é muito dura, e das mulheres, das esposas também, porque estais sózinhas e fazeis de mãe e de pai.” E nessa palavra que esse senhor me dizia, a mim me chocava. Então, eu comecei a, a correr a voz, a chamar amigas minhas Portuguesas. . .

E- Hum, hum.

S- . . . “– Olha!, fulanita chama o rádio, que tens um programa muy bonito!”

E- Hum, hum.

S- Amigas minhas que chamaram. E entre umas e outras foi, fizemos uma audição, aqui, na zona esta. . .

E- Hum, hum.

S- . . . que o senhor diz mesmo: “– Graças esta, à K, temos uma audição, nesta zona, muito boa, por aqui.” Então, claro, eu, no rádio, pois eu disse, esse senhor me convidou um dia a ir ao programa, ao rádio falar, e eu fui!

E- Claro.

S- Yo tão tranquila!, que fui com os meus filhos, levei a minha filha mais velha, o namoro da minha filha me levou, e fui. E, claro, muito encantado!, então o senhor me fez perguntas, e eu que s. . . porque nesse momento havia um moço que era Andaluz.

E- Hum.

S- E por lo visto, tinha uma voz muito bonita, e esse senhor disse “p’a” ir a cantar e ele, e ele então pediu perdão às pessoas aqui no País Basco. . .

E- Hum, hum.

S- . . . que, igual, muita gente daqui que não gostava que ele cantasse, porque ele é Andaluz, cantar Andaluz, claro. . .

E- Hum, hum.

S- . . . yo, yo contestei, yo disse p’ra esse moço: “– Não tenhas vergonha de cantar o Andaluz! . . .

E- Hum, hum.

S- . . . porque es tu terra!, donde tu nasceste! . . .

E- Hum, hum.

S- . . . como yo sou Portuguesa.” Eu quando em casa “tu” triste, eu como, me encanta a música, toda a classe de música me encanta, e mais a minha música Portuguesa, e disse: “– Eu quando estou em casa, estou triste, eu estou, assim, um pouco, vou buscar a minha música Portuguesa, ponho-me a cantar os fados!” Os fados cantava a minha, tinha a minha mãe, que cantava muito bem e, pois, eu ponho-me a cantar. E as minhas filhas já sabem: fados, quando eram pequenas. . .

E- Pois.

S- “– Mãe, canta tal fado.” E eu estou orgulhosa de ser Portuguesa!, de cantar a minha língua. Então, eu isso, tudo isso saíu na, na emissora, na antena. . .

E- (imperceptível)?

S- . . . saíu na rádio.

E- Claro.

S- E, claro!, havia muitas paisanas minhas a ouvir. Isto foi um Sábado, e o Domingo fui à missa. Fui à missa das, do meio dia, e ao sair da missa essa moça. . . me encontrou. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e diz: “– Oi!, esta noite ouvi-te falar no rádio.

E- Hum, hum.

S- E eu disse-lhe: “– Pois sim. E quê?” E me diz ela assim: “– Ah!, estube tudo muito bem, porque falaste da Nossa Senhora de Fátima, da missa e tal. . .” Digo assim: “– Mas não sei. . .” Digo: “– Não chamas tu porque não queres! Eu estou farta de dizer a todas as nossas Portuguesas que chamem!” E diz: “– Ah!, eu não cha. . . não chamo porque eu falo Português.” Digo: “– Eu também falo Português, que sou Portuguesa.

E- Hum, hum.

S- Mas tu, como todas, mais ou menos, falamos um pouco bem o Castelhana, pois falas como sabes. Porque fulanita e voltanita chamou. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e também se notava que eram Portuguesas!”

E- Hum, hum.

S- “– E não, mas, estive tudo muito bem, mas o que não gostei foi que disseses que estavas orgulhosa de seres Portuguesa.” Disse: “– Então, mal!” Vim p’ra casa chorei! Eu disse a essa pessoa: “– Bem, yo porque tenho que negar que sou Portuguesa? Se são Portuguesas as minhas raízes!? A minha raiz, os meus pais me deram em Portugal! E eu nasci e cresci, fui mulher, em Portugal! Vim “p’a” uma terra que não é minha; lhe agradeço muito, porque é a terra que me está a dar o pão, mas, com isto não quer dizer que eu renegue a minha pátria!, rapaz, para nada! Tenho nacion. . . tenho nacionalidade Espanhola, quando fui fazer nacionalidade Espanhola chorei, porque me disseram que, então naquele tempo, no ano 77. . .

E- Pois.

S- . . . não havia dobre nacionalidade, era somente a Espanhola. . .

E- Ham, ham.

S- . . . e eu tinha que fazer p’los meus filhos! . . .

E- Pois.

S- . . . “p’la” filha que tí. . . tinha-a pequenina, de sete meses, naquela altura. . .

E- Pois.

S- . . . e eu não podia ir “p’a” Portugal e levar a minha filha comigo, tinha “q’ir” o pai a acompanhar. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e então eu me vi obrigada a fazer a nacionalidade Espanhola, mas eu nunca pensei! –e isto lo digo com o coração nas mãos, e “p’la” boa sorte dos meus filhos, isto que eu vou dizer, mi marido não está presente, mas se estivesse presente ele justificava–, fomos, e ele, claro!, um senhor, um juiz, com um. . . cacharro¹, uma coisa destas de quatro picos, eu não sei como lhe, como lhe chamam? . . .

E- Sim.

S- . . . não tenho estudos, não sei. . . como se chama isso, e “tava” a bandeira Portuguesa!, a bandeira Espanhola a outro lado!, e o senhor juiz me disse p’ra mim: “– Bem, aqui tem a senhora a bandeira Portuguesa e a bandeira Espanhola, tem que pôr a mão, a mão na bandeira Portuguesa!, e tem que dizer a palavra: renuncio a Portugal! Se a senhora não diz que não renuncia a Portugal, não lhe podemos dar, dar a nossa nacionalidade.” E eu olhei “p’a” meu marido, as lágrimas me saltaram! E diz ele, e fez assim p’ra mim como dizendo: “– Claro!, renuncias, mas, é a tua pátria, mas, tch, “p’a” nacio. . . “p’a” nacionalidade tens que fazer isso.” Então eu com a bandeira, com a mão na bandeira Portuguesa, a bandeira pequenina. . .

E- Sim, sim.

S- . . . e tive que dizer, o senhor, o senhor esse, perguntava-me, o juiz perguntava-me: “– Renuncias tu pátria?” E eu tive que dizer, pois: “– Renuncio, sim.” Vim p’ra fora, claro, me deram a nacionalidade, cheguei cá fora, disse “p’ó” meu marido: “– Eu chego a saber que a mim me mandam fazer isto!, de renunciar a bandeira. . .

E- Hum, hum.

¹ Isto é: “(. . .) vasilha ordinária; caco, pedaço de loiça quebrada; coisa sem valor; (. . .) (CAVERO, David Ortega (1990), *Dicionário Português-Espanhol. Espanhol-Português*, Barcelona, Editorial Ramón Sopena, S.A. (nova edição revista e atualizada por Julio da Conceição Fernandes), Tomo II : pp. 777).

S- ... a mim já não, já, de verdade!, não vinha aqui fazer. ..., já, já podia estar aqui um montão de anos sem ir a Portugal, mas eu a bandeira portuguesa não a renunciava!” Me doeu muito. Então, o que estávamos a falar antes, dessa companheira.

E- Sim.

S- E disse-lhe: “– Eu tenho a nacionalidade Espanhola há muitos anos, creio que fui das primeiras Portuguesas, mas eu não renego a minha pátria! E tu porque tens que renegar a, a nação?, a língua tua?” Diz ela: “– Ah!, porque não tens porque dizer, não tens porque dizer que és portuguesa, porque tens que andar aí a comentar aos quatro ventos que és Portuguesa?” Disse: “– Porque não tenho que comentar aos quatro ventos: soy Portuguesa!?” “Atão” uma pessoa Espanhola, quando vai fora diz: eu sou Espanhol, estou orgulhoso de ser Espanhol!, eu que não tenho que dizer que estou orgulhosa de ser Portuguesa!?! Acaso Portugal es alguna mierda!?” –perdonando a palavra– ...

E- Hum, hum.

S- ... “– Portugal é um País como outro qualquer!, civilizado; há muita Espanhola, a Portugal e vêm encantados a Portugal!” Porque onde eu trabalho foram os filhos, o filho e uma nora, foram a Portugal, vieram encantados!, de comer, de, o trato das pessoas, agradables, porque muita gente Espanhola, aqui, diz que nós, os Portugueses, são muito dóceis, mesmo pessoas que temos que demonstrar muito carinho.

E- Hum, hum.

S- E é verdade! Há de tudo!

E- Hum, hum.

S- Então eu digo, eu disse “p’á” essa pessoa, me dirigi “p’á” essa pessoa e lhe disse: “– Olha, mira, desculpa o que te vou dizer, mas o que tenho neste momento “p’á” te dizer não posso m. . ., es que ã. . . es que não posso calar!, toda a pessoa que renega a pátria, toda a pessoa que nega dizer de donde é, pode ser o país mais ordinário que possa haver, interiormente, e exteriormente, não vale p’ra nada! Não tens valor nenhum. E para mim, o valor que tinhas como Portuguesa, mas, não te deixo de falar nem muito menos!, mas. . . a mim me ficou cá dentro!” E comentei com outras pessoas Portuguesas, quem realmente adora a Portugal, e quem realmente se sente Portuguesa, e ficaram baradas!, em dizer que essa pessoa negou ser Portuguesa.

E- Hum, hum.

S- E como essa pessoa, há muitas.

E- E são da mesma época de emigração, sua, ou são mais jovens?

S- Mais jovens.

E- Estão cá há menos tempo?

S- Há muito menos tempo que eu. Porque, incluso, essa pessoa esteve cá, foi “p’á” Portugal. . .

E- Hum, hum.

S- ... teve um negócio em Portugal. . .

E- Hum, hum.

S- ... não lhe foi bem, tomou a emi. . . a emigrar a São Sebastian. . .

E- Pois.

S- ... “despois” do marido veio ela p’ra cá. . .

E- Hum, hum.

S- ... e agora diz. . . –que levará aqui uns. . . cinco anos, “despois” que foi “p’á” Portugal–. . .

E- Hum, hum.

S- ... agora diz que irá a essa porcaria: “– Já ir p’ra lá p’ra essa terra já não vou, já não vou mais.” Essa terra!, fala dessa terra como se fosse uma terra ordinária. E não quer vir à zona onde vivimos– que ela. . . ela também vive cerca, vive aqui pertinho!–. . .

E- Sim, sim. Mas não. . .

S- ... e não quer vir a esta zona onde estamos porque não se quer encontrar com as Portuguesas.

E- Hum, hum.

S- E sai, e anda, e vai andando com gente Espanhola. E não se quer encontrar com os Portugueses. Não somos ciganos!, andamos igual que muitas pessoas Espanholas, aqui temos uma sociedade com as pessoas Espanholas que nos adoram!

E- Hum, hum.

S- E muita gente, eu, eu aqui sou Portuguesa aqui neste, neste bloco onde vive, onde vivo eu. . .

E- Hum, hum.

S- . . . de Portuguesas somos: uma, duas, três. (Apontando os andares do seu prédio)

E- Consigo?

S- Três famílias Portuguesas, aqui.

E- Hum, hum.

S- Aqui neste lado, nesta janela. . . (apontando novamente os andares do prédio). . .

E- Hum, hum.

S- . . . hay outras quantas. . .

E- Sim.

S- . . . Portuguesas.

E- E o resto não, não são Portugueses!?

S- E o resto gente Espanhola!, toda!

E- Pois.

S- E levamos como, já viu!?, quando subíamos as escadas?

E- Vi, sim senhora!

S- Um trato com a gente Espanhola, e não sei!, não sei porque as pessoas querem dissimular, querem passar de, de longe e dizer, quando vi, igual, umas Portuguesas a falar na rua, por exemplo, eu se vou à rua, pois, falo Português; sou muito fãladeira. . . (risos de E.) . . . a verdade é uma, sou muito fã. . . gosto muito de falar!, e sou uma pessoa que nunca na vida –isso que Deus me castigue se não é verdade–, fazer mal a ninguém!, para nada! Ajudar as pessoas tudo o que possa! . . .

E- Hum, hum.

S- . . . tudo! Mas estou na rua, encontro uma Portuguesa, pois, falo Português! Me encanta falar Português, pois, passam pessoas Portuguesas, ao nosso lado: “– Vós podíeis falar um pouquinho mais baixo que “tá” todo o mundo a saber que sois Portuguesas.” Digo-lhe: “– Yo e quê? Yo es que. . . ellas hablan o. . . Euskera ou Basco, o quê?, eu também falo Português!”. (Risos de E.) E já “tive” com um senhor, isto, vai há uns anos, meus filhos eram pequenos. . .

E- Sim.

S- . . . uns bons anos!, com três senhores Gallegos. . .

E- Hum, hum.

S- . . . que estavam ali na rua, e claro, ele, e juntámo-nos quatro ou cinco Portuguesas, e claro, e patatim, e patatá, e tal, claro, nós somos Portugueses, somos assim, falamos, dizemos o que sentimos.

E- Claro.

S- E “távamos” a conversar, todos, em Português, e vá, todos na risada, a falar Português. (Risos de E.) Passam três senhores, três homens, Gallegos. . .

E- hum, hum.

S- . . . passam!, e claro, com a mesma que passam, o senhor do meio diz estas palavras: “– Falar cristiano!, mi cago em Deus!” Em estas palavras! Eu digo: “– Ai! . . .” Porque aqui têm muita a mania de dizer: cago em Deus. E yo, são palavras, claro, não podes proibir, claro! . . .

E- Hum, hum.

S- . . . eu não as digo!, e quando meu marido, às vezes começa, digo: “– Eh! . . .

E- Hum, hum.

S- . . . fala bem!”. (Telefone que toca) Que as palavras de Deus. . .

E- Hum, hum.

S- . . . nem a Virgem tem culpa das porcarias, e de las asneiras, e de los dias (imperceptível).” (Telefone que toca)

E- Hum, hum.

S- Assim que, aqui em casa não! E foi pouco a pouco, já lhe fui quitando, então, eu saí do grupo, nenhuma se decidiu a sair do grupo!

E- Hum, hum.

S- Saí do grupo. . . (ruído de alguém que bate à porta) sim, sim. Não, saíu bem, eu tenho uma voz bastante. . .

E- Não, sai bem.

S- ... que eu queria comer gelado e não posso comer gelado, tenho as, tenho as, como é que se chama?, tenho uns... pólipos.

E- Ah!, sim, sim, sim, sim, sim.

S- E em seguida se me irrita.

E- Sim, sim, sim.

S- Quando como gelados, lá está, e com o tabaco más.

E- Claro.

S- (Acende outro cigarro) Mas olha.

E- E então saíu do grupo... (risos)

S- Então saí do grupo, e vou donde esse senhor —isto é verdade, tudo o que eu estou dizendo não é mentira nenhuma. E isto, posso justificar que é...

E- Claro.

S- ... juro pelos meus filhos, que não é mentira nenhuma, coisas passadas!—...

E- Hum, hum.

S- ... então, com uma mão le toquei aqui no ombro, ao senhor, lhe disse: “— Ouça lá, porque é que o senhor tem que dizer...?” Não, perguntei-lhe: “— Você de onde é?” Diz ele: “— A ti não te importa de onde sou!” Me contestou em Gallego, claro!, eu conheço, o que são, o que é a fala Gallega, eu conheço: “— A ti, a ti, a ti não te importa donde, a ti não te importa donde sou.” E eu digo-lhe: “— Olhe, o senhor é Gallego, eu sou Portuguesa. Se você vai com os Gallegos, vá falar Português!, nem você, nem ninguém me pode dizer, nem me pode proibir como tenho que fa... como tenho que falar. Eu sou Portuguesa, falo o meu idioma.” E, é claro, e os amigos dele, desse senhor, seguiram p’ra frente, esse senhor, claro, ficou cortado.

E- Hum, hum.

S- Ao mesmo tempo ele seguiu: “— Bá!, bá!...” “Começou a mandar vir, eu aí chamei, peguei-lhe, chamei estúpido.

E- Hum.

S- E era um senhor já com sua idade.

E- Hum.

S- Então, ele foi p’ra frente, com os amigos, e os amigos olharam “p’á” trás e lhe fizeram assim a ele, com a mão, como, como a dizer: “Em boa te meteste!” E era verdade. E como essas tube otras enganchadas, com uma senhora Gallega num, num, num... tch, como é que se chama, uma ga... um talho!

E- Sim.

S- Um talho?, já não me lembro (sorriso)...

E- Tudo bem.

S- ... num talho!, e claro, a falar e assim, e ela a dizer que os Portugueses, que fossemos daqui p’ra fora. Mas não era a primeira vez que ela me dizia, estava sempre como fosse uma agulha...

E- Sim, sim, sim.

S- ... a agulhar-me. Chegou um ponto que eu estava, esse dia tinha um dia tan mal, que eu disse p’ra ela: “— Tu, te não metas com os Portugueses”... — porque antes os Portugueses estavam muito mal vistos, aqui chamavam-nos ciganos...

E- Sim?

S- ... diziam que eramos ciganos—; porquê?. Alguns tinham razão nesse ponto.

E- Sim.

S- Porque, mira: yo, então não sabia (eu estou a contar o tema porque nos chamavam ciganos...)

E- Sim, sim, sim.

S- ... mas antes vou-te contar a enganchada que tive com essa senhora).

E- Sim, sim, sim. E depois logo...

S- Diz essa senhora assim p’ra mim: “— Sim, porque os Portugueses viestes “p’ráqui” tirar o trabalho aos demais.” E eu lhe disse que os Portugueses não vieram roubar nada a nadie, vieram sómente a trabalhar.

E- Hum, hum.

S- E ela me disse: “– É que o meu marido está em casa sem trabalhar.” Porque o teu marido quer, porque é um malandro. Porque tu trabalhas! Ah!, que trabalhas?” “– Sim, eu trabalho em tal sítio.”

E- Hum, hum.

S- “– Ganhas um bom soldo!

E- Hum.

S- Tu marido como va a querer trabalhar, minha filha?, como vai a trabalhar?, se tem cama caliente!, tem cama, tem comida!, que vai, p’ra que vai trabalhar?” Sim, porque tinha um barco p’ra ir “p’a”, “p’a” “Granzol”, porque es cerca de Inglaterra. . .

E- Hum, hum.

S- “– . . . e p’ra isso não vai!, p’ra isso não quero que ele vá.” Digo: “– Ah!, claro, tu também, tu também gostas de dormir quente!, eu também gosto de dormir quente!, mas o, primeiro, a barriga manda a pema. Se o meu marido tem os filhos “p’a” dar de comer, tem os filhos que manter, yo não trabalho.” Porque os meus filhos eram pequenos, não tinha quem mos cuidasse. Agora eu trabalho, porque os meus filhos são maiores, pois, vou trabalhar, é uma ajuda que vem p’ra casa. “– Mas, como ele, eu também gosto de dormir quente, majal!, não pode ser!, tem que trabalhar “p’a” dar comer aos filhos. Então se é “p’a” “Granzol” como sea “p’a” donde seja, tem que trabalhar!, e teu marido não quer trabalhar, porque tu tens um bom soldo.”. E disse-lhe p’ra ela: “– Olha: tu!, dá graças a Deus que não te falte, não te faça falta o dia de amanhã emigrares, mas não te digo emigrar de Galicia aqui, como tu viestes. . .

E- Hum, hum.

S- . . . senão emigrar do teu país a outro país!

E- Hum, hum.

S- Porque em Portugal temos emigrantes!

E- Hum, hum.

S- Em Portugal, em Lisboa hay, hay emigrantes Espanhóis! Que eu já ouvi no rádio, há anos, ouvi no rádio uma entrevista que fizeram às pessoas, famílias Espanholas, como estamos a fazer agora aqui. . .

E- Sim, sim, sim.

S- . . . a perguntar o trato que receberam em Portugal. . .

E- Hum, hum.

S- . . . quando foram “p’a” Portugal, que hay miúdos nascidos em Portugal, como aqui famílias nossas Portuguesas. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e, e os Espanhóis estavam encantados em Portugal, diziam que o trato que tiveram, que não tiveram diferencia de trato de Portugal, Portugueses “p’a” Espanhóis, que los trataram de maravilha.

E- Hum, hum.

S- “– E porque motivo é que nos tenheis que tratar tanto, de tão mal maneira?

E- Hum, hum.

S- . . . que vamos como ciganos, que temos que co. . . ficar a guardar a, a, a vez “p’a” último, porque somos Portugueses. Porquê?”

E- Hum, hum.

S- E lhe disse: “– Olha!, eu irei “p’a” minha terra, “p’a” Portugal, mas sabes donde soy eu?, sou d’um porto de mar!

E- Hum.

S- Eu não sou, não notaria diferencia nenhuma, de aqui! a Portugal, porquê?, porque a minha terra é um porto de mar, e eu dou um passo fora da minha casa tenho a praia, quando tu! . . .” assim lo, senti e lo disse assim: “. . . quando tu, em Galicia, donde vives tu, não tens playa, tem monte!” “– Eu irei, eu irei a Portugal, pero eu tenho mar, tenho peixe “p’a” pescar e meu marido pode ir comigo, pode pescar, mas tu tenderás que ir a plantar batata, plantar batatas a rêgo na tua terra, que vais lá “p’a” riba “p’ó” monte!

E- Hum, hum.

S- Tu que, mas tu que pensas o que somos Portugal?”

E- Hum, hum.

S- “– Sim, porque lá são uns ciganos.” “– Ciganos em que sentido?

E- Hum, hum.

S- No intiendo, no, porquê?” Yo ya te digo o porquê. Porque nesses anos atrás, que eu ainda não tinha vindo p’ra cá, já havia gente, famílias Portuguesas. . .

E- Sim.

S- . . . já pessoas mayores. . .

E- Sim. Sim, sim.

S- . . . que era quando passavam a fronteira e não sei, essas coisas assim, não?

E- Clandestinamente?

S- Sim.

E- Sim.

S- São pessoas que vinham, pagavam, e bá! . . .

E- Sim.

S- Não foi o meu caso, mas foi caso de muitas famílias Portuguesas, nesse tempo.

E- Sim.

S- Vieram “p’ráqui”, então, pessoas que vieram de Portugal, que faziam? Pediam roupas às pessoas Espanholas!; . . .

E- Sim.

S- . . . botavam móveis fora, desde os lixos, os Espanhóis, os Portugueses andavam a apanhar. . .

E- Sim.

S- . . . pareciam ciganos, como os ciganos. . .

E- Sim.

S- . . . um estilo!

E- Sim.

S- Dormiam cinquenta famílias numa casa. . .

E- Hum, hum.

S- . . . pessoas no chão, uns “p’a” cada lado. . .

E- Sim.

S- . . . pupilos, a miséria! Isso era a miséria!, entonces vinham de um país, o nosso país, que então naquele tempo não tínhamos, claro!, mais ou menos emigrou. . . por um modo de vida. . . melhor!

E- Pois.

S- Que é triste dizer-lo, mas na nossa terra não havia!

E- Pois.

S- Então, claro!, para ganharem dois tostões botavam homens, criancinhas, mulheres “p’áqui” . . .

E- Sim, sim.

S- . . . famílias, gente Portuguesa, então, botavam a pupilos. . .

E- Sim, sim.

S- . . . a pupilos, quer-se chamar. . .

E- Aa. . . aa. . .

S- . . . como inquilinos. . .

E- . . . alugavam, pois.

S- . . . lhe alugavam um quarto. . .

E- Pois.

S- . . . igual num quarto dormiam, igual, quatro ou cinco homens, ou dois casais, ou dois casais. Então, claro, “p’a” ganharem dinheiro. Bem. . .

E- Portugueses que alugavam a Portugueses?

S- A Portugueses! Vinham Portugueses de Portugal e, claro!, não tinham “p’a” onde ir, vinham do mar e precisavam de alguém que lavasse a roupa. . .

E- Percebo.

S- . . . fazer o comer.

E- Pois, pois, pois, pois.

S- Agora não há, mas naquele tempo atrás, havia muito disso.

E- Sim, sim, sim.

S- Chamavam a pupilos.

E- Sim, sim.

S- Então, claro, essas pessoas, então o que é que, que faziam?, iam às, p'ra não andar a comprar móveis – claro, não podiam –, então, do lixo... (tosse) apanhavam mobílias; mas há havido pessoas que logo isto foi evoluindo, os Portugueses foram chegando a um, um nível dos Espanhóis, foram modernizando mais, foram sendo mais senhoritos, mas, havia algumas, que ainda as hay, que andavam sempre na choradeira: “– Ai!, não leves uma volta por fora que as Espanholas assim não te dão nada.”

E- Hum, hum.

S- Andavam, aqui em Espanha, andavam que pareciam pobres de pedir, e iban a Portugal!,... .

E- Sim.

S- ... e, de maravilha!, andavam, pois, e Portugueses nossos que tinham casa em Portugal.

E- Sim, sim.

S- Mas, não casas como, muitos Espanhóis que mais quisessem ter uma casa como tinham al... alguns Portugueses... .

E- Sim.

S- ... em Portugal não têm aqui uma casa as Espanholas.

E- Sim, sim, sim.

S- Porque temos que fingir uma coisa que não somos?

E- Hum, hum.

S- Pois, se tua vida melhorou, pois melhora tu com a vida! Pois, havia aqui uma senhora, já com os filhos bastante crescidos, iba... ibamos a umma tienda comprar, um comércio, e mais uma vez eu enc... eu me encontrei com essa senhora: “– Olha!, dá-me estas maçãzinhas podres “p’ós” meninos! Olha, dá-me estas bananas.” Disso... tinha vergonha!... .

E- Hum, hum.

S- ... yo tinha vergonha. “– Oh!, tens aqui este melão, dá-me este melão, que este melão tem cancer.”

E- Hum, hum.

S- Que tinha cancro... .

E- Hum, hum.

S- ... porque estava um pouco pisado.

E- Pois.

S- E a senhora até le disse: “– Fulana!, eu como te vou dar esse melão, se esse melão está bem?”

E- Hum, hum.

S- Eu disse: “– Tem vergonha!”

(Interrupção na gravação para virar a cassette)

S- (...) “– Dê-me uma roupinha “p’as” meninas!” valha-me Deus!, o marido estava a ganhar bem, não lhe fazia falta, isto. E eu muitas vezes lhe disse: “– Isso é uma vergonha p’ra nós!” Seremos pobres, ou emigrantes, não quer dizer que sejamos miserables!

E- Hum, hum.

S- Porque se vives na miséria toda la vida aqui em Espanha, para aparentar pobreza, e logo na nossa terra, e vais à nossa terra, a Portugal: “– Porque não “vistes” em Portugal como vestes aqui!?... .

E- Hum, hum.

S- ... ou em, ou aqui como em Portugal?” Não temos que aparentar que somos, que andamos rastelhando, que andamos p... . pedindo limosna. Eu isso não gosto! Eu estou aqui levo vinte e dois anos... .

E- Hum, hum.

S- ... e foi... . havido Portugueses, que ainda outro dia uma Espanhola me disse na minha cara, há pouco tempo, há quinze dias... .

E- Hum, hum.

S- ... e a respeito do programa, esse da rádio que...

E- Sim.

S- ... (imperceptível) da nossa terra... (campanha da porta que toca)

E- Sim.

S- (Deve ser o meu filho) Da nossa terra, e claro!, e essa pessoa disse: “– Tenes tanta, tantas saudades da vossa terra, (imperceptível), pois ide “p’á” vossa terra.” “– Eu não estou a dizer que quero ir “p’á” minha terra!, estou a dizer que tenho saudades!...

E- Pois.

S- ... e que apoio a minha terra!, mas com isso não quer dizer nada!” Então... o tema... – já não sei o que queria dizer com isto?, aqui de eu... vamos, de, de, de dizer, ah!, das ajudas...

E- Sim.

S- ... yo levo aqui vinte e dois anos, como essa pessoa me disse p’ra mim: “– É que as portuguesas fostes as mais ajudadas. Sim, as Portuguesas, aqui em Espanha sempre vos ajudaram.” Eu disse: “– Pára! Eu nunca de mim, passei muito mal!, vivi mal!, e não estou a falar muito longe, há uns cinco anos!...

E- Hum, hum.

S- ... mas eu nunca fui a pedir nada disto, nem à Cáritas, nem à assistente social, nada, eu pouco a pouco, como pude, eu fui saindo a diante, com a graça de Deus!, mas a mim nunca, nem uma cama, nem nada, es que a mim nunca!, tenho, tenho a alegria e o gosto de dizer que a mim nunca ninguém me deu nada! Nem nunca andei a pedir. Se não tinha uma cama, dormia aunque fosse no chão, num colchão.

E- Hum, hum.

S- E quando podia lo comprava! Mas eu nunca fui a pedir coisa que, muitas nossas Portuguesas...

E- Hum, hum.

S- ... (pigarreia) podendo...

E- Hum, hum.

S- ... e chorando, a las assistentes sociales: “... que não têm, que...”... não está bem!

E- Hum, hum.

S- Se tens!, vives. Se realmente necessitas! –que hay muita gente, cá em Espanha, muito necessitada! Muito, muito paro!–...

E- E acha que agora mais do que na altura em que veio?

S- Sim.

E- Acha?

S- Porque na altura que eu vim p’ra cá, isto aqui chamava-se a terra do dólar.

E- Ah!

S- Se ganhava muito dinheiro!

E- Interessante!

S- Esta zona aqui se chamava...

E- Sim.

S- ... a terra do dólar.

E- Interessante.

S- Andavam os homens com o dinheiro nos bolsos, não havia carteira, era o dinheiro...

E- Sim, sim, sim.

S- ... a montão, assim... pero billetes...

E- Sim, sim.

S- ... nos bolsos.

E- As notas, aa, Portugueses, Espanhóis, Bascos, todos?

S- Todo!, tudo!

E- Sim, sim, sim.

S- Aqui não havia difer... todo mundo ganhou muito dinheiro!

E- Sim, sim.

S- Yo, gracias a Dios, quando p'ra cá vim. . . (tosse de E.) . . . o meu marido o ganhou, claro!, vimos da nossa terra p'ra fora é para. . . tch, aforrar-nos, não?, para eu estar fora da minha terra “p’a” não juntar um tostão, pois não estou.

E- Claro.

S- A verdade é uma.

E- Claro.

S- Eu “p’a” colher, e chapa ganhada, chapa batida. . .

E- Sim.

S- . . . não!

E- Pois.

S- Tens que sacrificar-te, para poderes fazer algo na tua terra, não foi o meu caso, mi marido quiz na terra dele, pois fizemos em Galicia, mas estou perto de Portugal! Não me importo, porque eu de Port. . . daí. . . à minha terra tenho duas horas.

E- Hum.

S- Graças a Deus fiz ali, graças a Deus!, “despois” vivi muito mal, quando comprei isto, este piso, que há seis anos comprei!

E- Sim.

S- Passei muito mal!, muito mal, muito mal!, mas. . . de dizer, não tinha nem “p’a” uma barra de pão. Isto é a realidade, porque meu marido é um homem muito trabalhador. . . (tosse de E.) . . . muito bom homem, é um marido, bueno, no, no haverá outro, hay muitos homens, mas isto aqui não é, não é. . . (Ruídos de pessoas a falar) Portugueses!. (Risos de E.) Portugueses a falar!

E- Ham, ham.

S- Somos assim, aqui. Portugueses!. (Ruído de pessoas a falar) Acabou hoje a novela.

E- Pois, pois. (Risos)

S- Portugueses!

E- (Risos) Que giro.

S- Mas, as pessoas são mesmo Portugueses de verdade!, hã?

E- Pois. (Risos)

S- E então. . . (tosse) meu marido é uma pessoa muito trabalhadora, muito bom marido, um bom pai, e eu. . .

E- Ele quando veio já tinha trabalho aqui?, não é?

S- Sim, sim, meu marido, mi marido estava aqui a trabalhar. . .

E- Ah!

S- . . . e eu fiquei, sou Portuguesa.

(Interrupção na entrevista)

E- (. . .) O. . . seu marido veio, e já estava a trabalhar aqui?

S- Sim, meu marido veio “p’ráqui” (imperceptível) vinte e um ano; acabou a tropa, era um trabalhador de terra, mas. . .

E- De terra?

S- Sim, meu marido era oficial de, de trolha, isto é de, de. . .

E- Sim, sim.

S- . . . de obra.

E- Sim, sim.

S- Mas, queria provar ir ao mar, e provou e ficou ao mar. Ficou a trabalhar no mar. Hoje em dia, pois, cansado e diz ele: “– Me arrependo não ter trabalhado em tierra.” Mas claro, depois que se fez ao mar, pois ao mar. Mas é muito bom homem! As minhas amigas Portuguesas dizem: “– Tens um homem que não mereces.” Digo. “– Como se eu fosse uma peste! Eu não sou má!” É uma pessoa mais baixinha do que eu, faz cinquenta anos. . .

E- Sim. (Tom de riso)

S- . . . eu ainda tenho quarenta e três, claro, me leva a mim sete anos; nos conhecemos eu tirha um namoro Português, iba a casar com um Português, mas nos zangámos e não sei, e eu, isto foi através de uma família começou: “– Ai!, que é um bom moço, e tal. . .” E me trouxe uma fotografia e assim começámos em brincadeira. . .

E- Lá?

S- Lá em Portugal, ele aqui, eu em Portugal.

E- Sim. (Tom de riso)

S- Começámos na brincadeira e tal, a escrever um, a escrever “p’a” tomar o pélo ao Espanhol, “p’a” começar no gozo, como dizemos em Portugal.

E- Sim.

S- E o destino, eu não sei o que foi, mas, Deus queira, eu, oxalá! que as minhas filhas, e as pessoas que realmente, um dia que se casem, que tenham a sorte que eu tive, não de riqueza!, mas um homem. . . trabalhador, nunca, nunca soube o que foi uma bofetada na cara!, nunca soube o que foi me faltar-me nem, nem. . . nem, é um homem que se sacrifica por mim. Trás-me. . . de tudo, vamos!, ele se pode, ele, p’ra ele não, mas ele “p’ós” filhos e p’ra mim, tudo! É uma pessoa como, como digo, tudo o que ele possa anastar “p’a” casa ele tudo arrasta.

E- Hum, hum.

S- Tive muita sorte, graças a Deus tive muita sorte. Mas, claro. . .

E- Portanto, emigrou por isso?

S- Emigrei. . .

E- Porque se casou com ele?

S- Sim, sim, eu me casei em Portugal, ele veio lá a Portugal p’ra casar, veio a família, “tá” o grupo Espanhol e o grupo Português. . .

E- Sim. (Tom de sorriso)

S- . . . lá no casamento.

E- Que giro. (Tom de sorriso)

S- Casámos ali. . . (tosse) e depois viemos p’ra cá, claro!, eu me casei em Outubro, no ano setenta e seis. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e vim “p’ráqui” no mês de Novembro, no ano setenta e seis, então, até aqui, pois aqui.

E- Portanto, quando casou já sabia que, depois de casar com ele, que vinha!?

S- Claro!, que vinha p’ra cá. Eu quando me casei sabia que vinha “p’a” Espanha.

E- Sim, sim. Tinham já falado nisso!, claro.

S- Claro, tinha que seguir-lo.

E- Pois.

S- “P’a” ir “p’a” Portugal não podia vir que era um, era um nível muito mais baixo que, que, que então ele vinha “p’a” terra, claro, que le começava a dar trabalho, porque ele trabalha no barco, este, nunca saíu deste barco! E eu casei, vim “p’ráqui”, meu marido trabalhava nesta empresa e segue nesta empresa. . . já levava de solteiro, e lhe querem um montão, que é, é uma pessoa muito, é uma pessoa que se faz muito querer, muito agradável. . .

E- Pois.

S- . . . uma pessoa muito. . . tímida e. . . igual no, no tene expressão de falar e assim, porque é uma pessoa que está habituada sempre a andar ao mar e não tem, tem trato com as pessoas, mas é uma pessoa muito agradável. . .

E- Hum, hum.

S- . . . é um senhor, daí então, claro, o que passa na vida, altos o baixos; temos fracassos, temos. . . há vezes que Deus nos, eu penso que Deus às vezes prova com, com nós.

E- Hum, hum.

S- Faz-nos provas, manda-nos exemplos.

E- Hum, hum.

(Interrupção na entrevista)

S- Bem.

E- Pois, é, é isso, la vida assim.

S- Sim, a vida, claro, tem altos e baixos, e a todos, a todas as pessoas passa.

E- Claro.

S- E eu quando comprei esta, porque eu vivia numa casa de aluguer.

E- Portanto, quando vieram –p’ra eu perceber–, aa, alugaram uma casa.

S- Fomos alugar. . .

E- Sim.

S- ... o meu marido já tinha, o meu marido já tinha alugado a casa, quando viemos p'ra cá. . .

E- Sim.

S- ... já tínhamos em Renteria um piso alugado. . .

E- Sim, sim.

S- ... aí nasceu a minha filha mais velha. . .

E- Sim.

S- ... que tem agora vinte, vai fazer vinte e um ano, e bem, “despois” vim “p'ráqui” p'ra esta zona. . .

E- Hum.

S- ... eu gostava mais, porque era uma zona mais Portuguesa, ali, era gente Basca tudo, e claro, queremos Portugueses. Vivi com uma senhora Portuguesa de. . . vizinha, vamos, duas, dois casais.

E- Sim.

S- Entre Portu. . . dois Portugueses sempre hay raiva, sempre hay problemas, que foi o que comentámos antes, saí, busquei uma casa p'ra mim. . . (tosse de E.) . . . fui a viver. . . (E. tosse novamente) . . . com outro, outro casal Espanhol, Andaluz. . .

E- Sim.

S- ... de maravilha!, hoje em dia seguimos, eles estão em Andaluzia e eu estou aqui, seguimos a nossa amizade, uma amizade que vêm aqui e me chamam por telefone, umas pessoas que me adoram! E com os Portugueses já não. . . terminámos mal, hemos terminado mal.

E- Pois. Não, não foi tão, pois.

S- Não, porque somos assim!, não sei porquê, mas é assim. “despois”, “despois”, claro, eu tinha já aí, eu já tinha, ia ter outro filho. . .

E- Sim.

S- ... claro, não podíamos, era uma casa pequena, então, o meu marido dizia que não, que. . . que era melhor alugar outra casa p'ra nós sózinhos, que não era o mesmo viver um casal só, que viver dois casais, que já, tch! . . . era distinto, então, mesmo uma pessoa, “tando” sózinha é muito distinto que viver com outro casal, sempre tens que adaptar-te à la outra pessoa, não?

E- Claro.

S- Então, um dia uma senhora Espanhola, P., me disse p'ra mim: “- Olha que tenho aí um piso, aí vazio, e tal, não queres ir?” E eu: “- Pois sim.” Então, fui a pagar oito mil pesetas.

E- Sim.

S- Estava eu de bebé da outra, da minha filha, da segunda. . .

E- Sim.

S- ... e fui a viver “p'ali”. Pois vivi ali nesse, no outro piso. . .

E- E oito mil pesetas nessa altura, era caro, não é?

S- Nessa altura era muito dinheiro!

E- Hum.

S- Era muito dinheiro!

E- Pois, eu, eu, parecia-me, mas. . .

S- Sim, sim.

E- Como não vivo aqui. . . às vezes. . .

S- Sim, era muito dinheiro, já nessa altura era muito dinheiro. Então, prontos, “tive” ali a viver nessa casa seis anos. “despois”, pois, por circunstâncias, o barco do meu marido foi “p'ó”, foi ao paro. . .

E- Sim.

S- ... foram “p'ó” paro. . .

E- Sim.

S- ... estiveram quase um ano no paro.

E- Aa. . . paro é desemprego, não é? Sim.

S- Desemprego.

E- Quase um ano.

S- Quase um ano no paro, e claro!, a pagar a casa, dois filhos, e isso, e então, não podíamos. Então, fomos à Galicia e a minha sogra, pois tínhamos a casa vazia em Galicia. . .

E- Sim.

S- . . . “tava” em contrução, portanto no. . .

E- Sim, sim.

S- . . . não estava feita, ainda faltavam as coisas. . .

E- Pois.

S- . . . em contrução, estava, estava a terminar, mas. . . não podíamos, “p’a” viver não podíamos, mas. . .

E- Sim.

S- . . . como fosse metíamos-nos dentro, fomos a Galicia, então a minha sogra, pois, começou a convencer o meu marido: “- Ai, porque esto, porque estais ali, estás desembarcado e e. . .” Então, claro, convenceu o meu marido “p’o” meu marido imos “p’ali” “p’a” Galicia. . .

E- Sim.

S- . . . porque logo o meu marido, igual, embarcava “p’a” Canárias, e eu de verdade não queria que fora “p’a”, não queria que fosse “p’a” Canárias, não lhe dizia nada, mas claro, eu na vida do mar não me meto, porque pode passar qualquer desgraça e sempre te fica um. . . um remordimento aí que dizes: “Se eu não mandasse!, se eu não dissesse!” . . .

E- Hum, hum.

S- . . . prefiro estar à margem.

E- Hum, hum.

S- Tch, então claro, estivemos ali em Galicia seis meses. . . (tosse de E.) . . . o meu marido naqueles seis meses. . . (E. tosse novamente) . . . tube (comentário lateral: não, não, tranquila!) . . . tive uma chamada telefónica aqui de São Sebastião que o barco iba outra vez “p’o” mar.

E- Hum, hum.

S- E o meu marido, claro, lhe fiz a pergunta, tinha o meu marido uma praça, um. . . melhor, tinha um emprego “p’a” Canárias, meu marido.

E- Sim.

S- Tch, entonces ele, ele vem e me disse: “- Mira, Sara, tu que te parece! . . .” disse; “. . . vou “p’a” Canárias.” E eu lhe disse: “- Bem, tua cabeça é teu mestre! Eu na vida do mar não me meto, porque se te vou a dizer que não vás, que não vayas, igual. . . tch, se sai mal em Canárias me dizes: se não fosse por ti! E se eu te digo: vais “p’a” San Sebastian, dizes-me: se não fosse. . . eu não te digo nada, tu verás. Tu é que vais a trabalhar, não sou eu.” E tal. Bem.

E- Pois, pois, pois.

S- Então ele, claro, também gostava mais em vir “p’ráqui”! “- Eu vou deixar o barco. . .” e tal, e então, e diz: “- Vou deixar o barco e tal, e. . . e prefiro ir p’ra San Sebastian.” Eu pensando, eu por mim, rezando por dentro : “Deus meu, vou “p’a” San Sebastian, prefiro que vá “p’a” San Sebastian.” Efectivamente, decidiu que vinha “p’ráqui”. E eu fiquei em Galicia. . .

E- Ahhh!

S- . . . com meus filhos, com os meus dois filhas pequenas.

E- Sim, sim, sim.

S- Chorei muito, que não estava habituada a estar separada dele, claro.

E- (imperceptível), portanto?

S- Tch, a minha sogra é uma pessoa, hoje em dia me quer muito, mas então naquela altura não me queria, sómente por eu ser Portuguesa.

E- Hum. Não conhecia.

S- Me tinha um. . . eu sempre a tratei muito bem, à minha sogra, porque é a minha segunda mãe, e hoje em dia me quer com loucura!, mas me custou muito!, me custou muito!, chorava muito e tal, então eu, claro, eu tinha a ideia de outra vez volver “p’ráqui”, tomar a vir “p’ráqui”, mas claro. . .

E- Aqui sentia-se bem, quando cá esteve? Gostou de cá estar?

S- Claro. Eu sempre gostei de cá estar.

E- Mais do que em Renteria, não é?

S- Mais que em Renteria.

E- Sim, sim.

S- Em verdade que nesta zona gostei muito, me adaptei tão bem a isto, que gostei disto.

E- Quer com Portugueses, quer com Bascos?...

S- Sim, sim.

E- ... não é?

S- Sim, sim, sim. Eu sempre me tratei bem com todo o mundo

E- ... quer com Galegos, quer com Galegos?

S- Porque não temos que ser racistas, porque se vivemos num país que não é nosso, tens que levar-te bem com todo o mundo!, porque “p’a” que vais a levar-te solamente com os Portugueses, se logo vives com a gente Espanhola!?

E- Hum, hum.

S- E no vale así, hermana, la vida, no, não, es que não merece a pena.

E- Hum, hum.

S- Então, claro, vim “p’ráqui”, meu marido veio “p’ráqui”...

E- Sim.

S- ... já estava a trabalhar aqui, me chamava por telefone, eu chorava por telefone, dizia: “- Eu não quero que me chames mais, porque eu, eu estou bem!” Pero, mas chorava. E hay canções, que às vezes quando as ouço. ...

E- Sim.

S- ... que te trás reco... te rebobina toda a memória de lo que passou antes.

E- Sim, sim.

S- Então, a minha filha mais velha, quando era miúda, hoje em dia é uma cha. ... uma cha. ... uma miúda muito delicada de saúde, e a minha filha, pois dáva-lhe muitas convulsões febriles. ...

E- Pois.

S- ... dava-lhe ataques epiléticos.

E- Acontece aos miúdos, sim.

S- Então a miúda, pois, andava em revisão, aqui no hospital, porque os médicos aqui também são excelentes! Médicos mu... muy, muy bons. E, claro, tinha que ir com a miúda, cada equis tempo² à revisão, e me tocava!, no mês de Março me tocava a mim ir à revisão com a miúda. A minha sogra fez-me comprar frangos “p’a” criar, franguinhos pequeninos, que eu nunca tinha criado... eu tinha que ir ao campo, porque o meu marido é da parte da aldeia que tem mar, mas é “p’a” parte da aldeia. ...

E- Sim, sim.

S- ... e nunca tinha pegado numa enxada, não tinha nem ideia mas... me mandava e eu lá ia com elas. Eu não me importava de deixar batatas, batatas plantadas, os frangos criados, não me importava, eu se viesse já não tomava! Então um dia vim, com a minha filha “p’a” ir ao médico, vim com as miúdas, meu marido chegava do mar nesse dia. ...

E- Sim. (Tom de sorriso)

S- ... E eu, claro, tinha, eu... não sei como lhe dizer, medo em enfrentar nele, depois de estamos seis meses, que tivemos um fora del outro.

E- Nunca tinham estado assim?

S- Que nunca tínhamos estado e, sentia, não sei, tinha alegria por ver-le!, mas ao mesmo tempo tinha medo. ... a un rechazo!...

E- Sim.

S- ... ou... que ele, igual, não quisesse que eu volvesse “p’ráqui” assim. ...

E- Sim, sim.

S- ... tinha, tinha aquele medo de enfrentar-me. Então, casualidade, vim do médico com a minha filha, e me encontrei com uma pessoa Portuguesa, com a que eu estive antes a viver, a patroa, que meu marido estava na casa dessa Portuguesa, “despois” que eu fui p’ra lá e ele veio “p’a” casa dela. ...

² Leia-se: “cada x tempo”, “de x em x tempo”.

E- Sim, sim.

S- ... le pagava ao mês, de comer, de dormir, de lavar a roupa, então encontrei com ela, e diz assim: “– Teu marido já foi “p’á” frente com os companheiros do barco.” E eu, bem, fui vindo com a miudinha pela mão, a pequena, a maior, e a pequenina nos braços.

E- Sim.

S- E ao chegar aí a diante, vejo o meu marido no café, num. . . café, com os amigos, e claro, ele quando me viu, bueno, ele, foi as palavras que ele me disse: “– Quando vieste?” “– Eu cheguei hoje.” Estava cansada da viagem, tantas horas no comboio, e assim, disse ele: “– Tu tens má cara.” Que claro, vinha da viagem, e tal, e dizia: “– Bem, tranquila.” Colheu a miúda nos braços, perguntou-me que tal estávamos e tal, e fomos p’ra casa dessa, dessa senhora onde estava meu marido. Comemos, e tal, e “depois” ele, claro, disse “p’á”, “p’á” senhora onde estava: “– Posso po. . . podemos ir a dormir, a deitarmo-nos um pouco?” E a outra senhora, pois, disse-lhe que sim. Então, claro, eu sempre a chorar. Ele me pediu, diz: “– Busca por aqui um piso, como seja, porque não posso estar separado de vós.” Essa senhora tem uma filha que se chama M, igual que a minha filha pequena. . .

E- Hum.

S- ... e ele dizia: “– Quando ela chama pela menina, pela miúda M, eu lembro-me das crias, lembro-me de ti, estou sózinho.” Porque o meu marido, claro, estranhava-me, me estranhava muito, porque é um homem que vem do mar e gosta de estar em casa; fazer uma coisa, fazer outra, e claro, não é homem de sair, andar na rua, andar pelos cafés, pelos bares, não, não, não gosta! E claro, estar um homem, na casa de uma pessoa que não é a sua casa, ele, claro, tinha mesmo que ir “p’á” rua, “p’á” mulher poder sair, que a mulher, claro, igual, não o queria deixar sózinho, e ele dizia: “– Busca por aqui um piso, alugamos um piso.” Então, com uma amiga Portuguesa comecei a buscar uma casa.

E- Sim.

S- Fui a pagar, quando vim, quinze mil pesetas, não tinha nada! . . . não tinha roupa de camas, tinha tudo lá, lá em Galicia; então entre uma amiga e eu, buscámos uma casa, e fui a viver p’ra lá. Não tinha móveis, não tinha camas. . .

E- Hum, hum.

S- ... bem, mas como seja, nós resolvemos o problema, o caso é ter a casa e “depois”, pouco a pouco fazemos. É claro, umas Portuguesas –que hoje em dia não falam p’ra mim não sei o motivo porquê, não sei porquê, são pessoas que gostam, tudo p’ra elas, desde o mais, não eu sei porquê, vamos, eu não, não sei o motivo porque deixaram de falar, mas não me importa! . . .

E- Sim.

S- ... yo não fiz mal a ninguém, não me importa! – . . . então, essas Portuguesas: “– Tu tranquila, S., que nós te trazemos uma, uma, uns cobertores, trazemos isto, tu tranquila.” Lhes agradeço de todo o coração o que nesse momento me fizeram. Trouxeram e tudo, mas depois. . . se portaram, bem, eu lhes dei tudo o que pude e fiz o que, lhes agradei tudo o que pude, mas, segundo as pessoas, não é suficiente o que fazes, às vezes. Mas não importa. Então, claro, assim foi, com uns cobertores no chão, e tal, e foi onde dormiram os miúdos e nós todos, e nós também. E pouco a pouco, depois, claro!, a senhora do piso, a dona da, da, da casa tinha uma. . .

E- Sim.

S- ... mobília, ela, que ia a câmbiar de mobílias da casa dela, que tinha, e então, claro, da casa dela, passava “p’o” outro piso dela, que o dia de amanhã que eu saísse, claro, aquilo ficava “p’á” senhora, essa casa dela.

E- Claro, era dela.

S- Então, a mim veio muito bem.

E- Claro.

S- Então, fizemos, botámos, mobilámos a casinha, assim, com os móveis que me tinha dado a senhora essa que era p’ra ela. . .

E- Pois.

S- ... mas daí a pouco tempo, porque era um piso muito caro. . .

E- Pois, pois.

S- ... não podia pagar, eram quinze mil pesetas, logo tinha elevador, eram duas mil pesetas, com a luz das escadas, e tal, era muito dinheiro, então eu disse-lhe a ela que quando encontrasse um piso mais barato, que eu saía

E- Isso era mais ou menos em que ano?, só p’ra eu ter. . . p’ra me situar?

S- Isto era no ano. . .

E- Seria. . .

S- . . . a minha filha, a minha filha, não, no oitenta. . . oitenta.

E- . . . mais ou menos, pois.

S- A minha filha tem 18, tinha a miúda um ano, pois, no oitenta, 81.

E- Pois.

S- Por aí.

E- Por aí.

S- No oitenta, oitenta e um. A miúda nasceu no oitenta, 81.

E- Pois, pois, pois.

S- Então, naquele tempo já era muito dinheiro, quinze mil pesetas. Então, claro, estive ali aqueles seis meses, “despois” apareceu outro piso, uma amiga, através de uma amiga, no hospital e tal, Portuguesa, também, conhecíamos, mas não tínhamos confiança, porque, claro. . .

E- Sim.

S- . . . eu vim, eu estive, eu praticamente fui criada em P.

E- Hum, hum.

S- Não fui criada na minha terra, então, logo, de P, de P vim, trabalhei um pouco na fábrica, e assim, não tive trato com as pessoas, eu conheço as pessoas Portuguesas aqui. . .

E- Sim.

S- . . . porque em Portugal não conhecia ninguém.

E- Sim, sim.

S- Praticamente, fui criada em P e fora e assim, mas não. Então, que nos começámos a conhecer: “– Oi!, tu és fulana!” “– Eu sim, sou fulana.” Claro, é que nos conhecíamos! Então, começámos a dar-nos, a ser muito amigas, a miúda, a senhora que chamei antes “p’á”. . . est. . . que chamei por telefone, antes? . . .

E- Sim.

S- . . . era essa amiga minha.

E- Sim, sim.

S- Então aí começámos a, a, a ter trato, e eu comentei-lhe que estava num piso a pagar muito dinheiro, e tal, que. . . não podia, porque, claro, eu, agora tinhas que passar o mês!, pagar luz, pagar tudo, e então, claro, vias-te à rasca. Então ela me disse: “– Olha, tu tranquila que vai sair, vai sair fulana.” Que era outra Portuguesa que iba “p’á” Portugal.

E- Sim.

S- “– Vai sair fulana de um piso debaixo de mim!, e se queres eu falo-te!” E tal. Eu disse: “– Ah!, está bem. Então, dizes-me quem é a senhoria, que eu vou falar com ela.” Claro, a senhoria era Galega, era Gallega. (Risos de E.) E eu quando fui hablar com essa senhora disse-lhe que o meu marido era Gallego, pois ela caiu muito bem, porque o meu marido era Gallego!, que sim. E meu marido, claro, como trazia muito peixe do barco, e assim, pois lhe levámos um peixe e, e a senhora ficou toda encantada. E quando a outra chica, a outra moça saíu, foi “p’á” Portugal. . . (sorriso de E.) . . . alugou-me a mim a casa, então eu fui.

E- Confiava, pois. (Risos)

S- Fui a pagar dez mil pesetas.

E- Pois, era menos.

S- Dez, quinze, eram cinco mil pesetas que já tinhas “p’á” (imperceptível), e aí estive doze anos.

E- Ah!

S- A senhora morreu, ficou o filho, que era herdeiro.

E- Sim.

S- O filho me subiu o, o aluguer, ao pouco tempo da mãe morrer, “p’á” doze mil pesetas, mas bem. Eu estava bem! Mas chegou uma época que o filho, pois, o piso, por lo visto, não estava legalizado;. . .

E- Ah!

S- . . . na Câmara, não sei como.

E- Sim.

S- Então chegou –porque foi uma altura que aqui em Espanha começaram a... a haver pessoas que tinham mais de um piso, e tal, e que não, alguns pisos não estavam... legales, de pagar la contribuição, e tal...

E- Houve mais fiscalização.

S- ... uma fiscalização; ...

E- Ah!, sim, sim, sim.

S- ... então, claro, todo o mundo começou já a prepara... p'ra pôr os pisos legales. Então, este aqui não podia, porque o piso era, era hereditário, que era de um primo, ó no sei que rollos, não sei que coisas...

E- Sim, sim, sim.

S- ... e claro, e me chegou a mim e me disse que queria o piso; então, eu me vi!, digo: “– Mãezinha, o soldo, vou meter-me agora com?, somos seis pessoas de família! Como vou alugar um piso, eu agora, quem é que me aluga um piso com seis pessoas de família!”

E- Seis?

S- Porque somos três filhos...

E- Sim.

S- ... meu marido e eu cinco, e um irmão meu, que sigue comigo!, meu irmão de vinte e quatro anos, é meu filho!

E- Ah!, sim. Sim, sim.

S- P'ra mim é meu filho, com vinte e quatro anos, mas p'ra mim, não o pari, pero o criei.

E- Sim.

S- Criar é, parir é dolor, criar é amor. É meu irmão, mas é, p'ra mim, é meu filho mais velho.

E- Sim, sim, sim.

S- Então, seis pessoas de família!

E- Claro.

S- Disse: “– Como que eu vou alugar um piso, seis pessoas de família?...” Claro, que as pessoas, agora aqui, depois começaram, muita gente, depois, começou a vender pisos, claro, e eu agora não queria meter-me num piso. Era numa altura que o país fálhou muito!, as coisas, tinha... –isto já estou a falar há coisa de seis anos!–...

E- Sim.

S- ... e eu, bem, tivemos que sair. Fui a um advogado, mas o advogado vendeu-se, e tal, ao fim tive oito dias para sair, claro!... yo por pouco me vi na rua com os meus filhos. Eu cuidei uma depressão tão grande!, eu chorava, o meu filho miúdo, pequenino, que tinha, tem agora doze anos, pois, tinha cinco, seis aninhos.

E- Pois.

S- O miúdo chorava, eu não era eu, o meu filho falava, os meus filhos falavam p'ra mim e eu não estava bem, eu: “– Onde me vou meter, Deus meu? Eu...” Claro, tive que guardar as minhas coisas num est... estraguei, porque isto agora é tudo novo, estraguei muito a minha mobília.

E- Hum, hum.

S- A guardar num baixo, fami... família que eu tenho, eu, eu, porque hay famílias Portuguesas já “p'á” parte de, de Renteria p'ra lá.

E- Sim.

S- (imperceptível), e tal. Família lejana, mas, como se fossemos irmãos.

E- Sim.

S- A verdade é essa. Me guardaram entre uns e outros, vieram desmontar, e eu me vi...

E- Entretanto tinham comprado mobília, não é?, p'ra casa, também?

S- Yo, claro, eu, eu me vi na rua! Eu me vi na rua! Me vi sem dinheiro!, me vi mal.

E- Portanto o emprego do, do marido foi (imperceptível)

S- Era um emprego, foi uma época que não, não se ganhava como hoje em dia; hoje em dia está, a coisa está... estamos tambaleando todos, porque, claro, “tamos” com medo do dia de amanhã ter que, ter que ir embora daqui, porque, claro, ganhávamos, a comparação de vida antes, porque hoje em dia cem mil pesetas, pois há uns anos já ganhávamos as cem mil pesetas, hoje temos que ganhar mais...

E- Pois, pois, pois.

S- ... mas, claro, o peixe fálhou muito!...

E- Pois.

S- ... esse sistema de pescas que puseram matou muito peixe, então, claro, não há! E se não há, pois não podes. Porque o meu marido tem um soldo, pero hay pessoas que não têm um soldo; tenho um irmão, por exemplo, como o meu irmão muitos!...

E- Pois.

S- ... que se vai ao mar e pescam, ganham, e se não vai ao mar, não pescam, não ganham.

E- Não ganham.

S- Com que alimentas a família!? Es que es triste! Mas, é assim a vida. Tch, então, claro, passámos, vivimos na rua, eu sou uma pessoa muito dada p'rá frente, eu, eu m... me custa muito tirar a toalha, como se costuma a dizer aqui...

E- Sim.

S- ... custa-me muito! Me vi na rua, eu disse: “- Bem, vou ter que buscar um piso. Eu vou ter que buscar casa, porque eu na rua, com os meus filhos não posso estar. Ou o meu marido fica aqui, eu me vou “p’a” Galicia, ou tenho que meter-me de cabeça.” Bem, o meu marido foi “p’ó” mar, e eu fiquei sózinha p’ra tudo, tinha que decidir por ele e por mim, filhos pequenos, claro!, e então, uma senhora, eu andava a buscar piso, uma senhora me disse – essa senhora que por acaso nos encontrámos, a primeira pessoa que nós encontrámos-...

E- Sim, sim, sim. Daqui, sim.

S- ...: “- Ui!, Sara, mira aí um piso!, ali.” (E tal, que era este que aa, tinha morrido a senhora daqui), o piso de tal fulanita, e mira e tu...” E tal: “- Bem, eu vou ver, mas o piso é peque... é pequeno, não é?” Diz: “- Os filhos daqui a amanhã te casam, vão crescendo, os filhos casam, p’ra ti e p’ró teu marido a casinha...”. Está bem, e tal. É mais grande “q’ó” piso que vivia antes. Este é pequeno...

E- Sim.

S- ... mas o outro era mais pequeno que este.

E- Sim.

S- Mas p’ra mim, p’ra nós já nos chega. Recollidos todos, como “costumemos” a dizer, de portas “p’a” dentro, tudo são colchões.

E- Hum.

S- Bem, e claro, meti-me no piso. Tanta desgraça, que no primeiro ano que me meti no piso, claro, o piso estava todo velho, fizemos, começámos a fazer obras, porque não podíamos (imperceptível), estava todo velho, que era uma senhora muito velhinha que vivia...

E- Pois.

S- ... aqui, tinha tudo velho.

E- Pois, pois, pois.

S- Começámos a meter-nos no... a fazer obras...

E- Está tudo arranjadinho, pois.

S- Sim, fizemos tudo novo! Fazer obra, e o meu marido: “- A ver se íbamos adiante”, e tal, e os senhores que me fizeram a obra, gente conhecida: “- Tu tranquila!, nos vais pagando pouquinho a pouco, que eu nem vou botar a madeira no chão, nem nada.” E, tinha pessoas Portuguesas: “- Bem, tu põe-te!, porque já sairás adiante, já verás”, e tal. E, claro, com o ânimo das pessoas – não foi “p’ó” meu mal, foi por bem-, claro, pus tudo, foi tudo a baixo, pôr tudo. Claro!, me subiu muito. E eu estava pagando. (Imperceptível)... o meu marido do mar, meu, eu também pus-me a trabalhar, que então não trabalhava, disse “p’ó” meu marido: “- Vamos comprar o piso. Tu tranquilo, eu vou trabalhar!, e que ajudo.”

E- Portanto, há seis anos começou a trabalhar?

S- Há seis anos. Na mesma casa, já não saí. Na primeira que entrei fiquei. O meu irmão vai trabalhando também, porque eu, o chaval, o moço ficou (imperceptível). “- Eu ganho p’ra vós, o dia de amanhã, pois já, já, dia que eu me case vós recorreis com tudo”, e tal. E meu irmão também está ajudando. E a minha filha começou a cuidar um crio, um bebé, e tal... pouco a pouco estávamos pagando, também, o meu marido teve um acidente, no barco. Um acidente que esteve um ano de baixa.

E- Tch.

S- “Teve” muito mal, “teve” no hospital, porque levou o golpe foi na cabeça. Depois do golpe da cabeça, pois, foi, foi, foi a rodi. . . foi o joelho, tiveram que operá-lo, quer dizer, foi tudo aquele ano, todo o ano de baixa. Depois teve uma embólia pulmonar, porque Deus não o levou porque, num. . . não sei. Bem, foi um ano muito triste!

E- Hum, hum.

S- Esse ano, que o meu marido teve o acidente, eu, eu queria “p’á” comprar uma barra de pão e não tinha. Queria “p’á” “colher” o autobus “p’á” ir trabalhar e não tinha. Chorava noite e dia, não sabia o que havia de fazer. Mas, a minha patroa, no trabalho, ela notava; porque eu sou uma pessoa muito alegre, e ela notava que eu não. . . (campainha da porta que toca) não, que não era eu. (Dito em sussuro:) Pára, pára um poquito.

(Interrupção na entrevista pela chegada do filho mais novo de S.)

E- (. . .) Muito bem.

S- Eu, eu então. . .

E- Portanto, foi um ano. . .

S- Foi. . .

E- . . . se bem entendi, desde que saíu de Portugal, esse foi um ano marcante?

S- Foi, foi.

E- Terá sido o mais, o ano mais difícil?

S- Mais difícil da minha vida!

E- Acha que sim?

S- Não o esqueço.

E- De toda a sua vida!?

S- De toda a minha vida!, tch, à parte dos meus pais, quando vivia yo en Portugal, era miúda, os meus pais sempre viveram muito mal, e eso. . . mas, o marcado, marcado, na minha vida, no, no meu casal. . .

E- Hum, hum.

S- . . . foi o ano mais, mais, vamos, o ano, foram uns anos, esse ano foi o ano que teve o meu marido o acidente, “despois” estivemos uns três anos. . .

E- Sim, sim.

S- . . . mas Deus está arriba! E essa experiência eu vou a contar-la. Vivi tão mal!, tão mal!, nunca tive uma Portuguesa que me ajudasse. São muitas Portuguesas, e nunca tive uma pessoa Portuguesa que me dissesse: “- Faz-te falta isto?” Nunca! Mas, graças a Deus havia muita gente Espanhola que me quer muito. Primeiro, a começar pela minha patroa. Ela via que eu não era eu, ela já aos quinze dias deixava o meu ordenado, essa senhora tem um restaurante. . . (tinha, agora não tem), comida, mas sem ninguém tocar-la!, comida feita, fazia-me “fontes”, e muita comida os meus filhos comeram do restaurante; que a minha patroa me trazia, porque ela via que não era eu. Mas eu nunca!, jamais, nunca!, es que nunca disse nada a ninguém. Chegava a casa botava. . . punha música, cantava com a música, e interiormente, como se costuma a dizer, a procissão vai por dentro. Meu marido mal! Meu marido não saía p’ra nada, vinha-me a buscar ao trabalho, e tal, vínhamos tristes, havia trit. . . mas estávamos unidos. Havia tristeza, não havia pão, mas estávamos unidos. Mas chegou o momento que já não podíamos mais!. (Breve silêncio) Não podíamos mais, porque nos chamaram do banco.

E- Pois.

S- Tinha atraso de pagar o piso.

E- Pois, pois.

S- Claro, da hipoteca.

E- Pois, pois, pois.

S- Eu via que as pessoas que me fizeram a obra, que eu não lhe podia responder, lhes disse que me havia, o que me havia passado, mas claro, não podia; eu queria ir à rua e tinha mêdo, tinha vergonha!, vergonha tinha. Então, as nossas Portuguesas em lugar de, não sei, de apoiar-te. . .

E- Sim.

S- . . . não deu, es que não, vamos, me enterraram mais. Me criticaram. Andei apunhada. E bem, e Deus bem sabe que eu se não pagava era porque não podia.

E- Hum, hum.

S- Mas quando pude tudo paguei. Mas isso foi, só foi Deus que me ajudou! E, tenho uma amiga Espanhola, que es Galhega, também. . .

E- Hum, hum.

S- . . . muito minha amiga, andamos juntas, praticamente, mas. . . uma coisa qualquer que nos faça falta, aí estamos uma e outra.

E- Hum, hum.

S- Então, essa amiga minha, um dia, veio aqui à minha casa, e uma miúda, filha de uma Portuguesa que está a tirar o título de, de cabeleireira. . .

E- Hum, hum.

S- . . . pois vinha, assim, arranjar o cabelo, e tal, e estava aqui na minha casa, essa moça, a cortar o cabelo a essa minha amiga. . .

E- Sim.

S- . . . e o meu filho pequeno, que era uma criança pequena, disse: “– Mamã, não hay cola-caó.”

E- Pois.

S- Eu tinha-lhe dito, eu disse aos meus filhos: “– Nunca me pidais quando estiver alguém aqui, aqui em casa, não me pidais nada! . . .

E- Pois.

S- . . . se come lo que hay! . . .

E- Pois.

S- . . . e se não hay te passa sem ele.” Mas, claro, o miúdo com seis anos! . . .

E- Claro.

S- . . . tch, valha-me Deus, não sabia. “– Mamã, não hay cola-caó.” Eu lhe disse, “p’ó” miúdo: “– Bom, tranquilo cariño, que a mamã logo vai ir buscar.”

E- Hum, hum.

S- E diz ele: “– Já levamos tantos dias sem cola-caó!”

E- Pequenino, pois.

S- E a minha amiga não disse nada! E eu por trás da minha amiga, “p’ó” meu filho, de frente ao meu filho, fiz-lhe assim com a mão. . . (gesto simulando bofetada feito pela entrevistada) “– Te vou a dar.”

E- Hum, hum.

S- Não queria que ninguém soubesse o que estávamos passando!

E- Hum, hum.

S- Pois essa minha amiga não lhe. . . só lhe faltou tempo “p’a” chegar à sua casa, dois filhos dela, que pouco tempo aparecem na minha casa com uma bolsa de tienda, de compra, carregada de tudo! Chorei. . .

E- Hum, hum.

S- . . . por coisa que não tive Portuguesas nenhuma que me ajudassem! . . .

E- Hum, hum.

S- . . . tive uma pessoa Espanhola que me ajudou!

E- Porque acha que as Portuguesas, se quisessem vêr, também se apercebiam, não é?

S- Claro, sabiam, sabiam que o meu marido que estava de baixa, sabiam que o meu marido, yo, o meu marido vai ao mar, traz peixe. . .

E- Claro, se quisessem. . .

S- Claro!

E- . . . ajudar, quero eu dizer.

S- Que mais elas sabem, que os maridos também vão ao mar! É, fazemos assim, temos assim um sistema: se o marido de uma Portuguesa está de baixa, ou está de paro. . .

E- Ajuda-se.

S- . . . as que, as que os maridos andam ao mar, as que temos maridos que andam ao mar, o peixe que tem, que trazem, pois: “– Fulana, queres um pouquinho de peixe?” porque então, marido em casa, pois. . .

E- Claro.

S- . . . no vais a comprar. “– Fulana, queres peixe?”

E- Claro.

S- E a mim, nunca tive uma Portuguesa, a não ser X.!

(Interrupção na entrevista para S. preparar a merenda ao filho mais novo)

S- (...) Eu não tenho medo que oiçam os nomes.

E- Pois, ainda por cima a é uma boa acção, mas não, mas não...

S- A mim não me importa!, que tenha os nomes.

E- ... mas não, mas não ponho. Não ponho, faz parte do meu código.

S- Se é por mim...

E- Mas não ponho.

S- ... o nome, o nome pode figurar, pero não, não importa.

E- Não ponho de ninguém.

S- Não importa. Por mim tranquila!, que eu não estou a dizer mentiras.

E- Pois, não, mas não ponho.

S- Então, a não ser essa pessoa, essa amiga Portuguesa e família, um, um parentesco mio, que às vezes vinha o marido do mar: “– Olha, Sara, queres um pouco de pescado?” Era a única, porque às vezes: “– Porque não dizes!...” E ela soube deste tema “despois”, quando a minha vida já foi evolucionando melhor, porque...

E- Hum, hum.

S- ... tch, Deus aperta, mas não enforca.

E- Deus aperta, mas não enforca!?

S- Mas não, não enforca. Deus, aqui se costuma dizer: Deus aperta, mas não ahoga.

E- Pois.

S- É não afoga, Deus aperta, mas não afoga.

E- Pois. Não enforca, sim, sim.

S- E quer-se dizer, então... e mi marido, pois, não podíamos, não tínhamos p’ra comer e tal, mas, então, claro, eu me preocupei mais foi quando, já, começaram-me a chamar os bancos, porque eu pagava, eu pagava ao mês, solamente o que era da hipoteca da casa, cento e dez mil pesetas!

E- Pois...

S- Já era muito dinheiro.

E- Claro.

S- Tinha que passar o mês!

E- Claro.

S- E claro, eu nunca, punha o dinheiro no banco justo “p’ó” piso, porque não me chegava!

E- Claro.

S- Não me chegava, ele estava de baixa, ganhava noventa mil!

E- E com três miúdos.

S- Não me chegava! Então, um dia, já me haviam chamado do banco, que já levava três, três retrasos, claro!, de um... dinheiro, e tal, e bem, e cheguei de trabalhar e meu marido me disse: “– Mira: chamou do banco.” E tal. Digo: “– Deus mio!, Senhor!, que faço?” Então, no meu quarto, o meu marido e os meus filhos, eu não que... eu às vezes queria evitar os meus filhos que não sofressem, o que estávamos a sofrer nós.

E- Pois.

S- Eu sentada numa esquina da cama, e meu marido noutra esquina da cama; chorávamos os dois como duas crianças. (O filho mais novo de S. bate à porta para avisá-la que vai brincar para a rua com os vizinhos) Chorávamos como duas crianças. E eu disse: “– Não podemos seguir adiante. Isto não é vida! Assim não podemos viver, os filhos querem pão não têm, queremos pagar o, o que queríamos com tanto carinho, com tanta ilusão comprámos, não podemos pagar. Que fazemos? Eu vou p’ra Galicia com as crianças. Tu ficas aqui, e eu vou “p’a” Galicia. Me custa muito deixar-te sózinho, mas temos que ser assim. Temos que fazer isto.” Mas, nesse momento...

E- Quem é que ia?, ele?

S- Eu ia p’rá Galicia.

E- Ah!

S- E meu marido ficava aqui à beira mar, pagava a uma patroa, e tal...

E- Sim, sim.

S- ... e ele ficava aqui.

(Interrupção na entrevista para mudar de cassete)

S- (...) E os seus olhos tristes. ...

E- Claro.

S- ... a chorar, não sabia a que porta bater! Bem, mas eu tenho, que logo lhe vou mostrar, tenho um Cristo muito bonito!, que lho quero muito!, muito!, muito!, tem uns olhos, parece que está, de vidro, parece que está a olhar p'ra nós. Então, eu tenho, tenho-o como ali, ali está o meu altar, tenho-o sempre.

E- Hum, hum.

S- Será!, como: “– Oh!, isso são ideias tuas.” P'ra mim não, porque Deus está arriba. E ele, no momento dado, ele nos escuta. Ou foi a educação que deu meus pais, minha mãe também é muito, muito católica, uma pessoa tão... humana. ...

E- Hum, hum.

S- ... que parece que... alguma coisa ficou em mim da minha mãe.

E- Hum, hum.

S- Então me levantei tão!... me entrou um... não sei, como uma coisa dos pés!, me levantei donde estava, o meu marido a olhar p'ra mim, me ajoelhei: “– Santo Cristo...” Mas isto é a verdade, que às vezes quando conto, a muita gente contei esta história, contei até ao padre daqui. ...

E- Hum, hum.

S- ... me ajoelhei e lhe pedi, com estas palavras: “– Senhor, não me abandones! Se estás provando em mim para ver se eu me desespero em contra tua!, da minha boca não ouvirás uma mala palavra.

E- Hum, hum.

S- Queres-me mandar mais, manda-me, que eu tudo aguentarei. Mas te peço, não me abandones!

E- Hum, hum.

S- Te peço “p'a” pagar as quatro telhas que comprei. ...

E- Hum, hum.

S- ... “p'a” cobijar meus filhos do frio, da rua, e “p'a” dar o pão aos meus filhos! Não me abandones Senhor! Não me deixes passar pela vergonha de, de dizer, sabes que...” (tom de súplica) que no mundo há muita gente, gente boa, gente má, e claro, essa gente má dirá: “Pois comprou o piso sem...” Eu então que pensava: “Eu agora tenho que vender.” “– Não me deixes passar por essa vergonha, meu Jesus!

E- Hum, hum.

S- Ajuda-me! Ajuda-me!?. (Tom de súplica) Isto foi, por exemplo hoje.

E- Sim.

S- Eu fui trabalhar o dia seguinte e meu marido me disse, quando me foi buscar ao trabalho: “– Temos uma carta do seguro para imos lá.” E eu: “– Ai!, Senhor! Logo uma carta do seguro “p'a” pagar outra vez!, eu, se tenho alguma carta “p'a” pagar então eu, eu desapareço, que já não apareço mais em casa!, eu morro!” Yo com estas palavras. Meu marido disse: “– Que vamos fazer?” E ao dia seguinte fomos ao seguro. No seguro, e disseram: “– Vocês vão a tal sítio falar com tal fulana.” Fomos. Chegamos, ela nos mandou sentar, haviam dois, duas cadeiras. ...

E- Hum, hum.

S- ... e eu te... eu, as minhas pernas, eu estava, já não sabia por onde sair. E vejo, então, a senhora... a escrever. Diz ela assim p'ró meu marido: “– Bom, tome então isto.” Eu, fiquei assim, digo: “– Isto p'ra que é, é p'ra pagar?” E diz ela: “– Não, isto é... ao estar mais de equis³ tempo de baixa, o seguro dá um tanto, uma ajuda, a fundo perdido...”

E- Hum, hum.

S- ... que fundo perdido quer dizer que não tens que pa... que pagar.

E- Hum, hum.

³ Significa «x».

S- E eu não sabia o que era fundo perdido, lhe perguntei: “– O que é fundo perdido? Tenho que pagar com el tiempo?” “– Tch, tch, tch, não, aqui não tens que pagar nada. Isto é um seguro, porque não alcançou, como não estás a trabalhar, então o seguro dá esta ajuda.”

E- Hum, hum.

S- E eu olhei “p’á”, “p’ó”... “p’ó” tal... “p’ó” talão, que era um cheque... .

E- Sim.

S- ... e eu: “– Ai!, Madremia!”... eu tremblava. Então eram trezentas e vinte e uma mil pestas! Ficou-me aqui na mente. O meu irmão andava ao mar, não tinha, não andava a ganhar nada!, o meu irmão veio, foi justo a um fim do mês, o meu irmão vai, vem do mar, diz: “– Sara, cobrei cem mil pesetas.” Já são cem mil mais “p’ó” monte.

E- Hum, hum.

S- Chamou o armador, o meu marido, o patrão do barco, que ia passar lá “p’la” empresa que tinha que cobrar uns atrasos que tinha de atrasos, oi... oitenta e seis mil pesetas mais “p’ó” monte.

E- Hum, hum.

S- O meu marido antes de ficar de baixa, e... esse mês que ficou o ano todo de, de baixa... .

E- Sim.

S- ... o mês anterior tinha cortado a ponta do dedo, também... .

E- Sim, sim, sim.

S- ... com um peixe que o, que o, que lhe pi... que lhe picou e ficou, infectou o dedo, teve que cortar a ponta... .

E- Pois, pois, pois.

S- ... a primeira, a primeira paragem.

E- Sim.

S- Então, davam de indemnização cinquenta e sete mil pesetas. Bem, eu sei que de, em questão de um dia “p’ó” outro, não pedi nada a ninguém!, nada a ninguém!, eu paguei... todo o atraso que tinha do, do piso, terminei com o empréstimo pessoal, porque, claro, a pedires “p’á” um piso não tens aquela quantidade, não to dão todo, então, paguei o préstimo “p’ó” meu marido, ficaremos sem um, sem um tost... , sem uma peseta!, mas eu o préstimo pessoal já vou, já vou liquidar! Fomos ao banco mais contente!... .

E- Hum, hum.

S- ... terminar o que temos. E depois o piso, ao dia que é hoje, graças a Deus!, que graças ao Pai Divino, nunca me faltou o pão p’ra comer!

E- Hum, hum.

S- Pôs tudo novo, agora há pouco tempo... .

E- Hum, hum.

S- ... paguei às pessoas que me tinham feito a obra... .

E- Hum, hum.

S- ... graças a Deus não me faltou o pão, em cima Dios, isso é porque uma amiga minha, sempre costumamos a fazer uma lotaria, as duas, o ano passado, em Junho (isto é verdade, porque eu não disse a ninguém!, depois sou... souberam, mas eu não disse a ninguém), com essa amiga minha, isso, que a minha amiga “tava” a passar mal!, e eu disse: “– Me alegre por mim, mas mais me alegre... por ti! Porque estavas a passar mal, e eu não te podia ajudar, pero... .” E eu andava también, também andava, hombre!, eu (imperceptível) mas andava, pois, que não te sobrava, mas tão pouco, não andavas, tão pouco, esquentada!, entendes?

E- Claro.

S- “– Não te posso ajudar, mas... .” Então, no mês de Junho nos tocou uma pi... um pouquinho... .

E- Sim.

S- ... na lotaria.

E- Sim, sim.

S- E disse: “– Graças a Deus, Deus aperta mas não ahoga!”

E- Hum, hum.

S- E quando comecei, quando foi que nos tocou isso, foram dois milhões... .

E- Hum, hum.

S- ... eu disse: “– Bem, fazia-me falta.” Claro, tinha a casa toda arranjada, mas não tinha mobília, tinha tudo já... .

E- Pois.

S- ... aqui tinha uma cama, o meu irmão, claro, o rapaz queria dormir não podia!

E- Hum.

S- E, claro, tínhamos aqui um. . . um móvel, arranjar como podíamos!

E- Pois.

S- Não tinha a minha cozinha posta. . .

E- Claro.

S- ... não tinha nada, não tinha armários, tinhas que andar com os, com os, com os cachanhos, como se chamam aqui, com as painéis, e tudo, e, por cima de todos os sítios.

E- Hum, hum.

S- Então eu disse: “– A minha ilusão é pôr a casa como eu quero. Não quero nem p’ra carros!, nem p’a passar férias!, isso sim, vou a Portugal passar umas férias. . .

E- Pois.

S- ... mas como vou todos os anos.

E- Pois.

S- Igual, igual, nem, nem mais, nem menos, o meu estilo foi sempre o mesmo. Eu só disse “p’a” meu marido: “– Este dinheiro é como se não me tivesse tocado, eu quero!, pôr a casa à minha maneira.” Um pouco decente!, não ao luxo, nem muito menos, um pouco decente. E disse: “– Deus me concedeu esse gosto!” Pois quando me viram a botar os móveis, Portuguesas, quando me viram a fazer, como me puseram! Não me importou!, porque há havido amigas minhas: “– Ai!, tocou-te a lotaria e não me disseste nada!” “– Eu não tenho que ir com a campainha na mão a dizer!, porque vós!, quando vos passa qualquer coisa que tienes, não andas a dizer a ninguém! E porque hei-de ir eu com a campainha na mão a dizer? É meu, não foi roubado a ninguém!” Mas é a tal raiva!, é inveja!

E- Hum, hum.

S- É como eu digo, quando ouvimos uma pessoa, mesma a pessoa, eu tenho amigas Portuguesas, que hay uma amiga nossa Portuguesa, tem problemas com o álcool. . .

E- Hum, hum.

S- ... tem problemas com álcool, e os filhos quando vêm a mãe assim: “– Vizinha, (imperceptível) que a minha mãe está mal!” Aí vou eu correndo. Falei com o padre, fui ao médico, pouco a pouco lhes estou convencendo, vamos a trabalhar todos os dias, todos os dias vamos as duas “p’ó” trabalho.

E- Hum, hum.

S- E, hay que ajudar! Se está enterrada, vais enterrar mais!?! Não. Hay que tirar essa pessoa do “fango”, como Deus diz. A experiência. . . e coisas, que algumas não, não. . . já não te lembra, mas. . . a história, e a vida dos emigrantes é muito dura! Mas mais duro, mais duro é quando temos paisanos nossos, em lugar de sermos amigas, somos inimigas. É mais duro isso. E costumamos a dizer: “p’a” quatro Portugueses que somos aqui, em lugar de estarmos todas unidas, como uma pinha, estamos todas pior, a ver se aquela, assim passamos em tal igreja. Vamos em tal igreja, um grupo de Portuguesas, isso não leva nada a ninguém! “– A Sara não vem!”. (Comentário lateral: não importa!⁴).

E- Bom: “– Fulana não vem.”

S- “– Oh!, fulana não vem.”

E- “– A L não vem, a Isabel não vem.”

S- Prontos, e. . . e como disse uma p’ra mim: “– É que se tu não vens, “tá” triste.” Porque eu tenho sido operada de hémia. . .

E- Sim.

S- ... claro, e não posso, porque me está bastante desarrollada. . .

E- Hum, hum.

⁴ S. fez este comentário porque dissera o seu nome real.

S- ... e eu deixei de ir, porque, claro, num, num, num... tenho medo, a fazer um esforço, e claro, ficar de repente, ou estrangular, ou assim...

E- Pois.

S- E “tô” à espera, espero que o meu marido, pois, fique da mar em casa, pois, p’ra eu ser operada. E, pero: “– Fazes a limpeza, se não estou eu, fazeis igual!” “– Tu estando é outra alegria. Nem que tu não faças nada!, nem que estejas ali a mandar!” “– És que eu p’ra mandar não sirvo.” “– Nem que tu não faças...”

E- A Sara, a Sara tem que estar.

S- Tem que estar! E digo: “– Parece mentira! Não tem que ser assim. Em qualquer...” Isto porque não est... não está cá, se ainda estivesse cá, pois, já via, se entro num café: “– Ah!, a Sara vem no meio.” Vamos a uma excursão: “– A Sara tem que vir no meio.” Mas mesmo os Espanhóis! Se vamos a um... a um sítio qualquer, eu tenho que levar a voz cantante, não, não, não gosto!

E- Mas sente-se integrada aqui?

S- Sim! Sim.

E- Sente-se bem aqui?

S- Yo?, de maravilha! Eu digo: que a mim me encanta!

E- Se voltasse atrás, voltava a emigrar?

S- Voltaria a emigrar. Voltaria a emigrar. Quero muito à minha terra, voltaria a emigrar, aunque é muito duro, mas... sim!

E- Acha que valeu a pena?

S- Sim. Valeu a pena. Porque, claro, eu não sei, porque me casei, vim “p’ráqui”! Eu vou a Portugal e ainda vejo muita tristeza em Portugal.

E- Acha que... ter emigrado ajudou a melhorar a sua vida? Acha que sim?

S- Muito!

E- Comparando, se puder comentar isto, não sei se pode?...

S- Sim, sim.

E- ... com a vida que os seus pais tinham, que tinha com os seus pais?...

S- Sim.

E- ... melhorou?

S- Muuuito melhor! Eu na minha casa só vi pobreza. Vi o meu pai, era muito bom homem, mas era uma pessoa que bebia...

E- Hum, hum.

S- ... nos batia.

E- Hum.

S- A minha mãe morreu jo... nova, muito nova, com cinquenta e três anos...

E- Hum, hum.

S- ... das cargas de pancada que levava. Humilhações. Queríamos comer e não tínhamos!, dormíamos, igual, cinco, a minha mãe, a minha mãe tinha quinze filhos, aunque agora somos só sete. Tch... e eu...

E- Trabalhou, e trabalhava também?

S- A minha mãe, eu trabalhei e fui trabalhar com oito anos, “p’á” fábrica de conserva, andava na escola, por isso sou, eu, a minha mãe costumava a dizer: “– Tu “fôstes” a que menos escola “levastes”...” Que não tenho o, não circulei a, a quarta classe...

E- Hum, hum.

S- ... andei na terceira...

E- Hum, hum.

S- ... fiquei com a terceira. Mas, graças a Deus, a minha mãe dizia: “– Tu “p’á” escola que “tivestes”...” Eu lia estas cartas dos médicos, que mandavam ao meu pai, e sei ler e sei escrever, tenho muitos erros, verdade!, mas quero, pouco a pouco vou “posperando”, e me gostaria, eu já tenho dito “p’ás” minhas filhas, eu gos... a mim me gustava! tirar o graduado escolar.

E- E pensa que aqui?, porque há escola para adultos!

S- Sim. E já tenho dito às minhas filhas: “– Eu me gostaria tirar o graduado escolar, porque, gosto de ler!, gosto de escrever!, eu escrevo, e leio muito. Quase não tive oportunidade, porque éramos muito de família e tínhamos que trabalhar. Que até o patrão, esse senhor, era um senhor que era de, era... essa religião, como se chama? Jeo... Jeová Protestante, há um... .

E- Ssim.

S- ... era o patrão era... era de uma religião assim.

E- Não era Católico.

S- Não era Católico.

E- Sim, sim.

S- Mas era muito boa pessoa.

E- Sim.

S- Eu estava a trabalhar com oito anos... (Ruído de alguém a bater à porta)

(Interrupção na entrevista)

S- (...) Então eu trabalhava aí, aos oito ano... a trabalhar com oito anos m... então, naquele tempo em Portugal...

E- Havia muita gente a trabalhar.

S- ... havia muita gente “q’ hoje” em dia quando vejo... México e isso, as criancinhas carregadinhas... .

E- Sim, sim, sim, sim, sim.

S- ... lembrava-me do nosso tiempo! Dizia: “– Oh!, minha filha, vês essas crianças!/? Como andam? Eu andei assim.” E hoje em dia assim estou dos ossos. Então, claro, havia que trabalhar, e ganhava vinte e sete tostões à hora!... .

E- Hum, hum.

S- ... então. Tch, e claro, minha mãe não tinha p’ra comprar-me socos.

E- Pois.

S- O tempo de Janeiro frio!... .

E- Pois.

S- ... frio!, claro, uma fábrica de peixe, humidade.

E- Claro.

S- Frio. Então, claro, eu era muito miudinha, e a mim me mandavam como uma rapariguita que não... . podia estar como as pessoas maiores na mesa e na (Imperceptível – referindo-se a posto de trabalho na fábrica) e assim, então, punham-me uns cestos de sardinha no chão, e eu tinha que estar ali abaixada a cortar o rabo às sardinhas com uma tesoura e a cortar o rabo, que era “p’ás” pessoas depois tirarem a espinha... .

E- Sim, sim.

S- ... e “p’á” pôr em lata. Bem, “p’á” pôr em lata não, “p’á” pôr primeiro “p’á” ir à estufas, e logo em lata.

E- Sim.

S- Bem, e eu estava descalça, no chão, descalça, mas já não me importava o frio dos pés!, senão o “cansancio”, o sono, claro, às três da manhã, trabalhar toda a noite!, uma miúda, u... em cima que tinha pouca alimentação, quenão havia, que não tínhamos alimento, e descalça, e mais o sono que me cansava; tinha que ir à escola, dia seguinte, pela manhã! Muitas vezes não ia!, à escola. Claro, nisso, nisto que estou a cortar o rabo às sardinhas, e deu-me um cobranto de sono e estou, e nisto eu sinto uma mão que me toca de trás no ombro, eu olhei “p’á” trás e vi o patrão, digo: “– Ai!, ele vai-me botar p’ra fora da fábrica!” Eu assustadinha, pensando que me ia botar às três da manhã fora! E, claro, donde estava a fábrica “p’á” minha casa, era um sítio muito escuro p’ra vir: “– Ai!, vai-me botar fora da fábrica.” Eu já pensando, eu já a chorar. E esse senhor disse-me, assim, p’ra mim: “– Quantos anos tens?” E eu disse: “– Tenho oito anos.” Eu já a chorar, claro!, era, era uma criança, uma miúda. (Sorriso de E..) E diz ele, assim, p’ra mim: “– Olha, vai ao quarto de banho, lavas a cara e descansa um bocadinho. Tu descansa.” E eu fui ao quarto de banho, já não descansava, eu já, no quarto de banho, estava “chainha” de mêdo que chegasse... cá fora e ele me mandasse p’ra casa.

E- Pois.

S- Lavei a cara, e tal, mas já o sono não me entrava!, já com o mêdo, o susto que tinha em cima, e claro, e vim do quarto de banho, e cheguei, donde tinha os meus cestos, a rededor “p’á” cortar las sardinhas, tinha todos os cestos com as sardinhas cortadas. E ele se baixou, baixou-se, meu patrão, que era o patrão da fábrica a cortar as sardinhas. E ele

viu-me descalça, com os pés gelados de frio, e diz ele assim p'ra mim: “– Não tens uns socos ou uns chinelos?” Eu disse: “– Eu não tenho.” Estava uma irmã minha, que hoje tem quarenta e quatro anos, est. . . está em Portugal, que é viúva, também trabalhava nessa fábrica.

E- Hum, hum.

S- Disse: “– Não tenho.” Então ele foi ao escritório, trouxe-me uns chinelos, estes como de borracha por baixo? . . .

E- Sim.

S- . . . me entravam dois pés! . . .

E- Sim. (Tom de sorriso)

S- . . . mas não me importou. Diz ele: “– Põe isto nos pés que pelo menos livras-te da humidade.”

E- Hum, hum.

S- Pois pôs; calcei os chinelos, e nunca me esqueceu!, e era muito, e era muito criança!, muito miudinha, e muito. . . há muitos anos. . .

E- Claro.

S- . . . tenho quarenta e três!, mas nunca me esqueceu de então dessa pessoa, por isso que muita vez eu digo assim: “– A religião, tch, hay pessoas católicas que são uns animais! Maus! Há gente de Jeová que são muito boas, ou pessoas são más!” Eu tenho família que são Jeová, e tudo. . .

E- Hum, hum.

S- . . . mas, não tem que ver que “tejas” numa religião “p’a” seres boa pessoa, tenho a minha família, pois, Portuguesa, vive, vivem em, em Hondarua, que há muitos Portugueses, também. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e também são muitos boas pessoas, hay de tudo!

E- Hum, hum.

S- E nesta vida há de tudo

E- Não é por ser Espanhol, ou ser. . .

S- Sim!, Espanhóis, Bascos. . .

E- . . . Basco, ou ser. . .

S- . . . Andaluzes, que hay muita mistura aqui, mas, gente boa. Há de tudo. Mas, yo emigraria.

E- Hum, hum. E nessa fábrica, quanto tempo “teve”?

S- Eu estive nessa fábrica dois anos, porque “despois” aos dez anos, como, fiz, quer-se dizer. . . eu tinha. . . oito e fui “p’a”, “p’ó” P trabalhar de criada a servir. . .

E- Hum, hum.

S- . . . com dez anos.

E- Ah! Está bem.

S- Mas não fui criada, não fui servir, aquilo foi como uma, me acolheram como a uma filha!

E- Assim. Sim.

S- E hoje são padrinhos, que um senhor, o senhor já morreu, e a madrinha, eram padrinhos da minha filha, da mais velha, e padrinhos do meu casamento. Mas não, não me, não me levaram como criada “p’a”, não!, és que, como uma filha. Tive o trato, que a minha mãe não podia, claro. Vinham-me trazer o cafêzinho à cama, antes de m. . . antes de dormir à noite.

E- Hum, hum.

S- Eu ia “p’á” escola, levava umas, as galochas nos pés, quando chovia, e levava umas sapatilhas na bolsa, levavam-me de carro, que o senhor era cho. . . era chófer de, táxista.

E- Sim.

S- Como uma filha! E hoje em dia não sei, eu não sei, não sei se morreu, já, a senhora que tinha oitenta e tantos anos, e eu vou a Portugal, há pouco fui a Portugal, hay dois anos que fui a Portugal, estubimos, estivemos ali, que tenho fotografias: “– Ai!” Uma alegria em ver-me, porque ela sempre me tinha como filha.

E- Foi bem tratada, pois.

S- Bem tratada!

E- E aí é que terminou, portanto, a, a. . .

S- Aí terminei. . .

E- . . . a terceira classe, não é?

S- . . . terminei a terceira classe, que a professora dizia que era uma pena que eu não seguisse estudando, que, essa senhora queria que eu fosse estudar, que ela dizia: “– Ó minha filha, é tão bonito ter uma, uma miúda com a bata passada a ferro!, branca, no braço.” Lembro-me as palavras: “– Com os livros de estudante no braço.” E no eléctrico –então não havia autocarro, era o eléctrico. . .

E- Claro!

S- . . . em P, em AS- . . .

E- Sim.

S- . . . e ir tão bonito”, e eu: “– Pois sim, eu vou estudar.” E tal. Mas “depois”, claro, estudei quatro anos, tch, eu ia. . .

E- Pois.

S- Com eles. Eu ia, eles me levavam a minha casa, ao fim de semana, às sextas feiras, sempre a casa dos meus pais, “p’ós” meus pais verem-me, sempre!, os meus pais vinham ao Porto, era uma família!

E- Ajudava-os em casa de alguma maneira. . .

S- Sim, ajudava, iba aos recados, mais que nada era p’ra fazer os recados. . .

E- Pois, pois, pois.

S- . . . p’ra fazer-lhe companhia –que ele era táxista, ela estava sempre sózinha, não tinham filhos- . . . criaram um moço, criaram um moço, que esse moço “depoi” foi meu namorado. . .

E- Ai!, que giro! . . .

S- . . . namorámos quatro anos. Sim. Foi muito bonita, foi uma época bonita em. . .

E- Na sua vida.

S- . . . na minha vida, na minha juventude, foi uma época, uma etapa muito bonita. Tch, e, quer-se dizer então, eu “opois” ia à minha terra, claro, começaram a fazer fábricas, fábricas de costura, estas pessoas que vinham da “Filândia”. . .

E- Sim, sim.

S- . . . Nórdicos, esses, vinham fazer fábricas na minha, na minha. . . na minha terra, então, eu ia, e as minhas amigas: “– Oh! Sara, e tal, toma “p’ráqui”, vamos aí trabalhar “p’a” uma fábrica.” E aquela ilusão se me meteu na cabeça, e hoje em dia me arrependo!

E- Sim?

S- Sim. Hoje em dia me arrependo não ter estudado.

E- Sim.

S- Então, começou-me a entrar aquela ilusão na cabeça de eu. . . vir “p’á” minha terra trabalhar na fábrica!, fábrica de costura. Efectivamente vim p’ra minha terra.

E- Com dez anos?

S- Entrei na fábrica com quinze anos. “Tive” dos dez, até aos catorze anos e pico. . .

E- Exacto!

S- . . . aos quinze entrei na fábrica.

E- Entrou. . . Sim, sim, sim.

S- Entrei numa fábrica de costura.

E- E aí trabalhava. . . ?

S- Entrei na fábrica. . . sim, trabalhava!, ganhava setenta escudos por semana. E andava a minha mãe. . . a minha irmã, a minha irmã mais velha depois teve problemas com o namorado, com quinze anos teve que casar! . . .

E- Hum, hum.

S- . . . e a casa fazia falta dinheiro, e então, claro. . .

E- Hum, hum.

S- . . . ajudar a minha mãe; os meus pais! Tinha mais irmãos pequenos, que incluso “tão” todos aqui, cási, estão todos, vieram “p’ráqui” porque a tia, a irmã, era mãe de todos. . .

E- Que engraçado.

S- ... incluso um primo meu, também, que morreu o ano passado, também, e, quer-se dizer, e trabalhei na fábrica, mas “depois” um... um dia me castigaram!, porque me ri duma moça que tinha um piolho aqui na frente, castigaram-me!, mandaram-me de castigo oito dias. Eu disse: “- Pois, eu não vou mais “p’á” essa fábrica! Me castigaram, não vou mais.” Fui, voltei à sardinha. . .

E- Hum, hum.

S- ... voltei à fábrica do peixe.

E- Hum, hum.

S- E era muito duro! E a minha mãe, claro, nos queria muito!, e a minha mãe via-me no tempo do, via-nos no tempo de Inverno cheínhos de frio, com o peixe congelado, que hoje ainda estalam os ossos, a minha irmã mais velha e eu estamos... destrocadas dos ossos! Então, claro, as mãos todas... tão enregeladas do frio, e a minha mãe chorava a ver-nos, a minha mãe. . .

E- A fábrica do peixe era sempre de noite, não é?

S- Sempre! De noite e de dia!, ias às nove da manhã, vinhas a comer, igual, à uma, às duas entravas, igual, hasta às dez, onze da noite, quando não fazias serão, senão vinhas a comer às nove da noite, a cear. . .

E- Sim.

S- ... ou a almoçar, a jantar. . .

E- Sim.

S- ... e “depois” íamos às dez, entrávamos a trabalhar, igual, até às cinco, seis horas da manhã, fazer serão, era... contínuo, e era muito trabalho. E a minha mãe, claro, lembro-me muito bem da minha mãe dizer: “- Esta rapariga, esta filha minha, tão fraquinha, tão delicada como é?”. (Tom de lamento) Porque eu fui sempre, a minha mãe dizia que eu fui sempre muito senhorita, mas fui trabalhadora, sempre! E, claro, a minha mãe (imperceptível), pois chegou o tempo, fraco!, o tempo de “Inverno”, que não há sardinha, então vinha o tempo de... de embaricar. Embaricar quer dizer biqueirão. . .

E- Ah!!

S- ... em conservas. . .

E- Sim.

S- ... quer-se dizer, vinha assim esse sistema ya que já, então não fazia falta a tanta gente, e alguma gente ficava muito tempo, de Inverno, ficava sem trabalho.

E- Pois.

S- Depois voltavas, tinhas teu emprego sempre!, mas, aquele tempo que não ibas, não trabalhavas, não ganhavas.

E- Não se ganhava, pois. Pois claro.

S- Não se ganhava. Não havia paro como hay aqui. Então eu digo “p’á” minha mãe: “- Tranquila que eu, eu vou buscar trabalho.” Voltei a ir a servir. Estive quinze dias, não quiz, não... não quiz nem o ordenado dos quinze dias, fugi!

E- Não gostou?

S- Peguei na minha roupa numa trouxa, fugi, porque a senhora... gente rica, engenheiros. . .

E- Hum, hum.

S- ... bloqueava! E a mim um dia me digo una criada! –porque tinha uma casa, e logo tinham, as pessoas que trabalhavam na aldeia era no, no mesmo, porque era uma quinta enorme, aquilo. . .

E- Sim.

S- ... tinham, as pessoas que trabalhavam no campo, e tinham as pessoas que trabalhavam na casa. . .

E- Sim, sim.

S- ... claro, “p’á” passar a ferro, fazer comida, e tal. . .

E- Pois.

S- ... e éramos três. . .

E- Na casa.

S- ... na casa, e no campo haviam famílias.

E- Sim.

S- E um dia me disse uma senhora daquela família, me disse: “- Miúda, tu de onde és?”; “- Ah!, eu sou daqui de C.”. (Lá me levou uma senhora de C, cozinheira). “- Olha, se a senhora está de boas!, é muito boa, mas quando ela

esteja de más!, ela atira-te pelas escadas abaixo, agarra-te pelo cabelo. . .” (eu tinha o cabelo comprido): “– Ela agarra-te. . .” . . . porque ela obrigou-me a, a fazer um puxo, que eu nunca usei puxo, então ela mandou-me, obrigou-me a fazer, a apanhar, a recolher o cabelo todo. . .

E- Sim.

S- . . . a fazer puxo com uma rede e uns ganchos. . .

E- Sim.

S- . . . e os ganchos picava-me na cabeça!, e quando. . .

E- Pois.

S- . . . quando ela não estava eu colhia o cabelo, fazia um, um rabo de cavalo.

E- Pois.

S- Então, ela chegou uma altura que uma filha dela tinha tido um parto sem dôr. . .

E- Sim.

S- . . . de Lisboa. . .

E- Sim, sim, sim.

S- . . . –que então não havia em Portugal. . .

E- Sim.

S- . . . gente de dinheiro! . . .

E- Sim.

S- . . . a Lisboa. Então, ela mandou-me chamar por telefone, que queria que eu tivesse as unhas cortadas, e o cabelo atado!, porque já lhe haviam, ela, ella chamou a. . . à. . . casa, e uma filha dela tinha-lhe dito que eu que andava com o cabelo em uma cola de cavalo.

E- Sim.

S- E eu disse: “– Está bem, então eu faço o puxo.” Com. . . a bata e o. . . avental, tudo de criada. Não gostava!, porque eu via que não havia, era uma família, era um casal, com os três filhos, que eram os filhos fulanos de tal, quando havia festas aí no povo, que iam os cavalos, e tudo, tinham de tudo, até uma avioneta tinham ali! Que era gente de muito dinheiro!

E- Hum, hum.

S- E claro, eu, claro, não podia ir à minha casa, nem nada!

E- Pois.

S- Ninguém podia vir. Então eu, a senhora, um dia a senhora, essa do campo, me disse: “– Ó minha filha, tu. . . não sei se vais aguentar aqui, porque aqui é, são muito estritos, ainda se é que tu estás e vais a tua casa dormir, ‘tá bem, se não. . .

E- Pois.

S- . . . se passa aqui a noite, ela, igual, de noite ou a qualquer hora da noite te chama, tens “q’ ir”!, porque, era por timbre, a gente ao timbre te punha em tal sítio!

E- Sim sim, sim, sim.

S- Aa, digo: “– Não sei, porque ela me chamou e disse que eu que tinha que atar o cabelo e cortar as unhas!” “– Como ela venha e te veja o cabelo assim cojete pelo, pelo, pelo, pelo puxo, e tira escadas abaixo!” Eu: “– Ai sim!?, quando é que ela vem?” “– Ela vem um dia desses.” Eu colhi a minha roupa numa trouxinha, que não era mala, nem nada, era uma trouxa.

E- Hum, hum.

S- “– Até logo Lucas.” E fui “p’á” minha casa. Cheguei a minha casa, “p’á” minha mãe: “– Tu vieste, filha!” “– Mãe, eu vim, porque eu não gosto de estar ali, porque a senhora diz que és meio, meio, meio louca!, eu. . .” A minha mãe disse: “– Filha!, tinha saudades de te ver!” A minha mãe estava habituada com nós: “– Tinha saudades de te ver, filha!” Porque eu estava há quinze dias sem vir a casa, já, e a minha mãe, claro, p’ra ela os filhos era tudo, “p’ó” meu pai também!, a verdade que era uma, era um homem, tch, um pouco rebelde, o meu pai, mas queria muito aos filhos! E, bem, então um dia ela mandou-me o recado “p’á” eu ir a receber o dinheiro, eu disse: “– Yo!, yo não vou lá! Capaz, igual, de me dar algum, algum raspanete! Não, não, eu não vou.” Não quiz cobrar os quinze dias. (Tom de riso) Não fui buscar o dinheiro, não. . . “p’á” minha mãe: “– Não!, não!, não!, não!não!” (Risos de E.) Não fui, não

tomei a ir lá. “Depois” p’rá minha mãe: “– Mãe, eu estou sem trabalho!” Então o que fiz?, fui à fábrica, que foi a última fábrica que eu trabalhei, até que me casei, estava, assim, arimada ao, ao portão da fábrica a ver se... não sei!, eu não s... tinha vergonha!, mas queria ver se me saía alguma amiga minha “p’a”...

E- Pois, conhecida.

S- ... através da minha amiga, e tal. E nisto saíu um senhor, mas um senhor todo!, um senhor já com os seus cinquenta anos, mas um senhor todo atractivo, um senhor muy decidido, tch!, assim muito... decidido, vamos, um senhor, assim, atirado “p’a” diante.

E- Hum, hum.

S- Eu estava ali, encostada ao portão, e ele vai assim p’rá mim: “– Ó miúda!, tu que fazes aqui?” E eu toda assustada, pensei: “Quem é o homem!” Pensei, não? E digo: “– Não, estou aqui há espera de alguma amiga minha que saia da fábrica.” E me diz: “– Tu tabalhas?” “– Eu não, senhor, não trabalho.” “– E tu queres trabalhar?” Digo: “– Claro, quero trabalhar.” “– Quantos anos tens?” Não se me olvida, e digo assim eu p’rá ele: “– Vou fazer dezasseis anos.” Trabalhei na fábrica desta, trabalhei na fábrica do peixe dezasseis anos (imperceptível). Vai e diz ele assim: “– Bem, tu queres trabalhar!? Amanhã, a tal hora, aqui.” E eu “p’á” minha mãe: “– Mãe, já tenho trabalho na fábrica!” Mas como que tens trabalho!?” “– Sim, sim!, estava um senhor ali à porta, um senhor perguntou se eu queria trabalhar.” Ao dia seguinte foi, me ensinou tal, como era, que ia p’a” uma sessão de soldagem de tomos.

E- Hum, hum.

S- Fui, até que me casei.

E- Hum, hum.

S- Aí seguí trabalhando, já era outros ordenados... já, claro, tinhas os teus, quinze minutos “p’a” merendar, quinze minutos “p’a”, “p’a” lanchar, e até que me casei. Me casei com vinte e um ano, deixei a fábrica, me deram um “despido” e tal, e vim “p’ráqui”. Mas é a fábrica que, de verdade, gostei muito; hoje em dia modificou muito... .

E- Sim.

S- ... mas foi uma fábrica que eu gostei muito! E aí fiquei. Foi trabalhar, no meu tempo fui trabalhar fábricas, andar ao mexilhão, andar nas feiras aos carretos, foi uma vida triste de, de menina. Mas, a vida que tive, muy bonita!, muy alegre, muy... tch, com boa alimentação, e tudo, foi no Porto.

E- Hum. Esses quatro anos.

S- Esses quatro anos foi os... a ilusão quando de... vais de menina, já ser mulher adolescente...

E- Hum, hum.

S- ... aquele ilusão, os namorados...

E- Hum, hum.

S- ... foi uma coisa muito bonita. Hoje em dia podia estar casada... com... (sorriso de E.)... com esse moço, que criou essa senhora.

E- Hum, hum.

S- Mas, por circunstâncias da vida, por... por invejas, por amigas... deixámos; quatro anos!, nos casávamos em Dezembro, em Outubro nos zangámos.

E- Chegaram a casar?

S- Não cheguei a casar, nos casávamos em, em Dezembro...

E- Casavam-se? Sim, sim...

S- ... e em Outubro, em Outubro nos zangámos. Fiquei (imperceptível) com o meu marido. Já não tinha que ser! Foi o meu amor, o meu marido sabe-o, os meus filhos sabem, o meu, o meu, o amor, como costuma-se a dizer quando, aquele amor forte que te entra!, então minha filha, foi o amor, o meu primeiro amor foi esse!, e não me vai da mente, vamos, não quero, vamos, ele está casado, tem filhos...

E- Pois.

S- ... e quando vou, quando vou...

E- Estou a perceber.

S- ... a Portugal, igual, nos encontramos, falamos, tch, mas...

E- Estou a perceber.

S- ... mas, eu quero ao meu marido!, levo vinte e um quase vin... , fazemos vinte e dois, lhe quero com loucura, mas, o, aquele amor que num se te vai da memória, que sempre te fica aquele recordo?...

E- Eu sei.

S- ... foi, foi, foi esse, foi esse moço! E tenho fotografias dele, ainda!. (Risos de E..) E meu marido não se importa!

E- Que engraçado, então, pois.

S- Não se importa para nada!

E- Então...

S- Mas...

E- Se vocês estão bem, pois claro.

S- Graças, graças a Deus.

E- Faz parte do seu passado, não é?

S- Graças a Deus.

E- Faz parte do seu passado.

S- Por isso que...

E- Acha que a sua vida é... hoje é diferente da vida que a sua mãe tinha quando tinha a sua idade?

S- Muito diferente!

E- Melhor?

S- Muito diferente e muito melhor! Aa, oxalá a minha mãe, a minha mãe isso costumava a dizer: “- O dia que o teu pai morra...” O meu pai, o meu pai foi muito mau!, e ela, claro, já me conheceu casada, e ela queria muito a meu marido, que é uma pessoa que se faz muito querer, e ela me costumava a dizer: “- Filha...

E- Sim.

S- ... se um dia o teu pai morresse, eu não ia “p’á” mais nenhum sítio, eu vinha “p’ráqui” “p’rá” tua beira.” Mas morreu ela antes que o meu pai.

E- Sim.

S- Porque, a, a minha mãe teve uma vida muito triste, muito triste!, e uma irmã minha, que tem quarenta e oito, quarenta e quatro anos, triste!, vida esclava! vida de trabalhar, de trabalhar, vida... de querer um pão, hoje em dia a minha irmã, antes de ontem eu falei com ela pelo telefone, porque eu quando, eu sou muito saudosa, e eu pago de telefone, umas facturas que o meu marido diz: “- Não pode ser!”. (Risos de E..) Digo: “- Óh!, tch, que queres que eu faça!?” É que chamo a Portugal e falo com a minha irmã, mas não me lembro do tempo. Igual, “- tou” uma hora a falar por telefone, e...

E- Pois, tem saudades.

S- ... é as saudades. Ontem pôs-me a falar por o rádio, fez anos o meu sobrinho, e claro.

E- “P’lo”... móvel, não é?

S- Não. Este...

E- Ah!

S- ... este não é móvel, este é... “inalâmbico”. (Riso)

E- Ah! Está bem.

S- E fez anos o meu sobrinho, e foi, a minha irmã fez anos que casou.

E- Sim, sim.

S- A viúva.

E- Sim.

S- Teve muito mal a vida, também, com o marido. Deus o levou... agora ela vive um pouco melhor. E não me lembrei, sabia que era os anos, que a minha irmã fazia anos de casada, mas não me lembrei dos anos do meu sobrinho, e a minha irmã disse: “- Sabes que o...” -... e yo sou madrinha, é muito, o meu filho, este pequeno, muito parecido a esse meu sobrinho...

E- Ah!!

S- ... são idênticos! E diz a minha irmã: “- Sabes que fez anos o L. e ninguém se lembrou dele, ninguém lhe felicitou, a minha filha chamou de F e tal, e ela se esqueceu de felicitar o irmão e o rapaz está triste!” Digo: “- Ai meu menino!, pobrezinho!” Então eu... a maneira de... de fazer-lhe, vamos!... uns parabéns feliz...

E- Sim.

S- ... chamei ao rádio...

E- Ah!, sim, sim.

S- ... ontem, chamei o rádio, e disse: “– Bem, eu queria, esto, queria, estou a, estou a gravar...”, disse “p’ó” moço do programa: “– Estou a gravar, porque é os anos de um sobrinho meu, e é os anos que a minha irmã faz de casada, trinta anos de casada, aunque agora é viúva, e meu sobrinho chama-se L., faz vinte e um ano, eu sou tia e madrinha, pois, estou a gravar o programa “p’á” mandar “p’á”, “p’á” Portugal. E queria ver se me mand. ... dedicavas uma canção p’ra ele e “p’á”, “p’á” mãe dele.” “Te sigo amando”, uma canção muito bonita que es. ... vamos, que há aunque, amando, quer-se dizer não é de, de amor.

E- Pois.

S- Sigo amando, claro, à família. ...

E- Sim.

S- ... o amando, pois se. ... tem muitos significados.

E- Hum, hum.

S- Então, chamei ao meu sobrinho ontem, antes de chamar a rádio disse: “– L., não saias de casa!” Porque, claro, fim de semana, os rapazes. ... (tosse)

E- Ham.

S- ... “– Não saias de casa, que eu dentro de um pouco te tomo a chamar outra vez.” Está o meu marido em casa e me. ... começa a mandar vir comigo, claro!, porque isto foi uma loucura!. (Risos de E..) Então, que fiz? Gravei!, me saíu mal a gravação!... não me saíu a gravação bem. “Ai!, meu Deus!” Eu, chamei o rapaz, disse: “– Olha L. sinto muito carinho, mas tranquilo que eu já chamarei outra vez!... (tosse) e já te gravarei, e tal. Mas olha, já que não gravou a cassete, tch, vou-te cantar “Parabéns Feliz.” Cantei-lhe em Espanhol: “Feliz, feliz en tu día, amiguito que Dios te bendiga, que reine la paz en tu día, y que cumplas muchos más. (Entrevistada canta:) Quer-se dizer, lhe cantei os parabéns, diz ele: “– “Tá” bem, tia!, pelo menos tu te lembraste de mim.”. (Tosse) E, bueno, levei alegria, mais nada!, pero, mas. ... parece que não, mas, te entra, porque ele dizer assim, como a minha irmã me disse: “– Tu sabes o que é dizer: a minha tia lembrou-se, de tão longe, lembrou-se, e teve um. ... detalhe felicitar-me.” E eu disse: “– Bueno, cariño, tranquilo, que a tia vai-te comprar uma camisa. ...”, que a minha irmã agora anda bastante mal! E eu digo: “– A tia vai-te comprar uma camisa e já te manda.” “– Tia!, que não!, que não!” “– Tranquilo.” Porque a minha irmã, claro. ... (tosse) a minha irmã sempre viveu, que agora, em Portugal, estão pondo, estão a pôr mão a isso, e vejo muito bem!

E- Hum, hum.

S- Porque já era a hora!, que em Portugal se preocupassem das pessoas no viverem em chabolas! ...

E- Sim, sim, sim.

S- ... em casas, entre, es que, es. ... es inhumano viver nessas casas!

E- Sim, sim.

S- Uma casa sem um quarto de banho!

E- Sim, sim.

S- Uma casa com, vamos, menos que esta, como esta habita. ... como este quarto!

E- Sim, sim.

S- Uma casa, que entras numa cozininha, que não te podes nem mover aí dentro, e dois quatinhos. ... com filhos. Eu fui a Portugal o ano passado, em Verão, meu sobrinho queria-se ba. ... queria tomar banho e não podia, que estávamos todos em casa.

E- Sim, sim.

S- “– Mãe, você, a ver se você sai com a tia, e com todos, porque quero-me lavar!”

E- Pois.

S- Lavar-se, um rapaz com vinte e um ano, lavar-se na banca! Que graças a Deus que a minha irmã tem banca, porque lhe botou um amigo meu, nosso, Gallego, que lhe pôs água em casa. ...

E- Sim.

S- ... e fez uma banca, senão tinha que lavar a louça cá for a, chuva, viento e todo, n’ é? Famílias pobres, claro, se uma família não, ser viúva, ou não tens, como em Portugal não há paro, vais ao mar, se ganhas. ...

E- Não há um subsídio. ...

S- ... pescas, ganhas.

E- ... não é?...

S- Claro.

E- ... de desemprego, p'ra ver se entendo.

S- Não há, não há esse, não há isso, uma ajuda! Se vais ao mar pescas, ganhas, se não vais ao mar, não pescas, não ganhas.

E- Hum, hum.

S- Trabalho em Por. ...

(Interrupção da gravação para virar a cassete)

S- (Discurso perdido ao virar a cassete) ... Então, o miúdo: “– Mãe, isto é uma vergonha nesta casa, eu quero-me banhar, não posso me banhar!” E aquilo te choca! Então a minha irmã, claro, agora “tá” um govieno, Português, estão a fazer ba. ... bairros de casa “p’ás” pessoas viverem decentemente!

E- Hum, hum.

S- Ter um quarto de banho!, porque tens uma necessidade de noite, uma doença, um, de repente en. ... a minha irmã tem que ir. ... a fazer num balde!

E- Pois.

S- Que nestes tiempos parece mentira, que estamos no tiempo dee. ... Deus sabe quando!

E- Hum, hum.

S- Nesta época, é raro!, porque. ...

E- Hum, hum.

S- ... poucas pessoas vivem assim. Um balde! Diz eu, eu digo “p’rá” minha irmã: “– Eu quando venho a tua casa dormir se vou tomar um café, um café qualquer, eu prefiro ir ao quarto de banho, antes de vir p’ra casa!”

E- Hum, hum.

S- Porque não sou, não és capaz!

E- Hum, hum.

S- Claro, eu estava habituada, fui habituada, tch, numa casa pequenina, muito limpinha, muito recorrida, uma casinha. ... bem, mas claro, não tem comodidades!, tenho “q’ ir” a um retrete abaixo. (Tosse de E..) Vejo um, não sei, vejo uma coisa, que nem. ... às vezes os animais vivem melhor. ...

E- Hum, hum.

S- ... que algumas famílias nossas em Portugal! E isto não digo a ninguém aqui, porque assim, então, pensam, então os Espanhoís (imperceptível): “– Então como vivides em Portugal?” No digo! Digo que: “– Hay umas casas alucinantes, com uns muebles. ...

E- Hum.

S- ... umas mobílias que. ...”, não és por dizer que têm, têm muito mais gosto que aqui! ...

E- Hum.

S- ... “p’ás” casas e “p’a” todo!, mas essas pequenas coisas não as digo!

E- Hum.

S- Então, claro, o Governo como está a fazer bairros de casas, a minha irmã virou-se a comprar. ...

E- Hum, hum.

S- ... a tocar um piso desses, e como tardava muito lhe disseram: “– Bem, tu. ... se quer, a senhora pode mirar, ver um piso em qualquer sítio, comprar, e o govieno, pois, dá tanto de ajuda.”, e assim.

E- Hum, hum. Que bom.

S- E, pois ela, a minha irmã, pois, comprou o piso, e claro!, ela diz: “– Yo. ...”, o marido morreu. ... una, uma moto, a passar a, a atravessar a estrada, e tal, a mota o matou. Que Deus o tenha na glória, mas também era mau, que também casou muito novinha, passou-as, passou duras! Essa minha irmã tem, tem, tem uma vida dela, que a minha mãe morreu e levou-a traçada, porque via que era uma. ... uma vida triste que a rapaniga tinha.

E- De todos vocês acha que é a, o irmão, a irmã que. ...

S- Sim.

E- ... que teve pior vida?

S- A minha irmã M., no importa, foi a que mais mala vida teve, teve, porque nunca teve um marido que a ajudasse!, ela é muito trabalhadeira, trabalhadeira, ela buscava, ela buscava trabalho debaixo das pedras, ela andava nas corridas, a vender bebidas, cervejas, bocadillos, sandes.

E- Nas corridas?

S- Nas corridas de VC!, nas, no, no, isto, no. . .

E- Sim, sim, sim. Nos. . .

S- . . . nos circuitos, ou como se chamam.

E- Sim, sim.

S- Eu fui uma vez com ela “p’ajudar-la” e disse: “– M eu não venho mais!” Dormir ao ar livre, com a cabeça numa pedra, “p’á” ganhar uma miséria! Trabalhou muito, muito!, e eu digo-lhe, tinha, ela tem cá um filho, que o trouxe “p’áqui” eu, que está casado, e eu digo: “– Se vós soubesseis o que a vossa mãe lutou, e o que trabalhou!, o que ela se sacrificou!, p’ra vos trazer adiante, os três!, a tinheis assim.”. (Gesto com a mão virada para cima, lembrando a expressão corrente “nas palminhas”)

E- Hum.

S- Porque hoje em dia os filhos, tch. . . (suspiro) são muito egoístas!, ou somos.

E- Hum, hum.

S- Então, naqueles tempos, no tempo meu, tempo de M.

E- Hum.

S- . . . não éramos tão egoístas, os filhos.

E- Hum, hum.

S- Queríamos aos pais, eu lembro querer aos meus pais com loucura! A minha mãe, no dia que eu casei, o dinheiro que me deram de me casar dei à minha mãe.

E- Hum, hum.

S- E meu marido foi, meu marido foi que me deu o dinheiro “p’ó” vestido do casamento!

E- Hum, hum.

S- E minha mãe disse: “– Já que a tua irmã levou! . . .” . . . (tinha casado uma irmã minha que morreu com trinta e seis anos). . . “– . . . já que dei à tua irmã, te dou a ti.” E meu marido me deu dinheiro “p’á” minha mãe: “– Bem, já que o R me pagou o vestido. . .” e tal: “– Eu a você lhe dou o vestido do casamento, do, “p’á” levar ao meu casamento.” A roupa dos miúdos, “p’á” levar as alianças corre de mim.”

E- Hum, hum.

S- E a minha irmã, esta, pois foi sempre muito pobrezinha!, não tinha. E então, quando eu ia a Portugal, e o marido, claro, a minha irmã que nem vivia cá, aunque, tch, era distinto el marido português, porque el nuestro hombr, o nosso homem português, quisáz. . . da, da zona nossa!

E- Sim.

S- Não me refiro a co. . . em geral. . .

E- Sim.

S- . . . o homem Português. . . é muito machista! E machista, de claro, são muito dominantes, o nosso homem Português. Eu por experiências de família. . .

E- Claro.

S- . . . e por o que vejo com o homem Espanhol!

E- Sim, sim. Hum, hum.

S- Porque a minha irmã, mesmo, o disse: “– A minha filha namorou com um moço Espanhol, que pena não ter casado com ele, que casou com um Português!” A minha filha diz logo: “– É a sorte.” A minha irmã. E eu quando ia a Portugal, claro, o meu pai nunca levou a minha mãe a tomar um café!, e eu quando ia a Portugal íamos com, com o habituamento daqui, a minha irmã e yo, íamos, a, no fim de arumar a cozinha: “– Mana, vamos tomar um café?” O meu pai disse: “– Vamos tomar um café, mas a tua mãe não vai!”

E- Hum, hum.

S- E eu disse “p’ó” meu pai: “– Porque a minha mãe não vai? . . .

E- Hum, hum.

S- ... por acaso a minha não tem direito a ir tomar um café com, com você?, a minha mãe tem tanto direito, e vai com nós!”...

E- Hum, hum.

S- ... “Não, não!”; digo: “– Como é que não!? A mãe vai tomar café com nós!” E a minha irmã, claro. . .

E- Pois.

S- ... yo. . . a chorar disse “p’á” minha mãe: “– Ao ver a S e, e assim, ao ver esta, a. . .

E- A Sara, sim.

S- ... a Sara, e tal, pois, que triste, ama!⁵, e eu que não tenho um homem. . .” Porque meu marido dizia: “– Venha, vamos depressa, vamos ao café!”, e não ia sem nós!

E- Hum, hum.

S- E ela dizia: “– E eu que não tenho um marido assim. . .

E- Hum.

S- ... que nunca me leva a tomar um café, nunca me leva a dar um passeio!” E era uma rapariga nova, porque ela, a minha irmã, ti. . . a minha irmã é do meu ano!

E- Esta mesma de que “tava” a falar?

S- Esta mesma!

E- É assim, não é?

S- Esta mesma. Foi uma vida tão dura!

E- Que também emigrou, portanto?

S- A minha não, a outra que morreu.

E- Ah!, sim.

S- A que morreu, morreu em Portugal.

E- Mas esta. . . desculpe, sim.

S- Esta, esta ia. . .

E- Esta que é a que sente que teve uma vida mais difícil. . .

S- Sim, uma vida mais. . .

E- ... quando lá ia de férias, a Sara. . .

S- Sim.

E- ... é que comentou isso. . .

S- Sim.

E- ... não é? A ver se eu entendo. . .

S- Ela comentou, e ela mesmo o diz, ela mesmo o diz: “– Yo agora sou viúva. . .

E- Hum, hum.

S- ... levo muitos anos viúva. E, bem. . . mas, diz ela, eu não me tomaria a casar com nenhum Português!”

E- Hum, hum.

S- Português, tch, me refiero. . .

E- Sim.

S- ... à nossa zona.

E- Pois, percebo.

S- Porque uma mulher viúva, em Portugal, está muito mal vista!

E- É?

S- Uma mulher viúva em Portugal está muito mal vista!, se uma mulher viúva, em Portugal, se prepara um dia “p’á” sair, ou ir a um Domingo à missa. . .

E- Hum.

S- ... ou ir a uma excursão, um passeio, essa pessoa se vai, se vai geitosa, bem vestida. . .

E- Sim.

⁵ Em Euskera (Basco); significa «mãe».

S- ... já vai a buscar um homem! Não pode-se ir a nenhum sítio, uma mulher viúva, porquê!? Porque os homens já começam a dizer. “- Olha a M de fulano, ou P ou M ou J ou... já, já tem, já anda com outro!” Isso não é justo!

E- E se fôr um homem viúvo?

S- Se fôr um homem viúvo não importa, porque tenho um cunhado viúvo que... era “p’a” chamar um nome, mas não lhe chamo.

E- Hum.

S- Não lhe chamo, porque se morreu a minha irmã há três anos, com trinta e seis anos, uma rapariga jovem!...

E- Claro.

S- ... tinha problemas de coração. E essa minha irmã morreu praticamente, pois, tinha-lhe dado uma “trombosis”, tch, tinha duas filhas, tem duas filhas, agora já... bem, e o meu cunhado era o típico homem que pelas filhas se desvivia, desvivia-se por as filhas!

E- Hum.

S- Quando a minha irmã vivia. A minha irmã morreu!, o meu cunhado deu volta.

E- Hum, hum.

S- Abandonou as filhas. Tenho uma sobrinha que acaba (sou madrinha dela)...

E- Hum, hum.

S- ... que acaba de fá... fazer agora 18 anos, o dia 25 de Fevereiro...

E- Hum, hum.

S- ... anda no mundo!, anda pelo mundo!, porque não teve, não teve carinho de pai!...

E- Hum, hum.

S- ... faltou-lhe o carinho da mãe e foi abandonada!

E- Hum, hum.

S- E com quinze anos ficou abandonada. Com uns e com outros.

E- Pois.

S- Eu fui a Portugal, enfrentei o meu cunhado!, enfrentei à mulher que ele anda...

E- Hum, hum.

S- ... eu enfrentei, porque pancada, o que passa em Portugal, a lei!... não me parece justa! Yo discuti com a polícia.

E- Em que sentido?

S- Em C, discuti com a polícia, não me importo de dizer o nome.

E- Hum.

S- Porque, um pai, se maltrata um filho, não tem porque maltratar um filho por culpa de uma senhora que anda com ele.

E- Hum, hum.

S- Porque, a essa senhora, minhas sobrinhas não lhes dói! A elha, a ela não lhe dói!, pero me dói a mim, que a mim são minhas sobrinhas, é meu sangue!

E- Hum, hum.

S- Já bastante desgraça es... quando uma filha, um filho perde um pai, ou perde, mais, uma mãe.

E- Hum, hum.

S- “Q’a” mãe é como a galinha, a mãe é como a galinha!, o filho já pode fazer tudo o que queira, de mal, porque a mãe, agasalha, a mãe, encobre. Eu sou mãe! Os meus filhos amam o meu marido, que... é uma pessoa, também, que pelos filhos... Deus me livre! Ainda ontem ‘tive que dormir com uma filha minha que, com dôr de (imperceptível)⁶... e ele se levantou da cama e passou toda a noite com a filha, eu tinha que ir trabalhar o dia seguinte, ele passou toda a noite com a filha; são pais. Mas o meu cunhado era a mesma pessoa!, “p’ós” filhos, ele não podia ver as filhas doentes, e quando morreu a minha irmã, ao pouco tempo se meteu com esta mulher, que ele queria casar com essa minha irmã viúva, queria casar com a minha irmã viúva, eu disse “p’a” minha irmã: “- M., tch!, yo não te vejo com... não!, porque é uma pessoa que... parece que não, porque a minha irmã nunca soube, és que não, nu... nunca soubemos, soubemos “despois” que a minha irmã tinha morrido... ”

⁶ Pelos registos de observação pode recuperar-se esta informação: dor de dentes.

E- Sim.

S- ... que mala vida que ele dava à minha irmã, porque era uma pessoa que lhe batia na cama, de noite. Soube “despois”, que as filhas me contaram, e eu me enfrentei o meu cunhado. Porque a um momento dado, pois já tens tanto cântaro, tanta vez vai à fonte, que chega a um dia e se rompe. Então, eu fui a Portugal. ... quando foi a votação em Portugal. ...

E- Sim.

S- ... quando ganhou o Partido Socialista!

E- Sim.

S- A última votação, fui a Portugal.

E- Hum.

S- Eu, claro, estava em Portugal, e viro-me “p’rá” minha irmã: “– Vamos ver os cantantes?”, que vinham a cantar ali na terra, na, na C, porque no, no Verão é o que tem, cantam, vem ali muita gente a cantar, e assim: “– Vamos ver os, os votos.” E tal, isso do. ... o partido que vinha a falar. ...

E- Pois.

S- ... não sei que partido era, era o Socialista que vinha a falar.

E- Pois.

S- Eu como. ... praticamente, pois, quando manda, o Consulado manda, eu, votamos, pero sinão, nada! E estávamos a ver os cantantes, e me diz a minha irmã p’ra mim: “– Olha, vai ali a V.” Eu não a conhecia! Não conhecia a miúda!, não conhecia. A vi tão modificada!, tão mulher!

E- Pois.

S- E eu vou por detrás e lhe toquei nos ombros. Ela sabia que eu estava em Portugal, mas tinha medo a vir ter comigo, porque ela sabia como andava, que eu não gosto que ela ande nesse tema, não gosto para nada!, e ela sabia, e num veio a mim. Disse: “– Oi madrinha”, e tal. Me deu dois beijos, eu disse: “– Que passa V?, porque não viestes a mim, que mandei tantos recados “p’á” vires à casa da tia, eu não vou a tua casa, porque está o teu pai com, com a. ... a mulher que está com ele, e eu não quero problemas, e eu não fui lá, mas porque não vieste?” “– Ai!, madrinha. ...” E tal: “– Não fui, pois, eu tinha pensado ir amanhã”, e tal. “– Amanhã sem falta na casa da tia, quero falar contigo.” “– Está bem.” “– E onde vais agora?” “– Eu vou p’ra casa.” Digo: “– P’ra casa!” E estava a minha sobrinha mais velha, a irmã dela, a mais velha estava com nós, com o namorado.

E- Sim.

S- Que ela agora tem uma menina, tem dois mesinhos. ...

E- Sim.

S- ... a mais velha. Que tenho uma roupinha “p’á” mandar, que já lha fiz, casaquinhos e tudo “p’á” mandar-lhe. (Risos de E.) E, e então, e digo assim: “– V “p’á” casa, é?” Diz: “– Sim, tia.” Então minha sobrinha, a outra, a C me disse, disse: “– Tia, eu também vou p’ra casa. Vou com M vou p’ra casa.” Estava vindo p’ra casa, que já é tarde, era quase uma da manhã.

E- Pois.

S- Foi p’ra casa. Então, nisto acabou o tema, acabou as canções, e tal, e fomos p’ra casa, p’rá minha irmã M. Vamos p’ra casa, e a minha irmã, claro, quando vinha deu as chaves à minha filha, esta, p’á guardar no bolso, que a minha irmã não tinha bolso, não tinha carteira, nem nada disso, e diz: “– Bueno, N., toma lá que é la. ... las. ... as. ... chaves. ...

E- Chaves.

S- ... e logo já, já me dás.” Claro, a minha filha estava com, com outra filha de uma Portuguesa que está aqui, foram passar férias, e como, claro, a outra não fala Português, é Portuguesa, mas não sabe falar Português, e tal, a minha filha, andavam as duas. Amigas sempre aqui em casa estão metidas! ... e claro, as raparigas terminaram e isso e. ... e foram “p’á”, “p’á” ...

E- Despediram-se (imperceptível)

S- ... “p’ó” sítio delas, lá com os amigos de Portugal, juventude!

E- Claro.

S- E quando fomos p' a casa, chegámos à porta da minha irmã, a minha irmã não tinha chave: “– Ai!, que não tenho chave!, e agora!?” “p' a” encontrar N!?” Com tanto público, não vamos encontrá-la. Fatal!” Digo: “– Bem, vamos. . .” Mandei a minha filha pequena com uma bicicleta a casa da outra, da, a minha filha mais velha dormia na casa da outra amiga, digo: “– Vai a casa de, de fulana, a ver se está.” Vem, vem a chamar: “– Ah!, não está.” “– Bom. . .” Digo à minha irmã “– Bem, a única solução, vamos pela rua principal da igreja, que elas costumam ir “p' ó” Cachimaro, ou como se chama isso, que não sei, são de juventude, e vamos sempre por aí, a ver se as vimos.” Bendita a hora! Vamos, as duas, tan, tan, muy tranquilas a falar!, a conversar, e tal, íamos neste lado aqui, no outro lado da estrada, justo mesmo à beira da, do adro da igreja, vejo aquela moça, aquela rapariga, com um kispo mais ou menos, assim, desta côr. . .

E- Hum.

S- . . . o cabelo todo esgadelhado, e assim. . . (simula a pose: encostada à parede, de mãos nos bolsos e com expressão de cara provocadora). . . já era isto quase uma e meia da manhã!

E- Hum, hum.

S- Eu disse p' rá minha irmã: “– M não é, M não é, não és, não é C, aquela?” E disse ela: “– Ai!, é!” E eu chamei: “– C!” Ela viu-me, bem, a rapariga vem cambaleando, e vi que aquela moça que vinha muito devagarinho. . . quando eu vi que era a minha sobrinha!, em seguida fui ao encontro dela. . .

E- A outra?

S- A mais velha, a mais velha.

E- Ai mais velha.

S- A mais velha, a conclusão. . . de coisa a mais velha como a mais nova. E disse eu: “– Ui!” E ela vem, vem, também com a cara inchada!, os olhos v. . . vermelhos, vermelhos de, de chorar, o cabelo todo: “– C.!, que passou!?” Chegou à nossa beira e desmaiou! “– Ai!, meu Deus, o que foi?, C!, C!, C!, C!” Isto à uma e meia da manhã! Ali estivemos, quando ela vem eu vou assim: “– Que passou, C!?” “– Oh!, minha tia, o meu pai matou-me de pancada! Eu tenho a minha cabecinha toda cheia de vultos, o meu pai matou-me de pancada!” Eu, eu não fiquei bem! Eu não fiquei bem, que eu, por os meus sobrinhos. . . e mais quando não têm mãe. . . e disse: “– Ama que o pariu!” Falei, já falei em Espanhol: “– Este desgraçado não tem perdão de Deus. Não vou ter com ele agora, que é de noite!, vou-me arriscar que os vizinhos venham à porta vem a polícia, e claro!, mas amanhã!, tanto ele como ela vão ter que me ouvir! Anda comigo!” Fomos à polícia, ao posto da polícia. Nem caso!, disse: “– Quer-se dizer, um pai tem direito a matar um filho de pancada!, por uma filha com, com dezassete anos, dezoito. . .” Não, dezassete anos, sim, três anos, sim, justo!. . .

E- Pois.

S- . . . “– Com dezassete anos, tem direito a um pai botar uma filha fora da porta!? E por discutir uma irmã com a outra? E porque o meu cunhado tem outra mulher em casa, e porque lhe põe agulhas, se não houvesse agulhas, não haviam alfaiates! Porque se fosse filha dela, ela encobriria, mas como é enteada!, aunque enteada, que o meu cunhado ainda não se casou, não lhe dói!” “– Ah!, mas tem de trazer um justificante da, da miúda, o cartão de entidade, uma queixa do pai.” Digo: “– A. . . a quem, aonde tenho que ir a fazer isso, a esta hora da noite? É igual. Não há justiça!, não há lei! Eu vou, vou tomar a lei e a justiça pelas minhas mãos!

E- Hum, hum.

S- “– Não me importa. A mim tanto me dá, tanto se me dá, como se me deu. Mas digo-lhe uma coisa: a lei. . .”, disse mesmo assim na polícia. “– A lei cá em Portugal!, não vale para nada!, vocês, por dois copos de vinho, são capazes de dar o cu!” Assim, com estas palavras textuais, lhe faltei: “– Ó senhora!” “– Eu já lhe disse!, os senhores, agora, neste momento, o que tinham que fazer era colher, agarrar a minha sobrinha e levar-la a casa do. . . do seu pai, e perguntar-lhe o motivo, porque é que um pai faz isto a uma filha! Mas não se preocupem, é igual.” Colhi a minha sobrinha, lá fomos, que não havia nenhum táxi, não havia nada, fomos andado “p' á” Póvoa, levei-a ao hospital. . . outra coisa que está mal!, “p' á” entras a uma consulta, a um hospital, tens que pagar mil escudos.

E- Hum.

S- Umhas radiografias, tens que pagá-las.

E- Hum, hum.

S- É triste!, aqui no! E a minha sobrinha: “- Tia, eu não tenho dinheiro.” “- Não te, tu tranquila, tu vais ao médico, já te pago eu a consulta do hospital. Já te pago eu a radiografia!” Ainda há pouco botei o papel fora. Toda la cabeça cheia de hematomas, pelos golpes que o pai lhe dá, lhe deu.

E- E qual é a razão que ele...?...

S- Qual foi a razão!, as duas, as duas irmãs, o meu cunhado por tudo, e por nada, já lhes batia, porque bebia batia-lhe, porque a outra senhora que estava com ele dizia, ele ia “p’ó” mar não via o que passava!, e ela, quando ele chegava do mar punha-lhe a cabeça assim. . .

E- Hum.

S- . . . mentiras e verdades, e verdades e mentiras.

E- Pois.

S- Então, claro, o meu cunhado ia, como eu digo aquilo é mais duas tetas que duas carretas!

E- Hum.

S- Aqui o refrão és, é assim: tira mais, tira mais duas tetas que duas carretas. Porque um homem, um pai, como eu disse p’ra ele, um pai que é um pai!, já pode ser a mulher mais boa do mundo, mas filhos!, são filhos. Então. . . a minha irmã, a viúva não se queria meter, não queria ir lá a casa, porque, claro, tinha tido a discussão com ele, e tal, mas eu tenho mais temperamento do que a minha irmã.

E- Pois.

S- Eu não me aguento, tenho um temperamento que tenho, tenho que soltar o que sinto, e se não o solto, pois rebento! Então, claro, como tinha um irmão, eu tinha um irmão, tenho, em Portugal um irmão que é o único que fica em Portugal, que está aí, de homem. . .

E- Hum.

S- . . . disse “p’á” minha irmã: “- Bem, aqui hay que pôr uma solução! Yo sózinha não posso. Eu vou lá a casa, vou discutir, e me dá uma, uma macaca, eu não fico num sítio, vou, vou a casa deles discutir.”

E- Hum, hum.

S- Bem, chamei a meu irmão: “- V., passa isto!” O meu irmão em seguida, veio o meu irmão, ficou cego, veio; chamei à minha tia p’ra vir, e meu irmão chegou a casa e disse: “- Mira V. passou isto.” E ele saíu disparado – “tava” a tomar um café-. . . (E. tosse) Às nove da manhã! -. . . saíu disparado, eu fui em seguida atrás dele, “p’á” não haver coisa maior, “p’á” não. . . não estava em casa, o meu irmão foi buscá-lo onde o encontrou, foi buscá-lo. Ele o encontrou. E nisto entra, entra. . . ela, a senhora, essa. E essa senhora pôs a minha sobrinha, ali em Portugal, na nossa zona. . .

E- Hum, hum.

S- . . . perdonando a palavra, de puta “p’árriba”!, a miúda com quinze anos! Em lugar de tapar, dar uns bons conselhos, ajudarla!

E- Trata assim a miúda!

S- Tratou a miúda, já, de puta “p’árriba”. Andava nessa vida, pero, mas, nós somos quem “p’a” criticar aos demais!?, primeiro temos que fazer um exame a nós mesmos, “p’a” depois falar das pessoas, de outras pessoas, não é? Aa, então, eu disse-lhe p’ra ela: “- Ouve lá. . .”, com estas palavras, não me importa, disse-lhe p’ra ela: “- Tu, porque motivo passou isto ontem?”. “- Ah!, porque a tua sobrinha isto e aquilo.” “- Em primeiro lugar, tu aqui não és ninguém para mandar. Tu tens tua casa!, colhes o meu cunhado, se quer viver contigo, que vá contigo “p’á” tua casa!, que deixe as minhas sobrinhas viverem aqui, tranquilas, porque elas trabalham, e deixa-as viver aqui, e tu vais com os teus filhos, vais “p’á” tua casa.” Ela tem dois filhos, está separada. Eu, ao princípio não a conhecia, não sabia quem ela era, mas depois soube quem era, eu estando aqui “ósdespois” e assim soube quem era, essa moça era, que incluso, tem um irmão dela aqui.

E- Ah!

S- Um irmão dela!, é um. . . que anda, aqui, ao mar, não tinha ninguém que o ajudasse, e tal, e eu disse: “- Anda “p’á” minha casa, comes lá em casa!” E hoje em dia anda ao mar com o meu marido; irmão dessa moça, conhecia-o, mas como eram muitos anos aqui, eu já não me lembrava dele.

E- Sim.

S- Então eu disse: “- Olha! . . .”, e estava a filha dessa senhora, ali em casa: “- Andas a difamar a minha sobrinha, a poner, a pôr-la de puta “p’árriba”, olha!, yo no, de verdade que não apoio o que a minha sobrinha está a fazer. . .

E- Hum.

S- ... para nada! Para nada. É um desgosto para nós, mas é solteira, é solteira!, paga com o corpo dela!, mas não pôs los comos a nadie, a ninguém!” Com estas palavras, foi umas palavras fortes, foram palavras duras, mas nesse momento não podia evitá-lo, tinha que lhe dizer o que sentia! Eu disse: “– Minha sobrinha, ao fim e ao cabo, é uma menina!, é solteira!, paga com o corpo dela. Mas tu que “fizestes”!?”

E- Mas acha que a sua sobrinha aa, sobrevive, ou é que tem vários namorados?”

S- A minha sobrinha anda sobrevivendo disso.

E- Sim.

S- Trabalha em. . . num club, anda com um senhor, anda com outro.

E- Pois, é que às vezes chama-se isso às mulheres porque. . . são mulheres muito livres, diga-se.

S- Não, não, anda. Anda! Anda!

E- E ela própria assume?

S- E que vai fazer?

E- Não, “tu” eu a perguntar?

S- Sim.

E- Ela assume!?

S- Ela assume!, sim.

E- Ela. . .

S- Ela assume!, porque, eu. . . eu digole. . . e ela diz: “Tia! . . .”

E- Ela é. . . é honesta com o que faz, portanto. . .

S- Ela. . .

E- . . . assume o que faz!?

S- Ela. . . ela assume!, no esconde y además é uma rapariga guapíssima!, és guapíssima! Quando estube agora mesmo a Portugal: “– Solo queria, Sara, só queria que tu visses a V. como está, guapa!” (imperceptível) és idêntica, é idêntica à minha irmã. Ela é, é pelo⁷ vermelho. . .

E- Hum, hum.

S- . . . pintou o cabelo de preto, porque, dizíamos o andar da minha irmã e tudo, uma rapariga guapíssima! Forte, como a minha filha, assim, uma chavala assim, uma rapariga alta. Mas ela assume, claro, já que ela andou. . .

E- E com vocês?, ela é boa!, trata-vos bem?

S- Ela é muito boa rapariga, muito popular, mais que a irmã. Nos vê, quando a vimos: “– Tia!”. (Risos de E.) E é uma rapariga, de verdade!, é uma sobrinha, sou madrinha e sou tia, mas, é uma sobrinha. . . quero-lhe muito!

E- Hum.

S- Às vezes evito ir a Portugal e “tar” com ela porque num. . . custa-me ver pessoas!, também há gente má, gente que diz mais que lo que és.

E- Pois.

S- “– Ah!, tu sobrinha trouxeram-na bêbada perdida a casa! . . . um velho dum, num carro todo, um carro todo, todo “luxoso”, luxuoso. . . e tal. E. . . veio bêbada, perdida. . .”, claro, isso dói-te. Isso dói muito, mas muito! E disse: “– Pero V., tu. . .” “– Tia, que queres?, eu “tu” a trabalhar em VC. Tia, “tu” a trabalhar em tal sítio.” E sabemos, porque a irmã não trabalha, tem a miúda.

E- Sim, sim.

S- O marido da irmã, que ainda não são marido e mulher, mas. . .

E- Sim!

S- . . . vivem juntos. Agora a minha irmã diz que não sabe, não a vê por aí, está p’ra fora. Mas todos vivem. . . vivem os três de V.!

E- Hum, hum.

S- Dime: no é triste?, porque ela anda a dar o corpo dela, “p’á” todo essa. . . “p’á” dar o comer a todos.

E- (Dito em sussuro:) Alimenta-os a todos.

⁷ Em Castelhana; significa: «cabelo».

S- Mas é triste!

E- Eu compreendo!

S- Disse, disse: “- V. tem cuidado, uma doença.”; “- Eu. . .”

E- Mas isto p’ra dizer, portanto, que ela se preocupa com a família, não é?

S- Ela se preocupa; mais pela irmã e pela sobrinha, que agora vai ser madrinha dela, da, do bebé. . . se preocupa!

E- Tem as suas qualidades, também?

S- Tem!, é muito boa rapariga, muito amável, eu queria ficar com ela cá. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e meu cunhado não me deixou. Porque eu lhe prometi à minha irmã quando morreu. . .

E- Hum.

S- . . . eu quando me, tuve, tive a notícia, estava morta. Eu fui a Portugal, e claro!, eram duas miúdas. E não tinham nada, ficavam com o pai, não tinham nada!, na miséria viviam. E eu digo de verdade, eu jurei à minha irmã, lhe prometi, ela no caixão, disse: “- L vai tranquila, que eu às tuas filhas não abandono. Por lo menos a mais nova, não abandono.” A miúda veio passar cá as Navidades, o Natal, estive com nós: “- V queres ficar aqui?” “- Tia, eu queria.” Mas o meu cunhado insistiu: “- Se não, se não a trazes tu, ou não vem ela com alguém!, eu vou a buscar-la!” Claro, fazia falta, que V trabalhasse! Mas hoje em dia não a posso trazer, E. (dirige-se nominalmente a E.), “tá” ali, como tene, tene la vida, eu não posso!, arriesgarme, porque se ela anda nessa vida, tem esse vício já, já!, e que vou fazer eu?

E- Eu compreendo.

S- É uma responsabilidade minha, porque às vezes penso: eu sou madrinha, e a obrigação das madrinhas, dos padrinhos és, é quando falta a mãe desse miúdo, ou essa miúda. . .

E- Hum.

S- . . . os padrinhos é que têm que fazer cargo. És que yo agora não posso.

E- Pois, tem pai, não é?

S- Tem pai!, mas o pai. . . tch, tch, tch! . . . voou!, o pai só vai à casa das filhas quando faz falta “p’algun”, “p’algun” copo de vinho. Que o pai agora foi “p’a” casa com a outra mulher. Porque não o fez antes? O pai mudou, agora “tá” com ela. Entende. . .? (dirigindo-se nominalmente à entrevistadora)

E- E mudou, portanto, desde que morreu a mulher? . . .

S- Mudou!, modificou de, de, dizer. isto é um copo de água, isto é um copo de vinho, totalmente, radical! Eu lhe disse p’ra ele: “- Onde está o amor e o carinho das tuas filhas, que tu lhe tinhas!?” Quando a minha irmã vivia: “- Porquê!, semelhante câmbio, são tuas filhas, J!, são tuas filhas! Mulheres, há muitas, mas filhos, são sangue do teu sangue! Olha que a minha irmã morreu traçada com as filhas. Aonde está o amor que tinhas, que juravas à minha irmã, ou o amor que tinhas às tuas filhas? Por culpa deste veneno, desta peste que está aqui, porque tens filhos, mais tarde hás-de pagar!” Está a pagar, porque a filha vai pelo mesmo caminho que foi a minha sobrinha. Antes os castigos demoravam anos, agora não. Falas, pagas! Eu disse-lhe na cara dela: “- Tu tranquila!, Deus não dorme. E hás-de pagar-las.” E o meu cunhado, pelo visto, bate-lhe muito, a ela. A mim, o que me disseram, porque o meu cunhado não esquece, porque o, eu sou muito parecida à minha irmã, a minha falecida irmã, e ele, o meu cunhado sempre quiz casar comigo, mas eu nunca, nunca!, és que nunca simpatizei com o meu cunhado, é, era solteiro! . . . (tosse) e eu também era solteira, mas ele sempre, ele dizia que, que tinha que casar comigo, eu disse: “- Comigo não, porque eu não simpatizo contigo.” Então, foi quando ele começou a sair com a minha irmã, mas ele nunca amou a minha irmã!”. (Ruído de alguém que bate à porta)

(Interrupção na entrevista com a entrada do filho mais novo de S. na sala)

S- (Referindo-se à disposição do filho:) “Tá danado!.

E- Aa, acha que. . . em Portugal, hoje, as pessoas –na sua zona, não é? . . .

S- Sim. . . que. . . o. . . do que

E- . . . do que conhece. . .

S- . . . o que conheço eu, claro, em geral eu conheço.

E- . . . aa. . . que vivem melhor, ou pior do que viviam?

S- Homem!, vivem muito melhor!

E- Vivem melhor.

S- Sim!, muito melhor.

E- E... acha que a vida dos seus irmãos, em geral –tirando... este caso que já falou–...

S- Este, este caso, sim.

E- ... que... melhoraram?, em relação à vida dos seus pais?, dos vossos pais?

S- Bastante melhor! Bastante melhor!, porque o que tenho lá em Portugal, graças a Deus tenho uma casa... .

E- Hum, hum.

S- ... está a construir... .

E- Pois.

S- ... a minha irmã, esta mais pobre, a que está viúva, também, graças a Deus, meteu-se num pisito, e tal, uma casinha ali em Portugal, também vai saindo adiante! Tenho um irmão aqui que não tem sorte, tch, veio de Portugal, não tem sorte, anda ao mar, mas a meia dúzia das vez... bem!, vai!, ganhou muito dinheiro, podia viver como qualquer pessoa, mas claro, quando não é uma pessoa, uma mulher que administre o dinheiro, então vai tudo ao galhete; também, “tá” muito melhor, melhor vida!, que levava em Portugal.

E- Hum.

S- Veio “p’ ráqui” emigrado, eu o tra... trouxe-o “p’ ráqui”...

E- Hum, hum.

S- ... porque em Portugal a coisa não iba bem!

E- Hum, hum.

S- Trouxe-o “p’ áqui”, vai saíndo a diante, pouco a pouco;...

E- Hum.

S- ... mas, melhor vida “q’ós” meus pais, sim!

E- Sim.

S- E em Portugal também, e me alegro que Portugal vaya... prosperando!

E- E os seus filhos, acha que vão ter melhor vida que, que a dos, que a dos pais, a sua e do seu marido?

S- Aa... (suspiro) vejo o futuro dos filhos muito preto!, muito mal!

E- Sim?

S- Tal como está, como não mu... não modifiquem um pouco este tema, temos dito muitas vezes que vimos o futuro da juventude... mal. Não há trabalho!, muito tema de drogas... que isso está, isso está enterrando tanta juventude, tanto cá, como em Portugal, como qualquer sítio... .

E- Hum, hum.

S- ... está matando muita juventude.

E- Hum, hum.

S- E como não modifique, vai muito mal “p’ós” filhos, “p’ó” futuro, porque hoje em dia se vê, já se vê, porque famílias com filhos com trinta anos, com vinte e tantos anos, que não se podem casar!, quando antes, com vinte ou vinte e um anos, ou dezoito a, casávamos!, e pouco a pouco tinhas trabalho e todo o mundo ia, ia saindo.

E- Hum, hum.

S- E hoje em dia não podem fazer.

E- Hum, hum.

S- Por exemplo: a minha filha não se pode casar agora... .

E- Hum, hum.

S- ... porque a minha filha ficou desempregada, o namoro, ficou desempregado... .

E- Hum, hum.

S- ... estão sem trabalho os dois, como vão a casar? Como vão fazer, formar um, uma, uma, uma família?, não podem! E como estes, mmuitos aqui em Espanha, muitos! Está o futuro negro!

E- E acha que a juventude dos seus filhos, que está a dar, quer ao mais pequenino, quer a elas, apesar disso, foi melhor que a sua juventude!?

S- Oh!! Sim, com muita diferença, sem comparação. Costumo a dizer “p’ós” meus filhos: “– Se vós passasses o que eu passei, então!, se voltasse o tempo atrás nu... nunca... .” (também não queria que os meus filhos passassem o que estou a passar eu... .

E- Eu percebo.

S- ... n. ... Dios me livre, não queria, porque era, era, era, vamos. ...

E- Eu percebo.

S- ... triste “p’á” uma mãe ver os filhos sofrer) Mas costume a dizer: “- Vós tínheis que ver o que passávamos antes!, “p’á” merendar não havia!, as cascas de laranja do chão comíamos, eu limpava à, à roupa e comia as cascas de laranja.” Que não tínhamos o que têm os filhos hoje, os filhos hoje têm muito vício!, porque se não quer aquela coisa: “- Mamã, não gosto disto!” E vais e fazes outra coisa, e antes havia um prato de batatas com sardinha “p’á” todo o mundo. ...

E- Hum.

S- ... quem queria, queria, quem não, comíamos!, porque não havia outra coisa, havia que comer. Leite?, não havia.

E- Hum.

S- Eu, eu, por exemplo hoje estou totalmente descalcificada dos ossos, que ainda há pouco fiz uma prova, porque nunca soube o que foi leite na minha casa; era café preto. ...

E- Hum, hum.

S- ... igual, fazíamos uma panela de café hoje, Domingo, por exemplo. ...

E- Hum, hum.

S- ... e durava toda a semana. Com. ... as borras do café botávamos água em cima. ...

E- Hum, hum.

S- ... terminava o café, água em cima; aquilo já não era café, aquilo era água tingida. ... e hoje em dia não!

E- Acha que nessa altura vivia pobre?

S- Hum. (Sinal afirmativo com a cabeça)

E- Acha que sim?

S- Havia gente que tinha. ... já naquele tempo, havia gente que tinha dinheiro, e havia gente que não tinha nada, por exemplo, nós não tínhamos nada.

E- E a vossa situação, na sua família é, havia mais pessoas como a vossa família?, nessa época?

S- Sim, muitas!

E- Não era só com vocês?

S- Tch, tch, tch, tch!, muitas pessoas havia, com fome, trabalhar de, de cri. ... de criancinhas, muita gente havia, ... no tempo esse. ...

E- E hoje quando se fala na televisão em pobres, acha que são diferentes dos pobres de antigamente?

S- Tch, há muita classe de pobres!

E- Então, como é que é?

S- Há muita classe de pobres, porque há pobres. ... como se costuma a dizer, pobres com vício.

E- Como é que é isso?

S- Isso é um suponer, hoje em dia a gente pobre se considera –por exemplo, eu não me considero pobre, eu me considero m. ... média- ...

E- Hum, hum.

S- ... mas há gente pobre, que eu quando andava a pedir, que eu já andei a pedir! ...

E- Hum, hum.

S- ... eu realmente pedia com fome!

E- Hum, hum.

S- Hoje ainda muita gente não pede com fome, pedem com vício!

E- Hum, hum.

S- Porque têm, e se, igual. ... por exemplo, hay uma miúda. ...

E- Hum.

S- ... na igreja a pedir aos Domingos, com um bebé pequenino (que vejo mal que utilizem as crianças), um bebézinho! ...

E- Hum, hum.

S- ... mas “despois” ... vês, dás esmola, pensas que é “p’á” ... uma caixa de leite!, “p’á” um pão! ...

E- Sim.

S- ... coisas necessárias “p’a” comer!, e passas, logo terminas da missa, dás com, com todo o gosto uma esmola. ...

E- Sim.

S- ... –que eu gosto sempre de dar esmola a quem me peça, porque é triste, que ainda hoje falei nesse tema no meu trabalho, é triste! ... (solução) perdão, tender a mão à caridade!– ...

E- Hum.

S- ... e logo vês a comprar porcarias!, anéis. ...

E- Hum, hum.

S- ... tch, anéis de, de fantasia.

E- Hum, hum.

S- Vês, vão a comprar um bolo. ...

E- Hum, hum.

S- ... a uma cafetaria: “– Porque não compras um pão, ou uma caixa de leite?”. (Tosse de E..) Hay outros pobres que vêm à porta pedir, e muitos pobres me pedem algo de comer. ... pois eu então encantada; vou à despensa ou ao armário, ao que seja, tiro, pois o, o que me vem à mão: ou feijão, ou arroz. ...

E- Hum, hum.

S- ... açúcar, e mais de uma vez, como tenho o meu marido que é, é pescador, e sempre trás peixe, e sempre congela, e digo “p’a” um senhor, que costuma aí vir um senhor, um senhor já com sua idade, digo: “– Ólhe, eu tenho peixe congelado, fresco!, está congelado, você quer levar?” E diz ele: “– Sim, sim, muito agradecido.” E numa uma saca plástica, ponho e dou. Então, esses pobres se vê que é por fome, outros que pedem dinheiro, porque a mim me passou um senhor Português no comboio, daqui “p’a” Portugal, de Irún “p’a” Portugal. ...

E- Hum, hum.

S- ... um senhor que andava a pedir (e uma pessoa que pede. ... aceita o muito e aceita o pouco!, porque “todas as migalhinhas são pão!”) ...

E- Hum, hum.

S- ... –esse é um refrão que a minha mãe me dizia. ...

E- Hum, hum.

S- ... íamos “p’a” Portugal, dá casualidade que eu não tinha mais, não sei se eram oitenta pesetas trocadas. ...

E- Hum.

S- ... porque eu queria dar-lhe uma moeda, igual, ou duas de cem pesetas. ...

E- Hum, hum.

S- ... mas não tinha, isto, eu juro que não tinha mais dinheiro trocado nenhum.

E- Hum, hum.

S- Íbamos quatro, umas quantas Portuguesas, e esse senhor era Português: “– Oh!, senhora, podia-me dar uma esmola?”, e tal: “– Que eu o perdi, não tenho bilhete!”. (Tom de lamento) Claro!, dá pena, em cima quando é Português, nos toca mais! “– Pobrezinho, pobre homem!”, e tal. E entre todas estávamos a dizer: “– Bem, damos uma esmolinha ao pobre homem.”, e tal. E cada uma deu o que tinha que dar, e logo me tocou a mim dar-lhe, eu fui à carteira e tirei todos os trocados que tinha, não tinha mais, umas oitenta ou noventa. ...

(Interrupção na entrevista para mudar de cassette)

S- (...) E eu fiquei. ... entalada! E ele olhou p’ró dinheiro trocado, na mão, e diz ele: “– Isto!?” Disse: “– Não tenho mais trocado.” Mas eu com todo o carinho lhe disse, “p’a” esse senhor: “– Não tenho mais trocado. Se tivesse trocado, mais, lhe dava.” Diz ele: “– Eu isto não quero!” E nisto (eu estava “assentada”, e me pôs o dinheiro aqui, em cima das pernas, no regaço). ... digo: “– Você é um pobre mal agradecido!” Assim lhe disse: “– O senhor é um pobre mal agradecido!, porque um pobre que é um pobre!, aceita o pouco e o muito, e todas as migalhinhas são pão! Você pode andar aqui no comboio cinquenta mil vezes, mas da minha mão não leva nem, nem!, nem nada!, de esmola; e quem venha p’ra este camarote, que você venha pedir dinheiro, digo logo que não dê, porque você é um pobre mal agradecido! Que pensava!?, que lhe dava mil pesetas, ou cinco mil pesetas!?, igual, “p’a” quê?, ó homem p’a que. ... sa. ... saia, saia o comboio passa ali “p’ó” café, ou “p’ó” bar?”, a beber –porque tinha umas pintas de be. ... de “bêbado”! ...

E- Ham.

S- ... parecia que estava bebido, o homem. Então!, é essa classe de pobres.

E- Que não são pobres a...

S- Pobres “p’a” vício!

E- Sim, sim, sim. Pois...

S- “P’a” vício!

E- ... isso que disse há bocado.

S- E um pobre que tem fome... pede comida! Eu há pouco... (tosse) a mim tanto me dá que sejam Portugueses, sejam Espanholes...

E- Sim.

S- ... tenho mucha pena, tenho muita pena da pobreza!, porque sabes o que é?, o que é passar fome!?, sabes o que é andar a pedir? Eu no rechazo!, quer-se dizer no... não tenho medo de falar, nem tenho medo de... de arrimar uma pessoa drogadita...

E- Hum, hum.

S- ... de ajudar, não tenho medo!

E- Hum, hum.

S- Uma pessoa que esteja bêbeda...

E- Hum, hum.

S- ... ébria, uma pessoa que es... embriagada, vamos; uma pessoa que esteja, que esteja... suja, uma pessoa que, porque há gente que se retira dessas pessoas!...

E- Hum, hum.

S- ... não somos mais nem uns que outros. Então, um dia...

E- Rech... rechazar...

S- Rechazar.

E- ... é recusar?

S- Rechazar, recusar!

E- Sim.

S- Recusar. E quer-se dizer então, eu estava numa cafetaria, estava na cafetaria, pois, com muito gente, e eu estava com... duas ou três Portuguesas, numa mesa, a tomar um café, às vezes, alguma das tardes que vou, porque eu ultimamente não saio muito.

E- Hum.

S- Entraram dois moços, Espanhóis, mas tinham esto de... drogadictos.

E- Hum, hum.

S- Muito mal vestidos!, drogaditos. Então, chegou... e pediu, não sei que foi, algo “p’a” beber...

E- Hum, hum.

S- ... e diz o outro assim: “- Podemos comprar...” entre eles, não?, comprar um bolo que havia ali, e o outro dizia-lhe que não tinha!, porque o justo que tinha que era “p’ó” autobus...

E- Hum, hum.

S- ... não sei quê, não sei quê. E eu via que o outro moço, que lhe apetecia um “coração”, um “coração” ou...

E- Sim, um *croissant*, sim.

S- ... e pobrezito!, estava a apreciar, ele não tirava os olhos deles, porque, estava a ver o, o ambiente, digo: “- Pobrezito!, pobrezinho, que pena!” E diz assim uma amiga que estava ao lado: “- A... é “p’á” droga, “p’á” droga!” E digo: “- Não é “p’á” droga, está a pedir “p’a” comer! Não estão a pedir dinheiro a ninguém!, está a pedir ao amigo, um amigo ou outro a ver se... (toca o telefone) espera que chame outra vez.

(Interrupção na entrevista para a entrevistada atender o telefone)

E- (...) Era entre eles a conversa.

S- E essa moça me disse assim p’ra mim, uma, uma paisana nossa, disse assim: “- Oh!, está a pedir “p’á” droga.” Eu disse: “- Não está, ele não está a pedir dinheiro a ninguém!” Então, (imperceptível), não pediam dinheiro a ninguém, se dirigiram à barra, ao balcão, e o amigo comprou algo “p’a” beber, uma coca-cola ou algo assim, de lata...

E- Hum, hum.

S- ... e o outro moço está a pedir que lhe compre um “corassant”, e o outro está a dizer que não tem ainda “p’ó” autobus, e eu me levantei!, de onde estava sentada, e disse-lhe “p’á” ele: “- Que queres?, queres comer alguma coisa?”

E- Hum.

S- E ele: “- Não!, não!, não!” Todo, todo aflito, o moço: “- Não!, não!, não!, tranquila!, tranquila!” E diz o outro: “- Não!, não!, não quiere nada!” Digo: “- Não tenhas vergonha!, tu queres comer!?! Diz-me de verdade, queres comer?, eu te pago o “corassant”, e um café com leite, se queres! Queres?” “- Sim, só queria um... um “corassant” E digo “p’á” moça, “p’á” Espanhola: “- D., dá um “corassant” a esse moço, que já te pago eu.” “- Gracias, senhora!, gracias!” ... Yo, aquilo me chocou!, porque vês que era miséria, fome!, aunque anda no mundo da droga, porque são filhos, muitas vezes, de boas famílias...

E- Hum, hum.

S- ... e os pais não têm culpa.

E- Hum, hum.

S- E por ser um drogadito?, vais deixá-lo atirado na rua!? Vês a pedir um bocado de pão, vais, vais-lhe negar o pão?, eu não nego o pão.

E- De quem acha que é a responsabilidade, de haver pessoas pobres?...

S- O Governo!

E- ... com necessidades, portanto, os pobres com necessidades.

S- O Governo!, é o Governo!

E- E se fosse governante?

S- Eu governante?

E- A Sara?, o que é que acha que era preciso fazer p’ra...

S- Eu ach... eu...

E- ... “p’racabar” com essas pessoas...

S- Para acabar?

E- ... que têm essas necessidades, com essas necessidades das pessoas!?!...

S- Centros.

E- ... (não é “p’acabar” com as pessoas)...

S- Em primeiro lugar centros “p’ajudar” as pessoas, tanto alcoólicas, como pessoas com droga! Centros! Ajudarlas.

E- E, e os que não têm dinheiro p’ra comer?

S- E os que não têm dinheiro...

E- Que não... é por droga, nem por álcool?

S- Empregar, aa, fazer indústrias de trabalho! Se há trabalho, não hay vícios. Se há trabalho não há vício!, todo mundo a trabalhar.

E- Hum, hum.

S- Seu ordenado!, seu trabalho, suas leis, seus direitos, que não há!

E- E acha que era preciso mudar alguma coisa?, em, em relação a como se vive hoje?

S- Fazia falta, fazia falta mudar muitas coisas, niña!

E- Diga lá!

S- Muitas coisas, porque o Governo, como se costumava dizer, é quem mais “bota” a mão por detrás e vai ao bolso, cá em Espanha, em Portugal não sei o tema, porque cá em Espanha estamos a ver!, hay uns quantos que foram presos há pouco tempo, milhões!, que roubaram milhões! Roubam um pobre.

E- O Banesto, o caso Banesto?...

S- Sim!, por exemplo, Mário Conde.

E- ... do jornal, Mário Conde, sim.

S- Mário Conde. Roldão!...

E- Hum.

S- ... esses senhores daqui a pouco estão na rua!, roubam um pobre para comer, como passou um senhor por matar um lagarto!, uma lagartija, como se chama em Portugal?

E- Uma lagartixa?

S- Uma. ... isso.

E- Uma lagartixa, sim.

S- Por roubar, matar, e, e no fim matar, “p’a” comer!, dois milhões de multa, por não pagar a multa foram à prisão; um moço por roubar num super-mercado comida!, preso. Eu vi um caso, que meu filho está pequeno, está aí mas se deve-se lembrar, e vi um advogado, quando foi desse tema do piso. . .

E- Sim, sim.

S- ... o meu filho nos braços, e ma. . . matrimónio Português, família minha. . .

E- Hum.

S- ... e vamos na rua tão, tão bem a passar, e vimos semelhante, em seguida, um moço que vinha com um melão na mão. . .

E- Hum, hum.

S- ... e umas latas de conserva.

E- Hum, hum.

S- Era um casal, não sei se viviam juntos, se era matrimónio, não sabia, não sei!

E- Sim.

S- E veio uma senhora por detrás, a dona da loja, essa, vinha que dá-lhe com uma sapatilha, o moço: “– Senhora, é p’ra comer, senhora!”. (Tom de súplica) Por o visto estava a fruta cá fora. . .

E- Hum, hum.

S- ... e o moço, e o moço assim: “– Oh!, senhora, é “p’a” comer!” “– Não levo nada!” Pois veio a polícia, e disse: “– É uma injusticia! Até entendes que a prender, não ides, um pobre por roubar um melão!, eu pago-lhe o melão!, à senhora!” Disse. “– Eu pago-lhe o melão! Diga-me quanto es lo melão que eu dou-lhe. Mil pelas⁸ pois le doy! E deixa el chavalito solto! Deixa el moço, por favor, quer comer?”. “– Calha-te e vai “p’a” tu terra!” Mandou-me p’rá minha terra.

E- Hum!

S- Digo: “– A minha terra tanto é aqui, como em qualquer sítio. Eu à senhora não fiz mal nenhum! Assim que mostre-me o seu carnet que lhe mostro o meu!” Que é o cartão de identidade. “– Mostre-me o seu cartão de identidade que eu mostro-lhe o meu.”

E- Pois, pois, pois, pois.

S- Com isso tapo-lhes a boca. Pois levaram o moço detenido, o moço, a moça, porque, por roubar um melão! E estes que estão, roubam milhões!, e milhões! Aí tinham que mo, modificar muito!, muito!, hay que controlar!, tinham que ter uma pessoa, umas pessoas conscientes a controlar o tema.

E- Hum.

S- Como na Seguridad Social!, passam tantas coisas que não, não sabemos! A Seguridad Social, por exemplo: vais ao médico, temos aqui uma atenção que não, eu creio que em toda a Espanha não temos uns médicos como temos agora, mas que passa?, hay enfermeiras, de acordo que ganhem mais que um. . . que eu, por exemplo. . .

E- Hum.

S- ... uma pessoa jubilada.

E- Hum.

S- Pessoas jubiladas cobram uma miséria! . . .

E- Hum.

S- ... porque têm que pagar semelhantes!, ordenados a uma pessoa que tem um pouco mais de posto, de acordo, que essa pessoa “estudou”!, estudou! . . .

E- Hum.

⁸ Abreviatura de pesetas na linguagem oral.

S- ... está preparada, mas ganhar!... o dobro de uma pessoa que se mata viva a trabalhar!, não pode! Yo compreendo que uma pessoa que tem... a minha filha trabalhou numa casa, cá em Espanha. . .

E- Hum, hum.

S- ... uma professora. . .

E- Hum, hum.

S- ... que hoje é directora de um colégio, e claro, e a senhora directora, eu compreendo que têm estúdios, a minha filha tem os seus estudos, tem o, tirou o título de hotelaria e turismo, tem os seus, mas não há trabalho! Tem que trabalhar no que aparece.

E- Hum, hum.

S- Foi trabalhar nessa casa, há gente boa!, mas há gente, também, muito má!, Espanholas, mesmo, hã? A minha filha vinha às cinco da tarde, de trabalhar, sem comer, das oito da manhã às cinco da tarde. Não lhe dava de comer aí em casa!, e a minha filha fazia o comer, fazia tudo!, sem comer. A minha filha apanhou uma anemia! . . .

E- Claro.

S- ... ela dizia que... que havia muita gente no fundo de desemprego, que por dois duros⁹ trabalhavam. Eu disse à minha filha: “– Pergunta lá à tua senhora, à tua patroa, a directora de um colégio, se ela trabalha por dois duros?”

E- Hum.

S- Ela pedirá o seu ordenado bem, bem pagado!

E- Hum, hum.

S- E não é assim! Se eu ganho!, quero que me paguem no meu justo! . . .

E- Hum, hum.

S- ... também tenho que pagar, pois, a quem me trabalha, porque tu necessitas della “p’a” traba. . . dela “p’a”, “p’a” ganhares, ela também necessita de ti para fazeres as coisas em sua casa!”

E- Hum, hum.

S- Estamos uns, uns aos outros, claro!, compreendo que a pessoa tenha estudos, estudou um tempo, teve muitos gastos no estudo, mas uma também que trabalha! . . .

E- Hum, hum.

S- ... também temos, colaborar um pouquinho mais! Porque eu, está bem que eu, eu vou trabalhar quatro dias à semana, são umas pessoas, bueno, que não, eu creio que não haverá pessoas tão boas!, como para mim os meus chefes. Eu como, ali, no trabalho!, eu faço o que posso!, ultimamente ando bastante mal dos ossos, e assim, mas não são pessoas que me exigem! De vez em quando, pois, um regalo! Às vezes, outro dia uma, esta, esta volta, esta que tem os corações. . .

E- Sim, o fio?

S- ... assim: “– Toma.” Vem o meu marido do mar, se não posso ir aquele dia, não vou. O meu marido esteve no hospital, quando foi do hospital, estive todo o tempo ao lado do meu marido, a mim, chegou ao fim do mês, a mim, a mim me pagaram igual! Não tenho seguro! Tive um primo meu, que esteve a morrer, que passou muito mal!, ficou muito traumatizada, foi um trauma para mim, que morreu com trinta e seis anos, com trinta e sete anos, ano passado, e o tempo que o meu primo esteve em agonia, pois, os quinze dias eu não fui trabalhar!, eu disse: “– Eu não me importa perder o dinheiro, mas o meu primo não abandono!” Tem a mulher dele, mas não é pessoa competente; estive ao pé dele noite e dia, nem à minha casa eu vinha, e chegou ao fim do mês e meus patrões pagaram-me o dinheiro igual, pagaram-me o ordenado igual. Porque sabes como dizem os meus patrões?, por menos a minha patroa: “– Já, eu sei o que é pobreza, porque eu sou Basca! Tínhamos casario. . .” como nós em, em Portugal as, as, as, nas aldeias, casario.

E- Hum, hum.

S- “– E eu, claro, não tinha “p’a” comer.

E- Hum, hum.

S- E eu se hoje em dia vivo bem, es gracias ao meu marido.”

E- Hum, hum.

S- Porque a família do marido, pois tinham can. . . pedreiras. . .

⁹ Leia-se: “por dois tostões”.

E- Sim.

S- ... e a foi, vi, vi, vivió, viveu, foi sempre o senhor fulano de tal. . .

E- Hum, hum.

S- ... e casou com ela, ela não tinha nada!, e hoje em dia tem de tudo, mas é uma pessoa, se avês, eu digo muitas vezes: “– Se alguém te encontra na rua te dá esmola!, porque vas hecha una (imperceptível)! . . . (sorriso de E.) . . . uma trapeira!, vai feita, às vezes. . . e tem roupa!, e pode, tem jóias, mas não é mulher, é como digo eu: “– Eu aunque fosse a mulher mais rica do mundo!, eu não mudaria o sistema, a minha maneira de ser, não mudaria, nem. . .

E- Hum, hum.

S- ... a pessoa nasce assim.” Por isso, há muitas injustiças!, como o homem do mar!, o homem do mar!, é um trabalho tão sacrificado, tão arriesgado; que ainda há dois anos aqui um barco foi ao fundo, não apareceu nenhum dos marinheiros!

E- Hum, hum.

S- Ia um Português nesse barco; es um sistema, se vais ao mar, pescas, ganhas; às vezes pescam, não lhes pagam o merecido!

E- Hum, hum.

S- E um trabalho muito duro, o homem do mar, eh? Muito duro!, que não têm Domingos, não têm semana, não têm festas, no dia de Natal, passam o dia de, o dia justo de lo vinte, o vinte e quatro, o vinte e cinco já vão “p’ó” mar!, vêm cansados, e voltam p’ra casa com oitenta, ou noventa, ou cem mil pesetas. . .

E- Hum, hum.

S- ... quando há pessoas, de acordo, que trabalham com la mente, com la, com la cabeça, valha-me Deus!, ganhar uns meio milhão de pesetas. . .

E- Hum.

S- ... outros que estão rebentados, trabalhando, a ganhar cem mil pesetas!, é injusticia!, não vejo bem. Eu não vejo bem! Eu a pobreza, intentaria, por todo o meio. . . ajudar à gente pobre!, como a irmã Maria Teresa de Calcutá.

E- Hum, hum.

S- Tch, eu muitas vezes costumo a dizer “p’ás” minhas filhas: “– Eu porque as tenho a vós, tenho ao vosso pai, mas se eu “tivesse” sózinha, como hay tanta gente que está sózinha, aborrecida, eu ia cuidar gente por aí fora, fazer o bem!”

E- Hum.

S- Ajudarlos, claro, não tens, isso. . . mas isso é à base de machacar, machacar, machacar!, tanto insistir com os Governos; como a Lady Di, a Lady Di, quantas, quantas coisas não fez ela?, tinha poder, tinha dinheiro, mas ela insistia com o Governo, ela movia tudo para poder ajudar as pessoas das bombas, das, das, das minas.

E- Hum, hum.

S- Isso é humanitário!

E- Hum, hum. E acha que entre as pessoas pobres, aa, o facto de ser mulher, ou homem, tem influência?, quer dizer, que há mais mulheres, ou mais homens, pobres? Ou acha que isso não tem. . .

S- Não!

E- Ou acha que as mulheres têm mais possibilidade de enfrentar a pobreza que os homens?

S- O homem pobre, a mulher é mais forte! A mulher, somos mais bem, mais fortes!

E- Hum, hum.

S- Estamos habituadas, eu não sei se Deus nos fez assim “p’á” podemos suportar cargas. . .

E- Hum, hum.

S- ... o homem se, o homem se f. . . a ver, hundir¹⁰, o homem se int. . . não sei como explicar a palavra esta, a mulher intenta sempre sobreviver, ela luta, trabalha!, busca donde seja, e o homem já não, o homem se interra mais na vida.

E- Hum, hum.

S- Se, cerra mais nele.

E- Hum, hum.

¹⁰ Isto é: “(...) v. tr. *afundar*; (...) (fig.) *abater* (...)”. (CAVERO 1990), Tomo II, p. 1014.

S- “– Sou um inútil, sou um inútil.” E assim ficam, por isso há tanto homem, tantos casais que se separam hoje em dia. . .

E- Hum, hum.

S- . . . por sistema, isso que não hay dinheiro!, no hay trabalho, não há nada, então, claro, a vida no é o mesmo, é uma casa sem pão, todos discutem sem razão. E o homem em vez de, há homens e homens, claro!

E- Sim.

S- Há homens e homens, não é em geral, há homens que superam: “– Bem, eu. . . se não é aqui, vou aunque seja ao estrangeiro, aunque seja trabalhar!”

E- Hum.

S- Sin embargo as mulheres, pois semos mais duras.

E- Hum.

S- Já intentamos: “– Bem, pois vou, vou a mirar aí, vou a mirar aquele sítio, vou a mirar o outro. . .” e, o homem já não, o homem já se interra, o homem já se, o homem já se. . . interra mais, igual, na bebida!, vamos, o homem já se refugia, o que é a bebida!

E- Hum, hum.

S- Coisa que a mulher intenta sair “p’á” diante. Somos mais fortes que o homem, sabemos superar mais; eu penso desta maneira.

E- E se não tivesse nascido mulher, Sara, se tivesse nascido homem?, acha que a sua vida tinha sido diferente? Bem, diferente, nalgumas coisas teria sido. . .

S- Diferente. . .

E- . . . mas. . .

S- . . . se eu nascesse. . .

E- . . . acha que teria sido muito diferente, ou que diferenças?

S- Yo, se tivesse nascido homem, e se tivera la, la moral e. . . como se chama?, se eu for a mesma, mesma maneira de ser, vamos. . .

E- Hum, hum.

S- . . . a sentimento, la bondad. . .

E- Sim, sim, sim.

S- . . . e esta, se fora igual, pois. . . lo único que no me meteria, intentaria sair adelante por la família, porque a família es lo fundamental. . .

E- Hum, hum.

S- . . . una família, si es que realmente amas a la família.

E- Hum.

S- Por la família merece la pena todo, e se for um homem, claro, depende das circunstâncias de la vida, da vida, porque tenho irmãos, penso que seria como os meus irmãos, lutadores!, pienso, vamos, porque meus irmãos nenhum saíu. . . e se for um homem como os meus irmãos, pois sim, seria um. . . um homem carinhoso, amigo das mulheres, distinto ao meu pai! . . .

E- Hum.

S- . . . nenhum irmão saíu, tenho o mais velho, mas não é tão. . . es tão como o meu pai, é mais, mais cabeça louca, porque está separado da mulher, mas la ama com loucura, e ela também a ele, têm um filho!, mas, de bondade, porque todos nós temos um, uma bondade, não sei, se foi influência da minha mãe. . .

E- Hum.

S- . . . de todos os meus irmãos não tenho, nenhum saíu como o pai; parecidos ao pai, sim. Eu, por exemplo sou parecida ao meu pai, mas, eu sempre disse ao meu pai: “– Você tem, você diz que aquela pedra é preta, temos que dizer que é preta!, podia ser branca!, porque tenho que dizer que é preta!?”

E- Hum.

S- O meu pai já não, era distinto!, mas os meus irmãos nenhum saíu, nenhum saíu ao meu pai, penso que se eu tivesse sido um homem, que seria como os meus irmãos, lutadores “p’á” s. . . “p’á” tirar a família “p’á” diante. Homens de não bater nas mulheres, homens de respeito!, homens, porque temos, são, são quatro irmãos. . .

E- Hum.

S- ... quatro, e nenhum de beber, o mais velho, vez em quando, e o que está aqui, mas não é homem de bater, muito amigo da mulher. . .

E- Hum.

S- ... por exemplo: o meu irmão pequeno levou outra educação que não levaram os outros meus irmãos, porque os irmãos levaram a educação que levei eu. . .

E- Hum.

S- ... de gritos, de palavrões, de, de, de. . .

E- Hum.

S- ... de pan, de pancada. . .

E- Pois.

S- ... mas nenhum seguimos. Eu tenho um carácter forte! . . .

E- Hum, hum.

S- ... é os meus filhos mais uma vez, uma vez, a minha filha mais nova, por exemplo, “berrego” muito!, todo o mundo me ouve!, tch, mas nenhuma chegamos a, a, a fazer, ou a. . . ou a, o ambiente que havia na minha casa. . .

E- Hum, hum.

S- ... ninguém!

E- Portanto, não acha que teve. Na sua vida. . . (S. tosse) . . . situações aa, ou, ou problemas, por ser mulher?

S- Não.

E- Não?

S- Não. Tal, e como vejo a minha família, pois, se. . . seguia igual, seria igual. . .

E- Hum, hum.

S- ... amável, amiga da família, pois, lo que he dicho, lo que disse, no, no, não sei, no, no veria diferença, eu, porque todos somos mais ou menos o mesmo estilo, todos os meus irmãos somos. . . yo quizás, não sei!, igual, como diz a minha irmã: “– Tu es más. . .” Eu me agarro muito a problemas de família.

E- Hum, hum.

S- Tenho muita pena, me agarro, intento resolver.

E- Hum, hum.

S- (Tosse) Se não, ou, por exemplo, pessoas amigas que têm um problema qualquer eu já, já deixo a minha casa, já vou, já, intento resolver o problema; igual, se fosse homem, pois não seria tão assim, já in. . . intentaria viver mais a minha vida com a minha família, ou, ou com os amigos, ou, ou ir a um bar, assim, mas sendo mulher, isto, que as mulheres sofremos mais os problemas de. . . somos mais sensíveis, aunque o homem é sensible, mas o homem sempre lhe custa mais!, de mostrar, mais que a mulher!

E- Hum, hum.

S- Penso, vamos!, o meu marido também é uma pessoa muito, muito boa pessoa, mas ele não era capaz de, de ir com um amigo: “– Vou contigo aqui, ali e acolá, e resolvemos o problema!” Não é como eu, eu tenho mais arranque, eu tão de repente estoy, estou que já digo assim: “– Bem, fazemos isto!” Tenho esse arranque, assim, essa, temperamento. Minha irmã costuma dizer: “– Tens um temperamento!” Pero eu digo p’rá minha irmã: “– Tenho um mal génio!” Mas tenho um fundo muito bom, (gritando:) porque eu sou capaz de mandar toda a la, à porra!, pero num instante estou a chorar pelos cantos. Sim, sim. (Tosse)

E- E acha que a, a vida das mulheres está a melhorar?

S- Sim!, hombre!, aí, ahora, temos direito! . . .

E- Diga-me.

S- ... à igualdade ao homem!, porque por exemplo. . .

E- Dê-me exemplos

S- ... por exemplo: um trabalho! . . .

E- Hum.

S- ... uma fábrica! –não sei como. . . coisa, os professorados, e assim, mas imagino que será o mesmo, um homem, porque tem que ganhar mais um homem que uma mulher!?!- . . .

E- Hum, hum.

S- ... porque uma mulher se quer, trabalha tanto como um homem, ou más! Yo não sou, nunca fui ao mar, mas se a mim me dizem: “– Manaña es dia d’ires ‘p’ó’ mar.” Eu primeiro dia botaria as tripas pela boca fora, mas ao segundo dia, e a semana seguinte, eu trabalharei igual que a um homem!, porque a um homem, a mulher tem que ser discriminada: “Ah!, a mulher em casa serve ‘p’a’ lavar os pratos.” Porquê?, uma mulher pode desenvolver um trabalho igual que um homem, porque uma mulher vai num, num carro a conduzir: “– Ah!, mulher tinha que ser!” Porquê?, hay mais acidentes de homens, que de mulheres, por lo menos cá em Espanha. Eu isso discuto!...

E- Hum, hum.

S- ... porque hay homens que não querem que a mulher supere!

E- Hum, hum.

S- A mulher quer igualdade: “– Que vayam ‘p’ó’ mar!”, como dizem muitos, e porque não vamos ‘p’ó’ mar!?”

E- Hum, hum.

S- Porque não!?, acaso nos caía?... “A ver se vós sois capazes de parir!” Como eu digo: “– Sois capazes de parir!” “– Ah!, igual...” Digo: “– Tinhas um filho, não tinhas mais, porque os homens estejam um pouco doentes: ‘ai!’, que vos queixais de tudo, uma mulher está doente, está a cair em pé com uma gripe, com uma doença, e a mulher aí anda ao pé do canhão. Um homem está doente, se mete na cama, mulher a cuidar um homem.” Coisa que um homem não cuida a mulher... hay casos, claro!

E- Hum, hum.

S- Então, claro, eu vejo mal!, porque um homem tem que, tem que ser o homem mais do que a mulher?, como dizia aquela história, quando era rapariga, na televisão, saía, que ia uma miúda a um... a uma loja, não?, e dizia: “– Ó senhor fulano, dê-me uma, um... um boneco de chocolate! Dê-me um, um... uma tirta de chocolate.” E dizia o, o tendeiro “p’ó”, “p’ó” miúdo: “– Oh!, miúda (vê lá o anúncio na televisão!) e diz o que queres? Aa... um boneco, ou uma boneca?” Diz: “– Antes quero um boneco, porque tem um pouquinho de cho... um pouco de chocolate a mais.” Sempre, o homem arriba!

E- Sim.

S- Como diziam: “– Ah!, um homem se casa, e a mão fica por cima.” Não conta a mão!. (E. tosse) Como por exemplo, homens – não é o meu caso, meu marido me ajuda tudo em casa!, melhor que algumas mulheres–, como há homens, a mulher faz comer, a mulher arruma!; o homem chega de, de, ou de um bar, ou do mar, de onde seja, ala, uma sapatilha aqui, um sapato ali, põe os pantalones¹¹ no sofá: “– Fulanita tráz-me um café!, fulanita faz-me de comer!, faz-me de disso!” No! Não!, porquê? O homem come, o homem bebe, o homem banha-se, o homem dorme, o homem manja!, e que tem a mulher que andar a limpar toda a porcaria de um homem!? O homem também pode fazer, tem mãos! Prontos, igualdade. Um homem pode fazer o que a mulher faz, e a mulher pode fazer o que um homem faz! Vejo mal!, porque motivo o homem tem sempre que estar por cima?, agora não tanto, ainda há homens que são machistas, o nosso homem Português... aqui aprenderam muito, eh!?

E- Acha, que mudaram aqui?

S- Os homens Portugueses, aqui, modificaram muito, mas muito, porque vinham com um machismo, uma... a mulher não podia ir a um café tomar café, e eles sim. Eu tenho amigas, uma amiga minha, que a mulher não podia pintar os lábios...

E- Hum, hum.

S- ... que uma vez deu-lhe semelhante bofetada num bar...

E- Hum, hum.

S- ... que a moça não tinha pintado os lábios!, ela é muito branca de cara, e tinha os lábios vermelhos, fazia frio...

E- Sim.

S- ... e ele, (imperceptível) “– Que não está pintado!, L.” E que estava pintada; a mulher não podia tomar um café, a mulher não pode ir a excu... hoje em dia!, a mulher não pode ir a uma excursão, ontem mesmo chamei por telefone: “– Vens a uma excursão?” “– Ai!, se está ele não posso ir.” Porquê!?, e ele pode ir “p’a” onde quer?

E- Hum, hum. E os que mudaram, acha que quando vão a Portugal, mantêm o comportamento?

S- Sim. Sim.

¹¹ Em castelhano; leia-se: calças.

E- Não, não mostram que mudaram?

S- Mostram que mudaram!

E- Mostram que mudaram?

S- Mostram que mudaram!

E- Mudaram mesmo?

S- Mudaram, es, é que mudaram!, vão a Portugal, vão com as mulheres aos cafés: “– Fulana, vem aqui. . .” Vês outra coisa, e claro, vais com umas costumes daqui!, que ali em Portugal muitos não a têm; em Portugal, os moços novos, na minha zona. . .

E- Sim.

S- . . . são uns machistas, e eu digo uma coisa, e sempre disse à minha filha – a minha filha não está agora em casa – mas digo aos meus filhos, eu não gostaria – e já é triste dizer-lo, é? – que uma filha das minhas casasse com um homem Português. É triste dizer-lo. . .

E- Por isso?

S- . . . mas não gostaria, por isso! Machista!: (pigarreia) “– Filha da puta!, a mim não que dou-te duas bofetadas!” Porquê!? Em casa: “– Venha já p’ra casa!” São palavras feias! Mandar vir com uma mulher num café, insultar uma mulher em casa, não a deixar sair, porque a mulher, na minha zona, tenho amigas minhas, com a mesma idade minha. . .

E- Sim.

S- . . . que parecem umas velhas de 57 e 60 anos!

E- Hum, hum.

S- Digo p’ a fulana: “Tu. . .?; “– Amiga, sabes que a vida. . .”. (Dito em sussurro:) Por favor. . . a mulher se se pinta. . . a dar-lhe. . .

E- Hum, hum.

S- . . . se a mulher sai, sai um pouco mais, eu quando fui a Portugal fumava, a mim me puseram de, de, de, hoje em dia, praticamente, em Portugal, na minha zona fumam, mas, ainda há aquelas críticas dos homens, eu não sei porquê! E gostaria que uma filha minha casasse com um homem Português. E, sinto muito!, sou Portuguesa, mas não. Nnn, não gostaria! Sin embargo hay homens, moços Portugueses aqui, já levam outro, outro habituamento, com o ar daqui!, isso já é distinto! . . .

E- Pois, eu percebo.

S- . . . é distinto, agora um hom. . . um moço Portu. . . a minha filha quando vai a Portugal, tem discutido muitas vezes, com muitos moços de lá de Portugal, companheiros, amigos dela, vê como eles são, a minha filha diz: “– Comigo tinhas que dar voz!” Ela diz!, “– Comigo tinhas que dar!, te iba a por eso mais fino! . . .”

E- Hum, hum.

S- E ela diz: “– Ama¹², que homem mais machistas em Portugal!

E- Hum, hum.

S- Disse: “– Igual é na zona nossa, porque outras zonas, igual, não es igual!” Claro, eu me refiero ao que conheço!

E- Claro, é a sua opinião, concerteza.

S- Não tem porquê.

E- E a última: tem sonhos?

S- Sonhos?

E- Coisas que gostasse de fazer? . . .

S- Hum. (Tom de sorriso)

E- . . . e que possa falar delas?

S- O meu sonho mais grande, é ilusão, vamos, porque eu já sei que. . . não chegarei a isso, pode ser!, quando o Governo Português se ponha de acordo com o Governo Espanhol, com o ECO. . .

E- Sim!

S- . . . ou essa moda que vai sair, o meu sonho em Portugal. . . ter uma casa!

¹² Cf. nota 5.

E- Hum.

S- Sempre foi meu sonho!, não digo uma casa de, pois eu sempre disse ao meu marido: “– Eu gostava, eu sempre gostei de, aunque fôsse um apartamento, em Portugal.”...

E- Hum.

S- ... porque é a minha terra.

E- Hum.

S- E ter onde meter-me!, não andar, agora, esta noite dormir em casa de mi tia. ...

E- Hum, hum.

S- ... outro dia vou “p’á” casa daquela amiga. ... ter, vamos, eu digo: eu o dia de amanhã, irei “p’á” Galicia viver, porque meu marido, claro, o dia que fique já retirado, que tenha pensionista, ou assim, porque aos cinquenta e cinco anos aqui se, já deixam de ir ao mar, não?

E- Hum, hum.

S- E meu marido: “– Vamos “p’á” Galicia!” Eu digo: “– “P’á” Galicia!, eu?, tch, tch, tch, eu vou “p’á” Portugal!” Pero não me importo de ir “p’á” Galicia, porque estoy a dois passos de Portugal. Então, eu digo “p’á” meu marido: “– A minha ilusão que tinha, vendemos a casa da Galicia e compramos em Portugal!” Diz ele: “– Que dizes!?” Eu disse: “– Nada!” E digo: “– Pois, (imperceptível) era ir “p’á” Portugal!, ter uma casa em Portugal!, ter...” porque vivo Portugal!

E- Hum, hum.

S- Vivo! Yo. ... e os fados! ... (Risos de E.) ... quando ouves um fado triste. ...

E- Hum, hum.

S- ... que agora diz que há essa cantante muy buena!, que es la. ... esta como se chama?, Dulce Pontes! ...

E- Hum, hum.

S- ... que estive eu com um cantante Gallego e me disse que era uma cantante muito boa!, vai muito à Galicia cantar. E eu, não sei, vou e canto, como hay vezes fados que recorda!, recorda os teus pais. ...

E- Hum, hum.

S- ... recorda aquela canção muito bonita que às vezes canto e, e é chocante, a do emigrante: (S. canta:) “– Longe da terra distante/ longe do meu Portugal/ vai lembrando o emigrante/ a sua terra natal.” Essa canções, que te recorda, pois. ...

E- Hum, hum.

S- ... os tempos que veniste “p’ráqui”, os primeiros tiempos, e vês um, eu. ... passam muitos camiões Port. ... Portugueses, por aqui, e quando venho do trabalho vejo um camião Português, ou vou no autobus, e eu anda. ... na via do autobus: “– Portugal!” E ele me intiende: “– Sim, yo también!”. (Risos de E.) Es um. ... que entra una vibración por ci. ... por o corpo, es, es alucinante! ...

E- Hum, hum.

S- ... e então, são recordos que a mim me gusta Portugal, os sonhos. ...

E- Hum, hum.

S- ... sonho, às vezes assim, eu era “p’á” dizer, disse à minha filha: “– Já me gostaria ir a Portugal passar o Natal, passar o. ... passar a Páscoa.” ...

E- Hum, hum.

S- ... mas não pode ser.

E- Hum, hum.

S- A minha filha diz: “– Ama!, tu não tens ilusão de ir assim. ... de viajar?” Não gosto de viajar!

E- Hum.

S- Não gosto de viagens!, “p’á” minha filha: “– Não!” Não sou pessoa, assim, de: “– Mamã, qual é o sonho que tu tinhas de, de ir de viagem de, de, de, de noivos quando vos casasteis?”

E- Hum, hum.

S- Disse: “– Por exemplo me gusta, gosto muito de ir à México.”

E- Hum, hum.

S- Porquê?

E- Sim.

S- A mim já me disseram que o México é muito triste, claro, hay zonas tristes, hay zonas. . .

E- Claro.

S- E digo, e disse “p’á” minha filha: “– Eu, sabes porque é que eu gosto muito de, de ir a México?, porque gosto muito das mexicanadas, canções mexicanas.” Tch, diz: “– E de Portugal, qual é as canções que tu mais isto? . . .” Digo. “– A minha mãe costumava a dizer p’ra mim: “– Tu!, herdastes o gosto do meu pai.” Do meu avô, disse: “– Que gosto do avô?” Diz: “– O meu pai gostava muito de ca. . ., de ouvir cantar os estudantes de Coimbra.”

E- Ah!

S- E eu quando estava em Portugal, agora, claro, aqui não temos, aqui significa a tuna. . .

E- Sim.

S- . . . que é dos estudantes. . .

E- Sim, sim, sim, sim, sim.

S- . . . e Portugal é os estudantes de Coimbra. Yo, quando em Portugal ouvia muito!, pois quando no rádio! . . .

E- Sim.

S- . . . e há uma que me lembro: (S. canta:) “– Coimbra das. . .” Essa é que, e me encanta!, a minha mãe dizia: “– Tu tens gostos do teu avô!” E diz a minha mãe assim –e já fui a Coimbra!, fui várias vezes a Coimbra, estive já aí a comer em Coimbra, isso-. . .

E- Hum, hum.

S- . . . e a minha mãe me dizia p’ra mim: “– Tu, qual era a coisa que tu. . .” . . . (a minha filha, digo a minha mãe, a minha mãe pobrezita. . .

E- Sim, sim, sim.

S- . . . a minha filha diz assim:) “– Qual era a canção que tu gostavas, o sítio que tu gostavas ir cantar?” Eu: “– Eu, os estudantes de Coimbra.” Que é a tuna, que me encanta a tuna, que tenho um montão de cassetes da tuna, e quando vejo um tuno!, com a capa dos tunos, aí estou eu, me apunto em primeira fila!. (Risos de E.) Aqui abaixo, uma vez vim a trabalhar, o restaurante que está aqui abaixo. . .

E- Sim.

S- . . . e ouço a. . . aquela canção que é dos tunos daqui de Espanha, que é: (S. canta:) “– Clavelito!, clavelito. . .” E digo yo “p’á” meu marido, digo yo:”– Ola!, los tunos! Ai R., por favor, vamos a tomar um café, que eu só “p’á” estar com os tunos!” Pois entrei, pois tenho fotos com los tunos! . . . (risos de E.) . . . donde está um tuno, para mim es tudo! E os Mexicanos. A minha filha disse. “– Ama ibas à México.” Eu iba à México solamente por los Mexicanos, por la mañana, cantar tempranito por la mañana, me encanta!, la música Mexicana e la música de estu. . . estudantil me gusta; solam. . . hombre!, toda a música me gusta, e os fados. . .

E- Sim.

S- . . . mas. . .

E- Estou a perceber.

S- O que é, a preferência, claro!, são sonhos que dizes: bueno, algum dia. . .

E- Hum, hum.

S- . . . a Coimbra já fui. . .

E- Hum, hum.

S- . . . várias vezes, conheço Coimbra, agora, então como era antes, agora não, já uns quantos anos, e vamos a fazer uma excursão este ano!, ir à Expo. . .

E- Sim.

S- . . . ir a Nossa Senhora de Fátima. . .

E- Hum, hum.

S- . . . baixar por Nazaré, ir a Coimbra e terminar na Póvoa; mas já disse “p’á” uma amiga minha. “– Não estou. . . não estoy eu com. . . capacitada, porque não temos telefones “p’á” os, “p’á” os hotéis, onde, claro, comer, é uma excursão de sete dias!, donde comes?, donde vamos a dormir?, e claro, com isso havia que planeá-lo de um anos “p’ó” outro, pôr-te em contacto com os hotéis!, já reservar, porque, claro, agora “tamos”, já estamos no mês de Março, el Expo já não hay sitio “p’á” nenhum, “p’á” nada!, porque hay pessoas de quatro meses atrás que já não têm

sítio, ademais eu com tanto agobio de gente, prefiro ir a comer a Nossa Senhora de Fátima em Maio, no se me ocorre ir em Maio, prefiro ir, prefiro ir, antes, tch, no mês de Agosto emigrante.

E- Hum, hum.

S- Ness... ness... nessas épocas...

E- Hum, hum.

S- ... igual, “p’ó” ano, pero, igual “p’ó” ano que “venhiremos” a Portugal; bem, eu este ano vou!, por suposto tenho um casamento, este ano vou a Portugal, mas assim de excursão, muita gente quer ir a Portugal.

E- Hum, hum. Pois, pois.

S- “- A ver quando fazemos uma excursão a Portugal?” “- Já vês que são muitos dias.” É muita responsabilidade.

E- Pois.

S- Eu não me atrevo, tenho... até tanto, sou um pouco covarde!, como diz o da canção: “Covarde.” (Risos de E.) Por aqui ainda passa, mas... já p’ra ir a Portugal, tens que... (tosse) hacer-te responsável das pessoas...

E- Pois.

S- ... podem perder uma pessoa ali em Portugal, não sei!, e logo a comida, que por a comida não havia problema, porque em qualquer restaurante, mas havia, tinha que ser tudo programado!

E- Pois, com mais tempo, sim (imperceptível)...

S- Não, não... vamos a ver!

E- Muito bem. Olhe, eu não sei se quer dizer mais alguma coisa?, não sei se fu... gostou?...

S- Sim.

E- ... da conversa?

S- Estoy muito contenta, mais falando com Portugueses, melhor todavia.

E- Não lhe foi difícil?

S- Para nada! Para nada! E tinham que fazer mais, assim aos Portugueses.

E- Também acho.

S- E o Governo tinha que se preocupar mais das pessoas estamos aqui em Espanha, porque em França já hay programas, hay fadistas, vão ranchos, de Portugal...

E- Hum, hum.

S- ... que tenho um sobrinho que dan... dança num rancho em Portugal...

E- Hum, hum.

S- ... foram a França!, foram a Canadá, agora vão ao Brasil, e aqui não temos nada!, e eu estou a pensar, “p’ó” ano que vem, de pôr-me em contacto com Vila do Conde...

E- Hum!

S- ... com o rancho Folclórico de VC, para virem o rancho aqui, mas claro!, os Portugueses aqui não colaboramos todos, porque as pessoas têm que vir com dormida...

E- Pois.

S- ... comer, eu na minha casa posso pôr duas pessoas...

E- Pois, pois, pois.

S- ... aqui na minha casa algumas amigas mais.

E- Pois, pois, pois.

S- Claro, as outras pessoas, se todos os Portugueses não colaboramos... posso falar com... com o alcalde daqui, que é o... Presidente da Câmara.

E- Sim.

S- Não me custe nada, vou falar com ele, mas conheço-no, falo!, “p’a” dar-lhe dormida, mas claro, é um gasto muito...

(Interrupção na gravação para virar a cassete, do que decorreu breve perca de discurso oral de Sara)

S- (...) Passou um caso...

E- E não é a primeira pessoa que o diz.

S- ... um caso muito “esternecedor”!...

E- Hum.

S- ... e eu movi-me o mais que pude, eu não pude mover-me mais, porque não podia!

E- Hum, hum.

S- Passou uma coisa, veio um moço cá. . .

E- Hum.

S- ... –está a chover, montão (apontando para a janela)–, veio cá um moço passar umas férias a casa de uma irmã. . .

E- Sim.

S- ... e por vistos esse moço estive, estive em Portugal no Hospital de São João, na casa dos cancerosos, com vinte e quatro anos, hoje morreu, com vinte e quatro anos, e é triste esta história que voy a contar, já me gostaria que alguém em Portugal, que eu cheguei a dizer. . . a dizer, yo que não sei escrever!, para o Governo Português!, porque senão quem escrevia uma carta ao Governo Português era eu!, com o meu nome!, com tudo, porque é uma injusticia o que se fez, que incluso ajudou mais Espanha que Portugal, e é triste!, mas é a verdade. Esse moço cá chegou, eu não o conhecia, conhecia a irmã, através do marido, que ela casou, ele era viúvo, ela casou com esse moço. . .

E- Hum, hum.

S- ... e vivem cá. Então, claro, o moço veio passar férias, tinha um miúdo com três aninhos, veio com a mulher passar um tempo aqui, porque em Portugal, ele tinha um tumor num testículo, e tinha estripado o testículo. . .

E- Sim.

S- ... então tinha um tratamento, e tal, e o médico, ele perguntou ao médico se podia vir a passar uns dias à casa de uma irmã a Espanha. . .

E- Pois.

S- ... e o médico lhe autorizou, mas não lhe fez nenhum escrito, lhe disse de boca. Bem, então o moço, como tinha passado tão mal, operação, recuperação, e tal, vinha “p’á” estar um pouco com a irmã e passar a, o, o dia de Natal com a irmã. . .

E- Hum, hum.

S- ... cá em Espanha. Eu não sabia nada, não o conhecia!, e um dia venho do médico!, eu tinha que ir trabalhar uma Sexta-feira. . .

E- Hum, hum.

S- ... eu ia trabalhar, e me encontro esse moço, um sol de pessoa!, –o meu filho vem p’ra casa que está a chover. . . (risos de E.)

(Interrupção na entrevista para Sara abrir a porta da rua ao filho)

S- (...) Bem, e então, eu vinha do médico, casualidade, vinha, vinha com o meu marido do médico. . .

E- Hum, hum.

S- ... vejo aquele moço, era um sonho de, de moço!, alto, moço. . . isso. . . um, um, um, tch, é o de menos!

E- Sim.

S- E vinha o moço, com aquela, uma pema arrasto, um braço assim, e vi a irmã agarrada a ele, com a mulher, e eu lhe perguntei: “– Que passa!?, está, está doente?”, “– Já se encontra mal, deu-lhe por um braço, ficou paralisado de um braço, e se encontra mal de repente.”

E- Hum, hum.

S- E eu disse. “– E donde vais?” “– Ai!, eu queria ir ao médico, mas não tenho médico aqui, não tenho nada, eu não sei com que médico falar! . . .

E- Hum, hum.

S- ... yo não intiendo nada disto!” Quer dizer, a irmã vivia aqui mas não é pessoa que. . . tch, não se deci. . . não. . . quer-se dizer, não é pessoa de. . . que tenha, assim, esses arranques p’ra ir a um médico, p’ra se despachar, e assim, cada pessoa é um mundo. E eu lhe disse: “– E agora donde vais?” “– Ai, vou ao médico, estou à espera desse, um tio de. . . de, de meu marido vem, vem p’ra ir com nós ao médico a França.” “– Olha. . .” disse-lhe eu p’ra ela: “– . . . olha, vais ao médico!, enquanto o médico tira as análises, enquanto o médico faz radiografias, enquanto, hoje é Sexta-feira, não te vão fazer nada, até Segunda-feira não te vão mover o rapaz p’ra nada!, tu colhe um táxi e vais directamente ao hospital. . .

E- Hum, hum.

S- ... ali te atendem!, e logo que passem factura a Portugal, porque tu vais ao hospital, que no hospital te vão a atender! “– Ai!, mas eu não entiendo nada daquilo!, eu não sei nada!” Digo: “– Bem, que vou fazer, Deus mio? Dá-me pena deixar o moço!” Chamo o meu trabalho, disse-o, que tinha que ir, o meu, o meu marido que tinha mandado, o médico tinha mandado “p’ó” especialista da, das mãos, e tal, que andava mal das mãos, e que não podia ir Sexta-feira a trabalhar, que já iria outro dia, uma mentira piedosa, e fui eu com o moço “p’ó” hospital. Chegámos ao hospital, os médicos em seguida, em seguidinha os médicos, uns “p’a” cada lado, o moço ficou internado. Chegámos cá fora, nos disseram que o cancer que tinha saído, subido p’arriba e que não contássemos com ele, e tal. Bem, o moço ficou já internado, “despois” entrou na UCE, “teve” mais à morte do que à vida, bem, o moço. ... evolucionou!, andou com a quimio, andou a botar-le, trataram-lhe de maravilha!, estava encantado!

E- Desculpe, entrou onde?, na ...

S- Na UCE, na UCE que é o ...

E- É unidade. ...

S- ... de cuidados intensivos.

E- Ah!, sim, O.K. Fizeram-lhe quimioterapia. ...

S- E o moço estava encantado!, com o trato, com o trato que lhe davam aqui as enferm. ... as enfermeiras, porque quer dizer que em Portugal não tinha esse trato!, eu não sei, porque eu não estive no hospital. E ele não queria ir “p’a” Portugal por nada do mundo, mas claro, de Portugal fazia-nos falta um papel, o ... o é cento onze!, ou algo assim, uma coisa desses.

E- OE111? É, é.

S- Primeiro mandaram-lhe um papel “p’a” ter assistência aquele tempo

E- Sim.

S- ... mas depois faltava-lhe o E111 para poder. ...

E- Ham, ham.

S- ... porque os médicos, os médicos aqui lhe garantizaram que ele podia curar-se! E ele tinha aquela fê que queria ficar aqui “p’a” se curar. ... (chama-se P.) ... e então, claro, eu desvivia-me por esse moço, tinha os dois, tinha um primo meu, lá no hospital, estava ele e eu subia e baixava, eu “tava” um pouco num, outro bocado noutro, estava assim. Então, Portugal não nos dava o E111 ...

E- Hum.

S- ... porque, havendo um. ... mesmo tratamento em Portugal. ...

E- Hum.

S- ... que não podiam dar o E111, que tinha que ir “p’a” Portugal.

E- Ah!!

S- E eu chamei ao Presidente da Câmara dali de C. ...

E- Hum.

S- ... eu falei com o padre D., da minha paróquia. ...

E- Hum, hum.

S- ... eu falei com o Consulado, fui ao Consulado pedir uma ajuda!, como os médicos nos disseram, em princípio, que ele morria!, claro, não podia andar, naquele, ele teve que estar aqui um tempo no hospital, que ele não se podia mover do hospital.

E- Pois.

S- Então, claro, aquilo tínhamos, “tava” entre a vida e a morte, tch, eu fui ao Consulado, porque a família é pobre, não tem, anda o homem ao mar, não tem, a mulher não tinha, claro, alguém tinha que fazer cargo, se ele morresse levá-lo “p’a” Portugal!

E- Pois.

S- E eu fui pedir ajuda ao Consulado, me disseram, em seguida, que não, e eu lhe disse: “– P’ra que temos o Consulado cá em Espanha!?, “p’ajudar-nos”! Temos uma aflição qualquer cá em Espanha, vamos a bater à porta do Consulado, o Consulado fecha-nos a porta!, “p’a” que queremos nós o Consulado aqui!?, não vale p’ra nada!” Assim se disse, assim!, o disse eu: “– ... o Consulado, aqui em Espanha, não vale p’ra nada!” Me vim embora p’ra casa. A mulher não tinha, claro, tinha que estar a comer em casa da irmã. ...

E- Hum, hum.

S- ... o que podíamos, pessoas, e tal... claro, chegou a um ponto que o hospital disse-lhe, claro, ou E111, ou senão tinha que ir “p’á” Portugal!, o moço veio, ele não queria ir “p’á” Portugal, mas sempre atendiam-lhe “p’á” levar o... tratamento da quimio...

E- Sim.

S- ... da quimioterapia, sempre lhe davam-lhe; eu fui falar com a assistente social da marinha, atenciosa ao mais não poder!

E- Da marinha?

S- Que é dos marinheiros, os homens do mar...

E- Sim, sim, perdão.

S- ... com a M. J., fui falar com ela, me atendeu de maravilha, tinha uma pena desse moço imensa!, nos pusemos em contacto com a assistente social de VC, com uma tal P, não podiam fazer nada!

E- Hum.

S- Falei com o Presidente, nada. Claro, o moço tinha de ir “p’á” Portugal.

E- Hum.

S- “P’á” Portugal não havia, não podia, não podia ir de táxi, nem podia ir... de comboio!, tinha que virum, um meio de transporte especial a buscar-lo, que ele, claro, não podia, podia-lhe dar qualquer coisa no caminho e morrer. Não tinham dinheiro, iam “p’á” Portugal na miséria, não tinham nada, lhe haviam tirado a pensão de co... que o dinheiro que estava a receber da baixa!, tinham-lo tirado. Tch! Não tinham nada! Disse: “– Pobrezinho, a este homem faz-lhe falta tanto alimento!, tantos cuidados!, não tem nada!” E eu andei a pedir! (não me dá vergonha dizerlo), andei a pedir!, por toda a gente, todas as pessoas, a pedir. Lhe juntei, quase, cinquenta mil pesetas.

E- Hum, hum.

S- E no dia que ele ia, porque eu logo pus-me em contacto... com Presidente da Câmara, nostro, dali, de Portugal, da, da minha terra...

E- Hum, hum.

S- ... chamei ao padre, ao, à paróquia, porque também lhes corresponde!...

E- Hum, hum.

S- ... “– Por favor, este moço não pode ir de comboio, nem pode ir de táxi, mandem-me uma ambulância, mas uma ambulância preparada!

E- Hum.

S- Por favor, falem com quem seja, se eu tenho que ir a Portugal falar com o Presidente, nosso, de VC, o... este como se chama?, o... não sei como eles chamam, porque um é de, é líder da freguesia, Presidente da, da freguesia, e o outro é Presidente...

E- Sim, e o outro da Câmara.

S- ... o da Câmara!

E- Digamos, sim, sim, sim, deve ser.

S- E eu disse: “– Eu tenho que falar com ele, dê-me o telefone que eu ponho-me, eu falo com ele, porque isto, este moço não pode ir assim. Mandem-lhe uma ambulância!” “– Bem, porque ele, claro, ele foi sem autorização.” “– Não!, ele veio com autorização!, mas foi de palavra!, mas, aunque viesse sem autorização, não é “p’á” uma pessoa morrer, ficar uma pessoa m... que quer?, que uma pessoa morra no caminho!?! É um moço novo!, por favor!, senhor padre Domingos, ponha a mão. Eu aqui estou a fazer o que posso por ele, senhor padre, faça o que possa por ele aí.” Mandaram uma ambulância de VC, dei-lhes o dinheiro, que pedimos, entre todos, todo o mundo colaborou...

E- Hum, hum.

S- ... o moço foi “p’á” Portugal, o dia que foi “p’á” Portugal chorava, sabia que iba morrer em Portugal.

E- Hum, hum.

S- “– Yo já sei que em Portugal vou morrer!, porque não tenho o trato que tenho aqui!” Eu não sei porquê! “– E o trato, o carinho que tenho aqui!” Não sei se es instinto, se está mais evolucionado aqui, não sei!

E- Hum, hum.

S- (Tosse) O rapaz foi “p’á” Portugal, morreu, passado uns dois, três meses, morreu; o ano passado morreu, fez agora um ano. Isto, claro, eu quero-me referir ao que estavamos a falar do Consulado!, eu fui a pedir-lhes, se acaso o moço morresse...

E- Hum, hum.

S- ... se fosse o caso, se não fosse o caso de ele morrer, eu já me safaria como, como pudesse, com assistentes, com o que fosse “p’á” poder aju. ... auxiliar “p’á” comer, a criança entrou na escola, eu fui falar com a assistente, o miúdo estava na escola, não pagava o comedouro!, comia na escola; roupa, fomos à Cáritas lhez deram de tudo!, de tudo!, a assistente social, também, estava preparada a dar-lhes, também, se eles seguissem aqui, “p’ájudar-lhes” “arreceber” um tanto ao mês. ...

E- Hum, hum.

S- ... para poder auxiliar-lhes, que não tinham porquê! ...

E- Pois.

S- ... quer dizer, que não tinham direitos nenhuns, mas. ... faziam isso. (Pigarreia) E Portugal!, nada!

E- Hum, hum.

S- Eu solamente lhez disse: “- É o caso, se acaso o moço morre!, se não morre!, não precisava o Consulado, mas é o caso, dá-se o caso que tanto o moço pode vi. ... sobreviver bem, como pode morrer!” Era mais que nada, se podiam “tranladá-lo” a su país?, em caso de morte! Que não. Que não!?, p’ra isso é o Consulado. ... para mim, para mim!, não vejo bem nenhum.

E- Hum.

S- Temos a missa de Nossa Senhora de Fátima. ...

E- Hum, hum.

S- ... a nós não nos apoiam para nada!

E- Hum, hum.

S- Pedimos ano passado um padre “p’á” vir dar, celebrar a missa, veio!, o director espiritual de Lisboa.

E- Sim?

S- Esteve cá encantado com nós!, levámos a jantar, estiveram os Consulados, que não tinham porque, não tínhamos porque envitar¹³ aos Consulados a comer, ao jantar. ...

E- Sim.

S- ... porque a nós, tampoco nos ajudaram com nada!, nem “p’á” missa, nem “p’á” nada!, pelo menos uma pequena colaboração!, e logo, quando uma coisa qualquer, uma votação, ou uma, uma encosta que fazem para gente, para apoiar-nos, nos chamam!, p’ra irmos; eu já disse: “- Temos que rechazar todas!” Quando foi que pediram “p’á” um. ... uma pessoa aqui, “p’á” estar aqui no, no. ... em Espanha, e tal, no, no. ... “botar” os votos “p’á” estar um aqui em Espanha, “p’á” tratar de nostros, nossos problemas, um problema que tenhamos. ... (E. tosse) ... os Portugueses, eu nunca mais soube, fomos a votar, arraste. ... levei um montão de gente comigo!, a minha prima também, não vimos nem quem ganhou, nem quem, nem quem não ganhou, nem, nem, nem se ficou alguém, não temos nem ideia! “P’á” que queremos o Consulado... (dirige-se nominalmente à entrevistadora)?, aqui!?, para nada!, se não nos ajuda!, “p’á” fazer o meu cartão de identidade!?, vou a Portugal e lo solicito ali! Que me tarda mais tiempo?, pois mais tiempo! E o Consulado aqui não nos ajuda. E não vejo bem, para isso chama-se Consulado Português. ...

E- Hum, hum.

S- ... e nos fecham as portas!

E- Hum, hum.

S- Se hão-de estar uma, quando vão fazer algum cartão de identidade, ou qualquer coisa, f. ... f. ... pedir uma informação, e se nos sai a outra moça, que ainda é um pouco simpática, bale!, mas se está uma, a velha que estava aqui!, vale mais sair correndo do Consulado Português! ... (risos de E.) ... é que sais correndo!, já sais, es que te dão umas mal, umas mal respostas!, umas caras!, que parece que vais a pedir um favor ou uma limos, uma, umaesmola!

E- (Tosse) E não é um favor, na sua opinião?

S- E não é um favor, não é favor nenhum, porque p’ra isso estão aqui no Consulado Português!, para, para resolver os problemas dos Portugueses!, não vejo problema, no, no sei, no. ... tch, não vejo apoio!, por parte de Portugal, aqui “p’ós” emigrantes, nenhum!, nenhum! É, é a opinião que tenho, não, não posso dizer uma coisa. ...

E- Sim, sim!

¹³ Aportuguesamento da expressão castelhana “invitar”; leia-se: convidar.

S- ... se eles se portassem bem!, como nós nos portamos bem com eles, porque eles chamam: “– E que faz falta, e tal, uns Portugueses, e tal, “p’á”, “p’á” “botar” uns votos!” Vamos todo o mun... , todo o mundo!, assim como Portug... o Consulado necessita de nós, também necessitamos do Consulado, que nos dê uma ajuda, que nos orientem; não queremos o Consulado “p’á” estar de adorno aqui, “p’á” estar a enfeitar, que tenha um edi... um edifício agora até em Bilbao!, para nada. Eu falei pessoalmente, até, com o K, tch, falei pessoalmente com o outro, como se chamava o que está lá, K e tem o outro, um... mais novo, que eu não sei como se chama!, estava¹⁴... E tem o senhor K, falei pessoalmente com ele, com a senhora, e com a Dona W, e ele disse que não podia fazer nada!, e eu então: “– A quem vou a recorrer? A que porta vou bater?” Num caso destes, vamos!, não sabes a quem recorrer, então o Governo!, Português!, também tinha que se preocupar um pouquinho pelos emigrantes que estamos em Espanha!, porque os emigrantes que estão em Espanha, o di... o dinheiro que ganham em Espanha mandam “p’á” Portugal! Já que damos um bem a Portugal, Portugal, também, que dê um... que nos, que nos auxilie um pouco!, que somos Portugueses!, não estamos deixados à mão de Deus, somos Portugueses, então eu vejo mal, não sei. Lo, los vimos muy... muito, assim passa com o transporte Português, que vamos no Verão parece... parecemos ciganos!, parecemos animais!, parecemos que vamos como a sardinha na lata!, “p’á” Portugal. Está mal!, porque pagas um bilhete, e vais estirado no corredor, do comboio, como ciganos. Só se vê no comboio Português!

E- Hum, hum.

S- É triste!, e os Espanhóis que vêem, pois, é feio: “– Os, os Portugueses vão como ciganos!”

E- Hum, hum.

S- Quando podemos ir, tranquilamente, num comboio!, porque são muitas horas de viagem!, e qualquer um não pode pagar a coxi... não podem pagar a, a, la liteiras!, a cama.

E- Hum, hum.

S- Eu se vou com a minha família toda não posso pagar, permitir-me o luxo de pagar uma cama!, pois que tenho uns... um camarote que dá “p’á” oito pessoas, pois que ponham mais comboios, e que ponham um camarote, pois, por exemplo “p’á” quatro pessoas; vão crianças estiradas no chão!, a mim já me passou, toda a santa noite. ...

E- Hum, hum.

S- ... sem descansar, porque as crianças nos braços, como terminamos?, e não estamos a viver no ano de, de, quem vá dizer, no ano, no ano sessenta ou no ano setenta!, estamos no ano 98!

E- Hum, hum.

S- Coisas assim, eu vejo que Portugal que, ainda, ainda, ainda está um pouco, um pouco bastante, bastante, bastante atrasadinho, é?...

E- Hum.

S- ... nesses temas. Cá em Espanha também está!, comparação com os países, esses: América... esses, tch...

E- Hum, hum.

S- ... Portu... Espanha também está!, mas, em comparação a Portugal!, está bastante adiantada.

E- Hum, hum.

S- E é triste, claro, porque é tua terra, e claro, tu gosto por, tu gostas de pôr a tua terra, pois, por o mais alto; eusim, às vezes meu marido diz: “– Oh!, o combóio Português!” Digo: “– Olha “p’ó”, “p’ó”, “p’ó” comboio Gallego!”

E- Hum.

S- Porque costume a chingar, ele começa-me a... claro, eu não gosto que diga, eu não gosto que ninguém me diga mal de Portugal!, para nada!, nada!, porque Portugal é Portugal. Por muito mau que seja, é Portugal! É assim, E. (dirigindo-se nominalmente a E.), a minha história é esta, assim. Tínhamos muito que falar, Jesus!, Nossa Senhora!, coisas que nem, nem, nem te lembras, nem... nem pfuu!, tinhas que rebobinar o filme de antes, rebobinar, rebobinando... (risos de E.)... e ires apontando la histórias que tal...

E- Hum.

S- ... es...

E- Mas... o principal acha que “tá”?

S- Sim.

¹⁴ Fez-se um breve corte na fala de S. para não ser identificável o funcionário a que se refere.

- E- O mais forte?
S- Sim, o mais forte está.
E- O mais importante?
S- O mais importante está.
E- Agradeço-lhe imenso, o seu tempo, são... não se vê bem. . .
S- Não me importo!, tranquila! . . .
E- . . . são oito e meia da noite.
S- . . . por meu, por meu tempo!, eu. . . acho que (imperceptível). . .
E- Obrigadíssima, por me receber aqui, em sua casa!
S- A vêr se o namoro da minha filha lhe pode levar, lá, num instante no carro, antes de ir no autocarro.
E- Aa. . . não, obrigadinha.
S- Sim, ele vai levar. Não, não, de autocarro fica muito, já é muito tarde.¹⁵
E- Aa. . . (não é nada tarde, aqui. . . é tarde é “p’á”, “p’á” sua vida familiar. . .
S- Não, eu dig. . . tranquila, eu amanhã não vou trabalhar!
E- . . . p’ra estar com eles.) Aa. . . só lhe queria perguntar se, entre o que eu lhe disse que íamos conversar, e o que conversámos, se eu aa, não fui clara, ou se foi? . . .
S- Sim, bastante clara, sim!
E- . . . se respondi àquilo que eu lhe tinha dito?
S- Bastante clara!
E- Não. . .
S- Não, não, não, não.
E- . . . não houve aqui enganos?, nem. . .
S- Para nada!, eu solamente disse o que sentia! . . .
E- Pois, mas. . . aa. . .
S- . . . e me fez as perguntas que me fez, bem claras e eu contestei¹⁶ e respondi às, tch, às perguntas, às perguntas que me fez, as vi bem claras, e eu respondi a minha maneira de pensar, a minha maneira de explicar. . .
E- E é isso mesmo. . .
S- . . . porque não tenho estudos. . .
E- . . . e é isso mesmo!
S- . . . e não posso explicar-me melhor, com palavras textuales, não sei.
E- . . . oh!, isso, mas é isso!, sobre si, quem sabe é a Sara.
S- Por isso mesmo, então, claro, yo no respondi mais, ou com outras palavras, com, no. . . no. . .
E- Não, não é isso!
S- . . . não sei, porque. . .
E- Não!, não!, não estou a falar nesse sentido!
S- . . . mas que a senhora. E. (dirigindo-se nominalmente a E.) me respondeu, me perguntou umas perguntas que a mim, desde logo. . .
E- E p’ra si, custou-lhe?, gostou?
S- Eu fiquei encantada!
E- Eu também.
S- Estava a desejar que chegasse o dia.
E- E eu também. (Tom de sorriso) E agradeço-lhe a sua disponibilidade.
S- De verdade!, e não é por fingir, nem é por ser, não!, eu, de verdade estou a falar bastante sincera, que estou encantada!
E- E eu gostei, também, muito. Muito obrigada.
S- Podiam ir fazendo mais, de vez em quando, mais assim, saber as nossa vidas, aqui, de Portugueses.
E- Obrigada.

¹⁵ Efectivamente, S., a filha e o namorado desta levaram E. a casa, a San Sebastian.

¹⁶ Em Castelhana; leia-se: respondi.

S- Nada, igualmente.

FIM

APÊNDICE 10-2 – ENTREVISTA DE ESMERALDA (CAPÍTULO TRÊS, 2.^a PARTE)

1.^a ENTREVISTA

Entrevistadora - Así creo que no es tanto, (en portugués), ¿Quieres un cenicero?.

Esmeralda - Bueno, si no te importa.

Entr - No, a mí no. ¿Tienes frío?.

Esm - No, está bien. Es que como hemos subido, y calor. No, pero está bien así. Sí, sí. Está bien.

Entr - En portugués.

Esm - Una pregunta, ¿esto sale por la radio?.

Entr - No, esto no sale por la radio, esto es para un trabajo sólo.

Esm - Pero no lo vais a poner en la televisión ni en la radio, ni nada, ¿no?.

Entr - No, yo no voy a hacer eso.

Esm - Es que, la verdad, me da un poco cosa que salga así por la tele, por la radio y ¡vo!.

Entr - No soy jomalista, es un trabajo sobre las familias portuguesas que vienen de Portugal. (En portugués).
Sociología, estudio de la sociedad..., (en portugués), complementamos también.

Esm - Y eso es bueno también.

(Breve interrupção na gravação para Esmeralda ouvir o que já foi gravado, como estratégia motivadora e de desmistificação da discreta presença do gravador)

Esm - Es que a mí me sale la voz más gruesa ahí.

Entr - Sí, es natural. (En portugués).

Esm - Hace años que vine de Portugal (en portugués), la verdad es que esto es bonito (en portugués) y fui porque tenía que comprar una cosa para un recuerdo ¿no?, pero bueno, pero a mí, mi ciudad ésta.

Entr - Y tú, tu historia, ¿cómo es tu historia, cómo fue?, ¿dónde creciste?.

Esm - A ver. Bueno, yo he nacido aquí.

Entr - Habla como quieras, habla en portugués.... Yo me voy a callar porque es tu historia.

Esm - Yo he nacido aquí en San Sebastián, y mis padres han nacido en Portugal, y bueno, hemos estado pues en varios sitios. Por lo que me acuerdo yo, estuvimos en Vitoria un tiempo y luego estuvimos también en Lasarte, pero a la punta de Lasarte. Luego estuvimos ahí también, bastante tiempo, en unas chabolas y luego pues al cabo pues unos seis años, también estuvimos allí, por lo que me acuerdo yo, que era pequeña, estuvimos unos cinco o seis años allí, en las chabolas y luego pues nos echaron porque tenían que poner las chabolas todas abajo, y luego también fuimos para Urbarte, que creí que se llama así ahora, que hay unas fábricas que han hecho unas fábricas. Estuvimos ahí también, bastante tiempo, y luego de ahí fuimos para el último sitio que hemos estado, en Lasarte-Oria, al ir a Andoain.

Estuvimos allí y luego pues de allí nos echaron pues a los pisos. Éramos mucha gente. Pero sólo nos han puesto en pisos a 18 familias. Y luego, bueno, yo, a mí me pusieron en un piso en Loiola, donde está ahora mi suegra, mi ex-suegra. Estuve ahí cuatro meses.

Bueno, yo me casé con un chico, tenía catorce años cuando me escapé con un chico, y bueno, estuvimos, me echaron para ese piso en Loiola, estuve cuatro meses.

Y la verdad es que no he llevado una vida muy fácil, porque mis padres y mi familia no querían a ese chico, pero como era mi gusto, bueno, me escapé con ese chico y nos escapamos para Bilbao.

Estuvimos dos meses en Bilbao, y luego a los dos meses nos vivimos otra vez para Lasarte. Y bueno pues ahí estuvimos pues el año primero que me escapé con él, bien. Mi familia no hablaba conmigo, porque sí que hablaban con él, pues mi familia venían a mi chabola, cuando no estaba yo. Yo iba a la chabola de mis hermanos. A veces comíamos todos juntos, aunque no hablaban conmigo, pero todo muy bien, hablaban con mi marido y bueno, muy bien.

En el año primero sí que muy bien. Y luego pues empezó con las drogas, mi ex empezó con las drogas, pues ya empezaba a darme la mala vida.

Bueno, yo me quedé sin madre a los trece años. cuando me quedé yo sin madre. Y bueno, luego pues me empezaba a dar mala vida, y bueno y estuve cinco años así, sufriendo. Me pegaba, me mandaba a pedir para las

drogas. Cobrábamos un salario y estaba a su nombre, porque yo no tenía papeles ningunos, ni el carnet, no tenía libro de familia, no tenía absolutamente nada. Y como él era mayor de edad y tenía el carnet, y cómo él era Español, porque yo como había nacido aquí pero al ser los padre portugueses, pues tienes los papeles portugueses. Y pues él tenía el carnet Español, y bueno, el salario social estaba a su nombre. El lo cobraba, él lo gastaba, me daba de vez en cuando, pues no se si me daba cinco mil pesetas para comer, pues a los dos días si tenía yo alguno, pues al cabo de los dos días me lo quitaba para sus drogas. Yo solo quería comer yo y mis hijas, bueno, que todavía tenía la mayor que tiene cinco años ahora, pues tendría un añito o así.

Tenía que ir yo a pedir para poder comer yo un trozo de pan, yo y mi hija. Si veía algo que, pues yo algunas veces la verdad, tenía que esconder las quinientas pesetas a escondidas de él, para poder comer un trozo de pan. Y pues lo que ganaba, pues en lo quitaba para sus drogas.

Reñía mucho con mi familia, le dio una palia horrible a mi padre, que en paz descanse. Lo tuvo que mandar al hospital a mi padre, porque se tenían odio. Como no querían que yo me juntase con él se tenían odio y bueno, luego pues estuvieron así cinco años, sufriendo.

Entr - ¿Sucedió en el año, más o menos?.

Esm - Pues tenía yo catorce años. Voy a hacer veintidós, ahora en enero. El veintiuno de enero voy a hacer veintidós. Y bueno, pues estuve cinco años así, sufriendo y bueno, pues los educadores, pues iban a todas las casas cuando estábamos en los pisos, pues tenía que ir dos o tres días a la semana, pues era su trabajo, ¿no?. Y luego yo pues claro, no tenía con quién desahogarme, porque ya me veía muy, muy, muy, muy mal. Y luego pues le contaba todo a esa chica. Y bueno, pues le decía pues lo que me hacía, y me tenía que desahogar un poco. Pues me mandaba a los dos de la mañana igual, pues estábamos yo y la cría durmiendo, pues me mandaba levantar, para ir a un bar a comprar pinchos para él. Tenía que dejar a la niña pequeña con él, y la niña muerta de miedo porque le daba miedo los gritos que daba, porque me pegaba delante de la niña. Y bueno, pues me hacía todo delante de la cría, y me tenía que levantar a las dos o tres o las cuatro de la mañana, cuando a él le diese la gana me tenía que levantar, e ir a los bares a por pinchos, a por papel albal, para él, para la droga. Cuando venía, la cría estaba como tonta con los gritos que daba él, llorando, ya mí la verdad, que se me partía el corazón.

Claro, tenía que hacer todo lo que él quisiese y bueno, pues iba, algún día me mandaba, hacía lo que él quería. Hasta que yo, había, a partir de un año o así, antes de dejarle, había un año o así, que estaba pensando en irme, porque ya estaba harta, Pero a mí me daba miedo las niñas. Me daban mucho miedo, porque él me amenazaba si mañana o pasado si yo me fuese, me quitaba a las niñas, que se las daba a su madre y yo la verdad que yo, más quería sufrir más yo y no me quitasen a mis hijas. Y bueno, yo estuve así cuatro años, y luego, ya dije, bueno, hasta aquí he llegado y ya o aguanto más.

Le pedí la dirección porque yo, como mis hermanos estaban todos en pisos, pero yo no sabía sus direcciones. Yo la verdad con quién más confianza era con el mayor, no, con el de después el mayor. Y bueno, le dije a esa chica, a la educadora, yo le dije, oye, por favor, yo le contaba todo, ella la verdad es que se quedaba de piedra. Es que luego ella no se lo podía decir a él, porque luego él lo sabía y luego a mí pues luego el a mí me pegaba más, ¿no?. Pero Mamen, esa chica, se quedaba peor que yo incluso. Se quedaba ella con más pena que yo misma, porque le contaba todo, y bueno, y le dije por favor, dame la dirección de mi hermano, porque yo esto ya no aguanto más.

Y esa chica, siempre me decía, “cuando quieras, no tengas miedo por las crías, no tengas miedo que te quiten a las niñas, porque las niñas son tuyas, las has parido tú, las niñas son tuyas. Ni él ni nadie tienen derecho a quitarte las niñas. Y cuando quieras sabes dónde está la Diputación. Coges un taxi, si no tienes dinero para el taxi, coges un taxi que en la Diputación te pagan el taxi, y coges, vas a la Diputación y ahí te hacen lo que sea”.

Y bueno, pues después de los cuatro años, el andaba robando, y estando en el piso de Loiola, él andaba robando. Pues robaba de todo, lo cogieron dos veces, lo llevaron para la cárcel, me quedé yo sola con las dos crías en casa, y le dieron dos oportunidades la Diputación, pero no por él. Porque si fuese por él, la primera vez que robó pues a la calle. Le dieron dos oportunidades y se lo dijeron, “a la próxima vez, lo siento, no por ti, (así mismo), sino por Candi y por las dos niñas, pero lo siento y os tenéis que ir a la calle”.

Le dio igual, sabiendo todo, empezó a robar de nuevo, le cogieron otra vez, y bueno, le cogieron y luego pues la Diputación fue a mi casa, bueno fue al piso y tuvimos una reunión y me dijeron que mientras él estuviese en la cárcel, que podía ir para “Fraisoro”, sitio que estaban cuatro familias, que era antes un colegio. Pero que estaban cuatro familias, pues uno de ellos era mi hermano, otra familia era esa quien hemos visto ahora. En total eran cuatro familias.

Porque como no habían pisos así, para todos, pues pusieron a cuatro familias en ese colegio. Tenía de todo, cuartos, cocina, baños, de todo. Y bueno, y me dijeron: “bueno, para que no te quedes sola, así con las dos crías, en la calle, te vas a ir a “Fraisoro”, para ese colegio, que ahí también está un hermano tuyo, y bueno, aunque no os habléis, pero bueno, por lo menos, estás aunque sea con la gente ¿no?”. Bueno, así fue.

Me sacaron de ese piso, cogí mis cosas, me pusieron en “Fraisoro”. A los tres días salió él de la cárcel, y yo estaba en la habitación, y por lo visto, vino una tía mía de Vitoria y un hermano mío y mi cuñada ¿claro!. Pero yo no los había visto.

Resulta que cuando él llegó de, porque vino en un taxi, él bajó del taxi y fue para adentro. Y estaban pues mi tía y mi hermano en una sala y yo estaba pues en una habitación, pero yo no sabía nada. El igual pensó que yo había hablado con mi tía, porque él, no me dejaba hablar con mi familia. Yo no podía hablar ni siquiera con los sobrinos pequeñitos. Porque si me viese hablar con mi familia, bueno, que me pegó bastantes veces. él pensaba, cómo había venido mi tía, pensó como él no estaba, porque yo hablaba con alguno de mi familia, pero era a escondidas de él, pues con mis comadres, con mis sobrinos, pues con algunas primas, pero tenía que ser a escondidas de él. Y él como vio a mi tía y a mi hermano gemelo, como el vio que estaban allí, en “Fraisoro”, porque fueron también, pues de visita, porque no sabían tampoco que yo estaba allí. Y él se dio igual cuenta, pensó que yo hablaba con mi tía. Fue para la habitación, fue cuando habría así la puerta, con una fuerza, que digo ¡uy!. Ya esos tres días estuve en la gloria. Yo y mis hijas. estuve en una gloria.

Cuando vi abrir ña puerta con una furia, dije ¡hay!, para mi sola, ya llegó la mala suerte, ya ha entrado de la puerta para adentro.

Cuando empezó, “ah! o sea que has sido tú que has llamado a tu tía, como yo estaba en la cárcel tú pensabas que yo no iba a saber que habías llamado a tu tía, que has hablado con ella y con tu hermano”. Y bueno, le dije que no, que no había hablado con nadie de ellos, a uno que no sabía que estaba allí, y la otra porque, pues no. Aunque si hablase con ellos tampoco le diría nada. pero bueno, ese día al salir, esos días mismo que salió de la cárcel, me dio una paliza que me quedé desmayada, en el suelo. Y mis dos niñas encima mío llorando. Yo sangrando por la nariz, bueno, por la cara.

Entr - Y tu hermano y tu cuñada...

Esm - Ellos sentir sí que lo sentían, que me estaba pegando, porque es que si fueran ellos donde mí, más me pegaba a mí, para que me fastidiase más mis hermanos, ¿entiendes?. (Ahora se lo explica en portugués).

Esm - Aparcábamos, pues la furgoneta, en algún sitio, pero, hemos recorrido Amara entera. Porque los policías no nos dejaban estar, claro. No nos dejaban estar así, pies con la furgoneta viviendo y así, ¿no?.

Pues íbamos pues hoy aquí, mañana allí, pero todo por Lasarte, Amara, por aquí, por San Sebastián.

Entr - ¿Y han salido de ahí porque él a querido?.

Esm - Es que yo ahí no podía estar, como él estaba detenido, a mi me sacaron de Loiola y pata no irme sola con las dos crías, me pusieron allí, en “Fraisoro”, pero el día que saliese él, esos días mismo yo me tenía que salir. Porque no me echaron de Loiola para no ir con las dos crías no se sabe quien sabe donde ¿no?. Y bueno, pues me pusieron allí. Cuando salió él, pues claro, tuve que recoger todo y irme dos meses con la furgoneta, Estuve así dos meses. Sufriendo igual, no paraba con la furgoneta, andaba para atrás y para adelante y iba para Tolosa, Andoain, a por la droga, si no tenía en un sitio, tenía que ir para otro. Pues a Tolosa, Andoain, Villabona, Amara, Herrera, Intxaurreondo, Lasarte, iba incluso para Bilbao, que fuimos unas cuantas veces a las cuatro y cinco de la mañana.

Entr - ¿Qué droga era?.

Esm - No sé, se ponían en papel albal, y luego con el mechero lo tenía que quemar, y luego hacía como un cigarro, y el humo pues se lo trabaja. Era por papel albal, no sé cómo se llama eso. Y bueno, y estuve así dos meses. Y andábamos así pues hasta las cinco o las seis de la mañana, pero sin parar. Siempre en la furgoneta, para atrás y para adelante, para un sitio y para otro. Y bueno, hasta que llegué a un punto que dije, bueno, aquí he llegado, y ya no aguanto más. He llegado a pesar treinta y siete kilos cuando estaba con él. Mis niñas no podían halar con nadie, porque tenía miedo de hablar con cualquier persona, incluso con un hombre. Incluso con un hombre, la pequeña tenía pues seis o siete mesitos, pero la mayor tenía casa dos añitos y no podía dar una palabra con un hombre, como veía que su padre era un hombre no sé, pues le daba miedo. Y bueno, yo veía así la cría, y la verdad daba pena, de vera así la cría, y pensé, bueno aunque no sea por mí, pero para mis hijas, yo no quiero esto. Yo no quiero este ejemplo para mis hijas.

De no ir a las siete de la mañana me dice él “bueno, arregla a las crías, hazles el café o lo que sea, y vamos a pedir”. Dije bueno, vale, vete tú delante que yo voy a hacer un poco de café con leche para las crías y las voy a vestir un poco, porque hace muchos frío, y luego ya voy a encontrarme contigo.

A las siete de la mañana me pegó, porque estaba drogado, le dio para pegarme, bueno pues me pegó. Le dije yo para mi sola, es la única vez que me vas a poner la mano encima, Se fue, cogí yo casi descalza, uso el treinta y siete y me puse unas chancletas del treinta y cinco, con el medio pie fuera, las crías sucias, la verdad, sucias, mal vestidas, llenas de hambre, cogí y dije bueno, ésta es la única vez que me pones la mano encima Cogí me salí de la furgoneta, Yo y las crías. Llamé a un taxi, ¡eh, por favor, ¿me llevas a la Diputación, donde Pilar?. Y el señor del taxi me vio con, como asustada, porque yo tenía miedo de que él me viese pasar con el taxi ¿no?. Y yo pues con le miedo ¿No?. Y yo le dije a eses señor del taxi: “oiga, por favor”, porque por donde teníamos que pasar nosotros estaba él limpiando coches. Porque él andaba limpiando cristales en los coches. Y teníamos que pasar por eses semáforo y el semáforo estaba rojo. Tenía que parar y dije. oiga, por favor, si no le importa, a ver si podía seguir, es que ahí está mi marido y yo voy a la Diputación, porque no quiero estar con él, porque me da mala vida. Yo quiero ir a la Diputación a ver si me ayudan, y lo que tengo miedo es que él me vea, pues claro, pues pasar por aquí, ¿no?. Y me dice el señor: “bueno, yo así no puedo pasar porque está en rojo, y luego si me ven los municipales me echan a mi una multa que bueno. Lo que voy a hacer es que por favor te agaches”, porque yo iba atrás con las dos crías. Que le estoy muy agradecida a eses señor, que Dios lo guarde donde quiera que esté. “Lo que te voy a decir es que por favor te agaches, te voy a dar una manta y te tapas tú y a las dos niñas, a así pues para que él no te vea”.

Estaba atrás, me agaché como pude, tú y las dos niñas, y me tapé con la manta. Pasamos y dije yo ¡ah!, gracias a Dios que ya he salido, gracias a Dios ¿no?. Y bueno llegué a la Diputación y yo no tenía un duro para darle al taxi. Yo o tenía un duro, y le dije yo al señor. “Oiga, por favor, si no le importa espere aquí diez minutos, que subo a la Diputación a donde Pilar, a decirle que no tengo dinero para el taxi y que ya le voy a pagar.” “No, no, en cuanto has subido ya sabía que no tenías un duro, pero gracias, pero no quiero que me des nada, subes y espero”. Así, con las palabras igualitas, “espero que tengas muchas suerte tú y tus hijas y si mañana o pasado te veo por ahí, pues nos tomamos un café”. y bueno, yo pues muchísimas gracias, y yo estaba así hablando, y se pone “venga, venga, no hables tanto y venga sube, vete, vete”. Así fue. Eran las siete de la mañana, toco a la puerta de la Diputación y se ponen “¿quién es?”, y me vio Pili y me dice “¿qué haces aquí?”, y dije, pues mira. Y se pone la Diputación, “yo ya lo sabía, más tarde o más temprano yo sabía que ibas a dar este paso”. Y bueno, así fue. Ese día mismo pues luego llamaron a los dos educadores y bueno, pues estuvimos hablando, las niñas con un hambre, que bueno, nos pusieron cafés con leche, bollos, bocadillos, y bueno yo helada, estaba helada. Nos pusieron bocadillos, de todo. Estuvimos desde las siete de la mañana hasta las dos de la tarde. La Diputación intentando, pues llamar a ver si había algún piso de acogida, porque yo le dije que eses día, desde eses día no quería volver a verle. Y bueno, la Diputación que bien, que les parecía bien, y bueno. Me encontraron un piso al lado de Eibar. Era un poco lejos, pero es que no había ninguno de acogida d mujeres, así maltratadas.

Estuve ahí dos meses en Eibar. Que le doy también gracias a una vecina que tenía porque eses piso era sólo de mujeres paradas y esa vecina pues cada dos o tres meses iba un chica con hijos, sin hijos, pues pero de mujeres separadas. Y siempre tenía la relación pues con esa chica que iba. Hasta que me tocó ir a mí. Y bueno, una maravilla de señora. Iba a eses piso, hablábamos, me invitaba a comer, a cenar, me daba conejos como una madre, consejos que no tuve de mi madre. Cuando se escapa una chica, se casa, pues siempre tienes el consejo de una madre, yo no tuve esos consejos y los tuve de esa señora que me daba muchos consejos. Que pensase en mis hijas, ya que había dado el paso que había dado pues que pensase en mis hijas. Y que no tuviese miedo. Ella sabía que no era difícil, pues o se puede olvidar todo de repente, pero bueno, pero que tuviese ánimo y bueno.

Estuve ahí dos meses, luego de los dos meses me pusieron en un, estuve quince días donde mi hermano, porque no había pisos porque aquí por San Sebastián y me pusieron quince días donde mi hermano, y la verdad que muy bien. Estuve con mi hermano, hacía cinco años que no hablaba conmigo, y cuando me vio bajar, él estaba abajo en el portal, él ya sabía que yo iba a ir. Estuve cinco años sin hablar con él, y bueno, en vio bajar de la furgoneta de los educadores y él, pues estaba allí ¿no?. Y me vio ya las niñas. vino corriendo, donde mí, abrió los brazos y parecía, yo veía aquello como un sueño. Veía que mi hermano venía y tenía que ir yo. Porque fui yo quién dejó de hablarle ¿no?. Bueno, no les hice caso ¿no?. Y bueno, vino corriendo donde mí, me abrió los brazos y bueno, me cogió llorando,

bueno que parecía un niño, de dos meses cuando un niño llora que tiene hambre, pues igual, Me abrazó, llora os más de media hora y me decía llorando, me decía con estas palabras. (en portugués).

Y bueno, estuvo así más de media hora llorando y hablando. Y yo pues diciéndole que me perdonase, que me daba conejos y yo no los quise antes de escaparme, que me decía que lo que era un hombre drogadicto, y bueno, no le ice caso.

Bueno, estuve ahí quince días, en su casa, él me ponía la comida, la cama donde él dormía en le que había dos camas, pero de una persona. Él dormía en el sofá, que quería para ver la tele. Mi cuñada tenía que dormir en una cama de uno de sus hijos y los quince días que estuve ahí, yo dormía en su habitación. Me daba ropa mi cuñada, me daba de todo.

Estuve ahí quince días y luego pues me pusieron, encontraron un piso en Eguía, de mujeres separadas. También fui para esos piso y estuve ahí un año, y cada dos o tres meses pues ponían a una chica y también como era un piso de mujeres separadas pues cada dos por tres venían chicas. Y la verdad es que también tenía buena relación con las chicas que venían. Aunque me quedaba con pena porque estaban dos o tres meses y luego se iban, venía otra y bueno, ya que empezabas a coger confianza con esas chicas pues te da un poco de no se que ¿no?.

Y bueno, estuve ahí un año, y luego la educadora iba siempre, me daba buenos consejos, me ayudó mucho, y me sigue ayudando, que la tengo como una hermana, más que una hermana. Las cosas que me hizo ella no me las hizo mi familia. Y bueno, estuve un año ahí, en Eguía, y me pusieron para Rentería.

Hace un año, que estoy en Rentería, y bueno, a mis hermanos desde que iba avanzando el tiempo, pues se iban dando cuenta que yo ya no iba a ir con él, con mi ex. Y se iban dando cuenta que yo lo que quería era el cariño de mis hermanos, de mis cuñadas, de mi familia, y pues poco a poco iba hablando yo con ellos y ellos pues que no fue así de repente que hablaban conmigo que yo siempre hablaba con ellos, pero bueno, Ellos pues estaban duros, de repente no hablaban conmigo. El único que habló en seguida fue mi hermano de Intxaurren. Éste que me cogió con los brazos abiertos, y bueno, pues los otros, somos nueve, ocho chicos y yo la única chica, y bueno los otros siete, bueno, pues poco a poco fueron hablando conmigo. Hablo con todos, con toda mi familia, gracias a Dios, y me pusieron para Rentería va a hacer ahora un año que estoy en Rentería, y bueno, pues cada fin de semana pues va algún hermano mío, mis sobrinos, que estoy encantada de la vida.

Mis niñas van al cole. La mayor ya sabe Euskera, y bueno, parece un loro, que antes, no hablaba nada, nada, porque tenía miedo. Al principio, cuando fue a la primera gela, su profesor era un chico y no quería ir al cole. Tuvimos que ir yo y la educadora a hacer una reunión, para ver si podían ponerle una chica, porque la cría le daba miedo. Me decía que le pegaba, que era malo, y que no quería ir con ese chico, que era un hombre, que era muy malo, que era grande y muy fuerte. Y hasta que vimos así a la cría y bueno, yo y la educadora hablamos con la directora del cole a ver si podían ponerle una chica. Y en vez de ponerle en la gela de los dos años, que era el del chico, le pusieron en la gela de tres años, que era una chica. Y bueno, ahí sí empezó a empezar a hablar, con las amigas, me decía que tenía muchas amigas, me decía en los dibujos que ella hacía: “mamá mira, ésta es la educadora, ésta eres tú, ésta es Soliña” (que en portugués es Soliães), y bueno, pues hacía casas, a mí me decía: “mamá mira, ésta es nuestra casa, ahora, antes la otra no, es que la otra era muy fea mamá. Ahora ésta es nuestra casa, yo tengo mi habitación”, y bueno, me decía un montón de cosas.

Y bueno, a partir de ahí la cría ya empezó pues a desarrollar un poco y ya me dice que papá ya no me pega porque ahora ya no le dejo, y que papá que es malo, y porque él me pegaba mucho y que luego ella que lloraba mucho, que no quiere a papá, y bueno. Y ahora ya la verdad, es que ya tiene olvidado muchas, muchas, muchas cosas. Y bueno, ahora está en Rentería en el cole, de maravilla. Al principio tenía un profesor y ya no le daba miedo, y ahora al cabo del año, pues tenía que pasar de gela y ahora es un chico, y bueno, está encantada y yo también.

Y ahora yo he empezado, cosas que hago ahora no las hice cuando estaba con mi ex. Por ejemplo, yo no fumaba delante de él, porque me daba un paliza. Incluso no me podía poner la ropa que quisiese, ahora me pongo la ropa que yo quisiese, ahora me pongo la ropa que quiero. Por ejemplo, los pantalones, no me podía limar las uñas, y ahora incluso cuando me da la gana me las limo, me las pinto. No podía llevar el pelo por ejemplo como ahora, suelto, tenía que ir como una vieja, siempre con el moño.

Ahora, por ejemplo, si me da la gana me puedo poner el pelo suelto, me puedo poner un body, si quiero, que incluso antes no podía. Me puedo poner unos zapatos altos, que antes tenía que llevar zapatillas de vieja. No podía dar una taza de café a alguien que pasase por mi casa, ahora lo hago cuando me da la gana, a quién quiero yo.

Él me daba dos mil pesetas y si gastase cinco pesetas más para la comida, él me pegaba, y ahora puedo gastarme, no lo que quiera, porque no soy rica, pero bueno, quiero decir que puedo gastar tres, cuatro, lo que sea. Ahora incluso me puedo comprar una falda, que en mi vida, los cinco años que je estado con él, en he comprado una falda. Ahora incluso no siempre, me compro una falda, pero bueno, quiero decir que ahora tengo la certeza que no tengo a nadie que me diga pues ahora no vas a comprar esta falda porque te lo digo. Ahora la puedo comprar. Me puedo comprar unos zapatos, lo que se me antojen. Siempre y cuando, claro, tenga el dinero suficiente para poder comer yo y mis hijas. Y bueno, lo que quiero decir es que ahora puedo hacer cosas de las que antes jamás he hecho. Incluso me estoy comprando un anillo de 42.000 pesetas, estoy dando cinco mil pesetas todos los meses, me faltan diez mil, ¡uh, qué guay!. Me compré hace dos años este anillo que cuando estaba con él absolutamente nada.

Estuve dos meses sacándome, cuando estuve en Eguía, sacándome en unas clases el carnet de conducir. Pero como tenía que venirme para éste piso, lo tuve que dejar.

Entr - Que te interrumpieron.

Esm - Claro, porque no me daban los horarios, también, pero bueno, el año que viene si Dios quiere me lo saco. Y bueno, ahora estoy trabajando, haciendo limpieza en una Agencia, voy los lunes de una a tres de la tarde. Luego me voy a casa y recojo a las crías a las cuatro y media. Te quiero decir que hoy mismo no me lo creo que lleve esta vida yo. Hoy mismo no me lo creo. Aunque he dado yo el paso, pero si no fueses por esa chica estupenda educadora, que tengo que es una maravilla, si no fueses por ella, igual habría llegado hasta aquí o igual no, porque la Diputación la verdad que me podían hacer algo, pero no, pues ponerme un piso, ponerme un otro, dame una ayuda, dame otra, ponerme las crías en un cole, ponerme en otro, dándole consejos a la Diputación, que no se qué, que no se cuanto. Y la verdad es que yo tengo que agradecer mucho a esa chica, y gracias a ella he llegado hasta donde estoy. Y estoy feliz de la vida.

Entr - ¿Cuándo conociste a tu marido no estaba en las drogas?.

Esm - El fumar, no fumaba droga, el fumaba porros, pues porro hoy, pues estaba seis o siete meses sin fumar porros, chocolate que se quema. Y luego cuando me escapé con él, bueno al cabo del año, un año estuvimos de maravilla.

Entr - ¿Y él trabajaba?

Esm - El no trabajaba, andábamos limpiando coches, pero éramos felices. Íbamos los dos limpiando coches con otra pareja, un hermano de él. Qué también se casa jovencita. Íbamos los cuatro. No ganábamos mucho, pero éramos felices. Lo poco, él se gastaba lo suyo, yo me gastaba el mío. Incluso podía pues ahorrar un poco. El no me decía pues dame eses dinero. Mi dinero era mío y el suyo era suyo. Incluso cuando yo ganaba menos que él si yo necesitaba más, él me daba del suyo mil o dos mil pesetas más. El año primero, no éramos ricos, ricos, pero éramos felices. Estábamos en una chabola.

Entr - ¿En eses tiempo tienes una buena memoria, un buen recuerdo?.

Esm - Incluso hablaba con mis hermanos, mis hermanos hablaban con él, mi padre no, pero bueno, mi padre no hablaba con él no conmigo. Aunque no hablaba con ellos, pero entraba a su chabola, me daban comida, era como si fueses hablar igual podían a bulto.

Y a partir del año, ya pus empezó con la droga esa, con la coca, hachís o algo así, no sé cómo se llama eso, y bueno, ya empezó a quitarme a mí de hablar con mi familia.

Entr - Te prohibía, y era tu hermano el que te avisaba, el que te ha acogido.

Esm - El me decía, no me lo decía a mi, pero se lo decía a su mujer porque era más mejor hablar con una chica que no, se lo decía a su mujer, a mi cuñada para que a escondidas de él pues me lo dijese. Mira, pues tu hermano a pensado que tengas un poco de cuidado y si quieres venir para mi chabola, la puerta está abierta, y que tuvieses cuidado, y bueno, que cuando quisieses pues un trozo de pan, que ella o él me lo daban. Y yo no hacía caso. Le decía que esa era mi vida y bueno, y que no tenía nadie que interponerse. Y no hice caso de nada.

Entr - Pero en esa época, ¿tenías ayudas si lo necesitabas?.

Esm - Sí, él lo que quería decir era eso, que si yo necesitaba algo podía confiar en él, tanto en el como en su mujer y bueno, que por lo que fueses. Yo incluso cuando me separé, le preguntó la educadora a ver con quién me gustaría estar. Y con quien me gustaría hablar primero de mis hermanos y le dije que el de Intxaurrondo. Porque ya de antes tenía el apoyo, y siempre que iba a la educadora a la casa de mi hermano, cuando estaba con mi ex, le decía, “tu hermana está pasando esto, esto y esto. Me dice lo que pasa, me dice lo que sufre.” Y la educadora se lo decía a mi

hermano, Y mi hermano le decía a ella que cuando quisiese que me fueses para su casa. Yo la verdad que di el paso que di, por mi hermano, Porque sabía que tenía el apoyo de mi hermano. Aunque también lo di por la mala vida que tenía, pero más por el apoyo de mi hermano.

Entr - En esos días malos tú no tenías ese apoyo directamente, te quedabas sola.

Esm - Cuando estábamos en las chabolas sí que iba, pero lo que pasa es que no podía hablar con los educadores, porque estaba siempre él allí, y aunque yo quisiera decir algo, no podía, porque estaba él.

Entr - Y luego han cambiado para el piso.

Esm - Y luego nos echaron para el piso de Loiola.

Entr - Y los educadores continuaban allí.

Esm - Cuando él no estaba no, pero cuando estaba él era él el que hablaba. Yo estaba muda, yo no hablaba absolutamente nada. Cuando fuimos al piso de Loiola, había un sofá, pero ya estaba muy viejo, muy sucio y bueno, la educadora le dijo para hablar con la Diputación para poner un sofá en condiciones. y él le dijo que no, que él si quisiese un sofá que iba a los muebles y que se ponía uno.

Querían poner una cama de matrimonio, porque había dos camas, y que no, que si quería una, él iba a los muebles o a un rastrillo. Incluso la lavadora se estropeó, y la educadora le dijo para llamar a un mecánico, y dijo que no, que ya lo llamaría él, y quería tener todo él a su orden. Que no quería ayuda de nadie. Lo quería hacer todo él, y llegando a la conclusión no hacía nada.

Los cuatro meses que estuvimos en ese piso seguía el mismo sofá, la lavadora tenía que lavar yo a mano, hasta que la educadora dijo pues mira, quién lava no eres tú sino ella. Así que voy a llamar al mecánico y lo vas a pagar porque quien lava no eres tú. Vino el mecánico, arregló la lavadora.

Te quiero decir que tenía que hacer lo que a él se le antojase.

Entr - ¿Y él ha cambiado?

Esm - Luego empezó con las amenazas, incluso para los educadores que les amenazaba de muerte. Si los educadores le llevaban la contraria de que el dijese, decía que ya no los necesitaba, que no quería la ayuda de os educadores y bueno, se ponía insoportable.

Entr - En esa época, ¿si tú comparas esa época de tu vida, y comprando con las personas, nosotros, digamos así?. ¿Cómo dirías que vivías igual, mejor?.

Esm - Pero. Yo comparando lo que he pasado yo en mi vida, con las familias que estaban conmigo en las chabolas, yo diría que no lo desearía a nadie del mundo. Porque esos maridos eran drogadictos, le podían dar una bofetada a la mujer cuando la merecía, que no se la merecía, pero bueno. Te quiero decir que le daban una y estaban dos, tres, cuatro meses sin darle otra bofetada. Podían hablar con quién les diera la gana, podían hacer lo que quisieran, incluso comprarse lo que quisieran, que no teníamos mucho, pero bueno, te quiero decir, que yo incluso, no podía ir a 'todo cien' a comprarme unas medias, incluso ellas podían comprar lo que les dices la gana. Y los maridos no eran drogadictos, podían dar café a quien quisieran, podían entrar a las chabolas quien quisiera y yo no. Y el dinero que se ganaban ellas era de ellas, y yo iba a pedir, me lo quitaba él, para las drogas. Si fuese para algo urgente, bueno, pero era para las drogas y yo me quedaba sin comer. Y te quiero decir que yo no desearía mi vida a nadie.

Entr - ¿Y cuando te has cambiado al piso crees que has mejorado?

Esm - Mucho, mucho. Ha cambiado mucho mi vida ahora. Lo que pasaba en las chabolas lo pasaba igual en el piso de Loiola. Incluso pero, porque en las chabolas cuando me pegaba, si alguien estaba ahí, me podía oír llorar y podían venir a ayudarme. Pero en el piso de Loiola no. Estaba sola y me las tenía que aguantar. La vida en el piso de Loiola y las chabolas igual.

Entr - ¿Y a mejorado desde que...?

Esm - He mejorado desde que fue que nunca se me olvida del 22 de agosto de 1995 a las siete de la mañana, cuando me levanté decidida y dije pues hasta aquí he llegado y voy a dar el paso adelante no atrás. Y mi vida cambió a partir del 22 de agosto de 1995 a las siete de la mañana.

Desde entonces mi vida ha mejorado mucho, pero no te podría decir, es que han pasado tantas cosas en mi vida que no e podría dar tantas. Lo que te quiero decir es que si ha cambiado mucho, mucho ¿no?. La mía y la de mis hijas. Lo importante son mis hijas.

Entr - Para ti está cada vez siendo mejor, ¿no es así?.

Esm - Para mí, incluso esta cada día adelantando a mejor y para mis hijas también. Incluso la mayor me habla en euskera y la pequeña lo está aprendiendo, que entre ellas dos hablan euskera. Y la pequeña también está aprendiendo inglés, está aprendiendo Informática y la mayor está aprendiendo audiovisuales y de maravilla. Ha cambiado mucho. Mucho. Mucho mi vida.

Entr - ¿Y te sientes apoyada por tu familia?

Esm - Me siento apoyada por mi familia, que antes no tenía apoyo y por la educadora, y bueno. Con los vecinos me llevo bien, aunque al principio no, porque antes había un matrimonio de gitanos, que él era también drogadictos, y al verme a mi que también soy gitana.

Ahora nos pedimos cosas si necesitamos, pero cada una en su casa. Un día tenía yo un dolor de muelas y fui a la vecina de enfrente, y le dije: Oye por favor si no te importa me puedes dejar una pastilla para el dolor de muelas que estoy fatal. Era un domingo. Y me dice: sí, sí, mujer, tranquila. Entró para adentro y me trajo una tableta llena de pastillas de Nolotil y me lo dio. Y dije “No, sólo una.”. “No, no, tranquila. coge esto y luego pues oye, te tomas cada ocho horas estas pastillas para que te saquen el dolor de muelas”. Y encantada.

Una vecina del cinto tiene un niño y es de la gela de mi hija. Juegan juntos y cuando la cría lleva, para el recreo galletas o algo, mi hija si él no lleva me dice que le da. Se reparten las cosas como amigos. La educadora tuvo un día una reunión con la administradora del piso y le pregunto a ver si había alguna queja sobre mí y la Administradora dijo que están contentas, que no ha pasado nada. Yo estoy en mi sitio y ellas están en el suyo, y muy bien.

FIM da 1.ª ENTREVISTA

2.^a ENTREVISTA

Entr - Te agradezco, la otra la hemos hecho en mi habitación y esta aquí en tu casa. Te agradezco esto.

Esm - Bueno

Entr - Y mientras tengas poco tiempo ahora, porque ha habido unos cambios.

Esm - Si

Entr - Estabas contándome ¿quieres contar ahora para que yo no me olvide y que en grabados esos cambios?

Esm - Bueno, los cambios es que ahora estoy en unos cursillos de cocina, es de 9,30 a 12 y bueno están muy bien para ir, así aprendo un poco distintas formas de cocinar y bueno así también pa las crias y todo que es bueno que sepan un poco variar la comida y no siempre pues, came patatas, came patatas como nosotras solemos hacer.

Entr - ¿Nosotras quien?

Esm - Pues en nuestra costumbre pues por ejemplo no hacemos salsa así pues como salsa de bacalao.

Entr - Si.

Esm - Pues salsa como para las albóndigas, no hacemos las croquetas nosotras, las compramos y así pues ahorro un poco y es bien saber un poquito de todo.

Esm - Y luego pues me lo dijo a mi y yo le dije que si, que iba a ir a lo de la cocina, pues luego a los pocos días me mandaron una carta que empezaban en Enero y empecé el 12 de Enero.

Entr - Muy bien y termina en Abril me parece.

Esm - Si. Del 12 de Enero hasta el 3 de Abril.

Entr - Y me has dicho también una cosa que me ha gustado mucho que tu actual patrón, tu actual empleador ...

Esm - Donde estoy trabajando de hacer limpieza en una oficina que se lo dijo a la educadora que a mi no me dicen nada pero que ya me lo dijo a mi la educadora que están contentísimas conmigo y que si mañana o pasado hiciera falta algún papel para ir yo a otro trabajo si me saliera otro trabajo pues que ellas mismas me llamaban a mi para ir a ese trabajo y si hiciera falta algún papel pues no se para algo, pues que ellas me lo hacían.

Entr - Ellas las que...

Esm - Donde estoy haciendo yo la limpieza.

Entr - Cambios verdad cambios.

Esm - Si cambios.

Entr - Muy bien. Yo no quería que por un lado la presión del tiempo que tienes niños y por otra parte lo que te quería hablar, quería hablar esta vez no tanto sobre esa parte más difícil de tu vida que ya has habido bastante y no vamos a repetirlo ¿no?. Te pregunto hoy mirando a tu pasado desde que eras niña hasta hoy, lo que no harías hoy, lo que cambiarías. Eso uno puede nunca no, pero imaginando.

Esm - Lo primero es que pensaría un poco una cosa antes de hacerla y no me, lo primero no me casaría tan pronto como lo hice y lo segundo pues, dame mejor con mi familia que es lo 1º mi familia.

Entr - Tus hermanos y tu padre.

Esm - Mis hermanos, mi padres, mi madres, mi madres y no se pues yo lo primero es que pensaría una cosa 1º antes de hacerla.

Entr - Hoy ya lo piensas bien antes de hacer.

Esm - Si, hoy mismo antes de hacer algo me lo pienso dos veces, antes de hacerlo.

Entr - Comprendido.

Esm - Si.

Entr - Otra cosa que me gustaría de oírte en lo que puedas decirme es, si te comparas en general, Esmeralda, en general si te comparas la forma, tu forma de vivir y por ejemplo de tus hermanos en general, que te parece que vives igual, que vives mejor que vives peor, qué te parece. En tu opinión en lo que tu sientas.

Esm - Hoy en general pienso que la diferencia de mis hermanos si viven mejor que yo, yo creo que vivo un poco mejor que ellos, yo vivo un poco mejor que ellos y vivo, por una parte vivo mejor y por otra parte vivo un poco peor.

Entr - ¿Como es eso?

Esm - Porque por ejemplo, yo si necesito por ejemplo ir ¿como te diría yo? a algún sitio, a un médico por ejemplo, hablo pues como ya me ha ocurrido muchas veces, una niña mía se encontraba enferma y yo no estaba con nadie, estaba aquí con mis hijas sola y yo pues, tuve que ir sola yo con las dos crias.

Entr - Que era una que estaba enferma pero has tenido que llevar las dos.

Esm - Eso es, como estaba sola tuve que llevar las dos y me llevé a las dos crías a la 1,30 de la mañana, tuve que ir, coger 1º a la mayor ir al bar llamar una ambulancia, porque no tenía teléfono, llamar una ambulancia, tuve que dejar a la cría en el bar con la chica del bar y luego volver a por la pequeña que estaba dormida. Fui descalza 1º con la mayor, con estos apuros le dió una compulsión, como era la 1ª vez que le daba yo me asusté mucho, se empezó a poner tiesa la cría y bueno fue la 1ª vez. Fui descalza, le dije a la chica del bar que le estoy muy agradecida, que me llamara por favor una ambulancia y bueno en dos segundos, tuve que volver luego a por la pequeña, ya me calcé las zapatillas, las crías con el pijama y bueno fui a la residencia y la cría se tuvo que quedar en observación.

Entr - Si claro.

Esm - Yo no quería dejar a la mayor sola y venirme yo con la pequeña pa casa y me tuve que quedar con las dos crías en observación. Una en cada camita como si fuesen las dos que estuvieran malas y yo en una silla.

Entr - En una silla.

Esm - Y luego pues al día siguiente le llamé a la educadora, le llamé a la educadora y le dije lo que pasó y hasta el día siguiente que la educadora, que me lo dijo luego, que lo había dicho en general a todos lo que había pasado, y hasta el día siguiente yo no vi a nadie allí. Y por ejemplo por eso te digo yo que por una parte vivo mejor porque yo no es que cobre mucho por ir a trabajar, pero me defiendo y pues algunos de mis hermanos necesitan más que yo.

Entr - Si.

Esm - Necesitan más que yo, ellos tienen coches, pues tienen que poner gasolina, tienen pues la mujer tienen más lujos y en nuestra costumbre pues los hombres pues mandan ellos y el dinero son de ellos y yo pues en ese sentido vivo mejor yo que ellos, pero por otra parte vivo un poco peor, porque estoy sola y si mañana o pasado me pasa algo pues tengo que ir, si ese día que me pasó lo que me pasó si tuviera aquí pues no se un hermano, una prima, alguien se podría quedar con la pequeña ir yo.

Entr - Cuidar de la mayor.

Esm - De la mayor, por una, por una que vivo más bien que mal eh pero bueno, ese es mi punto de vista.

Entr - Que ya has vivido con más dificultades ¿no?

Esm - Si, con mas.

Entr - ¿Qué tipo de dificultades?

Esm - ¿Antes o ahora?

Entr - En tu vida.

Esm - En mi vida, pues he vivido muchas, muchas dificultades por parte de la familia he vivido muchas dificultades por falta de confianza de mi familia hacia mí. He tenido mucha suerte en conocer a la educadora, es como si fuera mi propia hermana, la hermana que no tengo y he pasado muchas, muchas dificultades, mucha hambre, mucho frío y mis hijas también.

Y ahora desde que estoy así, pues aunque a veces me veo justa, me veo como todo el mundo un poco justa, pero hambre gracias a Dios yo y mis hijas no hemos pasado hambre.

Entr - En la frecuencia de lo que dices ¿Alguna vez has sentido que eras pobre?

Esm - No, no aunque no sea tampoco rica, rica pero no soy pobre, pobre.

Entr - En tu opinión ¿por qué hay personas pobres? En tu idea.

Esm - En mi vida, no tener cuatro paredes donde se puedan refugiar en cuatro paredes. Pobre, pobre pa mi es las que están en la calle, que no tengan dos paredes pa ellos y pa sus lujos. En mi opinión esas son las personas pobres, pobres.

Entr - Y si tu fueras por ejemplo gobernante, ministra que cambios si pudieras decidir, en relación a esas personas, lo que harías para que estas personas dejaran de ser pobres.

Esm - Si yo pudiera cambiar, lo que cambiaría hay muchas personas que están en la calle y que pasan mucha hambre, lo que yo intentaría hacer por todos los medios, no tampoco darles un chalet a todos, pero bueno, intentar ayudarlos a todos, que no pasaran hambre, que no pasaran frío y ponerles dos paredes para que no pasaran tanta miseria, porque yo se lo que es pasar miseria, pasar hambre y pasar frío. Lo intentaría por todos los medios. Esa es mi opinión.

Entr - ¿De quién es la responsabilidad en tu idea, en tu opinión, de que haya estas personas, que viven así quiero decir?

Esm - Que vivan así pues.

Entr - De quién será la responsabilidad.

Esm - De quien será, pues yo me supongo un poco de todo. En mi opinión un poco de todo, por ejemplo el concejal que gobierna el ayuntamiento no se que, las asistentas, el gobernador, en general todos un poco tienen la culpa del hambre y la miseria que hay.

Entr - Has hablado de diferentes personas políticas y nosotros que no somos políticos también crees que tenemos responsabilidad cuando dices un poco de todos?

Esm - No yo pienso más en los altos, yo pienso más en los altos por ejemplo pues yo no pienso en general pienso en los altos los que tienen un poco de culpa los altos.

Entr - OK muy bien, y hoy te parece que hay más personas pobres que había por ejemplo cuando tú eras niña.

Esm - No ahora hay menos.

Entr - Y para el futuro ¿qué piensas que va a ocurrir que van a aumentar o van a ser menos las personas con dificultades que te parece.

Esm - Yo espero que haiga menos, menos pobreza, espero que haiga menos, ahora no se no pero yo imagina que me imagino el futuro, me imagino que no haiga tanta pobreza como ahora y espero que esté todo mejor que ahora.

Entr - Y hablando de las mujeres como te parece la forma de vivir de las mujeres hoy comparando con la forma de vivir de las personas pues de la generación de tu madre que ha cambiado la forma de vivir.

Esm - ¡Ufl!, mucho.

Entr - Ese cambio es bueno, es para mejor.

Esm - Si es para mejor porque por ejemplo antes las mujeres por lo que me acuerdo de lo que me decía mi madre, que en paz descansa, yo tenía 11 años cuando murió o sea que tampoco recuerdo mucho pero por lo que recuerdo las mujeres antes tenían que trabajar mucho, mucho, ir a la vendimia, a la patata, a la cebolla si querían que comiesen los hijos un trozo de pan duro porque antes eso era lo que había y dos patatas cocidas con un poquito de aceite.

Y antes si las mujeres querían que tuvieran dos patatas tenían que trabajar muy mucho, iban con las carrozas, pues a hacer cestos, a hacer un poco de todo para poder comer dos patatas y ahora por ejemplo, antes no había tantas cosas como ahora.

Entr - Como por ejemplo ¿que cosas?

Esm - Por ejemplo antes, yo no voy a hablar de nadie de mi misma, mi madre tuvo 9 hijos ahora una mujer solo tiene hijos si quiere ahora hay remedio y antes no, antes no había conceptivos no había inyecciones no había el diu no había nada y mi madre tuvo 9 hijos, antes las mujeres, las mujeres de ahora son muy distintas a las mujeres de antes yo creo que la diferencia es mucha, es mucha.

Entr - Y en relación a tu hija a tus hijas, tu hija.

Esm - Tus hijas.

Entr - Tus hijas, lo que piensas que va a ocurrir con ellas, crees que también va a ser diferente su vida de la tuya de tu vida.

Esm - ¡Oie!, yo creo que sí!, las voy a educar lo mejor posible, y que no cometan el mismo error que yo he cometido y que piensen mejor, antes de hacer una cosa que lo piensen dos veces, van a tener mejor vida que la mía.

Entr - ¿Tienes sueños para ellas? proyectos.

Esm - Bueno sueños, tengo muchos, la 1^o es que tengan salud, y que estudien que sean una mujer de provecho y que mañana o pasado se puedan defender que yo no lo pude hacer y que tengan cabeza, lo importante es que tengan cabeza.

Entr - Cuando dices mujeres de provecho que quieres decir?

Esm - Lo que quiero decir de provecho es que hagan una cosa, que, como te diría yo, que estudien que trabajen que no se casen jovencitas y que nadie se ría de ellas como se reían de mí, eso es lo único que quiero y que tengan salud, eso es.

Entr - Dices que se ríen de ti, no entiendo, se han reído ¿no es eso?

Esm - Se reían de mí.

Entr - Rían ahora no.

Esm - Y quiero que aunque no sean ministros, lo que quiero es que estudien que piensen bien las cosas y que sean una mujer de provecho.

Entr - Y dices estudios ¿tienes una profesión que te gustaría que ellas seguirían?

Esm - Ahora no tampoco lo he pensado. Lo que si he pensado es que mañana o pasado cuando crezcan escogan una profesión, lo que quiero es que intenten ayudar, si las piden ayuda a ellas intenten ayudar lo mejor posible a esas personas.

Entr - ¿Para tu futuro que proyectos tienes?

Esm - No lo se eso si que no lo se, ahora mi futuro es estar con mis hijas, estar con mis dos hijas y que nunca nos falte el cariño que tenemos ahora y tener siempre 2 duros para comer un trozo de pan.

Entr - Piensa trabajar más o te gustaría

Esm - Me gustaría, ahora no es que trabaje mucho, solo trabajo los lunes, me gustaría en el futuro trabajar toda la semana, toda la semana y para poder darle un ejemplo a mis hijas, y que mi hijas vieran pues lo que su madre hace y que vieran el ejemplo y que mañana o pasado puedan hacer ellas lo mismo. Eso es lo que pienso yo para mi futuro.

Entr - Quiere decir algo más?

Esm - Darle gracias a Dios y a la educadora y a la vida de llegar hasta donde llevo. Y espero que de aquí en adelante sea pa mejor.

Entr - Yo también.

Esm - Pa mi y pa mis hijas.

Entr - Y yo te agradezco a ti.

Esm - No hay nada que agradecer.

Entr - Tu tiempo, tu disponibilidad y tu amistad.

FIM da 2.ª ENTREVISTA

APÊNDICE 10-3 – ENTREVISTA DE MAFALDA (CAPÍTULO TRÊS, 3.^a PARTE)

1.^a ENTREVISTA

Mafalda- Está bem o som? (Risos)

Entrevistadora - (Risos) Bom, eu não tenho, assim, muitas perguntas. Aa... tenho uma pergunta. É uma pergunta. Aa, nós todos, na nossa vida... passamos por momentos marcantes, ou porque são momentos bons, que nos trazem alegria, felicidade outros mais ressentimentos, ou porque são momentos mais difíceis, nos trazem outro tipo de sentimentos. Ou porque são momentos maus, também nos trazem outro tipo de sentimentos e perante esses momentos marcantes, de diferentes tipos e que nos aa... marcaram de maneiras diferentes aa... nós vamos construindo, não é? A nossa vida, a nossa maneira de viv... de viver. . .

M- De ver as coisas. . .

E- De ver as coisas e de reagir.

M- Hum, hum.

E- E vamos, aa... mudando, ou não mudando. . .

M- Hum, hum.

E-...o que achamos, conforme pensamos. Era sobre os momentos marcantes, aa... da vida, da sua vida, que eu gostava que me falasse; tendo sempre em conta que, como é evidente, este trabalho não vai, eu não vou divulgar para fim nenhum, a não ser para o meu estudo, os elementos que aqui são ditos. Inclusivamente o nome da pessoa não aparece.

M- Sim, sim, sim.

E- São regras mínimas de... de ética, não é? E... pronto, é uma espécie, assim de: conte-me lá a história da sua vida... (Risos de Mafalda) ... o que puder, não é?

M- Sim. Não, tão pouco há grandes. . .

E- Do que achar que é conveniente. . . do que achar que é conveniente. . .

M-... não, tão pouco há grandes segredos, algum segredos pois não. . .

E-... todos nós temos... as nossas privacidades.

M- Sim. Mas não, sim. Eu. . .

E- Talvez para ajudar. . . se pudesse começar por, quando era pequenina: onde nasceu? . . .

M- Sim, sim. Olhe, eu nasci em P.

E- Ai é alentejana?!

M- Sou alentejana.

E- Eu também! . . .

M- Sim? (Risos) Sou a... segunda de seis irmãos.

E- Hum, hum.

M- O meu pai era alcoólico. . .

E- Hum, hum.

M-... e quem sacou a, a família toda foi a minha mãe.

E- Hum, hum.

M- E com cinco anos aa... penso que eu “tive”, como uma doença. . .

E- Hum, hum.

M-... que não sabiam do que é que ia, em P. Então, só houve um médico que disse há minha mãe que o normal era que eu mudasse de ares a ver se... podia sair adiante. Essa coisa de mudar de ares. . .

E- Hum, hum.

M- E então levaram-me para TN, cerca de F? . . .

E- Sim.

M- A vinte e oito quilómetros de F e aí estive dois anos em casa de uma tia. Então parece que eu aí não tinha nada. Aí levava muito bem, sempre com a coisa de que queria ir com a minha mãe, claro. Então, o que é que fizeram? Vieram todos para TN. Vieram os meus pais e... dois irmãos que eu tinha, um maior e a pequena a seguir de mim. E

depois aí cresci. Aí fui à escola, fiz... a sexta classe que... era obrigatório já quando eu fiz a quarta classe, o ano que se obrigaram a fazer, quinta e sexta.

E- Hum, hum.

M- Quinta e sexta e com doze anos me puseram a trabalhar com o médico... do povo dessa vila.

E- Hum, hum.

M- Havia um médico que precisava de alguém que cuidasse os meninos e puseram-me interna... .

E- Hum, hum.

M- ... en nessa casa a trabalhar.

E- Em casa do médico... .

M- Do médico! Que estava pois a... a uns metros da minha casa, mas eu não podia ir mais que cada quinze dias a casa... e tudo isso. Eu não podia sair de lá sem... a companhia dos meus pais... .

E- Hum, hum.

M- Tudo isso. Nada, eu aí “tive”, eu lembro-me que choravam os miúdos desse médico, chorava eu, porque nos levávamos muita pouca diferença; se eu tinha doze, os miúdos tinham cinco... .

E- Hã, hã.

M- ... que tão pouco era uma idade como para estar a cuidar umas crianças, no? Mas tão pouco levava a coisa, não era infeliz, tão pouco. Havia uma cozinheira, uma rapariga de vinte e pico anos, que levava muito bem com ela, chamava-se C, não se me lembr... não se me esquece... .

E- Hum, hum.

M- ... que me ensinava a cozinhar e... e o recorde que eu tenho de casa, pois, é a minha mãe trabalhar, a minha mãe lá... agarrada ao tanque a lavar a roupa aos fins de semana, nunca saía de casa a... a passear. O meu pai mui carinhoso com a gente, sempre. Era uma excelente pessoa, mas... tss... bebia. Estava reformado, tinha algo na coluna.

E- A profissão dele, o que era?... .

M- Era jardineiro.

E- Hum, hum.

M- E trabalhava, era um bom jardineiro. Muito bom jardineiro. Trabalhava para a Câmara Municipal de TN. Trabalhava muito para fora, porque as pessoas sabiam o bem que ele trabalhava e... e encarregavam-no de jardins dessas a... villas que havia e que sigue havendo. Pessoas bastante, de dinheiro. Chamavam-no muito, mas... .

E- Para além, portanto, da Câmara ele tinha também... conseguia sempre... .

M- Sim, à parte disso conseguia. Sim, sim.

E- Tinha sempre um... .

M- Até houve, até que já houve um... um “nesto” que já não podia trabalhar. Já... as mãos moviam muito, já é... tss... já não podia.

E- Hum.

M- Então já deixou de trabalhar e foi quando a minha mãe, que sempre trabalhou, trabalhava numa fábrica de... fiação e tecidos, cá em TN.

E- Hum, hum.

M- E eu sempre vi a minha mãe trabalhar nessa fábrica; mas éramos felizes, tínhamos essa coisa de... o pai “bêbado”, de vez em quando havia, pois, se zangavam... mas vias o carinho que havia entre os dois... .

E- Hum, hum.

M- E sempre marcou muito!

E- Hum, hum.

M- Nunca iam à igreja, porque o meu pai tinha uma experiência muito má que nos contou uma vez e não ia à igreja porque não “creia” nos curas.

E- Hum, hum.

M- Ele dizia, dizia que “creia” em Deus mas não nos curas; porque houve uma vez, parece que ele esteve sem trabalho, sabia (estará bem isto? No?). E parece que havia um cura que tinha um trabalho que se não era por esse cura ninguém podia correr esse trabalho... .

E- Hã!

M- Umas famosas “jocos” ou algo assim, que havia em Portugal. “Jocos” ou... era um, como aqui antes havia a Falange?

E- Há! Sim.

M- Havia em Portugal, havia com outro nome. Juventude...

E- Ligada à política...

M- Sim. Algo assim.

E- Aa... Joc?

M- Joc? Ou algo assim, era.

E- Hum.

M- Será mais ou menos mas... Juventudes, não sei quê...

E- Talvez...

M- Eu sei que aqui era...

E- Sim.

M- ... parecido à Falange.

E- Sim.

M- E... e o Sacerdote, ele com quatro filhos, e o Sacerdote não o meteu a trabalhar, quando o meu pai trabalhava pois... na igreja aa, sempre com essa famosa associação, que não me recuerdo como se chama, de... de igreja, então o meu pai cortou. Mas sempre me lembro que ele ainda que tivesse “bêbado”, quando se ia para a cama sempre se “santiquava”. Sempre assim. Sempre pedia pelos filhos e pela mulher. E isso marca a pessoa, pelo menos quando uma pessoa não está formada...

E- Hum, hum.

M- ... e pouco a pouco vai vendo em casa sempre, no? Lembro-me que a minha primeira comunhão “fize-a”, mas... a minha mãe não assistiu à missa nem nada. Fui eu com o meu pai, só. E logo já “pues” trabalhar em diferentes sítios, trabalhei num hospital, que eu sempre tive a ilusão de ser enfermeira, sempre digo que sou uma enfer... uma enfermeira frustrada, porque não consegui sê-lo. Aa... trabalhei aa, no hospital que era... movido por mu... por freiras, por freiras, sim. Freiras.

E- Hum, hum.

M- Havia... me meteu lá uma irmã, chamada a irmã Mari Paz.

E- Sim.

M- Sempre me recordarei. Que era muito amiga do meu pai. Porque o meu pai “teve” operado do estômago, “teve” operado não sei quê e então parece que fez bastante amizade com essa... freira e como sempre me ouviu dizer que gostava de ser enfermeira, pois falou com essa... irmã e a irmã meteu-me lá no quirófano. Lembro-me da primeira operação a que assisti, foi uma operação de joelho, luego dos olhos, luego assisti a um parto, a um parto de “cesária”.

E- Hum, hum.

M- São... coisas que não, não se esquecem, não? Sempre ficam aí. Mas tive que sair. Eu levava muito mal com a freira do... do quirófano da sala de operações.

E- Aa... Quiró...?

M- Quirófano. É a sala de operações.

E- Quirófano.

M- Donde operam e tal.

E- Hum, hum.

M- Pois, aí estava uma enfer... uma freira que... cuidava de tudo isso e não nos levávamos nada bem.

E- Hum.

M- E então ela ao final quando “seguiu deslocar-me” e mandar-me para... para donde se lava a roupa.

E- Hum, hum.

M- E eu um dia disse aos meus pais que não, que eu não estava no hospital para lavar roupa, que eu queria era ser enfermeira. Então tiraram-me daí...

E- Desculpe, quando foi para o hospital que idade tinha?

M- Uns catorze anos, “tenderia”.

E- Esteve dois anos. . .

M- Dois anos.

E- No. . . no médico?

M- Si. . . Não, não! Dois anos com o médico, entre o médico e isso fui a outro, a outra casa, porque claro, pagava-se muito pouco, naquela época, eu lembro-me que eu creio que na casa do médico eu cobraria “pues” . . . quatrocentos escudos, ou assim. E claro, se havia alguém, haviam as famosas mulheres que andavam sempre a mudar as raparigas de um sítio para outro. Como agora há o fundo de desemprego?

E- Sim.

M- Pois antes era uma mulher no povo, na terra que se encarregava disso.

E- Hum.

M- Então, por exemplo: você precisava de uma rapariga, ele ia falar com os pais dessa rapariga que à sua vez tinha sido contratada por ela para outra casa.

E- Hum, hum.

M- Entende?

E- Hum, hum.

M- Mas ela ia. É que a senhora tal, em vez de quatrocentos vai-te pagar quinhentos, “per” claro, cinquenta eram para ela.

E- Hum, hum.

M- Hum!? Entende o jogo daí havia? Pois em. . . em TN havia uma senhora que se encarregava disso. Então depois do médico. . . pois haverá ido alguma casa e já aí. . . Logo do hospital eu saí e fui para Porto, para Porto para o. . . para o Norte.

E- Sim.

M- Com. . . com uns senhores de Lisboa, mas ia só a cuidar o senhor, um senhor mayor.

E- Que idade tinha (Imperceptível)?

M- Pois “tenderia” quatorze anos.

E- Hum, hum.

M- Quatoze anos, tinha.

E- Hum, hum.

M- E. . . e fui para Pr e aí estive três meses. O senhor estava operado do estômago, havia ficado viúvo enquanto “teve”. . ., enquanto foi operado, tinha muitos problemas de. . . “psicólogos” porque claro, “tava” operado quando a mulher morreu, que não sabia nada e. . . tudo isso, pois estava o pobre bastante mal. Mas eu estava para tudo; tinha que lhe fazer comida, tudo. A filha vivia cerca de TN, era professora.

E- Hum, hum.

M- E cada dois meses ia lá acima a vê-lo, era um. . . uma casa que ele tinha lá de, nisto ao pé do mar.

E- Sim, sim.

M- Ao de mais viviam sempre em Lisboa.

E- Sim.

M- E. . . aí “tive” a. . . pus-me doente e. . . tive que me vir embora. Vim para casa dos meus pais. Logo daí, pois assim andei, de uma casa a outra. “Tive” em Santarém, a trabalhar, também; aí “tive”. . . como um ano e daí já fui para Lisboa. Já me meti numa casa em Lisboa.

E- E em Santarém, era também. . . ?

M- Era.

E- (Imperceptível) em casa?

M- No. Fazia tudo em casa. Tudo em casa. Estava interna.

E- Hum, hum.

M- Com os. . . Mas aí estava com um miúdo com ano e meio, ou assim. Todo o dia com o miúdo, a senhora vinha a comer, com os outros filhos e o marido e eu tinha a comida preparada. . .

E- Hum, hum.

M- . . . a casa fazia-a eu, tudo.

E- Hum, hum.

M- Como uma, como a dona da casa.

E- Hum, hum.

M- O único que não fazia era a compra.

E- Hum, hum.

M- Quando muito o pão, do dia e nada mais.

E- Hum, hum.

M- Acompanhava os miúdos a... ao colégio, mais que ao colégio à camioneta, do mesmo colégio, passava a buscá-los e... e nada. E se fazia.

E- Ainda não tinha dezoito anos!?

M- No.

E- Teria?...

M- Com... com quinze anos deixei essa casa e fui para Lisboa.

E- Hum, hum.

M- Para casa de um médico do coração.

E- Hum, hum.

M- Que havia sido... médico de Salazar.

E- Hum, hum.

M- E... que era muito boa gente, mui não sei quê. Donde pior me senti e donde mais tempo estive. Eram... racistas.

E- Hum, hum.

M- Aa... pagavam... e eu agora, claro, olho para aquela época e digo: quanto pagavam. Pagavam mil escudos, ao mês aos meus pais, para eu lá estar. Era o matrimónio e três filhos. Era se... comidas aa... jantares quase todos os fins de semana, com gente que tinhas que andar, servir tu, porque eu estava sozinha...

E- Hum, hum.

M- ... a servir com a bandeja, no era que a bandeja ficasse em cima da mesa e... e esto, no, no. O vinho, tudo, tudo eu tinha de fazer, servir tudo. Logo tinha uma casa em Estoril, donde íamos cada... tempo, também; que havia que limpar, com su jardim, tudo e aos fins de semana, todos os fins de semana íamos a, cerca de TN, à casa dos pais dele, porque ele dava consulta também ali no...

E- Hum, hum.

M- ... na terra. Então aí tinha, a mãe dele tinha também uma rapariga mas os quinze, quando eu ia a rapariga tinha... folga ela...

E- Hum, hum.

M- ... e tocava-me a mim fazer tudo.

E- Hum, hum.

M- Eu tinha, cada quinze dias podia ir a casa; o Sábado, sair o Sábado de manhã e voltava ao Domingo depois de comer. Era as festas que eu tinha.

E- Hum, hum.

M- E aí conheci o meu marido; tinha quê... dezasseis anos.

E- Hum, hum.

M- Conhecemos-se a... em TN, numa... feira que há e... aos três meses estávamos casados.

E- Não se conheciam as famílias?

M- Não.

E- Conheceram-se vocês.

M- Conhecemos-se a gente, eu ia com a minha irmã e uma amiga, tinha ido passar o fim de semana a... a casa, fomos à feira, uma feira tradicional de todos os anos que há ali os segundos quinze dias de Março.

E- Hum, hum.

M- E ele ia também com dois amigos, um deles eu conhecia e começámos a falar e... “... e vamos ao cinema à noite;” eu pedi ao meu pai, porque o meu pai para isso era muito... recto: “- Com quem vais ao cinema?” “- Pois vou com Anabela, vou com a Amélia...” Tal... Lá nos deixou ir ao cinema e... e começámos a sair, vamos, começámos a sair que... perguntou-me donde eu trabalhava, o que é que eu fazia... ele também estava em Lisboa

em casa de uma irmã e... e nada. “Adeus, adeus, já nos escreveremos.” Ao fim de semana seguinte, como eu vinha outra vez para a Golegã, ele apareceu lá, na casa donde eu trabalhava.

E- Hum, hum.

M- Claro, ali não havia ninguém, mas havia uma pessoa que se encarregava de toda a... a casa, uma porteira.

E- Sim.

M- E... na Segunda Feira quando eu lá chego diz-me; “– Olha, “teve” cá ontem um rapaz assim, assim...” E eu digo, este es fulano tal. À tarde aparece-me com uma irmã. Com uma irmã com quem vivia. E a senhora disse-lhe: “– Pois se, se os pais deixam sair, eu deixo-a sair, porque lhe toca um dia à semana.” Que eu não sabia que me tocava uma tarde à semana a sair, porque nunca me tinham dito!

E- Aí só na altura do namoro é que...

M- Aí foi quando me disse que... Mas havia muitos problemas porque ele escrevia-me, as cartas tardavam em chegar porque não mas davam no dia em que recebiam. Eu saía, por exemplo, um... sábado um... uma quarta-feira que me tocava sair às três da tarde para as sete tinha que estar em casa. Não havia... ele estava sem trabalho e... nada! Já o apresentei aos meus pais, o meu pai pois isso: “– Que se vem aqui você (já sabe como dizem), se vem você com boas intenções será bem vindo e se não, pois vai-a-se embora e tal que ainda está a tempo.” Tudo isso, não? E... e aos três meses disse-me: “– Olha, ou nos casamos, ou eu assim não sigo.”

E- Ou...?

M- Eu assim não sigo. Disse-me ele. Nada! Cheguei donde os meus pais e: “– Vou-me casar.” “– Ah! Muito bem?” No... tinha dezasseis anos, eu é? No foi... essa coisa dizer: Como te vais casar? Tão jovem...

E- Hum, hum.

M- ...sem trabalho! Não, não me disseram nada. Em seguida começaram a arranjar os papéis e nos casámos.

E- Hum, hum.

M- Fomos a viver para casa da minha sogra que tinha... dessas casas “antigas”, sem luz, nem “água”, mas tinha dois andares. A gente ficou lá em cima, eles ficaram em baixo e bá.

E- Em Lisboa, não!?

M- Não, não. Em TN.

E- Não. Em TN!

M- TN.

E- Deixou então essa casa do médico?

M- Deixei tudo. Claro, deixei aquilo para casar.

E- O médico do Salazar...

M- Claro! Deixei para casar.

E- Hum, hum.

M- E... e nada! Casámos e, claro! Não nos conhecíamos e a coisa ao princípio não foi nada bem. Em cima sem trabalho, ele ia... de vez em quando trabalhar com o meu pai, como em toda, ainda... se iam chamando pois meu pai ia com ele tra... era padeiro, muitas vezes encontrava algum trabalho de padeiro para uns... aí quinze dias ia... bá vivíamos. Logo os meus pais ajudavam-me, a minha sogra também, eu sempre me dei muito bem com ela, com os meus cunhados, de maravilha, tratavam-me como uma mais da casa e... nada!, logo nos casámos; vinte e nove de Junho do 75 e... logo passámos à, fomos a viver para casa da minha mãe, porque ele zangou-se com um irmão e não queria lá estar e em Fevereiro, do ano seguinte, de 76, disse-me que como não tinha trabalho ele ia-se, ele ia-se embora, ia para o estrangeiro. Ele tinha um irmão em França...

E- Sim.

M- Mas ele dizia que para França não queria ir. Que vinha para a Espanha a ver o que é que encontrava. E então juntou-se com outro amigo e vieram para Espanha e... deram aqui com San Sebastian; e quando viu isto, aqui ficou. Gostou muito disto, dizia-me pelas cartas que era muito bonito e tal, mas tão pouco encontrava trabalho. Então foi para as minas de Leon.

E- Hum, hum.

M- Em... Vila Belino e aí “teve” a trabalhar também até que se terminou o contracto, mas outra vez voltou para aqui. Porque a ilusão dele era vir para aqui. E aqui “tava” um amigo dele, em Renteria.

E- Sim.

M- Um povozito aqui cerca. E... disse que baixas do... do autocarro e vês: “– Isto é fulano.” Começaram a falar e... nada! Já os meteu em casa dele, ele encontrou-lhes trabalho e tudo isso e... e logo, em Março vim eu. Em Março mandou-me uma carta a dizer que “... quando queiras podes vir que eu aluguei um quarto” e... aqui estou. E eu vim para cá em seguida. Tinha um quarto alugado em Renteria.

E- Em Março de 76?

M- Sim. Ele veio em Fevereiro e eu vim em M... Não, ele veio em Março e eu vim em Junho. Eu vim aqui a fazer um ano de casada.

E- Sim.

M- Eu vim em Junho. Ele em Março e eu em Junho.

E- Sim.

M- Ele tem sempre três meses mais de, de... Espanha que eu.

E- De San Sebastian. Sim, de Espanha. (Sorriso)

M- Sim. (Sorriso e risos de E.) E, e eu tinha uma coisa aa... de, de... de, do estrangeiro.

E- Sim.

M- Tinha uma coisa completamente... sempre dizia, pensava que no havia cães, tinha uma... (movimentação física da entrevistada)

E- Com licença.

M- Isto fazemos ao contrário?

E- É ao contrário, é (arranjos no gravador)...

M- Mas assim está para baixo.

E- Desculpe estar a interromper.

M- Isto é que não está... Este não está ao contrário?

E- Não, é assim. Só que... não pode prender assim. Isso.

M- Sim.

E- Desculpe lá.

M- Aa...

E- Pensou sempre... que não havia cães?...

M- Sim. Eu sempre pensava que não havia cães.

E- Sim.

M- O estrangeiro para mim era que não havia cães. Que não havia... era como um... um sítio idílico.

E- Hum, hum.

M- Aa... não havia animais na rua, que tudo eram um jardim, casas bonitas. E chego aqui e... claro, vi o, o pouco que me ensinaram foi da estação a Renteria, era o normal.

E- Hum.

M- O normal. Eu não tinha visto a “Concha”*.

E- Hum.

M- Não tinha visto o, o bonito no, no me ensinaram no primeiro dia.

E- Hum. Pois.

M- Claro! Porque, claro, Renteria é para o outro lado, foi sair e marchar. E eu dizia: “– Aqui esto no sei se me vai a gostar, porque...” “Incluse” passámos por sítios entre Renteria e San Sebastián bastante esc... escuros! Como é Pasajes e... dois “povozitos” que estão en el meio.

E- Hum, hum.

M- E eu dizia assim: “– Isto é pior que TN.”

E- Hum, hum.

M- Não tem luz, não tem... e eu calada e... a ver o que é que passava, claro! E... pois nada!, meteu-me numa habitação de uma família, era uma senhora e a mãe que... alugavam os quartos...

E- Hum, hum.

M- ... com direito a cozinha.

* Designação da baía de San Sebastián na linguagem local.

E- Hum, hum.

M- Eram duas bruxas! Que eu dizia ao meu marido: “– Não sei se voy aguentar muito aqui.” Entre o mal que nos levávamos os dois, porque não nos conhecíamos, e a senhora sempre a... a espreitar o que é que eu andava a fazer dentro dos meus domínios, porque claro, para mim a minha casa era o mau quarto. Eu tinha a minhas aa... lençóis, eu tinha os meus cobertores, eu tinha tudo isso meu! Não sei porque é que ela tinha que ir, quand... quando eu saía ia ver ao quarto o que é que eu tinha, porque eu punha coisas em sítios que logo na... não encontrava em su sítio. Então eu dizia: “– Ou pões-me a trabalhar, ou aqui dá-me algo.” Então fiz uma “amistade” com uma pessoa dali, uma... que tinha duas miúdas aa... e disse-lhe: “– Busca-me trabalho.” Sem saber falar quase espanhol.

E- Hum, hum.

M- Dizia: “– Busca-me trabalho que eu quero é trabalhar.” E pus-me a traba... Pus-me al mês de estar em San Sebastian pus-me a trabalhar, numa casa, pessoas excepcionais. Era um matrimónio, já mayor, com uma filha casada que vivia com eles; e um filho que era “pilotari”, mas que vivia muito em Cuba.

E- Pilotari?

M- Era... Sim. “Cesta punta”, com uma cesta na mão e jogam.

E- Aaa!! Jogo!

M- Há muito em Cuba.

E- Sim sim, sim, sim, sim, sim, sim.

M- Sim. “Cesta punta”, chama-se. Pois...

E- Desculpe, diz-se assim? Sim, sim.

M- Sim, sim. Ele era “cesta punta” e eu não o conheci... “tive” muito tempo, nessa casa, sem o conhecer até que ele veio para fazer a... a tropa.

E- Hum, hum.

M- Então foi quando o conheci. Era um... um rapaz de vinte e algo anos, belíssimas pessoas, todas. Me ensinaram, pois tudo. Pouco a pouco, porque não sabia falar. A mim, dizia-me de limpar as janelas, dizia: “– Limpa las ventanas.” E eu no limpava, claro! (Sorriso) No é que no limpava, é que no sabia. Limpiava porque via que “táva” sujo e havia que limpar, no? E “táva” todo o dia sozinha, também, hasta às três que vinham a comer...

E- Hum, hum.

M- ... comiam, eu comia com eles e logo eu me ia a casa.

E- Hum, hum.

M- E aí estive bastante tempo. Até que a minha irmã veio... aqui passar umas férias e... e a filha “táva” grávida e não podia estar sem uma rapariga porque “táva” a passá-lo, tinha uma gravidez muito má.

E- Hum, hum.

M- E eu disse-lhe que los queria muito mas que eles tinham que buscar outra pessoa para, para cuidar a... a filha, no? Porque eu ia estar um mês fora...

E- Hum, hum.

M- ... vamos, ia “tar” um mês sem poder ir trabalhar, que vinha a minha irmã e tal e que... Então buscaram a outra e eu s... e sempre me disseram quando precisares damos-te informes.

E- Sim, sim.

M- Aa, nada! A minha irmã foi-se embora, “teve” aqui um mês com a gente, muito bem. Passou aqui o mês de Julho e quando ela se foi embora pois eu... pensei em buscar trabalho outra vez e vim trabalhar aqui para esta torre, que há aqui... mesmo ao lado.

E- Sim.

M- É, aqui é o trinta e ali é o trinta e dois.

E- Sim, sim, sim.

M- Pois uma senhora que tinha um miúdo de quatro anos e um de três meses, então ela queria uma pessoa para cuidar os meninos, para estar em casa; porque ela tinha de começar a trabalhar, porque aqui são três meses que dão para a...

E- Hum, hum.

M- ... para as que estão trabalhando. E eu disse-lhe: “– Pois sou Portuguesa, tenho isto...” Aos dois dias chamou-me e disse-me que, que eu... vamos, que lhe gostou como é que eu tratei os meninos quando a fui ver e tal e ali ca... fiquei eu a cuidar de um miúdo de quatro anos, que ia à escola, e o bebé...

E- Bebézinho.

M- ... e a casa. Ela vinha às três, para comer e o marido era viajante. E então havia semanas que estava e semanas que não estava. E... e em tudo isto, pois as relações com... o “senhor J.” foram melhorando. Pouco a pouco iam melhorando, claro! Já se íamos conhecendo, pêro, tinha um carácter muito Português.

E- Hum.

M- Esse que... “Eu sou o marido e eu mando e... aqui não olhas para ninguém. Aqui no...” muito absorvente.

E- Hum, hum.

M- Muito ciumento.

E- Hum, hum.

M- E havia sempre algum problema por isso. E eu nessa casa “estuve” até que o menino fez cinco anos, o mais pequeno. E entretanto o meu marido “teve” n... no fundo de desemprego, porque ele esteve a trabalhar em... Fuenterrabia...

E- Sim.

M- ... um “espigon”. “Teve” a trabalhar lo, no que era antes a praça de toros.

E- Hum, hum.

M- Aqui em San Sebastian; que fizeram a casa.

E- Na construção.

M- Na construção.

E- Hum, hum.

M- Logo “teve” no “Peine dos Ventos” não sei se a... senhora...?

E- Não.

M- ... Já foi a ver?

E- Não.

M- Pois é uma obra... excepcional. “Teve” aí a trabalhar e daí já ficou no fundo de desemprego.

E- Hum.

M- “Tá” a ver, eu trabalhava aí, tivemos assim... com quatro meses, ou assim, e não encontrava nada. E... um dia já, a senhora da casa chamou-me, do trabalho e aqui vivia uma amiga dela.

E- Sim.

M- E disse-me: “– Vai a falar com fulano...”, um senhor daqui da casa, “... porque Concha...” se lhe... chamava-se a que vivia aqui...

E- Sim.

M- ...” disse-me que vão ficar sem porteiro...”

E- Hum, hum.

M- ...” porque se vai, vai para o... jubilar-se.” Como é que se diz?

E- Aa, re... reformar-se?

M- Reformar-se. “– Vai-se reformar e vayan a falar.” Então viemos falar com as pessoas daqui, com o presidente e tudo isso, fizeram-nos uma entrevista aos dois, não tínhamos filhos e... e disseram que “vale!”, que muito bem, que... nos aceitavam e tal e... e começou a passar o tempo e não nos chamavam. E viemos a falar com o presidente outra vez, que ele disse que ele já tinha dado permissão para que começássemos a trabalhar, que não sabia o que é que passava. Er... era o meu marido que vinha trabalhar, eu seguiria na outra casa. Fomos falar com o administrador...

E- Hum, hum.

M- ... com a pessoa que levava todos os assuntos e punha-nos um monton de problemas! Até que o meu marido disse: “– Que é, me parece que é porque eu sou Português...”

E- Hum, hum.

M- ...” e aqui haverá algum problema.” E por fim fomos falar en sério com o presidente e dissemos-lhe que o administrador estava pondo muitos problemas en... para entramos a trabalhar. Então, o presidente falou com os demais...

E- Hum, hum.

M- ... e ao dia seguinte “távamos” a trabalhar aqui.

E- Então e acha que foi por ser Português?

M- Sim, sim., porque... No por ser Português senão que, depois soubemos que uma rapariga que vinha aqui a trabalhar, também, o marido também tinha ficado no fundo de desemprego...

E- Hum, hum.

M- ... e “tava” a meter e ver se conseguia meter aqui o marido, que me parece muito normal.

E- Hum.

M- Eu creio é que as pessoas tinham que ser mais sinceras e dizer: “- Olha, espera aqui porque há isto e isto, a ver.”

E- Hum, hum.

M- Não andar por detrás...

E- Hum, hum.

M- ... a estragar a vida total a duas pessoas, no?

E- Hum, hum.

M- E, e soubemos isso, no passa nada. A rapariga sigue vindo a trabalhar aqui e... nada; falamos e normal. E... eu segui ali a trabalhar até que um senhor daqui, que era... trabalhava para indústria, tinha uma, a mulher era bastante doente, de asma e de tudo isso e... do coração, e propôs-me vir trabalhar para a casa dele, porque como estava eu aqui em baixo a que a mulher pudesse, num momento dado, chamar pelo telefone...

E- Hum, hum.

M- E eu ir lá acima...

E- Acudir.

M- ... acudir. Falei com a outra senhora, disse-lhe: “- Passa isto...” Em cima eram menos horas.

E- Sim.

M- E, e o dinheiro era o mesmo.

E- Hum, hum.

M- Eu tinha oportunidade de ajudar um pouco o meu marido aqui, porque isto estava feito uma porcaria, porque “tava” aqui um senhor de sessenta e cinco anos a tomar conta disto; tivemos que lavar tudo com água e sabão, de joelhos.

E- Hum, hum.

M- Vamos, tudo! Era horrível os, os vidros de, da rua não se viam, da porcaria que tinha. Vamos que tivemos que pôr tudo muito ao dia, porque é claro estava tudo e... e a senhora disse-me: “- Pois com muita pena, mas...” Que ela não podia pagar mais. E menos prescindir essas horas de mim.

E- Pois.

M- E então eu vim para aqui, vim para aqui e... em vez de entrar às oito da manhã, entrava às onze. E claro essas horas tinha para... poder ajudar-lhe um pouco, no? E, e tive muito gosto lá, numa senhora, maravilhosa. Vivia com o... o sogro, que tinha 100 anos; fez 101 anos. Era uma pessoa que te falava da guerra de Cuba, de tudo isso, que “tava” da cabeça maravilhosa. Eu levava muito bem com ele, de vez em quando dava-me dois duros para tomar um café, quando um café vale cento e picos pesetas... (Risos; sorriso de E.) Mas, claro, ele no... consciente dele... (Eu tenho que ir ali – referindo-se à portaria).

E- Muito bem, muito bem.

M- Eu vou... (Risos. Breve interrupção da Entrevista por a entrevistada se ter levantado para abrir a porta do prédio de que é porteira)

M- ...Pois isso, cuidei essa senhora, e logo... começámos com... que queríamos ter filhos e eu não ficava grávida. E...

E- Desculpe, só para eu me situar, quando mudou para aqui?... Portanto, morava...

M- No ano oitenta e um.

E- Oitenta e um.

M- Vivíamos em Renteria. Do setenta e seis até oitenta e um...

E- De setenta e seis até oitenta e um viviam lá!? E aí vinha trabalhar aqui neste prédio?...

M- Sim, vinha. Sim, vinha.

E- Em oitenta e um é que ficou aqui?!

M- Sim no oitenta. . . bueno, o meu marido começou a trabalhar aqui no oitenta, mas entre que nos pintaram a casa, fizeram um pouco de reformas que a gente queria, aa. . . entrámos a viver aqui no oitenta e um.

E- Sim.

M- E pois isso, eu seguia trabalhando, aqui e já no oitenta e dois, ou assim, foi quando eu comecei a trabalhar. . .

E- A andar p'ra, p'ra esta senhora e o pai dos cento e um anos.

M- . . . aqui em cima, nesta senhora e o. . . si, fez cento e um anos. Su ilusão era fazer cento e um anos, conseguiu fazer cento e um anos e um dia à noite ficou como um passarito dormido, e até hoje. Ele está lá. . . à espera da gente. E. . . então começámos com isso, que queríamos ter filhos e. . . a verdade é que eu nunca tinha feito nada para não os ter.

E- Hum, hum.

M- Mas, não ficava grávida, e aí começaram outra vez os problemas. “– Que se a culpa es tua, que eu não tenho a culpa!” E tudo isso. Por sempre há um culpable.

E- Hum, hum.

M- Tem que haver sempre um culpable, parece que. . . e, e nada. Eu visitava todos os médicos havidos e por haver; todos me diziam, uns diziam que eu tinha algo, outros que eu não tinha nada, hasta que, lembro-me que antes da, de um Natal, no oitenta e dois. . . ou no oitenta e três. . .

E- Hum, hum.

M- . . . fui a um e. . . , um rapaz jovem, que me disse: “– Ao seu marido lhe ti. . . já o viram, também?” “– E pois não. Sempre tenho sido eu.” E disse-me: “– Você tem a cartilha da seguridad social?” Que é ter o médico de graça. “– E que sim, tenho.” “– Pois passado o Natal, você marca uma consulta no hospital, para o doutor tal. . .” Que era ele, nas consultas externas que há. . . (Ruído de relógio de sala a dar horas)

E- Sim.

M- . . . mas, aparece com o seu marido ali. E fomos lá os dois e fizeram-lhe umas provas a ele e se via que quem tinha o problema era ele.

E- Hum, hum.

M- Tinha um massoespémia, que nesse momento não se vê o que é e. . . a verdade é que passou bastante porque fizeram-lhe provas. . .

(Interrupção da gravação para virar a cassete, do que decorreu a perca de 1h de entrevista, posteriormente repetida, aquando da 2.^a entrevista a M.).

. . . E a gente “teve” com os outros. A gente a outra parte não. . . não conhecemos. A entrevistada refere-se à APLE-Associação Portuguesa-Luso-Euskaldun, de que, conjuntamente com o marido, foi membro fundador)

E- Pois.

M- Não sabemos quem são, nem nada. Havia gente bastante, que valia bastante! Logo havia algo, pois que. . . o típico que manda, que gosta de mandar e ainda que numa reunião se diga que se vai fazer assim, assim, assim, ele chega à reunião e muda tudo. E isso o meu marido não! Porque é assim de recto e se tem que ser assim, tem que ser assim! E. . . e isso ao final, entre isso, entre. . . que veio cá o alcalde de não sei donde, com não sei quem e que se fez, toda a festa foi todo ao contrário, o meu marido para isso não vale. Ele é muito amigo de ajudar, de fazer tudo, mas não. . . e disse: “– Tenho muita pena, mas eu aqui, até aqui eu cheguei. No posso fazer mais e. . . e não “táva” para estar a perder o tempo, claro!

E- Hum.

M- E víamos que tão pouco tínhamos. . . e mais, também se meteu mais porque parece que iam fazer uma capelinha à virgem de Fátima.

E- Hum, hum.

M- Com a. . . que a Câmara ia dar um pouco de terreno para fazer.

E- Hum, hum.

M- E ele como quer tanto à Virgem de Fátima disse: “– Ai, eu quero estar metido aí, não?” Mas depois quando viu que não. . . que o da capelinha não. . . parecia que não tinha. . . sítio, “aunque” agora parece que “távam” a dizer que sim, que já tinham o terreno. E. . . tínhamos a falado já com um arquitecto que é amigo nosso, para que fizesse o

desenho, sem... sem estragar muito a estrutura de, do terreno donde ia e tal... E a última vez que “teve” ele com um... um senhor que estava lá metido também, disse que sim que já tinham o terreno, e... e ele já me disse: “- O dia que, que for preciso eu vou lá, porque é a Virgem de Fátima, claro. E... e irei à...” mas não víamos continuidade. Eu tinha muita ilusão por um... por uma biblioteca Portuguesa aqui.

E- Hum, hum.

M- Porque temos muito bons autores, Portugueses, do século dezanove e tudo isso.

E- Hum, hum.

M- E... não via, no. Logo dão muito, queriam uma professora para as crianças, pero não havia suficientes crianças, porque ou juntávamos todos San Sebastián e arredores para ter...

E- Hum.

M- Pero, claro, tínhamos de andar com as crianças de um lado para o outro e hoje em dia estão tão metidas em todas las, todas tantas em tantas coisas que era muito difícil que, que juntássemos todas as crianças para que o governo pagasse a uma professora para estar aqui.

E- Hum, hum. Pois, tem que haver o mínimo, tem.

M- Claro!

E- Eu conheço umas professoras de Português, aqui, e o lugar delas só, elas só se justificam se...

M- Claro!

E- ... houver o mínimo de crianças.

M- E há! O mínimo haverá.

E- Mas a... Mas a... pronto, em certas...

M- Claro, em diferentes, porque Pasajes, por exemplo, Trintxerpe é um povo que tenderá.

E- Têm, só que...

M- Si.

E- Em (Imperceptível)

M- Claro. Trintxerpe também é um povo que tem muita criança Portuguesa. Outra coisa é que os pais queiram, ou não. Porque, claro, encontramos-se logo, em essa associação, estávamos todos fazendo uma, uma reunião de Portugueses e falava-se mais Castelhanos que Português e isso o meu marido punha-lo mau: “- Mas estamos aqui a falar o quê?” Porque em cima nem falavam, nem Português, nem, nem Espanhol.

E- Hum, hum.

M- Juntavam uma mistura, que nem se esforçavam por falar Português.

E- Hum, hum.

M- E, e isso não... pelo menos se vêes que a pessoa está-se a esforçar e se diz: “- Oh! Está-se a esforçar mas não lhe sai, não?” Mas não, não se via isso, tão pouco.

E- Hum, hum.

M- A pessoa começava a falar e, e hay algumas que falam muito Castelhanos, é! E empenham-se em falar Castelhanos.

E- Hum, hum.

M- E depois se não sabes, pelo menos quando estás com os da... do teu país, pois intenta falar bem a tua língua, no?

E- Hum, hum.

M- Não sei, eu também às vezes peço, (sorriso) com a minha filha, de falar mais... vou ao fácil; e o fácil para mim é o Espanhol, não?

E- Pois...

M- Mais aqui, não? Mas sempre me esforço por falar-lhe o pouco... que ela “tá” em casa, pois falar-lhe o Português porque é uma língua que ela pode aprender sem ter que pagá-la. Porque o Inglês, o Francês, tudo isso, se no lo pagas não vais aprender nunca, não? E...

E- Portanto, o Português que ela aprende é aqui em casa?!

M- É em casa. Só em casa e... quando vai a Portugal. Este ano “teve” lá um mês com os meus cunhados e lá “teve” e... segundo eles, fala maravilha.

E- Hum, hum.

M- Fala bem. Passa é que... quando quer algo do pai fala melhor. (Risos de ambas) Sim. Às vezes o pai já lhe diz: “– Se não falas em Português...” Então fala Português.

E- E antes, antes de vir? Portanto, vocês vieram... veio o seu marido primeiro, não é? Por questão do emprego!?

M- Sim.

E- Aa... esse período...?...

M- Eu creio que emprego e com dezoito anos que tens, pois... inquietudes.

E- Ah!

M- Diz lá aa...

E- Hum.

M- Diz o emprego porque neste momento não tinhas trabalho e tudo isso.

E- Hum.

M- Mas eu creio que sempre a coisa dele sempre foi sair fora.

E- Hum, hum.

M- “Tivemos” em Paris, quinze dias, a passar o, o Natal... ,

E- Hum, hum.

M- ... com os meus cunhados e houve possibilidades de ir viver para ali e eu não gostei. Sempre me tirava para aqui.

E- Hum, hum.

M- “Tive” lá quinze dias, em Dezembro, gostei muito de ver a neve, que era a primeira vez que via a neve...

E- Hum, hum.

M- ... gostei muito, aa... passei muito bem isso, mas... donde “tava” San Sebastian, “tava” San Sebastian.

E- Hum, hum.

M- E podíamos “tar” lá, agora e... podíamos “tar” melhor, ou pior! Não se sabe, não? Mas... não sei, ele também desde o princípio quis estar aqui; quis ficar aqui. Tanto que estive em Leon, estive, tudo e não, ele também sempre era a, a coisa de... de vir para aqui para San Sebastian.

E- Hum, hum.

M- É, você não viu ainda San Sebastian de noite?

E- Sim, sim, sim.

M- Ah! Que é uma maravilha, verdade que sim? (Risos)

E- (Sorriso) Aquela iluminação é... é...

M- (Risos) Olhe, uma vez veio no, no jornal uma anedota. Você já sabe que a Deus, se lo vê sempre num triângulo com um olho dentro?... Aqui pelo menos quando... querem desenhar a Deus, fazem um triângulo e um olho dentro.

E- Sim. A visão... sim.

M- A visão que é de Deus, no? E... saía-lhe uma lágrima e dizia: “No es por nada, mas parece-me que aqui foi-se-me a mão” Como dizendo, fize-o tão bonito que até eu choro da emoção, não?

E- Sim, sim, sim.

M- E, e... (Risos de ambas) ... todos os Portugueses que a gente trás, note uma coisa, somos embaixadores das duas cid... dos dois Países.

E- Sim. (Sorriso)

M- Vamos lá, pomos isto uma maravilha.

E- Sim. (Sorriso)

M- E daqui...

E- E, e aqui...

M- ... levamos gente lá. Entende? (Risos de ambas) Eu às vezes digo: “– J. temos que fazer uma medalha.” “– Queres fazer uma medalha porquê?” Vamos lá, es todo o mundo. “Es que... donde viveis? Donde a ETA?”. (Risos de E.) Entra-te assim uma coisa... (Risos de E.) Costumo dizer: “– Não costumamos andar lá com a metralheta debaixo do braço, éh?”. (Risos de E.) E... este ano “tiveram” aqui os patrões da minha cunhada, com outro matrimónio do Norte, de Espinho, e os filhos do pa... dos patrões da minha cunhada. Ao mês, o patrão da minha cunhada estava aqui outra vez. No tinha passado um mês...

E- Sim, sim, sim. (Sorrisos)

M- ... já aqui estava outra vez. Diz que gostou muito. E o outro matrimónio diz que vai fazer outro “migalheiro” para vir aqui outra vez.

E- Hum, hum.

M- E tivemos aqui o ano passado, que encontrámos na rua, um... uma “frogoneta” Portuguesa, com seis Portugueses...

E- Hum, hum.

M- ... e uma criança, a perguntarem (em plenas festas de Agosto, que aqui não há nenhum hotel libre), a perguntar onde podiam dormir e... e ensinámos-lhe isto; fomos donde eles ao final terminaram dormindo em casa de uma amiga, porque não havia nenhuma habitação livre e assim e... gostaram tanto disto que fizemos uma pequena amizade por carta...

E- Sim.

M- ... e também “tão” desejosos de vir aqui.

E- De voltar.

M- Porque iam daqui, mas iam para Itália. Já levavam francos, já levavam os flor...

E- Hum, hum.

M- ... os...

E- Liras.

M- Liras, já levavam tudo; então não podiam ficar aqui. E... mas, faz pouco tempo aa... escreveram-me, pelo Natal escreveram, e estão dizendo, pois isso, a ver quando é que nos toca à gente deir lá.

E- Hum, hum.

M- Que eles são de Braga. Querem que a gente lá vaya para voltarem aqui outra vez. Mas querem que a gente primeiro lá vaya, para poder pagar... (Riso de E.) ... o que lhe fizemos aqui, que não nos devem nada, mas já sabe como são os Portugueses, não? E, e nada! Agora dedico-me ao ponto cruz.

E- Hum, hum.

M- Comecei a fazer e a pediatra da minha filha começou-me a, a meter o inferno no... , porque eu não sabia fazer, nunca tinha feito. (Risos de E.) E começou-me a chatear “- E... você sabe fazer, e você vai poder fazer...” (Riso de E.) ... e “atão”... Agora dediquei-me a isto e é as minhas horas livres...

E- Mas tem muitos!

M- Tenho muitos e todos os que ofereci e tudo. E... e me dediquei a isto agora, nas minhas horas livres, a isto e ao cão. Que não tínhamos, até ao ano passado...

E- Ah! Sim.

M- ... que o trouxemos de Portugal. E... e eu gosto muito de estar em casa, sou muito caseira. A minha mãe costumava dizer que eu nasci para ama de casa. (Riso de E.) Porque eu gosto muito da cozinha, gosto muito de... (Risos de E.) ... de meter-me um dia aí e começar a mover todos os armários e mudar tudo de sitio. Mas agora tenho o cão e não posso fazer tantas vezes isso. (Riso de ambas) Porque há que levar-lo à rua. (Sorriso; riso de E.) Mas vamos, está bem, está... compensa.

E- Acha que a sua vida, aa... quais são os momentos de mudança? Na sua vida? Incluindo desde pequenina.

M- Mudança? Hombre!, foi uma mudança muito grande quando me casei, que me casei muito jovem...

E- Hum, hum.

M- ... com dezasseis anos; sem ninguém que explicasse o que é que ia... a deparar, porque, claro!, ninguém sabe mas, em conjunto, se houvesse alguém que me tivesse dito tudo, mais ou menos, que... casaste pensando que a vida vai ser rosa sempre e não é assim. E logo a mudança, quando o meu marido foi para a universidade; isso ao princípio causou-me... porque vinham muitos amigos aqui. Ouvi-os falar de tudo e eu não podia meter-me na conversa. E creio que isso para mim foi um... um passo para que eu também me quisesse superar. Porque veio-me essa coisa à ideia de que ele está a crescer e eu cada vez estou a ficar mais baixa, porque foram um par de anos que eu fiquei sem amigas, destas amigas de parque.

E- Hum, hum.

M- Porque não saía con, con elas, porque eu estava aqui na portaria todo o dia e... e de repente encontrei-me sozinha, com amigos, que tinha, mas noutra, noutra nível, não?

E- Hum, hum.

M- Mas esses amigos de parque que te juntas porque as crianças são pequeninas e brincam e isso, que não são amigas íntimas, mas necessitas disso, não? Porque é o dia-a-dia, o conviver. . .

E- Hum, hum.

M- . . . o explicar “ . . . que a minha filha hoje fez-me isto e a minha fez-me o outro.” As experiências essas, não? Perdi isso, quando a minha filha tinha dois anos, deixei. Deixei o parque, porque ele começou a estudar e foi quando eu comecei a . . . a . . . , porque entretanto, enquanto ele fez o graduado e fez o acesso, eu sempre saí.

E- Hum, hum.

M- Foi o momento que ele entrou na universidade. Logo os fins. . .

E- Quando fizeram a contratação, não é?

M- Claro. Não, o contrato fizeram-me agora, quando ele já era. . . a mim o contrato fizeram-me no noventa e um.

E- Ah! Só, só depois do “Erasmus”. Sim, sim.

M- Só quando terminou. Foi para ir ao “Erasmus”.

E- Só, exactamente.

M- Logo, quando ele voltou, ele só lhe fizeram para seis meses.

E- Sim, sim, sim.

M- Quando ele voltou disse: “ – E agora o que é que eu vou fazer? O que é que eu vou fazer?, pois vou querer que siga estudando para ver se entro no . . . no . . . de funcionário.” Então voltei a pedir e já me fizeram indefinido.

E- Hum, hum.

M- Já não. . . eu já não voltei a ir ao parque. Logo também foi um. . . cinco anos que eu sempre saí sozinha com a minha filha; Sábados e Domingos, porque ele tinha de estudar.

E- Hum, hum.

M- E então chegaram-me a perguntar se eu me tinha separado.

E- Hum, hum.

M- Porque, claro, não me viam com ele. E. . . isso marcou-me muito! Então eu voltei muito na, na leitura, para estar um pouco à altura dele.

E- Hum, hum.

M- Eu voltava-me na leitura. E. . . queria saber mais. Nunca fui de televisão, no sentido das telenovelas, de ver filmes que não te dizem nada, não. . . nunca, nunca; nem de pequena, tão pouco.

E- Hum, hum.

M- Eu de pequena também gostava mais de ler e isso, não? Mas, muita gente eu sei que se volta logo, pois na televisão a ver novelas, ou isso. Eu voltava-me nos, nos. . . informativos, nos. . . documentales.

E- Hum, hum.

M- Que eu gostava imenso. Algo que pudesse logo, quando “tivessem” eles a falar, que aqui se fez muitos jantares, aqui, ainda que a casa é pequena, chegámos a “tar” aqui doze. . .

E- Hum.

M- . . . a jantar, porque aqui era sempre o núcleo de. . . de, de juntarem-se todos, era aqui.

E- Hã, hã.

M- Havia que estudar? A casa do X.. Havia que não sei quê? A casa do Joaquim, não? E havia que comer? A casa do Joaquim, porque segundo eles, eu cozinho muito bem! (Risos de E.) Então eu comecei-me a notar que era a . . . a esposa-criada.

E- Hum, hum.

M- Não? Há que fazer um jantar, pois M. faz o jantar, mas claro quem recorre é M. e eles seguiam falando.

E- Hum, hum.

M- Então isso a mim fazia muito. . . ainda que eu não dizia nada, dóia-me muito.

E- Hã, hã.

M- E então eu, cheguei a um ponto que disse: “ – No. Até aqui cheguei.”

E- Hum, hum.

M- “– Se há que esfregar a louça, amanhã, eu deixo tudo mas eu quero estar aqui e quero falar com eles.” Porque à hora do café, claro, enquanto eles tomavam café eu ia para a cozinha. . .

E- Hum, hum.

M- . . . a esfregar. E. . . claro, o melhor da festa, como quem diz, era a hora do café, que é já quando estão todos a falar, pois isto, então eu comecei-me a meter, também.

E- Hum, hum.

M- Comecei-me a meter, comecei a ler, comecei a. . . a “tar” mais atenta a. . . às notícias que há, porque era do que falavam também, daí eu creio que cresci um pouquinho. Fiz-me mais valente assim e. . . (Risos) e, e já, já não. . . , já não me senti, que há momentos que dizes: “Pois sim, ele tem um nível cultural que tu não tens, nem nunca tenderás, não?” Mas tão pouco já me importa, porque já superei essa coisa de dizer: não eu até aqui posso e aqui não! Esse medo não. Eu a um momento dado, se for preciso falar de justiça eu falo e em cima dou a minha opinião; não. . . , não, como antes que dava mais com a opinião dele, com medo que. . . que ele dissesse depois: “– Tu pensas assim, mas não é assim.” Não, não, eu penso assim e pronto, não? Porque é assim que eu sinto, no. . . agora já não tenho medo e houve um momento dado. . .

E- Hum, hum.

M- . . . quando ele estava a estudar e que aqui se juntavam, que eu tinha medo. Igual medo ao ridículo assim, não? De não dizer, pois sim. Eu por exemplo, ele é mui monárquico, ele gostaria imenso que a monarquia voltasse para Portugal e eu não! Não vejo razão de ser!

E- Hum, hum.

M- E, e nunca lo discutimos. E agora eu discuto-lo e digo-lhe que não, que porque um senhor nasceu com uns apelidos, uns apelidos, não sei porque é que tem que ser o rei de um país!

E- Hum, hum.

M- E ele dizia-me sempre o mesmo: “– Pois é que o Presidente da República é o mesmo que o Rei.”

E- Hum.

M- “– Faz a mesma vez.”

E- Hum.

M- “– Sim, mas o Presidente da República é, a. . . eleito por os, os, por o povo. E, e agora eu posso falar disso.

E- E argumenta (Imperceptível)

M- E argumento e. . . e sempre, muitas vezes ele sempre se zanga porque diz “. . . que não, que não é assim, que não!” Eu fico assim e não me vais a mudar. E coisa igual há seis anos eu não diria isso.

E- Hum, hum.

M- Eu calaria e, e ponto. Entende? E agora não; agora eu posso dizer que não, que não estou de acordo que um senhor, porque tem uns apelidos e que em cima não é. . . botado por o povo, que seja Rei de um país! Não sei.

E- Portanto, não sei se entendi bem; só para ver se eu entendi: perante essa fase em que se sentiu mais isolada. . .

M- Hum, hum.

E- . . . e. . . e ameaçada, entre aspas, não?

M- Sim. Sim, sim, sim.

E- Algum medo, esse medo entre aspas, não é?

M- Sim, sim, sim. Sim, esse medo, sim, sim.

E- De que falava; reagiu dessa maneira. . .

M- Sim. Sim, sim, sim. A querer-me superar.

E- Hum, hum.

M- A querer superar porque se não eu tinha, pois acabado. . . isso: ser a mulher submissa. . .

E- Hum, hum.

M- . . . a mulher-floreiro, como eu costume dizer.

E- A mulher-floreiro!?

M- Floreiro. Sabe o que é um floreiro? (Sorriso)

E- Sim.

M- Donde pomos as flores? (Sorriso)

E- Hum, hum.

M- (Sorriso) Pois, uma mulher que “tá” aí, que é muito bonita, que é muito. . . pero que é tão tonta que não vale mais que para estar aí, para fazer. . . Não é que eu seja bonita e isso, mas eu encontrava-me já nessa situação: de uma mulher que estava aqui, que fazia a comida para os amigos do marido e pouco mais.

E- Uma mulher-floreiro. Uma expressão. . .

M- Claro! E então eu não queria ser mulher-floreiro.

E- Hum, hum.

M- Não podia ser mulher-floreiro, entonces digo: hasta aqui, começa a pensares: como é que o podes fazer sem ir à universidade, em cima, não?

E- Hum, hum.

M- Então despois nada! Pores-te ao dia de tudo o que. . .

E- Hum, hum.

M- . . . um pouco de cultura general, não?

E- Hum, hum.

M- Correr, assim, pois, um pouco de cultura general.

E- Hum, hum.

M- E. . . e o que é que se consegue.

E- Hum, hum.

M- E. . . logo pensar que tens ideias próprias, que não hace falta que um senhor venha, ou uma senhora, dizer: “tu tens que pensar assim.” Não, não. Eu penso como eu penso e punto.

E- E quando foi do seu casamento, portanto, também me disse que foi um momento marcante.

M- Sim, porque era muito nova.

E- Hum, hum.

M- Encontrei-me, de repente, com um homem na cama.

E- Hum, hum.

M- E sem comer nem beber-lo, assim, aa. . . parece que se levas, que ainda que sejas jovem, mas se levas igual mais tempo saindo com uma pessoa, eu levava três meses saindo com o meu marido, quando me casei com ele; de Março a Junho não há. . . quase não nos conhecíamos. Eu “tava” em Lisboa a trabalhar, não o via e o pouco que o via era aos fins de semana, cada quinze dias.

E- Acha que foi uma paixão? Como é que classifica?

M- No posso. Às vezes que eu digo: o que é que foi? Porque hoje penso que tão pouco nos queríamos e essa paixão assim. . . pois tampoco! Não sei, é. . . aa. . . costume pensar nisso e, e dizemos “– Que nos vimos um no outro “p’a”, “p’a” chegar a isto?” Pois não sei. Porque agora sim, agora sabes o que queres. É completamente diferente que os primeiros anos de matrimónio. Há uma amizade hum. . . uma amizade. Há. . . há um carinho.

E- Hum, hum.

M- Aaa. . . há, como, como é que se diz? Como. . . uma. . . como é que se podia explicar? Como uma. . . um. . .

E- Que se entendem, um ao outro?

M- Si. Mas. . .

E- Não é isso.

M- Como. . .

E- Desculpe.

M- Não, é que. . .

E- Não quero estar a influenciá-la

M- Sim, há uma palavra. . . no. Há uma palavra como um. . . quando um rouba e o outro sabe que roubas?

E- Cumplicidade?

M- Uma cumplicidade!

E- Hum, hum.

M- Há uma cumplicidade entre os dois, que. . . olhamos um para o outro e sabemos o que é que “tamos” a pensar.

E- Hum, hum.

M- E, e. . . e podemos falar. É verdade que somos amigos.

E- Hum, hum.

M- Amigos. O poder dizer que: eu hoje durmo como um amigo.

E- Hum, hum.

M- E... e eu costume dizer: é, o meu marido é muito manitas “p’a” coisas assim da casa.

E- Hum.

M- “P’a” luz, para a água, “p’a” qualquer coisa que tenho, “p’a”... um quadro, para umas baldas, tudo me faz. Eu costume dizer: se algum dia morre, morre-me o carpinteiro, o, o electricista... (Risos de E.)... o amigo.

E- Hum.

M- É, é um amigo, o que eu tenho comigo é um amigo que ele sabe que eu “tu” aí para... para ele e ele para mim.

E- Hum, hum.

M- Há uma cumplicidade entre os dois muito forte, que claro, que ao princípio de casada ah!, tens muita paixão, tens muito isso mas não tens isso.

E- Hum, hum.

M- E eu creio que é muito importante.

E- Acha que foi para deixar de trabalhar, que casou?

M- Não. Não porque eu não deixei de trabalhar nunca. E sigo trabalhando. Eu, eu os anos que “tive” sem trabalhar, entre comilhas- porque não trabalhava fora mas trabalhava aqui com ele e em casa... .

E- Hum, hum.

M- ... foi os dois primeiros anos que a minha filha... que nasceu a minha filha.

E- Sim, sim, sim.

M- Mas o demais eu sempre trabalhei.

E- (Imperceptível) pois, trabalhou... .

M- Não, para deixar de trabalhar não. Não, o que passa é que vives numa, numa... “Tava” a trabalhar numa casa que as cartas iam pero não me entregavam, as minhas iam para ele mas não eram deitadas no correio, para sair com ele sempre havia problemas e uma pessoa que te apetece “tar” com outra pessoa, que gostas, no? Que ainda noé, igual não é o amor, amor, pero... gostas de... não? E ele diz: “- Eu assim não continuo. Nos vamos a casar.” Pois, parece que vês uma luz aberta. E dizes: bueno, tenho que casar pois, para estar com ele, pois caso-me. Não... tão pouco, para deixar de trabalhar não, porque eu... é verdade é que não deixei nunca de trabalhar.

E- Hum, hum.

M- Não... não foi... .

E- Nunca o seu casamento aa... foi impeditivo de trabalhar!?

M- Não!

E- Hum, hum. E já trabalhava bastante antes de, do seu casamento, não é?

M- Pois por isso es, eu creio que, foi uma continuidade.

E- Hum, hum.

M- Hombre!, os seis meses que estive em Portugal, sozinha que ele veio... vamos os, o... depois de casar, tão poucas que eu ali estava a trabalhar.

E- Hum, hum.

M- Não trabalhei, eu deixei de trabalhar para casar e logo esse tempo “tive” sem trabalhar, é verdade.

E- Hum, hum.

M- Até que vim para Espanha.

E- Hum.

M- Voltei a começar a trabalhar e até hoje que não parei.

E- Hum, hum.

M- Tão pouco me sinto amargada por isso.

E- Hum.

M- É uma circunstância de la... da vida que tens que aceitar e punto! Eu sei que os meus pais nesse momento necessitavam de um... pouco mais de dinheiro em casa e eu fui a trabalhar, porque tão pouco naquela época as pessoas de, do nível dos meus pais tinham possibilidades de outra coisa, não?

E- Hum, hum.

M- Eu. . . a minha ilusão era, pois, ter seguido estudando e ter chegado a enfermeira! Mas tão pouco isso agora, quando olho para trás vejo e. . . e não me amarga a existência.

E- Hum, hum.

M- No. Eu. . . sou feliz com o que tenho.

E- Hum, hum!

M- Sempre fui feliz com o que tive, nunca, hombre! Sempre hay uma coisa que pedes um pouco mais, no? Mas não, não me amargo com lo que podia ter sido e não fui.

E- Hum, hum.

M- Eu aceito o que tenho e penso que amanhã estarei um pouco melhor. E já “tá”!

E- Nessa época em que trabalhou, quando era jovem, outras amigas suas trabalhavam? Com essa idade?

M- Não me lembro.

E- Não se lembra.

M- Ai está! Trabalhariam porque estavam nas mesmas circunstâncias que eu.

E- Hum.

M- Quer dizer que não eram. . . havia, duas ou três que poderiam ter seguido estudando.

E- E os seus irmãos, os seus irmãos, também foram trabalhar?

M- Aa. . . eu tenho um irmão, dois anos mais velho que eu.

E- Hum, hum.

M- E si, esse não quis estudar.

E- Hum, hum.

M- Fez a quarta classe e. . . trabalhava na, na fábrica donde a minha mãe trabalhava, tão pouco queria; porque isso de “tar” fechado numa. . . não lhe ia, então meteram-no a trabalhar com catorze anos na Câmara Municipal, na secção de águas. . .

E- Hum, hum.

M- . . . e hoje é chefe de águas.

E- Hum, hum.

M- É. . . na Câmara. Quando há algum problema de água na rua é ele que vai, é ele que anda com os depósitos da água, que distribui para todo a. . .

E- Sim, sim.

M- . . . as aldeias. Isso, sim ele ia trabalhar, mas ele não queria estudar e eu quis estudar, só que não pude.

E- Hum, hum.

M- E a minha irmã, pois a minha irmã es dois anos mais jovem que eu, eu quando saí de casa a minha irmã ainda estava a estudar, logo foi para casa de uma madrinha, voltou para casa e a minha irmã fez a quarta classe já de mayor.

E- Hum, hum.

M- Já para entrar na fábrica fez a quarta classe.

E- Hum, hum.

M- E os outros nenhum quis estudar. Todos trabalham, todos. . . um é carpinteiro, outro tem empresa própria. . .

E- Hum, hum.

M- . . . e. . . e o pequeno que está na Alemanha.

E- Hum, hum. E a Mafalda queria estudar, mas “teve” que trabalhar.

M- Sim. Eu tive esse, eu tinha gostado de ter estudado, sim.

E- E. . . em relação à vida que os seus pais levavam? Acha que há diferenças?

M- Sim! Sim porque. . . a minha mãe não tinha lavadora, não tinha uma máquina de lavar roupa e se agarrava ao tanque a lavar e eu tenho uma máquina de lavar roupa. A minha mãe hoje também tem, mas naquela época não, claro! E tinha seis hijos, havia que lavar roupa, com seis hijos. E lembro-me que eu cheguei a ir ao, ao rio com ela lavar roupa e. . . mas lembro-me disso com carinho.

E- Hum, hum.

M- Creio que são experiências que a minha filha agora “tá” a perder.

E- Hum, hum.

M- Não poder levar o alguidar em cima da cabeça e ir ao rio e isso... mudou para melhor, claro que sim!...

E- Hum.

M- ... porque hoje também metes os, os pratos numa máquina e a máquina lava-te os pratos, não? E... mas em casa não havia um frigorífico, em casa não... a televisão já muito... veio muito mais tarde houve televisão, mas já bastante tarde. Mas... não sei, eu lembro-me, a minha mãe nunca foi dessas mães, pelo menos com os maiores, de agarrar e dar beijos.

E- Hum, hum.

M- A minha mãe é muito seca. Então, com o pequenito sim! Com o pequenito já... já fazia isso. Mas, também, penso que a vida da minha mãe tão pouco foi para ser...

E- Hum.

M- ... mais... mais amável. A vida não foi amável com ela.

E- Hum, hum.

M- E então ela, pois, um pouco amargada.

E- Hum, hum.

M- Então eu, eu sempre disse: sou muito parecida à minha mãe e o meu marido muitas vezes diz-me que tens muitas coisas da minha mãe, de cara também soy como a minha mãe: “Olá carinho.” (Dirigindo-se à filha adoptiva que acaba de entrar na sala)

Filha da entrevistada- Olá.

M- Pode tirar um bocadinho?

FIM da 1.^a ENTREVISTA

Mafalda... Bem...

Entrevistadora Pronto, mas noto que foi assim e fiquei... “– Ah! Então aquela...”

M- Conheceu a senhora do senhor... X? (Ruído de música de fundo)

E- Conheci; estava lá.

M- Sim.

E- ... depois disso travando, já não dá para se gravar mais nada. (Pausa) Bom! Aa... houve este... houve esta... este azar, da segunda parte da, da cassete não, não ter sido gravada. Foi um erro meu; peço desculpa por isso.

M- Tem solução.

E- Aa... eu anotei, mais ou menos, o que é que...

M- O que é que faltava!

E- O que é... cortou. Portanto... Já agora, aproveitava para lhe f... há aqui umas perguntinhas que eu não, eu não, coisas que eu não percebi. Mas, o que é que faltou eu apontei aqui.

M- Sim.

E- Portanto, a sua m... a sua família veio de P para TN porquê?

M- Eu estava doente. E então, como a minha mãe me mandou para casa de uma tia que estava em TN... a ver que... tal... porque o médico dizia que podia ser dos ares da terra e tal, e então eu na casa da minha tia pus-me sempre bem, sempre estive bem e com se... quando eu tinha seis anos a minha mãe, foram todos para lá, também, para TN, pois que... também creio que, pois, a falta de trabalho, também igual em P, também... influenciou bastante... Tudo isso, mas... sempre diziam que era porque eu em P sempre estava doente e em TN não!

E- Porque o seu pai, de qualquer forma, trabalhava em P..., em... P!?

M- Eu creio que sim, não foi uma coisa... A minha mãe sim! Sei que trabalhava, porque... cuidava, trabalhava para a câmara cuidando umas casa de banho públicas.

E- Hum.

M- E... e eu lembra-me de aí, de... de ver a minha mãe aí; e logo em conversas com a minha mãe, também. E... mas igual, o meu pai também estava sem trabalho e... haverá tido a oportunidade de ir para outro lado e fomos para outro lado.

E- E os seus irmãos, aa...

M- Éramos só dois.

E- Aah!!

M- Éramos três. Éramos três: duas meninas e o meu irmão maior. E logo em TN nasceram três mais.

E- Ah! Está bem.

M- Somos três e três de cada lado.

E- Está bem, está bem. Sim senhor. Aa... acha que a sua família mudou..., houve mudanças na forma da sua família, nessa mudança de, de terra?

M- Era muito pequena para entender isso, porque eu comecei a es... a escola com cinco anos, com seis anos e, e claro, foi nessa época e não... (Ruídos de fundo) não...

E- Por exemplo da casa, não se lembra da casa? Da casa em... P?

M- Sim, lembro-me, tínhamos um...

E- E da casa?

M- ... sim lembro-me que eu papeira tive em P.

E- Sim.

M- E lembro-me da minha mãe deixar-me em casa para ir a trabalhar e o meu pai também! E lembro de umas escadas, que eram umas escadas, lembro-me que tínhamos e... e eu estava na janela todo o dia. Isso lembra-me. De... de mais não, a verdade é que não tenho assim... o que passa é quando vou lá a P lembro-me da rua...

E- Hum.

M- ... e de... que havia uma taberna a... debaixo, nós outros... via, víamos em cima uma taberna em baixo, que tinha dessas fitas para não entrarem as moscas?...

E- Sim, as moscas. (Tom de riso)

M- . . . Dessas de plástico. E eu lembro-me de . . . de ir buscar o meu pai a essa taberna. De a minha mãe dizer: “– Vai buscar o pai!” E eu ia e abria, lembro-me de abrir as cintas e, e . . . “– Papá para casa!” E ele vinha comigo, lembro-me, dessas coisas, são assim coisas pequenas, no? (Risos de E.) Logo, também me lembro, em frente de mim havia. . . em frente de casa da minha mãe havia duas senhoras bem maiores que a minha irmãs. . .

E- Hum, hum.

M- . . . não sei se solteiras, viúvas, não sei; sei que eram muito grandes. . .

E- Sim. (Tom de riso)

M- . . . e a minha irmã passava o dia lá! Porque tinha um pássaro, a minha irmã encantava de estar à janela a ver o pássaro das senhoras e, e incluíamos uma fotografia d’onde a minha irmã está à janela a olhar para o pássaro que estava pendurado. (Risos de ambas) São essas pequenas coisas da terra que me lembro.

E- Claro!

M- Logo lembro-me dos cavalos dos correios, era uma rua assim bastante empinada de calça. . . calçada de terra de . . . de pedra.

E- Sei. Alentejanas.

M- Essa pedras típicas Portuguesas!?

E- Hum.

M- E lembro-me de . . . em baixo havia um grande jardim, mais que jardim, era árvores!?

E- Sim.

M- Com um portão e aí era os correios. . . os correios, que eu de vez em quando via, devia ser naquela época assim, sair de lá a . . . a, homens a cavalo. Seria os carteiros daquela época, igual, para irem a . . . a sítios; não sei, no? Mas lembro-me disso, disso é a . . . as pequenas coisas que eu tenho da . . . da minha terra.

E- Hum, hum.

M- O de mais, logo já. . .

E- E a casa, depois, em TN? Acha que era melhor ou que era. . .

M- Hombre! Ao princípio não! Ao princípio era uma casa normal, donde. . . bueno!, nunca foi, nunca vivemos num palácio; a verdade é, é essa mas. . . fomos melhorando.

E- Sim.

M- Eu lembro-me de . . . fomos para uma casa que era como um. . . quatro vivendas. . .

E- Hum, hum.

M- . . . um rés do chão pequeno. . .

E- Hum, hum.

M- . . . donde havia um quarto, uma cozinha, dois quartos e uma cozinha, grande, nada mais; não tínhamos água, tínhamos que ir buscar a água fora; havia que ir lavar fora. . .

E- Hum, hum.

M- . . . tudo isso. Aí nasceu dois irmãos meus, os dois.

E- Hum, hum.

M- Que nasceram ali: o J. e P. Lembro-me de chegar a casa do . . . da escola e não nos deixavam passar porque a minha mãe estava a, a dar à luz em casa.

E- Sim. (Tom de sorriso)

M- Normalmente dava à luz no hospit. . . , bueno, o, o outro tinha dado à luz no hospital mas este parece que não lhe deu tempo. . . (Tom de sorriso)

E- Pois.

M- . . . e deu à luz ali e logo já entrámos e vimos e tal. E logo daí fomos a viver para outra casa, donde já havia água, já havia tanque para lavar a roupa, tudo isso. Logo outra vez mudámos, porque fomos, assim como para as aforas a . . . da, do, da terra?

E- As aforas é? . . . É . . . arredores!

M- Arredores, isso.

E- O.K. É só por causa de entender.

M- Sim. E logo já voltámos outra vez para TN. . .

E- Hum, hum.

M- ... para outra casa pior ...

E- Hum, hum.

M- ... uma casa de madeir. ... como de aa. ... por dentro tudo de madeira, com as divisões de madeira e tal.

E- Hum, hum.

M- E aí tenho a experiência de. ... o meu pai, uma vez alcoólico, se col. ... aa. ...

E- Pendurou!?! (Ajuda ao discurso)

M- Pendurou. A minha mãe trabalhava, já, na fábrica. ...

E- Pendurou pelo pescoço?

M- Sim, sim. Eeh. ... “távamos” nos, foi nuns camavais, que “távamos” na rua à noite, a minha mãe saía às onze da noite e. ... (Ruídos de fundo de crianças) costumávamos estar na rua até que a minha mãe viesse.

E- Hum, hum.

M- Mas camavais, claro costumávamos, não tínhamos televisão em casa íamos a. ... ao café ver a televisão e. ... vivia com, estava vivendo com a gente uma tia minha.

E- Hum, hum.

M- Bom, estava a trabalhar, uma tia minha cerca da gente, uma irmã, meia irmã do meu pai porque era filha só do meu avô.

E- Hum, hum.

M- E. ... e “táva” aí, ou tinha-se ido embora; no, tinha-se acabado de ir embora, essa tia e fui a casa a fazer algo e “táva” o meu pai pendurado pelo pescoço e justo, justo deu-nos tempo a. ... a tirá-lo e. ... e. ... e esse foi uma experiência que eu tenho de pequena muito. ... que me marcou bastante. Durante muito tempo não queria sair de o pé do meu pai, para que não lhe passa-se isso outra vez, não? E. ... e logo já fomos para outra casa, que essa gostava, gostava muito porque tinha terreno com árvores, era um. ... um andar e detrás do andar tínhamos até uma cerejeira, que era tão amarga que não havia quem comece as cerejas, não? (Risos de ambas) Por ter uma cerejeira em casa era uma maravilha. Aí começou o meu irmão maior a. ... a ter pombos aa, destes de aa. ... dos concursos.

E- Sim.

M- Pombos correios!

E- Pombos correios.

M- Sim. Aí começamos a ter, tínhamos um. ... um quintal e muitas coisas e tínhamos aí o. ... os pombos correios e. ... e logo daí já fomos para a casa d’onde agora vive a minha mãe e donde nasceu o meu irmão pequeno e aí leva, pois, bastante tempo; eu já estou aqui há. ... desde oitenta e um e já vivíamos nessa casa.

E- Pois.

M- Sei que num período pequeno de tempo mudámos bastante até que, realmente, nos assentámos.

E- Hum, hum.

M- E lembro-me quando fomos ver essa casa, fui eu e o meu pai e quem era o dono dessa casa era um, um senhor que era alfaiate, que logo chegou a ser aa. ... o presidente da câmara.

E- Hum, hum.

M- E fui eu com o meu pai ver a casa e eu gostei muito da casa e. ... e queria mais dinheiro do que ao que o meu pai podia pagar. E diz o meu pai: “– Quê gostas da casa?” Eu assim: “– Mas como tu não podes pagar pois já, outra vez, ficamos sem casa!” E o homem alugou a casa ao meu pai por o dinheiro que o meu pai queria e. ... e nada; e ali seguimos, ali segue a minha mãe, claro que muda tudo porque. ... o tempo passa e as coisas estragam-se e. ... e o quarto já não é o quarto, agora é a sala, não sei assim, não? E noutro dia a minha filha me perguntava: “– Mãe, vocês eram tantos donde dormia ist. ... na casa da avó?” Tinha três quartos, um salão, a cozinha e uma entrada grande e o banho e logo já. ... (Tosse da entrevistadora) um pouco de quintal e. ... e estava a explicar à minha filha donde é que dormíamos e que. ... disse-lhe: “– Pois, donde a avó tem agora a casa da costura, pois aí dormia o tio R com o tio. ... F e tal. Donde é agora a sala eu dormia com a minha irmã e noutro quarto dormia os avós e na entrada dormia fulano e tal” E a minha filha dizia: “Pois que, como mudou tudo, é!?” Que a avó tinha mudado tudo, porque incluso a sala grande logo já a minha mãe fez um quarto para os dois miúdos que não queriam dormir na mesma cama.

E- Hum, hum.

M- A gente dantes tinha de se aguentar e dormir na mesma cama, no?

E- Hum, hum.

M- E... e isso num período de pouco tempo mudámos bastante de casa, mas sempre foi bastante a melhorar, vamos.

E- Hum. Hum, hum. (Pausa) “Tá” com que idade agora?, desculpe!

M- Trinta e nove. Trinta e nove tenho agora.

E- Aa... e aqui em San Sebastián, quando chegou aa... quis logo trabalhar, não foi?

M- Sim.

E- Eu fiquei com essa ideia.

M- Sim. Sim. Sim, sim.

E- Porque é que quis logo trabalhar?

M- Porque vivíamos num quarto.

E- Ah!

M- Eu vim com um quarto com direito a cozinha e... vivia um, era uma casa donde vivia uma senhora mayor e a filha, também bastante mayor.

E- Hum, hum.

M- E a filha trabalhava num restaurante, ou algo assim, numa cozinha assim dessas.

E- Sim, sim.

M- Mas... a mim fazia-me a vida impossível. Eu não... não gostava de estar em casa, porque sempre m’andava a espiar, a espiar a ver o que é que eu fazia e...

E- Ah! Sim. Já me recordo. Sim, sim, sim, sim.

M- E então quando... eu fiz amizade com uma senhora que tinha uns miúdos e tal e eu dizia-lhe: “- Põe-me a trabalhar! Busca-me trabalho e põe-me a trabalhar!” E justo ao mês de estar aqui já tinha trabalho, já estava a trabalhar.

E- Sim senhor. Está bem. E o seu marido... o seu trabalho e o do seu marido, isto para nós sociólogos é importante aa... foi ilegal sempre?

M- Sim.

E- Já nessa altura era!

M- Sim, sim, sim, sim. Sim. Eu...

E- O seu marido quando veio com os papéis...

M- Não, não! Ele veio sem papéis. O ‘passa é que aqui logo se arranjava tudo.

E- Ah!

M- O ‘passa é que antes havia um problema: não te davam papel de residência...

E- Sim.

M- Se não tinhas a... permissão de trabalho.

E- Sim.

M- E não te davam trabalho se não tinhas permissão de residência; era uma roda. Então tinhas que andar aí, pois jogando um pouco com... com... eles jogavam com a gente e a gente com eles. E... ias ao consulado e era horrível! Eu, sempre disse donde, aqui mais me senti mal! Estrangeira! E mal! Este sempre foi no consulado! Ias lá e em vez de, como dizem que os consulados é um bocadinho da tua terra?

E- Sim!

M- Pois eu nunca me senti assim num consulado!

E- Porquê?... pois.

M- ... aa... pois por como te tratavam as pessoas l... as que lá estavam, no? E... sempre, eu cada vez que tinha que ir ao consulado, a verdade é que ia as menos vezes possíveis, sempre me sentia mal; parece que estava como a pedir aa... como se diz? De mão na... lim...

E- Esmolas.

M- Esmolas! E... sempre digo que entre o consulado e a comissária, donde íamos a pedir o permissão de residência...

E- Comissária espanhola!?

M- Comissária Espanhola. Eu preferia a comissária. Sempre! Encontrava gente muito mais amável...

E- Hum, hum.

M- ... que no consulado.

E- No consulado consulado eram funcionários Portugueses?

M- Aa... havia de tudo.

E- Hã!

M- Havia dos dois. . . havia Portugueses e. . .

E- E Espanhóis.

M- . . . e Espanhóis e creio que sigue sendo assim, agora há, creio que agora hay mas. . . ‘passa é que eu logo a entrar aqui aa. . . havia, há aqui um. . . donde te vendem jomais e isso, como uma livraria?

E- Sim.

M- E a rapariga é j. . . era íntima amiga da rapariga do consulado, D.. E então já. . . a coisa mudou, mas não mudou muito, eu, dessa coisa que estás à espera e vez como as pessoas tratam as pessoas mayores!

E- Hum.

M- Lembro-me que das últimas vezes que fui estava uma senhora mayor que vinha de França com. . . não sei se era o marido, se era um cunhado, se era um filho morto, que “tava” na porta, o caixão, e ela precisava dos papéis “p’a” poder passar a fronteira; pois já tinha passado a fronteira de França e, era uma senhora mayor que “tava” a ser tratada, que dava vontade de dizer: esta senhora maior precisa de ajuda! Não precisa que a tratam mal, não? Ou. . . Estavam lá, todos os impedimentos havidos e por haver, p’ra que. . . e não sei, isso a mim é. . .

E- Como é que explica que trat. . .

M- Como é que explico?

E- . . . que tratassem assim os emigrantes?

M- É. . . eu creio que. . . lembro muito em Portugal quando, por exemplo, estávamos na sala de esperas dos hospitais, quando passava o doutor todo o mundo se levantava: “Olá, bom dia senhor doutor.” E o senhor doutor não dava nem os bons dias, porque. . . era como se não passasse ninguém. Aa, creio que é essa coisa de: eu estou deste lado e neste momento sou eu que mando! Então como sou eu que mando faço o que. . . me apetece, não sei. Creio que essa aa, prepotência, essa. . . essa vontade de, de de pisar ao que está debaixo, não?

E- Estou a entender.

M- E, e ainda que o debaixo seja igual, mais que tu, não?

E- Claro.

M- Mas nesse momento como es tu que preci. . . , que tens nas tuas mãos essa coisa de fazer papéis, de, de realmente ajudar para que essa pessoa, o problema solucione, pois. . . eu posso agora pisar e piso. Pero eu não creio que seja só os Portugueses, é?

E- Hum.

M- Nesse sentido creio que. . . a raça humana somos assim!

E- Claro!

M- Não? Houve uma coisa que, quando eu vim para Espanha, que me chocou muito, porque em Portugal isso t. . . ainda hoje não é, creio que não é, pelo menos quando eu vou lá. . .

E- Hum, hum.

M- . . . é que todo o mundo se tratava de “tu”.

E- Sim.

M- E isso a mim, ao princípio eu não entendia isso! Digo: “– Se não me conhece de lado nenhum, como me trata de “tu”!” E quando vês os pais tratarem de tu aos avós, aos. . . não sei, é. . . foi uma coisa que me chocou muito, até que realmente metes e empiezas a dizer: Claro! Eu não soy mais que ele, ele não é mais que eu! Somos. . . iguais, não? E, e chegas lá e. . . e vês um, eu com os meus cunhados to. . . ainda nos tratamos de você.

E- Hum.

M- E uma, é completamente diferente. Eu digo: “Que, que culturas, verdade? Que. . . diferentes! Tão perto! . . .”

E- Hum, hum.

M- . . .” e, e em culturas somos completamente diferentes!” Nesse sentido. Isso chocava-me muito. (Ruídos de fundo-mota a passar) eu lembro-me quando o meu pai aqui veio, ele dizia o mesmo. Dizia: “– Este que me tratou de “tu”, mas eu não o conheço de lado nenhum!” E essa coisa de. . . das culturas, não?

E- Hum, hum.

M- E. . . agora já me acostumei e agora é ao contrário, às vezes, quando vou a Portugal sempre tenho que ter um cuidado porque. . . (Tom de riso)

E- (Risos) A tendência. . .

M- . . . a qualquer não se sente, não se sentem bem a que . . .

E- Pois.

M- . . . que . . . te tratem de “tu”, não? (Risos de E.) E a verdade é que às vezes me sai porque, já é o natural daqui, não?

E- Claro!

M- Ainda que eu tenho bastante cuidado com as pessoas maiores. Há, há muita pessoa maior que eu trato e costumam-me dizer: “– Tão velha me vês, para que me trates de você!?” E . . . e não é . . . (Risos de E.) . . . por isso já não pelo respeito que uma tem, não?

E- Sim.

M- E . . . e em Portugal isso é completamente diferente. Não faz muito tempo a minha mãe pôs-se mal quando eu lá estava e . . . como não havia ninguém acompanhei-a ao hospital, ainda passava o médico e as senhoras maiores lá de, dos arredores ainda se levantavam e eu não me levantei porque, de que se esse homem a mim não me disse, ou essa mulher, a mim não me diz “bom dia” nem me diz “boa tarde” porque tenho eu que me levantar . . . e t . . . e em cima todo o mundo me mirava . . . (Tom de riso; riso de E.) . . . olhava para mim como dizendo: “– Tu não te levantaste!” E eu dizia à minha mãe: “– Pois não! Não me levanto!” E no es porque n . . . lhe falta ao respeito, é porque não sou mais, nem menos, que ele. No meu modo de ver, igual nesse . . . evolucionei en esse sentido, não? Eu sou muito boa, sou muito, mas a mim já quando um senhor passa, as pobres mulheres do campo se levantam: “– Olá senhor doutor, bom dia!” E o homem não se digna nem a dizer: olá, bom dia.” Para mim nesse momento quem tem mais cultura são as senhoras do campo. E o senhor por muita Universidade que teve, e muitos estudos, muitos livros que abriu não tem cultura nenhuma! Para mim, não? Nesse sentido eu penso assim!

E- Em relação a essa experiência do consulado e de ver . . . a, no consulado como eram tratados os emigrantes e a . . . Isto fez-me lembrar outra, outra pergunta, talvez; aa . . . como é que se sente aqui? Sente-se aqui emigrante!?

M- No!

E- Como é que se classifica?

M- No, no, no! Nunca! Uma mais que veio para aqui, se enamorou disto e aqui ficou.

E- Hum.

M- Nunca me senti emigrante e tão pouco me se . . . (Ruído de relógio que toca) me fizeram sentir. Nem quando vou fazer os papéis, nem c . . . não, não. Nunca!

E- Aa . . . mas acha que, acha que todas as pessoas que vieram de Portugal aa, se sentem e estão como . . .

M- Como emigrantes?

E- . . . como está? Como se sente?

M- Não! Não, eu conheço muita gente que conheci lá no . . . nesta associação, que estão desejando terminar de fazer a casa para ir para Portugal, a coisa dela, delas é, é isso; deles, vamos. É fazer a casa e poder ir para lá, qualquer semana que tenham de férias vão para lá.

E- Hum.

M- E igual também será que não tenho posses e . . . eu também gosto de lá ir . . . pa . . . mas eu chego lá aa, se tenho quinze dias chego, eu à semana estou desejando volver, voltar para cá porque vejo-os, estão todos bem aa, vejo aquilo, “O que é que eu aqui estou a fazer?” Se lá, aqui é donde tenho a minha vida e eles não! Eles entram a . . . um pouco a . . . de mal corpo quando pensam que têm que vir; eu conheço uma que se põe doente quando . . . pensa que . . . que tem que vir p’ra . . . p’ra cá! Eu não, eu aqui sou feliz, feliz! Eu creio que ao contrário, eu já não, já não iria viver para lá

E- Portanto, não está no, no seu, nos vossos projectos . . .

M- Nos meus não.

E- . . . voltar . . . Nos seus não.

M- Nos meus não! Que não quer dizer que não vaya!

E- Claro! Estamos a . . .

M- Isso porque a vida dá muitas voltas, mas eu agora mesmo dizer . . .

E- Estamos a falar agora, não é?

M- Sim, sim. Agora mesmo dizem que eu tenho que voltar para lá e a verdade passaria muito, muito mal! (Pausa)

E- Bom, em relação à, à, à não gravação o que . . .

M- O que é que falta?

E- Estava entre os exames a . . .

M- Hum, hum.

E- ... do seu marido, os exames de saúde, quando começou a falar nisso mudou-se de cassete e portanto. ... toda essa parte de, de chegarem até à adopção.

M- Hum, hum.

E- E também a parte do, da opção dele, do estudo e depois do sonho de Coimbra, isso não, não ficou.

M- Pois fica sem ele! (Risos de ambas) Pois sim. Bo, pois isso. ... (Riso de E.) ... a gente (Tom de sorriso)

E- Que grande susto! (Tom de riso/Risos)

M- (Risos) Pois começámos isso a. ... em Rentería, vivíamos ainda em Rentería aa. ... foi um, um. ... um pouco tempo antes de entrarmos aqui a trabalhar.

E- Hum, hum.

M- Depois começamos isso, a pensar em ter filhos, eu nunca fiz nada para não os ter, não? Mas. ... começamos a pensar: “Pois, vamos ter filhos, a ver.” Depois eu queria ficar grávida e não havia maneira.

E- Hum, hum.

E- Então fui aos médicos, claro! Aa, porque a culpa sempre é d’uma e. ... comecei a ir, médicos p’ráqui, médicos p’ráli, creio que não houve médico em San Sebastian que eu não conhecesse de. ... ginecologia e até que um médico me disse que, que fosse também com o meu marido, que eu tinha que ir também com ele; tinha-me feito uns exames ele e como eu tinha caixa. ...

E- Hum, hum.

M- ... pois. ... disse-me para ir ao hospital. Marcou-se, ele. ... um rapaz jovem U., chama. ... chamava-se e espero que se chame.

E- Pois. (Sorriso)

M- E. ... mandou-me ir ao hospital, à tal consulta, isto pelo Natal, lembro-me e “feliz Natal” ... (Risos de E.) ... disse-me ele. Depois do Natal a gente já se encontra e. ... lá fomos e. ... a verdade é que o meu marido em seguida disse que sim, que ele. ... já contava ir, não. ... pôs nenhum problema.

E- Hum, hum.

M- E. ... e fizeram-lhe os exames lá, no mesmo dia e disseram-lhe que. ... que tinha algo mas que não sabia o que era. Ingressaram-no, fizeram-lhe provas aos testículos, não é? Como quem diz um. ... um coelho de índias, porque nessa momento andavam bastante perdidos.

E- Pois, não sabiam. ...

M- Como agora têm filhos até os que não podem ter, naquela época não era assim e “teve” ingressado pois. ...

E- Internado, não é?

M- Internado.

E- Sim.

M- Fizeram-lhe todos as provas e tal e então já lhe disseram que o problema era que ele tinha uma azoospermia?? Que tinha. ... esperma, mas não tinha espermatozoides.

E- Hum, hum.

M- Mas não sabiam a causa, não? Então eu. ... que havia de fazer mais exames e tal e eu disse-lhe que não, que já sabendo que era isso que não havia necessidade de estar a sofrer mais, porque ele tinha passado bastante mal, tinham-lhe feito contrastes e todo isso, bastante. ...

E- Exames dolorosos.

M- Exames muy dolorosos. Eu dizia-lhe: “– Pois sabendo que é isso, pois não creio que precisas de mais nada para. ... pois não se pode, não se pode!” E. ... entram. ... entrei em casa, já entrámos aqui a trabalhar e. ... e entrei em casa de uma amiga da L., de T., que és médico de ossos e. ... um dia falando e tal aa. ... disse, perguntei-lhe; tinha ouvido falar eu de uma clínica em Barcelona, que se chamava K., era conhecida de. ... de problemas de rins e tudo isso de homens e falei com, com esse, com o marido dessa T. e. ... –M. lhe chamamos– e perguntei-lhe se havia possibilidades de, de irmos lá. E ele conhecia o que era o urólogo do meu marido.

E- Sim.

M- E então ele disse “sim”; por meio de. ... de fulano eu disse-lhe: “– Pois, esse é o médico que tem o, o meu marido, que no Hospital o operou e tal. ...” Disse: “– Pois, por meio dele podes ir para que não pagues nada, a caixa pode-te mandar.” Falámos com ele e, e isso fizemos. Fizemos as provas e tal, aqui ainda inventaram que ele voltasse ao

hospital e este disse-lhe que não e eu também disse-lhe que não, então o, o, o outro médico portou-se muito bem e passou todos os papéis, todo o historial e fomos para Barcelona. E aí num prazo de seis meses, entre. . . fomos três vezes lá, uma vez para uma entrevista, a fundo, que fizeram, a. . . depois já “p’a” os análises preparatórios “p’a” operar e logo ya “p’a” operar. E ali já disseram que ele o que faltava não era (segundo põem no papel), era. . . as paredes dos testículos que fabricam os espermas ele não tinha; então, tem todo o líquido menos os bichitos! Assim no los explicaram e assim é como eu explico à minha filha. E, e nada! Aí ficámos pois já, pelo menos saber que não. . . hoje em dia que o problema que tem o meu marido posso ficar grávida!

E- Huum!

M- Com os novi. . . novas técnicas que há e tal.

E- Hãaam.

M- Mas eu já sou um bocadinho mayor e já. . . (Sorriso) me parece que não.

E- Hum.

M- Mas naquela época. . .

E- Não.

M- . . . não se podia e. . .

E- Naquela época não. . .

M- . . . e lembro-me que o médico era, era um equipo, te dá uns papéis, está muito, muito bem preparados! Para isso são catalãs. E. . . (E. tosse) Estão muito bem preparados, dão-te todo o equipo médico que, que te vai atender, quem te vai operar, tudo, não? E lembro-me que havia um senhor que era como árabe.

E- Sim.

M- Era um médico árabe.

E- Sim.

M- Que ya no, ya. . . na primeira entrevista tinha sido ele que nos havia entrevistado.

E- Sim.

M- E. . . e lembra-me que me disse: “– Tem três maneiras de ficar grávida, de ter um filho. . .”

E- Sim.

M- E rindo-se aa. . . estava-se a rir e: “– . . . vos digo, pois mirem: pode hum. . . pode ter um filho de outra pessoa, injectando por proveta.” E eu disse: “– No.” “– Pues. . . pode adoptar uma criança.” Eu digo, “– Ou senão por método natural ter um amigo. . .” (Tom de sorriso) Isso nos disse em la sala. (Tom de sorriso; riso de E.) E eu digo: “– Pois de todos os métodos o melhor é o natural, desde logo!” (Tom de riso; gargalhada de E.; risos de Mafalda) Mas não, não chegámos a tanto. (Risos de E.) E não. E. . . a gente estamos. . .

E- Chegaram a por essa hipótese? Já agora que menciona isso.

M- Não. Nunca! Nunca! Nem “probeta”, nem amigo, nada! No, no.

E- Porque há casais que, pronto. . .

M- Sim, sim. Não, não. Aa. . .

E- Até nos filmes é muitas vezes focado. . .

M- Sim, sim, sim.

E- Por isso é que eu perguntei.

M- E sei que hay pessoas que vão ao, às bancos de esperma. . .

E- Hum.

M- . . . que há. Não! Nunca. . . não! Na verdade é que não, falámos disso, não? Mas eu, o meu marido, ão pouco passava por aí.

E- Hum.

M- E eu entre as três opções preferia adoptar uma criança.

E- Hum.

M- Igual, também egoístamente a, pensar nas dores que vais ter quando vais dar à luz, igual também isso. . . (Risos de ambas) . . . fez-me capacitar um pouco, mas não. (Risos) Tão pouco, não! Eu ter um filho de outras tan pouco. “Tou” muy unida ao meu marido “p’a”, “p’a”. . . “p’a” chegar a, e logo sempre me ficaria essa coisa de. . . quem será o pai?

E- Hum, hum.

M- E... não! Nós chegámos a falar disso mas não... se... sempre dizendo que não!

E- Hum.

M- E... e estamos m... metidos nos “Matrimónios Nuestra Señora” e foi aí donde começámos a... já “tavamos” antes e aí havia um sacerdote que essa dá a camisa por um pobre e que tra... anda bastante com crianças com problemas; tem um... espírito, um, uns... umas casas donde as freiras cuidam dessas crianças, aos fins de semana vão com os pais e durante a semana estão com eles.

E- Hum, hum.

M- E... e sempre ”tava” a dizer: “Pois se Deus não quer que tenhas um filho assim, é porque quer que vayas a buscar uma criança.” E o meu marido dizia que “não, que se ele não tinha um filho es porque Deus não queria que ele os tivesse.” E um dia ele, lembro-me que n... numa manhã, estávamos aqui e disse-me: “– Prepara-te que vamos a... à diputaçãõ.” A diputaçãõ creio que é como a câmara mas... .

E- É câmara.

M- ... mais... Não, aqui a câmara es ayuntamiento.

E- Ah! É ayuntamiento. Sim.

M- E a câmara... .

E- Governo civil, será?

M- ... pode ser o... Não, tão pouco porque hay governo civil.

E- Pois... Bom, O.K.

M- Logo perguntamos ao meu marido que ele sabe. Bom, e fomos, fomos ali e... e, e ”tava” uma... assistente social, chamava-se A. e fizemos os papéis; apresentámos os papéis, ela pose-os tudo muito negro porque não havia crianças, como sigue sem havendo e... e fizemos os papéis e a ver, a esperar. Fomos a, à diputaçãõ, fomos a um... a... casa de crianças que há em “Segura”, a ver também as crianças ali, logo fui eu com outra amiga que o marido também é de um partido político a... a ver outra casa, a ver as crianças.

E- Hum, hum.

M- E... quando fui com o meu marido a “Segura”, havia um... miúdo de sete anitos, filho de dois irmãos... .

E- Hum.

M- ... que l’irmão tinha violado a irmã e tinha nascido essa criança e tal e, e nos queriam dar essa criança. E eu, lembra-me, tínhamos uma moto, fomos na moto, o miúdo andou na moto, tirámos-lhe fotos que logo le mandámos a tal e falámos com este sacerdote e dissemos: “– Hay esta... esta criança assim e tu que pensas?” Claro, esse “p’a” tirar uma criança de lá em seguida diz que sim, pois a mim disse-me que não! Disse-me que não. Disse-me: “– Tens vinte e dois anos e não precisas uma criança de sete anos. Tu precisa de uma criança mais pequena. Espera que já... tendremos oportunidade de... de outra coisa.” E... esperei e um dia falámos em casa e dissemos: “– Sabes que vivemos muito bem e estamos muito bem sozinhos, para que nos vamos a complicar!?” Outra coisa era quando íamos a Portugal que todo o mundo: “– Quê? Quando é que vais ter filhos?” Porque ali parece que... se a mulher não tem filhos não... e um dia e lembro-me que esse ano quando fomos... dissemos que não queríamos ter filhos e punto! Dissemos: “– Não queremos! Vivemos muito bem e não queremos!” Depois quando viemos a diputaçãõ andava a buscar a gente... .

E- Hum, hum.

M- ... porque havia uma senhora que ia dar à luz e já “távamos” a gente na... na lista.

E- Hum, hum.

M- Porque tinham tirado a... a lei agora permite até aos quarenta anos e antes não, antes permitia muito mais... idade. Mas logo uma lei que permite dos vinte e cinco aos quarenta anos adoptar uma criança.

E- Hum.

M- E antes era dos vinte e cinco, tenia você sessenta e podia adoptar.

E- Sim, sim, sim.

M- Então retiraram muita gente que... estava com essa idade... .

E- Pois.

M- ... estava, então... .

E- Pois.

M- ... chegou-nos. E... e nos deram tempo para pensá-lo, claro! Tinham dito que a criança nasceria em Agosto e isto era em Julho e dissemos pois... lo pensaremos. Fomos para casa e pensámos que estávamos muito bem os dois juntos, que estávamos muito bem... vivíamos muito bem, tínhamos o que queríamos, tal mas... dissemos: “– Não, vamos a pôr tudo, já que temos os papéis, temos esta oportunidade, vamos a esperar. Se a criança não nascer até ao dois de Setembro...” Eu “tive” um bola daqui de... no estômago dos nervos. “Tive” na cama quinze dias sem me poder mexer na, por as costas, tudo de nervos que, como diziam que em Agosto nascia e não havia maneira, pois já pensavas que ta... a tinham dado a outro, tudo isso, no? Começas a pensar...

E- Hum, hum.

M- ... e... claro, houve outros com mais dinheiro que igual a... untaram a...

E- Hum, hum.

M- ... a bolsa à outra...

E- Hum, hum.

M- ... tudo isso, não? Mas não, ela nasceu ao dia dois, ao dia três chamaram-nos a dizer que já tinha nascido e que... o dia cinco podíamos ir a ver. E aqui temos a... o que temos!

E- Hum, hum.

M-E- ... e isso não... e não me arrependi. A verdade é que não, aunque às vezes tirava-a por a janela mas... (Risos de ambas; tom de riso:) Eu creio que isso dá-se com todos! (Risos) Sim. Creio que isso... (Tom de riso/Risos) porque falo com as mães das outras e parece que são todas “por o mesmo padrão cortadas.” (Risos de E.) Mas... isso... a verdade é que foram, foi um, um par de anos que, que se me meteu na cabeça que tinha que... coiso e eu passava bastante mal quando...

(Interrupção da entrevista por virar a cassete)

M- (...) ... Faltam uns papéis e tal e ela dizia que não havia crianças, que... não nasciam, que ou nasciam e... e as abandonavam noutra lado, tudo isso e eu sofria bastante; até nesse momento que não ‘tás metida nisso não pensas e... e quando já começas a ver que, ou começas a ler no periódico que uma criança foi encontrada no caixote do lixo, ou que... ca... ou... que à cantidad de vezes que ouves isso e eu digo: “– Quantas pessoas estariam desejando tener, ter essa criança e...” Porque o pior já o passou, que é andar nove meses com a tripa, com a barriga... e logo dar à luz; o pior já tá! E... e a verdade não... às vezes lembro-me muito dessa rapariga, que não a conheci, só sei que tinha vinte e quatro anos e que era muito guapa, muito bonita, tinha, diz que era muito... muito morena com um cabelo muito bonito e... e olha, eu rezo por ela. Pelo menos que não sufra, pensando em que tem uma filha por aí... como quem diz perdida, não? Que... que sempre pense que ‘tá bem cuidada, porque... creio que tem que ter muito valor uma pessoa para chegar num hospital, dar à luz e sair de lá sem nada na... nos braços.

E- Hum.

M- Creio que é uma...

E- Nunca a conheceu, portanto.

M- No, no, nem... ni quisera, no! Tão pouco quer, não? Mas... passaram doze anos, essa... já é, tem trinta e tal anos agora e eu tinha... pouco menos idade que... mais idade que ela, eu quando... a minha filha nasceu tinha vinte e seis anos; se ela tinha vinte e quatro também já sabia o que é que estava a fazer, digo eu, não? Mas, penso que tem que ser... muito duro pensar que deixo aqui uma, uma criança para que outros a cuidem; e ao mesmo tempo tens que ter muito amor a essa criança “p’á” deixar ali “p’á” que outros, realmente, a cuidem sabendo que igual tu não o podes fazer ou não te sentes capaz, não? Então, muito mais amor creio que tem uma pessoa que deixa ali uma criança, c’á que a leva para casa e logo essa criança ao fim de... equis tempo está no hospital com uma paliça em cima ou... que lhe batem ou que lhe fazem o que seja, não? E eu lembro-me muitas vezes, tenho assim como um pequeno recorde por essa mulher que... desejo de todo o coração que seja feliz donde esteja; e com quem esteja, claro!

E- Portanto, a vossa decisão de adoptar aa... se voltasse atrás fazia o mesmo!

M- Sim!

E- Sim.

M- Sim, sim, sim! Redundamente. E que fosse essa “bruxa” mais, ainda! (Sorriso)

E- (Risos) A bruxa é entre aspas, não é?

M- (Sorriso) Sim.

E- ... Está-se a referir à dita cuja rapariga... (Tom de riso)

M- Sempre, sempre. Mas...

E- ... que 'tá por aí, que às vezes lhe apetece mandá-la pela janela. (Tom de riso seguido de gargalhada)

M- Sim. (Risos)

E- Eu vou-lhe pedir um favor... (Risos) vou-lhe pedir para fazer uma chamada.

(Interrupção da Entrevista por a entrevistadora ter de fazer uma marcação, por telefone, de outra entrevista–conforme combinado anteriormente com a potencial entrevistanda)

E- (...) Pronto. Agora... a, a outra parte era...

M- Quando... (Ruído) que ele começou a estudar?

E- Sim. Sim. (Risos)

M- (Sorriso) Pois... começou quando nasceu a bebé, quando veio; aqui no vinte e oito havia uma academia, uma academia de... de estudos, que ajudavam os miúdos quando andam mal e assim e... eram amigos d... nossos, os donos, conhecíamos os daqui e tal e... e um dia o meu marido disse que... tinha que começar a fazer alguma coisa porque a criança ia n... ia crescendo e... e claro aa... logo precisava de ajuda na escola e... e a ver quem ia dar. Então estes... um dia num, num almoço que fizemos num... uma casa donde eles viviam disseram porque é que ele não se apuntava às classes e começava a tirar o chamado graduado escolar, que era um pouco o que... compensar o que estudou... antes...

E- Hum, hum.

M- ... aqui. Isso animou e... às tardes eu ficava aqui e... e ele ia estudar ali; logo começou a ir à noite, só.

E- Hum, hum.

M- E... e nada. Começou a tirar e tal e num ano tirou o graduado escolar, se apresentou e conseguiu aprovar. Depois disse: “– Ba, só com isso não vou ficar!” E... FE. chamava-se CR. e FE. disse: “– Porque é que não fazes o acesso à Universidade “p’á” maiores de vinte e cinco? A gente prepara-te!” E... começou a preparar-se, também, ali à noite, ia de oito a nove e meia.

E- Hum, hum.

M- Começou-se a preparar e... e nesse curso de tempo, pois eu tinha a criança e ajudava-le e isso e... e ele tirou o acesso à Universidade, se apresentou e... também... ficou bem nos exames e isso, e depois já a ver o que é que ia fazer. Então falámos com as pessoas de... aqui para que ele pudesse ir à Universidade à tarde...

E- Hum, hum.

M- ... e ficar eu aqui “p’á”...

E- No trabalho.

M- No trabalho...

E- Hum hum.

M- ... para fazer Direito. Era um... das carreira que havia era a única que ele podia compensar só trabalhar de manhã e poder ir à Universidade à tarde.

E- Hum, hum.

M- E... e assim fizemos. A... a miúda “metiamos-a” na escola, com dois anos e eu ajudava-lhe e... e ele foi para a Universidade e... ali “teve” cinco anos estudando, foi os cinco anos em que eu “tive” viúva, como quem diz. (Sorriso de E.) Porque Sábados e Domingos eu tinha que sair com a miúda sozinha... e... ir à praia sozinha, ir à piscina sozinha e... e tudo. Fizemos... pois um, um parêntesis, como quem diz, na vida familiar e ele dedicou-se a estudar, eu ali à tarde também lhe ajudava com os apuntes quando podia e...

E- Portanto, ajudava-o não só ficando aqui no trabalho como também no estudo dele.

M- Sim, eu os apuntes que lhe podia fazer eu, ele fazia-me um esquema e depois eu ia-los fazendo; uns como, os... com os de Direito Romano, eu “aquase” sabia tanto de Direito Romano que eu dizia: “– Também posso ir... à, à...” E Direito Canónico, também. E... eu fazia-los ali; logo fizeram um grupo de... na Faculdade...

E- Hum, hum.

M- ... um grupo de amigos, ficaram uma amizade assim um pouco... porque eram já maiores, também; casados e isso.

E- Hum, hum.

M- E... e dedica... logo eles repartiam su trabalho e eu encarregava-me das fotocópias.

E- Hum, hum.

M- Eu era a que... fazia as fotocópias, logo as separava e ten... e passavam logo por aqui a buscá-las, não? E... cada um tínhamos um trabalho já... cada um o seu trabalho feito. E, e foi isso, foi uma época em que tivemos, pois isso, ele dedicado aos estudos, estudava até muito tarde, às vezes dava-lhes as duas da manhã e ele seguia estudando. Foi um momento em que... eu li muito porque dava-me pena dormir-me e ele “tar” sozinho a estudar, então eu sentava-me a ler e... mas foi uma época bonita! E quando já estava quase a terminar perguntaram-lhe se ele queria ir a Coimbra a terminar a carreira. Então teve que deixar duas assinaturas, ao princípio foi uma ilusão para ele, que lhe oferecessem com... a beca “Erasmus”.

E- Sim.

M- Porque eram de los primeiros que iam daqui p’ra lá e que fosse ele um dos pioneiros, claro! E em cima a Coimbra; para ele era... demais. E... era a mesma Faculdade e um banco, os que davam a... beca a...

E- Sim.

M-... caixa de ahorros...

E- Sim, sim, sim.

M-... aqui. E... e claro, tinha que deixar o trabalho para ir seis meses para Coimbra; tínhamos que perguntar se eu podia ficar, não já só às tardes, senão todo o dia, como quem diz: fazer-me o contracto a mim.

E- Pois, pois.

M- E... então eu... (Barulho do relógio que toca) fizemos, pedimos uma reunião, (Relógio que toca)... fizemos uma reunião e... hum, (Leve sorriso) mira, hay, hay cosas nesta vida, há reuniões in nesta casa para falarem de milhões, porque às vezes fala-se de milhões, porque hay que cambiar uma caldeira, há que arranjar um telhado e são milhões de pesetas que se vão gastando, não? Igual, não vai nim metade das pessoas, pois para a reunião para que o meu marido fosse a Coimbra, todo o mundo foi à reunião; e é que não foi, nos deu o papel para... por todo o mundo de acordo que como íamos a, a deixar a que... meu marido não fosse a Coimbra “p’a”...

E- Sim, sim.

M- Fizeram-me um contracto de seis meses e o meu marido foi “p’a” Coimbra, aos oito dias estava aqui...

E- Sim.

M-... porque não aguentou lá “tar”... mas diz que lhe tocou, tocou um dos Invernos muitos frios de Coimbra, que houve muita chuva e tudo, e depois foi para lá outra vez e, e lá “teve”. Ele diz que foi uma experiência que não muda por nada, foi muito bonita, mas que já um pouco tarde.

E- Hum.

M- Que Coimbra tem que ser “p’a” quando eras mais jovem, quando não tens uma carga familiar e tudo isso.

E- Hum.

M- Mas, mesmo assim ele... (Ruído de porta a bater) desfrutou. Eu sei que ele desfrutou de “tar” lá e... e eu fui em Maio a buscar-lo, que ele em Maio terminou. Me meti aqui no comboio c’a minha filha e fomos a buscá-lo; parámos em Coimbra, ficámos lá um dia e, e su ilusão era ensinar-me tudo: “aqui donde ‘tá isto, aqui donde está o outro.” Vamos, era... via-o contente de ter... “tado” esses meses lá. E logo veio e... a ver o que é que ia fazer, então disse-me que gostaria de seguir estudando para as... p’o Estado, para entrar em qualquer destes... diputaçãõ...

E- Hum, hum.

M-... ou qualquer coisa, não? Deste, já “p’a”... “p’ó” Estado. E voltámos a pedir outra reunião, mas já “p’a” me fazerem a mim a... contracto fixo.

E- Sim.

M- Voltou a ir todo o mundo e com tudo o que pedimos, com os mesmos direitos que tinha ele, tudo isso e voltaram a dizer que sim e, e aqui é donde estamos agora; ele “tá-se” a preparar que agora vai ter exames, agora em Maio ou Abril e eu sigo trabalhando.

E- Hum, hum.

M- E... e vai apresentar-se, mas vai apresentar-se em Barcelona.

E- Hum, hum.

M- Por causa do idioma e...

E- Sim.

M-... e tudo isso e aqui havia muito poquitas praças, em Barcelona havia mais e a ver se tem sorte e... e consegue meter-se n’algum sitio.

E- Praças é lugares?

M- Sim.

E- Lu... aa...

M- Sim, aa...

E- Descongelamentos, não é?

M- Sim.

E- Disponíveis. Hum, hum.

M- É disponíveis, sim...

E- Sim, sim.

M- ... aqui para as quatro províncias Bascas só havia quatro...

E- Sim.

M- ... e em Barcelona são cento e cinquenta e oito ou algo assim, então que... e se tenho que mudar-me "p'a" algum sitio, pois será Barcelona porque... (Risos de E.) com muita pena... (novamente riso de E.)... mas...

E- (Curta pausa) Era aa... pois, agora há, há algumas questões que eu gostaria, ainda, de lhe colocar, pronto, e que tem que ver com o futuro, por exemplo. Aa... como é que vê o seu futuro?

M- Outro dia estivemos a falar, meu marido isso e, e a verdade é que 'tá a coisa muito feia, porque... a falta de trabalho que há por todo o lado aa... a idade do meu marido, tampoco já é... muito... digamos já não é... essa coisa de dizer: ainda me fica aa... trinta anos por diante, este já tem quarenta e um, que também já é uma idade que agora é quando 'tão quase a reformá-los, não? Porque 'tão a meter muita gente na rua com essa idade. Mas eu sou optimista! Iste tem que... tem que ir p'rá frente e temos que...

E- Portanto em termos de trabalho como é que é? Ele agora não está...

M- Ele agora não está a trabalhar.

E- Não está.

M- Não.

E- Pois, desde que começou a estudar, não é?

M- Sim. Não, desde que foi...

E- Ah, desculpe.

M- ... a Coimbra.

E- Desde que foi a Coimbra.

M- Desde noventa e quatro.

E- Hum.

M- Noventa e quatro, sim. Desde noventa e quatro que estou eu.

E- E, portanto, aqui, ou continua com... com casas?

M- No, no. Aqui...

E- Aqui, só aqui.

M- ... só aqui.

E- Só aqui, não é?

M- Sim, sim, sim.

E- Desde que entrou p'raqui aqueles seis meses...

M- Não, eu aqui tenho dez horas de trabalho todos os dias.

E- Pois.

M- Entro às oito, saio às duas, entro às quatro e saio às oito.

E- Pois, pois, pois.

M- Que não quer dizer que entre as duas e as quatro não te chamem ou depois das oito não te chamem porque, claro!, se se rebenta um tubo, se não hay água quente e isso, eu tenho que ir a ver o que é que... o que é que passa, porque eu tenho; nesta casa não é só a casa e a limpeza, se não tenho... tudo o que é elementos comuns de du... duas casas, calefação, água quente, porque aqui água quente é comum...

E- Hum, hum.

M- ... é uma coisa cá em baixo, na garagem, que aquece a água quente.

E- Hum, hum.

M- Tenho garagens.

E- Hum, hum.

M- Tenho... no telhado.

E- Hum, hum.

M- Televisões, tudo isso tenho que ser eu a... a tomar conta disso; qualquer... empregado que entre aqui sou eu que chamo, sou eu que tenho que me mover p'ra isso tudo.

E- E a limpeza como é que é?

M- Também, faço de manhã.

E- Hum, hum.

M- É o que menos...

E- Dos espaços comuns!?

M- Sim. Só do, de uma casa.

E- Hum, hum.

M- Da outra dali não.

E- Hum, hum.

M- Dali o que passa é que, são dois portais com a água quente e... e a "solfagem" juntas.

E- Sim, sim, sim.

M- Entende? Então a, o que é água quente, "solfagens" e isso, eu tenho que tratar de tudo "p'a" duas casas.

E- Sim, sim, sim.

M- "P'a" que as duas casas, pois, abram a torneira e tenham água quente; abram a torneira e tenham água fria, porque, claro, vai tudo incluído; agora, de limpezas eu só faço este lado.

E- Só daqui. Hum, hum.

M- Mas tudo... os ascensores, tudo, tudo sou eu que... que tenho de tomar conta de...

E- Hum, hum.

M- ... de tudo isso.

E- Hum. E portanto o futuro, a hipótese do retorno não... não se coloca? A Portugal?

M- No, a Portugal não. Yo vejo o meu futuro aqui e... eu sou muito feliz aqui, atã não posso, e não é não, renegue aquilo ou, ou não goste daquilo, é que às vezes eu penso: "mas será possível que seja a... veja Portugal como uma mãe, seja assim tão mala filha, má filha que não quer..." Não, mas é que eu sou feliz aqui, tenho os meus amigos aqui, eu vou lá não conheço ninguém, aa... total é o núcleo aa... do meu irmão, da minha irmã, da minha mãe, que eles têm os amigos deles eu 'tou, quando vamos de férias costumamos ir "p'a" casa do meu irmão...

E- Hum, hum.

M- ... que sempre vamos de férias juntos "p'a" campings e tudo, vamos juntos; eu levo muito bem c'a minha cunhada, as miúdas são duas também aa... são só, o meu irmão também só tem uma filha, levam-se as duas muito bem, o meu irmão es o que mais vezes cá vem, ele quando aa... fomos o ano a Co... a Suíça, não fomos a Portugal e ele: "– Ah! Este ano não vou "tar" sem ver-te, vou eu até aí." E veio aqui. Quer dizer, que nos levamos muito bem, não? Mas eles também: "– Vamos fazer um jantar. Ah! Pois vou chamar a fulana de tal." Fulana de tal mas que são amigos dele.

E- Hum, hum.

M- Que ele "faze-o" com muito boa vontade.

E- Hum, hum.

M- "Faze-o" e tal, mas...

E- Pois.

M- E ao final de, dos anos que vais indo e tal vais conhecendo essas pessoas...

E- Claro!

M- ... mas nunca é o mesmo que... que aqui! Porque eu aqui não sei, encontro-me, que tenho... pois uma gripe chamo e aa... vai buscar a miúda à camioneta, dá-lhe de comer, já sabes. É outra coisa, não? Que eles ali terão isso, mas...

E- Tem aqui sempre pessoas com quem contar.

M- Sim, sim, sim. Sempre. Igual, 'tou lá e passa-me o mesmo, não?

E- Sim.

M- Mas... eu creio que vim p'ráqui demasiado jovem... (Sorriso)

E- Hum, hum.

M- ... e então... me enamorei disto; a verdade é que... e, e viu-se que eu lá 'tou às vezes dias inteiros em casa que não, que não vou nem à rua e agora porque tenho o cão e, e não me fica mais remédio que ir à rua, não? (Risos de E.) Mas só de pensar que 'tou aqui, que sou feliz, que tenho aí telefone, que posso chamar a esta, e tão pouco é que tenha um núcleo de amigos muito grande; se, tenho muito poucos, mas muito bons! Como quem diz escolhidos, não? Aa... não é... se, conhecidos tenho muitos mas amigos, amigos é um núcl... um pequeno grupito, que eu sei que 'tão aí e... .

E- E que são daqui, que são Bascos.

M- Que são daqui. Sim, sim, sim, são daqui.

E- Hum, hum.

M- Bascos com o... R. hache (H) de ser famoso, como eles lhe chamam. Não ouviu falar? Que... .

E- Não.

M- ... Bascos são os que têm sangue aa... R hache (H).

E- Ah!!

M- E... (Risos de E.) ... aa... negativa, no? E... (novamente riso de E.) E então eu digo que sempre tenho amigos daqui com R hache (H)... (Risos de E. de novo) ... e não sei... le... (Sorriso; risos de E.) “Tou” muito bem aqui. Que n... vou lá e também 'tou contente, é f... 'tou lá mas... no é o mesmo. Há, há aí alguma coisa que não... (Hesitação) que não chego a compreender porquê. Será que chego lá não tenho... , porque há muita gente que vive noutros lados, chega lá e tem as amigas da escola; eu é que não me lembro das minhas amigas da escola! E he vezes que 'tou a pensar quem era, quem não era; lembro-me duas que chamavam-se iguais e, e duma “alembro-me” que vivia lá numa creche c'os pais diziam que eram um, uns... uns senhores muy importantes mas que não podiam andar com a miúda e deixaram-na lá numa creche de, de... freiras.

E- Hum, hum.

M- E morreu; essa miúda era minha companheira de... .

E- Carteira? (Ajuda ao discurso)

M- ... de carteira.

E- Hum, hum.

M- E morreu pequena, pois na escola. É do único que me lembro, H. chamava-se; isso sim que me lembro. Mas o demais não.

E- Hum, hum.

M- E logo lembro, pois, isso de passar à sexta classe donde já era misto aa... até à quarta era só... aa... raparigas, logo sexta, quinta e sexta era misto; lembro-me do nome das professoras, isso sim, mas o demais... (Ruídos de sinos)

E- Que engraçado!

M- ...no, não sei. Aa... também deixei a escola com doze anos, comecei a trabalhar e perdi o... totalmente o... o contacto com elas; logo com dezasseis casei-me e vim p'ra Espanha, pois também não... já te metes noutra mundo, com outras amigas, tal... pois já... mas agora vou lá e a verdade... .

E- Hum, hum.

M- Às vezes que já gostaria de... que nos juntássemos “p'a” falar experiências que tivemos e isso, assim como quando vamos, fomos já dois anos seguidos à festa dos moços da... aa... do... da quinta do meu marido, da... do, da tropa.

E- Sim.

M- E, e “ve-se-os” e começam a falar: “... e lembras-te disto? e lembras-te do outro? e tal...”; e eu digo: “- E, e eu já nos daria assim, algum dia também juntar-me “p'a”...” Mas eles têm experiências n... diferentes, não? Eles eram rapazes, podiam ir “p'ó” rio e isso; e “ouve-se-os” falar e, e dá vontade de pensar e...”- Pois algum dia também se nos pudéssemos juntar a gente. Também temos experiências de, de... de colégio, não?”

E- Hum, hum.

M- Mas não, não. A verdade é que também TN mudou tanto!

E- Hum, hum.

M- De sermos tão poucos a ser agora uma cidade e vais e não conheces ninguém e antes não, antes todo o mundo se conhecia. . .

E- Hum, hum.

M- . . . também isso influi bastante.

E- Claro, “‘‘tu’’, olhando p’ra. . . (Interrupção na gravação) –. . . desta vez que está a correr bem–. . . (Risos de Mafalda) Olhando para trás, para a sua vida, quais são os momentos marcantes? Os momentos importantes?

M- Pois os momentos importantes. . . (Ruídos no microfone) pues. . . quando conheci o meu marido. . .

E- Hum, hum.

M- . . . que não esperava que em três meses estava, estivéssemos casados. Que agora olhas p’ra trás e dizes: “– Porque o fizeste?” Pois porque tinha que passar assim eu aa. . . tenho a conclusão essa que, que tinha que ser assim e. . . e passou. “‘‘Táva’’ . . . (Ruídos no microfone) escrito, não? (Ruídos no microfone) Costuma-se dizer: “– Ah! É o destino, está escrito.” Mas eu também, isso creio que sim. E a vinda “‘‘p’á’’ Espanha, eu creio que foi muy importante.

E- Hum, hum.

M- Marcou bastante. “‘‘Tive’’ quatro anos sem ir. . . quatro ou cinco anos sem ir a Portugal, por a tropa do meu marido, que não podia ir porque ele não tinha ido à tropa e. . . foi bastante. . . porque pensas aa, vais “‘‘p’á’’ outra terra diferente, que não conheces nem a língua, nem nada e eu cria, cria que não havia nem cães nem nada, que era tudo muito limpo, tudo. . . e chegas aqui, pois a terra é como a tua, com as, outras pessoas diferentes mas pouco mais, não? Aa. . . mais bonita ou menos bonita, mas vamos! . . . logo também quando nasceu a minha filha foi um momento muito. . . que eu passei muito bem, eu. . . uma coisa que esperava e logo já quando. . . o meu marido começou a estudar, e ao final quando ele conseguiu ter a. . . a, a carreira terminada.

E- Hum.

M- Esso foi. . . porque isso já foi um projecto em comum.

E- Hum, hum.

M- Já foi uma coisa mais. . . que trabalhámos os dois p’o conseguir ainda que ele, era ele que se apresentava aos exames e tudo isso mas todo o. . . toda essa época de. . . ajudar-le, de. . . os maus momentos quando ele de. . . queria atirar tudo “‘‘p’á’’ borda, dizer-lhe: “– Pois não. Já chegas-te até aqui podes conseguir, não o consegues em cinco anos fazes em sete, que não importa.” Esse empurro que uma dá, pois, hum senti-me muito orgulhosa quando ele terminou e aprovou e com muito boas notas.

E- (Pausa) E se compara a sua vida hoje com, com a vida das outras pessoas, aqui em. . . neste, nesta cidade, como é que classifica a vida da sua família? Igual? . . .

M- Sim.

E- Melhor. . .

M- Sim. Não.

E- Pior. . .

M- Hombre, aa. . . aqui costuma-se dizer: “‘‘Quem não se consola é porque não quer.’’” Porque sempre há gente pior que uma, que uma mesma, não? Hombre, eu gostaria de ter um castilho, um castelo aa, pessoas que me servissem, sou muito realista! Sei que isso não vou conseguir, pois eu tenho a minha casa, sou feliz com o pouco que tenho e aqui. . . em Espa. . . aqui donde eu vivo pois há gente que “‘‘tá’’ muito bem e gente amiga minha, amiga, que “‘‘tá’’ melhor que eu mas que se. . . pelo menos sei que “‘‘tão’’ aí e. . . e sempre é melhor ter amigos ricos que amigos pobres, costuma-se dizer, não? Mas não, aqui há, aa. . . eu vejo a, a vida da minha família co. . . como a maioria, como, mais ou menos a vida de hoje em dia; com a falta de trabalho que há e com. . . que eu vejo a minha família, que vejo o meu irmão que tem o seu trabalho, a minha cunhada, a minha irmã, todos. . . poder viver, sabemos que não nos podemos fazer grandes luxos de grandes viagens, de grandes gastos, mas o poder viver o dia a dia e dizer: “‘‘Sou feliz com o que tenho.’’” Eu creio que somos a maioria. Hoje em dia, tanto aqui como ali e como lá em Portugal.

E- Hum, hum.

M- Pelo menos no núcleo donde eu me. . . mexo. . .

E- Sim, sim.

M- . . . quando vou a Portugal.

E- Os que conhece, claro!

M- Pelo menos aa... agora, também há pessoas que se conformam mais fácil que outros, a minha irmã, igual, tem uma casa melhor que eu, porque ela tem a casa dela e eu não tenho; eu “tu” aqui e a casa não é minha. Ela tem a casa dela, ele tem o carro, ela tem isto, tem aquilo e é uma pessoa pouco conformista... .

E- Hum, hum.

M- ... sempre quer mais, não? E sempre se está a queixar. E eu não! Eu hoje tenho dez e posso gastar dez, pois gasto; mas se não puder tão pouco passa nada, dou uma volta aí pelo campo de futebol com o meu cão, a minha filha, com uma bola, e sou uma mulher feliz! Quer dizer que, eu creio que cada uma tem que adaptar-se ao que tem.

E- Hum, hum.

M- Eu... houve um momento que passei mal, foi quando comecei a ficar aqui e não podia “tar” aí no parque com a minha filha e com as amigas de parque, não amigas senão as conhecidas... .

E- Sim, sim, sim.

M- ... de parque. Houve um momento que eu comecei a pensar que “tava”, pois isso a ficar sem amigas... .

E- Hum, hum.

M- ... e, e tudo porque o outro tinha que estudar e eu tinha que trabalhar, não?

E- Hum, hum.

M- E logo chegas à conclusão de dizer: “Oh! Pois, tão pouco é... questão de... levá-lo tão à tremenda! Aa... tenho um marido que “tá” a conseguir tudo o que ele quer, eu ‘tou feliz com... com o pouco que tenho, aa... não posso sair... (Tosse leve) de Lunes à Sexta Feira, pois saio Sábado e Domingo! Se posso-me juntar com elas muito bem, se não posso, pois mal assunto, então não são amigas; como tenho uma amiga, amiga, costuma dizer, quando eu digo: “- Oh! É que eu fiquei sem amigas, por causa de ficar aqui.” “- Então não eram tuas amigas! Porque se fossem tuas amigas vinham aqui a ver-te.” E começo a pensar assim e é verdade!

E- Hum, hum.

M- Porque eu tenho amigas, amigas, que como eu não posso ir donde elas, elas vêm donde mim, entram: “- Fazes-nos um café?” Pois “tão” aqui meia hora, meia hora vão-se e tomaram um café comigo, porque sabem que eu não posso ir com elas a tomar um café fora.

E- Pois.

M- E então é o que lhe digo, pois as amigas são essas. As amigas, e depois tenho uma, tenho uma, uma que cada... três dias se não nos vemos chama-me: “- Precisas de alguma coisa? “Tás” mal? Não, pois já tomarei logo um café contigo à tarde.” Pronto e... e é suficiente, não? E... e eu creio que uma pessoa tem que se adaptar às circunstâncias da vida. E... .

E- Depois dessa fase em que se sentiu aa... em que teve que ficar aqui mais, reatou os contactos, ou mudaram as suas amizades?

E- Não, não, não. Si, hombre!, nos vemos, aa... ainda outro dia “teve” uma aqui que precisou d’um “disfrás”, aa... disfarce “p’a” miúda... .

E- Sim. (Tom de riso)

M- ... e veio... (Risos de E.) ... chama-me: “- Preciso d’um “disfrace”, tens?” “- Sim. Pois vens buscar.” E eu aa... e eu também quando preciso: “- Olha o, o... o bilhete de identidade do meu marido vai a terminar, podes-me marcar e...” Ela leva os papéis, o passaporte da minha filha, porque ela trabalha aí no governo civil; aa, não é essa coisa de todas as tardes... .

E- Sim.

M- ... que nos vemos à saída do colégio, não? Mas sim, cons... seguimos... .

E- Hum, hum.

M- ... vemos na... rua e, isso, temos o telefone, quando aa... são amigas de, somos as típicas amigas quando precisamos uma da outra... .

E- Hum, hum.

M- ... ou umas das outras, ela precisa dos “disfáces” chama-me; não precisa não chama; eu preciso de fazer qualquer papel, chamo; não preciso, não chamo, entende? (leve riso de E.) Logo nos vemos quando compramos o pão, um Domingo: “- Que tal “tás”?” “- Ai, eu bem. Que tal os miúdos?” “- Pois, muito bem.” Pois assim é. Não é essa amizade de... de dizer, de chamar: “- “Tou” mal, ou preciso de falar, vem... e, e corre e vens.” Não?

E- Hum, hum.

M- Mas, (Hesitação) seguimos. Sim, sim, sim. Seguimos, “vemos-se” e “falamos-se” e tudo isso.

E- Hum, hum.

M- Igual se tivéssemos seguido no parque falando e isso, tínhamos chegado a uma amizade. . .

E- Hum, hum.

M- . . . muito mais forte, não?

E- Hum, hum.

M- Mas não são isso, pois são as típicas conhecidas de sempre. . .

E- Hum, hum.

M- . . . que todo o mundo tem, não?

E- Hum, hum. E de entre esses seus conhecidos, falou em pessoas aa. . . que estão bem, ou que são ricos, e pessoas que. . . tenham dificuldades, conhece?

M- Hombre!, sempre há alguém que “tá” pior que. . . que uma, mas. . .

E- Não fazem parte. . .

M- Não.

E- . . . da sua. . .

M- Não, porque tão pouco, o núcleo donde eu “tou” metida todos têm trabalho, graças a Deus, “tamos” todos, uns melhor que outros, não? Mas, assim que. . .

E- Quando fala em ricos e pobres aa. . . como é que. . .

M- Bom, eu digo rico no sentido. . .

E- . . . como é que diferença?

M- . . . de que se pode dar o luxo de tirar o mês inteiro de férias e ir a tal sítio, e, e eu não posso! À parte de que eu não posso tirar férias, por exemplo, eu me gostaria ir passar o Natal a, a. . . a casa da minha mãe e não posso. Não porque, por ela, por o dinheiro, não; senão por o trabalho, que é quando mais trabalho, porque tenho a “solfagem”, tenho tudo isso e não posso deixar isto em mãos de qualqueria, não? Mas. . . eu digo ricos no sentido que têm um bom soldo, um. . .

E- Hum, hum.

M- . . . bom ordenado ao fim do mês e que se podem dar ao luxo, pois de. . . tirar um mês inteiro de férias e ir. . . a Inglaterra, ou donde seja, não?

E- Hum, hum.

M- Eu quis ir à Suíça e tive que ir treze dias.

E- Hum, hum.

M- Porque aa. . . não podia mais; fazes as contas do dinheiro e dizes: “– Não, até aqui podemos chegar. . .”

E- Hum.

M- “... e não podemos chegar mais.” E. . . e encantada de ir treze dias, tampoco aa. . . me preocupo mais. . .

E- Hum, hum.

M- . . . não?

E- Hum, hum.

M- Dizes: “Bueno, o melhor é treze dias que nenhum!”

E- Hum.

M- E. . . e o que não se conforma é porque não quer. (Risos)

E- E os outros que são pobres, porque é que são pobres na sua opinião?

M- Hoje em dia há falta de trabalho. (Ruídos de fundo) Eu creio que hoje em dia há falta de trabalho e logo há pobres de outra maneira, que têm trabalho mas não sabem ser feliz com o que têm; que eu p’ra mim essa classe, por vezes, é pior, não?

E- Hum, hum.

M- E logo há droga.

E- Hum, hum.

M- Que os filhos, quer ou não, conheço duas famílias que os filhos meteram-se na droga, tinham bastante possibilidades e “p’á” intentar tirar os filhos da droga ficaram sem nada! Porque os filhos roubavam, porque os filhos aa. . . lhes tiravam tudo e, e al final, eu p’ra mim isso. . . é o mais medo que tenho hoje em dia, que tenho uma de doze

anos aí e nunca sabes o que é que. . . aa, pode tocar, não? Mas. . . um filho que se te meta nessas, nessas coisas, creio que tem de ser terrível! Não já a nível, o dinheiro, desde que o dinheiro que intentas por todos os meses tirá-lo daí, senão já a nível sentimental de uma pessoa, como reages, como aceitas e tudo isso, não?

E- Hum, hum.

M- Creio que não “tamos” preparados para. . . aceitar uma coisa assim, com um filho. . . chega a casa e. . . “eu drogo-me e. . .” não sei, creio que será muito, é muito duro, creio que é demasiado duro para uma mãe que sempre quer o. . . o melhor p’o filho, não?

E- Pois.

M- Pensar que o filho está-se aí a estragar uma vida inteira, dizem que é falta de trabalho, creio que, antes também havia falta de trabalho e. . . não sei, eu por exemplo vi. . . vivi a época de. . . do meu pai beber, q’ é outro tipo de droga, é droga que também é, é claro!

E- Hum.

M- E. . . e morreu disso, não? Mas. . . e, e sei o duro que é viver com uma pessoa assim.

E- Hum, hum.

M- Então creio que. . . já se metes na hero. . . heroína e neste, que é muito pior, digo eu, penso eu, pois, creio que tem de ser terrível, no?

E- Hum.

M- A nível sentimental, assim a essa pessoa e a nível, logo. . . pois de intentar saca-lo daí o dinheiral que se gastarão para. . .

E- Hum.

M- . . . p’á” intentar sacar um filho da. . . daí, não?

E- Falou na falta de trabalho e noutra, outro tipo de pobreza, acha que a pobreza hoje é diferente, os pobres de hoje são diferentes? . . .

M- No, o passa é que. . .

E- . . . de há uns anos. . .

M- . . . hoje em dia há mais consumismo, então as pessoas, antes não havia tanta coisa como agora e eu lembro-me que a televisão em minha casa creio que entrou quando eu tinha dez anos.

E- Hum, hum.

M- E hoje quem não tem uma televisão?

E- Hum, hum.

M- Por muito pobre que seja, não?

E- Hum, hum.

M- Eu, há muito consumismo, então o. . . a, as, aa. . . as mesmas famílias, igual, não se conformam.

E- Hum, hum.

M- Ao não poder. . . aa. . . gastar, não?

E- Hum, hum.

M- Então igual, também há mais pobreza, eu não creio que a pobreza seja diferente. . .

E- Hum, hum.

M- . . . que antes, que passa é isso. . .

(Interrupção para mudar de cassete)

E- Com. . . como é que acha, o que é que acha que as pessoas que hoje, por alguma razão, aa. . . são os pobres, dig. . . digamos, o que é que acha que elas, como é que elas podem sair, dessas situações? Na sua opinião.

M- Haverá que ver que. . . pobres porquê? Em que sentido? Porque, por exemplo, vemos os ciganos. . .

E- Hum.

M- . . . aqui em Espanha não faz, faz agora pouco tempo que eu “tive” a ver na televisão, n. . . a semana passada, que. . . vivem em Madrid, ao lado do “devastadeiro”, donde são queimados, todos os dias não sei quantas toneladas de. . .

E e M - Lixo. (Ambas em simultâneo) O. . . O. . .

E- Portanto, uma lixeira, não é?

M- Uma lixeira.

E- Ao lado da lixeira. . .

M- Sim.

E- . . . da grande lixeira de Madrid.

M- Sim. Será uma delas.

E- Ah! Sim, sim.

M- Porque haverá mais de uma.

E- Sim.

M- Suponho. E. . . e houve, pois, “távam” a fazer um pouco de, porque veio gente de. . . da Comunidade Europeia a ver como viviam cinquenta e seis famílias, creio que falaram e. . . (Ruídos de fundo de crianças a brincar) o ajuntamento, houve anos. . . a câmara ofereceu-lhes outras vivendas, porque eles ali vivem em estas barracas, não?

E- Hum, hum.

M- E. . . e eu penso que essa gente, por exemplo, “tá” tão acostumada a viver aí, porque já vimos, aqui em San Sebastian passou isso, q’ os levaram a, a. . . casas normais, vamos, não grandes palácios p. . . uma casa normal com su água, com su luz, tá? E. . . e eles seguiam sempre pobres.

E- Hum, hum.

M- Aa. . . não se adaptam.

E- Hum, hum.

M- Porque, eu creio que gostam de viver, não é que gostem de viver na pobreza, no, senão sem normas; gostam de viver. . .

E- Pobres que. . .

M- . . . por livres.

E- . . . mesmo vivendo numa casa, continuavam a ser pobres.

M- Sim. No, não tinham essa coisa de aa. . . dizer: “- Pois se já temos esta casa. . .” Pois, uma mulher, por exemplo, eu aa. . . eu mire, eu vivi em casa da minha sogra, que era pobre mas sempre a vi limpa; era uma casa que não tinha água quente, não tinha luz, mas aquela casa ”táva” sempre limpa. Pois esta, aos, aos quatro meses foram ver essa casa e essa casa parecia a lixeira!

E- Hum, hum.

M- Pois, eres pobre, mas se eres um pouco. . . pelo menos querer sair da pobreza. . .

E- Hum, hum.

M- . . . a casa que te deram, pelo menos “têm-a” em condições. O querer já é algo. . .

E- Hum, hum.

M- . . . pensando em que realmente queres sair de, da situação donde. . . ’tás.

E- Hum, hum.

M- Então, pediam trabalho, logo, já não pediam uma casa; como já tinham uma casa, ainda que já a casa parecia já pior que. . . q’ a outra, pediam trabalho. Olhe, uma pessoa que ver, vê a casa como essa mulher a tem, quem lhe vai dar trabalho? Não é? Eu preciso, igual, de uma pessoa que me ajude aqui.

E- Hum, hum.

M- Mas como vou dar trabalho a essa pessoa depois de ver como tem essa pessoa a casa!?

E- Hum, hum.

M- E logo já há os que, aa, viveram bem, que a fábrica fechou e que agora têm o. . . este, o dinheiro que dá o, a Câmara e que lhe dá Cáritas e. . .

E- Hum, hum.

M- . . . disso vivem, mas sigue sendo pessoas com seu orgulho!

E- Hum, hum.

M- Não? Mas. . . e vivem dentro de. . . o dinheiro que recebem, que nunca será o que recebia o marido na fábrica e tal, mas. . . se adaptaram a essa. . . e siguen vivendo, pois na casa que têm, sigue limpando a casa e tal, mas tenderão que recortar os gastos do consumismo e punto!

E- Hum, hum.

M- É, é outra maneira de. . . aí hay as duas pobrezas, essas, não?

E- Hum, hum.

M- Por isso eu digo sempre há, há pobreza de dinheiro e a pobreza de uma mesma!

E- Hum, hum.

M- Não?

E- Hum, hum.

M- Eu vejo a minha sogra aa... ficou a... viúva com oito filhos... (Curta pausa/ruídos de crianças) e trabalhava ela e bem pequenos que eram, o meu marido tem agora quarenta e um, creio que tinha doze quando morreu o pai.

E- Pois...

M- E eram todos assim; pois quer dizer que uma casa sempre...

E- Todos a seguir uns aos outros, não é?

M- Claro! Mas é uma casa sempre limpa; não haveria “p’a” comer, mas a casa e os filhos andavam limpos! Hombrel!, andariam descalços, andariam q’a roupa que... o fulanito de tal tinha, mas... limpos! Por isso digo: eu creio que a pobreza do dinheiro sempre é mais lavadeira q’a pobreza q’uma se adapta logo, não? Porque uma, porque eu, por exemplo, agora fico sem trabalho, ou o que seja, não? Dão-me o... o da assistente social, que é o que dá o... o... a Câmara, a Cáritas! Pois, eu tenderei que adaptar-me a esse dinheiro e viver feliz com esse dinheiro, porque é que nesse momento se não vou ter outra coisa, se em cima m’amargo e empienzo: se não me penteio, que se não me lavo, que se não limpo, que se não, creio que já é juntar outro problema ao problema que tens! Creio que o importante é intentar sair e dizer: “Pois eu tenho este... sueldo, ou este... ordenado ao fim do mês...”

E- Hum, hum.

M- ...” que me dão e tal.” Intentares buscar o que seja! Eu sempre disse: “– Eu, eu, as minhas mãos, enquanto eu possa trabalhar, “tão” aqui; se há que esf... esfregar ca... as casas, de... aa... joelhos eu esfrego!” Não tenho nenhum problema nisso. A coisa é poder tirar a família p’adiante com... uma dignidade, no? Até aqui, não?

E- Hum, hum.

M- Porque... também já se “tão” a pisar que esto tão pouco é isso, não?

E- Hum, hum. (Curta pausa) Se fosse governante, que medidas é que... (Sorriso de Mafalda)... é que tomava em relação à pobreza?...

M- Isso “tá” muito difícil porque...

E- ... se pudesse.

M- ... “tá” por todo o mundo; porque antes ouvia-se falar só na pobreza na Espanha, Holanda, na Portuguesa, mas é que agora houve-se na Alemanha que deve “tar” aquilo fatal. (Ruído de fundo de bebé a chorar) Em França, também, os “parados” já se “tão” a juntar pá fazer medidas contra o paro porque parece que “tão” bastante mal. Creio que “tá” por todo o lado; aqui eu creio que é as fábricas que... (Curta pausa) Eu, como governante, há uma coisa que eu não intendo: “tão” a despedir as pessoas das fábricas porque “tão” a meter os famosos “rbots”... (Ruído de relógio a dar horas) fazem tudo, e tal, não? E não se “tão” a dar conta que as pessoas “tão” a ficar sem trabalho e não podem consumir o que esses “robots” vão fazer!

E- Hum, hum.

M- Então há aí uma coisa que eu às vezes penso: dentro de pouco quem pode comprar um carro?

E- Hum, hum.

M- Que... que, que total quem “tá” aa... a trabalhar numa fábrica, q’antes, igual, havia mil pessoas a trabalhar, agora hay dois “robots” e um director de fábrica; e, e quem pode comprar esse carro!? Eles mesmocreio que “tão” a...

E- Hum.

M- ... a estragar... tudo, não? Porque a coisa é reconversão e, e, mas claro reconversão, as pessoas “tão” a ir “p’a” rua, para reconvertir essa fábrica, não?

E- Sim.

M- E... quem compra logo porque, claro, a pessoa “tá” na rua, não têm trabalho, não têm mais que “p’a” comerem, quem vai comer, bem, quem vai comprar a última televisão, último modelo? Último carro? Eu creio que aa...

E- E o que é que acha que era preciso fazer-se? Em relação a isso?

M- A verdade é que não... acho que não sei! Não sei! Tá! eu às vezes vejo as coisas muito... ainda que queira ser, ser muito optimista e isso, às vezes que acordas às três da manhã e comesas a dar voltas e... e dizes: “Que... o que é que vai ser da gente?” Não? E... há, um... um, uma película que vi, faz pouco tempo, destes no ano dois mil e pico, que se juntam duas pandilhas e “tão” a lutar por um, uma... por um depósito de petróleo, que não deve haver mais que esse

e as duas precisam dele! Eu creio que ao final vamos andar também um pouco assim, aa, lutando por algo que todos precisamos e... e que só há, que só vai haver pouco, não? Que é o trabalho. Vamos andar aqui a comer-se uns aos outros; solução? Eu creio que as pessoas maiores, por exemplo em Espanha que têm tanta coisa grát... de graça, creio que “tão” a... tch, que não quer dizer que não têm direito, mas creio que “tão” a arruinar bastante... um pouco isto!

E- Hum, hum.

M- Porque têm, bueno, agora já, este ano já “tão” a pagar, pagam cem pesetas por o... o coiso do... da camineta!

E- Hum!

M- Antes tinham de graça os medicamentos, (Leve ruído de movimento de colher para mexer o café) o andar nos, nas camionetas, aa... tinham os, os comboios a mitad, ou pagavam muito, têm a, as famosas viagens a Benidor... .

E- Hum, hum.

M- ... por tiradas de preço! Porque igual, por quinze mil pesetas estão ali três meses; e isso tudo quem “tá” a pagá-lo é, somos entre todos!, porque claro!, o que não pagam eles paga a... a famosa “diputação” e eu creio que aí haverá que... que pensar algo; todo o mundo diz: “Eh! Es que trabalharam toda a vida!” Sim, a gente também vai trabalhar toda a vida e o que é que nos espera?

E- Hum, hum. Acha que aí vai haver mudanças!?

M- Eu creio que chegará a um ponto que têm que fazer algo aí.

E- Hum.

M- Porque... aa, são pessoas maiores, “tão” acostumadas à... à típica, méd... ir ao médico e, e sair de lá com um monton de receitas “p’á” comprar e, claro, como não as pagam!, não lhes importa! Então... agora há o famoso, n... não sei se ouviu falar, “medicamentaço”, que nos estão a tirando tudo!, pois, é... eu creio que isso tudo é uma... (Breve pausa) para que, intentar que eles não... Mire, eu lembro-me que uma vez fui ao médico a pedir, eu conheço muito pouco o médico que tenho de... cabeceira, porque quando preciso de alguma coisa sempre tenho aqui um que me passa as receitas; e lembro-me “c’até” a... o mata moscas, o homem estava a pedir!, “p’á” levar, “p’á” matar as moscas em casa; um senhor muito mayor e tal, por isso digo: “chega a um punto que haverá que pôr mão nisso, porque, claro!... .

E- O “medicamentaço”, que falou, o que é que é?

M- Pois é o... o governo que quer tirar uma... oitocentos e pico medicamentos de... aa... .

E- Da lista? Ou... .

M- ... da lista que o médico... .

E- Dos descontos?

M- Dos descontos. (E. tosse) Que já nos tiraram bastantes, faz o ano passado, ou o outro, e agora “tão” a que tirar oitocentos noventa e pico mais.

E- Hum, hum. E acha que em relação, portanto uma das medidas é, acha que, que... haverá mudanças por aí?... .

M- Tenderá que haver.

E- ... no que diz respeito aos mayores?

M- Tenderá que haver.

E- Os mais velhos, não é?

M- Sim.

E- A terceira idade... e... e a tendência? Acha que, que há tendência para haver mais pobres no futuro?

M- Sim!

E- Acha?

M- Sim; porque todos os dias “tão” a fechar empresas e as que “tão” aqui a... duras penas, “tão” a... a, a... (Hesitação) a conseguir, eu em Portugal no, no, donde a minha... mãe vive, havia uma empresa enorme, “Casa Neris” chamava-se, que ra for... aa... de fazer... ferro!, hum... .

E- Hum.

M- ... de ferro e isso.

E- De fundição?

M- De fundição, a, assim nesse estilo.

E- Sim, sim, esse género.

M- Aa, “qu’abia” duas ademais; “qu’era”... mãe e filha, como lhe chamavam; “qu’eram” do mesmo; e aquilo em um ano... e toda a vida aquela fábrica teve ali milhares de gente aa... a trabalhar. Ali aos arredores de TN fecharam muitas fábricas, também. Pode ser que eu veja a pobreza lá, diferente daqui.

E- Então?

M- Porque lá!, por exemplo o meu irmão, o meu cunhado, ele veio “p’á” rua, porque ele trabalhava nessa fábrica, mas ele tem um bocadinho de terreno donde tem as suas couves, as suas alfaces, o seu, a sua cebola, os seus alhos, que por lo menos tens isso...

E- Hum, hum.

M- ... “p’á” comer.

E- Hum, hum.

M- A minha irmã trabalha na fábrica...

E- Hum, hum.

M- ... tem o complemento. Ele agora já “tá” a trabalhar, outra vez, noutra... aa... está de camioneiro com... (E. tosse)... um tio e tal. (E. tosse novamente) Mas, lá a pobreza é diferente, porque lá quem não tem a horta “pecanina” “p’á” poder ter pelo menos as batatas e o feijão verde?, como quem diz.

E- Hum, hum. Sim.

M- E aqui não; aqui se não tens dinheiro... no podes, porque não tens a, a típica horta.

E- Sim, sim.

M- Entende a diferença de... de uma pobreza, por exemplo a outra?

E- Hum, hum.

M- Eu, por exemplo, aqui fico sem trabalho!, é hay que... carregar tudo e ir “p’a” baixo d’un ponte.

E- Hum, hum.

M- Como digo eu; e lá não. Hombre!, no é que lá não “pecisem”, não? Mas sempre tens a alternativa do: “- Vizinho: dá-me essas batatas, tu pois, tu tens cebolas, pois mud...” Ainda hay essa coisa de troca, não? E aqui não. (Ruído de mexer no microfone)

E- Hum, hum.

M- Eu lembro-me, o ano passado fomos à casa de uns primos bastante... aa... le... aa... le...

E- Afastados?

M- ... afastados, do meu marido e, e um troço de terreno, e o feijão verde que eu “táva” aqui a pagar a novecentos pesetas o quilo, ano passado, porque não havia, ele lá “táva” a dá-lo!, e disse: “- Eu prefiro dá-lo, porque assim me agradecem. Ainda me dizem obrigado. Porque se o vendo por cem escudos “inda”, em cima te... não te dizem nem obrigado!” Então ele “táva” a dar! Trouxe uma cesta, eu, de laranjas!, que eu aqui “táva” a paga-las a quinhentas pesetas! Quando ele disse os preços: “- Quê?!?” “- Vês, se tivesses, se vivesses aqui tinhas feijão verde.” É outra... outra maneira de viver, não?

E- E acha que há aqui emigrantes Portugueses que são pobres? (Pausa) Apesar de terem emigrado? Ou não?

M- Hombre!, no creio que... não! Creio que não. Bem, pobres no sentido de “tár” de limosna e isso, não, não!

E- Hum, hum.

M- Não, eu creio que todos têm o seu trabalho, viveram mais ou menos bem, mas não. Creio que não!, quiseira pelo menos que não, não?

E- Sim, sim.

M- Mas... que eu conheço, não; os que eu conheço todos têm o trabalho, trabalham os dois, os filhos estudam...

E- Hum, hum.

M- Que não quer dizer que não se sintam pobres, não? Porque... eu aa... conheço gente que “tá” desejosa d’ir é “p’a” Portugal, então são pobres nesse sentido, não? De... não s’adaptam a... a estar aqui!

E- Portanto, a pessoa pode s... não ser pobre, mas sentir-se...

M- De dinheiro, mas ser... Eu creio que sim. Sim, sim, sim.

E- ... sentir-se pobre.

M- Sim.

E- Hum, hum. Alguma vez se sentiu pobre, na sua vida?

M- Não; nesse sentido não.

E- Em toda a sua vida?

M- Nesse sentido não.

E- E dificuldades?

M- E dificuldades sim!, ao princípio tive bastantes. Sim. Mas tampoco passei fome, nesse sentido, tan poco.

E- Hum, hum.

M- Não, dificuldades sim e... tan poco dificuldades, assim de dinheiro hombre!, n... não tinha... hum... paraa... guardar!, mas chegar ao fim do mês, sempre cheguei ao fim do mês. Sempre, desde que “tou” aqui. Hombre!, haverá meses que vais melhor que outros e haverá meses que dizias: “Oh!, pois, se eu tivesse aa...” Mas não! Não, não; de chegar ao fim do mês sempre... e de comer normal también, también.

E- E a sua vida aqui, me... acha que teve... , que melhorou a vida, do que se tivesse continuado em Portugal?

M- Sim. Sim, sim, sim, sim, sim.

E- Acha que sim?

M- Completamente. Aa, mas estou convencida que se “tivesse” em Portugal yo e o meu marido já não “távamos” juntos.

E- Sim?

M- Sim. Lá víamos a vida d’outra maneira. O ano qu’eu lá “tive”, que vivia lá com ele casada, ele ia com os amigos, aa... vivia a v... , como quem diz, a vida dele, ele, houve al... , incluso, alguns momentos em que ia p’ra casa da irmã, “p’a” Lisboa, e deixava-me em casa da minha sogra, que eu vivia com a minha sogra, graças a Deus sempre me levei muito bem com ela, então não tinha problema, mas... esteve, muitas vezes falámos, eu e ele, e estamos convencidos que, que si, que... que chegaríamos a um punto que...

E- E aqui, porque é que há diferença aqui?

M- Porque a não haver família, igual nos juntamos aa... nos agarrámos mais um ao outro...

E- Hum, hum.

M- ... então isso já começou desde um princípio e então já... já a coisa mudou. Ao vermos, pois... e... não sei!, aa, “tás” sozinha, não tens família, ao princípio não tens amigos, então agarras-te ao que tens e o que tenho, tinha era ele e ele fazia o mesmo, não? Ainda que ele tinha hum... mais amigos que... que eu, não? Mas... , sempre fomos bastante independentes no sentido dos amigos; isso também é outra coisa, porque nunca fomos de ir a associações m... mais que essa vez que o senhor X nos meteu en essa, mas vamos. (Últimas palavras ditas em tom irónico; risos de E.) “Tá” perdoado! Aa... nunca fomos assim muito de associações.

E- Foi uma boa causa.

M- Sim. Nunca fomos muito de meter-nos em casa de, de... das pessoas, aa... sempre fomos muito caseros. Aa... por isso eu creio que nos aa... desde um princípio de “tarmos” aqui, nos agarrámos tanto um ao outro que já foi completamente diferente de... aa, do ano, pelo menos, que passámos lá casados; e “távamos” recém-casados, qu’era quando tínhamos que “tar” agarrados um ao outro, não? Isso dizem. (Risos) Pois não, a gente foi ao contrário!, nos agarrámos bem depois. (Tom de sorriso) E... não sei, yo estoy convencida...

E- Sim?

M- Sim.

E- Sim?

M- Sim. O meu pai costumava dizer: “Qu’o que m... mal começa, bem acaba.” E parece que ele desde cima, parece que sim, que...

E- Acha que ser homem/mulher em Portugal é diferente de ser homem/mulher aqui?

M- Sim! Sim. Sim.

E- Em quê?

M- Em quê? Pois eu vejo lá, por exemplo, a mulher ainda “tá” muito... por debaixo do homem.

E- Hum.

M- Aqui a mulher tem mais igualdade e, lá, não!

E- Hum, hum.

M- Lá a mulher sigue aa, ficando em casa, eu pelo menos no núcleo donde estou, a mulher sigue “tando” em casa e o marido sigue indo à taberna como quem... digo à taberna ou à, ao bilhar e... e isso aqui não o vês tanto!, ainda que aqui também há as típicas associações donde as mulheres não entram, eh!

E- Hum, hum.

M- Mas isso também é... no sentido de que hum... só em certas épocas do ano, eh?

E- Hum, hum. Hum, hum.

M- Mas também aqui vê muitas mulheres, os, às sextas feiras, por exemplo, juntam-se quatro ou cinco ou as amigas do colégio, vão-se ao cinema, vão jantar e depois vão p'ra casa. Isso lá eu não... “inda” não vi!, pelo menos donde... eu... costume ir, claro! E aqui nada! Aqui é muito normal aa... chamam-se e ficamos, as mesmas da parada do, do... da camioneta das crianças; (...)

E- Hum, hum.

M- (...) uma vez ao ano fazem um, não se conhecem mais que de... de levarem os miúdos ali... .

E- Sim. (Tom de sorriso)

M- ... mas juntam-se uma vez ao ano e vão a... Sim? (Respondendo a alguém que chama à porta; interrupção na gravação)

E- Eu sei, era da... do ser homem ou mulher.

M- Tch! Si!

E- O lá e o cá.

M- Sim. É verdade, sim. Sim, eu creio que há muita diferença, ainda.

E- E em casa? No ser homem/mulher...

M- Sim.

E- ... na casa?

M- Sim.

E- O que é que?... .

M- Aqui o homem, por exemplo, já começa a fazer as coisas em casa, que ele, isso em minha casa vi eu, porque o meu pai... era um bom cozinheiro e se havia que esfregar o chão ele também o esfregava!, por isso quando vim aqui, vi que os homens aqui passeavam os... os carrinhos do bebé, sozinhos, ou faziam alguma coisa em casa, não foi uma coisa que me estranhou, porque eu em, em minha casa vi! Mas... eu vejo, por exemplo, os meus irmãos qu' em casa não fazem nada, aa... e os meus cunhados e, e os, assim próximos de... gente jovem!, que falamos com eles e tal, quando “tamos” lá e, e eles dizem que: “isso são coisas de mulheres.” Que eles não... não fazem, e aqui não; aqui, hoje em dia, que se casa já, já leva umas normas e... e gente... , por exemplo, aqui no primeiro piso tenho uma amiga que o marido é arquitecto, amiga, amiga...

E- Hum, hum.

M- ... o marido é arquitecto e ela “tá” num ordenador, porque qu' ela faz aa... esquemas no ordenador...

E- Hum, hum.

M- ... e ela põe-se no ordenador e o marido banha as miúdas, têm três filhas, banha-as, la... limpa o cabelo, seca-los, veste-as e se é preciso a tortilha faze-a ele “p'a”... p'ás miúdas e em Portugal ainda não vejo os homens a fazerem isso; pelo menos no núcleo donde eu me costume mexer.

E- Hum, hum.

M- E são jovens, eh!? Aa... e aqui não!, aqui... o homem vai à compra, ao super-mercado, lá... on... , isso também o meu irmão faz, ir e... o meu marido também já se cos... costumou ir... ao supermercado, que ele não gostava nada e... mas lá... eu creio que tend... tenderá a mudar, também e...

E- Hum, hum.

M- Mas, hoje, por hoje 'inda... há muito... a mulher em casa e... e o homem no trabalho.

E- Hum, hum.

M- Que se costumava dizer, não? Ainda qu' hoje em dia se trabalham os dois melhor, que melhor!

E- Hum, hum.

M- (Curta pausa) (...) Poes... pois isso, yo, a minha irmã, por exemplo, queixa-se disso: que o meu cunhado em casa!, não faz nada! E claro!, ela também trabalha fora...

E- Hum, hum.

M- ... então aí há... essa coisa, não? Se a mulher também trabalha fora, normal é que em casa...

E- Hum, hum.

M- ... a casa seja feita por os dois.

E- Hum.

M- Eu hoje mesmo, o meu marido limpou-me todo o pó a isto e, e passou aspirador e passou o chão e não lhe passou nada! Eu olhei “p’as” mãos dele e ele seguia com os dez dedos, não? E... e não quer dizer que eu passado amanhã não o... faça eu; no Domingo tocou-me a mim!

E- Mas acha que se tivessem lá, que era mais difícil?...

M- Sim!, sim!, sim!

E- ... fazerem, viverem, assim dentro de casa?

M- Sim!, sim!, sim!, sim!

E- Claro!

M- Sim, porque vejo por os meus irmãos, são... mais jovens que eu e... e... e nada! O meu irmão, quando muito, põe-se a assar os frangos aa... no carvão, não? Na...

E- Sim, sim.

M- ... na lenha, é isso,? Que... e isso é mais porque ele gosta de fazer isso, mas eu não vejo o meu irmão a pôr uma mesa, a levantar uma mesa, não; isso sim, que não. E isso o meu marido sim, faz. É ele que se encarrega d’a pôr, eu nem paro de lavar e ele “encarga-se” de a levar “p’á” cozinha, não há problema.

E- Pois... entre vocês...

M- Sim, sim, sim, sim

E- ... têm as coisas...

M- Temos já... mas sem falar!

E- Sim.

M- Já eu levanto-me, levo o meu prato, fico a lavar a louça e ele, de paço, vai trazendo tudo, até que ele “tremina”; só tem um defeito, que ainda não consegui tirá-lo: é que a, a... toalha sacode-a na... na banheira! (Risos de E.) E segue sacudindo, por mais que lhe diga! (novos risos de E.) Já, eu já aa... uma causa perdida! Uma causa já perdida.

E- (Risos) Quais são, p’ra si, as características que uma mulher deve ter?

M- (Risos) Pois segundo o homem que “teja” ao lado.

E- Como?

M- Segundo, segundo o homem que tenha ao lado, não?

E- Ham, ham.

M- Porque...

E- Como é que é isso? Explique-me lá.

M- Por exemplo: aa, se o homem, é um homem que, de por si, tem a iniciativa de fazer coisas, a mulher pode “tar”... (Leve hesitação) mais bem..., não digo em baixo do homem, nunca nesse sentido, não? Pode ser mais calada, mais... aa... agora, se o homem é mais bem, desses que... trabalham, “traíem” o dinheiro, trazem o dinheiro a casa e sentam-se no sofá e não têm iniciativa p’ra outra coisa, a mulher tem que fazer, como quem diz, acordar o homem!

E- Hum, hum.

M- Nesse sentido.

E- Hum, hum.

M- Eu, por exemplo, vejo, aa, vi um caso, o meu cunhado, tenho um cunhado separado que... se tivesse tido uma mulher “q’o sobesse” mover...

E- Hum, hum.

M- ... eles tinham sido aa, duas pessoas felizes. Mas casou-se com uma mulher “inda” pior que ele...

E- Hum, hum.

M- ... que não a soube, não o soube levar aa... por o caminho que devia ser, então creio q’ái a mulher aa... pode jogar muito (Imperceptível) com um homem que não... (Hesitação) que não se... se... aa... saiba, ou que não tenha espírito de iniciativa, de...

E- Sim, sim.

M- ... de luta, por exemplo, não?

E- Sim. Hum, hum.

M- Creio que um homem que chega a um ponto, por exemplo eu vi pelo meu marido que chegou a um ponto q'ele queria deixar os estudos, queria deixar tudo; e por ele, ele tinha deixado!, e eu disse-lhe que não, “se até aqui podemos chegar...”

E- Sim.

M- ...podes chegar mais!”

E- Hum, hum.

M- Se eu tivesse sido outra, pois tinha-lhe dito: “pois deixa tudo e pronto!” Em cima eu que me “tava” a sacrificar...

E- Sim.

M- ... trabalhando, ficando aqui com a miúda, sozinha e, e creio q'áí joga o papel a mulher sempre e quando a classe do homem que tenha ao lado.

E- E sem ser na família? Portanto, a mulher, assim, mulher em termos gerais?

M- Sim, em termos gerais? (Dito em simultâneo com o entrevistador) Pois a mulher ainda...

E- Quais são as características?

M- ... tem... que acordar muito, a mulher, ainda. (Breve pausa) Porque... às vezes a gente pede muita igualdade com o homem.

E- Hum, hum.

M- E eu creio q'áí não “tá” a questão da igualdade, porque nunca vamos a ser iguais.

E- Hum, hum.

M- Eu por lo menos não, não, nunca... nun... não quero, tampoco!

E- Hum, hum.

M- Aa... eu costumo dizer que: “em vez de feminismo...”

E- Sim.

M- ... sempre é melhor ser feminina.”

E- Sim.

M- A mulher, mulher e o homem, homem.

E- E o que é que é ser feminina? Na sua opinião?

M- Ser feminina? O saber estar no sítio da mulher! Ajudar, na sociedade, como mulher; não como... gritar: “eu quero este posto de trabalho, porque este posto de trabalho toda a vida foi cogido por um homem.”

E- Sim.

M- Então, como querem a igualdade: “pois esse posto de trabalho agora pertence-me a mim.” Não. Nesse sentido, não! Porque eu sei que nunca chegaria, nunca poderia ser uma mulher aa... numas obras, por exemplo.

E- Ham, ham.

M- Eu não me vejo a trabalhar numas obras, porque não. Eu não me vejo com um saco de cinquenta quilos de co... (Ruídos de movimentos com o microfone) de... de cimento aos ombros, porque...

E- Hum, hum.

M- ... não sou capaz de fazer isso.

E- Hum, hum.

M- E há mulheres que dizem que sim!, que querem igualdade; pois, eu não vejo, aqui ainda não vi nenhuma nas obras. Logo há outra coisa, por exemplo nas guerras...

E- Sim.

M- ... as mulheres, quem mais sofre? As mulheres, porque perdem os filhos e os maridos.

E- Sim.

M- As mais fortes sempre tem que ser a mulher!,

E- Hum, hum.

M- (...) nesse sentido; por isso eu digo sempre: aa... igualdade, eu não quero igualdade! Aa... quero uma sociedade j... justa!,

E- Hum, hum.

M- (...) mas igualdade c' o homem, eu creio que nunca vamos conseguir. Porque eu, por exemplo, eu não me vejo numa guerra matando o filho de, de outra mulher, pensando...

E- Hum, hum.

M- . . . no? Querem igualdade? Pois também podem ir à guerra!

E- Hum, hum.

M- Há mulheres que vão à guerra, não? Mas eu aí não me vejo. Não me vejo porque, eu creio que se tiro um tiro a um. . . miúdo, por exemplo, a um chavalito de vinte anos, estou pensando: “Estou a matar o filho de uma mulher que “tará” a sofrer agora!”

E- Hum, hum.

M- Como se me fizessem o mesmo a mim, por isso essas igualdades. . . (Sorriso)

E- Hum, hum.

M- Eu, n. . . não. . . não a vejo!, agora, creio que a mulher devia ser, ou deverá começar a ser, mais constante, no sentido de. . . de dar, também, não ser só pedir.

E- Hum, hum.

M- Porque aqui, por exemplo, em Espanha. . . (Ruídos de relógio a dar horas) as feministas, há momentos que lhes vêm na cara ódio.

E- Hum, hum.

M- Hacia, à sociedade, hacia, aos homens, a quem seja, não? E eu creio que há, também, aí um término que há que saber dar, também, não? Quer dizer: “que não queiras tudo no mesmo mês.”

E- Hum, hum.

M- “Que se até agora “tivemos” a sofrer. . .” como elas dizem, ou como eu, também, às vezes penso, que sim que o homem “teve” sempre por em cima da mulher, pisando a mulher, que tão pouco é. . . não pouco quero isso!, pues, pensar que tem que ser pouco a pouco, que o homem também tem que se acostumar q’ a mulher também vale “p’ a” outras coisas, não?

E- Hum, hum.

M- Também pode “tar” num posto directivo do que seja, que vale tanto como um homem, não? Mas isso tem de ser tudo muito pouco a pouco.

E- Hum, hum.

M- Isso não se pode fazer. . . Roma não se fez num dia, costuma-se dizer, não?

E- Hum, hum. E quando diz que as mulheres têm que acordar, em que sentido? Dizia há bocadinho, não é?

M- Sim, acordar mas no sentido, esse de que aa, há que saber “tar” no momento exacto, nos sítios exactos, não? Então não há que “tar” de repente a pedir tudo.

E- Hum, hum.

M- Há q’ ir pouco a pouco, acordando, pois pouco a pouco, ir pedindo as coisas pouco a pouco e eu creio que com o tempo se chegará a essa igualdade que elas querem, mas sempre a mulher, mulher e o homem, homem. Eu desde logo não gostaria de ser homem.

E- Hum, hum. Aa. . . no seu caso, está a desempenhar um trabalho que, que um homem, o seu marido, já desempenhou? (Ruído de campainha)

M- Sim.

E- E. . . como é que vê isso?

M- Neste, eu vejo que neste momento toca-me a mim a tirar a vida por diante e. . . e, e não passa nada!

E- Que. . .

M- É um. . . , pois num momento dado ficarei eu sem trabalho e tocará a ele e. . . homem!, o normal sempre é que seja o homem a levar o dinheiro a casa, sempre foi assim, não? Pois, em mi caso não.

E- Hum, hum.

M- Eu. . . desde noventa e quatro. . . (Ruídos de alguém a bater à porta) sou eu que “tu” levando o, o dinheiro a casa e tampoco passa nada!

E- Hum, hum.

M- Sim? (Dirigindo-se à pessoa que batia à porta; risos de E.) Já “tá” a dizer mal do professor, haverá que ver.

E- (Tosse) Alguma colega, alguma (Imperceptível). (Risos)

M- Sim. (Risos de E.) Poes, eu vejo isso, que neste momento toca-me a mim; eu também vi a minha mãe tirar a família p’ a. . . “p’ a” diante, muitas vezes era. . . só o dinheiro da minha mãe e tampoco passava nada!, são as circunstâncias da vida q’ a que aceitá-las!

E- E o trabalho que está a fazer?

M- Hum. Normalmente é feito por um homem.

E- E, e, mas, mas agora está a fazê-lo, não é?

M- Sim.

E- E o que é que... o que é que pensa disso?

M- Pois, aa... posso ir donde as feminin... as feministas a dizer que eu “tu” a desempenhar um papel de homem!

E- E acha que o desempenha da mesma maneira?

M- Desempenho igual!

E- Hum, hum.

M- Não têm... porque desempenhá-lo pior nem melhor, desempenho pior!, porque...

E- Como é que é?

M- ... há “tubarias”...

E- Sim.

M- ... há tudo isso, que o meu marido sabe o sítio...

E- Sim.

M- ... sabe o que é que são, e eu nisso, cada vez que... preciso, que; outro dia rompeu-se uma “tubaria” em baixo, às sete e um quarto da manhã e... e disse: “- Q, baixa a baixo, porque há uma tubaria que “tá” a cair água e não sei do que é que vai aquilo!” Homem, eu sei correr o telefone, chamar o... empregado: “- E... vem que... esto.” E tudo isso.

E- Pois.

M- Mas ele em seguida foi e disse “- Isto é de água fria, porque este é...” E eu isso, tenho um mapa que ele me fez, e donde “tão” todas...

E- Sim, sim, sim.

M- ... as “tubarias”, mas no, esse momento aa... pedi a ajuda dele e não se me caíram os an... os anéis por isso!

E- Hum, hum.

M- Precisei dele, pedi-lhe a ajuda e ponto!

E- Mas se ele não estivesse cá, imagine que ele estava em Barcelona?

M- Vou ao... vou ao, vou ao mapa.

E- Hum.

M- E, e quando ele “teve” em Coimbra também tive problemas e também me solucionei-os muito bem; e mais gordos que outro dia, também.

E- Teve?

M- Sim, sim. Tive uma ruptura de... da “solfège”...

E- Sim.

M- ... que “táva” a cair água em casa d’uma e tive que “vaziar” tudo, tirar toda a água e tudo isso e “fize-o” e não passou nada!, pouco a pouco, lendo os esquemas que ele me tinha deixado, todos os mapas, pronto; veio o obreiro, arranjou, eu voltei a encher tudo...

E- Hum.

M- Mal ou bem, uma se arranja!

E- Hum.

M- Que remédio!

E- Acha que a sua vida tinha sido diferente, se não tivesse nascido mulher?

M- Hombre, por suposto! Também se tivesse nascido na Índia...

E- (Ruído de nariz a fungar) Sim.

M- ... e segundo de que côr tivesse nascido na Índia, também, sim, completamente diferente. Sim, sim.

E- E acha que, que as mulheres têm problemas que são específicos delas?

M- Sim, mas, também, às vezes porque os buscamos.

E- Como é que é isso? (Riso aberto de Mafalda) Como é que é? O que é que quer dizer?

M- Porque... (Tom de riso) às vezes que... queremos “tar” por em cima deles...

E- Hum, hum.

M- ... e... e aí há que saber jogar um pouco, porque eles são muito orgulhosos.

E- Hum.

M- E então eu digo; Aaa, eu muitas vezes com o meu marido, cheguei a fazer que sim, que sim, tudo muito bem e eu via as coisas neg... pretas e ele via-as verdes e ao final também as via verdes “p’a” contentá-lo, mas ao final eu fazia. ...

(Interrupção na gravação para virar a cassete)

M- Aa... pois não sei, aa... eu vejo pela minha filha, a minha filha consegue o que quer do pai.

E- Hum, hum.

M- E tem doze anos, ainda! E sabe levar o pai de tal maneira, que se vamos a buscar uma película “p’a” ver uma... um filme “p’a” ver na televisão. ...

E- Hum, hum.

M- ... quando ela vai, eu não sei como faz, mas ela consegue trazer o que ela quer, e isso... eu creio que há... vai aprendendo, “p’a” quando ser maior, já... (Tom de riso)

E- Hum, hum.

M- Eu creio que temos aa... um sexto sentido. ...

E- Hum, hum.

M- ... que nesses momentos sabemos usá-lo.

E- Hum, hum.

M- E... há mulheres que o usam para bem e outras que não sabem usar bem. Eu lembro-me na escola haver um... uma... no livro de leitura que tínhamos. ...

E- Sim.

M- ... uma, uma história que era “Os dez anõezinhos da tia verde águas”.

E- Sim.

M- Não sei se a senhora...?

E- Não.

M- Não? Pois era uma mulher, e eu lembro-me um dia contei à minha filha e ela ria-se e dizia-me: “– Isso é a história mais tonta que eu li na minha vida! Que eu ouvi!”

E- Hum. (Tom de riso)

M- Pois era uma, uma mulher que vivia com o homem, que todos os dias o homem lhe batia. ...

E- Sim.

M- ... porque nunca tinha a comida feita!, nem a casa arranjada!, nim nada! E havia uma senhora ao lado, já mayor, que um dia aa... diz: “– Vem aqui que eu aa... aa, vou-te dizer um truque “p’a” que o teu marido não te bata.”

E- Sim.

M- Então ela diz: “– Eu vou-te emprestar dez anões”...

E- Sim.

M- ...”e tu de manhã vais fazer o que eu te mando; tu vais de manhã buscar água, de manhã preparas a comida ao teu marido, limpas a casa, tudo isto, mas tu não vais fazer isso, quem vai fazer isso são os dez anões”...

E- Sim.

M- ...”que eu te vou deixar. Mas tu não os vais ver!”

E- Sim.

M- Claro!, a mulher fazia tudo o que a outra... , o homem chegava a casa, comia, tal e claro, estranhava-se!, e não lhe batia, claro!

E- Hum, hum.

M- E um dia já, diz a mulher, “p’a”... “p’a” outra, “p’a” senhora mayor: “– Olhe, eu quero agradecer aos dez anões, por ao meu marido já não me bate!”

E- Sim.

M- E diz: “– Tu eres tonta, os dez anões tens-os nas mãos!”

E- Aa!! (Tom de admiração e ternura) Que engraçado!

M- Entende?

E- Entendo.

M- Essas pequenas coisas de quando somos pequenas. . .

E- Sim.

M- . . . então digo: “o sexto sentido, é como os dez anões, de resto há que sabê-los interpretar, “p’á” saber usar!”

E- Hum, hum.

M- Claro que ela não sabia que era ela que “táva” a trabalhar!, ou se sabia, não se inteirava.

E- Hum, hum.

M- Então digo: “pois há muitas, há muito. . . muitas mulheres que têm o sexto sentido, mas segundo como o usas. . .

E- Hum, hum.

M- . . . ”sabes levar a pessoa que tens, seja homem, seja mulher, ao lado, ou não!”

E- Acha que esse sexto sentido, a ver se eu entendi bem, é próprio da mulher? Não é?

M- Sim, sim, sim.

E- E. . . e, e, portanto, é uma forma aa, de saber, não é? Dela?

M- Sim. Claro!, mas eu creio que já nasce a mulher com isso, logo haverá umas q’o têm desenvolvido e outras que não, claro.

E- Sim.

M- Isso já é outra coisa, não?

E- Sim, sim. Hum, hum. (Breve pausa) Bom, aa, pela minha parte, penso que. . . que. . .

M- Se é por a minha filha, não se preocupe, porque essa vai “p’ó” porque agora! Eh!

E- Não, mas não é.

M- Porque vai-se disfarçar.

E- Pois, faz parte da época, não é? Acho que sim. Não, p’la minha parte quero-lhe agradecer, a sua disponibilidade, por ter cá vindo duas vezes e quero-lhe perguntar o que é que achou do. . . se tem mais alguma coisa a dizer, se não quer dizer mais alguma coisa? E o que é que achou!? Desta, destas entrevistas que foram duas conversas?

M- (Sorriso) Não, eu quando a L. me chamou a dizer isso, eu cria que vinha com as, as. . . perguntas. . .

E- Escritas.

M- . . . e quando veio, q’ a senhora sentou-se aqui, sem nada na mão, e digo: “– Bom, a ver do que é que vai!”

E- Sim.

M- E não!, foi uma experiência muito agradável; a verdade.

E- Não foi difícil?

M- Não! Não, não. Às vezes fez-me recordar coisas da minha infância que. . .

E- Hum, hum.

M- . . . que. . . já não, há muito tempo que não. . . fazia. . . recordar. . .

E- Mas gostou?

M- Sim!, sim!, sim.

E- Aa. . . não lhe. . .

M- Não!, repetiria.

E- Hum. Não foi difícil.

M- Não, não. Não.

E- Portanto, não foi custoso.

M- Não, não. Não, não. Nem, nem desagradável, nem nada, não.

E- O.K. Pronto, muito obrigada.

FIM da 2.^a ENTREVISTA

APÊNDICE 10-4 – ENTREVISTA DE PALOMA (CAPÍTULO TRÊS, 4.^a PARTE)

1.^a ENTREVISTA

Entrevistadora - Gracias por acceder a., conmigo, hoy es diez de marzo y como el otro día he hablado contigo, estoy aquí haciendo un estudio, creo que te he mostrado mi tarjeta.

Paloma - Sí.

E - Y creo que también te había dicho que estoy aquí haciendo un estudio, pues sobre las mujeres que, o sea, que han emigrado de Portugal, o también mujeres españolas que se han casado con portugueses que han emigrado, pero estoy hablando con mujeres. Y pues yo no tengo muchas preguntas, vamos a ver, (Imperceptível). Como te decía, yo no tengo muchas preguntas, lo que tengo generalmente es una pregunta, pues lo que pido a las mujeres es que lo que puedan, pues me cuenten en datos generales, ¿no?. Las experiencias de su vida, claro, que la persona no es identificada, ni necesita decir el nombre del pueblo donde su familia, ni nada de eso. Como ya te he dicho, incluso, porque se que te lo he dicho, y hay pues yo en líneas generalmente así: Hay un humorista portugués, Hemán José, que suele decir que la vida es como los interruptores, una vez arriba, otras..., unas veces, otras veces hacia abajo, y así es con todo, con todos. Pues de lo que puedes, cuando han sido los momentos más marcantes, sean hacia arriba o hacia abajo, cómo los has vivido, cómo los has sentido, (Imperceptível), y cómo en esa historia pues (Imperceptível), pues era se una vez una niña que se llama **P** y que ha nacido no se ¿al norte del país más o menos?.

P - No.

E - Sur.

P - No. Yo nací en un pueblo de (Imperceptível). Sí, porque yo no tengo ningún problema en decir, se puede contar mi vida, ¿no?. Entonces no me importa decir pues, no voy a decir exactamente la calle, pero de una ciudad, porque soy (Imperceptível), una ciudad de (Imperceptível), que he crecido, he vivido hasta los 16 años, no tengo ningún problema en decir de donde soy.

E - Bueno, entonces esa niña...

P - Esa niña crece. He vivido en un entorno familiar muy feliz, pues sencilla, humilde. Los padres trabajaban. La ama ha sido modista toda la vida, y a los nueve años me quedo sin padre por enfermedad. Ahí vienen los problemas familiares, económicos también. Los hermanos han tenido que dejar los estudios, y aún ni todo al ejército del aire, voluntarios, y luego juraron bandera y fueron a Angola, y ahí un estuvo seis meses, otro estuvo nueve y eso fue muy duro para nosotros.

Porque claro, éramos cuatro, quedamos dos en casa muy pequeños, yo con nueve, mi hermano con once. La ama sola con los dos, los hermanos ¿eh!?, muchas dificultades para saber cómo se encontraban, problemas de salud también, ni habían noticias. Igual tirábamos seis meses sin saber nada de ellos, pero bueno, dentro de lo que cabe.. Luego el Gobierno nos a aportado unas ayudas, nosotros tuvimos facilidades para estudiar, que luego por cierto yo no supe aprovecharlo, porque fui muy rebelde, no, de los cambios, que me encontraron un poco. Pierdes el padre, pierdes los dos hermanos también. Te descentras un poco.

Luego con once años a un colegio de religiosas, ahí seguí los estudios, pero seguí siempre rebelde, cada vez más, y bueno, salí con 16 años, con el graduado hecho. No quise seguir estudiando.

A través de las religiosas me fui a Oporto, a una clínica, sí, particular, y estuve hasta los veinte años. Y muy bien, en Oporto. Pues al estar independizada de la familia, un poco, sin normas, ni horarios, pues me he desmadrado un poco, he vivido un poco así, a lo loco. Seguía trabajando y estudiando de noche, pero estudiar poco, más bien juerga (ri-se)-. Lo he decidido yo y no me arrepiento de lo que he hecho, bueno, he disfrutado, lo que pasa es que hoy en día maduras y hechas en falta los estudios, porque podía haber hecho una carrera y hubiera podido estar mucho mejor. Poco, luego las cosas son complicadas, yo he tenido que salir adelante y bueno, con estudios es mucho más fácil, aunque el problema de un trabajo es muy amplio ¿no?. Porque he sido siempre una persona muy positiva, nunca he echado culpas a nadie de lo que me ha pasado, si ha sido bueno lo he disfrutado y si me ha pasado situaciones desagradables, he intentado luchar para estar bien. Entonces nunca me he dejado hundir, soy muy, ¿cómo se dice?, optimista, lucho mucho, me gusta estar bien.

Y bueno, en Oporto encontré unas amigas que sus padres eran emigrantes, y me han animado a venir a pasar unas vacaciones, pues me he quedado en Salamanca, me he quedado, me vine y ya me quedé. De aquel entonces por el 84 que vine yo, no había tantos problemas de trabajo, yo era muy joven y en seguida.

E - ¿Tenías más o menos, qué edad?, ¿más o menos que edad?.

P - Pues tenía 22 años ya. Sí, y me ha gustado mucho España, ¡eh!. Encontré una ciudad preciosa y quise quedarme. Luego de mía cada, mi madre no estaba de acuerdo. Los hermanos tampoco, porque ¿qué hacía yo en un país sola?. Digo no porque están los vecinos de mis amigas, “que no, que no, que te vienes, que te vamos a buscar..”. Como yo era mayor de edad y ya no han podido decidir por mí, entonces han respetado, porque claro, yo volvía y qué iba a hacer, ya había dejado el trabajo, yo me quedo, porque yo soy de las que digo: hoy cojo maleta, hago maleta, digo, si estoy trabajando anulo el trabajo y ya no vengo aquí más a trabajar, me voy a otro sitio. Y no sé, aunque no tenga trabajo siempre he sido muy agradecida, bueno, ya me buscaré la vida, y siempre me ha salido bien.

Luego también tenía el apoyo de la familia, me apoyaba a buscar trabajo y yo he estado aquí un mes nada más, sin trabajar. Luego estuve trabajando en un bar y... allá llaman café ¿no?. Luego he estado en restaurantes, he estado en casas limpiando, de interina.

Siempre he estado trabajando y siempre he estado también cambiando de ciudades porque luego haces amistades, la gente se mueve mucho de verano y te animas y yo siempre me ha gustado mucho trabajar y luego a través del Consulado, también me muevo.

Me gusta conocer y luego voy, me gusta, busco trabajo y allí me quedo otra vez. Ahora ya no me puedo, no me puedo permitir el lujo de hacerlo, porque tengo a mi hijo y ya claro, tengo que tener una estabilidad, pero bueno, estoy conforme.

Y luego la venida aquí a San Sebastián. Yo llevo aquí ya bastantes años. Aquí conocí a un chico. Estuve viviendo con él tres años. Que es el padre de mi hijo, que no nos hemos casado, no me arrepiento, porque en ha salido muy bien. Y nos fuimos a su pueblo a vivir. Estuvimos allá tres años viviendo bien, pero yo no quería el niño y él sí. Luego el me ha convencido, yo quede embarazada. Él va y total cuando nace el niño, no asimila la responsabilidad. Yo me he encontrado sola. De hecho, bueno, yo “si tú no quieres enfrentarte”. Él tenía muchos problemas profesionales, económicos. Estábamos pasando mala racha. Yo no estaba trabajando. Entonces a los cinco meses, yo le he dicho que me iba de casa. Me dijo: “no, no te vayas, porque te puedes quedar, dejamos el piso”. Y lo que el banco se ha hecho con todo lo suyo, porque una vez que no hacía frente a los gastos, el banco le ha quitado todo el patrimonio que tenía, y yo, estábamos los dos con lo puesto. «Nosotros tenemos un niño, y si tú no estás capacitado o igual ahora tienes muchísimos problemas y no puedes salir adelante con nosotros, pues es mejor que yo me busque la vida con mi hijo, sola, porque en vez de estar los tres hundidos, estás tú solito, porque yo no me hundo, porque yo soy la que tengo que tirar por mi hijo, por lo menos yo lo siento así, porque no te veo capacitado de que tú luches por una familia.» «Que no, que nos vamos a casa de mis padres.» «No, digo yo, yo no voy a casa de nadie!, porque de imme me iría a mi casa y yo entiendo que una vez que busqué mi independencia, no tengo el derecho de ir a llevar problemas a casa de nadie. Entonces yo prefiero asimilar mi historia y me voy con mi hijo!» «¿Adónde vas con un niño de cinco meses?» «Tú no te preocupes, que yo me busco la vida y ya!».

Entonces yo llamé a un amigo mío, le dije: oye, me pasa esto, y estoy con la maleta hecha, la de mi hijo y la mía. Me queda irme de casa y no tengo dinero para moverme. Mándame dinero, que yo cuando pueda te lo devuelvo. Entonces el chaval me mandó 40.000 pesetas a Cantabria. Yo cogí el dinero al día siguiente. Con las mismas me vine a San Sebastián. Llamé a una amiga porque yo antes de irme a Cantabria ya vivía aquí, y le llamé y le digo: mira si estoy aquí con mi hijo de cinco meses y no tengo a donde ir, si tú me dejas quedarme un par de días en tu casa, yo te pago lo que sea para hacer frente a los gastos, ¿no?, y para solucionar mi problema. Ella se volvió loca conmigo porque dijo: “esta mujer, me va a volver loca, qué vamos a hacer con ella”. Y total que me recibió en su casa y estuve veinte días, y bueno. Ella me ha ayudado mucho, ella es de aquí del País Vasco, tenía más o menos idea de cómo pedir ayuda y moverse a través de la asistenta social. Entonces cogimos y nos fuimos a la asistenta social. La asistenta social, la primera cosa que me decía, claro al ser extranjera: “residencia”. Yo no tengo residencia, porque claro, para tener una residencia tienes que tener un contrato, si no tienes contrato no te dan la residencia (Imperceptível). Que alguien se haga cargo, pero de qué le (Imperceptível), cuando uno está ilusionado y está quizá también enamorado y hace las cosas a lo loco, no e preocupa de papeles, porque total, puedes estar, aunque no estés legal, ¿no?.

Pero como ven que estás en la Comunidad Europea, ya te ponen pegadas, digo bueno, yo porque si estamos en la Comunidad Europea. No necesitamos, pero para las ayudas si necesitas una residencia. Todo eran pegadas, todo eran problemas.

Entonces yo cuando me vine, me fui a Irún, de Irún, a , allí me denegaron todas las ayudas. Pedimos ayuda a la asistente social de Donosti. Me dieron la fecha para entrevistarnos con el niño y la amiga a la asistente social. Contarle la situación, que me había separado, que no tenía nada, ningún tipo de ingresos y que bueno, que estaba en casa de unos amigos, que no podía hacer el favor de dejarme estar, para que tampoco era plan de estar ahí, pues era un gasto, y ya no era un gasto de una persona, éramos dos personas ¿no?. Y bueno, la asistente muy agradable, la verdad es que yo (Imperceptível), no puedes decir la mínimo, porque conmigo se han portado muy bien.

En Irún la gente no me ha ayudado, han puesto muchas trabas, pero sin embargo, yo en Donosti no tuve ningún problema. Entonces la asistente social me dijo que en ese momento no habían plazas en pisos de acogida de madres solteras, pero que estaba Cáritas, y que ella se iba a poner en contacto con Cáritas, porque como trabajaban en conjunto, a ver si tenían una plaza para mí. (Imperceptível). Entonces pedí una entrevista. Vine a Cáritas a hablar con la coordinadora de los pisos que es M. Hablé con ella. Me ha puesto todas las facilidades. El sábado entré en el piso de madres solteras. Pues la experiencia, la experiencia fue buena, positiva. Dura, porque claro, son pisos donde hay unas normas donde tienes que respetar, porque si ni somos.. Yo he tenido suerte que he conseguido con muy poca gente en el piso, pero bueno, han podido estar dos como pueden estar seis, ¿no?.

La convivencia es muy difícil entre personas, porque cada una tiene un mundo, con experiencias, con educación. Los principios y eso, todo influye a la hora de convivir, y bueno. Pues yo me hice a las normas, porque bueno, yo he tenido principios. Me he criado con educación, con principios y luego he. A pesar de haber sido rebelde, quizá porque como me ha tratado la familia, me he descentrado completamente, pero siempre, nunca me he olvidado de lo que he recibido de pequeña, y la infancia también, siempre ha sido muy importante, porque siempre la he tenido presente. Porque siempre (Imperceptível), y me preocupó en el caso de mi hijo por eso, porque siempre tengo buenos recuerdos de mi familia, de mis padres, de las Navidades, de la Semana Santa.

Entonces claro, yo vivía allí pues sola, sin apoyo de nadie. Al ser extranjera, pues dices, ¡jo!, tienes apoyo sí, pero no es lo mismo que la familia, ¿sabes?, yo hecho en falta la familia, porque no se, no es lo mismo, tengo amistades, muy buenas amistades, que siempre están con nosotros, nos apoyan, pero no es lo mismo que la madre, que tengas una madre que aunque te riña, pues te abre la puerta, ¿no?. Y bueno ene ese momento sentí mucha la falta de mi madre, porque mi madre se murió en el 85. Llevaba ya un año aquí trabajando y entonces bueno, pues cuando a raíz de este problema de mi hijo, yo entendía que no quisiera vivir, tampoco tengo mucho trato con la familia, ¿no?, porque hemos estado mucho tiempo separados, y luego por problemas míos con las cuñadas. Entonces bueno, si yo decidiera casa, mis hermanos me abren la puerta, pero tengo que entender que no son ellos ya, son sus mujeres, sus hijos, y a mi no me gusta pedir favores.

Antes pido a un desconocido que a la familia, porque luego a la larga, hubiera sido un problema para ellos, aunque sus hermanos sus mujeres, soy la pequeña, y siempre he sido la niña guapa de la familia.

Pero yo de momento he decidido, me voy, con todas mis consecuencias, con mis errores, y digo, bueno, pues no voy, prefiero pedir ayuda a alguien. Hechas un cable, pues bueno, pues tuve suerte, porque con Cáritas también me ha ayudado mucho. Yo estuve un año en el piso, y el primer día pues lloraba mucho, pero no se, al ver a mi hijo, en ese momento el tema de la pareja, no me afectó para nada, porque mi problema era mi hijo, solucionarlo. Porque había que comer, había que vestirle, había que pagarle una educación, y ese era mi problema. No me preocupé de que yo estaba sola o que se me había ido, porque cogí mi maleta y dejé todo allá. Cuando lo fui a buscar a los cinco meses, entré en casa como si no hubiera pasado nada. Fíjate la frialdad con que los problemas, lo que te resbalan de tal manera que llegas a un momento que has estado con una persona y que a sido el padre de tu hijo, y luego no sientes nada, de un momento a otro, fue un espacio de cinco meses. Yo volví allá y ya es que no sentía nada, es que no me ha impresionado entre en casa y sacar las cosas, ni hablar con él, ni verle, porque ya en eses momento quería verle sufrir tanto, porque pensaba que ya no iba a tener (Imperceptível), y luego porque no le daba ninguna oportunidad, porque no ha perdido oportunidades de volver (Imperceptível).

Si no estás a la altura de las circunstancias, en un momento, entonces viene otro problema, no sabes estar, hay gente que no madura y cuando tiene un problema con los padres y yo como he sido así, entonces necesito una persona al lado muy fuerte, y siempre hasta que no conoces las personas, no sabes porque mientras no haya

problemas, todo son alegrías y todo marcha y mucho cachondeo, pero luego, cuando hay un problema grave y hay hijos por medio, y las cosas se han hundido por falta de su cabeza, no se, se ha ido el tema de las manos y él no lucha para salvar su familia, él no me sirve de nada, porque si es una persona débil, yo lo siento mucho por él ¿no?, pero para mí no puede seguir al lado mío, porque yo no puedo sacar adelante tres personas. Yo saco a mi hijo, y yo voy detrás y (Imperceptível), no lucho por un hombre, yo lucho por mi hijo, porque es la única responsabilidad que tengo en esta vida, porque luego, primero lo que yo (Imperceptível), y luego ya de verlo y convencerlo, y cuando lo veo en mis brazos y digo esto es mío, y esto es lo único que yo tengo en la vida, porque la pareja está como deja de estar y digo, bueno, esto seguramente que es lo mío, y esto por lo que yo tengo que tirar para adelante y por eso siempre me ha dado mucha fuerza para luchar.

Yo he llorado muchas veces sí, unas de alegría, otras pues de tristeza. Hay fechas, siempre que me recuerdan a mi familia, mis padres, pero bueno, infinidad, se repite la historia, porque mi hijo tampoco va a vivir con su padre, y eso es algo que me duele mucho, porque yo no creí con mi padre, pero tengo su imagen y es buena la imagen que tengo del padre, y cuando fui a vivir con este chico, pues iba toda ilusionada, porque yo he sido muy independiente, y he vivido mi juventud muy bien, me he divertido mucho, he tenido siempre un carácter muy juerguista, pero siempre viví con la ilusión de formar una familia y bueno, pues no he tenido suerte, la verdad es que en el amor no tengo mucha suerte, y no lo busco tampoco, lo que tenga que pasar pasa, porque yo pienso que forzar situaciones y buscar situaciones a lo largo no nos traen cosas buenas, entonces, pues bueno.

Yo digo, yo si estuve en el piso de (Imperceptível) un año y pico, allí salí con trabajo, con piso, alquilé un piso, tengo unas ayudas del Gobierno Vasco de vivienda y luz. Luego Diputación también me da una ayuda familiar para el niño. Juan ha estado en un colegio de religiosas, hasta los tres años. Ahora este curso en Septiembre, va con un colegio de religiosos también, que se llama La Salle, que es de los mejores colegios de Donosti. Siempre me preocupa, me supone un gran sacrificio que vaya a colegios privados, pero la preparación para mí, como yo tengo buenos recuerdos del colegio donde estuve, quiero que Juan siga en el colegio de religiosos, porque tienen otra preparación, otra conducta, y hay más disciplina. Algo que la gente, hay mucha gente que piensa de distintas maneras, y cada uno hay que respetar.- Exactamente con eso no pretendo pues prefiero, quiero que Juan pues crezca feliz, y que sepa que sus estudios, que sepa aprovechar también las posibilidades que le den, las que yo no supe aprovechar en su momento. Pero con que sea bueno y honrado, pues ya estoy conforme, y si saca una carrera mejor, que mejor, porque eso para mí sería una satisfacción, querer sacar algo que yo no he sabido aprovechar, y que bueno, yo es lo que yo quiero, no quiero decir que es lo que pueda pasar, porque es él el que tiene que elegir, lo que va a hacer, pero si no quiere estudiar, pues que trabaje, porque aquí como va no e puede. Y bueno yo estoy muy contenta aquí en España, no me siento patriota.

E - ¿No?, ¿Porqué?.

P - Es que no se porqué no me siento patriota. Mira, mi familia está allá. Mis raíces están allá, pero no me tira la tierra, no se porqué. Son muchos años que llegas aquí, muy buenos, porque yo he estado hasta los treinta y tres que quedé embarazada, yo no sabía lo que eran problemas. No tenía problemas de ninguna clase. Los problemas me han venido a raíz de decidir tener el niño. La separación ha sido mis problemas que yo tuve que enfrentarme en la vida, yo sola. Yo no se porque no me siento patriota, la verdad es que la tierra (Imperceptível), y no me gusta mentir, a mí no me gusta la tierra, no es que no me guste, es que no se. Ahora me lo pone muy fácil, muy tierno, yo nunca cambiaría España por Portugal. Si están un equipo de fútbol jugando con Portugal, yo tiro por mi tierra, nunca niego a nadie que soy portuguesa, ¿entiendes?. Estoy muy orgullosa (Imperceptível) y mi hijo, bueno, pues Juan siempre le digo que la ama es portuguesa, que su familia también está allá, pero claro, yo no iría con mi hijo a Portugal y ¿sabes porqué?, porque yo entiendo que sería andar para atrás. Porque España está más adelantada, para mí ¿no?, a nivel de ayudas, yo estoy convencida que yo con mi problema en mi país, sin mi familia, si me recoge la familia, yo no saldría adelante como he salido aquí. Igual es una equivocación mía, ahora he vivido mucho. Hace quince años que no vivo allá, habrá cambiado muchísimas cosas ¿no?, pero yo creo que para salir adelante, lo principal es el trabajo, y el trabajo yo creo que ahora está fatal y no creo que pudiera haber salido adelante en mi país, y allí no hay ayudas como hay aquí, que conste que es en el País Vasco, no en toda España, porque yo me he venido de Cantabria porque allí no había ninguna clase de ayuda, ni de Cáritas tenía un piso de chicas, ni nada, yo me refiero al País Vasco, porque aquí hay un sistema mucho más desarrollado, está mucho más desarrollado que (Imperceptível) España. Te vas a Madrid y no te creas que hay las mismas ayudas, aquí la gente lucha mucho por conseguir las cosas, entonces yo te puedo decir que yo salí

adelante aquí, porque me tuve que venir de otra provincia, porque inclusive la asistenta social me dijo, “no creas que si te digo que te vayas a San Sebastián porque has estado allí y estás empadronada allí, y el niño ha nacido aquí”. Porque estaba allá, pero vine a dar a luz aquí en Donosti, y entonces me dijo: “no te vamos a llevar, no es porque no queremos o porque vayas a pensar que eras extranjera, no tenemos ayudas del Ayuntamiento, entonces...”.

E - Sí.

P - Ahí, en Cantabria si me dijo: “No es porque seas extranjera, pero una vez que has estado tantos años en Donosti, que estás empadronada allá, es mucho más fácil que allá que hay muchas más ayudas salir adelante que aquí. Entonces, bueno, yo, yo llevo ¡jo!, va a hacer tres años en abril, yo estuve año y pico en un piso y luego pues fui a otro piso yo sola, también de Cáritas, que me han dejado hasta que consiguiera un piso. Porque claro, pisos hay muchos, pero a través de agencias que te piden tres meses y son rentas muy altas. Pues he ido ya a través de una monitora de unas amistades, que tengo mucha amistad con una monitora que es religiosa del piso de las chicas y otra vez ella si me ha conseguido un piso de unas amistades y estamos muy bien allí, en Alza, y estamos esperando una posibilidad de que me salga otro trabajo.

Tengo un trabajo por las mañanas, y la gente muy maja. Ella es asistenta social y el es médico, y nos cuida mucho, nos trató como uno más de la familia. No es de esta gente que “tu eres empleada, nosotros somos los señores”. Una gente muy sencilla.. Cuando Juan está malo, me hace ir a la guardería, es más facilitable llevar al niño a cada a trabajar que eso, hoy en día es muy difícil que te faciliten, y bueno, no tengo que decir nada de ellos, muy buena gente, he tenido suerte, ese trabajo me lo ha dado M., de Cáritas. (**E** - Imperceptível.)

Sí, luego bendición, que es un año que yo llevo trabajando con ellos, y muy bien, tengo llaves de casa, entro, salgo, no tengo horarios. Cuando yo termine me voy. El día que pongo la casa pata arriba que tengo que hacer cinco horas (Imperceptível), nunca me han dicho esto está bien, esto está mal. Bueno, la limpieza sí se me da bien, pero lo que es la cocina se me da fatal. A veces me sale de miedo la comida, y bueno, siempre me animan, no te preocupes, yo ya lo arreglo, que entonces es cuando empezamos, ni me salen bien las cosas, pero bueno. Y ya le he dicho, cuando yo fui a entrevistarme con él, yo le he dicho, yo cocinando soy fatal, no se me da bien, y tampoco pongo mucho empeño, dice: “bueno, no te preocupes, que los primeros son a base de verduras y eso es sencillo, y los segundos platos ya los hago yo”. Dicen que ella me ayuda mucha en la cocina, pero yo les hago cada cosa (se ríe). Pero bueno, y pongo interés, y cómo pongo interés y ven que pongo interés, voluntad, bueno, dirán: “ésta mujer se lo pasará mal”. Porque al final, me salen mal las cosas, sabes, pero bueno, estoy contenta. Allí estoy fija, ya esta, pa cuando.... Yo siempre digo pa cuando me toque la primitiva, y muy contenta estoy con ellos y ahora bueno, estamos a la espera, porque yo llevaba seis años en paro aquí en Donosti y como me fui a Cantabria, pues interrumpí y entonces ahora para conseguir un piso de protección oficial, con opción a compra, tengo que estar tres años empadronada aquí en Donosti, seguidos y me quedan dos (Imperceptível). Que me falta pues solicitar un piso de protección oficial y luego ya comprar uno. Como entras en un piso, no están derecho a, de ahí no te hecha nadie ya, pero bueno, luego puedes comprarlo, cuando tengas una nómina, puedes comprar.

Entonces bueno, pues esa es mi ilusión, espero comprar un piso, porque luego vemos que te dan muchas facilidades de pago, ¿sabes?. No te exigen entradas muy altas, y bueno, he visto como hace ilusión de ir a mi casa, y los muebles ya los vamos metiendo poco a poco, porque claro, soy yo sola con Juan. Entonces no podemos aspirar a mucho, porque también están sus estudios, y los colegios privados también te suponen un gasto todos los meses de ropas y que si deportiva que si de vestir, que si uniformes. Pues tienes que estar ahí, un poco al tema ¿no?, de lo económico, y no puedes comprar mucho seguido, pero bueno, yo mi ilusión con que estaría con salud y yo pueda seguir trabajando, mi lucha contra (Imperceptível) es constante, porque fijate que tengo muchos contactos, gente con influencias, porque yo nunca he tenido suerte que... (Breve interrupção na entrevista para virar a cassette).

... Luego se sabe de quien eres, de donde vienes, qué historia tienes, confío en tí, te dan una libertad y bueno, no te preocupas que ya miraré y que luego te salgan las cosas, ¿no?. Porque yo siempre he tenido trabajos, pero antes me los buscaba yo, porque da la casualidad de con un hijo es muy problemático, porque como tienes un hijo, no te quieren dar trabajos.

E - Lo has sentido.

P - Sí. Cuando no tienes hijos, todo es fácil, porque dejas uno, entras en otro, porque para limpiar no falta trabajo. O sea, que, pero cuando tienes ya.., está mal pagao, porque hay mucho, mucha competencia ¿no?. Ahora sobramos las que vamos a limpiar casa también, y está mal pagado, pero si qué nunca tuve problemas. Pero a raíz de

tener un hijo, si que he notado, porque la gente la primera cosa: ¿"tienes hijos, sí?". Y eso, todos son problemas. Y detrás de ello te dicen: "¿y cuando sea verano quién se queda con el niño?", y eso, todos son problemas y detrás de ello te dice: "¡ah!, eres extranjera, pues lo siento mucho, pero yo prefiero una gente de aquí euskalduna". Eso es mucho así, te encuentras a diario, ¿no?

Entonces claro, eso no vas a través de, dicen que los padrinos sí, que no tiene padrino no se bautiza, todos los padrinos es una cosa de toda la vida y seguirá siendo, porque se tiene alguien que hable por ti, pues vengo de parte de, pues eso ya te da algo, una carta, eso ya es abrirte la puerta, y tienes el pasaje ya pa el viaje, ¿sabes?. Pero si no tienes influencias, yo en eso he tenido suerte, teniendo amistades de personas que a través de Cáritas, a través de amistades de gente con quien he estado en el piso, pues no me siento sola, la verdad.

Estoy contenta aquí en España, y bueno, cuando mi hijo se haga mayor, lo llevaré a mi tierra, para conocer mi familia, pero bueno, no me iría a vivir a mi tierra y no se muy bien por qué, no me tira la tierra, tampoco saldría del País Vasco, que para mí es Donosti, ¿sabes?. Me gusta mucho esta ciudad. Juan ha nacido aquí, y mis ideas es que crezca aquí, en su tierra, pero que sepa que, y le estoy enseñando portugués, pero que no, que no quiere, no le gusta, y yo le sigo insistiendo, porque yo tengo amistades aquí portuguesas y, pero gente que ha venido aquí con cuatro años, que sus padres han emigrado.

Ellos han crecido aquí, han estudiado aquí, pero bueno, hablan portugués, como hablan castellano o euskera. Y yo a Juan y siempre hablando con gente siempre me dicen: "enséñale algo al niño, porque el niño ahora de pequeño asimilará mucho mejor y tiene más facilidad". Y yo ya en casa le hablo mucho en portugués y el se ríe, porque el ya se da cuenta, ni entiendo y me dice "¿qué hablas?". Y hablas raro, y yo le digo, es portugués, y le estoy explicando todo, que ama no es de aquí que es de Portugal, que un día va a conocer la tierra de los abuelos y de los tíos, porque hace poco me preguntó si tenía familia, y le he dicho que claro, que tenía familia, que su familia está en Portugal. Se te queda mirando pues con dos años, casi tres que va a hacer, pues no sabe hasta donde puede asimilar las cosas. Tampoco hay que darle mucha importancia, déjale que el si quiere con lo que vaya preguntándome voy contestando, luego con los años pues se va, va encajando todo.

Y bueno, pues mi historia es esa, yo poco más tengo que contar. De momento estoy de amores nada de nada, nada de nada. no me apetece porque estoy muy tranquila. No es que yo piense que los hombres son todos iguales, pero yo ya estoy un poco escaldada. No tengo ganas ahora de líos de corazón, porque nunca sabes si te va a salir bien, si te va a salir mal, y si te sale mal otra vez a las andadas, sufres otra vez, y yo no tengo ganas de sufrir, porque yo he sufrido mucho, y ahora como estoy relajada, no quiero saber nada, porque me preocupan otras cosas de (Imperceptível), otras cosas, pero bueno. Mi educación (Imperceptível) y también me gustaría rehacer mi vida con otra persona, y bueno que fuera para toda la vida por lo menos.

Pero hoy en día para toda la vida no tienes nada, entonces tampoco salgo mucho, porque llevo tres años apenas no salgo nada de noche. No me divierto, porque claro, tengo que quedarme con el niño, el niño no se queda con nadie, tengo cantidad de amistades, va un rato a casa, juega con los amigos, muy bien, pero a la hora de la verdad, de dormir, nada, dormir. Y vienen sus amigos a dormir a su casa y él no va a casa de nadie a dormir, y entonces bueno, pues eso me quieta mucha libertad de movimiento. Ahora, por el día, pues el verano vamos a la playa, en invierno pues vamos al cine, hay películas infantiles. Siempre le llevo, porque le gusta mucho. Hago una vida familiar y de trabajo a casa y bueno, los fines de semana, unos fines de semana voy a casa de Beraun, a Rentería con una comunidad de religiosas que nos ayudan, nos han ayudado mucho, y ahí pasamos el fin de semana, el domingo, el sábado, depende de los días que tengo libre, a casa de las amistades que hice a través de ellas, del matrimonio que ya tenemos mucha amistad y solemos ir mucho a su casa también, y así ya estamos y muy contenta, porque dentro de lo que cabe, pues me han salido las cosas bien, porque no podemos ser egoístas, ni pretender castillos, ¿no?

Pero bueno, a mi me a costado este cambio, porque yo nunca había pedido nada a nadie. Yo soy muy orgullosa para pedir, y yo el hecho de comerme el orgullo de una forma, y tener que dar la cara a pedir, pues he aprendido también con eso. Todo se aprende, porque cuando uno es joven va todo, se cree que el mundo es nuestro y te vuelves más, maduras. Los problemas maduran a uno, asientas la cabeza. Luego también te hacen más sensible, dejas de ser un poco más, a andar a lo loco. Yo he cambiado mucho, porque yo bueno, yo andaba de un lado a otro y esto era todo comer y cantar y luego me he dado cuenta que la vida es más que todo eso, y bueno de lo malo, mira, saco, procuro de las situaciones desagradables sacar lo positivo.

Porque bueno, digo, no me ha gustado o no ha sido bueno, pero ha sido positivo, porque he aprendido a convivir con otra gente. Porque cuando uno no tiene problemas se cree, es que yo al no haber tenido problemas, pues ni siquiera me ha pasado la cabeza que los demás han tenido problemas, hasta que no estás ahí (tose y pide perdón). Hasta que no estás ahí y tratas con una persona, con otra y con otra, y ves la situación de cada uno y analizas, dices ¡jo!, pues la mía al lado de la suya, no es nada ¿no?. Entonces, claro, yo conviví con gente en el piso, gente que tenía unos historiales y unas vivencias, digo ¡jo!, lo mío al lado de lo suyo es una gota de agua en el océano. Pues no se porqué me vuelvo tan loca, porque hay situaciones muy complicadas y difíciles. Entonces bueno, pues tu cuando parece que el mal de los demás te compensa un poco, porque dices, bien, lo mío parece un poco mejor que lo suyo ¿no?, aunque estemos todos en el mismo barco cada uno viene de un sitio y claro, y parece muy fuerte haber estado con gente pues que ha venido de la calle, que tienen unas vivencias totalmente distintas. Gente de la droga, pues que dice ¡jollín!

Yo he tenido gente, he estado con gente en piso que me ha amargado mucho. He estado con una chica, una paisana nuestra, una chavala muy joven y que me ha impresionado mucho su vida aquí. Que ha sido una vida más bien muy dura, pues que estaba con cinco meses vendiendo el periódico en la calle, no sé. Parecía tan jovencita y estaba con un chaval que estaba alcoholizado perdido. Entonces dices, ¡jollín!, ¿cómo puede ser esta gente adelante?. Yo no creo que no voy a salir pues yo al lado de esta gente, pues yo estoy capacitada para salir adelante, ¿no?. Pues piensas así un poco, analizas un poco el historial de cada uno y dices, bueno, lo mío no, lo mío está bien. Mi historial ¿no?.

Y entonces lo que necesitas es ánimos para salir adelante y esos ánimos te los da el trabajo. Si no sales con el trabajo, no puedes salir, y yo en eses aspecto pues tuve suerte, y estoy muy conforme, muy conforme. Ahora bueno, pedir, no hay que pedir ¿no?, pero es un derecho que tenemos al trabajo. Yo ahora mismo pues estoy viviendo también con ayudas, a mi cada vez que tengo que renovar las ayudas me cuesta mucho, me lo tengo que pensar, porque yo nunca he pedido y vengo de una familia que nunca ha pedido nada a nadie, porque siempre hemos tenido lo suficiente para salir adelante y digo va pues problemas económicos no teníamos. No ganábamos en dinero, pues los abuelos eran de campo, tenía una finca y no me hizo cultivar de todo, y hemos crecido con todo, y luego bueno, la ama también era modista, nunca le faltó trabajo. Hemos andado siempre muy bien arreglados, muy puestos, y claro, así hemos crecido...

E - ¿Y han estudiado?, ¿en ese tiempo era normal que estudiaran los niños allí?

P - Sí.

E - ¿Casi todos habéis estudiado?

P - No, casi todos no, a sido la primaria y no había otras salidas, pero bueno, la gente que vive esas, que una ciudad que (Imperceptível), pues hay mucha, la zona del mármol, del corcho, entonces claro, ahí la gente vivía más o menos bien.

E - ¿Y tú crees que tu familia si la comparas con las otras en esa época...?

P - ¿En esa época?

E - ¿Vivían igual o semejante?

P - Bueno, había el rico y el pobre, pero también estaban los cómodos, la gente cómoda, ¿no?. Yo me considero persona (Imperceptível). Como acomodado, porque luego, a raíz de que yo me quedé sin padre, con nueve años, los hermanos fueron al ejército del aire, porque mis hermanos han tenido que dejar el Instituto, porque no podían hacer frente. Mi madre no podía hacer frente a los gastos por las enfermedades.

Entonces mis hermanos, para seguir estudiando, la única salida que tenían era ir al ejército del aire. Entonces fueron voluntarios. Los mandaron a Angola, y a la vuelta, entonces fue cuando se han podido hacer ya profesional, y elegir una carrera. Entonces el Estado les ha dado posibilidades de estudiar (Imperceptível), y sacar su carrera, y luego, bueno, pues también han tenido la suerte que ellos han sido muy inteligentes y han aprovechado y han sacado la carrera con notables, y que bueno, se han sentido por lo menos, de todo lo que han sufrido, porque no ha sido fácil, porque uno estuve seis años sin venir a casa. El mayor, sin vemos, y eso es muy duro para una familia. Para ellos también.

Porque mis hermanos fueron con dieciocho años, voluntarios, ya que eran mayores de edad. Mi madre tuvo que firmar (Imperceptível). Entonces bueno, al no firmar ellos fueron, pero no porque mi madre quiso. Ellos que no querían quedarse, que no valían para quedarse en una oficina, ni un banco. Entonces han dicho que ellos que no iban a

quedarse, a limitarse a quedarse en unas oficinas o en un banco trabajando, o en un despacho. Que ellos querían seguir carrera y la forma de conseguirlo era de ir al ejército. Pues ellos fueron al ejército.

E - ¿Crees que tus hermanos han mejorado su vida comparando con la vida de tus padres?

P - Sí.

E - ¿Crees que sí?

P - Sí, sí, porque mi padre no sabía ni leer. Mi padre era una persona culta porque era una persona que se ha procurado la vida. Era una persona que viajaba mucho. Mi padre se dedicó al contrabando.

E - ¿Sí? (P – Imperceptível.) ¿Era común?

P - Sí, mi padre era de lo que vivía. Y luego también mi padre fue mozo forçado. Sí, hizo un poco de todo. Era un poco. Sí, era una persona muy buena, muy alegre. Tenía un muy buen carácter mi padre, y muy sociable. Y entonces, quizá es por el hecho de haber estado siempre con el contrabando se relacionó con gente de alta alcurnia.

Siempre con las familias muy famosas de Portugal. Con (Imperceptível) y esta gente como tenía el dinero, nunca coincidía. Siempre llevaban un chofer y entonces mi padre como era una persona que viajaba mucho, pues estaba un poco así, no les cobraba nada, pero mientras iba y venía pues andaba gastos pagados como quien dice ¿sabes?. Y nosotros como teníamos posibilidades de viajar y criar juergas, también mi padre hablaba español correctamente, porque él, en la época, antes de la guerra, había estado aquí 14 años trabajando, de muy joven en una fábrica de cervezas.

Entonces habrá espabilado mucho, y se habrá dado cuenta que el contrabando que le va a traer dinero, y entonces sabe. Y también ha hecho mucho dinero con lo del ganado de caballo de corridas, caballos de raza, todo el ganado. También con los toros y eso. Pasaba mucho pa acá. Hombre, siempre pagaba en las aduanas para poder, tenía policía y todo comprado. Saturado toda la vida, sí, yo lo recuerdo pequeña, oír en casa el padre que venía a contratar la gente para pasar los caminos con los caballos. Tenía que pasar por las fronteras, pues pasaba por el campo y mi padre contrataba a gente para pasarlos y bueno. Hacía muchas chapuzas de aquellas. El café también. Yo recuerdo que cada el salía, bueno había todo, porque traficaba de todo, de todo.

Y bueno, era una persona pues que aprendió del mundo, de andar pa acá, pa allá. Él conocía mucho España. Viajaba mucho por Córdoba, por Badajoz, por Cáceres, por Sevilla. Eso por donde él andaba mucho y bueno, creo que mi padre fue una persona feliz, sí, porque vivió como ha querido, y mi madre pues también. Yo creo que se acostumbró a los viajes de mi padre, y mi madre siempre habló con mucho cariño de mi padre, siempre.

Luego tuvo una enfermedad muy larga. Estuvo muy mal durante tres años, pero mi madre estuvo siempre al lado suyo. Yo nunca he visto a mis padres reñir delante de nosotros. Tendrían sus cosas, como todos los matrimonios ¿no?, pero delante de los hijos nunca han levantado la voz, y eso de una cierta forma pues es positivo también, porque creces con respeto hacia la familia, que esos son los que yo procuro incumplir a mi hijo.

Y a veces pienso, bueno, igual estoy un poco anticuada si quiero dar lo que recibí, pero yo pienso que todo lo que sea positivo para mí es positivo para él, porque hay cosas que han ido bien, pero otras, los principios y la educación yo pienso que deben de ser un poco lo que hemos recibido cada una en su casa ¿no?. Yo por lo menos lo veo así. Procuro dar lo positivo que recibí, dárselo a él, y luego él que compare, que mire lo que, que es (Imperceptível). Le ha venido bien ¿no?, porque yo con mi hijo pretendo, no solamente ser su madre, porque he vivido dos cambios muy fuertes, lo de.

Pues yo cuando vine aquí, pues yo no tenía la libertad que tengo, que he tenido aquí, porque yo aquí cuando he llegado pues ya estaba independizada, no he tendió que dar explicaciones a nadie ¿no?. Allá he tenido que dar explicaciones a la familia, pues llega un momento que te pregunta y te exige pues eso. Yo no había ido nunca a una discoteca, cuando llegué aquí estaba todo juerga y ¡uy ama!, aquí hay más que allá todavía. Aquí la gente es muy juerguista y bueno, pues dices ¡jo!.

Aquí estoy completamente eres otra persona, te haces. Yo siempre procuro ir al sitio que voy hacerme con las costumbres de allí, no imponer las mías. Entonces bueno, yo vine aquí. Empecé a ver como funcionaba la gente. Empecé a entrar un poco, e incluso a sus costumbres. Y ahora bueno, nunca he sentido que la gente me hecha de menos o que te haya mirado, porque no eres de aquí. Nunca me he sentido extranjera aquí. Quizá si lo hizo el que no me tire mi tierra, porque me he sentido como en mi casa aquí. Entonces bueno, cuando estás a gusto en un sitio, vives aquí, comes aquí, trabajas aquí.

Aquí tengo un lugar, porque fijate en el Consulado, y esto, ahora está en Bilbao, pero cuando yo vine aquí, y cuando yo vine aquí, me refiero no a Donosti, sino a Cáritas. Ellos, yo tuve que ir a mover los papeles del pasaporte de Juan, porque Juan tiene nacionalidad portuguesa, entonces el vio mi situación, que estaba en un piso de acogida. Él no me ha ayudado en nada en estos momentos, y eso no sé hasta que punto eso está bien, que tengas un Consulado en tu país, que tu tienes un serio problema, que saben que tienes que salir adelante. Que estás separada, que estás en un piso de madres solteras, porque el Consulado sabe que existe esto. Y el Consulado en ningún momento te ha dicho “¿necesitas ayudas?”, o “vamos a mover esto”. No se cual es el papel tampoco, quiero criticar el Consulado, y no sé cual es el papel del Consulado.

E - Sí, pero, ¿has sentido eso?.

P - He sentido eso, exactamente. Para mover un papel pues solamente no creo. Pienso que el Consulado debía de estar un poco más con el tema nuestro. No solamente burocrático, porque es el papel que se empeñaba aquí son los temas burocráticos, y nosotros somos más que un papel. Somos seres humanos, que te encuentras en un momento, con una serie de problemas, y el Consulado a ti no te apoya en ningún momento. “Trae este papel, necesitas esto, necesitas lo otro”. Pero no se preocupan por la gente humana de uno.

¡Hombre!, habrá gente que se ha venido, pues yo que sé, hay mucha gente que está en la calle, pero no ha venido, no ha estado nunca legal ¿no?. No ha tenido ningún carné. Yo me he encontrado aquí paisanos nuestros que no tenían ningún carné, y eso ya es denigrante ¿no?. Dices, pero bueno, ¿qué pasa aquí?, y ¿tú no tienes ningún carné?, ¿cómo vas a tener?, si tú no tienes ni un documento para poderte identificar en ningún sitio. Una policía te para y no e qué. Yo soy fulana de tal ¿no?. Con que lo digas no justificas, tienes que hacerte con un documento. Pues me daba la sensación de que la gente a vivido por el monte aquí ¿no?, a buscarse la vida, y que claro, le han pintado la mona muy bonita, y luego la gente se ha llegado aquí y se ha encontrado con todos los problemas de encontrar trabajo.

Sabes que la gente ha emigrado legal y con unas condiciones, y hay otra que ha venido con lo puesto a ver lo que pasa y no se puede ir por la vida a ver lo que pasa ¿no?. Tienes que tener una seguridad por lo menos, un sitio donde vas a vivir, y un dinero que puedas (Imperceptível), frente a los gastos.

Yo por lo menos siempre que he viajado, si no he tenido dinero, he trabajado, nunca he andado a lo loco, ni decir, tengo cinco, me ha ido cinco. Cuando se terminen los cinco que pasa ¿no?. En la vida no se puede andar así, pero me parece que hay mucha gente que ha venido así ¿no?. Porque luego yo a través del piso este encontré a gente así y les he dicho tú. Yo he venido... y ¿cómo has venido no?. “Pues yo he venido desde (Imperceptível)” y ¿has venido con un trabajo o has con alguna amistad o alguien?. “No, pues hemos venido los dos, mi novio y yo, y hemos venido, pues a ver”, digo pues no, pues entonces, bueno.

Pienso en ir..., gente que vaya a un Consulado a pedir una ayuda pues es normal que le paguen el pasaje y que se vaya a su país, porque esa gente en un momento dado puede traes problemas aquí, porque (Imperceptível), como no hay trabajo, la gente se debe ir a las drogas. Se puede dedicar a la prostitución. Entonces luego, es un sitio, no te voy a decir que es fácil. No soy nadie para criticar a nadie, pero igual es una forma, una salida para ganar dinero ¿entiendes?. Por eso la gente si está con lo puesto, y estás en un país ni en el que ni siquiera hablas el idioma, la gente ¿por dónde va?. Pues a la prostitución, a las drogas, al tráfico. Entonces es muy normal, porque hay mucho portugués aquí, en los comedores de Cáritas hay mucha gente pidiendo, y porque igual allá tendrá otra vida. Igual no buena ¿no?, pero regular, por lo menos están con sus familias, tendrá un plato de comida, que no tienen tenedor de pescado, pero habrían unos garbanzos y unas patatas, digo yo.

Pero la gente que cuando me he decidido (Imperceptível), porque he tenido trabajo, y que yo he estado, nunca he tenido Seguridad Social, porque no creo eso de la Seguridad. Yo he trabajado siempre. Yo no he vivido nunca de ayudas, yo llevo quince años aquí, y de ayudas llevo dos, y no he vivido del aire.

Entonces dices, pues un momento que tienes un problema en la vida, ¿porqué tienes un Consulado?, y saben tú situación. Porqué no te ayudan ¿no?. Porque ellos tendrán también sus influencias aquí, o tendrían que tener un apoyo del Gobierno para ayudarnos, aunque nosotros, bueno, si yo estoy aquí, tendría que pagar un seguro o una, lo que puedan hacer frente a los gastos un día que uno necesite, que tampoco vas a pensar que te lo va a dar gratis.

A mi el Gobierno Vasco me lo está dando por la cara, porque ellos no les he pagado nunca nada, y me están ayudando ¿no?. Entonces pues si el Gobierno Vasco a mí (Imperceptível), una ayuda cuando yo no soy de aquí, ¿porqué mi país no me brinda una ayuda?, ¿porqué me voy a sentir yo patriota, entiendes?. Es que no puedo sentirme

patriarca, porque yo no debo nada a mi país. Porque el Consulado supo mi situación y en ningún momento nadie me ha dicho ¿'necesitas?'.

Mira: me han dado el pasaporte y he tenido que estar en un piso de Cáritas que no tenía trabajo, y a mi me han cobrado el pasaporte igual, como cualquier otro. Entonces ¿yo me debo de sentir patriarca?.

Son las leyes que están hechas así, pero ¿qué hacen las leyes?. “Sólo estamos aquí para temas burocráticos”, y ¿para la parte humana no?. Pues sí tú me dices con quién debo más, posiblemente al País Vasco, porque son los que me han ayudado. Yo no puedo decir, yo no renuncio a mi tierra, pero a mi no me han hecho nada por mí. Esta gente a hecho por mí más que si yo no soy de aquí, y no. Siempre digo que no soy de aquí, pero que yo nací aquí. Yo tengo mi nacionalidad de mi tierra, pero claro, yo estoy con ellos, es normal. Yo me siento de aquí, porque como estos fueron los que me salvaron.

Cuando yo no tenía hijos, fueron, los que tiraron por mí, que me han tratado como una persona más. No han mirado de donde yo era. No han mirado mi nacionalidad. Entonces yo me siento de aquí, y eso me duele ¿sabes?. Es una de las cosas que, las veces que pienso ¡jo!, de que me siento si soy de allá o porque a veces entras en temas y me duele oír criticar a mi tierra, porque es mi tierra ¿no?. Y digo, ¿pa que me va a doler?, si es que yo soy de allá, y he nacido allí, pero yo no tengo nada que agradecer a nadie, porque nadie me ha echado un cable cuando yo lo he necesitado.

Entonces eso me viene porque no se cual es el problema del Consulado, y su situación aquí, pero para temas burocráticos, sinceramente, algunos temas burocráticos me dan la risa, porque no te solucionan. Además vas, pagas, te dan los papeles y a correr. Entonces qué es un consulado. Cuando tengo que ir voy, pero no te creas que, como es mi tierra la respeto, pero la respeto como tal, pero es una desinteresada, porque yo pienso que el papel del consulado podría ayudarnos más. El consulado nos podría ayudar más, no digo mandados, porque el Gobierno se tendría que preocupar un poco por la gente que está fuera, porque hay mucha gente que está explotada y que se quedará muchos años aquí trabajando y no cobrará nada ¿me entiendes?.

E - Que no le dan para las jubilaciones.

P - Exactamente, que no cobra aquí, no cobra allá. Mira, yo hace cinco años. Porque yo si he tenido suerte en la vida, yo hace cinco años, casi enferma, con problemas de asma, no tenía Seguridad Social. No tenía nada, y estaba aquí, en Donosti, y entré en Urgencias, y me encontré.

Yo llevaba el pasaporte, estaba en una discoteca con unas amigas a las cuatro o cinco de la mañana. Pues todos muy bien, con mucha marcha. Ya habíamos bebido no se cuanto. Mucha alegría a esa hora de la mañana, y que me asfixio, me asfixio, porque me falta el aire, me falta el aire, y entonces las amigas: “no, que es del pedo que tienes” ¿no?, ¿será del pedo que tengo?. Si yo sé que me falta aire, que me lleves, que me llames a un taxi.

Bueno, llamamos a un taxi. Vamos a urgencias, y yo va con ataques de asma. Nunca había tenido, no sabía nada. La primera cosa que encontraron al dicho: “¿la cartilla de la Seguridad Social?”. Y yo le he dicho que no tengo permiso de la Seguridad Social. Yo soy portuguesa, y vivo aquí y no tengo Seguridad Social, no tengo nada. Me vino el médico y me dijo: “Primero vas a atender a la enfermera, luego ya hablamos de lo temas de papeles”. Yo me fui para adentro.

Me atendieron en seguida me han puesto oxígeno, no se qué, suero. Me atendieron muy bien, y estaba en observación tres horas y me dijo él: “te vas a quedar ingresado, porque no sabemos lo que tienes”. Y yo llorando yo sola, con mis amigas que no e enteraban de la misa la mitad.

Estábamos de juerga un viernes por la noche y digo, pues vosotras os marcháis, que aquí no tenéis nada que hacer ahora. Yo aquí lo que necesito son los médicos, que me arreglen el cuerpo, y mañana ya me pongo yo en contacto con vosotras. No pidan a las enfermeras que os llamen.

Bueno, las amigas se fueron y ¡ah! ama, yo sola, en una cama, con dos viejas al lado, que casi que se morían. Vaya panorama que tengo yo. Aquellas las esperanzas que tuve yo. Qué dura es la vida. Bueno, me he quedado ¿cómo me voy a quedar si yo no tengo Seguridad Social?, ¿tú sabes lo que nos supone quedarme ingresada?, ¿cómo voy a pagar?, si yo trabajo, pero yo para mantenerme, yo no me sobra el dinero para hacer frente a los gastos de hospitales y “tú tranquila, que si tú no tienes dinero, tienes los mismo derechos que cualquier otro español. ¿no tienes dinero?, pues no pagas”.

Digo, ya me quedo más tranquila, ya me quedo un poco mejor, y esto como (Imperceptível) que pagar, sí que me da otro ataque de asma.

Bueno me quedé ingresada veinte días. Me tratan allí veinte días, yo allí solita, a ver las amigas, pero claro, las amigas trabajaban, tenían sus compromisos, responsabilidades, pero bueno. Ellas iban a verme y tal. Yo veinte días y todos los días, deme de alta, y el médico: “estáte tranquila, porque tú no puedes darte de alta, todavía no puedes (Imperceptível), porque tú eres asmática, necesitas un tratamiento, y a los veinte días sabremos como te encuentras y tenemos que hacerte unas pruebas también distintas”. “Esto está pagado, esto está pagado, tú tranquila”. Digo yo, ya veremos, cuando en el control me pidan el dinero, ¿qué vamos a hacer?. “Que no, que yo te aseguro que no pasa nada. Ahora vaya a secretaría para pedir los datos”. Le digo, ¿los datos?. “¿Usted vive con alguien?”. No, yo comparto piso con una chica, pero no somos parientes, Yo estoy aquí sola, y yo soy responsable por mis cosas. “¿Tienes medios para pagar?”. Digo yo no. “¿Tienes Seguridad Social?”, digo yo no, yo trabajo en una casa limpiando, pero no estoy asegurada. Ellos no me han dicho más, se fueron. Yo firmo los papeles, a los veinte días ya el médico me da de alta y digo” ¿vas a pagar o no vas a pagar?”, digo sí, pero no se cómo voy a pagar, porque en la secretaría.... (Breve Interrupção da entrevista para mudar de cassette).

... Me han dado todas las peticiones, creo que es por la gente que encuentras. Yo cuando siempre estaba así un pie para acá y otro para allá, encontraba gente, encontraba siempre gente buena. Por que luego encuentras gente que sus experiencias no han sido buenas y dicen barbaridades. Digo, la mía...

E - Tu experiencia me estabas diciendo que no dices barbaridades de tu experiencia.

P - Ha sido buena. Entonces me dijo, como tú no estás en ningún ambulatorio, tienes que venir a las “conductas cristianas”, a la residencia. Nosotras, as asmáticas, necesitamos unas medicinas continua. Entonces yo siempre que necesitaba medicamentos le llamaba, yo siempre he tenido muestras, y siempre me daba la medicación, porque tengo medicamentos que me cuestan mucho, mil pesetas, y bueno, yo tenía un sueldo de aquello que no me permitía poder comprar tres aparatos distintos, uno de siete, otro de ocho, no me llegaba porque el “ventolín quinientos y pico”, tengo otros aparatos que me cuestan mucho dinero, entonces, bueno.

Bueno, pero a lo que íbamos, (Imperceptível), todas las medicinas, todo. El año siguiente otra vez. Otro ataque fuerte, de urgencias. Yo dije no quiero volver a quedarme ingresada, otra vez ingresada, otros quince días estuve ingresada igual. No tengo Seguridad Social, no tengo nada. Había estado quince días, todo el mundo atendiéndome, muy bien, no me ha faltado de nada. Salí con el mismo médico otra vez, porque era la misma planta. Se repitió la misma historia, medicamentos y todo.

Bueno, luego, el año siguiente también me pasó mal. Fui de urgencias cuatro o cinco veces, pero ya iba, como había estado con medicación, pues a las tres horas, el problema asmático se iba normal, ya me mandaban para casa. Ya se me hacía más leve. Pero siempre me han dicho “si tienes un problema de asma, coge y ven, no te quedes por el hecho de no tener Seguridad Social. Por eso te quiero decir que yo no puedo decir nada, porque no me han pedido un duro nunca

Y cuando me he separado y he vivido con el niño, me, yo fui a los de Osakidetza y les he dicho que el niño, que había nacido aquí, que estaba registrado aquí, tenía su libro de familia, pero que tenía nacionalidad portuguesa y que yo solicitaba asistencia médica gratuita para el niño, no iba a pedir también la mía porque me parecía mucha cara pedir para los dos. Si me la regala a mí, yo contenta de la vida pero yo no voy a pedir para mí, voy a pedir para mi hijo, porque tengo los mismo derechos que un español. Entonces yo fui a pedir su (Imperceptível) a Juan le han dado todo, tiene carta de Seguridad Social, pero no tiene derecho a jubilación, porque como no pagamos, sólo tenemos derechos a médicos, a recepcionistas, a medicamentos, como cualquier ciudadano español.

Yo a mí, cuando me metieron los datos en el ordenador, toda la vida que tenía con la Seguridad Social, “usted ha estado ingresada día tantos del año tal, el otro año, todas las veces”, salí todo, los gastos del hospital. Y digo pues sí, yo debo a la Seguridad Social, pero ahora yo no puedo pagar, ahora mismo estoy en un piso de Cáritas, con una mano alante y una atrás, no tengo ni casa ni trabajo. Y tengo a un hijo aquí de cinco meses, en brazos y a ver como salimos de esto. “Yo señora”, me dijo, “bueno, vamos a estudiar su caso”, digo el día que pueda pagar eso, cobráis, pero hoy en día te voy a decir que no vais a cobrar nada porque no tengo un duro para mí, como para pagar Seguridad Social. Así me dijo, “bueno, vamos a estudiar tu caso, porque como tú eres asmática, en cualquier momento tienes que ingresar o lo que sea, yo voy a exponer tu caso, si te damos Seguridad Social, a ti mejor que mejor, vamos a solicitar para los dos”. Y bueno, a los veinte días me pasó una carta a casa, para que pasara a Osakidetza, a entrevistarme. Fui más contenta, dio, me parece a mí que estos van a reglar este papel. Fui con mi hijo, yo con mi hijo a todos los sitios, tenía que ir con el a todos los lados. Fui y la señora me dijo, “mira te voy a dar la Seguridad Social a ti y al niño. Tenéis

derechos a los medicamentos y a médicos y a todo”. Yo más contenta, me he quitado un problema de encima ya respiramos, hay Señor, que hemos estado más allá que para acá. Ese día ya hacía fiesta, digo hoy es fiesta, porque más contenta.

Claro, cuando uno no tiene, hay amá, no se como vamos a salir de esta pero, mira se ha ido arreglando todo y la verdad es que son cosas que a mí me han pasado situaciones duras de tener que ir a pedir, que es muy humillante, para mí lo de pedir es lo que más me cuesta, pero digo yo. (Imperceptível), pero mi hijo no tiene culpa de las cosas que a mí me hayan salido mal y el no puede ser la víctima de mis situaciones. Entonces yo digo bueno, es que pedir me da vergüenza, porque no vas a pedir para ti, vas a pedir para tu hijo, el no tiene la culpa de que haya echo las cosas mal. Eso vino así y ya está, y como me salieron así pues tengo que solucionar la mejor manera, siempre que él no se sienta perjudicado, ¿entiendes?

Pues me ha salido bien lo de la Seguridad Social, no sé como funcionan en nuestro país las ayudas. Cuando yo vine no había Asistentas Sociales, (Imperceptível), pero no sé cómo funciona en nuestro país, no puedo hablar porque no tengo conocimientos, no tengo conocimientos de causa, pero creo que si me hubiera pasado algo por el estilo pues para el caso, sí, es muy difícil, porque aquí el tema de las ayudas, de las asistentas sociales, están trabajando igual ocho o nueve años para acá, y funciona muy bien. Pues tengo eses apoyo y como yo está muchísima gente. Estas familias también, gente que hay en casa con su marido en paro, hay muchas clases de ayudas, no solo para madres solteras, hay ayudas para todo el mundo. Estudia su caso la Asistenta Social y le da una salida. Pero no puede pretender que sea muy caro, que nosotros, que yo no me puedo quejar, que aquí nosotros todos los que he hemos pedido ayuda, que han visto que no han visto ha sido aprovecharte de las ayudas, que te han brindado, que te han abierto las puertas y te han brindado una ayuda.

Yo en cuanto a mi experiencia no puedo decir nada. Yo he trabajado y sigo trabajando, y sigo luchando para un trabajo, para poder (Imperceptível) de las ayudas, pero si que es positivo, para mí fue positivo esto. He sacado lo mejor, porque no puedes quedarte ahí apalancado, llorando en casa, ¡cómo salgo de esto!, no pues si esto no va para adelante pues buscamos otro camino, si me he equivocado por aquí, busco otro, ya saldremos. Yo pues he buscado, me ha salido bien, estoy con fuerza.

Mi hijo a tenido, ha estado también ingresado, con un año, tuvo una artritis en una rodilla, y también le han tratado fenomenal. Las enfermeras, fíjate, con nosotros se han portado, los hospitales, el personal de salud también. Ellos me daban (Imperceptível), comida tampoco, a los que estábamos con los niños, nadie tiene comida, tienes que bajar a la cafetería a comer, a ve si comes. Entonces yo tenía que ir todos los días a Rentería, porque no tenía ni ganar de llevar la comida, porque venía, me duchaba y volvía corriendo para estar con el, y ellos me llevaban comida de su casa y todo. Yo no puedo decir nada, me trataron de fine, en todos los sitios.

La verdad es que no es mala suerte porque son cosas, contratiempos como digo yo. Yo de todos los contratiempos que tuve, después de la separación que es cuando yo me volví loca, porque yo cuando yo me tuve que enfrentar con problemas, con todo, digo, no puedo pensar que de nadie que no ha estado a la altura de las circunstancias, porque ha sido toda la gente con que he tratado, que he conocido, han sido muy humanos conmigo.

Yo he procurado, cuando he podido compensarlos, pues con lo que yo se (Imperceptível), yo he procurado compensar a la gente con lo que puedo, ¿no?, de una cierta forma, agradecer, que se agradece, con lo material, ¿no?, pero por lo menos con un detalle, para que sepan que reconozco que me han ayudado o que me han echado una mano con eso. Cuando me hacen un favor, si es que podemos llamar un favor, ¿no?. Una ayuda, cuando he podido siempre he dado un regalo, no para pagar, porque no se paga, pero un detalle, agradecida, para que sepan que no se me olvida. Que hay gente que cuando estás ya bien, se olvida lo que has pasado. Yo nunca olvida nada en la vida, nunca, ni lo bueno, ni lo malo, lo malo no lo olvido, digo, esto está ahí, lo he vivido y hay que sacar lo que he aprendido de esa mala vivencia. Porque para mí ha sido mala vivencia, igual para otros les ha dado igual, pero para mí ha sido una mala vivencia, y bueno saco lo mejor. Yo pienso que no hay que olvidar en la vida ni una cosa no la otra, a lo mucho hay que perdonar, pero no hay que olvidar nunca la vida, porque estamos de paso.

Yo entiendo la vida como las escaleras, subir y bajar. Entonces estás arriba y cuando bajé me volví loca. Pero digo, ahora hay que sobrevivir, y para sobrevivir cuesta y tardas en llegar otra vez, y decir, bueno, ya puedo respirar por lo menos, me ha costado dos años y pico levantar cabeza. No tuve depresiones, a de más no soy muy depresiva, ¿sabes?. Digo bueno, uno para que va estar aquí volviéndose loco, si no te arreglan la situación, entonces hay que tener la cabeza fresca para poder ver y estudiar las posibilidades. Que me costaron, fueron dos años y pico duros, porque

estaba en un piso que no es tuyo, no te falta de nada, tienes tu habitación para ti, tu armario, tus cosas, hay mucha limpieza también en los pisos, mucha higiene, y está súper organizado todo, pero no es tu casa, no mandas tú, no decides tu, tienes que oír mucho y tienes que saber callar. Y como a mí me han enseñado a callarme, me ha costado callarme, pero me han enseñado, he tenido mucho tiempo para aprender a callarme. Entonces cuando he llegado y he visto, yo soy de las que primero miro, estudio y luego hablo. Y a donde llevo que no es mi terreno, estudiar la gente, porque no puedes tratar a todo el mundo igual, es tontería, cada persona tiene su trato. A unos puedes darles más confianza, a otros menos libertad, porque es así. Y digo, voy a estudiar a todo el mundo y digo, con esta es maja, esta no se yo, no me cabe de entrar, pues hay limitaciones para todo, para el trato también.

Porque si no puedes tener problemas, tienes que convivir con las otras personas a diario y sentarte a una mesa todos los días, y convivir con ella como si fuera tú familia, pues tienes que saber por donde van los tiros, para saber si yo contigo no quiero ningún problema, hasta aquí hemos llegado y no más confianza. Y me ha resultado siempre bien, porque no he tenido problemas. Luego cuando salimos me han dado una fiesta de despedida a las que salíamos, que salía yo y otra compañera mía que hicimos también muy buena amistad, una chavala muy maja, de veintidós años. Y ya te digo, que ha sido bueno, y esta es mi historia, y a ver si cuando vuelvas te puedo seguir contando tu historia porque espero que las cosas vayan a más.

E - ¿Te puedo hacer una pregunta?.

P - Me puedes hacer la pregunta que quieras.

E - Vamos a cambiar direcciones y te voy a llegar (Imperceptível), como te he dicho..

P - Y cuando vuelvas, yo que se, te quedas con mi dirección, con mi teléfono y si necesitas venir a nuestra casa o lo que sea, tienes una casa..

E - Eso es demasiado... (Imperceptível).

P - Los que aprendemos, los que recibimos, los que recibimos sabemos dar, entonces yo he decidido ahora, la vida me ha dado la oportunidad de poder dar, entonces eso también es bonito, porque de recibir aprendes a dar también. Entonces, te invito a mi casa cuando quiera. Si vienes y no tienes donde quedar y te quieras quedarte en mi casa, es una casa humilde, pero está, no eras amiga, pero eres igual, te considero. Lo que te haga falta o si necesitas para colaborar contigo en lo que sea y dentro de lo que pueda, puedes contar conmigo, claro que sí. Porque bueno, somos de la tierra y eso tira, pero, pero yo a la hora de abrir la puerta me da igual, yo miro al ser humano ¿sabes?, no miro la nacionalidad, lo he aprendido así. Yo tampoco te creas que me siento de aquí, yo soy del mundo ¿sabes?, coincido aquí, pero yo soy viajera, he estado viajando mucho, aterricé aquí, pues he tenido que echar raíces aquí y no puedo seguir mi viaje, pero me siento del mundo.

E - ¿Crees que tu vida sería diferente si no hubieras nacido mujer?.

P - Sí, por supuesto, sí, sí. Completamente distinta. Yo estoy convencida que si hubiera sido hombre hubiera ido al ejército, sí. Porque mi ilusión era haber ido al ejército, con todo lo que ha cambiado la vida, hoy en día es normal que una mujer esté en ejército. Yo viví siempre con esas cosas de ir al ejército. Yo si el ejército da la posibilidad de la mujer estar allí, yo hubiera ido al ejército. No sé si es porque lo he mamado de pequeña. Y fijate, yo nunca vía mis hermanos con uniforme, eran unas personas que no han presumido de uniforme. Aquí había mucha rivalidad entre el ejército del aire, el ejército de tierra, porque los del aire se consideraban más para arriba que los de abajo, porque los que tenía estudios iban al ejército del aire y los otros al ejército de tierra. Yo siempre soñé con los aviones y siempre soñé con lo de arriba, y no se porqué.

Yo estoy convencida que de haber sido hombre yo hubiera hecho carrera en el ejército y no hubiera tenido ningún problema. Que conste que mis problemas me los he buscado yo por mi locura, por mi rebeldía.

Porque también en el colegio yo viví otra época, eran otros años, machacaban mucho a uno con el tema de la religión, la educación, las normas, eran unas normas muy rígidas. Y luego si vas así, un poco rebelde y que estén ahí, venga y venga, yo he sido siempre..., yo he tenido siempre mucha personalidad. A mí cuando yo vea una cosa blanca y que me digan negra, yo ya a tomar por el saco. Yo voy con lo mío para adelante, y a mí no me cierra laboca nadie. Y eses a sido mi problema. Me ha traído muchos problemas a la hora de decir no, pues no, pues yo pienso así, y claro, yo en el colegio me costó mucho aprender a cerrar la boca, por eso, porque me han machacado mucho. Yo estaba intema, iba a estudiar de lunes a viernes y el fin de semana. Y igual en cuatro meses que me tiraba todos los fines de semana allá castigada, por contestar. Tenía que ir mi madre a verme, porque no. O te castigaban y si no pedías perdón, si pedías perdón te levantaban el castigo, pero estaba con un castigo colectivo, que ni era tuyo, era una cosas de todos.

Entonces como yo tenía la conciencia tranquila, yo digo, ¿yo voy a pedir perdón?, pedir perdón porque si yo no hecho nada. Entonces castigada. Entonces había cuatro, cinco o siete que iban a pedir perdón, pero yo como no decía nada, yo me voy a pedir perdón a nadie. Y son cosas sencillas, pero que marcan mucho. Yo viví mucho, la dureza con que me trataban.

E - ¿Crees que trataban diferente a las chicas que a los chicos?:

P - Sí.

E - ¿La educación era diferente?:

P - Sí, pero bueno, nosotros estábamos en colegios distintos, estamos en el mismo colegio, pero los chicos estaban en unos pabellones y nosotras estábamos en otros. Y luego también si que es notaba. Yo estaba en eses colegio, se pagaba, porque mi hermano mayor al estar en el ejército del aire, si tutor, para que el Gobierno nos diera una paga a cada uno. Entonces bueno, con eso teníamos acceso a estudiar en colegio privado, porque el Estado daba eses dinero, pero teníamos que entrar en un colegio religioso, encima con esas condiciones, de colegios religiosos y el Estado. Yo he vivido la dictadura ¿entiendes?, Yo voy a hacer treinta y ocho años.

Entonces imagínate cómo nos revolucionamos el día veinticinco de abril, y cómo nos empezamos a enterar lo que podíamos hacer, eso fue un desmadre, ¡cómo se ha podido hacer eso! ¿no?. Pero es que claro eso es igual que hubiera estado los toros cerrados, se abre la puerta y sale toda la manada, pues nosotros igual, estábamos allí más machacados que machacados. Misa por la mañana, misa por la tarde, rosario y ahí no podía hablar nada más alto y los fines de semana o temporada de vacaciones de excursión por Fátima, todos los grupos de jóvenes. Nos han machado mucho. Y claro, yo fui siempre muy rebelde, y me ha costado mucho, tres años me ha costado estar allí. Y mi madre “ten paciencia porque si te va a venir bien. Pero es que yo no te puedo atender, porque tengo mucho trabajo y tú estás muy rebelde y no me cumples los horarios”. Y yo que le salí, dice “ésta con cuatro años más mala (Imperceptível)”. Se me han puesto las pilas bien.

No tengo ningún trauma. Tengo hasta buenos recuerdos, porque yo, que uno está tranquilo, que ya se le ha pasado todo la locura y ya ha madurado, ve que es positivo, que en el fondo a sido positivo.

(Imperceptível), de haberme casado de blanco. Eso fue otra de las cosas que todavía hoy (Imperceptível), porque yo nunca he tenido eses sueño de vestirme de blanco, de casarme por la iglesia, esas ilusiones que suelen tener las chavalas. Pues yo creo que siempre he llevado un macho dentro. Porque mi madre siempre dice, también me llamaba “María rapaz”. Yo creo que de haber sido chico, que yo hubiera ido al ejército, porque mi personalidad la ve vivido como un chico.

Y estas cosas, para mi madre fue muy duro cuando yo salí de casa, y emigrar. Mis hermanos han querido salir, pero fueron al ejército, entonces ya es distinto. Mi hermano pequeño no fue al ejército, porque no quería seguir la vida militar y fue al ejército de tierra. Y entonces emigró, después de hacer la mili, emigro a Suiza, y me decía “vente, vente a Suiza”. Porque ella estaba aquí, y no se si ha sido por eso, porque no creo, porque si mi hermano hubiera querido venir, porque yo he salido, hubiera venido aquí. Y mi hermano se apuntó en los restaurantes de los comboios internacionales, y ahí fue donde se apuntó primero. Y luego ya de aprender a moverse y hablar y tal, mi hermano hizo el séptimo año y tenía mucha capacidad para idiomas y luego cuando se fue a Suiza se apuntó en inmigración suiza y le llamaron para un hotel de estos de las estaciones de esquí, y todavía sigue ahí. Y yo con mi hermano ya no le veo, lleva trabajando diez años en Suiza, de inmigrante. Y yo siempre pensé, mira mi madre se a equivocado a la hora. Porque mi padre, la mayor ilusión de padre era tener una niña, porque yo ya nací un poco fuera de onda, de edad. Porque yo, fíjate!, yo cuando, mi padre murió, tenía sesenta y tres años y yo tenía nueve!, fíjate!, si yo yavenía para ser su nieta!. Pero mi padre ha puesto ese empeño por eso, por la niña, de que la única ilusión era su niña. Y yo nací niña, pero con la mentalidad de chico, porque yo siempre he vivido. . . Porque yo ahora, después de tener el niño y la maternidad fue cuando yo me he sentido más femenina. Pero yo fui siempre más a lo chico, siempre he procurado más cosas de chico que de niña. Mis padres tenía muchos problemas, unas peleas en los colegios, porque no te permitían pantalón e íbamos con uniforme. Y de casa, nada más que llegaba a casa de vacaciones era quitarme las faldas y ponerme pantaloncitos de esos. Yo creo que a mí me han equivocado a la hora de hacerme.

E - Pues has hablado de secuencias. Del trato de las chicas y de los chicos.

P - Sí, porque yo no he jugado con muñecas. No se si porque también en casa sólo tenía chicos, ¿no?. Entonces yo siempre jugaba con las cosas de chico. En la calle jugaba con los chicos. Y de muñecas, pues tenía muchísimas muñecas. Juguetes que no había en Portugal, mi padre las traía de aquí, de España, y era su ilusión. Tú

crees, no me hacían ilusión las cosas. Yo era de las que llegaba a casa con los regalos, porque era una persona muy detallista, y siempre llevaba cosas para todos, para lo vecinos, para los vecinos más allegados y eso. Y siempre regalaba todo a las amigas: ¿quieres, quieres?, me ha traído esto mi padre, ¿quieres, quieres?, y mi madre buscaba las cosas y nunca las encontraba, “¡pero esta cría no es normal!, si es otra niña y está de contenta que no duerme”. Y a mi nunca, nunca me han hecho ilusión las cosas de niña. Pues yo sigo pensando que yo he tenido un poco el problema de que tenía que haber sido chico.

La verdad es que sí, hubiera tenido mucho más fácil. ¡Hay!, que fácil lo hubiera tenido si hubiera sido chico. Mis hermanos están estupendamente. Viven sin problemas ninguno, de ninguna clase. Ya sabes, eso de entrar en el ejército, es trabajo para toda la vida, te da seguridad, no te hecha nadie de allí si eres buen profesional, ¿qué problemas económicos tienes?, ninguno. Y viven bien.

Mis hermanos, tengo uno en Lisboa, en el Palácio de Belém, que está trabajando sí. Yo soy la única que estoy colgada de un pino. Y el otro está en Leiria, vive en Leiria, y muy bien. El otro está en Suiza, pero eso trabajan más, (Imperceptível), dando clases, preparando otra gente, y ya es distinto. Han sufrido lo suyo, ahora están descansando, como digo yo, ellos están descansando ya.

E - ¿Cómo (Imperceptível), grupos más arriba, que otros sociales?. Hace poco, atrás has dicho (Imperceptível), a la hora de expresarte has hablado de los., has dicho acomodados ¿no?..

P - Sí, acomodados.

E - ¿Más que acomodados..?.

P - No, mis hermanos están más que acomodados. Están porque también han tenido una suerte. Mis hermanos se han casado con mujeres que eran ricas. Pues mis hermanos llevaban el uniforme encima y han tenido suerte, y eso ayuda mucho. Casarte con una persona pobre a casarte con un (Imperceptível), ¿entiendes?. Entonces, bueno, todas las cuñadas son, vienen de familias de dinero y bueno, pues ellos lo han tenido todo resuelto porque no han tenido que ahorrar para un piso, ¿entiendes?. No saben qué es sacrificarse. Yo sé lo que es sacrificarse, ¿entiendes?, ellos no saben, porque lo han tenido fácil, primero porque también, en la diferencia de edades que tenemos, ellos no han pillado la época mala, ellos han pillado pues justo que no han podido seguir los estudios, pero bueno, han tenido otra alternativa que han elegido ellos, que eso ayuda mucho, a que decidas tú, que tengas dos caminos. Yo sólo tenía uno, porque como no quise estudiar sólo me quedaba un camino, pero ellos han podido decir pues, si la ama no puede hacer frente a los gastos para hacer una carrera, porque aquí era muy difícil, suponía un sacrificio hacer una carrera, porque se supone que tenías que salir de la ciudad donde vivías para ir a Lisboa a la universidad.

E - No hay mucha gente que hace carrera en esa época.

P - Allá sólo los señoritos, los hijos de los señores, para hacer carrera, porque ahí no había, todavía hoy no hay universidades, supongo. Entonces pues hacer carrera era la gente rica, y mi madre podría pagar una carrera a uno, pero no, al fallar el padre, se acabaron las carreras, ni para uno ni para otro. Entonces ellos han decidido eso, “yo quiero sacar mi carrera”, y lo han decidido ellos, porque mi madre no podía obligarles a un sacrificio tan grande. Ellos han tomado su decisión, y por cierto, acertada para ellos, porque hoy (Imperceptível), han tenido suerte, porque han venido con vida y sin enfermedades de ninguna clase, porque la gente que a ido con ellos, muchísima gente a caído, ha quedado sin piernas, a quedado sin brazos, ni han vuelto. Mis hermanos., porque el mayor ha tenido una suerte, porque cuando estaba en el tema de comunicaciones y radares, pues no fue hacia dentro, estaba en la base.

Pero mi hermano el segundo fue hacia adentro al (Imperceptível), y ahí sí. Y yo recuerdo mi hermano contar que ha estado hasta seis meses sin comer, y agua y miel, y bueno pues comer cosas de la naturaleza, y bichos y de todo, porque allí, al mes tiraban unos paquetes y los paquetes para quién quedase, quien se hacía con ellas. Allí no había no apellidos ni nombre de nadie, y claro sobrevivir, era una aventura sobrevivir. Y mi hermano fue preparadísimo ¿no?, y a sido duro también la preparación, porque elegir los comandos..... (Breve interrupção da entrevista para virar a cassette)

...Mayor, mayor. El mayor. El máximo. Nos va ayudándolos en el ejército, porque ha elegido una especialidad, de estar en telecomunicaciones, radares, pues de estar mucho sentado, con todo delante, en torres de control.

Y el otro hizo especialidad de mecánico, de material aéreo, pues ha trabajado mucho, a tenido que estudiar mucho. Le han mandado a otras bases fuera de Portugal, para hacer especialidades. Es una persona que está renovándose cada seis meses o cada año los cursos. Que ahora está dando clases, pero ha trabajado, ha estudiado

mucho, ha machacado mucho. Es una persona muy calculadora. Muy fría. Capaz de estar veinticuatro horas al lado tuyo y no dirigirte la palabra. Todo lo que ha sufrido. Como yo he sufrido, y cuando se trata de sufrimiento, el mío no es peor que el tuyo, porque mi sufrimiento es mío y lo vivo yo ¿no?, y para mí es muy duro, y yo lo tuyo es duro para ti. Sin embargo yo puedo contar mi sufrimiento y no me duele, y es bueno decir lo que ha pasado. Él sin embargo no, él todo lo traga, el nunca ha dicho que ha pasado esto, que ha pasado lo otro. Si le preguntas te cuenta, pero no sabe desahogarse, nunca se ha desahogado. Y es una persona pues eso, muy calculadora, y muy fría. Y yo pienso que el ejército lo ha embrutecido mucho, que embrutece a las personas también. Porque han vivido muchas situaciones, muchos cambios y bueno. Hay gente que igual trabaja más la sensibilidad. O dice: he vivido esto, pero no ha sido bueno. Pero no arrastras ese pasado contigo, ¿no?. Porque yo no puedo olvidar las diferencias de él tan duras, pero no hay que llevarlas a diario, ¿entiendes?. Yo creo que eso a mi hermano le ha marcado mucho.

E - ¿Y no crees que él reaccione así porque es hombre?.

P - No, por las situaciones sí. Porque para él fue muy duro el haber dejado de estudiar, porque ahora. Mi hermano estuvo siempre, desde pequeño, no?, en el colegio de monjas. Era un niño ejemplar a nivel de estudios. Lo que no fuimos los dos pequeños, los dos mayores eran ejemplares. Y el comportamiento, el saber estar, en las clases. Nunca han dado problemas a mi madre. Ellos nunca han necesitado: «coge los libros!», léase..Ellos lo hicieron cuando tenía que hacerlo. Y para ellos haber dejado los estudios fue muy duro, y como fue tan duro para ellos, se han puesto de que tenía que seguir, y seguir, y han buscado los medios para conseguirlo. Pero luego, cuando has visto ciegos en una idea, dejas otras cosas que también son bonitas para vivir. Dejas una juventud, porque ellos no han tenido una vida de jóvenes, de divertirse, porque económicamente no se podía, y luego porque han decidido ir para allá muy jóvenes, y con tanta responsabilidad que vas para allá. Sabes que sales, pero no sabes si vuelves. Y han venido completamente cambiados. Y quizá por eso haya sido también nuestro distanciamiento, porque yo con ellos. Mira yo mi hermano mayor, le tengo que tratar de usted, y eso es muy ridículo para mí, con mis ideas, y con mi forma de ver las cosas. ¿Porqué le tengo que tratar a mi hermano de usted?. Pues me han criado así. Y yo lo supero, pero para ellos es una falta de educación. Entonces hay mucho.

E - ¿Pero él te dice para que le trates de usted?.

P - Sí, porque no quiere que le trate por ti, porque el entiende que es una falta de respeto, ¿entiendes?. El día que yo le trate de tú ya no hay discusión, porque él ve las cosas de otra manera. Él se piensa que no le respeto. Ellos se han quedado ahí, apalancados, son conservadores, la palabra. Entonces yo, igual también porque he venido a otro país, y hay otras mentalidades y te abres más, y no sé, igual es porque soy muy liberal. y luego y choco mucho con ellos, por eso.

E - Y él es mucho mayor que tú.

P - Sí. Tiene. Mi hermano se fue con dieciocho años y yo tenía tres meses.

E - Dieciocho años.

P - Es mucho. Entonces claro, yo, mi hermano dieciocho años mayor que yo, este puede ser mi padre. Pero yo no me quité de contestarle, ¿entiendes?. Si es que ha sido como un padre para nuestra familia. ¿Qué quieres que haga, que te lo agradezca?, pues si yo no tengo la culpa de las circunstancias en que las cosas se han desarrollado. Tú has ayudado, tu has aportado y tendré que agradecer a la ama, tu solamente has echado un cable a la ama. ¿Yo te he pedido?, ser de buen reconocido es de ser buen hijo. Yo reconozco que él a ayudado mucho, y ha luchado mucho, y todas las ayudas y todas las facilidades que hemos tendido, y los caprichos que hemos tenido se los debemos a él en parte, pero, a mí no me gusta que me estén echando en cara lo que he hecho, ¿entiendes?. Si no me lo hecha en cara, yo lo agradezco de otras formas, pero si me hecha en cara ya echo la casa por la ventana. Me pongo más violenta, porque ya discute, y hago..., no sé, igual yo no tengo la culpa, solo el derecho de serlo. Yo soy tan espontánea como la vida misma, yo cuando siento las cosas las digo y se acabó, quedo más bien. A veces la verdad duele, pero. Siempre él ha sido de machacar, machacar, sin embargo el otro no. Pero a este le gusta mucho machacar lo que ha hecho, lo que ha dado, “porque yo he trabajado, he luchado, porque no has estudiado porque no has querido”.

Imagínate que mi hermano hoy es el día que no sabe que estoy separada, ni sabe mi historia. Como para contárselo, perdemos lo poco que queda de familia, perdemos lo poco que hay porque cómo le voy a contar yo todo lo que he vivido en estos dos años sin él. Necesita quince para asimilarlo. Porque total mira, primero igual ni se lo cree, que yo haya podido salir adelante con mi hijo, haber estado en un piso, en estas condiciones de ir a pedir ayuda al Gobierno Vasco. Pues igual ni se lo cree, porque este chico tiene mucha fantasía, como a visto mucha película, no sé.

Yo como los conozco tan, tan, de aquella época, que no sé hasta donde tendría la capacidad de entender el problema. Si yo supiera que estarían orgullosos de su hermana, por lo menos (Imperceptível). A tenido con sus consecuencias, y va a salir adelante con su hijo y está bien. Pero es que no van a decir eso, ole, tú has luchado, porque yo que sé, tiene que tener un mérito. No he estudiado, he echo así un poco la vida de fiesta, pero cuando he tenido la ocasión de dar las cosas y asimilar las cosas, pues estaba ahí. No he sido tan loca como ellos pensaban, porque ellos no pensaban que yo iba a estar a las alturas de las circunstancias. Cuando (Imperceptível). Pero yo pienso que estos no llegan a estar ni siquiera orgullosos de mí, por todo lo que he pasado. (E - Imperceptível) No, no, porque mis hermanos, yo no tengo mucha relación con ellos, pero entre ellos sí, los tres. Los dos (Imperceptível), pero el mayor ataca, y los otros, mi hermano mayor siempre ha sido el mayor, entonces siempre todos, los tres pequeños que hemos metido la pata, siempre nos hemos callado al otro, para no herimos.

Entonces yo pienso que mis hermanos si yo se lo cuento, los pequeños se callan, pero lo paso mal, y para pasarlo mal ahora que ya lo he pasado, ¿para qué se lo voy a contar!. Ojos que no ve. . ., sabes.

E - (Imperceptível).

P - Sí, y digo, para qué les voy a contar mis penas si ahora ya lo tengo solucionado. Porque me dirían, “vente para casa, cómo no has venido?”. No por mí, no por el niño, si él niño está bien atendido, si el niño está mejor que la madre. Entonces yo pienso que..

E - ¿Tú hablas con ellos?.

P - Con el mayor no, porque salimos muy mal, pero con los otros sí. Sí solemos hablar, muy poco, porque yo no soy de dar muchas explicaciones, porque sabes, luego hasta que yo no tengo mi casa y mis cosas bien puestas, yo no quiero tener mucha relación, porque no se apunten en mi casa, porque si no dicen “porque esta chica, tantos años aquí, ¿qué a hecho con el dinero?, no a hecho más que gastar”.

Entonces, no sé. Mis hermanos están ahora en la luna, bien, y yo pues estoy como estoy, sin nada, con treinta y siete años, con un niño de tres años casi. Mis hermanos iban a alucinar mucho, pero iban a alucinar estos años, ya te digo, quince años para asimilar toda mi historia. Digo, va pasamos, yo no quiero comidas de coco. Porque a mi la familia me tira, como a todo al mundo, pero por no oírles. Déjalos estar ahí, que no les falta de nada, y a mí lo que me falta lo busco yo con tiempo, porque yo quiero estar con mi familia, pero yo estoy bien, porque antes no quería estar con ellos, pero ahora que tengo ya a mi hijo, y quiero mi casa, entonces quiero. Porque si me ven ahora no se van a sentirse orgullosos. Yo quiero que mis hermanos me vean bien, ¿sabes?, porque ahora mismo no estoy mal, pero no es lo mismo que diga tengo, y esta es mi casa.

E - Y cuando has venido. Primero has estado trabajando, estudiando... ¿Tú has estudia. . . hasta cuando, hasta. . . cuando has terminado de estudiar?.

P - Bueno, yo de echo, yo los estudios de noche, no veas como cambia mi historia. Yo hice matemáticas, historias, y ciencias, y para de contar.

E - ¿El quinto año?.

P - No, terminé el quinto, hice mitad de sexto y dos de séptimo, y nada más.

E - No, porque, no has dicho..

P - Claro. El quinto terminé. Luego todas las asignaturas de sexto aprobé mitad, y la otra mitad cateé, y por si me parecía poco, como había hecho mitad, digo bueno, pues hago la otra mitad, porque iba a una academia, ¿entiendes?, porque no iba al instituto, porque el instituto los horarios no eran compatibles, tenía que ir a una academia, y pagaba. Entonces me apunté a la mitad de sexto y a tres más de séptimo, y aprobé matemáticas, porque las matemáticas siempre se me han dado bien, matemáticas, y dibujo aprobaba siempre. Las demás no, no terminé. Ya fue un año muy alterado, de novios, de mucho cachondeo, entonces ponía la excusa de estudiar para poder salir de noche.

E - Y habías ido (Imperceptível)..

P - Sí, sí. Porque el veinticinco de abril yo pillé en el sesenta y cuatro en el colegio, con las religiosas. Yo ya vine con dieciséis años, para diecisiete..

E - Muy bien. Y entonces cuando has venido a España has llegado, y tu madre, me parece que has dicho...

P - Sí, vine mal, y le he dicho que estaba aquí y que me iba a quedar aquí.

E - ¿Y tus hermanos?.

P - Mis hermanos, no. Mi madre puso el grito en el cielo. Mis hermanos querían venir a buscarme, no me vinieron a buscar porque no les día la dirección. Y luego mi madre estuvo una temporada que no hablaba con la señora, porque como ella me ha apoyado (perdón), aquí, mi madre no lo entendió correcto de haberme dado la facilidad. Porque yo vine con permiso para quedarme quince días en su casa y no para quedarme y buscarme trabajo y eso. Entonces como era una vecina de toda la vida de al lado de la puerta, pues mi madre, al despedirle. Las familias tenían mucha amistad, entonces mi madre le parecía muy mal que me hubieran dado permiso. Me han dado la libertad de quedarme en su casa y buscar un trabajo. Y eso le parece muy mal a mi madre. (E - Imperceptível). Claro. Porque cuando yo he decidido quedarme, le he dicho pues yo me quiero quedar, y ella me dijo, que se venga, “que si tú te quieres quedar, yo te busco trabajo y eso. Pero yo no quiero saber nada con tu familia.” Entonces bueno, yo mira, no critico ni hecho culpas a nadie. Era el problema de mi madre, y problema de ella. Yo he dicho, mira, no te metas en problemas de familia. Ella se ha enfadado contigo, y me ha dicho que no me quiere ver, ni siquiera embarazada, que el niño se quede en casa y a mí me pone con las maletas en la calle. Pues tu tranquila que no voy a aparecer en casa embarazada.

Y claro, fue duro también, porque mi madre, la única hija que tenía, yo me fui de casa, fui la única que..., fui la primera que me fui de casa, y fui la primera que emigré. Entonces claro, eso fue duro para mi madre. Mi madre estuvo enferma, murió y yo no fui al funeral tampoco.

E - Y nunca la volviste a ver.

P - No, ya después de enfadarme con mi madre no volví a verla. Mi madre como que me cortó, y madre. “Sal de esta casa o si ni olvídate de que nosotros existimos, porque yo no te permito que estés en un país extranjero, me da igual que esté con una vecina. Yo no tienes mi permiso, y como no tienes mi permiso o obedeces y vienes a casa, porque aquí no te falta de nada o entonces te olvidas. Y bueno, mi madre murió en el 95, un año y pico casi. Y mi madre pues no me lo ha perdonado. Cuando quince días antes, que estuvo muy mal, antes de morir, mandaron mis hermanos telegramas, dos o tres telegramas todos los días, pero yo no fui.

Porque resulta que mi hermano, se enrolla con la que es hoy su mujer, que entonces era ya so novia, su novia ya de toda la vida, desde pequeños, y quedó la chica embarazada con dieciséis años. Y la madre la echaba de su casa y mi madre la cogió de su casa. Ya los caso a mi hermano y la chica, mi madre pagó los estudios a la chavala. Y eso a mi en aquel momento eso no lo asimilaba. A mi me dices que si yo me quedo embarazada me hechas de casa y me quedé con mi hijo, y a la otra le recibió en casa, porque está embarazada de mi hermano. No sé, hay cosas que en aquel momento no asimilaba, y eso me dolió mucho y fue algo que yo no he perdonado a mi madre en ese momento que tenía que haber ido al funeral. Luego pensé bueno, hay una distancia tan grande que para cuando llego ya no la encuentro viva, y total para verla muerta, prefiero no verla, porque por lo menos me quedo con su recuerdo en vida, que es más, que para mí era más cómodo, que no verla ahí.

Entonces..., yo cogí una borrachera e hice una cantidad de disparates, de lo aburrida que estaba ¿sabes?. Pero bueno, luego lo he superado, pero siempre se queda esa pena de no poder haber hablado, con todo lo que yo he sido para dialogar, de no poder haber ido con mi madre y haber logrado todas esas diferencias. Pero algunas veces la juventud está rebelde, que no se superan las diferencias, y luego cuando quieres, es demasiado tarde, porque ya no se puede hacer nada.

E - Si fuera hoy ya lo habrías cambiado.

P - Sí, totalmente, de haber sido otra persona. Por lo menos hubiera procurado un acercamiento, e intentar explicarle que yo soy feliz aquí, que estoy bien, y bueno. Como no ha podido ser, yo he seguido mi camino, yo siempre sigo mi camino, con contras a favor, yo siempre sigo para adelante, no quiero volver atrás.

E - Y qué otras cosas, si pudieras volver atrás, que no se puede, pero imaginando, ¿qué otras cosas hubieras cambiado?.

P - Yo mira, lo de inmigrar no lo cambiaría. No hubiera cambiado todo lo que he pasado por mi hijo, porque estoy muy feliz con mi hijo. Si mañana vengo y me dan a elegir si quiero hacer, si quería, tener otro tipo de vivencias, yo creo que no. Quería haber sido la misma persona, porque e sido, dentro de lo que cabe, he sido una persona feliz, siempre. He hecho siempre lo que me ha dado la gana y he hecho lo que me a parecido. Nunca he tenido problemas, ni traumas. He sido muy liberal, y muy abierta para la ver lo que quería, y eso, estando fuera..., Y he hecho cosas que hoy es normal y que entonces no era normal. Entonces yo he vivido una época que no era la mía. No se porqué he

sido tan abierta, pero no, no hubiera cambiado nada. Lo único que hubiera echo era haber aprovechado y estudiado, eso sí.

E - ¿Y piensas en volver a estudiar?.

P - No, ya no tengo, no. Además ahora solo tengo tiempo para trabajar. Ya me ha pasado el tren, perdí el tren de los estudios y eso ya no tengo la hora, ni capacidad para poder estudiar ni tiempo. Porque ahora tengo una responsabilidad. Tengo un proyecto de hombre, y ahora mi trabajo y mi tiempo libre es vigilarle, atenderle, y que él coja su camino, y hacerle lo con mucho tacto. No prohibirle, pero a ver si se deja llevar, porque se ve que él viene también con mucho carácter también, mucha personalidad, y eso se ve ya desde pequeño, ya se le ve, que yo mandándole ya no hago nada con él. Y se lo pido, y le hablo bajito, y si le conenzo es más fácil. Entonces tenemos, que, las cosas hay que estudiarlas y hay que ver hasta donde las personas dan de sí, y yo como mejor me estoy dando cuenta ahora que va para tres años, que la mejor forma es no llegarle la contraria, sino llegarle por otro camino, y pedirle que no lo haga y ayúdame, recoge tú. Sí le mandas recoger, en seguida, recoge tú, “luego, luego” me dice, y se lo pido ven a ayudar a la ama, entonces te dice “si yo te ayudo”. Igual no te ayuda nada, y yo recojo y él va detrás, pero por lo menos está ahí mentalizado de que me está ayudando. Y es lo que yo procuro. A mi eso de no moverse y machacarle.

Yo siempre hecho en cara a mi madre que su error fue haberme metido en un colegio de monjas, porque si yo ya venía un poco rebelde, ellas ya me han rematado. Porque era mucha dureza la del colegio, y para una persona que ya viene un poco. Yo vine atravesada, no sé porqué vine atravesada. Yo fui, fijate, de los chavales, mis hermanos eran todos más obedientes, no contestaban, nunca levantaban la voz a la ama, y salieron de casa para casarse. Yo de aquello, bueno, no quería hablar en casa, pero no sé. Todos hemos tenido la misma educación, pero cada uno es de una forma y yo no quiero volver a equivocarme, a nivel. Porque conmigo se han equivocado, me deberían de haber dejado más libertad, dejarme elegir, de ocuparse más de mi felicidad y no con los contextos de la sociedad. Pues igual yo hubiera dado mucho más de sí, porque yo tengo todo lo que he estado haciendo, yo no tenía problemas de asimilar. Yo acababa de los primeros tres de la clase, pero de los buenos. Pero cuando digo yo para aquí, y ellos dicen para allá, mal.

Por eso no quiero equivocarme con mi hijo, prefiero que me vea como amiga. Y que cuente sus cosas, y que no me tenga miedo, porque no hay que tener miedo. Porque para respetar no hay que tener miedo, yo prefiero, y eso es en lo que me preocupo yo ahora, mi tema. Mis estudios son esos, procurar, evolucionar con los tiempos, y no quedar ahí, apalancada, porque hay que vivir, porque todo cambia, y el sistema educativo también cambia, pero yo no puedo estudiar.

Ahora voy a dedicarme a criar al hijo y a aprender a (Imperceptível). Porque esa es una de mi satisfacción, ver, ese es mi sueño, ver a mi hijo con una carrera, ese es mi sueño. Eso es lo que me voy a preocupar, de poder llegar. Le daré lo mejor, que es lo que yo puedo dar, que es lo mejor. Y poder llevar los estudios, hoy endía, mejor que ir a la obra con un bocadillo bajo el brazo, no es. Es mejor valorado que se saque una carrera como un trabajador, pero es mucho más cómodo tener una carrera, que estar de albañil, es una cuestión de comodidad.

E - ¿Y como chico que es, crees que lo están educando de manera diferente de la que tus hermanos han sido educados?.

P - Si, completamente distinta, sí. Sí, porque nosotros no hemos ido a guarderías. Los niños se cría ahora diciendo, la gente dice, son más listos, no somos más listos los de antes, o los de ahora. Nadie era tonto. Era inteligente el que era pobre, igual más inteligente que el que era rico, lo que pasa que él tenía más posibilidades. De tontos nada, nadie era tonto. Pero que el sistema educativo sí, es mucho mejor ahora, porque los niños van a la guardería y tienen a gente que está preparada, y es otro sistema educativo, porque no hay violencia. Los niños van a gusto. Ellos juegan muy a gusto, desde los nueve meses. Y viene con su carta de dibujo, y hacer teatro, y ya con tres años dibujan. No hacen nada que se pueda identificar, pero para él la raya es un coche, que se le va a hacer, con tres años no se le puede pedir que el niño haga un coche, pero. El niño viene todo ilusionado. Ya sabe dibujar. Ya distingue los colores. (Imperceptível), igual no tenía ni lápiz en casa. Y no tenía una persona que me dedicase tiempo a mí, a jugar conmigo. Jugaba yo sola, ¿no?, que es muy distinto a que esté una persona que te enseñe a hacer puzzles, los dibujos con lápiz o con acuarelas, con plastilina. Es distinto que estés en un sitio donde estén los niños con los niños, de que tenga horarios para comer, para dormir. Yo que sé, yo tendría horarios como lo demás, pero funcionaríamos a otro ritmo, porque mis padres trabajaban. La madre trabajaba, entonces no es igual. Yo no recuerdo mi madre sacándome al parque todos los

días. Entonces no había ni parques, ¿sabes?, como te digo. Salías a la calle y las aceras, allí, buscándose la vida con los amigos. Hoy en día pues las cosas son mucho más (Imperceptível), y mejores.

E - Como hombre, ¿crees que va a ser un hombre diferente de tus hermanos, de los hombres de esa generación?

P - Sí, sí, completamente. Yo creo que esta generación no tiene nada que ver con nosotros. Nosotros hemos tenido muchos cambios, pero ellos ahora tienen otros cambios, que yo pienso que son más positivos también.

E - ¿Por ejemplo?

P - No sé, la libertad. Hay mucha libertad. Hay mucho más deporte. Hoy en día los chavales se crían haciendo deporte desde pequeños. Han salido (Imperceptível) profesional. Hay muchas más carreras. Está toda la gente estudiando. Además toda la gente puede estudiar, también los pobres. Hay muchas más posibilidades, yo pienso.

E - Sin darme nombres, pues como los estás pensando, en qué personas.

P - Pues mira, estoy pensando en mis padres, por ejemplo, mis abuelos, no han podido estudiar, probablemente no lo hicieron, ¿entiendes?. Y en aquella época, bueno yo estudiaba pues de milagro, porque yo no me considero rica, yo soy de la clase obrera, yo soy de obreros, ¿entiendes?. Yo he tenido el privilegio de poder estudiar porque bueno, por las circunstancias de los hermanos, nada más, pero no somos ricos. No nos ha faltado de nada, pero, me considero pobre.

E - Y él, ¿le consideras pobre?

P - Yo soy rica de espíritu, todo lo que quieras, pero me considero pobre, sí. Yo hasta que no tenga mi casa me considero pobre. Pero un pobre, es una pobreza igual elegida también, ¿entiendes?

E - ¿Qué hay otros pobres diferentes?

P - Sí, porque yo pienso que ser pobre es una persona que está en la calle, pidiendo. No sabemos, no somos quién para juzgar a una persona que está pidiendo en la calle, porque así como igual ha sido las circunstancias de la vida que ni le ha dado la sociedad, que no le ha dado una oportunidad para salir adelante, para un problema que ha tenido “x” en la vida, ¿no?. Porque está ahí, ¿qué es lo que le ha llevado hasta ahí?. Pero para mí el pobre es el que tiene que estar en la calle, mendigando. Pero todos los que estamos trabajando, funcionando, haciendo una vida normal. Pues pobres, los pobres no tienen ni dinero en el banco, porque no te puedes permitir una vida como el presidente del Gobierno, ¿entiendes?. Pero yo pobre, lo que es a nivel económico, a nivel de sociedad, pues sí, pobre, pero yo no me considero pobre de verme necesitada, (tose, perdón), de estar en la calle pidiendo, entonces no me considero pobre, en ese aspecto, ¿entiendes?. Yo me considero de la clase obrera. Yo trabajo para vivir como lo hace todo el mundo, ¿no?.

E - Esas mujeres de las que hablas, que estaban allí, en el piso, entre esas mujeres, ¿crees que habían diversas personas... (Imperceptível)?

P - Sí, a las cinco. A las cinco y media voy a coger el autobús.

E - Y entre esas mujeres, ¿había mujeres pobres, en ese sentido de necesidad?

P - Sí, de necesidad, eso, eso. Habían vivido una vida ya muy mal, de sus padres de muy pequeñitos darles en conventos de monjas de caridad. Habían pasado una infancia muy mala, una juventud peor, y que han tenido, que han tenido que salirse del colegio e irse con...

FIM da 1.^a ENTREVISTA

2.^a ENTREVISTA

Entrevistadora - ¿Algo más?. Gracias por volver aquí otra vez a hacer una entrevista, pues el lunes dieciséis. Pues para hablar un ratito más. El otro día (Imperceptível), y te has acordado. Pues que hemos quedado (Imperceptível), ¿qué cambios, si estuviera en tus manos?, que cambios pues te parecen necesarios, ¿qué cambios harías para que la vida de las personas que hemos hablado el otro día no, con dificultades, ¿qué cambios?.

Paloma - Esa es una pregunta muy difícil, porque ser presidente no es fácil para nadie, supongo. Es un cargo con mucha responsabilidad. Yo no soy quien para poder juzgarlos, pero no se si se podría hacer algo más. Pero luchar es intentar mejorar es de sabios. Yo pienso que el tema profesional es lo que debería de tomar prioridad, porque si una persona no tienen trabajo, eso genera muchísimos problemas sociales. Y yo no lo se lo que podría hacer, pero procuraría crear puestos de trabajo y vivienda también. Porque son dos problemas que hoy en día afectan mucho a la juventud. El tema de la vivienda y el tema profesional. Esas serían las dos cosas que yo por lo menos, que daría prioridad.

Y luego pues crear trabajo para la gente que, que hay mucha gente que está con cuarenta y cinco años también, que tiene mucha dificultad. Cambiar el tema de los contratos. Porque hoy todo el mundo, los pocos que están trabajando están con contratos, no. Para conseguir un trabajo fijo hoy en día es un milagro. Los fijos están ya de toda la vida, que están para jubilar. Nadie te hace un trabajo fijo. A los cuatro años te echan, vas al paro. Y torea vez a las mismas. Hay muchísima gente con familiares y están cobrando un paro. Pues no se, yo procuraría mejorar eso ¿no?.

E - ¿Crees que hoy el trabajo es diferente a lo que era cuando tú ha venido aquí?.

P - Sí, porque antes no teníamos posibilidades de estudiar y entonces había, yo pienso que había más trabajos porque había más facilidades de colocarse la gente. Hoy todo el mundo estudia, entonces bueno, también la tecnología ha quitado muchísimos puestos de trabajo y por eso que la gente pues hoy hacen todo con máquinas y está cantidad de gente sin trabajo. Pues habrá que buscar una salida también para eso.

E - ¿Y en relación a las personas mayores?.

P - Pues las personas mayores es un problema también, porque hay muchísima gente que está en el paro y que eso luego trae problemas a nivel de familia, problemas de salud, porque la gente se deprime mucho. Entonces algún tipo de trabajo ocupacional y que el Estado les den unas subvenciones o que aportase algo, de alguna forma.

O jubilar a gente también antes, par dar, dejar unos puestos de trabajo a gente más joven, porque total se está jubilando la gente con sesenta y cinco años y la gente ya cuando se jubila está reventada. Y yo pienso que todo ser humano debería de tener derecho de jubilarse un poco antes para poder disfrutar un poco de su familia, de su vida, y estar en condiciones todavía para poder viajar y disfrutar, un poco de vida. Porque igual hay personas que igual no han tenido posibilidades de tener vacaciones y han estado trabajando toda la vida. Entonces pa cuando te jubilas te has reventado. Igual todavía estás pagando el piso o haciendo frente a los gastos de los hijos y que bueno, yo pienso que podríamos cambiar eso algo. Jubilar la gente un poco antes para poder disfrutar y para dejar esos puestos de trabajo a la gente joven. Porque hay mucha gente joven en el paro.

También hay gente que no quiere trabajar, pero igual son los que menos. Y total si el Estado paga, es mejor que esté en el paro que trabajando. Ellos mismos también hacen la gente vaga. Y controlar también más los contratos, porque hay mucho contrato de basura y hay mucho chaval joven que está trabajando que está muy pagado. Pues esos chavales luego al no estar (Imperceptível) y estar reventados, pues tampoco quieren seguir trabajando. Pues es mocho mejor cobrar el paro y estar en casa. Si no cobran el paro, tienen los padres que le ponen la sopa en la mesa, y bueno, pues mejor. Yo pienso que eso tendría que estar comprobado también, los contratos basura, que hay muchos contratos basura. Y eso no anima a la gente a trabajar y a seguir pa adelante. Y no te da estabilidad económica ninguna, y luego no puedes soñar, no puedes pensar en tener un piso o formar una familia, porque si estás con contratos no puedes coger un piso y una hipoteca con un banco que te supone de muchos millones. Y no sabes si vas a poder hacer frente a los gastos, y si no, luego vienen el banco y te quita la casa, pues no se. Creo que tenemos el derecho de tener más seguridad en la vida. Y eso le compete al Gobierno, pienso yo. Mejorar las cosas. Pienso que hay que mejorar el nivel de vida del pueblo.

E - ¿Y cual es la tendencia, ya que has venido de vida?. ¿La tendencia será para que se mejore la vida de las personas?.

P - Sí, nosotros pensamos, somos optimistas y pensamos así. Luego no ocurre eso. Para unos será muy bien y para otros irá peor, pero yo pienso que todos pensamos en lo mejor. Por eso, cuando hay elecciones, pues repetimos

porque la mayoría ha estado cómoda y sigue estando el mismo gobernador con sus errores y con sus virtudes, pero yo pienso que sí. La lucha es para seguir a mejor. No quiere decir que vamos a esperar que el pobre sea rico ¡no!, porque todos tenemos nuestras limitaciones, pero por lo menos tenemos el derecho de tener un trabajo y una vivienda. Es lo mínimo que se puede pedir.

E - ¿Y crees que en el futuro la tendencia..

P - Sí, yo creo que sí. Ha nivel de Europa, no queremos ni hablar a nivel mundial, porque hay mucha miseria por hay. Todavía está la gente está muriéndose de hambre. No podemos hablar a nivel mundial, pero a nivel de Europa sí. Yo pienso que vamos a mejor, por supuesto.

Esperemos que la entrada en la Comunidad Europea nos sirva de algo y todos podamos estar un poco más a nivel de todos y que seamos todos iguales. Que vayamos a aportar lo mismo que los demás. Que no vayamos en plan competitivo en la vida ¿no?, si no en plan de trabajar y mejorar esto para todos. Sino unos estamos a nivel muy alto y otros estamos aquí. Somos los últimos ¿no?. Porque Portugal y España hemos sido los últimos en todos, porque no teníamos medios. Siempre estamos endeudados, no tenemos nada más que vemos. ¿Qué vamos a comprar?.

Yo espero, yo por lo menos, tengo fe, yo espero que mi hijo lo tenga más fácil que yo. Porque yo he sido víctima de eso, y víctima del sistema ¿no?. Porque a mi el trabajo me a afectado muchísimo en los últimos años. Yo espero que mi hijo pues tenga más posibilidades. Me refiero a mi hijo, bueno, pues a la gente de su generación, que no lo tenga tan complicado con el trabajo. Y con los estudios igual, porque también cuanta gente hay que ha terminado la carrera y no tiene salida, porque hay muchos, están los cupos a tope y no hay salida de trabajo. y la gente está ahí, o está haciendo otra especialidad que no es la suya. Que han querido elegir y no han podido, han tenido que elegir otra carrera, porque no había salida. Entonces pues pienso que a veces no se puede seguir y elegir lo que quiera para realmente ser feliz. Porque también sacar una carrera que te sacrificas y total no era eso lo que querías. Lo único que tienes más salida a nivel profesional. Pues estamos en las mismas.

E - En relación a la prueba de la mujer, los cambios ¿no?. ¿Cómo valoras?, ¿cómo valoras la situación de la mujer en la sociedad, en la familia?.

P - Ah, yo lo veo muy bien, yo lo veo super cambiado sí. y Eso de ir, hace pocos días vi a una señora, una chavala de albañil y me llamó mucho atención. Como me llama la atención la señora, una chavala que lleva un autobús. Eso me da mucha alegría, porque las cosas están cambiando. Porque nosotros somos criados con la mentalidad de lavar los cacharros, que era criando los chicos, y que no teníamos capacidad para más. O estamos tan capacitados o más que los hombres para hacer cualquier trabajo, o para estar en un cargo.

Yo sueño todavía en ver, aquí o en mi país, una mujer de presidenta. A mí me haría mucha ilusión, porque me gusta ver que las mujeres ocupando sitios que hasta ahora, hasta siempre hombres. y me gusta que la mujer los ocupe, porque lo va a hacer tan bien o mejor que un hombre. Y eso es señal que las cosas van para adelante, y que la mujer a luchando mucho para llegar hasta ahí y que a demostrado que está capacitada para hacerlo. Y a nivel político también. La gente se a lanzado mucho, y están luchando mucho. Y a nivel de servicios sociales igual, igual es la mujer la que más ruido mete y la que más patalea. Pues sí, a mí me gusta mucho que la mujer en cargos importantes.

E - ¿Tienes un ideal de mujer, la mujer ideal?.

P - No.

E - En tú opinión.

P - No, yo no tengo un ideal como mujer, yo veo un ser humano, pero, así un ideal no, en concreto no tengo.

E - Pero qué características consideras importantes en una mujer, o cómo debe de ser una mujer.

P - Para mí una mujer, pues la personalidad yo creo que hay que tener personalidad primero, te vas con unos, con otros. Nunca se puede ir con todos, siempre se tienen que ir con unos a favor y con otros en contra, porque no podemos compartir todos las mismas ideas, y que cada persona piense de una forma. Pero yo pienso que hay que tener mucha personalidad y ser decidida, luchadora, perseverante, eso es lo que yo pienso que hay. Bueno, pues al mismo tiempo puede tener mucha personalidad sensible, porque entonces la gente considera, con el tema de tienen mucha personalidad, tienen un carácter, qué carácter. No, no hay que confundir los términos. Se puede tener mucha personalidad y ser una persona muy humana y sensible, yo pienso que es importante la personalidad y ser honrado consigo mismo, para poder ser honrada con los demás. Hay que tener seriedad en la vida y si no tienes seriedad contigo mismo, y te quieres a ti mismo, no puedes querer a nadie, ni puedes luchar por nadie, porque no sabes luchar por los demás. Sí, yo pienso que tener personalidad, a mí me gusta mucho, y siempre que a la hora de elegir amistades

y eso, yo siempre me relaciono mejor, pues con gente con mucha personalidad, mucho carácter, con gente, me gusta que me digan las cosas directamente, no me gusta, pues, eso es a parte, no te pueden decir siempre pues, tirarte siempre flores, pero por lo menos sabes hasta donde puedes llegar con una persona.

Valoro mucho la persona que tenga mucha personalidad y que sea inteligente. Bueno, procuro aprender de ella. Yo siempre valoro lo bueno y lo malo, y luego uno se queda con lo que igual, con lo que más te puede aportar de esa persona.

E - Y crees que hay diferencias de cuando has llegado y en general, entre de lo que tú has vivido aquí que hay diferencia de entre la forma de las mujeres y de los hombres viven aquí y de la forma como vivían en Portugal.

P - Sí, la gente aquí es más abierta, igual más abierta de cabeza, de ideas, más luchadora, pelea mucho la gente por conseguir las cosas. Y de hecho, si estoy está más adelantado, es porque la gente es muy alta, sale a la calle, pelea.

Nosotros allá somos más resignados, más conformes y no hay que ser así, hay que luchar, hay que pelear, y si hay que salir a la calle, pues se sale a la calle, y eso pasa, sí. Y la mujer también, el hombre allá es más macho, más moral también. Ahora mismo no se, pero de orgullo, pues la mujer estaba todavía pa estar en casa ¿no?. Había pocas salidas, pero aquí no, las ves que las mujeres de aquí a la hora de hablar y a la hora de estar y de pelear, es una más. No, aquí no hace diferencia de sexo.

Yo pienso que nosotros teníamos que, nosotros fuimos un país muy rico, y nos hemos quedado sin nada, y no se, que es lo que ha fallado, ¿no?. Porque habremos tenido todo, y hemos ido tan lejos y al final ¿de qué nos ha servido eso?.

Habría sido un error político, pues a lo mejor, parece que demostrábamos ante los demás que tenemos poca inteligencia ¿no?. Que hubo en algún momento que algún político no estuvo a la altura de las circunstancias. Metió la pata y bueno, nos ha arruinado, nos hemos quedado sin nada, después de haberlo tenido todo, pues eso es duro, ¿no?.

Y luego que la gente no te considera ¿no?, te tienen ahí. Incluso ahora (Imperceptível), pero España siempre ha estado por encima de nosotros, y eso es una cosa que duele ¿no?, porque dices, bueno, estás por encima, porque ¿no?, tu mientras trayectoria. Ha sido tan buena como la tuya o más, ¿no?, pero bueno, pues a nivel económico han quedado mucho mejor que nosotros.

Nosotros hemos perdido muchísimo, y sí se nota, pues que noto eso. Pues que nosotros aquí estamos mucho más adelantados que nosotros allá. Pero es por eso, porque hemos tenido más años de dictadura y eso también igual se nota. Nos hemos independizado más tarde e igual no estábamos ni preparados para independizarnos, y para vivir en un país democrático. Se han hecho muchas salvajadas, se ha hecho mucha tontería, y no utilizamos la cabeza en ese momento, y luego pagamos las consecuencias.

Pero sí se nota, todo se nota. Sí, la gente aquí está mejor, es por que ha estado más abierta de cabeza también, ha andado más ligero, ha utilizado la cabeza. Igual se ha olvidado más (Imperceptível), han puesto en marcha otras ideas que han sido más positivas, y ahora están recogiendo frutos, ¿no?. Pienso yo, porque tampoco puedo hablar mucho, porque yo ahora no se cual es la situación nuestra, entonces no puedo hablar mucho. Exactamente aún así, aunque haya cambiado, porque yo estoy convencida de que mi país ha cambiado mucho desde que yo he salido, y ojalá que así sea.

Yo creo que ahora es la generación nueva la que puede hacer algo, y estará luchando, y estará haciendo algo más de lo que hemos hecho nosotros, ¿no?. Porque hemos perdido mucho tiempo en tonterías, porque empezamos a hablar de política sin saber lo que era la política, entonces.. Porque hoy en día la gente sabe lo que es hablar de política, y pide ser un político porque ya lo ha oído en escuelas, ha estudiado, pero en aquella edad nadie había estudiado lo que era política ¿no?, y bueno. Salimos ahí a hablar cuatro tonterías. Las cuatro que salían a la calle, y de seguimos, pero claro. Yo pienso que la nueva generación va a aportar mucho más de lo que la mía, igual no ha aportado por ignorancia, porque de aquel, éramos ignorantes.

Salíamos de una dictadura y entrábamos en un país democrático. No sabíamos ni lo que era la democracia, ni vivencias políticas. Teníamos entonces (Imperceptível). Estaba prohibido hablar, no teníamos ni libertad pa hablar los demás.

Entonces pues éramos ignorantes, pa que vamos a decir lo contrario. Habrá que asimilar nuestros errores. Yo ahora pienso que la juventud, las nuevas generaciones no vienen ignorantes, porque están informados, porque la

información es muy buena. Luego cada uno siga lo que le parezca, que todas las ideas son respetadas siempre y cuando no se pase por encima de los demás, no hagamos daño a nadie, pues las ideas son libres.

E - Lo que valoras más, lo que valoras, la máxima importancia, no se si puedo preguntártelo siendo clara, lo que valoras, lo que....

P - ¿En mi vida?.

E - Pues, has hablado, por ejemplo, que valoras personas con personalidad, te he entendido muy..

P - Sí.

E - Y o... que otro tipo de..., valoras... lo para ti tiene importancia...

P - A ver, no se, salir al paso. Pues bueno. En esta vida hay que valorar otras cosas. Haber nacido y estar aquí, ¿no?. Y bueno, pues valorar. Valoro la amistad, pero bueno, pues es gente que tiene otras cualidades y virtudes. Y luego valoro la gente inteligente, la gente que se dedica a las artes, me llama mucho la atención. Yo no tengo una vena artística, pero valoro mucho eso, la gente que lucha por una carrera. Yo pienso que el echo de tenerlo todo, hecho igual no tienen mérito, sino la gente que ha luchado para conseguir algo en la vida, y que luego, desde ahí ha hecho otras cosas. Ha dejado algo ahí, ha dejado su historia, ¿no?, su vida. Porque igual de la gente más humilde ha sido de donde han salido la gente con más historia que han dejado aquí, para nosotros luego estudiar o verla o verlas. Bueno, pues valorar, no se, bien, por donde.

E - ¿ Viajar, te parece también importante para la vida?.

P - Sí, es importante. Viajar se aprende mucho. Se conoce muchísima gente y de la gente siempre se aprende, siempre encuentras alguien que te enseña algo ¿no?. Y bueno, pues la naturaleza es de agradecer de tenerla ahí, y de saberla respetar, para que puedan los demás que vengan detrás de nosotros poder disfrutar de ella.

Bueno, que esto sigue..., ahora está todo el mundo con la fiebre de Internet. Yo me río mucho, porque me hace mucha gracia lo de Internet por eso, porque es otro mundo, es otro mundo que todavía nosotros no conocemos, no está a la altura de nosotros, pero bueno. Ya tenemos una idea de lo que es Internet, y sabemos que es otro mundo, que es otra comedura de coco por la sociedad. Va a llegar el momento en que se va a hacer todo por Internet.

Sí, por eso, eso de lo que yo tengo entendido y de lo poco que he visto de un amigo que tienen Internet, que tienen página en Internet. Yo digo qué locura, ¿no?, porque es un mundo y yo no me entero de nada, pero bueno. Pues quedas con una idea, y todos esos adelantos, pues yo valoro mucho, pues parece que vamos para adelante y no vamos a quedar estacionados. que esto va para delante. Y luego la salida no se a donde vamos, porque esto va demasiado lejos, me parece a mí. Que el ser humano va demasiado lejos ¿no?, y muy de prisa, pero bueno, esperemos que no encontremos un final, porque pudiendo seguir siempre, algo quedará ¿no?. Está tan lejos pues me hace, sí, me hace mucha ilusión, me parece imposible ¿no?, como es posible ¿no?. Ya se ha servido uno de Internet, bueno.

Yo veía uno que salía de Valencia ¿no?, y era una chica y un amigo le mandó flores por Internet, y yo creas que me partía, ¿no?. Son tonterías, pero qué es esto. Tenía una conversación muy acuerdo ¿no?, y luego coincidió que era su cumpleaños y le mandó un ramo de flores por Internet (Imperceptível). Es el mejor invento, digo yo, porque así estás localizable en todo momento, y es fácil de..., bueno, por el momento no se ve la imagen, pero ya puedes hablar, y es todo un adelanto, porque el teléfono no es siempre puedes llegar a nivel de cuentas, pues imaginarte también.

Bueno, yo creo que todo es un sacrificio de la gente que ha estudiado tantos años para poder poner un trabajo de estos a funcionar. Tiene su mérito. Y si hay que valorar a la persona, no vale cualquiera para hacer un trabajo de estos, porque esto supone muchos años de una vida luchando, para poder organizar un ordenador, y poder prepararlo.

Entonces yo pienso que ese es todo un mundo y tiene que estar gente muy inteligente, por encima de esto y habrá sacrificado toda su vida ahí, comiéndose todo eso ¿no?. Eso es para valorar la gente que hace algo ¿no?. Eso es para valorar la gente que hace algo ¿no?, igual es el que menos va a disfrutar de ello, porque lo ha trabajado, y pa cuando se da cuenta pa poder disfrutar pues igual es hora de jubilarse ¿no?, pero bueno, pues yo valoro la gente que trabaja, en función de los demás. Esto hay que valorarlo. La gente pone por encima de lo suyo su trabajo ¿no?, porque igual la gente ni ha disfrutado de su vida y ha estado ahí horas y horas, igual que un médico, que está estudiando una tesis para un medicamento para poder curar el SIDA u otra enfermedad, el cáncer. Gente que está muchísimas horas en el laboratorio, porque no sale de ahí, y que igual le apetece divertirse y pasar un rato de poder descansar, gente que quiera muchas horas de su vida para dedicarlo a un proyecto para bien de los demás, eso hay que valorar, el sacrificio de la gente.

E - Has hablado del tiempo del trabajo, del tiempo..

P - Sí, porque nosotros pasamos el tiempo de los demás, un poco, no respetamos el tiempo de la gente. Yo pienso que hay que respetar el tiempo de la gente ¿no?. Yo, a mí me fastidia mucho quedar con una persona y que tenga tiempo de llamar y que ni siquiera se preocupe de llamar, y yo tengo ahí esperando, esperando, y digo lo he quitado todo ¿no?.

Y he hecho un hueco para atenderte y pa lo que sea, u a mí la falta de respeto del tiempo por los demás es una cosas que a mí me molesta. Yo si no puedo yo llamo o me organizo de otra manera, pero procuro ser siempre puntual, a no ser que llegues tarde por un accidente de tráfico o una cosa que se justifique y que no dependa de mí. Sí, yo sé que tengo esa cita, yo salgo con tiempo de casa, luego en eses trayecto, pues puede pasar algo a nivel de tráfico que eso ya no es problema mío, pero lego que ya vengo yo con esa preocupación y claro móvil no tengo para avisar.

Entonces pues bueno, pues ya llego tarde, pero yo pienso que nosotros respetamos el tiempo de los demás, porque hay que respetar, porque perdemos mucho tiempo. Se pierde mucho tiempo. No tengo porque estar ahí perdiendo el tiempo de mala manera ¿no?, a cambio de nada ¿no?. Si me están pagando todavía, pero bueno, algún beneficio tengo, pero su es perder el tiempo porque tú no me respetas mi tiempo, pues eso me molesta mucho.

Yo pienso que eso pasa mucho, que la gente se queja un poco de que ja esperado, de queja estado en un sitio, y a mí te tiene esperando, pues no es así. Si te da una hora, pues respeta la hora, sino, pues que te de hora más tarde. Yo voy a un laboratorio y yo tenía que estar..., a mí me dan a las diez, y si me cogen a las diez y cuarenta y cinco, a mí me molesta mucho, porque se tiene por consultas, pues que controle más o menos. Si tienes pa las diez, a mí me vas a dar pa las diez y cuarto. Sabes perfectamente que una consulta no va a durar un cuarto de hora, con un paciente, pues da un poco más de tiempo pa que yo no tenga que estar ahí tres cuartos de hora mirando la puerta a ver cuando me toca a mí. No, yo pienso que, y encima días de diario que estás trabajando que haces un hueco ahí. Luego vienes, te vas a trabajar, llegas tarde, sales tardísimo, porque has estado tres cuartos de hora ahí sentado, pues no es así. Porque saben que todo el mundo está trabajando ¿no?. Yo siempre pelé, yo siempre doy la nota, porque siempre digo: mira, llevo tanto tiempo esperando. Pa la próxima vez que venga en casa que me pasa siempre igual.

Si dices una cosa, que yo no haré nada por cambiar, pero por lo menos me voy tranquila si hablo, porque los demás, igual la gente se queja, pero no. Yo voy a informarme y yo les digo cuando voy a pedir hora de consulta, yo digo: mira a ver que abusa de edificio, porque yo estoy trabajando, y vengo en mis horas de trabajo, respeten las horas, si ves que no..., si tienes pa las diez, no me vas a decir pa las diez y cuarto ¿no?....(Breve interrupção na entrevista para virar a cassette).

...A veces por un minuto se pierde el medio de transporte. Si hubiese llegado un minuto antes. Yo pienso que es el tiempo, que no lo tenemos bien controlado, y otras veces quemamos el tiempo sin hacer nada. A ver, más preguntas.

E - Crees que la (Imperceptível), ves el tiempo que siempre lo has visto así, no o que lo has visto de otra manera.

P - Yo siempre he visto así. Una pierde el tiempo impresionante y más que te hagan perder cuando uno elige perder esos tiempo ¿no?. Que eso es grave ¿no?. Yo pienso que los demás, que nos hacen perder mucho en tiempo en la vida. Con tantas esperas pa todo.

Yo pienso que ha de hacer más organización, y más puestos de trabajo, porque empiezas a quitar gente, y luego hay muchísimo trabajo, y la gente están dos, no. y esos dos no pueden rendir lo mismo que cinco si hay trabajo pa siete. Entonces claro, vas a todos los sitios y en dos los sitios esperas un horror de tiempo, pero porque, porque el trabajo no está debidamente ocupado por la gente que tenía de estar.

Entonces claro, vas a un hospital pasa igual, estás en un bar, en un restaurante es igual, en todos los sitios empiezan a reducir la plantilla de trabajo, y en todos los sitios esperas un montón de trabajo. Dices bueno, pues aquí qué pasa. Empiezas a reclamar, y no puedes reclamar, porque empiezas a ver un montón de gente, y cuantos están trabajando, dos. Dices; que es normal, porque no hay gente suficiente para poder atender a todo el mundo, y te tienes que esperar. Yo pienso que con tanto paro que hay, pues que no tienen porqué ser así, y quitar tantas horas extras. Menos horas extras, y meter más gente, y más puestos de trabajo, que es lo que hace falta. Pero no que quiten y quiten y reduzcan las plantillas, lo tienen todo resulto. Hay más facilidades, porque lo de quemar el tiempo es eso, en muchos sitios va a haber gente para poder atender a todo el mundo.

E - ¿En el futuro, crees que se trabajará más o menos tiempo?.

P - Lo de tiempo, yo no sé mucho. Yo no sé bien lo que puedo contestar sobre el tema. Lo que yo quisiera, silo que yo quisiera. Yo no tengo muchas esperanzas en lo que estamos ahora mismo. Otra cosa lo que uno quiere, trabajar menos u haber más gente, claro, eso es un ideal. En vez de trabajar siete horas, pues trabajar cinco, porque no, porque total, con tanta fiesta que tenemos, al caso patatas, pero cinco horas sí. Yo pienso que sí, que cinco o seis están muy bien. Pa qué siete, si hay tanta gente que está en el paro porque no hay trabajo, pues reducir y meter más gente, porque así sería mejor para todos.

Si no reducen las horas, no habrá más puestos de trabajo, porque son cinco van a sacar trabajos ahora sí, está todo inventado. Con la tecnología, con las máquinas, todo funciona con máquinas. Pues han quitado la gente, la mano de obra ya prácticamente no existe. Entonces habrá que inventar algo, cambiar el sistema. Habrá que reducir las horas y meter más gente. Porque ahora mismo, lo que más salida tienen es la construcción. Son los trabajos donde ha bajado el paro.

Dice, es que el presidente sabes, sólo dice bobadas. Es que ha bajado el paro, ¿dónde ha bajado el paro?. ¿Qué es lo que se está moviendo más?, la construcción. De cara a la mujer no tenemos más salidas, y los chavales tampoco. El que no va a la construcción, pocas salidas tiene. Y de verano sí, baja el paro, si es cierto, pero eso también ha bajado de los socialistas ¿no?. Porque en la época del turismo, hay más gente, abren más bares, y si es zona de costa, pues es normal que funcione a tope.

Pero en Octubre otra vez, todo el mundo en paro. Entonces haber que hacemos en Otoño a Invierno, hasta Semana Santa no se mueve nadie. Pues habrá que cambiar el sistema, y habrá que intentar algo, pues si estás todo hecho. Yo pienso que como no reduzcan las horas, ¿qué trabajos van a inventar?, ¿talleres ocupacionales, enseñar trabajos...?.

Tendrá que pagar, porque también se aprende un oficio que luego no tiene salida. Está ocupado, sí. ¿Cuándo terminas el curso que haces?. Es muy bonito hablar, ¡oh, que bien, taller ocupacional. Si vas a pedir un trabajo y ¿luego qué?, ¿no?. Si no tienes trabajo, para que quieres una cosa más que se aprende, el saber no ocupa lugar. Si, pero el saber no me da de comer. Si yo voy a sacar un oficio y luego no tengo no tengo trabajo ¡de qué me sirve!, de depresión, me voy a deprimir. De qué me sirve decir, hice esto, hice lo otro si luego no tengo salida para ninguna.

E - ¿Crees que eso ocurre?.

P - Sí, sí, claro que si ocurre. Por eso te lo digo, claro que ocurre. Yo tengo cantidad de gente que ha estado haciendo cursos y que no le ha valido de nada. Unos han estado de voluntarios y otros han ido cobrando, y otros gratis, y ha sido igual. Y han estado haciendo prácticas en empresas y terminan las prácticas y nada, porque la empresa te facilita, haces las prácticas y nada, porque la empresa te facilita, haces las prácticas pero no te paga nada. Es promesas muchas.

E - Sí.

P - Muchas promesas, pero a la hora de la verdad sigue igual, entonces. ¡Hombre!. Está bien, hará cuando te salga una oportunidad. Igual para cuando te den la oportunidad ya estás en otro trabajo, y estás con contrato y estás bien, y el aprendizaje que has hecho no te sirve de nada. Yo por ejemplo he tenido posibilidades de hacer otras cosas y no me ha dado..., digo: yo no voy a perder el tiempo, porque total, lo que voy a tener salida más rápido que aún así, hay mucha competencia a nivel de casa.

Yo ahora por mucho, me han salido trabajos con contratos y yo no he cambiado, porque luego estás tres meses o un año con contratos y te mandan a la calle. Y yo pierdo un trabajo de una casa que es fijo, con una gente majísima y digo no. Yo me agarro a lo seguro. Porque yo aquí no vivo de (Imperceptível), me da exactamente, porque no se me caen los anillos de decir que soy interina. Entonces digo yo, me da igual. Yo quiero cosas seguras y me agarro ya ahí, y me quedo ahí toda la vida. Porque yo en este caso, con la casa con esta gente estoy ya es una casa para toda la vida. Entonces yo no voy a dejar una cosa que yo se que es fija, y estoy a gusto, porque soy una más de la familia.

Porque me ha salido este verano para un autobús de niños, que era ir a buscar a los niños a las paradas y luego ayudarles a comer en el comedor ¿no?. Entonces claro, luego está la época escolar, termina la época escolar, al paro, y si no has cotizado suficiente ni al paro vas. Y te quedas así, Y yo andar así, paseándome por toda la ciudad todos los días sin hacer nada, porque no hago nada. Pues prefiero hacer un poco, pero tengo una cosa segura, no tengo que volverme loca.

O también me ha salido para un restaurante, por contratos, por temporadas, porque los contratos se hacen por temporadas. Yo con mi hijo, no puedo estar por temporadas en ningún sitio. Igual iba ganar más, a lo mejor sí, pero me es igual. Yo prefiero lo seguro, porque hay que agarrarme a lo seguro. Para mí que tengo un hijo. Doy prioridad a mi hijo. Ahora si me sale algo por la tarde que es temporal, pilló, pero por lo menos tengo algo seguro, donde yo pueda..., digo bueno, por lo menos tengo eso que me da estabilidad.

E - Y eso de las apariencias, crees que hay mucha gente que vive así?

P - Sí, hay mucha gente. El tema del trabajo interino: “¡hoy yo no voy a casa de nadie!”. Digo yo, prefiero estar. En tú casa lo vas a hacer gratis. Y yo prefiero una compensación. A parte, estoy bien pagada. Me pagan muy bien, porque eses trabajo también hoy en día hay mucha competencia, y está muy mal pagado. Pero bueno, yo he dado con una gente muy maja, y me pagan muy bien. Entonces yo estoy contenta, y digo, bueno. Yo no tengo ningún problema.

Yo a veces miro y digo. ¡Jollín!, uno porque no cuenta ¿no?. Si tú supieras de donde vengo yo, que tú al lado mío ni sombra, ni haces en la playa. Y oírte contar contarías, porque son tonterías. Ver gente que no tienen a penas para comer. Se quitan de comer para vestir, por las apariencias, y luego están al lado tuyo y digo: ¿hay, que pobreza de espíritu! ¿no?. Porque digo yo, igual yo vengo y he tenido más, igual he tenido motivos para quitarme los anillos para poner a limpiarme, pero yo no tengo, soy un (Imperceptível), ¿no?.

No me preocupa, pero me revela mucha la gente que la que menos tiene es la que más quiere aparentar. Eso me revela mucho, porque no seré consciente de la realidad, y nadie es más que nadie. Porque yo tampoco considero gente que porque hayan venido, son de alta alcurnia. Gente de mucha cuna, de mucho dinero, de familias. Que no es lo que pasa ahora con los nuevos ricos, que hay mucho nuevo rico. Y yo he estado con..., he trabajado mucho con gente de dinero, y han sido los que mejor lección me han dado ¿no?. Gente muy sencilla y..., Luego ves a gente así muy por encima, y luego si miras la trayectoria dices: ¡pobrecita!. No has tenido nada y se te ha subido tanta soberbia a la cabeza.

E - ¿Por qué crees que esas diferencias...?.

P - Sí, porque en este trabajo, y trabajas con todo tipo de gente ¿sabes?. Cuando estás de interina, trabajas..., hasta que encuentras una estabilidad pues coges muchísimas casa y notas el trato de la gente. Y la gente que pero te trata son los que menos han tenido en la vida, siempre. Entonces, les han cambiado la vida y no lo han asimilado. Y la gente se vuelve soberbia, y por encima de ti. Y luego resulta que la gente, porque luego se nota la cuna de la gente. Una persona que tienen una, tienen educación sabe tratar, y sabe estar.

Entonces yo siempre digo que yo prefiero tratar con gente de dinero, pero con la gente de la de antes, por los señores. Porque ahora no hay señores, hay nuevos ricos y hay señores. Y con los señores, es lo que saben tratarte ¿no?. Porque yo da la casualidad (tose y dice perdón), que estoy con una gente de familias de mucho. . . Diego, de Donosti, y es una gente que da gusto estar con ellas. Y han estado trabajando en otra casa con nuevos ricos que yo comía en la cocina ¿no?. Y sin embargo, con esta gente, cuando llego yo, como con ellos, yo soy una más. Yo he querido comer en la cocina y: “no, no, no, aquí ni el perro come en la cocina”. y eso es bonito que te lo digan ¿no?, Y dices, ¡jo, qué diferencia!.

E - ¿Comías en la cocina?.

P - Comía en la cocina siempre. “Tú comes aquí?”. Y después de comer ellos me comía las sobras ¿no?. Y eso no te hace trato. Por eso te digo yo que cuando te enteras luego, comentando con gente, te enteras cosas. ¡Sí tú supieras de dónde vengo yo!, tus padres tenían mucho menos que los míos ¿no?. Porque yo siempre pongo un mantel en la mesa, y tú igual ni tenías ni para un mantel. Y hoy ¡fijate!, estoy yo sirviendo en tu casa y a mí me das las sobras. Y sin embargo eso en casa de la gente de educación, de principio, y de dinero no pasa nada.

Y tengo muchas amigas, y da la casualidad que tengo dos compañeras en el barrio que son portuguesas y están trabajando con gente de esta, nuevos ricos, y están súper amargadas. Y me dice: “fijate”, yo no llevo uniforme en casa, ellas de uniforme y caharitos en la cabeza, tienen que ponerse para servir la mesa. Y luego no saben manejar los cubiertos ¿sabes?. Es así, exigen mucho, pero luego falta lo principal, la educación. Porque el dinero no da educación. Te puede dar un nivel de vida. Porque si el dinero te ha venido muy tarde o vienes de familias de dinero, el dinero no te da el saber estar. Porque no saben gastar, para recibir buenos modales, y eso se nota. Yo prefiero, yo para eso creo que he heredado de la familia.

Siempre me ha gustado estar mucho con los señores, porque no se aprendes de esa gente. Yo siempre aprendo, y me fijo mucho. Yo he estado en restaurantes de cinco cubiertos y soy una persona que tengo mucho miedo al ridículo, ¿sabes?. Y si yo no sé, yo espero que alguno empiece, y en seguida se me da bien, porque uno pone empeño en no hacer el ridículo, y en seguida miro como hacer, y entonces taca, taca, suave, para no hacer el ridículo. Yo aprendí, siempre he aprendido, y me gusta aprender mucho de la gente que sabe. Yo me fijo mucho en la gente que sabe, y que ja estudiado o que ha aprendido. Porque también a veces los que más (Imperceptível) es lo que menos saben enseñar. Porque en la sencillez está la sabiduría. Yo he aprendido eso en la vida. Por eso valoro mucho las personas, porque observo mucho, y comparo y estudio la gente.

Porque yo soy de un carácter muy abierto, pero yo no soy persona para hacer amistad de la noche a la mañana. Yo primero tengo que estudiar la persona, y tratar con ella. Y después de ver los detalles entonces elijo si vale o no vale la pena para relacionarme con ella. No estoy para mezclarme y para perder mi tiempo. No lo hago por sentirme más que nadie, es por no perder el tiempo y porque esa persona no me haga daño, porque no se. Porque me hace pasar ridículo, no me gusta.

Me gusta estar siempre con gente, y siempre procuro relacionarme con gente que sabe más que yo, para que pueda aprender. No se si es de sabios, pero yo por lo menos procuro. Ya que perdí mi tiempo y no he estudiado ¿no?, pero por lo menos procuro cultivarme de otra forma. Porque cultivarse ni tienen que ver mucho con los estudios, Porque yo conozco a gente y que no ha estudiado, que no ha hecho carreras, y es muy culta. Y pienso que la cultura es lo que tú puedes coger día a día, lo que tú quieres aprender y desarrollaste como persona.

E - Y esas personas que tú dices, que viven de apariencias, porque ¿cómo explicas que vivan así?. Pues que quiten de comida para vestir?.

P - Porque es gente ambiciosa y que tampoco han luchado para hacer algo por ellos mismos. Para ellos la vida estaba reducida en trapos, y salir de vacaciones. Tienen que salir, aunque vayan de camping, o con cuatro lats y poder decir: “hay, yo he estado, yo he salido, nosotros nos vamos”. Hay gente que es muy superficial Yo les llamo superficiales. Como humanos no tienen nada dentro ¿no?. Que viven cara al vecino. Tienen, pero igual no son ni felices, porque si das prioridad en la vida al dinero, no puedes cultivarte a ti mismo como persona. Porque el dinero es material. Es una cosa que la necesitas para funcionar, pero no es lo principal. Si no tienes otras cualidades y otro sentido de la vida, el dinero no te va a solucionar nada. Te puede ayudar a salirte de situaciones, o darte un nivel de vida ¿no?, pero hay tantas cosas en vida que uno necesita también, y si no lo tienes no puedes... El dinero no te va a dar la felicidad.

E - Y es en esos sentido que tu has...

P - Igual te trae problemas, porque muchas veces el dinero ha traído problemas a muchísima gente, entonces. Porque al darte un nivel de vida que no estás preparado que no sabes ni administrarlo, igual te buscas problemas. Porque como el ser humano tienen tanta imaginación. Igual ha soñado tanto que llega un momento, no sabes en verdad lo que tienes, lo gastas, o inviertes mal, y a la vuelta tienes problemas. Porque para saber invertir tienes que saber estar. Saber la forma de cómo te lo vas a gastar. Esto es igual que el que manda sin haber hecho. Si no sabes hacer, no puedes mandar. Pies el dinero, si vas a invertir, y si nunca has hecho nada, o si no has estudiado, te vas a meter en un tema que no tienes ni idea, sólo porque has oído que da mucho dinero. Pues igual no vas a invertir mal, o han venido otros, te han aconsejado mal, y ten han engañado y lo has perdido todo, nunca sabes ¿no?.

E - Y eso que tú hablas hace poquito, de pobreza de espíritu, ¿entonces?, ¿lo querías decir es que son pobres de espíritu?.

P - Sí, yo pienso que la gente es pobre de espíritu, por supuesto. Son vacíos por dentro. Cuando ponen por encima de todo el dinero, a la vuelta, haces el vieja, y a la vuelta no has traído nada. Porque igual a estado o no ha estado, o ha ido a hacer un viaje e igual no han visto nada, porque salieron del hotel a la playa, de la playa a hacer compras. Si sales a un viaje, pues hay tantas cosas para ver. Igual el que más viaja, nunca trae nada. No trae recuerdos, los recuerdos los trae consigo mismo ¿no?. La gente se dedica a comprar, comprar, comprar, que estamos en la sociedad de consumo, E igual es la más vacía porque te dedicas a comprar y no han visto nada.

Yo conozco un matrimonio que van todos los años a París, y no van ido a la torre Eiffel. Nosaben donde está. Digo: “pues viajas mucho” ¿no?. Ves detalles ¿no?. Le hacer preguntas y no saben donde está nada. Yo he visto de películas, como digo yo, yo he visto de películas, pero yo tengo más idea que tú.

La gente va, pues eso, a comprar. Y para ellos viajar es gastar dinero en trapos, en zapatos, en la tienda no se cual. Dices: ésta gente no sabe. Yo voy a gastar dinero para ir de viaje, no voy a gastar dinero en ropa, que tengo ropa muy guapa, e igual soy más trapera que ellas, pero es lo vacío que ves en la gente, que no se cultiva, que no aprenden.

Que tienen la posibilidad de ir a viajar y no vas a conocer un país. Que vas un mes o quince días, y no vas a visitar un museo, un castillo, un palacio, no se, una biblioteca. ¡Cuantas cosas hay que ver!, ¿no?. Un poco de historia ¿no?. La gente no..., aunque te sientes en un banco, en un jardín, mirando, lo que sea. Pero no saben hablar de nada, no distinguen una cosa de otra. Entonces es, no se, vivir nada más para estar, me parece una vida muy vacía ¿no?.

E - Comprendo. Creo que..

P - Porque habrá gente que viaje pues para aprender, para ver, para comprar lo que tenemos, lo que tienen los demás ¿no?. ¿Cómo han vivido?. Pero esos que empiezan nada más a vivir de apariencias, puyes esos no tienen ni idea de lo que es el mundo.

Con lo bonito que es poder apreciar, ¿no?. Y comparar. Porque nosotros también tenemos cosas muy bonitas aquí, pero que son distintas de los demás, ¿no?. Entonces si sales de viaje, vas a conocer. yo por lo menos que me gustaría dar una vuelta al mundo y conocer. Yo con una cámara de fotos soy feliz, no necesito nada más, (se ríen los dos). Porque así miras y lo ves. Entonces por lo menos, cuando sacas las fotos lo puedes mirar, Porque en tan poco tiempo no tienes tiempo para quedarte con detalles, pero bueno, cada uno es un mundo.

E - La vuelta al mundo, ¿y qué otros sueños?.

P - (Ri-se). Hay, otros sueños. Yo soñar..., pues mi sueño sería, a parte de dar una vuelta al mundo, pues tener una casa, una aquí y otra allá. Sí porque si esto cambia mucho, porque nunca sabes las vueltas que da la vida. Yo siempre que no se lo que me va a dar mi vida en sí. Pero he comido papas, he estado muy arriba, muy abajo, y estar tan abajo que no ves el momento de ir arriba. Entonces digo..., porque me parece a mí que mi vida, que ni destino, por decir algo, que es andar así, para arriba, para abajo, (se ríe). No tengo, cómo se dice... (As intervenções seguintes de E. e de P. São imperceptíveis).

E - Pero no lo dices como drama ¿no?.

P - No, no, no, no, es que yo tengo que ser especial en esta vida (se ríe). Yo soy única en la familia. Si no tengo...m, en casa siempre me dicen que no tenía término medio. Entonces será eso. Y estoy así, pa arriba y o pa abajo. Y bueno, como yo no se, y estoy convencida de que la vida va a ser un poco de pa arriba o abajo, que no se lo que haga (Imperceptível). Si el día que esté arriba y pueda, no perderé la oportunidad, porque he perdido otras oportunidades. Sí, he perdido oportunidades, podría haber estado mejor. Pero como he perdido esas oportunidades..., pues la próxima ¿sabes?, porque como la suerte llama a la puerta de vez en cuando, unas veces estás en casa y otras veces no estás...

E - (Ri-se).

P - Entonces, voy a procurar que cuando esté no le deje escapar, y comprar una casa, sí, allá, porque esta aquí ya lo tengo solucionado. Y dentro de dos años, pues ya lo tengo posibilidad. Pero sí, mi sueño es, que yo no me lleve muy bien con mi país (se ríe), por problemas emocionales que tenemos. Pero bueno, si me gustaría tener una casa allá, porque bueno, ni me siento ni de aquí ni de allá, y por tener un casa allá. Y mi hijo le vendrá muy bien luego para ir a disfrutar con sus amistades allá. Al menos podrá decir que es la tierra de su madre y de sus abuelos. Que de allí seremos. Nunca hay que renunciar a las raíces de uno, aunque nos llevemos bien (se ríe). Mi ilusión será poder comprar una casa en mi país. Una casa que no me supusiera un sacrificio para tenerla.

E - Sí, sí, sí.

P - ¿Sabes?. Porque de sacrificios también he estado muy bien. Que digo, bueno, tengo ese dinero y lo voy a invertir en una casa. Si es que tengo una oportunidad. Porque yo todavía tengo la esperanza de que esto me va a cambiar mucho, que igual vienes dentro de dos años, y esto ya llevamos otro. Porque yo soy muy constante, y soy muy optimista. Y ya no pasa de allí, pero el optimismo me tiene de pie. Como lucho, yo estoy convencida que mi tema me va a cambiar, no se si dentro de cinco o seis años, pero a la larga. Ya dentro de cinco o seis años, si, Yo me voy a pegar un cambio a cosa de mi sacrificio, de mi lucha. Pero sí, yo seguiré allá, por si viene la suerte e igual no estoy en casa, ¡fíjate que putada! (ri-se). Digo, ¡uy ama!, se me ha ido la oportunidad, se me ha escapado el tren, es problema de tiempo en esta vida, ya te digo yo.

E - Me gusta que tienes gracia.

P - Sí, hay que tener en la vida buen humor. Si no tienes humor en la vida estás perdido. Hay que tener buen humor siempre. Mira, yo no soy ningún ejemplo. También tengo mis momentos, pero no los demuestro a nadie. No soy el tipo de persona que estuviese mis problemas a los demás, nunca. Mis problemas, luego voy a casa y digo, ¡vay!, la mejor forma de solucionar sería ir a dormir. Mañana con la cabeza fresca ya buscaré una salida. Yo no soy de hundirme, ni de llorar, ¡uy qué voy a hacer!. Ni, así no se arregla nada. Cabeza fresca mejor por la mañana. Y nadie se a muerto por problemas. Todo tienen solución., menos la muerte. Entonces, al estar vivos y con salud, para qué vamos a volvernos locos ¿no?. Problemas todo el mundo tiene. Yo suelo decir que no tengo problemas, que tengo contratiempos (se ríe).

E - ¿Sí?

P - Y claro, a veces tengo unas amigas (Imperceptível), ‘hay porque tú’. ¿Y qué vas a hacer’, ¿tú a caso lo solucionas mejor que yo?. No, yo creo que lo vas a solucionar pero, porque tienes la mente tan cansado que entonces no puedes ver las cosas de otra manera, y tienes que... Los problemas hay que estudiar la forma de salir de él, y con la mente cansada no puedes. Tú vete a dormir y mañana... Mira, a mí los problemas nunca me han quitado ni el hambre ni el sueño.

Y cuando se lo cuento les entra la risa. Y es cierto, yo cuando, yo cuando con el mayor problema, llega la hora de dormir y ronco igual. Yo creo que es saberse dominar ¿no?. Digo, yo voy a la cama y procuro relajarme para descansar, no voy a dar vueltas a un problema que de noche no voy a poder. E igual me sale alguna idea brillante y no puedo dar de ojo, porque es de noche. Igual me sale a las ocho, y a las nueve ya estoy en un despacho pidiendo algo aquí, ayuda. ¡Jo!, por mucho que le explique ella (mi amiga) dice: ‘¡va tú estas fuera de este mundo!. Digo sí. Cuando yo vengo, vivo en otro planeta. ‘Y si yo estuviera en tú situación estaría loca’. Digo, pues chica, con todo lo que he luchado para llegar hasta aquí, no voy a volverme loca para estar peor. Tendré que tomarme la vida con filosofía para poder aguantar, ¿o no?.

No voy a estar amargando mi vida y mi hijo viendo a la madre amargada. Bastante tenemos cada uno con lo suyo. No voy a estar amargada por nada, por Dios.

E - ¿Crees que esa actitud optimista, como tú has dicho..?

P - Sí, es positivo.

E - Que es importante para afrontar los problemas en la vida,

P - Sí, es muy importante.

E - Crees que otras personas que puedan haber vivido una situación semejante, ¡bueno, semejante!, a la tuya, por no tener esa actitud..

P - Digo, yo pienso que llegan mucho por amargadas, sí es que se las ve. ¿Y a mí de que me sirve?. Me echáis en cara que yo no me maquillo y que no me pinto. Es que yo no necesito, porque yo interiormente estoy bien. Pero vosotras estáis así y estáis amargadísimas, y entonces perdéis tiempo y dinero en cosméticos y estáis amargadas. Yo no pierdo tiempo, ni gasto dinero, y mira como estoy, como unas roas. Y ja, ja, ja, y dicen sí..... (Breve interrupção da entrevista para mudar de cassette)

... El otro día que con mi amiga, me decía: «Yo ¡no se!» (ella se quejaba del problema económico, ¿no?, y me decía. . .) «. . . ¡yo! es que ¡no llego!». Digo yo: «Yo no llego pero yo no debo nada a nadie. ¡Yo estoy tan tranquila!». «¿Y lo dices así?». Y le dijo: «Pues ¿que quieres que haga, que me queje?, pues si he pagado las deudas no debo nada a nadie. Si yo debo ¡ya pediré prestado!». Y ella: « ¡Ai! (y tal— estaba *fazendo as contas que não chegava para o outro* ¡y no sé qué! —) hay que aburrida y que amargada estoy, porque estoy trabajando toda la vida y encima no hago frente a los gastos». Y le digo: « Bueno, ¡oye!, yo no se si llegaré pero cuando no llegue ¡ya veremos!, de momento no debo nada, nada a nadie, entonces no me preocupo»; «¿Estás relajada?»; « ¿Y no me ves relajadísima que estoy yo?, cuando yo llegue ya veremos la suerte que vamos a dar. ¡Seguro que no me voy a volver loca como tú!; «Oyes ¡es que estoy amargada!». «¿Y para que te pintas si es que estas amargada?, las pinturas no te van a quitar la cara de amargada, porque el estado se te nota ¡igual!, nada más que ir con la cara lavada y bien, yo interiormente voy feliz todos los días a trabajar, ya se lo que voy a cobrar a final de mes, pero no voy a hacer extras, pues esta empieza a hacer extras antes de cobrar, luego no llega y luego te amargas. El día 15 ya estas amargada. Yo cuando como mucho me voy a preocupar el día 29, el día 30 cobro, así que, ¡ya ves! lo relajada que ando yo todo el mes y un cachondeo tenemos, siempre, ¡eso sí!, ¡mucho cachondeo conmigo siempre!.

E - Es así una especie de . . . de . . . de conciencia. . .

P - Sí de terapia para los demás, ¡sí, sí!, porque yo pienso que la gente habla mucho, habla mucha tontería. Le preocupa demasiado, entonces yo pienso también que si yo, no tengo... yo tengo equis dinero que puedo disponer, ¿eh?, ¡no a vuestras!, y si no se puede porque estás gastando más de lo que puedes para que luego te vuelvas loca. Pues cuando me sobra, gasto; y cuando no me sobra procuro que me llegue (riso) para no... no tener dinero, ¿no?, no ando gastando el dinero en cosas que no tienen ni fundamento, porque a veces se gasta dinero en cosas que no tienen utilidad ninguna pero hasta que no las compras y no utilizas no te das cuenta que no tiene... ¡que no tiene ninguna utilidad!, entonces dices «pues si eso a mi no me hace servicio». «¡Ah!, ¡pues mira lo que me he comprado!»; «!Pero si eso a mi no me hace ningún servicio!»; «¡Ah!, ¡pero tú no te das cuenta!»; «Bueno ya me contarás el servicio que te hace a ti, y luego, ¡claro!, el dinero no llega, como va a llegar se andas comprando tonterías ¿no?» Igual que... pues se va a la peluquería y se va haciendo ¡un montón de cosas!, pues ¡yo no me hago nada!, me lo hago muy limpiita en casa y ¡ya está!, y cuando se puede se puede, pero si no se puede todos los meses, pues no importa, pero para la gente es muy importante todos los meses, e luego ¡se anda llorando! Yo Imperceptível que eso sea un problema, eso es no saber administrarse y nada más... es lo que le digo: «Eso no es ningún problema lo tuyo, porque es no saber administrar lo que tienes, si te supieras administrar, no andabas (imperceptível), pero no me digas tu que tienes que ir todos los estos... si tu estuvieras cara al público trabajando pues todavía se justifica que estés que tengas buena presencia, que estés muy arreglada porque, ¡va!, tanto te exige la empresa que estés muy arreglada, pero yo no te veo de administrativa ni eres director de ninguna empresa ni eres azafata cuando tienes que ir con los pelos todos bien colocados, vas a limpiar, vas a hacer lo mismo que yo voy, pues para ir a limpiar el polvo a casa de otra pues ¡que más da!, con que te vayas limpia, bastante. Yo... champucito, suavizante y a correr, si tengo tiempo me doy con el secador, y si non sin secador y voy tan mona como tú, pero ¡voy bien interiormente! y como yo vaya bien interiormente pa mí es lo que se ve, en la mirada de uno, es lo interior...» y se rien, dicen que no es así, digo: «Que sí a lo largo ya me darás la razón; que es más importante: ¿lo que se vea de cara para fuera o lo que tú sientas por dentro?. Que me importa que vayas muy mona de cara a los demás si interiormente estás hecha una caca ¿no?» Yo prefiero estar bien conmigo misma y me encuentro bien, que estoy relajada, ahora si a mi me apetece lo hago y si o me apetece, pues como no soy de hacerlo a diario, y como tampoco necesito hacerlo para tapar nada, entonces, pues, me da exactamente igual. Y así... tenemos esos debates y luego le digo: «¡Soy una incomprendida!» (ri-se) y ellas también me dicen: «¿Cómo te vas a echar novio, si es que no te arreglas?»; y les digo: «Si es que no necesito, si es que ¡triumfo más sin maquillarme!. Que luego hay que lavarse, hay que mirarte ¡sin nada!, así ya se acostumbra, se acostumbra y las cosas al natural tienen otro valor» (ri-se). Siempre: «Hoy estás, ¡ai hoy que guapa vás!: ¿tienes cita?»; digo: «¡No!, te has equivocado, pero hoy me apetecía hacerlo ¿ves?, cuando un día me apetece, ¡jollín!, ya pensáis que me voy a echar novio! (riso de E. e de Paloma). Y es gente muy joven, y, claro!, vacilan mucho, pero por eso porque... aparte de seren jóvenes, no han vivido, no tienen... ¿como decirte?... son vacíos por dentro ¿no? Han estado muy de brocha y mucho peñado. Yo he vivido otras cosas, situaciones... más fuertes... eh... eh... como he vivido mucho y muy seguido pues... ya no doy, digo eso de tener esas... «... tonterías esas las tenía yo con 14/15 años, vosotros estáis con 26 ahora con esas tonterías, y tenéis dos hijos y yo estoy con 37 y tengo uno, a ver: ¿quien a andado, quien a viajado más en esta vida?», ¿no?, yo he vivido mucho, he empezado muy temprano a vivir, entonces, pues, hay cosas que me han pasando así *p'ra segundo plano*, y para mí eso ya... ir muy puesta y muy planchada y muy... cambiando de modelito, eso ya ¡se me ha pasado! porque yo ya... ahora ya dou prioridad a otras cosas, yo con que me duche a diario ya cojo el primer pantalón que pille, ¿no?, ya no me estoy preocupando por eso, ¿no?, porque ya se me ha pasado la tontería, porque creo que toda mujer es coqueta y está muy bien que sea coqueta, ¿no?, sin llegar a los extremos, ¿no?, porque puedes caer hasta en el ridículo, entonces, yo tengo otras cosas más importantes que levantarme una hora antes para arreglarme, yo eso no lo hago, yo disfruto más (tom de gozo) media hora dormida que levantarme media hora para ponerme... p'a estudiar lo que me voy a poner y pintarme, ¡a mí me da igual la pintura!, yo con cualquier 5 minutos más a la cama ¡que sea feliz!, igual con 16 ya lo haría, ¿no?; ahora ya pienso más en otras cosas, ¿no?, procuro... sí, ¡con mi hijo, sí, para eso sí!, con mi hijo voy muy coqueta, siempre lo llevo conjuntado, calcetines, botas, zapatos, ¡para eso sí, bueno!, ya lo has heredado de tu madre, en seguida, ¿no?, pero yo ¡no! creo... ya en me perco mi tiempo, me gusta ir pues, ¡eso!... voy siempre deportivo y siempre más cómoda y a coger a todos lo sitios, pero... no me levanto todos los días para darme brochazos, ¡me da igual!, me voy a gusto, si voy con la cara lavada. Yo pienso que eso te lo dan los años, que maduras y cuando maduras ya dejas otras... empiezas a dar prioridad a otras cosas, quieres una vida también más tranquila, más relajada, ¡disfruto mucho más con

mi hijo por ahí, ¿no?!, que ir a una discoteca ahora mismo o de cena con los amigos. . . estoy. . . estoy en un etapa muy tranquila, muy de «relaj» (sublinhado pela entrevistada), no me apetece. . . ¡locuras! . . . estoy disfrutando mucho también del niño, verlo crecer, ahora ha empezado ya a llamar la atención, está en la etapa de los porqués: «¿porqué esto?, ¿porqué lo otro?», sí, ¡bueno!, estoy disfrutando mucho de mi hijo, entonces es lo que digo yo soy feliz porque ahora mismo estoy disfrutando lo que he elegido, y lo que quiero ahora es estar con mi hijo, disfrutar *de prioridade* a esto que a otras cosas, pues, para mi mi hijo, pues, como no es ninguna carga, ni ha aparecido aquí porque yo. . . me he quedado y he ido por él, entonces quiero disfrutar de él . . . porque aa. . . las mujeres siempre se independizan de chavales antes, ¿no?. Porque aunque se queda en casa hasta los 33, porque él hasta los 33/34 por el tema de trabajo, pero, ¡luego en casa no está! . . .

E - Sí. . .

P - . . . no está porque a la comidita de la ama, le plancha, no le pide dinero, le da libertad pero los chavales no están en casa, ¡hacen su vida independizada de su familia!, ellos tienen sus amigos, salen los fines de semana, ellos entran, salen, pues es eso, yo quiero disfrutar de mi hijo ahora y no le voy a quitar la libertad cuando sea mayor, vivir y salir y se va los fines de semana aquí, otro fin de semana a la ciudad, siempre y cuando les ves que es una persona que sabe estar y se saber comportar, porqué le vas a quitar de ir el fin de semana con los amigos de camping o se van a pescar o ¿yo que se?, lo que él quiera elegir a hacer con sus tiempos libres, ¿no?, si el chaval no va a vivir en casa conmigo (imperceptível), pero ¡bueno!, disfruto de él ahora qué es pequeñito, cuando él sea mayor, pues, si lo tendré que tener hasta los 50, pues ¡sí, lo tengo que tener hasta los 50!, para mi será cómodo, ¿no?, pero por lo menos quiero disfrutar de él, por supuesto, y ahora mismo pues estoy en una etapa buena porque estoy haciendo lo que quiero y estoy a gusto con él, porque en ningún momento a mí me ha complicado la vida, ni me está complicando mis tiempos libres, porque yo he elegido estar con él y no hecho en falta estar. . . ir de cenas ni de marcha con los amigos porque he vivido tanto, pues ahora estoy en «plan relaj» (sublinhado pela entrevistada) con él.

E - Piensas que amigas tuyas que tienen hijos también, ¿crees que no se relacionan así con los hijos?, que no viven así..

P - ¡Ai!, ¡yo no se! pero la mayor parte de la gente ¡no!, no porque el tener un hijo con 18 años y haberte casado con 17 o te has ido de casa muy temprana, pues casarte a los 17, porque no aguantas a tus padres y siempre que buscas una situación, para salir de otra, eso, a lo largo te trae problemas y, ¡claro!, y eso se ve y además son experiencias que cuentan ellas, ¿no?, incluso pues, el matrimonio está ahí porque hay que luchar, y yo en eso no opino porque entiendo que no, porque yo tengo una forma de ver las cosas y, ¡tch!, no quiero chocar a nadie, ¿entiendes?, porque igual lo puede interpretar mal ¿no?, no me tengo que meter en donde no me llaman pero, eso de aguantar a un matrimonio de cara a los demás, de cara los vecinos cuando ya te llevas dos años peleando y peleando, peleando, y que la relación se va desgastando por una cosa, por otra, falta un día los detalles y estas con 26 años y dos hijos. . . y si te separas vendes la casa y lo que te toque es para pagar la deuda. Es mucho lío, ¡yo creo que la gente está demasiado hipotecada! Yo, ¡firmar un papel, un matrimonio es hipotecarte!, porque ¡claro!, te casas, firmas la hipoteca con el banco, el frigorífico, la nevera, y la cocina, la lavadora, los hijos que vienen ya sin plaza, uno. . . has ido a por él a enganchar al marido, otro porque vino sin contar. . . Eso para mí no es la vida, ¡todo lo que venga que no lo has elegido tú no te dará felicidad!, ¡siempre te trae problemas y eso! luego los niños ¡también!. . . porque veen, porque. . . un niño no es más feliz porque viva en su casa con su padre y con su madre viendo las discusiones, porque los niños son muy listos, en seguida se dan cuenta cuando hay discusiones porque no has hecho y porque no has bajado, porque no has triado, porque siempre voy yo, porque no le has buscado, ¡y eso lo veo yo!, y siempre viene a mi casa y: «bla, bla, bla», y «. . . ¿Quién te da el sobre al final de mes?»; «Mi marido»; «Pues ¡vete a quejarte a tú marido!», ¡yo o quiero saber nada de la vida de nade a nivel de matrimonio porque yo opino de otra manera!, de hecho lo hice, yo cuando llegó el momento, ¡yo estuve muy, muy, muy bien! y cuando dejé de estar bien, cogí mi maleta, mi hijo y aquí me voy: ¿Y para que estáis criticando a una persona que es el padre de vuestros hijos?, y que pues os habéis casado, si veis ahora que al cabo de 12 años, que vivís juntos, ya sabéis los errores, sabéis las virtudes y los defectos, pues ¿para qué criticase, tienes miedo?»; «Es que no me puede ver sola»; «¡aguántate!».

E - ¿Te dicen eso?.

P - Sí, digo. . . «Pues ¡aguanta!»). Yo como no. . . soy una persona que no necesito de un hombre al lado mío para trabajar ni para sacar a mi hijo, si, yo cuando no estoy bien: «Ahí te quedas, vete con tu padre, con tu madre o con quién a ti te de la gana, ¡conmigo se acabó, se ha desgastado!, yo no *aguento* una persona por una casa o un contrato,

un frigorífico... y si no tengo la tele (imperceptível) yo cojo a mis trapos, mi maleta, mi hijo y ¡ya está!, es que hay muchos, es muy diferente de una mujer a otra, ni todas tenemos la misma fuerza de voluntad, ni... ni... del arranque que hay que tener en la vida para... en la vida p'a que no te dejes humillar por nadie, porque llega un momento que el marido sólo te da la comida, te tiene nada ahí más para lavar, planchar y hacer cuando le da la gana las cosas, pues no, ¡no aporta nada!, con que traiga el sueldo se cree que ha hecho todo y eso no es nada ¿entonces?, yo, para mí, un matrimonio ¡no es eso! Y cuando el mío matrimonio dejo de ser, pues yo: « Como yo no tenía nada firmado, porque yo nunca fui de firmar nada, me he sentido tan casada como tú, no necesito de firmar nada de cara a nadie, ¿entonces?, cuando ha dejado de funcionar y vine y estoy bien, no me falta de nada. Entonces si estáis machacadas, os sentís aburridas, estáis amargadas ¿y todavía seguís ahí? ¿yo que te voy a decir?, yo no te digo nada, eres tú la que tienes que vivir ¿con quién duermes tú?, conmigo no, ¡entonces nada!, tendrás tú que arreglarlo, ¡hay que valorarse! y hasta que no te valores a ti misma él no te va a valorar, cada vez va a ser (imperceptível) contigo. ¡Si te dejas!...». Yo no soy persona para... una persona, mi marido a casa y yo estoy ahí abanicándole: « ¿Quieres esto, quieres el otro?», ¡no, no!, él es mayor de edad para ir, p'a ir a coger (imperceptível)... hay un bocadillo, pues si no aprecia bocadillo, pues, mira: se va al restaurante ¡y paga y come lo que se le ponen delante! (Pausa) Yo no me he estado toda la tarde sentada, yo vengo de trabajar también, yo tengo los mismo derechos, ¿no?, a veces... la mujer tiene tantos, tantos miedos de verse sola...

E - ¿Sí?...

P - ... ¡Sí!, hay muchos miedos. La gente todavía no... no lo ha superado, no se... no se sabe independizar... ¿eh?, ¿porque hay tantos malos tratos?, pues, por eso, porque la mujer todavía no es... no tiene fuerza de voluntad, tiene miedos ¿que miedos? ¡No hay que tener miedos!, si una cosa no funciona pues no funciona: ¡se va y ya está!. El padre de mi hijo todavía no sabe dónde estoy, no sabe dónde está el niño, pues ¿porqué?, porque a mí no me interesa que me esté dando la lata, ... «pues si tu vas lejos, si ves que las cosas se pueden complicar, pues te vas lejos, aquí no, no puede venir en busca tuya en un momento dado.» Que hay muchos miedos, pero son miedos sin fundamentos, ¿no?. «Lo que tú no quieres es trabajar y luchar, para tirar p'adelante, más que miedos, ¡eso es tu miedo: es la falta de sol!». ¡Hay gente que todavía vive muy acomodada!. Que le... «...pues si te viene cómodo tener un marido p'a el sueldo, pues también tendrás que aguantar otra cosas, ¡no te quejes!, ha sido la vida que tú has elegido, yo no he elegido esa vida y a mí como he salido de mi casa con mi maleta y no he vuelto a pedir nada, yo cuando no estoy bien con un tío, no lo aguanto, no he aguantado a mi familia que es mi sangre ¿y voy a aguantar a un tío que es de fuera?, ¡para nada!, ¿no?. Si a una persona tengo que aguantar como mucho en mi casa será a mi hijo, porque es mío. ¡Yo aguantar a un hombre!, de que no le aguanto nada por mucho que le quiera, porque yo pienso que una relación de... cuando tú estás enamorada o como uno lo quiera decir, no es lo mismo de 12 años de convivencia, ¡en 12 años han pasado muchas cosas, a pasado de todo!, entonces una relación se desgasta y el sentimiento ese loco que tenemos, ese de los 18 años ¡se va!, luego hay otras cosas... y el respeto, y el sacrificio y el entender las malas rachas y saber estar ahí al pie del cañón y no dejarse hundir, y si se hunde uno el otro tiene que estar arriba porque si se hunden los dos, pues... ¡va todo al trasto! Y...». Pero la gente, yo creo que la gente que está muy saturada, pero es eso, está todo el mundo hipotecado, y por no mover papeles, porque a lo largo salen perdiendo se acostumbran así y... ¡ya está!. Yo para estar ahí acomodada como un mueble, ¡no!, temporadas muy buenas—y igual ni hay buenas—, entonces, ¡eso no es vivir! y como una persona, un príncipe no, no existe (que eso es de cuento), pues, a veces es mejor estar sola, ¿no?, tener buenas amistades, pues, ¡bueno, pero ya está!, es mejor una buena amistad a teneres ahí un contratado (riso)... y los hombres también son muy egoístas, y miran mucho lo suyo, y tienen sus hobbies, y primero lo suyo y luego los demás, y ¡no, no es así!, porque si yo tengo que apretar el cinturón ¡tú tienes que apretar o *cinto* también! Es verdad que sí, no vas a vivir tú muy bien y yo aquí viviendo... ¡tirando, tirando, tirando!. ¡No estoy aquí p'a tirar, p'a tirar todo sola!, o vamos a estar aquí los dos al mismo o si no.. Cuando empieza ya a desequilibrar, y siempre bueno para ti y a mí nunca me toca el bueno, digo: «¡No!, esto no anda por buenos caminos... ahí... que... tu no «naciste» en mi casa, ¡no!, ¡no hay que dejarse!, hay que valorarse y hay que tener un poco más de personalidad y decir: «Hasta aquí hemos llegado y yo como sola y... ¡no necesito de ti!. ¡No vas a estar tú a vivir bien y yo apretando el *cinto* en casa!»— fue en mi momento... yo tuvo un momento en que tenía que apretar el *cinto*. ¡yo no voy a apretar el *cinto*!, yo voy a *afrouxar* o cinturón a ver lo *que dá de si*... Si quieres una criada te vas con tu madre, que te lava, te plancha, ella te parió, ella tiene obligación, ¡yo no tengo ninguna obligación!». Pero yo pienso que hay muchísimo, más de lo que uno se cree, que los matrimonios que viven mucho de... de contrato. Todo el mundo se queja de que: «... está

agobiado, está agobiado, está agobiado...». «Ora bien es que si es que estáis hipotecados cómo no vas a estar agobiado, ¡si toda vuestra vida es un hipoteca!, ¡así no se puede!». Y siempre discutiendo, llegas a un momento ya ¡que se te va todo!, desgasta la relación, luego las discusiones traen palabras mayores y se vuelve a repetir, hay una falta de respeto y cuando se pierde el respeto ¡ya se ha perdido todo! Yo, por lo menos, pienso que ¡el respeto es la última cosa que hay que perder! Se puede discutir, pero ¡siempre! sin faltar al respeto porque discutir es de humanos, discutimos hasta con la familia pero sin faltar al respeto. En ese aspecto nosotros somos más educados, aquí se habla muy mal, aquí cualquier palabrota es normal. Nosotros en ese aspecto somos más convenidos, sí, a la hora de hablar somos más educados, pero, ¡bueno!, es su forma de ser, es su cultura (ri-se). Pero sí, *às vezes vejo* así unos diálogos que digo: «¡jollín! eso en mi tierra ya estaban todos con la boca rota», sí, porque hay palabra que se dicen muy feas y que no se... , dices cosas, una falta de respeto ¿no?, que llegues hasta ahí, ¿no?...

E - Sí, *compreendi-te!*

P - Entonces... no sé... me parece muy fuerte, entonces siempre procuro no discutir con nadie porque como yo opino de otra manera y he comido de otra forma porque yo vivo aquí pero yo fui criada *noutra*, con otros principios que no tienen nada que ver con... los de aquí, pues... yo quedo con mis cosas que he comido en mi casa que siempre me han servido de algo en la vida, ¿no? Y que estoy orgullosa de los padres que tuve y pienso que no, no discuto porque pierdo mi tiempo y al final lo pasaría hasta mal porque igual lo dije por dice por decir y yo me lo tomo a la tremenda porque yo pienso de otra forma, ¿verdad?, vamos a dejarlo así que dos no discuten si uno no quiere. Pues muy bien. ¡A ver que hora es que contigo me pierdo! (Riso).

E - Tienes que trabajar.

P - Sí

E - ¿Te has retrasado?.

P - Bueno... con que coja para la y cuarto.

E - Sólo una pregunta más... .

P - Dime.

E - ¿Ha sido difícil hacer esta conversación?.

P - ¡No, no, para nada, no, no!, puede ser lo más alargada posible. No hay nada más que ver en mí y te he contado mi vida pues, lo bueno y lo malo, lo poco malo que te he contado pues... no ha sido malo, ha sido una situación en mi vida — porque hasta entonces no había tenido problemas y los problemas no quiere decir que sean malos, de los problemas se aprende —, y que volvería a hacer lo mismo, quizás, ¡que ahora estoy muy bien!, y espero que dentro de 2 años o tres vuelvas, te pegue otra entrevista con los últimos acontecimientos de los dos años... porque ya te digo que... ya te digo yo, en dos años para arriba y para abajo y ya tendré qué contarte.

E - Muchas gracias.

P - No tienes nada que agradecer, no ha sido difícil, yo pienso que contar las vivencias de uno no es difícil ¡para nada!, yo cuando me ha tocado mi vida a la tremenda. Pues contratiempos (grande gargalhada) pero, ¡bueno!, pues procuro siempre solucionar los problemas, problemas, todos tenemos... de tenemos salud, no hay problemas, porque la salud si que puede tener problemas. Teniendo salud y un hijo maravilloso como tengo, lo demás son contratiempos. Muy encantada estoy de haberte conocido y de poder aportar algo a tu trabajo, no tienes nada que agradecer. El día que... si vuelves y necesitas de lo que sea para que yo puede colaborar conmigo tienes... .

E - Yo cuando vuelva te voy a dejar en Cáritas (no a todas la personas pero sí a los Organismos que me han presentado a personas, mujeres), pues voy a dejar, entregar mi trabajo, para que las personas puedan ver cómo está escrito, escrito igualmente a lo que está grabado.

P - Lo que a mí me gustaría pedirte un favor a nivel personal.

E - ¿La copia de la entrevista?.

P - No, que tú, a parte de eso, me escribieras un juicio tuyo a cerca de mi persona, porque como nunca he tenido a nadie que me haya podido..

E - ¡Yo no puedo juzgar!...

P - No, no es juzgar. *é uma coisa para as duas...*

E - ... esto no es para evaluar a las personas... .

P - ...no, no, ya se, ya se, pero me gustaría a nivel personal, por eso te lo pido, que escribieras lo que tu piensas como mi persona, porque como nunca tuve nadie que supiera tanto como tú.

E - ...yo no soy psicóloga...

P - Ya, ya se, ya se, por curiosidad.

E - O.K.

P - Como amiga. Una cosa personal. Porque me gustaría que alguien que esté capacitada como tú, que te he contado mi vida, que no cuento mi vida así, porque pienso (siempre digo que la gente no está capacitada, porque igual viven otras vivencias, otras historias ya a veces no se entiende la... entienden la vida como una locura y ¡no es una locura!. ¡No ha sido una locura para mí el haber venido aquí y tener mi hijo! o porque no me haya casado, porque a veces parece para la gente es un impedimento porque no te hayas casado pero yo he vivido con un tío tres años, lo he pasado muy bien, p' a mí ha sido lo suficiente, ¿entiendes?. Entonces me gustaría que me dijeras eso, mi personalidad, mi persona...

E - ...no una...

P - Sí, porque tú habrás oído mucho, entonces...

E - ¿Mi respuesta digamos?... Sí, pues, lo puedo hacer... ¿Y si lo hago en casete?

P - Como quieras, como tú quieras.

E - ¿Sí? O.K. Gracias...

FIM da 2.^a ENTREVISTA

APÊNDICE 10-5 – ENTREVISTA DE AMÉLIA (CAPÍTULO TRÊS, 5.^a PARTE)

1.^a ENTREVISTA

Amélia - (Risos) Eu estava a ...

Entrevistadora - Ora bem, um cigarrinho então ...

A - Assim vamos fumar um cigarrinho

E - ... p'ra.

A - ... espera que ponha aqui, é bom; o cinzeiro. Tenho as mãos sujas. (Ruídos de louça)

E - Eu não vou deixar de ser fumadora! ... Isto uma pessoa tem que manter os hábitos ... (Risos)

A - Claro! (Risos) De alguma coisa hay que morrer, non? (Risos) Como digo eu. (Tosse de E.) Como digo eu. (Risos)

E - (Tosse) Morremos todos, não é? Os mesmos que não fumam morrem.

A - Ai! (Dôr) Quando estou, “tu” com a, com a bebida e com a ... e com as drogas e com essa coisa toda ... (Barulho de movimento caixa de fósforos) ... “- E tu também fumas!!” Digo: “- Bem...” (Risos de ambas) ... Hum ...

E - Já agora ... (Pedindo lume para acender cigarro). (Pausa na conversa) Ora então ... Eu ainda não provei o café porque, muito quente não consigo tomar nada!

A - Ai não!? (Tom de surpresa)

E - Não!

A - Eu tenho, tem que estar todo, todo a ferver.

E - Mas quente está ao gosto ...

A - A sopa ...

E - ... de todos, não é?

A - ... a sopa a ferver, aa ... o café a ferver.

E - Quem gosta quente toma quente, quem não espera um bocadinho.

A - (Risos) A sopa a ferver, tudo a ferver! Ham? (Ruídos de louça)

E - Mas isso é Português.

A - Sim.

E - Os Portugueses gostam da sopa quente!

A - Eu, eu tudo quente!

E - Aqui ... eles é mais as saladas ... (Pequena pausa)

A - Hum.

E - Também têm umas sopas, uns cremes. (Ruído de louça)

A - Aqui não sabem fazer as sopas como nós! (Tom de gozo)

E - Ah! Mas como as nossas isso, não!

A - (Risos; som de campainha)

E - Pois não, pois não! (Gargalhada de Amélia). Pois não! Isso é verdade.

A - Aqui, aqui, aqui cozinham muito bem sim, é verdade. (Tom divertido)

E - Cozinham; aqui nesta zona de Espanha cozinham bem!

A - Aqui nesta zona cozinham muito bem as ...

E - Cames e ...

A - E come-se a comida muito ... muito ...

E - Temperada. (Ajuda no discurso de Amélia)

A - Si ... não muito temperada não! Aqui não se come muito temperada, aqui não gostam dos tempêros, ham?

E - Não, mas aa ...

A - Mas que ...

E - Temperada, saborosa!

A - Sim, saborosa ...

E - Sem ser com excesso de ...

- A - De tempêros. . . (ajuda no discurso de E.)
E - . . . de azeite, não é?
A - . . . de azeites, nem tempêros; aqui não utilizam tempêros nenhuns.
E - Porque em Madrid usa. . . aquilo é azeite, azeite, azeite, azeite.
A - Sim, aqui não! E. . . muito pouco temp. . . tempêro, aqui no lo, não gostam; aqui sal, a única coisa de tempêros que usam são: o sal e el alho.
E - E o alho. (Tom de correcção)
A - E o alho, não. . . não usam mais. . . mais tempêros.
E - Mas é bem. . .
A - E a comida é bastante, é. . . como é? Natural.
E - E a carne é boa!
A - Sim, a carne é muito boa. E o, e o peixe também. E é. . . tudo muito natural, tudo feito muito natural.
E - Mas eu quando dizia temperado é que. . . que sabe bem!
A - Sim.
E - Enquanto que aa. . . a de Madrid, não conheço muito, de Espanha, não é? Mas em Madrid, o que comi, aquilo era só. . .
A - Hum, hum.
E - Mesmo os ‘pinchos’?
A - Sim.
E - Tinham muito, muito. . .!
A - Muito azeite. (Ajuda no discurso de A)
E - . . . Muito azeite!
A - Sim. Não, aqui come-se bem. E é. . . mas a mim me gosta muito da comida Portuguesa. Ah! E as sopas?
E - As nossas sopas! . . . (Tom deliciado)
A - Quando vou, vou para lá farto-me de comer sopas. Ai! E, e, e todos los dias como grelos. (Gargalhada)
E - Pois. Pois, pois. (Gargalhada de Amélia) Como eu a entendo! (Risos)
A - Eu aqui nunca os como. (Sorriso)
E - Aqui é super difícil, não é?
A - Aqui nunca como!
E - Vamos cá ver como é que isto ficou!
(Interrupção na entrevista para audição do já gravado para motivação da abertura/confiança da entrevistada)
E - Ficou muito bem!
A - Hum, hum. Assim.
E - Bom, vou, eu vou tomando o cafêzinho; já tomou, não é?
A - Sim.
E - Eu atrasei-me. (Risos)
A - Não importa. Assim leva um tempo tomando, bastante tomando, para o bastante, dão-me bastante. . . essas porcaria e. . .
E - Então, mas. . . temos que nos tratar, não é?
A - Ai! Pero levo assim dois anos, X (Em tom de sofrimento, dirigindo-se à entrevistadora pelo nome)
E - Dois anos!?
A - Aa!
E - O que é que eles dizem que é?
A - Tenho um. . . tenho um, um, uma. . . se me destroiem as plaquetas. . .
E - Sim.
A - E. . . é, e eles não sabem porquê!
E - Sim.
A - Não sabem porque se me destroiem.
E - Sim.
A - E então para que. . . tenho vezes que me fico, fico quase, quase, quase sem plaquetas.

- E - Sim.
- A - Claro, como tenho... como tenho um risco...
- E - Sim.
- A - ... que é a gente, que posso ter algum... algum derrame, ou alguma, alguma coisa...
- E - Hum, hum.
- A - ... alguma... como são (Hesitação no discurso)
- E - Sim, um derrame.
- A - Um derrame ou... (Pausa) E é, então se... eles dão-me ess... primeiro começaram por dar-me... aa... cortisona.
- E - Hum.
- A - Que era por isso que eu tão gorda.
- E - Hum, hum. Sim, sim, pois a cortisona engorda.
- A - E entoces... pois com isso mant... se fazia-me que, que as plaquetas não me destruírem. Logo eles dizem que... depois de fazer-me, então, todas as provas e todas as coisas pois chegam à conclusão que não sabem... não sabem. Assim me dizem, os médicos não sabem porquê!
- E - Pois.
- A - O meu corpo... funciona dessa maneira (Barulho de portas a bater) e então eles pensam, têm... pensam que podo estar derulhando una enfermidade que se chama lupos.
- E - Hum, hum.
- A - E é... é, e que es una de las enfermidades que fazem destruir las plaquetas.
- E - As plaquetas. (Ajuda no discurso de Amélia) Mas que ainda não...
- A - Que...
- E - ... têm provas disso!?
- A - Isso, isso!
- E - É!?
- A - Porque fazem-me as provas e hay vezes que hay uma prova que, que é muito importante para essa enfermidade, que é já provada dos anti-nucleares!?
- E - Hum.
- A - Como é que se chama? Anti-nuclear, não sei quantos, anti-nuclear, anti, anti-nuclear...
- E - Sim, com estas tecnologias...
- A - Sim.
- E - ... agora, sim.
- A - Essas coisas. Então se hay vezes que essa prova dá positiva.
- E - Hum, hum.
- A - Haverá vezes que não, que dá negativa.
- E - Hum, hum.
- A - Entonces eles não sabem.
- E - Ainda, o diagnóstico ainda não...
- A - Não, não, não...
- E - ... não consegue...
- A - Não consegue saber, dizem que posso estar no início dessa enfermidade.
- E - Hum, hum.
- A - Mas não la tenho ainda...
- E - Hum, hum. Manif...
- A - ... hum, pois...
- E - Declarada. (Ajuda ao discurso de Amélia)
- A - Declarada, porque essa enfermidade hay dessas que vêm pouquinho a pouquinho.
- E - Hum, hum.
- A - E se va... desarollando pouco a pouco. Todos os dias agora deram-me esta, cambiara... mudaram-me o tratamento de, de las cortisonas a... isso e puseram-me os, os esteróides; estes que são las hormonas...

E - Hum, hum.

A - ... las hormonas masculinas.

E - Hum, hum.

A - E já vou há cin. . . cinco meses, com os esteróides, já. E . . . e aí vou, vou mantendo a, mantendo as. . .

E - Plaquetas (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - . . . as plaquetas baixas, pero . . . estão aí, mais ou menos.

E - Pois, controlar.

A - Controladas.

E - Hum.

A - E pero tem, tem uns efeitos secundários terribles, hã?

E - Pois, não sei.

A - Tem uns efeitos secundários que . . . que me encontro fatal, fatal, fatal, fatal! Hum . . . deixo de, de, deixo de tener a . . . menstruacion.

E - Ah! Pois! Porque são hormonas masculinas.

A - Ah . . . há dias que me encontro mal, mal, mal. Quando foi o Domingo mesmo, hum . . . tive . . . comecei a mariar-me, a mariar-me.

E - Hum, hum.

A - E “tava” una amiga, me levaram à residência, ao hospital.

E - Hum.

A - Porque, claro, como é . . . eles dizem se se notam alguma coisa rara que, que vaya em seguida a . . . pero não tinha nada; fizeram-me um montão de provas e isso, e que estava bem, que não sabem eles. Como não sabem . . . pois se volvo a ter outro, algum mario mais, suba outra vez. E encontro, às vezes me encontro fatal, pero mal, mal. E . . .

E - Chega a ter de ficar de cama?

A - Não!

E - Não.

A - Não.

E - Mas, não está bem!

A - Não, não me encontro bem.

E - (Imperceptível)

A - Não me encontro bem. Tenho . . . normalmente não, não sou pessoa de, de, de deitar-me depois de comer . . . nem, nem de estar . . . quieta, nem nada. E . . . e quase sempre tenho essa sensación (Ruído de louça) de tener vontade de estar en la, de estar na cama e sem fazer nada.

E - O corpo pede-lhe repouso!?

A - Sim. (Pausa no discurso) E o outro dia, mesmo, la . . . digo la médica disse; não me encontrou nada, bem . . . “- E que, que lhe passa Amélia?” Digo, digo pois que . . . que não, que não, que não tenho vontade de fazer nada, estoy . . . sem ganas de hacer nada . . . e me encontro fatal. E me disse: “- Oh! Claro! Só tiene que lembrar que tem que estar, que usted que leva dois anos com medicação, medi . . . medicada, no? E claro, disse: “- São, são umas medicações que . . .” Ah! Porque à parte de los esteróides também tomo cortisona, ham? Tomo las duas coisas.

E - Hum, hum.

A - Mas menos . . .

E - Menos quantidade. (Ajuda no discurso de Amélia)

A - Menos quantidade.

E - Isso foi há dois anos!?! Que, que se manifestou!?

A - Que sim. E levo, levo dois anos . . . que não faço mais que subir e baixar aos médicos e . . . sangue “p’a” qui e sangue para lá e . . . pincha daqui e pincha de lá. (Tom de sorriso) E nada, hija. (Tosse) Eu lo que le digo, quando às vezes há, outro dia mesmo la enfermeira (Pausa) fez-me uma graça que me . . . me disse a médica e disse: “- E quê? Amélia? Como . . .” Ela mirou assim e me disse a enfermeira que já estava farta de estar, de ver-nos as caras. (Risos de ambas). Digo . . .

E - Imagino . . . pois. A Amélia.

A - Si . . . Que já farta, que já estava, a Amélia farta, farta de ver-nos as caras.

- E - Pois, pois, pois. (Tom de sorriso)
- A - A enfermeira é que pedi. . .
- E - É que. . . (Ajuda ao discurso de Amélia)
- A - É que disse à médica. . . (riso de ambas) . . . digo eu: “- Tanto como farta de ver las caras. . .” Também não lhe voy a dizer que eu estou farta de ver las caras. (Risos)
- E - Pois, não é bem isso, não são. . . não é bem. . . é a raz. . . é o motivo.
- A - (Risos) Sim. Que estão tão fartas de ver las caras, não estoy, eu estoy. . . (Dis-curso de ambas em simultâneo)
- E - Tem que as ver tantas vezes. . .
- A - Sim, sim.
- E - . . . que tem que ir mesmo, não é?
- A - Estoy farta de se. . . de vi. . . de vir aqui tantas vezes e não saber. . . e claro eles. . . dizem-me, outro dia, mesmo o médico disse: “- Mas não pensarà a senhora de que não a vamos, não a queremos. . . aa. . . curar, no? Digo: “- Tch. . .” Digo: “- Creio que não.” Digo: “- Porque sim, s. . . fe. . .” Digo: “- Que. . . claro, só fal. . . só faltaria que, que viesse eu aqui e tantas vezes e que os ustedes não me quiseram curar.”
- E - Claro!
- A - Digo: “- Aparte disso será sua obrig. . . obrigação, intentar curar-me, pelo menos, no?”
- E - E ele?
- A - E ele disse: “- Claro! Claro!” Disse. . . pero no, no, no, que no sabem nada sobre o, sobre o. . . claro eles dizem-me que, que claro ellos que não são. . . Dios, que los. . . sabem de muitas coisas e sabem. . . o que, que me passa mas não sabem o porquê.
- E - Pois, a medicina avança. . .
- A - E então eles, eles tenem, têm a ideia sobre essa enfermidade que estoy desarrollando. . .
- E - Hum, hum.
- A - . . . essa enfermidade que é já Lupus!?
- E - Pode estar. . . Hum.
- A - Ou então, ou então que tenho uma, una, um mio. . . chama-se uma plactopénia.
- E - Hum.
- A - E então és, pode ser uma plactopénia e dizem que pode ser o mesmo, o mesmo corpo. . . um. . . a. . . o meu. . . as auto-defesas minhas!?
- E - Hum, hum.
- A - Que. . . que te. . . funcionam mal!?
- E - Hum, hum.
- A - E à la, à hora de. . . de. . . de. . . de defender-se, já sabes o nome, pois. . .
- E - Hum, hum.
- A - . . . defender-se dos. . .
- E - Quando há uma agressão maior do exterior.
- A - Sim, sim. Então se. . . me. . .
- E - Desgasta-se mais! (Ajuda ao discurso de B)
- A - Me. . . mis. . .
- E - Defesas. (Ajuda ao discurso de Amélia)
- A - Defesas; em vez de matarem lo que as, a. . . qualquer coisa ext. . . externa que entra na, na, no corpo, es como, como se não reconhecessem las plaquetas!?
- E - Hum, hum.
- A - Como coisa boa da, do, do organismo!?! E matam-me a, as minhas plaquetas também.
- E - Hum, hum.
- A - Como se fosse, fora uma coisa mal. Assim me explicam eles que pode ser.
- E - Hum, hum.
- A - Já me fizeram. Fizeram-me uma prova de, de, de. . . como todas as provas que se fazem hoy en día, cidade de hepatites, de, de leucemia, de. . . de todas essas coisas.
- E - E nada!

A - Nada. Tudo negativo.

E - Daí que se inclinem que possa ser esta. . .

A - Possa ser essa. . .

E - Mas também não tenham a prova. . .

A - Não. Não têm provas.

E - Pois.

A - Pero. . . estou farta.

E - Quando começou, portanto há dois anos, como é que encarou? Porque, aa. . . não costumava estar doente, ou costumava?

A - Quêbá! (Tom exclamativo) Quêbá! Fijate mira que tenho uma amiga que, que, que só, que me disse em de, de brincadeira, disse: “- Mira que. . . me dice, tu, que nunca has cogido nem um catarro!”

E - Hum, hum!

A - Disse: “- E de repente vás, e tuta la, toda la chula. “ Como ela disse, no? (Risos) “- Toda cosa. . . (Indecifrável) vais a una enfermidad, que nem los médicos sabem o que é.” (Risos de ambas)

E - Tinha que ser uma coisa especial! (Tom de riso)

A - (Risos) E tão pouco, mira que eres rara! (Tom de riso) Mira que eres rara, que estás para coger uma enfermidade. (Tom de risos; risos de ambas) Pois eu sempre tenho, tem a mania de que sou rara, e eu. . . (Tom de riso; riso de ambas) . . . “- Até para isso foste rara.” (Risos de E.) Disse: “- Tu que nunca tiveste um. . . um catarro nem. . . nem” (Tosse) “nem nada e à hora de escolher una, uma. . . uma doença, foste escolher uma que os médicos não sabem nem o que tens.” (Risos)

E - Nessa altura como é que. . .

A - Nessa altura?

E - . . . como é que reagiu?

A - No reagi mal porque não sabia, também, no, o que é. . . verdadeiramente lo que, lo que, como era, no? Pensei que era uma coisa passageira e que eles me, me. . . porque comecei. . . aa. . . comecei com um é. . . quando tinha um aa. . . a menstruation, pois tenia muita, muita perdida.

E - Sim, sim, sim.

A - Tenia, como. . . (Ruído de um isqueiro a acender) (Pausa no discurso) . . . hemorrágias. (Ruído de louça)

E - Sim. Sim, sim.

A - E entonces, pois, assim um mês, outro mês e dizia, pois. . . tinha hemorrágias pois, eu deitava-lo. . . a culpa, pois para a idade. . .

E - Hum, hum.

A - Por exemplo os primeiros. . . dessarreglos de la. . .

E - Hum, hum.

A - . . . de la, de la edad e todas essas coisas, no? Ah! E já comecei, pois um mês mais, outro mês mais e já. . . de verdade sou um puco burra, eu, também para, para essas cosas, não? Sou de las que não voy, assim ao médico correndo, no?

E - Hum.

A - “- Ah! E depois já irei!” Depois já irei, já irei. . . e um mês estive, pois que. . . que já aquilo, aquilo já não era. . . aquilo já me iba da em sangue.

E - Pois.

A - Hemorrágia grande, grande, pois assim casi dos semanas.

E - Pois. . .

A - E llegué un dia, que quase me desmaio. E. . .

E - Pois, porque fica-se muito fraco!

A - Claro!

E - Quando se perde. . . Pois.

A - E. . . e quase, quase me desmaio e. . . esta amiga minha: “- Ao que mañana mesmo vais ao médico! Porque assim não podes estar, porque, porque fijate como estás, porque. . . lo, como tu eras. . .!” Sempre assim como muy a, activa, no? Estava mui. . .

E - Quebrada. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - Quebrada!

E - Hum, hum.

A - E é... Ah! Fui ao médico... (Tosse)

E - Portanto, passado quanto tempo desde que começou a sentir? (Tosse de Amélia)

Passado dois, três meses!?

A - Sim.

E - Mais ou menos?...

A - Mais ou menos. Fui ao médico e... fez-me os, os análises e esse mesmo dia de fazer-me os análises, o médico deviam chamar-lhe dos laboratórios...

E - Hum, hum.

A - ... ao médico, de cabeceira, e eu sei que fui às oito da manhã fazer as análises e à las doze menos quarto estava el médico, estava en la cama, estava o médico chamando aqui a casa e... e foi esta amiga minha, que estava aqui em casa passando unos dias comigo...

E - Hum.

A - ... e em, “- O médico que, que disse que, que te ponhas agora mesmo ao teléfono.” E depois, me disse o médico: “- Venha usted para cá que la voy ingresar.”

E - Hum, hum.

A - E quando me hay dicho que “la voy ingresar” digo, digo: “- E a mim porque me vai ingresar!?” (Risos)

E - Internar. Pois, pois.

A - Internar. Digo: “- Não, não. Eu não... a mim, a mim não vai internar.” Disse que sim, que sim: “- Que usted está muito mal e é... e se tem uma anémia.”

E - Pois, com tanta perda de sangue!

A - Claro! “- E à parte disso, não é por la anémia, pero aparte disso não tem plaquetas.” (Pausa no discurso) Claro, e... e logo disse ao médico: “- No, pois claro que tinha... “ Porque entretanto tinha que fazer também umas provas de, de... ginecologia e isso...

E - Hum, hum.

A - ... porque, claro, sempre pensam que pode ser também alguma coisa que tenhas, quando tens uma hemorrágia, no?

E - Hum, hum.

A - Digo: “- Tenho esta tarde que fazer uma prova, tinha que fazer uma, uma... uma prova de ginec... de... (Pausa) ir ao ginecólogo.

E - Pois, ao ginecólogo.

A - E é... assim: “- Pois, vai, vai usted esta tarde. Manãna, por la manãna venha usted aqui ao consultório que quero ver-la.” E fui para lá e... foi quando me tentei, bueno... logo disse que no, que no me... internava...

E - Hum.

A - ... que me deixava ficar em casa, mas tinha que fazer o que ele me dizia, no? Pois isso, já sabes, não descanso e...

E - Hum.

A - ... e pois todas essas coisas que aproveitando que estava esta amiga minha aqui em casa a passar uns dias.

E - Hum, hum.

A - Creio na... em primeiros de Setembro.

E - Pois.

A - E ela ficou vá, já fico eu e tal e... já... já me, já me estoy dependente della e tal e fiquei. E deu-me, pois lo que se le dá para, para las anémias: ferro e isso.

E - Pois.

A - E ele pensou que, que as plaquetas; em princípio pensou que as plaquetas, pois como havia ficado sem plaquetas das hemorrágias que havia...

E - Pois.

A - ... que havia tenido, no?

E - Hum, hum.

A - E logo, depois quando me fez a... a segunda prova (cão que ladra) também seguia sem plaquetas. (cão que ladra e alguém que manda calar o cão) Se faz, vamos a esperar um, um... unos quinze dias mais e a los quinze dias volvi outra vez e já foi quando ele disse: “– No, isto em vez de tener mais plaquetas vai...” Estou ficando cada vez com menos!

E - Hum, hum.

A - Então se eu já tinha men... ca... cada vez e vai ficando com menos plaquetas.

E - Sim, sim, sim.

A - Recuperei a anémia...

E - Sim. Mas as plaquetas...

A - Mas as plaquetas ficaram menos. E foi quando me mandou a, a... a lo hospital; (Ruídos de fundo) e aí foi quando me começaram a fazer todas as provas e desde então!

E - Pois.

A - E es uma coisa curiosa, porque a... (Ruídos portas/janelas a bater) cada vez que, cada vez que se no... são... não são capazes de tamb... também es de controlar-me e, e quedar-me num, num... aí; porque quando me quitam um, a medicação ou me baixam a medicação, porque já sabes que, que as cortisonas te dão um, uma quantidade para logo, mas logo tenho que ir... baixando a quantidade, senão... não podes estar com tanto tiempo de, de...

E - Claro. O organismo não... (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - Não aguenta, não aguenta... o organismo. Só que cada vez que me vão baixando as cortisonas, assim voy perdendo eu las plaquetas. E assim ando dois anos.

E - E... com que apoios é que contou? Portanto, dirigiu-se ao médico... depois ao hospital e, e aqu... por exemplo aqui em casa, a sua filha?

A - Como?

E - Isso trouxe-lhe... aa...

A - Problemas?

E -... Portanto, esta situação de... de doença.

A - Problemas, problemas de... Hum... não. (Tosse) Não tenho; ela sim, sim, às vezes eu sei que... que ela, por exemplo que tem... (Ruídos de fundo)... que se dá conta que eu não estoy, não estou bem e... bueno sim, começou a actuar doutra maneira, mais... quer ajudar-me mais em casa, vai... a, para estar mais pendiente de mim... isso sim.

E - Portanto, houve alterações aqui...

A - Sim.

E - Aa... em termos de, por exemplo das tarefas, não?

A - Sim, das, das tarefas da casa... Sim, sim, sim. Ela, ela, por exemplo, Ela sabe como eu, como me conhece muito be... muito bem, muitas vezes, pois há... há uma amiga que tengo que vive alí em baixo ou esta mesma amiga que... que não vive aqui mas viveu muito tiempo con nós, aqui em casa, disse: “– A minha mãe não está muito bem porque... quando ela se deita, pronto, depois de comer, es porque não se encontra bem.”

E - Hum.

A - Ela dá-se conta de que eu não estoy bem por, por essa cosas que lhe havia, que antes no, no era...

E - Não era hábito. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A -... no fazia... e... agora pois hay vezes que eu faço.

E - Hum. E estas suas amigas, portanto, têm dado apoio!?

A - Sim.

E - Hum.

A - Sim. Hum.

E - São, assim, as pessoas com quem conta?

A - Sim, sim; mas eu nisso, nisso não tenho problema nenhum. Ainda outro dia, mesmo quando, quando me encontrei mal, em seguida me lavaram, em seguida: “– Que não quero, que não quero, que me leveis à... ao hospital!” “– Que sim, que sim, que tu tens de ir, porque tu estás mal e... e é aí que sabem; que têm o teu historial todo e sabem o que passa e se não te levamos não ficamos a...”

E - Esta última... crise!?

A - Sim. “– E se não te levamos não ficamos contentas.” E hasta las três de la mañana, elas estiveram aí comigo.

E - São aqui vizinhas!?

A - Sim. (Hesitação) No, esta, estas do, do. . . do outro dia não são vizinhas daqui, mas. . . são daí do, de outro sim, de outro povo de baixo. É igual. (Risos de ambas)

E - Hum.

A - É igual. (Imperceptível).

E - Mas já se conhecem há muito tempo!?

A - Sim! Há muitos anos. Sim. Pero se eu estiver aqui em casa, se chamar aqui à. . . estas também me faziam igual.

E - Hum.

A - Sim. Hum. Nisso não tenho que queixar-me, tenho boas amigas, aqui.

E - Hum. Já aqui está há muitos anos!?

A - Sim! S. . . (Pausa) São boa gente. Poucas, pero boas.

E - Hum.

A - Que é o importante.

E - Hum. (Riso de Amélia) São, são Espanholas? As. . . as. . .

A - Sim, são Espanholas.

E - . . . as pessoas daqui?

A - Sim, sim.

E - Mesmo essa amiga do. . . do outro, da outra. . .

A - Sim, são Bascas, Bascas!

E - São Bascas!?

A - Sim.

E - Ham, ham!

A - Sim.

E - Que engraçado!

A - Sim.

E - Portanto, sente que tem amigos, amigos e amigas, não é? Assim. . . (Hesitação) há tempo, duradouros, não é?

A - Sim, sim, sim; mas a. . . esta, esta que me levou doutro dia, no outro dia. . . à, à residência es filha doutra, de um da, de um. . . de um. . . de uma, de uma senhora, mas, mas. . . bueno, é toda a família, no?

E - Hum, hum.

A - Essas conheço-as de hace, pelo menos de. . . deza. . . dezassete anos, sim. E eu agora mesmo te posso dizer e. . . tu possas segurar que agora mesmo chamo a su casa e. . . e le digo a. . . que me passa esto e há sempre em casa alguma filha, ou a mãe ou alguén, ou. . . que, que está para, para lo que faça falta.

E - Hum, hum. Como é que os conheceu?

A - Como é que, conheci-o através de um, de, de trabalho.

E - Ah! Sim.

A - Sim. (Pausa no discurso) E, e logo tenho. . . eu te digo não tenho muitas, hã? Porque já sabes que amigas, amigas. . .

E - Hum.

A - Conhecidas podes ter muitas, pero amigas. . . (Risos) são poucas, não?

E - Hum, hum.

A - Sim. E logo tengo outra que já é, que es mãe da, de una amiga também de M. (filha de Amélia), que vive aqui abaixo, também; também é boa amiga. Luego tenho outra também que vive um pouco mais para além que também. . .

E - Pois. . .

A - . . . muito amiga.

E - E essas duas conheceu-as por serem vizinhas, ou também pelo trabalho?

A - Não, não! Por vizinhas.

E - Por serem vizinhas.

- A - Sim.
E - A, a outra família. . .
A - Sim, sim. Foi pelo trabalho. Sim.
E - Que, que empregos é que. . . em que trabalho era esse? O que é que fazia?
A - Trabalhava num bar.
E - Hum, hum. Pois. . . Durante muito tempo!?
A - Sim.
E - E criaram-se laços. . .
A - Si. . . claro!
E - . . . aa. . .
A - Sim, sim. Sim, minha. . . a M. muitas vezes fica em casa se. . . de ir a sua casa e ficar em sua casa. . . bah! E a casa ee. . . essa senhora é, pois es, é maior, ela.
E - Hum, hum.
A - Pois. E eu casi digo que ela é minha mãe segunda.
E - Hum, hum. (Riso de Amélia) Desde sempre se apoiaram.
A - Sempre.
E - Quando, quando a M. era pequenina.
A - Siempre. Sim. A M. pequenina ia para sua casa, muitas vezes.
E - Hum, hum.
A - E. . . é. . . sempre eu, vi os filhos dela também desde pequeninos.
E - Hum, hum.
A - Agora já são maiores, já se casaram, já têm filhos. . . (Risos) E. . . e está t. . . toda, sim.
E - Hum, hum. Portanto, quando precisava, nestes anos todos que aqui esteve, não é? Pelo menos há dezassete anos, não é?
A - Sim.
E - E quando tinha, precisava de ajuda de alguém, ou assim, tinha. . .
A - Siempre tinha, assim, alguém. . .
E - . . . alguém a quem recorrer.
A - . . . recorrer, sim. Sim.
E - E são principalmente essas pessoas!? Estas duas daqui e. . . , vizinhas e essa outra, a sua colega, que trabalha no bar?
A - Sim, sim. Luego. . .
E - São assim. . .
A - . . . luego tinha. . . também a, esta que, que, que te disse que, que estava aqui. . .
E - Pois. . .
A - . . . quando estava eu. . . doente. Esta também é uma amiga já, esta também trabalhou comigo; mas, essa está agora fora, está, bueno, está agora fora, está em sua terra, na sua. . . está também com um problema de saúde e é. . . foi para sua. . . para sua terra e. . . vive em sua terra. Essa também.
E - É Espanhola!?
A - É Espanhola, essa es Asturiana.
E - Das Astúrias.
A - Essa, essa também chama por teléfono e digo: “- Cris, como passa isso? Que te passa, que es lo que te passa?” “- Pois estoy mui mal e. . . (imperceptível) a ver se podó ir ao fim de semana a passar contigo!” E vengá e passa o fim de semana aqui comigo; sim, essa tal.
E - E quando trabalhavam juntas era aqui em San Sebastian?
A - Si. . . sim; No. No, no! Trabalhávamos a. . . aqui em Tolosa.
E - Em Tolosa. Aqui na. . . (Imperceptível)
A - Sim, na zona, sim. Sim, essas estão aqui viviendo comigo, aqui há muito tempo em casa.
E - Ah! Sim. Aqui mesmo em casa!
A - Em casa, sim. Sim, essa também es como se fo. . . como se fosse irmã.

E - Sim.

A - Mais! Porque tenho mais confiança com el. . . (Risos) . . . com ela que com minha irmã! (Risos de ambas)

E - Pois, vivendo tanto tempo, não é?

A - Sim.

E - Viveu aqui quê? Meses. . . ?

A - Anos!!

E - Anos!? (Tom de admiração)

A - Anos.

E - Pois! Pois.

A - Anos, anos. . . Sim, sim, vivo eu aqui. . . Todavía estava o meu marido e já estava viviendo aqui em casa.

E - Hum.

A - Então se, quando se morreu o meu marido, também ficou ela aqui em casa (Pausa) e é. . . e agora já te digo quando, quando me vê um pouco, que eu estou um pouco mais baixa, de moral, alguma coisa. . . isso que é a pobre tem uma, passou por uma enfermidad bastante grave, também.

E - Hum, hum.

A - E, e é. . . e aa. . . “– Ah! Já vou passar uma semana em. . . uma semaninha contigo.” E vem p’áqui, passa uma. . .

E - Uma semaninha.

A - (Risos) Uma semana comigo.

E - Muito bem. (Pausa na conversa)

A - Sim. Sim, nesse, nesse sentido tenho. . . (Pausa) . . . eu te digo, não tenho, não são muitas, que já sabes que amigas, amigas no, no. . .

E - Pois.

A - . . . nunca tens muitas.

E - Hum.

A - Podes tener muitas conh. . . conocidas, pero amigas poucas.

E - E quando veio para aqui, como é que foi? Outro dia estava-me a dizer, quando eu, quando eu estava já a sair. . . que pouco, como eu, não é? Estava-lhe a dizer que eu pouco tempo vivi na minha terra, não é?

A - Hum, hum.

E - E também me disse que pouco tempo viveu em. . . ? Bragança, não é?

A - Não! Em Mirandela!

E - Em Mirandela?! (Tom de admiração)

A - Eu soy de. . .

E - Até falámos das alheiras!

A - Sim!

E - Pois! Isso mesmo!

A - Soy nascida em, a minha família toda é de Mirandela, somos todos de Mirandela. Todos. (Risos) Somos todos. A minha, a família do meu pai e da minha mãe são de Mirandela.

E - Hum, hum.

A - E é. . . e quando eu tinha quatro anos, primeiro foi meu pai, p’á. . . p’á Angola; e logo. . .

E - Desculpe lá, que idade é que tem? Se não é. . .

A - Eu, quarenta e cinco.

E - . . . não se pergunta uma idade a uma senhora, mas. . .

A - Quarenta e cinco.

E - Pois, portanto. . .

A - Já soy mayor.

E - . . . isso foi há quarenta e um anos.

A - Sim. Já soy vieja! (Risos)

E - Não é. . . não, não! (Riso de Amélia) Segundo a Organização Mundial de Saúde, os velhos são as pessoas com mais de oitenta e quatro anos.

A - Ai sim?! (Tom de admiração) (Gargalhadas) Então assim que, que quando me digam... (Discurso em simultâneo de Amélia e de E..)

E - Só está na maturidade.

A - ... quando me digam...

E - Maturidade!

A - ... quando me digam que estou velha, tenho que dizer que sou jovem. (Risos)

E - Maturidade! (Gargalhadas de Amélia) A idade da maturidade! Sim, sim. (Tom de sorriso e riso de Amélia). É verdade! (Novamente, riso de Amélia) Depois a partir dos sessenta e cinco é a terceira idade.

A - Ah! Só a partir dos, dos sessenta e cinco! (Tom de riso)

E - Sessenta e cinco!

A - Ah bem, bem, bem!

E - Dos oitenta, a partir dos oitenta, oitenta e quatro é que é...

A - Oh!! Já verás quando me digam... (Tom de riso; risos) que sou velha, digo que não. (Tom de riso)

E - Claro! Bem, eu não tenho que falar, mas já que falou nisso... n... não estou aqui para falar eu, mas pronto... (Riso se Amélia) ... mas, acho que sim... (Novamente, riso de Amélia) ... que deve, é verdade, é verdade. É verdade. (Tom mais sério.)

A - Sim, sim.

E - Portanto, isso foi há cinquenta anos, mais ou menos.

A - Sim!

E - Há... há... desculpe, há quar...

A - Há quaren... quarenta.

E - Há quarenta e um. Portanto, estamos em noventa... em cinquenta.

A - Sim.

E - Anos cinquenta. Cinco e quatro nove.

A - Claro, eu nasci no cinquenta e dois!

E - Pois, está bem. Pois, está...

A - Hum. (Risos de ambas)

E - Portanto, terá sido em cinquenta e... seis, cinquenta e sete.

A - Sim.

E - Ainda não havia guerra colonial!?

A - No. Então fui a... fomos para...

E - Primeiro foi o seu pai...!?

A - Primeiro foi o meu pai.

E - Para Angola?

A - Para Angola. Logo não sei quanto tempo tardaria, porque nunca, nunca lhe perguntei; seria um ano? Ou... alguma coisa assim? Sim, me parece que foi a... um ano, ou mais. Depois de um ano, que estava meu pai em, em Angola, é que fomos nós.

E - Hum. Portanto, as duas filhas e o filho?

A - Sim. Fomos... e foi a minha mãe.

E - Hum, hum.

A - Fijate que bem me lembro dessa viagem, hã!?

E - Sim? Como é que foi?

A - Lembro-me; não me lembro de, não me lembro de tudo...

E - Sim, mas...

A - ... hay uma coisa que, há uma coisa que me lembro muito bem.

E - Sim.

A - Lembro-me que... de... de levar yo umas sandálias...

E - Hum, hum.

A - ... porque tenho aqui, tenho aqui a cicatriz, toda, ainda.

E - Hum, hum.

A - Aqui.

E - Sim.

A - E de, de fazer-me. . . um. . . aqui uma roçadura, a sandália e ter uma infecção, uma infecção, infección?

E - Eram umas sandálias novas!?

A - Novas. E fui ao médico do, do barco, a minha mãe levou-me logo ao médico do barco e. . . (Riso de E.) . . . atou-me o pé, todo aí, com uma, uma venda e eu aí andava manca. E lembro-me. . . (Discurso em tom de riso) . . . lembro-me disso, há? E lembro-me de. . . não sei se, sabes que no, que nos barcos pois lá faz. . . faziam como provas de, de salvamento!

E - Sim. Como, como se houvesse. . . houvesse. . . (A tenta compreender ideias de Amélia)

A - Houvesse um, um. . . um. . .

E - Um desastre! (tentando auxiliar o discurso de Amélia)

A - . . . um desastre; entences havia que fazer as provas de salvamento.

E - Pois. Sim. (Tom de riso)

A - E lembra-me de, de es que, esto lo veo como se for a um, um, um, uma. . . um. . . filme, não? (Riso se E.) E, e. . . lembro-me de, de andar: “- A minha mãe? A minha mãe?” Com o meu irmão pequenino, porque o meu irmão é mais novo do que eu três anos.

E - Ah! Sim.

A - A minha, a minha irmã dois anos mayor que eu.

E - Sim.

A - O meu, a minha mãe com o meu irmão pequenino, a, a minha irmã de um braço.

E - Sim (Tom de riso)

A - E, e eu agarrada dout. . .

E - Sim. (Tom de riso)

A - . . . doutro, à, à saia da minha mãe!

E - Sim. (Tom de riso)

A - E a minha mãe a fazer los ejercicios de salvamento. (Gargalhada; Risos/ Tosse de E.) Eu lembro-me disso. (Tom de riso) A minha mãe subir para ir, e lembro-me dela, a minha mãe me ter falado e dizer: “Yo sabes lo que digo? Que estes dois a fazer los ejercicios de salvamento me deu la gana e no vuelvo mais a fazer-los.”

E - Porque iam sózinhos, o seu pai já lá estava.

A - Claro!

E - Claro, e ela com três crianças. . .

A - Claro e com los três e cada uma chorar por sua. . . (Risos de ambas)

E - A puxar de um lado e de outro! (Tom de riso)

A - (Risos) Lembro-me disso, disso e lembro-me de outro dia que a minha mãe. . . (Discurso em tom de riso) . . . que estávamos no camarote do barco. . .

E - Sim. (Tom de riso)

A - . . . e não sei porquê, já sabes que tem. . . tem “aliteiras”, no?

E - Sim, sim, sim.

A - As camas de um em baixo, outro em cima, no? E, e não sei. . .

E - Como os comboios.

A - Sim. E não sei porquê, estava o meu irmão sent. . ., sentado. . . (E. Tosse) . . . na, na cama de, de, de. . . (apontando para cima). . .

E - De cima. (ajudando o discurso de Amélia)

A - . . . de cima e não sei que fazia o, o. . . o., o rapaz aí. . . (Gargalhada) . . . em cima e. . . (Risos) e lembra-me que a minha mãe tinha um biberão en la mão e. . . disse: “- Vou buscar água quente.” E é. . . e disse à, à minha irmã, que a minha irmã era a mayor, disse: “- Tem cuidado que não se caído, o menino da, da cama.” E, e dar a volta a minha mãe, deu dois passos e o garoto para baixo, pum!! (Gargalhada; Riso de E.; riso solto de Amélia) Isso é que nos deu às duas! (Risos de ambas)

E - Por não terem. . . tomado conta dele! (Tom de riso; gargalhada) é que vocês são tão rápidos, não é?

A - Lembro-me dessas coisa, dessas três coisas e lembro-me de. . .

- E - Lembra-se quando chegou a notícia de que... portanto, já sabia que, que era para irem? Quando o seu pai foi?
- A - Não, disso não me lembra! Lembro-me dessas coisas, porque seriam coisas como cada um, gravadas de la viagem. (Barulho de isqueiro a acender)
- E - Porque era, seria talvez por ser...
- A - Diferente... o barco... a viagem. Eu creio que sim, no? Não me lembro nada mais.
- E - Gostou da viagem!?
- A - Sim.
- E - Tem uma ideia...
- A - Sim, boa.
- (Interrupção da gravação para virar a cassete)
- A - Porto, não me lembro de nada. Lembro-me de quando chegamos, que estava o meu pai à, à nossa espera...
- E - Sim.
- A - ... e lembro-me que eu yo iba... coxa com o pé.
- E - Pois.
- A - Quando, com o pé e que o meu pai me disse, disse: “- Ai, que passa a menina?” E tal e a minha mãe... contou, contou que me passava e disse o meu pai para ela: “- Isto tem, não? Mas! Tem, está mal! Porque tem o pé muito... aa, aa... a venda muito apertada.” Porque e, e... o meu pai que me desatou a venda e disse: “- Isso não pode estar assim, porque está mal, mal curado.” E que me levaram a um sítio a curar-me.
- E - Hum.
- A - Isso sei.
- E - Hum, hum.
- A - Porque estava muito atada la venda e isto devia ter o pé inchado, alguma coisa assim.
- E - Pois, pois não deixava... circular o sangue.
- A - E logo, não me lembro de mais nada! Logo lembro-me, claro, de, de, de quando estube em... que estávamos numa fazenda.
- E - Sim!
- A - E lembro-me, pois, de tantas coisas da fazenda, lembro-me perfeitamente de muitas coisas.
- E - O seu pai fazia lá o quê?
- A - O meu pai estava po... trabalhava com... com... um...
- E - Na fazenda!?
- A - Na fazenda. Era uma fazenda de... de café.
- E - Hum, hum.
- A - E é... e pois, pois e lá com os negros à, à... (Pausa no discurso/Ruídos de fundo)... à col... eles plantavam café e ele...
- E - Hum, hum.
- A - ... por cima a vigilar os negros.
- E - Hum, hum.
- A - Sabes como era!
- E - Hum. Uma espécie de capataz!?
- A - De capataz, sim. Sim.
- E - Sim. E... cá? Ele trabalhava na agricultura?
- A - No.
- E - Não. Antes de ir, pois...
- A - Luego, antes de ir o meu pai e a família do meu pai trabalhava, eram todos é... como estes que hacen las casas!
- E - Aa... da construção, sim!
- A - Construção.
- E - Hum, hum.
- A - Dedicados todos à la construção.
- E - E tem ideia, porque é que o seu pai decidiu ir p'ra...

A - No, não tenho ideia.

E - ...hum, hum. Mais tarde, depois não...?

A - Mas seria porque então em Portugal se ganhava pouco dinheiro, pois como todo o mundo que emigrava.

E - Hum.

A - Entoces se naqueles anos, pois... iban, anos 50 era ao Brasil ou a África.

E - Hum, hum.

A - Então se, eu creio, pois porque entoces não é... não se ganhava muito em Portugal e era la, la ilusion, sempre, de fazer alguma coisa mais.

E - Hum, hum. Hum, hum.

A - E eu creio que, creio que foi isso.

E - Outras pessoas da sua família emigraram? Ou amigos?

A - No. No.

E - Não!?

A - No. A única...

E - Para África!?

A - No. A... minha tia...

E - Hum, hum.

A - Sim, a minha tia luego, depois que nós estávamos lá, foi a minha tia, que era a irmã mais, mais nova de, de, de, de minh... de minha mãe.

E - Da mãe.

A - E é... pois, através da minha mãe ela, ela foi “p’a”, “p’a” lá e é... e se casou lá en...

E - Hum.

A - E agora está em Portugal, mas casou-se lá.

E - Hum, hum.

A - Esteve, essa esteve em Luanda; trabalhou de... ela era modista e esteve trabalhando sempre de modista...

E - Hum, hum.

A - ...em Luanda. Si. (Tosse) E o meu pai estava, e nós estávamos na fazenda, o meu pai depois se dedicou, se dedicava a isso, até que chegou a... o, como é que se diz lá?... A guerra.

E - Hum, hum.

A - Fomos das primeiras fazendas que atacaram em... Angola, foi a, foi donde nós estávamos, nós; nos quedámos sem nada. Nos livrámos, o meu pai... livrou-se...

E - Isso em sessenta e poucos, não?

A - Sim, no ano sessenta e três. O meu pai livrou-se de, de... da matança por, por... dizia ele por milagro.

E - Hum.

A - Porque devia, havia quinze, quinze brancos na fazenda e dos quinze se salvaram dois: o meu pai e outro. Nós estávamos, havia um género, nós estávamos em Luanda, em casa dessa minha tia, que a minha tia já se havia casado em Luanda, e é...

E - Tinham mudado para Luanda porque a guerra tinha começado?

A - Não!

E - Não.

A - Não. Aa... nós, aa... a guerra começou a... um... precisamente no Norte de Angola e nós estávamos ao Norte de Angola, Norte de... de Luanda.

E - Sim.

A - Para a parte... Norte de Luanda; duzentos cinquenta quilómetros de Luanda, estávamos.

E - Sim.

A - (Tosse) Hacia el Norte. (Tosse) Isso lembra-me, também; perfeitamente. Chegou um dia um... um... um... preto e, e ele disse ao meu pai, ele disse ao meu pai que, que: “- Patrão...” Disse...” - Os negros se revolucionaram todos e vêm, estão todos a matar os brancos que estão nas, nas fazendas.”

E - Hum, hum.

A - E o meu pai, pois, pensou que, disse que, este negro, o meu pai pensou que aquilo fora. . . não, não deu muito crédito, no?

E - Hum.

A - De qualquer maneira falou com os outros brancos e disse: . . . “– Escuta, ouviu o que disse este? Que disse que os negros se revolucionaram. . .” E tal. E yo, como era pequena, não me lembro muito bem de como foi, pero devia de haver alguma coisa para que eles. . . , mais ou menos; e eu sei que esse mesmo dia aa. . . entre todos, as famílias brancas que estávamos aí. . .

E - Da mesma fazenda!?

A - Da mesma fazenda, pois eles di. . . , disseram: “– Pois o melhor que fazemos, pois es, es meter as mulheres e o niños todos na. . . nos carros e levá-los a, a. . . a Luanda. Então esse mesmo, esse mesmo dia nos meteram nos jipes e ca. . . que não havia carros, eram jipes e. . .

E - Pois.

A - . . . e, e. . . con. . . camionetas!

E - Pois, pois.

A - E nos levaram a, a Luanda. Isso lemb. . . , lembro-me e os, os, os homens, os homens, os brancos ficaram na fazenda, pero estiveram. . . durante. . . (Ruído de mota a passar) . . . como oito dias que não saíam a. . . a trabalhar, nem. . . nem nada; fizeram saíam mais ou menos como uma guarda.

E - Hum, hum.

A - A ver se passava alguma coisa.

E - Hum, hum.

A - Porque, claro, logo se ouviu de que sim, que era verdade, os negros haviam começado uma revolução e é. . . e um dia, por la tarde, já sabes que depois de comer, pois. . . hum. . . pois, se deitavam um pouco. . .

E - Com o calor.

A - Com aquele calor ou. . . faziam; e um dia este, estavam, estes ficavam sempre juntos. . .

E - Hum, hum.

A - . . . não estavam separados e um dia. . .

E - Nessa fase!?

A - Nessa fase, nesses oito dias que estavam de, de. . . de vigilantes; então se num dia aa. . . estavam, já estavam mais, mais relaxados. . .

E - Hum.

A - . . . e é. . . estavam a jogar às cartas – isso lo ouvi luego contar a meu pai, ãh?

E - Sim, claro!

A - Estavam a jogar às cartas e é. . . e disse, o meu pai disse: “– É. . . vá, vós, vós outros ficais aí a jogar às cartas que eu vou a deitar-me um pouco.”

E - Hum, hum.

A - E o meu pai deixou-os, a eles numa casa, estavam todos juntos numa casa e o meu pai se foi a, a nossa casa.

E - Hum, hum.

A - E se deitou. E disse que quando estava deitado, de repente, escutou um, ouviu um barulho muito grande e entonces a nossa casa, era a fazenda ficava assim e abaixo havia um. . . uma coisa de negros na. . . uma aldeia de negros.

E - Hum, hum.

A - Que não eram negros que trabalhavam p’lá, p’lá fazenda, eram negros que est. . . que estavam por sua conta aí, no?

E - Hum. (Ruído de cão a ladrar)

A - E o meu pai levantou-se, foi à porta da cozinha e. . . quando viu um montão de negros. . . (Pausa) com. . . com as catanas. . .

E - Hum.

A - . . . que entonces não tinham armas.

E - Pois.

A - E o meu pai quando. . . quando foi a correr a dizer, a avisar os outros que. . . que os negros se. . .

E - Estavam a subir, digamos. (Ajuda no discurso de Amélia, baseada na sua gestualidade)

A - Estavam a subir, já não lhe deu tempo a chegar a donde, à casa donde estavam os outros a jogar às cartas, porque já foi quando viu que os outros também sabiam de algo enquanto estavam fora e viu, e disse que viu um montão de negros, entences o meu pai meteu-se por um, por um mato.

E - Hum.

A - E aí foi como se livrou de que. . .

E - Hum, hum.

A - . . . de que não lo mataram.

E - Hum.

A - E. . . luego no medo, de quando iba pelo mato, se encontrou com outro senhor, que era da fazenda também.

E - Também. E depois fizeram o. . .

A - Fizeram o recorrido, eles, a pé, andando pelo mato, sem dizerem nunca lo que, quando se encontravam com, com negros e isso, pero nunca disseram lo que. . . lo que estava, lo que passava.

E - Hum, hum.

A - Por si acaso. . .

E - Porque é que. . . iam andando. . .

A - Iam andando assim. . .

E - Hum, hum?

A - Disse que um dia chegaram a una. . . porque estiveram andando noites inteiras, uma noite chegaram a uma. . . uma aldeia negra e um dos negros lhe perguntaram a ver que faziam por aí?

E - Hum, hum.

A - E o meu pai pois disse, disse que iam no carro e que se lhe havia. . .

E - Avariado. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - . . . avariado el carro. Entences até que chegaram a uma fazenda donde tinham possibilidades de chamar, era uma aldeia pequenina, de chamar a, para Luanda e chegaram aí e chamaram para Luanda por telefone até que os foram a buscar. Sim.

E - Ainda andaram umas noites. . . para aí quê? Uma semana?

A - Si. Fijate. . . como lhe. . . como chegou o meu pai a casa, que a minha mãe abriu la porta e cerrou la porta, com mêdo.

E - Que não reconhecia! (Pausa no discurso)

A - Sim. E então, desde entences, foi quando nós viemos para Portugal.

E - Portanto, vieram logo nos anos sessenta para Portugal!?

A - Sim, nós viemos para Portugal, estivemos; depois disso estivemos um ano em. . . em Luanda. (Tosse)

E - Em Luanda (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - Logo viemos para Portugal.

E - Com os. . . com os pais!?

A - Sim.

E - O seu pai também!

A - Sim, o meu pai também. E logo foi que, estivemos em Mirandela, foi o ano que estivemos em Mirandela a viver e logo o meu pai foi outra vez à, à. . . a Angola; esteve outro ano e voltou outra vez a Portugal. E logo quando voltou a Portugal, nós já estávamos vivendo em Bragança. . .

E - Hum, hum.

A - . . . que foi esse ano que fomos, estivemos um ano em Mirandela e logo ao anos seguinte fomos a viver a Bragança. Esse ano o meu pai esteve em. . . em, em. . . voltou outra vez a Angola, esteve um ano em Angola. . .

E - Portanto, voltou por duas vezes!?

A - Sim.

E - Hã, hã.

A - Esse ano que esteve em Angola foi mais ou menos pa. . . para arranjar algumas coisas que tínhamos já lá para arranjar e isso e é. . . e logo quando veio outra vez de, de Angola, o meu pai já veio para Bragança.

E - Hum, hum.

A - E logo através de uma pessoa que tínhamos. . . conh. . . conhecido, então, então se. . . lá arranjaram ao meu pai para trabalhar não. . . estava trabalhando, pois a. . . a estava a. . . a ensinando, pois, trabalhos de. . . a ser constr. . . constr. . . , hacer coisas dessas numa escola de, de niños deficientes, em Bragança e aí esteve trabalhando hasta que se morreu. (Pausa no discurso)

E - Quando ele voltou, a Angola aa. . . voltava para fazendas?

A - Voltou à la mesma fazenda.

E - À mesma fazenda! (Tom de admiração)

A - À mesma.

E - Hum, hum. (Cão que ladra)

A - Si. Então já estava. . . já estava pois. . . já, as condiciones já estavam de outra maneira, já não havia lá. . . bueno. . .

E - Já havia exército Português.

A - Sim, já havia o exército Português, já não estava. . .

E - E depois voltou para essa escola, que interessante!

A - Hum, hum. (Pausa no discurso)

E - Portanto, era. . . monitor?

A - Sim, monitor. Já, era. . . prof. . .

E - Professor?

A - Professor. Eso. . . le. . . pois ensinava a hacer pois cosas a los. . . uma escola em Bragança de niños deficientes e pois para hacer trabalhitos de, de arranjar esto, arranjar aquilo, pois coisitas assim. E esteve aí desde entonces, até que morreu.

E - Ele morreu quando?

A - Com. . . cinquenta e sete anos.

E - Cinquenta e sete anos.

A - Morreu meu pai. (Sussurado)

E - Já nos anos setenta.

A - Sim.

E - E a sua mãe, trabalhava lá? Em Angola?

A - Não.

E - Não.

A - A minha mãe nunca trabalhou.

E - Aa. . . trabalhar, quer dizer fora de casa.

A - Trabalhar, no, no. Sim, quando dizemos trabalhar é fora de casa, não? (Risos) Não, fora de casa nunca trabalhou, a minha mãe.

E - E cá, também não?

A - Não. Trabalhou muito. . .

E - . . . muitos filhos.

A - . . . trabalhou muito pero. . . mais em casa, porque. . . (Tosse). . . logo, quando fomos para Bragança, pois claro, já sabes que são. . . que eram os, os. . . ordenados, e bem que não eramos, eramos três só pero. . . havia que, entonces, pois como tínhamos possibilidades, pois a, pois a minha mãe tinha. . . tinha sempre a gente em casa por pupilos; pupilos, como se, se chama pupilos?

E - Alunos? Alunos não!

A - Não.

E - Hóspedes?

A - Hóspedes!

E - Sim.

A - Pois, porque então em Bragança, pois Bragança era, era el sitio onde havia a. . . a. . . las escolas, institutos e nas aldeias não havia nada disso.

E - Sim.

A - Entonces toda a gente que queria estudar. . .

E - Hum, hum.

A - ... tinha que ir a... já sabes, não?

E - Hum.

A - Como era tinha que ir à la... à la cidade...

E - Hum, hum.

A - ... e é, e aprov... e entonces a minha mãe tinha sempre... hospedos.

E - Hum, hum.

A - Gente que, essa, essa rapariga que te mostrei de la fotografia...

E - Hum, hum.

A - ... pois “teve” em minha casa de, de hóspede.

E - De hóspede.

A - E como essa, pois muitas que de, de Bragança que... é ao dia de hoje e todavia escrevem à minha mãe e, e...
lhe chamam por teléfono e... mulheres que a... raparigas que já estão casadas, que já tenem filhos, que... porque
passaram por minha casa, a minha casa em Bragança parece que era a casa de, de, de las mulheres.

E - Do acolhimento.

A - Do acolhimento, aí havia mais mulheres!! (Tom exclamativo)

E - (Risos) Estudantes!

A - Estudantes! (Riso de E.) Chamavam-lhe a casa das mulheres. (Novamente, riso de E.) Porque havia... mira,
me lembro um, um ano que era por exames, mira já sabes que então havia que ir fazer os exames à, à, às, às... aos
liceus?!

E - Às publicas, sim.

A - Às publicas...

E - Sim, sim, sim.

A - ... porque nós...

E - Aos liceus.

A - ... aos liceus.

E - Os colégios não.

A - Sim, os colégios não eram... oficiais. E é... e lembro-me de um ano, apareceram quatro raparigas, não sei,
uma cor... eram para aí de uma, de um... de um, de uma aldeia, ou de uma vila, de uma vila, sim.

E - Hum.

A - Quatro, eram quatro raparigas e é... e a minha mãe não tinha donde, donde pôr-las a dormir!

E - Hum, hum.

A - Disse não, disse, disse: “- Duas posso, posso pôr... dar-lhe hospedagem, pero quatro não!” E elas
disseram: “- Não!” Disse, disse: “- Ou dá à las quatro, ou entonces a nenhuma.”

E - Hum.

A - E disse a minha mãe para mim: “- Não tenho a donde pôr...” Disse: “- Não importa!” Disse, tinha uma,
um... um quarto com duas camas; disse: “- Não importa!” Disse: “- Aa... se não cabemos na cama dormimos no
chão.” (Risos de ambas)

E - Queriam era fazer os exames!

A - (Risos) E queriam estar todas juntas.

E - Todas juntas. (Tom de riso)

A - E é... e é, e aí se ficaram, aa... e eram, eram essas quatro raparigas, eram... eu, eu e a minha irmã, duas;
éramos seis e mais, mais as amigas nossas; aquilo, tu sabes o que era aí?! (Tom de exclamação/interrogação) Todos os
dias? (Tom de riso e riso de ambas) Um monton de raparigas... (Tom de riso e riso de E.) Sim. E isso, e a minha mãe
trabalhou muito nesse sentido porque, porque... (E. Tosse)... (Imperceptível), claro então não havia nem lavadoras,
nem, nem... nem cois... não, não se tinham as coisas que se têm... hoje em dia, não? E isso que já não... pois...
pois era trabalho para ela, para ela em casa, porque tinha de fazer comida, lavar, passar a ferro...

E - Elas também comiam lá?

A - Claro! Comiam, dormiam e... e lavava la roupa e... e passar a ferro e... e nos invernos aquilo era muito frio,
hã?

E - Pois. E para secar a roupa. . .

A - E para secar a roupa, que disse a minha mãe e é verdade. . . (Pausa) que. . . que muitas vezes de sair à, à. . . a lavar a roupa ou a. . . ao tanque e. . . com as mãos geladas e com tudo, tirar toda a nev. . . o gelo da água, para lavar. Diz ela que tem, que tem o problema dos ossos precisamente disso, não está enganada!

E - Pois. (Ruído de isqueiro a acender)

A - Sim.

E - Mas ela hoje, ela está em Portugal, a sua mãe?!

A - Hum, hum. (Ruído de móveis a arrastar)

E - Que idade é que tem?

A - Setenta e. . . setenta e cinco!?

E - Hum.

A - No. Setenta e cinco no, setenta e quatro. Setenta e quatro.

E - Tá a ver? Ainda não é velha! (Riso de ambas) Ainda está na terceira idade. (Riso de ambas)

A - A pobrezinha está muito acabada.

E - Está?

A - Sim, porque também a saúde não a. . . não a acompanha, tem bastantes problemas de saúde. Sim. Hace dois anõs, vai fazer agora dois anõs, também lhe deu um derrame cerb. . . cerebral, fija-te, fuerte porque. . . ficou na cama sem poder-se mover.

E - Hum, hum.

A - No andava.

E - E recuperou?

A - E ela um ano. . . tardou um ano a recuperar. . . e recuperou. Sim, sim. Bueno depois não tinha, tinh. . . era. . . uma força de vontade isso de que estar, de estar na cama e que tiveremos que fazer, fazer-lhe as coisas, para nada; isso é o que me passa a mim também.

E - Hum.

A - Eu quando se. . . quando se. . . se algum dia me passa alguma coisa. . . (Risos)

E - Hum, hum.

A - Isso que estar, ter que estar com as, as outras pessoas a fazer as coisas, não!

E - Hum, hum.

A - E ela se tinha que levantar, se tinha que levantar e. . . um dia se tinha que levantar a toda a força para se. . . para fazer a comida.

E - Hum, hum.

A - E eu dizia para a irmã: “- Mas. . .” A minha sobrinha me foi a chamar: “- Tia, tia!” Estava eu então lá.

E - Estava em Portugal!?

A - Sim, porque era, era por agora, por este tempo, porque era por, por Natal.

E - Ah! Sim.

A - E é. . . e a minha sobrinha foi-me a chamar: “- Tia, tia! Vem.” Digo. . . “- Que te passa?” Disse: “- Que a avó se quer levantar porque disse que tem que fazer a comida.” (Risos) E não se podia mover mas. . .

E - Hum, hum, hum.

A - . . . se tinha que levantar para fazer comida.

E - A comida. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - À ver, como iba a vir a minha irmã. . .

E - Hum, hum.

A - . . ., que a minha irmã havia ido a trabalhar, e como iba a vir a minha irmã a. . . do trabalho e não tinha comer. . .

E - Comida. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - . . . comida feita!?

E - Hum, hum.

A - (Risos) E, e tem Parkinson e tem, e tem angina de peito, não lhe falta nada! Tem de tudo. E tem uma, tem artroses. . .

E - Hum, hum. Mas recuperou dessa. . .

A - Sim, sim, sim, sim. Tem muita força.

E - Faz a sua vida?

A - Sim, sim, sim; tem, tem muita força de von. . . de vontade. Ela, ela tem de fazer as coisas por ela, ela não. . . não, não gosta nada que, que. . . estar, que depender das pessoas, das outras pessoas. Ela não.

A - Foi uma mulher que trabalhou muito, sempre.

E - Hum, hum.

A - E nessa altura vocês ajudavam, as filhas? Ou como é que era?

A - Nessa altura, pois ajudávamos; ajudávamos, pois a fazer, a fazer, pois já sabes, havia que limpar a. . . a casa, pois sim, pois éramos nós outras que, porque a minha mãe sempre, é verdade, a minha mãe sempre lo que gostou mais foi fazer as comidas e. . . (Riso de ambas). . . a cozinha. A minha mãe. . . isso. . . (Tom de riso e riso de E.) . . . a cozinha para ela, para ela era. . . (Riso de E.) . . . um. . . e, e hoje em dia também, hã? Hoje em dia me. . . com a idade que tem, de repente está, está, está-se a, quando vou agora, de repente está disse: “- E, e se faço um bolinho!?” (Riso de E.) Eu: “- Mamã, como vais a fazer agora um bolinho?” (E. tosse) . . . “- E se faço um, um pudim!?”

E - (Tosse novamente) Hum, hum.

A - E é capaz de levantar-se, ir para a cozinha. . . (Riso de ambas) . . . e traca, traca, traca, traca. . . (Riso de ambas) . . . de repente aparece com, com um bolinho, com um pudim ou com qualquer coisa. E foi, ela sempre gostou da cozinha. E é. . . enfim, ela fazia mais na cozinha, nós, nós ajudávamos pois a limpar a casa e. . . e. . . pois coisa de. . . as tarefas da casa, sim.

E - E estudavam? Ou não? Nessa altura.

A - Estudávamos sim.

E - Estudavam.

A - Sim.

E - Portanto, fez o cic. . . como é que foi, fez a escola? Onde é que fez a escola?

A - Eu fiz a escola em. . .

E - (Imperceptível) . Nessa altura que estava em Bragança que idade é que tinha? Tinha mais ou menos? Mais ou menos.

A - Eu fiz a quart. . . até à quarta classe fiz em. . . estive em. . . bueno, a quarta classe, porque yo já tinha também começado a escola em Angola.

E - Ah! Pois. Claro!

A - Claro!

E - Claro!

A - E entonces terminei a quarta classe em. . . em Mirandela.

E - Hum, hum.

A - E quando terminei a quarta classe em Mirandela foi quando fui para Bragança e em Bragança é que foi quando eu comecei o, o liceu.

E - Pois.

A - Sim. E no liceu fiz até ao quinto ano.

E - Hum, hum.

A - E aí já desaproveitei o tempo e filha. . .

E - Desaproveitou o tempo! Acha que sim?

A - Sim!

E - Sim?

A - Sim. Então? Sim, aí já. . . já, de estudar nada.

E - Não.

A - Nada.

E - O que é que foi mais importante?

A - Qual é que foi mais importante? Ir por aí com os amigos, com as amigas e. . . (Riso de ambas) . . . e deixar os estudos. . . (Tom de riso; risos) . . . de um lado, que é o que eu digo hoje em dia, hoje em dia à minha filha. (Riso de ambas) E deixar, os estudos (Imperceptível), já não tem remédio pero, sim, sim, sim. Sim, sim, sim, sim, sim. Tch.

- E - Teria quê? Quinze anos? Estudou até aos quinze? Não.
- A - Sim, ma... não, terminei... despoi... depois dos quinze anos o quinto.
- E - Pois, porque o ensino é diferente agora, não era?
- A - Sí. Diferente de agora, sim.
- E - Até ao unificado.
- A - Sim.
- E - Teria quê? Dezassete, dezasseis? Por aí, mais ou menos.
- A - Dezassete tinha. Logo quando, com dezoit... dezoito anos, foi quando comecei a trabalhar.
- E - Ah! Não estudou mas...
- A - E...
- E - ... mas começou a trabalhar.
- A - Sim! A minha mãe estava... a minha mãe não me queria deixar... trabalhar.
- E - Hum.
- A - Queria que, que... que continuasse a estudar, fizesse alguma coisa, no? E...
- E - A sua mãe tinha estudado?
- A - No. A minha mãe não tinha estudos, o meu pai também; tinham... se a minha mãe não fez nem a quarta classe! E o meu pai sim.
- E - Fez a quarta classe, o seu pai.
- A - Sim, o meu pai tinha a quarta classe.
- E - Mas no seu tempo fazer o quinto ano não era muito costume, pois não!?
- A - Não era?
- E - Não era, não era muita gente, muitas pessoas, que faziam o quinto ano...?
- A - No, no, no, no, no. Querendo, o quinto ano então se es naquele tempo era... era, hoje, hoje em dia podes comparar o quinto ano como... a, ao que fazem hoje em dia como o... antes... pois era como o... , pois para ir era o quinto ano e logo para ires à Universidade tinhas que fazer dois anos mais.
- E - Hum.
- A - Só.
- E - Hum, hum.
- A - Entences hoje em dia no sei a que podíamos.
- E - É o décimo segundo, mais ou menos.
- A - Por aí, por entre, sim.
- E - (Imperceptível).
- A - (Imperceptível) . Sim, sim, sim, sim.
- E - Hum, hum.
- A - Então, se estava equiparado a isso, sim. No...
- E - Portanto, de Mirandela...
- A - ... porque com o quinto ano, com o quinto ano ja, fazias qualquer carreira secundária, fazias com o quinto ano.
- E - Hum, hum.
- A - Porque a minha irmã, por exemplo fez a... fez magistério...
- E - Hum, hum.
- A - ... e então, fazias magistério com o quinto ano.
- E - Pois.
- A - Com o quinto ano fazias a... a... fazias o quinto ano e logo fazias magistério. Que eram dois anos entences de magistério; agora já são mais. Pero, então eram dois anos só...
- E - Pois, pois, pois.
- A - ... de magistério. E logo fazias qualquer carreira secundária, fazias com é... com o quinto ano.
- E - Com o quinto ano qualquer carreira, pois.
- A - Secundária.
- E - Hum, hum. Hum, hum.

A - Podias entrar em qualquer carreira secundária, agora carreiras universitárias, tinhas que fazer dois, dois anos mais. . .

E - Hum, hum.

A - . . . que era o sétimo.

E - A admissão!

A - E a admissão.

E - Era isso. E um exame, pois, era isso!

A - Sim.

E - Pois. Por isso, as suas amigas de, de, de. . . de Mirandela?

A - De Mirandela não tinha amigas nenhuma.

E - Não?

A - Não.

E - Ai, desculpe.

A - Tenho de Bragança.

E - De Bragança?

A - Sim.

E - Mas, portanto, então as su. . . os seus familiares, ou as su. . . os seus amigos, não estudaram todos!? Como a Amélia estudou!?

A - S. . . sim. Sim, sim, sim.

E - Hum, hum.

A - Sim, sim, todos, todos.

E - Hum, hum.

A - Toda a gente.

E - A sua geração.

A - A minha geração sim, todas, todas as amigas que tenho, umas fizeram, fizeram mais, outras fizeram menos, quase todas fizeram. . . fizeram uma. . . uma. . . uma carreira.

E - Hum.

A - Sí.

E - Mas o vosso caso em Bragança não era o mais comum!? Ou seja. . .

A - Não! No.

E - . . . havia mais gente que. . .

A - Havia mais gente que. . .

E - . . . que não. . .

A - . . . que não tinha possibilidades de estudar, de fazer isso que, que me. . . não. . . não era o mais comum, no. Não.

E - Como é que classifica a sua vida dessa época? Acha que vivia bem?

A - Sí, sí.

E - Vivia. . . como os outros? À sua volta. . . ou que vivia melhor?

A - Então para aquela época eu, me, me considerava, nos considerávamos. . .

E - Sim.

A - . . . la família. . .

E - A família.

A - . . . nos considerávamos que vivíamos, era o que se pode chamar hoje em dia um nível médio.

E - Hum, hum.

A - Um nível médio. Sí.

E - Portanto, viviam com à vontade?

A - Sim.

E - Hum.

A - Sim. Com. . . dentro, dentro de las restrições que havia, pero, no tínhamos a. . . hum. . . hum. . . restrições. . . vivia melhor que agora. (Risos)

E - Acha que sim?

A - Eu creio que sim.

E - Acha que sim?

A - Sim, vivia melhor que agora. (Pausa no discurso) Não havia las coisa que hoje em dia. . . tens, porque hoje em dia tens mais comodidades, em casa, mais. . . mais coisas. . .

E - Pois.

A - . . . mais. . .

E - Mas comparando? Naquela época. . .

A - Mas como época, vivia melhor que agora. Sim.

E - Porque agora, comparando esta época. . .

A - Sim, sim, sim, sim.

E - Os, acha que os seus pais que, que se empenharam em que vocês tivessem uma. . .

A - Sí. No, os meus pais. . .

E - . . . uma adolescência. . .?

A - Sim. Os meus pais nunca, no, não fomos nunca pessoas de, de, de dinheiro, porque os meus pais eram. . . eram trabalhadores, normal.

E - Eram pessoas de trabalho!

A - Pero, sempre tiveram a preocupação de que nós, nós tivemos uma educação. . . uma, um, e uma coisa para o futuro. A minha mãe sempre dizia que, havia que, que estudar por. . . e a minha mãe sempre estava empenhada que tínhamos que ser funcionárias do governo.(Risos) Porque dizia que, que era, que era melhor trabalho, porque nunca ibas al paro: lo ganhavas pouco, trabalhavas pouco e, e nunca ibas al paro (Risos).

E - Era estável.

A - (Risos) Sim. Por isso a minha mãe, também, sempre estava empenhada, sempre, esteve, esteve empenhada em que eu fizesse também o, o mesmo que fez a minha mãe, a minha irmã.

E - A sua irmã. (Ajuda no discurso de Amélia)

A - O magistério. Porque dizia ela que, dizia: “-Não trabalham muito!” (Riso de E.) “- Não ganham, também, muito, para, para o trabalho que. . .” (Riso de ambas) Está a ver? (Riso de E.) E nunca vão ao paro, nunca ficam sem trabalho. (Riso de ambas) Sim.

E - E o seu irmão? Era mais novo, não é?

A - O meu irmão é mais novo.

E - Mas, mas estudou!?

A - O meu irmão. . . Sim, estudou, fez a. . . fez o que es hoje, hoje se chama de adm. . . administrativo, no?

E - Hum, hum.

A - Na escola. . . a. . . que então se havia, la escola. . . de. . .

E - De comércio. . . (Ajuda a Amélia)

A - Comércio de. . .

E - Escolas comerciais! . . .

A - Comerciais.

E - . . . não é?

A - Sim. Fez isso de administração. Sim.

E - Portanto, os vossos, os vossos pais preocuparam-se em que estudassem.

A - Sim. Sim, era uma preocupação que eles tinham, sempre, de que tivemos alguma coisa, sempre. Não tínhamos herança, herencias, pero. . .

E - Hum.

A - . . . tínhamos. . . (Risos) uma formação mais ou menos. Sim, para aquellos tempos sim, lo que dizes tu, naqueles tempos o quinto ano não o fazia qualquer persona, pessoa.

E - E raparigas, então?

A - E raparigas menos, no? (Pausa no discurso) E logo foi quando é. . . quando comecei a. . . a, a trabalhar, foi precisamente que a minha mãe não me queria deixar trabalhar, queria que fizesse, a minha mãe estava empenhada que fizesse o magistério.

E - Hum, hum.

A - E a mim não me gustava nada o magistério.

E - Hum.

A - Fez, havia uma, uma coisa, à, à minha irmã não lhe gustava. . . o magistério também não lho gustava, pero fez magistério; e eu tão pouco, não queria magistério. Entoces. . .

E - Mas queria, queria estudar alguma coisa, não era?

A - Sim, sim.

E - Tinha alguma ideia, não!?

A - Sim. Tinha ideias. . . (Tom de riso) pero pouca vontade. (Risos)

E - Pouca vontade. (Tom de riso e riso de Amélia) Mas assim. . . não tinha muita vontade era de estudar, é isso? De continuar a estudar!?

A - Sim.

E - Mas, tinha assim alguma profissão que na época, na altura, que gostasse?

A - Na altura, que me gostasse?

E - Tem ideia? Lembra-se?

A - Não me lembro de que tivera assim, muita coisa, eu. . . era um pouco do. . . tirada p'ádelante. (Risos de ambas) E então foi que a minha tia, tinha uma, tenho uma tia que. . . vivia em, no Porto e é. . . e então arranjou-me trabalho; que era, trabalhava. . . trabalhava, pois, era, era um trabalho que não dava, aquilo não era trabalho nem nada, era estar numa oficina e é. . . pero estava practic. . . estava sózinha, porque era só. . . (Imperceptível). . . era uma, com uma, uma dependência de outra, de outra, de outra, de uma empresa que, de uma empresa que havia aí. . .

E - Hum, hum.

A - . . . Macedo Cavaleiros.

E - Sim!

A - Sim.

E - Sim. . .

A - E então eu estava aí e é. . . estava lá mais, pois para isso, para atender à gente que vinha, que queria tel. . . telefones e isso.

E - . . . hum, hum.

A - Entoces fui para esse trabalho com, e prometendo la mia, la mia mãe que seguiria estu. . . , estudando e se. . .

E - À noite.

A - Sim, à noite.

E - Hum.

A - E então matriculei-me no Porto, e estava matriculada — estava matriculada, hã? —. . . Matriculei-me no Instituto de Francês e Inglês.

E - Hum, hum.

A - Estive matriculada em la Alliance Française.

E - Hum, hum.

A - E é. . . en le Instituto de Inglês era em, era o Ingla, não sei quantos, Intitute, de alguma coisa assim. Todavía tengo las cosas, los cartones guardados de recuerdo. (Risos)

E - Claro. (Risos)

A - E dois años he estado aí e no hecho nada.

E - No. Pero há ido à Porto!?

A - Eh! Sim, es estado en Porto. . .

E - Ido ao Porto, trabalhava no Porto!?

A - No Porto.

E - Ah!

A - Est. . . estava no Porto, trabalhava e he estado. . . o, o. . . o insc. . .

E - Inscrita. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - Inscrita, matriculada nos institutos.

E - Ia aos institutos!

A - Ia ido a los institutos e pero, claro, como ha hecho dois anos não me hão servido de nada. (Risos)

E - Ia pouco, faltava. . .

A - Faltava, eran más los dias que faltava do que. . . (Riso de E.) . . . ia. (Tom de riso/Risos) mas eu tenho de culpar minhas amigas, sabes? (Riso de E.) Porque ellas como estavam. . . (Tom de riso) ellas tinham as classes pela manhã. . .

E - Hum.

A - . . . e eu tinha que ir pela noite e entonces se elas se preocupavam de ir-me a buscar todos dias ao trabalho! À tarde.

E - Sim.

A - E era la hora que tinha que eu ir à . . . ao Instituto. (Risos de ambas) E . . . e me desviava sempre. . . (Riso de E.) . . . sempre me desviava.

E - (Risos) Quê? Ver montras, como é que era?

A - Ver montras? Mais que ver montras era irmos ao café, à tomar café e hacer quatro risas por aí.

E - Hum, hum. (Risos)

A - Que entonces, entonces tinhamos mucho costume de ir a, aos cafês ya sabes los estudiantes para los cafês, unos a estudiar outros a, a. . . a não estudar, pero. . .

E - Hum, hum.

A - Ibamos mucho a los cafês.

E - Estar juntos, não é?

A - A estar juntos.

E - Hum, hum.

A - E assim foi. . . (Imperceptível)

E - Já tinha sido o 25 de Abril aí? . . .

A - Aa. . . en. . . então foi o 25 de Abril.

E - . . . quando estava no Porto?

A - Sim. Quando estava no Porto foi o 25 de Abril.

E - Vivia. . .

A - Espera, espera um poquito que me voy al baño.

E - O. K.

A - E esto podó? (interrogando sobre a possibilidade de tirar o microfone)

E - Sim, sim.

FIM da 1.^a ENTREVISTA

2.^a ENTREVISTA

Amélia - Não se escreve, pero, bueno. (Risos)

Entrevistadora - Mas se calhar não se desaprende, não? É como andar de bicicleta.

A - Va... não creio.

E - Nasce...

A - Sim, eu... hoje em dia...

E - Se a pessoa tomar...

A - ... hoje...

E - Hoje é os computadores... não é?

A - ... hoje em dia já não, não... já não se trabalha nada com essas coisas, logo se...

E - Pois...

A - ... então, então, então eu aprendi com as máquinas, essas manuais? Que havia, trrrrrrr... ..

E - As "Messa", não é?

A - Tuc, tuc, tuc... (Imitação do ruído da máquina)

E - As "Messa".

A - Sim. (Tosse) E, e agora, já vês, hay das... las eléctricas e los computadores e todo...

E - Sim, isso é mais fácil porque... (Imperceptível)

A - E todas essas cosas.

E - Isso é verdade!

A - (Suspiro) Sim.

E - Então, e no Porto vivia...? Com...

A - Eu vivia com minha, com a minha tia.

E - Com a sua tia!?

A - Sim. Que eu tenho uma tia que vive lá, no Porto. Vivia e... tem, tenho duas primas.

E - Sim.

A - A minha tia e as duas primas. (Pausa) A minha tia também estava trabalhando, a minha prima também hum... estudou, pero, não há querido estudar, fez o, a... o... os estudos primários e logo, também começou a trabalhar. E é... estávamos trabalhando todos.

E - Pois. Trabalhava o dia todo ou era só há tarde?

A - Trabalhava o dia, até, à...

E - O dia todo!?

A - ... até às seis da tarde.

E - Pois, era o dia todo.

A - Sim.

E - Acha que, a educação que os seus pais lhe deu, a si e à sua, que houve diferenças? Na educação... que os seus pais lhe deram a si e à sua irmã e ao seu irmão?

A - Não. Não. Não, não houve... (Tosse) não houve diferença. (Pausa) Havia...

E - Podendo haver diferenças e a diferença não ser melhor nem pior, não é?

A - Não, não, não.

E - Não é, não é para julgar, não é? (Ruído ao longe de crianças)

A - Não, não, não. Se queres... pois, eu como estava no meio... (Pausa) hum... à la... à melhor a mim no me fizeram tanto caso como a los outros.

E - Hum, hum. (Tom de riso)

A - Deixaram-me um pouco mais da mão. (Riso suave de E.) À minha irmã, à minha irmã porque era a... era a mayor e porque de pequena havia, havia sofrido una enfermedad e tal e estava um pouco mais, era mais delicadita, não?

E - Hum, hum.

A - Era a, a... a menina mais delicadinha. E é... e o meu irmão porque era menino.

E - Hum, hum.

A - Que... que, que era...

E - O único rapaz. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - O único rapaz e era la ilusión da minha mãe. (Ruído de fundo crianças) E era... porque o meu irmão foi assim... veio assim por... porque, porque tinha que haver um menino.

E - Hum.

A - Porque eu creio que se eu fora, então fosse uma men... um menino que já não...

E - Não tinham mais filhos. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - Não tinham mais filhos. (Tosse de E.) E é... (Tosse) Sim, o meu irmão mais... e eu era assim um... era a do meio (Imperceptível) (Risos de ambas) Sempre fui bastante... minha. Fui sempre bastante de, de ideias mui... digo, yo era... me diziam: “- Isto não, não fazes e aquilo não fazas...” E eu dizia: “- Isto sim.” Lo voy a fazer. Sempre saiu, saiu com a... com a minha cosa torcida, pero, bastante torcida, bastante torcida.

E - Hum, hum. Mas, acha que essa sua característica, que está a dizer que é torcida, eu não sei!

A - Sim.

E - É a Amélia que está a dizer! Que foi bom para a sua vida, ou que foi mau? (Pausa) Ou que foi bom e mau? (Risos)

A - Foi, foi hum...

E - Trouxe-lhe vantagens e trouxe-lhe desvantagens!? Como é que acha? Essa sua forma de ser?

A - Numas cosas, numa coisa pois teve... vantagens más... más que, desven... desvantagens mais que vantagens.

E - Sim?

A - Sim. Si... porque claro, porque sempre ia por um lado que não tinha que ir. (Ruídos de fundo de crianças) Porque...

E - Acha?

A - Claro! Que nunca fazia caso a lo que me diziam.

E - Hum, hum.

A - Se me diziam pois...: “- Isto es melhor para ti.” E eu dizia: “- Pois... não, pois não por aqui.” E claro, sempre tenia la, sempre tenia la cosa essa, de levar com... a contrária, no? Se me diziam que una cosa era boa, eu dizia que não, que era... era... não sei.

E - Que coisas assim... marcantes, dessas decisões que tomou, que agora acha que a fazem agora dizer que... lhe trouxe desvantagens? (Pausa) Quer dizer, que coisas é que, agora, que eram melhores...

A - Agora por exemplo...

E - ... que na altura não fez, contrariou? Por exemplo ter, o não ter estudado mais...?

A - Não ter estudado mais, por exemplo.

E - Acha que fô...?

A - Sim.

E - Se voltasse atrás... estudava mais!?

A - Estudaria mais, sim.

E - Hum, hum.

A - Sim, sim, sim. Sim porque... porque reconosco, reconosco que, que, que sim. E todo, e me, me duele mucho todavia, hã? Não haver estudado. Si. Me duele mucho! (Tom de lástima) Essa é una de las cosas que, que me sigue doliendo.

E - E, m... mas tem que ver com o quê?

A - Com o sentir-te...

E - Com a sua irmã?

A - Com o sentir-te bem!

E - Hum, hum.

A - Não tem que ver, no é estar relacionado com, com... nem com minha irmã, porque a minha irmã está bem e...

E - Hum.

A - ... tem... no. Não está relacionado, está relacionado conmigo misma.

E - Hum, hum.

- A - É não sentires-te bem contigo mesma.
E - Hum, hum.
A - No hacia a los demais, entendes?
E - Hum, hum.
A - Contigo mesma.
E - Acha que, que conseguia e portanto podia ter feito!
A - Sim.
E - Não é?
A - Sim, sim.
E - Posso dizer — não sei se estou a interpretar mal— que acha que desperdiçou daí?
A - Sim.
E - Aa... estou a interpretá-la bem?
A - Sim, sim, sim, sim, sim, sim.
E - Não quero estar a...
A - Não, não. Sim, sim, sim, sim.
E - É nesse sentido que...
A - Sim, eu acho que sim. Sim.
E - Hum, hum.
A - Sim e já te digo, no es, não está relacionado com, com, com... com ver a... minha irmã que está bem, ou, ou o meu irmão, ou... não está relacionado as... a... a com, as... hacia ellos.
E - Hum, hum.
A - Está relacionado com a minha, com minha, com a minha pessoa.
E - Hum, hum.
A - Comigo mesma.
E - Com a sua realização?
A - Sim.
E - É isso?
A - Sim. Sim, sim, sim.
E - E que outras decisões é que acha que tomou e que se fosse hoje...?
A - Uma, outra decisão que tomei que não tinha que...
E - Que não foram, que não foram as melhores, digamos.
A - Por exemplo eu... vir “p’á”, “p’a” Espanha.
E - Sim?
A - Sim.
E - Como é que isso foi? Conte lá.
A - Aa... vir para a Espanha foi também uma decisão dessas que tomei yo disse: “- Vou para Espanha.” E cojila maleta e vim para Espanha.
E - Mas, já depois de viver no Porto!?
A - Não, não! Isso já é depois, muito depois!
E - Muito depois.
A - Si.
E - Portanto já... Como é que foi, então?
A - Então...
E - Viveu no Porto, não é?
A - Eu vivi no Porto.
E - Dois anos.
A - Sim.
E - Não?
A - Sim. Luego...
E - Sim.

- A - ... do Porto fui para a... para Lisboa.
- E - Ah!
- A - Logo estive trabalhando em, em... numa empresa...
- E - Sim.
- A - ... em... em, em... cerca de, de... de... de Estoril, entre Estoril e Cascais?
- E - Sim.
- A - Sim. Em Trajosse.
- E - Trajouce!? Sim, sim. (Tom de riso)
- A - S... sim?
- E - Sim.
- A - Conheces Trajouce?
- E - Conheço, porque eu trabalhei... em São João do Estoril.
- A - Em São João do Estoril?
- E - É aquela zona ali... que engraçado!
- A - Pois estive a trabalhar em Trajouce.
- E - Sim, senhor.
- A - Has ido alguma... alguma vez falado em “Abitron?”?
- E - Não, isso é que não.
- A - “Rauchete”?
- E - Isso é que não.
- A - Não? Pois aí trabalhei eu. Estive a trabalhar aí. E foi a trabalhar aí, com... não me queriam deixar ir os meus pais, também; porque, claro, no Porto tinha, tinha... a, a...
- E - A família. (Ajuda ao discurso de Amélia)
- A - ... a família e aí não tinha nadie.
- E - Era uma empresa de quê?
- A - Era uma empresa de porcelanas técnicas.
- E - Ah!
- A - Estive a trabalhar na...
- E - Estrangeira?
- A - Sim. Alemanha.
- E - Ah! Pois. Daí esse, esse nome que disse.
- A - Sim. “Rauchete”, se chamava e é... era uma, era uma das empresas que eram de los mesmos sócios, pero eram separadas, las duas empresas: uma era “Abitron?” e outra era... a, era a “Rochete”. E aí estive trabalhando em la... no escritório, também.
- E - Hum, hum.
- A - E é...
- E - Como é que chegou a essa proposta de emprego? Como é que soube...
- A - Através de um... de um, de le economista, de um economista de la empresa donde estava trabajando no Porto.
- E - Hum, hum.
- A - Um dia falando com ele, e me disse: “- Pois hay.” Digo... porque me disse: “- Vá... aqui este trabalho para, para a senhora.” Para a menina, não?
- E - Sim.
- A - No... no é um trabalho que pode realizar-se, pois era um trabalho, pois, pois, tal e assim hablando um dia me disse: “- Pois eu conheço um...” (Que ele também era economista dessa, dessa empresa)...
- E - Hum.
- A - “... em tal sítio e necessitam de una empregada de, de escritório.” Lhe digo: “- Pois, diga lá à su patrão a ver se quer uma.” (Tosse) E fui para lá, fui à entrevista e fiquei.
- E - Hum, hum.
- A - E aí estive. Trabalhando. E logo foi, quando estive aí nesse tempo, foi quando conheci o meu marido...

- E - Hum, hum.
- A - E aí foi quando comecei, foi quando comecei a tener problemas com a minha família, com. . . e logo fui outra vez para Bragança, deixei o trabalho.
- E - A sua família não gostou que fosse para Lisboa, não é!?
- A - Primeiro não gostou que fosse para Lisboa, logo não gostou. . .
- E - Aa. . . mas todos da sua família? Ou só. . . alguém em particular?
- A - Todos.
- E - Todos, a sua irmã. . . o seu irmão. . .
- A - Hum, hum. . .
- E - A sua mãe. . .
- A - Todos.
- E - Pois.
- A - Não gostaram.
- E - Não queriam que fosse para Lisboa.
- A - Não.
- E - Pronto. E depois esteve quantos anos em Lisboa?
- A - Em Lisboa?
- E - De armas e bagagens. . . não é? (Tom de riso)
- A - É, foi com armas e bagagens.
- E - Aí vou eu. . . (Risos)
- A - Em Lisboa estive. . . (Pausa) Até setenta e sete, setenta. . . no, setenta e sete no, setenta e sete, sim.
- E - Dois, três anos, não é?
- A - Sim.
- E - E. . . aí conheceu o seu. . . marido!?
- A - E foi quando. . . e aí fiquei embaraçada de M.
- E - Sim. (Tom de riso)
- A - E foi aí. . .
- E - Aconteceu. . .
- A - . . . aí foram os problemas.
- E - Sim. Mas, por, por o ter conhecido?
- A - Foi por estar embaraçada.
- E - Ah!
- A - Pois, foi por eu estar. . . porque meu marido era estrangeiro.
- E - Ele era Alemão!?
- A - No.
- E - Não.
- A - Era, tenia. . . nacionalidade Mexicana.
- E - Hum.
- A - (Tosse) E é. . . tenia. . . a nacionalidade era Mexicana.
- E - Sim.
- A - Mas havia, se havia criado em Estados Unidos e, e em. . . e em Portugal, porque a sua família era, era. . . era Port. . . bueno, não eram Portugueses, pero haviam vivido sempre em Portugal.
- E - Sim.
- A - E. . .
- E - Trabalhava aí, nessa empresa? Numa dessas empresas?
- A - Não. Entoces ele não estava trabalhando. O problema era esse, que também não estav. . . não estava trabalhando, o meu marido.
- E - Como é que se conheceram?! (Tom de curiosidade)
- A - Conhecemo-nos. . .
- E - Desculpe lá, mas. . .

A - Sim.

E - ... essa história é muito bonita! (Risos)

A - Sim. Porque e... eu quando fui a trabalhar para esta empresa... (Tosse) como não tinha nada, nem, nadie conhecido aí na... em... em... estive vivendo no Estoril e una, num... hotel; já sabes nesses hotéis pequeninos, numa, numa residência?

E - Sim.

A - De, de... no Estoril e essa residência, pois, se, la, la... la empresa onde trabalhava eu, mandava a todos la gente que venia da Alemanha e isso, mandava a... a essa empresa, no? Então como não tinha eu piso, nem tinha nada, pois eles me pagaram durante un año a... a residência. Para, dormia e... e s... e é... dormia e claro...

E - Pequeno almoço!?! (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - ... o pequeno almoço e, e a... e o jantar. Porque logo a comida fazia na empresa.

E - Pois.

A - E o meu marido entonces estava hospedado aí também.

E - Ham, ham!

A - E aí nos conhecemos; como eu não tinha nada com quem falar, filha, ele era solo, era o único que falava Português, os demais não falavam Português. (Risos)

E - Eram Alemães, os outros? (Tom de riso; Riso de Amélia) E como é que foi? Engraçaram-se logo no início...? Ou...

A - Não! No início não! Começámos assim pouco a pouco, pois vamos a tomar uma copa, vamos por aqui, vamos por aí e assim foi.

E - Hum, hum.

A - Sim.

E - Engraçado!

A - E claro! E logo já quando... (Tosse) quando eu estava... fiquei embaraçada e tal, foi quando o... os meus pais se, se inteiraram e tal e, e é...

E - Mas isso já foi passado... para aí quê? Já o conhecia quê? Há... há um ano?

A - Sim!

E - Já o conhecia há um tempo.

A - E então foi quando... foram um dia os meus pais e a minha tia, esta do Porto, e chegaram para lá e disseram que... como iba yo a estar aí embaraçada e... tão leg... tão longe deles!

E - Hum, hum.

A - E... e à demais o meu marido não tinha trabalho! E “atão” que me fosse para casa.

E - Para ter a... a criança...

A - Sim.

E - ... com apoio e condições.

A - Sim. E...

E - Diga-me lá, desculpe lá, queria ter, queria... engravidar ou não queria?

A - Não tinha tal vontade, no!

E - Não. Foi... aconteceu, pois.

A - Aconteceu.

E - Porque às vezes, não é?

A - Não, não, não, não, não.

E - As mulheres engravidam...

A - Não, não, não, não, não.

E - Não foi o caso.

A - Não foi. Não, não foi porque quisera.

E - Pois.

A - Logo iba bem, bem, bem e coso, pero, não foi por vontade, hã? E...

E - Mas quis ter a rapariga!?

A - Claro!

E - ... neste caso sabemos que é uma rapariga ...

A - Sim.

E - ... na altura ainda não havia ecografias! (Tom de riso)

A - Não. (Riso de E.) Hum... pero, quero dizer que então fiquei l... fiquei muito deprimida e estava eu com bastante... mal; tinha uma depressão bastante...

E - Quando soube que estava grávida?

A - Sim.

E - Foi difícil?

A - Sim, foi difícil.

E - Hum.

A - E entonces, entonces, pois, como tinha uma família que, que são, que são... se me esqueceu dizer: tenho uma família que são, dizia o meu marido que ao lado de, ao lado de... de... do Salazar não eram nada, hã? (Pausa no discurso)

E - O Salazar ao lado deles...

A - Sim.

E - ... não era nada! (Tom de riso; risos)

A - Como bom, como bons Portugueses. (Risos)

E - Dizia ele! (Tom de riso; risos de ambas)

A - E entonces...

E - Então e na altura, quando soube, desculpe lá! Também agora tem aí uma rapariga jeitosíssima, não é?

A - Sim.

E - Na altura disse-me, desculpe estar a perguntar...

A - Sim.

E - ... que essa foi uma fase um bocado mais complicada...

A - Sim.

E - ... da sua vida. Como, quando soube falou logo com ele?

A - Sim!

E - Sim.

A - Sim, sim, sim, sim, sim. Sim, sim, sim, sim. Não falei foi com, com a minha família, mas com ele sim.

E - Primeiro, pois.

A - Sim, sim, sim. Sim.

E - Porque entendiam-se bem!?

A - Siim! Sim, sobre isso não havia problema... não houve problema...

E - Sim.

A - ... nenhum!

E - E ele, quando soube?

A - Sim! Não, sem problema nenhum.

E - Ficou contente?

A - Sim! A que fiquei mal, fui eu!

E - E os pais dele?

A - No tinha, no tinha pais.

E - Pois. Ah! Pois.

A - No tinha pais.

E - Mas ele ficou contente!?

A - Si. Sim, ficou contente, sim. La que no ficou contenta fui eu, mas...

E - E porquê? Como é que foi isso? Por causa da pressão dos seus pais?

A - A pressão dos meus pais... o problema...

E - Ou...!?

A - Hum... ele também t... não tinha trabalho. (Suspiro) Não me sentia eu bem. E então foi quando chegaram, um dia o..., a minha tia, esta do Porto.

E - Não tinha pensado em ter filhos?

A - No. No tinha pensado em. . . então.

E - Então, pois.

A - Então não tinha.

E - Ainda não, não era uma coisa. . .

A - Não! Entonces foi como um sopeton. . . como. . . foi como um, então foi como, como que se desarregra todo. Mas, mas não é uma das coisas, também que, que fiz mal, então. (Tosse) Também foi, também foi uma, essa, isso, porque. . . chegaram os, os meus pais, aa. . . a minha tia, esta do Porto, que era. . . como uma segunda mãe para. . . para nós, porque foi sempre uma. . . foi a tia sempre que está, sempre, foi a tia que esteve aí sempre, quando la mãe não estava, estava la tia. Era como a segunda tia, como a segunda. . .

E - Mãe. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - . . . mãe, no?

E - Sim.

A - Entonces, esta tia era como um. . .

E - A irmã da mãe!?

A - Irmã da minha mãe.

E - A que esteve em África, não?

A - Não, outra.

E - Era outra. Hum.

A - Aa. . .

E - Sim, sim, diga, desculpe!

A - A minha mãe é já, é a mayor, é a segunda. . . a segunda. . . filha, no? E, e é. . . e esta era, ela sempre hay sido muito decidida, ela sempre muito cosa. . . um dia chegou “p’a” a, foi para a, “p’a” lá, “p’a” a. . . “p’a”. . . que entonces eles viviam, yo e o meu marido estávamos viviendo em Cascais.

E - Ah! Porque entretanto a dada altura passaram a viver juntos.

A - Logo. Logo passámos a viver juntos. . .

E - Sim.

A - . . . em Cascais.

E - Hum.

A - E chegaram um dia para lá e. . . e. . .

E - Foram a Lisboa, mesmo!

A - Sim, sim, sim, sim! (Tom de exclamação) Se a minha tia, como tinha as viagens grátis. . . (Risos de ambas) Porque o meu tio vive, trabalhava na. . . (Tom de riso) . . . no caminhos de ferro. . . (Risos; gargalhada de E.; risos; fala imperceptível em tom de riso)

E - Mas, mesmo que não tivesse as viagens grátis ela tinha ido na mesma! O que é que lhe parece? (Tom de riso)

A - Sim. A mim parece-me que sim. (Tom de riso; gargalhada de E.) E foi para lá e disse: “- Vá, a fazer as malas e vens, vens “p’a” coiso.” E fizeram-me despedir de a, do. . . do trabalho.

E - Hum, hum.

A - Que entonces eu me despedi do trabalho, claro!

E - Hum, hum.

A - E levaram-me para Baganç. . . para Bragança.

E - No trabalho eles sabiam que “tava” grávida?

A - Sim, sabiam.

E - E não, como é que eles reagiram?

A - No, no, no, não tinha problema nenhum. Sem problema nenhum, pois hay, foi una de las cosas, una das cosas, também, que, que logo pensas disso, pois claro foi num arrebatado desses de. . . cosa, que estava eu deprimida.

E - Hum, hum.

A - Claro, quando tu t’as deprimida, que t’as fora, não tenes a nadie que, que, que te apoie, porque então se es, não tenies a nadie e, e chega la família e te disse: “- Te venes para casa, deixa o trabalho, porque em casa estas melhor”, e te montam um monton de peliculas e tal. . . bom, e te pilham e te levam, porque se, entonces eu não estivera nessas

condiciones aa... havia dicho: “– No. Estoy aqui e me voy a aguentar com tudo lo que venga e se me quereis hechar una mano, me hechais la mano, pero eu aqui!”

E - Hum, hum.

A - E me hubiera quedado con el trabalho e não tenia problema nenhum.. porque, incluso en el trabalho havia até à... guarderia e tudo...

E - Hum, hum.

A - ... não tenia nem problemas de, porque entonces não te podiam despedir, porque estavas embaraçada!

E - Hum, hum.

A - Agora não sei como será, pero entonces...

E - E no trabalho gostavam de si!?

A - Si, si, si, si, si, si, si.

E - Gostavam do seu trabalho!? E tinha condições para governar a casa!? Com o seu marido!?

A - S... bueno, mal, pero... bueno, tiravas.

E - Hum. (Ruído de isqueiro a acender)

A - Hum, hum. (Ruído de isqueiro a acender)

E - Mas para a época... (Ruído de louça) Aa... disse mal porque ele não trabalhava! É isso?

A - Claro!

E - E era a única, não é?

A - (Tosse) Claro!

E - Portanto, ele não trabalhava nem... nem às vezes... pequenos trabalhos, não?

A - Não! Ele, ele tinha una aportación, aa... aportava, por ejemplo, el dinero del alquiler del piso, porque ele havia tenido... havia, tenia dinheiro por herencia, no? De... de su madre que havia dejado un dinheiro, pois tenia um dinheiro e tal a aportava el dinheiro, pois, para, para alquiler del piso e para cosas assim, pero...

E - Ele tinha estudado?

A - Tinha a... havia a... no mesmo que eu.

E - Sim.

A - Sim.

E - Mas não, não trabalhava, claro!

A - Na altura não trabalhava porque havia salido también de, pois... havia tido, também, uma vida muito... um pouco rara. (Pausa) Havia tenido, também, bastante una, una... una vida um pouco...

E - E, portanto, aa... considerando essa, essa fase, não é? Sendo a, a Amélia que... trazia o dinheiro para casa...

A - Hum!

E - ... digamos assim.

A - Claro!

E - Regularmente, era, não era?

A - Claro! Era, eu é que estava trabalhando.

E - Mas dava para viverem!?

A - Dava, mal! Mal!

E - Ou seja, na época...?

A - Mal, mal!

E - Mal.

A - Mal, mal.

E - Acha que mal! Mas na época, o que a Amélia ganhava, não lhe estou a perguntar quanto, mas...

A - Sim.

E - ... o que ganhava na época, para uma pessoa que trabalhava, era razoável!?

A - Sim! Claro, era lo que se pagava entonces “p’á”... então “p’á” pess... a, a... a la gente que trabalhava. Era o que..., pero...

E - Portanto, não acha, não se pode dizer que ganhava pouco! A Amélia!?

A - Não, não! Era o, era o que estipulado...

E - O normal!?

- A - ... o estipulado por la lei!
E - Pois.
A - Então... (Tosse)
E - O problema era... haver duas bocas, não?
A - Claro!
E - E mais uma...
A - E mais, e uma uma, claro!
E - E a sua família então... veio... queria... queria que tivesse o bebé com outro conforto, era isso?
A - Sim. Sim claro, p'ra...
E - E com apoio. Disse-me...
A - ... era para, para logo pero, claro! Pois, eles acordaram... de... el bebé con otro conforto pero estavas também tu! Tu pessoa; que a mim, claro! Luego, luego me há ido "p'a" cas... estava em casa de meus padres logo p... dizes: "Pois tu, lá criatura não falta nada e tu quê? Tu que haces? Dependes de los padres, entonces?..."
E - Hum, hum. Hum, hum.
A - E foi nessa época, quando... entonces, eu tive, he tenido a mi hija...
E - Hum, hum.
A - ... e é... e... e, e há; digo: "– Ba, hay que me passar a trabalhar!"
E - Hum, hum.
A - E passei a buscar trabalho e entonces ja los trabajos e passavam a estar mal e em pa... então já não se encontrava trabajo assim tão fácil. E entonces...
E - O seu marido? Foi consigo para cima?
A - Não, ficou, pero luego...
E - Ficou em Lisboa!
A - ... pero luego foi! (Risos)
E - Como foi que...
A - Ficou em Lisboa pero luego... (Tom de riso) não parou hasta que foi, "p'a" lá. (Risos)
E - Sim? Como é que foi? Foi ele, que tentou, foi a, a Amélia...?
A - Foi ele! Ele.
E - Foi ele?
A - Claro!
E - E os seus pais?
A - Ui! Fatal! Fatal. Isso, cada vez que lhe veian, fatal!
E - Não gostavam dele! Ele não ficou em vossa casa!?
A - No.
E - Nesse, nessa fase.
A - No.
E - Pois. Os seus pais não queriam.
A - No. E então foi quando yo um dia...
E - E, e o problema era... Mas conheciam-no? Chegaram a...?
A - Sim! Chegaram a conhec...
E - A conhecer e...
A - ... a conhecer-lo! Sim.
E - A conversar com ele e...
A - Sim. Sim.
E - E o que é que eles diziam que não gostavam dele!?
A - Não gostavam porque, primeiro porque, em primeiro era, era, ele... ele, porq...
E - Porque viam a filha feliz com ele? Ou não? Sim! Não?
A - (Tosse) Numa...
E - A Amélia gostava do seu marido, não era?
A - Sim! Sim, sim. Pero ellos, pois, encontravam de que não era la persona adecuada "p'a" mim.

- E - E porquê? Porque é que eles. . .
- A - Porque não tinha, não tinha trabalho. . .
- E - Sim.
- A - . . . e. . . e, e. . . encima, era estrangeiro!
- E - Sim. Eles queriam outro tipo de pessoa!
- A - Eles quer. . .
- E - O que é que acha que eles queriam para marido para si? O que lhe parece?
- A - Marido para mim, sempre, sempre tiveram, sempre tiveram la mania de não deixar-me. . . ter um. . . o novio que a mi, que eu queria. Sempre era o novio que eles queriam.
- E - Hum. E o que é que acha? Que tipo de pessoa?
- A - Era sempre, pois uma pessoa com, eles sempre pretendiam para mim uma pessoa, pois, com um emprego. . . fixo, com um. . . um soldo fixo, uma pessoa, pois, que me pudera, pois isso. . . manter, pois. . . sempre han tenido essa mania.
- E - Hum.
- A - Eles qualquer persona não lhes servia.
- E - Hum.
- A - Sempre pretendiam, pois. . . (Pausa) algo mais.
- E - Acha que queriam uma pessoa, digamos, não sei se estou a empregar a expressão, de um meio. . . igual ou superior!?
- A - Isso era.
- E - Seria?
- A - Sempre igual ou superior. Sempre.
- E - E achavam que o seu marido não estava aí nesse. . .
- A - Não estava em las condi. . . ness. . . nessas condiciones.
- E - Hum.
- A - Sempre; porque lembro-me, porque, fija-te, que havia um, um, um rapaz já aí de, vizinho nosso. . .
- E - Hum.
- A - . . . que o pobre, andava todo el rato atrás de mim. (Sorriso de E.) Era. . . eu sempre me, me. . . me rio a veces com minha, com a minha filha porque a minha mãe têm aí fotos e. . . e cosas de, deste, no? Me mandava quando estava, pois foi a fazer a. . . a. . . o serviço militar para. . . África e luego me escrevia muito e. . . me dizia a. . . a dizer-me. . . a minha filha disse: “- Que era tu novio?” Digo: “- No, este no era mi novio.” Digo. Ele era novio mio, yo su novia no era!
- E - Sim, sim, sim, entendo. Ele. . . (Tom de riso)
- A - Sim.
- E - . . . convencido que acabava por vir a. . .
- A - Sim.
- E - . . . aceitá-lo. A Amélia aceitá-lo.
- A - Pois, n. . . e, e era um rapaz a. . . majissimo, no? E porque entonces, pois mi madre no, no, no. . . pois no era um novio bien para mim porque, porque era de pi. . . era, era empregado de una. . . de una. . . de uma. . . de uma tenda.
- E - Sim.
- A - De uma loja.
- E - De uma loja.
- A - E claro, não tinha estudos nem nada como. . . e, e, e a ver, para isso havia estado estudiando eu e havia. . . preparado, (Imperceptível) me havia preparado ella para que agora for a a casarme com um que não tinha nem estudos, nem. . . nem nada. Que hoje em dia !fijate!, hoje em dia que es. . . muito melhor um homem seja uma pessoa que esteja empregado numa tenda de una persona que tenha estudos. Verdade que eles então eram, eram assim.
- E - Hum, hum.
- A - E ela não via como um. . . que. . . não via que era um futuro para mim.
- E - E não trabalhando o seu marido nessa época. . .
- A - É pior todavia.

- E - ... quais eram as qualidades que, para si, o seu marido tinha?
- A - Qualidades. ... si, não sei. Qualidades. ... era uma boa pessoa. (Pausa no discurso)
- E - Ou seja: para si, o facto de ele não trabalhar não foi um obstáculo!?
- A - Não, não tinha obst. ...
- E - Não é? O que é que gostou dele? Pronto, a gente quando gosta não, nem sempre sabe explicar, mas. ...
- A - Não, não, não te sei explicar. ...
- E - O que é que. ...
- A - ... também.
- E - Mas o que é que. ...
- A - Não te, não te sei explicar, também o que, qual era a. ...; também, não estava eu enamorada, nu. ... nunca, no est. ... nunca estive enamorada, também lo que quer dizer enamorada, enamorada, nunca estive.
- E - Hum, hum.
- A - Agora, era porque era, era um. ... era. ...
- E - Pois.
- A - Não sei. Pois, era una persona, uma pessoa culta.
- E - Hum, hum.
- A - (Tosse) Era. ... no se, não te posso dizer assim mais. ... Porque tam. ... também mais, no, yo te digo: não estava enamorada, enamorada. ...
- E - Hum, hum.
- A - ... o que era enamorada.
- E - Hum, hum.
- A - Eu gostava, pero lo que era. ...
- E - Não foi assim uma paixão!?
- A - Não.
- E - Hum. E ele era atencioso? Consigo?
- A - Sim! Sim. ... (Pausa) É, era. ... a, a. ... mas, yo creio que também havia, havia la, la. ... la rebeldia, essa minha, também hacia mi família, no? Que disse: “- Pois a vós outros não gusta, pois eu mais todavia.” No?
- E - Hum, hum.
- A - Eu, eu sempre hay tenido como um, una, um. ... não sei, isso eu não sei explicar mui bien porque algum, no fundo tendrá algum motivo, no?
- E - Hum, hum.
- A - Porque eu siempre hay sido rebelde, hacia mi família; quando ellos diziam no, yo dizia sim.
- E - Hum, hum.
- A - Nunca, nunca hay sabido porquê, porquê és isso. À lo mejor porquê, porque, tão pouco no. ... não foram muy carinhosos conmigo.
- E - Hum, hum.
- A - À lo mejor faltou aí isso. Eu. ...
- E - Acha?
- A - Yo creio que sim! Yo creio que, que les faltou o carinho, hacia mim. A la atención. E já te disse, te he dicho antes que: la del médio. ...
- E - Hum, hum.
- A - ... que nem para um lado nem para o outro hay ido.
- E - Hum, hum.
- A - Eu creio que há sido isso, sempre.
- E - Acha que estavam muito, muito ocupados com outras preocupações?
- A - Eu creio que sim. Eu creio que. ... que faltou. ... não, n. ... no. ... não posso dizer que me faltaram, pois no sentido de, de, de. ... de, de, de. ... ou que es. ... manutención. ... pois. ... essas cosas, não?
- E - Hum, hum.
- A - E. ... e. ... de, pois que na. ... que necessitavas qualquer coisa e. ... e siempre tenias mais ou menos, se não era agora era amanhã, pero logo te dava, no? Pero logo, eu creio que el factor carinho hay a. ... a. ... hay fallado. (Ruídos

de crianças ao fundo) Que no... mi madre no hay sido una mulher muy... muy carinhosa. Mi padre, pois, tan pouco. Era mais... se queres, era menos autoritário que mi madre, porque mi madre era... sempre assim autoritária...

E - Hum, hum.

A - ... e lá quien llevo sempre la batuta ha sido mi madre. Mi madre era la... la... si. La que llevaba la... la renda de, de tudo. E é... é...

E - Uma mulher de armas, não é?

A - Sim.

E - Como se costuma dizer.

A - Sim. E yo creio que, que aí... mi padre não era autoritário, pero, yo creio que aí foi... factor carinho.

E - Hum, hum. Acha que o facto de o seu pai ter saído que pode ter tido influência? A sua mãe ter estado sozinha, com vocês e ter que...

A - Puede que sim.

E - Hum, hum.

A - Puede que sim. Que haya sido una de las cosas de ella tener que hacer de madre e de padre e... e já te digo: o meu padre era mais band... era blando.

E - Hum, hum. E quando o seu pai estava, era diferente?

A - Hum. Sempre, que mi madre sempre ha llevado...

E - Hum, hum.

A - ... la... cosa, era, era la que ponía, disponía, la que mandava em mi padre e em nosotros. (Risos de ambas)

E - (Tentando traduzir a gestualidade de Amélia em oralidade) Mulher de armas! (Tom de riso; riso)

A - No sé se era de armas, pero... (Tom de riso; riso de E.) ... lo que dizia, lo que dizia mi marido: "El Salazar à la, à la..."

E - O Salazar ao pé deles...

A - (Traduzindo a gestualidade de Amélia em oralidade) Nada!

E - Não era nada!

A - Pero, siempre han sido assim las mujeres, de la parte de la familia de mi madre são todas assim.

E - Sim?

A - Sim.

E - Que curioso.

A - Sim. São todas muy autoritárias. Todas.

E - E acha que isso trás vantagens, ou desvantagens...? O que é que acha disso?

A - Hum... Eu...

E - Curioso! Não é?

A - Yo creio que tiene que estar repartido, non?

E - Hum.

A - (Pausa) Pero... siempre han sido muy autoritárias las mujeres. No se porquê?

E - E acha que, que as outras mulheres em que, em que está a pensar, não é?

A - Sim.

E - Que também aa... a... em relação ao afecto com os filhos que também havia assim... que era semelhante?

A - São bastante parecidas, todas, hã?

E - Que havia afecto, mas pronto não...

A - Sim. São bastante parecidas, todas.

E - Hum, hum.

A - Não sei se ellas eram assim, também, porque... porque há... em, em, em casa de mis abuelos ha sido al revés e ellas, e ellas han hecho esso desde um princípio, porque, não sei se é porque em... é... mi abuelo...

E - Hum, hum.

A - ... era ele... é... el macho; era ele que mandava. E a minha abuela sempre ha sido la, la que... la que estava aguentando à...

E - A passiva. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - A passiva, no? A minha avó.

E - Pois.

A - Ella, ella encantada de que tu, pois ela não nunca te dizia que... te dizia: “- Me gusta mais, me gusta menos...” Pero, nunca te ponía pegas p’ a... .

E - Hum, hum.

A - ... “p’ a”, “p’ a” nada, no? Nem que, nem, nem... nem el peñado, nem el color de pele, nem nada, nada; pero mi tia A. sim! Mi tia A. era, era... “- Este penado no me gusta, porque te tenias que hacer hacia al lado e te tenias que hacer mudado p’ arriba, porque te tenias que poner p’ abajo...” E iba a la peluquera e le decia: “-” Porque si, porque tenias que poner e lo tenias que hacer esto e ponias aquello...” “E tenias que ponerte el traje esto porque te quedava bien porque el otro te quedava no se quantos.” (Riso de E.) Tenia problemas... .

E - E acha que esse tipo de... .

A - ... com, com mi prima que, mi prima es, es... es de mi idade, tenho uma prima que é de mi idade, e... mi prima se casou, precisamente, muy jovem precisamente por, por, por el carácter de mi tia que era... que era muy, muy, muy, muy... (Pausa) tenia muchos... en controlarse las dos, por isso.

E - Era muito controladora!

A - Sim. (Pausa)

E - No seu caso, acha que essa forma da sua mãe ser, era consigo, era com a sua irmã!? Também? Era assim em casa, não é?

A - Sim.

E - Pois.

A - Hum.

E - E que, o que é que acha que isso... aa... como é que acha que isso... influenciou, se é que influenciou; talvez, não? Aa... a si e à sua irmã e ao seu irmão!? Na formação da vossa pessoa? Cada um de vocês.

A - Eu creio que nós, nós salimos um pouco também, assim um pouco. (Risos)

E - Acha, portanto que foi... vantajoso para vocês?

A - Eu creio que não!

E - Num balanço global... .

A - Num balanço global, eu creio que não!

E - Hum. (Pausa)

A - Por exemplo mi, mi hermana sigue teniendo, sigue el mesmo carácter de, de... de, de mi madre.

E - Hã!

A - Lo que passa es que... pff!... Há vezes que... que no puede! Pero si pudiera, si; seguiria... sendo... es um pouco autoritária, também. Mi hermano não es tão... es, es menos autoritário.

E - E a Amélia está no meio! (Pausa/ Ruído de móveis a arrastar)

A - Yo también, yo, yo, yo sou mais, me pareço com mais, en la forma de ser, com mi hermano, que com mi hermana. Nosotros somos más... más, sim no momento dado somos um pouco autoritários, pero luego... dejamos um pouco más la cosa, no? Pero mi hermana no, es... (Cão que ladra)

E - E quando diz que não foi bom para vocês em que é que está a pensar? (Cão que ladra)

A - (Cão que ladra)

E - Essa educação teve... (Cão que ladra) acha que... que essa mãe, não é? Com essa presença, não é?

A - Hum.

E - Estou a ver a sua mãe, com a descrição que me está a fazer, não é? (Tom de Riso; cão que ladra continuamente)

A - Sim.

E - E depois de ter mostrado a fotografia. (Tom de riso) Portanto, uma mulher, não é?

A - Sim.

E - Sempre activa, não é?

A - Hum, hum.

E - Como disse.

A - Sim, sim, sim, sim.

E - Para ver se eu percebi bem.

A - Sim, sim.

E - E portanto. . . que tinha sempre energia para tudo. . . e que. . .

A - Hum, hum.

E - . . . assumia as coisas, não é?

A - Sim.

E - Não, não passava para outros as responsabilidades, pelo contrário, não é?

A - No, no, no. Nunca, nunca, nunca!

E - Puxava as coisa a ela.

A - Sim.

E - E isso aa. . . na formação de uma. . . não é? De uma pessoa. . . (Pausa) o que é que. . . trouxe de. . .? Diz que, num balanço global, que não foi bom. . . Há bocadinho “tava” a falar que talvez o afecto, não? Portanto, acha que houve mais autoridade do que afecto e dizia que talvez as coisas equilibradas, é nesse sentido?

A - Sim. Yo digo nesse sentido.

E - Mas, acha que ela ao ser assim, que vos. . . educou para serem aa. . . para irem à vossa vida? Para serem autónomos? Ou. . . ou que essa educação, assim dela, que pelo contrário que. . . que vos. . . que vocês tiveram dificuldade em se autonomizar da casa dos pais?

A - (Pausa) No, no creio! No creio que. . . que isso fue una. . . hum. . . no, n. . . não te sei explicar!
(Pausa/Hesitação)

E - Que os educou para serem autónomos?

A - Yo creio que sim! Yo creio que. . .

E - Pensa que sim?

A - . . . nesse sentido, ela nos educou para ser autónomos, sim.

E - E acha que conseguiu?

A - Sim!

E - E que foi positivo!?

A - Sim! Sim! Nesse sentido, sim.

E - Depois, há outro lado, não é?

A - Sim.

E - Da atenção. . .

A - Da atenção, sim; sim, claro, porque nesse, claro, nos educou para sermos autónomos, pero. . .

E - Sim.

A - . . . (Ruídos de fundo) que tanto que. . . tanto nos educou para sermos autónomos que, mira, yo de. . . desde. . . sempre, sempre nos hemos aa. . . sempre nos he. . . , sempre hemos, desde que salimos de casa, sempre. . . aa. . . hemos solucionado, nosotros mismos los problemas nuestros; nunca recorremos à, à mis padres para nada; nem mi hermano, nem mi hermana, ni yo.

E - E saíram, relativamente, cedo!?! Todos de casa!?

A - Si. Mi hermana. . .

E - Organizaram a vossa vida. . .

A - Si, si, si. E desde entoncess nunca hemos recorridos a. . .

E - Mais ou menos vintes? Aos vintes? Ou que idade, mais ou menos?

A - Sim. Por aí.

E - Sim.

A - A los vintes.

E - Hum, hum.

A - Sempre, sempre. . . desde que salimos de casa nunca, nunca, nunca mais hemos recorrido a, a. . . a ningún, p'ra ningún sentido, hã?

E - Hum, hum.

A - A los padres, “p’a” solucionar esto, “p’a” solucionar aquello.

E - E para as pessoas da sua geração. . .

A - Hum.

E - ... esse comportamento era comum, ou não? Vocês eram uns filhos diferentes dos outros filhos, das outras pessoas dessa época?

A - Yo creio que non, que entonces más ou menos cási toda la gente, más ou menos la gente que conocia yo, no?

E - Sim.

A - Aunque, bueno, la autoridade, esta, que tenia mi madre pois à lo mejor no, a las otras famílias, à lo mejor era el padre!

E - Hum.

A - Se em mi casa era a madre, pois, en las otras famílias era el padre!

E - Hum.

A - Pero sempre, era, era um, era uma generación bastante autoritária ness. . . , penso eu.

E - Hum, hum. A dos pais?

A - A dos nossos pais. Porque, lo que te digo, se a lo mejor não era la madre, mi casa era el caso que era mi madre!

E - Hum, hum.

A - Pero. . . noutras casas de, de las, de la generación mia, pois é, era el padre! Que total no era lo mismo, pero bueno, funcionava de la mesma maneira. Yo creo que eram bastante autoritários naquela época. De qualquer maneira eu, eu creio que. . . não sei se es, se es de, de, de, característica de los Portugueses. . .

E - Hum.

A - ... yo creio que são bastante autoritários, no? Porque, yo, po. . . por exemplo ahora, quando voy a. . . a Portugal e com relación, pois, ahora que conoces, por exemplo la gente daqui. . .

E - Hum, hum.

A - ... dos países daqui, e los Portugueses, e yo sigo vendo. . . los padres Portugueses mais autoritários que los daqui.

E - Hum, hum. (Pausa) Os daqui acha que são mais afectuosos com os filhos!?

A - E. . . mais permissivos.

E - Mais permissivos.

A - Yo creio que. . . lo que es mi generación, por exemplo mi. . . mi hermana, la gente que, que é agora da la mesma idade mia e. . . meu hermano e todos, yo creio que são mais autoritários que aqui; e mi hija, por exemplo, se deu conta desse. . . , desse, dessa, disso.

E - Hum.

A - Dess. . . desse, dessa. São mais autoritários. No se se es. . . educación. . .

E - Hum, hum.

A - ... se es. . . não sei porquê, pero. . . la gente daqui es mais permissiva. (Pausa)

E - E acha que ainda hoje aa. . . os pais – uma vez que está a falar da comparação, não é –?

A - Hum, hum.

E - ... que hoje os pais da sua idade, em relação aos filhos, está a dizer que são, acha que os Portugueses são mais autoritários que os Espanhóis, os Espanhóis daqui, não é?

A - Hum.

E - E acha que continua a haver essa diferença entre autoridade e afecto ou que há uma mudança, nas gerações Portuguesas? Portanto, da geração dos seus pais para a sua geração?

A - (Pausa) Hum. . . yo creio que isso, que, que todavía siguen menos, son menos afectuosos com los hijos. Comparando, te volvo a hacer la comparación com aqui porque, te tengo que comparar porque praticamente, pois, vivo aqui.

E - Hum, hum.

A - Bueno, praticamente vivo. . . yo creio que s. . . son menos carinhosos que la gente daqui.

E - E comparando a sua geração. . .

A - A minha. . .

E - ... de Portugueses. . .

A - ... eu creio que sim, que. . .

E - ... com a geração dos seus pais?

- A - ... que todavia. ... sim. Hum. ...
- E - Houve mudanças? Na forma de educar?
- A - Na forma de educar. ...
- E - Da geração dos seus pais?
- A - Sim, hombre, claro! Tene, tene, tene que haver mudanças, no? Por los anõs. Por tudo, no? Pero é. ...
- E - Pois, não sei. Não sei porque a sua experiência de vida é única, não é?
- A - Hum.
- E - É por isso que eu gosto de falar; quero falar consigo!
- A - Yo creo. ... que no ha havido mucho, nesse sentido de l' afecto eu creio que les falta, que falta também. Eu creio que falta.
- E - Mas acha que houve mudanças.
- A - Sim.
- E - Aa. ... por exemplo?
- A - (Pausa) Por. ... hombre, claro! São mais permissivos, também, que nuestros padres porque. ... entonces. ... entonces no te deixavam ir a ningun sitio.
- E - Hum, hum.
- A - Mira, que estava eu trabajando no Porto, no me deixavam ni ir al cine por la noche! (Risos de ambas)
- E - Isso porquê? Por ser rapariga!? Se fosse rapaz ia?
- A - Eu creio que sim, no?
- E - Hum. Pois.
- A - No sei, porque ta. ... como na minha família não tínhamos muitos rapazes. ... a meu irmão deix. ... , deixaram fazer ha. ... t. ... tudo. Aa. ... a nós não! E. ... e claro! Já sabes que tinhas que estar a casa, em casa às, a las oito, oito da tarde ou à las oito e meia, mais tarde possível.
- E - Para o jantar.
- A - Para jantar; se não estavas para jantar. ... e luego não saias de casa, mais, em todo, em. ... nem que fora fim de semana, nem nada. E hoje em dia não! Hoje em dia que, que. ... permitem sair, permitem. ... bastante mais, pero. ... siguem sendo também mais. ... bastante rectos, no?
- E - Do que aa. ... portanto, mais autoritários do que os de aqui. Mas acha que aa. ... os casais, agora da sua geração que têm, filhos, têm mais confiança nos filhos, do que os da geração dos seus pais?
- A - Sim. Sim, sim. Eu acho que sim.
- E - E a relação pais-filhos? É mais próxima?
- A - É mais próxima, também! Sim. Mais próxima.
- E - Talvez por isso possam ser mais permissivos? ...
- A - Sim. É mais próxima. Sim. Agora, não chegam a ser como los bascos, como aqui.
- E - Hum, hum.
- A - Aqui são mais abertos.
- E - Hum, hum.
- A - Pelo menos a gente que conheço eu.
- E - Sim, sim!
- A - Não te posso falar. ...
- E - Claro! E estamos a falar da sua experiência.
- A - Sim, sim.
- E - Exactamente!
- A - A gente que conheço eu.
- E - É isso mesmo.
- A - A gente que conheço eu são mais permissivos com. ... , são mucho mais abertos a c. ... a, la a gente aqui é m. ... , tem, há mais confiança; padres e hijos que. ... que, que, yo vejo; lá, também, não conheço m. ... , também não tenho relação. ...
- E - Pois, mas das pessoas que conhece lá. ...
- A - Das pessoas que tenho. ...

E - ... e das pessoas que conhece aqui!

A - Sim.

E - Exactamente. (Ruído de isqueiro a acender) Sim Senhora. (Ruídos de louça) Bom, Amélia, são cinco e vinte...

A - É quê? Tem que fazer alguma coisa?

E - Não! Mas não sei, aa... não sei é se quer continuar a conversar, que isto... não é?

A - Eu posso, eu posso continuar.

E - Pode?

A - (Vou fazer outro xixi, sim. Tem frio?)

E - Não.

A - Não?

E - Não, não. Estou assim mas é a minha forma de estar...

A - Hã. Senão ponho a, a...

(Interrupção na gravação)

A - A - (...) Coisas mais, problemas que, que tive, no? Sempre assim...

B - E - Todos temos, não é?

A - Sim. Passei, passei bom tempo aí. Quando estive aí. (Referindo-se ao período do Estoril)

E - Já que fala nisso, a si o que... quais são, olhando para trás, quais são os, os bons momentos da sua vida, assim que recorda? Esse, por exemplo, foi?

A - Sim.

E - Essa fase...

A - Sim, essa fase, pois...

E - E desde, desde que era pequenina?... África!... Momentos... que recorda assim com...

A - Assim, em especial?

E - Sim. Especiais.

A - Não tenho nem especiais, não tenho nenhum momentos... tive momentos maus, por exemp... por exemplo esse momento quando... quando fiquei... grávida e isso, no?

E - Hum, hum.

A - Hum! No tenho momentos, no! Não posso dizer que tive uma, nem uma infância com... má!?

E - Hum, hum.

A - Nem uma adolescência má!? Não! Não.

E - Portanto: recorda assim com... quando olha para trás...

A - Lo recuerdo tudo muy bonito, muito, muito bem!

E - Hum, hum!

A - Entre todas las trampas e todas las cosas que hacia com essas idades, no? Porque andava sempre que... haciendo, dizendo mentiras e haciendo trampas e haciendo cosas, porque como los padres no dejavam fazer nada! (Tom de riso; riso) A gente tinha de andar... lembro-me de, de... de tabaco, no? Que não podias fumar, não?

E - Sim. (Tom de riso)

A - E levo fumando desde os quatorze anos! E a esconder o tabaco e a... e... yo o que se, e as coisas que fazias para que, como os pais não te deixavam fazer nada!... (Risos de E.) E pero, lo recordas como bonito, no? Como...

E - E de África também?

A - De África também! Sim. De África tenho... um... pois dos, dos anos que estive em África, sim. Tenho um...

E - Que sentimentos tem? Em relação a esse período de África?

A - Hã! De, tenho... um bom sentimento; tenho, tenho um sentimento de, de... m'acuerdo... lembro-me, lembro-me muito de, de... dessa época; uma época muy bonita. Sim, porque aquilo "p'a" mim era... era como um potro salvaje... selvagem!? E yo sempre fui muito mala, hã? De pequena, hã? Muy mala! (Riso de E.) Sempre... e, e... e estava como, como livre, no? Pois andava aí por...

E - Hum, hum.

A - ... por a fazenda, pois aí não havia nem carros, nem nada, verdade? Era, era como, como livre, no? Fazia tudo que... não tenias problemas com nada, aquilo era. . .

E - Tinha amigos? . . .

A - Tinha amigos e assim. Sim e lembro-me um. . . uma época má que passei, que aí também me rebelei um pouco, que foi quando comecei a escola.

E - Hum, hum.

A - Entonces, comecei a escola. . . (Tosse) e os meus pais com a. . . na, na fazenda não havia a. . . escola. Os meus pais me levaram a casa da, dessa minha tia, da minha tia F.

E - Hum.

A - Que era lá. . .

E - Em Luanda.

A - Em Luanda, que estava casada aí, casou aí. E levaram-me a casa da minha tia F. E entonces, eu aí rebelei-me um pouco.

E - Re. . . revoltou-se!?

A - Sim.

E - É isso? Para ver se entendi.

A - Me revoltei um pouco. . .

E - Sim, sim.

A - ... porque não queria que me levarem da fazenda a. . . a casa da minha tia F.; e à escola menos, claro! Aquilo para mim no. . . no estava bem! Eu tinha que estar na fazenda. E. . . e entonces a minha maneira de rebelar-me era. . . no comer. Eu lembra-me que no, no comia. Punha-me a. . . a mesa, a minha tia. . . (Tosse) e punham-me a comida e yo não comia! E não era porque não comia porque não tivesse. . . fome, hã? Não comia porque não me dava. . . não me dava la gana comer. Entonces. . . a minha tia se zangava muito comigo! E é. . . e me deixava de castigo, me castigava! E deixava-me de castigo na mesa, porque. . .

E - Porque percebia que tinha fome e não comia por. . . por. . .

A - Eu não sei porque lo, se ela se percebia de alguma coisa. . .

E - Claro!

A - ... eu, eu sei que ela me deixava na. . .

E - De castigo!

A - ... de castigo na mesa, que dizia-me: “- Hasta que não termines de comer, não saís da mesa!”

E - Hum, hum.

A - E yo era capaz de estar una tarde inteira sentada na mesa e no comia! E algumas vezes até. . . até me dava uma chapada. . .

E - Hum.

A - ... e então, eu mais me rebelava, me rebelava, me revoltava muito com, com isso. E era todo ello porque no é. . . no! Porque isso que a minha mãe me mandasse a ia a casa da minha tia para ter que ir à escola e algumas tardes dessas fiz-lhe muitas, a minha tia também.

E - Hum.

A - Sim. E à, e. . .

E - Mas, na escola, correu bem!? O estudo!?

A - Sim. E. . . algumas vezes saía da escola e não ia “p’a” casa. (Pausa) E. . . a minha tia todo o dia hum. . . a. . . aí a ver por onde andava! . . . (Sorriso de E.) . . . até que me encontrava, no?

E - E onde andava, brincando!?

A - Brincando. . . ia, ia com alguma amiga da escola a su casa, em vez de ir à minha, ia a. . . a de la amiga. (Risos de E.) Sim. Sim. E é. . . e, e lembro-me de que, por exempl. . . por ejemplo, pois quando começava com los deveres e com. . . de casa e isso, que não queria fazer, também, los deveres com a minha tia.

E - Hum, hum.

A - Era o meu tio, ele que. . . ma tinha que. . . ensinar-me a fazer os deveres, porque eu com ela não queria fazer os deveres. E. . . sei que n. . . esse tempo também lo passei mal.

E - Mas na escola gostava de estar, depois!?

A - Sim, sim! Na escola gostava de estar.

E - Hum, hum. De facto, quando lá estava. . .

A - Sim. Quando estava na escola gostava de estar. (Tosse)

E - E com os professores?

A - Os professores bem, também.

E - Sim?

A - Sim. Lo. . .

E - Eram só Portugueses? Não. Na escola?

A - Sim.

E - Na escola eram, eram só Portugueses que estavam na escola!?

A - Sim. Sim, sim, sim, sim.

E - E os professores eram Portugueses, também!?

A - Hum, hum. E sei que nesse, nessa época me. . . hum. . . estive um pouco, assim, revoltosa porque, porque, isso. . . yo creio que era. . . (Tosse) foi essa la, la. . . la cosa, que eu não queria estar aí com minha tia e. . . queria estarna fazenda com os meus pais, queria, não queria. . .

E - Pois, era mais livre na fazenda do que na cidade.

A - Claro! Do que na cidade. E havia algumas vezes que também não falava! Estava muda. (Risos de ambas) E então a minha tia, pois, a minha tia, pois já sabes que naquele tempo se solucionava tudo a dar-te uma. . . (Risos)

E - Pois!

A - . . . se solucionava tudo com la mano, no? (Risos de E.) E a minha tia, hum. . . sei que algumas vezes me. . . ma dava.

E - (Traduzindo a gestualidade de Amélia em discurso oral:) Levantou a mão. (Risos)

A - Porque de repente, “tava” yo e não falava. (Risos de E.) E isso de comer, lembro-me muito bem, porque además me lembro que havia um, tinha um, um. . . um criado. . .

E - Hum, hum.

A - . . . o J.; chamava J.. E eu lembro-me que às vezes me deixavam na. . . na. . . na sala com a comida aí. . . posta, e é. . . e o criado andava para trás e p’alante, para trás e p’alante e eu dizia: “- Este criado porque no, não me quitará a comida.” E logo disse à minha tia que comi! Pero, que já sabes que não se atreviam a fazer essas cosas, no?

E - Pois.

A - E ali estava un rato esperando que o outro me quitasse o prato e ele não quitava o prato. . . (Tom de riso; risos) e claro, e a mim não se me, tam. . . ta. . . e, e eu também. . . se, se es hoje em dia com, por las. . . crianças que há, de hoje em dia, alguma. . . eu vou, atiro a vassoura à. . . ao lixo e logo digo: “- Comi!” No? A mim, eu não fazia isso, hã!? Eu não fazia isso. Deixavam-me aí com o prato e eu aí com o prato estava, hasta que. . .

E - Pois. Era para marcar!

A - Para marcar. (Risos) Sim, fazia essas coisas. Essa, essa época, sim, es que. . . que eu me lembre, que nunca disse à minha mãe que. . . que a minha tia F. que me. . . que me dava, às vezes, hã?

E - Sim.

A - Nunca! E. . . foi o ano passado, a. . . hace dos años, dois, dois anos que estávamos a falar disso, no? E eu um dia le digo, à minha mãe: “- Sim! E a tia F. que. . . que se le iba la mano e. . . e me dava!” E disse: “- A tia F. te dava!?” Digo: “- Claro que me dava!” Digo: “- Pergunta-lhe!” (Risos de ambas) “- Pois nunca me havias dicho que te. . .”

E - Pois! . . .

A - “- . . . que te pegava!” Digo: “- Qualquiera te dizia.” Digo: “- Te digo eu que a tia F. me dava e tu eras capaz de me dar outra vez!” (Risos de ambas) A saber porquê. (Tom de riso; risos de ambas)

E - Coisas de miúdos, não é?

A - Porque então era. . .

E - Era a sua forma de protesto.

A - Sim. (Tosse)

E - E depois na. . . em. . . em Bragança também tem. . . boas memórias?

A - Sim!

E - Boas lembranças?

A - Sim. Sim, em Bragança também. Tenho boas lembranças. (Breve pausa) Hum, hum! (Pausa)

E - Desses três momentos, portanto, de África, de Bragança e do... e do Estoril, qual é que acha que foi o momento mais... marcante? Bom, mais marcante para a sua vida. Acha que foram igualmente marcantes?

A - Mais marcante yo creio que foi o do Estoril, claro!

E - Pois.

A - Hum, hum. (Ruído de alarme de carro) Esse foi o que marcou mais.

E - Costuma lembrar-se da sua, da sua adolescência?

A - Sim.

E - Sim?

A - Eu passo que muitas vezes procuro não lembrar-me.

E - Sim?

A - Porque... porque no! Porque... (Sorriso) agora vamos lá saber... (Sorriso de E.)... a nostalgia. (Sorriso; barulho de assoar)

E - Porque gostou desse tempo, não é?

A - Sim.

E - Desse... é por isso!?

A - E de las cosas que... que no tenia hecho. (Sorriso)

E - Sim. Hum, hum.

A - Entonces procuro no... no, no lembrar-me “p’a”... “p’a” no darle voltas, porque ja como ja no tienen solución! (Ruídos de fundo de crianças)

E - Claro!

A - Pois, dizes, pois, procurar no... normalmente no suelo contar yo las cosas estas a nadie. (Fala imperceptível de E.) No las suelo contar porque... bueno te las conto. Hay vezes que tenes ganas de hablar, de... no? Pero...

E - Claro! Partilhar.

A - Hã... pero, procuro... hay, porque há... aqui, por exemplo, hay muito pouca gente que, que eu lo conte... (Cão que ladra) todas estas coisas; quitando a... a gente, por ejemplo, esta amigamia que vive em Madrid que, que te digo que estudio conmigo, que me conoce desde cria, e esta amiga, que te digo que, que agora vive em Asturias...

E - hum, hum.

A - ... que también me conoce porque hay vivido aqui conmigo, lo demais es muy difícil que eu conte... estas coisas, aqui! No, no me suele gustar contar mucho!

E - Porquê? Acha que as pess... Porquê? (Cão que ladra)

A - Primeiro porque... (Tosse) porque não me gusta, não, não me gusta recordar-me de...

E - Sim.

A - ... dessas cosas.

E - hum, hum. (Cão que ladra)

A - E logo... não sei!

E - Acha que eles não, não entendiam?

A - Não entendem! Não entendem! (Pausa) Não entend... tu...

E - E não acha que pode haver...

A - ... yo, por exemplo... mira...

E - Desculpe!

A - ... yo, por exemplo, una de las cosas que... por exemplo, eu hay venido para Espanha, já te disse, hay venido para Espanha num arrebatu desses de... (Sorriso de E.) De que digo: voy para Espanha e... me disse a minha amiga, esta de, de Asturias: “- A ti te han dicho vem para Espanha que aqui se gana dinheiro e tu...” (Risos) Foi mais ou menos um ano um arrebatu que he tenido, no? Logo, pois, vienes, te afincas e te haces cómoda e te vas quedando, no? Normalmente no...

E - Não conseguia emprego, não é? Tinha nascido a...

A - Sim.

E - ... a M.

A - Sim.

E - Veio com ela bebézinha!?

A - Primeiro vim eu.

E - Ela não veio, pois.

A - E logo fui a buscar-la.

E - Pois.

A - Quê? (Chegada da filha da entrevistada que dialoga com esta/Interrupção na gravação) ... e, e claro, sabes que, normalmente. ... (Nova intervenção da filha da entrevistada que entra na sala/Ruídos de fundo/entrada do cão na sala; Amélia dirigindo-se a E.: «... porque este es, es muy rabioso, hã. ...»?). Voz de fundo de uma terceira pessoa (M.)... «Vete, vete com M! Anda! Anda, vete!» em tom imperativo; Voz de fundo de M. Amélia dirigindo-se a E.: «¡Já cá está, já... já has visto? (Risos) Bueno, já está»).

E - Não es precioso! (referindo-se ao cão de A)

A - (Risos) Si, pero tiene una mala hostia. (Gargalhada)

E - Si, que he visto. Pero es, es... (Risos de ambas)

A - Si, una mala hostia, para el enano que es... Si... una mala hostia... (Tosse de E.)... Eu, o que te estava dizendo, que muchas vezes pois no, no cuentas porque... normalmente la gente aqui tene ideia de, de, de, de l'emigrante!

E - Hum, hum.

A - Já sabes, no? Tene una ideia... tene um estereótipo formado de l'em... de l'emigrante, no? Todas, pois que s... fija-te, l'empiezo yo a... a, a, a... aqui a qualquer persona e, e... e penso que a lo mejor, pois: “- Olha o que me está contando esta!” No? E yo antes que la gente pense isso, pois muitas vezes no dizes nada! (Tom de riso)

E - Hum, hum. Acha que aqui há má impressão?

A - Sim.

E - É isso que me está a dizer!?

A - Sim. Sim, sim, sim, sim, sim. No es má impr... no es má impreción! Ellos tienen una... ellos tienen um... tienen una... um, um como es? Una cosa, una... tenem um... el emigrante es, es... eu muchas vezes hay discutido com la gente daqui, no? Digo: “- Es distinto el...” “- Porque assim, porque todos os Portugueses são esto, são aquilo, fazem esto são aquilo...” “- Bueno, somos... todos os Portugueses, no, somos incultos. Somos é... somos é... é... marranos...”

E - Hum, hum...

A - “... hemos venido aqui porque no teniamos lo que comer em nuestra terra...”

E - ...hum.

A - Montones de cosas assim, no? E há vezes que por, bueno, pois... muchas vezes lhe digo, me callo e não, não digo nada porque, digo: “- Vá, no voy a empezar a, a, a discutir com esta persona porque não merece la pena, no?”

E - Pero às vezes, les diz!

A - Outras vezes sim, que les digo. Sim. Hay vezes que, que... que digo. Normalmente, pois... le digo: “- No.” Digo: “- Es distinto.” Digo...” “- Normalmente, la gente que emigra, la grande maioria de la gente que emigra...” Claro que, a maior parte de la gente es gente que no tiene... no tiene... no tiene estudios, no... no tiene preparación é... a nível profissional ninguna, por isso emigra; porque a lo mejor em su tierra pois no tiene, no tiene posibilidades de encontrar trabajo, nem todo o mundo é... tene, es... dessa maneira, no? E yo muchas vezes, mira, yo con esta amiga, que tenho em... esta Asturiana?...

E - Hum.

A - Ella, claro, ella havia conocido em Asturias, el Portugués el que trabaja en las minas... e la gente esa, la gente trabajadora. Ela tenia una mala impresión de los Portugueses.

E - Hum.

A - Ella misma.

E - Ella é espanhola?

A - Ella é Espanhola!

E - Sim.

A - E é... e quando me hay conhecido a mim ella... se quedo, assim, um pouco e começámos a hacer amistad e me disse que: “– Tu no eres igual que los demás Portugueses!” Digo: “– Como que no sou igual que los demás Portugueses? Sou como todos os Portugueses!” “– No, porque yo, los que conosco no son como tu!” Digo: “– Ora, los que conoces tu!” Digo: “– Pero, quantos conoces?” “– Ah! Pois sim! Los que trabajan aí em las minas em l’Astúria.” Digo: “– Bueno, pero no son esos la maioria de los portugueses. Eso es una minoria.” E un año yo la he llevado a Portugal, de vacaciones, conmigo. Disse-me: “– ” Disse-me: “– Tenias razão.” Disse: “– Los Portugueses no sois como los que conocia yo!” E eu digo: “– Claro!” “– No son los Portugueses como los que conocia!” (Tom de riso; riso) (Fala imperceptível de E.) Claro! “– Era uma minoria, la que conocias tu. La maioria somos... como todo o mundo, normal! Gente como aqui.” Sim. Entonces... se le quitou la mala impresión, essa que tinha de... de la gente.

E - Considera-se uma mulher emigrante? (Pausa)

A - Sim. Nooo, emigrante com... com as... com as cosas de... bueno. Pode, pode entrar dentro da, los emigrantes, pero...

E - Hum, hum.

A - ... uma emigrante um pouco rara!

E - Hum, hum. (Pausa) Por isso que, que estive a falar.

A - Hum, hum. (Pausa) No... porque, claro! Lo que te dicho antes é... X (tratando a entrevistadora pelo nome), yo no he venido, porque... eu no he venido a Espanha porque em, em Portugal no tenia que comer! Porque yo tenia a mi familia e... que me apoiava e... e podia, por exemplo, podia pois...

(Interrupção da gravação para mudar de cassete).

A - (...) (Início da cassete com risos) Mira: um dia vou p’ra casa, estava em casa da minha mãe em, em Bragança, e vou p’ra casa, e havia uma, uma vizinha a falar, a falar com uma rapariga aí, não? E passo yo, e, e, e paro, a falar com essa vizinha... (Ruído de isqueiro a acender) e essa vizinha me apresenta à la rapariga e me diz, ‘Está em Espanha esta, a trabalhar’ e le digo yo, “– Sim?” Digo: “– Estás em Espanha? Disse “– Sim!”; digo: ‘– E donde estás?’ disse ‘– Em San Sebastian.’ Que eu não sabia onde estava em San Sebastian, nem... Espanha! (tom muito informal / muito à vontade), Digo: ‘– E que fazes?’ Disse: “– Ah! Estou a trabalhar numa casa de, de... empregada doméstica.”

E - Hum, hum.

A - Digo: “– Pois... arranja - me um trabalho actual! Assim, hã?” E, e me... me ficou, ficou a mirar-me, la vizinha, e, e... “– Que disse, Amélia?” Disse: Como que le arranja um trabalho em Espanha!?” Digo ‘– Tu cala - te!’ (tom de ordem) Que... ‘– Me arranhas um trabalho em Espanha?’ – Digo à rapariga, no? (tom sério). E me disse a rapariga, disse: “– Sim, pero... Espanha, já sabes, a única coisa que podes, que se pode, que podes vir a fazer, pois, es de empregada... doméstica, es a única coisa que te posso arranjar.” Digo: “– Pois, isso! Então arranja - me um trabalho de empregada doméstica!” E a rapariga...

E - (interrompendo): Ela não achava que fosse bom p’ra si!...

A - Claro! E me disse, e disse... disse: “– Pois na casa donde estou eu necessita, a senhora necessita uma cozinheira.” Digo: “– Pois de cozinheira!” Mira: a, a outra vizinha minha disse: “– Como cozinheira!?” (tom de surpresa) Me disse: “– Tu sabes...” Disse a rapariga: “– Tu sabes cozinhar?” Digo: “– Claro!” (tom convicto) No? He de saber cozinhar? Digo: “– Que, que, que aí em Espanha que comeis coisas muito diferentes?” Disse: “– Não! Muito diferentes não! Mas... (barulho de cão a ladrar) coisas fáceis.” Digo: “– Pois eu sei fazer, pois las cosas normais de que se faz aqui em Portugal, de cozinha” Digo: “– Um pouquinho... que aprenda já serei capaz de cozinhar.” “– Sim, es una senhora sozinha.” Era uma senhora que era sozinha...

E - Hum, hum.

A - ... pero, uma senhora que tenia... dinheiro e... sozinha. Pero: “– Pois, vai p’ra lá, p’ra Espanha e dizes à tua patroa...” e e ver se quer uma cozinheira portuguesa! (Risos de ambas seguido de silêncio; ruído de isqueiro a acender) e assim foi...(O cão ladra)

E - Quando chegou a casa contou à sua mãe.

A - Contou-le, a vizinha!

E - Não foi... Ai não foi a, a Amélia que contou!?(Tom risonho)

A - Não, espera! ... No, no, no. Não, não! Fui eu que contei.

E - Foi?

A - Fui eu que contei, porque a vizinha disse, disse, disse: “... que não se... que não se dê conta à sua mãe!... de que, de que, de que, de que... esto, de que... que fui eu la que lhe apresentei a... a rapariga, esta para ir p’ra Espanha!” (Resposta dada com alguns gaguejos)

E - (Quase em simultâneo com a resposta de Amélia) Não se queria comprometer!...

A - Sim, porque a minha mãe...

E - ... perante a sua mãe.

A - Pois... la podia matar! E fui eu, que cheguei “p’a” casa e disse: “- Me vou p’ra Espanha! “ (Gargalhada)

E - E aí?...

A - E aí foi quando a minha mãe, também: “- Pois que não vais bem p’ra Espanha!! Em cima, de criada de servir!... Fijate! Para isso te dava eu, estou eu aqui todos os anos que estubieras estudando e... porque não sei quantos!!...” (Tom zangado) E eu nem me importei... Fiz las maletas e marchei. (Tom de riso)

E - E o, e o seu homem? Estava aí em Bragança!?

A - Sim. Sim, estava aí em Bragança...

E - E ele?

A - E ele, também le, le he dicho: “- Me voy “p’a” la e quando, quando tenga las cosas arregladas venho... a buscar-te a ti e à menina.”

E - E ele?

A - Claro! E logo foi quando fui... Estive aqui trabalhando de cozinheira

E - E foi buscá-los ao fim de uns mesitos...

A - Sim, sim.

E - Então, e como foi? Vieram para San Sebastian primeiro?

A - Sempre para San Sebastian (O sublinhado foi dito em simultâneo por ambas)

E - Não foi aqui para Lasarte!? Foi para San Sebastian.

A - Para San Sebastian, sim.

E - Para San Sebastian.

A - Sim. Bueno, eu, como eu considero mais ou menos; não, estivemos em San Sebastian, pero... te quero dizer que San Sebastian e Lasarte considero eu quase a mesma coisa!

E - Eu, p’ra mim também! Mas como...

A - Sim.

E - Como... em termos de...

A - Não, estivemos a viver em... estivemos em San Sebastian e logo nos viemos “p’a” aqui, a viver “p’a”... para Lasarte.

E - E quando chegaram... para onde é que foram viver? Para casa dessa senhora?...

A - Não.

E - ... onde trabalhava?

A - Não. Não estava... no. Estivemos a viver num piso em San Sebastian. Sim. Em San Sebastian.

E - Mas tiveram pouco tempo aí?

A - Sim.

E - Vieram depois logo...

A - Logo “p’a” aqui pá... “p’a” Lasarte, que aqui os pisos eram mais baratos, então... segue todavia assim... um pouco mais baratos que em San Sebastian.

E - Pois. E o seu marido trabalhava cá?

A - Sim, trabalhava. Logo ele veio e... é... já te digo, já te disse que... (Imperceptível), havia estudado nos Estados Unidos... havia estado, sim entonces... (Vozes de crianças ao fundo) sabia bastante inglês...

E - Hum, hum.

A - ... luego aqui, também se... fez o, o curso de, de la Escola de idiomas...

E - Hum, hum.

A - E luego se dedicava a dar classes particulares.

E - Hum, hum.

A - E quando se morreu, estava dando classes num colégio em Fuenterrabia (Tom muito baixo/ menos entusiasmo que no início da conversa)

E - Hum.

A - Aparte de classes particulares, claro!

E - Hum.

A - Cinco anos que estive aqui sempre te... teve, sempre tinha trabalho; umas vezes mais, já sabes como são essas coisas, no? Houve temporadas que teve mais alunos...

E - Hum, hum.

A - ... outras temporadas que teve menos...

E - Mas, sempre se manteve...

A - Sempre! Sempre manteve...

E - Sempre manteve ocupado!...

A - Sim, sim, sim... (Tom menos vivo que a conversa inicial) Sempre se manteve ocupado.

E - E esse período? Portanto, a chegada... a sua chegada para... aqui, foi difícil?...

A - A minha chegada? (Interrompida por A que questiona)

E - ...ou adaptou-se facilmente?...

A - Ah! No, me adaptei fácil... facilmente, sim. Mas adaptei-me facilmente

E - E gostou!?

A - Sim. Se não t... se não tivess... , isso é o que eu digo muitas vezes, digo: tinha que haver gostado, que sino me hubiera ido outra vez a Portugal.

E - Hum.

A - E à lo mejor hoy en dia estava melhor. Pero... sempre me... isso sempre, hacemos las cosas que... tenia que me haber ido mal. (Tom de riso) O mal é, tenia, me tenia que haber gustado mucho; e a lo mejor me hubiera volto outra vez a Portugal.

E - Portanto, gostou!...

A - Sim, sim.

E - Na globalidade...

A - Na globalidade sim. Não... não, não tive bastante, não tive problemas de, de adaptación nem... nem nada e então..., logo também um pouco mais, logo también tenes el factor orgullo, no?

E - Hum, hum.

A - E dizes... : bueno, no he salido de casa por mis narizes. E entonces dizes: pois, bueno tampoco ahora me voy a ir "p'a" trás a pedir ayuda, no? Isso también es una das coisas...

E - Mas acha que fez bem em ter vindo para Espanha!?

A - Não!

E - Não?...

A - Não! Isso lo que decía antes, que una das coisas que me apena muito es haver venido para Espanha. Es una das coisas que... não, porque, porque... claro, foi um, um... uma decisão de, de momento.

E - Hum, hum.

A - Que lo que te digo, no? Logo, pois... bueno me, me he quedado, pero, se me hubiera quedado em, em Portugal, Fátima...

E - Hum.

A - Pois, claro! Hubiera pasado à lo mejor um... um, una temporada mala.

E - Hum, hum.

A - Tanto eu como, como o meu marido, no? Hubieramos pasado una temporada mal, pois à lo mejor no hubiera encontrado tra... trabajo, em... seguida nem...

E - Hum, hum.

A - ... nem yo nem ele, pero à lo mejor, pois... pois mais tarde, com el tiempo, pois lo hubiera encontrado. E yo creio que à lo mejor, pois... , yo que se? Habia tenido también más apoio al mejor, de la familia e hubiera... tocado mi vida.

E - Acha que se tivesse continuado lá, tinha acabado por viver melhor, digamos assim...

A - Sim.

E - ... do que...

A - Sim, do que aqui. Sim, sim, sim, sim, sim, sim. (Pausa breve) Hay outra seguridad que... aqui siempre sigues siendo el emigrante e no eres de aqui. Sempre tenes trabalho.

E - É estar à defesa?

A - Claro!

E - É isso?

A - Sim. Siempre eres de fuera. Siempre. (silêncio) Aunque te adaptes e... que la gente que te... tu siempre eres de fora. E luego siempre tenes problemas de, de... ahora, por exemplo hay menos problemas com, desde que entrámos en la Comunidad Europea, pero hasta ahora teníamos problemas terribles para encontrar trabajo, “p’á”, “p’á” estar legal, havia todos os problemas de legalização, eram uns problemas terribles!

E - No seu caso, portanto, veio com trabalho garantido, não é?

A - Sim.

E - Isso foi bom!

A - Sim. Bueno, entonces, entonces aa... .

E - E legalizou-se!?

A - Entonces... Ummmh! (Silêncio) Fijate. No, no, no estava legalizada (Silêncio), es una coisa curiosa; (Ah! Ah!) es que também aqui, también las cosas funcionavam... (Risos) e ahora... funcionavam, fijate, (Cão ladrou) yo estava trabajando de, em casa desta senhora, eu estava dada de alta en la seguridad... (Hesitação quanto ao termo a utilizar) na Segurança Social, sabes lo que es el, el... .

E - (Ajuda o discurso de Amélia) Para a reforma?

A - La, lo que es... .

E - Segurança Social?

A - A segurança social?

E - Sim.

A - No, e... no tenia permiso de trabajo.

E - Estava a descontar para a Segurança Social...

A - E no tenia permiso de trabajo.

E - ... não tinha autorização de trabalho.

A - Não tenia... de traabajador, cosa que nunca me la han explicado, como, como, como podia ser e, e esso cuenta. E esso cuenta, porque claro! Yo estou inscrita em la seguridad social, lo de permiso de trabalho es problema dellos, porque... (Tom de riso) porque aí não era problema mio. (Tom resolutivo e risonho) Porque tu nunca podias estar... (gaguejo de Amélia) dada... .

E - na segurança social. (Ajuda ao discurso de Amélia)

A - ... en la Seguridad Social sem permiso de trabalho!

E - (Interrompendo) ... sem estar a trabalhar... .

A - ... sem permiso, um permiso de trabalho!

E - Sim, sim, sim.

A - E yo tenia seguridad social e no tenia permiso de trabalho. Una vez, lo he dicho yo à, à una persona digo: “- Mira... .” Me, me disse: “- Ah! Pois, isso é problema dellos! É problema dellos, claro! Porque yo tenho, estoy dada de alta en la seguridad social desde então.” (Risos) Digo: “- Pero eu não tenia permiso de trabalho. E não se podia dar permiso de trabajo sem... em... estar de alta en la seguridad social sem permiso de trabalho, porque assim já me dirás.” Fijate como funcionava los... (Sorriso) aqui las cosas. Sim. Sim, logo... sim, tenias muchos problemas com... com, com os... com la legalización.

E - Mas legalizou-se? Chegou-se a legalizar?

A - Bueno, sim! Tengo, tengo la... , tengo la... tengo residència. Yo não tenho nacionalidade. Tenho residència.

E - Pois, mas têm a autoriz... o permiso de... .

A - Sim, sim.

E - ... de residència!?

A - Sim, sim, sim. Pero... .

E - Portanto é... porque houve uns processos, agora, de legalização, não é? Nos anos noventa, já. Não é? Recentemente...

A - Sim. Sim.

E - E portanto a sua situação em Espanha...

A - Sim, está legalizada. Sim, tengo la situación legalizada, pero... te digo, pero há... agora, por exemplo... (Tosse) bueno, yo la tenía legalizada já antes de... da la Comunidade Europeia, no?

E - Sim.

A - Porque entonces... sim, tenias que pedir permiso de trabajo, hoy em dia não te necessitas permiso de trabajo, solo necessitas permiso de residência.

E - Ham.

A - O permiso de trabajo se, foi abolido por la, por... por la Comunidade Europeia.

E - Hã.

A - ... por el paso...

E - Mobilidade dos trabalhadores.

A - Isso, isso.

E - Sim, sim, sim.

A - Entonces agora não necessitas permiso de, de trabalho, necessitas permiso solo de residência. Pero, claro! La residência también te la dão se tu tenes unos... meios para viver, no? Senão, não te dão, tão pouco la residência.

E - Hum.

A - Pero, antes necessitavas el permiso de... de trabajo, para que logo te derem la permiso de residência...

E - Hum, hum.

A - ... senão não tenias permiso de residência.

E - Sim, sim, sim.

A - E então aí estava sempre el juego. Aqui, una cosa que la gente nunca le gustava de fazer es los permisos de trabajo!

E - É legalizar o trabalhador estrangeiro, não é?

A - Nunca le ha gustado de legalizar el... o trabajador estrangeiro, não sei porquê, porque à la hora de la verdade, és igual como um trabalhador... Espanhol. Pero, siempre han tenido essa, esse, essa cosa de não querer...

E - Acha que é igual ou haverá diferença?

A - (Silêncio) A la hora de legalizar? Yo creo que es igual. Porque um trabajador, um trabajador... a, a... Espanhol tiene que estar legalizado num trabajo! Tene que tener um contrato de trabalho, tene que tener (Tosse) tudo legalizado, para estar legalizado, no? (Tosse) Entonces... ellos, para ellos siempre haciam, siempre se les hacia una cosa como muy grande el tener que legalizar um estrangeiro, porque siempre pensamos que era alguma coisa rara! E à la hora de la verdade pois... era lo mesmo! Porque los dois tienen que estar legalizados, para estar, para estar bem. Entonces, assim que havia problemas e entonces... havia la, la, la... sempre la cosa ibas a um trabajo e sempre te preguntavam: “- Tiene husted permiso de trabajo!?” “- Como voy yo a tener permiso de trabajo se yo lo estoy pedindo trabajo!? Será para que logo me dêem el permiso de trabajo, no?” Es que... aqui nunca se han entendido muy bem com lo, com lo... da la... de extrangeria. Tanto que antes no havia ninguna lei de extrangeria. Hoje em dia há uma lei de extrangeria, pero antes no havia; quando yo he venido aqui, no havia uma lei de extrangeria! No, no, no, ellos não sabiam como, como... (campainha tocou/ o cão ladrou) poner algo con los estrangeiros. Espera um pouquito.

E - Ficamos por aqui?... Acha que sim?...

FIM da 2.^a ENTREVISTA

ENTREVISTA À FILHA DE AMÉLIA

ENTREVISTA À FILHA DE AMÉLIA

Entrevistadora - Vamos falando e vamos experimentando... Com que então há 20 anos a tua mãe aqui, ah?, isto é uma vida... tu tens que idade? (trato-te por tu, não faz mal?)

F - ¡No!. ¡Sí! 20 años.

E - 20 años ¡ah!, 20 anos, está bem!

F - Sí.

E - Portanto ainda nasceste lá

F - Sí, ainda...

E - ¿Donde?.

F - En Bragança.

E - Bragança. ¿No te recuerdas de nada?, No porque eras...

F - No, era pequena.

E - Pequeñina, has venido... ¿con que edad?...

F - Con meses. Fes y algo, meses, no sé, 8 meses, 10 meses, no se, no se, pero con muy poco con muy poquito, pequeñina.

E - ¿Vamos a oír cómo está la... cinta? (Interrupção da entrevista para ouvir o já gravado para motivar a entrevistada). Vamos continuando, ok, ok. Entonces aquí ¿donde has vivido?, ¿siempre aquí en Lasarte?.

F - ¡Eh!, no se, cuando era pequeña, me parece, vivíamos en San Sebastián, pero luego yo lo que me acuerdo es siempre aquí, ósea son muchos años, no se cuantos, pero de pequeñita, ya tendría igual cuatro años o así cuando vine a vivir aquí, cuatro o cinco, ya siempre he vivido aquí...

E - Aquí en Lasarte.

F - Sí de aquí.

E - ¿Y en este...?.

F - Sí, aquí siempre.

E - Aquí es tu casa.

F - Sí (riso).

E - Y entonces la escuela ¿la has hecho aquí?.

F - Sí, ahí, en la escuela esta de aquí en frente.

E - ¡Uh!, ¡uh!.

F - Y luego pues el instituto y la Universidad, y todo aquí.

E - ¿Y la escuela te ha gustado?, ¿cómo era?, ¿había portugueses, más hijos de portugueses?.

F - No, yo tampoco conocía muchos, mucha gente portuguesa, no se, había igual alguno que su abuelo era portugués o que en la no, yo en el instituto, algún compañero que su abuelo era portugués y alguno de ellos, pero poca gente, no conocía muchos portugueses.

E - Y en el instituto entonces, la escuela ha sido de ¿que edad hasta que edad?.

F - La escuela desde los 5 años hasta los 13, luego el Instituto de los 13 a los 18.

E - OK, para que yo entienda, por causa de las diferencias en relación a Portugal...

F - Ya, allá es distinto.

E - ¿Y lo has hecho de seguida?.

F - Sí.

E - Sí.

E - ¿Tenías buenas notas?.

F - No, repetí un curso, el último curso, el curso C.O.U., que se llama aquí para pasar a la Universidad que ante era acceso, ese repetí.

E - ¿Cómo se llama eso?.

F - Se llama C.O.U.

E - COO.

F - C.O.U. (soletrando).

E - C.O.U. (soletrando), ¿qué quiere decir?...

F - ¡Eh!, curso, ¡eh!, ¡eh! curso, ¿como era?, C.O, so sé curso de acceso a la Universidad.

E - ... de acceso a la Universidad.

F - Algo así, ese es un curso puente.

E - Sí, sí, sí, ¿de un año?.

F - Sí, es un año, haces 1º, 2º y 3º de BUP, que son tres años.

E - ¿En el Instituto?.

F - En Instituto, y luego haces COU.

E - Sí.

F - Y luego ya haces selectividad que es para pasar a la Universidad, que son unos exámenes y vas a la Universidad.

E - OK. Selectividad son...

F - Sólo exámenes, son unas pruebas de aptitud para entrar en la Universidad que te hacen sobre todo lo que has dado en el Instituto, para que entres a la Universidad.

E - Y ahí en COU ¿lo que ha ocurrido?, ¿no te gustaba?.

F - No, pero, si me gustaba, lo que pasa es que ya había que estudiar mucho y era muy, muy difícil, y también fue una época de mi vida que estaba un poco así, que no tenía muchas ganas de estudiar, ¡y nada!, y repetí, pero luego bien, luego ya...

E - ¿Lo que, lo que interesaba más en esa época?...

F - Ya me interesaba más otras cosas, pues salir, es la época también que, no sé, empiezas a salir más y a andar por ahí, pero bueno.

E - Con las amigas.

F - Sí.

E - ¿E namorados?.

F - También, también, pero bueno, que bien, al final ya aprobé y ahora, ¡pues contenta!.

E - ¿Y crees que ha sido por eso, que si hubieras trabajado de otra manera?...

F - Sí, si hubiera trabajado y hubiera estudiado más ¡si lo hubiera sacado!.

E - ¡Claro, a la primera vez!.

F - Sí, sí, sin dudarlo, sí.

E - Cuando uno hace unas cosas, no puede hacer otras cosas.

F - ¡Claro!, no me daba el tiempo para todo.

E - No daba tiempo para todo (riso), ¿y crees que ha merecido la pena ese año?, aunque no lo has hecho en la escuela?, ¿crees que lo que, lo que te ha pasado en tu vida ha sido, ha merecido la pena?.

F - ¡Va, no!, ¡no! creo que hubiera sido mejor aprobarlo.

E - ¿Sí?.

F - Sí, tampoco fui, no se, yo creo que podría haber hecho de todo no, porque ahora también, salgo con mis amigas y también estudio, podría haberlo hecho en ese momento también, haberlo compaginado todo, ¡no se!.

E - ¿Y lo que pasaba?, ¿porque ha sido así, lo has pensado?.

F - ¿Porqué fue así?.

E - ¿Porqué te has apartado de los estudios?, ¿te has desmotivado?.

F - No se, no se, no tenía ganas de estudiar, no se, no me apetecía, no sabía lo que iba a hacer, no sabía, pero tampoco, que no se, no se, no tenía ganas, no me apetecía, me apetecía, pues, hacer otras cosas y no se, es que no tenía nada de ganas de estudiar pero, ¡bueno!, que quería estudiar pero no tenía ganas, no se pues, ¡no se!, es que tampoco,

no es un explicación, fue pues que no, estaba vaga, no me apetecía y lo deje y luego ya pues dije: no, esto hay que sacarlo y venga.

E - Y ¿porqué lo has decidido a sacarlo?.

F - Por que no se, a mi siempre, no es que me guste mucho estudiar ni, ni estudio todos los días ni nada, pero pienso que es bueno tener una preparación y estudiar, no te van a dar un trabajo, ni vas a ser mejor ni nada pero siempre es bueno para ti tener algo no y saber algo más y sólo aunque sea para ti, aunque no te den trabajo, igual nunca voy a trabajar yo de abogada, pero por lo menos lo he sacado, lo he hecho y vale para mí, sirve para mí, y para que tenga más cultura y pueda hablar una conversación con alguien y todas esas cosas, no se, además eso de hablar con la gente y que sepa de temas y eso que tu no sepas opinar de nada y ¡no me gusta!, me gusta pues poder hablar de todas las conversaciones y tener opiniones para todo y saber un poco de todo, no saber lo justo y no...

E - ¡Hum!, que has dicho que podría ocurrir igual no irías a trabajar....

F - A trabajar.

E - Por derecho, la abogada ¿pero te gustaría?.

F - Sí, ¡claro!, uno de mis sueños sería pues trabajar de abogada, pero, pero yo tampoco lo hago con miras de trabajar, porque se que el trabajo está muy difícil y que hay muchos abogados y, ¡pero bueno!, como es una cosa que me gusta y pues quiero hacerla simplemente, pues ¡por mí!, por no despertarme un día y decir: «yo puedo hacerlo y no lo hice» pues ahora que puedo pues intentaré hacerlo, no me encanta estudiar, ni soy de las personas que estudia todos los días, yo soy de las que estudia al final y estar un mes sin salir de casa estudiando, pero ¡bueno!, así me ha ido más o menos bien, pues ahí.

E - ¿Lo que te gusta hacer?, me puedes contar.

F - ¿Que me gusta hacer?. Pues, no se, me gusta, me gusta hacer muchas cosas, me gusta leer por ejemplo, me gusta ir al cine mucho, eso sí, ¡me gusta un montón ir al cine!, me gusta un montón la música, bailar, eso me gusta mucho también.

E - ¿Discotecas?.

F - Sí.

E - ¡Uh!.

F - Fás discotecas no, igual más, a mi eso de discoteca tan grande y tanta gente, no me gusta mucho, más igual un bar pequeño, un pub, que están los amigos y estar así todo hablando y bailando, eso me gusta y no se que más cosas me gustan. Fe gusta hacer deporte, me gusta ir a correr o así. Luego, antes había en el instituto cuando iba, había clases de aerobio y esas cosas y también hacía, me gustaba mucho, en la Universidad también hay.

E - ¿Y las frecuentas?.

F - Ahora no, no suelo ir mucho, pero antes iba más, pero es una cosa que me gusta mucho, es uno de los deportes que es bonito.

E - ¿El horario no es compatible?.

F - No, a veces no, y a veces también como está en San Sebastián, pues no me apetece ir y, no es que no me apetezca pero, vaugeza más que nada por no coger el autobús e ir hasta allí igual a las 8 de la noche, esas cosas, y no se, tampoco es que haga muchas cosas. . .

E - ¿Leer, lo que?.

F - Pues leer, pues libros de asesinatos, así de asesinatos y de abogados, todas esas cosas, cuando hay asesinatos y cosas así, historias...

E - De suspense.

F - Sí, de suspense, de terror no, de suspense. Cosas que sean igual que las películas, hechos que digas, pues esto puede pasar, ¿no?, esto un día de estos puede haber un asesino así, pero cosas ya muy fantásticas y eso no, cosas creíbles, que sean, que pueden ser realidad, eso, así ese tipo de libros me gusta mucho y luego me gusta un montón pues, por ejemplo el arte, me gusta, cuando aprendí en COU, me enseñaron y eso, dábamos clases de arte y me gustó, ¡un montón! y empecé a comprar pues, igual libros de arte así, de pintura de los impresionistas y cosas así también me gustan, también esas cosas me gustan mucho, la pintura, sobre todo eso.

E - Pues si hay cosas.

F - Es que hay ¡jo!, a mi me gusta un montón, ¡a mi me gusta mucho, mucho!.

E - Y ¿de poesía no?.

F - Poesía, no es que no, se me daba bien cuando andábamos en el Instituto y eso, pero, no. . . también es una cosa que me gusta mucho, prefiero la pintura y el arte y esas cosas, sí, a mí la poesía es bonito, y tengo algunos libros y alguna cosa así, pero no, más que nada porque me obligaban y ya que me obligaban pues me los leía y me gustaba pero tampoco que ¡por mi misma no!

E - ¡Hum!, ¿no los procuras?.

F - ¡No, no!

E - Y de otras artes que hablas cuando dices arte, pintura y ¿que más?.

F - Pues cuando digo arte también es que me refiero a pintura, escultura, pintura, escultura es que más que nada la pintura, me refiero a artes y está mal dicho lo de pintura.

E - No, yo quería entender más.

F - No, la pintura, la pintura es lo que más gusta.

E - Lo que más te gusta.

F - Sí, la escultura y eso también, pero la pintura más.

E - Y decías que te gusta mucho ir al cine.

F - Sí.

E - ¿Y que tipo de películas?.

F - Pues, también de asesinatos, y cosas así, ese género de suspense.

E - ¿Tienes la costumbre de ir al cine?.

F - Pues no mucho.

E - No mucho.

F - Según cómo está el cine, con lo que vale.

E - Sí, que aquí es caro.

F - Es caro, una película te cuesta 700 pesetas, claro, y si vives aquí tienes que ir a San Sebastián y ya son 200, 1000 pesetas para ir al cine.

E - ¡Ah! ¡hã!

F - Y a no ser que alguna vez, que me invita alguien, algún amigo o así, lo demás. No es que a mí no me llega el dinero para ir al cine. Aquí suelen poner cine, en Lasarte y vale los jueves 200 pesetas o y eso ahí suelo ir a veces, 200 pesetas está bien, una película, pero en el cine es que en San Sebastián es muy caro, para ir a ver una película.

E - La última vez que has ido?.

F - ¿La última vez?.

E - Que has ido...

F - La última vez que he ido, pues hace dos o tres fines de semana.

E - Fin de semana.

F - Sí, hace dos o tres fines de semana.

E - Que vas, por ejemplo por mes, ¿cuando vas, cómo? ¿Cuantas veces, más o menos?.

F - Pues, aunque esté mal decirlo, cuando me invitan, algún amigo, tengo un amigo, es mi novio, ¡bueno!, más o menos, cuando él me invita pues vamos, si no, ¡nada!

E - ¿Vas vez por mes o de dos en dos meses?.

F - Pues no, dos veces al mes o así, ¡hombre!, el no tiene mucho dinero, no, pero tiene más que yo, entonces tampoco le supone mucho, gastarse 1000 pesetas más o menos, tampoco..

E - ¿A él no le cuesta tanto?.

F - No, no le cuesta tanto, entonces el pues cuando él tiene dinero, pues me dice, pues: «vamos al cine» y nos vamos. A mí tampoco me gusta mucho porque tampoco quiero que se gaste mucho dinero y porque se que, si el trabaja o algo, pero el también estudia y no tiene mucho dinero y eso.

E - Porque el también trabaja.

F - No, el también estudia, si él trabajara y tuviera dinero, pues no me importaría, no es que no me importaría, pero bueno si se lo puede permitir...

E - Sí, sí.

F - Es diferente.

E - Es con dinero de sus padres.

F - Claro es con dinero de sus padres, entonces tampoco así.

E - ¿Que te gustaría que me contaras cómo, si hay, si hay, cómo era, cómo era eso (esto la lengua a veces complica las cosas), aa... Antes de ese año del COU.

F - Sí...

E - Antes, ¡eh!, ¿puedes?, si, si te recuerdas, de lo que te recuerdas, ah, ¿cómo pasabas tu día, tus días, por ejemplo?, te recuerdas...

F - ¿De instituto?, aquí.

E - Sí, de escuela, te recuerda.

F - ¿De la escuela aquí?.

E - De antes, de escuela.

F - Pues que yo cuando iba a la escuela era pequeña, tenía 12 años o 13, de escuela.

E - Sí.

F - Pues iba a la escuela a la mañana.

E - ¿Y cómo era?. Aquí desde que despertabas hasta...

F - ¡Ah!, pues me despertaba, mi padre me daba de desayunar.

E - ¿Quién te despertaba?...

F - Fí padre.

E - ... ãh, ãh...

F - Siempre, yo siempre andaba con mi padre, siempre quería estar con él, no se, tenía siempre estaba con él, me gustaba mucho estar con él, entonces, él siempre me despertaba, me vestía y eso, me daba el desayuno y yo iba a la escuela. Estaba en la escuela y luego, iba a la escuela de 9 de la mañana a doce y media me parece, ¡sí!, a doce y media, luego venía a casa, no se que hacía, veía los dibujos un poco...

E - ¿Y comías con tu madre?.

F - Sí, comíamos los tres.

E - Los tres.

F - ... veía los dibujos, estaba allí un rato y a las tres iba a la escuela otra vez, y a las cinco volvía, ¡y nada!, pues estaba en casa, hacía los deberes, veía los dibujos, merendaba, igual salía un poco con las amigas a la calle a jugar a la cuerda, o esas cosas y así.

E - ¿Vecinas de aquí o de la escuela?.

F - No, es que todos eran vecinas, como todas vivían... de ese colegio éramos todos los de esta zona, entonces eran todos vecinos, con la vecina de aquí, con un vecino que había ahí, con los vecinos de arriba, estábamos todos juntos en el portal ahí, jugando, veníamos a mi casa, a la de todos así, ¡y nada!, cenar y a la cama.

E - Y tus padres dormían.

F - Sí, sí.

E - Ah, ¿y tu madre trabajaba?.

F - ¡Eh!, sí, mi madre sí, trabajaba.

E - Pero comía en casa.

F - Y después, más tarde, cuando tenía, bueno los 17, 18 años. (Riso de E.). No se, pues, ¿un día normal de escuela de colegio también?.

E - Sí.

F - Pues iba al Instituto, ahí me levantaba a las siete, pues, desayunar y eso, me vestía.

E - ¿Te despertaban?.

F - No, me despertaba yo.

E - Sí.

F - Fí padre ya no. Furió hace 5 años, cuando yo fui al Instituto y no, ya no estaba. Pero sí que me despertaba yo, yo me despertaba, me, además es que no me gusta a la mañana hablar con nadie, no es que no me guste, pero me gusta eso de desayunar sola viendo la tele, y vestirme y tener toda para mí, entonces no me gusta nada y me despierto, y me despertaba y iba al Instituto a las 8, entraba y tenía clase hasta las dos y media; luego llegaba a casa, llegaba a casa, ¡con un hambre! a las dos y media a comer. Comía, ¿luego qué hacía?, lo mismo que hago ahora, comer, fregar

los platos, ayudar a fregar la cocina, limpiar un poco, ¡y nada!, luego hago mis cosas así, luego voy a la Biblioteca, subo a las cinco a la biblioteca, hasta las nueve, y a casa a cenar, ver un poco la tele y a la cama.

E - A la biblioteca a estudiar.

F - Sí, estoy en la biblioteca ahí. Fe gusta la biblioteca, no se, estoy ahí también con los amigos y las amigas y eso y mientras...

E - ¿Estudiaban en conjunto cuando tenías 17 años?, ¿en grupo?.

F - Sí, sí, ahora también voy, sí, sí, sigo siendo, también voy.

E - ¿Y ahora te despiertas también pronto?.

F - Sí, ahora ¡bueno!, ahora tengo menos clases, antes tenía cuando iba al Instituto tenía más horas de clase, y también eran obligatorias y eso. Ahora tengo menos horas y hay otras que van por apuntes, entonces que no, el profesor, no necesitas ir a clase, vas sólo a por fotocopias, entonces tengo menos horas de clase, pero bueno, lo demás la vida es la misma, haces lo mismo, la biblioteca, la casa y nada, más de lo mismo.

E - ¿Y cuando eras chiquitita, cuando esas pequeñita?, eh, si era fin de semana ¿lo que cambiaba?, ¡claro!, cambiaba no haber clases. . .

F - Sí, no había clases.

E - ¿Entonces cómo era?.

F - Nada, no se tampoco, pues. . . no se, que me acuerde yo, pues eso de salir con las amigas y que ibas y comprabas pues gominolas o chucherías, para comer gusanitos y cosas de esas y estabas ahí en la plaza jugando, los domingos ibas a misa y después salías de misa y te comprabas también una piruleta, algo y estabas hasta la hora de comer, no se, tampoco...

E - ¿Y salías de aquí?.

F - No, siempre estábamos en la plaza esta, no nos dejaban, más de la carretera donde el autobús, no nos dejaban pasar de ahí, no podíamos pasar.

E - Sí, los padres de todos.

F - Sí, no hasta ahí, no nos dejaban. Estábamos siempre aquí en la plaza, aquí.

E - Fás diversión el fin de semana.

F - Sí.

E - Fás tiempo para divertirse.

F - Sí, ¡bueno!, no se, yo me lo pasaba bien en clase, a mi me gustaba ir al colegio.

E - ¿Sí?.

F - Sí, me lo pasaba bien, no se. Yo creo que igual era porque como al ser hija única pues al estar con los demás niños me lo pasaba mejor y estaba mas entretenida en casa, también, yo solita.

E - Pequeña.

F - Si era un poco aburrido, a mi me hubiera gustado tener cuando era más pequeña más hermanos, ahora ya no, pero cuando era más pequeña sí, ¡bueno yo no sé!, todos tenían un montón de hermanos y todos, ibas a casa de todos y todos se peleaban y yo estaba un poco aburrida, pero ¡bueno! . . . al final.

E - ¿Y has hecho amigas en la escuela? . . .

F - Sí.

E - . . . que te han gustado. . .

F - ¡Hombre!, cuando iba aquí a esta escuela, tenía amigas y eso, pero no, no me llevaba muy bien con la gente, no me, con los niños no me, siempre, hasta los 13 años o 12 años así que fue cuando ya yo también igual cambié o no se, ¡no se!; pero al principio me costaba un poco, no hacerme con la gente pero los niños son un poco crueles y claro, como mis padres eran extranjeros y yo era extranjera, pues tenías alguna cosa y: «ya ¡portugués!»; no se que, ¡bueno!, pues te llamaban cosas feas y...

E - Sí...

F - . . . te decían cosas, igual te peleabas con uno y lo primero que te decían eran esas cosas, como tus padres eran extranjeros, pues, y con eso de que igual tu, de pequeña si que tuve algún problema con lo niños, pero luego, ya no, luego todo el mundo... muy bien, ningún problema.

E - ¿Recuerdas de algunas situaciones en que eso de ser hija de extranjeros para ellos fuera complicado?.

F - A ver, la situación, igual la típica pelea de niños, ¿no?, que se peleaba por un balón o por cualquier cosa, y nos empezábamos a pegar y pues, insultos, pues, te insultaban, pues, que tu eres extranjera: «...!vete de aquí que tus padres son portugue-ses!...», ¡no se!, «...!que tu padre y madre es portugueses!...», te lo decían de modo despectivo* en plan, pues, ahora ya no tanto, pero aquí antes hace muchos años, la gente tenía la manía de que los portugueses tenían que ser todos gitanos y como eran portugueses, pues tenían que vivir todos, ¿yo que se?, en una chabola y andar descalzos y sucios y ¡jolin!, yo nunca he tenido mucho dinero, pero, no hemos tenido dinero, pero para andar limpia y normal, pues, pues los niños pues todos me insultaban eso: «pues tus padres que son gitanos, portugueses», no se qué.

E - ¿Y tu que les decías?

F - Pues, yo nada, pues yo no les decía nada, pues yo agachaba la cabeza y me iba pa casa llorando, ¿que iba a hacer?, Es que tampoco, es que eran igual todos los niños, los niños son muy malos y todos contra mí pues tampoco me iba a pegar con todos y yo tampoco he sido nunca de pegar a la gente. Luego iba ya con los 13 años o 12 ya igual me espabilé más y ya me hice más de responder a la gente y más espabila-da, pero hasta esa época a mí lo que me dijeron, y si me pegaban, pues me pegaban, me daba igual.

E - ¿Y habría alguno o alguna la que te defendiera?, ¿que era más solidaria?, ¿te recuerdas, por si acaso?...

F - No, había una chica que era bastante más amiga mía, si, bastante, pero... pero no, también es que eran unas épocas que tampoco era que tenías una amiga más que otra, era lo que decía el jefe o la jefa de la banda, como se decía, el jefe, lo que decían todos, tampoco era, la cosa es de niños.

E - ¿Y los profesores?

F - Lo profesores, pues, alguna vez mi padre fue a hablar con alguna profesora algo, pero los profesores te decían eso, que eran cosas de niños que por mucho que les dijeras que, que ellos no podían hacer nada, que los niños son así, yo por mucho que les diga. No sé teníamos 5 años o 6 años y además basta que les digas, para que más... si saben que te duele, ¿no?, que te hacen daño, pues...

E - Pero ellos nunca has sentido que ellos te, te ¿cómo te trataban los profesores?, ¿hacían diferencias?

F - ¡No, yo nunca, nunca!

E - Con los profesores, con los maestros, ¡no!

F - ¡No!, nunca he notado diferencia. Siempre hay algunos profesores que te llevas mejor que otros y, pero lo típico, lo normal con todo el mundo, pero yo, yo no sé, en esa época con los niños que era de que te insultaban y eso, lo demás nunca.

E - Que eran los niños, los profesores no.

F - Sí, no, yo lo demás, nunca me (imperceptível), con nadie, ni, hombre pienso que alguien siempre había, también los niños muchas veces los niños no se inventan las cosas, ¿no?, que a un niño de 6 años no se le ocurre decir pues: «...gitano portugués...» o cosas de, sea, será porque los oye en algún sitio, pero bueno, tampoco, como eso ya pasó, y yo era pequeña, no le di ninguna importancia, conmigo la gente se porta muy bien y no se y ya todo el mundo que le digo: «Soy portuguesa», «¿Ah sí, y que tal?», y se interesan y te preguntan.

E - ¿Ahora?

F - Sí, y «¿No eres española?», y «No»; «¿Ah? Pues yo pensaba que eras española, pues y ¿donde has nacido?», se interesan un montón y «¡Job! Pues que bien», además todo el mundo me dice: «!Pues que bien!, nosotros que somos todos de aquí, y no tenemos...», pues eso que se interesan, que no se, yo nunca he sentido nada, menos esa época, lo demás, ¡estupendamente!

E - ¿Y cómo explicas que sea... esa diferencia de tratamiento?, hablabas que eran cosas de chicos, ¿no?, eh... ¿cómo explicas que ahora las personas... como explicas esa diferencia de forma de tratarte?

F - ¿De cuando era niños a ahora?

E - Sí.

F - Pues no sé.

E - ¿Qué tiene que ver con lo que...?

F - Una parte pues porque o cuando eran pequeños lo oían en sus casas y eres pequeño y le dejas influir por lo que oyes en su casa y luego llegas a una cierta edad que lo ves por tí mismo y ves que toda la gente no es igual y porque

* Em Castelhana; leia-se: depreciativo.

haya cuatro portugueses que se hayan portado mal o hayan hecho algo mal pues no todo el mundo es así y pienso que es que llega un momento que te das cuenta, ¿no?, que no hace falta que te digan nadie cómo son las personas, o porque me conocen y saben cómo soy y yo pues, les cairé bien o no sé.

E - ¿Y has mantenido amigos de la escuela en el Instituto?.

F - Sí.

E - Oh, ¿qué se han mantenido juntos en las clases?.

F - Sí, he ido con ellos hasta el instituto, si, con ellos, tampoco he tenido una amistad porque cada uno tiene su grupo y cada uno ahora anda con otras personas, unos están en la universidad, otros...pues, se han ido de aquí a otros sitios, entonces tampoco, pero ¡bueno!, con la mayoría sí, nos vemos y hablamos y sí, la mayoría.

E - Y dices, que hacían esas cosas de niños, después en el Instituto han cambiado?.

F - No, no una de las chicas que era además que era con la que peor me llevaba y con la que tenía esos problemas, con ella me llevo ahora estupendamente, yo la veo y nos tomamos algo, y hablamos y con casi todos, si, si yo me llevo muy bien, ¡bueno!, menos con, yo es que antes andaba con una chica.

E - ¿Antes?.

F - Cuando entré en el instituto dejé de andar con ella, si a los 14 hasta los 16 estuve con ella.

E - Sí.

F - Luego ya deje de estar con ella, iba conmigo al colegio, aquí a la escuela, iban conmigo a la escuela.

E - Desde escuela hasta los 16.

F - Si hasta los 16.

E - Has acompañado.

F - Sí.

E - Ha sido tu grupo, digamos.

F - Si, mi grupo, pero luego ya no.

E - Y después ¿has dejado tú?, no he comprendido. . .

F - Luego ya dejamos, dejé yo de estar con ellas, encontré otras amigas en clase, y ¡no se!, con otra gente, esas también eran de las que insultaban y eso y, este era mi grupo, pero tampoco tenía mucha confianza con ellas, ni, ¡no se!, no estaba muy a gusto.

E - ¿Por qué no te gustaba?.

F - No por nada de lo de antes, de lo de la escuela, ni lo que hubiera pasado, eso ya lo tengo muy olvidado, no, porque era chica que no había confianza entre ellas, igual lo mismo éramos cinco o seis, lo mismo yo estaba con una y me hablaba mal de otra; y lo de la otra hablaba mal de la otra, ¡no sé!, no había confianza, lo único que hacían era hablar mal unas de las otras y a mí eso no me gustaba y, por ejemplo, con las chicas que ando, pues, si hay algun problema o algo no te gusta, pues, se lo dices a esa persona, hablar con ellas y sin ningún problema, y no, no hay esas cosas y a mí eso me gusta, la gente sincera, que te dice lo que siente y lo que, pues lo que siente aunque te vaya a doler, pero prefiero que te lo digan a que no, no lo digan por detrás o me lo oculten, me gusta que me digan las cosas como son, y a mí es que la sinceridad es una de las cosas que más aprecio, y en ellos no eran muy sinceras. Hablo mucho.

E - ¡No!, no mucho. . . Que me has dicho, si yo te pregunto ahora, que has venido de Bragança, que estás aquí desde bebé . . . ¿en tu vida?, 20 años.

F - Sí.

E - Todos tenemos en nuestra vida (que no importa la edad que tenemos, porque todos tenemos una historia, en la edad) . . . de tu vida, de esa vida que tienes ahora, ¿cuales son los momentos más importantes, buenos o no buenos?.

(Interrupção da Entrevista para virar a cassette.)

E - Que lo pienses, que no tienes que contestarme deprisa, si quieres pensar un poco, ¡bueno! . . . aa. . . pero que ahora mirando para atrás, que sean momentos importantes en tu vida.

F - (Silêncio)

E - En tu vida, que es la tuya, que es la única, y que no hay patrones para evaluar, si evalúas es tu porque es tu vida.

F - (Silêncio). Fomentos importantes, no se, yo es que..

E - Que....

F - Que me hayan cambiar, no, que me hayan marcado. . . Pues uno de los momentos importantes, pues cuando se murió mi padre, fue un momento que, importante y que cambiante, no se.

E - ¿Tenías?

F - Tenía 14 años, 14 años, sí, 14 o 15 años. Pues fue un momento sí, ¡cambiante!

E - Y...? se esperaba?... .

F - Pues, no.

E - Disculpa por esto, no te...

F - No, no, no, no pasa nada, sí, sí. Fue una cosa inesperada.

E - Inesperada.

F - Sí, una cosa que no me hubiera imaginado, no se, entonces. . .

E - Y ahí, lo que, bueno, ¿que se ha cambiado, ¿no?, en que. . .? . . .

F - (Silêncio) Es que no, cambio, no, tampoco me, no se, no me cambio, no se, tampoco he notado ningún cambio de antes a después, ¿no?, no se, no... he notado al que nunca había no, pues pierdes alguien que quieres, pero no, yo que haya notado, que yo haya cambiado en algo no...

E - ¿Como has encarado el hecho? . . .

F - ¿Cómo he encarado el hecho?.. ¡Hombre!, igual...

E - . . . en esa época.

F - Eh, me cambió igual un poco en lo que es los sentimientos, la forma de enseñar los sentimientos, o de demostrar los sentimientos, pues que pues fríamente, yo pues, no se, pasó todos así, como, yo lo veía y lo estaba viviendo pero como le estuviera pasando al de al lado y yo estuviera viendo en una película, yo no, ni lloré, ni, fue una cosa, ¡no se!, yo tampoco me esperaba, ni sabía, nunca sabes cómo vas a reaccionar, pero que yo, nunca pensé que si me hubiera pasado una cosa así reaccionaría de esa manera, pero fue mi forma de, yo hice como un, una cortina, así, dije: «¡Esto no me está pasando a mí!».

E - ¿Y crees que has apoyado a tu madre, así? . . .

F - Yo creo que no, creo que no porque creo que ella además que alguna vez hemos hablado, hemos discutido sobre ese tema algo, ella no es que me echara en cara, ¡no!, ¡pero no! se explicaba que yo ni llorara ni demostrara sentimientos, ni nada, lo que pasa que yo no lo hice queriendo, fue mi forma de reaccionar, fue una cosa que, no se, yo lo llevaba aquí dentro y no, no supe reaccionar de otra manera, no, igual fue mala forma de reaccionar, ¿no?, pero fue la única.

E - Normal.

F - Por eso, fue la única, es que tampoco sabes cómo, cómo vas a reaccionar.

E - ¡Eh! Eso ha tenido probablemente, ¿no?, cambios en vuestra vida, tu padre trabajaba, ¿no?, ahí a habido cambios de, ¡bueno!, no se...

F - Pues. . . cambios. . .

E - ¿Tu madre trabajaba?.

F - Sí, pero ha habido cambios, ¡claro que ha habido cambios!

E - Cuando dos trabajan. . .

F - Que dos trabajen aunque trabaje uno pues, se nota mucho, ¿no?, eh, de tener más o menos lo que querías o tener la vida más o menos todo bien a que no, a que ya no puede ser, ni... hay lo que hay ¡y punto!, no... no sé, ahí sí que se notó, económicamente ¡sí, mucho cambio!

E - Económicamente.

F - Sí.

E - ¿Que antes vivías mejor que con esa. . .? . . .

F - ¡Sí, sí, si claro!, sí. Fucha diferencia. Y ahora hace 5 años o 6 años tiene mucha diferencia.

E - ¿Y ahora? . . .

F - Si hace 5 años atrás.

E - ¿Que ha sido un periodo por tanto que ha durado. . .?, en tu idea, en la forma como tu has vivido, es el periodo de mayor contención, digamos así, ¿no?, económica-mente, de tu familia, que ha ido desde los 15, ¿hasta cuando?.

F - Cómo de mayor, no le entiendo, perdona.

E - Ese periodo. . .

F - Sí.

E - ... ¡eh!, ¿por cuanto tiempo lo has sentido?

F - De qué, ¿que periodo te refieres, no entiendo?

E - Sí, que ha habido cambios, ¿no?

F - Sí.

E - El lenguaje, disculpa...

F - Sí.

E - ... (la lengua, no es el lenguaje, es la lengua)... eh, que desde que eso ocurrió que tu sientes, has sentido aquí, en tu familia, ¿no?, diferencias; y hoy, ¿que te parece que las cosas están equilibradas, más equilibradas?

F - No, me parece que cada vez están más... (gesto da mão cortando o ar num gesto de movimento de descida em diagonal)

E - ¿Sí?

F - Sí, yo creo que si, además ahora yo también estoy estudiando una carrera y quieras que no siempre tienes, eres más mayor y tienes más gastos y... y... es que no, es que no, que no veo una situación equilibrada.

E - Entonces, antes de ese periodo, tú dirías que tienes memoria de que habías vivido de una manera mejor...

F - Sí.

E - ...que ahora...

F - Sí, igual no era mucho mejor que ahora pero también yo era más pequeña y necesitaba menos cosas, igual, ¿no?, y como esas menos cosas que necesitaba las tenía pues parecía una época, una, un periodo, un época mejor.

E - Y lo que, lo que, encarando eso así ¿cómo encaras?, ¿lo que intentas hacer junto con tu madre, para ¡bueno!, para que no sea difícil?

F - Pues, intentos, pues buscas trabajo, pero que estudiando y eso, es muy difícil encontrar, es que será muy difícil encontrar un trabajo que yo he estado buscando en verano y eso.

E - ¿Has estado buscando algo?

F - Sí, he estado buscando y pues si salía alguna cosilla igual algún fin de semana y seso he ido también y pero que no.

E - ¿Pero no has trabajado?

F - No, no.

E - Estabas...

F - Estoy estudiando.

E - Estudias.

F - Sí, algún, a mis amigas, algunas trabajan en algún restaurante, si mañana, pues, para ir a limpiarles las copas, oh, que quieras o no, pues es un dinerillo de...

E - Ya lo gastas.

F - Sí, o para ir, yo que sé, cualquier cosa así.

E - ¿Y Ya lo has hecho?

F - Sí.

E - Sí.

F - Pues cualquier cosa que igual un par de horas o algo que han necesitado, pues, he ido.

E - Y aquí, con tu madre, eh, cuando quieres una cosa, cuando necesitas de comprar o irte, lo que te gustaría, cómo se pasa, ¿lo pides, lo hablas con, ¡bueno!, todo lo que quieres lo dices?

F - No.

E - ...¿cómo?...

F - No, no puede ser, si todo lo que quisiera lo diría, mi madre ¡le daría algo!

E - Tu madre no entiende.

F - Fi madre estaría enferma ya de que le pidiera tantas cosas. No, no, ¡no puede ser!. No, pues yo si es algo que necesito lo pido y espero hasta que puede ser, si no puede ser pues, ¡nada!. Pero, tampoco pido cosas que se que pueden ser, no pido cosas que, pido, pues, más o menos de lo que se que hay, algo que puede ser.

E - Puede decirse, para ver si te estoy entendiendo, ¿que tu propia pensas y seleccionas?...

F - ¡Claro!, yo por ejemplo, por ponerte un ejemplo, yo a mi me gusta un pantalón, ¿no?, yo se que, mi madre un pantalón de 6000 pesetas no me va a comprar, entonces, yo, pues, si se que hay pantalones de 2000 que me gustan, pues ¡bueno!, pues pido el de 2000 y ya está. Fe amoldo a lo que hay, y se que mi madre más que 3000 pesetas o 4000 no me va a comprar un pantalón, pues entonces, pues me amoldo, a ese dinero, y a entre eso busco. Ni mi madre ni yo, porque yo tampoco no me gusta mucho gastar, soy un poco, que me gusta guardar el dinero, no es que guardar el dinero, ¿no?, pero si voy a comprar algo, pues la vez que tengo dinero, pues lo miro mucho, ¿no?, pues, lo que pueda comprar, lo que me puede salir bien por ese, pues, hacer las mayores cosas posibles con el dinero, que no me gusta mucho gastar, tampoco, ¿no?.

E - Y que crees, ¿en algún periodo de tu vida que has gastado dinero?

F - Nunca he tenido, no, siempre he sido de guardar el dinero y hasta de guardarlo siempre, hasta conseguir el dinero que he querido para comprarme algo, o mirar con ese dinero lo que podía hacer, o... nunca he sido...

E - Y tus padre en el periodo en el que...

F - Sí, siempre, siempre he sido de guardar el dinero, ¡de toda la vida!

E - Cómo te parece, tus padres ¿tienen relación contigo... en eso?.

F - Fi madre.

E - ¿Te prestaban, te daban dinero por al mes?.

F - No, hay un dinero al fin de semana.

E - Fin de semana.

F - Sí.

E - Te lo confiaban.

F - Sí, me daban. Aquí se llama la paga.

E - ¿La...?.

F - La paga, se llama, te dan dinero los fines de semana, un dinero para que tu tengas a la semana. Pero yo nunca he sido de gastarlo igual, en un fin de semana, sino de guardarlo y tenerlo ahí. Igual ahora gasto más porque, no gasto más, no, igual, ahorro menos y guardo menos porque, las cosas también están más caras y eso, pero... que siempre lo he guardado, siempre he tenido dinero guardado, nunca me lo he gastado. ¡Bueno!, en lo he gastado en las cosas que eran necesarias, o...

E - Pero tienes un dinerito tuyo que intentas no gastar o, guardarlo hasta conseguir lo que quieres.

F - Guardo hasta conseguir lo que quiero, si igual quiero un pantalón, pues digo, pues vale 3000, hasta que tenga... cuando tenga 3000 me lo compro. Siempre, además siempre por la ropa y eso, siempre he guardado el dinero para eso, siempre he guardado el dinero para eso, es una cosa que me gusta y como tampoco puedo comprar mucho, pues prefiero ir guardando la que me dan, lo poco que me den, pues ya está, y así, pues.

E - Y los estudios ¿es tu madre la que paga?.

F - Sí.

E - Sí.

E - Entonces, esa paga es para tus cosas personales,

F - Sí. Es para... pues si sales y te tomas, el sábado sales, no, los sábados a las noches a dar una vuelta, pues para tomarte algo, para, ¡no se!; y luego entre semana pues también algún día que tomas algo o, algún... fotocopias, o cosas de esas que necesitas. Por eso te digo que ahora gasto más también, porque voy a la Universidad y que si fotocopias, que si folios, que si cuadernos y esas cosas pues me lo gasto, ya no me da para guardarlo para ropa, y eso, pero ¡bueno!. Es lo que hay, tampoco, yo tampoco he sido nunca de pedir mucho, o sea que no... siempre me he amoldado a lo que ha habido, pero ¡bueno!.

E - Entonces, que ahora, tu rutina, digámoslo así (rutina entre comillas ¿no?), eh... tienes menos clases y por eso tus tiempo se pasan por aquí, por la biblioteca por la universidad, ¿y cuando sales a tomar algo como ahora decías, donde vas, por aquí por Lasarte?.

F - Sí, sí, cuando salgo es por aquí, por Lasarte, sí.

E - A San Sebastián es lejos.

F - No, alguna vez, si solemos ir, ahora, es que ahora hay autobuses de Lasarte, a las noches, a San Sebastián, entonces vamos, pero antes no, porque como no había autobús, tenías que coger un taxi, o un taxi te supone mucho

dinero, entonces pues, no íbamos, ahora, alguna vez, si que vamos pero tampoco tenemos por costumbre ir a San Sebastián.

E - ¿Y cuando sales, con quién sales?.

F - Pues con muchos, es que... del... del grupo somos bastantes. ¡Bueno!, ahora no somos muchos porque nos se han ido a trabajar a Barcelona, otros a Burgos y, pues, todo el mundo ya está haciendo su vida, ¿no?, los que han estudiado, pues, se van a trabajar a fuera, pero los demás somos... de mi grupo, pues, seremos unos 8, no 8 chicas, luego hay 5 o 6 chicos, más luego un montón de gente que conoces, que no son del grupo mismo pero que te juntas con ellos y haces cosas con ellos y somos muchos, ¡muchos!.

E - ¿Y no son colegas de la universidad?.

F - No. No.

E - Son de aquí... .

F - Sí... .

E - ...son vecinos... .

F - ...sí... .

E - ...y antiguos amigos.

F - Sí, casi todos, de la universidad no.

E - ¿Antiguos amigos o no?... porque has dicho que has cambiado de amigos... .

F - ¡No antiguos, no!... eran conocidos de antes.

E - Sí.

F - Porque muchos iban conmigo a la escuela, también pero a otra clase. Entonces la mayoría son conocidos de antes, pero ahora son amigos, antes... .

E - ¿De la misma edad algunas veces?.

F - Las chicas son todas de mi edad, un año más, un año menos, no año más, los chicos ya tienen 23 años, casi todos, 23-24. Los chicos sí, son universitarios y eso.

E - ¿Y en la universidad has conocido gente nueva, diferente?.

F - No mucha. He ido con un chico que era compañero mío del instituto, fuimos el primer año los dos juntos y este año también, conocimos a una chica y a un chico y hablas con la gente pero tampoco, como es un carrera que no necesitas ir a clase, no necesitas, ¿no?, haces trabajos, ¿no?, no necesitas nada de nadie, simplemente con, ¡no se!, no necesitas nada, entonces la gente tampoco se relaciona mucho en esa carrera, es más... van a lo suyo, van a sus apuntes, su... a estudiar y nada más, ¿no?, igual en otras carreras te relacionas más, ¿no?, tienes que hacer trabajos, tienes que ir a clase obligatoriamente, pero en esta como... pues tampoco hablas mucho con la gente, hablas lo justo.

E - ¿Son simpáticos?.

F - ¡Bueno!, ni simpáticos, ni simpáticos, hablas con ellos de los exámenes, de los apuntes y ya está, y nada más, tampoco hay relación con ellos. También como son pocas horas, es eso, igual si fueran más horas de universidad, más tiempo allí metidos, nos relacionaríamos más, pero como es... igual vas dos horas al día, 3 horas, pues entonces tampoco te da tiempo, tampoco te da tiempo a nada, a hablar con la gente.

E - Que están todos, siempre con prisa, ¿no?.

F - Sí, es que... .

E - ...para entrar en las aulas.

F - Sí, y ¡ya está!. Ahí la gente va a clase y se marcha, no anda por ahí, por la universidad, no, ¡nada!, se marcha a la biblioteca de la universidad, o se marcha a su casa, o se van a tomar algo a algún bar, pero la gente no... .

E - ¿Te parece que si vivieras en San Sebastián sería diferente?.

F - No, no creo. ¡Yo creo que no!.

E - Porque hay más gente que no es de San Sebastián y que de San Sebastián vienen aquí a la universidad.

F - Sí, en la universidad hay... gente de todos los sitios, de San Sebastián, de todos los pueblos, de Bilbao, de Vitoria, de todos los sitios, o sea que no... es toda gente de todos los sitios, no hay diferenciación.

E - Hay un montón de gente.

F - Sí, de la ciudad y de alrededores.

E - ¿Hay otros momentos de tu vida que sean significativos para ti?, a parte de lo que hablamos... .

F - Es que, sí, significativos igual para mí, no sé, hay muchos pero tampoco es que sean muy importantes, no, igual, son cosas pequeñas que han ocurrido y han sido, pues, para mí importantes, sí.

E - Entonces pero para ti, todo eso. . .

F - Pero igual son pequeñas cosas, ¡no se!. Da igual, es que igual son tonterías o.. por ejemplo: significativo, cuando aprobé selectividad, para mí fue un momento, yo nunca me esperaba que iba a aprobar selectividad, ni que iba a ir a la universidad ni nada; sabía que podía conseguirlo, pense que no. . . que. . . ¡no se!, yo además en los estudios y en eso siempre he sido un poco negativa siempre: «. . .!voy a suspender, voy a suspender! . . .», y luego siempre aprobaba, pero siempre he sido muy negativa, y pensé que no iba a aprobar nunca selectividad, y fui y aprobé.

E - ¿Y porqué piensas que. . . — ahora — eras así, negativa, en los estudios?.

F - ¡Porque no se!, siempre he sido — y soy — en los estudios, siempre he sido, muy negativa, ¡no se porqué!, ¡no se!, ¡porque no se!, he ido siempre con tanto miedo, y con tantas cosas a los exámenes que. . . y además por una parte prefiero ser negativa, porque siempre es mayor la alegría que te llevas, y siempre es más. . . más la satisfacción que dices: «!Jo!, 'porque yo he estado pensando que no podría? y, ¡mira, puedo y lo he aprobado y lo he hecho!», siempre, ¡no se!, a mí me hace sentir importante, ¿no?, bien, pues decir: «!Yo puedo hacerlo como todo el mundo!» . . . y eso.

E - ¿Y cómo has reaccionado a eso?, además de la inmensa felicidad, ¿has festejado?.

F - Sí, si he festejado.

E - ¿Si?.

F - Sí, festejé, ¿no?, con las amigas, y eso, pero muy contenta, fue, no se, era una cosa que no, ¡que no se!, que hasta que no la vi no. . . estaba muy contenta, fue. . . !job!, pensar que yo iba a y a la universidad!...

E - ¿Y tu madre cómo ha reaccionado?.

F - Tu, pues también, mi madre estaba muy contenta, estaba, ¡jo!, más contenta, super, muy orgullosa, pues: «!Fi hija va a ir a la universidad! . . .»

E - ¿Y que piensas que ella creía: que tú ibas a pasar la selectividad?.

F - Pues, no lo se porque, con mi madre y yo, mi madre con los estudios siempre, ¡no se!, yo creo que ella sabe que yo puedo, pero nunca confía mucho en que lo haga, siempre está con la cosa de que. . . «. . .yo se que puede, pero, creo que no lo va a hacer. . .». Ella también es un poco negativa, no sé, es un poco. . . «. . .me da la impresión de que puede pero no lo va a hacer. . .» y siempre está un poco, ¡no sé!. Es que cuando aprobé selectividad, por ejemplo, ella se puso muy contenta, estaba muy contenta y. . . «!que bien! . . .». Y luego otras veces que, igual he. . . digo que voy a suspender un examen, ¿no?, y he suspendido, y cómo que no se lo esperaba que suspendiera, ¡es que no sé!, tampoco. . . no sé si piensa que no sé, me tiene despistada, que no se muy bien lo que piensa sobre mis estudios, no sé. ¡Que no, no se!, a veces que parece que. . . a veces pienso que ella piensa que sí, puedo, y otras veces que piensa que no puedo, o que no quiero que, ¡no se!, tampoco. . .

E - Que ella te dice para estudiar. . .

F - No.

E - . . .no te. . .

F - Nunca lo ha dicho, sí, ¡nunca lo ha dicho!. Además no me gusta, no. No me gusta que me diga mi madre, ¿eh?, porque luego estoy hablando con las profesoras o así, y eso que estén encima mío no me disgusta y me viene bien, pero que me digan en casa: «!Estudia!» y eso ¡no me gusta nada!, porque basta que te digan que estudies para que no. . . Yo, yo soy la que tengo que poner y decidir cuando. . . «!Venga!, voy a estudiar!, ahora, me voy a poner ahora y lo voy a hacer. . .», si no. . . yo me tengo. . . es que me lo tengo que pensar mucho tiempo hasta que empiezo a estudiar, tengo que pensar mucho.

E - Que mentalizarte.

F - Sí, me tengo que mentalizar, empezar, pues. . . «. . . ¡tengo que estudiar!, mañana, voy a estudiar, mañana voy a estudiar, ¡tengo que estudiar!» Fe cuesta mucho, ¡ponerme me cuesta mucho!, luego estudiar, ya una vez que empiece ya en seguida. . . pero ¡ponerme me cuesta un montón!

E - ¿Porqué será?.

F - Porque ¡no me apetece nada!. Fe apetece más estar con las amigas, hablar con ellas y. . . además lo malo que lo que tengo es que mis amigos. . . una está haciendo carrera como yo, está haciendo Educación Social, pero las demás, pues, una ya ha terminado de estudiar, otra hace un cursillo a las mañanas. . . eh. . . otra va a un gimnasio y se

está sacando un título de monitor de aeróbic, pero no hace nada más, entonces, tampoco ella tiene grandes preocupaciones, ni nada que hacer y siempre te da un poco de envidia, ¿no?, pues yo tengo que estar aquí en casa estudiando y ellas están por ahí en la calle o están hablando y siempre, pues, te cuesta un poco, pero ¡bueno!

E - ¿Y te invitan más veces de que tu puedes ir?. ¿Ocurre eso?...

F - No.

E - ...que te inviten y que tu digas: «...!No que ahora tengo que estudiar!».

F - No.

E - No.

F - No, yo... ellas no... cada una ya sabe lo que tiene que hacer y ya sabemos donde estamos todos, y si yo quiero salir, salgo y si no quiero salir, ellas no me, no me dicen, pues: «!Sal!»; no me llaman, ni... cada una hace su vida y si quieres salir y... ya ves donde está la gente y tu vas, y si no, ¡pues nada!, nadie te llama ni te insisten ni...

E - ¡Ah!, porque hay sitios donde se encuentran.

F - ¡Claro!, entonces hay un sitio donde te encuentras, entonces tu ya sabes que están ahí, que quieres, que te apetece, vas, que no quieres, pues, no vas, pero ellas ni te, ni te llaman, ni te invitan, ni te dicen para salir ni nada, o sea que eso ya es cuestión tuya de lo que te apetezca, te apetece más quedar en casa, estudiar, o irte a algún sitio.

E - ¿Y con los enamorados?, ¿Cómo a sido eso?

F - Pues nada.

E - ¿Cómo (riso)?... este tío de ahora (riso de ambas)... ¿Cómo ha sido?. ¿Has tenido enamoradizos antes?

F - ¡Sí, he estado, sí!, he estado saliendo con un chico tres años y con otro un año y algo.

E - ¿Tenias 16?

F - Con el primero empecé muy jovencita, era muy, era una niña, tenía 14 o así.

E - ¿Y él era más viejo?

F - Era, tenía 3 años más, yo tenía 14 y el tenía 17, y con el segundo, pues... yo tenía, ¿tenía?, no 17, es que fue así: terminar con uno y con otro, fue muy rápido todo. Tenía 17 y el 18, y eso, estuve 3 años con uno y un año con otro.

E - ¿Pero habían empezado pequeños, jóvenes,?, pero ha sido una relación...

F - Sí.

E - ...durable, madura, ¿no?

F - Sí, bastante, ¡si bastante larga!

E - ¿Qué no eran colegas de instituto?

F - No, el era... no iba al instituto, estudiaba en otro sitio y nos conocimos una noche y empezamos a hablar, nos hicimos amigos y a partir de aquello.. y con el otro era, era mi compañero de clase...

E - ¿El de 17 años?

F - Sí, es, ¡bueno, mi compañero!, iba conmigo a clase, le conocí en clase y a partir... también nos hicimos amigos, y eso...

E - ¿Y tú visitabas su casa?, y los amigos... ahí los enamorados se visitan, ¿cómo...?, o se encuentran en los cafés o cuando van a tomar algo.

F - Te vienen a buscar a casa pero no, pero aquí tampoco no se acostumbra a que se suban a casa ni que estén en casa. Depende, cada uno tiene sus costumbres, ¿no?, pero yo no, nunca les he dicho que suban a casa, ni nadie, ¡no!, ¡porque no sé!, porque no me, no me apetecía, ¡no sé!. Porque mi madre yo he entrado aquí a mis amigas y amigos y a todo el mundo, pero no, no se, preferira que no.

E - ¿Y en casa de tus amigos también vas, también van, se encuentran?...

F - Sí.

E - ¿Y con este ahora, actual?

F - Nada, tampoco llevo poco tiempo, no se, ni un mes, ni... poco tiempo, 20 días o así, tampoco, ¡y nada!... que no es una cosa... es un amigo.

E - Sí, es un amigo.

F - Sí, más que nada, todavía no, no se sabe.

E - Que es fresco.

F - Sí, está todavía muy... ¡no se sabe!

E - Allá de esa importancia. . . — porque es de eso de lo que estamos hablando, de las cosas más importantes para ti, ¿no?, no hay aquí un padrón de información, es lo que tu consideras importante — . . . de la entrada en la selectividad, ¿hay otro momento? . . . del pasaje de la selectividad, ¿no?, ¿hay más alguno, o algunos, o algún momento para ti, para tu vida? . . .

F - ¿Importante?.

E - . . . algo importante. . .

F - Cuando salí con el segundo chico éste, pues cuando dejamos de salir, fue, ¿no se!.

E - ¿Este que tenía 18 años?.

F - Si, fue, no se, yo estaba muy enamorada de él, y para mí fue algo muy fuerte, ¿no se!, muy, estuve mucho tiempo. . . estaba. . . es que estuve mucho tiempo. . . igual hasta hace poco, ¿no?, pero hasta hace unos 6 meses o ahí que yo seguía enamo-rada de él y me gustaba un montón y estuve, pues, tenía temporadas que estaba muy bien, otras temporadas que estaba. . . deprimida no, pero que estaba muy decaída y muy así y para mí fue algo muy fuerte, no se, ¡muy, me gustaba mucho!, no se.

E - ¿Es que no has sido tu la que le has dejado?.

F - No, fue él el que me dejó de mí, eso fue algo muy importante en mi vida, ¿no se, a mí me gustaba mucho!.

E - ¿Y tu te entendías bien con él?.

F - ¡Sí, en un principio sí!, en principio sí.

E - ¿Pero después había cosas que no...?

F - . . . había cosas que no. . . pues, ¿no se!, pues él. . . yo igual quería más, pues una. . . ser su novia, ¿no?, una relación por salir con él, y estar más con él y, pues, él prefería más igual otras cosas, ¿no?, le gustaba mucho el fútbol y si había partido, pues, no se salía de casa. Si había fútbol no se salía, le gustaba, ¿no se!, jugaba al fútbol, jugaba también al fútbol, entonces tampoco se podía salir, y un montón de. . . ¿no se!, era tampoco. . . tampoco eran grandes cosas, pero eran pequeños detalles que. . . que al final te cansabas, ¿no?, ¡que no podía ser!, ¿no se!, que no, tampoco. . . es que tampoco en realidad no hubo nada que. . . nos entendíamos, pero él, pues. . . pues ya no estaba enamorado, pues, ya no quería seguir conmigo y nada.

E - ¿Pero te respetaba, te trataba bien?.

F - ¡Sí, hombre!, pues había a veces que él hacía cosas que no me gustaban, pero ¡bueno!, tampoco nada. . . ¿no se!, nada importante así, nada malo, ni nada, tonterías, pequeñas cosas, que. . . pues no te apetece estar con una persona y hay cosas que igual no las haces mal, pero ¡bueno!, y eso, y se terminó, se terminó para él, porque yo estuve mucho tiempo pensando en él, o sea. . . además es que yo fue. . . igual me han gustado otros chicos y eso, pero fue una de las personas que. . . que, pues, lo que influyó mucho que yo repitiera fue él, porque yo me centré sólo en él y a mí lo demás me daba igual, yo sólo quería estar con él, y verle a él, ir a clase para verle, para estar con él y que quedara conmigo a las tardes y lo demás ¡me daba igual!. Yo mientras estuviera él estaba contenta, y por eso también perdiese año, porque yo iba con él a clase, no hacíamos nada, yo sólo estaba pendiente de él. . . (devido ao horário das aulas da entrevistada a entrevista teve que ser interrompida aqui).

FIM DA ENTREVISTA À FILHA DE AMÉLIA

| M.^a de Fátima Toscano - <i>Curriculum Vitae</i> | | |
|---|--|---|
| Elementos centrais | | Elementos adicionais |
| Informação Pessoal | <p>Apelido(s) - Nome(s) Morada(s) Toscano, M.^a de Fátima Costa Urb. Rego do Bonfim, Lote 2, n.º 23, 2.º D 3000 – Coimbra</p> <p>Telefone(s) 965547389</p> <p>Nacionalidade(s) Portuguesa</p> <p>Data de nascimento 1963/ 05 / 15</p> <p>Sexo Feminino</p> | <p>Fax(es) –</p> <p>Correio(s) electrónico(s) trabalho: toscano@jsmt.pt pessoal: maria.toscano@gmail.com</p> |
| Área de Competência / / Domínio Científico | Sociologia | |
| Educação e formação | <p>Grau Mestre</p> <p>Data Dezembro/ 1993</p> <p>Entidade Dep. de Sociologia da Fac. de Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova de Lisboa</p> <p>Sob Orientação de Professora Doutora Isabel Guerra – ISCTE</p> <p>Classificação Muito Bom</p> <hr/> <p>Grau Licenciatura</p> <p>Data Dezembro/ 1986</p> <p>Entidade ISCTE</p> <p>Classificação Bom (14 valores)</p> | <p>em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa</p> <p>Problemática / Objecto: Pobreza Análise Documental e Sócio-Histórica; desconstrução do conceito de "pobreza" (cf. sinopse em Apêndice)</p> <hr/> <p>Dissertação Final em Sociologia do Desenvolvimento Classificação: 16 valores Sob a Orientação de: Prof. Doutor Wilhelm Heimer; Dr.^a Teresa Patrício</p> <p>Problemática / Objecto: Análise Institucional do Instituto de Odivelas, cruzando Sociologia das Instituições Militares, da Educação e das Relações Sociais Masculino/Feminino; foi abordada a problemática dos Agentes da Mudança Social. Estudo Comparativo dos modelos educativos, femininos e ético-militar identificados naquele Instituto, em dois períodos de transformação da sociedade portuguesa: Primeira República e anos 70.</p> |
| Experiência profissional em Investigação | <p>Área / Data História Social Contemporânea Função ou cargo ocupado Março/1987 - Julho/1988 Coordenação do Projecto «INTRODUÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM PORTUGAL E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA REGIÃO AO SUL DO TEJO: 1880/1930»</p> <p>Entidade Programa Tecnologia e Sociedade da J.N.I.C.T. / CIES</p> <p>Sob Orientação de Professora Doutora Ângela Guimarães / ISCTE</p> <hr/> <p>Área / Data Sociologia / Dezembro/87 Função ou cargo ocupado Estudo sobre a «CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DO INVESTIGADOR CRIMINAL»</p> <p>Entidade CIES / Escola de Polícia Judiciária de Lisboa</p> <hr/> <p>Área / Data Sociologia / Jan/88 - Nov/89 Função ou cargo ocupado Socióloga do "Projecto n.º 89 do II.º PROGRAMA EUROPEU DE LUTA CONTRA A POBREZA"</p> | <p>Principais actividades e responsabilidades: - Março/1987 - Julho/1988: Responsável pelo Levantamento da Legislação e Análise Documental dos diplomas relativos à Implantação da Indústria Mineira - Março/1987 - Março/1988: Responsável por toda a Análise Histórico-Documental</p> <hr/> <p>Principais actividades e responsabilidades: Responsável pela Investigação de Terreno em Lisboa</p> <hr/> <p>Problemática / Objecto: Pobreza</p> |

| | | |
|---|---|--|
| <p>Entidade Sob Orientação de</p> | <p>II.º PELCP/ CRSS Lisboa – Del. Cascais / CIES Professoras Doutoras Isabel Guerra – ISCTE e Manuela Silva – ISE</p> | <p>Principais actividades e responsabilidades: Responsável pela <i>Investigação</i>, pela <i>Avaliação Interna</i> e pela <i>Implementação da Metodologia Investigação-Ação</i>: - Fundamentação e construção de um Questionário de caracterização sócio-demográfica das 256 famílias-alvo do Projecto - Formação da <i>Equipa de Inquirição</i> - Supervisão da <i>aplicação</i> do Questionário e de todo o Processo: <i>Tratamento dos Dados</i>, <i>Categorização</i> e <i>Codificação</i> das Questões - Redacção de 4 <i>Relatórios de Apresentação de Resultados</i> - Enquadramento Técnico: Realojamento (Famílias-Alvo), 1.ª Fase</p> |
| <p>Experiência Profissional Pedagógica e em Formação</p> <p>Data Função ou cargo ocupado Entidade</p> <p>-----</p> <p>Data Função ou cargo ocupado Entidade</p> | <p>Nov./1989 a Fev./1990 Docente Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.</p> <p>-----</p> <p>1990/91 a 1993/94 Docente no Instituto Técnico e Artístico de Coimbra – Curso de Animador Social (Diurno e Pós-Laboral)</p> <p>-----</p> <p>1992/93 1993/94 Docente da Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto de Coimbra.</p> <p>-----</p> <p>desde Jan./ 1990 Docente do Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra (ex-ISSSC). <i>Licenciatura em Serviço Social</i></p> <p>-----</p> <p>Março/1996 a Março/1999 (exclusivé) dispensa de trabalho docente para dedicação à pesquisa conducente a doutoramento.</p> <p>-----</p> <p>1998/1999 (2.º sem.) a 2002/2003 Docente da <i>Licenciatura em Ciências da Informação</i></p> <p>-----</p> <p>1998/1999 (2.º sem.) até ao presente Docente da <i>Licenciatura em Serviço Social</i></p> | <p>Principais actividades e responsabilidades:</p> <p>Disciplina: “Sociologia da Cultura Portuguesa”.</p> <p>-----</p> <p>Disciplina: “Sociologia” (1.º e 2.º anos)</p> <p>-----</p> <p>Disciplina: “Antropologia e Sociologia” (1.º ano) Módulo de “Intervenção Comunitária” (3.º ano)</p> <p>-----</p> <p>Jan./1990 a Mar./1996: Disciplinas: semest./3.º Ano - “Sociologia da Acção Social” semest./4.º Ano - “Investigação em Serviço Social” Seminário de Orientação de Investigação (anual/5.º ano – cf. CV, Anexo 2): - 1990/91: orientação de 7 alunos; - 1991/1992: orientação de 11 alunos; - 1992/93: orientação de 10 alunos; - 1993/94: orientação de 7 alunos; - 1994/95: orientação de 13 alunos. Orientação de Estágios em Serviço Social (sem./4.º ano – cf. CV, Anexo 2): - 1989/1990 e 1990/1991: orientação de 30 alunos</p> <p>-----</p> <p>1999 a 2003 Disciplinas, 2.º ano – semest: Metodologias das Ciências Sociais – I Metodologias das Ciências Sociais – II</p> <p>-----</p> <p>Março/1999 a Julho/2007 Disciplina, 2.º ano – semest.: Metodologias das Ciências Sociais – II Março/1999 ao presente Metodologias das Ciências Sociais – I</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>-----</p> <p>1990/2000, 200/2001, 2001/2002 Docente na <i>Pós-Graduação em Desenvolvimento Integrado e Políticas Sociais</i> (1.º e 2.º Cursos)</p> <p>-----</p> <p>desde 2003/2004 até ao presente Docente da <i>Licenciatura em Psicologia</i></p> <p>-----</p> <p>2005/2006 Docente do Curso de Pós-Graduação em Serviço Social, Risco e Exclusão Social – Escola de Altos Estudos, ISMT</p> <p>-----</p> <p>2006/2007 e 2007/2008 Docente da <i>Licenciatura em Serviço Social</i></p> | <p>2004/2005: Orientação de Estágios em Serviço Social (sem./4.º ano): supervisão de 8 alunos (Ramo de Aconselhamento)</p> <p>-----</p> <p>Disciplina (sem.): Diagnóstico Social e Transformação do Tecido Comunitário</p> <p>-----</p> <p>Disciplina, 2.º ano - semest.: Métodos de Investigação II Disciplina, 2.º ano - Opção / semest.: Psicologia Comunitária</p> <p>-----</p> <p>Módulo 3. Exclusão Social Social (Novembro/2005) Módulo 4. Risco Social e Exclusão Social (Dezembro/2005)</p> <p>-----</p> <p>Disciplina, 2.º ano - Opção / semest.: Processos de Requalificação Sócio-Identitária</p> |
| <p>Divulgação de pesquisa/Publicações mais significativas</p> <p>Data Editor / Periódico Tipo: polic.</p> <p>-----</p> <p>Data Editor / Periódico Tipo: artigo</p> | <p>1988 II.º PELCP. <i>Transnational Team: Action on Behalf of Refugees, Ethnic Minorities, Gypsies and Migrants, Transnational Meeting held in Estoril 17 - 21st October.</i></p> <p>-----</p> <p>1989 <i>Revista de Ciência, Tecnologia e Sociedade.</i> Lisboa, ACTD/CTS, Colóquio Ética e Investigação Científica, Out. / Dez.</p> <p>-----</p> <p><i>Revista Académica Via Latina - Suplemento,</i> Coimbra.</p> <p>-----</p> <p>1990 <i>Experiências e Papéis Profissionais de Sociólogos.</i> Lisboa. Pub. A. P. S. (2.ª ed.: 1996).</p> <p>-----</p> <p>1992 <i>Forum Sociológico - Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica.</i> Dep. de Sociologia da Univ. Nova de Lisboa.</p> <p>-----</p> <p><i>Comunicações ao "Colóquio Viver (N)A Cidade".</i> Lisboa: LNEC/NEUT 18 a 20 Out.</p> <p>-----</p> <p>1993 <i>Forum Sociológico.</i></p> <p>-----</p> <p><i>Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia.</i> Lisboa: Ed. Fragmentos.</p> | <p>Título e outros elementos de referência bibliográfica:</p> <p>BETHLENFALVY, Peter (coord.); ÁVILA, M.^a. Teresa; BETHLENFALVY, Daniela von; BAPTISTA, M.^a. Helena; CAPUCHA, Luis; HOOGSTRATEN, Jan van; MADEIRA, M.^a. Joaquina Ruas; TOSCANO, M.^a. de Fátima C.; WHITTING, Gill (1988). <i>On the way of Developing Ethnic Communities in Impoverished Urban Districts.</i> 25 p. (polic).</p> <p>-----</p> <p>«A Guerrilha e o Guerrilheiro problemas reais e/ou simbólicos dos técnicos de intervenção no e sobre o real». pp. 6-74.</p> <p>-----</p> <p>«Memórias de uma carta adiada - anacronismo ou actualidade da V. L. a propósito dos estereótipos sociais sobre a condição da mulher». Suplemento, pp. 12-15.</p> <p>-----</p> <p>«A Sociologia, Prática de Investigação e Acção - produtos da intervenção do sociólogo em processos de Desenvolvimento Comunitário», pp. 91-113.</p> <p>-----</p> <p>«Os conceitos de Pobreza como categorias de análise sociocêntrica uma leitura das abordagens sociológicas do industrialismo». n.º. 1, pp. 121-155.-</p> <p>-----</p> <p>«DESCOBERTOS, MAS NÃO "DESCOBRIDOS": mecanismos de (des)integração dos imigrantes africanos em diáspora em Lisboa : leitura sociológica de um caso de intervenção», pp. 73-90.</p> <p>-----</p> <p>«A Constituição dos Pobres como Grupo Social na Idade Média: a linguagem quotidiana como indicador». n.º. 3, pp. 213-221.</p> <p>-----</p> <p>«Dimensões Sociocêntricas dos Estudos Sociais em torno dos "Grupos Pobres"». vol. II, pp. 303-319.</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>Editor / Periódico Tipo: polic.</p> <p>-----</p> <p>Data Editor / Periódico Tipo: artigo</p> <p>-----</p> <p>Data Editor / Periódico Tipo: artigo</p> <p>-----</p> <p>Data Editor / Periódico Tipo: artigo</p> <p>-----</p> <p>Editor / Periódico Tipo: resenha</p> <p>-----</p> <p>Editor / Periódico Tipo: artigo</p> | <p><i>Dissertação de Mestrado em "Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa". Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Dep. de Sociologia da Fac. de Ciências Sociais e Humanas.</i></p> <p>-----</p> <p>1994 <i>Dinâmicas Multiculturais: novas faces, outros olhares. Actas das sessões temáticas do IIIº CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS.</i> Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 4 a 7 de Julho. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Univ. de Lisboa («estudos e investigações» - 7).</p> <p>-----</p> <p>1995 <i>Forum Sociológico.</i></p> <p>-----</p> <p>2002 <i>Actas do IV Congresso Português de Sociologia,</i> Associação Portuguesa de Sociologia.</p> <p>-----</p> <p><i>Interações.</i> Revista do Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.</p> <p>-----</p> <p>2006 Actas da IVª Semana Social "Cidadania Pessoal, Responsabilidade Colectiva". Conferência Episcopal Portuguesa, Marinha Grande (15 a 17 de Novembro/2001).</p> | <p>POBRES: DESTINOS FATAIS E UTILIDADE SOCIAL - POR UMA SOCIOLOGIA DA ACÇÃO HISTÓRICA. 546. pp. ; + Bibliog. (81 pp.); + Índices: de Temáticas (12 pp.), de Autores (13 pp.), + Geral (10 pp.); + Anexos (a, b, c: 54 pp.), + Anexo d (10 ilustr.), (polic.).</p> <p>-----</p> <p>«Destinos Fatais e Utilidade Social». Vol. II: 325-342.</p> <p>-----</p> <p>«O Direito a ser pobre: A construção social do direito a ser pobre é uma herança medieval.». I.ª parte: n.º 6: 141-153.</p> <p>-----</p> <p>«Racionalidades Complexas, Trajectórias, Reinclusão Social: Esmeralda - um Processo Social de Reconstrução Identitária Cigana». (também versão em CD).</p> <p>-----</p> <p>«Maria Luisa Ribeiro Ferreira (org.). 2001. "Também Há Mulheres Filósofas". Resenha». n.º. 2, Abril 2002: 154-157.</p> <p>-----</p> <p>«Qualidade de Vida – Cuidar do Futuro: reptos sobre a exclusão social»</p> |
| <p>Outras Aptidões, Publicações e Competências</p> <p>Prémio</p> <p>-----</p> <p>Missões no Estrangeiro</p> | <p>Julho/1995 MENÇÃO HONROSA em Co-Autoria (Redondo, João; <i>et al.</i>) do Relatório de Investigação «DEFICIÊNCIA MENTAL / INTERVENÇÃO EM REDE»</p> <p>-----</p> <p>11 a 22 Abril / 1994 Participação no Programa de Intercâmbio de Professores ERASMUS na Escuela Universitaria Diocesana de Trabajo Social de San Sebastian, Donostia (Espanha)</p> <p>-----</p> <p>29 Maio a 14 Junho / 1995 Participação no Programa de Intercâmbio de Professores ERASMUS no IRTS d'Aquitaine em Bordeaux (França)</p> <p>-----</p> <p>23 a 27 Abril / 2001 Participação no Programa de Intercâmbio de Professores ERASMUS na Universidade de Lund (Suécia)</p> | <p>Concurso: Prémio do Cinquentenário do Hospital Sobral Cid (1945-1995)</p> <p>-----</p> <p>Principais actividades e responsabilidades: Leccionação de matérias de Sociologia e Análise Sócio-Histórica da Pobreza.</p> <p>-----</p> <p>Leccionação de matérias de Sociologia, de Metodologia de Investigação em Ciências Sociais bem como da Análise Sócio-Histórica da Pobreza</p> <p>-----</p> <p>Intercâmbios e contactos institucionais e de pesquisa</p> |

| | | |
|---|--|--|
| <p>Publicações de Poesia Tipo: Livro</p> | <p>1997 Viseu: Palimage Editores.</p> <hr/> <p>1998 Coimbra: Editora Minerva de Coimbra. Palimage.</p> <hr/> <p>1999 Palimage.</p> <hr/> <p>2002 Coimbra: Pé-de-Página editores. Palimage.</p> <hr/> <p>2003 Pé-de-Página.</p> <hr/> | <p>Título: <i>do Vagar e da Memória.</i></p> <hr/> <p>Título: <i>as palavras contidas.</i></p> <p>Título: <i>para além das coisas.</i></p> <hr/> <p>Título: <i>A Utopia da Coragem.</i></p> <hr/> <p>Título: <i>a madre da casa da avó / os nomes infinitos do ser.</i> Título: <i>Portugalito</i></p> <hr/> <p>Título: <i>a artesã do desengano.</i></p> <hr/> |
| <p>Publicações de Poesia Tipo: Antologia ou Colectânea</p> | <p>1995 <i>Memória da Palavra. Antologia Poética. 1.º Encontro de Jovens Poetas de Coimbra.</i> 1995 (SEC/D.R. Centro).</p> <p>1999 <i>Poesia para Timor Loro Sae.</i> Palimage Ed.</p> <p>2001 <i>Colectânea de Poesia por Coimbra.</i> Pé-de-Página Ed.</p> <p>2003 <i>Coimbra Encantada.</i> D. Quixote (Apoio: CCNC 2003).</p> <p>2007 <i>LITTERARIUS. Revista do Prémio Litterarius.</i> Raca! Clube, N.º. 0 – Primavera/Verão 2007.</p> <hr/> | |
| <p>Competências Linguísticas</p> | <p><u>Conversação:</u> Português, Francês, Espanhol, Inglês</p> <p><u>Leitura:</u> Português, Francês, Espanhol, Inglês, Catalão, Italiano</p> <p><u>Escrita:</u> Português, Francês, Espanhol</p> <hr/> | |
| <p>Participação (Oradora/Co-Organizadora) em Congressos/Colóquios e outros Eventos Científicos</p> | <p>Variada e regular desde 1989</p> | |

| | | |
|---|--|---|
| <p>Informação adicional</p> <p>Área / Data Função ou cargo ocupado Entidade</p> <p>Área / Data Função ou cargo ocupado</p> <p>Entidade</p> | <p>Sociologia, Janeiro de 1987 Investigadora CIES</p> <p>Sociologia, 1992/1993 Investigadora do INSTITUTO DE ESTUDOS E DE DIVULGAÇÃO SOCIO-LÓGICA Departamento de Sociologia da FCSH - Univ Nova de Lisboa</p> | <p>Principais actividades e responsabilidades: (cf. informações supra-citadas)</p> <p>Principais actividades e responsabilidades: Membro, nos primeiros números, do Comité Editorial e de Redacção da Revista FORUM SOCIOLOGICO</p> |
| <p>Apêndices</p> | <p>1 - Sinopse da Dissertação de Mestrado</p> | |

Anexo 1 - Sinopse da Dissertação de Mestrado

Toscano, M.^a. De Fátima (1993), *POBRES: DESTINOS FATAIS E UTILIDADE SOCIAL - por uma Sociologia da Acção Histórica. Dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Dep. de Sociologia da F.C.S.H., 1993, 546. pp. + Bibliog., 81 pp. + Índ. de Temáticas, 12 pp. + Índ. de Autores, 13 pp. + Índ. Ger., 10 pp. + Anexos a, b, c, 54 pp. + Anexo d, 10 ilustr. (polic.).

Esta investigação pretendeu identificar: quais os grupos socialmente categorizados como Identidades Sociais Pobres; como e quando essa categorização é socialmente construída na cultura euro-ocidental portuguesa.

No percurso fundamentador desta investigação - e a partir da análise de fontes secundárias (abordagens históricas dos «pobres») - foi necessário recuar no tempo histórico e incluir a Problemática do processo de afirmação social da burguesia, entendido na interacção com os outros grupos sociais não burgueses: quer através das práticas sociais de hegemonia e afirmação e legitimação da acção da burguesia nascente; quer por um *ethos* burguês baseado predominantemente no utilitarismo e no individualismo, na utilidade da própria razão humana que viria a fundar o conceito do homem moderno. Da ascensão da burguesia salientaram-se, assim, quer os *interesses normativos e racionais* (da burguesia) pelo social, quer a *produção de sentimentos sociais*. Tal linha de trabalho pressupunha que, ao nível epistemológico, se indagasse sobre o *interesse social na construção de formas de conhecimento do social, no quadro da racionalidade Ocidental*: como se desenvolveu o interesse em conhecer o social?

Foi este ponto de partida epistemológico que sustentou a *leitura comparativa* dos contextos sociais de formação da Antropologia e da Sociologia. Ressalta-se, ao nível dos percursos de formação daquelas ciências, como principal obstáculo na análise e compreensão das diversidades sociais, o *viés moralista-sociocêntrico*, patente tanto no interesse antropológico pelos povos ditos primitivos, desde a Expansão Europeia; quanto no objecto unificador do interesse sociológico no contexto da Revolução Industrial. Para a compreensão deste processo expõem-se, de forma sumária, as mutações nos modos de pensar a sociedade, assim como se aborda a emergência, por antecipação, do Renascimento e da economia capitalista.

Este percurso histórico-teórico pretende recuperar as transformações da Europa mediterrânica e os processos de afirmação conflitual da burguesia nascente (urbana, comercial, legista, intelectual e industrial). Aí, reflecte-se ainda em torno das formas sociocêntricas desses discursos - o etnológico, o sociológico, como também os envezamentos herdados, por estes, dos respectivos pensamentos pré-científicos ou das formas de conhecimento dominantes na época - desenvolvendo-se de forma mais aprofundada as conflitualidades internas às primeiras abordagens sociológicas, nas suas diferenciações paradigmáticas.

Paralelamente ao vector epistemológico assinalado, este estudo apoiou-se nos contributos de Alain Touraine tanto para a compreensão da Sociologia enquanto «*ideologia da modernidade*», quanto para a reflexão sobre o conceito de *acção social*. Por isso, na viagem histórico-teórica proposta emergem ainda as visões dicotómicas da *Ordem* e do *Controle Social* subjacentes às conceptualizações clássicas do sociólogo francês Émile DURKHEIM e do alemão Karl MARX. Debruçando-nos sobre os contributos destes dois autores-fundadores da disciplina sociológica, propomos aí uma crítica analítica dos elementos sociocêntricos já presentes nas suas obras, os quais consideramos serem condicionadores da produção sociológica subsequente bem como da compreensão de fenómenos sociais, como o é o das «*pobrezas*».

Tal interesse de investigação filiado na crítica contemporânea à epistemologia positivista fragmentária da totalidade complexa do social vislumbrava, desde logo, a pertinência da análise das *visões colectivas* para a compreensão dos fenómenos sociais.

É que, sendo Durkheimiano na coisificação sociológica dos factos sociais; Marxiano na compreensibilidade das práticas sociais pela conflitualidade de interesses de agentes com desiguais posições sociais; e Weberiano no enfoque subjectivo-interaccionista - que informa também o paradigma Tourainiano da acção histórica -, este estudo cresceu ainda com os ensinamentos da contemporânea análise histórica das mentalidades.

Contudo, o projecto inicial teria sido estéril se no seu percurso fundamentador não se tivesse aberto o diálogo da sociologia com a história actualmente produzida, mediante a *análise documental* de fontes secundárias: as das abordagens históricas dos «*pobres*».

Propondo-se deste modo abordar sócio-historicamente as *visões do mundo* em torno dos grupos designados como pobres, o *design* desta pesquisa foi feito a partir de **três vectores analíticos** decorrentes dos três *Componentes* do Conceito de **Visões do Mundo**, a saber: componentes **sócio-emocionais** (sentimentos colectivos); **práxico-intervencionais** (medidas/respostas sociais) e **cognitivo-conceptuais** (noções/critérios/ conceitos) em torno dos socialmente designados como pobres.

No I.º. Vector Analítico partiu-se das constatações do *Constante Interesse Social* de que os Pobres são alvos ao longo da História, o qual se revela simultaneamente *Mutável*, no que se refere aos grupos que são assim categorizados. Esse *Interesse Social* é verificável a **dois Níveis**: o **Histórico-Práxico-Intervencional** - que preocupações e/ou medidas/respostas face aos pobres são reveladas pelos documentos? ; e o **Histórico-Cognitivo**: que critérios, que formas de designação/ reconhecimento social, que racionalização, e, já no século XIX, que reflexão e que conceptualização são feitas em torno desses grupos sociais?

Quanto à *Mutabilidade* e *Diversidade* dos pobres esta foi captada pela **Visibilidade Histórico-Social** de

variados tipos de designações sociais (aqueles que são pobres para um dado contexto social não são os *mesmos tipos de pobres* de um outro contexto diferente); e pela construção/reconstrução do *ethos* da pobreza.

Num II^o. Vector Analítico fez-se corresponder à emergência do estilo de vida burguês uma visão do mundo burguesa, remetendo-se assim para a necessidade de coesão entre os modos de pensar e de agir imanente ao processo de afirmação social da burguesia, manifesto na racionalização do social e na desvalorização das racionalidades não burguesas.

Tal desvalorização das outras racionalidades é entendida como paralela à construção/atribuição de identidades sociais negativas aos grupos não burgueses e, particularmente, aos grupos que vão sendo classificados/designados com a condição «*pobreza*».

No III^o. Vector Analítico formulou-se a tese central desta pesquisa: a de que **a Visão Medieval do Mundo da burguesia nascente está presente na Visão Contemporânea dos pobres**, seja ao nível *Histórico-Cognitivo-Conceptual*, ao nível *Histórico-Prático-Intervencional* ou ainda ao nível *Sócio-Emocional*.

Ao defender-se a *persistência* da medieval *visão lácrimo-fatalista* das «*pobrezas*», quer-se falar da coexistência (e não da oposição) destes **vectores**: são esses ***fatalismo*** e/ou ***utilitarismo, sociais***, que:

- i) por um lado, fundam uma *visão que naturaliza* «*A Pobreza*»;
- ii) por outro lado, *permitem a persistência d'«A Pobreza»* - por o olhar científico e o fazer técnico-político estarem embebidos daquela visão; e
- iii) por outro, ainda, *instituem tamanha utilidade (social) ao facto social «POBREZAS»*.

Ao defender-se a *persistência da visão lácrimo-fatalista das pobrezas* enuncia-se mais: é que a naturalização d'A POBREZA não só perdoa a sua persistência como, e acima de tudo, desfoca a própria historicidade desse movimento social; *i.e.*, considerar «A POBREZA» como natural na vida social, acentua o elemento «*persistência d'A POBREZA*», diluindo ou, em certos casos mesmo, omitindo a mutabilidade e diferenciação dos grupos ditos pobres. Captar estas - mutabilidades e diferenciações - implica, pois, uma postura que se interroge sobre as suas condicionantes e mudanças. Implica um esforço (no sentido da Teoria Voluntarista da Acção Parsoniana) por parte dos sujeitos sociais sociólogos, de não mais tomar como objecto «A SOCIEDADE» (pensamento racional sobre o social). Antes, como ensina TOURAINE, são as ***relações sociais*** que justificam e alimentam a análise sociológica. Implica, finalmente, não excluir, no processo de investigação sociológica, os sujeitos sociais dos núcleos relacionais de produção da vida social - logo, incluir nesse todo social relacional as lógicas constituintes dos campos de acção histórica.

Afinal, trata-se da ***insistência na compreensão das condutas-intenções sociais enquanto factos sociais*** - e não como meras individualizações fragmentadas, pretensão da abordagem sociocêntrica.